Dr. Sophus Ruge

HISTORIA DA ÉPOCA DOS DESCOBRIMENTOS

HISTORIA
DA
ÉPOCA DOS DESCOBRIMENTOS

EDITORES E PROPRIETARIOS:
- AILLAUD, ALVES & C.ª -
73, R. GARRETT, 75—LISBOA

HISTORIA

DA

ÉPOCA DOS DESCOBRIMENTOS

PELO

DR. SOPHUS RUGE

Cathedratico do Real Instituto Polytechnico de Dresde

VERSÃO PORTUGUEZA

Revista, ampliada e instruida com numerosas notas relativas á epopeia maritima portugueza

POR

MANUEL D'OLIVEIRA RAMOS

Coronel do Serviço de Estado-Maior
Professor da Faculdade de Lettras e da Escola Normal Superior da Universidade de Lisboa
Antigo professor do Collegio Militar e dos Lyceus da capital

Livrarias AILLAUD e BERTRAND
AILLAUD, ALVES & C.ª

PARIS
96, Boulevard du Montparnasse, 96
(Livraria Aillaud)

LISBOA
73, Rua Garrett, 75
(Livraria Bertrand)

Livraria FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO
166, Rua do Ouvidor, 166

S. PAULO
65, Rua de S. Bento, 65

BELLO HORIZONTE
1055, Rua da Bahia, 1055

HISTORIA

DA

Época dos descobrimentos

PELO

DR. SOPHUS RUGE

Cathedratico no Instituto Polytechnico Real de Dresde

Com prefacio e notas em appendice

POR

MANUEL D'OLIVEIRA RAMOS

Lente de Historia da Faculdade de Lettras da Universidade de Lisboa

PREFACIO

Sophus Ruge e a sua obra scientifica

I

Dados bio-bibliographicos

O auctor do presente volume é universalmente considerado como um dos mestres da historia da geographia, devendo collocar-se ao lado dos mais notaveis especialistas allemães, ingleses, franceses, italianos e norte-americanos. Nascido em 26 de março de 1831 em Dorum, no Hannover, veiu a fallecer em 26 de dezembro de 1903, em Dresde. Em 1858 entrou como professor, precedendo concurso, na Escola Commercial de Dresde. Doutorára-se em philosophia pela Universidade de Leipzig em 1862, apresentando então uma these sobre Seleucus, astronomo chaldeu, mal conhecido, mas tido em grande aprêço por Strabão. Em 1873 publicava a sua monographia sobre o Estreito de Aniano, nome pelo qual era conhecido o estreito de Behring tres séculos antes de ser reconhecido pelo navegador que lhe deu o nome que hoje tem. Em 1874 Ruge entrou como professor de geographia e etnographia no Polytechnikum, de Dresde, podendo dizer-se que este é o ultimo estadio da sua actividade official.

Da actividade scientifica d'este sabio e professor illustre póde julgar-se pelo elenco das suas obras que damos seguidamente:

I – Manual de geographia, hoje clássico (várias edições).

II – Historia da geographia de Peschel (1877), 2.ª edição.

III – Historia da época dos descobrimentos (1881). O auctor preparava uma nova edição, quando morreu.

IV – Uma monographia sobre o descobrimento da America, inserta na publicação official, feita pela Sociedade de Geographia de Hamburgo, em 1892 (commemoração do IV centenario do descobrimento).

V – Uma historia da cartographia americana, até 1570.

VI – Uma monographia sobre Vasco da Gama (1899).

VII – *Columbus* (1891).

VIII – Um estudo sobre Valentim Fernandes, impressor Moravo, que publicou uma collecção de viagens e ao qual se deve a relação de Diogo Gomes e uma memoria sobre os Açores (1).

---

(1) E' menos exacta a informação de Vignaud. Em Munich, na bibliotheca do Estado existe um códice conhecido pelo «Códice de Valentim Fernandes», já em parte descripto por

IX — Um estudo inconcluido sobre os descobrimentos portugueses ao longo da costa africana (1903).

Devem citar-se entre os seus trabalhos, avulsos de menor tomo, os numerosos artigos criticos e bibliographicos que publicou em jornaes e revistas da especialidade, principalmente na Gazeta geographica de Gotha e nos *Geographischen Mitteilungen*. Estes artigos reunidos dariam varios volumes (1).

II

A questão colombina

A parte da actividade scientifica de Ruge em que elle se mostrou um verdadeiro renovador, fôram os seus estudos colombinos; de toda a sua obra fôram esses estudos os mais pessoaes e os que mais profunda influencia exerceram na opinião scientifica. Nada póde dar uma ideia tão completa e expressiva do caminho que a sciencia tem percorrido na interpretação da obra e da personalidade de Colombo como o confronto en-

---

Major na sua obra sobre o infante D. Henrique e de que Bettencourt «Descobrimentos, guerras e conquistas», etc. (1881-1882), nos deu a primeira e mais minudente notícia sobre a cópia que d'aquelle códice mandára fazer o rei D. Luís I. Outra cópia authentica do mesmo códice, pertencente a João de Andrade Corvo foi por morte d'este eminente professor e escriptor adquirida pelo Estado para a Bibliotheca Nacional de Lisboa. Aos manuscriptos de Valentim Fernandes e principalmente ao seu apographo da «Chronica da Conquista da Guiné» de Azurara se refere o sr. Jules Mees no seu artigo Les manuscripts de la «Chronica do descobrimento e conquista da Guiné», por Gomes Eannes de Azurara et les sources de João de Barros (in Revista port. Colonial e Maritima). Em 1845 publicou Schmeller o célebre manuscripto de Diogo Gomes sobre a descoberta da Guiné e a das ilhas da Madeira e Porto Santo, Açores, Canarias, e Cabo Verde, precedendo-o de um estudo sobre os outros manuscriptos da collecção Valentim Fernandes. A versão latina do manuscripto de Diogo Gomes é attribuida a Martinho de Bohemia (Gabriel Pereira — Diogo Gomes: As relações do descobrimento da Guiné, etc., in — Boletim da Soc. de Geog. de Lisboa, 17.ª série, 1898-99, N.º 5). Outro manuscripto do mesmo códice «As ilhas do Atlantico», este devido á penna do proprio Valentim Fernandes, escripto em português, foi tambem igualmente editado por Gabriel Pereira, um investigador tão incançavel como modesto e benemerito (in Revista portuguesa colonial e maritima, n.os 32 a 36). Foi notavel a sua actividade como impressor. Em 1490 imprimiu o *Breviario Eborense*, com Nicolau de Saxonia; em 1495 a *Vita Christi*. com o mesmo, em 1496, a *Historia de Vespasiano;* em 1500 as obras de Cataldo Siculo, em latim; em 1502, o *Livro de Marco Paulo;* em 1504, com João Pedro Buonhomini; o *Catecismo pequeno de doutrina;* em 1503, os livros dos *Regimentos;* em 1512-1514 as *Ordenações manuelinas;* em 1521 traduziu do castelhano e provavelmente imprimiu o *Reportorio dos tempos* (Esteves Pereira — Hist. de Vespasiano, conforme a edição de 1496, Lisboa, 1905 — Prólogo).

A collecção de Manuscriptos de Valentim Fernandes pela sua importancia documental permittiu aos historiadores dos descobrimentos desde Major o restabelecimento de alguns pontos menos perfeitamente assentes, destacando-se os de Diogo Gomes.

(1) Na menção dos trabalhos de Ruge, Vignaud incorreu n'uma grave omissão, não citando o *Prinz Heinrich der Seefahrer*, inserto no *Globus*, 1894.

tre os seus estadios extremos. O Colombo de Roselly de Lorgues é um navegador consummado, um visionario de genio. Foi no momento em que o panegyrista de Colombo o apresentou como candidato á santidade, que o estudo de Ruge veiu pôr a descoberto a nullidade scientifica e as fraquezas moraes do heroe. A rotina abriu fogo contra o iconoclasta e renovou os seus ataques, quando Vignaud tentou derrubar o entrincheiramento onde se refugiára a crença n'uma supposta concepção scientifica de Colombo, assente na existencia da correspondencia com Toscanelli.

Accentue-se n'este logar que para a sciencia moderna e sobretudo para o senhor Vignaud o nucleo da questão colombina reside no problema levantado pela carta de Toscanelli. O illustre escriptor americano na sua brochura *Toscanelli and Columbus,* carta a Clements Markham (1903) respondendo a algumas objecções de Markham, declara que para elle a discussão está concluida e que pertence á juventude americana dizer a ultima palavra sobre a authenticidade da carta de Toscanelli.

No seu labor crítico e negativista Ruge repudia o testemunho de Colombo e, logicamente, com aquelle testemunho, todos os que d'elle derivam. Vae, diz o sr. Vignaud, até negar a Colombo a unica coisa que lhe pertence — o mérito do seu grande descobrimento, para o dar a Toscanelli. Este ponto de vista fôra o de Aveza, no congresso de Antuerpia (1871) mas estava destinado a Ruge dar-lhe o maximo desenvolvimento, conferindo-lhe, se assim nos podemos exprimir, o direito de cidade e fazendo d'elle quási um logar commum dos modernos estudos colombinos. Outro sabio allemão mais radical do que Ruge pretende que Colombo não só foi um plagiario de Toscanelli mas deve o descobrimento da America á impossibilidade de retroceder no seu emprehendimento.

Ponhamos as coisas no seu logar, obtempera Vignaud. Colombo nada deve a Toscanelli. O descobrimento da America não é um acaso feliz, como seria, se, tentando chegar segundo o plano de Toscanelli, á Asia pelo occidente, topasse no caminho com um continente. Achou a America, porque procurou a America. Chegado ás Antilhas julga erradamente a sua obra, procura provar que o seu plano fôra sempre descobrir a India e acaba talvez por ser victima de uma auto-suggestão. Esta ideia apparece nitidamente depois da sua primeira viagem (1).

Se Colombo não tivesse proclamado a intenção de descobrir o Cathay, ninguem se teria lembrado de Toscanelli. Foi necessaria a moderna publicação integral das notas de Colombo para determinar a origem das suas concepções geographicas.

O conhecimento das fontes das ideias de Colombo deve hoje dominar toda a discussão. Apesar da sua agudeza habitual, Ruge não viu isto e afigurou-se-lhe indisputada a influencia de Toscanelli sobre Colombo, affirma ainda Vignaud. O livro do sabio americano foi asperamente criticado por Sophus Ruge que considerou a questão Toscanelli sob um ponto de vista estrictamente cartographico, e não sob o da crítica historica, que era o verdadeiro. Vignaud replicou em tom aggressivo e depois publicando a sua notícia sobre Ruge (2) lamentou nobremente tê-lo feito a um homem que tinha o direito de ser escutado com deferencia.

---

(1) A carta de Pedro Martyr ao arcebispo de Braga de 1 de outubro de 1493 e a que Ruge se refere n'este volume é chronologicamente a primeira objecção grave á convicção formulada por Colombo de ter attingido a India. Esta objecção dá-nos uma alta ideia da aguda crítica de Pedro Martyr, e uma certa força á theoria da auto-suggestão colombina, apresentada por Vignaud.

(2) H. Vignaud — *Sophus Ruge et ses vues sur Colomb, in Journal de la Soc. des América-*

Entre os trabalhos bio-bibliographicos sobre Ruge devem citar-se os de Gunther, Partsh, Gravellius e principalmente o de Luigi Hugues, *Cenni biografici bibliografici.* Turim, 1904.

III

O debate Ruge-Vignaud

Para completar estas linhas preambulares não com uma discussão que não teria cabimento n'este logar, mesmo quando estivessemos preparados com todos os materiaes para intervir n'ella, mas com os elementos de informação que principalmente interessam o leitor, não teremos que entrar em grandes desenvolvimentos. Apesar da decisão com que Ruge e Vignaud estabeleceram as suas theses a questão colombina parece-nos ainda uma questão aberta porque a verdade é que não obstante o dispendio da erudição e da exhuberancia e por vezes até da subtileza das razões adduzidas a peça esmagadora e decisiva ainda não appareceu,

Condensemos o debate:

Um piloto nascido talvez em Huelva e provavelmente chamado Alonso Sanches ia em 1483 ou 1484 para Flandres e Inglaterra com um navio carregado de mercadorias (Las Casas) e de provisões (Oviedo). A equipagem era de 17 pessoas (Garcilasso). Um vento léste arrastou o (navio Gomara) durante 28 ou 29 dias (Garcilasso); os navegantes chegaram a uma terra desconhecida (Gomara). Eram as Antilhas (Las Casas). N'uma d'ellas (Oviedo). Hispaniola (Las Casas) verificaram que os habitantes andavam nús (Oviedo). O piloto tomou nota da situação da ilha, carregou madeira e fêz aguada (Oviedo) e partiu.

Na volta faltaram as provisões (Garcilasso). Morreu a maior parte da tripulação, 3, 4 ou 5, entre os quaes o piloto chegaram á Madeira, onde Colombo lhes deu asylo. Exgotados pela viagem de 3 ou quatro meses ou talvez mais (Oviedo) morreram tambem estes, mas o piloto grato aos cuidados recebidos deu a Colombo informações sobre a ilha e sobre o caminho que devia seguir-se para a encontrar (Las Casas).

Foi armado d'esta revelação positiva que Colombo partiu para a sua emprêsa. Achou uma terra nova e sabia que ia achá-la, diz o sr. Vignaud. Chegado ás Antilhas por uma auto-suggestão, que o illustre escriptor americano regista sem explicar, Colombo deforma as suas concepções e informações preparatorias, procura demonstrar que chegou á India e enreda-se n'esta preoccupação. Proclamando que a sua intenção era attingir o Cathay forçoso é tentar justificá-la e d'ahi a necessidade de inventar as cartas e o mappa de Toscanelli. Esta falsificação deve-se ao irmão do descobridor, Bartholomeu Colombo [1]. Para quê, esta invenção de Toscanelli? Di-lo o sr. Vignaud. No dia se-

---

nistes de Paris, Nouvelle série, t. III, n.º 1, 1906 — (Au siège de la Société). A esta resenha bio-bibliographica nos cingimos aqui estreitamente, pelo caracter de objectividade com que n'ella se apresentam as duas theses oppostas de Ruge e de Vignaud.

[1] Assim na these Vignaud Colombo sabe que vae descobrir uma terra nova e acaba por se convencer de que chegou ao Cathay, á velha Asia; os partidarios da these opposta apresentam-no como convencido pelo mappa de Toscanelli de que ia abordar á velha Asia; e,

guinte ao do descobrimento dizia-se que Colombo o devia a indicações positivas e para destruir o effeito d'esses rumores e mostrar que o descobrimento era devido a considerações de caracter scientifico, fabricou-se a carta de Toscanelli ([1]).

Chegado a este ponto, o auctor americano não julgou bastante explicar as razões que determinaram a falsidade; e julgou-se obrigado em grande parte para responder aos seus criticos, a demonstrar directamente a inauthenticidade da correspondencia e do mappa de Toscanelli. Toscanelli nunca se occupou do caminho das Indias, nunca se correspondeu a tal respeito com o rei Affonso de Portugal nem com o seu conselheiro Martins. Colombo nunca lhe escreveu e nunca recebeu d'elle nem uma linha. Nunca se encontrou um mappa ou um escripto de Toscanelli de que se deprehenda ter-se elle occupado do caminho da India. As pesquizas do duque de Ferrara no sentido de se achar entre os papeis de Toscanelli qualquer nota sobre as ilhas descobertas por Colombo fôram inuteis. Estas pesquizas, dir-se-ha, provam que o duque suspeitava da existencia dos documentos, cuja authenticidade se discute. Mas tambem é certo que esta existencia problematica podia constar de boatos feitos correr pelos amigos de Colombo. A carta a Martins não póde ser de 1474 porque n'essa época os portugueses não tinham a menor ideia de fazer o periplo da Africa e muito menos o de ir á India. O sr. Jules Mees, estudando um passo de Azurara pretende fazer ver que para o infante D. Henrique a distincção entre a India asiatica e a India africana ou Terra do Preste João estava claramente estabelecida; que a bulla de Nicolau V (1454) define a India como objectivo dos esforços do Infante, e bem assim a de Calixto III, que confirma a de Nicolau V.

Que objectivo podia levar os portugueses á India em 1474? As especiarias? Era coisa em que os portugueses então não pensavam. O sr. Jules Mees, porém, diz que os portugueses já em 1454 pensavam nas especiarias, embora se trate das especiarias *da Guiné,* com que o infante pretendeu alliciar Cadamosto para a exploração d'aquellas paragens.

A carta de Toscanelli está cheia de informações erradas sobre a China e emprega uma nomenclatura geographica com atrazo de um século. O pretendido embaixador chinês, que informou Toscanelli na Italia nunca teve relações com o geographo florentino e a sua pseudo-carta foi feita com elementos tirados do commentario de Landino ás Georgicas de Virgilio. O sr. Jules Mees reconhece a procedencia d'estas razões, mas pretende que ellas não invalidam a authenticidade dos famosos documentos toscanellinos. O mappa de Toscanelli filia-se na tradição geographica de Marino de Tyro. Como pôde um geographo tão qualificado ignorar Ptolomeu? Ruge responde que Toscanelli não só conhecia Ptolomeu mas até o emendou, o que demonstra, no seu entender, que elle era um sabio fóra do vulgar. Verdade é que o emendou para peor servindo-se de Marco Polo e dando á Eurasia no sentido W — E uma exaggerada extensão.

Outro argumento tira o sr. Vignaud da propria insufficiencia da carta de Toscanelli. Ruge e Wagner protestam affirmando o primeiro que os portugueses não tinham visto

---

chegado ao termo, em vez de reconhecer a existencia de uma terra nova, como se afigurou ao espirito de Pedro Martyr e como a nós nos parece logico pelo que ao tempo se sabia do velho continente, confirma, com uma credulidade que nos surprehende, as previsões do sabio florentino.

([1]) Seguimos de perto n'esta parte do nosso prefacio o interessante artigo de Jules Mees, *La lettre de Toscanelli a Christophe Colomb,* in Revista portuguesa colonial e maritima, n.º 82, 1.º anno, 2.º de julho de 1904 — vol. 14.

até então um mappa que abrangesse a totalidade oceanica e estivesse coberto de uma quadricula de meridianos e parallelos, em vez da costumada rosa dos Ventos, com a indicação do extremo oriental asiatico, e segundo a qual fôram feitas as cartas de Martellus, Behaim, Ruysch, Schöner, etc. Vignaud objecta que ella é de época posterior, isto é, do tempo em que as cartas planas, de quadricula, começaram a ser usadas. Entre os papeis de Toscanelli encontrou-se um, com uma esquadria ou moldura, onde veem indicadas, embora não traçadas, as latitudes e o sr. Jules Mees acha esta coincidencia notavel como argumento para a these Toscanellina. E' escusado dizer que o sr. Vignaud não confere a este facto a importancia que lhe é attribuida pelos seus adversarios. Ainda ha mais. A 22 de setembro a frota estava a 18 milhas a oeste das Canarias e n'esse ponto a carta de Toscanelli, indicava a ilha Antilia, isto é, «certas ilhas que os dois navegadores (Colombo e Pinzon) ali procuravam». O facto é natural, diz o sr. Mees, mas o sr. Vignaud não é d'essa opinião e julga que a carta de Colombo indicava ilhas que Toscanelli não podia conhecer e cuja indicação se devia provavelmente ao piloto que descobriu ou julgava ter descoberto uma das Antilhas.

Esta ultima affirmação do sabio americano vem provar a connexão entre o problema crítico e o problema cartographico em que se desdobra o caso Toscanelli. Se, com effeito, o mappa attribuido a Toscanelli figura a chamada Antilia com sufficiente approximação, o caso parece resolvido, mesmo sem outros elementos, contra a authenticidade d'aquelle mappa. Porque se Leverrier pôde adivinhar um planeta, não ha geographo que possa prever um grupo de ilhas nas suas exactas relações (1).

Da exposição condensada que deixámos feita das duas theses que hoje dividem o mundo scientifico, quanto á determinante da emprêsa de Colombo, parece-nos obvio inferir que a peça decisiva ainda não appareceu e que é manifesta a fragilidade dos elementos constructivos das duas theses: a da inauthenticidade dos documentos de Toscanelli, como a da revelação positiva do piloto de Huelva (2).

IV

A Historia da época dos descobrimentos

A obra de Ruge divide-a o auctor em tres grandes livros. O primeiro abrange n'um grande escorço a historia da geographia antiga, proseguindo pela Idade-média dentro, até aos começos da dominação mongolica; o segundo livro historia os prodromos da grande época e abrange principalmente a notavel figura do Infante e a sua obra. O terceiro livro comprehende o periodo já conhecido pela designação clássica de «grande

(1) Por outras palavras: no chamado mappa de Toscanelli a authenticidade e a exactidão (quanto á representação da Antilia) excluem-se reciprocamente.

(2) Os problemas que levanta a actividade geographica de Colombo, extendem-se ao conjuncto d'esta actividade e não apenas ás determinantes da primeira viagem. Sabe-se que a terceira viagem de Colombo, em que tocou pela primeira vez a terra firme tem provocado controversias e explicações entre as quaes avultam as de Peschel e Humboldt que Sophus Ruge indica n'esta obra. E' um episodio que se incrusta na série dos seus emprehendimentos como alguma coisa que se não coordena com elles.

época» e intitula-se: «Caminhos maritimos para a India». Subdivide-se este ultimo livro em cinco capitulos, quatro dos quaes são consagrados aos emprehendimentos geographicos que levaram ao descobrimento das chamadas «passagens» e um ao descobrimento do continente novo, que era até certo ponto a barreira que para o occidente se oppôs até á estupenda viagem de Magalhães a attingir a India pelo occidente. Com effeito nos fins do século XV o problema geographico que mais precisamente se definiu nos primeiros annos do século immediato, acabou por se reduzir ao da determinação dos caminhos maritimos que da Europa conduziam á India. Esses caminhos eram as «passagens» e a nós coube-nos com Vasco da Gama achar a passagem de Sudeste, com Magalhães, a do Sudoeste, com Melgueiro talvez a de Nordeste e com os Côrtes-Reaes encetar intrepidamente as explorações que ao cabo de mais de dois séculos de esforços deviam conduzir Mac-Clure ao conhecimento da passagem do Noroeste.

E' tão natural e tão scientifica esta subdivisão da grande época, que já em 1900 em artigo inserto no «Brasil-Portugal» numero extraordinario sobre a commemoração do 4.º centenario do grande descobrimento de Cabral se nos afigurou como a divisão mais indicada, sendo-nos áquella data apenas conhecido o nome do eminente professor de Dresde.

V

Notas, ampliações, indicações

Em assumpto que demanda um numero tão consideravel de investigações especiaes e por maior que fôsse o conhecimento que Sophus Ruge tinha das fontes primitivas era de esperar que não faltassem erros de pormenor e que se fizessem sentir, n'um ou n'outro ponto, deficiencias, que só trabalhos relativamente recentes vieram em parte preencher. N'este prólogo e nas notas finaes procurámos pôr o trabalho de Ruge em harmonia com as investigações mais modernas e seguras. As indicações bibliographicas com que illustramos tanto este prefacio como as notas que rematam este volume bastarão, cremos nós, para que o leitor intelligente e curioso possa levar a cabo as rectificações indispensaveis e a que não pudemos proceder, tão completamente como desejariamos.

1 — Ampliando e rectificando Ruge sobre a missão de Lourenço de Portugal á Asia transcrevemos de Beazley (1) o que segue:

Depois da batalha de Siegnitz (9 de abril de 1241) e da devastação da Silesia, Polonia, Hungria e Moravia, Frederico (2) entrou n'uma acção contra Henrique III da Inglaterra e outros principes da Christandade; ... comquanto Innocencio IV escrevesse vivas palavras ao Arcebispo da Aquileia e Gregorio IX dirigisse consolações á rainha da Georgia e ao rei da Hungria; comquanto uma encyclica papal advogasse a cruzada contra o inimigo commum; e comquanto exhortações apaixonadas fôssem feitas á Christandade, para cessar as suas divisões, se queria viver, pouco se tentou e nada se fêz em sentido militar. No Concilio de Lyão, em 1245, organizaram-se duas missões diploma-

---

(1) *The dawn of modern geography*, vol. II, Londres, 1906, pags. 276 e 277.
(2) Imperador da Allemanha, (1194-1250).

ticas, ou embaixadas do papa ao grão Khan mongolico; e a 9 de Março a commissão pontificia estava auctorizada a partir. D'estas duas missões a primeira devia ir pelo Norte, pela Polonia e Russia; a segunda, mais ao sul, pela Asia Menor e Armenia. A primeira fôra confiada a João de Plano Carpini, franciscano e provincial da Ordem em Colonia; a segunda, a outro franciscano, um português chamado Lourenço. Carpini entregou as suas cartas a Kuyuk Khan, perto de Karakorum e no outomno de 1247 voltou a Lyão e entregou a resposta de Kuyuk ao Papa.

N'esta importantissima viagem (que ha uma tendencia lamentavel para depreciar), João de Plano seguiu pela Polonia, Bohemia e Ukrania até o campo de Batu sobre o Volga e voltou pelo mesmo caminho; o seu principal companheiro foi Benedito de Polonia, irmão da Ordem, que foi intérprete na maior parte da viagem.

De Lourenço de Portugal, nada mais se sabe relativamente á sua missão, mas dois annos depois era legado do papa na Asia Menor. Provavelmente a sua emprêsa fundiu-se com ou foi supplantada pela nova embaixada de 1247. Esta dirigiu-se em especial a Baitu, general mongolico, commandante da Armenia; fôra entregue a sua direcção ao irmão Ascelin ou Anselmo. Simão de S. Quintino, acompanhou Ascelino, como Benedito de Polonia acompanhou Carpini... Ascelino foi friamente recebido pelos mongoes e só voltou em 1250... Segundo alguns escriptores, o dominicano André de Longumeau ou Louciumel tambem se associára a Ascelino, na primeira parte da viagem; Simon não o menciona; mas os irmãos Alexandre Alberico e Guiscardo de Cremona (o ultimo dos quaes se agregou como interprete em Tiflis) faziam certamente parte d'ella.

2 — Sobre a missão não levada a termo de Antonio de Lisboa e Pedro de Montaroyo (1), eis como se exprime Barros (2):

«Por causa das cousas que atrás escrevemos e da informação que El-Rey Dom João tinha da Provincia em que o Preste João habitava, antes que Bartholomeu Dias viesse d'este descobrimento, determinou de o mandar descobrir por terra, Tendo já a isso enviado duas pessoas per via de Jerusalem por saber que vinham aquella Santa Casa em romaria muitos religiosos do seu Reyno; mas não houve effeito esta ida como El-Rey desejava. Porque hum Fr. Antonio de Lisbôa e hum Pero de Montaroyo, que elle mandou a isso, por não saberem o arabigo não se atrevêram irem em companhia d'estes Religiosos, que acharam em Jerusalem. E vendo El-Rey quão necessaria cousa pera fazer este caminho era a lingua Arabia, mandou e este negocio hum Pero de Covilhã Cavalleiro de sua casa que era homem que a sabia mui bem e em sua companhia outro per nome Afonso de Paiva...»

Comparando o texto de Barros com o de Ruge, é visivel que este escriptor se utiliza n'este ponto do auctor das Décadas, paraphraseando-o apenas. Ruge nota que, mallograda a missão de Antonio de Lisboa e Montaroyo, D. João II envia segunda missão, antes mesmo do regresso de Bartholomeu Dias; é a célebre expedição de Pero da Covilhã e Affonso de Paiva. Quando Pero da Covilhã, depois de visitar a Costa do Malabar regressa ao Cairo, onde sabe da morte de Paiva, já lá encontrou outra missão constituida por dois emissarios judeus, José de Lamego e Abrahão de Beja. Como se vê, João II estava absolutamente resolvido a achar o caminho da India e para isso conjugava as expedições maritimas ao longo da costa W. da Africa com as expedições pelo

---

(1) *Montoryo*, erradamente no livro de Ruge.

(2) Da Asia de João de Barros e de Diogo de Couto, etc. Década I. Parte I, vol. I, cap. V, p. 193 (ed. de 1778).

Mediterraneo. Se nos é licito transcrever parte de um pequeno artigo publicado na Revista do Exercito e da Armada (n.º 70, Maio de 1898) fá-lo-hemos, para mostrar a convergencia d'aquellas duas séries de emprehendimentos do Principe Perfeito e accentuar uma ligação, que Sophus Ruge não fêz resaltar com o necessario relêvo.

«Quando tudo isto (1) se esmiuçar e encadear, a figura do Gama, sem perda da sua grandeza épica, passará da esphera do milagre á da natureza, como o realizador *integral* d'uma ideia tentada pela raça portuguesa durante séculos, e cuja possibilidade era um facto desde o reinado de D. João II, depois dos itinerarios de Pero da Covilhã e Bartholomeu Dias, que o descobridor do novo caminho da India quási ligou topo a topo, com a pequena lacuna que medeia entre o Rio do Infante e Sofala.»

3 — Apesar da importancia excepcional da primeira viagem de Vasco da Gama, não houve da parte dos nossos chronistas — por não o haver da parte das testemunhas, a concordancia que seria de esperar sobre pontos capitaes relacionados com aquella expedição. Assim, as divergencias pullulam, não só quanto ao dia da partida da esquadra, como quanto á organização e composição d'esta e ás condições do seu regresso. Todos estes pontos fôram minuciosamente discutidos e joeirados pelo sr. Teixeira de Aragão no seu curioso livro «Vasco da Gama e a Vidigueira» (Lisboa, Imprensa Nacional, 1898). O auctor fixou o dia da partida em 8 de julho de 1497. Considera a S. Gabriel a nau almirante ou capitaina; o navio commandado por Nicolau Coelho, e que é uma caravella, designa-o pelos nomes de Berrio ou S. Miguel; a tripulação da esquadra, a apreciar pelas differentes versões, varia entre os limites extremos de 148 e 160 homens; quanto ao numero de homens que regressaram, acha o sr. Teixeira de Aragão que a versão que fixa aquelle numero em 55 é provavelmente a mais proxima da verdade, citando aquelle passo da carta régia de 20 de fevereiro de 1504 que diz: «d'onde voltaram menos de metade». A data do regresso não é possivel fixá-la, porque não ha documento nem historiador que a registasse; e o que sómente póde affirmar-se é que o regresso da esquadra ao Tejo se não realizou antes de 28 de agosto de 1499 como póde inferir-se da carta que o rei D. Manuel dirigiu aos reis catholicos.

4 — A proposito da ilha de S. Brandão, da ilha das sete cidades e de outras, de que a tradição e a lenda povoaram o Atlantico desde Aristóteles e Deodoro de Sicilia e que fôram a obsessão da Idade-média e ainda procuradas em pleno meado do século XVIII devem consultar-se: Gaffarel *L'île des sept cités, et l'île Antilia* (Congrés des américanistes de Madrid), t. I, p. 198-214; do mesmo, *Histoire de la découverte de l'Amérique*, I, (1892), *St. Brandan, les sept cités, Antilia, Brasil.*

5 — Sobre Pascoal de Victoria citamos aqui as paginas que lhe consagra Beazley na obra já citada (vol. III, p. 241 a 248).

«... A carta de Pascoal de Victoria data de 1338, anno em que é fixada a embaixada do Grão-Khan a Avinhão... e no qual tambem parte a missão romana, de João Marignolli e seus companheiros; mas as viagens d'este notavel personagem devem ter começado em 1333 e não foi além de 1335 que elle partiu do seu convento de Hespanha para o Volga, o Oxus e o Ili.

Para Marignolli, era um propheta notavel pelas suas visões...; para nós é digno de memoria, como o melhor historiador da missão romana, no século XIV, nos territorios da Russia actual. Não necessitava de dons propheticos para ser famoso. N'elle havia

(1) Referimo-nos ao inquerito historico necessario para se estabelecer a continuidade da nossa obra de povo navegador, só tão fragmentariamente conhecida.

uma feição dupla do espirito do proprio S. Francisco; entre os heroes missionarios a sua figura é, de certo modo, pre-eminente... N'uma palavra, elle era o homem cheio do zêlo da Casa do Senhor, absorvido pela visão da morte e juizo, céu e inferno.

Pascoal deixou Victoria com o irmão Gonsalvo Transtorna; *eos mittere binos* era n'este e em muitos outros casos a divisa da politica das missões; mas a companhia d'estes dois irmãos parece ter-se mantido só até a Crimeia. De Hespanha a Avinhão, capital do papado; de Avinhão a Assis, capital dos franciscanos; de Assis a Veneza, capital do commercio, tal foi a viagem por terra. Em Veneza começou a viagem por mar; os frades navegaram pelo Adriatico e pelo mar de *Pontus,* deixando a *Sclavonia* á esquerda e a Turquia á direita, até chegarem a Galata, na *Grecia.* Ali, no suburbio latino de Constantinopla, reuniram-se com um companheiro, o irmão vigario do Cathay e percorreram um longo tracto da provincia, o vicariato franciscano de léste. De aqui embarcaram n'outro navio, atravessaram o mar Negro, e chegaram a Gazaria, no vicariato do Norte, no imperio dos tártaros; outra viagem sobre outro mar *insondavel* levou Pascoal, já sem o companheiro a Tana ou Azov, no estuario do Don.

Dos nomes de mares, Pontico, Adriatico e Negro, por elle empregados, só o primeiro tem a distincção singular de ser applicado ás aguas occidentaes do Bosphoro; os outros teem o significado moderno. Decerto nenhum occidental, exceptuando Jordão de Séverac, precedeu Pascoal n'este *mare nigrum;* a concepção do *insondavel* Azov é quási digna de Solino.

Em Tana, Pascoal torna a viajar por terra; d'este porto nordeste do tráfico italiano passa ás esteppes bravias da Horda de Ouro, caminhando em carro de cavallos para o Sarai e o Volga em companhia de um bando de gregos; emquanto o seu companheiro, seguindo-o com alguns outros frades, marchou directamente para *Urgauth* ou Khiva.

Pascoal de bom grado teria ido com o seu companheiro; mas quis antes de tudo aprender a lingua do país e «por graça de Deus» accrescenta com modestia, aprendi a lingua kumana e a escripta uigurica, usadas geralmente n'estes reinos de tártaros, persas, chaldeus, medos e cathaios.

Voltar á patria, como o seu antigo companheiro, sem ir além de Urgani, pareceu a Pascoal uma especie de apostasia, capaz de produzir vomitos, no estylo vigoroso da sua Biblia; o quinhão que reivindicava, às recompensas temporaes e eternas de trabalhador fiel n'aquellas regiões bárbaras — a graça do soberano pontifice, a indulgencia plenaria aos missionarios do imperio usbegue, eram obstaculos invenciveis á apostasia. E não havia além de tudo, o exemplo de Estevão da Hungria, apenas tres annos antes?

. . . .

Foi pois com tal exemplo diante dos olhos que Pascoal aprendeu a lingua e escripta de que necessitava; que começou a prégar sem intérprete aos mussulmanos e christãos nativos de Kipchak; e que respondeu á ordem do Vigario (sem dúvida ancioso por utilizar as suas qualidades excepcionaes, de uma fórma excepcional) para dar por finda a viagem começada, dirigindo-se á Asia central.

Pascoal tinha ficado por mais de um anno em Sarai; chegou ali nos fins de 1335 ou principios de 1336; e foi provavelmente no verão de 1337 que deixou a capital dos «Tártaros do Norte», na companhia de alguns armenios. Navegando pelo Tigre (Pascoal dá este nome extranho ao Volga, como Polo) costeou o Caspio ou *Mar de Vatuk* pelo unico caminho, dos viajantes da Idade-média até á embocadura do Ural. Subiu depois a corrente até *Sarachuk* ou Saraichik, depois famosa como capital da Horda de Ouro, e ao tempo acampamento de nómadas famoso. 50 dias de horrivel trepidação

em carro de camelos, levaram-no do oasis de Khiva ao Oxus, onde elle colloca a casa e a sepultura de Job.

....

Uz, Urganj ou Khiva define-a Pascoal ulteriormente como a fronteira dos imperios tártaro e persa — do khanato de Kipchak e do reino dos Ilkhans. Mas o seu objectivo era o *Imperio Médio* ou *reino dos Medos,* como elle designa o *Dominio de Chagatai,* na fórma vulgar das missões latinas do tempo; e para chegar ali, partindo de *Urgant* era preciso fazer outra viagem em carro de camelos, só acompanhado por Agarenos, sequazes de Mahomet.

O *Imperador medo* fôra n'essa occasião assassinado por seu irmão. A caravana de Pascoal soffreu por isso demoras e terrores constantes, e o frade teve bôas opportunidades para cumprir a sua mensagem n'estes reconditos fogos do paganismo.

Em um logar cujo nome não se refere, discutia com «padres» e «bispos» sarracenos, tão vivamente que de manhã até á noite escassamente pôde alimentar-se a pão, e agua, demonstrando triumphantemente as verdades christãs, confundindo os adversarios e affrontando as maiores torturas.

E por fim, atormentado por soffrimentos, pedradas, queimaduras, cabellos arrancados, etc., o nosso frade chegou a Almalig no Ili, e de esta Kulja medieval, cheio de dedicação pela causa que servia é que disse adeus aos seus amigos. «Deus bemdito, por quem padeço, sabe que por sua maravilhosa complacencia, fui julgado digno de soffrer taes coisas. Adeus, só me vereis n'estas partes ou no Paraiso.»

Assim escreveu Pascoal de *Annalech,* no *Imperio dos medos* onde agora se tocam as fronteiras russo-chinesas, a 10 de agosto de 1338...

E' evidente que os missionarios romanos tinham estabelecido uma igreja florescente em Almalig, antes da sua chegada. Um bispo latino, o franciscano Ricardo de Burgundia parece ter-se fixado na côrte de Chagatai e um dos seus padres, o irmão Francisco de Alexandria, curára o Khan provavelmente Jesun-Timur d'um «pestilento cancro e de uma fistula» (1337-8). Os missionarios catholicos tinham adquirido grande influencia e baptisado «João», um filho do Khan, e obtido terras, privilegios e auctorização de prégar; a conversão do proprio Khan pareceu provavel. Com os novos enviados como Pascoal, a prosperidade aguardava-se com confiança. Mas entretanto appareceu a reacção muslimica, e pouco depois da sua chegada o partido sarraceno apoderou-se do govêrno, envenenou o Khan christão e Ali Sultão, o novo chefe, mussulmano fiel, destruiu a igreja de Annalech e ordenou que renegassem os conversos que tinham abandonado o Islam (1340?) Como os frades não se curvassem á violencia, fôram trucidados; presos uns aos outros por meio de uma corda fôram entregues á multidão. Com o bispo Ricardo morreram tres padres, todos os irmãos franciscanos, Francisco de Alexandria, Raymundo da Provença e Pascoal da Victoria; dois minoritas, Lourenço de Alexandria e Pedro da Provença; o intérprete João da India, negro convertido pelos padres; e um mercador genovês, Guilherme de Modena, que enthusiasmado pelo exemplo dos martyres soffreu a mesma sorte. Não é a primeira vez que achamos mercadores occidentaes, ligados com os missionarios nas regiões remotas do Oriente.

6 — A celebração do 4.º centenario da Conquista de Ceuta já produziu publicações de um excepcional valor documental. Citaremos:

Annaes de Arzila, Chronica inedita do século XVI, por Bernardo Rodrigues, publicada por ordem da Academia das Sciencias de Lisboa e sob a direcção do prof. David Lopes, Lisboa, 1915.

Documentos das chancellarias reaes, anteriores a 1531, relativos a Marrocos, publ.

por ordem da Academia das Sciencias de Lisboa e sob a direcção de Pedro de Azevedo, Lisboa, 1915; cumprindo-nos tambem mencionar os opusculos *Marrocos* (1906) e o *Étude préliminaire sur la Prise de Ceuta par les portugais* (1912) devidos á penna do sr. general Carlos Roma du Bocage.

Fecharemos as nossas indicações registando o apparecimento do 6.º volume (1915) das «Cartas de Affonso de Albuquerque», publicação monumental da Academia das Sciencias de Lisboa, superiormente dirigida e prefaciada pelo sr. Henrique Lopes de Mendonça.

LIVRO PRIMEIRO

As primeiras explorações

CAPITULO I

O Oriente do mundo antigo

Na historia dos descobrimentos geographicos destacam-se certas épocas em que a corrente adquire uma força excepcional e extraordinaria que, por effeito da energia enthusiasta de alguns individuos eminentes não sómente arrasta determinadas classes da sociedade, interessadas nas expedições e nas viagens de descobrimento, nos trabalhos a que dão logar, para rasgar o veu que nos occulta porções da superficie do nosso planeta, ou no augmento de relações mercantis com regiões longinquas, ignotas ou pouco conhecidas, senão que penetra na massa do povo onde nasce e logo impulsiona os povos vizinhos e suscita, finalmente, um movimento geral e grandioso. O alargamento do horizonte physico conduz necessariamente ao alargamento do horizonte intellectual, e imprime o sello da virilidade intellectual ao povo que chegou a conquistar este horizonte; e cujo poderio alcança com isso um dominio muito mais dilatado, emquanto cresce na mesma proporção a sua importancia politica. Este resultado desperta naturalmente a inveja e a ambição n'outros povos, e isto explica a apparição successiva de varios d'elles na liça para rivalizarem de actividade no novo campo e disputarem o premio.

A estas marés agitadas que commovem os povos seguem-se épocas de cansaço e de paralysação, que ás vezes duram séculos, durante os quaes se aplaca a excitação dos animos, se apaga o fogo do enthusiasmo, e se reduz a energia expansiva a limites mais estreitos; o horizonte mental obscurece-se; os veus que occultam as sciencias tornam-se mais opacos; e o impulso do genio paralysa-se. Estas épocas de inacção ou de anemia social observam-se tambem na historia universal, como o provam os séculos que precederam a época das cruzadas. E assim, depois de mil annos de cansaço e de apathia, surgiu desde o século XIII até ao XVII approximadamente, uma época de esforços titanicos n'esta corrente, que produziu um movimento profundissimo em todos os povos europeus. A Europa deixou-se depois levar por sua vez pouco a pouco por um movimento muito mais profundo e cheio ainda de excitação religiosa, que teve por fructo acrisolar e elevar mais este sentimento. Esta época é justamente a dos grandes descobrimentos geographicos que merece um logar na historia universal.

Para se comprehender o verdadeiro fim das emprêsas d'este longo periodo devemos retroceder á maneira de introducção á época anterior.

A' primeira vista, parece que, tratando-se de alargar o conhecimento da superficie

terrestre, deveriam ter-se dirigido os esforços do centro intellectual da Europa em todas as direcções da rosa dos ventos, isto é, dos países habitados pelos povos cultos para além das regiões conhecidas. Comtudo, não foi assim.

N'isto influiram decididamente a fórma e situação relativa das regiões mais importantes do mundo antigo, especialmente a fórma do Mediterraneo e dos planaltos e cordilheiras da Asia, que sem interrupção se extendem, como o Mediterraneo de Léste para Oeste. Nos países ribeirinhos do Mediterraneo, como tambem nos planaltos occidentaes da Asia e nas vertentes meridionaes do extremo oriental d'estes planaltos asiaticos, isto é, em toda a dilatadissima zona que se extende desde as columnas de Hercules até ás costas da China, tinham-se elevado varios povos, em épocas remotas, a um grau de cultura superior. Os povos da metade occidental d'esta zona, que chamaremos a parte europeia, tinham encontrado um centro commum e espaçoso para a sua actividade e commercio no Mediterraneo, ao passo que os povos da parte oriental, ou seja asiatica, careciam de centro commum e tinham que luctar com maiores difficuldades para communicarem entre si, vendo-se obrigados a dirigir-se principalmente ao grande Oceano Indico que banha o Sul do continente asiatico, e do qual podiam communicar com o grupo mediterraneo com mais ou menos facilidade pelo Golpho Persico e ainda mais pelo arabico ou seja o Mar Roxo. Ao Sul de toda a zona extendia-se pela parte occidental o grande deserto africano, formando uma barreira insuperavel á dilatação da população por aquelle lado, e cuja solidão fizera crer que a zona torrida era inhabitavel para o homem, emquanto o Oceano Indico aberto e sem contramargem, detinha ou aniquilava, de antemão, pelo terror, qualquer tentativa.

Do mesmo modo em todo o lado Norte da zona, um país frio, aspero e inhospito, oppunha á extensão da população um obstaculo tanto maior quanto a região do Norte com as suas noites interminaveis era para os antigos a *região mysteriosa das trevas*.

Em semelhantes circumstancias aquelles povos deviam dirigir seus olhares, desde os primeiros tempos, mais a Léste ou Oeste que para o Norte e Sul. Esta tendencia manifestou-se mais energicamente nos países mediterraneos, e as primeiras expedições de descobrimento de que temos noticia fôram feitas pelos phenicios, que eram excellentes marinheiros, e suppôs-se que as raíses dos nomes «Asia e Europa», que provavelmente fôram postos por aquelles navegantes ás duas margens oppostas do Mar Egeu, com a sua configuração tão favoravel a estas emprêsas, eram *açu* (Asia) e *ereb* (Europa), e que significavam primitivamente *levante* e *poente*, terra da aurora e terra do occaso. Este modo de designar os dois países oppostos repete-se em muitos idiomas antigos e até modernos, como no grego: *Anatolia*, cujo nome corrompido em Anadoli significa ainda hoje a Asia Menor, e *Hesperia*. Em latim eram conhecidos por *oriente* e *occidente*, com a differença de que estes nomes eram applicados tambem d'uma maneira mais geral, dando-lhes um sentido mais lato. Em italiano tem-se usado sempre *levante* e *poente*, entendendo-se pela primeira palavra mais especialmente as costas asiaticas do Mediterraneo. Estas mesmas palavras são usadas ainda em sentidos mais restrictos, como, por exemplo, na Ribeira de Génova. Finalmente, em allemão, *Morgenland* e *Abendland* (terra da manhã e terra da tarde), são dois vocabulos que veem a ser pouco mais ou menos identicos aos de Asia e Europa. Esta riqueza de denominações não existia, como póde inferir-se do que se disse anteriormente, para as regiões do Norte e Sul, ou seja para os países septentrionaes e meridionaes. Por todas estas razões se fizeram as viagens, as explorações e descobrimentos em todo o tempo preferentemente nas direcções Léste e Oeste, com o que nos julgamos auctorizados a agrupar tambem n'este sentido a nossa narração dos successos da época dos descobrimentos.

Comecemos pelo lado oriental. As circumstancias naturaes, a região dilatadissima que por este lado se extendia diante dos povos da zona asiatica, a sua riqueza em productos preciosos, que desde a antiguidade chegaram até ao Mediterraneo, cujas populações ribeirinhas ignoravam de que países vinham, tudo isto dava ao Oriente mais importancia que ao Occidente, e fazia que para ali se dirigissem de preferencia as vistas e os desejos de penetrar até áquelles países mysteriosos, tão ricos, e descobrir, porventura, o ponto d'onde sahia o sol. Os imperios da antiguidade oriental e os povos da Asia Anterior até á Persia estiveram sempre em relação directa com os povos da antiguidade classica mas ainda para além da Persia havia outros países incommensuraveis e magnificos, envoltos em mysterio e transformados pelas imaginações excitadas em verda-

ohthere sæde his hlaforde ælfrede cyninge þæt he ealra
norð monna norþ mest bude. he cwæð þæt he bude.
on þæm lande norþ weardū wiþ þa west sæ. he sæde
þeah þæt land sie swiþe lang norþ þonan ac hit is eal
weste buton on feawū stowum styccemælū wiciað fin
nas on huntoðe on wintra ⁊ on sumera on fiscaþe
be þære sæ he sæde þæt he æt sumum cirre wolde
fandian hu longe þæt land norþ ryhte læge oþþe
hwæðer ænig mon be norðan þæm westenne bude

Fac-simile do manuscripto anglo-saxão de Alfredo, o Grande, sobre a viagem de Ohthere.
(Bibliotheca Cottoniana do museu Britannico — Londres.)

Traducção. — Ohthere narrou ao seu senhor, o rei Alfredo, que vivia mais ao norte de todos os Normandos. Disse que vivia n'um país do norte sobre o mar occidental. Disse, além d'isso, que o país se extende muito para o norte, mas está deserto, excepto em poucos logares dispersos, onde habitam os finneses para caçar no inverno e pescar no verão. Elle disse que quis saber um dia até onde se extendia o país, ou se vivia gente ao norte do terreno deserto.

deiras maravilhas, e entre elles era sempre nomeada em primeiro logar a India. Por isso devemos ter tambem presente que esta denominação tinha na antiguidade um sentido muito lato, sendo para os antigos o país extremo, o unico tropical que conheciam e que, fecundado pelos ventos humidos, a monção do Mar Indico, abundava em riquezas assombrosas. Herodoto diz (III, 98): «Segundo as noticias mais fidedignas que temos, são os indios a gente que vive mais perto da saída do sol, do levante, na Asia (III, 106). Estes extremos do mundo gozam dos productos mais preciosos». De igual modo se exprime Estrabão que diz: «A India é o primeiro país e o mais extenso do Oriente. Ctesias considerou a India tão grande como todo o resto da Asia; e Onesicrito diz que compõe a terça parte da superficie habitada da terra.»

A India representava, pois, uma nação muito vasta sem limites precisos, tanto que Estrabão pôde muito bem incluir entre os povos da India os habitantes da *Serica*, povos de longa vida. Ptolomeu distingue esta raça da dos indios e colloca a sua patria do outro lado do Hymalaia n'um territorio que se extende para o Norte e Léste dentro da região septentrional das trevas eternas. Este grande geographo dividiu Já a India em duas partes separadas pelo rio Ganjes e que veem a representar com leve differença o que hoje chamamos India Citerior e Ulterior; esta noção olvidou-se, porém, e a ideia

geographica da India foi-se alargando continuamente na Idade-média até abarcar todas as plagas do Oceano Austral desde a Abissinia até á China, e alguns comprehenderam sob este nome toda a Asia, como, por exemplo, Alcuino, que dividiu o globo em Europa, Africa e India. As duas peninsulas indicas fôram designadas pelos nomes de India Maior e Menor; mas, como de remota época se havia comprehendido a Abissinia na India, e tanto que Procopio de Cesarea disse que o Nilo nascia na India, resultou logo uma confusão que fêz chamar á região africana, onde se acha a Abissinia, *a India Terceira,* ou melhor, *a India-Média.*

Jornandes identificou esta India Terceira com a costa de Zanzibar; Benjamim de Tudela cita Aden no extremo do Mar Roxo como uma cidade da India-Média; Marco Polo fala da Abissinia como o país principal d'esta India Terceira, de fórma que comprehendia partes da Africa e da Asia, e a geographia de Ptolomeu, impressa em Veneza no anno de 1562, entende por India Terceira o archipelago indico. Segundo Odorico de Pordenone, acha-se a costa persa perto de Ormuz na India *(quae est infraterram),* e a China meridional (Manzi) constitue a India Superior; e Nicolau Conti chama aos chineses *indios do extremo interior.*

N'um mappa do anno 1118 vêem-se já assignaladas tres Indias, o que foi repetido em todos os mappas ulteriores até ao século XVI, conforme se observa no mappa-mundi da geographia de Ptolomeu publicada em Strasburgo em 1513; de fórma que bem póde perdoar-se a Mercator, o melhor cartographo d'aquelle tempo, o ter participado d'esta confusão, e ter assignalado no seu primeiro globo terrestre do anno 1543, ao lado das duas peninsulas indicas indicadas já por Ptolomeu, outra terceira peninsula, resultado dos descobrimentos dos portugueses, conservando assim o êrro monstruoso das tres Indias.

D'esta dilatada e mysteriosa India vieram pelo Mar Roxo, desde as expedições mercantis organizadas em commum por Salomão e Hiram á terra que chamaram de Ofir, productos preciosissimos que certamente fôram adquiridos pelos agentes d'estes reis na costa occidental da India e que os dois reis venderam logo a outros povos mediterraneos. Por esta via adquiriram os gregos e romanos os incensos e aromas, as especiarias, mais particularmente a pimenta, e depois pérolas, pedras preciosas, marfim e ébano. No tempo de Salomão era conhecido já n'estes países occidentaes o magnifico pavão, que os gregos fizeram a ave favorita da altiva deusa Juno, e igualmente conheceram o papagaio multicolor. Posteriormente os soldados de Alexandre Magno encontraram o tão venerado pavão em estado silvestre nas selvas da India. Com os mencionados productos vieram tambem tecidos finissimos de algodão, e assucar de canna, sendo tão grande o consumo d'estes dois artigos, já no tempo de Plinio, que este auctor o calculou n'uns 20 milhões de francos annuaes.

De países ainda mais distantes chegavam ás nações occidentaes tecidos preciosos, que eram designados nos países mediterraneos com o nome de pannos séricos, e que os navegantes deviam comprar a terceiras pessoas na propria costa asiatica. Que os estofos de sêda vinham da China demonstra-o evidentemente o seu nome; porque a palavra chinesa para designar sêda é simplesmente *sz* ou *sse,* que, junta á contracção *r* do suffixo *örr,* dá em resultado *sser.* No ultimo periodo da antiguidade conheciam já os commerciantes greco-egypcios grandes rios chineses e por via maritima conheciam os nomes de Thinai e Sinai; não identificaram, porém, este país com o dos Séres, ou seja a Sérica, cuja fama chegára aos povos do Occidente pela via terrestre através da Asia Central, razão pela qual suppunham sempre este país, que chamavam Sérica, com a sua grande capital Sera, ao Norte do país que chamavam Thinai ou Sinai. Esta duplicação

da China continuou ainda no século XVI, quando os navegantes portugueses regressaram á sua patria com a relação d'um país chamado China; sem prejuizo de que muito antes, no século XIII, conheciam já o mesmo país os commerciantes venezianos sob o nome de Catay. Em principios do século XVII reconheceram os missionarios catholicos, que fôram áquellas regiões longinquas, que os differentes nomes mencionados designavam um e o mesmo país; mas esta identificação tardou muitissimo em ser adoptada universalmente.

Volvamos agora outra vez atrás para traçar em poucas linhas o alargamento gradual dos conhecimentos referentes á Asia meridional e oriental.

Até Alexandre Magno nenhum grego tinha visto a India, e Herodoto, que é o primeiro auctor que menciona o algodão, fá-lo sómente por tê-lo ouvido a outros falar d'ella.

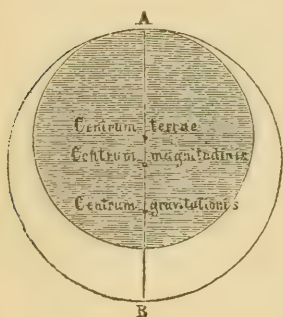
Os contemporaneos do grande rei da Macedonia fôram os primeiros que descreveram a India pelas suas proprias observações oculares. Megastenes foi o primeiro que deu uma ideia clara da figura e dos limites da India, notando a fórma peninsular. Onesicrito menciona já a ilha de Taprobana (Ceylão); e ambos os auctores referem que na India meridional não se via já a constellação da Ursa maior que desapparecia debaixo do horizonte á medida que se penetrava mais para o Sul e que n'aquella parte da India as sombras se extendiam para o lado do Meio dia.

Com o célebre Eratóstenes introduziu-se um êrro fatal no traçado da India, porque empregando este sabio distancias erradamente calculadas, chegou a desfigurar a fórma da India Citerior de tal maneira, que a fórma peninsular desappareceu quási de todo. A sua auctoridade prevaleceu; e como alguns séculos depois foi admittida pelo proprio Ptolomeu, continuou este êrro até aos principios do século XVII. Entre os erros de Eratóstenes um dos mais fataes foi o computo da distancia entre Alexandria e a foz do Indo, que augmenta nada menos que n'umas 2000 milhas allemãs; êrro que mais tarde fez collocar as costas extremas conhecidas da Asia proporcionalmente mais para Léste; tanto que, quando, na segunda metade da Idade-média, se conheceram os itinerarios de Marco Polo, que chegou até á China e percorreu grande parte das suas provincias, e se tratou de traçar as suas rotas no mappa, resultou que a costa oriental da Asia quási chegava a tocar a da California na America, ao passo que Cipango, ou seja o Japão, vinha a occupar o sitio do Mexico, conforme se vê no globo construido por Martim Behaim ou de Bohemia em 1492.

Desde o tempo dos Ptolomeus no Egypto estava já o commercio com os países de Léste principalmente nas mãos dos commerciantes gregos estabelecidos no Egypto, e graças a elles é que se conheceu nos dois primeiros séculos da nossa era a ilha de Java e se teve o primeiro trato directo com a China.

O ponto extremo a que chegou no primeiro século da nossa era o navegante e commerciante grego Alexandro, foi o porto de Cattigara, que tanto deu que falar e que provavelmente era uma cidade maritima não longe da foz do rio Yan-Tse-Kiang. Este foi o limite extremo dos conhecimentos geographicos da Asia na antiguidade europeia, e continuou a sê-lo até fins do século XIII, isto é, pelos fins da Idade-média.

O nome de China, sob o qual se entendia especialmente a parte meridional d'este país, é antiquissimo e foi communicado ás nações maritimas occidentaes provavelmente por navegantes malayos; opinião que robustece a observação de que ainda hoje conhecemos na Europa e usamos nomes malayos para a maior parte dos países maritimos do Sudeste da Asia, como Birmania, Pegú, Siam, Cambodja, Cochi (Cochinchina), Maluca, Burnei (Borneo) e outros.

Ceylão era o ponto de reunião dos navios mercantes. Ali accorriam as embarcações chinesas e encontravam-se com navegantes e compradores persas, árabes e até byzantinos. Estes ultimos chegavam ali em barcos de etyopes. No tempo da dynastia dos Ptolomeus havia-se concluido no Egypto a construcção do canal que ligava o Nilo com o Mar Roxo, e posteriormente fê-lo restaurar o imperador Adriano no anno XV do seu reinado, substituindo os antigos emporios de Myos-Hormos e de Berenice pelo porto de Clisma no Mar Roxo. Este canal continuou em estado navegavel pelo menos até ao século VI da nossa era; porque Gregorio de Tours fala ainda d'elle como tal, pelo menos em 590, e só na segunda metade do século VIII, estando já quási cheio de areia acabou por fechar-se de todo. Do porto de Clisma partiam os barcos gregos directamente para a India, e n'elles fazia o funccionario grego, commandante do mesmo porto, a sua visita annual ao país das especiarias. Justiniano procurou, embora em vão, chamar o commercio de sêdas ao Mar Roxo e ao porto de Clisma, para afastá-lo da rota terrestre através da Persia.

Globo terraqueo.

Assim continuaram as relações mercantis com o Oriente até ao século VII, sem alargar os conhecimentos geographicos. A apparição do islamismo e o consequente dominio dos árabes no Egypto, mudou esta situação em grande parte, porque desde então tiveram de suspender-se por aquelle lado as relações directas que os byzantinos mantinham entre o Occidente e a India.

Ficou só a via terrestre com as suas innumeraveis difficuldades; porque basta olhar para o mappa para nos convencermos da grande differença que ha entre a communicação maritima do Mediterraneo ás costas da India e da China, e a rota terrestre pela Asia. Estas difficuldades não consistiam sómente na maior distancia entre os dois extremos e o consequente augmento de despesas de transporte, mas tambem e principalmente nos successos politicos que alteravam ou estorvavam o transito interior da Asia, sem contar que o desejo de encontrar melhores desfiladeiros nas altas cordilheiras, e caminhos mais accessiveis através de dilatadas regiões desertas, fêz variar e multiplicar os itinerarios. Apesar de todos estes obstaculos, chegou sempre ao Occidente o producto mais estimavel da China, a sêda; desde que se conheceu na Europa o seu valor, é ao commercio da sêda que devemos os primeiros conhecimentos do planalto asiatico.

Depois de ser já conhecida a sêda na Syria muitos séculos antes da nossa era, posto que não tenhamos dados para saber porque caminho ali chegou, penetraram exercitos chineses em som de conquista na região do Tarim, sendo seguidos no anno 114 antes da nossa era por uma caravana mercantil chinesa, que passou pelo planalto e pelos desfiladeiros do Pamir, chegando até aos grandes centros mercantis do Turan. A esta caravana seguiram-se tantas outras, que inundaram os mercados das margens do Amu e do Sir de tantos generos de sêda, que o preço d'esta baixou consideravelmente, fazendo que o commercio se extendesse muito mais para Oeste, onde os pedidos se tornaram desde então sempre maiores e mais frequentes. As caravanas atravessaram os páramos e areaes immensos da região do Tarim por dois caminhos diversos; um ao Norte d'este rio e do Tien-schang, ao pé do Hymalaia, que em nossos dias é a rota mais frequentada e quási a unica utilizada; e outro ao Sul dos rios Lopnor e ao longo do Tarim, á esquerda das faldas do Kuen-lun, povoado de lendas. Este ultimo é o que foi seguido por Marco Polo no século XIII, e o que foi percorrido ha poucos annos por

Prechewalsky, o mais arrojado dos viajantes russos. O desfiladeiro de Terekdakan, a Noroeste de Kashgar, era considerado n'aquellas épocas como a passagem mais commoda da cordilheira que a Oeste limita a bacia do Tarim.

Quando em fins do primeiro século da nossa era adquiriu a sua maior extensão para Léste o imperio romano, chegou um general chinês até ao Mar Cáspio, no anno 95; de maneira que pouco faltava para que se tocassem as fronteiras dos dois imperios. Isto durou pouco, porque antes de passar uma geração, os chineses tiveram de retroceder e abandonar todo o Turan; de modo que não chegaram a estabelecer-se relações politicas entre os dois Estados. O nome do povo sérico, productor da sêda, foi-se vulgarizando entre os gregos e romanos; nem por isso souberam, porém, onde estava situado o país que na sua imaginação collocavam muito mais perto d'elles, no Turan ou na região do Tarim. Já então os Tadyiks, que falam o persa, eram os agentes em cujas mãos estava o commercio da sêda para o Occidente e que levavam este genero ás vezes directamente ao Imperio romano. Sobre a rota que seguiam estes commerciantes de sêdas só possuimos um reduzidissimo extracto d'uma descripção, circumstanciada que se perdeu e que foi devida aos agentes mercantis d'um tal Maes Ticianus, grande commerciante macedonio. O célebre geographo Marino de Tyro, recebeu em segunda mão esta descripção e tomou notas d'ella, e este extracto resumido, que não inspirou muita confiança ao mesmo geographo porque diz que todos os commerciantes para darem importancia ás suas expedições exaggeravam muitissimo as distancias entre as differentes estações dos seus itinerarios, serviam a Ptolomeu para os seus resumos geographicos. Em vista d'isto comprehender-se-ha quão difficil é hoje fixar aquella rota. Por fortuna podemos, todavia, fixar com bastante certeza os seus dois extremos. Os agentes do referido commerciante sahiram de Bactra, e citam como terminus da sua expedição a cidade de Sera, capital da Sérica, que não podia ser senão Tschan-ngan-fu, chamada hoje Si-ngan-fu, que era n'aquella época a capital da China. O que não se sabe ao certo é se aquelles commerciantes chegaram effectivamente até esta cidade, ou se sómente a conheciam de nome. E' provavel que, passando pelo país dos isedones, situado a Léste do planalto do Pamir no Turkestan oriental, seguindo logo para o Sul do rio Tarim para Léste, chegassem até á cidade chinesa de Schatschou onde provavelmente adquiriam os seus artigos de sêda.

Em meados do século II perderam os chineses a sua preponderancia na região do Tarim, e as caravanas a protecção de que tinham gozado, ficando o commercio da sêda nas mãos dos mercadores persas. Verdade seja que os annaes chineses referem que o imperador romano Marco Aurelio Antonino, a quem elles chamam *An-tun,* mandou uma embaixada ao seu país; mas, embora pela narração d'esta embaixada pudesse Pausanias provavelmente ratificar a ideia muito errada que se tinha no seu tempo ácêrca da maneira de obter-se a sêda, não se esclareceu a noção geographica da Asia Oriental, pois o proprio Pausanias julgava que a Sérica era uma ilha do Mar Eritreo.

Na época das invasões dos povos germanicos na Europa o historiador Amiano Marcellino acreditava que a Sérica era uma provincia persa, porque a sêda chegava á Europa por via da Persia. Finalmente, quando no reinado de Justiniano se introduziu a sericicultura na Europa, perdeu a via terrestre da China a sua ultima importancia e as regiões centraes da Asia ficaram outra vez envoltas no mysterio. Tambem não tiveram importancia para a geographia as relações amigaveis, mas curtas, que existiam entre o sultão turco do lago Balchach e o imperador Justiniano, porque no século VII tornaram os chineses a avançar e submetteram aquelles povos. N'esta época chamavam os byzantinos á China *Taugas.*

Com a victoria do islamismo os árabes mudaram completamente as relações politicas e mercantis até então existentes. Antes, tinham tomado estes povos pequena parte no commercio terrestre asiatico, e no século VII não tinham passado para além da India, e só muito depois é que chegaram a conhecer as ilhas de Sonda com os seus productos. Victoriosos em toda a parte, fôram senhores em pouco tempo de toda a Asia Occidental, e estabeleceram o seu vasto Imperio em principios do século VIII entre a China e os países do Occidente. Desde que os kalifas estabeleceram a sua residencia nas margens do Tigre, as caravanas dos peregrinos mahometanos fôram tambem as caravanas mercantis entre o Oriente e o Occidente. Bassora foi desde então o emporio mercantil aonde affluiam os productos do Oriente, e Mokadassi classificou muito justificadamente o golpho persico como Mar Chinês, attendendo a que já no século VIII os marinheiros árabes, que visitavam as cidades maritimas da peninsula de Malaca, se adiantavam até á China. Os seus barcos eram feitos de taboas de coqueiro unidas sem pregos de ferro, e com elles não podiam afastar-se muito das costas, ao passo que na China aprenderam a construi-los mais solidos e a servir-se da bussola, com o que puderam arriscar-se a seguir rotas directas no alto mar. Com estes progressos fizeram a partir dos ante-portos do territorio de Bagdad, primeiramente de Chiraz, depois da ilha de Kish, e alguns séculos mais tarde, de Ormuz, uma concorrencia mercantil tão grande aos chineses, que estes fôram retrocedendo cada vez mais para o seu país. O commerciante mahometano Suleiman [1], que viveu no século IX, deixou-nos uma descripção da rota maritima até Chanfu (Hangtschou-fu) na China. Segundo esta narração partia a rota usual do porto de Chiraz no Farsistan, approximadamente a 70 graus a Léste do meridiano da ilha de Ferro; mas além do estreito de Ormuz tocavam os barcos no porto de Mascate e chegavam em linha recta ao porto de Coulão, na costa de Malabar a 9º de latitude Norte, d'onde se dirigiam pela ilha de Ceylão a Malaca, e d'ali até á China. Poucos annos depois descreveu a mesma rota, com todas as estações e distancias intermedias Abul-Kasim Ibn Cordadbé, chefe dos correios do kalifa Motamid; o que indica que era já frequentadissima. Não passaram da China os conhecimentos geographicos dos árabes; só notaram que para além se perdiam no horizonte os cumes das cordilheiras da Corêa (Sila).

No decorrer do século IX tiveram de retroceder, rechaçados pelos chineses para o Occidente, como antes elles tinham rechaçado os chineses para o Oriente, e fixaram-se como ponto extremo oriental na peninsula de Malaca, onde ficava a praça mercantil de Calah, que foi emporio dos productos das ilhas da Sonda, as especiarias, a camphora, as madeiras preciosas e o estanho. D'ali passaram as embarcações árabes até Java e ainda até ás Molucas, berço das especiarias. As relações directas com a China tornaram pouco a pouco a reatar-se, porque no século X visitou de novo os portos chineses partindo de Ceylão um dos viajantes árabes mais notaveis, chamado Masudi, que pinta a China como um país encantador com uma vegetação exuberante, e cortado por innumeraveis canaes. Não se vêem ali palmeiras, diz, mas os habitantes d'este Imperio excedem a todas as demais criaturas de Deus em habilidade industrial e artistica. —Pelo anno de 1137 um rico commerciante de Chiraz, fêz adornar o santuario de Meca [2] de magnificos tecidos de sêda; e por outro lado sabe-se que o mais célebre dos viajantes árabes, Ibn Batuta, visitou ainda a China no século XIII, de tudo o que

---

(1) Solimão na fórma portuguesa corrente.

(2) *Heyd*, Historia do commercio do Levante na Idade-média, Stuttgart 1879, I, 182.

póde inferir-se que devia continuar então o commercio maritimo dos árabes com a China.

O commercio terrestre pelo interior da Asia entre a China e o Occidente não foi interrompido, porque os árabes nas suas expedições não entraram em collisão com os chineses; mas, quando, pelo anno 1000 da nossa era, as primeiras tribus turcas da Asia se converteram ao islamismo, fundando sultanatos independentes, e penetrando por sua vez como conquistadores na India, formaram uma barreira entre o Imperio dos kalifas e a China; como, porém, todos estes successos occorreram no Oriente, não exerceram nenhuma influencia directa nos países do Occidente, cujo commercio não tirou d'elles nenhuma vantagem.

Vieram as cruzadas, e com ellas cobraram uma vida inesperada as relações, tanto tempo paralysadas, com os países do Oriente, graças á actividade dos commerciantes

Miniatura do século XIV. — O grão Khan entrega aos irmãos Polo o salvo-conducto.

italianos, que impellidos pelo desejo do lucro trataram de tirar todo o partido possivel das victorias alcançadas pelos exercitos christãos que tinham occupado as costas da Syria.

Augmentaram assim extraordinariamente as caravanas ao interior da Asia, onde ainda não podiam penetrar pessoalmente os commerciantes italianos por causa do fanatismo religioso das populações mahometanas, cujos territorios tinham que atravessar.

N'esta situação apresentou-se um factor novo, não originado no fanatismo, que do centro da Alta Asia facilitou voluntariamente o commercio pacifico entre a Europa e a China. Este povo mediador fôram os mongoes, cuja importancia politica assignala uma época, que liga estreitamente a sua historia á época moderna, razão por que trataremos d'elles no segundo livro.

Os conhecimentos geographicos dos árabes não se divulgaram nas nações occidentaes, cujas noticias do Oriente continuaram a ser vagas, até que viajantes christãos puderam alargá-las, fundados em observações pessoaes.

Tambem não chegaram á Europa noticias dos progressos dos árabes para o Sul da chamada India Terceira na costa oriental da Africa. Ao passo que do antigo geographo Ptolomeu se havia conservado, certamente por intermedio dos árabes, tudo quanto dis-

sera ácêrca das nascentes do Nilo e dos chamados Montes da Lua; quando Alexandria caíu em poder do Islam, perderam-se as relações com a costa oriental do continente africano, onde os commerciantes árabes chegaram até Sofala, o país do ouro, não, porém, ao extremo meridional da Africa, que não lhes offerecia productos que pudessem excitar a cobiça do lucro. Só o valor e a abundancia de productos excitavam n'aquellas épocas o desejo de chegar a países longinquos e ignotos.

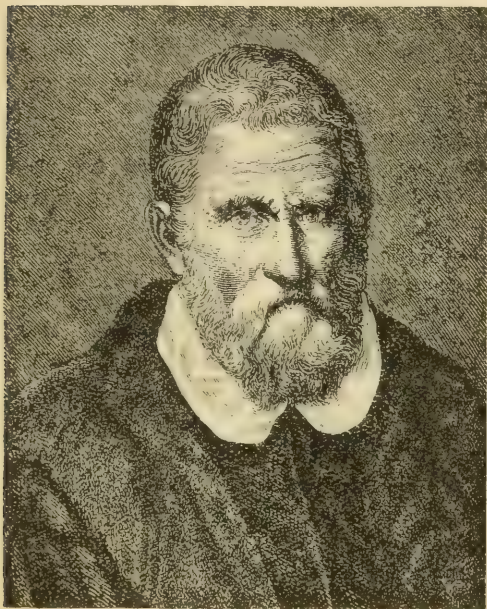
CAPITULO II

A parte occidental do mundo antigo

Sabemos já até onde chegaram os conhecimentos das nações mediterraneas na direcção de Léste e Sul da terra habitada. Por mar e por terra, atravessando immensos espaços, havia-se chegado até ás costas extremas orientaes do continente asiatico; mas as noticias d'aquellas dilatadas margens fôram tão escassas e incompletas que não permittiram que d'ellas se formasse uma ideia clara e precisa entre os povos situados em volta do Mediterraneo; e a não ter sido pelo afan alliciante de possuir e consumir especiarias e brilhar com os trajes de sêda, não se teriam continuado viagens tão longas e expostas a infinitos perigos.

O lado occidental não offereceu senão um campo limitado, porque ao saírem os navegantes do Mediterraneo, tanto á direita como á esquerda, as costas extendiam-se para Norte e Sul. Estas ultimas, deshabitadas e cada vez mais áridas á medida que se adiantavam, não offereciam attractivo algum; não foi, porém, assim a respeito das costas europeias banhadas pelo Oceano, que pelo attractivo do estanho da Inglaterra e do ambar tão apreciado, excitaram a cobiça mercantil, tanto que a estes dois productos se deve que as nações mediterraneas tivessem descoberto e visitado já em remota antiguidade as costas septentrionaes do nosso continente.

Os arrojados marinheiros phenicios tiveram durante muito tempo o monopolio do commercio e navegação occidentaes e exploravam, não só as minas de prata da Hespanha, mas tambem todos os productos que lhes offereciam as costas oceanicas. Não é, pois, de extranhar que elles fôssem os primeiros a percorrer as costas occidentaes da Africa e que fizessem expedições analogas os carthagineses, seus irmãos e successores. Devemos mencionar aqui pelo que valha, ainda que não tivesse ao que parece resultados permanentes nem notaveis, nem augmentasse, que se saiba, os conhecimentos geographicos da terra, a viagem de circumnavegação que executaram marinheiros phenicios por encargo do rei Necao ao redor da Africa pelo anno 600 antes da nossa era, se realmente se realizou, tão grande emprêsa nautica. Mais importancia prática teve a expedição do almirante carthaginês Hannon, o qual, n'uma época que não póde fixar-se com exactidão, saíu do porto de Carthago com uma frota de 60 navios e 30.000 colonos, segundo se conta, para estabelecer colonias nas costas occidentaes da Africa e para seguir, uma vez satisfeito este commettimento, mais para o sul afim de descobrir novas terras. Aquelle marinheiro passou indubitavelmente por diante das embocaduras de grandes rios, que eram o Senegal e o Gambia, e tambem por diante de costas planas tropicaes e habitadas por verdadeiros negros, notando a grande distancia elevados cumes, a um dos quaes deu o nome de Carro dos Deuses. A descripção d'esta viagem famosissima conservou-se n'uma traducção grega, e é a unica grande expedição maritima dos carthagineses dirigida para o sul da Africa, de que se guarda memoria.

O monopolio punico n'estes mares cessou com a queda de Carthago. Eutimenes, compatriota de Piteas, chegou certamente até ao Senegal, ao qual os gregos chamavam Cremetes; e Polibio, ás ordens de Scipião, visitou as costas da Mauritania; mas de resto não passaram os barcos romanos abaixo da região do deserto do Sahará, e as suas expedições maritimas não chegaram nem por sombras ás do carthaginês Hannon. É certo tambem que os phenicios fôram os descobridores das ilhas Canarias, conforme o prova o seu nome primitivo de ilhas de Malkart ou Makar, que os gregos usaram na fórma de *Macaron nesoi,* e o corromperam em *Macariai nesoi,* expressão que os latinos traduziram por *insulae fortunatae,* Ilhas Afortunadas, nome que lhes ficou e as tornou depois célebres. Para os tintureiros de Tyro tiveram estas ilhas grande importancia, porque d'ellas receberam as conchas de que extrahiram o producto que tornou célebre, as suas purpuras.

Marco Polo.

Mais importantes e mais frequentadas fôram as costas do norte da Africa para além do golpho gaditano, descobertas e visitadas tambem pela primeira vez pelos phenicios, de cujas expedições por aquelle lado se conservou igualmente a recordação d'uma grande viagem, que talvez seja a mesma que Plinio menciona como dirigida por Himilcon, e que depois de muitas traducções e repetições por diversos auctores, nos foi conservada finalmente na descripção das costas atlanticas feita pelo auctor latino Avieno [1], que viveu no século IV da nossa era. N'esta narração descreve o auctor as costas ibericas e da Gallia até ás ilhas do estanho, ou seja a Inglaterra. Desde que Herodoto menciona já, sem dúvida por narrações punicas, a patria do estanho, ignorando, comtudo, onde estava situada, porque não acreditou na existencia das ilhas de estanho, tudo nos leva a crer que aquella expedição foi muito anterior ao seu tempo. Mas o pae da Historia fala ao mesmo tempo da patria do ambar, o que para nós prova que no seu tempo os phenicios já tinham ido até ao mar do Norte. Para Herodoto, as ilhas Britanicas e a Germania, que proviam de estanho e ambar as nações mediterraneas por meio dos phenicios, eram os países extremos para o norte; e para além não fôram nem os navegantes phenicios nem os gregos; de modo que para os antigos acabava o mundo conhecido a léste com o país da sêda e a noroeste com as ilhas do estanho e as costas do ambar.

A principio devia ter-se concentrado o commercio do estanho na ilha de Wight; porque as ilhas graniticas de Scilly é que fôram chamadas pelos antigos as Cassitérides,

[1] Trata-se do poema geographico *Ora Maritima,* objecto da crítica erudita de Müllenhof e de que temos a edição commentada de Martins Sarmento.

que quer dizer ilhas de estanho, só pela ignorancia dos escriptores antigos; até que a viagem de Piteas de Massilia (Marselha), no ultimo terço do século IV antes da nossa era, fêz progredir notavelmente o conhecimento geographico d'aquellas regiões.

Este Piteas, commerciante e erudito, realizou uma grande viagem de descobrimento para o extremo noroeste da terra ao mesmo tempo que Alexandre Magno penetrava por terra até á India. Piteas deu a volta á Irlanda e á Gran-Bretanha, chegando na direcção do norte até ás ilhas Hebridas, tão nomeadas depois e prestigiadas pela imaginação de grande numero de fábulas sob o nome de «a ultima Thule». Piteas foi tambem o primeiro europeu que descobriu a causa das marés e a sua relação com as phases da lua; e tambem foi o unico dos antigos que fixou astronomicamente latitudes no extremo norte. Ainda que não conseguiu realizar o seu objectivo de chegar ao circulo Polar, contribuiu em grande parte para a solução do problema da grandeza da terra. Os seus trabalhos astronomicos fôram apreciados em todo o seu valor pelos seus contemporaneos Eratostenes e Hiparco; não fôram comprehendidos, porém, por Strabão nem por Plinio, que nos conservaram a maior parte das suas noticias, se bem que desgraçadamente desfiguradas. Piteas tocou tambem nas chamadas costas do ambar, ou sejam as de Allemanha no Mar do Norte, porque do Baltico não tinham os gregos a menor noticia. Só com a expedição dos romanos ao norte da Allemanha é que foi revelada ás nações mediterraneas a existencia d'aquelle grande mar interior, e Plinio é o primeiro auctor que cita os depositos de ambar nas costas da Prussia Oriental, assim como n'uma parte da margem opposta com o nome de Scandinavia. A antiguidade não chegou a conhecer a sua natureza peninsular; nem Ptolomeu nem Procopio de Cezareia a conheceram; e até o proprio Jornandes, historiador dos godos, que viveu no século VI da nossa era, fala da Scandinavia, chamando-lhe ilha Shâne; e Procopio tinha julgado, por informes que colhera cuidadosamente dos herulos procedentes do norte, que n'aquella grande ilha, que elle julgou ser a de Thule, o sol não se punha no verão durante 40 dias na região mais septentrional, e que no inverno tardava outros tantos dias a assomar no horizonte. Tambem teve noticia do povo finlandês que andava sobre o gêlo e a neve com patins; de fórma que as suas noticias alcançavam muito mais ao norte do que o extremo do golfo de Botnia e do circulo polar; mas a ligação d'este país com o continente europeu não se soube, emquanto não foi descoberto pelos normandos com as suas expedições.

O primeiro que se sabe ter navegado e percorrido as costas septentrionaes da Europa foi um nobre normando no século IX da nossa era, chamado Ohthere, que provavelmente era natural da costa norueguesa, para além do circulo polar [1]. Ao serviço do rei de Inglaterra, Alfredo, o Grande, contou-lhe a sua viagem de descobrimento, dizendo-lhe que elle era natural de Halgoland, ao norte de todos os normandos, nas margens do mar occidental. O rei seu amo conservou-nos a narração d'esta notabilissima viagem junto á sua traducção anglo-saxonia da obra de Orosio; e n'este volume apresentamos aos nossos leitores um fac-simile d'um pedaço d'esta descripção tirado do manuscripto do rei Alfredo, que se encontra na bibliotheca Cottoniana, no Museu Britannico de Londres, junto com a traducção.

N'aquella época era já conhecido o Baltico com o nome de mar oriental, na contra-costa do Atlantico. Segundo a descripção de Ohthere, a riqueza dos nobres nor-

---

[1] J. Bosworth, *Descripção da Europa e viagens de Ohthere e Wulfstan,* escriptas em anglo-saxão pelo rei Alfredo, o Grande, *(em inglês)*, Londres, 1855.

mandos do seu país consistia em rebanhos de rangifers, e querendo saber se vivia gente mais para o norte, embarcou e dirigiu o seu rumo na referida direcção, chegando aos tres dias de navegação ás ultimas pescarias dos lapões do lado norte. Passados outros tres dias tomou a costa a direcção de léste, rumo que seguiu com vento favoravel de noroeste, quatro dias mais, até que a costa tomou a direcção sul. Seguiu este novo rumo outros cinco dias, dobrando por conseguinte a peninsula da Laponia, entrando no Mar Branco, onde chegou á foz d'um rio em que as costas tornavam a ser habitadas, ao passo que nas que tinha passado mais ao norte apenas encontrára alguns caçadores e pescadores, miseros lapões. Na foz do mencionado rio, que devia ser talvez o Mesen, ou o Duina, habitavam numerosos biarmios ou beormas, cujo idioma lhe pareceu ter semelhança com o finnico. Esta gente recebeu bem o ousado marinheiro e, embora o não deixassem entrar com a sua gente no interior do país, deram-lhe muitas noticias a respeito d'elle e a respeito dos países vizinhos, e tambem lhe venderam dentes de hippopotamo, em grande abundancia, cuja acquisição era o objectivo principal, além da curiosidade, scientifica. O terreno habitavel na costa norueguesa estreitava-se cada vez mais á medida que se caminhava para o norte, e para trás levantavam-se cordilheiras inhospitas, ultrapassadas as quaes, se podia chegar em uma ou duas semanas á Suecia, limitada ao norte pela Finlandia, país penhascoso, esteril e cheio de grandes lagos de agua doce, que os habitantes atravessavam em ligeiras canôas.

Lamina de oiro dos principes mongolicos, para servir de salvo-conducto. (O original, achado na Siberia oriental, é quatro vezes maior.)

D'esta descripção geral do norte não se deprehende que Ohthere conhecesse o caracter peninsular da Scandinavia. O Baltico na sua parte mais septentrional não tinha sido explorado ainda; porque o normando Wulfstan, cuja narração de viagem n'aquelle mar se encontra tambem na referida obra do rei Alfredo, só chegou até Elbing. O historiador allemão Einhard diz que se desconhece o comprimento do Baltico e só Adão de Bremen, que escreveu muito depois, diz que o Baltico não tem saída para o norte, e que se podia ir da Suecia á Russia a pé quando o não impedisse a população hostil.

N'aquelle tempo, comtudo, eram consideradas como emprêsas temerarias as expedições aos golphos da Finlandia e da Botnia, tanto que se teem conservado os nomes dos marinheiros arrojados que ali fôram, entre os quaes o do normando Ganund Wolf, como dignos de chegarem á posteridade.

Muito mais importantes para o augmento dos conhecimentos geographicos fôram as expedições dos corsarios através do Oceano septentrional pela Escocia e pela Noruega a mares desconhecidos. Nas ilhas Feroe e na Islandia encontraram anachoretas e monges irlandeses, de fórma que podia suppôr-se que estes religiosos fôram os primeiros descobridores das mencionadas ilhas; mais provavel é, porém, que fôssem para ali afim de viverem solitarios depois de terem ouvido as narrações do seu casual descobrimento por expedicionarios normandos, e que depois outros corsarios d'esta

origem os expulsassem d'ali. Assim o refere Dicuil, que escreveu pelo anno de 825 ([1]), dizendo que cem annos antes d'aquella época fôram ermitões da Irlanda para as margens penhascosas das Feroe; mas que se retiraram outra vez com mêdo dos piratas; de modo que estas ilhas não nomeadas até ali por nenhum auctor, voltaram a ficar desertas, e só ficaram povoadas por innumeraveis rebanhos e por bandos de aves maritimas. Posteriormente, nos ultimos annos do século VIII, varios religiosos passaram um verão na ilha de Thule (Islandia).

O primeiro corsario scandinavo que chegou á ilha depois d'elles, arrojado ali por um temporal na sua viagem das Feroe á Noruega, foi Nadodd; e, não encontrando vestigios de seres humanos, apesar de terem vivido ali alguns monges, voltou ás Feroe.

Mão d'um rico annamita.

A expedição de Nadodd póde fixar-se no anno de 867. Desde então foi a Islandia visitada com mais frequencia, e até póde dizer-se que chegou a ser um ponto favorito para emigrantes, de modo que não tardaram a ter possuidores todos os terrenos cultivaveis; mas aquella gente vagabunda e inquieta não teve repouso; e, obedecendo á sua indole nómada e aventureira, foi muito mais longe e descobriu a Groenlandia, sendo elles por conseguinte os primeiros europeus que pisaram o solo americano. O primeiro que viu este país, provavelmente no primeiro terço do século X, foi Gunnbjörn, que, dirigindo-se á Islandia, foi levado pelas correntes muito mais para oeste e descobriu as enseadas que ainda hoje teem o seu nome, e por detrás das quaes viu um país dilatado, que era a Groenlandia. Cêrca de 50 annos depois visitou aquelles ilhéus e penhascos um tal Snaebjörn, e pelo anno de 985 ou 986 estabeleceu-se ali o primeiro europeu, Erico, o Ruivo, que por homicidio tivera que fugir do seu país, a Noruega. Erico dirigiu-se primeiramente á Islandia, d'onde foi tambem expulso, e em 982 dirigiu-se ao país descoberto por Gunbjörn, onde se estabeleceu, dando-lhe o nome de Groenlandia, que quer dizer *terra verde,* e attrahiu ali colonos que effectivamente chegaram em grande numero da Islandia. Aquellas costas haviam sido habitadas por esquimós, como o patenteiam as vivendas abandonadas debaixo de terra.

Em breve se estabeleceu um tráfico tão animado entre este novo país e a Noruega, que a noticia do descobrimento chegou até ás cidades maritimas da Allemanha do norte. O já mencionado Adão de Bremen, na sua Historia ecclesiastica, escripta em latim, refere que um certo numero de homens da Frisia emprehendeu do rio Weser uma expedição para o norte, a primeira que os allemães fizeram, e que, passando para além da Islandia, atravessaram um mar coberto de densissimas nevoas, e chegaram, depois de terem arrostado com indiziveis perigos e angustias, a uma costa penhascosa que, formando um circulo, parecia com os seus picos uma cidade fortificada. Ali encon-

([1]) Lettronne, *Recherches géographiques et critiques sur le livre de Mensura Orbis Ferrae par Dicuil,* Paris 1813.

traram homens que viviam em covas subterraneas; mas um enorme cão arremessou-se sobre um dos expedicionarios e despedaçou-o á vista dos seus companheiros, pelo que estes se apressaram a voltar para os seus barcos e regressaram ao seu país. Esta expedição interessante effectuou-se na primeira metade do século XI.

Entretanto, os normandos haviam extendido as suas expedições mais longe. Ari Marsson, numa viagem que fêz á Islandia, foi arrojado a Hvîtramannaland, ou seja a Terra dos homens brancos ou, como depois se chamou, a Grande Irlanda, pois que não podia ser senão uma das costas mais septentrionaes da America, onde chegaram pouco depois, tambem casualmente, outros normandos.

Björn, pelo anno de 986, na sua viagem da Islandia á Groenlandia, descobriu novas terras que fôram logo exploradas por Leif, filho de Erico. Aquelle encontrou primeiramente, pelo anno de 1001 ou 1002, uma costa penhascosa que chamou Helluland, país penhascoso; e depois, mais além, terras cobertas de relvas que chamou Markland; e, finalmente, um allemão chamado Dietrich, que fazia parte da expedição, achou vides silvestres, razão por que deram áquelle país o nome de Vinlandia; de sorte que esta expedição devia ter chegado até perto do 41º de latitude Norte, isto é, até ao promontorio do Estado de Massachusetts.

Este descobrimento importante deu logar a muitas tentativas para estabelecer colonias n'aquella costa favoravel da America; mas os ataques dos indigenas e os horrores que os normandos ferozes e sanguinarios commetteram entre si, destruiram logo e tornaram impossivel toda a colonização. A noticia d'aquelle país chegou até á Allemanha, pois que o mencionado Adão de Bremen faz tambem menção da ilha da Vinlandia. Apesar do mau exito das novas colonias, não ficaram interrompidas as communicações com a America, se bem que desde então tomaram outra direcção, dando logar no século XIII ao descobrimento da costa occidental da Groenlandia.

D'aquella costa, em 1266, foi uma expedição dirigida por ecclesiasticos á bahia de Baffin; e, segundo as observações que fizeram em 25 de Junho d'aquelle anno sobre a posição do sol, deprehende-se que deviam ter chegado acima dos 75º de latitude Norte.

Pouco depois d'estes descobrimentos nas regiões polares pôde estabelecer-se o christianismo n'aquellas paragens. Em principios do século XII teve a Groenlandia o seu primeiro bispo, e continuou a tê-los com residencia no país até Alfr, que foi o ultimo que administrou pessoalmente aquella diocese desde 1368 a 1378 (1). Desde então teve a Groenlandia sómente bispos titulares até ao anno de 1537; de sorte que o nome de Groenlandia era ainda citado depois da reforma religiosa, posto que o país estivesse já abandonado e esquecido, a ponto de tornar a sumir-se no imperio da fábula. Assim, observa-se no mappa-mundi que acompanhava a edição célebre de Ptolomeu, publicada em Strasburgo em 1513, que a Groenlandia está representada como uma peninsula prolongadissima que parte do extremo Norte da Europa, unida talvez á peninsula da Laponia, e se extende para Sudoeste para além da Scandinavia e Gran-Bretanha até ao Oceano Atlantico. No mappa-mundi de Ptolomeu publicado em Veneza no anno de 1562, apparece ainda mais phantastica a região polar. N'esta *Carta Marina Nuova Tabula,* apparece a Groenlandia ligada tambem á Scandinavia, mas liga-se pelo outro lado do Atlantico com o territorio americano chamado *Monte Verde* (hoje Vermont), ao passo que a America do Norte está ligada por sua vez com a Asia, de modo

(1) H. Major, *Viagens de Nicolau e Antonio Zeno* (Hakluyt Soc. 1873), que cita o anno de 1406 como o ultimo da residencia pessoal dos bispos da Groenlandia.

que, segundo este mappa, podia ir-se a pé da Scandinavia á China. Porventura motivou esta desfiguração singular um conto, muito corrente na Idade-média, d'um viajante que tinha ido a pé da Groenlandia á Scandinavia, mantendo-se no caminho, do leite de uma cabra que levou comsigo.

De todos estes êrros geographicos resulta sempre o facto de que as terras descobertas pelos normandos no Norte da America não fôram consideradas como países de um continente transatlantico; razão por que não continuaram os descobrimentos em direcção ao Sul para ver se encontravam países mais quentes.

Para os normandos e povos primitivos todas as costas que descobriam eram ilhas; e a sua imaginação povoou em todos os tempos os mares desconhecidos de alluvião de ilhas á maneira de estações cada vez mais formosas e deleitaveis, á medida que se penetrava mais para Oeste. A antiguidade unicamente tinha noticias, como *ilhas afortunadas,* das Canarias; mas, na Idade-média, a imaginação dos povos do centro e norte da Europa povoou o longinquo Oceano de ilhas de paz e maravilhas, verdadeiros paraísos, residencias invejaveis de piedosos anachoretas. Já dissemos que religiosos irlandeses se haviam retirado para as ilhas Féroe e para a Islandia afim de fugirem da sociedade; e muito bem poderia ser verdade, segundo contam as lendas irlandesas, que filhos da Irlanda descobrissem paraísos terrestres no Oceano; porque todas as illusões geographicas que nasceram do nome de ilhas Afortunadas, que na Idade-média eram consideradas como ilhas de bemaventurados, se desenvolveram principalmente nas ilhas Britannicas, onde fôram estudadas com afan todas as indicações de Plinio e de Solino sobre a existencia de longinquas ilhas no Oceano Atlantico. As expedições aventurosas, mas positivas, dos devotos ascetas de que nos fala o frade irlandês Dicuil, deram origem tambem a muitas narrações de viagens maravilhosas, formando o centro d'estas lendas as viagens maritimas de São Brandão ou Brandon, que em fins do século VI contam que saíu com muitos companheiros seus da Irlanda em busca de uma d'estas ilhas. A crença em taes ilhas maravilhosas encontra-se já em Plutarco na sua *Decadencia dos Oraculos,* onde refere que em volta da Bretanha havia muitas ilhas desertas e outras escassamente habitadas, cujos habitantes eram considerados pelos povos vizinhos como sagrados e inviolaveis.

O mesmo auctor refere n'outro logar *(Sobre a face da Lua)*, que a cinco jornadas a Oeste da Bretanha se encontravam várias ilhas e mais além um grande continente, sendo a natureza das ilhas e a benignidade do seu ambiente, maravilhosas. A tradição refere que São Brandão chegou realmente a uma d'estas ilhas paradisiacas, e que regressou ao cabo de muitos annos, depois de muitas viagens aventurosas. Esta lenda encontra-se em quási todas as linguas europeias, e é muito possivel que os constructores de mappas da Idade-média a aproveitassem para adornarem o Oceano Atlantico tão monótono; sendo, porém, notavel que no decurso dos séculos collocassem a famosa ilha lendaria de São Brandão successivamente mais ao sul; tanto que, em logar de collocar este Elyseu atlantico na mesma latitude da Irlanda, o veneziano Pezigano, no seu mappa do anno de 1367, colloca-o na ilha da Madeira, e o cavalleiro allemão Martin Behaim, no seu globo que construiu em 1492, põe-no a sudoeste das ilhas de Cabo Verde na proximidade do Equador. O motivo de tudo isto foi a narração que, depois de se terem tornado a descobrir as ilhas Canarias, se publicou ácêrca de uma ilha montanhosa que se descobria de quando em quando no horizonte, muito longe e sempre de igual fórma e situação. Aquella podia muito bem ser um aglomerado nevoento; mas a crença na verdadeira existencia da ilha estava tão arreigada, que um cavalleiro português obteve a concessão d'ella antes de descoberta; e até ao anno de

1750 continuaram a fazer-se tentativas por parte de muitos navegantes para encontrá-la.

A historia da ilha de São Brandão não é mais que uma repetição de outros contos mais antigos de ilhas solitarias e ferazes no Oceano Atlantico, porque Aristóteles fala já de ilhas situadas para além do estreito de Gibraltar; e posteriormente trata d'ellas com mais pormenores Diodoro de Sicilia, dizendo que fôram descobertas pelos phenicios, e que os carthagineses as haviam destinado para lhes servirem de refugio no caso de chegar a ser destruida a capital da sua patria. Esta tradição da antiguidade reapparece n'um conto hespanhol, segundo o qual se refugiaram um arcebispo e seis bispos n'uma ilha longinqua do Oceano Atlantico, quando os mouros se tornaram senhores da Hespanha, depois da batalha de Guadaiete. Na ilha fundaram 7 cidades, razão por que o conto lhe dá o nome de ilha das 7 cidades. Esta ilha lendaria não apparece nos mappas senão em principios do século XV, e em breve foi confundida com outra ilha mais enygmatica, chamada Antilha, que adquiriu importancia na imaginação dos povos na época de Colombo, e por agora baste-nos mencioná-la aqui. Tambem póde contar-se entre estas criações puramente phantasticas a ilha Brasil (Brazie), situada, segundo diziam, a Oeste da Irlanda, e outras muitas de menos importancia.

É provavel que se fizessem muitas expedições á aventura para descobrir estes paraísos terrestres do Atlantico; não podiam, porém, dar resultados positivos emquanto faltasse aos navegantes um guia constante e seguro pelo alto mar. Este guia offereceu-se-lhes sómente no século XIII, quando foi descoberta a propriedade dos imans, de se collocarem na direcção Norte-Sul sempre que podem mover-se livremente.

É indubitavel que os chineses tinham descoberto esta propriedade muitissimo antes dos europeus; mas nenhum dado existe que prove que esta descoberta nos veiu d'elles. Poderá dizer-se que a trouxeram os marinheiros árabes para a Europa, por isso que tinham frequente contacto com a marinha mercante chinesa no Oceano Indico, e sabe-se que dos chineses aprenderam muito n'este ramo e que iam directamente até á China; mas, se elles tivessem trazido a bussola para a Europa, seria natural que a tivessem posto em uso antes de tudo no Mediterraneo, pelo qual os árabes communicavam com as nações europeias; todavia não succedeu assim. Por outro lado, teria sido muito natural que o célebre Marco Polo, tão sagaz para tudo quanto tinha relação com o commercio, e que tão grandes viagens realizou pelo mar da China e através do Oceano Indico, sempre em barcos chineses, mencionasse e descrevesse a agulha magnetica, se o seu emprêgo tivesse sido geral n'aquellas regiões orientaes do mundo antigo; Marco Polo, porém, guarda um silencio absoluto a respeito de tal instrumento nautico.

Em compensação, faz-se menção pela primeira vez na Europa da força magnetica em países onde nunca chegou a influencia árabe, isto é, na Inglaterra e na França septentrional; razão por que póde suppôr-se que a propriedade da agulha magnetica de tomar, no estado de rotação horizontal livre, a direcção Norte, foi descoberta, independentemente, nos dois extremos oriental e occidental do mundo antigo. As duas auctoridades mais antigas, que mencionam a agulha magnetica, são o inglês Alexandre Neckam, desde o anno de 1180, cathedratico em Paris, e o poeta francês Guiot de Provins. Juntamente com isto, as obras de physica de Aristóteles tornaram a adquirir, em fins do século XII, grande importancia na universidade de Paris, e com ellas o estudo das sciencias naturaes; de fórma que não deixa de ter um fundo plausivel a supposição de que tão importante e nova descoberta se fêz em Paris, já que ali e no Norte de França, foi mencionada pela primeira vez por Alexandre Neckam, na sua dissertação *De Uten-*

silibus, e na sua obra *De Naturis rerum,* que publicou no ultimo decennio do século XII; e a seguir por Guiot, na sua poesia satyrica, *La Bible,* que escreveu no primeiro decennio do século XIII.

O primeiro modo de empregar a agulha magnetica consistiu em mettê-la dentro d'uma palha e fazê-la fluctuar assim n'uma vazilha cheia de agua; mas em breve se ideou fazer girar a agulha sobre a ponta d'outra agulha vertical, usando-se durante muito tempo ambos os methodos, porque então de tudo se fazia segredo. Todavia, no anno de 1258 faz-se menção da vazilha de agua com a agulha fluctuando livremente, como sabemos por Brunetto Latini. Expulso este de Florença, diz que visitou no referido anno o célebre Rogerio Bacon, o qual lhe mostrou, entre outras coisas, um iman que possuia a qualidade surprehendente de attrahir o ferro, e que uma agulha friccionada contra elle, ligada depois a uma palha e deixada fluctuar livremente, se collocava sempre de modo que a ponta se dirigia para a estrella polar. Mas, diz Latini, apesar do grande mérito que esta descoberta tem, ao que parece, para todos os navegantes, é necessario tê-la ainda secreta, porque nenhum capitão de navio póde atrever-se a servir-se d'ella sob pena de ser olhado como bruxo e mago; nem encontraria marinheiros para o seu navio, se n'elle levasse semelhante instrumento, que só póde ter sido feito com ajuda do diabo.

Como este Brunetto Latini era italiano, e não conhecia a existencia do iman antes de Bacon lh'a ensinar, é muito provavel que no seu tempo fôsse ignorada esta descoberta nas costas do Mediterraneo, onde, comtudo, devia ter sido conhecida primeiro, se os árabes a tivessem trazido da China para a Europa.

Depois do anno de 1270 apparece já a agulha magnetica combinada com a rosa dos ventos, isto é, constituindo já a verdadeira bússola (palavra de origem hollandesa) ou agulha de marear.

Tem sido muito nomeado, e até passa por inventor da agulha de marear, um tal Flavio Gioja de Amalfi na Italia, que dizem ter vivido na segunda metade do século XIV; mas, pelo que temos dito e por outros documentos, vê-se que não só não inventou a agulha, senão que nem sequer é auctor de aperfeiçoamentos na sua applicação, pois já antes de Gioja estava generalizado o emprêgo d'ella, conforme o patenteia por si só o assombroso progresso da cartographia nautica que se realizou, sem nenhuma especie de dúvida, no século XIII. O mappa das costas maritimas de todo o Mediterraneo que, pelo anno de 1320, foi publicado por Marino Sanudo, está feito com uma exactidão, que só era possivel alcançar empregando a bússola e trabalhando arduamente muitas dezenas de annos para chegar a completar uma obra tão grande. Esta é, além d'isso, uma prova de quão bem sabiam apreciar e aproveitar os marinheiros do Mediterraneo a nova invenção, que fêz entrar a cartographia n'um novo periodo, porque em logár de se orientarem os navegantes, como anteriormente, pelo paraiso terrestre a Nascente, de ahi por diante fizeram-no pela estrella polar para onde apontava constantemente a agulha de marear, e por aquella orientação se fizeram naturalmente os mappas.

Armados já de bússola e de cartas maritimas sentiram os marinheiros uma segurança no alto mar, tão grande, que os mais ousados extenderam cada vez mais longe as suas expedições para as regiões ignotas; e só desde então, isto é, a contar do século XIII, fôram possiveis descobrimentos definitivos. N'aquelle tempo fôram particularmente notaveis duas expedições, que se fizeram antes de expirar o citado século, posto que ficassem sem resultado, porque não se mencionam já posteriormente. A primeira é a que emprehenderam em 1281 os irmãos Vadino e Guido de Vivaldi, de Génova, com o proposito de darem a volta á Africa e velejarem por este caminho á India; a segunda

foi a que fizeram com o mesmo objectivo dez annos depois Ugolino Vivaldi e Theodosio Doria.

Mais importantes e mais fecundas fôram as expedições de marinheiros mercantes genoveses e venezianos ás costas atlanticas da Europa, aos Países-Baixos e á Gran-Bretanha, porque puderam e souberam aproveitar discretamente a experiencia adquirida, tendo por guia infallivel a bússola. As costas occidentaes da Europa tinham fama entre os antigos de extraordinariamente inhospitas, e no tempo de Strabão muito especialmente as costas septentrionaes da Hespanha, das quaes diz: «Esta região, costeando o Oceano, está privada de relações e de tráfico com outros países; e é escassamente povoada».

Na Idade-Média houve alguns barcos de peregrinos que navegaram lentamente ao longo d'estas costas até desemboccarem pelo estreito de Gibraltar no Mediterraneo e chegar assim á Terra Santa, objectivo da sua viagem. Mas tudo isto não deu logar a relações de nenhuma especie; até que os italianos abriram a communicação maritima directa em fins do século XIII com as cidades dos Países-Baixos, fazendo escala, a meio do caminho, no porto de Lisboa que estava naturalmente indicado. D'este modo excitaram a ambição maritima dos portugueses, os quaes deviam fazer olvidar muito em breve os louros dos seus mestres. O rei Dom Dinís foi o primeiro que dirigiu a attenção dos seus súbditos para este manancial novo e seguro de lucro e de gloria; e, como temos dados que provam que no decorrer do século XIV houve por vezes no porto de Lisboa de 400 a 500 navios, vê-se que a navegação pelo Atlantico ia prosperando e augmentando continuamente.

Não cabe dúvida tambem de que alguns d'estes navios, arrojados fóra do seu rumo pelos temporaes, descobriram outra vez as ilhas Canarias, a julgar pelas noticias repetidas que ácêrca d'estas ilhas se espalharam, sem que fôsse possivel designar o auctor ou auctores do seu descobrimento, sendo mais provavel que fôssem genoveses, o que não obsta a que tambem chegassem quási simultaneamente portugueses e franceses ás ilhas Afortunadas, se bem que o seu aspecto não correspondesse ás suas esperanças de encontrarem ali um paraiso terrestre.

No anno de 1341 enviou o rei Affonso IV ás Canarias varios navios ás ordens d'um genovês e d'um florentino, que ao cabo de cinco dias de navegação favoravel chegaram em principios do mês de Julho e visitaram no decorrer do verão várias das 14 ilhas de que tomaram nota entre grandes e pequenas, especialmente a Grande Canaria e provavelmente tambem a de Ferro e a de Fuerteventura. Descreveram tambem o Pico de Tenerife e regressaram no mês de Novembro.

N'uma patente de concessão papal do anno de 1344 enumeram-se as ilhas de Canaria, Vingaria, Pluviaria, Capraria, Junonia, Embronia, Atlantica, Hesperica, Cernent, Gorgonas e Galeta, algumas das quaes não fazem parte das Canarias, e a de Galeta acha-se junta á costa de Tunis.

Os primeiros que se estabeleceram nas Canarias fôram genoveses, e o cavalleiro Lancelloto, da estirpe nobre dos Malocelli de Génova, construiu até um castello que se encontra assignalado no mappa catalão do anno de 1375 com o nome de Lanzeroto Maloxelo. Se a isto juntarmos que no portulano do anno de 1351 da bibliotheca dos Médicis figuram já 9 ilhas com nomes novos, cuja fórma é a do dialecto genovês, ficará patente que ás primeiras expedições portuguesas se seguiram muito em breve outras genovesas. Entre estes nomes genoveses mencionaremos só a ilha *de li Parme* (das Palmas) e a do *Inferno,* que é a de Tenerife, por causa do seu elevado vulcão.

Por aquelle tempo, talvez pelo anno de 1346, effectuou tambem a sua viagem o

cavalleiro inglês Machim, que, fugindo do seu país, foi arrojado á ilha da Madeira, que está já registada no portulano referido, do anno de 1351, com o nome italiano de *Isola de lo legname;* e junto a ella outra menor chamada Porto Santo, nome que tem ainda hoje. Até já se haviam descoberto então os Açores situados muito mais longe, tendo o grupo Sudeste no referido portulano o nome de *Insula de Cabrera.* Este é, além d'isso, o primeiro mappa que representa a Africa meridional, se bem que d'uma maneira imaginaria e caprichosa.

De tudo isto se vê que em meados do século XIV se havia tornado a descobrir, pelo menos, tudo o que souberam os antigos. Estava reservado aos portugueses extender os limites do mundo conhecido no periodo seguinte, e, depois de serem já conhecidas com mais ou menos exactidão as costas occidentaes do mundo antigo, ir desde o extremo meridional da Africa até ao Cabo Norte da Europa dar o impulso á navegação regular systhematica do Oceano Atlantico.

Antes de encerrar esta primeira parte da nossa obra, convem examinar tambem as viagens dos dois irmãos venezianos Nicolau e Antonio Zeno em fins do século XIV. Estas viagens realizaram-se na parte norte do Oceano Atlantico entre a Scandinavia e a Groenlandia, aonde os normandos tinham levado as suas mais antigas expedições maritimas. A explicação dos pormenores d'estas viagens offereceu tantas difficuldades, que deram resultados inteiramente oppostos, principalmente pela corrupção dos nomes das diversas localidades, nomes que os dois navegantes venezianos, nas suas cartas, descripções e mappas, italianizaram a seu modo, segundo os ouviram pronunciar pela gente com quem trataram. O trabalho mais consciencioso para fixar a exacta correspondencia dos nomes italianizados com os verdadeiros deve-se a R. H. Major, auctor da obra escripta em inglês: «As viagens dos irmãos venezianos Nicolau e Antonio Zeno (1). Houve quem duvidasse da veracidade d'estas narrações, julgando tudo uma fraude; mas esta opinião é insustentavel, porque o conhecimento das coisas do norte, que revelam as cartas dos mencionados irmãos, excede não sómente a tudo quanto d'ellas se sabia n'aquella época na Europa, mas tambem ao que se sabia em meados do século XVI, quando se publicou pela primeira vez tão notavel narração.

Effectivamente, em fins do século XIV, provavelmente em 1390, e não em 1380 como dizem o texto e o mappa publicados posteriormente, Nicolau Zeno, descendente d'uma antiga familia nobre de Veneza, armou um barco a expensas suas para percorrer o norte da Europa, mais por curiosidade que por vontade de descobrir terras; porque já havia então coisa de um século que os barcos mercantes venezianos se arriscavam a navegar pelo Atlantico e visitavam os portos dos Países-Baixos e do Meiodia da Inglaterra.

Zeno quis penetrar mais ao norte, e um temporal levou o seu navio para além da Inglaterra, fazendo-o encalhar nas praias d'uma das ilhas Féroe, aonde accorreram corsarios para se apoderarem do barco e dos naufragos. N'esta situação appareceu um rei vizinho, a quem Zeno chama na sua narração Zichmni, o qual protegeu e libertou os infelizes; e, agradecido o veneziano, entrou ao serviço do seu libertador e convidou tambem seu irmão Antonio, então em Veneza, a juntar-se-lhe. Antonio acceitou o convite e partiu para o norte a reunir-se a Nicolau, o qual morreu quatro annos depois da sua chegada á mesma ilha, onde naufragára, e que os dois chamaram Frislandia nas suas narrações. Antonio ficou ali ainda dez annos, escrevendo várias cartas a outro irmão chamado Carlos, que desempenhava um papel importante em Veneza.

---

(1) Publicado pela Hakluyt Society. Londres, 1873.

Estas cartas de Nicolau e de Antonio Zeno ficaram no archivo da familia em Veneza, até que um descendente, Nicolau Zeno, o Moço, que nasceu em 1515, as encontrou, sendo ainda criança sem experiencia, e as destruiu em parte por não conhecer o valor que tinham. Quando chegou á idade madura, buscou o que havia ficado e compôs a descripção das expedições aventurosas dos seus antepassados, aproveitando e copiando um velho mappa original todo carcomido, que completou segundo os seus conhecimentos e á sua maneira, publicando tudo em 1558, sob o titulo: *Dello scoprimento delle*

Carta illustradora das viagens de Nicolau e Antonio Zeno (cêrca de um oitavo da grandeza original) de 1558.

Isole Frislanda Eslanda, Engronelanda, Estotilanda, Icaria, fatto per due fratelli Zeni, M. Nicolo il cavaliere et M. Antonio.

João Reinaldo Forster foi o primeiro que na sua *Historia das expedições e descobrimentos no Norte,* publicada em 1784, indicou a importancia d'esta narração e a fé que merecia; e a mesma confiança manifestou Alexandre de Humboldt nas suas *Investigações criticas,* dizendo que, examinando esta narração sem preoccupações, se encontravam n'ella a melhor bôa fé e muitos pormenores de coisas que era impossivel inventar por não existir n'aquelle tempo dado nenhum na Europa que tivesse podido facilitar semelhante invenção.

Em troca, temos a opinião contraria do almirante dinamarquês Zahrtmann, que classificou tudo de invenção do mais novo dos Zenos.

Depois veiu o mencionado R. H. Major evidenciando a exactidão da narração na parte relativa ás ilhas Féroe e a correria do rei que Zeno chamou Zichmni, senhor de Porlanda e de Sorona, que, segundo Forster, era o chefe escossês Henrique Sinclair de Roslyn, investido por Hakon IV, rei da Noruega, nos senhorios das ilhas de Orkney e

de Caithness, separadas pelo estreito de Pentland, que o navegante italiano mudou em Porlanda, e que logo o seu descendente corrompeu no seu mappa, em Podanda, lendo um *d* em logar de *rl*. De Caithness fêz Contanes, e de Swona, pequena ilha, fêz Sorona.

O Zichmni de Zeno quis conquistar as ilhas Féroe, chamadas em dinamarquês antigo Faeröisland, que Zeno transformou em Frislandia.

O filho de Christovão Colombo, Fernando, refere tambem na biographia de seu pae que este havia passado, no anno de 1477, de Bristol á Frislanda, o que acaba de evidenciar a identidade d'esta ilha com a maior das Féroe; e, como esta biographia foi publicada em 1571, isto é, treze annos depois da narração de Zeno, é evidente que na narração não ha plagio; e, se o mappa publicado por Zeno apresenta todo o grupo como uma só ilha compacta, a culpa é de Zeno, o Moço. A frota expedicionaria de Zichmni tomou sem grandes difficuldades as ilhas Ledovo, Ilofe (em vez de Slofe), e outras ilhas menores no golpho de Sudero, que não é outro senão o de Suderoefjörd, entre as ilhas Suderoe e Sandoe; do que resulta ser Ledovo a pequena ilha penhascosa quási inaccessivel de Little Dimon e Slofe a ilhota vizinha de Sknoe. D'ali passou a expedição ao porto de Sanestol (Sandoe) e os expedicionarios aportaram perto de um logar chamado Bondendon, que seria provavelmente Norderdahl em Stromoe. D'ali dirigiram-se os conquistadores, atravessando a ilha, á capital, Frislanda, que seria Thorshaven, com a differença de que Zeno lhe dá o nome da ilha, dizendo que está situada n'uma bahia abundante em peixes, d'onde se se abasteciam barcos de Flandres, Bretanha, Noruega e Dinamarca; e effectivamente desde muito tempo goza aquella bahia fama de abundante em pesca.

Posteriormente Nicolau Zeno dirigiu uma segunda expedição contra o que chama Estland, que são as ilhas de Shetland, sendo dispersados alguns barcos para o Sul até Grislanda, que é a ilha principal das Orkneys (Orcades) e que se chama Hross-ey ou Gross-ey, ou seja Grande Ilha.

Pois bem, Zeno, o Moço, transportou «Grislanda» para as costas d'aquella Ilha Grande, da mesma maneira que confundiu a Eslanda com Islandia, posto que o texto original italiano diz *le Islande*, isto é, fala no plural. A consequencia d'este êrro capital é que todos os nomes das ilhas e costas de Shetland se encontram no mappa recomposto, collocados nas costas da Islandia, como Talas (Yelli), Broas (Barras), Iscante (Unst), Trans (St. Romans Isle), Mimant (Mainlant), Dambere (Hamna) e Bras (Bressay).

Averiguado este êrro reconhecem-se todas as localidades e a situação d'ellas. As confusões introduzidas no mappa por Zeno, o Moço, não são culpa da narração, cuja veracidade, pelo contrario, confirmam; porque, se tudo fôsse uma invenção do século XVI não teria resistido a uma investigação geographica exacta.

É provavel que a expedição ás Féroe e a outra ás ilhas Shetland, tivessem sido feitas respectivamente em 1390 e 1391.

No mês de Julho do anno seguinte Nicolau fez-se ao mar com tres barcos pequenos para descobrir a Groenlandia, se bem que a narração attribue a este ultimo país coisas evidentemente proprias exclusivamente da Islandia. Hoje não podemos saber se estes erros estavam já nas cartas originaes, ou se são devidos a Zeno, o Moço, ao compilar os fragmentos rotos d'aquellas. Refere este que Nicolau Zeno, o velho, encontrou no que se chama Groenlandia um convento com frades prégadores e uma igreja dedicada a São Thomás ao pé d'um vulcão em actividade, tendo conduzido os religiosos um manancial proximo de agua thermal para o seu convento para o aquecer e á igreja, servindo-se da agua a ferver para cocção dos alimentos e aquecer com ella alguns

canteiros, afim de obterem fructos e flores proprios de climas mais temperados. Junto ao convento, diz a narração, vivem selvagens (que deviam ser esquimós), que se alimentam da pesca e se servem de canôas cujo cavername de ossos de peixe é coberto de pelles cosidas tão solidamente que estas barquitas leves desafiam todas as tempestades.

Aqui temos dados mesclados: um, proprio exclusivamente da Islandia e o outro, da Groenlandia. N'este ultimo país não se conheceram nunca, nem então nem hoje, vulcões activos, e muito menos nada que se pareça com o aproveitamento das aguas thermaes, ao passo que os selvagens indigenas ou esquimós só são proprios da Groenlandia e não da Islandia, cujos vulcões são conhecidos de longa data. Outra prova de que Zeno chegou, todavia, realmente á Groenlandia, temo-la no promontorio mais meridional d'este país, que elle chama em seu mappa Avorf, e que se torna a encontrar com o nome de Hvarf na descripção da Groenlandia escripta por um tal Ivar Bardsen, no século XIV, e com o nome de Haf-hvarf na chorographia de Björn Jansen.

Em abono da veracidade da narração de Zeno e da sua visita á ilha da Islandia, refere o almirante Irminger na *Revista da Sociedade geographica inglesa* do anno de 1879, que nas suas duas visitas feitas áquella ilha nos annos de 1826 e 1834, viu a antiga morada do célebre historiador Snorre Sturleson, que viveu n'aquella ilha em Reikolt (1178 a 1241), e edificára ao lado da sua casa umas thermas alimentadas pela agua quente d'um manancial proximo, sendo tudo construido tão solidamente que podia ter-se utilisado ainda, apesar de terem passado seis séculos desde a sua construcção. O mesmo almirante encontrou em Reikjadal disposições para aproveitar o calor da agua thermal na cocção dos alimentos.

Nicolau Zeno morreu pouco depois da sua volta ás ilhas Féroe, victima dos effeitos do clima polar, irresistiveis para um homem do Meiodia da Europa, succedendo-lhe no seu cargo e dignidades seu irmão Antonio, a quem Sinclair soube reter junto da sua pessoa durante muitos annos ainda, levando-o comsigo a uma expedição montada em grande escala para descobrir terras a Oeste. Sinclair tinha ouvido, pela narração de alguns pescadores que 25 annos antes tinham sido arrastados muito para Oeste do Atlantico, que ali existiam grandes ilhas e continentes.

Estas terras fôram o objectivo da sua nova expedição. A narração feita pelos pescadores perdidos, e tão longo tempo ausentes do seu país, foi communicada por Antonio a seu irmão Carlos em Veneza, e, posto que contenha alguns pormenores contradictorios, é evidente que pinta a largos traços as costas americanas do Mexico, coisa, de resto, nada surprehendente, attendendo ao que se sabe das tentativas de colonização feitas nas plagas da Nova Inglaterra pelos normandos no século XI, cujas expedições ás plagas americanas poderiam muito bem ter sido seguidas d'outras.

Aquelles pescadores contaram que tinham sido levados até 1.000 milhas para Oeste das Féroe (a Frislanda de Zeno), a uma ilha chamada Estotilanda, mais pequena que a Islandia, mas muito mais feraz, e que no centro d'ella se elevava uma montanha muito alta. Os habitantes eram intelligentes, affaveis, tinham um idioma especial, uma escripta, e na bibliotheca do rei havia até alguns livros latinos. Usavam embarcações de véla, com as quaes chegavam até á Groenlandia, mas não conheciam a bússola. Depois de terem os pescadores passado cinco annos no país, fizeram uma expedição por terra para o Meiodia até ao país de Drogio, habitado por canibaes que mataram e comeram uma parte dos expedicionarios. Não conheciam nenhum metal e só usavam lanças de madeira. Mais para o Sul havia povos mais civilizados, os quaes habitavam em cidades e sacrificavam, nos seus templos pagãos, victimas humanas, cuja carne comiam depois. O país era abundante em ouro e prata.

O nome de Estotilanda n'esta narração indica vestigios de um estabelecimento normando, embora a civilização apparecesse muito exaggerada; e as noticias sobre os países mais meridionaes com a sua abundancia de ouro, os seus templos e sacrificios humanos, applicam-se perfeitamente ao Mexico, não podendo, porém, identificar-se nem Estotilanda nem Drogio. De todos os pescadores só regressou um que devia servir de guia á expedição magna de Sinclair e de Antonio Zeno, mas aquelle pescador morreu por desgraça pouco antes da esquadra se fazer ao mar, o que fêz que não pudessem encontrar aquelles países. Além d'isso, foi levada pelas tempestades em direcção do Sudoeste até uma ilha chamada Icaria, onde, no dizer de Zeno, o Moço, todos os reis se chamavam Icaros, desde o primeiro rei que foi filho do rei Dédalo da Escocia. Isto, como se comprehende, são imaginações italianas accrescentadas pelo dito Zeno, de sua propria lavra; porque, segundo observou Forster muito accertadamente, foi a expedição simplesmente ao país de Kerry na Irlanda, ao qual se applicam muito bem todas as circumstancias da descripção, taes como a attitude hostil dos habitantes e outras. D'esta Icaria ou Kerry chegou a esquadra á Groenlandia, d'onde regressou em breve ás Orkneys (Orcades).

Apesar das muitas obscuridades que ficam ainda para resolver na narração d'estas viagens dos irmãos Zeno, não póde negar-se a veracidade do fundo, e muito menos devem condemnar-se de leve como uma pura invenção. O mappa de Zeno, o Moço, contém certamente muitas coisas acertadas e verdades geographicas, apesar dos seus grandes erros e monstruosidades que os cartographos do século XVI se apressaram a copiar fielmente, mas o que merece uma attenção muito especial é que Zeno vem confirmar uma vez mais as noticias de estabelecimentos normandos na America.

LIVRO SEGUNDO

Pródromos da grande época

CAPITULO I

A parte oriental do mundo antigo

1. — O Oriente desde o principio da dominação dos mongoes

Ao entrar n'este novo periodo de descobrimentos devemos dirigir outra vez a nossa vista para o Oriente, d'onde tornaremos a ouvir echos de tradições antigas de países longinquos e riquissimos. Os árabes, nos primeiros tempos da sua dominação, não contribuiram nada para augmentar nos países do Occidente o conhecimento do interior da Asia, e pelo anno de 1000 da nossa era quási não se conheciam de tão vasto continente senão os Logares Santos da Palestina, objectivo dos peregrinos christãos; nem houve então tendencia alguma para saber mais. Os árabes, pela sua parte, não molestaram os visitantes piedosos, cuja curiosidade se limitou a conhecer as localidades que figuram nas tradições religiosas. Este estado de coisas mudou, quando os turcos e os seldjucidas se tornaram senhores d'aquelles Logares Santos e opprimiram os peregrinos christãos, com que suscitaram em toda a Europa um movimento que acabou por produzir as cruzadas. Estas, na verdade, não alargaram o nosso conhecimento da Asia occidental para além da Mesopotamia; mas o contacto com a civilização árabe despertou outra vez no Occidente o afan de saber, e contribuiu indirectamente para reanimar o interêsse, totalmente extincto, pelas questões geographicas. Pelos árabes tornaram outra vez a ser conhecidos na Europa os classicos gregos, e em especial Aristóteles, que fêz encaminhar para o estudo das sciencias naturaes os melhores genios do Occidente, taes como Alberto Magno, que morreu em 1280, e Rogerio Bacon, que morreu em 1292 ou 1294.

Isto quanto ao renascimento intellectual europeu em geral; mas o primeiro impulso directo para emprehender grandes viagens a regiões desconhecidas veiu da formação do grande Imperio dos mongoes. Em principios do século XIII o arrojado chefe Temudschin reuniu sob o seu sceptro grande numero de tribus mongolicas e tártaras das dilatadas esteppas do centro e norte da Asia, e tomou o titulo de Grão-Senhor, ou seja Gengis-Khan [1]. O nome de Khan vem a significar senhor em tártaro, e é o titulo que

---

[1] Como se sabe a palavra *Khan* figura nos nossos escriptores quinhentistas nacionalizada na desinencia, que póde ver-se nas palavras: «Rumecão, Hidalcão, etc.

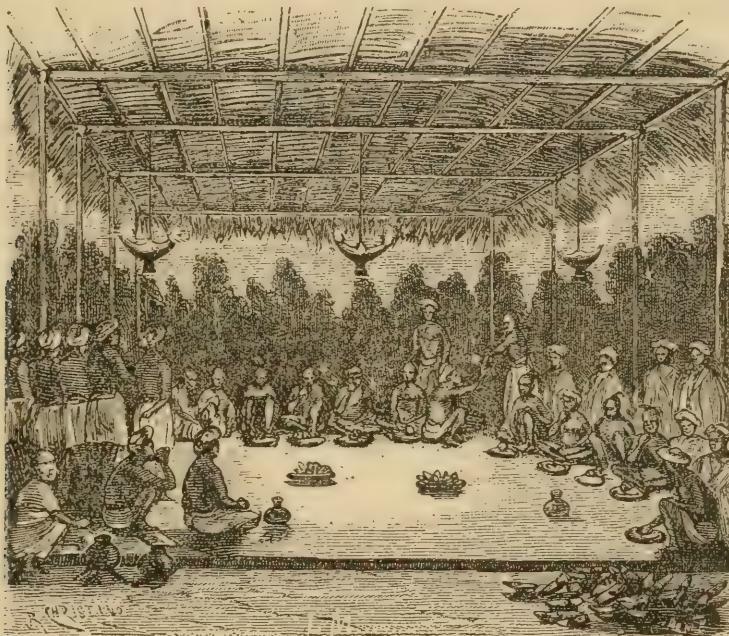
GENEALOGIA DA FAMILIA DE TEMUDSCHIN

se dá a todos os chefes sejam soberanos ou não, e hoje ajunta-se este tratamento na India, em geral, ao nome de todos os mahometanos, qualquer que seja a classe social a que pertençam. *Kaan* ou *Khakan* (os auctores byzantinos usavam a palavra *xagános*), era o titulo especial dos grandes principes mongolicos, de modo que em rigor deveriamos chamar Gengis-chakan ao famoso conquistador Temudschin, a cujos pés esteve prostrada por espaço de 20 annos quási toda a Asia, depois d'uma sangrenta irrupção de innumeraveis povos e raças, mais assoladora que nenhuma das que havia visto aquelle vasto continente. A irrupção d'aquellas innumeraveis hordas effectuou-se em tres direcções: para léste, sul e oeste, inundando Tangut e a China septentrional, os países do Turan e a Persia. Debaixo d'este diluvio humano ficaram feitos em pedaços thronos poderosos, arrasadas populosas cidades e mortos milhões de seres humanos. Morreu Temudschin em 1227; mas o movimento seguiu seu curso. Dos seus quatro filhos succedeu ao pae, na sua dignidade suprema, Okkodai, cujos exercitos se arrojaram sobre a Russia, chegaram aos confins da Silesia, occuparam Moscow e reduziram a cinzas Kieff, até que a impetuosa corrente encontrou o seu dique nos sudetas. Na Asia occidental transbordaram as hordas mongolicas sobre a Armenia, Asia Menor e Syria; e na Asia oriental caíu a China meridional em poder do *Khakan Kublai* e dos seus mongoes.

Os cruzados christãos, luctando pela posse da Terra Santa contra os principes e povos mahometanos na Asia Menor, na Syria e no Egypto, perdendo continuamente terreno, julgaram que os mongoes poderiam ser seus auxiliares contra o inimigo tenaz e mortal da sua religião, e viram com grande satisfação que os novos conquistadores procedentes do interior da Asia não participavam do fanatismo religioso dos árabes e turcos, e que, muito ao contrario, se mostravam igualmente tolerantes para mahometanos e christãos; coisa que está na indole da raça mongolica como está o fanatismo religioso na semítica.

Difficilmente haverá no mundo povo mais indifferente ou frio em materia religiosa que os chineses, ao passo que os povos semitas da Asia occidental são fundadores do monotheismo, e por desgraça tambem, do fanatismo religioso. Estas ideias e este fervor communicaram-se ás tribus turcas, não, porém, ás mongolicas, as quaes não quiseram ver em cada christão um inimigo seu só por aquelle facto, senão que, comtanto que se não oppusessem ao seu dominio, eram tolerantes para uns e para outros.

Assim era que entre elles havia muitissimos christãos, e não sómente individuos isolados arrastados pelo turbilhão das nações que obedeciam ao Grão Mongol, senão tambem christãos europeus, pois que os enviados do Papa encontraram na côrte dos Khans de Caracorum, ao Meiodia do Baikal, franceses e húngaros, e o proprio Marco Polo até na China encontrou um allemão. Além d'isso havia tribus inteiras no vasto Imperio mon-

golico que se inclinavam para o Christianismo e, segundo corria, os christãos nestorianos tinham levado a sua fé até cidades remotas da Asia oriental, convertendo ali muitos naturaes. Dizia-se que os kerais no noroeste da China eram todos christãos; e o padre franciscano Rubruquis, que percorreu aquelles países como enviado do rei de França, segundo veremos em breve, disse que a tribu dos naimons, na região superior do Irtisch, era na totalidade nestoriana, isto é, christã tambem. Muitos christãos chegaram a conseguir uma posição distincta e influente no serviço e côrte dos principes mongoes; e os proprios soberanos do vasto Imperio estavam em contacto directo com o Christianismo por laços matrimoniaes. O imperador mongolico Kublai e seu irmão Hulagú

Pancatty ou banquete (India).

tinham mães christãs, que sempre deviam ter exercido grande influencia, e facilitado as relações amigaveis entre os chefes da christandade e os khans por meio de muitas embaixadas e cartas, chegando mais d'uma vez os papas a conceber grandes esperanças d'um incommensuravel campo de propaganda christã fructifera no longinquo Oriente. Em semelhantes circumstancias era muito natural que se organizassem expedições de missionarios para operarem systhematicamente entre os mongoes.

2. — O Preste João

Entre todas as noticias que correram então pela Europa a respeito da favoravel perspectiva de trazer as regiões asiaticas para o Christianismo, figurou em primeiro logar um personagem mysterioso, conhecido por *o rei sacerdote ou Preste João,* do qual se contava que reinava sobre um povo inteiramente christão. Ainda hoje não se chegou a desfazer a obscuridade que envolve esta questão, nem se sabe a sua origem;

mas parece que a credulidade candida d'aquelles tempos confundiu varios personagens notaveis do Oriente para fazer d'elles um fabuloso rei sacerdote, ou tomando-os successivamente um após outro pelo mesmo rei.

A primeira noticia do Preste João encontra-se nos escriptos do historiador allemão Ottão de Freising, irmão uterino do imperador Conrado III da Allemanha. Refere este escriptor que, tendo encontrado no anno de 1145 em Viterbo, na Italia, o bispo de Gabula (Tibal no norte da Syria), este lhe referira, derramando lagrimas, os perigos que ali ameaçavam a Igreja christã desde a queda de Edessa. «Ha poucos annos, dissera o bispo, no afastado Oriente, para além da Armenia e da Persia, appareceu um tal João, sacerdote e rei ao mesmo tempo, que reinava sobre um povo nestoriano, e havia conquistado primeiramente Ecbatana, capital da Media, e vencera, seguidamente n'uma batalha de tres dias, os reis irmãos Samiardos que reinavam na Persia e na Media; que d'ali avançára mais para oeste afim de levar auxilio á Igreja de Jerusalem, tão opprimida; mas que o rio Tigre o havia impedido de passar ávante e o obrigára a retroceder».

O professor Brunn crê que estes successos se referem a João Orbelian (Ivané Orpel), o grande dignitario e general invicto do rei David da Georgia, que em 1123 ou 1124 tomou aos turcos a cidade de Ani na Armenia. Esta explicação não satisfaz, porque, se bem que a familia d'este personagem gozasse de foros e privilegios extraordinarios, que quási equivaliam ao poder real, e especialmente João Orbelian fôsse o orgulho dos georgianos, não fôram os seus feitos tão famosos, nem era a sua posição bastante independente, para fazer d'elle o rei sacerdote da lenda; sem contar que nada corrobora em tal caso a grande victoria sangrenta sobre os irmãos Samiardos. Pouco importa que se chamasse tambem João, que fôsse christão como o povo a que pertencia, que se considerasse então a Grande Armenia como país do longinquo Oriente, e que reis da Georgia tivessem tratado effectivamente de levar auxilio aos christãos da Palestina; tudo isto não basta para provar a identidade de João Orbelian com o Preste João. Por outro lado, sabe-se que os emissarios e commerciantes christãos, que fôram á Asia n'aquelles tempos, não pensavam sequer, depois do século XIII, em buscar o famoso rei sacerdote na Armenia, mas muito mais a léste; e as mesmas noticias do historiador allemão Freising, que citámos ha pouco, indicam que aquelle personagem mysterioso estava muito mais longe. Para fazer luz sobre esta questão é preciso tomar por base aquella batalha fatal de tres dias em que succumbiu o rei da Persia, com o que obteremos uma explicação mais satisfatoria que a de Brunn, se bem que seja em alguns pontos erronea a narração do historiador allemão, e fiquem ainda outros pontos obscuros, taes como a conquista de Ecbatana e o avanço até ao rio Tigre.

A derrota dos persas que, segundo a narração do bispo de Gabula, occorreu poucos annos antes de 1145, deu-se realmente em 1141. Cêrca de um século antes tinham-se assenhoreado da Persia os sultões seldjucidas e tinham extendido o seu dominio até á Asia Menor e até ao Egypto. Em 1105 foi dividido esse grande Imperio entre os dois irmãos, Mahomet e Sandjar, que são os irmãos Samiardos, ou melhor, saniardos, chamados assim pelo segundo dos dois, cujo nome Sandjar corromperam muitos em Saniard. Este ultimo conservou a sua preponderancia no Oriente, e os filhos de seu irmão reconheceram o seu superior dominio; de sorte que o historiador Ottão de Freising commetteu um êrro quando falou ainda em 1145 de irmãos samiardos.

Entre os países dependentes da Persia então, contava-se tambem a Karismia no curso inferior do Amu-Daria. Este país quis tornar-se independente e, tendo Sandjar

morto o filho do schah Atfis, este para vingar-se chamou em seu auxilio os khatas, povos que habitavam o país de Ma-vera-el-nar (Transoxania). Fazendo-lhes entrever que poderiam apoderar-se d'alguns territorios por sua conta e apresentando-lhes a emprêsa como muito facil, determinou-os a seguirem o seu conselho, reunindo-se assim 300.000 cavalleiros que invadiram o Imperio de Sandjar.

Este saíu com o seu exercito ao encontro d'elles e soffreu uma derrota tão sangrenta perto de Samarcanda, que perdeu 100.000 dos seus, entre os quaes 12.000 pessoas principaes e 4.000 mulheres, e elle mesmo teve que fugir para Balch. Assim o refere Ibn-el-Athir, que viveu de 1160 a 1253 e é o auctor árabe mais antigo que fala d'este successo.

O mesmo auctor classifica este povo khata de turco e diz que o seu chefe era um chinês que usava o titulo de Ku-chan, ou antes, Kur-chan.

Resulta, pois, que este conquistador se dirigiu para a parte occidental da Asia com povos tártaros e chineses, invadindo os países do Islam e causando a primeira derrota capital a Sandjar, não vencido até então.

Esta deslocação de tão imponentes massas de povos explicam-no-la os escriptos chineses.

Uma tribu que os chineses chamavam *khitanes,* que habitava a Mandchuria, e era provavelmente um ramo tunguso, alcançou no decurso dos séculos certo grau de civilização, que a pôs em estado de formar um reino independente e de extender o seu dominio sobre os países vizinhos, tanto que no anno de 907 subjugou uma parte da China septentrional até ao rio Lop-nor, e pouco depois toda a China do norte. Este Imperio dos khitanes foi conhecido no Occidente com o nome de Khitai ou Catai e existiu até ao anno de 1123, época em que perdeu o seu dominio sobre a China. O primo e general em chefe do ultimo imperador khitan, chamado Yeliutache, fundou a oeste do rio Lop-nor um novo Imperio que por meio de rapidas conquistas se extendeu em breve sobre o país elevado do Pamir até ao rio Oxo no Turkestan occidental, onde o filho do primeiro imperador Yelinyliui, morto em 1153, venceu perto de Samarcanda, em Setembro de 1141, o sultão Sandjar. D'esta maneira dilatou aquelle Imperio as suas fronteiras quási até ao Mar Caspio, chegando a sua fama até á Europa. Os imperadores usavam o titulo de *curchan* ou *gurchan* que na Europa se corrompeu gradualmente em João. O seu novo Imperio chamou-se o dos karachitanes, ou seja dos khitanes negros.

Ali, a oeste do Mar Caspio, foi que os viajantes europeus buscaram primeiro o famoso Preste João, e não o encontrando, pois que o Imperio foi destruido no anno de 1215 por Temuschin, na sua imaginação situaram o reino do rei presbytero cada vez mais para léste, até que finalmente deram á propria China o nome de Kitai, Catai, ou Cathaya, que conservou durante muitos séculos.

O já citado religioso Rubruquis e Marco Polo tomaram pelo Preste João o rei Ungchan dos Keraitas na Mongolia oriental e outras vezes confundiram-no tambem com Yelutiache. Estas mudanças e transformações do mythico rei sacerdote continuaram no século XIV, época em que se julgava havê-lo descoberto na pessoa do rei christão da Abyssinia, país em que tambem o buscou no século XV o infante de Portugal, Henrique, o *Navegador;* e em fins do mesmo século e até no seguinte enviaram os reis portugueses embaixadores ao célebre Preste João, que para todo o Occidente constituiu durante tão longo tempo uma especie de consolação pelo auxilio que tão poderoso alliado imaginario e longinquo podia prestar aos christãos perseguidos.

3. — Os primeiros missionarios christãos no Oriente

O papa Innocencio IV foi o primeiro que se propôs entrar em relações directas com os mongoes. Foi tomada esta resolução em 1245 no memoravel concilio de Lião, o qual decidiu enviar para este fim duas embaixadas religiosas distinctas ao Oriente; antes, porém, de seguir esta narração, lancemos um olhar sobre a organização politica dos países mongolicos.

Á morte de Gengis-Khan, ficou o poder supremo nas mãos de seus filhos, um dos quaes recebeu o titulo de seu pae de senhor dos senhores ou khakan, e os demais o titulo inferior de khan, e dividiu-se o immenso Imperio em quatro Estados. O khakan ficou com a Asia Oriental: a China, o Tibet, a Mongolia oriental e a Mandchuria. A sua residencia era Kaanbalig, que quer dizer *cidade do khakan*, e hoje se chama Pekin. O nome mongolico d'esta cidade foi alterado no Occidente de differentes maneiras, soando ás vezes Cambalic e outras Cambaluc.

A oeste d'este Imperio ficava o de Chagatai, ou seja o Imperio do Centro, que comprehendia os altos planaltos do Pamir com ambas as vertentes e, por conseguinte, partes do Turkestan Oriental e Occidental e todo o Afganistan; isto é, extendia-se desde o Altai até ao Hymalaia Occidental e até ao curso superior do Indo e pelo sudoeste até ao Amu-Daria. A capital era Almalik, junto ao rio Ili, no seu curso superior perto da cidade actual de Culcha. A sudoeste d'este Imperio achava-se o Imperio medo-persa, que comprehendia a Persia, a Armenia, a Mesopotamia e partes da Asia Menor. O khan d'este terceiro Imperio, que foi o primeiro que se decompôs, tinha a sua residencia em Tebris. O quarto Imperio, ou seja o da horda de ouro ou Kipchak, era o mais occidental e comprehendia as planicies da Asia e da Europa Oriental, desde o rio occidental do Altai até aos montes Carpathos, sendo a capital Serai no curso inferior do Volga. Através d'este ultimo Imperio passaram quási todas as embaixadas que os soberanos da Europa enviaram ás côrtes dos reis mongolicos, e igualmente passavam as vias commerciaes que se estabeleceram muito em breve entre a Europa e o extremo oriental da Asia; de fórma que o Imperio de Kipchak servia de mediador entre o Occidente e o Oriente.

Em meados do século XIII reuniram-se diversas circumstancias para favorecer a realização do projecto, concebido havia muito tempo, de estabelecer relações directas e formaes entre o Occidente e o Imperio mongolico. Então, isto é, em 1241, tinham penetrado os mongoes até á Silesia, por conseguinte até ao coração da Europa, emquanto por outro lado se tornaram a ver em grande aperto os estabelecimentos christãos da Terra Santa, aonde accorreram do Turan, a léste da Asia, hordas mercenarias turcas, repellidas pelos mongoes, as quaes se espalharam pela Syria, e conquistaram em 1244 Jerusalem. Em consequencia d'isso, o papa Innocencio IV tomou a resolução que indicámos no principio d'este artigo.

N'aquelle tempo eram designados os mongoes por tártaros ou tátaros, nome de uma das suas tribus mais valentes, a dos tatas, horda pequena e nómada, estabelecida entre o Kuku-nor e as nascentes do Hoang-ho e que se tornára temivel na Europa como vanguarda das hordas mongolicas, destruindo a ferro e fogo tudo o que encontrava á sua passagem. Na opinião dos povos ignorantes e aterrados, aquelles invasores eram verdadeiros abortos do inferno, demonios arrojados ao mundo pelo Tártaro; razão por que lhes ficou este nome em logar de tatas ou tátaros. Comprehendendo-se sob tal

denominação todos os povos turánicos e mongolicos que invadiram então parte do Occidente christão, estabeleceu-se para muito tempo uma grande confusão ethnologica a respeito dos povos asiaticos.

A estes tártaros se dirigiram, pois, as duas embaixadas organizadas pelo Papa; composta uma de frades dominicanos e a outra de franciscanos; e, saindo ambas a cumprir a sua missão no mesmo anno. A primeira tomou o caminho que tinham seguido as hordas mercenarias turcas que, depois de atravessarem a Syria, haviam saqueado Jerusalem. A segunda atravessou as esteppas desertas da Russia e passou á Asia pelo mesmo largo caminho, pelo qual haviam passado desde a antiguidade mais remota todas as ondas humanas que a Asia havia vomitado sobre a Europa culta.

O termo da viagem de ambas as missões era a capital dos khans, isto é, a cidade de Caracorum, perto do lago Baikal. A missão dominicana era composta de Ascelin, Simão de São Quintino, Alexandre e Alberto, aos quaes se aggregaram no caminho André de Lonjumel e Guiscardo de Cremona. Tomaram a via maritima até á Syria, atravessaram este país, a Mesopotamia e a Persia, e chegaram até á fronteira de Karismia, onde encontraram o general mongolico Bachu, com o qual tiveram uma entrevista, e a seguir regressaram por onde haviam ido, de modo que fizeram toda a viagem de ida e volta em 59 dias. A geographia tirou pouco proveito d'esta expedição e tudo o que se sabe sobre ella deve-se ao célebre Vicente de Beauvais que mencionou no seu *Speculum historiale* o que lhe referiu Simão de São Quintino. Tambem se sabe que André de Lonjumel continuou só a viagem e chegou pelo anno de 1248 ou 1249 effectivamente a Caracorum.

A missão franciscana era composta de Lourenço de Portugal, Benedicto de Polonia e João Piano de Carpine ou, como lhe chamam os auctores franceses, Plan Carpin. Foi-lhes fixado o itinerario terrestre pela Europa central com ordem de se apresentarem ao Khan Batu, soberano de Kipchak e, ao continuarem depois a sua viagem para Oriente, de reunirem o maior numero de dados possivel sobre os povos da Asia, e, especialmente, sobre os tártaros. As suas credenciaes fôram firmadas em Lião em 5 de Março de 1245, e no domingo de Paschoa da Resurreição saíram d'esta cidade, dirigindo-se por Troyes, Liège, Colonia e Dresde, descrevendo um vasto arco, a Praga, onde visitaram o rei Wenceslau da Bohemia, que tanta actividade e previsão tinha desenvolvido em 1241, quando soube da approximação dos mongoes, para salvar do eminente perigo os seus feudatarios e os principes vizinhos. Este soberano pôde, pois, fornecer preciosos dados e informações á missão, a qual, de Praga se dirigiu a Breslau, onde se lhe juntou Benedicto de Polonia, e logo por Cracovia, a Kieff. Ali embarcaram os frades e desceram o Dnieper até além de Kanieff (Canove), onde começava o Imperio tártaro. D'ali tomaram o caminho do quartel general do Khan Batu (ou Batukhan) nas margens do Volga. Na sua narração citam-se pela primeira vez os grandes rios da Russia: Dnieper (que chamam Népere), Don, Volga e o Ural ou Jaik, com seus nomes modernos.

O Khan Butu deu á embaixada uma escolta de segurança até á capital de Caracorum, aonde chegaram ao cabo de tres meses e meio de viagem em 23 de Julho. A Léste do rio Ural ou Jaik acharam o povo *kangita* ou *kangle,* conhecido pelo nome de *pechenegos;* depois atravessaram as esteppas dos kirguizes; tocaram em Omil, cidade fundada pelos carakitanes e situada a Léste do lago de Balkach junto ao rio Emil-Iemil que desagua no Alakul. D'ali dirigiu-se a caravana ao lago de Ulungur ou Kisilbak, onde tinham então os seus rebanhos os nómadas *naimans,* e finalmente chegaram á residencia do Khakan, distante meia jornada de Caracorum.

Chegaram n'uma época de grande movimento, porque acabava de succeder o prin-

cipe Kuyuk a seu pae Okkodai no throno imperial, e accorriam de todos os confins da Asia deputações dos innumeraveis povos e tribus incorporados no Imperio mongolico, assim como embaixadas dos soberanos vizinhos; de modo que entre todos havia reunidos na côrte uns 4.000 embaixadores para apresentarem ao novo imperador as suas homenagens e tributos. Melhor occasião não podiam ter encontrado Piano de Carpine e seus companheiros para adquirirem noticias dos povos asiaticos; mas a propria novidade e multiplicidade de noticias deu logar a graves confusões e erros na sua narração, e tanto que confundiram entre outras coisas o Mar Caspio com o Mar Negro. Tambem os missionarios viram ali pela primeira vez chineses, cujo rosto, se bem que mongolico, não lhes pareceu, todavia, tão largo como o dos mongoes e quanto a bons costumes e habilidade mecanica Piano não encontrou palavras demais para elogiá-los.

Na primavera do anno seguinte regressou a embaixada pouco mais ou menos pelo mesmo caminho que havia levado. Em Maio tornavam a estar na côrte de Khan Butu, d'ali passaram a Kieff e, finalmente, a Lião, seu ponto de partida, depois de uma ausencia de dois annos approximadamente. Piano apresentou uma narração circumstanciada de tudo, dos costumes, genero de vida, culto e organização politica dos tártaros; narração que hoje se póde completar com as do seu companheiro Benedicto de Polonia, que tambem fôram reduzidas a escripto.

Por aquelle mesmo tempo executaram igualmente viagens importantes ao interior da Alta Asia varios membros da familia real da Armenia, país então ainda independente, posto que apertado pelos seldjucidas da Asia Menor e pelos Eyubitas do Egypto, e limitado á parte oriental da costa meridional da Asia Menor. O rei Hayton ou Hethun I da Armenia Menor tomou por então a resolução de enviar seu irmão Sempad ou Sinibaldo á côrte mongolica para felicitar o grão khan Kujuk por occasião da sua subida ao throno e entender-se com elle amigavelmente, antes que as ondas mongolicas, que se iam approximando cada vez mais ameaçadoras, o tragassem a elle e ao seu pequeno reino. A viagem d'este principe Sempad durou quatro annos; mas sómente se conservou uma carta que escreveu, provavelmente de Samarcanda, ao rei de Chypre. N'este documento refere que o poder dos mongoes se extendia já quási sobre toda a Asia e que varios khans mongolicos reinavam na India, em Caata (China), em Cashgar e em Tangut (Toucat). Este ultimo país julgou Sempad que era o mesmo de que tinham saído os tres reis magos para adorarem o Menino Jesus.

Oito annos depois, em 1254, emprehendeu a viagem o proprio rei Hayton, para felicitar o successor de Kujuk, o kakan Mangku, pela sua proclamação, e assegurar de passagem a sua bôa intelligencia e amizade com o Imperio mongolico. Atravessou a Armenia e a Asia Menor; visitou o general mongolico Bachu (Bachu Noian) em Kars, d'onde se dirigiu ao Mar Caspio; contornou o Caucaso, passando pelo desfiladeiro de Derbend e teve uma entrevista com o khan Batu e com seu filho Sartach junto ao Volga. D'ali tomou uma rota mais septentrional que Piano de Carpine e Rubruquis o enviado do rei São Luís, com o qual o da Armenia atravessou as esteppas dilatadas dos kirguizes no mesmo anno, chegando ambos em 13 de Setembro a Caracorum e á residencia imperial do Grão Mongol, onde fôram recebidos com grandes honras. Depois de Hayton ter permanecido n'aquella côrte mês e meio, despediu-se no 1.º de Novembro e regressou ao seu país, seguindo um caminho mais meridional pela Songaria, Otrar, Samarcanda, Bokhara, Norte da Persia e Armenia. Na sua narração ha muitas noticias interessantes sobre os povos da Asia Oriental, occupando naturalmente o primeiro logar os chineses, de cujo culto diz que adoram um idolo chamado Skaquemonia, que não é senão Sakya-Muni ou Buddha.

Finalmente devemos mencionar um terceiro personagem da familia real da Armenia, o principe Hayton de Gorigos, a quem circumstancias politicas e successos de guerra levaram ao interior da Asia para Léste, e que depois de uma vida muito agitada se retirou a um convento na ilha de Chypre, onde professou. Depois fêz uma visita em Avinhão ao papa Clemente V, que lhe deu a abbadia dos premostratenses de Poitiers e, sendo abbade d'este mosteiro, dictou a Nicolau Salconi uma geographia da Asia e uma historia dos imperadores mongolicos em lingua francesa, que este traduziu no anno de 1307 para latim. Esta geographia da Asia é a primeira obra systhematica d'este ramo, que a Idade-Média nos deixou, e, como foi escripta em França, encontrou desde logo muita acceitação, especialmente nos conventos, onde naturalmente excitou mais interêsse por serem religiosos todos os intrepidos viajantes que até ali tinham ido á Asia.

Ganês — Deus hindú.

O auctor, principe e frade, começa a sua obra pela China e, ainda que traçou este capitulo d'um modo muito geral, póde considerar-se como o mais importante da sua obra. Este país, ao qual chama Cathai, é, segundo diz, o Imperio maior do mundo, povoadissimo e riquissimo, e é banhado pelo Oceano, semeado para aquellas bandas de innumeraveis ilhas. Os chineses, diz, são habilissimos e desprezam todas as demais nações como inferiores a elles em industria; o que os faz dizer que só elles teem dois olhos; que os latinos, que para elles são os povos do Occidente, só teem um olho, e todas as demais nações são cegas. A sua destreza é pasmosa e os productos da sua industria admiraveis. Teem olhos pequenos e nenhuma barba. Sobre a escripta diz que as lettras chinesas eram tão formosas como as latinas, do que se infere que este principe Hayton desconhecia a escripta chinesa.

De grande acêrto, dá provas a respeito da vida religiosa dos chineses, dizendo que não tinham intelligencia para coisas espirituaes. Tambem não elogia o seu valor; mas

acha notabilissimo o papel-moeda que, munido do sello imperial encarnado, tem curso em todo o país e, quando se deteriora, é trocado por outro novo no banco do Estado.

A Oeste da China fica o reino de Tarse, que se diz ser habitado pelo povo Uiguro, o que permitte fixar a sua situação entre a China e o Turkestan, isto é, na região do Tarim, posto que não se saibam ainda explicar todos os nomes, por exemplo, o de Tarse. Conhece tambem a escripta uigurica, de que os chineses fazem menção nos seus escriptos desde o século VI; e admira os grandes templos, as cidades e a abundancia de trigo d'este país. Mais a Oeste descreve o Turkestan, país de pastores nómadas; o oasis de Corasma (Chiva), e depois o Mar Caspio, que diz ser o maior lago do mundo e que não tem communicação nenhuma com o Oceano. O país principal da Asia meridional é, no seu conceito, a India, com muitas ilhas que abundam em pedras preciosas, ouro, pérolas e especiarias, sendo a mais rica a de Selan (Ceylão). Tambem indica a fórma peninsular d'este país, e sabe que no Meiodia vivem homens negros (os dravidas), e cita como grande foco de commercio a região de Combaech (Cambaya).

Não seguiremos o auctor armenio na sua descripção da parte occidental da Asia, basta-nos ver que o Oriente d'aquelle grande continente começava então a ser conhecido, ao menos nas suas linhas geraes.

Mais importante que todas as missões que acabámos de descrever foi a que o rei São Luís de França confiou ao frade franciscano, Guilherme Rubruquis. O fim da sua viagem devia ter sido tambem Caracorum. Sendo o itinerario com pouca differença o mesmo que o das missões anteriores, não resultou d'esta nova viagem um augmento de conhecimentos geographicos; o seu mérito está, porém, na magnifica narração que d'ella faz Rubruquis, a qual, pelas observações correctissimas, juizos acertados e fidelidade da exposição, livre de toda a illusão e de preoccupações erroneas, vem a ser na sua espécie o trabalho mais acabado que chegou até nós, da Idade-Média.

Motivou esta nova missão á côrte do Grão Mongol a cruzada do rei São Luís que durou de 1248 a 1254. Depois d'uma campanha desgraçada no Egypto, dirigiu-se o rei de França á Palestina, onde resolveu enviar ao imperador mongolico duas embaixadas, que deviam tomar differentes caminhos, uma pela Armenia, Persia e Turan, e a outra pela Russia meridional e esteppa dos kirguizes. A primeira era dirigida pelo frade André, de cuja viagem não se conservou narração alguma; e a segunda era composta do já mencionado Rubruquis e de Bartholomeu de Cremona. Guilherme de Rubruck, ou Rubruquis, natural da aldeia de Rubruck no actual departamento do norte da França septentrional, foi nomeado chefe da missão e fôram-lhe entregues as cartas do rei em São João de Acre. Recebeu ordem de visitar primeiramente o principe tártaro Sartach, que, com a sua horda, se achava para áquem do Volga, e dizia-se d'elle na Palestina que era christão. A este escreveu o rei Luís IX que desejava ver extendida a religião christã pelo interior da Asia.

Rubruquis embarcou, na primavera do anno de 1253, em São João de Acre para Constantinopla d'onde atravessou o Mar Negro e desembarcou no porto de Soldaia, hoje Sudak, na costa meridional da Crimeia, a sudoeste de Kaffa. Este porto era o ponto de partida de todos os commerciantes do Occidente que traficavam com os países dominados pelos mongoes, e ali podia Rubruquis, melhor que em nenhuma outra parte, dispôr tudo o que era necessario para uma viagem longa através das esteppas dos kirguizes. Seguindo o conselho de commerciantes praticos, comprou quatro carros cobertos, com atrelagens de bois, para as bagagens, provisões e presentes; porque lhe diziam que, embora d'esta maneira gastasse o dobro do tempo para chegar até á residencia de Sar-

tach, isto é, dois meses em logar d'um, tinha, em compensação, a vantagem de não ter que carregar e descarregar cada dia as azémulas.

No 1.º de Junho pôs-se a caminho a caravana, os missionarios com os seus criados montados em cavallos, com um turcomano por interprete.

Na mesma costa meridional da Crimeia notou Rubruquis um facto interessante sob o ponto de vista ethnologico. Era que viviam ainda então, n'aquellas praias pittorescas, godos que haviam conservado o seu idioma; e, como o missionario era natural d'um país limitrophe de territorios em que se falavam dialectos germanicos, não era facil que se enganasse quando classificou de idioma teutonico o d'aquelles godos do Mar Negro, onde, ao que parece, se conservaram resaibos de um dialecto germanico até ao século XVIII. Depois de atravessar uma cordilheira coberta de selvas e abundante em aguas, e logo a seguir uma ampla esteppa, chegaram ao isthmo de Perekop, tendo gasto cinco dias. Na esteppa viram os primeiros tártaros, cujo genero de vida, fórma de tendas e divisão de trabalho entre os dois sexos se encontram exactamente descriptos na narração, assim como os trajes, usos e costumes e bebidas favoritas d'estes nómadas — a aguardente de arroz e o kumis (cosmos), de sorte que o quadro ethnologico é completo. D'ali passaram por um país plano, sem bosques nem alturas, mas coberto de verdura, nas margens do Mar de Azoff. Todavia, Rubruquis descreve o rio Don como fronteira entre a Europa e a Asia, e diz que no sitio por onde passaram em barco era tão largo como o Sena em Paris. De ali até ao Volga calculára-se a distancia em dez jornadas, e em fins do mês de Julho chegou a embaixada á residencia de Sartach, situada então a tres jornadas áquem do Volga. Mais ao norte era o país coberto de selvas e atravessado de rios. Habitava ali o povo dos moxeles ou maxeles, que viviam em casas de madeira, e mais ao norte viviam os morduinos.

No acampamento de Sartach ouviu o embaixador falar do Preste João, que suppôs ser o irmão do Ungcan, chefe da horda dos naimans. Seguiram de ali até ao rio Volga, que lhes pareceu quatro vezes mais largo que o Sena perto de Paris, e disseram-lhes que não desaguava no Oceano mas no mar de Sirsan, isto é, Dskorkam, ou seja o Mar Caspio, sob cujo nome, diz a narração, o conhece Izidoro de Sevilha; d'onde se infere que este Santo e sabio era considerado ainda no século XIII como uma auctoridade geographica.

Para a historia da geographia é interessante um êrro de Santo Izidoro que Rubruquis corrige com grande escrupulo, isto é, que o Mar Caspio não passava de um golpho do Mar Glacial arctico, êrro de que padeceram todos os geographos da antiguidade, desde Aristóteles até Ptolomeu e, por conseguinte, até Strabão. Sobre este ponto diz Rubruquis: «O irmão André percorreu dois lados d'este mar, o oriental e o meridional e eu percorri as outras margens», e a seguir descreve os povos marginaes com notavel fidelidade, dizendo tambem que por todos os lados se encontravam cordilheiras, menos pelo lado norte. Apesar de tão authentico testemunho não ficou desarraigado definitivamente o antigo êrro a respeito do Mar Caspio de ser um simples golpho do Mar Glacial, porque persiste até principios do século XVIII.

O acampamento e a côrte do khan Batu pareceram aos viajantes uma grande cidade, porque as tendas dos tártaros occupavam uma superficie d'algumas leguas. Na audiencia que obtiveram os frades, exigiram os cortezãos que se ajoelhassem como faziam todos os embaixadores; elles, porém, entraram erguidos cantando o *Miserere*, e só quando os intimaram sériamente a que se prostrassem de joelhos, é que elles o fizeram para não augmentarem as difficuldades; comtudo, afim de conciliarem este acto com a religião, começaram a resar uma oração como para se persuadirem de que ajoelhavam perante

Deus e não perante o chefe tártaro, ao qual dirigiram logo o seu discurso. O mongol fê-los levantar, informou-se do fim da sua viagem e fez-lhes dar de beber leite como prova do seu particular favor. Tendo pouco depois o khan de mudar de residencia, permittiu á embaixada que o acompanhasse, e d'este modo percorreram como nómadas durante cinco semanas as terras marginaes do Volga. Finalmente, em 16 de Setembro continuaram a sua viagem em direcção a léste, deixando na côrte de Batu os seus carros, trajos e distinctivos sacerdotaes, vestindo-se segundo o estylo do país, de roupas de pelles, para resistirem aos frios do inverno e viajarem mais rapidamente, a cavallo, sem outros obstaculos. Doze dias precisaram para percorrer a distancia que separa o Volga do Jaik, isto é, ou rio Ural, que Rubruquis chama em sua narração Jagat, dizendo que vem do norte e nasce no país dos *Pascatires,* que são os baskirios, cujo idioma era identico ao húngaro, segundo lhe disseram outros frades missionarios que haviam penetrado até áquelle povo de pastores nómadas, e lhe deram ainda outras noticias interessantes. D'aquelle rio fizeram jornadas como de Paris a Orléans e até mais longas, porque os proveram de bons cavallos e, segundo os acampamentos que encontraram no seu caminho, fôram-lhes mudados duas e até tres vezes ao dia. D'este serviço se encarregaram os delegados de Batu, que por sua ordem acompanharam a embaixada, e que tiveram sempre especial cuidado de escolher para Rubruquis a montada mais robusta, porque o franciscano era homem corpulento e de muito pêso; a isto se limitaram, porém, os regalos da viagem, porque lê-se na sua narração: «A fome, a sêde, o frio e o cansaço que soffremos, não podem descrever-se. Só proximo da noite é que tinhamos uma comida frugal; pela manhã só havia fava e leite». Não obstante, não deixaram de jejuar os religiosos todas as sextas-feiras até depois do sol posto.

A natureza do país continuou a ser a mesma durante muito tempo; sempre as mesmas esteppas monotonas, interrompidas sómente em alguns pontos, junto ás margens dos rios, por pequenos matagaes, até á vespera do dia de Todos os Santos, em que mudaram a sua rota para o Meiodia e atravessaram durante oito dias uma elevada cordilheira. Desde o dia de São Miguel que os viajantes se achavam em completo inverno, não pisando senão gêlo.

Dos dados pouco precisos da narração referentes á rota póde inferir-se que a comitiva atravessou as esteppas dos kirguizes na direcção sudeste, que passou as gargantas do Caratau na margem esquerda do rio Sir Darya sem chegar a ver este, e que por ali penetrou na região do Tala, então muito cultivada e bem regada, na qual estava a povoação mahometana de Kenchak, onde fôram recebidos como enviados do khan Batu pelo governador da cidade. Mais ao sul estava a cidade de Tala, até á qual não chegaram os viajantes, mas disseram-lhes que ali existiam ainda prisioneiros que os tártaros haviam levado comsigo da Allemanha.

Para além de Tala principiava o Imperio do kakan Manku, mas a residencia d'elle ficava ainda longe. A embaixada passou outra grande cordilheira e chegou a uma nova e extensa planicie; atravessou o rio Sku em lanchas e chegou á cidade de Equius, cuja população era mahometana, e falava persa (os Tedschiks). Aquella cidade estava situada em frente da de Tokmak de hoje. Depois passaram os contrafortes da cordilheira meridional, o Mainak, e chegaram a um terceiro valle, que era a região do Ili, atravessada por muitos canaes e limitada ao norte pelo lago Balkach. Esta fertil planicie, n'outro tempo semeada de povoações então destruidas, na sua maior parte pelos mongoes, estava convertida em pastagens para os gados. Em Cailac, chamada pelos auctores mongolicos Cayalik, situada provavelmente perto de Copal ao pé do Monte Alatau na Songaria, puderam os viajantes descansar doze dias. Tornaram a pôr-se a caminho no dia

de Santo André, 30 de Novembro e fôram surprehendidos junto ao Alacul por um dos horriveis temporaes de inverno que devastam aquellas paragens; mas passaram adiante; atravessaram provavelmente a cordilheira de Targabatai, o curso superior do rio Irtich e subiram ao longo do Dsabgan. Ali tomava o país um aspecto cada vez mais deserto, esteril e intransitavel, tanto que custou encontrar com que alimentar as azémulas. A unica população n'aquelles elevados planaltos da Mongolia consistia nos destacamentos collocados ao longo do caminho para cuidarem de facilitar a viagem aos embaixadores e mensageiros que se dirigiam á côrte do Grão Mongol. Finalmente encontraram o acampamento do kakan Manku a 26 de Dezembro n'uma planicie que de longe parecia um mar em calmaria; e a 4 de Janeiro de 1255 tiveram a primeira audiencia. N'aquella côrte encontraram tambem europeus que a grande maré mongolica havia levado até áquellas regiões afastadas. Entre outras pessoas havia uma dama natural de Metz, que, achando-se na Hungria, foi raptada d'entre os seus e casára na côrte mongolica com um artifice russo; e tambem um habil ourives de prata de Paris, chamado Guilherme Buchier.

No domingo anterior ao dia da Ascensão chegaram os embaixadores com toda a horda nómada á residencia de Caracorum, e a cidade exceptuando o palacio fez-lhes uma impressão muito pobre, parecendo-lhes muito superior a esta capital a povoação e convento de São Dinís perto de Paris; não obstante haver n'aquella 12 templos pagãos, 2 mesquitas e 1 igreja, prova evidente da tolerancia ou indifferença religiosa dos mongoes. A população era composta de tártaros, chineses e sarracenos, e a cidade estava cercada por um parapeito de terra.

Manku deu aos frades embaixadores uma carta para o rei de França, na qual se intitulava senhor de toda a terra como logar-tenente de Deus, e incitava os franceses a prestarem-lhe homenagem como a soberano supremo, se queriam viver em paz com elle.

Bartholomeu de Cremona ficou em Caracorum, porque tambem havia ali uma pequena communidade de christãos e os dois frades haviam baptisado seis pessoas, entre as quais tres filhos d'um allemão; de sorte que Rubruquis regressou só com o interprete no verão de 1255. D'esta vez tomaram um caminho um tanto mais septentrional, deixando o lago de Balkach á direita, e sem encontrarem uma só cidade chegaram ao acampamento do khan Batu em dois meses e seis dias. Rubruquis e o seu interprete viveram um mês com a horda nómada d'este chefe acompanhando-a nas suas marchas até que puderam obter do khan um guia com o qual se puseram a caminho para Sarai 14 dias antes de Todos os Santos, isto é, em meados de Outubro. Passaram ali o Volga em barco, tomaram a direcção Sul, deram a volta ao Mar Caspio na sua parte occidental, chegaram ao Caucaso, ao qual Rubruquis chama a cordilheira dos Alanos, e atravessaram-no pelo desfiladeiro chamado Porta de Ferro de Derbend, deixando á mão direita os cumes mais elevados. Depois tiveram que atravessar a esteppa de Mogan e a povoação de Chemacha; passaram o rio Kur perto da foz no Aras e subiram pela margem d'este rio até Najichevan, que na narração é chamado Naxua, e passando pelo Monte Ararat chegaram a Echmiadzin. A montanha veneravel pela historia do diluvio universal impressionou com seus dois picos, não menos poderosamente, a imaginação do piedoso Rubruquis, como a de todos os viajantes christãos que a vêem pela primeira vez. Ao falar d'ella refere que muitos viajantes tinham procurado, ainda que sempre em vão, chegar ao cume d'esta montanha. Entre outros, teve tambem este desejo um monge do convento proximo; para ver a arca de Noé, que segundo a crença geral está ainda no cume onde encalhou; mas, como nenhum pé humano deve

pisar tão sagrado logar, um anjo compadeceu-se do devoto monge e fêz baixar um pedaço de madeira da arca; e este pedaço, que ainda hoje se guarda como reliquia piedosa n'aquelle convento, foi o que viu tambem Rubruquis.

De Echmiadzin passou Rubruquis com os seus companheiros primeiramente a Ani, antiga capital e residencia real da Armenia situada nas margens do Arpatskai, affluente do Aras. Esta cidade foi, no anno de 1317, completamente destruida por um terremoto. D'ali passaram a Erzerum no valle do Euphrates e seguiram adiante até Ersingan e Camak, situado n'um penhasco inexpugnavel até Sebaste (Sivas), Cesareia (Kaisarie) e Iconio. N'este ultimo ponto encontrou Rubruquis um commerciante genovês, em cuja companhia continuou sua viagem na direcção Sul até ao pequeno porto de Kurch, ponto mais occidental do reino da Armenia no Mediterraneo. D'ali passou por Chypre, Antiochia e Tripoli, chegando, depois da sua longa e penosa viagem, ao convento de Akkon pela Paschoa de Pentecostes do anno de 1256.

Comparando o itinerario de Rubruquis com o de Piano, não se vê que do primeiro adviesse grande vantagem para a sciencia geographica; mas, se se lançam na balança as muitas observações e noticias que reuniu, far-se-lhe-ha mais justiça. No tocante á geographia physica é importante a sua observação de que desde o rio Ural não encontrou nenhum que como este, o Don e o Volga se dirigisse para o Meiodia; e, depois de ter o nosso viajante passado a cordilheira do Caratau, notou que todos os rios tomavam invariavelmente o curso do Noroeste, como o Talas, o Sku, o Ili, o Irtich, etc., até Caracorum. D'isto, assim como das cordilheiras que successivamente atravessou, e dos rios que remontou, inferiu Rubruquis com muito acêrto que o solo da Asia se ia levantando progressivamente na direcção de Léste, ou antes do Sudeste, n'uma immensa superficie. Esta observação foi a primeira que deu a conhecer na Idade-Média o planalto da Asia Central. Em vez das terriveis borrascas de neve que açoutam as planicies baixas do Turan, os viajantes encontraram n'aquella alta região, desde Caracorum, um inverno sem borrascas, umas geadas com pouca neve que duraram até ao mês de Maio.

Graças á sua sollicitude em reunir dados e informes sempre que se lhe offerecia occasião, pôde Rubruquis fixar tambem os grupos principaes dos diversos povos e países. Na Europa adquiriu noticias dos russos, dos búlgaros do Volga, dos baskirios e dos países que habitavam; e mais a Léste, na Siberia, dos kirguizes, que então occupavam a região situada entre o curso superior do Tunguska e o Jenissei. Teve tambem noticias dos habitantes da região arctica, que viajam em trenós puxados por cães, e trazem nos pés uma especie de patins largos para andarem sobre a neve, que n'aquelles países não se liquefaz, antes se vae agglomerando em massas cada vez maiores. O que Rubruquis não soube foi que a Asia é limitada ao Norte pelo Mar Glacial; não ignorou, porém, pois que na sua narração o diz terminantemente, que a China, ou, como elle a chamou, o Catay, é limitada a Léste pelo Grande Oceano. Em contraposição, acreditou que os países habitados pelos coreanos e mandchús, a quem chama *caules* e *mansec* respectivamente, isto é, a Coreia e a Mandchuria, eram ilhas. Suppôs que os *sêres,* os habitantes da Sérica, mencionados pelos auctores da antiguidade, eram identicos aos chineses, cuja escripta traçada com pincel caracterizou melhor que nenhum viajante do seu tempo, dizendo que um só signal comprehendia várias lettras ou seja uma palavra e que a pronuncia do chinês era bastante nasal. Tambem acentuou o mais caracteristico das escriptas thibetanas, tanguta e uigura, comparando-as com as nossas do Occidente. Nas suas descripções das religiões, usos e costumes encontram-se traços que lhe conferem crédito de bom observador; nada omitte que possa offerecer um interêsse

prático ou de ensinamento. Em toda a sua narração conhece-se o proposito de nada escrever sem tê-lo bem averiguado e examinado antes, e logo compara as suas noticias com as dos auctores antigos, aos quaes rectifica quanto póde.

4. — As viagens mercantis dos irmãos Polo

Maiores resultados que os missionarios, obtiveram os commerciantes no que respeita á revelação do Oriente e dos seus mysterios, cabendo n'estes descobrimentos o papel mais importante aos italianos, pois que o commercio do Mediterraneo estava principalmente nas suas mãos.

Depois de ter ficado quási completamente extincto o commercio maritimo com a queda do Imperio romano, tornaram a manifestar-se na Italia os primeiros desejos de reatar relações mercantis entre Ravenna, capital então da Italia, e Constantinopla, capital do Oriente, sob o reinado do rei godo Theodorico, que havia recebido a sua educação n'esta ultima cidade e era affeiçoado á pompa e ás artes byzantinas. Estas relações entre a Italia e o Oriente duraram muito pouco, porque se extinguiram logo nas guerras que acabaram pela queda dos successores de Theodorico.

Até ao século IX, quando a Italia se começou a dividir em alluvião de Estados independentes e cidades livres, não tornou a dar signaes de vida o commercio entre o Occidente e o Oriente. Amalfi, no golpho de Salerno, foi o centro d'este commercio, e os seus muitos barcos visitavam os portos do Egypto, da Palestina e todo o Levante, tanto que os seus commerciantes e tripulações tinham mesmo um bairro especial em Constantinopla; e as suas leis maritimas, ou codigo amalfitano *(Tabula Amalphitana)*, fôram adoptadas por todos os povos maritimos do Mediterraneo. Este periodo durou pouco, porque, não podendo alargar-se a cidade por causa da estructura penhascosa do terreno, tambem não podia augmentar em população, e toda a sua prosperidade foi absorvida pela sua rival poderosa, a cidade de Pisa, émula das de Génova e de Veneza, que todas, por effeito das cruzadas, se enriqueceram e floresceram rapidamente, podendo estabelecer as primeiras feitorias no Levante, como fizeram os venezianos no século XII nos portos da Syria. N'estas circumstancias ficou interrompido subitamente o commercio com a India pelo caminho natural do Mar Roxo e o Egypto, quando Saladino, pelo anno de 1171, se apoderou d'este ultimo país; de modo que os commerciantes se viram obrigados a procurar outra via, e encontraram-na atravessando o Mar Negro até á foz do Don. D'este modo, em breve adquiriu importancia e prosperidade o porto de Tana, d'onde se dirigiram caravanas a Astrakan e pelos páramos solitarios do interior da Asia aos pontos onde podiam adquirir os generos que buscavam. Além de Tana, aproveitaram esta mudança de itinerario tambem outras praças maritimas do Mar Negro, como Sudak na Crimeia, chamada tambem, segundo os auctores d'aquella época, Soldaja, Saldachia, Sugdaia e Sudaja, cuja população, entre a qual havia muitas familias ricas de commerciantes gregos e italianos, era quási exclusivamente christã, e cujo porto Ibn Batuta classifica como «um dos mais formosos do mundo».

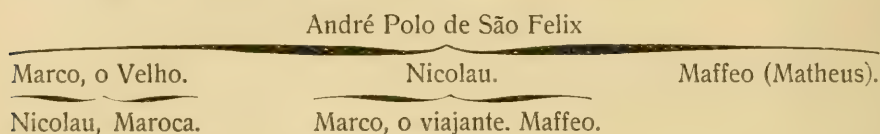
Outra via commercial partia da costa da Syria, perto do reino christão da Armenia Menor, onde sempre fôram acolhidos hospitaleiramente os europeus. O porto, onde desembarcavam, era Lajazzo (Layas), povoação construida junto ás ruinas da antiga cidade de Aegae, e cujo excellente porto se achava protegido do lado do mar por dois reductos.

Quando, em consequencia da cruzada do anno de 1204, os venezianos se apode-

raram de Constantinopla, aproveitaram-se d'esta circumstancia para monopolizar o commercio do Mar Negro com grave prejuizo dos genoveses seus rivaes, que se vingaram a seu tempo, restituindo em 1261 o throno de Constantinopla ao imperador Miguel III Paleólogo. Miguel agradecido cedeu-lhes os arrabaldes de Pera e de Gálata, que não tardaram a transformar-se em povoações genovesas; e, tendo já os genoveses as chaves do Mar negro, expulsaram d'ali os venezianos que, nas suas relações com a Asia, tiveram de tomar o caminho mais meridional pelo porto de Lajazzo.

Esta mudança de dominio reflectiu-se nos differentes itinerarios que os irmãos Polo, negociantes e patricios venezianos, seguiram nas suas viagens ao interior da Asia, porque em Veneza tambem as familias aristocraticas se dedicavam ao commercio. Veja-se a arvore genealogica dos Polo:

André Polo de São Felix

Marco, o Velho.	Nicolau.	Maffeo (Matheus).
Nicolau, Maroca.	Marco, o viajante. Maffeo.	

Marco Polo, o Velho, tinha-se estabelecido durante certo tempo em Constantinopla, e tinha uma casa succursal em Sudak (Soldaia). Seus irmãos, Nicolau e Matheus, emprehenderam a sua primeira viagem a Constantinopla no anno de 1260, onde compraram joalharia byzantina para vendê-la aos mongoes que a tinham em grande estima; e, além d'isso, trocaram o resto dos seus generos venezianos por pedraria fina. Iam na intenção de visitar primeiro o khan de Kipchak, que era ao tempo um neto de Gengis-Khan, chamado Barca ou Berke ou Bereké, o qual reinou de 1257 a 1265, e residia ora em Sarai, ora em Bolgar. A primeira d'estas cidades havia sido fundada por Batu, o irmão de Barca, nas margens d'um dos braços do Volga inferior, a léste de Zaritzin, e foi destruida pelo khan Timur (Tamerlão) em 1395. A segunda ficava situada mais ao norte, ao sul do Kasan, onde agora se encontra a aldeia de Bolgar. N'esta ultima residencia encontraram o khan, mas, quando iam para partir, estalou uma guerra entre Barca e seu primo Hulagu ou Hulacu ou Alau, soberano da Persia, circumstancia que os obrigou a seguir até ao longo do Ucaca, ao sul de Saratoff, onde atravessaram o rio, tomando logo a direcção de sudeste através das esteppas, até ao Ural que Polo chama Tigre; chegaram provavelmente a Bokhara, passando por Urgendesch ou Khiva. Em Bokhara permaneceram os dois irmãos tres annos, fazendo o commercio, aprendendo o idioma e os costumes dos tártaros; e, finalmente, convidados a acompanhar uma embaixada tártara que da Persia se havia de dirigir á China, acceitaram, para conhecerem o Grão Mongol, o kakan Cublai, que os recebeu com muita amabilidade e lhes aggregou, quando regressaram, um embaixador para o Papa com o encargo de sollicitar d'elle professores das sete artes liberaes, habilitados a ensiná-las no Oriente. Este embaixador adoeceu e não pôde continuar a viagem; de fórma que os dois irmãos tiveram de regressar sós, chegando em 1269 ás costas do Mediterraneo, perto do porto de Lajazzo. Em Acre, á qual chamam Ptolemaida, souberam que o papa Clemente IV havia morrido e deram conta do seu encargo ao legado pontificio n'aquella cidade, Theobaldo de Placencia.

O interregno papal durou mais de dois annos, durante o qual os dois irmãos Polo regressaram a Veneza e se prepararam para uma segunda viagem á Asia. N'esta viagem devia acompanhá-los o filho de Nicolau, Marco, que então contava 15 annos, tendo nascido em 1254. Retardando-se, ao que parece, indefinidamente a eleição do

novo Papa, resolveram os Polo partir sem a resposta do soberano Pontifice á carta do imperador mongolico; e, como lhes estava vedado desde 1261 o seu primeiro itinerario pelo Mar Negro, dirigiram-se desde logo á Palestina para se proverem em Jerusalem de azeite da lampada do Santo Sepulchro para o kakan; feito o que, embarcaram para o porto de Lajazzo, onde souberam que o legado Theobaldo havia sido eleito Papa no 1.º de Setembro de 1271 e que havia adoptado o nome de Gregorio X. Esta noticia fê-los regressar a Acre, e o novo Papa deu-lhes cartas para o imperador mongolico e cumprindo, além d'isso, o desejo de Kublai-Khan, mandou que os acompanhassem dois monges dominicanos, Nicolau de Vicencia e Guilherme de Tripoli (da Syria) como professores das artes liberaes. Estes, comtudo, ficaram na Armenia, porque tendo estalado a guerra entre o rei d'este país e o sultão de Babylonia, não estavam seguros os caminhos; de modo que os Polo tiveram de fazer viagem outra vez sós, saindo de Lajazzo para o interior, no mês de Novembro de 1271. A posteridade deve a descripção d'esta viagem, que durou 24 annos, a Marco Polo, o Moço, que com ella e com a sua narração se immortalizou pelo grandissimo incremento que imprimiu aos conhecimentos geographicos do Oriente na Europa, cabendo-lhe a gloria de ser o viajante mais célebre da Idade-Média.

Mulher Gugyr (India).

Não é, todavia, tarefa facil fixar os itinerarios das viagens que fêz Marco Polo, ora com seu pae e tio, ora só, na China, já por não precisar bem os dados necessarios, já por alterar demasiado os nomes das localidades, que só graças aos magnificos trabalhos modernos de Pauthier e de Yule [1], e ás investigações de Richthofen a respeito da geographia chinesa, podem hoje fixar-se e com elles os estadios principaes da grande peregrinação do viajante.

Desde Lajazzo, junto ao golpho ísico (a cidade era chamada na antiguidade *Isso*) atravessaram a Pequena Armenia e a Asia Menor, passando provavelmente por Cesareia, Siva, Arzingan e Much, quer dizer, que levaram o mesmo itinerario que Rubruquis havia seguido na sua viagem de regresso de Caracorum. Depois menciona Polo a montanha elevada coberta de eterna neve, onde jaz a arca de Noé, inaccessivel; d'ali dirigiram-se para o sul, a Mardin, atravessaram as montanhas infestadas dos curdos e chegaram a Mossul e Bagdad, que elle chama Baudas. Descendo o rio, chegaram em 18 dias a Bassorá, onde embarcaram, e passando por diante de Kich, que Polo chama Kisi, chegaram a Ormuz. A ilha e o porto de Kich, que hoje se chama Ghes, fôram durante muito tempo um grande emporio do commercio, com abundantes bosques e aguas potaveis. Não parece que os Polo visitassem a cidade, porque as informações que Marco dá são muito obscuras. Agora, e de ha muito tempo, da cidade que estava situada na costa norte da ilha, só existem ruinas.

---

[1] Pauthier, *Le livre de Marco Polo*. Paris, 1865, e H. Yule, *The book of ser Marco Polo*. Londres, 1875.

N'este ponto começam as difficuldades para fixar o itinerario; porque Marco Polo, em vez de descrever desde ali a sua subida ás terras altas, como seria regular, descreve a descida desde o interior elevado da Persia para a costa de Ormuz, e é preciso admittir que n'este ponto intercala a descripção da sua segunda visita ao porto de Ormuz em sua viagem de regresso. N'aquelle tempo estava a cidade situada em terra firme até que pelo anno de 1300 se retiraram os habitantes, obrigados por ataques repetidos dos inimigos, para a ilha, onde fundaram a nova cidade que teve ali um segundo apogeu. As ruinas da Ormuz antiga acham-se no districto de Minao, onde se vêem tambem restos d'um antigo caes. Este districto chamava-se Hormuzdia, de que Polo fêz Formosa.

Para dar uma amostra do estylo de Marco Polo, poremos aqui a descripção de sua viagem a Ormuz, tomada d'uma das primeiras traducções, feitas e publicadas na Allemanha, em Strasburgo, no anno de 1534.

«Da grande China.

«Esta planicie extende-se para o sul cinco jornadas, ao fim das quaes começa a baixar o terreno, seguindo assim umas vinte milhas. É um caminho pessimo e inseguro por causa dos ladrões. Por fim chega-se a uma campina muito formosa que se atravessa em duas jornadas e se chama a Formosa. N'esta terra ha abundantes ribeiros e palmeiras. Tambem ha grandes bandos de aves de muitas especies, em especial papagaios, que não se encontram áquem mar. D'ali chega-se ao Mar Oceano, em cujas margens está a cidade de Cormos, onde se reunem muitos commerciantes que trazem da India especiarias, balsamo, pedras preciosas, roupas de sêda e de brocado de ouro, dentes de elephantes com muitas outras coisas preciosas. É esta uma capital que tem sob o seu dominio muitas outras cidades e castellos. O clima, não obstante, é cálido e debilitante. Quando um commerciante extrangeiro ali morre, fica o rei com todos os seus bens, como propriedade sua. N'este país fazem vinho de tamaras e d'outras especies deliciosas, que causam diarrheias aos que não estão acostumados a taes bebidas, mas que engordam aos que estão habituados. Os habitantes nem comem cereaes, nem carne, mas sómente tamaras, cebolinha e peixe salgado. Teem barcos, que não são muito seguros, porque não empregam pregos de ferro, mas de madeira, e cordas feitas de fibras de côco; estas fibras são preparadas como cerdas e d'estas fazem cordas fortes que resistem ao effeito da agua. Cada embarcação só tem um mastro, uma véla, um timão e uma coberta.

Quando viajam assim para a India e levam cavallos e outros generos, perdem muitos barcos, porque aquelle mar é muito tempestuoso e as embarcações não costumam ser pregadas com ferros. Os habitantes d'este país são negros e estão sujeitos á lei de Mahomet. Quando no verão sobe o calor, não vivem nas cidades, mas fóra, em jardins muito bem regados, onde conduzem a agua a toda a parte em regueiras: ali vivem e fogem um pouco do calor. Tambem succede que ás vezes vem um vento abrazador d'algum deserto de areia, e este vento sopra com tanta força, que se a gente se não apressa a fugir, suffoca a todos o calor.

Logo que conhecem que se levanta este vento, fogem todos para a agua, onde permanecem até que o vento passa e assim se livram do calor. Semeiam n'este país de inverno, e colhem no mês de Março, em que tambem se hão-de colher as demais fructas, porque, depois d'este mês, secca-se a folhagem das arvores e não se encontra em todo o verão uma folha verde, excepto junto ás correntes de agua. É tambem um costume n'este país que, quando morre um pae de familia, o chore sua mulher durante quatro annos todos os dias a uma hora determinada. Tambem se reunem os parentes e amigos do defuncto em sua casa com todos os seus vizinhos, que choram e se lamentam amargamente».

O interior da Persia abriu-se aos europeus em consequencia da invasão mongolica e os Polo cruzaram este país na sua viagem de ida e na da volta. De Ormuz vai-se em 17 dias a Kerman atravessando os montes. O caminho que tomaram os nossos viajantes corresponde em geral ao que seguiu o major inglês Smith em 1866. De Kerman era preciso, passando ao norte, atravessar o deserto de Lut, onde só se encontra agua salobra e amarga. Mais além cita Polo uma cidade, que chama Cobinan, a qual será provavelmente uma povoação que havia no districto hoje chamado Kuh-banan. Das serras do norte da Persia dirigiram-se para léste á cidade de Balk, situada no limite oriental da Persia de então, cidade que havia sido destruida pelos mongoes, como outras muitas antes povoadissimas, da região superior do Oxo. Mais a léste encontraram o districto de Cunduz, onde começa a elevar-se o terreno para formar as cordilheiras mais altas e imponentes do mundo. Menciona depois as povoações de Taican (Talican) e Casem (Kischm), situada ao sul da rota actual das caravanas, e d'ali chegaram ás altas regiões de Badachkan ao pé da vertente meridional da cordilheira coberta de neve de Hindukusch, limitada a oeste pelas vertentes escarpadas do Pamir e pelos elevados valles, de ricos pastos, onde ficam as nascentes do Oxo. A rota que os Polo tomaram para descer ás cidades de Iarkend e Kashgar foi percorrida na sua parte occidental pela primeira vez, desde então, em 1838 pelo viajante inglês Wood, e os desfiladeiros, na parte oriental, através das esteppas do Pamir por uma secção da missão enviada pela Inglaterra, desde a India a Kashgar em 1873 sob o commando de Douglas Forsyth. O districto de Badachkan era célebre d'antes pela sua abundancia de pedras preciosas, em especial rubis, achando-se os jazigos principaes nas margens do rio Panyah ou Amu no valle de Kharan, d'antes florescente e povoadissimo e semeado hoje de ruinas de muitas aldeias. Os jazigos de rubis situados a 26 kilometros ao norte da pequena aldeia de Barchar, que constituiam uma fonte de riqueza para os soberanos de Badachkan, estão hoje quási completamente exgottados; tanto que a missão inglesa encontrou no referido anno de 1873 só 30 homens a trabalhar n'elles. Ao sul de Badachkan, ao pé do Hindukusch, achava-se o jazigo d'outra pedra apreciadissima, o lapislázuli, que no Occidente era conhecido então com o nome de Badachchan ou Balakchan, e que Marco Polo chama *balaciam* (balachan). Alberto Magno menciona esta pedra, chamando-lhe ***balagius,*** e Dante chama-lhe *balascio*.

O inglês Wood visitou estes jazigos. Ao falar d'este país exalça Marco Polo a sua célebre producção cavallar que ainda hoje se sustenta á sua antiga altura. N'aquelle puro ambiente dos valles elevados curou-se o célebre viajante d'uma febre que havia contrahido na Persia e que o havia atormentado durante annos.

Tambem elogia as bellezas da paisagem. De Faizaba partiram os Polo, pelo desfiladeiro de Argida e pela garganta perto de Barschar junto aos jazigos de rubis, para o valle do Amu e chegaram ao país de Vocan ou Wakhan, d'onde tiveram que atravessar com grande trabalho os valles do grande e pequeno Pamir. O districto do Wakhan extende-se de oeste para léste e compõe-se de valles elevadissimos e asperos, açoutados continuamente por ventos frios e fortes. Um membro da missão inglesa referida, o capitão Trotter, percorreu e descreveu minuciosamente o caminho seguido por Polo. Segundo elle, acha-se a aldeia Sarhadd, a mais elevada do districto de Wakhan, a 3.350 metros acima do nivel do mar. Mais para cima viaja-se no inverno sobre a superficie gelada das correntes com mais facilidade que no verão, porque então a fusão das neves e as torrentes impossibilitam com frequencia o transito pelo valle.

D'ali sobe-se e desce-se sem cessar o pendor da montanha, e, n'um ponto onde fica subitamente cortado o caminho, tem que se subir a uma altura de 1.000 pés pela

estreita borda d'um precipicio. O valle do pequeno Pamir está a 4.000 metros acima do nivel do mar e hoje é apenas visitado pelos pastores kirguizes; o vento frio que o atravessa é tão violento que mal permitte abrir os olhos. As gargantas e desfiladeiros cobertos de neve que formam o limite entre o Turkestan oriental e occidental e a divisoria hydrographica entre as regiões do Oxo e do Tarim, estão a 4.500 metros acima do nivel do mar. D'ali atravessa-se o verdadeiro planalto do Pamir, que os habitantes d'aquelle país chamam a «cupula do mundo». Pouco a pouco desapparecem as massas escarpadas que se perdem nas nuvens e atravessam-se valles extensos a 3.000 metros sobre o nivel do mar, habitados por kirguizes com os seus numerosos gados. N'um d'estes longos valles ergue-se o famoso castello de Tachkurgun, que quer dizer castello de pedra, residencia do governador do districto. Este castello é antiquissimo e attribue-se a construcção d'elle a um rei de Turan chamado Afrasiab. Durante muito tempo existiu ali uma colonia florescente de tedchiques sob o sceptro d'um rei independente e hereditario que pagava tributo ao imperador da China. De ali torna o caminho a passar durante dez dias por montanhas escarpadas. Trotter, que passou por ali procedente de Kashgar, diz na sua descripção: «As montanhas são calvas e estereis; o caminho é mau, e, depois de passar o desfiladeiro de Torat, que significa cauda de cavallo, e se encontra a 3.400 metros acima do nivel do mar, é verdadeiramente intransitavel. Em um ponto passa-se pelo leito do rio, cheio de grandes penhascos e de covas profundas entre penhas verticaes. Um par de homens resolutos podem defender este caminho contra um exercito. Quási tão difficil é a descida para a planicie desde o Turkestan oriental a Yarkend».

Na narração de Marco Polo forma esta travessia trabalhosissima do Pamir um dos capitulos mais interessantes e em que se lê o seguinte:

«Partindo d'ali (de Wakhan) para Levante, tem que se subir durante tres dias inteiros para se chegar ao cimo d'uma montanha, a mais alta do mundo. Ali se encontra uma planicie entre dois montes, atravessada por um grande rio. Esta planicie produz bons pastos, tanto que um animal fraco engorda ali em dez dias.»

«Tambem abunda n'ella a caça e, sobretudo, carneiros bravos *(Ovis Poli)* com pontas compridas, das quaes se fazem muitos objectos. Passando adiante, transforma-se o país n'um deserto sem herva nem habitações humanas, razão por que os caminhantes teem que levar comsigo o que necessitam para manter-se. Tambem não se encontram ali aves por causa do frio e da grande altitude do terreno (1).»

«Se se accende fogo não é tão claro nem arde tanto como n'outras partes por causa do frio extraordinario d'aquelle país. D'ali passa o caminho pelas montanhas para léste e norte. Encontram-se montanhas e valles e muitas correntes de agua, não se vendo, porém, nem hervas nem habitações humanas. Este país chama-se Belor e está immerso em perpetuo inverno. Conserva-se este aspecto durante quarenta jornadas, e para igual tempo é mistér levar provisões, se bem que de quando em quando se encontram nas montanhas mais altas algumas vivendas de gente selvatica, idolatra e malfazeja que vive da caça e se veste de pelles de animaes.»

Além do inglês Wood, percorreu em parte estas elevadas regiões em differentes direcções o agente britannico Abdul Medjid na sua viagem a Kokan em 1861, e em 1868

---

(1) Esta ausencia de aves é só temporaria, porque no verão frequentam aquellas torrentes elevadas em grande numero, conforme referiu já pelo anno de 644 da nossa era o célebre viajante chinês Huen-Thsang.

e 1869 Mirza, que passou a garganta do Chichiklik a nordeste de Tachkurgan, pela quąl passára Trotter, e provavelmente tambem Marco Polo, porque este, na sua narração, manifesta grande satisfação ao falar das vinhas, hortas e outras propriedades agricolas dos oasis florescentes do Turkestan oriental. Emquanto no Pamir se elevam alguns picos até 8.000 metros acima do nivel do mar, chega apenas a 700 metros o valle mais baixo da região do Tarim. Só nas faldas d'estas cordilheiras elevadas é que se teem estabelecido cidades e uma cultura florescente, formando uma especie de oasis, devidos ao aproveitamento das aguas que descem das vertentes do norte, oeste e sul. A região do Tarim acha-se fechada ao norte e ao sul entre os cumes sempre nevados e quási parallelos do Tien-chan e do Cuen-lun que se dirigem de oeste para léste; no sopé d'estes estabeleceram-se duas séries de cidades, porque o terreno não permittiu erigi-las junto ao rio, e entre ellas passa o caminho que conduz á China. Hoje passa o caminho mais frequentado pela linha de cidades do lado norte, isto é, por Kashgar, Acfu, Turfan e Comul, ao passo que no tempo dos Polo passavam as caravanas pela linha meridional, por Yarkend, Ilchi (Choten), Cherchen até ao Lopnor, que recebe todas as correntes do Turkestan oriental. Até ha pouco nenhum outro viajante europeu seguiu esta parte do itinerario dos célebres commerciantes venezianos, excepto o arrojado viajante, o coronel russo Przevalsky, que foi o primeiro europeu que depois de Marco Polo chegou ao lago de Lop.

Marco Polo, ao descrever o districto de Choten ou Ilchi, menciona o jaspe esverdeado, «que ali é conhecido pelo nome de jade», muito apreciado dos chineses que lhe chamam pedra *yu*, assim como dos persas que lhe chamam *yachin*, palavra d'onde proveiu a europeia *jaspe*. Passando por Cherchen (Marco Polo escreve Ciarcian), povoação procurada debalde até que Przevalsky soube na sua viagem que ficava situada junto a Cherchen-Daria, chegaram os viajantes venezianos ao lago Lop (Lopnor), onde puderam descansar e refazer-se os homens e cavalgaduras, todo o tempo necessario, da penosissima viagem através do deserto antes de acabarem de atravessá-lo e chegar á primeira cidade chinesa. A areia de todo este dilatado deserto é tão movel que o menor vento a levanta e ajunta, tanto que os chineses chamavam esta região, já no tempo antigo, *Lu-cha,* que significa *areia movediça*. É a continuação occidental do deserto que os chineses chamam *Cha-mo,* ou seja *mar de areia.*

A povoação do oasis Lop, que Polo classifica de grande cidade, sem falar de nenhum lago d'este nome, nem de Lopnor, porque este é tambem o nome da região, como disseram tambem a Przevalski, viveu sempre pouco menos que isolada do resto do mundo, e o referido viajante russo é de opinião que o tronco primitivo é de raça arica cruzado de sangue mongolico e tártaro. Professam a religião mahometana, como já a professavam quando Marco Polo os visitou. Singular é que hoje não se encontrem ali camellos, emquanto Marco Polo observa expressamente que ali era mistér provêr-se d'estes animaes robustos porque se necessitava ainda d'um mês para acabar de atravessar o deserto e levar para este tempo víveres para homens e animaes. Agua encontra-se, ainda que em alguns pontos muito escassa. Os perigos maiores, segundo o célebre viajante veneziano, são os que offerecem os ardís dos espiritos malignos, que se divertem chamando os viajantes pelos seus nomes, e em perturbá-los com toda a especie de rumores para extraviá-los e perdê-los. De dia imitam estes espiritos ora a musica doce de instrumentos de corda, ora a de tambores e timbales. Tambem auctores chineses e árabes falam dos sons mysteriosos do deserto; e o proprio capitão Wood achou que a marcha pela areia movediça produz sons semelhantes a um tamboril longinquo, e outras vezes a uma musica suave. Além d'estas allucinações produzidas no sentido do

ouvido do viajante pelas massas de areia em movimento e desigualmente aquecidas dos desertos asiaticos, ha ainda outras causas que explicam as superstições de espiritos referidas por Marco Polo na sua simplicidade ingenua, conforme o provam as observações do botanico Bunge que fêz parte da expedição de Chanikoff, com a qual atravessou o deserto de Lut na Persia, por onde os Polo tambem haviam passado. Veja-se o que diz o citado botanico: «O dia havia sido abrasador e a noite era escura e quente; as nuvens de tempestade que se haviam accumulado sobre o árido deserto tinham-se desfeito sem deixarem caír quási uma gotta. O movimento compassado, que soffre quem cavalga sobre um camello, produziu, não sómente a mim, mas tambem em outros, uma allucinação particular, como se se atravessasse um bosque espesso de arvores altas, e se tivesse de baixar a cabeça por força para evitar bater contra os ramos. Antes de saír o sol, apresentou-se o phenomeno da miragem.» Tambem o doutor O. Lenz observou o phenomeno dos sons da areia na sua célebre viagem de Marrocos a Tombuctu através do Saharà occidental, parecendo-lhe como sons prolongados e vagos de trombetas, que pàra maior angustia do viajante veem a cada momento d'uma direcção differente, e que, a seu juizo, proveem do attrito dos grãos de quartzo aquecidos.

Ao cabo de 30 dias os nossos commerciantes venezianos chegaram a Cha-cheu (Polo escreve Saciu, ou seja Sachú, isto é, a *Arenosa),* a primeira cidade chinesa por aquella banda, e praça importante, porque partem d'ella todos os caminhos que da China se dirigem para Oeste. No anno de 1292, quando Marco Polo se dispôs a partir para a Europa, o imperador ou kakan Kublai transferiu todos os habitantes d'esta cidade para o interior da China, e em 1303 o seu successor pôs n'ella uma guarnição de 10.000 homens para defendê-la contra qualquer surpreza. Em dez dias chegou Marco Polo a Sucheu, arrasada em 1226 por Gengis-Khan; e continuando a sua rota para o Sul, chegou a Chan-chu (Capichu), então capital do Tangut, territorio que hoje constitue a provincia de Kan-su ao Norte do Kucu-nor. D'ali passou successivamente pelas cidades de Lian-cheu-fu (Erichu), Lining-fu (Sinyu) e Ninghia, á qual chama Egrigaia, cujo districto era célebre então pela cultura do açafrão *(Carthanius tinctoreus).*

Perto d'esta ultima cidade, ao pé da terra de Alachan, estava a residencia de verão dos antigos reis de Tangut. O caminho que Marco Polo seguiu desde Lian-cheu é chamado, desde o reinado do imperador Kang-hi, o *caminho dos correios,* e passa á esquerda do actual. Como Marco Polo julgasse que o khan Ung e o Preste João eram uma e a mesma pessoa, mencionou como sua residencia Tenduc, que hoje se chama kuku-choto, onde topou com uma especie de mestiços, cujos descendentes serão talvez os dungans de hoje. N'esta parte do seu itinerario devia Marco Polo ter encontrado a famosa muralha chinesa; nada diz, porém, na sua descripção, a não ser que alluda a ella, segundo pretende Yule na sua obra, a seguinte passagem: «Este é tambem o logar que nós chamamos de Gog e de Magog, mas que ali é chamado de Unc e de Mugul»; o que significa, segundo Yule: Aqui nos achamos junto á grande muralha que se conhece pelo muro de Gog e Magog. No país chama-se dos Ung, tribu de turcos e mongoes, porque ambos os povos estavam encarregados de defendê-lo.

Depois d'outros sete dias de caminho penetraram no grande país chamado Katay, isto é, a China, coberto em toda a parte de muitas e populosissimas cidades e aldeias. Passando pela cidade industrial de Sinda-chu, que Marco Polo chama Sugdatu, e que no tempo da dynastia dos Kinse se chamava Siwant-chu, e hoje Siwan-hwa-fu, a cinco leguas ao Sul de Calgan, os viajantes chegaram a Chagannor, que significa *lago branco,* ao

palacio construido pelo anno de 1280, e onde o imperador costumava recrear-se caçando aves aquaticas. Hoje só existem as suas ruinas a 6 leguas ao Norte de Calgan.

A tres jornadas mais ao Norte estava a cidade de Tschandu, ou Chan-tu, que quer dizer *côrte ou residencia superior,* onde o kakan havia feito construir outro palacio sumptuoso de marmore com aposentos dourados e adornados de pinturas artisticas. Tambem existem hoje sómente as ruinas d'este palacio, cobertas de hervas ruins, situadas, segundo S. W. Buskell, que visitou o sitio em 1872, a 40° 22 de latitude Norte approximadamente e a Oeste do meridiano de Pekin. O palacio, descripto minuciosamente por Marco Polo, erguia-se nas margens d'um rio que hoje se chama como no tempo de Marco Polo, Chan-tu. Os mongoes chamam a estas ruinas Chau-Naiman-Sume-Khotan, que significa *a cidade dos 108 templos,* e effectivamente abundam ali fragmentos de leões, dragões e outras figuras e esculpturas de marmore que assignalam os locaes dos templos e do palacio.

Todas estas residencias imperiaes se acham além da grande muralha chinesa, no territorio da Mongolia propriamente dito; mas, desde a incorporação da China no grande Imperio mongolico, estabeleceram os imperadores a sua residencia de inverno nos meses de Dezembro, Janeiro e Fevereiro na propria China, n'um ponto chamado Tatu ou Taidu, onde foi erigida com a residencia imperial ou *grande côrte,* em 1254, a cidade do mesmo nome, hoje transformado em Peking, que significa *residencia do Norte.* O verdadeiro nome da cidade, onde o imperador passava os meses de inverno, era a principio Kakan-balis, ou seja cidade do kakan, nome que se corrompeu na Europa em Cambaluc ou Cambalú, e esteve durante muitos séculos ligado á ideia da magnificencia asiatica mais luxuosa.

Marco Polo deixou-nos uma descripção circumstanciadissima da grandiosa côrte do Grão Mongol Kublai, que recebeu os venezianos, na sua segunda visita, da maneira mais affavel e os favoreceu extraordinariamente, o que lhes facilitou o conhecimento mais íntimo das coisas da côrte e govêrno tártaros. Tão grande foi a confiança que grangeou Marco Polo da parte do soberano, que este o enviou com uma missão especial ás provincias meridionaes e até aos confins do seu Imperio. Graças a esta viagem official, conseguiu a Europa pela primeira vez penetrar com os seus olhares no interior do grandioso Imperio chinês. De Pekin tomou Marco Polo a direcção do Sudoeste através das provincias de Chan-si, Chen-si e Syt-chuan até Yün-nan, e de ali torceu a Léste até ao mar. A primeira parte d'esta viagem seguiu-a Richthofen em 1871, e as investigações d'este viajante teem lançado muita luz sobre o itinerario de Marco Polo na qualidade de agente do imperador, resultando que passou por Chu-chu, que elle chama Yuyu, para deter-se primeiro em T'aiyüan-fu, ou, como diz na sua descripção, Taianfu, capital da provincia de Chan-si e residencia no século VIII da dynastia dos Tang, e depois da dos Ming. A riqueza mineira d'este districto, especialmente em carvão e ferro, desenvolveu ali desde tempo remoto a industria metalurgica, que no tempo de Marco Polo se limitava principalmente a construcção de armas. Ao cabo de sete jornadas chegou Marco Polo á cidade de Ping-yang-fu (Taianfu), situada n'um valle espaçoso do rio Lös do Norte. Depois de atravessar o rio Huang-ho, ao qual designa pelo nome mongolico de Caramoran, que quer dizer rio negro, chega-se em dez jornadas a uma das cidades mais notaveis do país, Si-ngan-fu, que Polo chama Kenjanku e Odorico de Pordenone Kansera, e que póde mesmo classificar-se como a mais célebre da historia da China. Havia sido capital de muitas dynastias poderosas, sendo talvez a mesma que a *Oinoi* de Ptolomeu, e sabendo-se, ainda, que no século VII existiam n'ella já muitos templos de grande fama. D'esta cidade partia o caminho através

do districto meridional coberto de escabrosas montanhas da provincia de Chen-si, e ao outro lado de Han-chung pelos montes de Tsingling, onde o caminho estava aberto desde remotos tempos em pedra viva. Para atravessar todas estas montanhas e chegar a Ching-tu-fu (Sindafu), actualmente capital de Sai-chuan, necessitou Marco Polo de 20 dias. A magnifica planicie em que está situada esta cidade, que conta 800.000 habitantes, e é hoje uma das mais formosas do Imperio chinês, extende-se ao pé do planalto do Thibet e estava coberta de muitas cidades, palacios e aldeias. A fronteira oriental do Thibet extendia-se n'aquelle tempo muito mais para Léste do que agora. A cidade de Ya-chu-fu, distante de ali cinco jornadas sómente e que hoje está perto dos confins occidentaes do país chinês propriamente dito, pertencia então ao Thibet e era a chave do planalto do Oeste. Continuando Marco Polo d'ali a sua viagem para o Sul, atravessou a cavallo, durante 20 dias, regiões montanhosas com desfiladeiros situados a 3.000 metros acima do nivel do mar e completamente deshabitadas; de modo que a comitiva teve de levar comsigo os víveres para todo este tempo. Hoje existem ao longo d'este caminho algumas aldeias e praças fortes com guarnições chinesas que protegem os viajantes contra os ataques dos Lolos, montanheses independentes. Antes de chegar á cidade de Ning-Yauan-fu passa-se por outra formosissima planicie regada por um affluente do Yang-tse-Kiang e exalçada pelos chineses como um paraíso terrestre. Marco Polo chama á cidade e ao districto «Caindu», nome que corresponde bem a Kian-chang, que é o de que usa ainda hoje o povo. Elogia tambem uma bebida que se faz de trigo, arroz e outras especies que os naturaes preparam e que hoje ainda ali está em voga. Tambem menciona entre os productos d'aquella planicie a especiaria chamada cravo, muito apreciada ainda hoje.

Passou Marco Polo o rio Yuang-tse-Kiang, ao qual chama *Brunis*, junto do ponto onde forma uma curva, tomando a direcção Sul, e chegou depois ao districto de Carayang, que quer dizer Yang-negro, pela côr dos habitantes das suas margens. Forma este districto a parte septentrional da provincia de Iun-nan, cuja capital se chamava em seu tempo Ya-chi, e agora Yunnan-fu. A segunda cidade principal do districto de Carayang chamava-se no tempo de Polo, como hoje, Talifu, e ali notou que os habitantes, que eram de raça mongolica, comiam carne crua, partindo-a em pequenos pedaços e juntando-lhe môlho e bôas especiarias. Na sua descripção das montanhas do Sudeste na fronteira do actual reino da Birmania, diz que os habitantes costumam dourar os dentes, como effectivamente fazem os kakhyenes ou singpós, cujo país Marco Polo designa com o seu nome persa Zardandan, que quer dizer *dente de ouro*. Do outro lado d'estas montanhas, que se descem em várias jornadas, abre-se o valle superior do Irawadi, ao qual Marco Polo chama Amien, e effectivamente os chineses ainda hoje chamam Mien, o país de Birmania ou Ava. Descendo pelo valle do Chueli, chegou o viajante ao rio Irawadi até á antiga Pagan ou Tagong, onde se erguem sobre os sepulchros dos reis duas tôrres cobertas de laminas de ouro e prata da grossura de um dedo.

Não parece ter passado Marco Polo além d'este ponto, e só refere o que ouviu dizer sobre os países de Bangala (Bengala), Cangigu (Tonkin), ao qual os chineses chamam Kiao-chi-Kue, Anin no Yun-nan meridional e Coloman, país dos bárbaros kolos, no confim de Kuei-chu (Polo diz Cuiyú). O país de Anin, que outros lêem Amu, Aniu, Ania e Anian, não se tem podido identificar e, suppondo-o sempre mais ao Norte, chegou-se no século XVI a suppô-lo mesmo perto do pretenso estreito *aniano*, que separa a Asia da America. Yule crê que Marco Polo designou com este nome o povo e cidade de Hon-hi ou Ngoming, que hoje se chama Homi-cheu. Da narração

de Polo que se segue, infere-se que torna a descrever as suas proprias impressões em sua viagem de regresso do Sudoeste, devendo dirigir-se provavelmente de Yünnan-fu ao Norte por uma via mais oriental, passando o rio Azul (Yan-tse-Kiang) perto de Süi-chu, e entrando no seu caminho primeiro em Ching-tu-fu para voltar á residencia imperial de Cambalú ou Pekin.

Tres annos esteve depois Marco Polo como governador na cidade de Yan-chu a Nordeste de Nanking, e ao cabo d'este tempo viveu em companhia de seu tio Matheus em Canchú no Tangut, sendo provavel que visitasse tambem Caracorum. N'esta época dá-se a expedição de conquista mallograda do imperador contra o florescente archipélago japonês, ou seja contra Cipango, e cujo outro nome Chi-pen-cué, *Terra do Sol nascente*, assim como o da India e o Catay, tão poderosamente excitou a imaginação de todos os aventureiros descobridores de terras no tempo de Christovão Colombo.

Mais de 20 annos tinham estado na China os commerciantes venezianos, sem que se lhes deparasse uma occasião favoravel para voltarem á sua patria, porque o imperador sentia que partissem dos seus dominios. Esta occasião offereceu-lh'a a viagem da princesa Cocachin á Persia, onde devia casar com o khan Argun, sobrinho segundo do imperador Kublai. Este deu aos venezianos duas laminazinhas de ouro á guisa de salvo-conducto e de carta de recommendação para todas as auctoridades e demais pessoas dos seus dilatados territorios, além de confiar-lhes missões especiaes para os reis de França, Inglaterra, Hespanha e outros países da christandade. O séquito da princesa consistia em 600 pessoas. De Cambalú (Pekin) dirigiram-se por terra a Zaiton, onde embarcaram. N'esta viagem terrestre, Marco Polo, que tambem a descreve na sua obra, visitou as provincias mais proximas da costa oriental com a sua densa e activissima população, as suas cidades de tão grande numero de habitantes, como nunca os venezianos as tinham visto na Europa, e cuja grande riqueza, industria e commercio fizeram uma impressão profunda e indelevel sobre elles. Esta impressão, quando foi publicada a descripção da viagem, communicou-se a todas as nações da Europa, em especial ás maritimas, onde fêz crescer até um grau desconhecido a paixão de viajar e descobrir novas terras.

De Pekin, pois, dirigiu-se a princesa com a sua numerosa escolta por terra para o Meiodia, passando por Hokian-fu (Cacan-fu) até chegar perto de Tsi-nan-fu (Chinangli), ao grande rio Huang-ho, que mais tarde, até ha cêrca de 30 annos, corria para o Sul do país montanhoso de Cantung (Cantão) e desaguava no Mar Amarello. D'ali percorre-se a maior parte do caminho na direcção SSE pelo canal imperial, atravessando Kiangsu, até ao rio Yan-tse-kiang, e a antiga cidade de Yanchu (Ianjú no mappa catalão de 1375), onde Marco Polo havia dirigido a administração por ordem do imperador durante tres annos entre 1282 e 1287. Perto d'esta cidade e de Chin-chu ou Ichinchú (Sinju), passava o rio Azul (Yan-tse-Kiang) com uma navegação tão activa que Marco Polo contou uma vez 15.000 barcos fundeados no porto, e, segundo o affirmam os commerciantes da cidade, subiam o rio annualmente até 200.000 embarcações. D'ali passaram ás grandes cidades de Chang-cheu (Chingiuju) e Su-cheu (Suju) e logo a Hang-cheu, a maior de todas, que Marco Polo chama Kinsay ou Quinsai, alterando o nome de *King-tzé,* que quer dizer *capital,* pois que o havia sido da dynastia dos Song desde o anno de 1127. Nenhuma cidade do mundo impressionou tanto o nosso célebre viajante como esta, nem a nenhuma descreveu com igual minuciosidade; mas, tomando a medida itineraria chinesa *li* por milha, exaggerou proporcionalmente as distancias e dimensões, dizendo que esta cidade, a mais formosa do mundo, com

ruas empedradas de muitas milhas de comprido, tinha um perimetro de 100 milhas ([1]). A cidade estava n'uma planicie perto do mar, toda rodeada de agua e atravessada por canaes sobre os quaes se passava por 12.000 pontes de pedra. Constava de 1.600.000 casas, entre as quaes muitos soberbos palacios. Em cada casa uma taboleta indicava o numero dos seus habitantes. Os 12 gremios industriaes occupavam com os seus operarios 12.000 casas. Nas ruas principaes movia-se continuamente uma multidão incalculavel e os carros seguiam-se sem interrupção. Os redditos que esta cidade dava ao imperador ascendiam, segundo Marco Polo, a cêrca de 250 milhões de francos. Um funccionario imperial para dar-lhe uma ideia do effectivo da população disse-lhe que diariamente se consumiam na cidade 10.000 libras de pimenta. O palacio, situado junto á cidade, tinha 10 *lis* de perimetro; comprehendia 20 salas grandes pintadas de ouro e azul e umas 1.000 estancias magnificamente adornadas, e era todo rodeado de formosos jardins com fontes e lagos. O porto da cidade era Ganfu, e correspondia como extensão e abrigo á importancia do seu commercio. Este porto foi muito frequentado na Idade-Média pelos árabes, cujos auctores lhe chamam Can-pu ou Khan-fu.

Desde então tem-se modificado muito toda aquella costa; o porto está submerso; o mar chega hoje perto da cidade, cujo perimetro actual é de 35 *lis*. Posteriormente a Marco Polo teem descripto esta capital outros viajantes europeus e árabes, taes como Odorico de Pordenone, que esteve na China desde 1324 a 1327; Marignoli, que permaneceu ali de 1342 a 1347 (e que chama a esta cidade *Campsay)*; Wassaf, Ibn-Batuta e outros.

De King-tse seguiu a comitiva a sua viagem pelas provincias actuaes de Che-Kiang e Tu-Kiang até ao porto de Fu-tscheu, que no mappa catalão está escripto Fugio. A população d'esta capital meridional era muito turbulenta e era necessario, para tê-la sujeita, uma numerosa guarnição mongolica. Mais ao Sul ficava o porto de Zayton (Caxum no mappa catalão), centro do commercio maritimo com a India, e um dos centros mercantis maiores do mundo, e cujo nome adquiriu depois na Europa uma fama proverbial. Devia ter sido a cidade actual de Tsinan-tscheu ao Sul de Fu-tscheu, cujos anteportos é provavel que chegassem então até ao maravilhoso e vasto porto natural de Amay. O mar situado a Léste é o de *Chin,* e só n'este logar (lib. III, cap. 4) usa Marco Polo do nome de China, ainda que em fórma persa. Este mar chamava-se tambem Manzi ou da China meridional. Disseram-lhe os marinheiros praticos n'aquellas aguas que no referido mar havia 7.459 ilhas, o que deu logar a que os auctores dos mappas feitos posteriormente pelos dados de Marco Polo collocassem n'esta superficie maritima tantas ilhas quantas n'ella cabiam. D'estas ilhas recebia-se a pimenta branca, negra e outras especiarias apreciaveis, emquanto os ventos periodicos e regulares, segundo as estações, facilitavam a navegação e o commercio com ellas.

Em Zayton despediu-se Marco Polo da China. A princesa e o seu séquito embarcaram para a Persia em 13 barcos de quatro mastros cada um e com provisões para dois annos, levantando ferro em principios do anno de 1292.

Depois de navegar 1.500 milhas, segundo Marco Polo, descobriram a costa oriental da India Ulterior, onde ficava o reino de Champa (Cyamba), situado entre Tonkin e o Cambodje, e tributario do imperador mongolico desde o anno de 1278. Os árabes chamavam a este país Sanf e o mesmo nome davam ao mar que banha as suas praias e que elles cruzavam nas suas viagens á China. Os viajantes, tomando rumo para

---

([1]) A 60 ao grau equatorial, de modo que uma milha equivale a 3-4 *lis* chineses.

Oeste, deram a volta ao grupo das ilhas chamado Pulo-Condor, pertencentes hoje á França e conhecidas dos navegantes já em remotos tempos, e d'ali chegaram a Sião, país rico em elephantes, ouro e madeiras tinctoriaes, e que se dividia em dois reinos distinctos, o Sião verdadeiro no interior, que os chineses chamavam Sien-lo, e o Lo-hoh, junto ao mar. Marco Polo, que confundiu com frequencia a aspiração *h* com a *c* ou *k*, fêz de Lo-hoh *Lo-kok* e *Lococ*, nome pelo qual designou todo o Sião. Junto á ilha de Bintang, que Polo escreveu Pentam, a Léste de Singapura, chegaram ao extremo meridional da Asia, «onde todos os barcos são feitos de madeiras aromaticas», e dirigiram-se para Sumatra [1], onde o nosso viajante menciona um reino que chama Malaiur, que, segundo Yule, é o districto de Palembang na referida ilha, e que entre os habitantes de Malaca se chamava ainda no século XVI Malayo. O nosso auctor chama á ilha Pequena Java, e como a expedição tivesse de demorar-se muito tempo n'aquellas plagas de vegetação exuberante, Marco Polo teve occasião de visitar seis reinos na parte septentrional d'aquella ilha dilatada. Um d'estes reinos era o de Samara, nome que provavelmente alterou de Sumatra; e para fazer ver o muito que estas terras se acham situadas para o Sul, diz na sua narração que ali mal se pode ver a estrella polar nem tão pouco a constellação do Mestre (a Ursa Maior?). Outro reino chamava-se Tanfur, que produzia a melhor camphora e onde comeu pela primeira vez a farinha saborosa chamada sagú.

De Samatra dirigiu-se a expedição ao estreito de Malaca, e, tomando rumo a noroeste, chegando ás ilhas Nicobares e Andamanes, cujos habitantes, diz Marco Polo, teem cabeça de cão; e, effectivamente, teem dado sempre nas vistas aos europeus as mandibulas avançadas e a physionomia estupida d'aquelles negros, a ponto de serem já mencionadas pelo auctor grego Ctesias.

D'ali viraram os viajantes para sudoeste á ilha de Ceylão, famosa pelas suas pedras preciosas e pelas suas pérolas, e em cujo centro se ergue sobre impenetraveis selvas o pico penhascoso de Adão, ponto de peregrinação muito frequentado. De Ceylão dirigiram-se á costa oriental da India Anterior, indo parar provavelmente a Tandchur. Todo aquelle districto era designado então pelos árabes com o nome de Maabar ou Mabar, que significa *travessia,* subentendendo-se *a Ceylão,* mas que hoje é conhecido pela costa de Coromandel. Na terra de Madrasta existe uma tradição antiga, segundo a qual foi ali o Apostolo São Thomé prégar o Evangelho e fundou a communidade dos Christãos de São Thomé. Visitaram depois Kail, que Nicolau Conti chamou, no século XV, Cabila, grande praça de commercio no tempo de Marco Polo e hoje aldeia solitaria, situada no districto de Tinivelly, junto á foz do rio Tamraparni, e depois o país de Comari no extremo meridional da India, que hoje é conhecido pelo cabo Comorin, já mencionado por Xenophonte no seu periplo do Mar Roxo, e depois por Ptolomeu. O nome d'este cabo vem da palavra sanscrita *kumari,* que significa *virgem* e allude á deusa Durga.

Chegado que foi Marco Polo ao Malabar na costa occidental, onde abunda a pimenta e o gengibre, notou o muito que haviam adiantado já para o norte, porque «a estrella polar se mostra ali já duas varas sobre o horizonte», e em Guzerate observou que tinha a altura de seis varas; de modo que a expedição tinha costeado quási toda a peninsula índica antes de chegar á costa solitaria de Mecran para se dirigir a Ormuz, porto de desembarque.

---

[1] Samatra era a graphia dos nossos antigos escriptores. Sumatra é a transcripção inglesa.

Brahmane gentia.

N'este ponto da sua descripção refere Marco Polo, antes de passar adiante, o que sabia por outros ácêrca das regiões occidentaes e costas do Oceano Indico, incorrendo n'estes dados em varios erros por ter confundido países distinctos ou não ter podido averiguar pessoalmente as noticias que lhe communicavam. Interessantes são, entre outros dados, os que refere sobre os christãos de Socotorá, conhecidos já no século VI pelo marinheiro indiano, Cosmos, e os quaes, segundo o frade carmelita Vicente existiam ainda no século XVII. Tambem menciona a ilha de Zanzibar; e é o primeiro que fala da de Madagascar; mas, confundindo com ella provavelmente o país de Magadoxo na costa oriental da Africa, povôa aquella grande ilha de elephantes e de camellos. Mais ao sul, diz, não póde avançar-se sem grande perigo, porque uma poderosa corrente maritima arrasta os barcos irresistivelmente para o sul. O Oceano Indico está semeado de 12.700 ilhas, segundo lhe disseram, notícia baseada provavelmente nos innumeraveis recifes circulares coralineos das ilhas Laquedivas, nome que significa *cem mil ilhas,* e os das Maldivas, cujo soberano se chamava *senhor de doze mil ilhas.*

Quando chegou a comitiva da princesa á Persia no anno de 1294, haviam fallecido durante a viagem grande numero das 600 pessoas de que era composta ao partir da China e tambem tinha morrido o noivo da princesa, o khan Argun, a 10 de Março de 1291, tendo-lhe succedido no throno seu irmão Caichatu (Polo escreve Kiacatu), cujo filho, Gasan, tomou o logar de seu fallecido tio e casou com a princesa. Seu pae recebeu os Polo régiamente, dando-lhes para a continuação da viagem salvo-conductos e recommendações tão amplas e efficazes, que nas terras inseguras receberam escoltas de 200 cavalleiros armados.

Ao sahirem do territorio persa tomaram a rota do norte por Bagdad, pela Armenia Alta até Trebisonda, onde embarcaram para Constantinopla e Negroponto, chegando, depois d'uma ausencia de 25 annos, sãos e salvos, no anno de 1295 a Veneza, sua cidade natal.

Resumamos agora os resultados d'esta viagem famosissima. Marco Polo foi o primeiro viajante que atravessou toda a Asia d'um extremo a outro e que descreveu os seus diversos países, os desertos da Persia, os planaltos com suas verdes pastagens e os precipicios espantosos de Badaschan, os rios que rolam agatas e jaspe verde; o Turkestan Oriental, os páramos inhospitos da Mongolia, a ostentosa côrte imperial de Pekin e os innumeraveis habitantes da China. Referiu o que soube do Japão, com os seus palacios de tectos de ouro, e da Bir-

Vendedeira de missanga (India).

mania com os seus pagodes tambem dourados, e foi tambem o primeiro que descreveu as ilhas afortunadas da Sonda com as suas especiarias e aromas, as ilhas longinquas de Java e de Samatra com os seus muitos reinos, os seus preciosos productos e os seus habitantes canibaes. Viu Ceylão com as suas montanhas sagradas; visitou muitos portos da India, e estudou a extensão e as riquezas d'este país, tão fabuloso então para os europeus. Foi elle o primeiro que publicou uma descripção clara do reino christão da Abissinia, que adquiriu noticias por um lado até Madagascar, e por outro até ao extremo norte da Asia, da Siberia, o país, segundo diz, das trevas, em que não brilham nem sol, nem lua, nem estrellas, onde domina um crepusculo eterno, e onde se viaja em trenós puxados por cães, ou a cavallo em rangífers, um país para além do qual se extende o Oceano gelado.

Marco Polo carecia de instrucção scientifica. Admirou-se de que a ilha de Samatra se achasse situada tanto ao sul, que não se visse a estrella polar, e de que as ilhas do Mar Glacial estivessem tanto ao norte, que a mesma estrella polar ficasse para trás do observador. Tambem confunde os rumos do seu itinerario e a direcção em que se encontram os países que menciona, e finalmente exaggera muitas distancias; mas o mais lamentavel é que não aprendesse chinês, apesar de ter vivido tanto tempo no país e desempenhado cargos officiaes, porque esta ignorancia fá-lo alterar d'um modo desastroso, e traduzir mal, os nomes de localidades chinesas, dizendo, por exemplo, que King-tse significa cidade do ceu. Em compensação refere muitas coisas interessantes d'aquelle país; fala da bôa conservação das estradas, todas orladas de arvores; da bôa organização dos correios montados e a pé; das pousadas estabelecidas de onde a onde nos caminhos, para commodidade dos viajantes; da vigilancia que a policia exercia nas cidades grandes sobre os transeuntes; dos grandes depositos de cereaes, do uso do carvão de pedra e do curso geral do papel-moeda; mas omitte infinitas outras particularidades e invenções.

Nada diz da agulha magnetica, nem da polvora, nem da impressão de livros, nem da incubação artificial, nem da pesca por meio de gaivotas, nem sequer fala do chá. Tambem não parece exacto nos dados historicos que fornece sobre a Asia, posto que se refiram á sua época; mas é preciso ter presentes as circumstancias em que escreveu o seu livro; porque, apenas tinha regressado da sua longa viagem, tomou parte na guerra que havia estalado entre Veneza e a sua rival, e foi preso no mesmo anno do seu regresso, 1295, na batalha naval dada junto á ilha dalmata de Curzola, e levado prisioneiro para Génova. Ali, estando prisioneiro, dictou a sua narração de viagem a Rusticiano ou Rusticello de Pisa, um dos seus companheiros de prisão. Apesar de tudo, Marco Polo pertence ao escol dos geographos clássicos da Idade-Média.

A narração primitiva foi escripta em francês antigo, sem ser dividida em livros nem capitulos, e depois foi traduzida e refundida em latim e em italiano. Por isso, póde considerar-se a primitiva redacção francesa como a mais correcta, tanto para os nomes proprios, como para o texto em geral, apesar do seu estylo tôsco e pouco variado.

Não obstante o grandissimo interêsse d'esta obra, tardou muito tempo em ser conhecida e diffundida, pois que contemporaneos do auctor, taes como Dante e Sanudo, não fazem menção d'ella; só a cita o seu amigo particular, Pedro de Abano, que nasceu em 1250 em Abano, perto de Padua, e morreu em 1313. A primeira influencia d'esta obra na cartographia manifesta-se no mappa catalão do anno de 1375, no qual apparece a India Anterior como peninsula, expurgada dos erros de Ptolomeu, e se assignalam com bastante exactidão outros logares da mesma India e da China meridional.

A primeira traducção em allemão appareceu no anno de 1447 com o titulo:

«Este é o nobre cavalleiro Marco Polo de Veneza, o grande viajante que nos descreve as grandes maravilhas do mundo que elle mesmo viu, d'onde sahe o sol até onde se põe, coisas que não se ouviram nunca. Impresso por Frederico Creussner em Nuremberg no anno do nascimento de Christo de 1477».

Nos séculos XV e XVI valeram-se amplamente os cartographos da narração de Marco Polo, excedendo-se não poucas vezes, distribuindo sem criterio algum os países e cidades que elle cita; mas, apesar d'isto, a sua obra foi uma base importante para o conhecimento da Asia Oriental e Meridional, até que os seus dados incertos fôram pouco a pouco corrigidos por outros viajantes á custa de grandes difficuldades. O resultado mais importante que o mundo deve á obra e á influencia de Marco Polo, é segundo Libri, na sua *Historia das sciencias mathematicas,* ter incitado Christovão Colombo a descobrir o Novo Mundo.

Mainata ou lavadeira gentia. (India).

Christovão Colombo, cioso da gloria do célebre veneziano, considerou como missão da sua vida chegar ao país de Cipango, do qual tantas maravilhas aquelle havia referido.

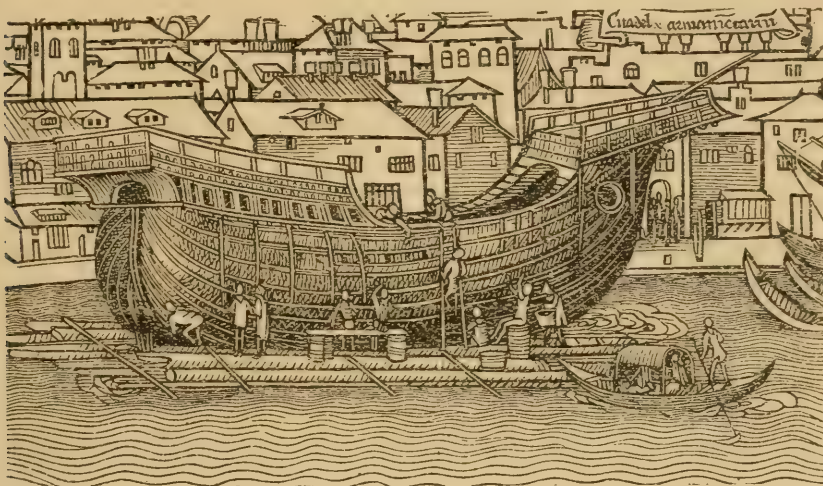
A esta opinião de Libri objecta Yule com muita razão que Colombo só teve conhecimento da narração da viagem de Marco Polo por uma carta de Toscanelli; nem o descobridor do Novo Mundo menciona em nenhum dos seus escriptos o nome de Polo. A sua firme convicção da pouca extensão do Oceano Atlantico, não se baseava sobre o calculo das distancias e extensão dos países asiaticos feito por Marco Polo, e segundo o qual o extremo oriental da Asia penetrava até muito adentro do Grande Oceano, senão sobre a opinião do cardeal Ailly, a grande auctoridade para Christovão Colombo, e que por sua vez se baseava sobre a opinião de Rogerio Bacon. Não se sabe se Polo elaborou algum mappa das suas viagens; mas crê-se que o que foi enviado ao infante D. Pedro de Portugal (1426) pela Senhoria de Veneza, fôsse obra da mão do célebre veneziano, ou pelo menos de algum copista.

3. — Missões e expedições mercantis ulteriores

Marco Polo teve na Asia um grande numero de successores, em especial frades, ciosos de conquistar almas, que, se não fizeram viagens tão grandes como a do célebre veneziano e seus parentes, não deixaram de preencher muitas lacunas da sua narração e de contribuir em grande escala para manter vivo o interêsse pelo conhecimento do Oriente.

O primeiro d'estes missionarios foi o frade franciscano, João de Montecorvino, que nasceu na Italia meridional em 1247 e morreu pelo anno 1328. Encontrava-se na Asia quando ali estiveram os Polo. Havia sido enviado ao Oriente pelo Papa em 1289, e partiu em companhia d'um commerciante, chamado Pedro de Lucalongo, para a Persia, e d'ali para a India, onde permaneceu muito tempo entre os christãos de S. Thomé,

podendo, por conseguinte, referir muitas coisas novas e interessantes do país e seus moradores.

As suas observações e aventuras encontram-se n'uma carta que escreveu de Maabar na India Superior para a Europa em 1292 ou 1293. Chama á India *Maebar* e diz que os habitantes da peninsula do Decan não são negros, mas côr de azeitona e de bellas proporções. Não conhecem nem o pão, nem o vinho, o seu alimento diario é o arroz e o leite. Entre os productos do país menciona especialmente a pimenta, o gengibre e o pau de campeche, que chama *bersi* (pau brasil). É este o primeiro viajante europeu que fala da canella como um dos prôductos importantes de Ceylão. Tambem conhece a escripta particular traçada em folhas de palmeira, os ventos periodicos e as monções, que regulam a navegação, e diz que as chuvas teem as suas épocas fixas e que ao Sul

Esqueleto de uma nau em construcção nos fins do século XV.

do Oceano Indico não existe já continente algum, mas sómente ilhas em numero de mais de 12.000, algumas das quaes estão deshabitadas.

Da India dirigiu-se á China, á côrte de Kublai, o protector dos Polo, mas já o não pôde ver, porque havia fallecido no anno 1294. De Pekin, onde construiu em 1305 uma igreja e um convento na qualidade de arcebispo d'aquella communidade christã, escreveu outras duas cartas para o seu país, uma em janeiro de 1305, e outra em fevereiro do anno seguinte. Uma terceira carta ou, antes, a continuação e fim da segunda, foi publicada depois por Menentillus de Spoleto, o que deu logar ao êrro de crer-se que este ultimo tambem tinha estado na China. O franciscano Montecorvino foi, ao que parece, o primeiro e o ultimo arcebispo de Pekin. Tambem se fundaram igrejas christãs em Zayton, onde se citam como bispos pelo anno de 1326 os franciscanos Gerardo, Peregrino e André. Pelo mesmo tempo frequentavam aquelle porto commerciantes genoveses.

Entre os annos 1316 e 1318 seguiu as pégadas do frade João de Montecorvino outro seu companheiro, Odorico de Pordenone, natural do Friul, que passou por Constantinopla, Trebisonda, Armenia (até Tebris), onde entre os annos 1284 e 1291 se havia estabelecido um commerciante de Pisa chamado Yolus ou Ozolus. Dirigiu-se logo a

Sultanié, Cachan, Yesd, e fazendo excursões á direita e á esquerda d'esta ultima cidade fóra da via regular das caravanas, parece ter chegado até ao golpho Persico. Descreve as massas de areia movediças, dos desertos do interior da Persia; admira os figos excellentes e os vinhedos viridentes de Yesd, visitou as ruinas solitarias do palacio de Comerum, que seriam provavelmente as de Persépolis; dirigiu-se a Chiraz e desceu pelo valle do Tigre até Bagdad; viu a Torre de Babel, chegou ás margens do golpho Persico e seguiu pela costa até Ormuz, onde embarcou em barco fragil, cujas taboas eram ligadas por cordas feitas de fibras de côco sem nenhum prego de ferro, absolutamente como tinham sido descriptos por Marco Polo e por Montecorvino.

Depois de 28 dias de navegação chegou a Tana em Salsete, ao norte de Bombaim e d'ali dirigiu-se ao Malabar, que escreveu Manibar, onde cresce a melhor pimenta. Ali menciona como povoações florescentes Flandrina, que é Pandarani ao norte de Calecut e que hoje já não existe, e Cyngilin, que é Cranganor ao sul de Calecut, e onde então residia uma das dynastias malabares mais antigas. Dobrando depois o estreito sul da India anterior, passou á costa de Coromandel, que chama Mobar, onde na sua opinião, está enterrado São Thomé. Visitou tambem Ceylão, onde viu aves com duas cabeças (Tukan). D'ali foi a Madrasta (Mailapur). N'outra navegação de 50 dias chegou este missionario, passando por diante das ilhas Nicobar, a Lamori que era um reino de Samatra, á qual Marco Polo havia chamado Lambri, e que os árabes chamam Al-Ramir, Ramin ou Ramni. Yule suppõe que devia estar situado na parte noroeste da ilha entre Daya e Achin. Ali diz que os habitantes andam nus por causa do calor, que vivem em regimen de promiscuidade, como os habitantes da ilha de Pagi ou Pagay a oeste de Samatra; que a terra é commum e que são anthropophagos. O país produz ouro, camphora, aloes, arroz e trigo. Mais ao sul, diz, está o reino de Sumoltra, que será o que Marco Polo chama na sua narração Samara; mas na narração de Pordenone apparece pela primeira vez, de um modo seguro, o nome, ainda que corrompido, d'aquelle reino, que hoje se applica a toda a ilha. Depois de Odorico ter visitado varios portos, dirigiu-se á riquissima ilha de Java, á qual dá um perimetro de nada menos que 3.000 milhas. Os seus productos principaes são a camphora, cúbeba, cardamomo e noz moscada. Templos adornados de ouro e prata proclamam o poder e a opulencia dos seus soberanos.

De Java dirigiu-se outra vez para o norte, tocou na costa meridional de Borneo, pois que menciona entre os seus productos a farinha de Sagú, o vinho de palmeira, o bambu e congeneres. D'ali dirigiu-se ao reino Champa, cujo soberano possue muitos elephantes domesticados, e depois deu fim á sua viagem maritima em Cantão na China meridional, chamada então Manzi e tambem India Superior. Chama a este ultimo porto tão célebre *Censcalan,* e Marignoli *Cynkalan,* que quer dizer China Maior; e no mencionado mappa catalão chama-se Cincalan. A cidade, diz Odorico, dista uma jornada do mar, está situada nas margens d'um grande rio e tem um vasto commercio, tanto «que toda a India junta não tem tantos barcos como esta só cidade». Grandemente o impressionou a população densissima e activissima da China, assim como as suas innumeraveis cidades, dizendo que em Manzi, ou seja na China meridional, havia 2.000 cidades maiores que Vicencia ou Treviso, coisa bastante approximada da verdade, segundo resulta do trabalho de Yule. De Cantão dirigiu-se Odorico a Zayton e d'ali ao porto de Futscheu.

De Futscheu continuou a sua viagem por terra passando por muitas cidades e uma elevada cordilheira, na qual viviam duas raças distinctas de homens. Seguindo a sua rota para o norte, chegou a um grande rio, onde viu pescar pela primeira vez por meio

de gaivotas, e d'ali a Cansay, o Quinsay do polo. Ao descrever esta capital exaggera a extensão d'ella, ainda mais que os seus predecessores, dizendo que está situada no meio de lagôas como Veneza e que tem um perimetro de 100 milhas, sem contar com os arrabaldes que se extendem desde as 12 portas da cidade pelo país adjacente. D'ali dirigiu-se a Nankin, que elle chama Chilenfu, onde residiram a principio os reis da China meridional. As muralhas do recinto tinham então um comprimento total de 40 milhas; mas actualmente só teem metade. Embarcou ali no rio Yang-tse-Kiang, ou Ta-Kiang, que elle chama Talay, até ao canal imperial, passando por muitas cidades e indo parar finalmente a Cambalech (Pekin), onde permaneceu tres annos na qualidade de parocho d'uma das igrejas fundadas por Montecorvino.

Entre as particularidades da vida chinesa não mencionadas por Marco Polo, observou Odorico que os ricos se distinguiam pelas unhas compridas, tendo alguns uma unha do dedo pollegar que dava volta a toda a mão, e que entre as mulheres eram considerados os pés pequenos como uma formosura tão grande, que as mães ligavam os pés das filhas desde o nascimento tão estreitamente que não os deixavam crescer. Tambem é o primeiro que descreve as gallinhas brancas com plumagem encrespada, que só se encontram na China.

No tocante ao caminho de regresso de Odorico, só sabemos que de Pekin penetrou no interior na direcção de oeste, chegando até ao país de Tenduc que julgou ser o reino do Preste João, e talvez visitasse tambem Singanfu, seguindo pelas altas cordilheiras até ao Thibet e sua capital Lhasa d'onde não se sabe que caminho tomou. Passou talvez pela Persia e Tebris; o facto é que em 1330 estava de regresso em Veneza e morreu em Janeiro do anno seguinte em Udino. Durante uma parte da sua viagem teve por companheiro um frade irlandês chamado Jacob. Odorico de Pordenone foi o primeiro europeu que visitou o Thibet.

Na primeira metade do século XIV houve tambem muitos missionarios zelosos que penetraram na Asia central pela rota mercantil do norte, porque o Papa havia promettido absolvição de pena e de culpa a todos quantos se sujeitassem aos trabalhos e perigos de propagar o Christianismo entre os tártaros, assim como aos peregrinos que visitassem Jerusalem. Assim foi que no anno 1338 o frade franciscano hespanhol, Paschoal de Victoria partiu de Veneza pelo Mar Negro para a Crimeia (Gazaria) e para Tana no Mar de Azoff, e d'ali em companhia de mercadores gregos, para Sarai, onde permaneceu mais d'um anno, provavelmente no convento da sua ordem que havia n'aquella cidade. D'ali desceu pelo Volga até ao Mar Caspio, chegando, ao cabo de 12 dias, a Saraichik, que quer dizer *palacio pequeno,* hoje em ruinas, junto á foz do Ural. Tendo aprendido em Sarai o idioma cumana ou chamana e a escripta vigura que se usava mesmo dentro da China, pôde entender-se directamente com os tártaros. Desde o Ural seguiu seu caminho só, porque o seu companheiro de viagem, frei Gonçalo Transtorna, tinha voltado para trás. Paschoal atravessou os páramos do Turan e foi a Chiva (Urganth), onde prégou no idioma do país. D'ali penetrou no imperio de Chagatai, que então era conhecido no Occidente pelo *imperio do centro,* tendo que fazer grandes paragens por causa de guerras, mas finalmente chegou á capital Almalik ou Armalet, situada perto da actual Kuldschá, e, a despeito de todas as perseguições, prégou heroicamente a religião crhistã. D'aquella capital enviou á Europa a unica missiva em que relatava as suas viagens. Morreu martyr provavelmente no anno seguinte ao da sua chegada (1339), anno em que chegou áquella capital o commerciante italiano, Guilherme de Modena.

A ultima grande viagem através da Asia foi a de outro frade franciscano, João de

Marignolli, que nasceu em Florença no anno de 1290. Deu occasião a esta viagem uma carta do kakan, ou imperador mongolico, que, datada de Julho de 1336 e dirigida ao Papa, chegou ás mãos de Bento XIII em Avinhão no anno 1338.

Em consequencia d'ella, o Papa enviou da mencionada cidade, no mês de Dezembro do mesmo anno, uma embaixada ao Grão Mongol, composta de 32 pessoas. Marignolli fêz parte d'esta embaixada, que chegou no outomno de 1339, pelo caminho conhecido de Constantinopla e Cafa, a Sarai, onde passou o inverno. D'ali tomou a rota do commercio por Urgendsch a Almalich, onde a comitiva ficou até ao anno 1341.

Bailadeiras.

Passou logo por Comul (Camil) a Pekin e ali foi admittida a uma audiencia, na qual se apresentou precedida da cruz e cantando o Credo. Ficaram os viajantes n'aquella capital de tres para quatro annos, ao cabo dos quaes se dirigiram a Zayton, onde embarcaram para regressarem ao seu país.

A descripção que Marignolli deixou da China é bastante confusa. O Huang-hó e o Yang-tse-Kiang são para elle um e o mesmo rio, e da China meridional, ou seja o país de Manzi, conhecido antes por *India Maxima,* diz que tinha 30.000 cidades grandes, sendo a maior, a mais formosa, a mais rica e a mais maravilhosa Campsay, isto é, (Quinsay), com innumeraveis edificios monumentaes e templos pagãos, nos quaes viviam ás vezes 1.000 a 2.000 monjes.

Em fins do anno 1347 embarcou Marignolli com os seus para a India, visitando no caminho a rainha do Sabá, que seria provavelmente a de Champa ou, como dizem os árabes, de Sanf, talvez o mesmo país que Ptolomeu chama Zaba e Zabae. Depois aportaram a terra na cidade de Columbum, isto é, Quilon ou Kollom (Coulão?) na costa do Malabar, porque era porto frequentado pelos barcos chineses e existiu ali uma grande communidade de christãos de S. Thomé, cujos directores eram depositarios, em virtude d'um antiquissimo privilegio, do pêso official normal (Statera), com o qual se pesava a pimenta e demais especiarias, razão pela qual Marignolli chama a estes directores «os senhores da pimenta». Junto a esta cidade levantou uma columna de marmore com o seu escudo de armas e o do Papa e uma dupla inscripção latina e árabe. A respeito da consagração escreveu: «Sagrei e benzi este monumento

em presença d'uma multidão innumeravel e fui levado em palanquim aos hombros de varios chefes».

D'ali dirigiu-se Marignolli com os seus companheiros a Ceylão; não viu, porém, o paraíso terrestre no interior da ilha, que lhe foi descripto pelos indigenas e que, segundo João Scoto, está situado no ponto mais elevado da terra e chega até perto da lua, motivo por que cae com tanta violencia a agua que mana do jardim do Eden sobre a terra. Imbuido d'esta crença acreditou Marignolli nos indigenas quando lhe disseram que se podia ouvir o cachoar do manancial do paraíso até á distancia de 40 milhas e que na cúspide mais alta da montanha se viam ainda os vestigios dos pés de Adão e a casa que elle proprio para si construiu.

Nau do fim do século XV, com vento de costado.

Ao regressar de Ceylão á costa de Coromandel caíu Marignolli nas mãos de piratas mahometanos, que lhe roubaram todos os objectos de valor que havia reunido nas suas viagens pelo Oriente, mas que lhe deixaram a vida; de modo que pôde voltar á Europa passando por Ormuz, Bagdad (em cuja proximidade visitou as chamadas ruinas da torre de Babel, isto é, o Mudchelibe), Mossul, onde viu as ruinas de Ninive, Haleb e Damasco, e em 1353 pôde entregar ao Papa, em Avinhão, a resposta do imperador mongolico.

Tantas viagens feitas, já por motivos mercantis, já por motivos religiosos, ás côrtes dos khans e imperadores tártaros, fizeram nascer o desejo de ter itinerarios com explicações respeitantes aos caminhos, distancias e despêsas, isto é, um guia do viajante. O italiano Pegoletti, subordinado da casa de commercio Bardi em Florença, desde 1315 a 1317, representante d'aquella casa em Antuerpia, e desde 1324 a 1327 em Chypre, foi o primeiro que publicou um guia d'esta especie, sob o titulo de: *Libro di divisamenti di Paesi.* Não é provavel nem verosimil que Pegoletti fizesse qualquer viagem á China. Indicou como caminho mais usado o do Meiodia da Russia a partir d'um porto do Mar Negro, e recommendou, entre outras coisas, que se deixasse crescer a barba tanto quanto possivel. Em Tana convinha tomar um intérprete e dois criados habeis, que entendessem o idioma cumana e, se possivel fôsse, tambem uma mulher que falasse o mesmo idioma. Além d'isso, recommendou que se levasse uma bôa porção de farinha

e de peixe salgado. Carne, disse, encontra-se em abundancia por toda a parte: nem havia necessidade de escolta armada, porque, graças á sollicitude dos soberanos tártaros, estava assegurado todo o caminho até á China. Levando generos no valor de 240.000 marcos, chegará a custar toda a viagem 3.000 a 4.000 marcos, segundo a sua opinião, e, para calcular os meios de transporte, disse que um carro de bois de quatro rodas com cobertura de feltro levava um pêso de 10 quintaes, um carro puxado por tres camellos 30, e um carro puxado por um cavallo 6 quintaes e meio approximadamente.

A respeito das distancias indicou na sua obra 25 dias desde Tana a Astrakan com carros de bois; d'esta ultima cidade a Saray, 1 dia, e de Saray a Saraichik, na foz do rio Ural, 8 dias. De Saraichik pode continuar-se a viagem indifferentemente por mar ou por terra. No segundo caso necessitam-se para chegar a Chiva (Organci) 20 dias, com carros puxados por camellos, e outros 35 ou 40 dias até Otrar (Oltrare), situada junto a um affluente do Sir-Darya, ao sul da cidade de Turkestan a 43° latitude Norte. Em Otrar tomam-se bêstas de cargas e chega-se em 45 dias a Armalec, perto de Kuldcha, e em 70 dias a Can-chu (o livro diz Camexu). D'ali faz-se a viagem a cavallo até chegar a um rio chinês (que, segundo Richthofen, é o Tan-ho, affluente do Han), pelo qual se chega até Hang-cheu, que Pegoletti chama Cassai e Marco Polo Quinsay, cidade d'onde se vae a Gamalec (Pekin) em 30 dias.

Botiqueiro gentio (India).

Tão activas e amigaveis relações duraram pouco por desgraça, porque com a desthronização da dynastia mongolica em 1368 na China, e a sua substituição por uma familia de principes indigenas, fechou-se o país aos extrangeiros, e ficou impossibilitado completamente todo o commercio com este Imperio. Só ficou franca a India, que foi visitada no século XV por um commerciante veneziano, Nicolau de Conti, cuja narração se conservou, pela circumstancia singular de que o seu auctor, de regresso ao seu país, ao atravessar o Mar Roxo, caíu nas mãos de piratas, e para salvar a vida fez-se mussulmano. Isto valeu-lhe a liberdade; mas, atormentado logo pelo remorso, dirigiu-se ao papa Eugenio IV, que nos annos 1439 até 1442 residiu em Florença, para que o absolvesse de ter renegado da religião dos seus maiores. Durante esta negociação dictou Conti as suas aventuras a Poggio, secretario do Papa, narração que tem todos os signaes de veridica, ainda que Poggio pudesse ter accrescentado alguma coisa de sua lavra, como, por exemplo, o relativo á ilha da Taprobana. Conti tinha commerciado na sua juventude no Egypto. D'aqui, e dissipado o capital que seu pae lhe confiára, é que saíu com uma caravana de 600 pessoas, que atravessou a Arabia Petrea e a Caldeia até ao Euphrates. Ao passarem pelo deserto da Syria observaram phenomenos analogos aos que fôram vistos pelos Polo e por outros, e que, segundo a opinião dos homens experimentados, eram obra de espiritos malignos. Parecia que se viam passar hordas e hordas de cavalleiros. Chegaram depois a Bagdad, que Conti, seguindo a crença corrente no seu tempo, julga identica a Babylonia, lendo-se tambem no mappa catalão, tantas vezes mencionado: *Cidade de Baldachia* (Bagdad),

aqui foi Babylonia a grande. D'ali desceram o rio até Bassorá (Balsera) e logo continuaram por mar até Ormuz (Ormesia) que n'aquella época havia sido já transferida para a ilha. Pelo caminho tinham tocado no porto de Congua ao sul de Chiraz, que Conti chama Colchum e Diogo Ribeiro, em 1529, Conga.

N'um porto persa que elle chama Calacatia, talvez Calhat, no país de Aman, permaneceu Conti algum tempo para aprender o idioma persa, e adoptando tambem o traje do país, dirigiu-se depois por mar, em companhia de alguns naturaes, a Cambaya (Cambahita) aonde chegaram depois d'um mês de navegação. Esta praça era então um dos portos mais importantes da India, com uma população tão intelligente e activa, que o allemão Heyd diz na sua Historia do Commercio do Levante: «Se o Occidente chegou a desfructar os productos da India Ulterior e da China, deve-o principalmente aos com-

Tonas de Salcete.

merciantes arrojados e marinheiros peritos de Cambaya e de Calecut». De Cambaya chegou Conti, seguindo a costa, á região do sul que produz o melhor gengibre; d'ali internou-se no país e foi o primeiro europeu que atravessou a peninsula índica anterior, e o primeiro que desceu depois pelo Ganges, e visitou a cidade de Bisnagar, hoje Vidjayanagara, a 15° e 19° de latitude norte. Esta cidade, então capital célebre, foi visitada e descripta no século XVI pelo veneziano César Federici, mas desde 1567 perdeu a sua importancia, restando d'ella hoje sómente ruinas. D'ali atravessou Conti o país elevado do Decan, passando por Pelagonda, hoje Pinaconda, Conderghiria, hoje Chandraguiri, desemboccando na costa oriental perto de Pudifatania (Madrasta) e Malipuria (Meliapor ao sul de Madrasta), chamada tambem São Thomé, porque n'ella e n'uma magnifica basilica estava sepultado o corpo do santo apostolo. Chama sempre na sua narração a toda aquella região Malabar em vez de Maabar; e Cahila, chamada por Marco Polo, Cael, é a ultima cidade que ali visitou. Era a antiquissima Cayal, situada a cêrca de 2 kilometros, acima das bôccas do rio Tamraparni, e colonia da cidade de Colkoi, mencionada por Ptolomeu, que hoje, reduzida a aldeia, se chama Colca e está situada n'uma eminencia distante da costa umas duas ou tres milhas inglesas. A cidade deveu a sua celebridade á pesca das pérolas. De Cahila dirigiu-se Conti a Ceylão, ilha famosa então pelas suas pedras preciosas, como rubís, saphiras, granadas, agathas e

tambem pelo cinamomo. Com vento favoravel passou de Ceylão a Samatra em 20 dias, deixando as ilhas Andamans á direita. Dos habitantes de Samatra diz que usam nas orelhas grandes aros de ouro guarnecidos de pedras preciosas e que se vestem de pannos de sêda e de linho.

O país produz pimenta, camphora e ouro em abundancia. Conti é o primeiro europeu que faz menção do fructo singular «que elles chamam duriano» *(fructum durianum),* que cresce n'esta ultima ilha, dizendo que este fructo é verde, do tamanho d'um pepino, mas de sabores differentes, sendo o mais commum semelhante ao da manteiga. Tão singular é a diversidade de gostos d'este fructo, segundo já notou Conti, que não podemos deixar de transcrever aqui a definição que dá Wallace: «A ideia mais exacta do duriano é a que daria um creme de ovos amanteigado e aromatico com um forte sabor de amendoas. Entre estes sabores percebem-se como que emanações de requeijão, de cebola, de vinho de Xerez e que sei eu!... Tem um aroma e uma delicadeza inconfundiveis. De resto, não é nem acre nem doce nem gordo e, todavia, sente-se que lhe não falta nenhuma d'estas qualidades». Refere tambem Conti que no districto de Batech em Samatra vivem anthropophagos que se servem das cabeças dos inimigos mortos, á laia de moeda; e effectivamente existe ali o povo batta que ainda hoje tem essa fama.

Ao sahir d'esta ilha Conti foi arrojado por uma tempestade á costa de Tenassarim, onde, diz, ha muitos elephantes e madeiras tinctoriaes. D'ali chegou ao Ganges, rio que subiu até 15 jornadas. D'este ponto começa a ser a descripção confusa, principalmente porque muitos nomes de logares não podem identificar-se; é muito provavel, porém, que visitasse Arracan, que elle chama Rachani; porque atravessou a cordilheira de léste, desceu á região do Irawadi, e subiu este rio até á capital Ava, do reino da Birmania, que ao tempo, ao que parece, se considerava como parte da grande China ou Meridional, que Conti chama Macinum, alterando o nome de Ma-chim. De Ava regressou a Sitang, que chama Xeython, d'onde se dirigiu a Bangkok, que chama Pancovia: ali permaneceu 4 meses e dirigiu-se depois ás ilhas da Sonda.

Chama a todo este archipelago India Interna. Passou muito tempo em Borneo e Java, cujos habitantes diz que eram os mais deshumanos e crueis de todos, provando-o com diversos exemplos. É tambem o primeiro viajante que fala das preciosissimas aves do paraíso que em Borneo servem de adorno de cabeça, e tambem conhece o conto vulgarizado ainda muitos séculos depois pelos portugueses, segundo o qual estas aves não tinham patas e não podiam por conseguinte pousar. Com a differença de que confunde a patria d'estas aves, que diz ser Borneo, com as ilhas Molucas que são o limite *occidental* da dispersão d'estas aves, das quaes o primeiro exemplar completo chegou á Europa só no anno de 1760.

Depois d'uma navegação de 14 dias, chegou Conti com a sua familia, que o acompanhava, ás *ilhas das especiarias* onde se dão a noz moscada e o cravo.

Chama ás duas ilhas, que visitou, Sandai e Banda; mas o primeiro nome é hoje completamente desconhecido e a ilha que hoje se chama Banda não produzia no tempo de Conti o cravo, devendo, por conseguinte, admittir-se que confundiu os mercados d'estes productos com os países d'onde procediam. Das mencionadas ilhas dirigiu-se a Champa, cidade tão frequentada e tantas vezes referida e que diz ser cidade maritima. D'ali voltou á India Anterior, a Coulão, e d'ali a Cachi (Cochim ?), Calecut e Cambaya com intenção de regressar á sua patria. Desembarcou na ilha de Socotora (Sochutera), onde abunda o aloes, em Aden, em Berbera (Barbora), na costa africana. Permaneceu a seguir algum tempo na Abissima e depois, pelo Mar Roxo, passou a Djedda, e ao Cairo, onde perdeu sua mulher, dois filhos e todos os criados, que morreram victimas

da peste. Conti foi o primeiro e unico viajante da Idade-Média, que regressou da India pelo Mar Roxo, em vez de passar pelo golpho Persico.

A narração de Conti foi classificada durante largo tempo de fabula, mas, examinando-a a fundo, é forçoso confessar que uma grande parte dos seus dados é resultado de observações pessoaes e que muitos pontos obscuros encontram sufficiente explicação no defeituoso dos textos que se teem conservado.

As relações entre a Igreja e os países do Oriente continuaram sob o govêrno dos papas Calixto III (1447 a 1458) e Pio II (1458 a 1464). Embaixadores da Etyopia vieram a Roma e d'alguns d'elles tinha obtido já Poggio dados sobre o seu país e a região das nascentes do Nilo. Mensageiros pontificios e outros fôram enviados á Persia e á India, com o que augmentou cada dia mais na Europa o conhecimento d'aquelles países. Ao mesmo tempo alargaram-se as relações mercantis e augmentou o numero de especuladores, que se arriscaram a penetrar nas regiões productoras de especiarias; de fórma que no anno de 1474 podia já communicar Toscanelli ao seu amigo, o cónego Martins, de Lisboa, descripções exactas dos referidos países e da propria China, que havia adquirido de pessoas que tinham estado lá.

O que se sabia em meados do século XV na Europa, ácêrca da Africa Oriental, deprehende-se, se bem que imperfeitamente agrupado, do mappa-mundi que foi publicado por frei Mauro em Veneza no anno de 1459. N'este mappa encontram-se já os rios da Abissima, Abai e Tacazze, como tributarios do Nilo; e até o Djub (Hebe) está lançado com bastante approximação; mas o mais importante é que na costa oriental da Africa, apesar de faltar a ilha de Madagascar, chegavam então as noticias para além de Macdichu (Mogodisco) e Zanzibar, que no mappa se chama Xengibar e Chancibar, talvez até á ilha Mohilla (Mahal), uma das Comores, e até Sofala. A multiplicação d'estes dados sobre aquella parte da costa africana contribuiu posteriormente para robustecer a esperança de dar a volta a toda a Africa.

CAPITULO II

O lado occidental do mundo antigo

O principe Henrique, o Navegador

Voltando a nossa attenção para a parte occidental da Africa, veremos como progrediu rapida e systhematicamente o conhecimento d'esta parte do mundo, por effeito de circumstancias favoraveis especiaes, depois que a Europa alcançou de novo, em meados do século XIV, toda a sciencia geographica da antiguidade clássica.

Entre as ilhas conhecidas então ao longo da costa occidental da Africa, só se haviam encontrado habitadas as Canarias. O povo que ali vivia era o dos guanchos, raça robusta, loira e de tez clara, cujos descendentes recordaram ainda n'estes ultimos tempos ao viajante allemão, Löher, o typo saxonio verdadeiro, como se encontra em Westphalia, na Allemanha, fazendo-lhe suppôr que eram de raça germanica e muito provavelmente restos dos vandalos destruidos por Belizario, e dos visigodos vencidos por Tarik perto de Xerez de la Frontera. Entre as provas historicas que este viajante apresenta em apoio da sua opinião, figura a tradição que mencionámos no principio d'esta obra, da fuga de um arcebispo e de varios bispos para certas ilhas do Oceano, resultando que o nome de guanchos é uma corrupção do de vandalos. Além d'estes dados, refere o mesmo viajante outros sobre o caracter nacional, costumes, ideias, modo de habitação e organização social, que offerecem bastantes analogias com o que sabemos sobre o genero de vida dos antigos germanos e que dão á opinião de Löher um alto grau de verosimilhança. É certo que o idioma dos guanchos contém muitos elementos berberescos, mas isto explica-se facilmente.

No anno de 1384 fizeram alguns frades hespanhoes a primeira tentativa de converter ao christianismo os habitantes da Grande Canaria; mas encontraram uma resistencia violenta e em 1391 pagaram todos com a vida o seu zêlo religioso. Com mais acêrto procedeu no anno de 1402 João de Bettencourt, natural da Rochela, em França. Este saíu do mencionado porto para as ilhas Canarias, desembarcou em Lanzarote com uns 50 homens e construiu um castello pequeno, onde tiveram grande trabalho para se sustentarem por causa do seu reduzido numero, razão por que sollicitou Bettencourt o auxilio de Hespanha, que lhe foi concedido em troca de se reconhecer feudatario de Castella. Desde então começou uma lucta ininterrupta contra os caciques das ilhas e sua gente. Os de Lanzarote, Forteventura e Ferro fôram os primeiros que se renderam e admittiram a religião christã. As demais ilhas fôram sujeitas só aí por fins do século; a Grande Canaria em 1483, depois de uma lucta que durou 13 annos; a ilha de Palma submetteu-se em 1491 e Teneriffe em 1496. D'esta maneira entraram as Canarias a fazer parte dos dominios hespanhoes e ficaram perdidas para os portugueses, que

pouco tempo depois da chegada de Bettencourt iniciaram o seu brilhante periodo de emprêsas maritimas e de descobrimentos sob a direcção do principe Henrique, o qual estabeleceu a sua residencia a Sudoeste de Portugal, junto ao cabo de S. Vicente, onde organizou as expedições destinadas a rasgar o veu que até ali havia occultado ás nações europeias a costa occidental da Africa. N'aquelle cabo, que é tambem o extremo Sudoeste do continente europeu se levantou no nosso século um monumento de marmore á entrada principal da pequena fortaleza de Sagres. Este monumento representa o escudo de armas de Portugal com um navio de velas soltas á esquerda, e uma esphera armillar á direita e por baixo a inscripção seguinte: *Aeternum sacrum.* D'este ponto o principe Henrique, filho de D. João I, de Portugal, emprehendeu a exploração das regiões da Africa occidental até ali desconhecidas e abriu pela circumnavegação da Africa um caminho até ás longinquas terras do Oriente. Ali construiu a expensas suas o seu regio palacio, a célebre escola de cosmographia, o observatorio astronomico e o arsenal maritimo que conservou, fomentou e engrandeceu com admiravel energia e perseverança até ao fim da sua vida para summo beneficio do reino, da sciencia, da religião e de toda a humanidade. Quando as suas expedições chegavam aos oito graus de latitude Norte e tinham descoberto e povoado muitas ilhas no Oceano com colonias portuguesas, morreu este grande principe a 13 de Novembro de 1460.

O infante D. Henrique.
Do manuscripto redigido entre 1448 e 1453 da «Chronica do descobrimento e conquista da Guiné, etc.» (Bibl. Nacional de Paris.)

Este infante D. Henrique, que posteriormente foi chamado o Navegador, era o quinto filho do rei D. João e havia nascido no Porto a 4 de Março, quarta-feira de cinza, no anno de 1394. Em 1415 ganhou as esporas de cavalleiro n'uma acção contra os mouros diante de Ceuta, tendo-se distinguido tanto e mostrado tão grande valor pessoal, que o Papa, o imperador allemão Segismundo e o rei de Inglaterra lhe fizeram propostas para confiar-lhe a direcção dos seus exercitos. O papa Martinho V desejava enviá-lo contra os turcos, assim como o imperador, que fêz as suas propostas no concilio de *Constança* ao embaixador português para que as apresentasse ao valente principe.

Nenhum d'estes convites surtiu effeito, porque, conquistada Ceuta, o infante tinha dirigido a sua attenção para a Africa, propondo-se chegar até á Guiné, chamada *Guanaia* ou *Ganaia,* e conhecida só por meio de narrações vagas, porque nenhum europeu tinha visto até então aquellas terras. Não obstante, fala das suas riquezas o mappa catalão do anno de 1375, porque apresenta perto de Tembuch (Tombuctu) no país de GINVIA um rei negro no seu throno com sceptro e globo e ao lado esta inscripção:

Aquest Senyor es appellat Mussemelly, senyor de les Negres de Gineua; aquest rey es lo pus rich y pus noble senyor de tota esta partida per l'abundancia de l'or qual se recull en sua terra.

Padrão do Cabo da Boa Esperança. (Fragmento.)
O resto existe no Museu de Cap Town — Bartholomeu Dias.

Os territorios para além do cabo Bojador não haviam sido visitados por ninguem até ali, ainda que poderia ser que tivesse sido levado pelas correntes ou pela tempestade o navegante árabe, Ibn-Fatima, até ao cabo Branco, que na sua narração chama um esplendido promontorio. Para Portugal era evidente a vantagem, se pudesse lográ-la, de ser entre todas as potencias europeias a unica que tratára com os povos da Guiné, a cujas costas a ninguem tinha occorrido ir.

Não era este, comtudo, o unico fim do principe, porque ao projectar as suas expedições, quis descobrir tambem até onde chegava o poder dos mouros, os inimigos mortaes da sua nação; attendendo a que em todos os conflictos com os mouros, se tinha notado sempre que luctavam sós, sem que nenhum outro soberano do Sul da Africa acudisse em auxilio d'elles. Isto fêz pensar ao infante que ao Sul das terras dos mouros havia talvez povos christãos, vizinhos do Preste João, pois que este ultimo figurava já no mappa catalão como imperador da Ethyopia, caso em que o infante queria ver se podia assegurar-se do auxilio d'estes soberanos para maior gloria da fé christã e atacar assim os mouros simultaneamente pelo Norte e pelo Meiodia. Por outro lado desejava tambem este principe levar elle proprio a luz do christianismo a regiões desconhecidas; e a tudo isto ajuntou-se, finalmente, uma razão poderosissima, de cuja verdade n'aquella época ninguem duvidava, e que era o seu horoscopo astrológico, que declarava terminantemente o infante destinado a fazer grandes descobri-

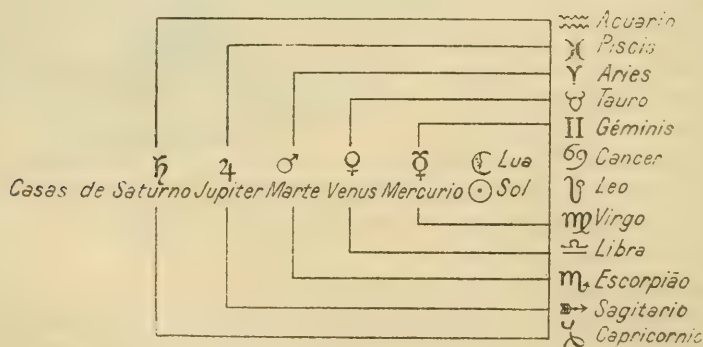
mentos. Este horoscopo, segundo Azurara [1], dizia assim: «Sendo seu ascendente (a casa ou constellação que apparece no horizonte ao nascer uma pessoa) Aries, que é a casa de Marte, em que o sol se encontra em sua exaltação, (isto é, que exerce sua maior influencia); e, como o senhor (Marte) se acha na undecima casa (por conseguinte na proximidade do sol) e no Aquario, que é a casa de Saturno, significa isto que elle nascera para fazer grandes conquistas, e especialmente a indagar coisas occultas para outra gente, porque Saturno é o guarda dos segredos. E, achando-se a sua estrella acompanhada do sol, e este se acha na casa de Jupiter, quer dizer isto que todos os seus feitos e conquistas serão completamente leaes e se realizarão com inteira satisfação de seu rei e senhor [2]».

---

[1] Azurara exprime-se n'estes termos:

«Porem vos quero aquy screver como ainda per pungimento de natural influencia, este honrado principe se inclinava a estas cousas. E esto he, porque o seo acendente foe Aryes, que he casa de Mars, e he eixaltaçom do sol, e seu senhor está em a XI casa, acompanhado do sol. E portanto o dicto Mars foe em Aquaryo, que he casa de Saturno, e em casa desperança, senificou que este senhor se trabalhasse de conquistas altas e fortes, especyalmente de buscar as cousas que eram cubertas aos outros homeẽs, e secretas, segundo a callydade de Saturno, em cuja casa elle he. E por seer acompanhado do sol, como disse, e o sol seer em casa de Jupiter, senificou todos seus trautos e conquistas seerem lealmente feitas, e a prazer de seu rey e senhor». Chronica do Descobrimento e Conquista de Guiné, Paris 1841 (Capitulo VII, pag. 48 e 49).

[2] Notem-se os pormenores explicativos d'este horoscopo. Os astrólogos davam o nome de casa a um angulo espherico no zodiaco na abóbada celeste, que comprehendia um signo, de sorte que todo o zodiaco estava dividido em tantas casas como signos; e n'estas casas estavam distribuidos tambem os sete planetas, entre os quaes se contavam igualmente então o sol e a lua; de tal modo que a cada um dos verdadeiros planetas correspondiam duas casas, e uma só ao sol e á lua. A disposição das casas planetarias no mencionado horoscopo era a seguinte:

QUADRO 1.º

Segundo este quadro que precede reinava o sol na casa de Leo; a lua na de Cancer; Mercurio na de Géminis e na de Virgo; Venus na de Tauro e de Libra; Marte na de Aries e de Escorpião; Jupiter na de Piscis e de Sagitario, e Saturno na de Aquario e Capricornio.

A exaltação achava-se disposta do modo seguinte:

Fundado em tão grande oráculo, estabeleceu com o beneplacito do rei, no referido promontorio de Sagres no Algarve, provincia de que era governador vitalicio [1], o seu palacio, o primeiro observatorio astronomico em Portugal, o arsenal maritimo e a escola de cosmographia, procurou attrahir todas as pessoas sábias do seu país, emquanto se abrigavam as suas esquadras no proximo porto de Lagos. O cabo de Sagres vem a ser uma rocha de perto de 70 metros de altura, que penetra no mar mais de um kilometro. A superficie d'este promontorio, quási desprovido de vegetação e rociado pela espuma das ondas quando, encrespadas, se partem contra a rocha, era como feita expressamente para fazer olvidar a terra firme e dirigir exclusivamente a attenção de todos os seus habitantes para o vasto Oceano. Era o melhor ponto de partida para

QUADRO 2.º

Signos do Zodiaco	Amos de casa de dia:	Amos de casa de noite:	Exaltação (ou influencia maxima)
♈	♂	—	☉
♉	—	♀	☽
♊	☿	—	♌
♋	☽	—	♃
♌	☉	—	—
♍	—	☿	☿
♎	♀	—	♄
♏	—	♂	—
♐	♃	—	♌
♑	—	♄	♂
♒	♄	—	—
♓	—	♃	♀

O *Speculum astrologicum* ou quadro astrologico na hora do nascimento do principe Henrique era, por conseguinte:

QUADRO 3.º

Serie de casas	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI	XII
Zodiaco	♈	♉	♊	♋	♌	♍	♎	♏	♐	♑	♒	♓
Ascendente											♂	
Exaltação												☉

Marte achava-se, pois, em Aquario, e este signo é a casa de Saturno (Quadro 1.º), e tambem a casa *undecima*, achando-se na casa seguinte ou duodecima o sol na exaltação (Quadro 2.º, linha 1.ª).

Estes são os elementos do horoscopo tão simples do principe, e ao qual tão grande importancia se deu.

[1] Este cargo nunca existiu.

dispôr e dirigir emprêsas nauticas e rasgar o veu que encobria os segredos de Saturno. O terrivel terramoto que destruiu Lisboa no anno de 1755, derribou tambem em Sagres os edificios que então existiam do tempo do principe Henrique (1); mas ainda podem fixar-se a situação provavel e os perimetros dos edificios mais importantes. No ponto mais estreito da pequena peninsula, defendida hoje por fortificações, estava a igreja, e ao Meiodia construiu-se o paiol da cidadella sobre os alicerces circulares do antigo observatorio. O porto ficava do lado de Nordeste. O nome da povoação era Villa do Infante, fundada pelo homem destinado a abrir uma nova época á sciencia geographica e um importante caminho através do Oceano (2).

Os contemporaneos conservaram para a posteridade os traços do seu caracter e retrato, descrevendo-o como homem alto, forte e robusto, de expressão grave, tranquilla e de palavras resolutas. O seu aspecto tinha alguma coisa que causava temor aos que o viam pela primeira vez, e quando se irritava, o que succedia com pouca frequencia, as suas feições adquiriam uma expressão selvagem. O seu porte e linguagem eram honestos, o seu traje e modos eram simples como os seus costumes, porque tinha um coração puro. Como um asceta abstinha-se rigorosamente do vinho e das mulheres. A perseverança e a força com que sabia dominar as suas paixões eram grandes. Na prosperidade como na desgraça era equanime e sempre inclinado a perdoar erros dos outros, tanto que provocou muitas vezes as críticas dos que o cercavam; mas nas emprêsas importantes mostrou a maior decisão e a perseverança mais tenaz.

Grande era o seu afan de formar jovens para os seus planos, sendo isto causa de que a sua côrte fôsse uma escola para a juventude nobre. Hospitaleiro para nacionaes e extrangeiros, reuniu na sua côrte os homens mais doutos de todas as nações e ninguem se separou d'este principe sem ter recebido provas do seu caracter elevado. Dominando-se a si mesmo e submettendo-se a uma vida rigida, foi um modelo para todos quantos o rodeavam. Dedicava todo o seu tempo ás suas incessantes tarefas que lhe absorviam mesmo o tempo consagrado ao somno. Os recursos com que subsidiou as suas repetidas expedições vieram-lhe da Ordem de Christo, Ordem muito rica que tinha por fim a conversão dos gentios, e cujo grão-mestre (3) era o proprio infante. Graças a isto fêz explorar as terras dos infieis e reuniu noticias do Sudão e das caravanas que traficavam entre Marrocos, o Senegal e Tombuctu; depois do que enviou os seus navios a descobrir o Senegal, grande rio chamado pelos indigenas Ovedech, e pelos portugueses Sanaga, do nome do povo ribeirinho conhecido por azenegues (4).

A difficuldade era que a navegação se achava então em Portugal ainda na infancia; porque apenas havia um século que os venezianos nas suas viagens á Inglaterra e aos Países-Baixos, tinham escolhido o porto de Lisboa como estação de descanso a meio do seu caminho entre a Italia e os portos do norte, despertando com isso nos portugueses o desejo de se arriscarem tambem ao mar. Não obstante, no tempo do infante

---

(1) *Infante* era a designação nobiliarchica official pela qual sempre foi conhecido o illustre filho de D. João I.

(2) Sobre a topographia dos estabelecimentos do Infante no Algarve veja-se no fim d'este volume os appendices do traductor.

(3) O Infante nas suas cartas de doação intitula-se «regedor e governador da hordem da cavalaria (ou cavalaria da hordem) do mestrado de Nosso Senhor Jesu Christo».

(4) Sobre os diversos modos por que escreveram a palavra *Ovedech*, veja-se CARDEAL SARAIVA, *Obras Completas*, tomo V, pag. 60, nota.

D. Henrique, ao qual a posteridade deu o cognome de Navegador, não se atreviam ainda os portugueses a perder de vista as costas. Era conhecida a importancia e força da agulha magnetica, e até se usavam já bússolas, mas o seu uso era excepcional, porque o instrumento era ainda imperfeito e não inspirava confiança a marinheiros timidos.

O grande historiador português, João de Barros, descreveu a maneira de navegar dos seus compatriotas nos termos seguintes: «O infante havia enviado já diversas vezes navios para descobrir terras, mas não passaram do cabo Bojador, que está a coisa de 60 milhas maritimas além do cabo de Não. Não se atreviam a passar este promontorio, já porque penetrava umas 40 milhas no mar, na direcção oeste, já porque diziam que desde este promontorio se extendia no mar um recife de mais de seis leguas, contra o qual se quebravam as ondas com tanta violencia que os aterrorisava [1]. Como até ali se tinham servido em suas viagens ao Levante unicamente da costa como guia em vez da agulha de marear, não sabiam ainda arriscar-se ao alto mar o sufficiente para evitarem o recife. Por esta razão os capitães contentavam-se em tomar terra nas suas viagens de regresso em differentes pontos da costa para pelejarem com os mouros e referir as suas victorias ao infante para lhe darem gôsto; mas d'esta fórma não alcançava o infante o fim que se propunha [2]».

Esculptura de madeira, imitação de um missionario do Congo.

As difficuldades materiaes ou technicas não eram, todavia, as unicas que obrigaram as expedições a retroceder, porque em breve conheceremos outras; antes de discuti-las, porém, parece-nos conveniente descrever a grandes traços a costa occidental da Africa que os marinheiros seguiam tão escrupulosamente para o sul.

Sabida é a pobreza de todo o continente africano em contornos accidentados, ou sejam promontorios, ou sejam bahias; mas a parte do seu contôrno mais monótona encontra-se na costa noroeste desde o estreito de Gibraltar até Cabo Verde. Em toda esta extensão de 700 a 800 kilometros não desagua nenhum rio, que offereça fundeadouro a nenhum navio, exceptuando o Senegal a 150 kilometros ao norte de Cabo Verde. O aspecto da costa é quási sempre o mesmo; sempre plano, e baixo, guarnecido de dunas, e que por metade forma a orla occidental do deserto de Sahará, tornando-se mais esteril á medida

---

(1) Este escolho não é, na verdade, mais que um banco d'areia plano, rodeado d'um recife, e d'um comprimento de 7 ou 8 kilometros que só póde espantar marinheiros costeiros inexperientes.

(2) Na parte entre « » o Autor condensa dois passos proximos do Cap. II do Liv. I da Década I de João de Barros (pag. 21 e 22 do tomo I da edição de 1778).

que se caminha para o sul. A isto se ajuntava a atmosphera turva que pesa sobre o mar até 40 ou 50 milhas da costa, e a pouca profundidade da agua em todo aquelle trecho. Esta atmosphera espessa tem sido attribuida até hoje ao pó e á areia procedentes do deserto, que deixando cair as suas particulas mais pesadas levantam o fundo do mar e o enchem de baixios, ao passo que as particulas mais leves se sustentam no ar por vezes até alguns centenares de milhas a dentro do Oceano. Estes baixios e a difficuldade de distinguir a costa através d'uma atmosphera tão espessa eram bastantes para manterem em contínua inquietação os marinheiros do tempo do infante D. Henrique. A estas causas se ajuntava a formação de innumeraveis agglomerados nevoentos e chuviscos produzidos pela collisão de grandes massas de ar desigualmente aquecidas, e que, sem formar verdadeiras accumulações de nuvens, torna a atmosphera pesada e bastante opaca para confundir o navegante.

Outra explicação é dada por Theobaldo Fischer nos seus «Estudos sobre o clima dos países mediterraneos» (Gotha 1879), dizendo que é muito provavel que as névoas tão frequentes desde a Galiza até Marrocos se devam a uma corrente fria e submarina que passa ao longo das costas occidentaes da peninsula iberica e da Africa. Em Agadir viu Gerardo Rohlfs que raras vezes conseguiu o sol dissipar a névoa antes do meio-dia, e dos habitantes soube que estas névoas espessas duravam até o meio-dia no proprio coração do verão. Isto basta para explicar o terror dos marinheiros quando tinham que navegar entre a bruma, sobre um mar, do qual os proprios geographos da Idade-Média contavam tantos mysterios sinistros. Inutil é dizer que estas brumas são mais frequentes e mais espessas ainda no inverno que no verão, sendo então, geralmente acompanhadas d'um vento nordeste sêcco e frio e obscurecendo tanto o sol que mesmo hoje teem de fundear os barcos que se achem perto da costa até que o tempo aclare.

O Oceano era, pois, para a nascente marinha portuguesa realmente um inimigo mais obstinado e pertinaz que os exercitos mouros, e para muitos provavelmente até um inimigo invencivel, menos para o infante D. Henrique que atacou este obstaculo com uma força e uma perseverança que pareceram aos seus marinheiros não sómente excessivas, mas temerarias, até o delirio ou loucura. Vinte annos luctou sem obter o resultado que buscava, e tambem sem fazer caso do descontentamento dos seus subordinados, e mais d'uma vez devia ter ouvido entre a sua gente o adagio: «Quem passar o cabo Não, ou voltará ou não».

«Tão grande, diz Barros, era o temor que inspirava esta emprêsa, que custou ao infante grande trabalho encontrar gente que quisesse entrar ao seu serviço, porque o povo se queixava abertamente de que tirava habitantes ao solo patrio para fazê-los perecer nos mares ou em países longinquos e desertos (1)».

Estes países longinquos e desertos eram na mente do povo nada menos que toda a zona tórrida, porque todo o conhecimento da superficie da terra que a Idade-Média possuia se compunha dos restos dos conhecimentos dos antigos gregos e romanos, que se haviam conservado; e eram passados mais de mil annos desde o ultimo grande geographo de Alexandria (2) até ao infante D. Henrique sem que a geographia physica tivesse

(1) Aqui, como em outros pontos, o Autor não transcreve mas condensa o texto dos autores que utiliza. Para este passo e sobre o que diziam «não sómente os mareantes, mas ainda outras pessoas de mais qualidade», veja-se BARROS, *Asia*, Década I, Liv. I, Cap. IV (pag. 37 e segg., ediç. de 1778).

(2) Ptolomeu, nascido na Thebaida (em Ptolomais), viveu em Alexandria pelo anno 130

adiantado um só passo. A cega submissão ás auctoridades, tão caracteristica durante toda a Idade-Média, existia tanto na sociedade politica como nas sciencias até onde estas mereciam este nome, e este era outro obstaculo que prendia as mãos ao infante português.

Os antigos nada sabiam do limite meridional do grande deserto africano, do qual apenas conheciam os oasis mais septentrionaes; mas a solidão e falta de vegetação, que augmentavam á medida que se penetrava mais para o sul eram razões bastantes para os philosophos gregos, tão dispostos a tirarem inducções geraes de factos particulares,

Carta da Africa n'um Portulano de 1351. (Bibliotheca Laurenciana de Florença.)

para inferirem tambem que toda a zona tórrida era necessariamente inhabitavel. Se se tem presente que a auctoridade de Aristóteles quási igualava a da Sagrada Escriptura na Idade-Média, não surprehenderá que no século XIV se acreditasse, como se acreditava firmemente, tudo quanto tinha deixado escripto o sabio de Estagira, e o que tinham confirmado Ptolomeu, o ultimo mestre da sciencia geographica, e os sabios árabes, conservadores das obras de Aristóteles, e o que o proprio Alberto Magno, apesar dos seus estudos vastos em todos os ramos, não se tinha atrevido a contradizer ainda no século XIII, se bem que dissera que talvez nas costas e ilhas da zona tórrida, a vida organica pudesse arrastar uma existencia rudimentar.

A tão inhospitas regiões, onde a terra, a agua e o ar eram inimigos da vida, sob a

---

nos reinados dos imperadores Adriano e Antonino. Aos árabes se deve a conservação da sua grande obra astronomica, o *Almagesto*, a sua Geographia em 8 livros, e outras obras não menos notaveis.

fórma de desertos candentes, brumas impenetraveis e mares que eram vastos pantanos, sob o flammejar do sol equatorial, é que o infante tratava de enviar as suas expedições. Que milagre, pois, que muitos julgassem um dever de humanidade oppôr-se a semelhantes caprichos do principe, e impedir tão injustificaveis sacrificios humanos?

Fato de pennas, de feiticeiros do Congo.

A despeito de todos estes obstaculos permaneceu firme o infante no seu proposito, e fiel ao seu formoso lemma: *Talent de bien faire.* Falaremos agora das expedições mais importantes que organizou nos primeiros vinte annos: Em 1416 enviou Gonçalo Velho a passar além das Canarias. Em 1419 uma tempestade arrojou João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira a Porto Santo, ilha do grupo da Madeira e a esta ultima ilha voltaram os dois no anno seguinte com o piloto João de Morales; e em 1431 Gonçalo Velho Cabral descobriu as primeiras ilhas do grupo dos Açores.

Á frente das expedições vemos que figuravam pagens de camara e copeiros do principe que deviam estar inteirados dos elevados planos e intenções de seu amo; mas as suas vistas não alcançaram mais longe do que pelejar com mouros e negros e apresar gente para levá-la ao seu senhor, tanto que se conservou o numero de indigenas que cada expedição capturou; mas de resultados nauticos e em geral scientificos mal falam as narrativas d'estas expedições. Os portugueses d'então eram demasiado cavalleirescos e guerreiros para n'um momento se poderem transformar em marinheiros e muito menos em nautas eminentes.

Como prova do que dizemos, citaremos aqui a expedição da esquadra de 14 navios do cavalleiro de Lanzarote, que, depois de terem sido dispersados os navios por uma tempestade, e de ter-se tornado a reunir junto a uma ilha da costa, teve a ideia de capturar os mouros que na ilha viviam, mas que haviam sido bastante astutos para se refugiarem durante a noite em terra firme, d'onde escarneciam os portugueses ludibriados. Dois jovens nobres, irritados com estas mofas, saltaram á agua e nadaram até á costa para castigarem os mouros; mas estes correram para elles com grandes alaridos, de modo que para salvarem os dois jovens temerarios se puseram em movimento todas as tripulações. Os que sabiam nadar saltaram á agua, e na costa estabeleceu-se uma lucta que acabou pela derrota dos mouros, os quaes deixaram no campo muitos mortos e 57 prisioneiros, que fôram embarcados. Na noite do mesmo dia os portugueses, não contentes com a sua victoria, atacaram uma aldeia situada a sete leguas

terra a dentro, e para onde, segundo denúncia dos prisioneiros, haviam fugido os mouros da manhã; encontraram, porém, a aldeia abandonada, porque os fugitivos tinham avisado os habitantes para que se retirassem, com os seus rebanhos, da costa. Não obstante, ao regressarem os expedicionarios pela manhã aos navios, capturaram ainda cinco mouros extraviados. Estes actos de rapina não impediram que os perpetradores gravassem, em memoria da sua heroicidade, o lemma do seu senhor: *Talent de bien faire,* na casca das arvores em que puderam fazê-lo.

Verdade seja que estes actos brutaes, e em certo modo puerís, não fôram sempre commettidos pelas esquadras enviadas directamente pelo principe, mas antes por emprêsas de particulares, aos quaes o infante permittiu ir em busca de aventuras e de descobrimentos em troca de uma participação nos lucros; mas era sempre elle o centro, movel e director de todas estas expedições, verdadeiramente corsarias, e até animou e excitou os homens arrojados a fazê-las.

De nada póde colligir-se, como alguns teem querido dar a entender, que o infante D. Henrique tivesse tido desde o principio o proposito de encontrar um novo caminho para chegar ás Indias. Este projecto, o fructo mais bello de todos os seus trabalhos, nasceu e desenvolveu-se gradualmente e não amadureceu senão depois da sua morte.

O primeiro passo notavel que produziram estas expedições á costa africana realizou-se no anno de 1434. Gil Eannes, pagem do infante, havia capturado alguns mouros n'uma expedição, contra a ordem expressa de seu amo, e querendo recobrar o seu favor, arriscou a vida para dobrar o cabo Bojador que, depois de 12 annos de tentativas constantes, continuava a ser o limite não transposto de todas as expedições. A sua emprêsa vingou sem o menor contratempo, e nada mais foi preciso para incitar á imitação. O seu successor, Affonso Gonçalves Baldaia, chegou até ao rio do Ouro, isto é, á linha do trópico de Cancer, ou seja o limite septentrional da zona tórrida.

Na praia encontraram os seus marinheiros rêdes de pescar, signal evidente de que, contra tudo o que se tinha acreditado, existiam ali seres humanos. Com isto recebeu um sério golpe a antiga theoria da inhabitabilidade da zona tórrida. Nem por isso ficou inteiramente vencida esta theoria, pois que não se havia penetrado ainda no interior que se julgava mortal; mas, afastado já o terror que inspirava o cabo Bojador, ficou aberta a porta da terrivel zona, e desde então não faltaram navegantes que em série ininterrupta se adiantaram para o Meiodia.

Em 1441 chegou Nuno Tristão ao cabo Branco, e, dois annos depois, á bahia de Arguim. Por desgraça, o principe havia dado ordem para matar ou prender a população que se encontrasse na bahia e nas ilhas pequenas mais proximas, antes de continuar os descobrimentos. Em breve se convenceu que com tal ordem havia commettido um êrro muito grave, e teve o bom senso de sustá-la antes que fôsse demasiado tarde, porque os habitantes d'aquella costa do deserto podiam ser utilissimos aos portugueses, se se estabelecessem relações pacificas com elles, ainda que não fôsse senão pelas noticias que pudessem dar-lhes do interior da Africa. Para estabelecer estas bôas relações foi destinada a ilha de Arguim como centro de operações e relações mercantis, para o que foi ali construido um castello e fundada a primeira colonia portuguesa em Africa, estabelecendo-se muito em breve uma activa troca de generos entre a colonia e os azenegues; e, poucos annos depois, pôde já enviar a uma sociedade mercantil de Lagos, porto a oriente da Villa do Infante, uma esquadra de seis navios. Pouco a pouco os tecidos de toda a especie, e em especial pannos de côr e mantas de lã, sellas e estribos, pratos, mel, prata, perfumes, coraes vermelhos e trigo, eram trocados por escravos negros da Guiné, ouro de Tombuctu, pelles de búfalo, gomma, algálias, ovos de avestruz, camellos,

vaccas e cabras. Tão vantajosos eram os resultados, que o infante D. Henrique pôde arrendar o commercio de Arguim a uma sociedade mercantil. Semelhantes vantagens taparam forçosamente a bôcca aos que haviam criticado as expedições organizadas pelo infante, e em compensação cresceu tanto o interêsse por estas emprêsas, que foi mistér refrear o enthusiasmo excessivo dos portugueses, tão facil de excitar. Tomaram-se disposições legislativas para limitar as expedições de roubo e de aventuras, sem prejuizo de fomentar activamente a formação de uma grande marinha de commercio, chegando-se d'esta fórma a monopolizar em favor do rei o commercio com a Africa.

O segundo grande passo realizou-se no anno de 1445, e foi devido ao arrojado marinheiro Dinís Dias, ascendente de Bartholomeu Dias, que, 26 annos depois da morte do infante D. Henrique, dobrou o cabo da Boa Esperança. Este Dinís Dias havia-se distinguido já no serviço do rei D. João I, que reinou até ao anno de 1433. O infante confiou-lhe uma pequena caravella e Dias prometteu seguir exactamente as ordens de seu senhor, penetrando mais para o Sul que todos os seus antecessores, sem metter-se a traficar com os habitantes das costas, e chegar á terra dos mouros negros, segundo se dizia então, por opposição com os mouros brancos (berberes e mauritanos). Passou, pois, por diante da foz do Senegal, que separa a raça negra da branca e chegou até Cabo Verde, onde o seu navio excitou a maior admiração entre os habitantes negros que disputavam sobre se aquelle monstro era peixe, ave ou phantasma. Quatro dos mais arrojados tripularam uma canôa para examinarem a apparição mais de perto; mas, quando viram que havia homens a bordo, fugiram com tanta pressa, que os portugueses não puderam alcançá-los.

O resultado da expedição foi importante. Por um lado tinha-se chegado á verdadeira terra dos negros, e por outro Dias tinha visto desenrolar-se junto a Cabo Verde uma região tropical com uma vegetação exuberante, que lançava por terra todas as theorias dominantes então sobre a esterilidade da zona tórrida, que ali, a 15º de latitude Norte desenvolvia, sob a influencia das chuvas tropicaes, uma flora que offerecia abundantissimo alimento a animaes, tão grandes como innumeraveis, e a populações humanas e até robustas e bellas.

Estes factos destruiram irremissivelmente as doutrinas de Aristóteles e de Ptolomeu ácêrca da inhabitabilidade da zona tórrida. Esta theoria antiga, que havia prevalecido tantos séculos, desfez-se contra Cabo Verde, cabendo esta honra ao principe Henrique, cujo lemma *Talent de bien faire* celebrou ali a sua maior victoria, porque desde então abriu-se para a sciencia geographica um horizonte inteiramente novo, e o mundo europeu aprendeu a confiar mais nas observações directas do que na auctoridade dos philosophos gregos.

Poucos nomes geographicos são tão acertados como o de Cabo Verde, que quási se impôs por si mesmo ao descobridor; porque, em opposição ás dunas brancas do cabo Branco do Norte de Arguim no limite do Sahará, eleva-se o Cabo Verde coroado de palmeiras a uma bôa distancia a dentro do Oceano. Na sua planicie, á sombra das suas palmeiras, encontrou o seu tumulo a geographia da Idade-média.

Poucos annos depois d'este descobrimento, visitou este cabo o habil navegador veneziano, Luís de Cadamosto. Este homem acompanhava uma frota veneziana, que se dirigia a Flandres e teve de entrar no fundeadouro do cabo de S. Vicente por causa de ventos contrarios. Ao sabê-lo, o infante D. Henrique enviou ao chefe da expedição o seu secretario, Antonio Gonçalves, com o consul veneziano, Patricio de Conti, com amostras de canna de assucar, acclimada recentemente na ilha da Madeira, e outras de sangue de drago e outros productos africanos para incitar os venezianos a fazerem

uma expedição ao Senegal. Cadamosto interessou-se vivamente por esta emprêsa ao ouvir taes descripções e informou-se das condições da expedição. Disseram-lhe que o armador que a custeasse tinha de dar ao infante uma quarta parte do beneficio, depois de realizada a emprêsa; e, se fôsse o infante que a custeasse, havia de dar-se-lhe metade dos beneficios. Sobre isto teve Cadamosto uma entrevista com o infante e ficaram accordes. A frota veneziana continuou a sua viagem para Flandres, e Cadamosto ficou.

O infante D. Henrique pôs á sua disposição uma caravella de 90 toneladas ás ordens de Vicente Dias, e com ella chegaram até ao rio Gambia. D'esta viagem publicou o veneziano, depois, uma narração minuciosa, da qual tiraremos para aqui só a descripção de Cabo Verde: «O Cabo Verde tira seu nome das arvores verdes que ali crescem e que conservam a sua côr quási todo o anno. Descobriram-no os portugueses um anno antes da minha chegada, e deram-lhe este nome pela razão indicada; do mesmo modo que o nome de Cabo Branco provém da côr da areia que o forma; mas o Cabo Verde é elevado e agradavel á vista. Está entre duas montanhas e entra pelo mar, tendo muitas choças e vivendas de negros. Deve notar-se que em Cabo Verde forma a costa uma bahia com praias planas e cobertas, como toda a costa, de grande numero de bellissimas e grandissimas arvores verdes, porque ali não caem as folhas velhas emquanto não apparecem as novas. De longe parecem estar á beira da agua, mas na realidade estão distantes um tiro de bala. E' uma costa bellissima. Viajei para Levante e Poente e vi muitos países, mas nenhum mais formoso que este, banhado por muitos rios grandes e pequenos».

Na traducção allemã, feita por um cidadão frio e calmo de Strasburgo do século XVI, perde naturalmente muitissimo a descripção do original, que dá uma imagem mais viva d'aquelle país.

Alexandre de Humboldt, nos seus estudos criticos sobre o desenvolvimento historico dos conhecimentos geographicos do Novo Mundo, assignala muitas passagens do Diario da primeira viagem de Colombo, nas quaes o descobridor da America descreve com eloquentes palavras os encantos da natureza nas costas de Cuba. Luís Cadamosto sentiu da mesma maneira e pintou com as mesmas côres, trinta annos antes, a formosura de um país tropical, e as suas palavras realçam a nossos olhos a importancia do descobrimento de Cabo Verde.

Esta descripção de uma natureza tão distincta da europeia devia ter interessado vivamente o infante, ainda que não fôsse nova para elle; porque havia tempo que reunia no seu palacio de Sagres quantos dados podia alcançar sobre os países da Africa central e meridional. Tinha recebido da Italia um manuscripto de Marco Polo e um mappa da Africa que indicava o extremo Sul d'este continente quási como hoje o conhecemos, o cabo da Boa Esperança; e pelos seus agentes em Tunis sabia que as grandes caravanas atravessavam o deserto do Saharà em cinco ou seis semanas, voltando com ouro e escravos negros, e talvez soubesse tambem que um italiano havia chegado até Tombuctu.

Com estes dados se impunha por si só a convicção de que, proseguindo as expedições maritimas para o Sul, se chegaria por fim áquelles países.

Activo, previdente e circumspecto como era, o infante D. Henrique não quis expôr cegamente a sua gente a desgraças imprevistas, e, em consequencia d'isso, organizou, a partir de Arguim, um systema completo de exploração, utilizando o tráfico com as tribus mouras do deserto, para formar uma ideia clara do caminho das caravanas de Tombuctu, dos oasis por onde passavam e do país do Sudão. Prova da energia com que

realizou os seus planos sobre a Guiné, foi a missão que confiou a João Fernandes, o qual desembarcou nas costas do deserto do Sahará para viver entre os mouros, aprender o seu idioma e adquirir noticias exactas sobre os territorios dos negros e especialmente sobre o reino de Melli. Sete meses permaneceu Fernandes entre as tribus selvagens do interior e ao cabo d'este tempo foi recolhido outra vez a bordo do barco de Antonio Gonçalves, que o trouxe a Sagres com grande satisfação do infante por vê-lo de novo. Fernandes referiu-lhe as suas aventuras, dizendo que os indigenas que viu primeiro lhe tiraram as roupas e lhe deram em troca uma manta como a que elles levavam. Eram nómadas e possuiam rebanhos de carneiros, mas, sendo o país arenoso e desertico, eram escassos os pastos.

Fato de pennas de feiticeiro do Congo.

As palmeiras e as mimosas bravas eram tambem plantas raras. Os habitantes eram azenegues berberescos, seguiam a religião de Mafoma e estavam em guerra contínua com os negros, vendendo os prisioneiros, que faziam, como escravos, aos traficantes de Tunis e de Marrocos. Tambem tiravam ouro dos ricos territorios dos negros, dos quaes pôde dar Fernandes muitas outras noticias interessantes. Ao cabo de pouco tempo, os beduinos levaram Fernandes perante o seu cheik, que vivia a uma distancia consideravel. Fizeram a viagem em camellos através do deserto, tendo por guia unico na areia movediça as estrellas e o vôo das aves. Tres dias estiveram sem agua e, finalmente, encontraram o cheik e o seu aduar constituido por 150 almas. O português foi muito bem recebido e alimentado principalmente com leite; de modo que aos sete meses, apesar do calor e da areia do deserto, pôde regressar com bôa saude ao seu país.

Á medida que o infante, alma de todas as emprêsas, adquiria ideias mais claras sobre a natureza dos trópicos, generalizaram-se aquellas tambem entre todos os marinheiros, que não tardaram em renunciar ás erroneas ideias antiquadas. Sob este ponto de vista é notavel a seguinte observação que fêz Diogo Gomes sobre o país dos Iolofos em Cabo Verde: «Tudo isto escrevo com permissão de sua mercê, o senhor Ptolomeu, que disse coisas muito bôas a respeito da divisão do mundo, mas que errou grandemente n'um ponto. Divide o mundo para elle conhecido em tres partes: uma, a média, habitada; outra, arctica, e a terceira, a tropical, inhabitaveis as duas, aquella por causa do frio e esta por causa do calor. Pois bem,

agora tem-se provado o contrario (¹). Innumeraveis são os povos negros que vivem no Equador e as arvores attingem ali uma altura incrivel, porque justamente no Meio-dia augmenta o vigor e a exuberancia da vegetação, ainda que as suas fórmas nos pareçam extranhas».

É natural que tão brilhantes resultados fôssem um impulso poderoso para extender cada vez mais as expedições e augmentar os descobrimentos. No anno que se seguiu á expedição de Dinis Dias, chegou Nuno Tristão até ao rio Gambia, e Alvaro Fernandes quási até á Serra Leoa. As relações com os indigenas apresentavam, comtudo, grandes difficuldades, porque as suas tribus, mais numerosas, mais ousadas e mais valentes que as pobres tribus do Saharà, se oppunham frequentemente ao desembarque dos portugueses, os quaes perderam muita gente, victima das flechas envenenadas dos negros. Estes perigos, a par da pericia e confiança que haviam adquirido os portugueses na nautica, estão vivamente pintados na descripção da expedição de Nuno Tristão. Este penetrou com uma pequena lancha no rio Nunes (²), ao sul do Rio Grande, onde se viu subitamente rodeado de canôas tripuladas por negros armados. Quási todos os portugueses, sem exceptuar o seu valente chefe, caíram victimas das flechas envenenadas dos selvagens; de fórma que só ficaram a bordo da caravella o escrivão da expedição e quatro grumetes. Estes fizeram rumo ao norte pelo alto mar e, sem terem visto nem tocado terra, chegaram, passados dois meses, sãos e salvos ao seu país. Isto prova um grande progresso nautico; havia passado o tempo em que os portugueses temiam afastar-se da costa e já os não espantava o Oceano incommensuravel.

Muito importante foi a observação de que a costa occidental, que até Cabo Verde seguia a direcção sudoeste, mudava a sua direcção desde este ponto para sudeste; razão por que póde dar-se crédito ao historiador Azurara, quando diz que então pensou o infante Henrique sériamente em encontrar por aquelle lado uma rota maritima para a India; com a differença de que deve ter-se presente que n'aquella época o que se chamava India comprehendia todos os países ribeirinhos do Oceano Indico e, por conseguinte, tambem a costa oriental da Africa e, sobretudo, a Ethyopia Alta. Acreditava-se que n'este ultimo país reinava o Preste João, sobre um povo christão, que necessariamente devia estar em guerra contínua com os árabes do Egypto, e que por isso mesmo seria facil induzi-lo a uma alliança contra o inimigo commum do Christianismo. Houve até quem alimentasse a esperança de penetrar até á côrte do Preste João pela via fluvial, pois que então se julgava que todos os rios grandes da Africa communicavam entre si, formando uma rêde immensa. Fra Mauro representou esta concepção no seu mappa-mundi; e Barros identifica o Issa (Niger), perto de Tombuctu, com o curso superior do Senegal. Comtudo, Diogo Gomes, no anno de 1457, soube na sua viagem que havia no interior da Senegambia grandes rios, cujo curso se dirigia para léste, porque o infante tinha expedido tres caravellas ás ordens de Diogo Gomes, João Gonçalves Ribeiro e Nuno Fernandez de Baya, com ordem de avançarem até onde fôsse possivel. Junto ao

(¹) Na versão portuguesa de Gabriel Pereira (in-*Bol. Soc. Geog. Lisboa*, 17.ª série, n.º 5) lê-se aqui o seguinte passo omittido pelo auctor alemão: «*porque o polo arctico vimos habitado até além do prumo do polo*, etc.» Esta affirmação feita em 1482, data provavel da *Relação* de Diogo Gomes, envolve um curioso problema de interpretação.

(²) Nuno Tristão foi morto no Rio Grande (V. *Asia* de João de Barros) e no mesmo anno da sua morte, ou no anterior, descobriu o Rio de Nuno (V. Cardeal Saraiva, *Ob. comp.*, tomo V, pag. 68).

Rio Grande entraram n'uma corrente tão forte, que foi impossivel fundear e os capitães resolveram voltar atrás. Entraram no Gambia e subiram por este rio até á grande cidade de Cantor, onde souberam que as caravanas de Tunis e do Cairo chegavam até ali para adquirirem ouro, e que para além do promontorio da Serra Leoa havia grandes rios que corriam para léste. De resto, tão provavel pareceu aos portugueses poder chegar á India dobrando a ponta meridional da Africa, que uma d'aquellas tres caravellas trouxe até para bordo um indio (abyssinio) para que na India servisse de intérprete.

Esta foi a ultima expedição consideravel ordenada pelo infante D. Henrique, o qual morreu em Sagres, na idade de 66 annos e alguns meses, em 13 de Novembro de 1460. Na prosecução assidua dos seus levantados projectos havia exgotado todos os seus recursos, devendo já em 1449 a seu parente, Fernando de Bragança ([1]), a somma então enorme de 19.394 corôas de ouro, mas todo este dinheiro e todos os seus grandes recursos haviam sido gastos, não em correr atrás d'uma illusão vã e caprichosa, mas em fazer de Portugal uma potencia maritima que havia avocado a si a direcção de descobrimentos de mundos novos e estava no caminho de obter grandes e brilhantes resultados.

No mesmo anno da morte do infante D. Henrique descobriu Diogo Gomes as ilhas de Cabo Verde, em companhia d'um genovês chamado Antonio de Noli ou Nola Gomes foi o primeiro que desembarcou na ilha de Santhiago, mas, chegando Noli antes d'elle a Portugal na viagem de regresso, foi o primeiro que deu a conhecer o descobrimento. Este foi attribuido erradamente tambem a Cadamosto, mas a sua narração de viagem que, segundo se pretende, foi publicada em 1457, contém tantas contradicções, que é preciso admittir que Cadamosto se quis apropriar de glorias alheias. Refere que, partindo do Cabo Branco, na direcção O N O, chegou ás ilhas mencionadas no dia de São Filippe e São Thiago (1.º de Maio), sendo certo que foi em principios do mesmo mês que se fêz de vela de Cabo Branco. Diz a seguir que encontrou na ilha rios, nos quaes pôde penetrar com o seu navio, quando é certo que ali não ha rios nem riqueza d'agua ([2]).

Antes de proseguir na descripção dos descobrimentos maritimos, é conveniente lançar um olhar para o estado dos conhecimentos geographicos geraes e para os mappas d'aquelle tempo. Depois das fluctuações dos primeiros tempos da Idade-Média, tinha-se tornado a admittir desde o século XIII a fórma espherica da terra; e se, não obstante, se representava nos mappas a terra em fórma de disco, como se se acreditasse ainda que tinha esta fórma, deveu-se a uma theoria muito singular que desde o tempo de Dante prevaleceu até fins do século XV, e que suppunha dois centros distinctos no globo terraqueo, um para a terra solida e o segundo para o elemento liquido, e ainda outro centro de gravitação.

O prior cartucho allemão, Gregorio Reisch, explica esta theoria pouco mais ou menos nos termos seguintes na sua *Margarita philosophica*, publicada pela primeira vez em 1496, reimpressa muitas vezes durante o século XVI: «A agua cobriu a principio toda a superficie da terra como uma nuvem fina que se elevava até ás altas regiões».

([1]) Trata-se do 2.º Duque de Bragança. Outra dívida, ao mesmo duque, de 16.084 corôas de ouro consta de escriptura posterior e respectivo codicillo. V. Antonio Caetano de Sousa, Historia Genealogica da Casa Real Portuguesa, volume V, pags. 145-146. V. tambem Costa Lobo, Historia da Sociedade em Portugal no século XV. Lisboa, 1903 (pag. 449 e 456).

([2]) Veja-se *H. Major, Prince Henry*, pag. 277 e seg.

Á ordem do Creador o firmamento separou as aguas superiores das inferiores, reunindo-se estas ultimas n'um só ponto mais profundo e deixando descoberta a terra firme para os seres viventes. De toda a substancia da terra e da agua formou-se um só corpo espherico, ao qual os sabios attribuiram dois centros, um de gravidade, outro de grandeza. Este ultimo é o que está situado no ponto médio do eixo de toda a esphera formada da terra e da agua, e por conseguinte, no centro do mundo. Fóra d'este centro está o de gravidade, que está sobre o diametro da terra solida, maior necessariamente que o raio da esphera formada da terra e da agua, porque, a não ser assim, cairia o centro do mundo fóra da terra, supposição que seria a mais absurda que poderia imaginar-se em physica e em astronomia.

«A admissão de centros distinctos é inilludivel, porque a parte firme da superficie terrestre é mais leve que a constituida pela agua. A terra firme é mais leve que a parte aquatica, e por esta razão não póde ser o centro de gravidade identico ao de grandeza, senão que o primeiro se acha mais para a peripheria do lado da agua que o segundo, e para aquella parte se reunirão tambem as aguas da terra, porque assim se approximam mais do centro do mundo.»

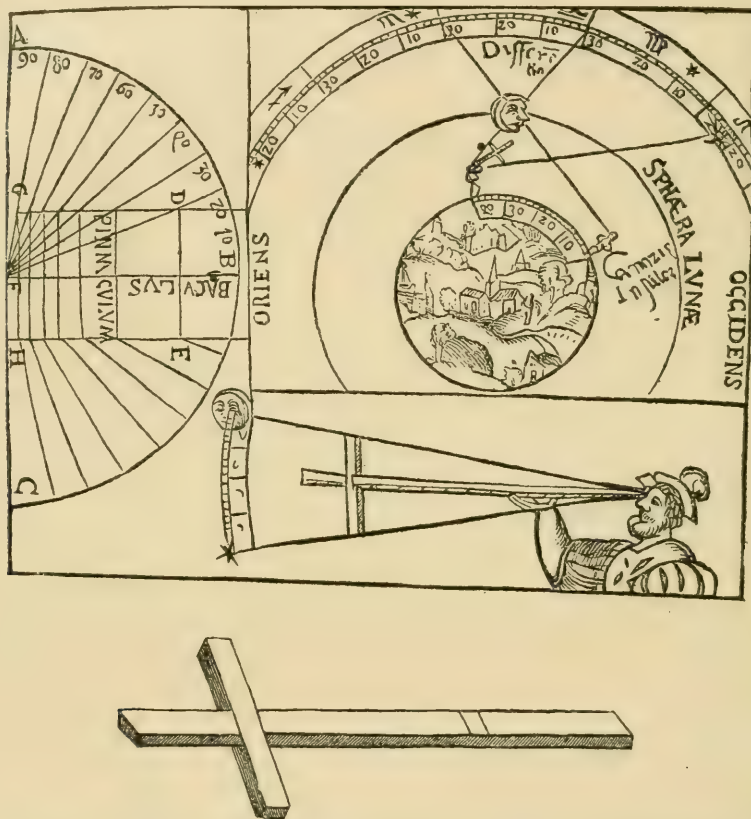
Segundo esta theoria, acham-se reunidas as massas de terra firme em A, e as aguas, o Oceano, em B (veja-se a respectiva gravura); e a secção da esphera, que comprehende a terra solida, terá naturalmente fórma circular. Esta parte da superficie da terra era a unica, pois, que, como morada do homem, merecia, na opinião dos geographos da segunda metade da Idade-Média, ser representada nos mappas, e d'aí a condensação de todas as terras conhecidas e lendarias rodeadas do Oceano n'aquelles mappas, desde o de Marino Sanudo (1320) até o de fra Mauro (1459).

A representação da parte aquatica da esphera terrestre não tinha nenhum interêsse, nem occorreu a ninguem representá-la, até que Toscanelli, o florentino, fêz a primeira tentativa n'este sentido, pelo anno de 1474; mas então, segundo veremos, tinha-se introduzido já um factor novo e importante que trouxe comsigo uma reforma nas theorias e methodos dominantes até ali.

Este novo factor foi o estudo da grande obra (Almagesto) de Ptolomeu. O primeiro que mencionou a obra do geographo de Alexandria na Europa foi o cardeal Pedro d'Ailly, bispo de Cambray, nascido em 1350, na sua famosa obra *De Imagine mundi*, publicada pelo anno de 1410, obra que Christovão Colombo considerou como auctoridade principal para justificar o seu projecto de encontrar um caminho para as Indias, atravessando o Oceano Atlantico.

Nicolau Donis publicou posteriormente ao anno de 1470 as obras de Ptolomeu vertidas para latim, com mappas, quando o original grego tinha já chegado, por intermedio do cardeal Bessarion, ás mãos do mais sabio dos astronomos allemães d'aquella época, o famoso Regiomontano (traducção latina do nome da sua terra Königsberg), que viveu desde 1436 a 1476.

A applicação das observações astronomicas á orientação e determinação das posições geographicas limitou-se durante alguns séculos ás latitudes; isto foi já, porém, um poderoso recurso para se fazerem mappas mais correctos. Para facilitar estas observações, calculou Regiomontano em 1473 as ephemérides, tábuas que indicam dia por dia a posição dos planetas no zodiaco, para um periodo de 32 annos, justamente o dos descobrimentos mais importantes e que se extendeu até o anno da morte de Christovão Colombo, que foi o de 1506. Regiomontano inventou tambem um instrumento de uso facil a bordo dos navios, para medir distancias angulares. Este instrumento, que depressa foi introduzido em toda a parte, foi chamado pelos portuguezes

balestilha, e pelos hespanhoes *baculo de São Thiago,* em inglês *cross staff,* em hollandês *graedboog,* e compunha-se de uma vara graduada com uma travessa movediça em angulo recto. Para usá-lo approximava-se o extremo da vara tão perto do ôlho quanto fôsse possivel, e collocava-se a travessa movediça no ponto conveniente para que o raio visual que passava pelo seu extremo inferior se dirigisse ao horizonte, á estrella polar,

O baculo de S. Thiago. — (Da «cosmographia Petri Apiani et Gemuae Fujii», Antuerpia, 1584.)

á lua, etc., e o raio visual do outro extremo ao astro cuja distancia angular a um d'estes pontos se queria saber. Martinho Behaim ([1]), discipulo do inventor, introduziu este instrumento em Portugal; mas as observações e calculos de latitude dos marinheiros portugueses não tiveram a exactidão das medições feitas pelos astrónomos, chegando os êrros a attingir muitas vezes tres graus.

([1]) A balestilha nem se deve a Regiomontano nem foi introduzida em Portugal por Martim de Bohemia. Cf. Joaquim Bensaude, *L'astronomie nautique au Portugul à l'époque des grandes découvertes* (Bern, 1912), pag. 30. Este livro, bem como todas as publicações documentaes feitas pelo mesmo auctor, não póde deixar de ser lido pelos que se interessam por estes assumptos. V. tambem a explendida monographia do Prof. Luciano Pereira da Silva, *Astronomia dos Lusiadas,* bem como os seus lucidos opusculos a proposito da nossa astronomia nautica nos séculos XV e XVI.

As ephemérides de Regiomontano eram sómente applicaveis ao hemispherio septentrional, e não podiam servir aos descobridores portugueses desde o momento em que passavam o Equador, onde se lhes apresentavam na abóbada celeste constellações inteiramente novas. Tornou-se, pois, necessario, calcular tábuas astronomicas tambem inteiramente novas para o ceu austral. Para este fim nomeou o rei de Portugal, D. João II, que reinou de 1481 a 1495, uma junta astronomica, presidida pelo bispo Diogo Ortiz e auxiliada pelo cavalleiro Behaim, a qual devia calcular a altura do sol para as latitudes austraes e redigir as respectivas tabellas ([1]).

Com estes novos auxiliares, puderam representar-se os contornos das costas com exactidão cada vez maior em tudo quanto se referia ás costas africanas; porque as da Asia, onde não se havia chegado ainda, fôram traçadas muito depois, á medida que avançavam os exploradores portugueses n'aquellas regiões, e até então conservou aquelle continente nos mappas a figura que lhe tinha dado Ptolomeu. Por isso, offerecem os mappas d'aquella época a circumstancia singular de reunir dados modernos baseados em observações scientificas, com os dados tradicionaes dos antigos geógraphos gregos. Á medida que os marinheiros adiantavam as suas explorações e descobrimentos, apresentava-se a India cada vez mais decididamente como objectivo final das emprêsas nauticas, e o que o infante D. Henrique concebeu vagamente, nos ultimos annos da sua vida, foi o objectivo claramente proseguido depois da sua morte.

Considerada já a terra como uma esphera, posto que houvesse divergencia a respeito da proporção das aguas e da terra firme na sua superficie, não duvidava ninguem que o Oceano se extendia sobre uma grandissima parte da terra e que formava um lençol não interrompido de agua, o que fêz nascer varios projectos de procurar uma rota para as Indias através d'este Oceano.

O projecto mais simples era o dos portugueses, que se limitava a costear a Africa para chegar d'este modo ao país bemdito do Oriente.

Sendo a historia das tentativas que fizeram as nações maritimas europeias para se pôrem em relação directa com as terras productoras de especiarias e com a China, a parte mais importante da historia dos grandes descobrimentos, apresentaremos, para maior comprehensão da materia, agrupadas as viagens, segundo as diversas direcções que tomaram os descobridores, e principiaremos pelas emprêsas dos portugueses, visto como fôram os primeiros vencedores n'este grande concurso e os primeiros que chegaram á India.

([1]) Todo este passo é confuso e por vezes inexacto ou inintelligivel. A determinação da latitude depende de um elemento tabular (declinação do sol) e de um elemento de observação (distancia zenital do sol, dada directamente pelo astrolabio convenientemente graduado), sendo a somma ou a differença d'estes dois elementos. O principal objectivo dos «Regimentos» era o estabelecimento de regras práticas que preceituavam quando devia fazer-se a somma ou a differença.

LIVRO TERCEIRO

O caminho maritimo para a India

CAPITULO I

A rota dos portuguezes na direcção Sudeste

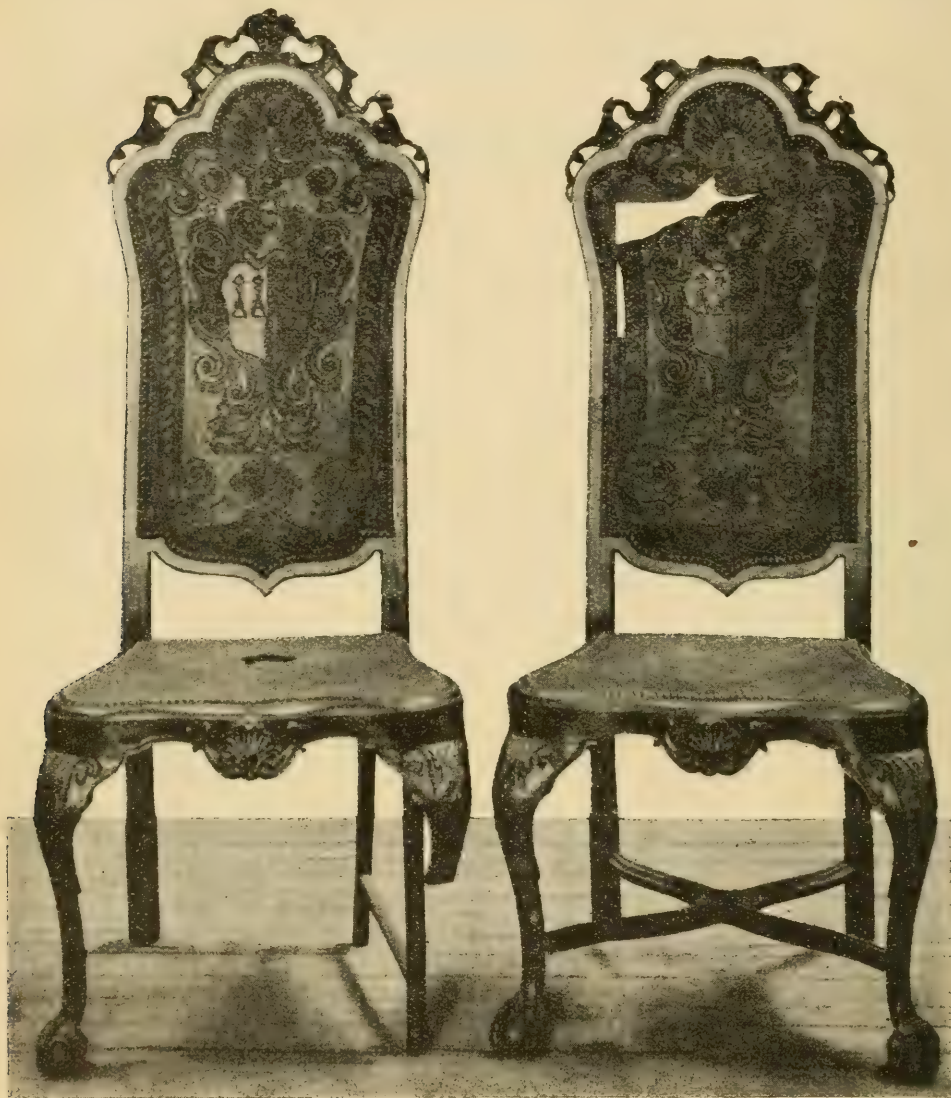
1. — Diogo Cão e seus predecessores

Morto o grande infante, seu sobrinho, o rei Affonso V, tomou vivo interêsse pelas expedições maritimas durante os primeiros annos do seu reinado. Pedro de Cintra explorou as costas africanas no anno de 1461 ou 1462, desde o Rio Grande e foi o primeiro que chegou ao cabo da Verga a 10º 12' de latitude Norte. Em memoria do infante e da povoação que fôra o centro dos seus trabalhos, chamou cabo de Sagres ao promontorio, majestoso e de grande altitude, que mais ao Sul penetrava no mar. Os habitantes eram negros e traziam nas orelhas e narizes ricos adornos de ouro, mas, ao que parece, não conheciam o ferro. D'aquelle ponto em diante apresentava-se a costa penhascosa e elevada, mas com bons pontos de ancoradouro, e uma montanha cujo cume estava envolto em nuvens, onde a tormenta parecia permanente, recebeu de Cintra, pelo constante ribombar dos trovões, o nome de Serra Leôa. Para além d'esta montanha, a costa formava uma ampla bahia cheia de bancos de areia, contra os quaes se quebravam as ondas com terrivel impeto, e no extremo d'aquella bahia levantava-se um promontorio (a 7º 34' de latitude Norte) que recebeu o nome de Cabo de Santa Anna por ter sido descoberto a 26 de Julho, dia d'esta santa [1]. Depois descobriu-se o cabo Mesurado que nos mappas allemães costuma trazer o nome de cabo Montferrado, e está situado a 6º 19' de latitude Norte. Ali saudaram os habitantes da costa a approximação do navio com um grande numero de fogueiras, como, porventura, haviam feito 2.000 annos antes, quando visitou aquella região Hannon, o almirante carthaginês. A expedição chegou poucas leguas mais além, ao sitio onde hoje está a cidade de Monrovia.

Successos politicos em Portugal e a contenda pela successão de Castella distraíram o rei das emprêsas maritimas; mas, afim de proteger o commercio cada vez mais lucrativo que se fazia nas costas africanas de escravos e de ouro, mandou construir em Arguim um castello e arrendou o monopolio do commercio n'aquella parte a um por-

---

[1] «pelo avistarem a 30 de Julho» diz o Cardeal Saraiva no já citado vol. V das suas *Ob. completas*, pag. 75.

tuguês pelo preço annual de 250 ducados [1], 100.000 reaes. No anno de 1469 arrendou por 5 annos o commercio da costa da Guiné pelo dôbro d'aquella somma a Fernam Gomes, com a obrigação, ainda, de continuar os descobrimentos á razão de

Cadeiras da casa onde nasceu Diogo Cão.

100 leguas por anno, ao longo da costa, desde a Serra Leôa, e de vender ao rei todo o marfim ao preço de 1.500 reaes o quintal. Em cumprimento d'este contracto, João de Santarem e Pedro Escobar, sob a direcção de Alvaro Esteves [2], o piloto português mais

---

[1] «Cruzados» e não «ducados».
[2] Alvaro Esteves e Martim Fernandes fôram os pilotos dos dois barcos.

famoso d'aquelle tempo, fizeram, em 1471, o importante descobrimento da Costa do Ouro, fôram para além das emboccaduras do Niger e passaram ao Sul do Equador, até ao cabo de Santa Catharina a 1º 51' de latitude Sul. No anno de 1482 o rei D. João mandou construir, para o resgate do ouro da costa d'este nome e junto á povoação nova chamada *Aldeia das Duas Partes*, a fortaleza de *São Jorge da Mina*.

No mesmo anno e no seguinte descobriu Fernando Pó a ilha que tem o seu nome, se bem que elle a chamou Formosa.

Pouco tempo depois fôram descobertas as outras ilhas meridionaes da Guiné, acontecimento que Martinho Behaim no seu globo refere ao anno de 1484, com a nota de que as ditas ilhas estavam desertas e que o rei de Portugal enviava para ali cada anno as pessoas de ambos os sexos que haviam merecido a pena de morte, e os provia do necessario para cultivarem a terra e viverem do seu trabalho, afim de colonizar aquellas ilhas portuguesas (1).

Morreu Affonso V e seguiu-se-lhe no throno de Portugal D. João II, no anno de 1481. Este rei parecia ter herdado o espirito do infante D. Henrique, porque tomou mais interêsse que seu pae nas expedições á Africa, se bem que tivesse para isso motivos de interêsse immediato. Desde o anno de 1473 havia-lhe destinado seu pae, como pensão, uma parte dos productos do commercio da Guiné, e conhecia as riquezas que este commercio havia produzido em cinco annos ao concessionario Fernam Gomes. A este alliciente de alargar tão lucrativas relações de commercio, se ajuntou a bulla de 21 de Julho de 1481, na qual o papa Xisto IV concedeu á corôa de Portugal a propriedade de todas as terras descobertas e por descobrir na Africa. Começou, pois, a consolidar o seu dominio no centro da extracção do ouro no districto do castello de São Jorge da Mina e ajuntou aos seus titulos o de senhor da Guiné. Fêz logo substituir as cruzes de madeira tão sujeitas á destruição, que os descobridores de novas terras costumavam collocar nos pontos mais salientes da costa, por padrões de pedra com as armas portuguesas e uma inscripção bilingue, em latim e português. O primeiro que levou a bordo d'estes padrões (2) foi Diogo Cão, que se fêz de vela com os seis navios em 1484, levando comsigo na qualidade de cosmógrapho Martinho Behaim. Este, que havia nascido em 1459, pôde lisonjear-se de ter sido discipulo de Regiomontano durante o tempo que este permaneceu em Nuremberg, isto é, desde 1471 a 1475. Pouco depois, Martinho Behaim, como mercador, diiigiu-se primeiramente aos Países Baixos, e seguidamente a Portugal, porque entre os dois países havia então um tráfico muito activo. Effectivamente, muitos flamengos partiram como colonos para os Açores, um dos quaes era um nobre, Jobst de Hurter, de Bruges, que casou com uma portuguesa distincta, dama de companhia da rainha, e foi nomeado governadcr logar-tenente hereditario do rei nas ilhas do Fayal e Pico, povoada a primeira por colonos flamengos, e a segunda por portugueses. Com a filha d'este governador casou Behaim depois da sua volta á patria em 1486.

A expedição de Diogo Cão levou víveres para tres annos, muitos artigos de commercio e 18 cavallos magnificamente ajaezados para presentear com elles os reis dos mouros. Passado o cabo de Santa Catharina, começaram os descobrimentos; sendo o primeiro o do Congo, o rio mais poderoso da Africa, em cuja foz foi collocado o pri-

---

(1) Chronologia duvidosa (V. *Major*, *Infante D. Henrique*, pag. 387).

(2) Recentemente mandou o govêrno português procurar e fixar o logar d'estes padrões nas costas africanas.

meiro padrão na margem meridional a 6º 8' lat. sul, motivo por que foi chamado primeiro Rio do Padrão; depois, porém, foi-lhe dado o nome do reino do Congo que atravessa, posto que os indigenas lhe chamassem Zaire ([1]). Muito surprehendeu os expedicionarios a violencia d'este rio caudaloso, cujas aguas doces penetram, sem misturar-se com as do mar, até muitas leguas adentro d'este. Diogo Cão subiu por elle um lanço e encontrou por toda a parte muita gente negra. Tomou posse de toda a costa em nome do rei de Portugal; capturou em diversos pontos habitantes para que aprendessem português e pudessem servir depois de intérpretes; o rei do Congo, com o qual Diogo Cão entrou em relações, sollicitou missionarios, e o seu embaixador Cassuta fez-se baptisar depois em Portugal. Muito rejubilaram os expedicionarios com a variedade de novas especiarias e Behaim julgou mesmo ter encontrado canella. Do Congo adiantou-se Diogo Cão ainda umas 200 leguas para o sul, collocando dois padrões, um junto ao cabo de Santo Agostinho, ao norte do cabo Negro a 13º 27′ lat. sul, e outro n'este ultimo cabo a 15º 40 lat., que no globo de Behaim está desenhado, differentemente d'outras montanhas, como uma penha muito escarpada, com a nota: «Aqui foi collocado o padrão do rei de Portugal a 18 de Janeiro, anno do Senhor de 1485». Behaim tomou este cabo depois pelo da Boa Esperança, que Bartholomeu Dias descobriu no anno seguinte. A data de 18 de Janeiro parece ser tambem a da chegada ao ponto extremo d'esta expedição que durou, ao todo, 19 meses, se bem que os mappas de João de la Cosa e de Sebastião Cabot, publicados respectivamente em 1500 e cêrca de 1525, fixam Manga das Areias como ponto extremo aonde chegaram, ao norte do cabo Negro.

1.º Padrão collocado por Diogo Cão.

No anno seguinte enviou o rei outra esquadra para continuar os descobrimentos onde Diogo Cão os havia interrompido; sob o commando, porém, d'outro chefe, porque o rei não queria dever demasiado a um só homem; maxima muito sábia, cujo alcance teve de reconhecer algum tanto tarde o govêrno hespanhol, quando, por ter feito concessões assás vastas a Christovão Colombo, se viu envolvido em complicações sérias.

Á volta da viagem, Behaim foi feito pelo rei, em presença de toda a côrte, caval-

([1]) Veja-se Luciano Cordeiro — Descobertas e Descobridores: Diogo Cão.

leiro da Ordem de Christo, que derivára da dos Templarios; prova do apreço em que eram tidos os seus serviços. É tambem provavel que introduzisse em Portugal os astrolabios de metal, aperfeiçoados, construidos na officina de Regiomontano em Nuremberg; o certo é que Christovão Colombo, Gama e Magalhães se serviram de astrolabios aperfeiçoados na Allemanha. Este instrumento era já conhecido dos antigos gregos e dos árabes da Idade-Média para medir a altura dos astros, e um astronomo árabe, Ali-ben-Isa, que viveu pelo anno de 833, recebeu o cognome de *Al Astralabi,* porque os instrumentos que fazia gozavam d'uma fama especial, e estavam em uso em todo o Imperio mahometano. No século XI começaram os sabios europeus a usá-los e a copiá-los dos árabes. Na sua primitiva fórma era um arco de circulo de madeira, em cujo centro, em tôrno d'um fulcro, se movia a régua, que a cada extremo tinha uma pinnula para dirigir o raio visual. Quando se armava o instrumento, um dos diametros do circulo conservava a horizontalidade e o outro tomava a posição vertical. O circulo estava dividido em graus e, dirigindo a régua para uma estrella, marcava-se a altura no limbo respectivo.

2. — Bartholomeu Dias

Em Agosto de 1486 fez-se Bartholomeu á vela com duas embarcações pequenas de 50 toneladas, commandando elle uma d'ellas e a outra João Infante (1), e um pequeno barco de mantimentos commandado por Pedro Dias, irmão de Bartholomeu. O seu fim era continuar as explorações das costas africanas, desde o ponto onde Diogo Cão havia terminado as suas. A familia Dias havia-se distinguido no serviço maritimo desde as primeiras expedições organizadas pelo infante D. Henrique. João Dias foi o primeiro que dobrou o cabo Bojador, tão temido (2); Dinis Dias descobriu o Cabo Verde, e Bartholomeu estava destinado a obscurecer as glorias dos seus maiores e adquirir fama immortal com o descobrimento do cabo da Boa Esperança.

Na costa do Congo e mais para o extremo sul da Africa desembarcou Dias em muitos pontos mulheres negras que para este fim conduzia a bordo, com presentes, para que déssem aos indigenas noticias do poderio e magnificencia dos portugueses, e lhes dissessem que iam em busca do país do Preste João. Esperavam que d'esta maneira lhe chegariam as novas da expedição correndo de bôcca em bôcca e de país em país, o que ao sabê-las enviaria o Preste talvez mensageiros para receber os portugueses afim de entrar em relações com elles.

Dias levantou o primeiro padrão de pedra perto da Serra Parda ao norte da bahia das Baleias. Passou a seguir varios dias a bordejar para a direita e para a esquerda por causa de ventos contrarios, razão por que chamou á citada bahia, Angra das Voltas, e hoje ainda, n'aquella costa, um cabo conserva o nome de Voltas, perto da foz do rio Orange. Desde a bahia de Santa Helena teve que deixar-se levar com as velas amainadas na direcção S. E. á mercê d'um vento furioso que o impelliu para uma corrente fria do Oceano, surprehendendo não pouco as tripulações a baixa rapida da temperatura. Quando o vento abrandou, Dias tornou a tomar o rumo do Levante para seguir de novo a costa, porque se imaginava que esta continuava a extender-se de norte a sul como até ali; mas, não vendo terra ao cabo de alguns dias de navegação, tomou rumo

---

(1) Lopo Infante é o nome d'este capitão (Cardeal Saraiva).

(2) A tradição, como se sabe, liga este feito ao nome de Gil Eanes; a attribuição a João Dias deve resultar de qualquer confusão do A.

para norte e chegou a uma enseada no extremo meridional do continente africano, onde os hottentotes que ali apascentavam os seus rebanhos, ao verem os navios, fugiram espantados para o interior. Por isso Dias chamou áquella enseada dos Vaqueiros *(Angra dos Vaqueiros)* que hoje tem o nome inglês de *Flesh-bai* (bahia da carne).

Continuando mais para léste, chegou á bahia de São Braz (hoje Mosselbai), onde fêz provisão de agua doce, o que deu logar a um conflicto com os indigenas. Na pequena ilha de Santa Cruz, no golpho de Algoa, collocou o ultimo padrão. As tripulações, exhaustas por tão inauditos trabalhos e canseiras, pediram ao chefe que emprehendesse a viagem de regresso, fazendo-lhe saber tambem que as provisões se acabavam; Dias supplicou-lhes, porém, que o deixassem avançar dois ou tres dias mais, promettendo-lhes que, se não obtivesse o resultado que esperava, que era ver subir de novo a costa para o norte, voltariam atrás; porque a elle não lhe restava dúvida de que havia dobrado o extremo sul da Africa e, em consequencia d'isso, tinha como certo que com pouco trabalho se podia obter o objectivo principal, de chegar á India. Navegaram, effectivamente, dois dias mais, e chegaram 25 leguas além do ultimo padrão até a um grande rio, que hoje se chama Great Fish River e que elle chamou *do Infante,* porque o seu companheiro, o capitão d'este appellido, foi o primeiro que ali saltou em terra. Então viu-se Dias na necessidade de voltar atrás, com grandissimo pezar; e contam que tão grande foi a sua dôr que, quando no seu regresso voltou á ilhota de Santa Cruz, se abraçou ao padrão de pedra, como se se despedisse d'um filho querido.

Continuando o seu rumo, reconheceu o penhasco imponente do extremo sudoeste do continente, que a tormenta lhe havia feito dobrar, e deu-lhe o nome de cabo das Tormentas; mas o rei mudou depois este nome sinistro no de cabo da Boa Esperança, porque estava persuadido de que com o descobrimento d'elle ficava aberto o caminho maritimo para o Oceano Indico e para os países das especiarias.

A nau de mantimentos que Dias deixára na costa occidental da Africa, estava em estado lastimavel, quando voltou a encontrá-la. Toda carcomida, era inutil já, e teve que incendiá-la antes de proseguir a viagem de regresso. Seis homens da sua tripulação haviam perecido ás mãos dos negros, e só restavam tres homens vivos que passaram para os dois outros navios, os quaes chegaram a Lisboa no mês de Dezembro de 1487 (1), depois d'uma ausencia de 16 meses e 17 dias, e de terem explorado mais 300 leguas da costa.

Entretanto, o rei tinha enviado emissarios para explorarem o reino da Abyssinia e as condições de commercio e de communicação no Oceano Indico. A primeira tentativa sahiu frustrada, porque o padre Antonio de Lisboa e Pedro de Montorryo (2), que fôram enviados a Jerusalem para se avistarem com os frades abyssinios que então como peregrinos costumavam visitar a cidade santa, e obterem d'elles as noticias que desejava, regressaram a Portugal sem terem podido cumprir a sua missão, porque, ignorando o idioma árabe, não se atreveram a acompanhar os abyssinios ao país do Preste João. O rei não desanimou por isso e, antes que Dias regressasse, enviára já com o mesmo fim outros dois emissarios, Pero da Covilhan e Affonso de Paiva. A

---

(1) 1486 é a data usualmente adoptada para o descobrimento do Cabo; um documento manuelino fixa aquella data em 1482. O sr. Lopes de Mendonça adopta de preferencia o anno de 1488 (V. *Bartholomeu Dias e a rota da India*). É inconcebivel a incerteza que envolve as grandes datas da nossa epopeia maritima.

(2) V. Montaroyo é a fórma empregada por Barros; V. *Asia*, Dec. I, Liv. III, Cap. V, pag. 193 (Ed. 1778).

VASCO DA GAMA PERANTE O SAMORIM
(Quadro de Velozo Salgado, existente na Sociedade de Geographia de Lisboa)

este ultimo chama Gaspar Correia, nas suas *Lendas da India,* impressas em Lisboa em 1858, Gonçalo de Pavía ([1]), e diz que era natural das Canarias. Puseram-se a caminho a 7 de Maio de 1487; tocaram em Rhodes e Alexandria chegando ao Egypto, ao Cairo, e, embarcando no Mar Roxo, chegaram a Aden, onde se separaram, designando como logar de reunião outra vez o Cairo. Covilhan embarcou para a costa do Malabar; visitou Cananor, Calecut e Gôa, de onde regressou á costa oriental da Africa que seguiu até ao extremo meridional do país de Sofala, famoso pela sua riqueza aurifera, onde tambem colheu noticias sobre a ilha de Madagascar.

Padrão de Diogo Cão (Porto Alexandre).

Quando, no seu regresso, voltou ao Cairo, soube que o seu companheiro Paiva havia fallecido; mas, em compensação, encontrou na mesma cidade dois outros emissarios do rei João II de Portugal, que eram o rabino Abrahão de Beja e o seu correligionario José de Lamego, de profissão sapateiro. Este ultimo regressou immediatamente a Portugal com as noticias importantes reunidas por Covilhan, o qual escreveu na sua carta que os navios portugueses deviam seguir desde a costa da Guiné na direcção Sul até chegarem ao extremo da Africa; e que para voltarem do Oceano Indico a Portugal deviam tomar rumo para Sofala e a ilha da Lua ou seja Madagascar.

Covilhan visitou depois, com o rabino Abrahão, a cidade de Ormuz, e enviou este seu companheiro com uma caravana por Bagdad e Halep á Syria e de ali a Portugal, emquanto elle se propunha visitar a Abyssinia. O rei d'este país recebeu-o muito bem na sua capital, Choa, e soube resolvê-lo a ficar ali. Covilhan casou na Abyssinia e vivia ainda quando, ao cabo d'uns 27 annos, se apresentou n'aquelle país, em 1525, o embaixador português Rodrigo de Lima. Grande foi a alegria de Covilhan ao ver compatriotas seus, commoveu-se até ás lagrimas, mas ficou no país e ali morreu.

Estas fôram as ultimas viagens e emprêsas importantes do reinado de D. João II.

3. — Primeira viagem de Vasco da Gama

Antes de morrer o rei D. João II occorreu um successo inesperado que estimulou os portugueses mais do que nunca a coroar com uma grande e definitiva expedição os seus admiraveis e nobres esforços sustentados com perseverança sem igual durante quási

([1]) V. *Lendas da India,* tomo I, Parte I, pag. 6.

um século; mas foi o successor de D. João quem realizou esta expedição. O novo impulso foi devido a Christovão Colombo que, voltando da sua primeira viagem ás Indias occidentaes, se viu obrigado por uma tempestade a arribar ao porto de Lisboa, onde, convidado pelo rei, lhe referiu a sua chegada a Cipango, ou seja o Japão, como julgava, e assim faziam suppôr os indios de tez escura que trouxera d'aquelle remoto país o heroico genovês, cujo projecto não tinha tido acceitação em Portugal. Ninguem duvidava de que pelo menos tinha chegado perto da Asia, attenta a semelhança que os seus indios pareciam ter com os indios verdadeiros. Em vista d'isto, era de temer que Colombo chegasse n'outra viagem antes dos portugueses ás tão ambicionadas e bemditas terras das especiarias, deixando Portugal privado do fructo dos seus esforços e de tantos sacrificios como os que havia feito durante tão largo tempo. Verdade seja que podiam appellar para o Papa em caso de collisão de interesses, porque o pontifice Nicolau V lhes havia concedido o monopolio do commercio com a India por uma bulla do anno de 1454; não era menos certo, porém, que os monarchas hespanhoes, Fernando e Isabel, se tinham apressado a fazer reconhecer a posse dos descobrimentos recentes de Christovão Colombo por uma bulla do papa Alexandre VI, de 3 de Maio de 1493. Esta bulla concedia á corôa de Castella todas as ilhas e continentes descobertos e por descobrir na direcção tomada por Christovão Colombo, em recompensa dos serviços prestados na defesa da religião christã e na expulsão dos mouros de Hespanha; e com a esperança de que os missionarios hespanhoes converteriam depressa tambem nos novos dominios «aos naturaes pacificos, que não fôssem anthropóphagos e até crêssem n'um Creador que está no ceu». Não é este o logar de discutir o caracter, as particularidades e pontos fracos dos breves pontificios de 3 e 4 de Maio; porque aqui tratamos por agora dos descobrimentos portugueses; mas mencionaremos de passagem que, em consequencia d'estas concessões papaes, se fêz um convenio entre Hespanha e Portugal a 7 de Junho de 1494, que fixou os limites entre os descobrimentos d'estas duas potencias por um meridiano, dando á Hespanha o Occidente e a Portugal o Oriente d'aquella linha.

A Hespanha pareceu estar mais perto do seu objectivo do que o seu rival, Portugal, graças aos descobrimentos feitos na America, e isto induziu o rei D. João II a armar novas expedições; mas a sua morte, occorrida em 1495, interrompeu estes trabalhos. Succedeu-lhe no throno D. Manuel, moço e ousado, ao qual a posteridade concedeu o cognome de o Grande, porque no seu reinado alcançou o poderio de Portugal a sua maior altura. Contava 26 annos quando subiu ao throno, e immediatamente quis proseguir os trabalhos de descobrimento interrompidos; mas, oppondo-lhe os seus conselheiros a principio grandes difficuldades, retardou-se a preparação da esquadra, que só ficou prompta para fazer-se ao mar no anno de 1497. Foi nomeado organizador d'esta pequena frota, composta só de tres navios, o experimentado homem de mar, Bartholomeu Dias, com ordem de acompanhar a expedição até á feitoria da Mina na Costa de Ouro, de onde a frota seguiria até á India, sob o commando em chefe de Vasco da Gama. O segundo navio era commandado por seu irmão, Paulo da Gama, e o terceiro por Nicolau Coelho. A capacidade d'estes navios era de 100 a 120 toneladas cada um, e os seus nomes respectivos São Raphael, São Gabriel e São Miguel.

Os historiadores portugueses discrepam em muitos pontos essenciaes nas suas narrações d'esta expedição (1). Gaspar Correia, que escreveu as *Lendas da India*, publi-

---

(1) Sobre este ponto veja-se um dos appendices finaes. N. do T.

cadas pela primeira vez pela Academia das Sciencias de Lisboa de 1858 a 1861, foi de todos os chronistas o primeiro que visitou a India, talvez já no anno de 1512, e como secretario do célebre Affonso de Albuquerque pôde consultar e utilizar o diario do capellão João Figueira, que acompanhou Vasco da Gama na sua primeira viagem. Castanheda, que escreveu uma historia da India, chegou a este país no anno de 1528. Damião de Goes, auctor de uma *Chronica do Rei D. Manuel,* não chegou sequer ao Oriente, e Osorio *(De rebus Emmanuelis)* segue inteiramente Goes. João de Barros, cujas *Décadas* serviram durante muito tempo de base a todas as narrações posteriores, escreveu muito mais tarde (1).

Vasco da Gama.

A obra de Correia não foi publicada em vida do auctor, talvez para não ferir susceptibilidades de muitos contemporaneos seus. O seu manuscripto não veiu para a Europa senão depois da sua morte; foi, pelo menos na sua primeira parte, copiado diversas vezes; não foi dado, porém, á estampa senão nos annos acima ditos. Em muitos pontos, em que Correia discrepa dos historiadores posteriores, respira, comtudo, um ar de veracidade que obriga a dar á sua narração a preferencia (2).

Tão grandes são as differenças entre ás narrações da primeira expedição de Vasco da Gama, que só concordam em um unico ponto, o da data da sua chegada ao rio dos Reis, que foi no dia santo d'este nome, 6 de Janeiro de 1498. Correia fixa a sahida da expedição do porto de Lisboa em 25 de Março de 1497; Barros em 8 de Julho e Osorio em 9 d'este mês. Correia chama os navios São Raphael, capitão Vasco da Gama; São Gabriel, capitão Paulo da Gama, e São Miguel, capitão Nicolau Coelho. Barros faz Vasco da Gama capitão do São Gabriel, e o seu irmão Paulo capitão do São Raphael, e ao navio de Coelho chama Berrio.

Era natural que ao navio de Vasco da Gama coubesse a primazia de dar nomes aos pontos da costa que a expedição descobrisse.

Pois bem, se repassamos os mappas principaes do século XVI, que são os de Cabot e os do rei Henrique II de França (3), não encontramos sequer os nomes de São Gabriel

(1) Esta affirmação é evidentemente um lapso. Os chronistas citados não fôram ainda objecto de edições críticas, nem determinadas as relações que os ligam quanto ás fontes de que se aproveitaram.

(2) Veja-se Henri E. S. Stanley, *The three voyages of Vasco da Gama and his Viceroyalty, From the «Lendas da India» of Gaspar Correa.* London (Hakluyt Soc. MDCCCLXIX. No que se segue tem-se utilisado em grande parte esta obra.

(3) Veja-se Jomard. *Monuments de la Geographie.*

nem de Berrio; e o de São Raphael apparece só duas vezes no mappa do rei de França, e no de Cabot, um Rio de São Miguel. A edição de Ptolomeu, feita em Basileia no anno de 1513, assignala um padrão de São Raphael; e Ortelius no seu *Theatrum mundi* apresenta os nomes de São Raphael e São Miguel. Tudo isto confirma a existencia dos nomes d'estes navios; e, se todos os auctores concordam em citar o nome de São Miguel, deve ser errado o nome de Berrio mencionado por Barros. Para maior prova de que o navio principal se chamava São Raphael, cita Stanley o facto de ter sido Vasco da Gama nomeado, á volta da sua primeira viagem, conde da Vidigueira, no Alemtejo, e que perto d'esta pequena villa existe uma capella dedicada a São Raphael com a imagem d'este archanjo, cujo nome era o do navio.

Batuque de festa e de guerra (Angola).

Barros affirma que a tripulação dos tres navios sommava 170 almas, ao passo que Correia diz que em cada navio havia uns 80 homens; e, segundo Osorio e Goes, saíram 148 homens, dos quaes regressaram só 55.

Antes de sair a esquadra entregou o rei a Vasco da Gama cartas de recommendação para o Preste João, para o soberano de Calecut e para outros principes da India. Passando pelas Canarias, chegou a expedição ás ilhas de Cabo Verde, depois de terem sido dispersados os navios por uma tempestade perto do rio do Ouro, e descansaram alguns dias em Santhiago, onde Bartholomeu Dias se separou para dirigir-se á Mina, na costa da Guiné, aonde o rei o destinára. Gama tomou rumo para o sul directamente sem seguir a costa. O vento era violento, refere Correia, quando partiram e o mar apresentava-se tão aterrador, que as tripulações soffreram grandes trabalhos por causa da contínua tempestade. Depois de ter navegado um mês em tão duras condições, trataram de buscar a costa, esperando chegar ao cabo da Boa Esperança; mas estavam ainda muito distantes d'elle e tiveram de passar alguns meses antes de poderem dobrar o extremo meridional do continente africano. Correia diz que passaram 6 meses, mas os demais historiadores concordam em dizer que aquella situação durou pelo menos 4 meses. Ao ver que estavam tão longe do cabo, teriam voltado para trás de bôa vontade as tripulações; Gama tomou, porém, outra vez o alto mar e compartilhou com a sua gente todos os trabalhos e incommodos, sem um momento de descanso nem de dia nem de

noite. Os dias tornavam-se cada vez mais pequenos, porque os navios iam directamente ao encontro do inverno austral; parecia ser sempre de noite e os homens adoeceram de pavor e de fadiga, chegando a não poderem preparar sequer a comida. Começaram, pois, a queixar-se e pediram para voltar atrás; mas Gama, de caracter resoluto e violento, impôs-lhes silencio em termos energicos; e, posto que soubesse muito bem que estavam todos em contínuo perigo de perder a vida, jurou que, succedesse o que succedesse, não voltaria atrás, apesar de ver que os homens ficavam quási inteiriçados sob os fortes aguaceiros que tinham que supportar. Finalmente, approximando-se da costa, acalmou-se o mar; e, para determinar a altura do polo em terra firme, entrou a esquadra na bahia de Santa Helena, porque, não sendo n'aquelle tempo bastante praticos os marinheiros no uso do astrolabio, não podiam fazer observações exactas a bordo dos seus pequenos navios, que estavam em contínuo movimento. O instrumento usado por Gama tinha tres palmos de diametro e descansava sobre um tripé de madeira. Foi talvez n'aquelle ponto que teve que mandar queimar um quarto navio que acompanhava a expedição para transporte de víveres e cuja tripulação foi dividida pelos demais [1]. Depois d'outra tormenta que durou muitos dias, dobraram o temido cabo; mas as tormentas continuaram, ondas alterosas alagavam as cobertas e a agua dentro das naus foi subindo d'um modo aterrador; toda a gente trabalhava noite e dia sem descanso, nem repouso para o espirito; mas Vasco da Gama jurou não retroceder um só passo antes de ter chegado á India. Em situação tão desesperada cresceu o descontentamento até que se formou uma verdadeira conspiração, dizendo a tripulação que elles eram muitos e Gama só um, e que não queriam precipitar-se a olhos cerrados na morte. Um grumete descobriu o plano da conjura contra o capitão; este apoderou-se com astucia dos coniurados e fê-los carregar de cadeias. Tão grande foi o seu furor que, segundo se conta, arrojou ao mar todos os livros nauticos, dizendo aos revoltosos que experimentassem voltar para trás sem capitão nem piloto, porque os capitães e pilotos permaneceram fieis ao seu chefe.

Até principios de Janeiro de 1498 não tornou a expedição a acercar-se da costa. Acercou-se então, porque os navios estavam avariados e, tendo rebentado várias pipas em consequencia das incessantes tormentas, começava a escassear a agua doce. Não obstante tiveram que navegar ainda varios dias, antes de encontrarem um ponto favoravel onde lançar ancoras. Em 6 de Janeiro entraram no rio que chamaram dos Reis por ser a festa dos Santos Reis. Cinco dias permaneceu Gama ali, e chamou ao ponto onde carregou agua doce Agua da Boa Paz pelo comportamento pacifico dos indigenas. Ao continuarem a viagem tiveram os navios que luctar desde o cabo das Correntes durante muitos dias contra a corrente violenta do canal de Moçambique e, para não serem arrojados contra as rochas, tiveram de buscar o alto mar, razão por que passaram diante de Sofala situada no fundo d'um golpho, e chegaram com muito trabalho á foz do Zambeze que chamaram *Rio dos bons signaes*, porque ali encontraram pela primeira

[1] Osorio diz que os nomes de bahia de Santa Helena e de Santhiago procedem da chegada dos navios na festa d'estes santos. Santa Helena cae a 18 d'Agosto e Santhiago ainda antes. Se, segundo Barros, a viagem, até estes pontos, durou uns cinco meses, a saída, concordando n'isto com Correia, devia ter sido em Março. O desembarque em Agosto concorda tambem com as descripções do inverno e dos dias pequenos e escuros d'aquellas latitudes. Portanto, a expedição devia ter dobrado o cabo antes de 20 de Novembro, segundo a narração de Castanheda, ou de 22, segundo Barros.

vez mestiços de tez clara que falavam o árabe e lhes disseram que mais ao norte encontrariam um commercio maritimo muito activo. A expedição tinha chegado até onde se extendia o commercio árabe, o que era o signal feliz de que seria coroada de exito. Vasco da Gama permaneceu ali um mês inteiro, já para reparar os navios, já para dar descanso e refresco á gente, que padecia muito do escorbuto. Tambem collocou um padrão com uma inscripção em português: «Do senhorio de Portugal, reino de christãos». Emprehendida outra vez a sua derrota, chegou a esquadra á ilha e porto de Moçambique. Saíram várias embarcações tripuladas por árabes, que se informaram d'onde vinha e para onde se dirigia a expedição extrangeira. Gama mandou-lhes responder que eram portugueses que por ordem do seu rei se dirigiam á India, e que, como nunca tinham passado por aquellas aguas, pediam que lhes déssem alguns pilotos praticos.

A principio pareceu que as relações se tornariam muito amistosas. Os árabes haviam escolhido aquelle ponto tão favoravel e abrigado, da ilha de Moçambique, para estabelecer um centro de commercio com os negros que lhes davam, em troca dos seus generos, ouro, marfim, cêra e outros productos do seu país. O cheik do porto era súbdito e funccionario do soberano árabe de Quiloa e, depois de Gama lhe enviar varios presentes, fêz uma visita a bordo no seu trajo mourisco amplo e de vistosas côres, encimado o rosto moreno por um turbante enorme de seda multicolor. Entre as pessoas do seu séquito havia muitos mestiços. Depois de ter sido recebido pelos capitães dos navios com grandes honras, fêz que lhe mostrassem tudo o que era novo para elle e Gama lhe repetiu por meio do intérprete que o reino mais poderoso da christandade os havia enviado á India, que ia já para dois annos que estavam a luctar com as vagas e tormentas, que os tinham separado do resto da frota e que, desejando agora chegar ao país das especiarias e não conhecendo aquelles mares, lhe rogava que lhe désse pilotos praticos e de confiança. Depois de voltar a terra, o cheik enviou aos portugueses víveres frescos e a seguir tres abyssinios na qualidade de praticos, mas foi difficil entender-se com elles. Mais util foi um mouro, chamado Davané, que se offereceu para acompanhar os portugueses até á India.

Entretanto, houve uma mudança na disposição favoravel do cheik, porque os árabes entraram de suspeitar da procedencia e objectivo dos extrangeiros, ou começaram a temer-lhes a concorrencia. Por isso enviaram a Gama praticos, que não eram de confiança, mas, ao contrario, traidores, para facilitarem uma cilada da parte dos árabes. Estes, tendo sabido que os extrangeiros eram christãos e, por conseguinte, inimigos dos mahometanos, induziram o cheik a executar a traição projectada. Vasco da Gama, avisado pelo mouro Davané, declinou cortezmente um convite do cheik para visitar a cidade, mas pediu que lhe designasse um ponto em terra onde a sua gente pudesse encher as pipas de agua. Esta occasião quiseram aproveitá-la os árabes para executarem o seu plano, que consistia em surprehender e apresar os navios, emquanto uma parte da tripulação portuguesa se achasse em terra carregando agua. Este plano abortou, graças á vigilancia e superioridade do armamento dos portugueses. Gama fêz collocar duas peças e homens armados ao mando do capitão Coelho na lancha que devia carregar a agua de noite durante a maré alta. O prático fêz remar a gente toda a noite até de manhã em que a maré começou a baixar, julgando fazer encalhar assim a embarcação e facilitar o ataque dos seus. Coelho conheceu a intenção, fêz virar a lancha a tempo e quis enforcar o traidor no mastro da lancha para escarmento dos demais, mas o prático saltou á agua, submergiu-se e, quando tornou a apparecer á superficie, já estava longe. Coelho perseguiu-o, mas viu-se atacado de terra com flechas e fundas, o que,

visto por Vasco da Gama do seu navio, obrigou este a fazer signaes, dando ordem de regressar a bordo. Absteve-se tambem, segundo faz notar Correia, de empregar as peças contra os traidores, porque não quis tornar-se odioso no primeiro porto a que havia chegado e prejudicar a missão que levava, esperando, talvez ainda, chegar a um convenio amigavel. O cheik, que por outro lado devia tremer pela sua cidade indefesa, mandou communicar ao Gama o seu pesar pelo succedido e offereceu-lhe mandar outros práticos. Enviou-os, na realidade; mas, pelo que se viu depois, tinham estes o encargo secreto de conduzir os navios portugueses para entre recifes de coral.

Vasco da Gama levava a bordo varios criminosos que o rei lhe havia confiado para que os empregasse em missões perigosas em terra, e que deviam ser indultados se cumprissem bem a missão de que o chefe os encarregasse. Um d'estes homens, chamado João Machado, foi posto em terra para levar ao cheik a resposta do Gama, que se reduzia a dizer-lhe que, não se fiando já das suas promessas, rompia todo o trato com elle. Machado cumpriu a ordem, e, depois de muitas aventuras, passando por Quiloa e Mombaça, chegou tambem á India. Gama fez-se de vela; antes de se fazer ao alto mar, deteve-se n'uma ilha deshabitada, onde collocou um padrão em honra de São Jorge, e depois passou adiante. O mouro Davané tinha ficado a bordo e, como aprendesse depressa o português, pôde communicar ao chefe da expedição muitas notícias importantes sobre o commercio d'aquelles mares; mas o prático traiçoeiro conduziu os navios por entre baixios a um grupo de ilhas, perfidia pela qual foi açoitado, e em memoria d'isto chamou Gama a estas ilhas *do Açoitado (Ilhas do Açoitado).*

Marimba de madeira de Angola.

D'ali seguiram os navios pela costa até Quiloa, que tinha fama de ser porto muito frequentado, e aonde accorriam, segundo disseram, até christãos da Armenia; mas ventos contrarios não deixaram approximar os navios; o *São Raphael* encalhou n'um banco de areia; pôde, porém, ser posto outra vez a fluctuar, e na ultima semana de Abril chegou a esquadra a Mombaça. Ali apresentou-se tambem uma embarcação do porto para informar-se do fim que levavam os extrangeiros, respondendo Gama que se dirigia á India e que atracava ali para prover-se de diversas coisas de que necessitava. A princípio o cheik mostrou-se bem disposto como o de Moçambique, mas em breve prestou ouvidos provavelmente a insinuações malévolas ou recebeu notícias de Moçambique que pintavam os extrangeiros como piratas que se acobertavam com o pretexto do commercio. O certo foi que, quando o Gama se dispôs para entrar no porto accorreram muitas embarcações pequenas como para acompanharem os navios portugueses com musicas. Os portugueses não deixaram subir a bordo de cada navio mais de 10 ou 12 individuos, temendo que aquella gente tivesse o plano de apoderar-se dos navios e das tripulações á traição; e, na verdade, quando um dos navios, não obedecendo ao timão, retrocedeu e encalhou, e o capitão mandou em seguida lançar ancoras, produziu-se tal inquietação entre os árabes que haviam subido para bordo dos dois outros navios, que se deram pressa a voltar aos seus como se receassem ser

descobertos. Aproveitando uma magnifica noite de luar, levantou ferro a esquadra, sahiu do porto e continuou a sua rota com a maior precaução por não ter confiança nos práticos. Não tardou em encontrar dois zambucos que se dirigiam a Mombaça, e Gama obrigou a tripulação de um d'elles a guiá-lo até Melinde, para o que repartiu estes árabes pelos seus tres navios; e assim, nos ultimos dias de Abril, depois de uma navegação feliz que durou dois dias e tres noites, chegaram ao porto indicado, onde encontraram uma recepção franca e benévola. Não obstante, Vasco da Gama, escarmentado pelo succedido em Moçambique e Mombaça, não quis acceitar o convite do soberano para entrar no porto, e enviou primeiramente o capitão Coelho com o mouro Davané. Tinha-se reunido na praia tanta gente, que os officiaes do rei tiveram que fazer uso dos seus bastões para abrirem passagem aos enviados extrangeiros. O soberano fez sentar Coelho ao seu lado e quis saber d'elle tudo quanto respeitava á Europa e ao grande rei D. Manuel. Ao pôr do sol despediu-se Coelho e recebeu do soberano, que o acompanhou até á praia, um annel precioso e vestes de sêda branca e de côr. A entrevista com Vasco da Gama realizou-se poucos dias depois n'uma embarcação do país, conforme o seu desejo. Toda a praia, as muralhas e casas brancas da cidade estavam coalhadas de gente quando Vasco e seu irmão Paulo, vestidos com todas as suas galas, entraram entre salvas dos seus navios nas suas lanchas adornadas de bandeiras, para se dirigirem para a embarcação do rei. Este recebeu-os com muita affabilidade, devida em parte á grande rivalidade que existia entre o porto de Melinde e os de Moçambique e Mombaça. Os portugueses presentearam o soberano árabe com uma espada preciosa, uma lança e um escudo. Gama pediu-lhe que lhe permittisse desembarcar os pilotos práticos e os árabes que obrigára a seguir com elle, e que cuidasse de fazer que voltassem ao seu país, o que lhe foi promettido, separando-se depois em bôa amizade. Os portugueses receberam víveres, agua e permissão para refazer-se e descansar em terra, porque tinham padecido muito, nas costas doentias da Africa, e alguns tinham morrido de escorbuto.

Pouco depois, Gama visitou o rei de Melinde no seu palacio e foi recebido pelo soberano á porta de entrada. No decurso da conversação explicou o rei ao português que Calecut era o centro do commercio das especiarias e aconselhou-o a que tivesse cuidado em não pagar demasiado caro as mercadorias para não lançar a perder o mercado e, finalmente, prometteu dar á esquadra um prático de confiança. Antes de os barcos se fazerem de vela, o rei fêz uma visita de despedida a bordo, subindo por uma escada que Vasco da Gama mandou preparar expressamente para o caso. Sobre a coberta havia uma mesa sumptuosamente adornada e servida, á qual se sentaram e comeram. O rei permittiu a Gama que collocasse um padrão de pedra e despediram-se.

Davané quis seguir com os portugueses até á India; e, providos de excellentes práticos, os navios levantaram ferro a 24 de Abril e, deixando a costa africana, chegaram com monção favoravel do Sudoeste em 22 dias ás praias da India. Em breve viram os portugueses as montanhas de Cananor e, ao passarem mais perto, distinguiram as casas da cidade; acercaram-se-lhes lanchas de pescadores curiosos, attrahidos pela fórma extranha dos navios e pelos homens brancos que os tripulavam, e a 20 de Maio entrou a expedição no porto de Calecut [1].

---

[1] O auctor segue na descripção da primeira viagem de Vasco da Gama principalmente a Gaspar Correia. A reconstituição chronologica e geographica d'esta viagem, que offerece ainda hoje algumas difficuldades, fê-la o sr. Jayme Batalha Reis n'um interessante artigo inserto no *Commercio do Porto* de 25 de Agosto de 1897.

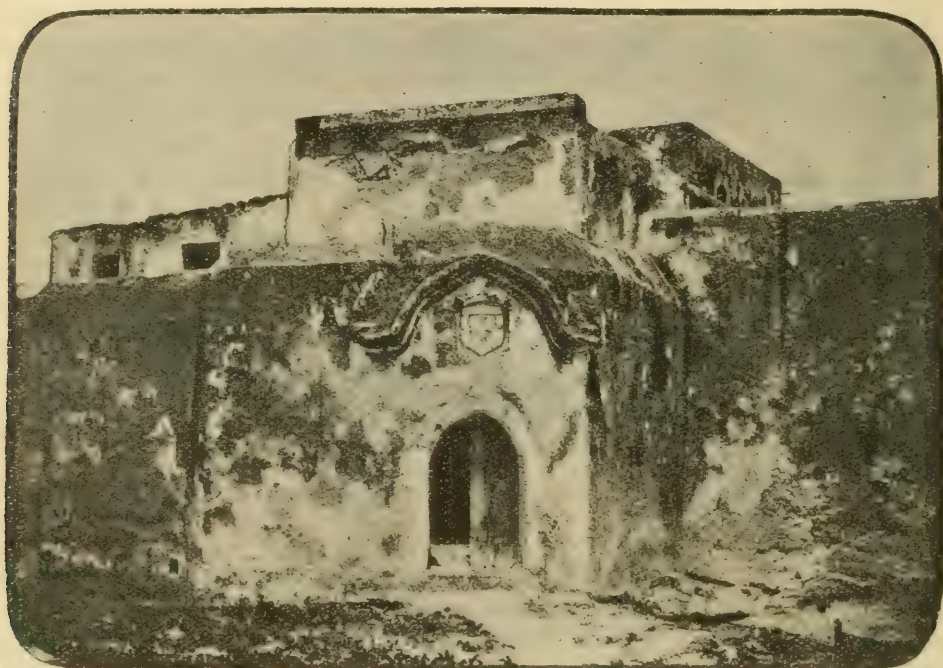
N'aquelle tempo estava a India dividida n'um grande numero de Estados Independentes, dos quaes Barros [1] cita os reinos de Moltan, Deli, Cospetir, Bengala, Orixa, Mando, Chitor, Guzarate ou Cambaya, Decan, Bisnaga e muitos outros mais pequenos. O Imperio do Malabar, com a sua capital Calecut, extendia-se na falda occidental dos montes Gates, desde o rio Carnate, perto do cabo Comorim, até á montanha elevada de Ely ou de Ly ou de Deli, aos 12º de latitude Norte e visivel do mar, a uma grande distancia. Formava este territorio, cujo soberano se intitulava imperador, uma zona de 80 leguas de comprimento e de 6 a 10 de largura. O verdadeiro titulo do soberano era *Samudrin*, que quer dizer: *Senhor do mar;* os portugueses, porém, corromperam este nome em *Samorim.* Tinha muitos soberanos vassallos, posto que só nominalmente, pois todos procuravam emancipar-se da sua influencia soberana, ou quando a ella se submettiam, faziam-no á força, como os soberanos de Cochim e Coulão. A preponderancia de Calecut baseava-se no seu grande commercio universal, mas, principalmente,

Marimba de madeira de Angola.

no das especiarias, para as quaes aquella praça era o mercado principal desde o século XIV. A cidade excedia em grandiosidade todos os portos da costa occidental da India, devendo a sua prosperidade principalmente á actividade dos commerciantes e navegantes mahometanos, a quem os portugueses chamavam indistinctamente mouros. Dividia-se em duas partes principaes; a primeira ficava junto ao porto, onde, em volta das casas e armazens de pedra que os mouros tinham, se agrupavam as cabanas de madeira cobertas de folhas de palmeira pertencentes aos operarios indigenas e aos homens das castas inferiores. A certa distancia d'esta parte de Calecut achava-se, no meio de um bosque de palmeiras, a residencia do Samorim, rodeada das quintas e palacios das castas superiores, isto é, dos bramanes e da casta guerreira, cujos membros se chamavam *naires* e eram dedicados de corpo e alma ao seu senhor. Uns e outros viviam ali afastados do tráfico do porto para evitarem o contacto com a gente de castas inferiores e para não intervirem no commercio, incompativel com a sua categoria de casta superior. As castas inferiores, pelo contrario, viviam e dependiam dos mouros, em cujas mãos estava o commercio e cujo partido estavam sempre dispostas a tomar em qualquer disputa ou contingencia politica. Os mahometanos tinham nas suas mãos todo o commercio com o Occidente; as suas frotas dos golphos Arábico e

[1] No tocante a toda esta descripção cf. o texto com Barros, *Asia,* Dec. I, Liv. IV, cap. VII e segg.

Persico, passando por Aden e Ormuz, iam á India para carregarem os generos do país e levá-los ao Egypto, onde os vendiam ás nações europeias do Mediterraneo. Estes mahometanos não eram exclusivamente árabes e egypcios; tambem accorriam a tão longinquo país mouros de Tunis e de Argel; e até judeus emprehendiam tão longa viagem ao Oriente dos portos da Italia e da Hespanha.

As nações christãs e mahometanas ribeirinhas do Mediterraneo eram inimigas mortaes, e o odio religioso augmentou com as derrotas e a expulsão dos mouros de Hespanha, que tiveram echo até na propria India. Sendo, pois, os portugueses politicamente

Photographia da fortaleza de Sofala.

inimigos dos mouros, e, por conseguinte, de todos os mahometanos, excitaram duplo odio quando se apresentaram na India para fazerem concorrencia directa no commercio que havia séculos estava exclusivamente monopolizado pelos seus inimigos politicos e religiosos. Era natural que causasse alarme geral a apparição d'uma frota portuguesa na costa do Malabar, centro de todo aquelle commercio. Uma prova d'este alarme recebeu-a Vasco da Gama á guisa de bôas vindas, quando chegou á vista de Calecut. Acercaram-se-lhe n'uma lancha de pescadores dois mouros de Tunis que falavam italiano e hespanhol e saudaram os portugueses n'estes termos: «Leve-os outra vez o demonio que os trouxe».

O proprio soberano do país não levou a bem a chegada dos portugueses, porque era de temer que aquelles extrangeiros fôssem causa de alterações no commercio e que compromettessem as receitas do seu thesouro; e quem lhe garantia, por outro lado, a conservação da ordem e da bôa intelligencia que a habil policia commercial do principe tinha conservado até ali, quando dois elementos tão contrarios, christãos e mahometanos, estabelecessem concorrencia no mercado? Quem podia assegurar que, em

consequencia de tudo isto, não se mudaria todo o tráfico da sua capital e dos seus dominios para outro país e para outro porto?

Em semelhantes circumstancias era muito natural e facil que o imperador se deixasse dominar pelas calumnias e insinuações malévolas dos sectarios de Mafoma.

Isto tornou difficilima a situação de Vasco da Gama desde o primeiro momento, e não constituem um de seus menores méritos a prudencia que empregou nas negociações, a firmeza com que dominou o seu caracter violento e a habilidade com que evitou todos os perigos e logrou cumprir a sua missão gloriosamente.

Quando chegou, havia passado já a estação favoravel ao tráfico, e havia um mês ou mais que os ultimos navios de outros países tinham partido com os seus carregamentos. Por isso, foi geral a surpresa quando, tão fóra de tempo, se apresentaram diante do porto navios de uma construcção extranha e que evidentemente não eram práticos n'aquellas aguas. Vasco da Gama tinha fundeado com os seus barcos a alguma distancia do porto, junto a um ponto chamado Capocate, com receio dos fortes escolhos da entrada do porto. Os primeiros que se acercaram das naus portuguesas fôram pescadores, aos quaes os portugueses compraram peixe, que pagaram com pequenas moedas de prata do seu país. Os pescadores indios, não as conhecendo, experimentaram-nas com os dentes para verem se eram de prata.

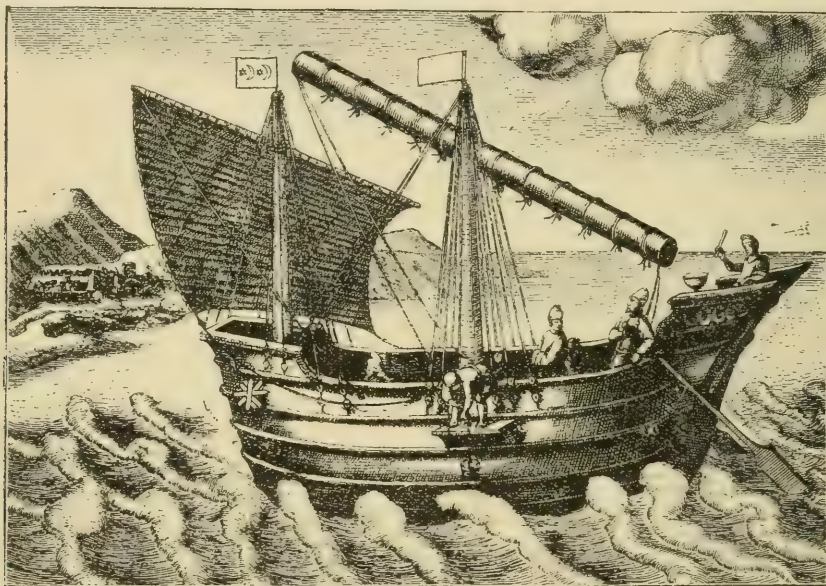
Conhecido já o valor approximado d'estas moedas, levaram logo gallinhas, côcos e outros comestiveis. Por estes vendedores soube o imperador que a esquadra procedia de Melinde, e que o seu chefe não queria saltar em terra sem permissão do soberano do país. Em consequencia d'esta notícia, apresentou-se a bordo, poucos dias depois, um naire nu, levando apenas um panno a envolver a cintura, e armado d'um escudo redondo e uma espada curta sem bainha. Vasco da Gama enviou a terra com elle um dos práticos que lhe tinham dado na costa de Africa para relatar a procedencia e aventuras da esquadra e dizer ao imperador o mesmo que Vasco da Gama havia contado ao senhor de Melinde, isto é: que os tres navios faziam parte d'uma frota de 50 naus enviada pelo rei christão mais poderoso do Occidente para comprar pimenta e drogas, mas que uma tempestade as havia dispersado. Com o prático enviou tambem Gama um criminoso, chamado João Nunes ou Martins [1] para que ganhasse o indulto. Quando estes homens cumpriram a sua missão, e, satisfeitos do acolhimento que tinham encontrado, iam a regressar a bordo, acercou-se d'elles um homem vestido á maneira oriental, que lhes falou em castelhano e os convidou a pernoitar em sua casa, dizendo-lhes que se havia feito tarde e que não encontrariam já no porto lanchas para conduzi-los a bordo de seus navios. Este homem hospitaleiro soube-se ser natural de Sevilha e que, tendo caído em poder dos mouros, tinha passado por muitas mãos como captivo e escravo, e finalmente tinha adoptado exteriormente a religião mahometana. Acceitaram o seu offerecimento os dois enviados de Gama, e na manhã seguinte fôram os tres a bordo, onde o hespanhol tornou sciente o chefe da expedição das condições da cidade, avisando-o particularmente de que estivesse preparado para as intrigas dos commerciantes árabes.

---

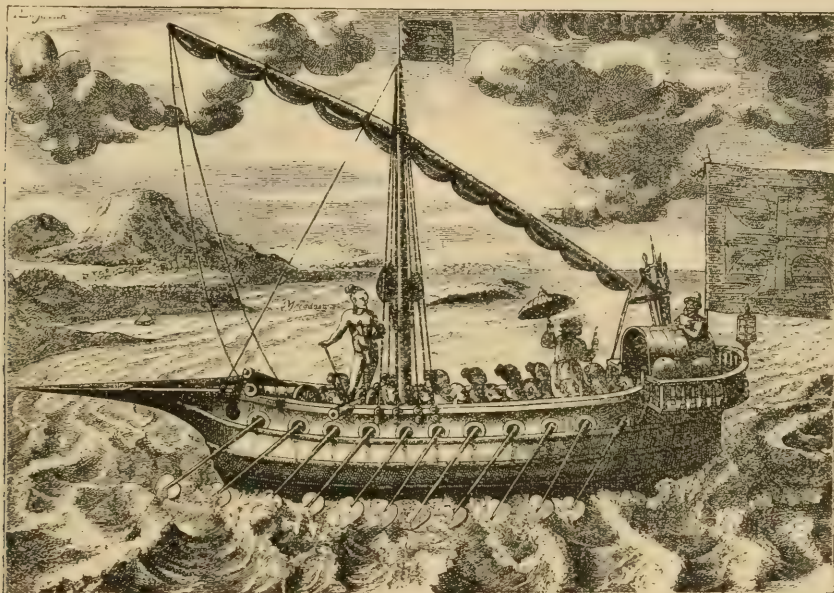
[1] João Martins «que sabia falar aravia e ebraico, que era christão novo e homem de subtil entendimento» diz Gaspar Correia (*Lendas da India*, tomo I, parte I, pag. 78). Castanheda (*Historia do descobr. e conquista da India pelos portugueses*, I, 5) chama-lhe Fernão Martins. É a pessoa a que alude os versos de Camões (Canto I, est. 64):

Responde o valeroso Capitão
Por hum que a lingoa escura bem sabia:

Por esta razão, Vasco da Gama julgou prudente não ir a terra ainda, mas enviar Coelho com um séquito numeroso para apresentar-se ao imperador e sollicitar a sua permissão para que os portugueses pudessem fazer o seu negocio livre e pacificamente, e annunciar-lhe que, obtida esta auctorização, iria o almirante em pessoa offerecer-lhe os presentes e depôr nas suas mãos as cartas do seu soberano.

Ao saltarem os portugueses em terra, agglomerou-se muita gente em attitude pacifica e por ella fôram acompanhados ao palacio; mas o dia passou sem que fôssem admittidos á presença do imperador, o qual quis primeiramente informar-se sobre o caracter, usos e attitude dos extrangeiros. Estes passaram a noite em casa d'um naire e, na manhã seguinte, apresentou-se-lhes o thesoureiro-mór do imperador, dizendo-lhes que

Naus indianas do século XVI (da obra de Linschoten, «Itinerarium ofte Schipvaert naer Oostofte Portugaels Indien.» Amsterdam 1614). Um terço do original.

o seu senhor estava indisposto e não podia receber a embaixada; mas que elle se encarregaria de communicar-lhe a missão que ella levava, se Coelho assentisse. Coelho respondeu-lhe que o seu encargo era apresentar a sua embaixada pessoalmente e que, se o imperador estava enfermo, voltaria a bordo para aguardar momento mais favoravel. Em vista d'esta resposta, foi admittido á audiencia. Coelho fêz uma profunda venia ao Samorim e aguardou respeitosamente que este o convidasse a falar, como fêz, e então Coelho apresentou a sua petição. Quando concluiu, o imperador disse que enviaria a resposta pelo seu thesoureiro e quis dar por finda a audiencia; Coelho, não acceitou, porém, esta resposta e supplicou ao soberano indio que lhe dissesse a sua resolução sem detença. Fê-lo assim o Samorim, accedendo com muita benevolencia ao seu pedido, e dando-lhe em signal de paz e bôa harmonia a sua rubrica traçada n'uma folha de palmeira, com a qual regressaram Coelho e o seu séquito a bordo dos seus navios, nos quaes, ao saberem o bom resultado da embaixada, fôram içadas as bandeiras ao som dos clarins e das salvas dos canhões. O porte firme de Coelho havia vencido os receios e a politica vacillante dos conselheiros do Samorim, cuja palavra e

rubrica eram uma garantia de paz. Então foi que Vasco da Gama se preparou para fazer-lhe a sua visita, mas, seguindo o conselho do sevilhano, não o fêz senão depois de ter pedido e obtido um certo numero de refens de distincção da casta dos naires. Regulado isto, dirigiu-se á cidade com o seu séquito, todos em trajo de gala e precedidos de trombeteiros vestidos de branco e encarnado. O Samorim havia enviado um palanquim, no qual Vasco da Gama se sentou e foi levado aos hombros ao palacio, onde foi recebido pelo imperador em audiencia solemne. Correia deixou descripta esta cerimonia em todos os seus pormenores. O Samorim, sentado n'um divan, estava nu da cintura para cima, e até aos joelhos cobria o corpo com um panno branco. Das vestes pendia uma larga faixa enfeitada com muitos anneis de ouro e com grandes e bellos

Naus indianas do século XVI (da obra de Linschoten, «Itinerarium ofte Schipvaert naer Oostofte Portugaels Indien.» Amsterdam 1614). Um terço do original.

rubis. No braço esquerdo tinha acima do cotovello um bracelete composto de tres aros e cravejado de pedras preciosas. Em especial o aro do meio tinha engastadas pedras de grandissimo valor, sem contar um diamante que pendia do mesmo aro e tinha a grossura d'um dedo. Um collar de pérolas, cada uma do tamanho d'uma avellã, fazia resaltar a côr escura do imperador, e era tão comprido que dava duas voltas e descia ainda até meio do peito. Acima do collar trazia o Samorim uma cadeia de ouro fino, com um medalhão em fórma de coração preciosamente adornado de pérolas e rubis e uma grande esmeralda no centro.

O cabello estava atado sobre a testa e tambem enfeitado com fios de pérolas. Nas orelhas brilhavam grande numero de anneis de ouro.

Á direita e esquerda do throno, enfileiravam-se pagens com armas riquissimas e uma cuspideira de ouro [1]. O primeiro bramane apresentava ao soberano de quando em

[1] «Copa de ouro de bordas largas, em que ElRey cospia». (Gaspar Correia).

quando uma folha de betel, que aquelle mascava lançando-a logo na cuspideira de ouro.

Depois de Vasco da Gama se ter inclinado perante a magestade indiana, o Samorim extendeu-lhe a mão direita tocando com as pontas dos dedos na mão direita do almirante. Vasco da Gama pronunciou então em português o seu discurso; o seu intérprete João Nunes traduziu-o para árabe, dirigindo-se ao agente do commercio que o verteu para o idioma do país e o communicou a um bramane, o qual, finalmente, deu conhecimento d'elle ao imperador.

Depois ajoelhou-se Vasco da Gama para apresentar a carta do rei D. Manuel, não sem tê-la beijado antes e pousado sobre os olhos e cabeça. O Samorim recebeu a carta, apertou-a com ambas as mãos contra o peito, abriu-a logo e entregou-a ao seu thesoureiro para fazê-la traduzir, porque estava escripta em português e em árabe. Dizia esta carta o que Vasco da Gama já tinha dito de viva voz, o desejo do rei de Portugal de contrahir uma alliança de amizade e liberdade de commercio. Com isto ficou terminada a audiencia; e o almirante regressou ao som das trombetas á feitoria, onde passou a noite.

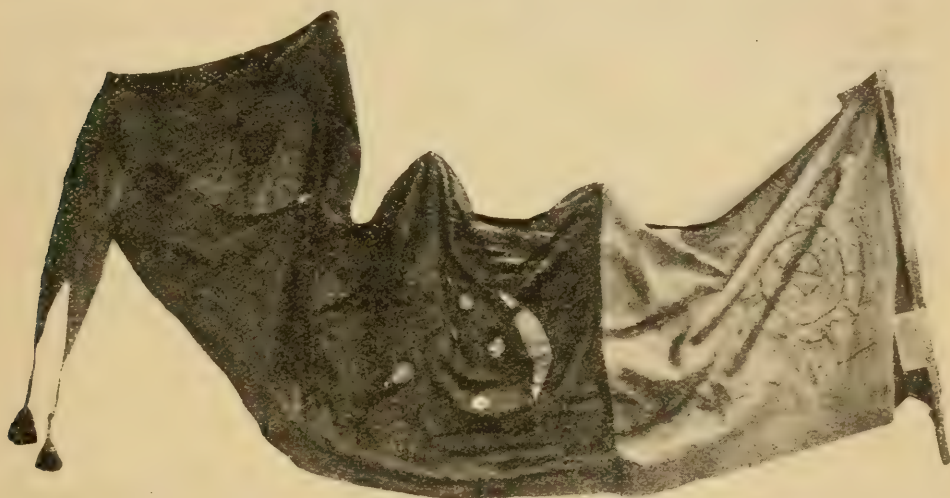
Não tardou em receber a resposta escripta do principe indio á carta do rei, dizendo entre outras coisas: «Vasco da Gama, nobre da vossa casa, visitou o meu reino, com o que recebi uma grande satisfação. No meu país abundam a canella, o cravo, o gengibre e a pimenta. Tenho pérolas e pedras preciosas. O que desejo de vós é ouro, prata, coral e escarlata.»

Fôram concedidos aos portugueses alguns logares em terra com armazens, dos quaes foi encarregado Diogo Dias. Para fazer as compras, foi fixado primeiramente o pêso official e em conformidade com este o preço das mercadorias. As moedas portuguesas de ouro e prata fôram acceitas segundo o seu pêso e quantidade de metal fino, resultando que a prata era cotada mais cara do que em Portugal. Além do dinheiro, os portugueses pagavam tambem com coral, azougue e cobre; as mercadorias adquiridas fôram transportadas em barcos indios para bordo dos navios. Os portugueses julgavam comprar tudo baratissimo, do que estavam muito satisfeitos, emquanto o thesoureiro do Samorim participou tambem muito satisfeito ao seu senhor que os christãos pagavam o dobro do preço e recebiam tambem productos inferiores, que os árabes rejeitavam. Os traficantes indigenas aproveitavam a inexperiencia dos extrangeiros e adulteravam as especiarias com materias extranhas e até lhes venderam productos inteiramente avariados, em especial canella. O agente Diogo Dias conheceu a falsificação; mas, para não provocar desavenças n'este primeiro trato, acceitou tambem generos maus.

Durante estas operações, os portugueses estavam vigilantes ali perto nas suas lanchas, ao parecer ociosos, mas com as armas occultas e á mão para estarem promptos a intervir, se surgisse algum perigo.

Ao verem os mouros as proporções que tomou em prejuizo seu o commercio com os portugueses, espalharam o boato de que eram simples espiões para reconhecerem o país e voltarem depois em som de conquista, porque, diziam, se fôssem commerciantes verdadeiros, não comprariam a preço duplo mercadorias más; por consequencia, o commercio só era um pretexto para occultar as suas intenções preversas. D'esta maneira conseguiram os commerciantes ricos de Calecut pôr do seu lado o *catual* ou governador mahometano ou, como diz Correia, ó primeiro official da guarda do imperador, fazendo que impedisse o livre tráfico dos portugueses, como, na verdade, o prohibiu. Foi-lhes vedado entrar na cidade, sob pretexto de evitar collisões com os árabes, e até

esperavam os inimigos apoderar-se do proprio almirante, talvez para demorarem a esquadra suspeita até á volta das frotas mahometanas que chegavam cada anno com a nova monção, e com o auxilio d'ellas destruirem os navios portugueses e os proprios portugueses.

Logo que Vasco da Gama notou que queriam demorá-lo, manifestou o desejo de partir e de regressar ao seu país sem completar os seus carregamentos, afim de levar ao seu soberano ao menos a notícia de ter logrado o fim da sua viagem. Ao saberem os seus adversarios d'esta resolução, não dissimularam que, se bem que ficavam vencedores por então, se expunham a que os inimigos tradicionaes da sua religião voltassem mais numerosos e com maior força do que da primeira vez, e pensaram que de todos os modos corria gravissimo perigo o seu monopolio commercial. Estando

Bandeira de guerra (Mataca).

assim as coisas, o imperador tornou a chamar o almirante português, enviando-lhe o catual com dois palanquins para acompanhá-lo ao palacio. Vasco da Gama apresentou-se ao imperador, e, posto que as narrações não concordem n'este ponto, especialmente as de Correia e de Barros, parece que as declarações de Gama n'esta audiencia deram occasião a que estalasse o conflicto; porque, quando o Samorim lhe disse os rumores que corriam sobre a sua verdadeira missão, e o convidava a justificar-se das suspeitas de intenções de pirataria e a confessar-lhe a verdade, respondeu-lhe Gama que não o surprehendiam as calumnias dos seus vassallos, pois que era o primeiro que tinha ido ali de tão longinquas terras; mas que a causa da sua viagem era a fama do poderio e grandeza do Samorim, que chegára aos ouvidos do seu rei e senhor, o qual decidira enviar uma frota áquelle país para estabelecer relações amigaveis e de commercio de especiarias e trabalhar ao mesmo tempo pela propagação do Christianismo. Por ambos os motivos, disse, eram os mouros na Europa os inimigos naturaes dos portugueses, e, por isso, tratavam de prejudicá-los tambem em Calecut, accrescentando, em apoio d'isto, o que havia succedido em Moçambique e Mombaça. Pediu, portanto, ao imperador que o protegesse contra taes machinações e calumnias, para evitar collisões e a guerra; porque, embora a sorte adversa decretasse que nem elle nem os seus navios voltassem ao seu país, nem por isso deixaria El-rei D. Manuel de enviar novas

frotas, até receber notícias certas da India. Por isso, proseguiu, conviria que o imperador procurasse que os mouros não dessem logar a desavenças, porque os portugueses não estavam dispostos a deixar-se insultar sem resistencia, e muito menos por homens, a quem em tantas batalhas tinham vencido.

O Samorim ouviu a defesa do Gama com grandissima attenção; mas pelo calor com que lhe falou e pelo tom firme da voz do almirante conheceu que este dizia a verdade; e despediu-o dizendo que regressasse a bordo, aonde lhe mandaria a resposta. O catual, comtudo, encarregado de acompanhar os portugueses até ás suas lanchas, no caminho apoderou-se d'elles, separou o almirante do seu séquito e teve-os a todos durante varios dias pouco menos que presos, com o pretexto de que era responsavel pela segurança d'elles, julgando com isto exasperar os portugueses para que em sua indignação passassem a vias de facto e dessem pretexto para acabar com todos d'uma vez.

Vasco da Gama dominou-se e permaneceu socegado. Os mouros pediram a sua morte; mas o catual não se atreveu a abalançar-se a tanto sem motivo e, finalmente, permittiu ao almirante voltar a bordo, depois de este ter deixado em refens o feitor

Fac-simile da assignatura de Vasco da Gama e de duas testemunhas. «Ho comde de oymioso. Ho comde almirante. Bartolomeu de Paiva.

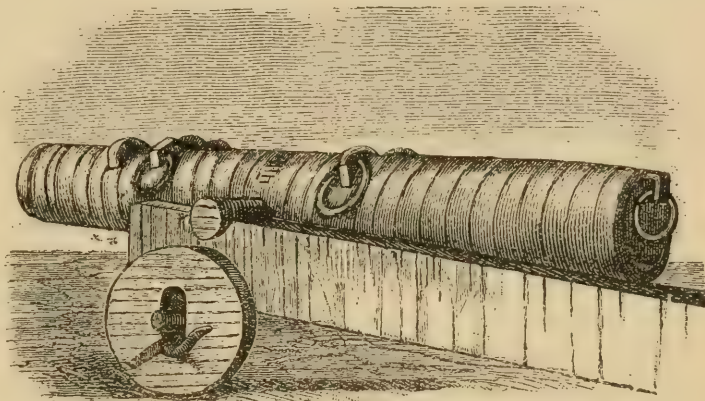
Diogo Dias. Vasco da Gama deu logo liberdade aos refens que tinha a bordo, acreditando que os indios corresponderiam dando-a tambem ao feitor; enganou-se, porém, e quando quis mandá-lo buscar em segredo e embarcá-lo, como tinha combinado com elle, descobriu-se a tentativa e os inimigos impediram a fuga, suscitando um tumulto, durante o qual fôram saqueados os armazens dos portugueses. Então não pôde dominar-se mais Vasco da Gama: mandou apresar no alto mar um certo numero de pescadores e fêz levantar ferro. Esta attitude provocou tantos gritos e lamentos das mulheres dos captivos, que o Samorim deu ordem de pôr em liberdade Diogo Dias, encarregando-o de dizer ao seu chefe que desejava sinceramente a paz, mas que tambem estava no proposito de proteger o commercio dos mahometanos, estabelecidos havia muito no seu país.

Em vista d'isto, Vasco da Gama deu liberdade á maior parte dos indios, mas mandou dizer ao imperador que levaria comsigo os restantes, que eram quatro, a Portugal, afim de que o rei seu senhor se pudesse informar d'elles ácêrca de Calecut, e os devolveria depois á sua patria n'outra frota para que pudessem dar notícias de Portugal ao seu soberano.

D'esta fórma se despediu Gama de Calecut e tomou rumo para o norte, mas uma subita calmaria deteve-o a duas escassas leguas de Calecut. No dia seguinte viu-se rodeado d'um grande numero de embarcações pequenas, segundo Barros, approximadamente 60, que iam na intenção de atacar os portugueses, mas alguns tiros de artilheria dispersaram-nas n'um momento.

Correia é o unico auctor que menciona a visita da esquadra ao porto de Cananor, ao norte de Calecut. O soberano de Cananor, inteirado perfeitamente do succedido em Calecut, mandou convidar Vasco da Gama a demorar-se no seu país.

Não tardaram a approximar-se dos navios lanchas com agua, lenha, figos, gallinhas, côcos, peixe sêcco e outros víveres, dizendo a gente que, se os portugueses não quisessem fundear no porto, acceitassem ao menos aquelles generos como presente; mas que no porto encontrariam tambem especiarias para completarem os seus carregamentos, e de melhor qualidade do que as que lhes tinham vendido em Calecut.

Em vista d'isto, Gama mandou a terra uma lista de todos os artigos que lhe faltavam e que lhe fôram enviados em grande abundancia. Pagou-os generosamente com coral, vermelhão, azougue, cobre e latão; e teve depois uma entrevista com o soberano do país n'um pavilhão construido no extremo d'uma especie de pontão que da praia avançava um pouco pelo mar. Acompanhavam Gama seu irmão e Coelho; trocaram presentes, e o principe exprimiu-lhes, por encargo do Samorim, o seu sentimento pela despedida hostil de Calecut (1).

Bombarda.

Fazendo-se outra vez de véla, Gama collocou ali perto, n'uma ilhota da costa situada aos 13º 20′ de lat. norte, um padrão com o nome de Santa Maria que se extendeu depois á ilha, e continuou o seu rumo para o norte até ao grupo das Angedivas, que quer dizer *Cinco ilhas*, a 12 leguas approximadamente ao S. de Gôa, situado aos 14º 45′ de lat. norte, para fazer provisão de agua e concertar os seus navios antes de emprehender com elles a travessia de regresso até á costa africana.

A notícia da estada dos portugueses nas Angedivas foi levada por barcos de pescadores a Gôa, que fazia parte do Imperio de Bidjapur, cujo soberano era Iussuf Adil Khan, chamado tambem Sabai por ser natural de Sava perto de Hamadan, na Persia occidental; mas os historiadores portugueses alteraram este nome em Sabayo. O governador, que representava este soberano em Gôa, ao saber que havia nas referidas ilhas dois navios portugueses na praia para serem refeitos de avarias, concebeu o projecto de apoderar-se d'elles, encarregando da realização d'elle o seu capitão do porto, judeu oriundo de Hespanha, que, tendo sido expulso na tomada de Granada muito novo ainda, chegára finalmente á India, passando successivamente pela Turquia e por Meca. Este homem effectuou primeiro um reconhecimento de noite para ver se podia apoderar-se dos navios portugueses ou queimá-los; mas os pescadores indios, que tra-

(1) V. Gaspar Correia, *Lendas da India*, tomo I, parte I, cap. XVIII.

ficavam com os portugueses tinham observado que perto d'aquelle ponto havia occultas algumas barcas chamadas fustas, armadas e promptas a cairem sobre os extrangeiros. Inteirado Gama d'isto e de quem era o encarregado da emprêsa, tomou as suas disposições e, quando no dia seguinte passou o judeu n'uma embarcação como por casualidade, saudando os portugueses em hespanhol, deixou-o approximar-se e subir a bordo e, uma vez ali, mandou-o amarrar e ameaçou-o com a tortura, senão confessasse todo o seu plano. Surprehendido assim, não teve outro remedio senão revelar-lhe tudo, incluindo o esconderijo das fustas, e acompanhar ali os portugueses, vendo como estes caiam sobre a sua gente, matavam uns e levavam outros prisioneiros, para fazê-los trabalhar á bomba ([1]). Barros accrescenta a esta narração que o judeu se conformou tambem com deixar-se baptisar, recebendo o nome de Gaspar Gama.

O facto é que, não podendo voltar a Gôa, preferiu acompanhar a expedição a Portugal, sendo depois extraordinariamente util aos portugueses, revelando grandissima habilidade nas expedições posteriores á India. Foi elle quem indicou aos portugueses a situação favoravel do porto de Gôa, que muito em breve foi centro e base principal do poder português na India.

Goes e Castanheda designam o dia 5 de Outubro como o da partida definitiva da esquadra d'aquellas paragens ([2]), ao passo que Correia indica o dia 10 de Dezembro, dizendo que os praticos tinham aconselhado esta data ao almirante para aproveitar a monção do nordeste, razão por que se fêz a travessia com muita facilidade, chegando a frota sem novidade ao porto de Melinde a 8 de Janeiro de 1499, depois de ter avistado já a costa africana a 2 de Janeiro perto de Magadoxo. Barros diz que iniciaram a travessia sem aguardarem a monção, pelo que perderam os navios muito tempo e muitos homens pelas calmas e ventos contrarios e a consequente falta de víveres e de agua doce. O mais provavel é que Vasco da Gama, obrigado a partir de Calecut antes da entrada da monção, esperasse este vento periodico nas Angedivas, seguindo o conselho dos praticos.

O soberano de Melinde tornou a receber a frota affavelmente e proveu-a de víveres. Durante a permanencia n'aquelle porto, que alguns fixam em cinco dias e outros em onze, morreram tambem varios tripulantes; de fórma que apenas restavam os sufficientes para as manobras mais indispensaveis. Á despedida deu o soberano d'aquelle país ao almirante uma carta para o rei D. Manuel e disse-lhe que os portugueses seriam sempre bem recebidos, quando nas suas futuras viagens á India julgassem conveniente visitar o seu porto.

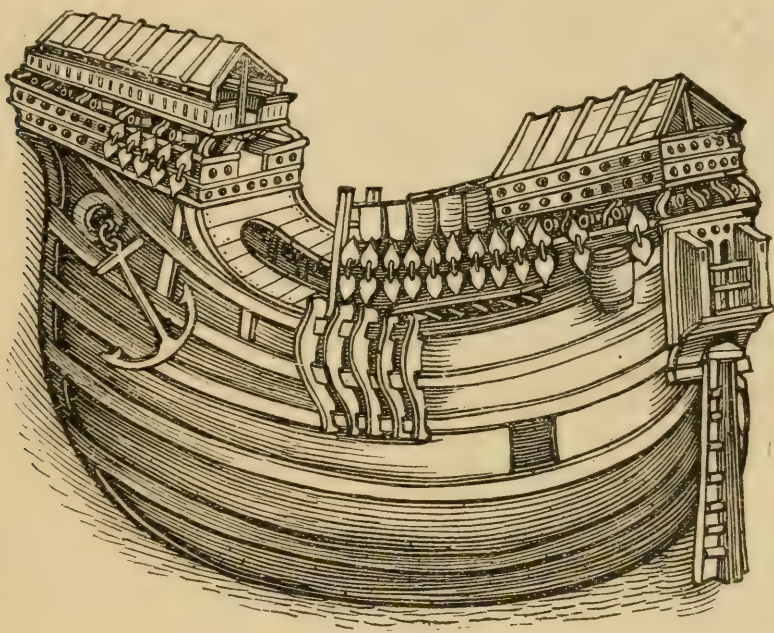
Pouco depois perdeu-se um dos tres navios, ponto sobre que discordam muito os auctores. Barros diz que o *São Raphael* foi contra os mesmos recifes que tocou na sua viagem da ida; Osorio diz que Vasco da Gama queimou o navio de seu irmão, por inutilizado, em frente de Melinde; Goes refere o mesmo facto como succedido diante da cidade de Tagata; e, finalmente, Correia nada diz sobre este acontecimento e muito pelo contrario fala do navio de Paulo da Gama como fazendo parte da expedição, depois de ter dobrado o cabo da Boa Esperança, com a particularidade de que se reporta expressamente na sua descripção da viagem de regresso á narração authentica do capellão João Figueira, que fêz parte da expedição.

No decurso da viagem Gama tomou nota cuidadosamente de todos os pontos principaes da costa para que aproveitassem ás expedições posteriores; e em 2 de Fevereiro col-

---

([1]) V. Gaspar Correia, *Lendas da India,* tomo I, parte I, cap. XIX.
([2]) É a data adoptada por Teixeira de Aragão *(Vasco da Gama e a Vidigueira, 43).*

locou n'uma ilha, perto de Moçambique, o ultimo padrão chamado São Jorge. O temido cabo das Tormentas foi dobrado sem novidade, e n'aquella região fresca restabeleceram-se quási todos os enfermos; mas ao approximarem-se do Equador e das aguas da Guiné a atmosphera impregnada de miasmas causou novas epidemias a bordo fazendo novas victimas na tripulação, cuja saude estava já tão quebrantada. D'ali trouxe comsigo o germen da morte Paulo da Gama.

Os navios não se achavam em melhor estado que a gente e faziam tanta agua que só com grande trabalho podiam sustentar-se á superficie; de sorte que Vasco da Gama teve de arribar á ilha Terceira dos Açores, onde morreu o nobre Paulo nos braços de seu

Casco de um navio grande de 1500. (Gravura de Dürer.)

irmão, sendo enterrado no convento de São Francisco em Angra. Tudo isto retardou o termo da viagem e fêz que se soubesse em Lisboa do feliz exito da emprêsa antes da chegada dos navios. Á chegada do Gama a Angra, saía dos Açores Arthur Rodrigues com uma embarcação pequena e com rumo ao Algarve. Ao passar por diante do navio de Gama, perguntou-lhe d'onde vinha e, ouvindo que da India, apressou-se a dirigir a prôa directamente para Lisboa. Assim, ao fim de quatro dias, pôde communicar tão bôa nova a El-rei, que casualmente se achava em Cintra e recompensou liberalmente o mensageiro (1).

Quando Vasco da Gama entrou depois no porto de Lisboa, onde se diz o havia precedido Coelho, separado d'elle por uma tempestade, enviou El-rei a recebê-lo uma delegação de altos dignitarios e logo concedeu ao afortunado marinheiro a dignidade e o titulo de almirante dos mares da India.

---

(1) Acêrca d'este alviçareiro o auctor segue a versão de Gaspar Correia (*Lendas da India*, tomo I, parte I, cap. XXII, pag. 138).

Além d'isso concedeu-lhe uma participação de duzentos cruzados annuaes no commercio de especiarias da India sem pagar frete e isento de qualquer taxa e, finalmente, deu-lhe á maneira de presente 20.000 cruzados e 10 quintaes de pimenta.

Nicolau Coelho recebeu 3.000 cruzados por cada mês de viagem e um quintal de todas as drogas, assim como o commando d'um navio em todas as frotas que fôssem á India, com o direito de ceder e vender o logar a outro, se não quisesse ir elle proprio. Os herdeiros de Paulo da Gama receberam metade de tudo o que recebeu Vasco da Gama. Cada piloto e marinheiro recebeu meio quintal de especiarias excepto canella e mazis, porque d'estas duas especiarias tinham trazido pouco. N'aquelle tempo vendia-se em Lisboa o quintal de pimenta a 80 cruzados, o de canella a 180, o de cravo a 200, o de gengibre a 120, o de noz moscada a 100 e o de mazis a 300 cruzados [1].

Tambem receberam grandes presentes conventos e igrejas, e os reis assistiram a todas as procissões e missas que se celebraram por esta occasião na capital.

Tanta liberalidade prova a grandissima importancia que se deu ao exito feliz da emprêsa de abrir o commercio directo com a India, emprêsa cujas bases tinham sido lançadas pelo infante D. Henrique, que havia continuado sob o reinado de tres reis successivos, e havia sido coroada pelo exito antes de terminar o século em que fôra iniciada. Para o desenvolvimento do commercio e poder maritimo de Portugal foi a viagem do Gama um impulso colossal, e a grandiosidade do resultado justificou plenamente a perseverança incomparavel com que fôra levada a cabo a ideia desde o principio.

Apesar de tudo isto, deve confessar-se que, quanto a arrojo e espirito de emprehendimento, não chega a expedição do Gama á altura das emprêsas de Colombo e de Magalhães, porque é só a coroação feliz d'uma longa série d'outras emprêsas preparatorias que deixaram para Vasco da Gama a realização d'uma viagem que só em parte se fazia em regiões desconhecidas, ao passo que Colombo e Magalhães se arriscaram a emprêsas completamente novas. Ambos atravessaram sem trabalho prévio oceanos dilatados e ignotos, sendo, em comparação da viagem d'estes, a expedição do Gama uma cabotagem em grande escala, e onde teve de cruzar o Oceano Indico pôde dispôr de pilotos praticos n'aquellas aguas. A isto se ajunta que a situação do Gama era mais vantajosa do que a dos outros dois descobridores, porque era nomeado e sustentado pelo seu proprio govêrno e pôde escolher a sua gente entre compatriotas, a seu gôsto, ao passo que Colombo e Magalhães eram ambos extrangeiros que offereceram os seus serviços a soberanos que não os conheciam e que lhes deram tripulantes que obedeciam de má vontade a chefes extranhos.

4. — Cabral e João da Nova

Das narrações de Vasco da Gama deprehendia-se que para continuar o tráfico com a India era indispensavel preparar-se para sustentar luctas sérias com os mouros, que havia séculos tinham o monopolio do commercio de especiarias e que a differença de religião exacerbaria a lucta tirando toda a esperança d'uma solução pacifica. Portanto, devia fazer-se o commercio com navios armados em guerra ou, antes, com esquadras imponentes. Foi nomeado chefe da primeira frota destinada a este fim Pedro Alvares Cabral, amigo íntimo de Vasco da Gama.

---

[1] Gaspar Correia *Lendas da India*, tomo I, parte I, pags. 142 e 143. Teixeira de Aragão, *Vasco da Gama e a Vidigueira,* pag. 48 e seguintes.

Emquanto o govêrno hespanhol concedia o monopolio do commercio com as Indias Occidentaes, juntamente com uma série das mais altas distincções, a um só homem, a Christovão Colombo, os reis de Portugal, que, de resto, tinham tomado a iniciativa de todas as expedições, reservaram para si o direito de escolher livremente as pessoas a quem deviam commetter-se estas emprêsas. Recompensaram os trabalhos e serviços conforme o seu mérito, mas confiaram a direcção superior de cada expedição á pessoa que mais idonea lhes pareceu e, seguindo este principio, consultaram Vasco da Gama como perito indicado, mas nomearam Cabral chefe da segunda expedição. Gama redigiu as instrucções para a segunda expedição, dispôs e dirigiu os preparativos, fixou o roteiro, deu regras para a politica que havia de observar-se com o Samorim de Calecut, recommendando, sobretudo, que se fizesse todo o possivel para desvanecer a suspeita, divulgada pelos mouros, de que os portugueses não eram commerciantes, mas piratas. Para isto aconselhou que se convidassem a vir a bordo os funccionarios do Samorim afim de que vissem por seus proprios olhos os generos que levavam para trocá-los por especiarias e outros productos do país. Sobretudo, preveniu Cabral de que nunca saltasse em terra sem ter antes refens a bordo. Fixou como a melhor época da saída de Portugal o mês de Março, porque então chegava-se em tempo opportuno para aproveitar a monção favoravel no mar da India.

Pedro Alvares Cabral. Reproducção da gravura inserta na obra «Retratos e Elogios de Varões e Donas» que se diz, segundo a tela de Paço Velho. — Chromo da Companhia Nacional Editora.

A frota compunha-se de 10 navios grandes e 3 pequenos, com 1.200 homens de tripulação. Entre os capitães figurava Bartholomeu Dias, o descobridor do cabo da Boa Esperança, e Nicolau Coelho, o companheiro de Vasco da Gama. A expedição levava tambem frades franciscanos e clérigos seculares para propagarem a religião christã.

No armamento da frota tinham-se interessado, entre outros particulares, varios commerciantes ricos de Florença.

O plano do govêrno era estabelecer-se permanentemente na costa do Malabar.

No dia 9 de Março de 1500 ([1]) saíu a frota do porto de Lisboa. Perto das ilhas de Cabo Verde sobreveiu uma tempestade que separou dos demais navios o de Luís Varez ([2]), fazendo-o regressar a Portugal. A frota ao chegar á costa da Guiné tomou rumo a sudoeste para evitar as calmas e as correntes contrarias, desviando-se das instrucções de Gama que prescrevia o rumo sul até á altura do cabo da Boa Esperança, que devia dobrar-se com o vento favoravel de oeste. Esta variante fêz que a corrente equatorial levasse os navios mais longe do que convinha para sudoeste, até que a 20 ou 24 de Abril distinguiram uma costa montanhosa aos 18º de lat. sul e, segundo o calculo dos pilotos, a uma distancia de 450 leguas da costa de Africa. Eram as plagas do Brasil, aonde a casualidade e a corrente os tinham levado. Os portugueses ignoravam então que tres meses antes Vicente Yanez Pinzon, um dos companheiros de Colombo na sua primeira viagem, tinha descoberto a mesma costa a uns 10º mais ao norte. Mas, ao examinar a direcção que levavam as expedições maritimas dos portugueses, resulta de toda a evidencia que mais tarde ou mais cêdo haviam de descobrir a America meridional, ainda que não tivesse vingado o projecto audacioso de Christovão Colombo. A marcha dos acontecimentos trazia comsigo necessariamente este descobrimento.

Cabral seguiu a costa frondosa d'aquelle país varios dias; visitou a bahia de Porto Seguro e repetidas vezes teve relações com os indigenas que andavam quási inteiramente nus, que não tinham armas metallicas e ficavam em cabanas cobertas de palha e dormiam em redes feitas de cordas de algodão. A 3 de Maio, dia em que a Igreja celebra a Invenção da Santa Cruz, despediu-se Cabral d'aquellas costas ([3]), que chamou Terra de Santa Cruz ([4]), nome que em breve foi substituido pelo de Brasil, logo que foi conhecida a sua riqueza de pau córante que os portugueses chamaram brasil pela semelhança de côr com as brasas.

P. A. Thiele, na sua obra *Do estabelecimento dos portugueses na India,* obra escripta em hollandês, diz que o nome de Brasil apparece já no anno de 1504.

Cabral enviou o capitão Gaspar de Lemos a Portugal para participar o novo descobrimento, com ordem de estudar a configuração da costa em toda a extensão que pudesse para o norte. Correia diz na sua obra que este capitão era André Gonçalves,

---

([1]) É a data seguida por Barros *(Asia,* Dec. I, Liv. V, cap. II, pag. 386) e pelo historiador brasileiro, sr. Rocha Pombo *(Historia do Brasil;* Rio de Janeiro, 1906; tomo I, pag. 156), entre outros. Correia data a partida de 25 de Março *(Lendas da India,* tomo I, parte I, pag. 150). Incertezas chronologicas e de outras ordens envolvem ainda a historia d'este grande emprehendimento apesar das preciosas contribuições da erudição portuguesa e brasileira.

([2]) Este Luís *Varez* é decerto o Luís *Pires* referido na «... Carta que elRey nosso senhor escreueo a elrrey e a Rainha de castella seus padres»... (ediç. Canto, Imprensa Nacional de Lisboa, 1906) e cuja nau se tresmalhou em Cabo Verde, na ida de Cabral. Segundo Vaz de Caminha a nau tresmalhada foi a de Vasco de Athaide.

([3]) Esta data é a da chegada ao Brasil, segundo Correia *(Lendas da India,* tomo I, parte I, pag. 152), e como tal está hoje consagrado officialmente nos dois países. O sr. Rocha Pombo fixa a data de 22 de Abril combatendo a applicação que se fêz da reforma gregoriana só para este acontecimento (ob. cit., pag, 186 a 188).

([4]) Ou antes *Ilha de Vera Cruz,* e, só posteriormente e successivamente, *Terra de Santa Cruz, Provincia de Santa Cruz, Santa Cruz do Brasil* e *Terra do Brasil.* Ha cêrca de tres annos mandou o Ministerio das Relações Exteriores do Brasil reproduzir o mappa de Jeronymo Marini de 1512, o mais velho documento cartographico que inscreve o nome actual da grande Republica sul-americana e que foi adquirido em Roma pelo embaixador brasileiro ali residente em 1912.

cujo nome, por outro lado, não se encontra na lista que Barros menciona dos 13 capitães que commandavam os navios da expedição (1).

Mas Correia accrescenta que, quando este André Gonçalves participou á côrte de Lisboa o descobrimento, foi immediatamente encarregado por El-rei D. Manuel do commando d'uma expedição ao Brasil, na qual devia ter figurado Americo Vespucio e da qual se ignorou até ha pouco o nome do chefe.

Do Brasil dirigiu-se Cabral em linha recta através do Oceano ao cabo da Boa Esperança, em cuja proximidade perdeu 4 navios, entre os quaes o de Bartholomeu Dias, a 23 de Maio (2), n'um furioso temporal que durou 20 dias. Camões, no seu poema *Os Lusiadas* (canto V, est. 43 e 44), considera que Dias estava predestinado a morrer nas vagas furiosas junto ao mesmo cabo por elle descoberto, porque faz falar o genio d'este cabo nos termos seguintes:

Sabe que quantas naus esta viagem
Que tu fazes, fizerem de atrevidas,
Inimiga terão esta paragem,
Com ventos e tormentas desmedidas:
E da primeira armada que passagem
Fizer por estas ondas insoffridas,
Eu farei d'improviso tal castigo,
Que seja mór o damno que o perigo.

Aqui espero tomar, se não me engano,
De quem me descobriu summa vingança;
E não se acabará só n'isto o damno
De vossa pertinace confiança;
Antes em vossas mãos vereis cada anno
(Se é verdade o que meu juizo alcança)
Naufragios, perdições de toda a sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte.

(1) Barros fala em «treze vélas», mas só regista os nomes de 12 commandantes. Além da omissão referida no texto, Barros e Correia divergem nos nomes de dois dos commandantes. Caminha diz que foi a nau dos mantimentos que trouxe a nova do descobrimento. Barros dá Gaspar de Lemos por mensageiro da notícia, não sabemos com que fundamento. Depois disse-se, conjugando Caminha e Barros, que Lemos fôra o commandante da nau dos mantimentos, e depois, n'um circulo vicioso, que sendo aquella nau portadora da novidade e Lemos o seu capitão coube a este a gloria da participação. Em tudo isto ha inferencias arbitrarias construidas sobre uma informação não documentada. Quanto ás duas teses relativas ao descobrimento, a da intenção e a do acaso, não parece ainda hoje facil cortar o nó gordio. Deve ler-se o artigo de Sousa Monteiro «Como se descobriu o Brasil», publicado na *Revista Portuguesa Colonial e Maritima* (3.º anno, 1899-1900, 2.º semestre, pag. 1 a 15); Livraria Ferin, Lisboa.

(2) É a data dada por Barros.

Cabral no regresso chegou a Cabo Verde com tres naus, com as quaes entrou em Lisboa, onde chegaram tambem outras tres que se tinham tresmalhado com diversa fortuna. A espantosa odisseia das treze naus de Cabral póde ver-se na «Navegação de Cabral», do piloto anónimo, e na «Carta que elRey nosso Senhor escreveo a elRey e a Rainha de castella seus padres da nova da Imdija» de 29 de Agosto de 1501 (Edição Canto e Castro).

Margens do Amazonas. — Paysagem da inundação.

A mesma tempestade separou tambem o navio de Diogo Dias do resto da frota e levou-o á costa oriental de Madagascar. Dias seguiu-a para o norte, e ali, com grande surpresa, viu que tinha descoberto uma ilha.

A imponente frota de Cabral ficou, pois, reduzida a 6 navios que a 16 de Julho se reuniram na enseada de Sofala n'um estado lastimoso, mas que melhor ou peor chegaram até Moçambique, por se não offerecer occasião n'outra parte para concertá-los. De Moçambique Cabral, com o auxilio de praticos indigenas, dirigiu-se a Quiloa, cujo cheik tinha sob o seu dominio toda a costa desde Sofala a Zanzibar. Em Quiloa não pôde Cabral entabolar relações mercantis, porque o chefe d'este centro de feitorias árabes declarou-lhe claramente que não lhe convinham as mercadorias portuguesas que lhe mostraram. As tentativas dos clérigos de bordo para converterem mouros tambem não tiveram exito. Em 2 de Agosto chegou a frota a Melinde, com cujo soberano renovou Cabral as relações de amizade. Ali deixou tambem dois criminosos portugueses, João Machado e Luís de Moura, com o encargo de penetrarem até á Abyssinia, o supposto país do Preste João, emprêsa que saíu frustrada, assim como as que fizeram depois missionarios portugueses, taes como Lobo em 1626, para atravessar o territorio dos gallas. O soberano de Melinde deu outra vez aos portugueses dois praticos, que conduziram a frota em 16 dias á India. A 23 de Agosto achavam-se já nas Angedivas, onde permaneceram duas semanas para calafetar os navios e tomarem agua doce, porque convinha apresentarem-se em bom estado diante de Calecut; e, ainda que toda a frota tinha ficado reduzida a metade, não deixava de ser o dobro da do Gama, e era bastante numerosa para desvanecer toda a suspeita de que os seus tripulantes fôssem meros corsarios.

O Samorim deu provas das suas intenções pacificas enviando ao almirante, apenas este chegou, dois naires e um commerciante distincto de Guzerate para o saudarem da sua parte. Cabral mandou para terra os quatro pescadores indios que Vasco da Gama havia trazido para Portugal, e fêz pedir ao Samorim que lhe désse seis refens em garantia d'um trato pacifico. A carta do rei D. Manuel expressava o mesmo desejo, mas de passagem falava imprudentemente e com demasiada extensão de projectos de propagar n'aquella terra o Christianismo, com o que originou um recrudescimento de antipathias e de odios religiosos.

O imperador enviou seis refens; mas os portugueses não haviam tido presentes as difficuldades que traria comsigo a permanencia prolongada, a bordo d'um barco catholico, de indios, cuja religião brahmanica lhes prohibia comer coisas preparadas por mãos extrangeiras, sendo necessario permittir aos refens que fôssem regularmente a terra para comerem e voltarem depois para bordo, para o que uma embarcação do país os ia buscar todos os dias. Com esta garantia desceu Cabral a terra com um séquito brilhante e teve na praia uma primeira entrevista com o Samorim; mas, antes de voltar a bordo, apresentou-se a embarcação india para levar os refens e, como na ausencia do almirante lhes não foi permittida a saída dos navios, saltaram ao mar e acolheram-se na sua maior parte a bordo da sua embarcação. D'esta fórma ficou patente que de nada serviam refens das castas indias superiores, e o Samorim substituiu-os por commerciantes mahometanos distinctos, de accôrdo com Cabral. Isto facilitou uma segunda audiencia no palacio do Samorim e um convenio amigavel, no qual fôram fixados tambem os preços das especiarias. Fôram postas á disposição dos portugueses várias casas junto ao porto, para armazens; foi posta n'elles uma guarda de 60 homens e foi nomeado feitor Ayres Correia.

Os clérigos trataram por seu lado de fazer propaganda religiosa, mas sem resultado, porque não sabiam o idioma do país, o malabar, e Cabral parece ter tido bastante tacto para não se empenhar a fundo em cumprir esta parte da sua missão.

Mais lhe chamou a attenção a lentidão com que marchavam as operações mercantis, resultado evidente das machinações dos commerciantes mahometanos, de modo que passados tres meses só dois navios é que tinham podido fazer um carregamento regular de pimenta. Irritado com esta lentidão, e por proposta do feitor, fêz revistar á força um barco pertencente a um commerciante mahometano, surto no porto, e que se suspeitava estivesse carregado de especiarias, mas só se encontraram víveres. Este acto de força brutal alvoroçou toda a cidade: a gente do porto, incitada pelos mouros, juntou-se, atacou os armazens dos portugueses e matou o feitor e parte da sua gente, salvando-se milagrosamente seu filho, Antonio Correia, de idade de 12 annos, que posteriormente se distinguiu muitissimo no serviço português na India. Cabral tomou em seguida crueis represalias, fazendo incendiar 15 barcos dentro do porto e disparando um dia inteiro os seus canhões contra a cidade, com o que ficaram cortadas as relações e declarada a guerra ao Samorim. Sendo por então difficil a presença dos portugueses em Calecut, Cabral dirigiu-se com a sua frota mais ao sul, a Cochim, cujo soberano, invejoso do commercio de Calecut, o havia convidado já antes a dirigir-se á sua capital e porto, onde, effectivamente, e no proximo porto de Cranganor, fizeram no termo de tres semanas todos os navios o seu carregamento de especiarias. Tambem se offereceu o principe de Coulão, ao sul de Cochim, para prover os navios dos artigos que desejavam, a preços equitativos. Finalmente, dirigiu-se a frota outra vez a Cananor, onde se completaram os carregamentos com gengibre e canella, mettendo d'estas especiarias grandissima quantidade; e, como os portugueses não tivessem já logar para tanto, o principe, julgando que não compravam mais por falta de dinheiro, teve a generosidade de offerecer-lhes as mercadorias a crédito, dizendo que as pagariam á volta, e enviou ainda na mesma frota uma embaixada ao rei D. Manuel.

A 16 de Janeiro de 1501, fez-se a frota outra vez de véla e, pouco antes de chegar a Melinde, perdeu-se n'uma tempestade o barco do capitão Sancho de Toar, podendo salvar-se a tripulação. D'ali dirigiram-se a Moçambique, onde os navios fôram calafetados de novo antes de se arriscarem ao mar tempestuoso do Cabo. De Moçambique enviou Cabral o capitão Toar com um navio dos de menor lotação a visitar Sofala, commissão que de direito tocava aos irmãos Dias, se não se tivesse extraviado Diogo na ilha de Madagascar e morrido junto ao Cabo seu irmão Bartholomeu. Toar levou comsigo o judeu baptisado, Gaspar da Gama ou da India, na qualidade de intérprete, e ainda um prático de Melinde. Foi recebido bem em Sofala, e chegou a Lisboa no mês de Setembro de 1501, quando todos os demais capitães d'esta segunda expedição tinham regressado já. Toar descreveu depois a abundancia de ouro do país de Sofala e disse que os habitantes com quem traficavam os árabes tinham quatro olhos, dois adiante e dois no occiput. Isto foi decerto algum conto árabe, que o bom português tomou e acreditou ao pé da lettra, como Herodoto acreditou, na antiguidade, as mentiras dos marinheiros phenicios.

O resto da viagem de Cabral foi feita sem grandes precalços; e, ainda que ficou separado do resto da frota o navio de Pedro de Athayde, chegou este tambem são e salvo a Portugal. Junto ás ilhas de Cabo Verde reincorporou-se na frota Diogo Dias, procedente de Madagascar. D'esta ilha tinha-se dirigido com o seu navio a Magadoxo na costa de Africa, onde foi surprehendido na praia pelos indigenas que lhe mataram toda a tripulação, menos sete homens, provavelmente perto de Barava [1], o que o obrigou

[1] *Barbora,* segundo Correia.

a voltar atrás sem poder ver a India. Junto ás mesmas ilhas de Cabo Verde encontrou Cabral tambem os tres navios que tinham saído a 13 de Maio de Lisboa, para completarem o descobrimento do Brasil, expedição em que tomou parte, como já dissemos, Americo Vespucio, que fazia a sua segunda viagem á America [1].

Cabral perdera cinco navios, enviára um das costas do Brasil a Lisboa, e outro, o de Pedro de Athayde, não chegára á India; e, não obstante, os carregamentos preciosos dos navios restantes pagaram de sobejo todos os gastos e perdas da expedição: tão grande era o valor das especiarias, pérolas e pedras preciosas que trouxeram. Por isso, resolveu o govêrno português continuar as expedições á India e arrojar das suas aguas com forças imponentes os commerciantes mahometanos. Antes de Cabral regressar, já o rei tinha enviado á India uma pequena esquadra de quatro navios que saíu para o mar em 5 de Março de 1501, sob o commando do marinheiro gallego, João da Nova. Um d'estes navios, commandado por Diogo Barbosa, fôra armado por commerciantes portugueses, e outro pelo commerciante florentino, Francisco Vineti, porque o rei de Portugal permittia aos particulares incorporar nas expedições barcos por sua conta e risco, com a faculdade de os armadores nomearem os seus capitães. O quarto navio commandava-o Francisco de Novaes.

Ao atravessar o Atlantico descobriu João da Nova, aos 8º de lat. sûl, uma ilha que chamou da Conceição e que hoje se chama ilha da Ascensão, nome que lhe deu Albuquerque dois annos depois, julgando-se provavelmente o primeiro descobridor. Esta ilha indica-nos o rumo que seguiu a expedição de João da Nova, que chegou a 7 de Julho á bahia de São Brás, a léste do Cabo da Boa Esperança, onde os navios costumavam prover-se de agua. Ali pôde inteirar-se João da Nova do estado das coisas da India e do succedido a Cabral por uma carta que Pedro de Athayde tinha deixado ali no seu regresso, para instrucção dos capitães que fôssem após elle á India. Em Agosto chegou João da Nova a Moçambique e logo a Quiloa, onde se lhe apresentou Antonio Fernandes, o condemnado que a expedição anterior ali havia desembarcado, o qual confirmou o conteúdo da carta encontrada em São Brás. D'ali, seguindo o roteiro dos seus predecessores, chegou a Melinde e, finalmente, a Cananor sem percalço algum. N'este ultimo ponto offereceu-lhe o principe os carregamentos que os portugueses buscavam; mas, como o chefe da expedição tinha ordem de avistar-se primeiro com o feitor da sua nação estabelecido em Cochim, teve de declinar, ao menos por então, o prompto offerecimento do principe e continuou a sua rota, apesar de ter recebido aviso de que uma frota consideravel do soberano de Calecut, inimigo dos portugueses, o esperava no caminho para cortar-lhe o passo. João da Nova, confiando na superioridade do seu armamento e na maior pericia dos seus marinheiros, avançou por meio da esquadra inimiga, composta de mais de 100 navios, mettendo a pique com a sua artilheria 14 d'elles, cinco grandes e nove pequenos, recontro em que pereceram,

---

[1] Terceira viagem, segundo Herrera *(L'era delle Grandi Scoperta,* Milão, 1902; pag. 294) e as proprias affirmações de Vespucio *Cartas a Pedro Soderini,* publicadas nas *Noticias para a hist. e geog. das nações ultramarinas,* tomo II). Este mesmo tomo II das *Noticias* insere a *Navegação de Cabral,* do piloto anónimo, onde se lê a pag. 133 o seguinte: «abordámos na primeira terra junta com Cabo verde, que se chama Besenegue aonde achámos tres navios que ElRei de Portugal mandára para descobrir a terra nova, que nós tinhamos achado quando hiamos para Calicut.» Este facto não é referido por Barros, nem por Castanheda, nem mesmo por Goes cuja chronica se não limitava á Asia portuguesa. V. tambem Gaspar Correia, *Lendas da India,* tomo I, parte I, pag. 152.

segundo se diz, 417 indios. Depois d'esta derrota, desculpou-se o imperador de Calecut, lançando a culpa de tudo ás instigações dos árabes e convidou os portuguezes a visitarem o seu porto; João da Nova, porém, nem sequer lhe respondeu.

Indios carajás.

Em Cochim ficou desilludido, porque o feitor não tinha podido reunir as mercadorias necessarias. Os indigenas não lh'as queriam vender senão a pêso de dinheiro, e o chefe da expedição não o levava em quantidade sufficiente, porque não tinha podido arribar a Sofala, onde havia calculado trocar generos portugueses por ouro. Apesar d'isso, conseguiu encher os porões dos seus navios em Cochim e Cananor, aonde regressou, e de caminho capturou dois navios mahometanos carregados de especiarias de que se assenhoreou. No seu regresso, coroado de louros, como diz Barros, teve ainda a sorte de descobrir uma ilha que chamou Santa Helena. Esta ilha, na opinião de Barros, parece ter sido posta n'aquelle ponto por Deus para dar nova vida a todos os que veem da India, porque ali se encontram agua excellente e outros refrescos em abundancia. Por isso todos tratam de arribar a ella, e chegando ali julgam-se salvos.

A 11 de Novembro de 1502 João da Nova fundeou no porto de Lisboa, sendo recebido pelo rei com grande carinho por ter cumprido a sua missão tão brilhantemente e sem perder um só navio, graças ao seu arrôjo e habilidade.

Não obstante o exito lisongeiro e os beneficios materiaes d'esta expedição, o govêrno português, em vista da hostilidade das innumeraveis povoações da India, e d'outros perigos, comprehendeu que não era bastante o beneficio material para se expôrem como se tinha feito até ali, e que era mistér reflectir sériamente se convinha continuar aquelle commercio ou limitar-se ao da costa d'Africa com as tribus negras, que era muito mais facil. Embora desejasse ardentemente conservar as vantagens adquiridas e continuar a desenvolvê-las, deparava-se-lhe o obstaculo que lhe offerecia a questão dos recursos consideraveis que exigiria a continuação do commercio com a India que, pelo visto, não podia sustentar-se e muito menos augmentar sem forças maritimas imponentes. O rei teve sobre este ponto muitas conferencias com os seus conselheiros e, finalmente, venceu a opinião dos que pensavam que, com os navios e armas superiores de Portugal e com o auxilio dos alliados grangeados já na India, se conseguiria impôr-se aos mahometanos, estabelecer-se permanentemente n'aquellas regiões e converter aquelles gentios ao Christianismo, coisa que então era considerada como um dever principal. Em consequencia d'isso, o rei decidiu-se pela continuação d'aquellas emprêsas com todos os recursos de que pudesse dispôr.

5. — Segunda viagem de Vasco da Gama

O rei tinha pensado em confiar esta grande expedição a Cabral, mas este recusou-se [1], seja, como diz Correia, porque Vasco da Gama tivesse reclamado contra esta decisão, lembrando ao rei que elle proprio lhe tinha promettido n'um documento solemne encarregá-lo do commando da esquadra para dar-lhe ensejo de vingar no Samorim de Calecut a sua prisão, seja, como diz Barros, porque Cabral se tivesse julgado offendido com que o rei promettesse a Vicente Sodré o commando quási independente d'uma secção de pequenos navios, destinados a ficar na India, para protegerem a feitoria portuguesa.

Seja como fôr, d'esta vez obteve Vasco da Gama a direcção dos 20 navios que constituiam a imponente esquadra, levando ás suas ordens Sodré como chefe de um contingente de 800 homens. A esquadra não saíu toda d'uma vez; em 10 de Fevereiro de 1502 partiu primeiro Vasco da Gama com 15 navios, e no 1.º de Abril seu sobrinho,

---

[1] V. João de Barros, *Asia*, Decada I, parte II, pag. 21 e seg.

Estevão da Gama, com os cinco navios restantes. Apesar d'esta differença chegaram as duas secções quási ao mesmo tempo ao termo da sua viagem; porque Vasco da Gama arribou primeiramente a Porto Dale, junto ao Cabo Verde, para fazer provisão de agua, permanecendo n'aquelle ponto 6 dias, e a seguir perdeu muito tempo na costa da Guiné por causa das calmarias, e bastante gente pela insalubridade do clima. Tambem diz Correia, mas nenhum outro auctor o repete, que esta parte da esquadra chegou até á costa do Brasil ou que velejou ao longo d'ella até ao cabo de S. Agostinho, antes de chegar ao extremo meridional da Africa. Junto ao Cabo, onde Cabral tinha perdido varios navios, foi surprehendido tambem Vasco da Gama por uma tempestade que durou seis dias e que dispersou a frota de tal maneira, que só ficaram com o almirante 2 navios maiores e duas caravellas. Diante do Cabo das Correntes levantou-se uma nova tempestade que fêz encalhar a nau Santa Helena no banco de Sofala, podendo salvar-se a tripulação. Em Moçambique, ponto de reunião convencionado, tornou-se a reunir a maior parte dos navios e ali foi construida em 12 dias uma caravella com material já apparelhado que havia sido levado de Lisboa para este fim. Esta caravella, que recebeu o nome de *Pomposa,* era destinada a ficar em Moçambique para proteger a feitoria portuguesa estabelecida n'aquelle porto e para facilitar o seu commercio com Sofala. Gama demorou-se ali quatro dias e firmou com o cheik (¹) de Moçambique, que já não era o mesmo de antes, um tratado de amizade. O mesmo cheik lhe entregou as cartas que João da Nova ali havia deixado, e nas quaes relatava, para conhecimento dos seus successores, o que vira e o que passára na India. Gama fêz o mesmo e deixou ali instrucções para seu sobrinho e para os dois navios que a tempestade tinha separado da sua esquadra perto do Cabo das Correntes.

Brazão de Vasco da Gama.

De Moçambique, Vasco da Gama mandou a Sofala Pedro Affonso de Aguiar com um navio e dois praticos indigenas; e sobre esta expedição dá Correia pormenores muito interessantes que por isso mesmo teem aqui o seu logar. Aguiar obteve uma audiencia do cheik de Sofala que, pelas suas relações com Moçambique, tinha já notícia dos portugueses, e lhe expôs que ia por encargo do rei de Portugal fazer com elle um tratado de paz e amizade perpetuas, ao que o principe negro lhe respondeu que já antes tinha feito saber aos portugueses que todos os commerciantes que iam ao seu país, com intenções pacificas, eram bem recebidos. Quando, ao receber esta resposta, Aguiar insistiu de novo em affirmar as intenções pacificas do rei de Portugal, ficou o principe tão satisfeito, que jurou pelo sol, pelo céo, pela sua cabeça e pelo

(¹) Xeque, na antiga fórma portuguesa.

seu ventre, que compraria os generos que levassem os portugueses, e, como penhor da sua fidelidade, tirou do dedo pollegar um annel de ouro que deu ao capitão embaixador e ao mesmo tempo entregou-lhe para elle e para o rei de Portugal várias enfiadas de pequenas contas de ouro em signal de fraternidade perpetua. Depois, para corroborar a sua sinceridade e fidelidade tomou as mãos dos presentes, o que, por não saber escrever, equivalia á garantia do pacto. O capitão português, comtudo, fêz redigir uma acta e assignou-a com seis dos seus companheiros, fazendo-a ler depois em alta voz e traduzindo-a do mesmo modo o intérprete para o idioma do país; com o que deixaram pasmados o rei e toda a sua gente, porque ainda não tinham visto escrever e julgavam que o papel falava por arte magica. Tendo regressado logo Aguiar ao seu navio, recebeu do rei gallinhas, ovos, inhame e outros comestiveis do país. Quando regressou a Moçambique, já o almirante havia partido com os seus navios em direcção a Melinde.

Vasco da Gama.
Do manuscripto de Pedro Barreto de Resende.
(Museu britannico de Londres.)

Vasco da Gama, antes de visitar este porto, dirigiu-se a Quiloa, cidade situada n'uma ilha proxima da costa e cercada de muralhas e de tôrres. Contava uns 12.000 habitantes, que viviam em casas feitas de pedra com eirados e uma superestructura de madeira. Toda a cidade estava rodeada d'um verdadeiro bosque de cedros, limoeiros, e laranjeiras, e nos jardins cultivava-se a figueira, a canna de assucar e a romanzeira. O chefe era árabe; o seu dominio não se extendia para além da cidade; e, como se havia portado tão traiçoeiramente com os primeiros portugueses que ali se haviam apresentado, Vasco da Gama collocou-se com toda a esquadra em frente da praça; atemorizou-a primeiramente fazendo fogo para o ar e a seguir desembarcou a sua gente, cercou o porto e obrigou o cheik a submetter-se e a consentir, depois de muito resistir, em pagar ao rei de Portugal um tributo annual de 500 maticaes em ouro, ou sejam 584 cruzados, dando-lhe em troca uma patente de vassallo do rei de Portugal para sua segurança e dos commerciantes da sua cidade. Teve tambem de consentir o cheik em que na tôrre do seu palacio içassem a bandeira portuguesa. Mais adiante construiram ali os portugueses um reducto para firmarem o seu dominio.

D'ali dirigiu-se a esquadra a Melinde. Como o soberano d'este país, na primeira

viagem do Gama a Calecut, tinha sido o unico que recebera os portugueses com benevolencia e os auxiliára, o almirante tinha interêsse em mostrar-lhe a sua imponente esquadra para robustecer ainda mais as relações amigaveis.

Correia descreve esta visita com todos os seus pormenores e muito especialmente uma festa que Vasco da Gama deu ao rei a bordo dos seus navios. Castanheda confirma tambem esta visita; de sorte que Osorio e Barros (1) parecem laborar n'um êrro quando dizem que ventos contrarios impediram Vasco da Gama de visitar a cidade e o obrigaram a fundear a algumas leguas do porto, para fazer provisão de víveres.

Na prosecução da sua viagem, Gama encontrou, no mês de Agosto, seu sobrinho Estevão com tres navios e depois achou os dois restantes nas ilhas Angedivas junto á costa occidental da India, aonde chegaram perto de Dabul a 17° 43′ de lat. norte e fundearam n'uma bahia proximo de Gôa. Em breve conheceram as cidades d'aquella costa que Vasco da Gama não viera com intenções pacificas, muito ao contrario, ia resolvido a vingar as humilhações por que o tinham feito passar na sua primeira viagem. De caracter violento e firmemente resolvido a monopolizar o commercio das especiarias a favor da sua nação, considerou bôa presa todos os barcos que encontrou.

Nas Angedivas achou proximas da costa tres fustas, que a toda a pressa se metteram no Onor, situado a 14° 13′ de lat. norte. Estevão da Gama perseguiu-as dentro do rio, onde foi recebido pelos fortes a tiros de canhão e fréchadas, o que o levou a incendiar desde então todas as embarcações indias, que pôde alcançar.

D'ali dirigiu-se a esquadra a Baticala, situada a 13° 59′ de lat. norte, e que pertencia então ao reino de Bisnaga.

Gama exigiu a submissão; mas depois contentou-se com um tributo de arroz para toda a sua gente.

Seguindo d'ali a sua rota para Cananor, apresou um navio que não offereceu resistencia, o qual regressava de Meca á India com peregrinos e mercadorias, e foi saqueado e queimado. Quando já era tarde, os mahometanos quiseram resistir, e então os portugueses trucidaram-nos a todos, á excepção d'algumas poucas mulheres e crianças; a carnificina continuou mesmo na agua com os que tinham saltado de bordo. Este navio devia pertencer ao sultão do Egypto ou a algum dos seus vassallos, porque pouco tempo depois queixou-se este soberano ao Papa de que os portugueses pirateavam no Oceano Indico.

Depois d'este feito, fundeou a esquadra no porto amigo de Cananor, onde o Gama, acompanhado de grande séquito teve uma audiencia solemne com o soberano, na qual o almirante annunciou que d'aí por diante não toleraria nenhum commercio com o Mar Roxo; pediu que a cidade cessasse as suas relações mercantis com Calecut e declarou que só deixaria transitar livremente os navios da cidade de Cananor, de Cochim e de Coulão. Foi tambem fixado o preço das mercadorias, tanto do país como das que levavam os portugueses, apesar de não serem estas ultimas de nenhuma utilidade para aquella cidade.

Ao dirigir-se depois Gama para Calecut, o Samorim enviou repetidas embaixadas ao seu encontro para offerecer-lhe um convenio pacifico; mas as exigencias do português fôram taes, que o principe indio não pôde acceitá-las; porque o Gama pediu a restituição do que o populacho havia roubado quando assassinára o feitor português e que o Samorim prohibisse todo o commercio e a entrada no porto aos mouros do Mar

(1) Barros, *op. cit.* Decada I, Parte II, pag. 32.

Roxo. Á primeira exigencia observou o Samorim que o damno causado na feitoria ficava mais que resarcido com o saque do navio de Meca, e a respeito da segunda exigencia disse que era materialmente impossivel expulsar da cidade mais de 4.000 familias de árabes do Cairo e de Meca estabelecidas n'ella, tanto menos quanto a cidade e todo o país tiravam consideravel proveito do seu commercio.

Por isto se vê quão numerosa e influente era então em Calecut a colonia árabe. Vasco da Gama não attendeu a estas razões, nem se dignou rebatê-las; disse aos embaixadores que levaria pessoalmente a resposta ao Samorim e assim o fêz formando a sua esquadra em frente da cidade. Então tratou o Samorim de indemnizar o damno da feitoria com uma forte somma em dinheiro; mas o português respondeu-lhe que os ultrajes não se apagavam com ouro. A cólera do Gama não retrocedeu perante nenhuma especie de represalias para aterrar os seus inimigos; e, ainda que são discrepantes as diversas narrações quanto a certos factos, proprios d'esta maneira bárbara de fazer a guerra, coincidem tanto nas crueldades requintadas que os portugueses commetteram para com marinheiros malabares e outras victimas innocentes e inoffensivas, que o fundo ha-de ter-se effectivamente por verdadeiro (1).

O seguinte caso, que Correia menciona, dá uma ligeira ideia da ferocidade, e ao mesmo tempo da superstição e do fanatismo religioso dos portugueses. Entre os infelizes marinheiros, sobre os quaes caíu a cólera do almirante, havia tres da costa de Coromandel, que supplicavam, para salvar a vida, que os baptisassem segundo o rito dos christãos de S. Thomé do seu país, ao que lhes respondeu Gama que accedia a isso, mas que nem assim deixariam de ser suspensos pelo pescoço e consequentemente estrangulados, em vez de serem suspensos pelos pés, com o que deixariam de sentir as fréchadas dos portugueses, a que serviam de alvo os corpos dos enforcados. O auctor d'esta narração diz que nenhuma frecha tocou nem roçou sequer a pelle dos corpos d'estes martyres, protegidos pela agua do baptismo. Gama fêz metter depois os cadaveres n'um esquife e atirá-los ao mar com as orações rituaes da Igreja christã.

Duas vezes bombardeou Gama a cidade de Calecut, destruindo uma parte das casas; e não quis ouvir falar de paz, exigindo uma submissão completa. Então armou-se toda a terra de Calecut para uma guerra geral de exterminio, e em todos os rios fôram construidos barcos, grandes e pequenos, de guerra, para fazer frente a um inimigo tão feroz. Vasco da Gama, com cinco navios grandes e seis pequenos, dirigiu-se a Cochim para firmar um tratado com o soberano d'esta importante cidade, deixando, entretanto, Vicente Sodré encarregado de cruzar pela costa para apresar todas as embarcações indias que se arriscassem ao mar. Com o rei de Cochim conveiu-se que os portugueses pagariam em metal a pimenta, o cravo e o *benjoim*, e que poderiam adquirir os demais artigos, como canella, incenso, etc., em troca das suas mercadorias europeias. Apenas foi firmado este convenio, apresentou-se a Vasco da Gama uma embaixada da mãe do rajah de Coulão, cujo dominio comprehendia a ponta meridional da peninsula índica e entre cujas receitas figurava a do arrendamento da pesca de pérolas. O fim da embaixada era offerecer tambem a Vasco da Gama os productos do seu país; mas surgia a difficuldade de se não querer prejudicar o primeiro alliado, o sobe-

(1) As crueldades e a intolerancia dos nossos capitães do século XVI são lealmente reconhecidas pelos chronistas. Mas, para se dizer toda a verdade, não devemos omittir que em séculos mais recentes não faltaram povos, dos mais civilizados, que se abalizaram em feitos da mesma natureza. Não foi a crueldade que variou: foi a technica da crueldade.

rano de Cochim, ao qual de nenhum modo podia convir ter o rajah de Coulão nem nenhum outro por competidor. Não obstante, Gama soube conciliar estas difficuldades com grande habilidade e bom exito, em consequencia do que dois dos seus navios carregaram pimenta em Coulão, e os navios d'este porto receberam salvos-conductos como os de Cochim e Cananor.

Entretanto, tinha continuado os seus aprestos de guerra o Samorim de Calecut, e tinha ideado um estratagema para desfazer-se d'um só golpe do seu terrivel adversario. Apresentou-se ao almirante um brahmane exprimindo o desejo de se dirigir a Portugal para melhor conhecer o Christianismo e tratar directamente com o rei, em vista de os capitães dos navios portugueses mudarem todos os annos e, por conseguinte, não poderem garantir que os seus successores reconheceriam o que tivesse sido tratado com elles. Gama respondeu que elle tinha plenos poderes do rei; e então disse-lhe o brahmane que o seu soberano desejava a paz, e conseguiu que o almirante fôsse com elle a Calecut, levando só o seu navio, porque contava achar Sodré cruzando diante da cidade com a sua esquadra. Sodré, porém, havia sido attrahido ao norte por meio de rumores e notícias falsas espalhadas habilmente; de modo que Vasco da Gama se viu completamente isolado. Durante a noite os indios rodearam e atacaram o seu navio por todos os lados; mas, graças á superioridade nautica dos portugueses, pôde sair illeso de tão formidavel perigo. O brahmane foi morto e suspenso ao traquete do mastro grande, segundo uns, e, segundo Correia, foi-lhe arrancada a lingua e cortadas as orelhas, e, em logar d'estas, se lhe puseram orelhas de cão, estado em que foi mandado para terra.

Depois de terem feito o seu carregamento, muitos dos navios em Cochim, toda a esquadra se dirigiu em principios de Fevereiro de 1503 a Cananor. Ao cruzar perto de Calecut, soffreu a esquadra um novo ataque; mas fôram rechaçados a tiros de canhão, acção em que morreu o capitão Vasco Tinoco (1). Em Cananor fortificou Gama a feitoria e guarneceu-a de canhões. Sodré ficou com cinco naus grandes e duas caravellas no Mar Indico para conter o Samorim e proteger os principes alliados; e, disposto tudo isto, Gama emprehendeu a viagem de regresso, e no mês de Setembro do mesmo anno de 1503 a sua esquadra fundeou no porto de Lisboa (2).

O Samorim de Calecut aproveitou a ausencia da força principal portuguesa para humilhar o rei de Cochim. Este, que presentiu a sua intenção, julgou que o Samorim não teria tempo de concluir os seus preparativos na época de marasmo de commercio, e, demasiadamente confiado, deixou á escolha de Vicente Sodré o ficar ali perto, ou cumprir o encargo que tinha de bloquear a entrada do Mar Roxo para tornar impossivel o commercio dos árabes com a India. O resultado foi que o rajah de Cochim se viu atacado subitamente por forças superiores por mar e por terra, tendo que aban-

---

(1) Parece-nos que o auctor seguiu principalmente Correia, o qual, em todo o caso, não fala da morte de Tinoco.

(2) A 1 de Setembro diz Goes. Esta segunda viagem do Gama deve estudar-se tambem na «Navegação ás Indias Orientaes», de Thomé Lopes («Noticias para a Hist. e Geog. das Nações Ultramarinas...», tomo II) e no «Roteiro Flamengo» (publicado em 1504, no original, em trad. inglesa por Berjean em 1874 e reproduzido com a respectiva traducção em Paris, em 1881). Este roteiro foi publicado no original, com a traducção portuguesa, por Oliveira Martins, no seu «Portugal nos Mares». Para a primeira viagem possuimos o «Roteiro», primeiro editado por Kopke e depois por Herculano e Paiva e bem assim a relação de Florentino, publicada por Carlos Schefer, em Paris, em 1898.

donar a sua capital ao inimigo e retirar-se fugitivo para uma ilha pequena, onde passou os meses de inverno n'uma situação angustiosissima. Entretanto, o commandante das forças navaes portuguesas havia ido a Guzerate e d'ali passou á costa meridional da Arabia, onde o surprehendeu uma tempestade que destruiu varios dos seus navios, incluso o seu, morrendo todas as tripulações, perto das ilhas de Curia-Muria. Esta catastrophe occorreu no mês de Julho ou Agosto do anno de 1503. O resto da esquadra voltou á India; e, demasiado fraca para proteger os alliados de Portugal, aguardou nas Angedivas novos reforços do seu país. Não se fizeram estes esperar muito, porque em principios de Abril havia já seis navios preparados no Tejo, os quaes se fizeram de véla a 6 do mesmo mês; tres sob o commando de Affonso de Albuquerque e os outros tres sob o de seu primo, Francisco de Albuquerque.

O primeiro, que os historiadores portugueses chamam o *Grande* (1), era realmente o mais notavel dos dois e o verdadeiro fundador do poder de Portugal na India, onde se immortalizou. Pela primeira vez ia então apresentar-se no theatro, onde tanta fama devia alcançar. Nascera em 1453 (2) na pequena villa de Alhandra nas margens do Tejo, a seis leguas de Lisboa, e era filho segundo de Gonçalo de Albuquerque, senhor de Villa Verde, e de D. Leonor de Menezes. Recebeu a sua educação no palacio real e distinguiu-se pela primeira vez em 1480 perto de Otranto na guerra contra os turcos. Tinha, pois, 49 annos e meses quando conduziu a primeira frota de tres navios á India.

Veja-se como o descreve um dos seus compatriotas: (3) «Affonso de Albuquerque era de estatura mediana e de exterior agradavel. O seu rosto comprido, de tez fresca, com nariz aquilino, era realçado d'uma barba magestosa, que lhe chegava até á cinta e lhe dava um aspecto veneravel. Sabia latim com perfeição e era circumspecto nas suas palavras e escriptos. Era amado e temido, sem que a sua benevolencia degenerasse em parcialidade, nem as suas reprehensões em dureza. Era homem de palavra, inimigo da impostura e juiz recto. Por mar e por terra recebeu muitas feridas e provou com o seu sangue que não fugia a nenhum perigo. Liberal até ao excesso, abandonou aos seus capitães toda a prêsa, porque sempre cuidava mais da gloria que da acquisição de riqueza».

Acompanhou este heroe outro capitão arrojado, Duarte Pacheco Pereira, que estava destinado a repetir a façanha de Leonidas, rei dos spartanos. No séquito de Francisco de Albuquerque ia Nicolau Coelho, que tanto se havia distinguido na primeira viagem de Vasco da Gama.

Ambas as frotas chegaram no mês de Agosto á costa do Malabar. Francisco chegou primeiro, mas sómente com dois navios, tendo perdido um no trajecto. Em compensação encontrou os navios que tinham ficado da esquadra de Vicente Sodré, e com elles se dirigiu para o sul a Cananor e Cochim. Assim, quando chegou Affonso de

---

(1) O qualificativo é certamente vulgar nos nossos escriptores, mas não como cognome.

(2) Sobre a data do nascimento de Albuquerque veja-se a «Ementa Historica» do sr. Brito Rebello sobre o assumpto e o livro do sr. dr. Antonio Baião «Affonso de Albuquerque», Lisboa, Ferin, 1914, pag. 6 e 7. N'este livro registam-se as variantes dos differentes chronistas, sendo de notar que Sophus Ruge fixou uma variante diversa d'aquellas, e cuja origem ignoramos. Na mesma obra se contesta que Alhandra seja patria do fundador do Imperio luso-indiano (pag. 131 e seg.).

(3) Este extracto quadra nos seus traços geraes com os que nos deixaram os grandes chronistas do século XVI, sem coincidir precisamente com nenhum d'elles. É quanto podemos verificar.

Albuquerque com os seus tres navios, tiveram os portugueses outra vez do seu lado a superioridade de forças e expulsaram os seus adversarios dos portos dos seus alliados. O rajah de Cochim foi restituido á sua capital e dominios e, tanto por necessidade como por gratidão, teve de consentir que os portugueses construissem na sua capital uma fortaleza. Os chefes da esquadra disseram-lhe que todas as suas desgraças provinham da posição precaria dos portugueses, que, tendo de olhar constantemente pela sua segurança propria, não podiam ajudar os seus alliados como desejavam. D'esta maneira se estabeleceu em Cochim a primeira fortaleza portuguesa da India, projectada já de antemão em Portugal e commettida pelo rei aos dois Albuquerques, os quaes contribuiram á porfia com a sua gente para construí-la o mais depressa possivel. Houve, todavia, competições quando se tratou de nomear o commandante e dar um nome á nova fortaleza, feita desde logo, de madeira e defendida por palissadas. Cada um deu á fortaleza o nome que lhe approuve; mas, como Affonso tinha ordem do rei para carregar primeiramente especiarias em Coulão, deixou seu primo senhor do campo em Cochim.

Affonso de Albuquerque. (Do manuscripto de Pedro Barreto de Rezende). Museu Britannico de Londres.

Em Coulão Affonso nomeou feitor Antonio de Sá. Nos primeiros dias do anno de 1504 tinha cumprido a sua missão, tendo os seus carregamentos feitos e, segundo a ordem que recebera, quis regressar juntamente com seu primo ao país; mas Francisco retardou tanto os carregamentos, que Affonso não pôde esperar mais e, para não perder a época dos ventos favoraveis, partiu só, em fins de Janeiro, pela primeira vez desde a India directamente, sem passar por Melinde, a Moçambique com o auxilio d'um excellente prático.

No 1.º de Maio dobrou o cabo da Boa Esperança e, depois de perder algum tempo nas calmarias da costa da Guiné, chegou sem mais novidade ao porto de Santa Maria nas ilhas de Cabo Verde. Ali demorou-se para concertar os seus navios, e em 3 de Setembro fundeou são e salvo no porto de Lisboa. Entre as pessoas que o tinham acompanhado encontrou-se um veneziano, chamado Bonavito de Alban [1], que

[1] Veja-se Herrera, «L'epoca delle grandi Scoperte geografiche», Milão, 1902, p. 142-143.

tinha ido, 22 annos antes, pela via do Egypto á India, e havia permanecido muito tempo em Malaca, de modo que pôde dar a Albuquerque muitas e valiosas notícias sobre todos aquelles países e, especialmente, sobre Malaca, que fôram de grande proveito e influíram grandemente nas emprêsas posteriores.

Francisco de Albuquerque saíu da India a 5 de Fevereiro; mas, surprehendido por uma tempestade na costa oriental da Africa, pereceu juntamente com Nicolau Coelho, salvando-se sómente a tripulação d'um navio que fizera parte da esquadra de Vicente Sodré. Na India ficou com alguns navios Duarte Pacheco.

Pouco depois de terem partido de Lisboa, os dois Albuquerques, seguiu-os em Maio de 1503 Antonio de Saldanha, natural de Castella, com tres navios e com ordem de cruzar diante do Mar Roxo em substituição de Sodré. No golpho da Guiné os tres navios ficaram separados para não mais se tornarem a encontrar até perto do Mar Roxo. O primeiro que se extraviou deu a volta á Africa, e passou algum tempo na ilha de Socotorá, que n'esta occasião era visitada pelos portugueses pela primeira vez. O segundo navio, do commando de Ruy Lourenço Ravasco, teve de demorar-se em frente do Cabo, passou á costa oriental da Africa, e ali se dedicou ignominiosamente á pirataria, saqueando todos os barcos mercantes que encontrou. Junto a Zanzibar Ravasco capturou, em dois meses, mais de vinte chalupas, e o proprio soberano de Zanzibar foi tributado em nome do rei D. Manuel. A unica coisa bôa que fêz foi auxiliar efficazmente o rei de Melinde contra os seus invejosos vizinhos de Mombaça. Passou o verão sem que chegasse o terceiro navio, tripulado por Saldanha, o qual, antes de chegar ao Cabo, julgando tê-lo passado já, fundeou em uma bahia, que descobriu, para fazer provisão de agua doce, que tinha em abundancia, e que baptisou com o nome de *Aguada de Saldanha*. Chegando depois ao Cabo, desembarcou e subiu a montanha, chamada Mesa do Cabo, e, passando á costa oriental, entregou-se tambem á pirataria, até que se reuniu com os seus companheiros em frente de Melinde. Nas proximidades do Mar Roxo tornaram a reunir-se os tres navios, e juntos dirigiram-se á costa arábica para invernar; mas, hostilizados pelos habitantes e escasseando a agua, dirigiram-se ás ilhas Angedivas, onde os encontrou a grande esquadra de Lopo Soares, que tinha saído quási um anno depois d'elles. Compunha-se esta esquadra de 13 navios e tinha ordem de se dirigir directamente á India, onde chegou em fins de Agosto de 1504. Esta armada fôra organizada a conselho de Vasco da Gama: levava 1.200 homens de tropas e um abundantissimo material de guerra para atacar os mahometanos com força esmagadora. Em Cananor inteirou-se Soares da situação e de tudo quanto occorrera desde a partida dos Albuquerques.

Pacheco, entretanto, tinha repellido brilhantemente todos os ataques do Samorim, lucta em que dizem que o soberano de Calecut pôs em campanha 60.000 homens. O fim principal d'esta guerra foi a posse do vau por onde passava o caminho terrestre que do norte conduzia a Cochim junto da costa. Pacheco fizera fortificar este vau com palissadas [1] e artilheria, e nada prova tanto o atrazo dos indios na arte da guerra como os seus vãos esforços para se apoderarem d'estas fortificações. Pacheco distribuiu as suas reduzidas forças, n'um total de 160 homens, entre os seus navios, a fortaleza de

---

Refere-se aqui á primeira grande viagem de Bonavito á Asia (1482), e uma segunda de que se não dá qualquer indicação precisa.

[1] Em vez d'este termo, relativamente moderno e hoje usual na nossa nomenclatura technica, empregavam os antigos os termos *estacada, tranqueira* e outros.

Cochim e o vau, pondo 50 homens em cada ponto; e, sem contar muito com o apoio dos seus alliados indios, repelliu com insignificantes perdas todos os ataques, e até desfez completamente a tentativa extravagante dos seus inimigos de se apoderarem dos seus navios por meio de tôrres de madeira fluctuantes, construida cada uma sobre duas barcaças.

Por ultimo, o imperador de Calecut, vendo que os seus vassallos o abandonavam e que as enfermidades dizimavam as suas tropas, viu-se obrigado a renunciar á campanha e voltar para a sua capital, vendo, além d'isso, que a temporada de calmaria attingia o seu fim e que, com a nova monção, era de esperar a chegada d'uma nova esquadra inimiga desde á costa de Africa.

Soares seguira a rota ordinaria costeando a Africa desde o Cabo. Em Melinde tomára a bordo os poucos homens das tripulações que se haviam salvado do naufragio de Francisco de Albuquerque. Nas Angedivas incorporou na sua esquadra os tres navios de Saldanha e em principios de Setembro apresentou-se diante de Calecut. Ali pediu a extradição de dois transfugas, fundidores de canhões, de Milão ou Slavonia, e, como o Samorim recusasse entregar-lh'os, fêz fogo durante dois dias sobre a cidade, destruindo uma parte do palacio. Como represalias mataram os de Calecut os prisioneiros portugueses. D'ali foi Soares a Cochim, onde, graças á diligencia de Duarte Pacheco, encontrou armazenadas grandes quantidades de pimenta que recolheu a bordo. Depois, dirigindo-se a Cananor, encontrou uma poderosa frota mercantil mahometana formada provavelmente sob a cidadella de Dharmapatan, e em parte incendiou-a e em parte apresou-a. Em principios do anno de 1505 emprehendeu com ricos carregamentos a sua viagem de regresso, deixando por commandante de cinco naus portuguesas, com 300 tripulantes, na India, Manuel Telles Barreto com ordem de cruzar pela costa, além dos 280 soldados que ficaram distribuidos pelas estações de Cochim, Cananor e Coulão.

Em Julho de 1505 chegou Soares a Lisboa, onde fôram apreciados, como mereciam, os méritos de Duarte Pacheco que regressára com a esquadra. Este homem extraordinario foi recompensado com a administração dos estabelecimentos portugueses na costa da Guiné; mas, victima de calumniadores, foi depois prêso e conduzido algemado a Portugal, onde, sem ser restabelecido nas suas honras, morreu na maior miseria. Camões nos *Lusiadas* (x, 22 a 25) trata duramente o rei pela sua ingratidão e injustiça, e compara o infeliz Duarte Pacheco com Belisario.

Antes de proseguir a narração das emprêsas subsequentes dos portugueses, convem lançar uma vista geral para os grandes centros e rotas commerciaes da India. No extremo Oriente está situada Malaca, no meio das regiões mais ricas em pimenta, sendo ao mesmo tempo emporio principal das especiarias das Molucas e das drogas das ilhas da Sonda. De Calecut, que estava em relações directas com esta praça, partiam tambem duas rotas frequentadas, uma para o golpho Persico e a outra para o Mar Roxo. Do primeiro era principal praça maritima a cidade insular de Ormuz, que não tardou em ser conquistada por Albuquerque; e á entrada do segundo era o emporio geral dos productos da India o porto de Aden. De Ormuz seguia a rota em direcção ao norte por Bassorá e pela Mesopotamia, passando as caravanas ou pela Armenia para o norte da Asia e da Europa, ou pelas faldas da região montanhosa em que nascem o Euphrates e o Tigre, dirigindo-se para o oeste para a Syria e terminando em Beirut junto ao Mediterraneo. Os navios que se dirigiam a Aden seguiam o Mar Roxo, passando por Tor na ponta meridional da peninsula do Sinai, e deixavam os seus carregamentos em Suez, d'onde eram expedidas as mercadorias por terra para o Cairo e Alexandria.

N'aquella época estavam sujeitos ao sultão do Egypto tambem os portos da Syria, de modo que quási todo o commercio com a India tinha que atravessar os seus Estados e lhe assegurava beneficios grandes; razão por que havia de resentir-se o seu poder de cada alteração e obstaculo que experimentasse o commercio pelas rotas indicadas, ao que se ajuntou, com a chegada dos portugueses, o conflicto de interesses religiosos.

Em condições analogas se encontravam as dynastias mahometanas estabelecidas na costa occidental da India Anterior, pois todas tinham o mesmo interêsse na continuação do commercio de especiarias e das suas rotas costumadas.

O sultão do Egypto sentiu em breve, pela notavel diminuição das receitas, os effeitos do bloqueio do Mar Roxo estabelecido pelos portugueses, e, quando os commerciantes mahometanos de Calecut se lhe dirigiram nos seus apuros como a seu protector natural, resolveu apresentar primeiramente as suas queixas ao Papa, pedindo justiça ao chefe espiritual da christandade; mas ao mesmo tempo preparou-se para uma lucta decisiva e equipou uma esquadra que, junta á dos alliados indios, pudesse fazer frente aos portugueses. Encarregou o prior do convento do Monte Sinai, Frei Mauro, da missão de levar ao papa Julio II a sua carta, na qual se queixava das crueldades que o rei Fernando de Aragão tinha exercido contra os mouros de Hespanha, e dos prejuizos que o rei D. Manuel de Portugal tinha causado aos seus correligionarios e súbditos na India. Na verdade, havia vinte annos que o islamismo soffria derrotas muito sensiveis da parte de monarchas christãos, tanto no Occidente como no Oriente, porque havia sido expulso de Hespanha depois de sete séculos de dominio, e, por fim, tinham-se apresentado os seus inimigos no proprio Mar Indico. Por isso, declarava o sultão do Egypto na sua carta ao Papa que, se os reis da peninsula hispanica não retrocediam nas suas furiosas perseguições contra o Islam, ver-se-hia obrigado a usar de represalias contra os christãos dos seus dominios; que destruiria o Santo Sepulchro e até o nome christão no Oriente, e com as suas esquadras assolaria as costas do Mediterraneo, se o Papa não prohibisse o rei D. Manuel de enviar os seus navios á India.

O Summo Pontifice enviou o mesmo prior Mauro com cópias d'esta carta ás côrtes de Hespanha e Portugal, pedindo resposta. O rei D. Manuel respondeu: «O sultão só ameaça com palavras, mas não tem meios para convertê-las em factos. Quando resolvemos abrir com as nossas frotas um caminho para a India e descobrir terras desconhecidas de nossos antecessores, era nosso proposito esmagar a cabeça á seita mahometana que com a ajuda de Satanaz trouxe tantas calamidades ao mundo, e fazer desapparecer da superficie da terra o sepulchro de Mafoma. Sentimos não ter logrado ainda a nossa intenção. O sultão terá o cuidado de não expulsar os christãos do seu país, pois que tira tão bôa renda do imposto que pagam os peregrinos, que visitam o Santo Sepulchro; e, se se atrevesse a saquear as costas do Mediterraneo, reunir-se-hia muito em breve, para um ataque commum, toda a christandade. O sultão não quererá attrahir sobre a sua cabeça nem sobre o seu país semelhante perigo»(1). Depois proseguiu dizendo que a melhor resposta ás ameaças do sultão seria o appello a toda a christan-

(1) Este passo é uma versão paraphrastica da carta de D. Manuel a Julio II, de 12 de Junho de 1505, de que Eugenio de Castro publicou o original latino, a versão portuguesa de Damião de Goes e outro traslado português de uma das collecções da Bibliotheca da Ajuda. V. Alvaro Neves, «Eugenio de Castro» — notícia bio-bibliographica, Lisboa, Academia das Sciencias de Lisboa, 1916, e os boletins bibliographicos da magnifica revista «O Archivo Historico».

dade para uma nova cruzada; que, sem se atrever a prescrever a Sua Santidade nem ao veneravel collegio de cardeaes a resposta que havia de ser dada ao sultão, julgava, comtudo, dever exprimir a sua intenção de se não deixar deter por qualquer ameaça ou obstaculo para humilhar e confundir a insolencia do inimigo da sua religião.

Com esta resposta regressou Mauro a Roma e depois ao Egypto. Estava visto que qualquer negociação era impossivel.

No Mar Indico tinha o sultão alliados e só um inimigo, emquanto no Mediterraneo podia contar com o auxilio de toda a costa africana, tendo, porém, que luctar com toda a christandade reunida; motivo por que escolheu como campo de batalha o Oriente, aonde resolveu mandar uma esquadra formidavel. Este plano abortou, todavia, em grande parte, antes de começar a realizar-se, porque a frota de transporte de 25 navios, que enviou á costa da Asia Menor, afim de carregar madeira para a construcção da projectada armada no Mar Roxo, foi atacada pelos cavalleiros de Rhodes, que destruiram 11 navios e, tendo a tempestade mettido quatro a pique, chegaram só 10 com os seus carregamentos ao Egypto. Não puderam construir-se, portanto, senão 6 navios grandes e 4 pequenos, cujo commando foi dado ao curdo Hussein Almuchrif em 1506.

Tumulo de Francisco de Albuquerque.

D'isto tiveram notícia os portugueses já em 1505 e puderam tomar, por conseguinte, as suas disposições. Antes de tudo, era preciso dar á guerra uma direcção superior, em vez de fazer campanhas periodicas e avulsas, e para isso nomear chefes permanentes com os poderes necessarios. Tal foi a origem da instituição do vice-reinado, á qual Portugal deveu o seu verdadeiro dominio na India; de fórma que as arremettidas do sultão do Egypto contribuiram na realidade para fortalecer o poder de Portugal n'aquellas regiões.

6. — Francisco de Almeida, primeiro vice-rei da India

D. Francisco de Almeida, nomeado vice-rei da India, era um homem valente como poucos, que já se havia distinguido em Hespanha na guerra contra Granada. Adoptou-se a resolução de que d'ali em diante só voltariam da India os navios de carga, e que os de guerra ficariam estacionados n'aquellas aguas. Devia inaugurar a nova era uma esquadra imponente; e, na verdade, reuniu-se uma que, segundo os dados dos escriptores que lhe dão menor numero, era composta de 20 navios com 1.500 homens de tropas alistados por tres annos. Entre os capitães d'esta expedição figuram João da Nova e João Serrão; Fernão de Magalhães tambem tomou parte n'ella.

Outra novidade apresentava a expedição; e é que no commercio da India tomaram então parte pela primeira vez commerciantes allemães, como Welser, Vöhlin e outros, de Augsburgo, além dos especuladores portugueses, genoveses e florentinos. Só os venezianos se mantiveram retrahidos da emprêsa, porque estavam irritados com a perigosa concorrencia dos portugueses, desde que exploravam com exito crescente o caminho maritimo para os países das especiarias, segundo diz o chronista Sen-

der. A casa de Welser enviára já em 1503 um agente muito activo, chamado Simão Seitz, a Lisboa, o qual fêz um contracto com o rei D. Manuel para o estabelecimento d'uma sociedade mercantil allemã, á qual foi concedida permissão para comprar especiarias e pau brasil servindo-se de navios construidos em Portugal e tripulados por portugueses. Serviu então de corrector aos seus compatriotas um impressor allemão, Valentim Fernando, que provavelmente estava já em Lisboa no anno de 1494 e conhecia ao tempo a lingua portuguesa [1].

Depois de Seitz, a mesma casa de Welser enviou a Lisboa, como seu representante, Lucas Rem, o qual permaneceu desde 1503 a 1508 na capital portuguesa com o difficil encargo de armar tres navios e proporcionar-lhes carregamentos. A sociedade mercantil allemã entrava nas expedições com 21.000 cruzados, o que o fêz dizer no seu diario: «O excessivo trabalho, a angustia e as grandes contrariedades que tudo isto me custa são indiscriptiveis.»

Além do dinheiro empregado, a casa allemã enviou tambem com a expedição dois agentes do seu país, o que fêz dizer a C. Peutinger: «Merecemos, os augsburgueses, grandes elogios, por sermos os primeiros allemães que vão á India». Um d'estes agentes, Balthazar Sprenger, publicou a sua viagem com o titulo de: «N'este livrinho encontram-se fielmente descriptas e representadas a expedição maritima e as navegações a muitas ignotas ilhas e reinos, descobertos e subjugados pelo potentissimo rei de Portugal, Manuel, e expõem-se tambem as maravilhosas batalhas, ordem, vida e costumes d'aquellas populações e dos tyrios, que ali vivem, como eu proprio, Balthazar Sprenger vi recentemente com os meus proprios olhos... Impresso no anno de MDIX.»

Este auctor diz-se na sua obra um «dos enviados do poderoso rei de Portugal, chamado Manuel, e dos excellentissimos commerciantes Fucker, Welszer, Hochstetter, Hyrssfogel, Imhof e outros da sua sociedade». O outro agente, Hans (João) Mayr, deixou uma narração manuscripta que se conservou e na qual se chama «escrivão da feitoria a bordo do *São Raphael»;* porque os tres navios armados pela casa allemã chamavam-se *São Raphael, São Jeronymo* e *Leonarda.*

Toda a esquadra levantou ferro de Lisboa a 25 de Março de 1505; um dos navios foi a pique em consequencia de ter feito agua que não foi possivel vedar; os demais navegaram com toda a felicidade, dobraram o cabo da Boa Esperança e a 18 de Julho chegaram na sua maior parte a Moçambique. D'ali dirigiu-se a armada reunida a Quiloa e conquistou a cidade. O vice-rei collocou no logar do cheik deposto outro, affecto aos portugueses; construiu uma cidadella que chamou de Santhiago, guarneceu-a de artilheria e deixou uma guarnição portuguesa, como era natural. Diante de Mombaça, aonde chegou a 13 de Agosto, foi a armada recebida a tiros de canhão, porque o cheik havia tirado os canhões do navio de Sancho de Toar, da frota de Cabral, que em 1501 naufragára n'aquella costa. Os portugueses desembarcaram, comtudo, dois dias depois, a 15 de Agosto tomaram de assalto a cidade, saquearam-na e incendiaram-na. N'esta lucta tiveram 74 baixas, 4 mortos e 70 feridos.

D'ali dirigiu-se a esquadra a Melinde, em numero de 14 navios, que eram os mais veleiros. N'este porto amigc permaneceram os portugueses algum tempo e em 16 dias chegaram alguns ás ilhas Andjedivas, e 3 dias depois, os restantes. Estas ilhas, reconhecidas como o ponto de reunião mais apropriado, fôram occupadas permanentemente, e

---

[1] *F. Kunstmann,* Viagem dos primeiros allemães á India portuguesa. — Munich, 1861, pag. 2.

na maior d'ellas fôram construidas por ordem do rei cidadellas, com a sua correspondente artilheria e guarnição.

Quando se soube em Calecut da approximação da esquadra, espalhou-se entre a população mercantil um indiscriptivel panico, porque os portuguezes apresaram, sem perder um momento, todos os barcos de commercio que encontraram. No porto de Onor queimaram todas as embarcações que acharam e o incendio communicou-se á cidade, que em parte ficou reduzida a cinzas. Á sua chegada ao porto de Cananor em fins de Outubro, Almeida apresentou-se officialmente como vice-rei da India, e construiu ali a terceira fortaleza, que chamou de Santo Angelo, dotando-a com uma guarnição de 150 homens. Este porto tinha para os portuguezes uma importancia especial, «porque, diz o agente allemão Sprenger, na sua descripção, ali costumam fazer provisões de agua e de víveres os navios, antes de se despedirem da India.»

N'isto recebeu o vice-rei a triste notícia de que o feitor de Coulão havia sido assassinado com a sua gente e de que a feitoria havia sido saqueada.

O caso era que tinham entrado 20 navios mahometanos n'aquelle porto e haviam começado immediatamente a lucta. O feitor, com outros 16 portuguezes, havia-se mettido n'uma Igreja, mas o rajah mandou-a incendiar e os infelizes pereceram n'ella. O vice-rei commetteu o encargo de vingar este ultraje a seu filho Lourenço de Almeida, o qual partiu para Coulão com 8 navios e destruiu toda a esquadra mahometana.

O vice-rei foi com os restantes navios a Cochim, onde coroou o soberano alliado em nome do rei D. Manuel com uma corôa de ouro, que levára de Portugal para este fim, e, além d'isso, presenteou o novo vassallo de Portugal com uma taça de ouro com 600 cruzados, promettendo pagar igual somma cada anno. D'esta fórma conseguiu a permissão de construir uma fortaleza de pedra. Depois carregou de especiarias 6 navios e enviou-os a Cananor e d'ali, em fins de Dezembro ou principios de Janeiro de 1506 para Portugal. Outros dois navios seguiram-nos na primavera. Alguns dos primeiros fôram arrojados, na travessia do Oceano Indico para fóra do seu curso por uma tempestade, á costa oriental da ilha de Madagascar, encontrando assim por casualidade um caminho mais curto. Fôram os primeiros navios, e entre elles havia dois da companhia allemã, que descobriram a parte meridional d'aquella ilha dilatada, a que então foi dado o nome de São Lourenço. Quatro d'estes navios, entre elles os dois allemães, *São Raphael* e *São Jeronymo,* vieram a fundear no porto de Lisboa a 22 de Maio de 1506. O terceiro navio allemão, a bordo do qual ia o agente Sprenger, só chegou no mês de Novembro.

No seu diario menciona o outro agente allemão, Lucas Rem, este feliz resultado para a companhia allemã nos termos seguintes: «22 de Maio de 1505 (deve ser 1506) chegaram o *São Jeronymo* e o *São Raphael,* e a 24 de Novembro a *Leonarda.* Depois d'isto mais augmentaram os trabalhos e as angustias. Sobrevieram questões de direitos muito graves e importantes, que tive que sustentar durante tres annos.»

Estas questões referem-se provavelmente á reclamação dos allemães quanto á sua parte de prêsa feita na tomada de Quiloa e de Mombaça, parte que foi calculada em 22.000 cruzados. Mas independentemente d'isto, e dos 40 por cento dos beneficios que tinham de pagar os armadores ao rei, segundo o convencionado, foi consideravel o beneficio liquido que subiu, segundo o mencionado agente, a 150 por cento; não contando ainda que todos os negociantes extrangeiros eram obrigados a comprar os seus carregamentos por intermedio dos agentes portuguezes na India, já para que não soubessem os preços, já, principalmente, para fazer-lhes reconhecer o monopolio dos descobridores da rota maritima.

Em vista de tão excellente resultado, interessaram-se os allemães tambem na expedição seguinte, que partiu para a India no anno de 1506, ás ordens de Tristão da Cunha. N'esta expedição fôram a pique dois navios allemães, mas salvaram-se as mercadorias e os fundos. O enthusiasmo dos armadores diminuiu muito por causa d'um longo pleito que tiveram de sustentar com o rei D. Manuel por motivo dos referidos naufragios; e, quando o preço da pimenta foi subindo na Europa cada vez mais, porque no anno de 1505 pagou-se o quintal de pimenta em Lisboa a 20 cruzados, e em 1520 a 34,25 de cruzado, perderam os allemães pouco a pouco a vontade de se interessarem n'este commercio.

Após a partida de Almeida saíra outra expedição de Portugal ás ordens de Pedro d'Anaya ([1]), com o encargo de se dirigir á costa oriental da Africa e de construir uma fortaleza em Sofala, como de feito se construiu, ainda que de madeira, por falta de outro material; mas o clima insalubre d'aquelle país plano causou muitas baixas, entre as quaes a do chefe da expedição. Foi depois nomeado seu successor Nuno Vaz Pereira, sob cujas ordens serviu o depois célebre Fernão de Magalhães.

Entretanto, o vice-rei da India, depois de ter despachado os primeiros navios de carga, procedeu ao ataque das esquadras dos mouros, segundo lhe estava determinado. Seu filho Lourenço alcançou uma brilhante victoria em frente do porto de Cananor em 17 e 18 de Março do anno de 1506 sobre umas 200 embarcações que tinham sido armadas pelo soberano de Calecut; depois do que entrou o vencedor no porto, onde o visitou a bordo do seu navio almirante o veneziano Ludovico de Barthema. Este veneziano saíra do seu país 4 annos antes para o Oriente, visitára o Egypto, a Syria, a Arabia e a Persia; depois permanecera nos portos principaes da costa occidental da India Anterior; visitára no golpho de Bengala os territorios d'este nome e os de Pegú e, finalmente, chegára a Malaca e ás ilhas das especiarias. De Java regressára a Calecut e Cananor, tendo percorrido, por conseguinte, todo o archipelago de Sonda, disfarçado em mahometano ([2]). Os dados que forneceu sobre a India e o Extremo Oriente eram para os portugueses inapreciaveis e fizeram naturalmente que o govêrno de Lisboa désse ordem ao vice-rei para que destinasse alguns navios a exploração do mercado de especiarias de Malaca; mas Almeida, occupado como estava na India Anterior, não podia dividir as suas forças, reservando para mais tarde o dar cumprimento a esta ordem. Os navios mahometanos, evitando os portos do Malabar para não caírem nas mãos dos portugueses, carregavam especiarias n'outras partes, seguindo rotas diversas das costumadas, dirigindo-se pelas ilhas Maldivas a Ceylão, onde faziam os seus carregamentos d'estes artigos, que para ali vinham de terras mais orientaes.

Quando o vice-rei soube o que se passava, mandou o seu valoroso filho com dois navios para as ilhas Maldivas afim de cortar por ali o passo a seus inimigos; mas Lourenço de Almeida errou caminho e chegou a Ceylão, d'onde regressou sem ter conseguido nada, victima provavelmente d'um estratagema dos mouros.

Seu pae approvou que não tivesse suscitado conflicto nenhum em Ceylão, pois, segundo as suas informações, era muito poderoso n'aquella vasta ilha o partido mahometano, e uma collisão sangrenta teria, por conseguinte, augmentado inutilmente o numero

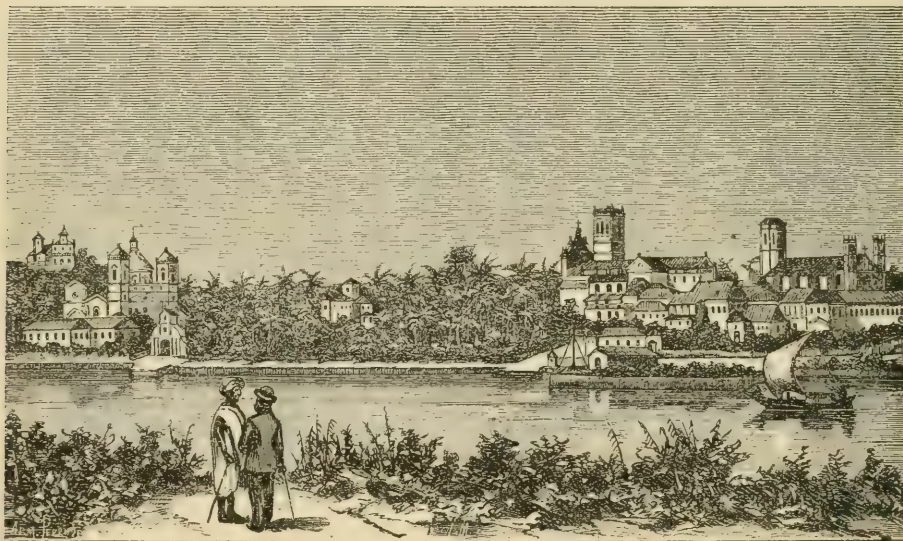
---

([1]) Pero da Nhaya, na graphia de Correia e Barros.

([2]) Veja-se: *The travels of Ludovico di Barthema, translated from the original edition of 1510, and edited by G. P. Badger* (*London, Hackluyt Soc.* 1863). Estas viagens de Luís de Barthema fôram traduzidas para latim por Grynäeus e impressas em Basileia em 1532, e para allemão (edição de Strasburgo, anno de 1534).

dos inimigos. Pela mesma razão desapprovou Almeida as expedições que Affonso de Albuquerque fazia á Arabia, e lhe pareceram tambem inuteis as que se faziam á costa oriental da Africa, porque não tinham outro resultado senão dividir as forças necessarias na India. Queria concentrar todo o poder e recursos militares do seu país para tornar tributaria de Portugal a parte mais importante da costa indica.

Em Lisboa, entretanto, julgava-se, ao contrario, poder atacar e vencer em todas as costas do Oceano Indico, onde quer que apparecessem os inimigos da Cruz.

Com este fim fôram enviados de Lisboa, na primavera de 1506, outros 15 navios [1], 10 d'elles de carga, armados alguns por allemães e italianos, que sob o commando de Tristão da Cunha deviam ir directamente á India, emquanto Affonso de Albuquerque,

Cidade de Velha Gôa.

com os 5 navios de guerra e 1.300 homens de tropa, recebeu ordem para ir á costa da Arabia para bloquear as entradas do Mar Roxo e do golpho Persico, e construir na ilha de Socotorá uma fortaleza para impedir que os navios árabes fizessem ali provisão de agua doce, como costumavam.

Tristão da Cunha, logo que passou do cabo de Santo Agostinho ao cabo da Boa Esperança, depois de terem sido dispersados os seus navios por uma tempestade, descobriu a 39º de lat. Sul uma ilha solitaria e penhascosa no Oceano Atlantico que ainda tem o seu nome. Perto de Moçambique tornaram a reunir-se todos os navios, menos o do commando de Ruy Pereira que, arrojado pela tempestade ao Mar Indico, pôde por fim refugiar-se no porto de Matatane da ilha de Madagascar. Ruy Pereira julgou inferir ali, das notícias que lhe deram os indigenas, que existia no país grande riqueza em prata, pimenta, gengibre, etc., que ali se podiam adquirir sem luctar com as difficuldades que offerecia o commercio da India.

---

[1] Barros e os «Commentarios falam em 14 velas. Correia, falando das esquadras de Albuquerque e Tristão da Cunha, só fixa o effectivo d'esta (8 vélas). As datas da partida são differentes em Barros e Correia.

Ao receber esta notícia, Tristão da Cunha, fez-se á véla para reconhecer um país tão privilegiado; chegou á Angra da Conceição no extremo Norte da ilha, no mês de Dezembro de 1506, e ainda ali encontrou mouros. Ainda que não foi recebido com grande benevolencia, evitou provocar contenda, preferindo acima de tudo adquirir informes. Dos que obteve resultou que os dados seductores de Pereira eram errados por ter este comprehendido mal os indigenas. Renunciou então a dar a volta a toda a ilha e, depois de ter perdido um navio, regressou á costa da Africa, onde tomou de assalto e saqueou a cidade inimiga, de Barawa [1] (Brava) ao Meiodia de Macdichu (Magadoxo) e dizem que encontrou no thesouro do rei 2.000 quintaes de prata.

D'ali dirigiu-se com toda a esquadra á ilha de Socotorá, onde viviam christãos abyssinios, chamados jacobitas [2] pelos portugueses. Esta ilha estava, desde o anno de 1480, sob o dominio do principe Fartach [3] da Arabia meridional, que construira uma fortaleza guarnecida por 100 homens no porto de Soco, ou seja Tamarida. Esta fortaleza foi tomada, como póde pensar-se, de assalto, reconstruida com o nome de São Miguel, ficando, para sua defensão, uma guarnição portuguesa.

Todas estas operações consumiram muito tempo sem que contribuissem quási nada para o fim principal, porque se irritou ainda mais o sultão do Egypto, sem que se pudesse, em compensação, vigiar nem bloquear, de Socotorá, o Mar Roxo para impedir o seu commercio.

Por outro lado, a ausencia de Tristão da Cunha collocou o vice-rei, D. Francisco de Almeida n'uma situação difficil, porque por falta de forças sufficientes não pôde levar adiante as suas emprêsas; se bem que isto não influiu no bloqueio geral, pois seu filho Lourenço não deixou de perseguir todos os navios mercantes extrangeiros que se approximavam das costas da India.

Tendo morrido o principe de Cananor, alliado dos portugueses, o seu successor fêz outra vez alliança com o Samorim de Calecut, porque o capitão português, Gonçalo Vaz de Goar tinha mettido a pique um navio de Cananor com a sua tripulação, apesar do salvo-conducto que levava, só porque o havia tomado por um navio de Calecut. O radjah de Cananor teve sitiada quatro meses a fortaleza portuguesa do mesmo porto, effectuando varios assaltos; mas o commandante, Lourenço de Brito, sustentou-se, até que em Agosto chegou em seu auxilio Tristão da Cunha, que o libertou dos sitiadores, sendo depois reconstruida a fortaleza a pedra e cal.

Os navios mercantes da esquadra de Tristão da Cunha puderam fazer sem demora os seus carregamentos, graças ás grandes provisões de especiarias que o vice-rei havia feito reunir préviamente, e no mês de Dezembro puderam fazer-se de véla para a Europa.

Lourenço de Almeida, por sua parte, dirigiu-se ao Norte com outros navios mercantes com o fim de carregar no porto de Chaul, ao Sul de Bombaim, productos do país. Nizam-Shah, principe de Chaul, tinha-se alliado com os portugueses, e soltado da vassallagem do Dekan o seu pequeno Estado que confinava ao Norte com Guzerate. Emquanto Lourenço de Almeida estava occupado no porto e rio de Chaul, acercou-se a esquadra do sultão do Egypto, á qual juntára 40 fustas o almirante do Shah de Guzerate, chamado Melik-Aas ou Ass, que diziam ser natural da Russia, cujo nome verda-

---

[1] Braboa (Commentarios), Brava (Barros), Bravá (Correia).
[2] Christãos jacobitas da casta dos Abexijs (Barros).
[3] Fartaque, na fórma portuguesa.

deiro, Jacob, em linguagem familiar russa, Jacha, os orientaes haviam transformado em Aas ou Ass. Este homem fôra antes governador de Diu, cidade cujo porto soubera transformar em praça mercantil florescente.

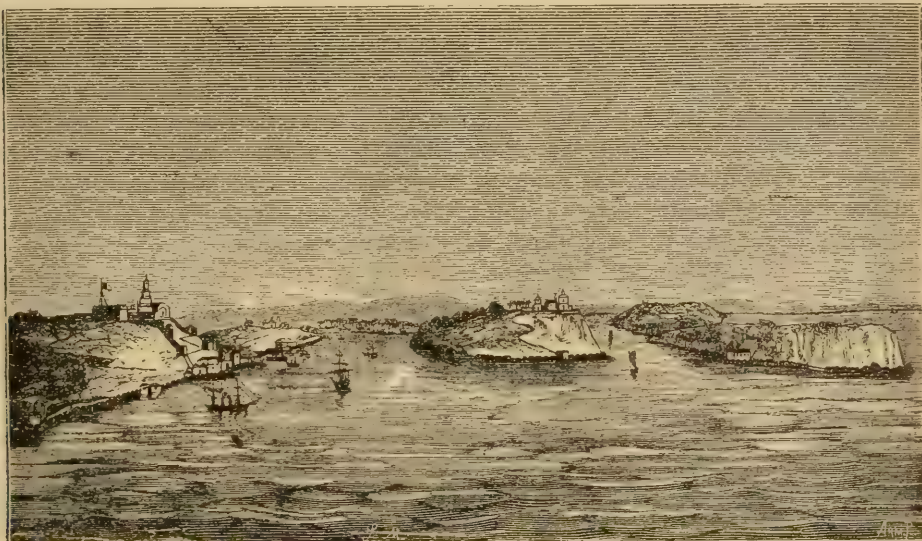
Depois, quando conheceu melhor o poder dos portugueses, separou-se do sultão do Egypto para pôr-se bem com elles, mas, entretanto, contribuiu para fazer passar por graves desaires e foi causa da morte heroica do filho do vice-rei que, quando viu a esquadra reunida, julgou ser a de Albuquerque que se esperava de Ormuz, e continuou tranquillo no seu posto. Surprehendido e illudido assim, teve de acceitar o combate no rio.

A lucta que se feriu ficou indecisa quando chegou a noite, que Lourenço de Almeida podia ter aproveitado para sahir e fazer-se ao alto mar, mas temeu as reprehensões de seu pae, caracter spartano, que n'outra occasião o havia reprehendido já pela sua excessiva prudencia. Assim foi que o combate continuou na manhã seguinte. O navio de Almeida recebeu uma bala que lhe abriu um consideravel rombo e teve que fazer-se rebocar para fóra do rio, mas uma estaca que fazia parte d'uma armação de pesca metteu-se no rombo do navio que ficou assim cravado no sitio; o cabo de reboque partiu-se e Almeida ficou com o seu navio feito um verdadeiro alvo immovel para os inimigos. O valor do filho do vice-rei, que n'outra acção, em Panane, havia combatido peito a peito com os mouros e fendido com sua espada a cabeça d'um capitão inimigo, abrindo-o até ao peito, não se entibiou n'esta situação desesperada. Uma bala de canhão feriu-o n'uma coxa; fêz que lhe ligassem a ferida e, sentado n'uma cadeira junto ao mastro grande, continuou a dar ordens até que outra bala o matou. Só depois de ter ficado fóra de combate toda a tripulação, uns por morte, outros por feridas graves, é que os inimigos puderam tomar o navio, não lhes servindo, porém, de tropheu, porque não tardou a ir para o fundo. Os demais navios conseguiram voltar a Cochim, onde ao tempo estava o vice-rei com a sua esquadra. Francisco de Almeida recebeu a notícia da morte de seu valente filho sem se alterar; mas jurou vingar a sua desgraça, tanto mais quanto a victoria animára os mahometanos. Para este fim preparou e reuniu todos os navios de guerra, especialmente o maior, a *Flor do Mar*, de 400 toneladas, com o que retardou o ataque, dando logar a que a esquadra egypcia se retirasse, entretanto, para o porto de Diu afim de invernar.

Em Portugal continuaram os preparativos e fôram enviadas duas novas esquadras á India. Uma era composta de 13 navios ás ordens de Jorge de Aguiar, o qual levava instrucções para cruzar primeiramente pela costa oriental da Africa e pelas da Arabia, e ir depois á India para receber o carregamento dos oito navios mercantes que levava. D'ali devia voltar a Portugal o navio almirante, *São João*, com o vice-rei em fins do anno de 1508, época em que Almeida terminava o seu vice-reinado. A outra esquadra, composta de quatro navios commandados por Lopes de Sequeira, sahiu em Abril de 1508 directamente para a India. Mas uma tempestade dispersou os navios da primeira esquadra commandada por Aguiar, não podendo reunir-se senão um a um em Moçambique, menos o navio almirante que naufragou com toda a gente. De modo que o chefe da esquadra, Aguiar, e quantos iam no navio encontraram o seu tumulo nas ondas.

O naufragio do navio almirante impediu o regresso do vice-rei no tempo ordenado e foi ainda a causa da sua desgraça.

Antes de narrar a ultima campanha victoriosa do vice-rei, D. Francisco de Almeida, convem relatar as emprêsas ousadas de Albuquerque. A 20 de Agosto de 1507 sahiu Albuquerque de Socotorá com sete navios e 400 homens de tropas para impôr contribuição ás praças mercantis do golpho de Oman e apoderar-se, se possivel fôsse, de

Ormuz, a principal. O territorio de Oman extende-se ao pé da Montanha Verde na costa oriental da Arabia, entre Ras-el-Hadd e o Ras-Mesandum. Separado do deserto interior pela cordilheira, com uma costa que offerecia muitos portos excellentes e outros ancoradouros, e situado entre a Mesopotamia e a India, tinha desempenhado um papel importante, havia longos séculos, no commercio entre o Oriente e o Occidente; e, não sendo os seus habitantes, por estas mesmas relações constantes, rigorosos observantes, e muito menos sectarios fanaticos do islamismo, tinham-se elevado algumas das suas praças maritimas a uma grande prosperidade e extendido a sua fama mercantil até muito longe, sendo as mais notaveis, no sentido do Sudeste para Noroeste, Curiate, Mascate, Burca, Sohar, Corfacan e, finalmente, Ormuz, situada n'uma

Barra de Gôa.

ilha pequena, estéril e penhascosa, junto ao estreito do golpho Persico, conhecida em todo o mundo pela opulencia dos seus habitantes.

A intenção de Albuquerque era fazer sentir a todas estas cidades, uma após outra, a superioridade das armas europeias sem contemplação nem misericordia. Curiate foi tomada de assalto e entregue ás chammas; Mascate foi tomada igualmente; Sohar submetteu-se sem offerecer resistencia, razão por que não foi saqueada, mas foi obrigada a pagar um tributo fixo; Corfacan (Orfacão), praça principal para a exportação de cavallos árabes para a India, foi abandonada pelos habitantes aterrados e entregue ao saque. D'esta maneira se foi approximando a tempestade de Ormuz.

Nenhum dos contemporaneos condemnou, que se saiba, a maneira bárbara, que Albuquerque usou, de fazer a guerra. Arrasar cidades e tratar com dureza e crueldade os prisioneiros, eram coisas correntes e perfeitamente naturaes, para aquella época, pois que se tratava do inimigo da christandade, defendia-se a Santa Fé e acreditava-se ter a Deus por alliado.

Em fins de Setembro de 1507 chegou a esquadra portuguesa á vista de Ormuz [1],

---

[1] Sobre Ormuz, v. Barros, Liv. II, Decada II, cap. I e seg.

cujo throno era occupado então por uma criança de 12 annos, Seif-eddin (Ceifadin), sendo regente Coje Atar, natural de Bengala. A cidade estava situada na parte Norte da ilha, n'um territorio bastante plano e protegida pelo Sul por penhas escarpadas. O porto achava-se entre a cidade e a costa penhascosa de Mogistan. A cidade tinha uma guarnição de 30.000 homens, entre os quaes 4.000 archeiros persas na qualidade de alliados. Albuquerque saudou a cidade á sua chegada com uma salva de artilheria e entrou ousadamente no porto, onde, em breves palavras, exigiu submissão e o reconhecimento da soberania de Portugal, ameaçando, em caso contrario, arrasar a cidade. O regente que, contando com tão numerosas forças como tinha, estava muito longe de pensar em submetter-se sem resistencia a um soberano extrangeiro, repelliu a pretensão dos portugueses. Albuquerque, ao receber a sua negativa, metteu a pique todos os navios de commercio que havia no porto. Então as 200 lanchas armadas de archeiros que havia no porto atacaram os portugueses, mas estes receberam pouco damno, graças á superioridade dos seus navios e, sobretudo, á sua artilheria. Em vista d'este resultado, o regente resignou-se a reconhecer como soberano o rei D. Manuel, a pagar um tributo annual de 15.000 xerafins (approximadamente 6 marcos cada um), e a permittir a construcção de uma fortaleza guarnecida por portugueses, cuja construcção principiou no mês de Outubro por ordem de Albuquerque, mau grado os capitães portugueses, que teriam preferido caçar navios com ricos carregamentos, ou, então, passar á India, para comprarem ali especiarias por sua conta. N'este sentido apresentaram todos um protesto ao seu almirante, mas este rasgou-o mesmo sem o ler á entrada da nova fortaleza. Desde então, conspiraram os capitães offendidos para abandonarem o seu chefe. O regente da cidade, tendo conhecimento da desunião dos seus inimigos, cobrou animo para renovar a sua resistencia e desembaraçar-se dos conquistadores extrangeiros, e a occasião não tardou a apresentar-se, porque, tendo dado asylo na cidade a cinco desertores portugueses, negou-se a entregá-los, quando Albuquerque os reclamou, com o que tornaram a iniciar-se as hostilidades. Como, entretanto, tinham sahido do porto por seu livre alvedrio tres capitães portugueses em direcção á India, não ficaram bastantes forças a Albuquerque para fazer frente ás da cidade, tendo que abandonar o porto por sua vez e retirar-se á ilha de Socotorá, onde invernou, não sem enviar antes João da Nova com o seu navio em pós dos fugitivos para communicar ao vice-rei tão inaudita deslealdade.

Em Socotorá encontrou a guarnição da pequena cidadella n'um estado lastimoso, sem víveres e dizimada pelas enfermidades, tendo que mandar a Melinde por provisões de bôcca; isto é, em logar de encontrar auxilio, teve elle que prestá-lo, o que, junto á insufficiencia das suas forças, fêz prolongar a sua permanencia n'aquella ilha até meados do verão de 1508. N'esta época chegou de Lisboa Vasco Gomes de Abreu com reforços que, juntos á gente que lhe restava, formaram um total de 300 homens, e com este escasso numero apresentou-se outra vez ousadamente diante de Ormuz. O regente, julgando-se vencedor dos portugueses, tinha-se tornado demasiado insolente com os seus alliados persas, os 4.000 archeiros que se haviam retirado para terra firme; nem por isso, porém, tinha descurado com louvavel previsão o preparar-se para um novo ataque dos portugueses, afim de que não o encontrassem tão desprevenido como da primeira vez. Havia concluido a fortaleza começada pelos portugueses, fazendo-a guarnecer de artilheria, fundida por desertores europeus. Encontrando Albuquerque esta resistencia ao apresentar-se de novo no mês de Setembro á vista da cidade, limitou-se por então ao bloqueio do porto até receber mais reforços. Entretanto, o regente de Ormuz recebeu auxilio de onde menos o podia esperar, isto é, do

proprio vice-rei Almeida, que, em consequencia das queixas que lhe haviam apresentado os tres capitães desertores, tinha mandado, em Maio de 1508, fazer um inquerito minucioso, encarregando d'elle Gonçalo Fernandes. Em resultado d'este inquerito, Almeida, convencido de que Albuquerque com o seu procedimento fazia mais damno que proveito á corôa de Portugal, deu liberdade a um navio apresado pelos portugueses perto de Ormuz e enviou-o com uma carta [1] para o regente. N'ella desapprovava os actos de hostilidade de Albuquerque; promettia amizade á rica cidade commercial, se o principe conviesse sómente em enviar cada anno um presente ao rei de Portugal; offerecia a sua protecção aos navios mercantes de Ormuz e mandava, em prova d'ella, sete salvo-conductos: «Seria traidor, diz, ao rei de Portugal, se consentisse que se lhes tocasse n'um só cabello.»

Logo que Albuquerque tornou a apresentar-se diante do porto, enviou-lhe Coje Atar uma cópia da carta do vice-rei; mas o português insistiu pelo pagamento do tributo, e declarou a carta uma invenção, dizendo que não tinha a firma do vice-rei. Atar fez-lhe responder que a cidade em tempo de paz pagaria o tributo de 15.000 xerafins; mas que, se paralysasse o seu commercio, de nenhum modo poderia reunir esta quantia, e que o original da carta levava o sello real de Portugal e a firma do vice-rei [2]. Apesar d'isso e da grande fé de que gozam no Oriente os documentos que levam o sello e a firma das pessoas interessadas, continuou Albuquerque o bloqueio e inquietou a cidade com escaramuças, até que, sabendo que não receberia auxilio da India, e vendo, além d'isso, que os seus navios começavam a fazer agua, renunciou á lucta e dirigiu-se á India. Chegou sem percalço ás Angedivas, onde se demorou tres dias, e depois dirigiu-se a Cananor em Dezembro de 1508. Ali encontrou o vice-rei e soube com desgôsto que Almeida havia posto em liberdade os tres capitães rebeldes e enviára um d'elles a Portugal para inteirar o rei do succedido e justificar-se. Expirando o tempo do govêrno do vice-rei Almeida, Albuquerque, que havia sido nomeado seu successor, exigiu que lhe entregasse o govêrno [3], mas Almeida, occupado nos preparativos d'uma expedição contra Gôa e ardendo, além d'isso, em desejos de vingar a morte de seu filho e a derrota das armas portuguesas em Chaul, declarou que não resignaria o mandato até ao fim do anno corrente, pois que não tinha chegado ainda o navio em que o govêrno o mandava regressar a Portugal. Como este navio havia naufragado na costa oriental da Africa, como dissemos em seu logar, Albuquerque teve que conformar-se e, mal humorado, retirou-se para Cochim.

Em 12 de Dezembro de 1508 sahiu Almeida com 19 navios em direcção ao Norte, juntando-se-lhe no caminho 4 navios mais, com os quaes e os 1.600 homens de tropas

---

[1] Esta carta encontra-se na integra nos *Commentaries of the greet A. d'Albuquerque*, por N. de Gray Birch, Londres, 1875, tomo I, pags. 227 e 228.

Ao traductor português compete accrescentar que esta carta vem inserta no cap. LX, parte I, dos *Commentarios de Affonso de Albuquerque*, pags. 306 a 308 (Lisboa, Régia Officina Typographica, 1774).

[2] O texto da carta de Almeida diz: «e todas as naus que quizerem vir a estas partes, ha mister que confiem, e nam temam, porque se lhes falecer um cabello, eu serei tredor a ElRey de Portugal».

[3] Quando estalou o conflicto chegaram Fernão Soares e Ruy da Cunha que tinham sahido de Portugal em companhia de Jorge Aguiar, «o qual ElRey D. Manuel mandava pera andar de Armada no Cabo de Guardafum, e na costa de Ormuz com certas náos, e o grande Afonso Dalboquerque se fosse governar a India». *Commentarios*, Parte I, pag. 285.

que levavam, tomou de assalto a cidade de Dabul e devastou-a tão horrorosamente, que durante muito tempo se falou em todo o Oriente d'aquelle acto, que se tornou proverbial como exemplo espantoso de destruição.

Em 2 de Fevereiro de 1509 chegou a esquadra á vista de Diu, em cujo porto estava a frota egypcia e a do governador da cidade, Melik Aas [1], com um certo numero de fustas armadas enviadas pelo Samorim de Calecut. Estes tres alliados não se fiavam uns dos outros, sendo o mais suspeito de todos o governador da cidade. No dia seguinte entrou Almeida no porto, dirigindo os seus ataques exclusivamente contra os navios egypcios, que fôram abordados e mettidos a pique, um após outro; de sorte que o almirante Hussein [2] só escapou da destruição geral, abandonando furtivamente o seu navio, saltando em terra, montando a cavallo e fugindo a toda a brida para Cambaya. Logo que os demais navios viram que a victoria se inclinava decididamente para os portugueses, retiraram-se a tempo da lucta. A intenção de Almeida não era, de resto, atacar o governador de Diu no seu proprio porto, apesar de ser elle a causa principal da morte de seu filho, talvez para não se inimistar com o rei de Guzerate, soberano d'aquelle país. Por outro lado, o que mais lhe importava era expulsar d'aquelles mares os mahometanos do Egypto, esperando entender-se depois com os soberanos e principes indigenas por meios amigaveis. O astuto governador de Diu assim o comprehendeu, e teve a impudencia de felicitar o vencedor pela sua victoria e offerecer-lhe os seus serviços; mas Almeida limitou-se a reclamar os portugueses que haviam sido feitos prisioneiros no navio de seu filho e o governador enviou-lh'os em seguida.

D'ali regressou o vice-rei a Cochim, onde Albuquerque voltou a reclamar a entrega do govêrno; mas inutilmente, porque Almeida respondeu-lhe que o navio destinado ao seu regresso não havia chegado ainda. Só quando chegou Fernando Coutinho áquelle porto em Outubro de 1509 com 14 navios, levando ordens terminantes para a mudança de vice-rei, é que Almeida depôs o mandato e embarcou em 19 de Dezembro para Portugal; mas não devia voltar a ver a sua patria. Na viagem de regresso entrou com o seu navio na bahia de Saldanha, na costa occidental da Africa meridional, para fazer provisão de agua. Durante esta operação entabolou-se uma lucta entre a tripulação e os hottentotes, na qual succumbiram 150 guerreiros portugueses, entre os quaes Almeida e 11 capitães que na India haviam feito prodigios de valor. «Jámais, diz Barros, soffreram outra desgraça igual as armas portuguesas.»

Almeida havia sido um soldado valoroso e homem de caracter irreprehensivel e desinteressado, o que lhe havia grangeado o respeito e a estima de toda a gente. Para os soldados era um pae sollicito; mas tambem exigia muito d'elles. Para diminuir as deserções frequentes, porque o soldo era escasso, tratou de melhorar-lhes a situação, e foi tão generoso em conceder recompensas, que excitou o descontentamento do rei. Por outro lado, viu-se contrariado frequentemente nas suas emprêsas por ordens do seu govêrno, especialmente pelo costume d'este lhe enviar cortezãos que para nada serviam e que, ao chegarem á India, se apressavam a pretender altos cargos sem terem merecimentos que os recommendassem. Por isso escreveu uma vez ao rei: «Aconselho que ao vice-rei que para de futuro se envie, se conceda mais confiança que a mim, e que não se lhe dêem ordens sem ter sido ouvido antes o parecer dos vossos conselheiros da India.»

---

(1) Meli que Iaz dos nossos quinhentistas.

(2) O emir Hussein é o Mir-Hocem dos nossos velhos escritores.

A sua politica era concentrar todas as forças para estabelecer solidamente o dominio português na costa occidental da India. Por isso, se oppôs sempre a todas as operações nas costas africanas e da Arabia; e isto foi tambem a causa da aversão que sentia contra Albuquerque, e na qual o radicaram os capitães rebeldes d'este ultimo. Quando o rei lhe mandou enviar navios a Malaca, respondeu-lhe que para isso havia muito tempo de sobra e que na India não lhe faltava trabalho.

Esta politica seguiu Almeida imperterrito, sem deixar-se desviar d'ella nem por ordens directas de Portugal, nem pela convicção de que o seu successor seguiria outro systema, como succedeu effectivamente, porque Albuquerque extendeu as suas operações e a lucta armada a todo o Oceano Indico. Por isto e pela triste lembrança da perda do seu heroico filho, Almeida abandonou a India profundamente amargurado, para encontrar uma morte tragica ás mãos dos selvagens no solo africano.

7. — Affonso de Albuquerque, capitão mór e governador da India

Logo que Almeida partiu, procedeu Albuquerque, juntamente com Coutinho, a fazer preparativos para atacar Calecut e castigar o Samorim, conforme lhe tinha mandado com urgencia o rei D. Manuel. Fernando Coutinho não coube em si de alegria ao ter tão bella occasião para adquirir louros militares na India e ao ver-se encarregado das operações e livre do commando modesto de uma frota de navios mercantes. Os seus antepassados nunca se tinham occupado do commercio, e elle não sentia nenhuma inclinação para esta carreira, porque era soldado de corpo e alma e via com desprêzo a tactica militar dos indios. Pela noite de 2 de Janeiro de 1510 apresentou-se a esquadra reunida diante de Calecut com 2.000 soldados portugueses a bordo, sem contar as tropas auxiliares. O Samorim achava-se, ao que parece, ausente, occupado n'uma expedição contra um principe vizinho, quando as forças portuguesas se apresentaram ameaçadoras em frente da sua capital. Perto da povoação e não longe do mar erguia-se um palacio do Samorim sobre uma collina, o qual durante a ausencia dos portugueses havia sido rodeado de parapeitos de terra e transformado n'uma fortaleza. Contra este palacio deviam ser dirigidos os primeiros ataques, se se quisesse occupar permanentemente a cidade indefesa.

Coutinho pediu para ser o primeiro no ataque, com as suas forças, esperando haver-se elle só com todo o poder das forças inimigas. Albuquerque consentiu de mau grado, porque conhecia a impetuosidade cega de Coutinho, que, ademais, não conhecia ainda a estrategia dos indios, e julgava, ao contrario, que á primeira investida faria fugir os inimigos em todas as direcções.

Quando, porém, na manhã de 3 de Janeiro de 1510 começou o desembarque das tropas, encontraram da parte dos naires de Calecut uma resistencia tão tenaz, e viram-se alvo de tal chuva de fréchas, que resolveram formar duas columnas de ataque; de fórma que cada um dos dois chefes escolheu um ponto diverso para desembarcar. Albuquerque foi o primeiro que pôde formar a sua gente em terra, e, procedendo immediatamente ao ataque, tomou as obras exteriores, depois de uma empenhada lucta e á custa de muitas baixas; penetrou no interior, incendiou os edificios e arrojou os indios das suas posições. Coutinho, vendo-se illudido, perdidos os seus louros tão anciados, e acceso em ira e despeito, chamou repetidas vezes a Albuquerque homem de pouca palavra, que não queria que os outros se distinguissem e alcançassem triumphos; mas este ultimo não se alterou e contentou-se com fazer comprehender ao seu companheiro exaltado, que na guerra muitas vezes havia necessidade, segundo as

exigencias do momento, de se proceder abandonando o plano combinado, para se aproveitar alguma circumstancia favoravel, e que não ficava de nenhum modo decidida a victoria com a tomada d'aquella posição. Tinha-se rechaçado o inimigo, mas não se tinha vencido ainda. Coutinho não attendeu a nada e, na sua excitação cega, deu ordem para atacar a cidade, onde quis entrar primeiro, e ser tambem o primeiro a arremessar o facho incendiario no palacio grande do Samorim. Compunha-se este de varios edificios, cercados de muralhas, e estava situado em logar aberto n'um extremo da cidade. Apesar da resistencia dos seus defensores, Coutinho e os seus penetraram no recinto do palacio, entrando uns pelo portico, e outros pelas brechas abertas na muralha. Coutinho, julgando-se já senhor do palacio, permittiu que os seus soldados se dispersassem para saquearem os thesouros do imperador. Este era o momento que aguardavam os indios, os quaes voltaram a reunir-se, rodearam em grandissimo numero o palacio, penetraram no atrio interior, não obstante a tenaz resistencia do capitão português encarregado de guardar uma das portas, e caíram sobre os seus inimigos, disseminados pelo afan da prêsa.

Affonso de Albuquerque.

Albuquerque, entretanto, deixára prudentemente uma parte da sua força na praia para guardar as lanchas, e acudiu ao seu companheiro de armas, ainda que lentamente, por causa dos combates que teve de sustentar a cada passo nas ruas da cidade. Por fim, tendo chegado com muito trabalho perto do logar da lucta, mandou mensageiros uns após outros a Coutinho para que emprehendesse a toda a pressa a retirada; Coutinho, porém, desprezando todo o perigo e todos os avisos, respondeu-lhe que iniciasse elle a retirada tranquillamente, que o seguiria logo que a sua gente se tivesse tornado a reunir.

O capitão-mór, atacado tambem por todos os lados, emprehendeu a retirada pouco a pouco, e ao passar por um vale estreito, caíu sobre elle e os seus, dos dois flancos elevados do caminho, uma chuva de azagaias, fréchas e pedras. Quis voltar atrás a ver se conseguia reunir-se com Coutinho; mas a sua gente recusou-se a retroceder e foi mistér proseguir. Albuquerque foi ferido na renhida peleja, primeiro no braço esquerdo por uma fréchada, depois por outra na nuca, e, finalmente, attingiu-o uma pesada

pedra no peito com tanta força, que perdeu os sentidos, e n'este estado foi transportado pelos seus.

Coutinho pereceu com 80 dos seus. O seu valor temerario havia convertido aquelle ataque á cidade n'uma grande derrota dos portugueses; e, graças á previsão de Albuquerque de deixar tropa para a defesa das lanchas, e mercê tambem da tranquillidade do mar, não acabou esta jornada pela ruina completa do poder português na India.

Morto Coutinho, coube o commando da sua esquadra a Albuquerque que se retirou para Cochim, onde, apenas curado das suas feridas, se dedicou á preparação de novas expedições militares. Em fins de Janeiro de 1510 tinha já armados e tripulados 21 navios. Com esta esquadra fingiu cumprir uma ordem do rei para se dirigir ao Mar Roxo afim de fazer frente ali a uma nova esquadra egypcia, mas na realidade quis caír de improviso, para melhor garantia de exito, sobre Gôa, que, situada quási no centro da costa occidental da India Anterior, e ainda perto das ilhas Angedivas, ponto de reunião de quási todos os navios que das costas da Africa se dirigiam á India, lhe pareceu ser a praça melhor indicada para d'ella dominar as rotas entre este país, Ormuz e Aden. Gôa estava edificada n'uma ilha plana, mas sêcca, formada pelo trabalho secular dos rios, que descem da vertente occidental da Serra dos Ghates. A ilha mede de Léste a Oeste umas 3 milhas e de Norte a Sul 2 milhas, formando a parte elevada uma especie de promontorio do lado do mar, cujas marés alcançam tambem a costa da terra firme, entrando pelas rias formadas pelas correntes que descem das montanhas. A cidade antiga estava situada ao Sul; a nova fôra fundada, uns 40 annos antes da chegada dos portugueses, por mahometanos sob a direcção de Melik Hussein, e que tinham tido que fugir da cidade de Onor, situada a umas 18 milhas mais para o Sul. Os canaes que rodeavam a ilha e cidade nova estavam infestados de crocodilos, de sorte que era perigoso passá-los na baixa-mar. Hoje está quási abandonada a cidade antiga, onde só vivem clérigos e monges entre grandiosos restos de muitas igrejas e conventos; e a vida industrial e mercantil concentra-se na cidade nova, cujo porto é célebre pela sua situação pittoresca sem igual.

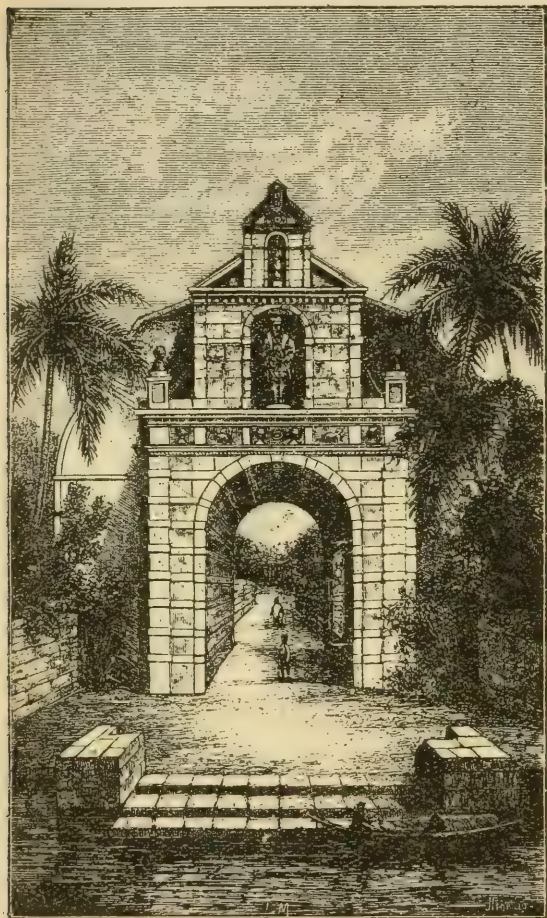
A época para o ataque era bem escolhida, pois o soberano do país, o Adil-Schah [1], rei de Bidjapur, tinha então pouca tropa na cidade e, além d'isso, entre a tropa e a população reinava grande divergencia de interesses. Logo que Albuquerque chegou á entrada do porto, mandou adiante seu sobrinho, Antonio de Noronha, com algumas lanchas armadas para explorar a profundidade da agua e ver se estavam livres de obstaculos a entrada e os canaes. Ao chegar a um cotovello do rio, viram-se os portugueses subitamente em frente da cidadella de Pangim, que defendia a cidade do lado do mar; e, antes que a guarnição pudesse reunir-se e fazer fogo, procederam sem perda d'um momento ao assalto, e penetraram pelas canhoneiras e por cima dos bastiões no interior da praça, que foi abandonada pela guarnição, depois de ter ficado mal ferido o commandante d'ella. Albuquerque, ouvindo de longe o estrepito do combate, deu em seguida ordem para um ataque geral, mas, quando chegou, encontrou a cidadella já em poder dos seus. A tropa de Adil, vendo a fortaleza nas mãos do inimigo, retirou-se tambem da cidade, recommendando o seu chefe á população que se entregasse sem offerecer resistencia, porque contra taes inimigos toda a resistencia era inutil. Assim foi que no dia seguinte se apresentou a Albuquerque uma deputação da cidade offerecendo submetter-se, se garantisse aos habitantes as suas vidas e propriedades.

---

[1] Parece tratar-se do Hidalcão, cuja capital era Visapor. O rei de Gôa era o Sabayo.

O capitão-mór português assim lh'o prometteu, declarando como prêsa só o material de guerra; e, feito isto, occupou com as suas tropas a cidade e estabeleceu-se no palacio do governador. Mandou fortificar a cidadella; a esquadra entrou no porto, onde fundeou; e, como Albuquerque pensasse em se demorar muito tempo ali, mandou desapparelhar os navios para que as enxarcias não soffressem inutilmente na época das chuvas.

Arcos dos vice-reis.

Entretanto Adil-Schah não ficou inactivo, antes reuniu um grande exercito e marchou em direcção á cidade. Os portugueses evacuaram-na por ser praça aberta, e retiraram-se para bordo dos seus navios, que continuaram no porto protegidos pelos canhões da cidadella; mas os indios, para cortar-lhes a retirada e impedir a saída da esquadra, metteram barcos a pique na parte baixa do canal e, além d'isso, fizeram descer pelo rio jangadas incendiadas para queimá-la. Ao ver-se Albuquerque em tão grande e eminente perigo, não teve outro remedio senão resolver-se a abandonar a sua conquista. Mesmo assim, não era facil sair, e foi necessario ir tirando os navios um a um por entre os que haviam sido mettidos a pique pelos indios á entrada do canal. Executou-se esta operação sob o constante fogo que o inimigo fazia de ambas as margens, onde tinha levantado fortificações de terra que foi preciso tomar de assalto para calar o fogo dos seus canhões. Mas, feito isto, restava a difficuldade de passar os navios pela barra, onde a agua era de pouca profundidade. A isto se ajuntava a falta de víveres e de agua doce; as communicações entre o continente e a ilha estavam cortadas e a escassez era tanta que cada homem só recebeu a ração de quatro onças de bolacha e em alguns navios tiveram de dar caça ás ratas para não morrerem de fome. Cada gotta de agua tinha de ser conquistada arriscando a vida, porque os inimigos disparavam incessantemente contra todos que assomavam para tirar agua do canal. Assim foi ferido Antonio de Noronha d'uma fréchada, ferida de que morreu tres dias depois com grande sentimento de Albuquerque que apreciava muitissimo o seu valente sobrinho.

Ali se fizeram prodigios de valor que excitaram a admiração do inimigo, mas, ape-

sar d'isso, propagaram-se o desalento e o descontentamento da gente atormentada pela fome e pela sêde, a ponto que muitos desertaram. Albuquerque conservou, no meio de tantas desgraças, a sua serenidade, prodigalizando palavras de consolo e animando constantemente os infelizes, partilhando com elles todas as privações e perigos, expostos como estavam aos tiros do inimigo e faltos de tudo, sem poderem ir nem para trás nem para diante, porque até ao mês d'Agosto não conseguiram passar a barra e attingir o alto mar.

Esta foi a segunda derrota grande que os portugueses soffreram na India e sob o commando de Albuquerque. Este, comtudo, não desanimou nem renunciou aos seus projectos sobre Gôa. Desde logo convinha dar descanso á sua tropa, e para este fim dirigiu-se para o sul ao porto alliado de Cananor. No caminho juntaram-se-lhe quatro navios que, ás ordens de Diogo Mendes de Vasconcellos, tinham saído de Portugal com instrucções para dirigir-se ao célebre mercado de Malaca, pois em Portugal ignorava-se ainda, como veremos adiante, que esta praça tinha sido já visitada por Diogo Lopes de Sequeira. Em Cananor juntou-se tambem á esquadra de Albuquerque outra commandada por Gonçalo de Sequeira, que saíra de Lisboa no mês de Março com sete navios e tropa, mas que perdera um d'elles na costa da Africa.

Este augmento inesperado de forças animou o capitão-mór a emprehender um novo ataque contra Gôa, e Vasconcellos declarou-se disposto a tomar parte na emprêsa, pois que já tinha sido cumprida por outrem a sua missão; mas Gonçalo de Sequeira julgou-se no dever de recusar a sua cooperação, porque em primeiro logar a maior parte dos seus navios eram propriedade de particulares, que não tinham ido á India para fazerem a guerra, mas para fazer carregamentos, e em segundo logar tinha que auxiliar o principe de Cochim, que se achava em grande apuro, atacado por um rival, que era auxiliado pelo Samorim de Calecut.

Para vencer este ultimo obstaculo partiu Albuquerque mesmo com alguns navios e tropa para Cochim, onde restabeleceu em pouco tempo o govêrno legitimo e a tranquillidade. Feito isto, convocou na mesma cidade todos os capitães para um conselho geral, que se celebrou em 12 de Outubro de 1510, para propôr-lhes um plano e obter a sua adhesão. Este plano consistia em reunir todas as tropas disponiveis das tres esquadras sob o seu commando para tomar de novo a praça de Gôa, emquanto os navios mercantes faziam os seus carregamentos em Cochim.

O resultado d'este conselho teve uma importancia immensa para Portugal e para a propria India. Fernão de Magalhães pronunciou-se pela negativa, como Sequeira, com o que muito contrariou Albuquerque. Fundou a sua opinião na consideração de que, com os ventos então dominantes, difficilmente se poderia chegar diante de Gôa antes de 8 de Novembro; e teve razão, porque Albuquerque não chegou ali senão a 20 de Novembro. Disse, além d'isso, que a expedição retardaria a partida dos navios mercantes de tal fórma, que a tropa, occupada nas operações de campanha, não teria tempo de fazer os seus negocios privados opportunamente para aproveitar a monção favoravel. A isto respondeu Albuquerque que partiria decididamente no dia seguinte, deixando os chefes das outras esquadras com a liberdade de seguirem com elle ou de ficarem, e que queria emprehender a expedição para poder mandar ao rei uma bôa noticia com a proxima frota mercante.

As opiniões ficaram, pois, duvidosas. A opposição de Magalhães induziu, todavia, Albuquerque a falar desfavoravelmente d'elle n'uma exposição que mandou ao rei, o que devia ter sido motivo, porque não se descobre outro, para que, quando Magalhães sollicitou depois um augmento modesto da sua pensão, por certo muito merecido, lhe

indeferisse o seu pedido, o rei D. Manuel. Esta negativa desgostou tanto a Magalhães, que abandonou o serviço da sua patria e se collocou ao serviço de Hespanha, em cujos navios fêz a sua célebre viagem de circumnavegação, a viagem talvez mais célebre de todas quantas se teem feito no seu genero. Magalhães abandonou, ao que parece, a India, pouco depois do seu conflicto com Albuquerque, convencido de que já não tinha futuro ali e que o capitão-mór não lhe daria ensejo para distinguir-se.

A 20 de Novembro apresentou-se a esquadra portuguesa, composta de 23 navios com 1.600 homens de tropas, á vista de Gôa, aonde o capitão-mór mandára préviamente Gaspar de Paiva com 3 navios para cruzar diante do porto e não permittir a entrada nem saída de nenhum navio; de fórma que na cidade tinham-se preparado para uma lucta desesperada. Sem dilação alguma procedeu Albuquerque ao ataque; a 25 de Novembro tomou a cidadella de assalto e occupou a ilha; mas, escarmentado pela experiencia de Calecut, não permittiu que os soldados se dispersassem. Em seguida atacou a cidade por dois lados e tomou-a. Muitos habitantes fugiram, e com a pressa de passar os vaus dos canaes pereceram alguns milhares, segundo se diz. Na cidade os portugueses trucidaram sem misericordia todos os que eram mahometanos, homens, mulheres e crianças, e entregaram ás chammas uma mesquita cheia de prisioneiros, de modo que todos quantos estavam dentro da casa de Deus pereceram.

Em seguida mandou Albuquerque construir um castello de pedra muito forte, ao qual deu, em honra do rei, o nome de Manuel ([1]).

Á medida que se restabeleceram a tranquillidade e a confiança, regressaram muitos indios e estabeleceram-se permanentemente muitos portugueses n'esta praça, que foi declarada pelos vencedores centro das suas operações e do seu poder na India.

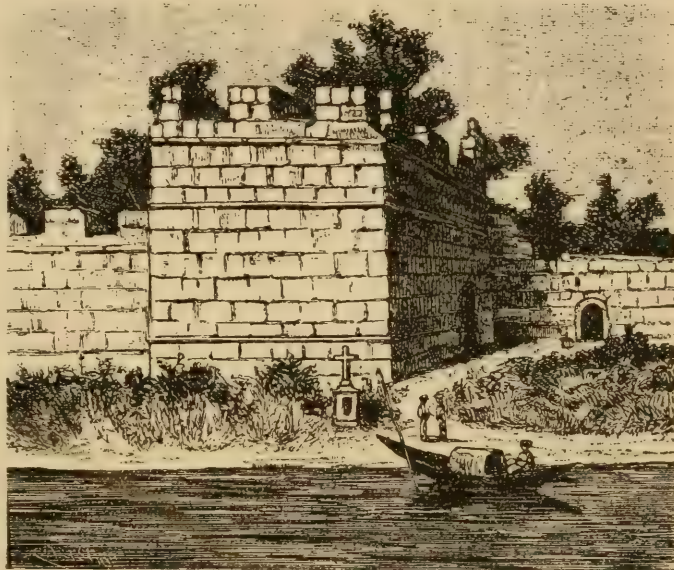
A queda de Gôa impressionou tanto os principes e soberanos vizinhos, que todos se apressaram a pôr-se em bôas relações com os novos senhores. O rei de Cambaya deu a liberdade a outro sobrinho do capitão-mór, Affonso de Noronha, a quem tinha prisioneiro, e não só o enviou sem resgate e incondicionalmente, senão que se declarou disposto a permittir a construcção d'uma fortaleza em Diu. Accorreram, além d'isso, embaixadas de Guzerate, de Calecut e até do territorio interior de Bisnaga, mostrando todos desejos de paz e de entrar em negociações de commercio.

Não tendo consentido o Samorim de Calecut na construcção d'uma fortaleza portuguesa na sua capital, como Albuquerque pediu, não deram resultado as negociações da sua embaixada. O emir Hussein, que ao tempo se encontrava em Cambaya, ao ver perdida toda a esperança, regressou ao Cairo, e, em consequencia da sua exposição, o sultão do Egypto suspendeu a construcção d'uma nova esquadra que havia começado.

D'isto se póde inferir o effeito que produziu a conquista de Gôa, a qual desde aquelle dia foi cidade portuguesa com uma guarnição permanente de 400 homens, e reconhecida como tal por todos os soberanos da India. Em confirmação do dominio alcançado o rei de Portugal estabeleceu, pouco tempo depois, na cidade uma casa de moeda que cunhou moedas novas e marcou com um carimbo português as moedas do país, sem o que não permittiu o govêrno o seu curso legal. Todavia, isto não bastou a Albuquerque que, longe de querer dirigir de Gôa, como centro, pacificamente, o dominio da corôa de Portugal, quis ir mais depressa, lançando as suas vistas para além da India Anterior, sobre Malaca. Ali era o mercado principal das especiarias cujo monopolio ambicionavam os portugueses e, sem a posse d'esta praça, aquelle monopolio era

([1]) Barros, *Asia,* Decada II, Liv. V, cap. XI, pag. 557.

impossivel, porque d'ella enviavam os árabes carregamentos directamente ao Mar Roxo, sem que os seus navios tivessem de tocar na costa occidental da India Anterior. Para fazer de Gôa o centro do commercio entre o Occidente e a India Anterior era indispensavel apoderar-se tambem de Malaca.

O primeiro português que chegou a tão longinquo país foi, como já dissemos, Diogo Lopes de Sequeira. Tendo saído de Portugal em 1508 com quatro navios, visitou no caminho Madagascar e chegou a Cochim na primavera do anno seguinte, onde o vicerei, Almeida, lhe deu oito navios mais, a bordo dos quaes estavam entre outros Francisco Serrão, de cuja viagem ás Molucas, tão cheia de peripecias, falaremos adiante, e Fernão de Magalhães. Saíu Sequeira de Cochim a 8 de Setembro do mesmo anno da sua chegada; passou por diante de Ceylão e das ilhas Nicobares e pela costa septentrional de Samatra; visitou o país de Pedir, já então o mais rico em pimenta, e chegou, finalmente, com toda a felicidade, a Malaca. Os mahometanos nada omittiram para calumniarem os recem-chegados e torná-los suspeitos; mas, apesar d'isso, fôram bem recebidos, posto que o sultão reinante, Mahmud, fôsse homem cruel, tanto que tinha feito executar seu proprio irmão e sua mulher.

Castello de Benastarim.

Ali se encontraram os portugueses pela primeira vez com chineses, os quaes por sua parte se mostraram muito francos com elles. Sequeira e os seus viram com satisfação que a tez branca, a sociabilidade e franqueza com que os chineses faziam o seu commercio com os europeus, tanto como com os asiaticos, os seus trajos e muitos dos seus costumes, os approximavam mais dos europeus do que dos orientaes. Effectivamente, n'aquelle tempo os chineses não usavam ainda o rabicho ou trança comprida que hoje é um dos seus distinctivos caracteristicos; não conheciam o espirito de castas que tornava tão difficil o trato com os indios; nem se recusavam a comer com os portugueses á mesma mesa. Damião de Goes encontrou uma notavel semelhança entre os seus costumes e os dos flamengos e allemães do norte e no mesmo sentido se expressa Barros, que diz: «que usam vestir panno e outras coisas a nosso modo». Em taes circumstancias era natural que entre elles e os europeus, igualmente extrangeiros n'aquelle país, se estabelecessem relações amigaveis e que os chineses aconselhassem os portugueses a que não se fiassem demasiado nos malayos. Attendendo a este conselho, o chefe da esquadra não foi em pessoa á audiencia do sultão, mas mandou Jeronymo Teixeira em seu lo-

gar [1]. Teixeira foi bem recebido, e o soberano destinou-lhes um armazem onde os portugueses pudessem tratar com os commerciantes indigenas. A contar d'aquelle dia puderam os portugueses percorrer a cidade livremente; mas commetteram a imprudencia de ir ver a esquadra do sultão, e os mahometanos, especialmente, o thesoureiro dos impostos e direitos do porto [2], aproveitaram este facto para dizer que os extrangeiros eram espiões, e formar com a annuencia do sultão o projecto de matá-los, começando pelo commandante da frota e officiaes principaes. Com este fim convidaram-nos para um banquete; mas Sequeira teve a prudencia de não acceitar o convite, dizendo que não se achava bem de saude. Tendo-se frustrado este estratagema, trataram de dividir as forças dos portugueses, attrahindo-os a differentes pontos, com o pretexto de vender-lhes comestiveis, para surprehendê-los e apoderarem-se d'elles isoladamente, e cair immediatamente com um certo numero de barcos menores preparados para isso sobre os navios portugueses desprevenidos e privados de defensores. Por fortuna só puderam realizar o seu intento em parte, capturando uns 30 portugueses no porto e na cidade, que fôram mortos ou levados prisioneiros. O perigo foi tão grande, que Francisco Serrão, que estava perto do caes de embarque, muito a custo pôde salvar-se a bordo com alguns marinheiros, tendo que abandonar os outros á sua sorte. Não obstante, ao notar a guarda dos navios o movimento desusado da cidade, deu a voz de alarme, e d'esta fórma a gente de bordo teve tempo para preparar-se para o combate. Sequeira não dispunha de força bastante para atacar uma cidade tão populosa e teve que contentar-se com metter a pique alguns navios inimigos e regressar á India Anterior.

Quando, depois, chegou a Malaca a noticia da conquista de Gôa, o thesoureiro do porto deu melhor tratamento aos 19 prisioneiros portugueses que tinham ficado com vida, mas não recobraram a sua liberdade senão quando Albuquerque se apoderou da cidade. Albuquerque, depois de ter conquistado Gôa, teve o desgôsto de ver que lhe lembravam d'um modo para elle desagradavel o seu projecto de apoderar-se de Malaca. Effectivamente, o capitão Mendes de Vasconcellos, cuja pequena esquadra tinha sido destinada pelo govêrno de Lisboa para ir a Malaca, sollicitou licença do capitão-mór para cumprir a sua missão. Albuquerque não lh'a deu desde logo, ou fôsse porque julgasse a esquadra demasiado fraca para sair-se airosamente, ou porque quisesse preparar uma expedição maior. Então Vasconcellos saíu uma noite furtivamente do porto, passando a barra com os seus navios; mas o capitão-mór, ao sabê-lo, mandou após o fugitivo lanchas com a ordem terminante de voltar para trás; ordem que não pôde deixar de cumprir. Vasconcellos foi castigado com prisão que durou muito tempo, e um piloto e um mestre seu fôram enforcados.

Albuquerque de bôa vontade teria emprehendido sem demora a expedição a Malaca; mas o rei havia-lhe mandado fazer uma expedição ao Mar Roxo para fechar definitivamente esta rota aos commerciantes mahometanos. Saíu, effectivamente, com 23 navios; mas luctou inutilmente contra a monção que por fim o impelliu até á mesma costa, tendo, por isso, de voltar a entrar no porto de Gôa; como a mesma monção era favoravel a uma expedição a Sudeste, resolveu-se sem vacillar a apresentar-se com a sua esquadra bem armada e disposta diante de Malaca para castigá-la pela traição feita a Sequeira. Saíu, pois, na mesma primavera de 1511 do porto de Cochim para Malaca

---

[1] Ainda n'este ponto o auctor segue Barros.

[2] «Tamungo, a quem pertencia o negocio da fazenda» (Barros); «o Tamungo era juiz da Alfandega» *(Commentarios)*.

com 19 navios, 800 soldados portugueses e 600 soldados indios, fazendo parte da expedição Antonio de Abreu e Francisco Serrão, que posteriormente descobriram as Molucas, e Fernando Peres de Andrade, um dos primeiros navegadores portugueses que visitaram a China.

O territorio de Malaca dependera a principio do reino de Sião; mas, desde que o islamismo se extendera por aquelle país, quer dizer, a partir do século XV, e se tornára a religião dominante, Malaca progredira muito e decaíra, em troca, o d'antes célebre porto de Singapura (1) na mesma peninsula. A importancia adquirida permittiu aos governadores de Malaca tornarem-se independentes quási um século antes da época em que ali chegaram os portugueses. O sultão então reinante, Mahamed, reunira grandes riquezas, fomentando e explorando habilmente o commercio do seu país, e com os seus recursos consideraveis construira uma esquadra para consolidar o dominio do seu Estado e o do mar. Com isto se alargaram cada vez mais as relações mercantis, porque as nações que concorriam ao mercado de Malaca encontravam ali todas as facilidades e tinham os seus representantes para as operações de commercio. Assim, os chineses, os commerciantes de Java, de Cambaya e de Bengala estavam representados em Malaca pelos seus respectivos mestres de porto *(schabender)* (2).

As relações mercantis extendiam-se até ao Japão, só os siameses não concorriam á praça, porque o seu soberano não havia renunciado aos seus direitos sobre Malaca e estava em declarada hostilidade com o sultão. O reino de Malaca comprehendia 100 milhas de costa, e a sua maior largura não passava de 10 milhas.

A capital estava situada muito favoravelmente no ponto divisorio de differentes monções; porque estes ventos não são os mesmos no Mar da China que no de Bengala; de modo que o porto de Malaca vinha a ser o ponto natural de reunião de árabes, indios e chineses. As casas occupavam uma extensão d'uma milha ao longo do canal maritimo que separa a India Ulterior da ilha de Samatra (3). Um rio dividia a cidade em duas partes que communicavam por meio d'uma ponte.

Albuquerque seguiu com a sua esquadra o mesmo roteiro que Sequeira havia seguido, chegando no 1.º de Julho em frente de Malaca. Antes de chegar tomára a bordo em Pedir, na ilha de Samatra, 8 portugueses, que tinham conseguido evadir-se de Malaca, onde tinham estado captivos; e d'elles soube que o mestre do porto javanês conspirára tambem contra o sultão e pagára a sua traição com a vida. Além d'isso, disseram-lhe que o sultão dispunha de 8.000 peças de artilheria, de 30.000 soldados e de seis elephantes de guerra. Albuquerque não se espantou com estes numeros e exigiu sem rodeios ao sultão a entrega dos prisioneiros portugueses que ainda tinha em seu poder. Uma entrega immediata teria sido considerada em todo o Oriente como uma cobardia; o sultão, portanto, negou-se a effectuá-la sem prévias negociações, e então Albuquerque, por unica resposta á negativa, mandou incendiar os navios que havia no porto e as casas situadas ao longo da praia. O sultão, por fim, entregou os prisioneiros, entre os quaes, Ruy de Araujo, amigo pessoal de Albuquerque, e declarou-se disposto a um convenio amigavel; mas o português exigiu não sómente indemnisação pelos damnos causados a Sequeira, mas tambem 300.000 cruzados de indemnisação de guerra e a permissão de construir uma fortaleza.

---

(1) «Cingapura» (Barros); «Cincapura» (Gaspar Correia).

(2) É o Xabandar dos *Commentarios* (V. Parte III, pag. 96, ed. cit.).

(3) *Çamatra* na graphia antiga.

No conselho do sultão, que se celebrou por este motivo, fôram discordes os pareceres; os que não queriam que se prejudicasse o commercio da praça, eram pela paz e pelo pagamento das indemnisações; mas outros preferiam a guerra para não verem humilhado o sultão com a submissão a exigencias tão exorbitantes, e este ultimo partido é que prevaleceu. O sultão encarregou da direcção das operações seu filho, e este, confiando nas suas numerosas forças, julgou poder rechaçar victoriosamente o ataque dos portugueses, ainda que não pudesse contar com os commerciantes da cidade nem com as tropas javanesas.

Era natural que o almirante português, depois de ter examinado cuidadosamente a situação e as posições da cidade, dirigisse o seu ataque sobre o ponto mais importante e mais perigoso, que era a ponte que ligava as duas partes em que se dividia a cidade, porque sendo senhor da ponte era-o tambem da povoação. Não ignorava isto o filho do sultão e mandou levantar entrincheiramentos nos dois extremos da ponte, guarnecendo-os com numerosa artilheria; mas Albuquerque não mudou de plano, seguindo n'isto o conselho do seu amigo Araujo que, durante a sua longa e forçada estada na cidade, tivera occasião de convencer-se da importancia capital d'aquella posição. Ao raiar do dia de Santhiago, 25 de Julho, dirigiram-se os portugueses com as suas embarcações em duas columnas contra a cidade; Albuquerque desembarcou com a sua gente perto da ponte, e João de Lima com a sua um pouco mais a léste junto a uma mesquita de pedra não muito longe do palacio do sultão, com ordem de dirigir-se tambem contra a ponte logo que tivesse tomado a mesquita. Em ambos os pontos se luctou com valor tenaz; os malayos pelejaram com bizarria, atiraram fréchas envenenadas e serviram-se no combate corpo a corpo do punhal indio chamado *kries,* formando columnas soltas, cada uma ás ordens d'um capitão; mas Albuquerque conseguiu apoderar-se da ponte e os soldados com as suas lanças arrojaram os malayos para os suburbios. João de Lima encontrou maiores difficuldades e viu-se obrigado, para animar as tropas, a luctar na primeira fileira para investir com os elephantes de guerra que á força de lançadas retrocederam feridos, levando a confusão ás forças indias. Conseguido isto, Lima dirigiu-se á ponte a juntar-se ao seu chefe. Dos terraços das casas proximas continuaram os indios a atirar contra os portugueses; mas estes desalojaram-nos incendiando as casas. Albuquerque tratou então de fortificar a ponte para assegurar a sua posição; mas a sua gente estava cansada e não pôde resistir aos ataques que os malayos iam renovando; de modo que, convencido da impossibilidade de sustentar aquelle ponto, ordenou a retirada para bordo dos navios. Ali reuniu um conselho, no qual opinaram alguns dos seus capitães que, tendo-se castigado já o sultão, convinha aproveitar o vento favoravel para regressarem á India Anterior, pois que tambem não podia pensar-se, mesmo tomando a praça, em estabelecer-se n'ella permanentemente por causa da sua posição afastadissima. A maioria, comtudo, opinou pela continuação das operações e, em consequencia d'isso, procedeu-se aos preparativos necessarios.

O sultão Mahamed aproveitou este tempo para levantar em toda a parte novas fortificações, guarnecendo-as de artilheria, estabelecendo minas nas ruas e semeando-as de abrolhos de ferro para deter e anniquilar o inimigo, quando invadisse a cidade. Em 10 de Agosto emprehendeu Albuquerque o segundo ataque e, depois de uma valorosa defesa, apoderou-se da ponte e arrojou os malayos para a mesquita de pedra, onde em presença do sultão se feriu a ultima lucta desesperada em que os malayos fôram derrotados. O bairro dos mercadores collocou-se logo sob a protecção do vencedor, principiando pelos de Pegú, emquanto continuava a lucta na parte alta da cidade, situada mais a Léste, que os malayos defenderam passo a passo. Aos mahometanos

não se deu quartel, porque haviam sido os inimigos mais encarniçados; e Albuquerque para recompensar as suas tropas permittiu-lhes tres dias de saque.

Entre os tropheus figuraram 3.000 canhões.

Immediatamente emprehendeu Albuquerque a construcção d'uma fortaleza, para a qual se empregaram as pedras da mesquita que havia ficado destruida em parte, e o resto do material foi tirado dos antigos sepulchros dos soberanos do país por estar mais proximo. No centro da fortaleza foi elevada uma tôrre de cinco pavimentos, que foi coberta de chapas de chumbo e recebeu de Albuquerque o nome de *Formosa*. Tambem construiu uma igreja, cujo tecto foi tirado d'um sepulchro real. Para reanimar o commercio e a confiança no novo govêrno, nomeou o vencedor mestres de porto indigenas para as diversas nações, e fêz cunhar moedas de ouro e de prata em logar das de estanho que até ali tinham sido as unicas em circulação. As grandes moedas de ouro de 1.000 reaes receberam o nome de catholicos, e as de prata o de malaqueses. Com estas disposições acertadas levantou-se rapidamente o commercio e tornaram a concorrer navios d'outras nações.

Não se descuidou Albuquerque de entabolar relações amigaveis com os soberanos dos grandes Estados orientaes da Asia, esperando com razão que seria correspondido, porque para elles não fizera mais que substituir um usurpador mahometano que não soubera grangear a amizade dos principes vizinhos. Enviou, pois, mensageiros a todas as côrtes. Duarte Fernandes, que fôra prisioneiro com Ruy de Araujo, e aprendera o idioma malayo, embarcou n'um navio chinês para Sião, sendo o primeiro português que pisou este país. A sua missão consistia em participar ao rei de Sião a conquista de Malaca e em assegurar que os commerciantes do seu país seriam bem recebidos n'aquelle porto, onde gozariam da protecção especial dos portugueses. Fernandes foi recebido com muita benevolencia na côrte de Aisuthia, situada nas margens do rio Menam ao Norte de Bangkoke. Aisuthia, segundo A. Bastian, *(Historia dos Indochineses* Leipzig, 1866) era então não sómente a residencia dos soberanos de Sião, mas tambem uma cidade de muito commercio, visitada por navios de todas as nações da Asia oriental e do Japão. Foi destruida a primeira vez em 1555 pelo rei de Pegú, e em 1767 segunda vez pelo rei da Birmania, existindo hoje só ruinas cobertas de hervas ruins e de sarças. Posteriormente foi construida a nova cidade ali perto, não voltou, porém, a ser residencia real.

O rei de Sião mandou mostrar a Duarte Fernandes todas as coisas notaveis da cidade, e entre outras maravilhas um elephante branco; e depois despediu-o, fazendo-o acompanhar por um embaixador, que levava como presente para o rei D. Manuel, além das cartas do rei, uma corôa, uma espada de ouro e um precioso annel de rubís.

Em resposta e pelo mesmo embaixador fôram enviados ricos presentes ao rei de Sião. Antonio de Miranda de Azevedo e Duarte Coelho (1), que conduziram os presentes, tomaram o caminho terrestre por Tenasserim. Outra embaixada confiada a Ruy da Cunha foi destinada ao Pegú, para celebrar tambem com o rei do país um tratado de amizade. Os principes malayos de Samatra e de Java apressaram-se igualmente a mostrar com presentes as suas disposições amigaveis. Só se mantiveram hostilidades com Aracan (2), cuja capital e porto fôram atacados por João da Silveira, e

---

(1) N'este ponto o auctor parece ter seguido Barros; (V. *Asia,* Dec. II, Liv. VI, Cap. VII, pag. 103). Os *Commentarios* e Gaspar Correia não incluem Duarte Coelho n'esta missão.

(2) Arracão e Achem, nas fórmas portuguesas.

com o rei de Achim, ao Norte de Samatra. Estes dois Estados continuaram a ser inimigos dos portugueses, e o segundo, cujo territorio estava proximo de Malaca, auxiliou mais tarde os mahometanos nos seus repetidos ataques á cidade, e tratou ainda de prejudicar o commercio de Malaca durante uma larga série de annos.

Tendo-se mostrado os chineses amigos de Portugal desde a primeira visita de Sequeira a Malaca, tratou tambem Albuquerque de entabolar relações amigaveis com a China; e, ainda que outras occupações o impediram de fazê-lo nos primeiros annos, sabe-se ao certo que navios mercantes portugueses visitaram os portos chineses já no anno de 1515, obtendo permissão de venderem seus generos, posto que não a de desembarcarem.

A impressão que produziu na Europa a conquista de Malaca foi extraordinaria, e augmentou-a ainda a embaixada ostentosissima que o rei D. Manuel enviou em 1513 ao papa Leão X. O embaixador foi Tristão da Cunha que, com um séquito numeroso e brilhante, levou ao Papa de presente alfaias e vasos de igreja, de ouro e de grande pêso e adornados de pedras preciosas. Levou, além d'isso, e mostrou ao povo na sua pomposa entrada em Roma a 12 de Março de 1514, como prova da fauna gigantesca da India, um formoso elephante, animal que não havia sido visto na Italia desde o tempo dos antigos romanos, e um leopardo adestrado para a caça pousado sobre um corcel persa ricamente ajaezado, presentes do rei de Ormuz. Um arauto com as armas portuguesas precedeu o préstito destinado a figurar a homenagem do Oriente ao chefe e cabeça visivel da christandade. A multidão que accorrera a ver o espectaculo era tão grande, que a procissão mal pôde passar pelas ruas.

Quando chegou ao castello de Santo Angelo, todos os canhões salvaram á embaixada e o Papa assomou a um balcão para ver o cortejo. Então fizeram ajoelhar o elephante tres vezes seguidas com immenso assombro da multidão [1]. No dia seguinte apresentou o embaixador os presentes em audiencia solemne e na presença do embaixador português ordinario, Diogo Pacheco, que pronunciou um discurso brilhante, exalçando os feitos de armas dos portugueses na India, e entregou logo ao Papa uma carta do rei D. Manuel, na qual este celebrava tambem as victorias de Albuquerque. Esta carta principiava, segundo uma traducção allemã do anno de 1534, nos termos seguintes:

«A muita alegria que sentimos e partilhamos com Deus Nosso Senhor, e comvosco, Santissimo Padre, explica-se pela noticia que nos trouxe a nossa esquadra das Indias; e, como successos tão maravilhosos se realizaram sob o vosso pontificado, para honra e gloria do Todo Poderoso, cabem tambem a Vossa Santidade com justiça a honra e gloria inherentes. Por esta razão é justo que vos demos conta summaria de todos os feitos que na India, com a ajuda de Deus e de nossas armas, se levaram a cabo e que são uma gloria para Vossa Santidade como cabeça de toda a christandade, pelo que damos graças a Deus e esperamos que a gloria do Pontificado juntamente com a fé e as doutrinas christãs se augmentarão diariamente.» [2]

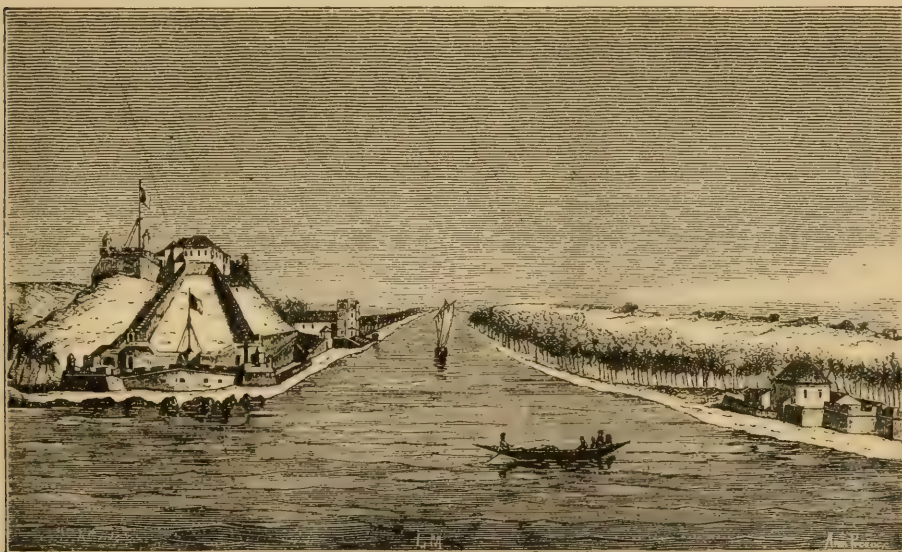
---

[1] Veja-se Osorio, *De rebus Emmanuelis*. Colonia, 1586, pag. 264 b.

[2] Estes primeiros periodos permittem-nos identificar esta carta com a epistola latina publicada em Roma em Agosto de 1513, e reimpressa em 1904 (Lisboa, Imprensa Nacional): *Epistola Potentissimi ac invictissimi Emanuelis regis, etc. De Victoris habitis in India et Malacha. Ad Dominum nostrum Dominum Requem etc.*

O dr. Eugenio de Castro, a quem se deve esta reimpressão, parece ter ignorado a existencia da versão allemã de 1534, anno em que Miguel Angelo trabalhava no *Juizo Final*, o

Vê-se, pois, que as victorias dos portugueses na India fôram consideradas na Europa como victorias da fé christã, e as expedições como uma especie de cruzadas; com a differença de que o theatro d'ellas era o extremo Oriente, «a aurea Chersoneso». Eis porque os méritos de Albuquerque fôram exalçados em todas as nações christãs, e attingiu então o capitão-mór da India o auge da sua gloria. O seu nome era na Asia e na Africa o terror das nações, e na Europa objecto de immensa admiração.

Em fins do anno de 1511 destacou Albuquerque tres navios de Malaca para explorar as Molucas, as ilhas das especiarias, objectivo supremo dos portugueses. O com-

Rio Mandovy entre a fortaleza dos Reis Magos e a de Gaspar Dias.

mando d'esta pequena esquadra foi confiado a Antonio de Abreu, que se havia distinguido muitissimo no segundo ataque de Malaca, no qual recebeu na face uma bala, que lhe levou alguns dentes e uma parte da lingua. Isto não o impedira, comtudo, uma vez pensada a ferida, de voltar á peleja. Depois veremos, ao tratar dos successos que occorreram nas Molucas, o resultado d'esta primeira exploração.

Albuquerque organizou o govêrno de Malaca; nomeou Ruy de Araujo Alcaide-mór e feitor (o primeiro cargo comprehendia as funcções de juiz), e Ruy de Brito commandante da fortaleza, que tinha uma guarnição de 300 homens; e repartiu igual numero de soldados pelos dez navios que pôs á disposíção de Fernando Perez de Andrade [1]. Estes navios ficaram ali em estação maritima, porque eram necessarias forças de toda a especie para defenderem Malaca contra ataques por mar e por terra, que eram tanto mais de esperar, quanto não estava anniquilado Mahamed. Na verdade, o soberano expulso tinha-se retirado para Bintang [2], a Sudeste de Singapura, residencia antiga dos

---

quadro prodigioso em que o dr. Costa Lobo pretendeu que o artista tivesse tambem representado Portugal n'um dos seus innumeraveis episodios. (Portugal e Miguel Angelo Buonarroti — Interpretação de um grupo do *Juizo Final* na *Capela Sixtina*. Lisboa, 1906).

(1) *Commentarios;* III, pag. 186.

(2) Beitane (Barros).

sultões, emquanto seu filho Aladim occupava Ckohor, dominando, por conseguinte, d'estes dois pontos a rota maritima para as ilhas das especiarias e para a China, e podendo inquietar continuamente as expedições portuguesas e até mesmo Malaca.

Em Janeiro de 1512 regressou Albuquerque, com tres navios, á India, levando comsigo uns 60 casaes de carpinteiros jaus para empregá-los na construcção de novas embarcações; mas, ao passar pela costa perigosa de Samatra, encalhou e perdeu o seu navio principal, *Flôr de la Mar,* com toda a prêsa, os tropheus e manuscriptos do capitão-mór, salvando-se só a tripulação, que foi recolhida pelo navio que ia na rectaguarda. Os carpinteiros javaneses aproveitaram a occasião para se amotinarem e apoderarem de um navio, com o qual fugiram para a costa de Samatra, e desembarcaram (1). Albuquerque chegou ao porto de Cochim nos primeiros dias de Fevereiro.

Entretanto, os inimigos dos portugueses tinham aproveitado a ausencia do capitão-mór para sitiar Gôa, pondo em grandissimo apuro a pequena guarnição de 450 portugueses e 1.250 soldados auxiliares indigenas que a defendiam, os quaes, com o constante serviço e os continuos ataques e recontros, estavam exhaustos de fadiga. Haviam perdido dois dos seus melhores capitães, tendo, por isso, que dar o commando a Diogo Mendes de Vasconcellos, que tiraram da prisão, em que até ali estivera encerrado.

Os inimigos tinham construido em Benastarim, em frente da cidade, um castello, do qual ameaçavam desalojar os portugueses. Por fortuna, no verão de 1512, chegaram um após outro varios navios com tropas e víveres e, em Agosto, uma esquadra de 13 navios com 1.800 homens de tropa (2), que reanimou o valor decaído da guarnição, e a pôs em estado de tomar com estes reforços a offensiva. Isto permittiu a Albuquerque retardar a sua chegada, para despachar antes para a Europa a frota mercante, chegando a Gôa com 15 naus a 16 de Setembro.

A sua chegada mudou a situação; os papeis inverteram-se; os que tinham estado tão apertados, certos já da derrota, puseram por sua vez em grande apêrto os seus inimigos. Tomaram Benastarim, onde encontraram um certo numero de desertores portugueses, aos quaes Albuquerque promettera respeitar a vida, mas a quem castigou, fazendo-lhes cortar as orelhas, o nariz, a mão direita e o pollegar da esquerda, enviando-os assim mutilados para Portugal para escarmento dos demais. A victoria obtida com tanta facilidade foi devida tambem em grande parte ás rivalidades que desuniam os principes do Decan, os quaes nunca souberam atacar com as suas forças unidas os europeus, cuja amizade todos buscavam em segredo. Por outro lado, o Samorim de Calecut teve que ceder, em consequencia do bloqueio, que a esquadra portuguesa estabeleceu contra aquelle porto, cruzando por toda a costa, bloqueio que veiu a ser um grande beneficio para Gôa, que floresceu á proporção do que perdeu Calecut. Albuquerque, além d'isso, provêra para que todos os cavallos enviados da Persia fôssem desembarcados exclusivamente em Gôa, disposição tanto mais importante, quanto n'aquelle tempo se faziam as guerras entre os principes da India principalmente com cavallaria, que decidia as victorias; de maneira que os principes indios tinham que estar em bôas relações com os portugueses para poderem dispôr de cavallos nas guerras com os seus vizinhos. O capitão-mór reforçou as fortificações de Benastarim, praça que juntamente com Gôa, foi cedida solemnemente a Portugal, quando depois se fêz a paz.

---

(1) A versão de Correia e a de Barros differem um pouco da do texto.
(2) Certamente a esquadra de Jorge de Mello Pereira.

Na côrte de Lisboa não era comprehendida então a importancia de Gôa, talvez por narrações falsas e malévolas, que fizeram correr os adversarios de Albuquerque, a julgar por uma carta do rei D. Manuel, na qual recommendava ao capitão-mór da India que reflectisse sériamente se seria conveniente conservar Gôa, por ser uma localidade insalubre e cuja conservação causava inutilmente despesas, quando, afinal, o contrario é que era verdade, e o mesmo Osorio, na sua obra, exalta o clima benigno e a amenidade do logar. Dizia ainda o rei D. Manuel, na mesma carta, que a conservação de Gôa era causa de não interrompidas guerras com os soberanos vizinhos e que era muito duvidoso que se pudessem cobrar em terra firme os impostos, que Albuquerque lhe tinha dito que haviam de ser consideraveis. Albuquerque, comtudo, considerou a occupação de Gôa tão importante, que respondeu ao rei que a sua conquista fizera mais effeito na India e tinha fortificado o seu poder mais que todas as esquadras que nos ultimos 15 annos tinham sido mandadas ali; porque tinha destruido a alliança entre os principes inimigos e, sem um apoio solido em terra firme, não podia ter duração o poder de Portugal n'aquella região, e não podia comparar-se sequer a importancia de todas as demais cidadellas de Cochim, Cananor e outras localidades, com a posse de Gôa. Accrescentou que os conselheiros do rei não julgavam bem as coisas da India; que elle já sabia que tinha inimigos em Portugal e supplicava ao rei que não lhes désse ouvidos, porque renunciando a Gôa tocaria muito em breve o seu termo o poder português na India; e finalmente que merecia mais gratidão do rei por defender Gôa contra os inimigos portugueses, que por ter conquistado duas vezes aquella praça.

Ao falar d'isto faz Osorio na sua obra a seguinte comparação entre a politica de Almeida e a de Albuquerque:

«O objectivo d'ambos os capitães era a gloria e renome do seu rei e das armas portuguesas, assim como a propagação do Christianismo na India; mas, para loglá-lo, procederam ambos de differente maneira. Almeida quis contentar-se com um ponto d'apoio em terra firme e dominar d'elle, com esquadras sempre unidas, o mar. Não queria dividir as suas tropas em guarnições isoladas que podiam ser vencidas facilmente por grandes forças inimigas. Ao contrario Albuquerque desejava assenhorear-se antes de tudo da terra firme, convencidissimo de que então dominaria tambem o mar. O seu olhar penetrava para além do presente; não lhe bastava enviar cada anno carregamentos d'especiarias para o seu país, senão que queria assegurar este commercio para o futuro; para o que era imprescindivel occupar uma posição imponente em terra firme, e ter o dominio completo dos portos mercantes mais notaveis. Uma esquadra grande, dizia, póde afundar-se no mar n'uma tempestade e é mais segura uma posição forte em terra; mas uma posição em terra, por forte que seja, só offerece segurança se puder ser auxiliada por differentes lados, e semelhantes pontos d'apoio não diminuem, antes robustecem, o poder maritimo» ([1]).

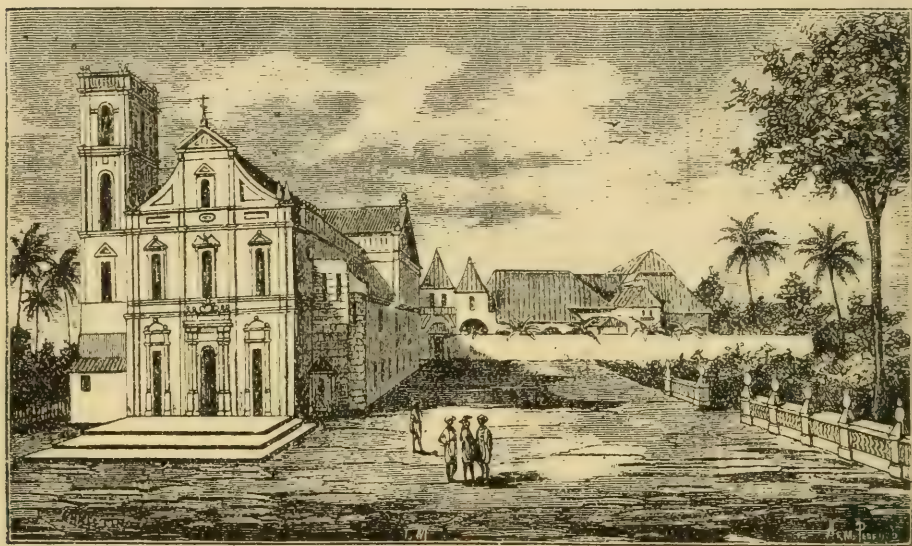
Os successos posteriores demonstraram que Albuquerque teve razão a respeito de Gôa; porque, quando o sultão Solimão do Egypto atacou o porto de Diu, uma esquadra que veiu de Gôa obrigou-o a retirar-se, e o mesmo succedeu quando o soberano de Cambaya voltou a ameaçar a mesma cidade com o auxilio da Turquia; porque o

---

([1]) Este trecho é ao mesmo tempo uma versão e um resumo, feitos com certa liberdade, como póde verificar-se lendo o passo correspondente da versão portuguesa de Francisco Manuel do Nascimento (Da vida e feitos d'el-Rei D. Manuel — Lisboa, 1804. Na Impressão Régia. Por ordem superior, t. II, pag. 211-214).

vice-rei D. João de Castro podia oppôr-se aos seus contrarios tanto mais facilmente quanto lhe era dado tirar a cada momento novas tropas de entre a população; e, podia prover-se de toda a especie de material de guerra, e construir e armar nos arsenaes e estaleiros da sua capital novos navios.

O exito da lucta teria sido duvidoso e pelo menos ter-se-hia retardado muito, se se tivesse tido que aguardar reforços da mãe-patria. Justamente para evitar isto é que Albuquerque tinha sabido transformar Gôa n'uma cidade portuguesa, em que se ia creando uma população mixta pelos casamentos que se faziam entre os soldados portugueses e as donzellas indias.

Barros tambem reconheceu a grande importancia de Gôa, dizendo, ao falar dos

Sé de Gôa.

successos de Diu, que o anno de 1512 havia sido um dos mais felizes para Portugal, porque, além das ricas frotas carregadas de especiarias e das noticias das conquistas de Gôa e de Malaca, chegaram a Lisboa tambem embaixadores de Sião, do Pegú e até do rei da Abyssinia, o famoso Preste João.

Com o tempo resignou-se tambem o Samorim a permittir a construcção d'uma fortaleza em Calecut, e muitos outros soberanos malabares, taes como os de Cambaya, Narsinga, etc., exprimiram o desejo de fazer paz e amizade com os portugueses.

Assim ficou Portugal solidamente estabelecido na India, cujos principes reconheceram, posto que de má vontade, a soberania d'esta potencia; mas o sultão do Egypto não cessou de incitá-los continuamente a levantarem-se contra os invasores, auxiliando-os com navios e tropas, porque, perdendo as suas melhores receitas com a expulsão completa dos navios mercantes árabes das praças da India, tinha o maior interêsse em expulsar d'ali os odiados christãos com o auxilio dos principes indigenas alliados. Por este motivo instava o rei D. Manuel com razão com o capitão-mór para que emprehendesse uma expedição ao Mar Roxo afim de fechar, se fôsse possivel, aquella rota tão importante do commercio árabe com a India. Movido por estas instancias, Albuquerque preparou em principios do anno de 1513 a expedição, e quási parece uma des-

culpa e uma salvaguarda para declarar-se irresponsavel das consequencias, a communicação que fêz aos seus capitães, dizendo-lhes que o rei lhe mandára repetidas vezes fazer aquella expedição e que na sua ultima carta lhe ordenára terminantemente que se pusesse desde logo a caminho.

Saíu, pois, para o Mar Roxo em 18 de Fevereiro de 1513 com 20 navios, 1.700 soldados portugueses e 800 soldados indios. No porto de Soco na ilha de Socotorá, cuja fortaleza havia sido abandonada pelos portugueses um anno antes, fêz provisão de agua doce. Desde ali teve que navegar com summa prudencia, por falta de prática n'aquellas aguas, onde desde a antiguidade se não tinha visto nenhum navio europeu. Albuquerque, o primeiro que penetrava n'aquelle mar interior que separa dois continentes, teve a sorte de encontrar um navio que vinha de Chaul, a cujo prático obrigou a conduzir a esquadra. O seu primeiro objectivo era apoderar-se de Aden, que então, como hoje, era a chave do Mar Roxo.

A cidade florescia, porque, por causa do bloqueio português do Mar Indico, se tornára Aden o grande deposito, aonde os navios malaios levavam por um lado os productos da India, e onde por outro se proviam os commerciantes árabes. A cidade de Aden está situada n'uma peninsula, n'outro tempo ilha vulcanica, que pouco a pouco se foi unindo á terra firme; e occupa a propria cratéra d'um vulcão extincto, cujas cristas áridas formam um semi-circulo em volta da cidade. Por esta razão não tinha agua potavel e recebia-a por aqueducto vindo de longe: hoje supprem esta falta grandes cisternas. Esta posição tão forte por natureza era-o ainda mais pelas suas muralhas e tôrres. Governava ao tempo ali o emir Ibn-abd-el-wahab (1), ao qual Albuquerque intimou a rendição, mas a intimação foi repellida. O chefe português immediatamente fêz saltar em terra 1.400 portugueses e 400 indios providos de escadas e do mais necessario para proceder ao assalto immediato, e aquelles, cheios de emulação e ardendo em desejos de distinguir-se, se agglomeraram nas escadas de mão, de sorte que algumas, não podendo sustentar o pêso de mais de 20 soldados que queriam subir ao mesmo tempo e ser os primeiros, partiram-se. Em breve subiram á muralha quarenta portugueses, e ao mesmo tempo Garcia de Sousa tornou-se senhor d'uma porta da cêrca; mas em ardua peleja com a multidão de árabes, que o perseguia, não quis descer da muralha por meio d'uma corda para salvar-se, preferiu arrojar-se para o meio dos árabes, luctando até á morte e dando assim tempo aos seus companheiros para se retirarem.

Albuquerque convenceu-se de que não tinha sufficientes forças para levar a cabo o seu plano e retirou a sua gente depois de quatro horas de lucta, sem por isso renunciar a voltar depois á mesma emprêsa. Entretanto, preferiu occupar algumas ilhas importantes do Mar Roxo; mas isto exigiu precauções muito especiaes, por não ser prático n'aquellas aguas, e porque recifes de coral e baixios ameaçavam em toda a parte destruir a esquadra. Não podendo fiar-se dos práticos indigenas, a quem tinha embarcado á força, teve que estar continuamente com a sonda na mão para tentear a profundidade do mar e encontrar o rumo, tendo que lançar ancoras logo que escurecia. D'esta maneira chegou á ilha de Camaran (2), plana, mas rochosa, situada na immediação da costa da Arabia e perto da cidade de Lohaia (3) (a 15º 51′ de lat. norte e 42º 32′ de long. léste

(1) O governador ou regedor da cidade era Miramergem (Correia), Miramirzan (Barros) ou Mira Mergão (*Commentarios*), e era vassallo do xeque Hamed, «o qual o mais do tempo estava dentro no sertão» (Barros, Dec. II, liv. VII, cap. VIII, pag. 237, ed. 1777).

(2) Camarão *(Commentarios)*.

(3) Deve ser a Luya de Barros e dos *Commentarios*.

do meridiano de Greenwich). Não obstante os pontos mais altos d'esta ilha só se elevarem 16 metros acima do nivel do mar, abundam n'ella os poços de agua doce e, possuindo um bom porto do lado oriental, era visitada havia muito tempo pelos navegantes de cabotagem que, além do bom ancoradouro e da agua potavel, encontravam ali tamaras e outras fructas. Os europeus tiveram tambem em breve noticia d'ella e teem-na sabido apreciar no seu devido valor, e Carsten Niebuhr, na sua descripção da Arabia, publicada em Copenhague no anno de 1772, diz:

«Quási todos os europeus fazem menção, nas suas narrações, d'esta ilha do golpho Arábico.» Pela sua situação importante apoderou-se d'ella a Gran-Bretanha que, da ilha de Perim, domina a saída do Mar Roxo; e o ter conhecido desde o primeiro momento a importancia d'esta ilha tão abundante em bôas aguas, demonstra a perspicacia de Albuquerque. Não estava o capitão português destinado a ir muito mais longe; porque as suas repetidas tentativas para proseguir mais para o norte saíram frustradas pelos temporaes; de sorte que teve que permanecer longo tempo na ilha para esperar as monções favoraveis para o regresso á India, tempo durante o qual aquelle clima cálido, tão temido, lhe causou muitas baixas. Por fim a 15 de Julho retomou o caminho de Aden, que não ameaçou d'esta vez, passando adiante, e chegando a 4 de Agosto ao porto de Diu, onde o governador Melek-Eias se mostrou tão condescendente que permittiu o estabelecimento d'uma feitoria n'aquelle porto. O Samorim de Calecut seguiu o seu exemplo, e então os portugueses levantaram o bloqueio das costas da India; deram liberdade aos navios mercantes mahometanos, e o commercio tornou a florescer ([1]). No anno seguinte foi mandado o sobrinho do capitão-mór, Pedro de Albuquerque, com uma esquadra a Ormuz para cobrar o tributo annual; e Jorge de Albuquerque foi com tropas frescas a Malaca, para encarregar-se da defesa d'esta praça, tão cubiçada e disputada.

Regulado isto, pôde Affonso de Albuquerque dedicar-se especialmente aos negocios da India. Reforçou as fortificações das praças maritimas, despachou as frotas mercantes e preparou uma nova expedição contra Aden. N'isto chegou-lhe uma carta do rei mandando-o ir quanto antes a Ormuz, ordem que lhe agradou tanto mais quanto tinha sabido, entretanto, que o sultão do Egypto tinha renunciado aos seus preparativos e que, por conseguinte, nada tinha que temer por este lado no Mar Roxo. Partiu, pois, de Gôa em 21 de Fevereiro de 1515 com 27 navios, 14 grandes de alto bordo, 7 caravellas e 6 galeras, com 1.500 soldados portugueses e 700 indios canarins e malabares. Foi esta a sua ultima expedição. Em Ormuz reinava em nome de seu tio velho e fraco um persa ambicioso, chamado Rais Ahmed ([2]), do qual tinham sabido os portugueses que alimentava o plano de collocar-se sob a protecção do shah da Persia, reconhecendo a sua soberania, para livrar-se do tributo incommodo imposto pelos portugueses. A chegada opportuna de Albuquerque, em 26 de Março, impediu-o de realizar esta intenção. O velho principe negou-se a entregar ao capitão-mór português a fortaleza, mas esta caíu ao terceiro dia; os portugueses entraram n'ella sem effusão de sangue, porque lhes foi aberta a porta que dava para o mar e, uma vez dentro,

---

([1]) O nosso systema commercial nos mares da Asia assentava no monopolio, cuja expressão concreta era o *cartaz* ou licença de navegar. Estas licenças constituiam uma parcella importante das receitas de Ormuz e Malaca. Sobre a origem do *cartaz*, V. Correia, *Lendas*, tomo I, parte I, pag. 298.

([2]) É o Reys Hamed dos *Commentarios*.

fecharam-na do lado da cidade, collocaram canhões nas muralhas para se não expôrem a uma surpresa, e reforçaram as obras de defesa. Pedro de Albuquerque recebeu o commando da praça e em seguida tratou o capitão-mór de desembaraçar-se de Ahmed e do seu partido para restabelecer a paz, para o que teve uma entrevista com o velho principe. Ahmed, em presença de Albuquerque, atreveu-se a querer impedir que seu tio saudasse pessoalmente o capitão português, a quem insultou confiando no seu séquito, composto de 50 homens postados diante do palacio com armas occultas; mas o capitão português, que estava já prevenido para tudo, deu ordem aos seus capitães para matarem o traidor. Os portugueses rechaçaram o séquito do sobrinho morto e levaram o tio para longe do tumulto ao terraço do palacio onde teve de mostrar-se ao povo para tranquillizá-lo. Os parentes e partidarios de Ahmed, que na sua ira se tinham proposto saquear o palacio do principe, receberam ordem de Albuquerque para sahirem da cidade antes do pôr do sol e passarem ao territorio persa, sob pena de morte. Os portugueses ficaram dominando o mar com sua esquadra e a fortaleza. Em conformidade com esta ordem, emigraram 25 familias do partido persa, e o velho Rais Nordin [1], acompanhado de Albuquerque e sob a sua protecção pôde regressar ao palacio e encarregar-se outra vez do govêrno. D'esta fórma tranquillizou-se em breve a população, e o capitão-mór português restabeleceu tambem a bôa intelligencia com a Persia mandando ao shah Ismail uma embaixada a cuja frente ia Fernão Gomes de Lemos. Esta paz tão facil foi devida principalmente á divergencia religiosa que existia entre os persas e os árabes, sendo os primeiros mahometanos chiitas e os segundos sunnitas.

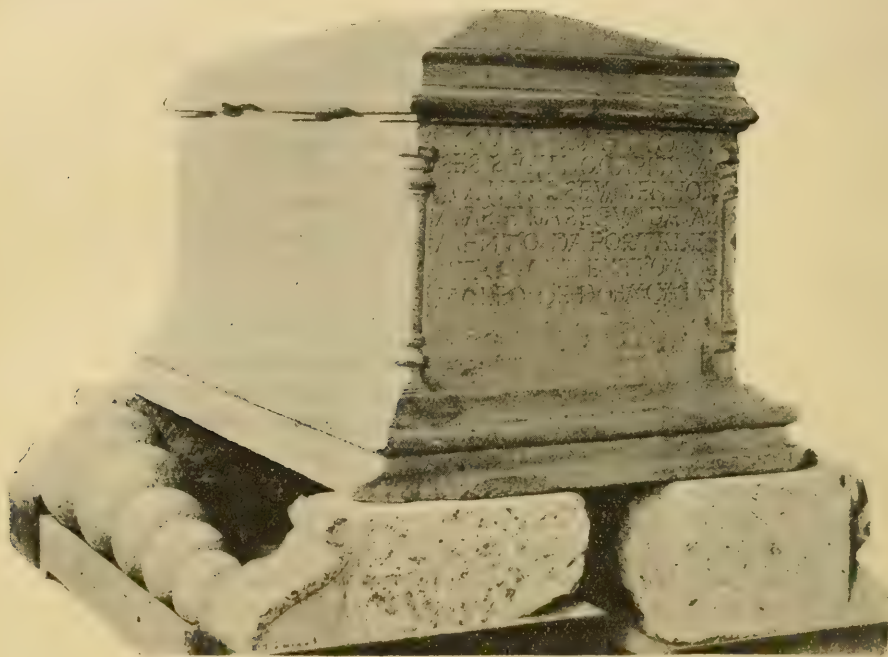
Albuquerque mandou parte da esquadra, ás ordens de seu sobrinho, Garcia de Noronha, a Cochim, emquanto elle continuou mais alguns meses em Ormuz para deixar tudo bem regulado e poder entregar os demais negocios ao commandante da fortaleza. Talvez quisesse tambem preparar um novo ataque a Aden; mas este desejo não se cumpriu. No mês de Agosto adoeceu de uma dysenteria e, augmentando o mal, teve de ceder aos conselhos dos medicos, regressando desde logo á India; encarregou do commando do seu proprio navio seu sobrinho, Vicente de Albuquerque, e embarcou no de Diogo Fernandes de Beja. Em principios de Novembro levantou ferro de Ormuz, e perto de Calhat, na costa de Oman, soube por um navio árabe que vinha de Diu que havia sido nomeado seu successor na capitania-mór da India Lopo Soares [2].

O rei D. Manuel acabára por ceder ás insinuações e calumnias dos inimigos de Albuquerque que lh'o pintavam como temerario até á demencia e tão ambicioso que projectava tornar-se soberano independente de toda a India. Justificava estas accusações a preferencia que Albuquerque dava aos seus parentes em todos os commandos principaes; e, effectivamente, confiou a defesa de Ormuz e de Malaca, indubitavelmente os dois pontos mais importantes fóra da costa occidental da India, a seus sobrinhos; mas deve ter-se presente que, procedendo assim, julgou Albuquerque ter nas mencionadas praças chefes de toda a confiança para melhor as conservar. Os seus inimigos fizeram ver ao rei que a mesma paz que Albuquerque fêz com os principes da India era já uma prova das suas intenções ambiciosas, porque estas novas amizades eram um passo mais para a sua projectada usurpação.

---

[1] É o Reys Nordim dos *Commentarios*.

[2] Foi em *Calayate* que Albuquerque soube do facto apontado. *Terrada* chamam os *Commentarios* ao navio árabe. (Parte IV, cap. XLV, pag. 227).

Albuquerque sabia tudo isto; mas, confiado nos seus méritos e no seu procedimento politico irreprehensivel, não procurára justificar-se, preferindo responder ás calumnias com factos. Não obstante, já não tinha defensores nem amigos em Portugal; os muitos nobres que enviára a Portugal por delictos e desobediencias para que o rei os castigasse, tinham augmentado o numero dos seus adversarios, e, finalmente, conseguiu-se persuadir o rei D. Manuel, induzindo-o a fazer regressar o capitão-mór e collocar outro em seu logar, em vez de mandar proceder a um inquerito e decidir depois com inteiro conhecimento. Foi isto o que mais sentiu Albuquerque, o qual,

Jazigo de Affonso de Albuquerque. (Trazido da India com a viga do tecto do palacio do Samorim.)

quando soube da nomeação de Lopo Soares para capitão-mór e da de outros chefes para os cargos mais importantes, exclamou com tristeza: «Capitão-mór Lopo Soares? Não havia outro? E o rei envia-me capitães e como secretarios homens como Diogo Mendes e Diogo Pereira, a quem por seus delictos eu mandei para Portugal? Por servir o rei inimistei-me com esta gente e agora por amor d'elles retira-me o rei a sua confiança [1].» O secretario Pereira fôra o que mais insistira para que o rei renunciasse á posse de Gôa, razão por que Albuquerque se desfizera d'elle; mas, logo que Pereira chegou a Portugal, fêz correr o boato de que Albuquerque renunciava ao dominio do mar para fazer perecer os portugueses em fortalezas insalubres.

Estes factos acabaram com a energia e firmeza de Albuquerque, que só desejava

---

[1] «. . . e assi fico eu mal com El Rey por amor dos homens, e mal com os homens por amor d'El Rey.» São as palavras que põe na bocca de Albuquerque o auctor das *Décadas*, d'onde este passo é tirado. (*Asia*, Dec. II, liv. X, cap. VIII, pag. 490, ed. 1777).

poder chegar a Gôa, onde esperava encontrar cartas que lhe explicassem tão repentina mudança e que o consolassem ao menos, reconhecendo-lhe os méritos.

Seguindo o conselho dos seus amigos, escreveu com mão trémula (1) a sua ultima carta ao rei, dizendo: «Senhor, quando esta escrevo a Vossa Alteza estou com um soluço, que é sinal de morte. N'esses Reynos tenho um filho (2), peço a Vossa Alteza que m'o faça grande como meus serviços merecem, que lhe tenho feito com minha serviçal condição; porque a elle mando, sob pena de minha benção, que vo-los requeira. Quanto ás coisas da India não digo nada, porque ella falará por si e por mim.»

A' vista de Gôa morreu Albuquerque a bordo do seu navio, na idade de 63 annos, a 16 de Dezembro de 1515 (3). Vestido com o habito branco da Ordem de Santhiago, de que era commendador, e com as respectivas insignias, envoltos os hombros n'uma beca de velludo, prêso o cabello n'uma crespina ou coifa de ouro e coberta a cabeça com uma gorra ou carapuça de velludo, foi levado para terra sentado n'uma poltrona coberta de brocado de ouro.

Os olhos estavam entreabertos, sem o aspecto horrivel da morte; a longa barba branca ondeava-lhe sobre o peito; de modo que, morto, impunha a mesma veneração e o mesmo respeito que se lhe tinha tributado em vida (4). Na praia foi recebido pelo commandante e por todos os nobres, e depois sepultado na capella que elle mesmo mandára construir fóra das portas da cidade.

Albuquerque possuia as virtudes e os defeitos de um grande capitão. Era justiceiro, severo e castigava a deslealdade com grande dureza. Supportava as fadigas com valor inquebrantavel, e em todas as luctas deu pessoalmente o melhor exemplo. Tratava rudemente os denunciantes e aduladores, afastando-os da sua pessoa. Uma vez resolvido um plano, executava-o com rapidez. Aggravos pessoaes não os vingou, mas não podia soffrer que ninguem ultrapassasse as suas ordens e, muito menos, que lhe contrariasse os planos, e em taes casos não retrocedia ante as medidas mais brutaes. Muitas das suas sentenças de morte fôram precipitadas, porque tinha um caracter excitavel que não era facil de acalmar; mas sempre se arrependeu das suas acções irreflectidas. Queria que todos se dedicassem de corpo e alma ás funcções da sua carreira e que concentrassem n'ella todas as suas forças, como elle mesmo fazia, porque até em tempo de paz trabalhava de dia e de noite. Correia diz que costumava ouvir missa muito cêdo, montando depois a cavallo, rodeado da sua guarda, para visitar as obras, os arsenaes e os armazens. Na administração pública não supportava desperdicios, e a

---

(1) Damos no texto o traslado de Barros, que foi certamente o utilizado pelo auctor allemão. A versão de Faria e Souza é uma simples traducção do texto de Barros. O texto autógrafo é ditado, e não escripto pela mão de Albuquerque. O texto mais corrente nas chrestomathias litterarias é o dos *Commentarios*. Estes quatro textos póde o leitor vê-los e compará-los no livro já citado do sr. dr. Antonio Baião, pags. 84 e 85.

(2) Era filho natural, porque Albuquerque morreu solteiro. Posteriormente mudou de nome por ordem do rei, adoptando o de Affonso em memoria e honra de seu pae, segundo diz Correia.

(3) É a data de Barros. Gaspar Correia data o fallecimento de 27 de Dezembro. A data geralmente acceite é a dos *Commentarios:* 15 de Dezembro.

(4) A descripção do auctor segue principalmente Barros (*Asia*, Dec. II, liv. X, cap. VIII, pag. 493) cuja nomenclatura completámos com os *Commentarios* (Parte IV, pag. 232) e as *Lendas da India* (Tomo II, parte I, pag. 458).

delapidação da fazenda real irritava-o extraordinariamente. Tomava as suas resoluções com rapidez, e muitas vezes se viu assignar ordens e decretos no caminho e nas ruas sobre o joelho. Era affavel para com toda a gente, e sabia tratar os indios e mahometanos segundo a sua indole.

No interêsse de todos procurou fomentar o commercio pacifico e melhorar a situação e o bem-estar geral. Para toda a gente era accessivel; a sua porta estava sempre aberta e só depois de comer dedicava algum tempo ao descanso, reduzido nos dias de trabalho ao minimo. Occupado de dia quási sempre fóra de casa, empregava as horas da noite para trabalhar com os seus secretarios e para dar conta ao rei dos pormenores mais minuciosos. As cartas ao rei, á rainha e aos conselheiros do rei redigia-as elle proprio.

Pensando sómente em augmentar o poder real na India, não cuidou nunca de accumular riquezas para si; e todos os presentes que recebeu dos principes e magnates da India enviou-os sempre ao rei ou á rainha, ou repartiu-os entre os seus capitães e os nobres. Para os pobres foi sempre caritativo. Na guerra e nas batalhas considerava-se soldado como os demais, e, quando era preciso, não fazia mais caso da sua vida propria que da vida alheia. Na acção tão desgraçada que feriu para tomar o palacio do Samorim de Calecut, a primeira vez, esteve constantemente em imminente perigo de vida; o seu porta-estandarte e os seus pagens caíram a seu lado, elle, porém, manteve-se firme até que uma pedrada o deixou sem sentidos. No primeiro assalto de Malaca esteve tambem rodeado de inimigos, e ter-se-hia perdido sem remedio, se João de Lemos não o tivesse soccorrido e tirado d'ali, o que não impediu que em seguida renovasse o ataque.

Apesar d'isso, não era temerario, mas general circumspecto; quando, porém, se tratava d'um fim grande, punha em acção todos os seus recursos, como no segundo ataque de Malaca, antes do qual disse aos seus capitães vacillantes que, se arriscava todas as suas tropas, é porque julgava a posse de Malaca importantissima. Em Gôa não desanimou, e pela mesma razão, com o mau exito do primeiro ataque; sustentou-se com uma tenacidade incrivel até ao ultimo extremo, arriscou outra vez a sangrenta emprêsa de apoderar-se d'esta praça e alcançou, por fim, a victoria. Quando o general inimigo, depois do primeiro ataque d'esta ultima praça, soube por desertores portugueses que na esquadra de Albuquerque, encerrada entre a barra, que não podia atravessar, e o interior, fazia estragos a fome, mandou várias lanchas com víveres frescos; mas o capitão-mór mandou subir do porão as suas ultimas provisões de vinho e de bolacha para mostrá-las aos mensageiros do Adil Shah, e disse-lhes que os portugueses não tinham necessidade d'outros víveres além d'aquelles; que, quando lhes faltassem, se apresentariam os seus soldados á mesa do Shah sem neeessidade de convite; e que na occasião não careciam de nada.

D'esta maneira conservou sempre, mesmo nos mais difficeis transes, o seu animo tranquillo e sereno. Nunca, nem nos seus momentos de maior fortuna, se ensoberbeceu, e sempre recommendou o mesmo aos seus capitães. Quando alguns d'estes lhe observaram que as muralhas da nova fortaleza de Ormuz eram pouco fortes, responderam-lhes: «Se os que estão encarregados de defendê-las não procedem como tyrannos, serão sufficientemente fortes, mas se se deixam dominar pela ambição do mando as muralhas mais fortes serão fracas.»

Não cedeu um ápice dos direitos do vencedor; mas, sem perder, por isso, de vista por considerações politicas, os meios de facilitar a amizade entre os portugueses e os habitantes do país. Por esta razão, favoreceu os casamentos dos portugueses com as

donzellas indias, coisa mais facil em Gôa, do que com as filhas dos bramanes e naires mais para o sul [1]. A cada casal recem-casado dotava dos fundos do rei com 18.000 reaes, e repartiu as casas e campos dos mahometanos expulsos entre os portugueses que se estabeleciam no país; tudo isto para tornar a cidade mais portuguesa, robustecer ali o poder do rei, e fundar n'ella o centro de operações e do dominio português.

Não temia tanto os inimigos indigenas como o sultão do Egypto, que para elle era o unico perigo que offerecia o futuro.

N'aquella época abundavam os projectos e propositos mais extravagantes e alguns até titanicos, e não deve surprehender-nos que Albuquerque pagasse tambem o seu tributo ao espirito do seu tempo. De Miguel Angelo contam que quis transformar nada menos que o perfil d'uma cordilheira, talhando uma estatua gigantesca na cuspide marmorea do Monte Altissimo de Carrara; e Albuquerque, por sua vez, quis mudar nada menos que o aspecto e o caracter do mundo, desviando o Nilo em seu curso superior e conduzindo as suas aguas através da Abyssinia ao Mar Roxo, para seccar o Egypto e expulsar para sempre os mahometanos do país das pyramides.

Mais prático era outro projecto que concebeu, e consistia n'uma grande expedição ao Mar Roxo e uma campanha para conquistar Medina e trazer comsigo os ossos de Mafoma, afim d'obter depois em troca o Santo Sepulchro de Jerusalem, resgatando-o das mãos dos infieis [2].

Se demonstrava o seu grande genio nas suas emprêsas, não o fazia brilhar menos em expressões e occorrencias felizes que deviam ter-se tornado muito populares, porque muitas d'ellas fôram conservadas pelos historiadores contemporaneos; e frequentemente grangeou com ellas a bôa vontade das pessoas, a quem com o seu genio irascivel havia offendido. Outras vezes fêz olvidar por este meio injustiças apparentes ou involuntarias, commettidas por elle, convencendo a todos de que a sua intenção era castigar unicamente os que faltavam ao seu dever. Havia feito esculpir, depois da conquista de Malaca os nomes dos mais valentes n'uma pedra commemorativa que devia ser embebida na muralha da fortaleza, então em construcção; e, quando varios dos omittidos se queixaram, dizendo que todos tinham cumprido o seu dever, e que mereciam que fôssem conservados igualmente os seus nomes, mandou empregar a pedra como remate da porta da fortaleza, mas com a inscripção voltada para dentro da obra, e fixar por cima esta outra inscripção, tirada do versiculo 22 do psalmo 118: «Pedra rejeitada pelos constructores» [3].

É indubitavel que Albuquerque foi o mais notavel de todos os capitães portugueses na India, porque, dos que lhe succederam, nenhum pôde vangloriar-se de feitos tão preclaros como os seus. O rei D. Manuel não tardou a comprehender que com a sua ingratidão tinha ferido o coração ao fundador do seu poder na India. Teria desejado restituí-lo ao seu cargo em logar de Soares e honrá-lo até com o titulo e categoria de vice-rei, mas o arrependimento chegou demasiado tarde, e o rei teve de ver ainda quão lastimosamente se desenrolaram os negocios da India, depois da morte de Albuquerque [4].

---

[1] O auctor seguiu Barros n'este ponto (Dec. II, liv. V, pag. 559).

[2] Sobre os projectos a que se refere o auctor veja-se *Commentarios*, parte IV, pags. 39 e 40.

[3] *Lapidem, quem reprobaverunt edificantes*. O facto vem narrado nos *Commentarios* (Parte III, cap. XXXII, pags. 155-156, ed. Lisboa, 1774).

[4] Além da edição monumental das *Cartas de Affonso de Albuquerque seguidas de documentos que as elucidam*, publicadas de ordem da Academia das Sciencias de Lisboa, sob

8. — Os successores de Albuquerque

Lopo Soares de Albergaria, successor immediato de Albuquerque (1515 a 1518) não era novo na India, pois tivera n'ella um commando em 1504.

Saíu de Lisboa a 7 de Abril com 13 navios e chegou a Gôa a 8 de Setembro de 1515. Como capitães dos diversos navios tinha os adversarios d'Albuquerque, taes como Diogo Mendes de Vasconcellos, Jorge de Brito e outros.

Tumulo de D. Diogo de Noronha.

Á sua chegada a Gôa pôde certificar-se de quão mal recebida era a sua nomeação e a destituição brutal do seu preclaro predecessor, que gozava da veneração unanime da cidade creada por elle. Em Outubro dirigiu-se Soares a Cochim, onde, como em toda a parte, foi recebido sem enthusiasmo, porque até os principes indios, excepto o de Calecut ([1]), participaram do sentimento geral. Por aquelle tempo, Albuquerque regressava d'Ormuz e Soares recebeu, por intermedio de Simão d'Andrade, a primeira notícia da morte do grande capitão e governador.

Livre, e podendo agora governar á sua vontade, passou o resto do anno e todo o seguinte occupado em preparar uma esquadra imponente de 37 naus, com a qual levantou ferro em Fevereiro para atacar outra esquadra egypcia que, segundo corria, se compunha de 27 navios, e se dirigia ao Mar Indico. Esta esquadra tinha saído, na verdade, antes da de Soares, e tinha fortificado a importante ilha de Camaran para que não tornasse a servir aos portugueses de ponto d'apoio em suas emprêsas, como succedera em tempo d'Albuquerque. D'ali passára a Aden; mas, sendo inuteis os seus esforços para apoderar-se d'esta praça, regressou a Djeddah ([2]), porto da cidade de Meca, e o chefe mandou abrigar perto da praia todos os navios, onde estavam protegidos contra qualquer ataque, pois

---

a direcção de Bulhão Pato, e com a preciosa collaboração dos srs. Brito Rebello e Lopes de Mendonça, indicaremos ao leitor, entre outros livros de menor tomo e obedecendo a intuitos de vulgarização, o já citado livro do sr. dr. Baião, o *Affonso de Albuquerque* do sr. J. B. A. Gracias (Nova Gôa, 1911), *Os Portugueses na India* de Bulhão Pato (Lisboa, 1883), o *Bosquejo historico de Gôa* de D. L. C. de Kloguen (trad. port. de M. V. d'Abreu, Nova-Gôa, 1858), a *Gôa antiga e moderna* de F. D. d'Ayalla (Lisboa, 1888), *Memorias sobre as possessões portuguesas na Asia* de G. M. Teixeira Pinto (com notas de Cunha Rivara, Nova-Gôa, 1859).

([1]) Barros e Correia affirmam, pelo contrario, que o Samorim se não mostrou favoravel a Lopo Soares.

([2]) Judá, Gidá (Barros).

que aquelle porto é formado e protegido, como todos os do Mar Roxo, por bancos e recifes de coral.

Soares experimentou algumas perdas causadas por um temporal no estreito de Bab-el-Mandeb, e chegou até Djeddah, isto é, mais longe que Albuquerque; mas não fêz mais, porque antes de chegar ao ancoradouro teve que navegar uma milha entre os recifes, que só deixavam livre uma estreita passagem, e, quando chegou, encontrou a praia defendida pelas baterias inimigas. Quis tomar a praça por surpreza, mas esta tentativa não deu resultado, e só logrou incendiar alguns navios. Estando ainda a bloquear a praça e o porto, recebeu notícia certa de que os turcos tinham invadido o Egypto e derrotado o sultão d'este país; de modo que por então nada tinha que temer d'elle nem dos turcos quanto á India, razão por que Soares não quis sacrificar inutilmente gente n'aquellas aguas insalubres e preferiu abandoná-las. Passando por Camaran encontrou a ilha abandonada pelos mahometanos, mas, além de agua potavel, não achou outra coisa. Para obter víveres, tomou de assalto e saqueou a cidade de Zeila (1) na costa d'Africa, porque, além da gente que perdeu em varios naufragios, tinham perecido muitos homens de fome, de sêde e de cansaço. Barros calcula o numero de baixas por todas estas causas em 800 homens; e Osorio, na sua obra latina já citada, exprime-se indignado sobre estes desastres e sobre o chefe nos termos seguintes: «Com perda de homens e de navios, carregado de vergonha e opprobrio, regressou Soares a Ormuz; nem occupára Aden, nem destruira a esquadra do sultão em Djeddah, nem sequer desembarcára no seu país, a Abyssinia, o embaixador do rei Matheus, que estava a bordo de seu navio» (2).

Ao regressar á India, a tempestade dispersou de tal maneira a esquadra, que alguns navios fôram levados até Melinde, e mesmo até Moçambique. Assim acabou lastimosamente esta grande emprêsa.

Melhor resultado teve Soares com a sua emprêsa de Ceylão. Esta ilha era visitada por navios portugueses desde o anno de 1506; e a ella accorriam directamente os navios mercantes árabes desde a conquista de Ormuz, Gôa e Malaca e a occupação militar dos portos principaes da costa occidental da India Anterior. N'ella e, sobretudo, no porto de Colombo, se proviam os árabes d'especiarias evitando d'este modo as collisões com os portugueses na costa do Malabar. Na sua viagem de regresso ao seu país passavam pelas ilhas Maldivas, indo parar finalmente a Aden. Para fechar-lhes tambem esta via, ordenou o rei D. Manuel que fôsse occupado permanentemente o porto de Colombo, mas o principe do país não se resignou a ceder á intimação de Soares emquanto não fôram derrotadas as suas forças. Em consequencia d'esta derrota, teve de consentir na construcção d'uma cidadella portuguesa, e entregar annualmente á feitoria de Cochim, á maneira de tributo, 300 bahares (1.200 quintaes approximadamente) de canella, 12 anneis com saphiras e 6 elephantes. Depois d'esta victoria, entregou Soares o govêrno ao seu successor e embarcou em 20 de Janeiro de 1519 para Portugal, levando uma frota de nove navios carregados de mercadorias. Barros diz: «Parece que toda a fortuna d'elle, Lopo Soares, estava em ir e vir com sua frota e bôa carga d'especiaria» (3).

---

(1) Sobre esta cidade v. Barros (*Asia*, Dec. III, liv. I, cap. V, pag. 56).

(2) V. o passo correspondente da versão de Francisco Manuel do Nascimento (*Da vida e feitos d'El Rey D. Manuel*, tomo III, pags. 189-190).

(3) Reproduzimos a phrase tal como vem em Barros.

Deixaremos por agora as expedições que fôram mais a léste para explorarem n'aquellas regiões extremas, afim de apresentá-las mais adiante em conjuncto, e continuaremos, entretanto, a nossa narração dos successos que occorreram na India Anterior e na parte occidental do Oceano Indico. Reduziremos tambem esta narração ao mais necessario, pois que nos 10 annos que se seguiram ao govêrno de Soares ha a registar poucos feitos importantes.

Seguiu-se a Soares na capitania-mór Diogo Lopes de Sequeira, que a teve a seu cargo desde 1519 a 1521, e a quem já conhecemos por ser o primeiro português que visitou Malaca, no anno de 1509. Chegou á India no mês de Setembro de 1518 com uma grande esquadra e 1.500 homens de tropas. Por ordem do rei emprehendeu em 1520 uma expedição ao Mar Roxo, porque o govêrno português tivera notícia de que os turcos preparavam no Egypto uma grande expedição á India. Sequeira não obteve melhores resultados que os seus predecessores; junto ao estreito de Bab-el-Mandeb naufragou o seu proprio navio, podendo salvar-se elle, e a demais gente, a bordo d'outro navio. Não chegou sequer até Djeddah; saíu do Mar Roxo e arribou ao porto de Masaua ([1]) na costa d'Abyssinia, onde desembarcou por fim o embaixador d'este país, que já acompanhára Soares na sua esquadra. Foi esta a primeira vez que portugueses aproaram a este porto ([2]).

D'ali partiu Sequeira para Ormuz, onde choveram sobre elle tantas ordens do rei, que não soube qual cumprir primeiro, porque lhe mandavam construir fortalezas nas Molucas, nas ilhas Maldivas e em Chaul, na India Anterior e, feito isto, regressar ao Mar Roxo, conquistar Diu, enviar navios á China, não falando no mais. De tudo isto só realizou a construcção da fortaleza de Chaul, porque a sua grande expedição com mais de 40 navios contra Diu saíu frustrada, e para dirigir outra contra o Egypto não lhe ficou tempo, porque o seu govêrno expirou antes. Estava reservado ao filho de Vasco da Gama, Estevão da Gama, o penetrar, em 1541, até ao extremo septentrional do Mar Roxo e chegar a Suez.

Antes de ser substituido Sequeira morreu o rei D. Manuel em 13 de Janeiro de 1521([3]), e seu filho D. João III mandou, em 1522 ([4]), á India, com o cargo de capitão-mór, Duarte de Menezes, que se distinguira na campanha d'Africa, junto a Tanger, e era considerado como um dos varões mais notaveis de Portugal. Não obstante, na India não houve louros para Menezes, porque n'aquelle tempo pouco faltou para que se perdesse a importante praça de Ormuz. Em 1521 amotinou-se o povo d'esta praça, porque os portugueses tinham nomeado os mestres ou officiaes do porto (verificadores das receitas), o que deu logar a uma conspiração que tinha por fim matar os extrangeiros ([5]); e, effectivamente, fôram surprehendidos e mortos n'uma noite 125 portugueses que sem suspeitarem de nada habitavam tranquillamente na cidade. A cidadella resistiu por grande fortuna, e ao ver o rei d'Ormuz que o seu plano não tivera exito completo, retirou-se com todo o seu povo para a ilha de Kishm ([6]), situada mais ao norte, depois

---

([1]) *Maçuá* (Barros).

([2]) Barros dá Pero Vaz de Vera como o primeiro que visitou aquelle porto.

([3]) 13 de Dezembro.

([4]) D. Duarte de Menezes foi ainda nomeado por D. Manuel, embora assumisse o govêrno já depois da morte d'aquelle soberano.

([5]) Barros menciona nominalmente os seis officiaes portugueses, que eram o juiz da alfandega, o thesoureiro e quatro escrivães (*Asia*, Dec. III, liv. VII, cap. II, pag. 120).

([6]) *Queixome* (Barros).

d'entregar a cidade ás chammas. Ao ter conhecimento d'este facto, o capitão-mór mandou a Ormuz seu irmão, Luís de Menezes, o qual conseguiu restabelecer a paz; a população mercantil regressou e o rei obrigou-se a pagar um tributo annual de 20.000 xerafins. Chegou depois o proprio Duarte de Menezes, que acabou de restabelecer a ordem, e fortificou a posição de Portugal na ilha.

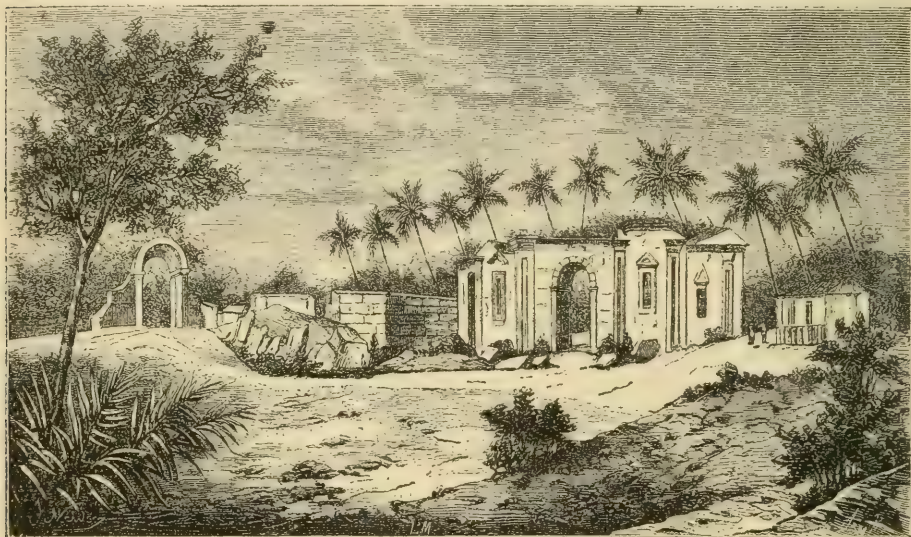
Teve por successor Vasco da Gama, cuja nomeação promettia uma direcção firme e energica dos negocios da India, e o despertar do enthusiasmo e actividade por brilhantes façanhas após o cansaço que se ia manifestando. Por desgraça estas esperanças não se realizaram, porque só teve o govêrno supremo tres meses. De resto, extranhou-se com razão que este homem, descobridor da rota maritima, não tivesse sido utilizado desde 1502 no serviço da India, até que outro rei, D. João III, o tornou a empregar, mandando-o áquelle país com o cargo de vice-rei, que desde D. Francisco d'Almeida nenhum capitão-mór havia tido. Porventura não agradava ao rei D. Manuel o caracter resoluto e franco de Vasco da Gama. Na comitiva d'este fôram á India seus filhos, Estevão e Paulo, os capitães Henrique de Menezes e Lopo Vaz de Sampaio, que ambos posteriormente fôram capitães-móres.

Chegou o novo vice-rei a Gôa a 23 de Setembro, e em seguida dedicou-se com afinco a examinar a administração, na qual se tinha introduzido, em prejuizo das rendas reaes, toda a casta d'abusos e de fraudes. Gama trabalhou em favor dos interesses do Estado, porque dizia que preferia enriquecer o rei, já que um rei rico era a maior fortuna para um povo, a permittir que enriquecessem pessoas que iam pobres de Portugal para reunirem, na India, thesouros, sem terem capacidade especial para serem empregados no serviço d'El-rei. Animado d'este principio foi inexoravel com os funccionarios ricos, e não collocou ninguem sem ter examinado antes escrupulosamente até aonde alcançavam a sua capacidade e demais qualidades. Não permittiu que nenhum particular, seu compatriota, navegasse sem licença, sob pena de morte; e aos funccionarios publicos que tomavam parte em negocios impôs, além d'isso, a pena de confiscação do navio e carregamento.

Como então os navios mercantes portugueses levavam canhões por causa do contínuo estado de guerra no Mar Indico, muitos donos de navios tinham-se apropriado d'estas peças dos arsenaes do rei, d'um modo fraudulento; Gama reclamou-as como vice-rei, ordenando que no prazo de poucos meses as devolvessem aos arsenaes d'onde as houvessem tirado. D'este modo, assim desarmados, diminuiu muito o espirito particular de iniciativa, augmentando, em compensação, o commercio do rei. Os administradores e outros funccionarios do govêrno não se tinham contentado com permittir a saída de peças d'artilheria dos arsenaes do rei, senão que muitos defraudaram e empregaram em emprêsas mercantis fundos do erario, e a estes obrigou Gama tambem a restituir o importe do que pôde averiguar que fôra roubado. Fê-lo sem consideração pela posição nem pela categoria das pessoas, tanto que reclamou até do seu predecessor, Duarte de Menezes, sommas de que este se apropriára das receitas das feitorias.

Semelhante regimen íntegro e severo teria dado excellentes fructos se tivesse durado; mas por desgraça morreu Vasco da Gama a 24 de Dezembro de 1524 em Cochim. O cadaver, vestido de sêda, coberto com a capa da Ordem de Christo, cinjida a espada, e calçadas as esporas de ouro, depois de ter estado exposto alguns dias, foi sepultado na capella do convento de São Francisco. No anno de 1538 fôram trasladados os restos mortaes para Portugal e sepultados na Vidigueira, onde o populacho destruiu o sepulchro em 1840.

Barros descreve Vasco da Gama como um homem de estatura mediana, arrojado e

valoroso nas suas emprêsas guerreiras, rigoroso no mando, terrivel nos seus momentos d'ira, incansavel no trabalho, perseverante em meio dos perigos e incorruptivel na administração da justiça. A estas qualidades, accrescenta Correia que, unicamente por zêlo religioso e para gloria do seu país, se lançou tantas vezes no meio dos maiores perigos, de modo que no caracter de Vasco da Gama sobresaem, como traços fundamentaes, a ambição cavalleiresca de distinguir-se nas armas e a de propagar a sua crença: dois móveis que então eram quási inseparaveis, porque ás almas mais nobres

Ruinas do palacio de Daugim.

d'aquella época pareciam as guerras na India guerras santas, cruzadas contra o inimigo eterno do Christianismo ([1]).

Morto o pae, regressaram os filhos de Vasco da Gama desde logo a Portugal.

Seguiu-se-lhe no cargo Henrique de Menezes, homem novo e valente que se distinguira na guerra de Marrocos, e ao tempo era governador de Gôa, mas que morreu a 23 de Fevereiro de 1526 em consequencia de uma periostose. Uma real ordem nomeou seu successor Pedro Mascarenhas, então governador de Malaca; como, porém, se suppunha que passaria algum tempo antes que este pudesse partir de Malaca com a monção favoravel para encarregar-se do govêrno em Gôa, e como por outro lado as contínuas luctas na costa do Malabar reclamavam com urgencia uma direcção superior energica, em conformidade com uma disposição do rei, os capitães elegeram um governador interino até á chegada de Mascarenhas. Em consequencia d'isso, os chefes portugueses elegeram para o cargo de capitão-mór Lopo Vaz de Sampaio, ao tempo governador de Cochim, o qual immediatamente se encarregou da direcção do govêrno. N'isto chegou uma ordem de Lisboa, de quando se ignorava

---

([1]) Sobre o govêrno de Vasco da Gama o auctor combina os elementos ministrados por Barros e Correia (v. *Lendas da India*, tomo II, parte II, pag. 846, e *Asia*, Dec. III, liv. IX, cap. II, pag. 370).

ainda a morte do capitão-mór Menezes, ordenando que quando este terminasse o govêrno se encarregasse da capitania-mór Lopo Vaz de Sampaio. D'aqui resultou um conflicto deploravel, porque, quando em 26 de Fevereiro de 1527 se apresentou Mascarenhas á vista de Cochim, communicaram-lhe que já não era governador geral da India e que só lhe seria permittido desembarcar como particular sem armas nem acompanhamento armado. Mascarenhas pretendia desembarcar desarmado, esperando encontrar partido e ser finalmente reconhecido governador geral; quando, porém, quis desembarcar com a sua gente, oppôs-se-lhe a força armada de terra, havendo uma refrega em que Mascarenhas foi ferido duas vezes n'um braço, tendo que regressar para bordo do seu navio. Entregou, depois, sem resistencia os navios de carga que levava, bem como a prêsa de uma guerra feliz que tivera com o rei de Bintang, e dirigiu-se sem séquito a Gôa, onde pensou que o seu direito seria reconhecido por vias legaes e pacificas; mas, chegado que foi á barra da ria, foi detido o seu navio por ordem de Vaz de Sampaio, e carregado de cadeias foi levado prêso para Cananor. O seu partido não o abandonou e conseguiu que Sampaio accedesse a submetter a questão a uma arbitragem amigavel. Os arbitros decidiram a favor de Lopo Vaz e então regressou Mascarenhas, em Dezembro de 1527, a Portugal, onde, antes que chegasse, tinha decidido o rei, para tirar todo o motivo de competição e contendas de partido, nomear um novo governador geral em logar dos dois rivaes, e ao qual os partidos d'ambos podiam acatar sem deshonra nem humilhação (1). Este novo governador era Nuno da Cunha, que estivera já na India em companhia de seu pae, Tristão da Cunha. Escolha feliz, pois que desde a morte de Albuquerque nada importante tinham feito os seus successores, e as forças portuguesas tinham sido disseminadas e empregadas em emprêsas estéreis. No mês de Abril de 1528 saíu o novo governador geral do porto de Lisboa com 11 navios e 2.500 homens de tropas; perdeu um navio na costa de Madagascar; passou por diante das ilhas Comores (2) a Zanzibar e d'ali a Mombaça; tomou-a quási sem effusão de sangue e reduziu-a a cinzas, porque o cheik que ali governava, calculando que o clima insalubre expulsaria em breve do seu territorio os extrangeiros, não quis pagar o tributo que o português exigia (3). Não obstante estar bem inteirado, por cartas, das contendas que por causa do govêrno dividiam os portugueses da India em dois partidos, e apesar de estar destinado a substituir os dois contendores, preferiu dirigir-se primeiro a Ormuz para regular os negocios d'esta praça importante e invernar n'ella. Tomou ali disposições imparciaes a favor do rei indigena e applicou todo o rigor da lei aos altos funccionarios tambem naturaes do país, que tinham defraudado o erario público. Com isto ganhou Nuno da Cunha a confiança dos chefes da cidade.

Durante a sua estada em Ormuz entrou no porto Belchior de Souza Tavares, de

---

(1) Todo este miseravel conflicto vem miudamente narrado em Barros (Dec. IV, liv. I, cap. I; liv. II, caps. I a VI; liv. III, cap. I), e desenvolve-se em tôrno do systema das vias de successão, que se applicou pela primeira vez por morte de Vasco da Gama. Em appendice especial resumimos este conflicto, rectificando o auctor allemão que nem sequer allude áquelle systema de successão.

A decisão arbitral alludida no texto póde ver-se em Barros (Dec. IV, parte I, liv. II, cap. VI, pag. 164).

(2) «... Ilhas, que eram as que commummente chamam do Commoro...» Barros (Dec. IV, parte I, liv. III, cap. IV, pag. 267).

(3) As razões d'este ataque não são muito explicitas nem mesmo em Barros (Dec. IV, liv. III, cap. IV).

regresso d'uma expedição de exploração e de conquista a Bassorá ([1]), o primeiro português que tinha entrado na foz commum do Euphrates e do Tigre.

Em 15 de Setembro de 1529 partiu de Ormuz o novo governador geral e chegou a Gôa a 22 do mês seguinte. Occupou-se immediatamente dos preparativos para atacar com toda a energia a praça de Diu ([2]), cidade importante e porto formidavel do reino de Guzerat ([3]), que Albuquerque com o seu olhar de aguia se propuzera já conquistar, mas sem que chegasse a realisá-lo por causa d'outras emprêsas mais urgentes. Os seus successores haviam feito em diversas occasiões tentativas no mesmo sentido, mas todos os ataques haviam sido repellidos victoriosamente. Morto o seu governador, Melek-Eias, tinham-lhe succedido n'aquella dignidade seus filhos, Melek-Saca ([4]) e Melek-Toghan ([5]), que não eram vizinhos menos terriveis para os portugueses que seu pae, porque o sultão Badur de Guzerat, seu soberano e um dos principes mais poderosos da India, apoiava-os, como era natural.

Entretanto, celebrou-se em Cananor a entrevista entre o novo governador geral português e o seu antecessor, Lopo Vaz de Sampaio, o qual lhe entregou o govêrno, e foi aprisionado por ordem expressa do rei D. João III, por diversas queixas, que contra elle tinham sido dirigidas ao rei, de Ormuz e Cochim; mas, enviado para Portugal, foi logo posto em liberdade ([6]).

Ao versátil Samorim que, logo que os portugueses se afastavam dos seus dominios, rompia as pazes, fôram-lhe bloqueadas as costas dos seus Estados, paralysado o commercio e supprimidas as pingues rendas que d'elle tirava. Os mahometanos instigavam-no sempre a seguir esta attitude, movidos pelo interêsse. Não tardou em offerecer de novo a paz; mas, como não quis acceitar as condições que lhe impôs o português, continuaram as hostilidades, até que finalmente, em 1531, em consequencia de negociações habilmente conduzidas, consentiu em permittir a construcção de uma fortaleza portuguesa em Chali ([7]), tres leguas ao Sul de Calecut, em territorio do radjah de Tanur ([8]), seu feudatario. Nuno da Cunha não perdeu tempo, e, em Fevereiro de 1532, pôde já guarnecer esta nova praça com 250 soldados. Apesar d'esta concessão, continuou o Samorim, já occulta, já abertamente, a ser adversario dos portugueses.

O reino de Guzerat, ameaçado pela grande expedição que contra elle preparava o novo governador da India, extendia-se então por ambos os lados do golpho de Cambaya desde o golpho de Cach ([9]) até ao Sul de Bombaim. N'esta costa encontravam-se as antigas cidades mercantís, industriaes, opulentas e célebres de Patana ([10]), Diu, Cam-

---

([1]) Barcorá (Barros).

([2]) Dio (Barros).

([3]) Guzarate (Barros).

([4]) Melique Saca (Barros).

([5]) Melique Tocam (Barros).

([6]) Lopo Vaz foi prêso em Cochim, e, condemnado a prisão e a penas pecuniarias, foi perdoado pelo rei, segundo affirma Francisco de Andrade (Barros, Dec. IV, liv. IV, cap. II).

([7]) Challe (Barros).

([8]) Tanor (Barros).

([9]) Cacha, no *Mappa da India*, do Atlas Eborense, reproduzido no *Fernão Mendes Pinto e o Japão*, do sr. Christovam Ayres. Lisboa, 1906.

([10]) Patan; — «Cambayet a que chamam Cambaya»; — Baroche; — Surat; — Baçaim. (Barros). Á falta de indicação em contrario, sabe o leitor que são as transliterações de Barros que registamos. A toponimia costeira da India vem no cap. I do liv. IX da primeira dec.

baya, Baroch, Surate, Damão e Bassein, habitadas por commerciantes indios e mahometanos.

Cunha mandou atacar e saquear várias d'estas cidades em principios de 1530 por Antonio da Silveira com os navios necessarios, antes que elle se fizesse á véla, que foi no anno seguinte, com uma esquadra tão formidavel como nunca tinham reunido os portugueses [1], composta, segundo se disse, nada menos que de 400 navios, entre grandes e pequenos, com 3.600 soldados portugueses e um numero consideravel de tropas indias. Em logar de encaminhar-se directamente contra Diu, fêz rumo a um ponto situado mais a Léste, onde se encontra, a oito leguas a Nordeste d'aquelle porto, uma ilhota rodeada de penhascos, chamada hoje Searbett, e então Bete [2], e que nos annos anteriores tinha sido bem fortificada pelo governador de Diu, e possuia uma guarnição de 800 homens.

O português julgou não dever deixar á sua rectaguarda esta posição inimiga tão forte, e que estava situada perto das grandes cidades mercantis referidas. Esperava tomá-la com pouco trabalho e sem grandes perdas; mas a guarnição mahometana defendeu-se com o valor da desesperação, até que ficou anniquilada, e não só causou aos portugueses muitas baixas, entre ellas a perda de chefes eminentes, mas fez-lhes perder tambem muito tempo, que os de Diu aproveitaram com grande habilidade para fortificarem ainda mais a sua cidade, já forte pela natureza e pela arte. Diu estava situada defronte da extremidade meridional da peninsula de Guzerate e sobre uma ilha proxima da costa. Esta ilha tem milha e meia de comprido na direcção Léste a Oeste, e meia de largo. Em frente da costa achava-se o porto e a sua entrada abria-se para a parte oriental. Para o Sul estavam defendidas a ilha e a cidade por uma série de rochas, entre as quaes e sobre as quaes construira o governador da cidade baterias para repellir qualquer ataque do lado do mar; mais a Léste extendiam-se bancos d'areia que difficultavam a entrada da bahia, e o porto estava cerrado com cadeias.

Se os portugueses tivessem tido que luctar contra tropas indianas sómente, porventura teriam visto coroados de exito os seus esforços contra aquella praça forte; mas não foi assim. O sultão Badur recebera pouco antes um auxiliar inestimavel na pessoa do general turco Mustafá [3], que, ao saber do perigo que ameaçava Diu, acudira do Mar Roxo com dois navios e 800 soldados turcos aguerridos. Mustafá conhecia a tactica europeia e era ao mesmo tempo um official de artilheria de grande fama. Encarregado da defesa da cidade, causou aos portugueses, com as suas baterias, perdas enormes, que estavam muito longe de esperar. Nuno da Cunha inteirou-se logo da situação e do risco de um assalto; mas, como o seu soberano lhe tinha mandado intentá-lo, não quis expôr-se a ser qualificado de timido, e a 16 de Agosto [4] procedeu a um ataque geral, que foi repellido. Com isto, os portugueses, convencidos da inutilidade de novos esforços, retiraram-se para Chaul, ao Meiodia de Bombaim, limitando-se o resto do anno e o seguinte ao bloqueio e á pequena guerra maritima, apresando navios

---

[1] A composição d'esta esquadra póde ver-se em Barros (Dec. IV, parte I, liv. IV, cap. XII, pag. 434 e seguintes).

[2] Beth.

[3] Chau dos Rumes ou Rumecão. Sobre o significado de *Rumes*, veja-se o tomo indicado de Barros, cap. XVI, pag. 458 e seguintes.

[4] A acção foi a 16 de Fevereiro (Dec. IV, liv. IV, cap. XV, pag. 452) e de Correia se deprehende tambem que foi em Fevereiro de 1531, sem indicação do dia. (Tomo III, parte I, pag. 402).

mercantes e devastando os portos da costa. Mustafá recebeu em recompensa do seu grande serviço o titulo de Khan e o govêrno do districto de Baroch.

Pouco depois houve entre Badur e o sultão Humaiun (1) de Dehli questões que deram em resultado uma guerra. Esta guerra obrigou Badur a deixar poucas tropas nas suas cidades maritimas; e, querendo assegurar a rectaguarda, tratou de fazer a paz com os portugueses, para o que offereceu ao governador geral a cidade de Bassein, a ilha de Salsette e Bombaim em logar de Diu. O governador português acceitou a seguir a proposta, e em Janeiro de 1535 principiou a construcção de um forte em Bassein (2).

No decurso do anno Badur perdeu a sua campanha contra Dehli, e, vendo-se derrotado e perseguido pelo seu adversario, que occupou Cambaya, refugiou-se em Diu. Em tão grande apuro, quis ganhar a amizade dos portugueses e offereceu-lhes, no outomno do mesmo anno, designar-lhes um terreno perto da cidade, onde lhes permittiria levantar uma fortaleza que dominasse o porto em troca do livre tráfico da cidade com o Mar Roxo. Nuno da Cunha acceitou, assegurou livre transito a todos os navios, menos aos turcos; firmou com o sultão um tratado offensivo e defensivo e iniciou a construcção de uma solida fortaleza (3).

N'isto viu-se obrigado o sultão de Dehli a evacuar o territorio de Badur, para acudir a differentes pontos dos seus Estados e livre já Badur de tão perigoso inimigo, arrependeu-se de ter permittido aos portugueses a construcção da fortaleza. Para desembaraçar-se d'elles, entrou em relações com outros principes do Decan, continuando apparentemente amigo dos portugueses; mas o governador geral da India portuguesa teve conhecimento do que Badur tramava e em Janeiro de 1537 apresentou-se diante de Diu. Ali foi visitado a bordo do seu navio pelo sultão; mas, quando Badur regressou á cidade teve uma collisão lamentavel e involuntaria por causa d'um equivoco entre a embarcação do sultão e algumas naus portuguesas que a seguiam (4). Os portugueses aproveitaram a confusão do momento e a consequente morte do sultão e occuparam a cidade sem grande trabalho; mas, tendo notícia de que se approximava um grande exercito de Guzerat, tornaram a recolher-se á sua fortaleza. Esta não tardou a ser sitiada rigorosamente por mar e por terra, pois em 1538 apresentou-se diante de Diu uma esquadra turca formidavel (5) com 7.000 soldados. A fortaleza soffreu durante 25 dias um horroroso fogo que o inimigo abriu sobre ella com grandes peças de sitio (6). O seu valente commandante, Antonio da Silveira, sustentou-se, apoiado pelo enthusiasmo dos seus, porque Barros diz que até nobres damas portuguesas trabalhavam na reconstrucção das muralhas que a artilheria inimiga destruia, com o que animaram não pouco o valor da pequena guarnição. Tendo, finalmente, o inimigo aberto uma grande brecha, deu um ataque geral, mas foi rechaçado. N'isto chegaram alguns navios

---

(1) El-Rey Omaum dos Mogoles — Delij.

(2) Correia (tomo III, parte II, pag. 585) fala apenas nas «terras e rendas» de Baçaim; Barros tambem não inclue Salcete e Bombaim n'aquella concessão.

(3) Decada IV, parte II, liv. VI, cap. XII, pag. 68 e seguintes.

(4) As embrulhadas peripecias que determinaram este desenlace veem na década citada, liv. VIII, cap. V, pag. 357.

(5) Decada IV, parte II, liv. X, cap. VIII, pag. 636.

(6) «... nove basiliscos... cinco espalhafatos... quinze leões e aguias, quatro colobricias e alguns canhões de bater...» Da outra artilheria, diz ainda Barros, «haveria oitenta peças entre esperas, salvagens meias esperas e falcões», não falando de um quartao «que era um temeroso instrumento». Id. ibid. cap. X, pag. 659.

portugueses enviados por Nuno da Cunha em auxilio da guarnição, que os turcos tomaram pela vanguarda da grande esquadra portuguesa cuja ehegada temiam, e tanto bastou para os determinar a levantarem o cêrco e retirarem-se [1]. A falta de novo auxilio teve por motivo a substituição de Nuno da Cunha por Garcia de Noronha que chegou e se encarregou do govêrno no mês de Setembro; pelo que necessitou de tempo para as suas resoluções e preparativos, de modo que, quando o auxilio estava prompto, não foi já necessario. A chegada dos primeiros navios bastára por um êrro feliz para salvar a guarnição, reduzida já a 40 homens válidos e no ultimo apuro, porque o resto ou tinha perecido na refrega, ou caído ferido ou doente do escorbuto, por causa da má qualidade da água da fortaleza, além de se terem acabado todas as munições de guerra. A esquadra turca largou a 5 de Novembro para o Mar Roxo e Diu ficou em poder dos portugueses.

Tal foi o ultimo successo notavel do govêrno de Nuno da Cunha, posto que o seu successor tivesse já chegado, quando se realisou. Garcia de Noronha, nomeado vice-rei da India, era sobrinho de Albuquerque, e chegou a Gôa em 11 de Setembro de 1538 com uma esquadra, assumindo immediatamente o govêrno.

Nuno da Cunha comprehendeu que caíra no desagrado da côrte de Lisboa, porque em logar de enviar-lhe um successor robusto e energico, como elle fôra antes que o clima da India tivesse abalado a sua saude, enviava-lhe um velho de 70 annos que, quando viu a posição de Diu no maior perigo, não soube proceder com actividade e fêz os seus preparativos com lentidão incrivel. Por outro lado, Garcia de Noronha, em vez de levar á India soldados verdadeiros, levou o refugo dos presidiarios, que careciam de toda a instrucção militar e inspiravam tão pouca confiança que os chefes portugueses preferiam tropas indigenas, e muitos, desgostosos, pediram licença e regressaram com Nuno da Cunha. O caso era que em Portugal se fazia sentir já a falta de mancebos, tanto que o govêrno se viu forçado a valer-se de presidiarios e de outra gente d'este jaez.

O novo vice-rei amargurou os ultimos dias que Nuno da Cunha passou na India, negando-lhe um navio para a viagem de regresso, sob o pretexto de que lhe faziam falta todos, pelo que o ex-governador teve que prolongar a sua permanencia em Cananor até ao mês de Janeiro de 1539. O homem que havia alargado e engrandecido o poder de Portugal tão gloriosamente, que tinha erguido as fortalezas de Diu, Bassein e Chali, que, segundo Barros, eram tão importantes como Ormuz, Malaca e Gôa, conquistadas por Albuquerque, teve que contratar á sua custa um navio para saír da India. Tamanha ingratidão d'um rei, a cujo serviço dedicára a sua vida com tão brilhante exito como desinterêsse, porque tinha ido muito novo para a India, acabou de arruinar a pouca saude que lhe restava e, quando embarcou, levava já comsigo o germen da morte. No seu testamento declarou solemnemente que nunca se apropriárá de nada que fôsse do rei, exceptuando cinco moedas de ouro do thesouro do sultão Badur, para mostrá-las pessoalmente ao rei á sua chegada [2]. Perguntaram-lhe

---

[1] «... certas fustas que o Vice-Rey *Dom Garcia* mandára por Antonio da Silva para de longe com ellas favorecer nossa fortaleza, e crerem os turcos, que trás ellas vinha a armada do Viso-Rey.» (Década IV, liv. X, cap. XVII, pag. 712). Além de incorrer n'este lapso, o auctor não accentuou, como Barros, a influencia que sobre o desfecho da lucta exerceu a desintelligencia entre turcos e guzerates.

[2] «E além do testamento que tinha feito, fêz por sua mão uma cédula, na qual disse,

nos seus ultimos instantes se queria que, no caso de morte, o seu cadaver fôsse levado para Portugal, e respondeu: «Se Deus tem determinado que morra no mar, quero que o mar seja meu tumulo. A patria, que tão ingrata se mostrou para commigo, não deve conservar os meus ossos.»

Falleceu sete semanas depois de ter partido de Cananor, e o seu cadaver, vestido com o habito da Ordem de Christo, com a espada cingida, foi lançado, conforme seu desejo, ao mar. O céo quis poupá-lo a um ultimo ultraje, porque o rei, demasiado fraco, prestando ouvidos a todas as accusações occultas e a todas as calumnias, enviára ao seu encontro um navio com ordem de prender o governador e conduzi-lo carregado de algemas a Portugal (1).

Esta ingratidão teve talvez por motivo que Nuno da Cunha não se dedicava bastante á propagação do Christianismo, e que fizera por motivos politicos concessões demasiado grandes ao sultão Badur. Precisamente dominava então no conselho do rei D. João III o elemento clerical, que acabava de introduzir em Portugal a inquisição.

Com Nuno da Cunha terminou o periodo aureo de Portugal na India. Muito tempo depois da sua morte viveu a memoria dos dez annos do seu govêrno, tanto que mesmo os que tinham sido seus adversarios, fôram depois seus apologistas.

Póde perguntar-se como é que fôram pagos com a maior ingratidão precisamente os homens de maior mérito e que mais fizeram na India em favor da sua patria; e não fôram sómente elles os que se queixaram, mas tambem os historiadores fôram da mesma opinião. Isto não se explica senão pela impossibilidade em que taes homens se encontravam de cumprir todas as innumeraveis ordens e instrucções que lhes enviava o govêrno de Lisboa, demasiado distante do theatro dos acontecimentos para conhecê-los bem e poder tomar resoluções acertadas; ao passo que considerava, por outro lado, como rebellião e como tentativa de usurpação toda a resistencia ás ordens do rei, todo o acto contrario ás instrucções e até toda a acção independente. A isto se ajuntava que muitos nobres portugueses consideravam o serviço na India como um meio excellente de juntar rapidamente um grande cabedal, ainda que fôsse por meios censuraveis, como o provam as muitas queixas e os innumeraveis processos instaurados pelos governadores. Outras vezes não queriam conformar-se com as ordens do governador ou se rebellavam contra elle; e se, depois, para serem julgados, eram enviados á mãe-patria, accusavam insolentemente o seu chefe superior na India; e com o apoio de protectores na côrte e na camarilha do rei, podiam fazer chegar as suas calumnias até ao soberano, que quási nunca ouviu senão relações desfiguradas e juizos falsos, de sorte que justamente os seus logares-tenentes mais energicos eram os que vinham por fim a inspirar-lhe mais desconfiança e odio.

Examinando agora a situação politica de Portugal na India á morte de Nuno da Cunha, resulta que o centro do poder português estava na costa occidental da grande peninsula asiatica; mas seria um grande êrro acreditar que esse poder se extendia ao interior do país e que dominava n'uma vasta superficie. Isto não entrou nunca no

---

entre outras palavras, que jurava, por aquella hora em que estava, não ter da fazenda d'El-rei mais que cinco moedas d'ouro, etc.». Década IV, liv. X, cap. XXII, pag. 748.

(1) Na Década V de Diogo do Couto (liv. V, cap. V, pag. 451) se refere este triste caso; um pouco atrás (pags. 272 a 274) se registam os motivos que parecem ter imperado na côrte ou no rei para a escolha do successor de Nuno da Cunha, com a qualidade em que devia ir investido, e que nada teem que ver com a explicação, aliás de bom lutherano, que o auctor allemão nos dá do facto.

no plano do govêrno português, que sempre se limitou, primeiro a encontrar um caminho maritimo para o país das especiarias e depois a estabelecer o monopolio

Nuno da Cunha. (Das «Lendas da India»).

d'este commercio. Portugal sempre procurou viver em paz com os principes indigenas, e ao mesmo tempo expulsar, de bom grado ou á força, do mar da India os sectarios de Mahomet, inimigos irreconciliaveis do Christianismo, os quaes tinham tido até ali o

monopolio do commercio entre a India e a Europa. Queria que os seus navios desapparecessem da India e o poder mussulmano fôsse arrojado, se pudesse ser, até os ultimos limites do Mar Roxo e do golpho Persico. Para este fim era indispensavel ter muitos navios, que cruzassem constantemente aquelles mares e vigiassem aquellas costas para bloqueá-las, apresar todos os navios mahometanos carregados de especiarias e fechar-lhes todos os caminhos. E para tudo isto eram precisas a Portugal grandes esquadras e fortalezas nas praças mercantís mais importantes da India.

Os principes que consentiam em que os portugueses construissem nos seus territorios uma fortaleza de pedra e ali pusessem guarnição, eram por isso considerados como alliados de Portugal, e em caso contrario estavam expostos a contínuos incommodos, e ataques pelo lado do mar, da parte dos portugueses. O resultado foi que estes chegaram a possuir um numero notavel de fortes permanentes, e que os principes indigenas continuaram no interior dos seus Estados com a anterior independencia. Só em tres pontos possuiam os portugueses, por tratado ou por direito de conquista, cidades maritimas com o territorio que lhes pertencia, e eram Diu, Bassein com a ilha de Salsette e Gôa; todas ellas estavam situadas em pequenas ilhas proximas da costa, podendo assim ser melhor defendidas pelos conquistadores, que eram n'ellas senhores absolutos e souberam assegurar-se d'estas posições com o tempo, transformando-as completamente em cidades portuguesas, como Albuquerque fizera a respeito de Gôa, isto é, facilitando o estabelecimento de europeus e criando uma população portuguesa.

Isto explica tambem porque Gôa e Diu, que, de resto, perderam ha muito tempo a sua importancia mercantil, continuam a pertencer a Portugal. Fóra da India propriamente dita, os portugueses possuiam ainda Malaca por direito de conquista; mas com muito trabalho puderam conservá-la só até ao século seguinte. Em Ormuz eram tambem os verdadeiros donos, posto que deixassem no seu throno o rei indigena; e, além d'isso, pagavam-lhes tributo uma série de praças maritimas árabes e da costa oriental da Africa.

No capitulo que se segue daremos a conhecer o papel que os portugueses tiveram nas Molucas; e, deixando por agora os successos historicos da India Anterior, dirigiremos o nosso olhar para as ilhas e países mais orientaes e meridionaes da Asia, para narrar como fôram descobertos pouco a pouco até que as explorações geographicas chegaram por um lado ao Japão, e, por outro, até perto do continente Australiano.

9. — Os portugueses nas Molucas

A Sudeste da India Ulterior extende-se o vasto archipelago malayo composto das ilhas da Sonda com as Molucas e as Filippinas. Poucas pessoas por certo formam uma ideia correcta da extensão d'este mundo e da das ilhas principaes de que consta. A somma da superficie de todas as ilhas que compõem esta parte do mundo tão pittoresca e tão favorecida de productos tropicaes, que é cortada pelo Equador n'uma extensão de 35 graus, é tão grande como a de toda a Europa, e a sua população total é hoje calculada em 35 milhões; de maneira que esta é maior que a de toda a America do Sul. As ilhas da Sonda são das mais dilatadas do nosso globo: Bornéo é maior que todo o Imperio allemão com a Suissa, a Belgica, a Hollanda e a Dinamarca. Samatra é tão grande como a Prussia e a Baviera juntas; as Celebes podem comparar-se com a Gran-Bretanha, e Java não cede em superficie á Allemanha meridional. O viajante, diz

Carta do Cabo de Camorum até ao Japão e ás Molucas. – *(Do Atlas manuscripto de Vaz Dourado, existente no Archivo Nacional – Torre do Tombo).*

A. R. Wallace em sua obra *O Archipelago Malayo,* navega dias e até semanas ao longo das costas de uma só d'estas ilhas, que ás vezes são tão dilatadas que os seus habitantes a consideram como continente. Admira-se quando observa que as viagens em volta d'estas ilhas duram semanas e meses, e quando observa que os povos distinctos que habitam uma mesma ilha se conhecem tão pouco entre si como os da America do Norte e os da do Sul. Por outro lado, não tarda o viajante a considerar esta região como um mundo áparte, muito differente do resto do nosso globo; um mundo povoado de raças humanas, *sui generis,* cada uma com as suas ideias, crenças, caracteres, costumes e idiomas; com os seus climas, floras e faunas especiaes; e tudo isto lhe imprime um cunho inteiramente particular.

Exactamente á distancia de 25 graus da cidade de Malaca começam as Molucas

Convento de S. João de Deus (Gôa).

propriamente ditas, ou ilhas das especiarias, perto da costa Oeste da accidentadissima ilha de Halmahera ou Giloio, entre o 1º e 2º de lat. Norte. As mais importantes são Ternate e Tidor. A umas 60 e 80 milhas respectivamente, ao Sul e a Sudeste d'este grupo ha outros dois grupos de ilhas, ao Sul da prolongada ilha de Ceram, que tambem produzem muitas e ricas especiarias e se chamam Amboinas e Banda. Estes tres grupos são a patria da noz moscada e do cravo, sendo, contrariamente ás ilhas da Sonda, ilhas muito pequenas; de sorte que os productos mais preciosos do mundo vegetal só crescem n'um espaço reduzidissimo. Tidor tem apenas milha e meia quadrada de superficie, e Ternate uma milha [1]; mais não tem o grupo de Banda, mas as Amboinas medem juntas uma superficie de 17 milhas quadradas. A população não chega a 100.000 almas, de modo que a sua densidade vem a ser como a densidade média da Allemanha.

[1] A milha allemã (Estados do norte) é de $7^{km},5$ e, consequentemente, a milha quadrada é igual a $56^{km^2},25$ (Lei de pesos e medidas de 17 de agosto de 1868).

Estas ilhas fazem parte do grande annel vulcanico que, partindo das Filippinas, se extende ao Sul para além das ilhas de Banda, e no sentido de Oeste e Noroeste para além de Samatra. Por este circulo está envolvida Borneo, a maior de todas aquellas ilhas, que são, sem excepção, vulcanicas, sendo formadas por elevados picos de 4.000 a 5.000 pés de altura, em cujo interior ferve ainda a força eruptiva que espanta e aterroriza os habitantes, ora com erupções assoladoras, ora com violentos tremores de terra. Em compensação, as cinzas vulcanicas e as lavas decompostas pela influencia das chuvas tropicaes, produziram uma feracidade assombrosa e uma vegetação arborea que cobre completamente as faldas e sopés dos vulcões. A maior d'estas montanhas das Molucas propriamente ditas, e ao mesmo tempo a mais perfeitamente conica, encontra-se em Tidor. A de Ternate é-lhe um pouco inferior em altura, mas tem um pico irregular e achatado. Esta montanha gigantesca começa na immediação da cidade; sobe a principio suavemente coberta de espessos bosques de arvores de fructo, e depois torna-se mais ingreme e atravessada de grandes fendas; mas quási até á cúspide, cuja cratéra despede constantemente debeis columnas de fumo, acha-se coberta de vegetação, offerecendo um aspecto bello e tranquillo, como se o seu fogo interior nunca arrojasse rios de lava nem fizesse tremer, como costuma com muita frequencia, a terra e a cidade, que tem sido destruida muitas vezes (1).

Depois da região das arvores de fructo vem uma zona de intervallos cultivados que se elevam até á altura de 2.000 a 3.000 pés acima do nivel do mar, seguindo-se logo a selva virgem que chega até á cúspide.

As costas d'estas ilhas são escarpadas e de côr denegrida, e estão cobertas d'areia vulcanica ou de grandes fragmentos de lava e de basalto. Só n'estas duas ilhas e em Motir e Maquian, de fórma analoga e situadas mais ao Sul, e em Batian, a maior e mais meridional de todas, crescia no tempo dos portugueses o cubiçado cravo (2). O navegador hespanhol, Urdaneta, que permaneceu ali desde 1526 a 1535, calculava a producção annual, em annos bons, em 11.600 quintaes, e em annos maus em 5.000 a 6.000 quintaes. Á sua chegada á ilha pagava-se o bahar, que pesava mais de 4 quintaes, a 2 ducados, e nove annos depois, quando partiu da ilha, pagava-se na India a mesma medida já a 10 e até a 14 ducados (3).

O segundo grupo em importancia é formado pelas tres pequenas ilhas de Banda, chamadas por Barros jardins de noz moscada (4) que florescem ao mesmo tempo com infinitas outras plantas e enchem o ar d'uma mistura de perfumes incomparaveis. Wallace descreve-as com igual enthusiasmo, como cobertas d'uma vegetação verde, brilhante e

---

(1) Veja-se a obra de Wallace.

(2) Estas cinco ilhas do Cravo são estrictamente as ilhas do Maluco, de Barros (Ternate, Tidore, Montel Maquiem e Bacham). A ilha de Gilolo ou Halmaera é a Batochina do Moro. (Dec. III, liv. V, cap. V, pag. 567). Vidè a nomenclatura do Atlas de Evora, já citado. A primeira descripção conhecida d'estas ilhas deve-se a Galvão que as visitou. Vidè «Tratado que compôs o nobre e notavel capitão, Antonio Galvão, dos diversos e desvairados caminhos», etc.. D'esta obra fêz uma edição bilingue o Vice-almirante Béthune, publicada pela Hakluyt Society. (Londres, 1862).

(3) Veja-se Navarrete, *Collecção de viagens e descobrimentos*, t. V, pag. 435. Madrid, 1837.

(4) «E a chamada Banda he a mais fresca e graciosa cousa que pode ser em deleitação da vista: cá parece hum jardim, em que a natureza com aquelle particular fruito que lhe deo se quiz deleitar na sua pintura.»

Década III, liv. V, cap. VI, pag. 586.

espessissima. Banda é um sitio encantador. As tres ilhotas estão agrupadas de maneira que o mar ao qual rodeiam forma um porto seguro, que á primeira vista não offerece nem entrada nem sahida, e cuja agua é tão transparente que a 12 e a 14 metros de profundidade se vêem com toda a clareza sobre o seu fundo de areia vulcanica os coraes vivos e os objectos mais pequenos. Na ilha mais pequena eleva-se o vulcão com o seu cume escalvado, despedindo continuamente fumo, ao passo que as duas ilhotas maiores estão cobertas de vegetação até ao cume das collinas. Apesar de todas as perdas que causam frequentemente os tremores de terra, e apesar da pouca superficie de todas estas ilhas, continuam a ser o ponto principal da producção da noz moscada em toda a terra. Quási toda a sua superficie está coberta de arvores que produzem este fructo, e que para prosperar necessitam da sombra do elevado *Kanarium commune*. O solo vulcanico, a sombra d'estas arvores e a humidade extraordinaria que reina n'estas ilhas, onde chove sempre em maior ou menor quantidade todos os meses, formam as condições que mais convém á arvore da noz moscada, que não necessita adubo nem cuidado algum. Todo o anno tem fructos maduros e flores, e poucos vegetaes cultivados em jardins podem competir com ella em formosura. A sua fórma é graciosa; a sua altura chega a 7 e 10 metros; as folhas são lisas e as flores pequenas e amarellentas; a noz madura é de côr escura, e está envolvida na flôr moscada ou macis (1) de côr carmesim e de bellissimo aspecto.

Urdaneta calculou no seu tempo a producção annual das ilhas de Banda em 7.000 quintaes de nozes e 1.000 quintaes de macis. O bahar de noz moscada, que n'estas ilhas equivale a 5 quintaes, custava 5 ducados, e o de macis custava 7 vezes mais. Para Portugal eram expedidos das Molucas annualmente uns 500 quintaes de cravo, 100 quintaes de macis e 200 quintaes de nozes moscadas.

As Amboinas, ao Sul de Ceram, formam o terceiro grupo e o maior, que é actualmente o principal centro mercantil das Molucas. A ilha mais importante d'este grupo é Amboina e é formada por duas peninsulas, quási inteiramente separadas pelos recortes da costa. Antes soffria esta ilha frequentes e fortes terramotos, mas desde o anno de 1824 parece ter-se extinguido o vulcão situado na parte occidental da ilha. O fundo do mar em tôrno d'ella é d'uma transparencia e claridade admiraveis, e o mundo coralino de côres magnificas, que deixa vêr na sua profundidade bem como os innumeraveis peixes azues, encarnados e amarellos, que vivem nas camadas inferiores, e as medusas transparentes alaranjadas, ou côr de rosa, que se agitam perto da superficie, offerecem um espectaculo mágico. O solo da ilha, onde não está arroteado para a cultura, está todo coberto de selvas impenetraveis enlaçadas por plantas trepadeiras.

No século XVI já esta ilha produzia cravo, ainda que não na quantidade do das Molucas; mas os habitantes tinham grandissima fama de excellentes marinheiros. Com effeito, os Malayos, devido á pullulação, nos seus mares, de innumeraveis ilhotas, fragmentos de um continente submerso, são marinheiros por necessidade. As especiarias que só estas ilhas Molucas produziam, faziam accorrer do Meiodia e de Léste do continente asiatico os navios árabes, indios e chineses para se proverem das preciosas mercadorias, para o que atravessavam todo o mar semeado de innumeraveis ilhas, até en-

---

(1) Sobre o cravo, a noz moscada e a maça, macis ou macir, v. Conde de Ficalho. «Flora dos Lusiadas» — Lx.ª 1880, p. 73 e 76, onde se rectifica a descripção de Ruge, sobretudo no tocante á maça, da qual Garcia de Orta já dera uma «descripção correctissima», segundo as proprias palavras d'aquelle illustre naturalista e escriptor.

contrarem as extremas, que tinham o privilegio de produzir exclusivamente as especiarias que os attrahiam. Este commercio fêz que em todos aquelles pontos se formassem pilotos praticos para conduzirem os navios, e tudo isto contribuiu para fazer d'estes malayos um povo marinheiro por excellencia.

Para além d'este mundo de ilhas, tão perfeitamente limitado para o Sul, não passavam os navegantes, nem extrangeiros nem indigenas; de sorte que nenhuma notícia tinham das regiões oceanicas mais meridionaes ou orientaes, ignorando completamente a existencia do continente australiano tão proximo; e como os portugueses tambem não tinham outro fim senão adquirir as especiarias, fizeram como os demais e não passaram do limite indicado.

Já dissemos n'outra parte que o grande Albuquerque, quando se apoderou do porto de Malaca, mandou Antonio de Abreu com tres navios para descobrir as Molucas, ultimo objectivo da politica mercantil de Portugal. Os capitães dos tres navios fôram Abreu, Francisco Serrão e Simão Affonso Bisigudo. Largaram em Dezembro de 1511 e de Malaca fôram á costa septentrional de Java e d'ali a Amboina (1). No caminho naufragou o navio de Serrão, mas a tripulação foi recolhida por um dos outros navios, e em Banda puderam os expedicionarios adquirir uma embarcação do país e carregar, de passagem, um dos navios. Abreu não foi mais longe, porque, tendo encontrado as ilhas das especiarias, ainda que não as mais privilegiadas, contentou-se com este resultado em vista da má condição dos seus navios, razão por que regressou a Malaca e, depois, com Peres d'Andrade, a Portugal. Pouco depois da sua partida de Banda, teve Serrão a nova desgraça de perder o navio recentemente adquirido na ilha, porque encalhou nos recifes coralinos de Nusa-Pinja (Luci-Para) (2) ao Sul d'Amboina. O capitão português pôde salvar-se com os seus na costa, onde vira pouco antes desembarcar a tripulação d'um navio corsario malayo, e de tal fórma procedeu, que conseguiu apoderar-se por astucia do navio, intimando os piratas, sob pena de ficarem abandonados, a reconduzil-os a Amboina.

Ali os portugueses fôram recebidos affavelmente, e soube o capitão que o sultão de Ternate, o mais poderoso das Molucas, porque cada ilha tinha o seu chefe ou soberano proprio, havia tido notícia da expedição de Abreu, esperando vê-lo na sua ilha; e, sabendo que estava em Amboina, lhe enviára um convite para que se dirigisse a Ternate na esperança de tomá-lo com a sua gente ao seu serviço. Esta mensagem chegára tarde; mas aproveitou-a Serrão por lhe offerecer occasião de conhecer a verdadeira ilha das especiarias, e foi com a sua gente a Ternate, onde se tornou amigo do sultão. Um navio malayo com carga destinado a Malaca, mas que encalhou na praia de Java, fêz chegar a notícia das aventuras de Serrão na primavera de 1513 a Malaca, d'onde foi despachado Antonio de Miranda d'Azevedo com uma esquadra para ir buscar os seus compatriotas extraviados. Á sua chegada sollicitaram a sua amizade os dois sultões rivaes e vizinhos de Ternate e de Tidor; porque ambos tinham ouvido havia algum tempo as façanhas dos poderosos extrangeiros na India. Ambos offereceram aos portugueses um terreno para se estabelecerem na sua ilha respectiva, julgando cada um com o seu auxilio vencer o seu rival, mas Miranda d'Azevedo limitou-se por então a cumprir a ordem recebida, levando comsigo a tripulação de Serrão, e deixando este ultimo em Ternate. Serrão deu-lhe algumas cartas para os seus amigos

---

(1) Ilha de Amboino (Barros), Damboino (Galvão).
(2) Luco-Pino ou Ilha das Tartarugas (Barros).

na India, entre as quaes uma para Fernão de Magalhães, na qual exaggerava a distancia das Molucas a Malaca, para apresentar-se como um descobridor de maior mérito que Vasco da Gama.

Esta carta teve consequencias muito grandes, porque Magalhães, não duvidando da veracidade do seu amigo e crendo as distancias exactas, julgou que as Molucas se achavam para além do meridiano fixado como limite entre os descobrimentos dos hespanhoes e portugueses e, fundado n'esta convicção, concebeu a ideia de ir a estas ilhas partindo de Hespanha, buscando a rota occidental, e tomar posse d'ellas em nome de Carlos V.

Em 1518 Tristão de Menezes visitou as Molucas e chegou a Ternate, onde encontrou Serrão. O sultão offereceu-se em seguida para construir para os portugueses uma feitoria solida, o que suscitou a rivalidade e desavenças com os sultões vizinhos de Tidor e de Batian, e, temendo Menezes que esta contenda o privasse de fazer um carregamento completo de especiarias, não acceitou o offerecimento do senhor de Ternate, dizendo-lhe que o seu rei só o encarregára de ir vêr os países productores de especiarias e obter os carregamentos para os seus navios. D'este modo pôde carregar o seu e 4 navios do país (juncos) e partiu, sendo acompanhado por Serrão, que tomou o commando de um dos navios, e por um embaixador do sultão. Os dois outros navios fôram confiados a Simão Correia e a Duarte da Costa. Pouco depois de ter sahido de Ternate, um temporal dispersou a flotilha; Menezes, com o seu navio, arribou a Banda, e as embarcações do país regressaram ás Molucas. Menezes, calculando que assim tivessem feito, regressou tambem e encontrou-os, effectivamente, na ilha de Batian, mas em lucta com os indigenas que tinham trucidado toda a tripulação, menos um homem do navio de Correia; e, não podendo já prestar nenhum auxilio a Correia, dirigiu-se a Amboina, completou ali o seu carregamento e regressou só a Malaca, onde morreu pouco depois. Serrão, por seu lado, pudera chegar a Ternate, onde ficou.

Logo que a notícia d'estes successos chegou a Lisboa, resolveu o govêrno mandar uma esquadra respeitavel ás Molucas, encarregando do commando d'ella Antonio de Brito, que sahiu de Portugal no anno de 1521 e chegou primeiro á India occidental e depois a Malaca, centro geral para todas as expedições dirigidas ao extremo Oriente. D'ali passou a Java, onde se lhe juntou Garcia Henriques com um navio português e tres do país; e mais adiante encontrou um navio javanês que vinha das Molucas e lhe mostrou um salvo-conducto castelhano. Sabendo Brito que Fernão de Magalhães entrára ao serviço de Hespanha e que o rei Carlos V lhe confiára navios para ir ás Molucas pela rota occidental, julgou immediatamente que este projecto devia ter-se realizado, passando a expedição hespanhola pelo extremo Sul da America.

A sua frota, dispersada por uma tempestade, tornou a reunir-se em Fevereiro de 1522 na ilha de Banda, onde Brito celebrou com o soberano um tratado de commercio, mas o principe não permittiu que os portugueses collocassem no seu país nenhum padrão. Brito continuou a sua viagem ás verdadeiras Molucas, castigou os habitantes de Batian pelo morticinio dos portugueses, e ao passar em frente de Tidor approximou-se-lhe o agente castelhano, João de Campos, julgando que os navios eram do seu país, porque effectivamente tinham chegado ali dois navios da expedição de Magalhães e tinham sido bem recebidos pelo sultão da ilha, ao passo que o de Ternate continuou affecto aos portugueses. João de Campos ficára ali na qualidade de agente, depois que os dois navios da sua nação haviam partido, tomando cada um uma direcção differente. Brito prendeu-o e levou-o comsigo para Ternate, onde, ao que parece, tinha já morrido Serrão. O sultão tambem morrera, e a sua viuva reinava com um parente, o

Cachil, ou seja o principe Taruwés, chamado Daroes pelos portugueses, na qualidade de co-regente em nome de seu filho, de menoridade.

Aproveitando o offerecimento feito a seu tempo pelo soberano defuncto, Brito construiu uma fortaleza perto da cidade, dando-lhe o nome de São João Baptista, porque no dia d'este santo foi collocada a primeira pedra. Ao mesmo tempo celebrou um pacto com a regencia, relativo ao preço das especiarias, fixando para os portugueses o do bahar de cravos em 800 reaes em dinheiro, ou 1.000 reaes em generos; mas este pacto não tardou em dar logar a toda a especie de abusos e de desavenças, ás quaes se ajuntaram desordens causadas pela ambição do principe Taruwés, que calumniou a co-regente para apoderar-se do govêrno. A regente teve que fugir para Tidor, e os portugueses prenderam-lhe o filho, com o que deram logar a complicações e hostilidades com o principe de Tidor (1).

No anno seguinte, 1523, Brito fêz regressar seu sobrinho, Simão d'Abreu, a Malaca por uma nova rota ao Norte de Borneo, porque até ali tinham passado os portugueses ao Sul d'esta ilha; o que contribuiu para alargar o conhecimento d'aquelles mares. Abreu largou no mês de Junho e chegou, depois d'uma travessia de 6 meses, com toda a felicidade, a Malaca.

Tres annos depois seguiu a mesma rota, de Malaca, em sentido contrario, Jorge de Menezes, por ordem do governador de Malaca, então Pedro de Mascarenhas, porque, segundo Barros faz resaltar expressamente, esta rota era ainda pouco conhecida. Menezes sahiu de Malaca a 22 de Agosto de 1526, entrou n'um porto de Borneo approximadamente a 5º de lat. Norte e passou depois entre Sulú e Mindanao (2), onde a monção de Oeste o levou muito além do fim da sua viagem, em direcção Léste, á costa septentrional da Nova Guiné. Foi, pois, o descobridor d'esta ilha, cujos habitantes, de tez quási negra e cabello crespo, receberam dos seus vizinhos occidentaes, os malayos, o nome de papúas, isto é, cabeças crespas. Só em fins de Maio do anno seguinte de 1527 é que chegou Menezes a Ternate, seu destino, depois de ter gasto 8 meses em viagem, do que póde inferir-se o custoso e lento da communicação entre Malaca e as Molucas.

Brito, entretanto, em 1524, recebera reforços com a chegada de Martim Affonso de Mello Jusarte e de Martim Correia, procedentes da India com seus respectivos navios.

Não longe das Molucas, para Oeste, encontra-se a ilha das Célebes, que, pela sua fórma recortadissima foi tomada então por um archipelago, e, falando-se muito da sua riqueza em ouro, foi enviada de Ternate uma fusta para fazer o seu descobrimento. Os habitantes repelliram todas as tentativas do capitão da fusta em quantos pontos pretendeu desembarcar, razão por que resolveu regressar a Ternate; mas no caminho sobreveiu a monção, levou-o na direcção Nordeste ao Pacifico, e, depois de o ter impellido por espaço de 200 leguas, fe-lo arribar á praia d'uma das Mariannas ou dos Ladrões, descobertas já então por Magalhães. Ali detiveram ventos contrarios a embarcação quatro meses e só no mês de Janeiro de 1526 conseguiu regressar ás Molucas (3).

---

(1) O auctor, que, n'esta parte da sua obra segue de perto Barros, diverge d'elle n'este passo, ou por menos exacta interpretação, ou por utilização d'outra fonte. (Veja-se Barros, déc. III, cap. IX).

(2) «Entre Mindanao e Taguima» (Barros, déc. IV, liv. I, cap. XVI), pag. 103.

(3) Trata-se das viagens de Gomes de Sequeira, a de 1525 e a de 1527 referidas por Barros na déc. III, liv. X, cap. V e na déc. IV, liv. I, caps. XVI e XVII. E. A. de Bettencourt nos seus já citados «Descobrimentos, guerras e conquistas dos portuguezes, etc.» (pags. 216 e

N'este tempo foi demittido Brito e nomeado para o seu cargo Garcia Henriques, que, pelas suas determinações desacertadas, comprometteu a posição dos portugueses n'aquella ilha e nas proximas, pelo que foi substituido por Menezes.

Dá uma prova do proceder e do caracter de Henriques o facto de ter-se querido desfazer do seu successor, Menezes, aprisionando-o com falsos pretextos e accusações; e, quando finalmente teve de pô-lo em liberdade e reconhecê-lo como governador e logar-tenente, mandou encravar os canhões do forte, porque temia que Menezes, por vingança, mettesse a pique a tiros de canhão o navio em que tinha de embarcar.

Aqui suspendemos a narração dos successos que occorreram nas Molucas, para continuar mais adiante, quando conheçamos as expedições hespanholas a estas ilhas, com as quaes estão estreitamente ligados.

10. — A lenda das Ilhas do Ouro e da Prata

Sempre que grandes conquistadores ou ousados marinheiros teem descoberto e dado a conhecer por expedições maritimas ou terrestres a países ignorados ou pouco conhecidos antes, alargando súbita e consideravelmente o horizonte da humanidade, a phantasia excitada dos povos tem accrescentado a sua parte imaginaria e fabulosa aos descobrimentos positivos. Assim succedeu á raça grega depois da expedição de Alexandre Magno á India, aos portugueses á medida que se approximaram do mesmo país, e, posteriormente, aos hespanhoes quando descobriram a America.

Uma d'estas fábulas fascinadoras foi a das ilhas do ouro e da prata, dos antigos, fábula que durante a Idade-média continuára a dormitar até que os descobrimentos dos portugueses a despertaram, dando-lhe nova vida.

Quando, em tempo dos successores de Alexandre Magno, se conheceu melhor a India Anterior, e alguns navegantes cruzaram o golpho de Bengala, chegando até ás praias da India Ulterior, espalhou-se pela Europa a fábula d'uma ilha do ouro situada no longinquo Oriente. Depois foi dado o nome de país do ouro, da prata e do cobre aos países mais orientaes da Asia, segundo o valor dos productos que d'elles vinham [1]. Estes países não podiam ser senão os reinos da Birmania e de Sião, cujos principes no tempo de Marco Polo ostentavam nas suas pessoas e edificios uma riqueza fabulosa de metaes preciosos, segundo vimos ao falar das viagens do célebre veneziano e de seu pae e tio. Por outro lado, conhecia-se na Grecia antiga a peninsula de Malaca pelo nome de Chersoneso Aurea; e, além d'esta, Ptolomeu fala na sua geographia de uma ilha aurifera. O facto era que no Oriente existia indubitavelmente uma grande riqueza de metaes preciosos.

Nos auctores latinos apparece esta ideia sob fórma mais phantastica e mais vaga, subsistindo a das ilhas do ouro e da prata, mas discordando as opiniões sobre se estas ilhas eram inteiramente de ouro e de prata, ou se sómente eram terras que encerravam em seu seio grandes jazigos d'estes metaes. Quanto á sua situação, contentavam-se estes escriptores em collocá-las n'uma região indeterminada do extremo Oriente.

Dos latinos passou a fábula, na Idade-média, para outros países europeus, por meio das obras de Plinio, porque do idioma e dos auctores gregos perdeu-se depressa a

---

segs.) discute este problema, inclinando-se a identificar o descobrimento de Sequeira com as Carolinas.

[1] E. Kiepert, Manual de Geographia antiga.

memoria com as grandes invasões. Os dados do citado compilador latino e de Solino, que depois o copiou, prevaleceram na Europa mais de dez séculos. Plinio diz: «Para além da foz do Indo estão, creio, as ilhas de Chryse e de Argyra (nomes que significam ouro e prata), que abundam em metaes, pois, embora alguns tenham dito que consistem inteiramente em ouro e prata, torna-se muito difficil acreditá-lo.»

Tumulo de S. Francisco Xavier.

Solino, sempre inclinado a augmentar ainda mais o maravilhoso, modificou a narração de Plinio, dizendo que as ilhas eram tão ricas que, segundo a maior parte dos auctores (?), o seu sólo era inteiramente de ouro e prata.

Pomponio Mela é mais circumspecto, mas Plinio e Solino prevaleceram, tanto que Izidoro de Sevilha escreveu no século VI: «Chryse e Argire abundam em ouro e prata. Ali (isto é, na India em geral) ha montanhas d'ouro, cujo accesso é impossivel por o impedirem dragões, gryphos e immensos monstros de fórma humana.»

No século VII mencionou estas e outras ilhas, mas em poucas palavras, o geógrapho de Ravenna, e o mesmo fazem Rabano Mauro no século VIII, Hugo de São Victor no século XIII, e Pedro d'Ailly, o cardeal de Cambray, em principios do século XV (1).

Estava tão generalisada esta crença que até uma geographia allemã em verso do século XIII celebra estas ilhas (2). Os mappas d'aquelle tempo admittiram naturalmente uma crença tão geralmente estabelecida, e assim vemos no mappa catalão a inscripção seguinte a Léste da India: «No mar da India ha 7.548 ilhas, cujas riquezas maravilhosas em ouro, prata e pedras preciosas não podemos enumerar aqui.» O globo de Laon, feito no anno de 1493 (Boletim da Sociedade geographica de Paris, 1860), indica a Léste do Ganges uma região de prata e outra de ouro.

---

(1) Plinio, *Hist. Nat.*, VI. — Pomponio Mela, *De situ orbis*, VII, 7. — Solino, ed. Mommsen, pag. 266, 11. — Santo Izidoro, *Etymolog.*, IV, cap. III. — Ravennatis, *Cosmogr., ed. Pinder et Partey*, pags. 419 e 420. — Rabano Mauro, *De Universo*, XII, 5. — Hugo de S. Victor, *Excerpt. prior*, III, cap. VII. — Pedro d'Ailly, *Imago mundi*, cap. XV.

(2) J. B. Zingerle, *Uma Geographia do século* XIII, Vienna, 1865, pag. 10.

Em vista d'isto, era muito natural que os portugueses, ao chegarem ás regiões indicadas, tratassem tambem de encontrar tão preciosas ilhas. O primeiro que foi em sua busca foi Diogo Pacheco, que, apenas chegou a Malaca com seu irmão em 1519, se offereceu para fazer uma expedição á ilha do Ouro, que se dizia estar situada ao Sul de Samatra, e da qual tantas coisas seductoras lhe tinham referido. O governador de Malaca, Diogo Lopes de Sequeira, deu-lhe dois navios, mas um foi a pique na costa Noroeste de Samatra, e com o outro chegou Pacheco até ao reino de Baros [1] na costa occidental da mesma ilha e, com pouca differença, na mesma lat. de Malaca. Ali disseram-lhe que as ilhas do Ouro estavam cento e tantas leguas mais longe na direcção Sul, que eram ilhas baixas, cobertas de bosques de palmeiras, rodeadas de recifes coralinos e povoadas de gente negra [2]. D'esta vez Pacheco preferiu regressar para obter mais recursos e no anno seguinte voltou á mesma emprêsa acompanhado d'um bergantim; mas, ao querer entrar no porto de Baros, impediram-lh'o varios navios inimigos de Cambaya e de Samatra, e uma tempestade separou os seus dois navios, perecendo provavelmente Pacheco.

Este desastre desanimou os portugueses; porque, ao sabê-lo o rei D. Manuel, mandou ordem ao já mencionado, então governador da India, que recebeu os despachos reaes em Calahat (Calhat) [3] na costa da Arabia, para destinar 3 navios ao descobrimento d'aquellas ilhas. Para o commando d'esta esquadra foi destinado primeiramente Christovão de Menezes [4], mas finalmente foi confiada a Pedro Eannes; como, porém, estes navios faziam parte da frota destinada a Malaca ás ordens de Jorge d'Albuquerque, succedeu que ao chegar ao porto de Malaca, tão ameaçado dos vizinhos, não pôde o chefe português dispensar os tres navios, porque a pequena guerra maritima com os vizinhos reclamava todas as forças disponiveis, e assim ficou postergada a expedição durante o reinado de D. Manuel. Em compensação fizeram-se de véla em 1527 tres navios no porto de Dieppe sob a direcção d'um piloto português para dedicar-se á pirataria no mar da India. Dois d'estes navios chegaram a Diu, e o terceiro, que ficára separado d'elles junto ao Cabo da Boa Esperança, seguiu o seu curso á ventura e chegou á costa de Samatra, onde se informou da célebre ilha imaginaria, em cujas praias a areia e as pedras eram de ouro [5].

Ali descreveram aos extrangeiros a ilha como um país exuberante, com formosas árvores, ribeiros crystallinos e muitas e saborosas fructas; os habitantes eram selvagens, andavam nús ou cobriam o corpo com folhas de arvores, e mostravam-se affaveis com os extrangeiros. O navio francês partiu e não se soube mais d'elle; mas traficantes de Samatra disseram depois em Malaca que tinha encontrado positivamente a ilha do Ouro, que se tinha carregado do precioso metal e partido depois; mas, falto de prático n'aquellas aguas, vagueára de um para outro lado e naufragára finalmente na costa de Samatra, perdendo toda a gente, e ficando os pescadores com o ouro [6].

D'esta fórma ficou fóra de dúvida a existencia de taes ilhas e em 1543 mandou o governador geral, Martim Affonso de Sousa, uma galera com duas fustas em busca da

---

(1) Barros, déc. III, liv. III, cap. III, pag. 266.

(2) Barros fala d'uma *ilha não muito rasa*, rodeada de *uma corda de baixos e restingas*.

(3) Calayate.

(4) Christovão de *Mendoça* (Barros e Correia).

(5) Dois eram os pilotos portugueses, o Brigas e o Rosado, como póde vêr-se em Barros (Déc. IV, liv. V, cap. VI, pag. 583).

(6) Veja-se Correia, *Lendas*, tomo III, pag. 240.

ilha do Ouro a Oeste de Samatra. O encarregado da expedição, Jeronymo de Figueiredo, quis partir de Gôa, mas a emprêsa abortou em consequencia de uma intriga (1).

Não se duvidava já nem da ilha nem da sua situação geographica, segundo se vê nos mappas que fôram publicados posteriormente. O *Theatrum Orbis* de Ortelio apresenta a Oeste de Samatra as ilhas do Ouro *(isole d'or)*. Na mesma região se lê no atlas de Mercator do anno de 1613 em latim: *Andramania, id est aurea insuea*. Guilherme Blaeu no seu atlas de 1634 apresenta tambem a ilha do Ouro, e o mesmo faz Hondius, em tres pontos differentes a Oeste de Samatra. Estas ilhas fabulosas fôram acceitas até meados do século passado (2) a despeito das dúvidas que necessariamente deviam suscitar; porque um mappa francês, publicado em 1748 com o titulo *Cartes des Indes Orientales* pela casa dos successores de Homann, apresenta na linha que vae das ilhas Maldivas ao Norte da Samatra as ilhas do Ouro em tres pontos differentes com as explicações: 1.ª *Ouro juxta Anglos, positionis et existentiae incertae* (esta ao Sul de Ceylão); 2.ª *Insular Ouro s. auri, juxta Batavos, pariter incertae;* 3.ª *Ouro, juxta Batavos* (3). D'ahi se póde inferir a vida extraordinariamente resistente que teem as fábulas; e não eram sómente as nações maritimas, mas tambem as do interior da Europa as que acreditavam n'estas ilhas conforme o patenteia uma carta sem data dirigida ao principe eleitor, Augusto da Saxonia, que diz assim: «Receberam-se notícias veridicas de Hespanha ha poucos dias, segundo as quaes o rei encontrou uma nova ilha chamada Serief, na qual tudo é ouro puro. Fôram enviados a toda a parte dois prisioneiros á procura dos reis d'aquellas terras, mas não foi possivel entenderem-se com estes; por meio d'elles se esperavam notícias, mas em breve morreram. O rei destinou outros tres navios para explorarem o caminho e verem como podia conquistar-se a ilha para enviar logo para lá uma colonia. Está resolvido a mandar matar todos os habitantes, pois de outro modo não poderia conservar a ilha, habitada como até agora por um povo cruel e aguerrido» (4).

Á semelhança de todos os fantasmas, mudaram tambem estas ilhas de logar como fogos fatuos. Ora se suppunham n'um logar ora n'outro; voltaram ainda uma vez para o Sul de Timor, e finalmente fôram relegados para o grande Oceano boreal, tão escasso de ilhas. Em fins do século XVI varios pescadores da ilha de Solor, a Noroeste de Timor, que se haviam extraviado no Oceano austral, pretenderam ter encontrado a ilha do ouro; quando, porém, se quis ir em sua busca pela segunda vez e explorá-la, não se tornou a encontrar. A notícia chegou, comtudo, a Malaca e aos ouvidos d'um mestiço português chamado Manuel Godinho de Heredia. Godinho, que nascera em 1563 na mesma cidade e era filho d'um português e d'uma india, pertenceu algum tempo á Ordem dos jesuitas, e depois occupou-se de estudos cosmographicos. No anno de 1594 planeou fazer uma expedição ás tão procuradas ilhas, para o que escreveu até umas instrucções em português (5). Esta emprêsa não se realisou, porque dois annos depois apresentou-se diante de Samatra uma esquadra hollandesa commandada por

(1) Correia, *Lendas*, tomo III, pag. 240.

(2) Século XVIII.

(3) Chamamos a attenção para a fórma portuguesa «Ouro» que apparece nas tres legendas.

(4) R. V. Weber, *Anna Kurfürstin von Sachsen*, Leipzig, 1861, pag. 332.

(5) *Informação da aurea Chersoneso*, ou *Peninsula, e das ilhas Auriferas, etc.* A esta indicação insufficiente de Ruge devemos accrescentar que este escripto foi pela primeira vez publicado por Antonio Lourenço Caminha, juntamente com a sua reimpressão das *Ordenações da India do Senhor Rei D. Manoel* (Lisboa, impressão régia, 1807).

Cornelio Houtman. Passado o perigo, Godinho continuou os seus preparativos; mas em 1601 foi Malaca atacada pelos hollandeses commandados por Jacob van Heemskerk e impediram a expedição que desde então ficou abandonada para sempre por parte dos portugueses.

Pouco depois estabeleceram-se os hollandeses nas Molucas e em Java, com cuja posse herdaram tambem os projectos de conquista das ilhas do Ouro. No anno de 1635 apresentou Guilherme Verstegen, agente da Companhia mercantil hollandesa, uma Memoria ao governador geral, Henrique Brouwer, predecessor do célebre Antonio van Diemen, na qual propôs tomar posse em nome da Hollanda das ilhas do Ouro e da Prata, situadas, segundo se dizia, a Léste do Japão no Grande Oceano, a 37º 30' de lat. Norte. Brouwer foi substituido no anno seguinte e teve de deixar a execução do seu projecto ao seu successor, mas este, embora persuadido da importancia do projecto, viu-se impedido, bastante a seu pesar, de realizá-lo nos primeiros annos do seu govêrno por outros cuidados mais urgentes. Em 1639 mandou o commandante Mathias Quast percorrer com dois navios o referido parallelo n'uma extensão de 400 milhas para Léste em busca das riquissimas ilhas. A expedição foi bastante desgraçada e só chegou ás ilhas de Bonin situadas a Sudeste do Japão, entre 20º e 30º de latitude Norte. Em 1643 repetiu-se a tentativa sob as ordens de Martim Bries, a quem Van Diemen enviou com dois navios, persuadido de que d'esta vez se descobririam as ilhas por se terem recebido novas notícias sobre ellas. Dizia-se que tinham sido vistas já no anno de 1610 ou 1611 por navegantes hespanhoes, que havia annos antes faziam a travessia entre Manilla e o Mexico, os quaes affirmavam que as taes ilhas eram muito montanhosas, que tinham uma abundancia incrivel de ouro e de prata, e eram habitadas por um povo de tez clara, affavel e civilisado. Estas notícias referem-se indubitavelmente ás ilhas de Sandwich, muito elevadas, mas cuja situação foi fixada só em 1778 por James Cook na sua terceira viagem.

Os dois navios do capitão Bries separaram-se na costa do Japão e cada um proseguiu sósinho a indicada emprêsa. Quanto a Bries, sabia o rumo que devia seguir, porque tinha um mappa japonês, no qual não sómente estava annotada a ilha desejada, mas até um rio que desaguava no mar na sua costa oriental, offerecendo ancoradouro aos navios. Por isso navegou 460 milhas para Léste. O outro navio chegou, n'esta mesma direcção, até 500 milhas; mas nem um nem outro encontrou o que buscava, porque as ilhas de Sandwich, pois eram estas as que indicavam as notícias, não estão na latitude do Japão, mas proximas do trópico de Cancer.

Frustrada esta emprêsa, não se fizeram mais tentativas; mas as que se tinham feito não tinham sido de todo inuteis, porque tinham augmentado o conhecimento dos mares orientaes.

11. — A primeira visita dos portugueses á China e ao Japão

Em Malaca foi que os portugueses tiveram o primeiro contacto com os filhos do Celeste Imperio. Ali se tinham approximado os chineses dos seus navios sem nenhuma especie de receio, occupando-se só no seu interêsse mercantil, e tinham feito justiça á superioridade nautica dos extrangeiros. Estes, por seu lado, tiveram uma grande satisfação em encontrar nos chineses negociantes com os quaes podiam tratar como de igual para igual, sem que molestas prescripções religiosas estorvassem as suas relações.

Com taes antecedentes não duvidaram os portugueses que, logo que ficassem reguladas as coisas de Malaca, encontrariam na China bom acolhimento para alargarem as

suas relações mercantis; mas, infelizmente, viram em breve que os chineses eram muito mais trataveis no extrangeiro do que no seu proprio país.

Nomeado Jorge de Albuquerque, em Julho de 1514, commandante de Malaca, mandou no anno seguinte á China Raphael Perestrello com 10 homens n'uma embarcação chinesa para explorar o país. Albuquerque regressou a Cochim com um rico carregamento a bordo d'um bergantim, que levára, a expensas suas. Pouco antes tinha chegado á India o novo governador geral, Lopo Soares, vindo de Portugal, e com elle Fernão Peres d'Andrade, destinado pelo govêrno português a ir com uma frota á China.

Andrade dirigiu-se primeiramente a Samatra para carregar pimenta, que pensava trocar na China por outros generos, mas, tendo-se incendiado o seu melhor navio, regressou a Malaca, d'onde tornou a sahir para a sua missão a 12 de Agosto de 1516. Estava já a terminar a estação favoravel para esta navegação; mas Brito, o novo governador de Malaca, desejava com anciedade obter notícias de Perestrello, do qual nada se tinha sabido até então. D'esta vez chegou Andrade só até á Cochinchina, fêz provisão de agua na importante ilha de (Pulo) Condor [1] situada em frente da foz do rio Mechong, e que hoje pertence á França. Obrigado depois pelos temporaes, teve que refugiar-se no porto de Patane, na costa oriental da peninsula de Malaca, e por ultimo voltou a esta ultima cidade. Não regressou com elle um dos seus navios commandado por Duarte Coelho, que entrára na ria de Menam, no reino de Sião. Ali passou a estação má, e depois dirigiu-se sósinho á China, onde se juntou outra vez a Andrade, e onde pouco antes havia estado Perestrello, que regressára d'ali a Cochim. Este bom resultado animou Andrade para arriscar outra viagem á China, que emprehendeu, effectivamente, em Junho de 1517, e chegou sem precalços á China Meridional, fundeando na ilha de Tamão [2].

A frota de Andrade compunha-se de quatro navios portugueses e quatro malayos. Na costa viram os portugueses navios chineses postados de espaço a espaço para darem o alarme, se se approximassem piratas, e tambem notaram que os navios para entrarem no rio tinham que prover-se, antes, de licença dos chineses. Depois de varios tramites importunos e da consequente perda de tempo, recebeu Andrade praticos que guiaram a esquadra até Cantão. Ali houve novas difficuldades para a marcha até á côrte, da embaixada que levava o encargo de apresentar ao imperador da China presentes e cartas, da parte do rei de Portugal; porque o governador de Cantão precisava de pedir primeiro á côrte permissão para dar a sua e os guias necessarios. Entretanto morreram muitos portugueses por effeito do clima doentio, e Andrade julgou prudente retirar-se outra vez para a ilha de Tamão [3]. D'ali mandou Duarte Coelho a Malaca, com a narração do curso favoravel, que levava a sua missão, e ao mesmo tempo despachou outro navio, ás ordens de Jorge Mascarenhas, na direcção do Norte, para explorar as costas por aquelle lado e inquirir notícias dos lequios. Chegou este capitão até Tsinau-cheu [4], junto ao estreito de Fukian, em frente da ilha Formosa, e encontrou n'aquelle porto, menos frequentado, condições mercantis mais vantajosas, pois obteve melhores preços pelos

---

(1) Pullo Candor (Barros).

(2) Esta ilha, á qual os portugueses deram o nome de Tamão ou Sancian, chama-se em chinês San-chuen e nas cartas europeias São João. Está ao Sul da foz do rio Si-kiang, em cuja bacia se acha situada a conhecida cidade commercial de Cantão.

(3) Tamão, a que os nossos chamam da Veniaga . . . (Barros, III, 2, cap. VI). O mesmo chronista emprega a fórma Tamou.

(4) Chinchéo (Barros).

generos que levava e comprou mais baratos que em Cantão, os do país. Ali soube tambem que o país de Lequia, que não era senão o Japão, e em sentido mais restricto, as ilhas de Liu-Kiu, pertencentes ao mesmo Imperio, ficava ainda mais de 100 milhas ao Norte.

Depois de uma permanencia de 14 meses, resolveu Andrade abandonar a China; tinha recebido a notícia de que os principes vizinhos de Malaca tornavam a ameaçar sériamente aquella praça; e esta foi a razão principal do seu regresso; mas, antes de levantar ferro, fêz apregoar pelas ruas de Cantão e no porto de Tamão que todo o chinês, que se julgasse prejudicado pelos portugueses, podia recorrer ao chefe da expe-

S. Francisco Xavier, baptisando.

dição e seria indemnizado. Este procedimento produziu excellente effeito no país e deu aos chineses uma grande ideia da rectidão dos portugueses, segundo diz Barros.

O embaixador português, Thomaz Peres ([1]), ficou em Tamão até que, depois de tres petições, recebeu auctorização para apresentar-se na côrte imperial; de fórma que antes do mês de Janeiro de 1520 não pôde pôr-se a caminho. Entretanto, Simão de Andrade, irmão de Fernão Peres, chegára a Tamão em Agosto de 1518, com uma segunda esquadra portuguesa. Demorou-se na ilha emquanto o embaixador fêz a sua viagem á côrte imperial. Thomaz Peres fêz a viagem por mar até ao limite meridional da provincia de Fu-kian ([2]), e d'ali, por terra, a Nankim ([3]), e por ultimo a Pekim ([4]); como, porém, o imperador se achasse ainda então nas provincias do Norte, não se effectuou a audiencia senão no anno de 1521. Durante este tempo fôram recebidas na côrte chinesa muito más notícias ácêrca do procedimento dos portugueses, que estavam em completa contradicção com a honradez e rectidão apregoadas publicamente a proposito das ordens

([1]) Thomé Pires.
([2]) Foquiem (Barros).
([3]) Nanqui (B.)
([4]) Pequi (Barros).

de Fernão Peres de Andrade. Teve a culpa d'estes rumores Simão, o irmão de Fernão, que commetteu a imprudencia de se fortificar na ilha de Tamão sem se importar com o govêrno chinês, nem pedir sequer a sua auctorização, pretextando depois que o fazia contra os piratas. Além d'isso, entre outros actos arbitrarios, tinha levado comsigo, ao partir para a India, várias crianças que haviam sido roubadas a familias chinesas distinctas; e a tudo isto se ajuntou a chegada á côrte de Pekim d'uma embaixada do principe da ilha de Bintang, perto de Malaca, que reclamava o auxilio do imperador, como seu suzerano, contra os portugueses que tinham occupado uma parte do seu territorio e que, por conseguinte, ao extenderem as suas incursões até á China, o faziam com os mesmos projectos de conquista. A consequencia d'estas notícias foi que o imperador deu ordem para que fôsse escoltada a embaixada portuguesa até Cantão e detida ali até que os portugueses tivessem resarcido todos os damnos causados. Ao mesmo tempo fôram embargados todos os navios portugueses e prohibida a entrada a todos os súbditos de Portugal nos portos chineses, porque, diz Barros, o imperador não estava disposto a tolerar nos seus territorios gente tão arbitraria, rixosa e rapace.

Isto fêz que Duarte Coelho, ao apresentar-se, no mês de Junho de 1521, com dois navios diante da ilha de Tamão, fôsse atacado pelos chineses, aos quaes repelliu a tiros de canhão, libertando ao mesmo tempo um dos navios portugueses detidos; mas o embaixador, Thomaz Peres, e o seu séquito ficaram mais estreitamente presos que antes, e fôram, como diz Barros, assassinados (1) pelo anno de 1523. Não obstante, Mendes Pintó, viajante e aventureiro, pretendeu ter encontrado vivos ainda alguns seus compatriotas da embaixada no anno de 1550.

Uma nova tentativa, para reatar relações com a China, feita em 1522 por Martim Affonso de Mello Coutinho com cinco navios, abortou completamente; os chineses atacaram a esquadra, apoderaram-se d'um navio, roubaram outro e a Coutinho custou bastante a regressar com o resto a Malaca. Taes fôram os resultados da imprudencia de Simão de Andrade.

Com o tempo tornaram a arriscar-se alguns marinheiros portugueses nas aguas da China, mas dirigiram-se mais ao Norte, a Ning-po (2), onde se comportaram a principio com mais prudencia, para serem admittidos na praça e commerciarem; isto, porém, durou pouco; os bons resultados e importancia do seu commercio ensoberbeceram tanto os portugueses, que o govêrno chinês tornou a expulsá-los entre 1540 e 1550. A praça de Ning-po tinha activas relações com o Japão, e por este motivo se aventuraram tambem os portugueses a traficar com este Imperio, o qual visitaram pela primeira vez em 1542. Expulsos da China em meados do século, souberam, comtudo, manter-se em Macau, e teem conservado até hoje esta pequena possessão no extremo d'uma reduzida peninsula, que lhe dá meios de continuar as suas relações mercantis com a praça de Cantão, mediante o pagamento prévio d'uma certa quantia (3).

Sobre as primeiras relações dos portugueses com o Japão só se possuem dados incertos, porque o documento mais importante, a narração de Fernão Mendes Pin-

(1) «té que de cá foi Martim Affonso de Mello que com sua chegada lá (...) acabaram de matar alguns dos nossos que ficaram e Thomé Pires morreu em huma cadea e o presente que levou foi roubado» (Barros, déc. III, V, cap. II, pag. 24).

(2) Nimpó (Barros).

(3) Sobre este ponto leia-se — Visconde de Santarem, *Memorias sobre o estabelecimento de Macau*, Lisboa, 1879, pags. 14 e segs.

to ([1]), é tão confuso que não se sabe onde acaba a verdade e onde começa a mentira.

Este aventureiro chegou no anno de 1539 a Malaca e, no anno seguinte, depois de ter feito várias excursões a Samatra, partiu com Antonio de Faria para a China, a fim de continuar ali as suas piratarias ([2]), que parece terem-no occupado n'aquellas costas até ao anno de 1542. N'este anno passou ao Japão, talvez por casualidade, porque soubera, como é permittido suppôr, que varios desertores da tripulação de Diogo de Freitas, que em 1542 se achava em Aiuthia ([3]), antiga residencia dos reis de Sião, se haviam occultado n'uma embarcação chinesa e com ella tinham fugido em direcção a um porto chinês. Arrojados para o Norte por uma tempestade, chegaram a Nipongi, uma das ilhas do Japão, onde encontraram bom acolhimento e fôram os primeiros europeus que fizeram conhecer aos japoneses as armas de fogo ([4]).

Pinto attribuiu depois a si proprio o mérito de ter descoberto o Japão, fingindo ter sido um d'aquelles marinheiros desertores; com a differença de que retardou dois annos aquelle facto ([5]). O viajante allemão, Richthofen, na sua obra sobre a China, classifica a narração de Pinto de um *mar de embustes,* no qual se encontram alguns ilheus de verdade; não póde negar-se, porém, que aquella narração e os nomes das localidades que contém implicam um conhecimento positivo do Japão, e é muito possivel, por conseguinte, que tivesse sabido em Ning-po alguma coisa d'aquelle primeiro descobrimento e tivesse visitado seguidamente as ilhas meridionaes do Imperio, Tamga-sima e Kiu-siu.

As primeiras notícias claras sobre este Imperio insular fôram devidas a São Francisco Xavier, que foi o primeiro missionario christão que pisou aquella terra em 1549, e obteve grandes resultados até ao anno de 1551; mas as suas notícias circumscreveram-se a Nipon; para além, para o Norte, continuaram o mar e o mesmo Japão a ser um mysterio.

Antes de acabar o século obtiveram-se tambem notícias mais exactas sobre a China por frades agostinhos e franciscanos, que no anno de 1577 penetraram partindo das Filippinas pela primeira vez no Imperio chinês e iniciaram ali a sua obra de conversão.

Aos portugueses se devem, pois, as primeiras notícias exactas ácêrca das costas e do mar da China, e aos religiosos hespanhoes as do interior d'este Imperio.

A extraordinaria energia e actividade que os portugueses desenvolveram com exito tão assombroso no primeiro terço do século na India Anterior e no archipelago da

---

([1]) *Peregrinação de Fernão Mendes Pinto.* Lisboa, 1614.

([2]) A chegada a Malaca é fixada pela peregrinação em 1538.

([3]) Dodra (Galvão).

([4]) Foi Diogo Zeimoto, um dos companheiros de Mendes Pinto e não qualquer dos desertores de Diogo de Freitas, que tornou conhecidas dos japoneses as armas de fogo, segundo o testemunho nitido da Peregrinação.

([5]) Ruge é manifestamente hostil a Mendes Pinto e a intenção que lhe attribue é absolutamente gratuita. Elle diz muito claramente quem fôram os companheiros com quem desembarcou no Japão, desembarque que elle fixa em 1543. Visivelmente, Ruge acceita a versão de Galvão que Diogo do Couto perfilhou com algumas variantes. Francisco de Sousa (Oriente conquistado), como mais tarde o Cardeal Saraiva, acceitou a hypothese do descobrimento do Japão por dois grupos de viajantes, operando synchronicamente, conciliando assim a versão de Galvão e a de Mendes Pinto. Não faltou depois quem procurasse identificar estes dois grupos. Vidè Christovam Ayres «Fernão Mendes Pinto e o Japão» Lx.ª 1906, pags. 1 e segs.

Sonda, diminuiu depois; porque este pequeno reino não tardou em vêr exgottados os seus recursos em homens e em dinheiro. A custo sustentou as suas conquistas, até que com a sua annexação á monarchia hespanhola em 1580, e com o anniquilamento posterior da supremacia maritima de Hespanha, os primeiros descobridores da India e das ilhas das especiarias perderam as suas conquistas, arrojados d'aquelles mares pelos hollandeses e ingleses. No século seguinte continuaram os hollandeses as explorações e descobrimentos em direcção Sudeste até á Australia [1], e em direcção Nordeste para além do Japão até ao mar de Okhotsk e ás ilhas das Curilas.

[1] A prioridade portuguesa no descobrimento d'este continente em que o auctor nem sequer toca, já foi tratada por Major na communicação que em Março de 1861 fêz á Academia das Sciencias de Londres e com novos desenvolvimentos na sua «Vida do Infante D. Henrique», já aqui citada. Em 1881 Léon Janssen publicou, segundo um manuscripto da Bibliotheca Real de Bruxellas, a «*Declaraçam de Malaca e India meridional com o Cathay em III Tract. Ordenada,* por *Emanuel Godinho de Eredia,* etc., juntamente com a reproducção fac-simile da carta de Heredia, etc., achada no Archivo Nacional de Lisboa em 1874 e com a do mappa de Major, descoberto no British Museum em 1861. A edição de Janssen foi objecto de uma apreciação crítica de Oliveira Martins, inserta no seu «Portugal nos Mares» já citado.

Carta da costa da India até ao Porto de Bengala. - *(Do Atlas manuscripto de Vaz Dourado, existente no Archivo Nacional - Torre do Tombo).*

CAPITULO II

Expedições dos hespanhoes a Oeste e descobrimento do Novo Mundo

1. — Importancia dos conhecimentos nauticos dos italianos e em especial dos genoveses; e mocidade de Christovão Colombo

Antes que os portugueses vissem coroados pelo exito os seus perseverantes esforços de encontrar o caminho da India, e até mesmo antes que lograssem vencer o primeiro obstaculo de dar a volta ao dilatado e mysterioso continente africano, tinha sido apresentado um projecto muito diverso e tão ousado, que surprehendeu todo o mundo e não encontrou senão impugnadores, apesar de estar fundado em principios perfeitamente exactos e não disputados, isto é, na fórma espherica da terra, então já universalmente admittida. Deduzia-se d'esta fórma a possibilidade de encontrar caminho directo e commodo para a India, e, em geral, para o extremo oriente da Asia, cujas praias banhava, segundo se sabia pelas viagens de Marco Polo e dos seus successores, o Oceano infinito que se suppunha o mesmo que banhava as costas europeias. O propugnador d'este projecto, posto que não talvez o seu inventor, era um italiano chamado Christovão Colombo.

Aos italianos da Idade-média deve a Europa os primeiros progressos manifestos da nautica. Italianos fôram os mestres dos portugueses; um italiano concebeu o projecto de chegar pelo Oeste á India; um italiano realisou este projecto; um italiano deu o seu nome ao Novo Mundo, e italianos fôram n'aquella época os dirigentes das expedições maritimas que fôram emprehendidas pela França e Inglaterra, com o fim de fazerem descobrimentos no Oceano occidental. Como no seu país não encontraram nunca apoio para os seus levantados projectos, tiveram de ir ao extrangeiro para realisá-los; mas ali tiveram de luctar com as antipathias nacionaes, com a inveja e os ciumes, e não poucas vezes com a resistencia e desobediencia dos seus subordinados, o que causou a estes apostolos eminentes grandes e muitas difficuldades, ingratidões e ás vezes um fim triste, como succedeu ao mais célebre de todos, ao proprio Christovão Colombo.

Antes de tratar dos grandes feitos d'este homem, lançaremos um olhar para a sua mocidade e para a época em que compartilhou da ingrata sorte de muitos dos seus contemporaneos e compatriotas que, como elle, se dedicaram á carreira maritima.

A honra de ter visto nascer dentro dos seus muros Christovão Colombo tem sido disputada pelas seguintes localidades de Italia: Albisola, Bogliasco, Chiavari, Cogoleto, Nervi, Oneglia, Pradella, Quinto, Savona e Génova; mas Colombo diz duas vezes no seu testamento que nascera n'esta ultima cidade, e d'esta fórma ficou resolvida a ques-

tão definitivamente ([1]). É, pois, filho d'aquella cidade maritima, que havia séculos tinha influido já no desenvolvimento maritimo da Europa occidental, porque nos annos de 1116 e 1120 haviam sido chamados constructores de navios e marinheiros genoveses á Hespanha para proteger as suas costas contra os mouros; e nos séculos XIII e XIV fôram nomeados varios genoveses almirantes de Castella. Em fins do século XIII, como dissemos no principio d'esta obra, fôram genoveses os que fizeram a primeira tentativa para encontrarem uma rota para a India costeando a Africa, e é provavel que já então tivessem descoberto de novo as ilhas Canarias. O rei D. Diniz, filho de Affonso III de Portugal, nomeou em 1317 um genovês chefe da sua esquadra; e ás ordens do principe Henrique, o Navegador, distinguiram-se os genoveses nas suas expedições de descobrimento, taes como Perestrello, antepassado do sogro de Colombo que tornou a descobrir Porto Santo, e Antonio de Noli, que descobriu em 1460 as ilhas de Cabo Verde ([2]).

Supposto retrato de Christovão Colombo. (Madrid, Bibliotheca Nacional).

Finalmente, como dissemos já, os reis de França e de Inglaterra, a contar dos séculos XIII e XIV, confiaram a genoveses o commando das suas esquadras ([3]).

D'esta tendencia da mocidade genovesa para buscar fortuna nos países maritimos do Occidente e no proprio Oceano participou tambem Christovão Colombo.

Muito se tem discutido sobre o anno do seu nascimento que, segundo os auctores, é fixado, salvas pequenas variantes, principalmente em 1436, 1446 e 1456. Tão surprehendentes divergencias teem por causa os dados contradictorios que se possuem, e sobre os quaes, unicamente, se podem basear os calculos. As variantes secundarias oscillam entre os annos de 1435 a 1437, e 1445 a 1447. Em favor do anno de 1436 fala a declaração do Padre André Bernaldez, historiador contemporaneo e amigo pessoal de Christovão Colombo ([1]), que o visitou

([1]) Ultimamente tem-se discutido este ponto, não faltando advogados da procedencia gallêga, corsa e judaica do célebre navegante.

([2]) Major «Vida do Infante D. Henrique», pags. 345 e segs., reivindicou para Diogo Gomes a gloria d'este descobrimento.

([3]) Fischer, *Cartas maritimas italianas e cartographos da edade-média,* na *Zeitschr. der Gessell. für Erdk. su Berlim,* vol. XVII, pags. 5 e segs.

([4]) Veja-se Bernaldez *Historia dos reis catholicos, Fernando e Isabel,* Sevilha, 1870.

á volta da sua segunda viagem da America em Los Palacios, pequena cidade proxima de Sevilha, onde Bernaldez viveu de 1488 a 1513.

Este Bernaldez escreve que Colombo morreu *in senectute bona,* de idade de 70 annos pouco mais ou menos. Segundo dados de Bernaldez teria Colombo 32 annos quando nasceu seu irmão mais novo, Diogo, do qual se sabe que nasceu em 1468. Bernaldez não sabia que Colombo aos 30 annos tinha todo o cabello branco e isto o induziria a attribuir-lhe uma velhice que elle não tinha.

A opinião que fixa o anno do nascimento do grande descobridor em 1456 foi defendida na Allemanha principalmente por Peschel, que se baseia n'um documento do proprio Colombo com a data de 7 de Julho de 1493 e que se encontra na *Collecção de viagens e descobrimentos,* tomo I, pag. 311, publicada por M. F. de Navarrete, documento em que Colombo diz que entrára ao serviço de Hespanha na idade de 28 annos; n'outro escripto, datado de 14 de Janeiro do mesmo anno, diz que no dia 20 do mesmo mês de Janeiro faria sete annos que servia SS. MM. catholicas (1). D'ahi resulta que entrou a servir os reis de Hespanha no anno de 1486 e que nasceu pouco mais ou menos no anno de 1458; mas em 21 de Dezembro de 1492 escreveu elle mesmo que passára já, sem interrupção, quási 23 annos no mar (2), isto é, desde 1470.

Se se compara com isto o que diz a *Vida do Almirante,* que se pretende ter sido escripta, segundo diz o texto, pelo proprio filho de Colombo, Fernando (3), isto é, que seu pae tinha, 13 annos e meses quando principiou a navegar, deveria ter nascido no anno de 1456.

A isto se tem objectado com razão que Colombo quási não embarcou desde 1483 a 1492 e especialmente desde 1486 se conservou na Hespanha; de modo que os 23 annos de não interrompida vida no mar deviam contar-se desde 1482 para traz, isto é, que se dedicou á marinha desde o anno de 1460, pouco mais ou menos; cálculo que é corroborado pelo proprio Colombo com a sua declaração do anno de 1501, em que diz que fazia então mais de 40 annos que navegava. Se se admitte agora que se dedicou a esta carreira muito novo, por exemplo, aos 14 annos, devia ter nascido no anno de 1446.

Esta opinião é defendida, entre outros, por Avezac (4), que, na verdade, resolve arbitrariamente a contradicção que resulta do testemunho do proprio Colombo de ter entrado aos 28 annos ao serviço da Hespanha, attribuindo este dado, como antes d'elle fez já Navarrete, a um *lapsus plumae,* devendo dizer não 28 mas 38 annos; com a differença de que Avezac corrobora a sua opinião com o dado d'um documento juridico do anno de 1472, relativo a uma causa em que Colombo compareceu duas vezes como testemunha perante o tribunal de Savona, onde seu pae vivia ao tempo e que diz: *Christopherus Columbus, lanarius de Janua, annos Laetoriae legis egressus.* Os annos exigidos pela lei Letoria para ser testemunha eram 25, de modo que então devia Christovão Colombo ter completado já esta idade, e em vez de ter nascido em 1456, devia ter nascido pelo menos em 1446. Para maior prova citam-no juntamente com seu irmão nas actas judiciarias de Génova nos annos de 1473 e 1476, o que não obsta, de

(1) Navarrete, I, 285.
(2) Navarrete, I, 101.
(3) É opinião geral que se trata d'uma falsificação litteraria.
(4) Veja-se o seu artigo: *Année véritable de la naissance de Christophe Colombe* no *Boletim da Sociedade de Geographia de França.* Paris, 1872, mês de Julho.

resto, a que, mesmo sendo *lanario,* ou seja tecelão de pannos, possa ter emprehendido temporariamente viagens curtas por mar, voltando de cada vez a sua casa e cidade patria.

Sobre a sua mocidade sabe-se pouco, e os dados da *Vida do Almirante* de que se pretende seja auctor seu filho Fernando, mas que sem nenhuma dúvida não foi escripta por elle, são tão lendarios e em muitos pontos tão manifestamente inverosimeis que a crítica os tem regeitado (1). Segundo diz esta *Vida,* Colombo visitára na sua mocidade a universidade de Pavía, contra o que falam a sua muito pouca idade e a falta de tempo, se na idade de 14 annos começou a navegar; a não ser que *Pavía* fôsse um êrro de imprensa, como ha muitos na *Vida do Almirante,* e quisesse dizer *Patria.* (D'Avezac, l. c., pag. 32).

Segundo parece, não conheceu o Oceano senão aos 29 annos, porque se diz que só em Fevereiro de 1477 começou a navegar, provavelmente de Bristol, indo até cem milhas para além de Tule, nome por que se entendiam então as ilhas Feroe, que eram tambem chamadas Tristlandia. Como outros compatriotas, tratou Colombo de fazer fortuna no extrangeiro. De Inglaterra partiu para Portugal, provavelmente em fins do reinado de Affonso V, que morreu em 1481. D'ali fêz uma viagem á costa da Guiné, visitando, de passagem, a colonia portuguesa de São Jorge da Mina, o que permitte collocar esta viagem posteriormente a 1482, anno em que foi fundado este castello na costa do Ouro. Casou em Lisboa com Dona Filippa Moniz Perestrello e foi viver com ella para a propriedade de seu sogro na ilha de Porto Santo, onde pôde estudar as cartas e papeis relativos á nautica que Perestrello deixou ao morrer, e dos quaes devia ter tirado as primeiras notícias vagas de ilhas e terras situadas no Oceano occidental, notícias que desde então procurou com afinco augmentar.

2. — O projecto de uma expedição a Oeste

N'aquella época todos os marinheiros julgavam ver por detraz de cada neblina que apparecia no extremo do horizonte uma terra desconhecida, rica e bemaventurada. As Canarias, os Açores e as ilhas de Cabo Verde, que acabavam de ser melhor conhecidas, e os demais descobrimentos dos portugueses augmentaram esta tendencia até aos ultimos limites. Os marinheiros referiam mutuamente notícias mysteriosas do Oceano occidental e Christovão Colombo não foi quem menos ávido as escutou. A *Vida do Almirante* refere no seu capitulo oitavo um grande numero d'estas notícias que, pelo seu caracter mysterioso, eram muito proprias para excitar as imaginações. Assim, diz que Colombo ouviu falar a muitos marinheiros, que tinham percorrido diversas vezes o mar, para além dos Açores e da ilha da Madeira, de proximidade de costas em frente das praias occidentaes; o piloto português, Martim Vicente, contou-lhe que a 450 leguas a Oeste do Cabo de São Vicente havia encontrado um tronco entalhado, que fluctuava impellido pelo vento de Oeste, que soprava havia varios dias, o que lhe fêz suppôr que para Oeste deviam existir ilhas ou um grande continente a uma distancia não muito grande. Seu proprio cunhado, Pedro Correia, disse-lhe que um tronco semelhante fôra arrojado pelas ondas ás praias de Porto Santo. Tambem tinham chegado aos Açores, da mesma maneira, troncos de pinheiros, que não se dão n'aquellas ilhas; um junco

---

(1) Veja-se *Harrisse. Dom Fernando Colon, historiador de seu pae.* Sevilha, 1871. Schumacher, *Pedro Martir,* pag. 94.

tão volumoso que em cada entre-nó cabiam até nove garrafas de vinho; cannas, que só se dão na India; na ilha das Flores, do mesmo grupo, os habitantes tinham encontrado na praia dois cadaveres humanos d'uma raça desconhecida; e os colonos do Cabo da Verga pretendiam ter visto até jangadas com homens de aspecto extranho. Antonio Leme, da ilha da Madeira, contou a Colombo que a 100 milhas a Oeste tinha visto tres ilhas, que fôram vistas depois, em 1485, por um capitão de navio, tambem da Madeira, o qual se dirigiu a Portugal para sollicitar do govêrno uma caravella e descobrir com ella aquellas ilhas.

No porto de Santa Maria referiu-lhe outro piloto que, n'uma viagem á Irlanda, vira uma terra desconhecida, que tomára por uma parte da Tartaria, mas que o mau tempo o impedira de descer a terra; outro marinheiro, Pedro Velasquez ou Velasco, gallego, disse que tambem vira a Oeste da Irlanda indicios de terra, e, finalmente, Vicente Dias, natural de Tavira, no Algarve, referiu-lhe que ao seu regresso da Guiné á Madeira, vira uma terra desconhecida, cuja notícia deu logar a varias tentativas sem resultado, subsidiadas pelo opulento genovês, Lucas de Cazzana.

Não é provavel que Colombo tivesse notícia da viagem de João de Kolno (natural de Kolno, em Masovia, Polonia, perto da fronteira da Prussia), o qual fôra mandado em 1476 pelo rei Christiano I da Dinamarca, para restabelecer a communicação entre este país e a Groenlandia, e que chegou provavelmente até á terra do Labrador e á entrada da bahia, que recebeu depois o nome de Hudson; se bem que a notícia d'esta viagem chegasse mais tarde á Hespanha e a Portugal, pois que Gómara a menciona na sua *Historia da India,* publicada em Saragoça no anno de 1553.

Estas e outras notícias de ilhas situadas no longinquo Occidente eram só a continuação de outras analogas, que corriam já na antiguidade classica, conforme já dissemos no principio d'esta obra; mas o que as faz interessantes é terem sido apontadas nos seus mappas pelos cartógraphos dos séculos XIV e XV, especialmente os italianos, que seguiam com attenção os progressos dos descobrimentos portugueses, sobresahindo as ilhas Canarias e as dos Açores descobertas pelos italianos. Surprehende, sobretudo, que André Bianco indicasse já no seu mappa-mundi as ilhas de Cabo Verde em 1448, antes, por conseguinte, que os portugueses, como se sabe ao certo, as pisassem [1]. Verdade seja que, além d'estas ilhas, figuram n'este mappa muitas outras, devidas a meras allucinações de marinheiros; e a esta classe pertence, entre outras, a *Antilia,* que appareceu pela primeira vez nas narrações dos principios do século XV, n'um mappa do anno de 1424, que se conserva na bibliotheca do grão duque de Weimar, nas cartas de Baptista Beccario do anno de 1426, que se conservam em Munich, e na de 1435, que se conserva em Parma. N'esta ultima carta vê-se uma cadeia de ilhas a Oeste dos Açores, a cêrca de 15º do cabo de Finisterra, na Galliza, cadeia que se extende de Norte a Sul desde a latitude da Gironda, na França, até á de Gibraltar, com a inscripção em italiano que diz: *Ilhas recentemente descobertas*. D'estas, a mais meridional das duas maiores tem o nome de *Antilia.* Esta ilha encontra-se tambem no mappa de André Bianco do anno de 1436, com o mesmo nome, e a indicação de terem chegado a estas ilhas navios hespanhoes. André Benincasa d'Ancona repetiu no seu mappa do anno de 1476 a figura da ilha, como Bianco, ao passo que Martim Behaim a collocou no seu globo mais ao Sul, proximo da zona torrida.

---

[1] Veja-se a obra allemã de Theodoro Fischer, *Sobre as cartas maritimas italianas e os cartographos da Idade-média.*

Esta ilha teve uma grande influencia no projecto de Christovão Colombo e a ella se deve o nome de Antilhas que foi dado ao archipelago das Indias occidentaes.

Continuando a nossa narração das diversas causas que moveram Christovão Colombo a formar o seu famoso projecto de ir directamente á India pelo Occidente, encontramos, além das muitas notícias de marinheiros e das cartas maritimas que as confirmavam, uma obra geographica, então muito generalizada, obra que Colombo estudou com particular interêsse e levou comsigo nas suas viagens. Esta obra é a *Imagem do Mundo (Imago mundi)* escripta em latim pelo anno de 1410 pelo cardeal de Cambray, Pedro d'Ailly. Esta obra vem a ser uma compilação mediocre d'outras obras escholasticas anteriores, como diz tambem a primeira edição: *ex pluribus auctoribus recollecta;* d'auctores gregos, como Aristóteles, Ptolomeu, Hegesippo e João Damasceno; de auctores latinos, como Séneca, Plinio, Solino, Osorio, Santo Agostinho, Izidoro de Sevilha e Beda; e, finalmente, de auctores árabes, como Afragani e Albategna. O fim d'Ailly foi reunir n'uma só obra todos os conhecimentos anteriores, mas disseminados; o que o auctor escreveu não mostra que tivesse um criterio proprio, porque as opiniões dos classicos teem para elle mais pêso que os descobrimentos positivos feitos recentemente. Em parte alguma faz menção de Marco Polo. Christovão Colombo tirou da obra d'Ailly todos os conhecimentos cosmographicos e muito especialmente as suas ideias sobre a grandeza do nosso planeta, a pouca largura do Oceano, a situação e natureza do paraiso e a proximidade do fim do mundo.

Supposto retrato de Christovão Colombo. (Madrid, Ministerio da Marinha).

A sujeição servil de Colombo a esta obra resalta sobretudo, quando se compara com o capitulo oitavo, que trata da grandeza da Terra, a carta que escreveu na sua terceira viagem do Haiti, em 1498, na qual repete um grande trecho d'aquelle capitulo, dizendo que para se saber a superficie habitavel da Terra devem ter-se em conta o clima e a parte do globo occupada pela agua. Ptolomeu era de opinião que uma sexta parte do mundo era terra firme e o resto estava coberto de agua, mas no livro segundo do Almagesto modificou esta opinião, suppondo uma quarta parte da terra habitavel. Aristóteles admittiu uma superficie maior ainda de terra e ensinou que entre a costa occidental de Hespanha e a oriental da India era bastante estreito o mar (o nosso Oceano Atlantico). Ademais, diz Séneca no livro quinto da sua Historia Natural, que, com o vento favoravel, se podia atravessar este mar em poucos dias. Do mesmo modo se exprime tambem Plinio; de sorte que podia inferir-se de tudo isto a impossibili-

dade de que o mar cobrisse as tres quartas partes da superficie da Terra. A isto se ajunta a opinião auctorisada de Esdra (Abrahão Aben-Ezra), exposta no seu livro quarto, dizendo que só uma setima parte do globo está coberta de agua.

No capitulo 49, que trata da diversidade das aguas e particularmente do Oceano, volta d'Ailly ao mesmo thema e faz notar que tanto Aristóteles como o seu commentador Averroes chamam a attenção para o facto de que a distancia entre a costa occidental da Africa e a oriental da India (entende-se da Asia) não póde ser muito grande, porque em ambos os países se encontram elephantes; mas que não se sabe a extensão que medeia entre os dois continentes, porque não foi medida no nosso tempo, nem se encontram dados sobre isto nos auctores antigos; sendo porém certo, accrescenta no capitulo 51, que a distancia da terra habitada da Hespanha para o Oriente ou para a India, é muito maior que a meia circumferencia da Terra.

Estas e outras razões de igual theor fôram depois o grande recurso de Christovão Colombo para demonstrar a possibilidade e até a facilidade do seu projecto, de encontrar o caminho occidental; o que faz dizer com razão a Humboldt no seu *Cosmos*, tomo segundo, pag. 281: «Época singular, na qual se podia fazer convencer os monarchas (refere-se aos de Hespanha) da certeza d'uma emprêsa custosissima, allegando citações de Aristóteles, Averroes, Ezdra e Séneca sobre a pouca extensão dos mares comparada com a das terras.»

Além d'estes pontos capitaes da obra de d'Ailly apropriou-se tambem Colombo d'outras ideias da mesma obra, como a do capitulo 12, no qual diz o cardeal que a zona torrida era habitada por gigantes, como já havia dito Santo Agostinho. Possuido d'esta ideia, Colombo mostra-se, no diario da sua primeira viagem, muito admirado de não ter encontrado ainda os monstros que esperava.

Outra ideia que tirou do citado livro era a referente á situação do paraiso terrestre, o qual, diz o cardeal d'Ailly no capitulo 55, está situado, segundo os dados de Izidoro, João Damasceno, Beda e outros, na região mais deliciosa do Oriente, longe da nossa região habitada, n'um sitio tão elevado que chega quási á esphera da Lua, e onde não chegára o diluvio universal. D'esta montanha se precipitam as aguas com terrivel estrondo e formam um grande lago. Outra ideia adoptada por Colombo e que vem a ser um complemento da anterior sobre a natureza do paraiso, encontra-se no capitulo setimo, em que diz o cardeal que, apesar de estar situado o paraiso junto ao Equador, tem um clima muito temperado, por causa da sua grande elevação.

Finalmente, tem aqui logar, porque Colombo tambem a menciona depois, outra proposição do cardeal d'Ailly que se encontra no seu *Vingintiloquium de concordia astronomicae veritatis cum theologia*, pag. 181, referente á idade da terra e á época do juizo final. Calcula, segundo Beda, que desde a creação até ao nascimento de Jesus Christo tinham passado 5.199 annos; de sorte que no anno de 1501 da nossa era iam decorridos 6.700 annos; e, como o juizo final devia vir 7.000 annos depois da creação, estava proximo o fim do mundo. Colombo referiu-se tambem a esta ideia no seu projecto, ainda que differiu alguma coisa no computo.

3. — O projecto de Toscanelli

Todas estas opiniões e proposições do cardeal d'Ailly influiram, pois, poderosamente na formação do projecto de Colombo; mas não eram bastante fortes para dar-lhe o impulso definitivo, necessario para a sua realização, porque não deixavam de ser ideias e doutrinas geraes, insufficientes para que um marinheiro prático baseasse sobre

ellas uma derrota fixa, e menos para que um monarcha e um govêrno arriscassem quantiosos recursos n'uma expedição, fundada sobre principios tão vagos. Por isso, não estou conforme com Humboldt, quando suppõe que a obra do cardeal d'Ailly teve mais influencia no descobrimento da America do que a correspondencia que Toscanelli trocou com Colombo. Justamente a direcção fixa que este distincto astrónomo e physico imprimiu ás ideias do seu compatriota, prescrevendo-lhe, digamo-lo assim, uma derrota precisa, foi que decidiu Colombo, cujas ideias vagas necessitavam d'este ponto de apoio solido e exacto; e só sobre este ponto de apoio se pôde animar o monarcha a custear as despesas da emprêsa.

N'este ponto não se póde deixar de dar razão a Avezac, que diz no seu trabalho já citado: «As ideias de Christovão Colombo nasceram d'uma somma de notícias que pouco a pouco recolheu de diversas fontes; mas o projecto definitivo foi devido á carta de Toscanelli. Esta carta «monumental» assegura a Toscanelli o mérito indubitavel de ter dado origem aos descobrimentos transatlanticos.» (1)

Provavelmente esta carta chegou ás mãos de Colombo só depois do anno de 1480. Até então fôra simples marinheiro; esta carta fê-lo descobridor.

É possivel que antes de Toscanelli tivesse relações com Colombo Leonardo de Vinci, e que lhe indicasse já o plano de ir á India pelo Occidente; porque Leonardo de Vinci, além de grande pintor, era eminente physico, engenheiro, architecto e musico; e dizem que escreveu uma carta sobre o assumpto a Colombo em 1473. Mais adiante teremos occasião de falar d'um interessante mappa-mundi dos annos de 1514 a 1516, de que este genio admiravel foi auctor.

Esta carta de Toscanelli obriga a rectificar a época assignalada por Las Casas, segundo o qual, esteve Colombo 14 annos pretendendo attrahir a favor do seu projecto a vontade do rei de Portugal. Sabendo-se que Colombo se achava ainda em Génova pelo anno de 1476, e que partiu para a Hespanha em 1484, é evidentemente falsa a affirmação do citado bispo. Avezac admitte em logar de 14 annos 14 meses; que Colombo apresentasse o seu projecto ao rei de Portugal em Setembro ou Outubro de 1483; e que ao fim do anno seguinte passasse á Hespanha.

Antes de continuar o exame das datas, diremos alguma coisa mais sobre Toscanelli e a sua célebre carta. Paulo Toscanelli, chamado tambem Paulo, o Physico, porque era medico, nasceu em Florença no anno de 1397 e morreu em 1482. Foi um dos sabios mais eminentes da sua cidade e occupou-se especialmente no estudo da cosmographia. Buscando sempre relações com viajantes célebres, marinheiros e cartógraphos, estudando naturalmente com igual afan as viagens de Marco Polo, tratando pessoalmente Nicolau de Conti, examinando os dados confirmados e indubitaveis das grandes distancias, que separavam a Asia oriental da Europa, e considerando a extensão dos grandes imperios asiaticos, suas innumeraveis cidades que albergavam populações immensas, e seus abundantes e preciosissimos productos, devia ter-lhe occorrido a ideia de que a distancia de Portugal ou da Italia na direcção de Léste até Quinsay e Zaitun devia necessariamente ser maior que a metade da circumferencia do globo terrestre, e que, por conseguinte, devia ser mais curto o caminho para a Asia, ou seja para a India, atravez do Oceano occidental. Para tornar palpavel esta ideia era mistér representá-la graphicamente n'um mappa, e assim nasceu, ao que parece, o mappa que elle construiu, primeiro que ninguem, da representação total do Oceano, porque os mappas existentes

---

(1) D'Avezac, *Année véritable de la naissance de Christophe Colombe*, pag. 50.

tinham um fim prático e immediato e não representavam senão os países e costas relacionados com as grandes rotas mercantís. Vendo Toscanelli como os portugueses se esforçavam, havia meio século, para realizarem a circumnavegação da Africa, dirigiu no anno de 1474 uma carta ao conego português, Fernão Martins, que vivia em Lisboa, acompanhada d'um mappa feito por elle, para que o seu amigo o apresentasse ao rei afim de chamar a sua attenção sobre a sua ideia de ir ao Oriente atravessando o Oceano na direcção de Oeste. Quis a sorte que 3 annos antes, em 1471, os portugueses descobrissem a costa do Ouro e, estando occupados em explorá-la, não tinham desejos de acommetter outras emprêsas incertas e dispendiosissimas; de modo que a proposta de Toscanelli não encontrou apoio.

A sua carta e o seu mappa ficaram archivados, não tanto provavelmente para tê-los secretos e evitar que outros aproveitassem a ideia, quanto por serem documentos curiosos. A não ter sido assim, difficilmente Colombo teria tido notícias d'aquella carta, como as teve depois, nem teria podido entender-se directamente com Toscanelli para pedir-lhe uma cópia d'ella. D'esta correspondencia só conhecemos a resposta do sabio florentino (e mesmo esta com certeza alterada) que se encontra na *Vida do Almirante,* mas que se tratou de modificar por meio de posposições na data e época em que foi escripta para glorificar Christovão Colombo, fazendo ver que a carta não deu o impulso, nem serviu de guia á sua expedição e que a iniciativa d'esta emprêsa pertencia exclusivamente a este ultimo.

Na fórma em que se conservou, escreveu Toscanelli n'estes termos:

«Vejo o vosso desejo nobre e grande de emprehender uma viagem á terra, onde crescem as especiarias. Por isso vos envio em resposta á vossa carta a cópia d'outra que enviei ha *uns dias* a um amigo ao serviço de S. M., o rei de Portugal, *antes das guerras de Castella,* tambem em resposta a outra sua, que me escreveu por encargo do rei sobre o mesmo assumpto; e envio-vos outra carta de marear igual á que lhe enviei.»

A guerra de succession de Castella cae nos annos de 1474 a 1479, e é evidente que para dizer *antes* das guerras de Castella, devia estar já terminada esta guerra, porque ninguem se exprime assim ao principio nem durante uma guerra, principalmente se escreveu *ha alguns dias;* de fórma que a carta de Toscanelli a Colombo devia ter sido escripta precisamente depois da referida guerra, isto é, depois de 1479, e a dirigida ao conego Martins não *ha alguns dias,* mas antes da guerra, ou seja antes ou no mesmo anno de 1474. Se esta data é certa, de nenhum modo podia escrever Toscanelli a Colombo que tinha escripto a Martins *ha alguns dias,* porque entre as duas cartas ha um espaço pelo menos de cinco annos; por conseguinte, patenteia-se a falsidade de um dos dois dados e fica demonstrado que a expressão de *ha alguns dias* foi introduzida afim de occultar a influencia de Toscanelli, e de apresentar o projecto como da exclusiva invenção de Colombo. Como podia este ultimo ter conhecimento da carta dirigida ao conego Martins e pedir informações sobre ella, ou a propria cópia, ao auctor, como se vê da resposta d'este, se tivesse sido escripta uns dias antes? Ainda que a tivesse dirigido a Colombo, não podia medear entre uma e outra tão curto tempo. Vê-se, pois, que o auctor da *Vida do Almirante* quer reservar a todo o custo a prioridade da ideia para o seu heroe.

Para este fim colloca tambem, pelo menos cinco annos antes, a época em que o célebre genovês amadureceu o seu projecto; mas por desgraça colloca este momento n'uma data, que não corresponde senão difficilmente á sua supposta permanencia prolongada e anterior em Portugal, porque o seu nome e firma figuram em documentos juridicos da cidade de Génova, correspondentes aos annos de 1472, 1473 e 1476. Isto,

como é de suppôr, não exclue que Colombo pudesse achar-se em Lisboa no anno de 1474; mas, achando-se outra vez no seu país, só podia ter estado n'aquelle porto, de passagem, como marinheiro, a bordo de algum navio, e poderia perguntar-se por que é que não se dirigiu ao seu compatriota Toscanelli da sua cidade natal. A isto convém ajuntar que do contexto da segunda carta do physico de Florença se infere que este sabio ignorava que Colombo fôsse seu compatriota, porque, a julgar pelo modo de falar de Portugal, toma Colombo como português; e se Colombo não julgou conveniente descobrir francamente a sua nacionalidade, póde suppôr-se com razão que devia estar já em Portugal havia alguns annos e ter-se por português, como depois se fez hespanhol em Hespanha, onde transformou até o seu appellido. Sendo tudo isto assim, cae a sua correspondencia com Toscanelli, que morreu em Maio de 1482, entre o anno de 1479 e a morte de Toscanelli, o que corresponde, de resto, perfeitamente, ao seguimento d'este negocio em Hespanha.

Por fortuna Harrisse, o investigador eminente da velha litteratura americana, publicou uma cópia escripta pelo proprio punho de Christovão Colombo, da carta que Toscanelli escreveu a Martins, cópia descoberta na bibliotheca colombina de Sevilha. A comparação d'esta carta, escripta em latim, com o texto que dá a *Vida do Almirante*, demonstra que o biographo do descobridor da America tambem modificou bastante este importante documento (1).

A grande importancia d'esta carta merece que a communiquemos aqui:

«Ao conego Fernão Martins, de Lisboa, envia o physico Paulo (Toscanelli) a sua saudação. Foi-me tanto mais grato ter notícia da tua privança com S. M., quanto já falei comtigo anteriormente d'uma rota maritima mais curta ás terras das especiarias que a que passa pela Guiné. O rei deseja, pois, de mim uma explicação mais palpavel e convincente para que possa comprehender esta rota o homem menos prático. Bem sei que isto póde demonstrar-se n'uma esphera que represente a terra, mas, apesar d'isso, resolvi-me, para facilitar a comprehensão, e pelo insignificante trabalho que causa, a explicar esta rota n'uma carta de marear e remetto, por conseguinte, a S. M. um mappa feito por mim proprio, no qual se encontram traçadas as vossas costas e ilhas, das quaes parte a rota dirigida constantemente a Oeste, assim como os pontos aonde precisamente se ha de chegar, as distancias até ao Polo e até ao Equador, e a que se ha de percorrer, isto é, quantas leguas se hão de navegar para chegar aos pontos onde se acha a maior abundancia de todas as especiarias e pedras preciosas. E não vos admireis que eu chame *occidental* á região onde se encontram as especiarias, ainda que commummente é chamada oriental; porque navegando sempre para oeste se attinge pela parte inferior, ao passo que por terra e pela parte superior se attinge indo sempre para o Oriente. Sendo assim, as linhas horizontaes traçadas no mappa indicam as distancias de Léste a Oeste, e as transversaes as distancias de Sul a Norte. Annotei no mappa diversos logares, aos quaes podeis chegar segundo as notícias mais exactas dos navegadores; já porque ventos contrarios ou outras circumstancias tenham levado anteriormente os navios a pontos differentes dos propostos, já para fazer ver aos habitantes que (os navegadores) teem conhecimento do seu país, o que (lhes) ha de ser grato. Mas nas ilhas só vivem populações dadas ao commercio, visto asseverar-se que só de Zaitun, o porto mais célebre, partem annualmente 100 navios grandes com carregamento de pimenta, sem contar os demais navios, que carregam outras especiarias.

(1) *Bibliotheca americana Vetustissima, Additions*, Paris, 1872. Introd. pags. 16-18.

Aquelle país é muito populoso e abunda em provincias, Estados, e innumeraveis cidades, todos sujeitos a um só principe, chamado *Grão Khan*, o que significa rei de reis. A sua residencia e capital são geralmente na provincia de Cathai. Os seus antecessores

Mappa parcial do mar das Antilhas.

tinham desejado entrar em relações com os christãos, e ha mais de 200 annos que enviaram embaixadores ao Papa, sollicitando um certo numero de homens doutos, para que os instruissem na fé, mas estes encontraram obstaculos no caminho e voltaram atrás. Em tempo do papa Eugenio veiu um viajante ver este Papa e confirmou a bôa disposição para com os christãos, e eu mesmo tive uma conversação com elle sobre muitas coisas, sobre os palacios reaes, as dimensões dos rios, sua largura e maravilhoso comprimento, innumeraveis cidades nas suas margens, havendo ao longo de uma só mais de 200 cidades, com pontes de marmore sobre pilares (1). Este país merece ser visitado pelos latinos, não sómente porque d'ali se podem tirar immensos thesouros de ouro, prata e pedras preciosas de todas as especies, e de especiarias, aqui desconhecidas, mas tambem para conhecer os seus homens doutos, philosophos e astrologos experimentados, e o talento e o tino com que este grande e poderoso país é governado quer na paz, quer na guerra. Florença, 25 de Junho de 1474.»

«De Lisboa para Oeste fôram traçados no mappa 26 espaços, cada um de 250 milhas, até á mui grande e magnifica cidade de Quinsay, que tem um perimetro de 100 milhas, e 10 pontes. O seu nome significa (2) cidade do ceu, contando-se muitas coisas maravilhosas d'ella, dos seus artifices sem conto e das suas receitas. A distancia mencionada attinge quási a terça parte de toda a terra. Aquella cidade está na provincia de Mangi, proxima á de Cathai, onde está a capital do soberano. Da conhecida ilha Antilia até á célebre ilha de Cipango ha 10 espaços. A primeira é muito rica em ouro, pérolas e pedras preciosas, e os templos e palacios são ali cobertos de puro ouro. Assim se ha de atravessar o espaço do mar por caminhos desconhecidos mas não longos.»

Desgraçadamente não se conservou o mappa de Toscanelli, e importa fazer ver que o astronomo florentino usou só uma medida, as milhas romanas, das quaes conta 250 para cada espaço; como, porém, só ha pouco foi conhecido o texto original latino, introduziram-se nas traducções hespanholas e italianas muitos erros, como leguas por milhas, e outros, que fizeram tirar conclusões falsas tambem a Humboldt (3) e a Peschel (4).

Os dados e instrucções de Toscanelli para a rota occidental aos países das especiarias eram tão precisos e convincentes, que Colombo não teve outro trabalho senão adoptá-los, e assim o declarou o proprio Toscanelli, como se infere da segunda carta d'este. Não havia que dissipar dúvidas, nem aclarar pontos escuros, nem responder a perguntas: Colombo na sua carta declarou-se disposto a realisar a ideia de Toscanelli, e este torna a assegurar-lhe que a rota era inteiramente certa e conduzia ao termo desejado da viagem, dizendo: «Louvo a vossa intenção de navegar para Oeste, e estou convencido de que, como vistes já no meu mappa, o caminho que planeaes não é tão difficil como se pensa; muito ao contrario, é inteiramente seguro o caminho que desi-

(1) Talvez alluda ao viajante veneziano, Nicolau Conti.

(2) Segundo a explicação erronea de Marco Polo.

(3) *Investigações criticas*, etc. I, 205 e seg.

(4) No mappa de Toscanelli ha 26 espaços de 4 graus, entre Lisboa e Quinsay. Admittindo para o Equador um comprimento de 22.500 milhas, como alguns admittiam, temos, para grandeza do grau, 62,5 milhas romanas; para grandeza dos espaços de Toscanelli, sobre o Equador, as 250 milhas que elle indica; e para a distancia de Lisboa a Quinsay, contada sobre o Equador, 6.500 milhas ou seja menos de 1/3 da periferia terrestre, como suppunha o florentino. Sophus Ruge crê que o *Globo* de Behaim bem como uma carta da edição romana de Ptolomeu, de 1508, procedem do mappa de Toscanelli.

gnei no mappa. Não titubiarieis, se tivesseis tratado, como eu, com muitas pessoas que estiveram n'aquelles países, e ficae certo de que encontrareis ali reis poderosos, muitas cidades e provincias opulentas, que teem abundancia de pedras preciosas de toda a especie, e se alegrarão muito os reis e principes, que reinam n'aquelles longinquos países com que se lhes abra um caminho para entrarem em relações com os christãos e fazerem-se instruir por elles na religião catholica e em todas as sciencias que nós possuimos. Por isto e por muitos outros motivos não me admiro que mostreis tanto valor, assim como toda a nação portuguesa que sempre produziu homens que se distinguiram em todas as emprêsas.»

N'esta carta merecem ser notados ainda dois pontos: primeiro, a grande importancia que o auctor dá á propagação da fé christã, da qual provavelmente Colombo falou na sua carta; e segundo, a justiça que o auctor faz ao espirito emprehendedor dos portugueses, sendo manifesto que Toscanelli considera Colombo como português, ignorando que é italiano como elle, e que Colombo nada deixou transluzir em suas cartas sobre a sua patria.

Provavelmente foi no anno de 1483 que Colombo apresentou pela primeira vez o seu projecto. O rei D. João II de Portugal pediu o parecer d'uma junta composta dos sabios mais eminentes: Diogo Ortiz, bispo de Ceuta e confessor do rei, e os dois medicos de camara, Rodrigo e José. Estes conselheiros, diz Barros, consideraram as explicações de Colombo como pura phantasmagoria e declararam todo o projecto uma illusão, que não tinha outro fundamento senão as narrações de Marco Polo. O rei, vendo que Colombo era um espirito exaltado, não lhe deu ouvidos; e, tendo fallecido por então a mulher de Colombo, este abandonou Portugal para sempre em 1484, para tentar fortuna em Hespanha. Muñóz, na sua *Historia do Novo Mundo* (II, 19), apresenta o rei de Portugal mais favoravel ao projecto, dizendo que, apesar da resolução negativa da junta, o examinára imparcialmente, reconhecendo o seu mérito, e teria chegado a um accôrdo com Colombo se este não tivesse imposto condições exaggeradas e nunca vistas em Portugal, ainda que analogas ás que apresentou depois em Hespanha. Tal foi a causa unica por que Portugal não acceitou o projecto. Não póde deixar de se admirar, na verdade, a audacia e a firmeza do célebre genovês que, pobre e sem recursos, não quis encarregar-se da realização do projecto senão pelo preço mais exorbitante, tal era a convicção completa que tinha do seu bom exito. D. João II não pôde acceder a semelhantes exigencias sem faltar aos principios seguidos até então pela corôa de Portugal nas expedições de descobrimento, e muito menos tratando-se d'um extrangeiro, e rompeu decididamente as negociações, de sorte que Colombo perdeu então toda a esperança; mas que o rei conservou uma bôa impressão do genovês, póde inferir-se da carta que lhe escreveu em 20 de Março de 1488, que se encontra na obra de Navarrete (II, v. III), e na qual lhe chama «Nosso especial amigo».

Tem-se criticado duramente o juizo da junta nomeada por D. João II, por ter regeitado um projecto que não devia tardar em ser coroado d'exito; mas deve ter-se presente que a actividade portuguesa se dirigira para outro alvo, e que, se é certo que ao tempo não se tinha ainda descoberto o extremo meridional da Africa, estavam já demasiado empenhadas todas as forças vivas n'esta direcção, em que tão grandes resultados se haviam conseguido, para abandoná-la e buscar de golpe outro caminho, tão diverso, para a India. Isto teria dividido as forças do reino inutilmente. Por outro lado, os conselheiros do rei tinham perfeita razão para negar a pouca distancia entre a costa occidental da Europa e a oriental da Asia; a não ter Colombo encontrado em seu caminho

o ignoto continente americano, a sua esquadra teria tido que atravessar todo o vasto Oceano desde a Europa até ás praias da China.

O boato que posteriormente correu, de que o rei de Portugal tinha mandado secretamente um navio a Oeste para realizar o projecto de Colombo sem o concurso d'este, carece de todo o fundamento historico.

4. — Christovão Colombo em Hespanha

O projecto de Colombo tambem não encontrou a principio em Hespanha um acolhimento propicio; mas elle perseverou por varios annos, á medida que as circumstancias se fôram apresentando mais favoraveis, até que finalmente logrou os meios de ver cumpridos os seus desejos mais ardentes, a cuja realização dedicou desde então toda a sua vida.

É singular que não exista nenhum retrato de Colombo que possa considerar-se como fiel imagem sua; todos quantos existem do descobridor do Novo Mundo discrepam entre si d'um modo extraordinario. Talvez seja isto devido a que Colombo gozou poucos annos do favor supremo, e que á sua morte já estava quási esquecido dos seus contemporaneos. Não obstante, se se comparam os dois retratos que representam as nossas gravuras com as descripções das pessoas que conheceram Colombo, vê-se que são os que mais se approximam da verdade. Colombo era de elevada estatura e robusto. No seu rosto comprido, de viva carnação e sardento, brilhavam dois olhos cinzentos-claros; o cabello era arruivado, mas encaneceu cêdo, razão por que era julgado mais velho. A descripção physica mais antiga que se possue é do italiano Trivigiano que publicou em 1507 as viagens de Colombo com o titulo *Paesi novamente ritrovate,* em Vicencia. A pintura que faz do seu illustre compatriota na parte da sua obra que trata da grande emprêsa, diz assim na traducção allemã feita por Jobst Ruchhamer e publicada em 1508:

«Aqui começa o livro quarto, que trata das navegações do rei de Castella, das ilhas e países descobertos recentemente. O capitulo LXXXIV trata dos preparativos feitos pelo rei de Hespanha para dar dois navios a Christovão Colombo de Génova afim de navegar para Oeste.

«Este Christovão Colombo de Génova era um homem alto, de grande intelligencia e de rosto comprido [1]. Seguiu os serenissimos reis de Hespanha por toda a parte por onde viajavam, sempre junto d'elles, sollicitando que o auxiliassem com um navio sequer, compromettendo-se a descobrir ilhas no Oeste, junto á India, onde havia abundancia de pedras preciosas, de especiarias e de ouro, que eram faceis de adquirir. O rei e a rainha zombaram longo tempo d'este projecto, e ao cabo de sete annos ou mais, depois de muito luctar, pedir e supplicar, accederam ao seu desejo e armaram-lhe uma nau e duas caravellas, para que com ellas partisse de Hespanha e iniciasse a sua viagem ou navegação nos primeiros dias de setembro de MCCCCXCII.»

Esta traducção curiosa termina assim: «Aqui acaba este livrinho, traduzido do idioma italiano para o allemão pelo digno e mui douto senhor Jobst Ruchhamer, doutor em artes liberaes, medicina, etc., impresso e concluido por mim, Jorge Stüchsen,

---

[1] R. H. Major — *Select. Letters of Columbus,* Introd. pag. 89, suppõe que a cabeça de Christovão, que figura na Carta de João de la Cosa (1500) seja o retrato de Colombo.

em Nuremberg, no anno de Nosso Senhor Jesus Christo de MCCCCCVIII, quarta feira de São Matheus apostolo, dia 22 do mez de setembro».

R. H. Major suppõe, na introducção das suas *Cartas escolhidas de Colombo* (pag. 89), obra escripta em inglês, que a cabeça de *Christopherus* no mappa de João de la Cosa do anno de 1500 é o retrato de Christovão Colombo.

Colombo esteve primeiro no Sul de Hespanha, onde soube conquistar a protecção de pessoas influentes, e, em especial, do duque de Medinaceli, que o teve quási dois annos em sua casa, com o fim de que não fôsse á França, como era seu intento, offerecer o seu projecto ao rei d'aquelle país (1).

Em Janeiro do anno de 1486 obteve, por intermedio do cardeal Mendoza, arcebispo de Toledo, uma audiencia da rainha Isabel, a qual, depois de tê-lo ouvido, o admittiu no seu séquito com os foros e immunidades de costume, com o que entrou ao serviço da Hespanha. Teem-se conservado notas comprovativas dos annos de 1487 e 1488 dos reduzidos soccorros que Colombo recebeu do thesouro real, nenhuma das quaes excede dez ducados, e em geral não chegam a esta somma (2).

A opinião que se formava do projecto de Colombo era, em geral, favoravel; mas os reis queriam ouvir primeiro o parecer dos doutos e mandaram o pretendente, para este fim, á universidade de Salamanca, onde se viu em grandes difficuldades, porque, não se contentando com adduzir a favor do seu projecto as suas auctoridades cosmographicas, recorreu tambem, perante a junta dos doutos theólogos, a passos da Biblia mal comprehendidos, dando assim, da sua missão uma ideia tão phantastica e desfavoravel, que a maioria dos seus juizes não pôde declarar-se em seu favor.

Podemos formar uma ideia dos seus argumentos pelas leituras das cartas em que, depois, em occasiões diversas, Colombo falou da sua missão e que se encontram na várias vezes citada Collecção de Navarrete. Vejam-se alguns trechos d'essas cartas:

«Tive relações com homens de sciencia, ecclesiasticos e leigos, latinos e gregos, judeus e mouros. Para isso me deu o Senhor o espirito insaciavel da investigação. Na nautica deu-me saber abundantissimo; na astronomia deu-me aquelle de que necessitei, e tambem na geometria e arithmetica. N'este mesmo tempo estudei toda a especie de obras: historias, chronicas, philosophia e outras sciencias.» (2, 289, 2.ª edição).

N'outra occasião escreveu Colombo ao rei: «A Santissima Trindade induziu V. M. a realizar a emprêsa do novo caminho para a India; e por sua infinita mercê me elegeu a mim para annunciá-la e fui seu mensageiro junto de V. M., como principe mais poderoso da christandade, de quantos se hão exercitado na fé e hão trabalhado para a propagação d'ella. Não obstante, todas as adversidades que caíram sobre mim, estava eu certo de que a minha emprêsa sahiria bem, e perseverei n'ella, porque tudo passará n'este mundo menos a palavra de Deus. E, na verdade, não póde Deus exprimir-se mais claramente sobre aquelles países do que quando o faz pela bocca de Izaias em diversas passagens da Sagrada Escriptura, assegurando que o seu santo nome será propagado pela Hespanha.» (I, 391). No que precede refere-se Colombo ao cap. 24, vers. 16 de Izaias, que diz: «Desde os confins da terra ouvimos canticos de louvor.» Aqui os confins da terra são para Colombo a Hespanha. Mais adiante Izaias (60, 9 e 65, 17) diz: «eu acredito n'um novo ceu e n'uma nova terra»; e para Colombo esta nova

(1) Veja-se Navarrete. *Carta do duque de Medinaceli ao Grande Cardeal de Hespanha.* (II, n.º XIV).

(2) Veja-se Navarrete, tomo II, n.º II.

terra era o Novo Mundo. Este mesmo passo repete Colombo na sua carta a Dona Joanna de la Torre n'estes termos: «Deus fez-me arauto d'um novo ceu e d'uma nova terra.» (Navarrete, II, 413). N'outra carta que escreveu a respeito da sua terceira viagem, mostra a seriedade com que tomou a sua missão d'apostolo n'esta passagem: «Em todas as terras que visitei, levantei uma elevada cruz. Conto aos habitantes o que sei da nossa santa fé, e da nossa Santa Madre Igreja, que tem seus membros em todo o mundo.»

Na Bibliotheca Colombina de Sevilha conserva-se a correspondencia autógrapha de Christovão Colombo com o padre cartuxo, Gorricio, do convento de Santa Maria de las Cuevas de Sevilha. N'estas cartas abundam as citações dos dois Testamentos, Antigo e Novo, assim como dos Padres da Igreja e dos auctores classicos, citações que Colombo relaciona com o descobrimento do Novo Mundo. Gorricio extrahiu as passagens dos classicos, como Aristóteles, Plinio, Séneca e outros, expressamente para que Colombo se servisse d'ellas, sendo a mais célebre e a mais citada, sob este ponto de vista, a da tragedia *Medea,* de Séneca, que diz:

Venient annis saecula seris
Quibus Oceanus vincula rerum
Laxet, et ingens pateat tellus
Thetisque novos detegat orbes
Nec sit terris ultima Thule.

Que vertido para português diz: Virá um tempo em que o Oceano romperá os seus diques e se patenteará toda a terra, e Thetis porá a descoberto novos mundos, e Thule não será já o confim do orbe.

Além de Colombo relacionar estas prophecias com o seu descobrimento, convencendo-se cada vez mais da sua missão divina, dominava-o a ideia de conquistar o Santo Sepulchro e de expulsar dos Logares Santos os inimigos eternos da religião christã, com o auxilio dos immensos thesouros que, segundo a indicação de Toscanelli, se encontravam na India. Esta mesma ideia exprimiu-a no seu diario da primeira viagem com data de 26 de Dezembro de 1492, e repete-a n'uma carta do anno de 1503, anno em que manifestou que se sentia chamado a converter todos os gentios ao Christianismo antes do fim do mundo, que considerava mui proximo. Por isso escreveu: «Santo Agostinho ensina-nos que o mundo terá fim aos 7.000 annos da criação; e tal é tambem a opinião dos sagrados theólogos e do cardeal Pedro d'Ailly. Como, segundo o cálculo do rei Affonso de Portugal, passaram já 6.845 annos, resta muito pouco tempo até ao fim do mundo.»

Não é nada extranho que os proprios theólogos de Salamanca julgassem conveniente não se declarar conformes com as combinações mysticas de Colombo nem com os seus insolitos calculos e conclusões astronomico-cosmographicas, nem com a applicação extravagante de prophecias classicas e biblicas. Tambem devia ter influido poderosamente a situação politica das duas monarchias hespanholas reunidas (Castella e Aragão), as renhidas luctas de Fernando e Isabel para firmarem a sua auctoridade real, sem contar as guerras longas com os mouros.

Como podiam em taes condições expôr-se ainda de coração leve a levantar complicações com Portugal, mettendo-se em projectos de descobrir terras desconhecidas? «Por felicidade, diz Humboldt, a ignorancia e as ideias cosmographicas erradas, que então prevaleciam, favoreceram a realização do projecto de Colombo e deram o valor necessario para realizá-lo, valor que teria diminuido notavelmente com um conhecimento

mais exacto das dimensões do nosso planeta, das distancias de Catigara, Cathai e Zipangu, da consideravel extensão do Oceano e da pouca superficie da terra firme, comparada com a dos mares.» ([1])

Tem-se criticado e até calumniado injustamente o parecer que resultou do exame scientifico do projecto apresentado em Salamanca, e isto com a mesma apaixonada acrimonia com que o tem sido o da junta nomeada pelo rei de Portugal; mas todas as razões que, segundo estes criticos, oppozeram as mencionadas corporações ás locubrações de Colombo são tão ridiculas, que não póde vacillar-se em qualificá-las de inepta invenção para glorificar mais o descobridor, quando o exito coroou a sua emprêsa.

No collegio de Salamanca só houve um doutor que defendeu este projecto arrojado. Foi Diogo de Deza, preceptor do principe D. João e, depois, arcebispo de Sevilha; mas declarando-se contra Frei Fernando de Talavera, então prior do mosteiro do Prado e, posteriormente, arcebispo de Granada, addiou-se o parecer, e Colombo teve de aguardar melhores tempos. Passou, pois, um anno após outro, alimentando-se de esperanças e dos miseros soccorros do thesouro real, tão depressa em Cordova como em Sevilha, de poucos conhecido e de menos estimado como amigo.

Ilha de Guanabani, segundo o mappa de Diogo Ribeiro.

O caso ficou n'aquelle pé até que a commissão de Salamanca, encarregada do parecer definitivo, declarou, no anno de 1491, que não podia tomar em consideração o caso antes da conclusão da guerra contra Granada. Esta negativa cortês decidiu Colombo a abandonar um país, que o tivera durante sete annos em contínua espectativa.

Tomou o caminho de Huelva, onde pensava embarcar, e chegou, caminhando com seu filho Diogo, ao longo do rio Tinto, vindo de Palos, sempre a pé, até ao antigo convento franciscano de La Rábida, situado junto ao mar na crista d'um cêrro, cuja cultura escassamente compensa o trabalho do lavrador. Hoje sobe-se áquelle ponto por entre muros desmoronados e sebes de piteiras e aloés até um pequeno campo atrás dos edificios do convento, em que uma cruz de pedra assignala o ponto onde Colombo, opprimido de fadigas e de fome, se deixou caír, implorando dos frades, que se approximaram, um pedaço de pão, e agua, para si e para seu filho ([2]). Comtudo, no mesmo logar onde com o coração dilacerado tinha já renunciado a todas as suas esperanças, deviam alentar-se de novo. O aspecto singular dos dois supplicantes, a pronuncia extrangeira do homem, excitaram a curiosidade dos frades caritativos, em especial de Frei João Perez de Marchena, que tinha sido confessor da rainha, o qual recolheu Colombo no convento e o apresentou ao prior.

Na elevada sala, de cujas janellas se disfructa um magnifico panorama de mar, vêem-se hoje varios quadros que representam o encontro de Colombo com os frades, aos quaes, reanimado pelo bom tracto dispensado, fêz a historia dos seus projectos e desenganos. Frei João Perez sympathisou com Colombo, o qual lhe explicou o seu

([1]) *Investigações criticas*..., I, 91.
([2]) G. de Lavigne, *Itinéraire de l'Espagne,* Paris, 1866, pag. 694.

pensamento com o ardor enthusiastico do aventureiro angustiado; o padre então chamou da vizinha povoação de Palos a Garcia Fernandez, physico e prático em astronomia e cosmographia, afim de examinar o projecto do extrangeiro, que não era conhecido ali nem de nome, não sendo natural que ninguem tivesse grande opinião da sua pessoa, attentos o seu aspecto e traje pobre e miseravel. Não obstante, o physico de Palos, que então apenas contava 30 annos, escutou, assim como o padre Marchena, com vivissimo interêsse as explicações do marinheiro extrangeiro, e ambos acreditaram fazer um notavel serviço á rainha retendo ali pessoa tão notavel. Frei João Perez escreveu á rainha uma carta, enviando-lh'a pelo piloto, Sebastião Rodriguez, a Granada, onde então estava a côrte, e entretanto ficou Colombo ali como hospede.

Quinze dias depois chegou a resposta da rainha, manifestando o seu agradecimento e chamando á sua presença o seu confessor honorario, o qual partiu na mesma noite e recebeu logo da rainha a bôa notícia de que seriam dados três navios a Christovão Colombo. Ao mesmo tempo Isabel mandou dar ao bom padre 53 ducados, afim de que Colombo pudesse vestir-se com decencia e regressar á côrte decorosamente. D'esta maneira foi La Rábida o ponto onde se mudou a sorte do sollicitante e do seu projecto, e, ainda que faltava vencer muitas e não pequenas difficuldades, o principal ficou feito para a realização do arrojado projecto de ir á India pelo Occidente.

Colombo encontrou os régios esposos no acampamento de Santa Fé proximo de Granada, esperando a rendição d'esta ultima praça occupada pelos mouros, rendição que se verificou em Janeiro de 1492, terminando com ella a guerra, e com a guerra o principal obstaculo que o genovês tinha encontrado. Colombo esteve outra vez em riscos de ver mallogrado o seu proposito, porque pôs exorbitantes condições, e tão em desaccôrdo com a sua misera posição como inconciliaveis com a dignidade da corôa. Pedia a investidura das mais altas dignidades de Hespanha e uma auctoridade pouco menos que soberana nos países que viesse a descobrir, a categoria e o titulo de almirante hespanhol para si e seus successores, a nobreza para si e sua familia; a dignidade de vice-rei nos países que descobrisse com o direito de propôr para todos os altos cargos em cada ilha e provincias uma terça parte dos funccionarios; a decima parte dos beneficios que o rei viesse a tirar das pérolas, pedras preciosas, ouro, prata, especiarias e outros artigos de commercio; o direito de resolver como unico juiz todos os pleitos a que désse logar o tráfico entre aquelles países e a Hespanha, e, no caso de custear a oitava parte das despesas d'armamento de navios mercantes, o direito de receber a oitava parte dos beneficios. Exigencias semelhantes nunca se tinham ouvido, e acceitá-las d'um extrangeiro era expôr-se a innumeraveis conflictos com hespanhoes, aos quaes nunca se tinham concedido taes vantagens. A rainha com toda a sua bôa vontade de proteger e fomentar a emprêsa, a despeito de todas as opposições e dúvidas, ficou estupefacta; mas Colombo não cedeu n'um ápice; tão convencido estava da sua estrella e do immenso proveito material que a sua emprêsa traria para a Hespanha. No mesmo mês de Janeiro romperam-se as negociações e Colombo abandonou a côrte, dirigindo-se para Cordova, propondo-se passar a França, onde, segundo elle mesmo dizia, lhe tinham feito propostas tão brilhantes como seguras. Foi então que os seus protectores na côrte, particularmente o cardeal Mendoça e o thesoureiro Luiz de Sant'Angel, voltaram a instar com a rainha para pactuar com o genovês e, para persuadi-la, pintaram-lhe as incalculaveis riquezas que com o exito da expedição adviriam para a Hespanha; que, além d'isso, ganharia em poder e gloria com o augmento das suas possessões coloniaes e a propagação da religião christã. A rainha Isabel cedeu, dando ordem para tornarem a chamar Colombo, que foi encontrado já em Pinos Puente por

um correio montado, o qual lhe deu a certeza de que a rainha acceitava as suas condições.

O pacto firmou-se a 17 de Abril; mas a auctoridade nunca vista, a elevação súbita á mais alta cathegoria do país causaram tambem muito em breve a queda d'aquelle homem, que era incapaz de corresponder a todas as exigencias da sua nova situação e, se Colombo soffreu depois muitos ultrages e humilhações crueis nos ultimos annos da sua vida, deveu-o principalmente ao immoderado das suas proprias exigencias.

Desde então não pensou senão no equipamento dos seus navios. Estando vazio o thesouro real, adiantou Luiz de Sant'Angel á rainha 5.300 ducados para o armamento da pequena frota e feito isto partiu Colombo para Palos, perto do convento de La Rábida, onde tão bons amigos tinha, para activar os trabalhos e a sua partida para Oeste. Teve a grande fortuna de encontrar na familia dos Pinzon, que era muito rica e tinha muita influencia n'aquelle porto, todo o apoio possivel, até ao ponto de se offerecerem para acompanhá-lo os seus membros varões, que eram todos marinheiros. Quem mais contribuiu entre todos para apressar a construcção e conclusão, até com fundos seus, foi Martim Alonso Pinzon.

Tres navios pequenos compunham a expedição; o maior era o unico que tinha coberta inteira; os outros dois só tinham coberta á prôa e á pôpa; a parte central não a tinha. A tripulação, no total de 120 homens, foi recrutada nas povoações maritimas do districto, taes como Moguer, Huelva e, como é natural, Palos. O commandante do navio maior, que tinha o nome de *Santa Maria,* foi o proprio Colombo; Martim Alonso Pinzon commandava a *Pinta,* levando por piloto seu irmão, Francisco Martim, e Vicente Yañez Pinzon era capitão do *Niña.*

5. — Primeira viagem de Christovão Colombo através do Oceano

Tres de Agosto de 1492 foi o dia memoravel em que os expedicionarios, depois de se terem confessado e commungado, partiram do porto de Palos e se aventuraram nas suas tres embarcações a penetrar no mysterioso Oceano.

Desde o primeiro dia redigiu Colombo um diario minucioso, do qual Las Casas nos conservou a maior parte, em extractos litteraes. Na introducção expôs o descobridor o fim, os motivos e fundamentos da emprêsa, indicando claramente que se fundára nos dados de Toscanelli e que ia dominado pelo seu zêlo religioso, conforme se póde ver nos seguintes passos:

«Depois de Vossas Altezas terem concluido, no anno presente de 1492, a guerra com os mouros, na mui grande cidade de Granada, onde vi, a 2 de Janeiro d'este mesmo anno, hastear pela força das armas a bandeira real nas tôrres d'Alhambra, e presenciei como o rei mouro sahiu a porta da cidade beijando as mãos de Vossas Altezas; e, depois de ouvidas as minhas explicações sobre as terras da India e sobre um principe chamado Grão Khan, ou seja rei de reis, que, como os seus predecessores, enviára embaixadas a Roma para obter doutrinadores na nossa santa fé para aquelles povos que se perdem na idolatria e incredulidade, resolveram Vossas Altezas como principes christãos e propagadores da santa fé christã e como inimigos da seita de Mafoma e da heresia, enviar-me a mim, Christovão Colombo [1], aos mencionados países indios, para explorar a sua situação, e condições e o modo de converter seus

---

[1] Desde então adoptou Colombo a fórma hespanhola do seu nome: Cristóbal Colon.

habitantes á nossa santa fé. E mandaram-me que não seguisse o caminho pelo Oriente, como até aqui se tem feito, mas tomar a rota do Occidente, a qual não se sabe até hoje precisamente se por algum outro foi já seguida.» A seguir accrescenta que resolvera fazer um diario exacto, registando as instrucções, e construir uma série de cartas maritimas com a sua rêde de linhas de longitude e latitude. Esta ultima parte do seu proposito não a cumpriu Colombo e difficilmente seria capaz de fazê-lo.

Tomou rumo directamente ás Canarias para d'estas ilhas seguir na mesma latitude para Oeste até á India, passando pela ilha Antilia e pela de Zipangu; mas, tendo recebido no quarto dia o leme da *Pínta* uma avaria, foi preciso arribar ao porto da Gomera e permanecer quatro semanas nas Canarias, até 6 de Setembro, dia em que os navios se fizeram de novo á véla, seguindo, impellidos por vento Nordeste, para Oeste. A 9 de Setembro resolveu Colombo registar e calcular diariamente em duplicado as milhas navegadas, isto é, uma conta exacta e outra falsa, em que apparecia consideravelmente reduzido o numero de milhas para não causar espanto, como elle mesmo diz no seu diario, á tripulação com distancias demasiado grandes entre a sua patria e a solidão do Oceano. Estes numeros reduzidos annotou-os no diario do navio accessivel a toda a tripulação. É provavel que este seja o unico exemplo de um capitão de navio em busca de descobrimentos ter empregado semelhante astucia para enganar a sua gente. A 10 de Setembro, navegou 60 leguas, mas registou 48 «para não desalentar a tripulação no caso de durar a viagem muito tempo ([1]).

A 13 de Setembro, ao anoitecer, observou Colombo, pela primeira vez, a declinação da agulha magnetica, declinação que no dia seguinte notou ser para noroeste. Humboldt classifica a mencionada data, por esta razão, de memoravel nos annaes da astronomia nautica. Tres dias depois notou Colombo uma mudança rapida de temperatura.

A contar de 16 do mesmo mês, dia em que os navios penetraram no mar dos sargaços, julgou ver indicios da proximidade de terra firme ou de ilhas, que o levaram a fazer uma série de observações no diario do navio. A 18 tomou o ennevoamento do horizonte por indicio de grande proximidade da terra, e no dia seguinte uma névoa tambem, que se formou, sem soprar nenhum vento, corroborou-o na sua ideia, ajuntando-se a estes indicios grandes massas fluctuantes d'algas (sargaços), que se encontraram com frequencia. Estes vegetaes formam n'aquella parte longas faixas que fluctuam á mercê dos ventos sem cobrir a superficie por igual; são tufos com o comprimento maximo de um pé, arrancados, pelas ondas, da costa, e que depois perdem a sua vitalidade e vão ao fundo, de modo que não podem ser nunca obstaculo á navegação, como alguns teem feito acreditar. Este mar de sargaços, como ás vezes se lhe chama, encontra-se entre os 20º e 35º de lat. Norte e extende-se para Oeste até ao limite da grande corrente do Golpho (Gulfstream).

O vento, que até ali tinha sido favoravel e constante, começou a inquietar as tripulações, que o julgaram permanente e recearam que tornasse difficil, quando não impossivel, a viagem de regresso. Quando a espessura das massas d'algas augmentou, a 23 de Setembro, viram n'isso os marinheiros um signal indubitavel da permanencia do vento e manifestaram os seus receios em altas vozes; mas, quási de repente, levantou-se o mar sem que nenhum vento o movesse, o que encheu a todos de tal assombro que se calaram os receios, com não pouca satisfação de Colombo, que, ao annotá-lo no seu

---

([1]) **Veja-se Navarrete, tomo I, pag. 160, 2.ª edição.**

diario, accrescentou: «Este grosso mar veiu-me tão a proposito, como aos judeus na passagem do Mar Roxo, quando os egypcios sahiram em perseguição de Moysés, que libertava o seu povo da escravidão.»

A 25 de Setembro teve o almirante uma entrevista com Martim Alonso Pinzon, motivada por um mappa que lhe enviára para bordo tres dias antes, e no qual figuravam algumas ilhas no ponto em que se achavam. Este mappa era evidentemente o de Toscanelli, e o que se procurava era a ilha Antilia, que se suppunha existir um pouco ao Sul da posição então occupada pelos navios. Martim Alonso até julgou vê-la, e não menos Colombo, que avaliou a sua distancia em coisa de 25 milhas e deu ordem para dirigir o rumo a Oeste, até que no dia seguinte se viu que a côr escura do horizonte os havia enganado. Comtudo, Colombo não duvidou que a tal ilha estivesse proxima, tanto que a 3 d'Outubro julgou tê-la deixado atrás, visto como não tinham faltado indicios de terra; mas, sendo o seu objectivo só a India, não quis perder tempo a procurar esta ilha.

Armadura de Christovão Colombo.
(Madrid, Palacio real).

É perfeitamente certo que, á medida que se prolongava a navegação, as tripulações iam entrando em maiores cuidados, e póde muito bem ter succedido que, como dizem alguns auctores dirigissem ameaças contra o chefe extrangeiro. Nada prova a existencia do pacto que se suppõe feito entre Colombo e a sua gente para aguardarem tres dias mais o descobrimento da terra. Isto foi uma invenção posterior para ornar a narração da viagem, segundo a qual o almirante promettera regressar á Hespanha, se ao cabo de tres dias não se descobrisse terra. Pedro Martyr d'Anghiera, historiador do tempo dos Reis Catholicos, na sua obra *De rebus oceanicis*, e o proprio Colombo, confirmam o espirito sedicioso das tripulações. Colombo escreveu a este respeito, com data de 14 de Fevereiro de 1493, isto é, no seu regresso, «que tivera de soffrer muito á ida por causa da sua gente, porque todos *a uma voz estavam determinados a revoltarem-se e erguerem-se contra elle indo até ás ameaças*» [1], e na obra de Pedro Martyr lê-se: «Os hespanhoes da expedição começaram a communicar o seu descontentamento em segredo, e depois congregaram-se abertamente, ameaçando arrojar ao mar o seu chefe, porque o genovês os havia enganado e conduzido á sua perdição» [2].

A 7 d'Outubro resolveu Colombo seguir rumo a SO., tendo-o levado a isso um numeroso bando de aves que voavam n'esta direcção, porque sabia muito bem que os portugueses tinham feito muitos descobrimentos, guiando-se pelo vôo das aves.

A 10 d'Outubro voltaram a queixar-se os marinheiros da longa duração da viagem;

---

[1] Navarrete, I, 229.

[2] V. Pedro Martyr, *De rebus Oceanicis,* Déc. I, liv. I, Colon. 1574, pag. 3.

mas Colombo reanimou-os com esperanças infalliveis de riquissimos beneficios, accrescentando, comtudo, que as suas queixas eram inuteis, porque, com o auxilio de Deus, continuaria o seu caminho de todos os modos até chegar á India; o que certamente não teria dito, se tivesse existido compromisso de voltar para trás ao fim de tres dias. Colombo estava convencido da proxima realização dos seus desejos, e, além d'isso, encontrou nos Pinzons um apoio valioso. Sem vacillar tinha seguido nas primeiras semanas rumo para Oeste, e só o alterou nos ultimos dias da viagem com deliberado intento.

Estava já a expedição a mais de 750 milhas de distancia das Canarias; porque no 1.º d'Outubro calculou Colombo a distancia a que estava da ilha de Ferro em 707 milhas, ao passo que no diario patente só annotára 584. O capitão da *Niña* sómente tinha contado 650, o da *Pinta* 634 e o piloto-mór da *Santa Maria* 578.

Todos se esforçavam, cada dia com mais afan, por ser os primeiros a ver terra, porque, além do desejo natural, o rei promettera ao que tivesse essa fortuna ricos presentes e uma pensão annual de 10.000 maravedís; como, porém, alguns em consequencia d'isso gritaram «Terra» por engano, foi determinado que aquelle que d'esta maneira, d'ali em diante, alvorotasse a gente, perderia o direito á recompensa, ainda que fôsse o primeiro que realmente descobrisse a terra; o que não evitou que todos tivessem a vista fixa continuamente no horizonte, tanto mais quanto iam augmentando os indicios de estar proxima a terra. Na manhã de 7 d'Outubro a *Niña,* que ia adiante, disparára um canhão em signal de ver terra; não tardou, porém, em reconhecer o seu engano; o desalento voltou a apoderar-se dos animos; não, porém, por muito tempo, porque no dia 9 sentiu-se um ambiente fresco, saturado de emanações de arvores em flôr; a 11 colheu-se junto ao navio almirante um ramo verde, e a gente da *Pinta* encontrou um bastão lavrado e um ramo com bagas encarnadas. Entrada já a noite, Colombo viu do seu elevado castello de pôpa um clarão que parecia mover-se, como se alguem levasse uma tocha, e outros a quem mostrou julgaram ver o mesmo. Na verdade, a terra estava proxima; poucas horas depois, ás duas da madrugada do dia 12, Rodrigo, natural de Triana e marinheiro a bordo da *Pinta,* viu á luz da lua uma praia arenosa e baixa, a uma distancia apenas de 2 milhas.

Um tiro de canhão annunciou o feliz successo aos dois outros navios e, apenas amanheceu, viram todos na sua frente uma formosa ilha coberta de verdura.

A travessia desde as Canarias tinha durado 32 dias.

Extasiado e com os olhos cheios de lagrimas d'alegria, Colombo entoou o cantico *Te Deum laudamus,* e todos os seus companheiros de viagem fizeram côro, rodearam-no e felicitaram-no. Desgraçadamente tem a historia que registar o triste facto de que o heroe, pouco antes tão amaldiçoado e agora tão festejado, negou ao marinheiro Rodrigo, que tivera a sorte de ser o primeiro a ver terra e dar o signal, a recompensa concedida pelo rei, ficando com ella sob o pretexto de ter visto horas antes a luz de que acima falámos. Effectivamente, a seu tempo cobrou os presentes e a pensão, procedimento que só póde attribuir-se a uma baixa cubiça, pois que a ambição da gloria de ter sido o primeiro que viu terra não se via mais realçada com a concessão do premio.

Os commandantes dos navios, entrando em lanchas tripuladas por gente armada, e com bandeiras desfraldadas, que ostentavam uma cruz verde e as iniciaes dos reis catholicos *F* e *I,* saltaram em terra, prostraram-se e beijaram o sólo da primeira ilha que tinham encontrado e que Colombo chamou São Salvador, consagrando-a assim como primicia ao Salvador do mundo. No idioma dos indigenas era chamada Guanaham ou Guanahani.

Os indigenas, de tez escura, accorreram e rodearam curiosos e inoffensivos os extrangeiros que lhes pareciam ter sahido do mar. Andavam completamente nús, e só algumas mulheres traziam uma especie de avental de folhas, herva ou algodão. Colombo, para attrahi-los, repartiu entre elles alguns enfeites insignificantes, contas de vidro, agulhas e pequenos vasos. Nenhum d'elles trazia armas e como na côr se pareciam com os naturaes das Canarias, Colombo não duvidou de que a ilha descoberta se achava na mesma latitude da de Ferro, porque então era principio admittido que n'uma mesma latitude os homens tinham a mesma côr, e quanto mais proximos do Equador mais escura. Alguns ilheus estavam pintalgados de preto, vermelho ou com riscos brancos na cara ou em todo o corpo. O cabello era preto e corredio e alguns traziam adornos no nariz.

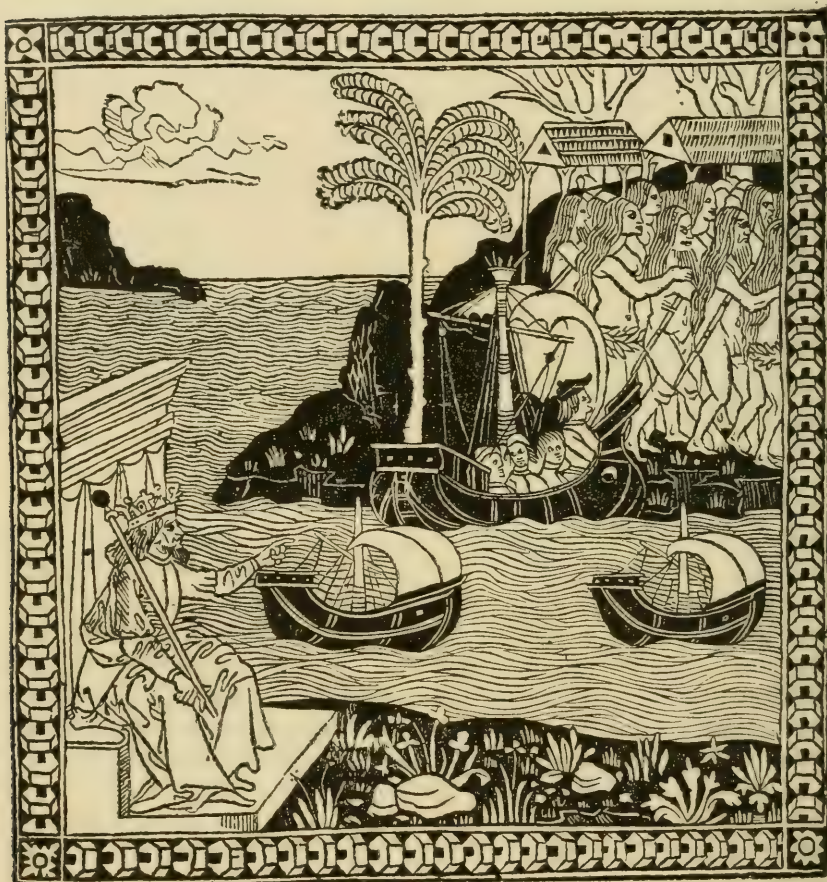
Não tardou em estabelecer-se entre elles e os hespanhoes um tráfico proveitoso para estes que, com bugigangas, adquiriram algumas joias de ouro; e, perguntando por signaes aos indios (porque assim lhes chamou Colombo já ao quarto dia) d'onde procedia o ouro, apontaram na direcção Sudoeste, d'onde inferiram os hespanhoes que deviam existir outros países nas proximidades, porque as embarcações de troncos cavados, que usavam os ilheus e que moviam a remos com uma habilidade e rapidez surprehendentes, não podiam servir senão para viagens curtas, para ilhas vizinhas ou algum continente muito proximo. Esta supposição foi confirmada pelos ilheus á medida que se fôram entendendo melhor uns e outros, dando elles a conhecer, ainda, com os seus gestos mostrando cicatrizes, que a ilha era ás vezes objecto de ataques de tribus inimigas que vinham d'outra parte.

6. — Situação de Guanahani

Antes de continuar a nossa narração da viagem da esquadra, é necessario saber qual foi a ilha que Colombo e os seus companheiros pisaram primeiro, e a sua verdadeira situação. Apesar da importancia historica do sitio onde pela primeira vez a humanidade do mundo antigo se achou frente a frente da do Novo Mundo, ha de confessar a sciencia, quási com vergonha, que não póde fixar com provas indiscutiveis a situação exacta da ilha que Colombo baptisou com o nome de Salvador e que os indigenas chamavam Guanahani. O resultado de todas as investigações não passa de uma verosimilhança maior ou menor segundo as opiniões. É indubitavel que a expedição arribou a uma das ilhas chãs e rodeadas de recifes de coral que formam o terceiro grupo do archipelago americano, conhecido geralmente por ilhas Lucayas ou de Bahama.

O grupo das Lucayas compõe-se de 12 ilhas e mais de 600 ilhotas, sem contar milhares de penhas isoladas e recifes que formam um alinhamento de mais de 150 milhas allemãs, extendido diante das Antilhas na direcção de Sudeste para Noroeste, desde o Norte de Haití até á peninsula da Florida. Apesar de tão grande extensão, não chega a superficie total d'estas ilhas, grandes e pequenas, á do reino da Saxonia. Todas estas ilhas devem a sua existencia a coraes formados sobre bancos de areia ou granito submarinos, e cuja altura não passa em nenhum ponto de 60 metros. Como a maior parte está, além d'isso, rodeada de recifes e baixíos coralinos, só póde navegar-se n'este archipelago usando da maior precaução. Algumas costas apresentam escolhos calcareos, muitas ilhas estão cobertas de verdura e algumas até teem bosques, mas faltam nascentes frescas; os pântanos e lagôas, que se encontram em algumas, teem agua salobra, porque communicam inferiormente com o mar. As madeiras que muitas produzem representam um valor não para desprezar, mas nada tinham nem teem que tivesse

podido satisfazer os hespanhoes, que só buscavam ouro e especiarias. Em vista d'isso, Colombo só permaneceu alguns dias em cada uma das maiores, e, passando ao longo dos recifes e bancos coralinos com a maior prudencia, fêz rumo a Sudoeste, para onde tinham apontado todos os indigenas sempre que eram interrogados sobre a procedencia do ouro, unico desejo e objectivo das pesquisas do descobridor, segundo se vê das no-

La lettera dellisole che ha trouato nuouamente il Re dispagna.

Fac-simile do frontispicio d'uma obra italiana, Florença 1493, que representa a chegada de Colombo. (Londres, Museu Britannico.)

tas do seu diario, correspondentes a 15, 16, 19, 22 e 27 d'Outubro e 4, 5, 6, 12, etc. de Novembro. Como as ilhas Lucayas não podiam satisfazer este desejo e era, além d'isso, perigosa a navegação pelas suas immediações, não fôram visitadas d'ahi por diante pelos hespanhoes, excepto quando queriam apoderar-se dos habitantes para vendê-los como escravos. Por isso se olvidou logo qual d'estas ilhas é a de Guanahani ou de São Salvador, se bem que, como se comprehende facilmente, se ha de buscar a razão principal d'esta incerteza na pouca instrucção astronomica do descobridor. Colombo, apesar de tudo, tinha projectado, ao iniciar a sua viagem, traçar um mappa dos terri-

torios que descobrisse, mas depois absteve-se de traçá-lo e nem sequer torna a fazer menção d'isso. Em todo o seu diario não se encontra nem um só cálculo de latitude feito na travessia, e os que pretendeu ter feito na America são tão imperfeitos que no seu proprio tempo excitaram as dúvidas dos praticos. Basta saber a este respeito que calculou para a costa de Cuba 42º de latitude em vez de 21º; Colombo, posto que homem de grande e indisputavel mérito, tinha muito poucos conhecimentos scientificos de nautica (1); de fórma que o que fica dito desfaz completamente a asserção de ter estudado Colombo na universidade de Pavía, asserção divulgada primeiro pelo auctor da *Vida do Almirante,* porque em nenhuma universidade lhe podiam ter ensinado que a latitude geographica d'um logar se calcula pela duração do dia, como a calculou Colombo a 13 de Dezembro, por exemplo, a julgar pela sua nota do diario, e como só podia calculá-la um empirico pouco instruido.

Colombo, pois, não deixou dado algum certo para se fixar geographica e astronomicamente a situação da sua ilha de São Salvador, e explica as divergencias das opiniões dos historiadores d'esta viagem, divergencias que vão até tres graus.

Tem de ver-se, pois, se é possivel determinar por meios indirectos a ilha em que Colombo tocou pela primeira vez na sua viagem á America. Antes de tudo importa, como se comprehende, consultar as cartas maritimas mais antigas d'aquelle archipelago; mas depara-se-nos n'ellas a difficuldade de que nenhuma ilha tem o nome de São Salvador, nem mesmo depois de muito entrado o século XVII, nem qualquer nome dado por Christovão Colombo a outras ilhas. A mais antiga carta da America, feita por um companheiro de viagem de Colombo, o basco, João de la Cosa, só designa as ilhas pelos seus nomes indigenas, e entre ellas figura a de Guanahani; mas precisamente n'este ponto é tão inexacto o mappa, que o capitão inglês Becher, na sua obra *The Landfall of Columbus,* Londres, 1850, diz que este documento antigo não merece o nome de mappa. Os cartógraphos posteriores tambem não procuraram ser exactos a respeito das Lucayas, por as considerarem de quási nenhum valor, e Pedro Martyr, depois de descrever minuciosamente as Antilhas, julgou inutil entrar em pormenores a respeito d'estas ilhas coralinas, porque os hespanhoes as tinham abandonado por pobres, pois ali não encontravam nenhuma das coisas que ambicionavam (2).

Tambem não pode lançar-se mão do recurso de inquirir entre os habitantes do archipelago qual ilha é a de Guanahani, nome dado por elles proprios no seu idioma, o qual, embora tivesse experimentado no decurso do tempo modificações, deveria dar alguma luz sobre o nome e a ilha; mas verificou-se que ha mais de dois séculos e meio está completamente extincta a população primitiva, por a terem exterminado os hespanhoes, os quaes não fizeram n'isto mais que seguir a opinião do mesmo Christovão Colombo, que escreveu em 13 d'Outubro no seu diario: «Esta gente de excellente indole ha de dar escravos muito bons», e que, ao partir da ilha, levou alguns habitantes á força, «para que aprendam, dizia, o nosso idioma e possam informar-nos sobre o

---

(1) A. Breussing, *Ensaio sobre a historia da cartographia,* na *Zeitschr. für wissensch. Geographie,* II, pag. 193. Ao mesmo Breussing e depois d'elle a Lührs se deve a decisão do pleito aberto sobre a *questão do nonio,* reivindicando os dois para Pedro Nunes a ideia fundamental d'aquelle instrumento. Vidè Rodolpho Guimarães «Sur la vie et l'œuvre de Pedro Nunes». Coimbra, 1915. Cap. Pag. 47.

(2) *De rebus oceanicis.* Déc. III, liv. IX, pag. 308. De insulis autem, quae Hispaniolae latus septentrionale custodiunt, mentionem praetereo, quia licet piscationibus et culturis aptae sint, relictae tamen sunt a nostris tamquam pauperes.

seu territorio». Depois a rainha Isabel consagrou officialmente a caça de americanos indigenas com o seu edicto de 30 d'Outubro de 1503 [1] permittindo apresar e vender os cannibaes, inimigos dos seus súbditos das Indias occidentaes e do Christianismo; e cinco annos depois auctorisou uma companhia hespanhola a capturar tambem os habitantes das Lucayas, tão inoffensivos como pouco numerosos, para poder convertê-los mais facilmente. O resultado foi que já em 1525 só se puderam encontrar em todo aquelle archipelago lucayo 11 indigenas que o piedoso padre, Pedro de Isla, fêz reunir e levar para Haiti para salvá-los dos seus compatriotas. Desapparècida, pois, a raça, não resta já quem possa dar notícias sobre a ilha de Guanahani.

Em vista de tudo isto, os historiadores modernos teem appellado para o unico recurso que restava, isto é, o diario de Colombo, para reconstituir pelos seus dados as derrotas e distancias, rectificando os resultados obtidos comparando as localidades assim fixadas com a descripção que d'ellas fêz o descobridor. Este trabalho é, como dissemos, difficillimo, já pelas omissões das notas de Colombo, já pela pouca precisão da linguagem; o que deu logar a grandes divergencias de opinião entre os auctores, que se encontram indicadas no mappa do archipelago lucayo, feito sobre uma carta maritima do almirantado inglês.

Quatro são as ilhas em que se fixaram os criticos: a de Cat, Watling, Mariguana ou Mayaguana, e Turk, contando-as na direcção de Noroeste para Sudeste, e por esta ordem examinaremos agora as razões em que se fundam os criticos respectivos.

O norte-americano Irwing, na sua *Historia da vida e das viagens de Christovão Colombo,* e o allemão Humboldt querem que o descobridor desembarcasse na ilha que hoje se chama Cat; o eminente historiador hespanhol Muñoz, na sua *Historia do Novo Mundo*, e o capitão inglês Becher designam a ilha de Watling; Varnhagen, na sua obra *A verdadeira Guanahaní,* publicada em São Thiago de Chile em 1864, decidiu-se por Mariguana, e Navarrete pronuncia-se pela ilha de Turk. Esta ultima opinião não tem já hoje partidarios, e com razão, porque esta ilha de Turk não corresponde nem á descripção que Colombo fêz de Guanahani ou São Salvador na sua narração, nem ao curso da expedição depois de partir da ilha que conheceu primeiro.

Contra a opinião de Irwing e Humboldt ha o facto de Colombo ter escripto no seu diario que deu a volta pelo lado Norte de São Salvador, e admittindo que fôsse a ilha de Cat a que nos mappas hespanhoes e allemães costuma trazer os dois nomes de Guanahani e São Salvador, teria ancorado só no seu extremo meridional, pois que assim o exigem o rumo anterior e o ulterior á sua chegada, sem contar que n'esta hypothese, até chegar á costa septentrional de Cuba, devia ter seguido ao longo da costa occidental da Long Island pelo meio do canal de Bahama, onde em muitos pontos a profundidade da agua mal passa de uma braça.

Muñoz designa, como Becher, a ilha de Watling; mas o primeiro não funda a sua opinião em razões, contentando-se com emitti-la simplesmente como faz a respeito da identidade das demais ilhas visitadas por Christovão Colombo, ao passo que Becher adduz provas em favor da sua supposição; de fórma que só nos falta examinar as razões d'este ultimo e as de Varnhagen. Ambos estudaram cuidadosamente as notas do diario de Colombo e cada um as utilizou a seu modo a favor da sua hypothese. Não póde negar-se que Varnhagen tem para a sua razões de grande pêso, e que especialmente o seu traçado do rumo intrincadissimo da expedição entre São Salvador e

[1] Veja-se Navarrete. tomo I, ed. 2.ª, pag. 460.

as ilhas coralinas proximas, corresponde muito bem á derrota seguida, mas duas grandes objecções se oppõem á adopção d'esta opinião: a primeira é que todos os mappas mais antigos, incluido o de João de la Cosa, collocam a ilha de Mayaguana, que para Varnhagen é a verdadeira Guanahani ou São Salvador, ao lado d'esta ultima; isto é, a Sudeste; e, ainda que os contornos d'estas e d'outras ilhas n'estes mappas não podem ter a menor exactidão, não deixa de ser evidente que todos aquelles cartógraphos consideraram sempre Guanahani ou São Salvador e Mayaguana como duas ilhas distinctas. A segunda objecção é que não se adapta a Mayaguana a descripção que Colombo fêz de São Salvador, ao passo que se adapta perfeitamente á ilha de Watling proposta por Muñoz e Becher, e é preciso confessar que este ultimo tem razão quando diz que tanto a situação como a descripção do diario de Colombo se applicam perfeitamente á ilha de Watling, ao passo que não podem applicar-se a nenhuma outra; porque «esta ilha, diz Colombo, é bastante grande, inteiramente chã, tem muitas arvores, muita agua e no centro um lago e nenhuma montanha.» Vê-se, pois, que a respeito da agua se limitou Colombo a dizer que era abundante e não disse nada sobre se era potavel ou não, como teem querido suppôr alguns.

No que se segue admittiremos, pois, a ilha de Watling como a verdadeira Guanahani dos indios ou a São Salvador de Colombo, sem prejuizo de que novas investigações modifiquem esta opinião.

7. — A navegação pelo Mar das Antilhas

De São Salvador dirigiu-se Colombo para Sudoeste, tocou na pequena ilha de Rum Cay e chegou ao extremo septentrional da Long Island, á qual chamou Santa Maria da Conceição. A Oeste d'esta encontrou uma terceira ilha, a Grande Exuma, á qual chamou Fernandina em honra do rei. Impedido por ventos contrarios de dar a volta á ilha, voltou á anterior, cujo lado oriental seguiu na direcção Sul até Cabo Verde, d'onde os tres navios fôram cada um para seu lado em busca de Saomet ou Samaot, nome que os indigenas pronunciaram quando lhes perguntaram pela procedencia do ouro que traziam. Depois de tres horas de navegação, appareceu outra ilha, que era Saomet, e que hoje se chama Crooked, mas que Colombo baptisou com o nome de Isabel em honra da rainha. Esta ilha não se differençava das demais; estava coberta de formosos bosques e tinha algumas collinas. Emquanto os navios, que se tinham tornado a reunir no extremo Noroeste da ilha, cruzavam ao longo das suas costas, recebeu Colombo notícia certa d'uma ilha grande situada mais ao Sul, e que os indígenas chamavam Colba (Cuba). Colombo julgou que era Cipango, e a 24 d'Outubro dirigiu o rumo para ella, propondo-se passar d'ali directamente a Quinsay, na China, para entregar ao Khan ou imperador as cartas do rei de Hespanha. Estava tanto mais convencido de que tinha diante de si a ilha maravilhosa de Cipango, quanto nos globos que vira estava marcada n'aquellas paragens. Assim, no seu diario escreveu em 24 de Outubro a respeito da ilha de Colba: «É a ilha de Cipango, de que se contam coisas maravilhosas; e nas espheras que eu vi e nas pinturas de mappas-mundi está ella n'estes sitios.»

Primeiramente tomou rumo a Sudoeste e, depois de ter lançado ancoras pela tarde de 26 d'Outubro e passado a noite nos baixios do banco chamado de Colombo dirigiu-se ao Sul. Ao anoitecer divisou-se a terra, mas, estando a chover copiosa e fortemente, foi mistér approximar-se com muita cautella, e a 28 penetraram os navios n'um rio magnifico que desaguava na costa septentrional de Cuba, e seria provavelmente o porto de Nipe. Em Cuba extasiaram-no as palmeiras majestosas que encontrou, diffe-

rentes das africanas; mas, posto que descrevesse enthusiasticamente a magnificencia das ilhas que até ali tinha descoberto, não tinha repouso; porque o que buscava era carregamentos de ouro e de especiarias para os seus navios. Os indigenas disseram que em 20 dias se podia dar a volta a Cuba, que, por conseguinte, havia de ser uma ilha; mas em tal caso não era a China nem havia ali a grande cidade de Quinsay, nem a côrte do Khan ou imperador. O capitão da *Pinta* opinou que Colba ou Cuba devia ser sómente uma cidade e o país que tinham diante uma parte da Asia; a terra mais a Oeste devia pertencer já ao imperio do Khan, e como Colombo não desejava outra coisa, deixou-se convencer e escreveu no seu diario: «Cuba é o continente asiatico; estamos diante de Quinsay e Zaiton, que distam cêrca de 100 milhas hespanholas.» A isto observa Las Casas que não entende este caso; mas ha que ter presente que Colombo julgou ter deixado atrás Cipango, e que entre este reino e a China havia a distancia de 100 milhas, porque assim o indicava a carta de marear de Toscanelli, como se vê no globo de Behaim, feito pelo mappa do sabio de Florença.

O capitão da *Pinta*, Martim Alonso Pinzon, teve tambem as suas razões para crer de bôa fé que o país onde estavam pertencia ao continente asiatico, porque os indios que levava a bordo, para que mostrassem as minas d'ouro, respondiam a todas as perguntas e signaes que se lhes faziam n'este sentido, com a expressão *Cuba-nacan*, que no seu idioma significava *o interior de Cuba;* mas que os hespanhoes traduziram por Cuba-Khan, ou seja o Khan ou rei de Cuba. Tambem os indios inoffensivos e timidos das ilhas pequenas usavam o nome de *Caniba* para designarem os seus vizinhos ferozes, que comiam os inimigos mortos; e Colombo entendeu que *caniba* significava súbditos do Khan.

Outro dado que nos faz crer em que ponto se julgava Colombo encontra-se na observação extravagante que apontou no seu diario, «de não ter encontrado ainda sereias», e deve saber-se que no globo de Behaim, entre as ilhas traçadas a Oeste de Cipango, isto é, perto da China, encontra-se uma legenda que o mappa de Toscanelli devia ter tambem, e que diz assim: «Aqui encontram-se muitos monstros marinhos, sereias e outros peixes.» Não póde duvidar-se que Behaim copiou muitas das suas inscripções de mappas que viu em Portugal, e entre elles o de Toscanelli, que, além d'outros, Colombo levou, sem dúvida, comsigo.

Imbuido d'estes erros, era muito natural que Colombo não pensasse senão em apresentar-se e conhecer quanto antes o Khan ou imperador. Com este fim já em 2 de Novembro enviára dois hespanhoes a terra: Rodrigo de Xerez e o douto judeu, Luís de Torres, que sabia o hebreu, o chaldeu e um pouco de árabe. Com elles enviou dois indios que tinha a bordo para juntos explorarem o país, entregarem ao soberano as cartas do rei de Hespanha, e informarem-se, de caminho, das especiarias, para o que lhes fôram dadas amostras de muitas a fim de se fazerem comprehender, e, em logar de dinheiro para pagarem as suas despesas, fôram providos de enfiadas de pérolas.

Ao quarto dia regressaram dizendo que tinham penetrado umas 12 milhas no interior até uma povoação de 50 casas e cêrca de 1.000 habitantes, que os tinham recebido com muita solemnidade e alojado, segundo o costume do país, nas melhores casas. Os indios tinham-lhes beijado as mãos e os pés por os considerarem mensageiros do ceu, os notaveis da aldeia levaram-nos ao colo ao edificio principal, onde os fizeram sentar, e depois vieram as mulheres fazer-lhes os mesmos acatamentos que os homens. Ao perguntarem-lhes por especiarias indicaram a direcção Sul como centro de producção. No caminho viram os commissionados hespanhoes pela primeira vez fumar, e os indios chamavam *tabaco*, não á planta, mas á folha enrolada em fórma de

cigarro. A esta narração accrescentou o almirante a esperança de que Suas Altezas, os reis de Hespanha, enviariam em breve ecclesiasticos para converterem tantos povos á religião verdadeira.

A 12 de Novembro levantou outra vez ancoras para continuar os seus descobrimentos, e com vento favoravel seguiu ao longo da costa Norte na direcção Noroeste,

A America do Sul, segundo Schöner.

falando em todas as suas notas de riquezas d'ouro, pérolas e especiarias e da sua esperança de chegar depressa ás grandes cidades do imperador mongolico; mas, á medida que viu que a costa ia seguindo sempre a direcção indicada, temeu chegar á estação do inverno, porque, segundo a observação e o cálculo erroneo que fêz ali e que indicámos já n'outra parte, julgou ter chegado aos 42º de lat. Norte, isto é, á latitude do Norte de Hespanha, ao passo que só estava a 21º; e, como os indios que levava a bordo lhe indicaram repetidas vezes uma ilha chamada Babeque como especialmente rica em ouro e situada muito mais a Léste, fêz virar de bordo e tomar este rumo. A 13 de Novembro tinha chegado a 77 ½º a Oeste do meridiano de Greenwich; mas, segundo o seu proprio cálculo, tinha-se encontrado a 2 de Novembro, quando enviou a commissão exploradora ao interior do país, a 1.142 leguas a Oeste da ilha de Ferro. Uma

legua é igual a quatro milhas maritimas italianas, segundo Pedro Martyr [1]; e, se se conta na latitude das Canarias, cada grau a 50 milhas maritimas italianas, resultavam, segundo o cálculo de Colombo, 91° de distancia até á ilha de Ferro desde o ponto onde elle estava, sendo na realidade só 60°; mas, segundo o mappa de Behaim e, provavelmente, segundo o de Toscanelli, áquella longitude de 11° correspondia a região das ilhas innumeraveis situada entre o Japão e a costa da Asia.

Assim é que no dia seguinte depois de ter tomado o rumo Léste, isto é, a 14 de Novembro, julgou achar-se na proximidade do referido archipelago phantastico da Asia. Esta illusão dominava completamente Colombo, tendo-o como dentro d'um circulo magico que nunca soube romper. Muito depois julgava ainda que a terra tinha menos circumferencia que a indicada pelos cosmógraphos fundados na auctoridade dos auctores antigos; porque, segundo o seu proprio cálculo, não se achou tão distante das Canarias como os mappas indicavam.

Luctando com ventos contrarios, Colombo retrocedeu ao longo da costa Norte de Cuba para dirigir-se a Léste. A 21 de Novembro, ao chegar ao extremo oriental da ilha de Cuba, teve que abandonar a costa para seguir o seu rumo a Léste; e, achando-se já a meio caminho da ilha Isabel, Martim Alonso Pinzon aproveitou a noite para evadir-se com a *Pinta,* separando-se dos seus companheiros para descobrir por sua conta a ilha aurifera de Babeque. O almirante resolveu então retroceder outra vez para Cuba, onde, extasiado das bellezas d'aquella parte da ilha, escreveu a 27 de Novembro que não bastavam mil testemunhas para exalçar tanta magnificencia, nem a sua mão era capaz de descrever as maravilhas que o rodeavam, dizendo que n'este clima suave e admiravel, inteiramente diverso do da costa da Guiné, não tinha um só homem doente, gozando todos de perfeita saude; mas accrescenta: «os reis de Hespanha não deveriam permittir a ninguem que não fôsse bom catholico pisar este paraiso; porque este foi o fim dos descobrimentos que fêz por ordem de SS. AA. e que fôram emprehendidos unicamente para propagar e exaltar a fé christã.»

A 5 de Dezembro passou do extremo oriental de Cuba, isto é, do cabo Maysi, que chamou Alpha e Omega, porque o julgou o extremo da Asia, a Haití, chegando no dia seguinte ao extremo Noroeste d'esta ilha que chamou Hispaniola pela sua semelhança com o Meiodia da Hespanha [2]. Pareceu-lhe ainda mais magnificente que Cuba, e escreveu no seu diario: «As suas montanhas e planicies, os seus prados, são tão formosos e exuberantes, que poderiam cultivar-se ali todos os fructos, criar-se toda a especie de gados e fundar-se cidades e aldeias. A costa abunda em portos, e a multidão e grandeza de rios, que na sua maior parte arrastam areias auriferas, não tem igual.» Oito dias depois julgou achar-se muito perto da região cujo solo encerrava as maiores riquezas, e manifestou a esperança de que Deus depressa o levaria aos campos auriferos mais ricos. Este desejo era tão vivo, que foi a sua prece e o seu anceio quotidianos, como por exemplo; «Oxalá que o Senhor na sua misericordia me faça encontrar as minas d'ouro!»

Os ultimos dias haviam sido muito tempestuosos e Colombo havia dois dias que não tinha cerrado os olhos. Quando finalmente, a 24 de Dezembro, se acalmou o mar, Colombo, rendido de fadiga, retirou-se para o seu beliche para descansar tranquilla-

---

(1) Segundo Pedro Martyr a legua hespanhola corresponde a quatro milhas italianas, no mar, e a tres em terra.

(2) Haiti dicitur asperitas eorum vetera lingua (Pedro Martyr, Déc. III, liv. VII, pag. 279).

mente, porque sabia que o leme estava em bôa mão; mas o piloto tambem estava cansado; necessitou de descanso e commetteu a imprudencia inqualificavel de entregar o leme a um grumete, que conduziu a *Santa Maria,* pouco antes da meia-noite, a um baixio, onde encalhou. Aos gritos do mancebo inexperiente acudiu immediatamente o almirante, mas era tarde; o navio estava perdido. A tripulação consternada quis acolher-se em parte a bordo da *Niña,* que não estava longe; mas, quando chegou na lancha, o commandante da *Niña* não quis recebê-la e com razão, porque o mar estava completamente tranquillo. Entretanto, continuando a maré baixa, a *Santa Maria* inclinou-se sobre um costado, e para alliviá-la Colombo fêz cortar o mastro maior; mas o navio continuou a inclinar-se e por fim encheu-se d'agua. Por felicidade continuava a calma e com o auxilio de Vicente Yañez Pinzon, capitão da *Niña*, salvou-se a tripulação do navio principal e uma grande parte da sua carga. A esta operação ajudaram grande numero de indigenas, com os quaes Colombo entrára já em relações amigaveis, e cujo chefe, Guacanagarí, fêz guardar os objectos salvos.

O almirante considerou o naufragio como obra admiravel de Deus para obrigá-lo a encontrar as terras auriferas que buscava e que julgava proximas; porque escreveu no seu diario a 6 de Janeiro de 1493: «Assim conheci que o Senhor fêz encalhar milagrosamente o nosso navio justamente n'este sitio, porque é o melhor de toda a ilha e para que pudessemos estabelecer a nossa colonia o mais perto possivel dos jazigos de ouro.» N'esta fé o confirmou o nome d'uma região de Haití que os indigenas chamavam Cibao e que Colombo tomou por Cipango; e, como a gente parecia de muito bôa indole e o ouro proximo, porque os indigenas tinham dado aos hespanhoes bastantes adornos e folhas d'este metal; e como, além d'isso, o solo na costa se apresentava extraordinariamente feraz, resolveu Colombo fundar ali uma colonia. Por outro lado, via-se obrigado a tomar esta resolução, porque no pequeno navio que lhe restava não havia logar para as duas tripulações, e muitos marinheiros se offereceram para ficar ali, emquanto os demais voltavam a Hespanha, porque se lisonjeavam de poder satisfazer, entretanto, por meio do tráfico a sua sêde d'ouro em pouco tempo. Em virtude de tudo isto consolou-se o almirante muito depressa com a perda do seu navio, e escreveu, na segunda festa de Natal, no seu diario: «Espero que com o auxilio de Deus encontrarei aqui á minha volta de Castella uma tonelada d'ouro que terão accumulado os homens que ficam e que terão descoberto, entretanto, os jazigos d'ouro e as especiarias em tanta abundancia, que antes de tres annos poderão o rei e a rainha emprehender a conquista de Jerusalem. Quando expuz esta ideia VV. AA. riram-se e disseram que lhes agradava, mas, ou fôsse ou não fôsse assim, estavam promptos a proteger a expedição.» Estas são, accrescenta Las Casas, as proprias palavras de Christovão Colombo.

Pedro Martyr confirma tambem na sua obra que a propagação da fé christã era objectivo predilecto dos reis de Hespanha e em muitos outros passos menciona a riqueza aurifera do Haití e de Cuba.

Ficaram na nova colonia, que recebeu o nome de Navidad (Natal) 39 hespanhoes. Em 4 de Janeiro de 1493 despediu-se Colombo d'elles e fez-se de rumo para Hespanha. Dois dias depois, quis a casualidade que se tornasse a encontrar a *Pinta,* que desde o mês de Novembro, quando se separou da expedição, havia estado na ilha de Grande Inagua, ao norte do canal que separava Cuba do Haití, e na parte oriental de Haití. Ali o capitão Martim Alonso Pinzon encontrára muito ouro, especialmente bellas laminas de dois dedos de espessura e uma mão de comprido, adquirido por um pedaço de fita. Pinzon foi a bordo da *Niña* para apresentar-se ao almirante e des-

culpar-se da sua separação clandestina, que attribuiu a circumstancias alheias á sua vontade. Não acreditou Colombo, mas deu-se por satisfeito com a explicação «para não ceder ás insinuações de Satanaz que desde o principio tinha tratado de impedir a viagem», como apontou no seu diario.

Desde então navegaram juntos os dois navios. A 13 de Janeiro occorreu a primeira collisão sangrenta com os indigenas, ficando dois d'estes gravemente feridos. A 16 de Janeiro abandonaram os navios a ilha de Haití, saindo de junto do cabo Samana, e entraram no Oceano para regressarem a Hespanha. A travessia fez-se sem precalço até 13 de Fevereiro, dia em que se desencadeou uma tempestade violenta, que continuou até 17, e foi tão espantosa que Colombo prometteu a bordo da *Niña* uma romaria á Virgem do Loreto e á de Guadaluppe, que seria feita em nome de todos pelos homens da tripulação que a sorte designasse; e, além d'isso, fizeram votos todos de irem no traje de penitentes á Virgem no primeiro país, onde encontrassem refugio e salvamento.

Quando, na noite de 13 para 14, chegou o perigo ao extremo, podendo com difficuldade sustentar-se fluctuando as duas pequenas embarcações, tomou Colombo as suas disposições para fazer chegar sequer notícia dos seus descobrimentos á Europa, por todas as maneiras, para o que fêz envolver n'um pedaço de vela e metter n'uma caixa impermeavel, que foi arremessada ao mar, uma narração, escripta sobre pergaminho, da viagem e do descobrimento, para que um dia ou outro as ondas ou as correntes a levassem a alguma praia. A 15 de Fevereiro viu-se no horizonte Santa Maria, a ilha mais meridional dos Açores, mas até 17 não puderam tomar terra. Só então metade da tripulação, como havia promettido, foi em procissão á capella da Virgem; mas o governador da ilha, João de Castanheda, fêz prendê-los todos, e só ao cabo de alguns dias, durante os quaes voltou a rugir a tempestade e rompeu as amarras dos navios ancorados na bahia aberta, deixou regressar a gente a bordo, depois que o almirante mostrou aos enviados do governador português as suas patentes e poderes do rei de Hespanha. Para evitar novos dissabores, Colombo levantou ferro a 24 e continuou a sua viagem; mas a 3 de Março, pela noite, soltou-se um verdadeiro furacão, que separou os navios e lhes levou as velas, deixando-os completamente á mercê dos elementos enfurecidos. Por fortuna acalmou o mar na manhã seguinte; os navios fôram arrastados para terra e em breve reconheceu aquella gente com indizivel jubilo a Serra de Cintra, cujas faldas formam a elevada costa da foz do Tejo. A *Niña*, em que ia Colombo, entrou no porto de Lisboa, onde se espalhou como um raio a notícia da famosa viagem, confirmada pelos indios que vinham no navio chamando, como póde pensar-se, a attenção de todo o mundo. O commandante do navio português de guarda ao porto intimou a Colombo a ordem de passar ao seu navio para dar conta da sua emprêsa, mas Colombo, na sua elevada qualidade de almirante de Castella, limitou-se a mandar ao funccionario português os seus poderes. O rei D. João II, que ao tempo se achava em Vale de Paraiso, perto de Santarem, nas margens do Tejo, acima de Lisboa, recebeu naturalmente notícia do grande successo e convidou para a sua côrte o afortunado descobridor, ao qual recebeu com muita affabilidade em audiencia a 9 de Março, dizendo-lhe, todavia, que pelo teor das repetidas concessões papaes e convenios celebrados com a corôa de Castella, deveriam pertencer-lhe de direito os países novamente descobertos. Alguns cortesãos, que tinham ouvido estas observações, julgaram fazer um grande serviço ao seu monarcha, offerecendo-se para procurar algum pretexto para se travarem de razões com o genovês como por casualidade e matá-lo para que morresse com elle o seu descobrimento; mas o rei repelliu semelhante pro-

posta com firmeza e despediu o seu hospede com grandes provas de benevolencia [1].

A 13 de Março sahiu Colombo de Lisboa e dois dias depois apresentou-se á vista da barra de Saltes, em frente de Palos, e no mesmo dia chegou tambem ali Martim Alonso Pinzon com o seu navio, depois de ter sido arrojado á costa da Galliza, d'onde fizera chegar a primeira notícia do seu feliz regresso ao rei de Hespanha, sollicitando-lhe, de passagem, uma audiencia, que lhe foi negada, indicando-se-lhe que unicamente devia apresentar-se no séquito do almirante. Esta contrariedade affectou-o tanto, que morreu pouco depois. Martim Alonso Pinzon foi sem dúvida o companheiro mais notavel da expedição, como o demonstrou tambem quando se separou de Colombo para procurar só a terra do ouro, posto que com isso podia comprometter toda a emprêsa. Posteriormente reconheceu o govêrno hespanhol o mérito d'este homem, concedendo cartas de nobreza aos seus descendentes.

Colombo entrou em Palos acclamado por toda a população, e em seguida partiu para Sevilha. Correios montados partiram para Barcelona, onde ao tempo estava a côrte, para communicarem aos reis o brilhante exito da expedição. Uma carta do rei, com data de 30 de Março, convidou o descobridor a apresentar-se n'aquella cidade, e ao mesmo tempo deram-se as ordens necessarias para a preparação d'uma grande frota em cumprimento do desejo expresso pelo mesmo Colombo, ao qual fôram confirmados os titulos e dignidades promettidas.

Colombo então pôs-se a caminho para Barcelona, levando comsigo todas as preciosidades e objectos notaveis que reunira na sua viagem, juntamente com alguns indios, que arrebatára do seu país. A sua passagem através da Hespanha foi triumphal; de todas as partes acudiu gente para ver o dominador do Oceano e os tropheus maravilhosos, que trazia. Assim entrou tambem em Barcelona; só é muito singular que uma chronica d'esta cidade que vae desde o anno de 1411 até hoje, sem interrupção, com a annotação escrupulosa dos successos de menor importancia, não diga absolutamente nada da presença de Colombo dentro dos seus muros no mês de Abril do anno de 1493. A côrte dispensou-lhe as maiores honras, convidando-o a sentar-se em audiencia pública, o que só era permittido aos grandes de Hespanha, para que referisse a historia da sua expedição. Assim o fêz, se bem que com mais adôrno e calor talvez do que nas duas narrações em fórma de carta, que remettera ao rei e á rainha, uma em 15 de Fevereiro de 1493 na altura das Canarias, com o endereço ao secretario de S. A. Luís de Sant'Angel; e a outra de Lisboa, a 14 de Março, com o endereço ao thesoureiro real Raphael Sanchez. Ambas as narrações se encontram na collecção de Navarrete e conteem, á maneira de Relação official, um resumo da expedição e das opiniões e esperanças do auctor, que não duvidou um momento ter estado no mar da India. Embora não tivesse encontrado ainda as cidades populosas, nem os grandes e frequentados portos a trasbordar de especiarias, na costa oriental da Asia, não deixam de ter, diz, as grandes ilhas que descobriu, tantos productos preciosos, e os seus rios auriferos tanta abundancia do desejado ouro, que em breve se poderá proceder á execução do segundo grande objectivo que o descobridor tinha em vista, isto é, a conquista da Terra Santa: «emfim, escreveu nas referidas narrações, o certo é que os que duvidavam e se riam, emmudeceram, porque Deus confirmou milagrosa-

---

[1] Esta é a versão de Garcia de Resende (*Chronica de El-Rei D. João II*, cap. 165) e de Barros (Déc I, liv. III, cap. XI).

mente tudo o que sustentei contra elevados personagens, que consideravam o meu projecto um sonho e o meu proposito uma illusão vã. Mas, continua dizendo, o exito brilhante d'esta grande emprêsa não é mérito meu, se não da santa fé catholica e da devoção do nosso monarcha, porque o que a mente humana é impotente para conceber, inspira-o ao homem o espirito divino; pois Deus escuta as orações dos seus servos, que seguem os seus mandamentos, ainda que peçam coisas apparentemente impossiveis. Por isso alcancei tambem exito na minha emprêsa, que desafiou até agora as forças humanas; porque, se até hoje alguns escreveram e falaram sobre estas ilhas, fizeram-no em fórma de supposições, pois que ninguem as tinha visto, e tudo era tomado por méra fábula. Por isso, podem dar graças ao Salvador, Nosso Senhor Jesus Christo, por tão grande victoria, o rei e a rainha, os principes e os seus Estados ditosos, assim como todos os demais países da christandade. Façam-se procissões, celebrem-se festas religiosas e adornem-se os templos com ramos verdes! Que Christo seja exaltado na terra como no ceu ao ver salvas as almas, até agora perdidas, de tantos povos! E nós alegremo-nos tambem com a victoria da nossa fé, o augmento de bens terrenos, de que participará d'aqui por diante não só a Hespanha, mas toda a christandade.»

O enthusiasmo do descobridor, que Colombo manifestou em todas as occasiões, como se vê d'este especimen, mais se inflammou ao contacto da natureza magnifica que vira no Novo Mundo, enthusiasmo que devia forçosamente de communicar-se a todos; mas o enthusiasmo não póde durar e nunca faltam espiritos praticos que, passada a primeira impressão, voltam ás perguntas e questões positivas. Não faltaram estes a Colombo, conforme se vê dos escriptos d'aquella época. Era natural que lhe perguntassem pela exacta situação d'aquella nova India, e pela grandeza e configuração das ilhas mais notaveis para traçá-las nos mappas; e, não podendo Colombo responder a estas perguntas, porque não fôra capaz de esboçar uma carta dos seus proprios descobrimentos, os espiritos criticos da sua época deveriam ter concebido sérias dúvidas sobre a veracidade e exactidão das suas narrações enthusiasticas. Na costa de Cuba disse que tinha navegado 107 leguas em linha recta de Léste a Oeste sem ter chegado ao extremo, e, todavia, o seu comprimento não sahe do espaço comprehendido entre os 78º e 74º a Oeste do meridiano de Greenwich.

Avaliou o comprimento da costa Norte do Haití nada menos que em 138 leguas, ao passo que a parte, que percorreu, não passa em linha recta de 60 milhas geographicas. D'estes erros nasceu o seu exaggero, quanto á grandeza d'estas ilhas; Cuba veiu a ser maior que a Inglaterra e a Escocia juntas, e Haití tinha maior circuito que toda a Hespanha, desde o extremo Norte da Catalunha até Fuentarabia, na Biscaya. Para Colombo, apesar das declarações terminantes dos indigenas, que lhe disseram que se podia dar a volta á ilha em 20 dias, Cuba era o continente de Cathay, isto é, da China, e Haití era para elle Cipango, ou seja o Japão, ou tambem, segundo diz Pedro Martyr, a terra de Ofir, d'onde o rei Salomão tirou o ouro. A isto se ajuntavam as latitudes erroneas que a seu modo calculou, collocando Cuba, como já dissemos, aos 42º de lat. Norte, isto é, na latitude de Huesca; a parte occidental do Haití a 34º de lat. entre as da Madeira e dos Açores, e a parte oriental d'esta ultima ilha a 26º de lat. Norte, que vem a cair um pouco abaixo da ilha de Ferro, nas Canarias, se bem que este dado o apresenta só como uma supposição sua (1).

Além de tudo isto podiam objectar-lhe os entendidos e os reflectidos, que não cum-

(1) Veja-se a sua carta a Luís de Sant'Angel na collecção de Navarrete, tomo I, pag. 338.

prira de nenhum modo a sua promessa; que não chegára á China verdadeira, nem aos países verdadeiros das especiarias, que as amostras de especiarias muito duvidosas, e as insignificantes de ouro, que trouxera, não satisfaziam de nenhum modo as esperanças que fizera conceber. Por isso, escreveu Pedro Martyr, apenas um mês depois da grande procissão e recepção em Barcelona, ao conde Borromeu nos seguintes e positivos termos: «Pouco depois (Pedro Martyr acabava de relatar na sua carta o attentado contra a vida do rei Fernando occorrido no mês de Dezembro de 1492) regressou dos antipodas um tal Christovão Colombo, genovês, que recebera do meu soberano, a muito custo, tres navios para ir áquella região, porque o que disse na sua petição parecia fábula. Regressou com muitas coisas de valor, especialmente com amostras de ouro, que se acham n'aquellas terras. Mas deixemos de lado coisas tão fóra do nosso proposito...» (1).

N'outra carta, que o mesmo auctor laborioso escreveu no 1.º de Outubro de 1493 ao arcebispo de Braga, diz que Colombo descobrira várias ilhas proximas a umas costas que tomava pelas da India; e que pretendia serem as mesmas que os cosmógraphos (entre estes provavelmente figuraria Toscanelli) collocavam no mar oriental da India. «Não quero negá-lo em absoluto, continua a dizer Pedro Martyr, mas a grandeza do perimetro da terra parece conduzir a outro resultado; se bem que ha gente que opina que a distancia entre a costa de Hespanha e as praias da India não é muito grande.» (2)

A crítica apoderou-se em breve de muitos erros de Colombo, rectificando uns e tratando de rectificar outros; assim diz Pedro Martyr na sua obra que, examinando bem os mappas, deve estar situada a ilha Hispaniola (isto é, Haití) na região (das Antilhas) onde effectivamente se acha e não perto da Asia, e que o almirante tinha exaggerado a grandeza d'esta ilha.

Apesar de todas estas dúvidas e críticas dos entendidos, estava Colombo no gôzo do completo favor do monarcha, que o cumulou de tantas honras, que até os animos mais frios se apressavam a buscar a sua amizade, incluindo o proprio Pedro Martyr, que em breve se pôs em correspondencia com o famoso descobridor e novo Grande de Hespanha, chamando-lhe com certa vaidade seu íntimo amigo.

Em 28 de Maio de 1493 fôram confirmados a Colombo todos os privilegios e foros como almirante e vice-rei, e foi-lhe dado um escudo d'armas, no qual figuram, além das de familia, os escudos de Castella e Leão e ilhas de ouro em campo azul figurando o mar, cinco ancoras como attributo da sua dignidade de almirante, e a legenda: «A Castella e a Leão Novo Mundo deu Colombo.»

8. — A linha de demarcação

Em vista do bom resultado obtido e das esperanças que promettia, apressaram-se os reis de Hespanha a obter o beneplacito do papa Alexandre VI para os descobrimentos feitos e por fazer e, sobretudo para a consequente propagação do Christianismo; porque convinha precaver-se contra as pretensões e reclamações da corôa de Portugal, á qual tinham concedido os papas, em differentes breves, o monopolio de todas as

(1) Opus epist. Ep. CXXXI, edição de Alcalá de 1530.

(2) Veja-se a epistola 136 do mesmo auctor na edição de Alcalá e sua obra Déc., tomo I, liv. I, pag. 8.

terras, descobertas e por descobrir na Africa e na India. Em Maio de 1493 obteve o govêrno hespanhol a desejada concessão papal.

Os dois breves relativos a este assumpto teem respectivamente a data de 3 e 4 de Maio, e põem acima de tudo, naturalmente,a prégação da doutrina christã entre os indios designando-a como objectivo principal e obra agradavel a Deus. Segue depois o primeiro breve dizendo: «Como Colombo descobriu certas ilhas e continentes (porque assim considerou Colombo a ilha de Cuba, como já se disse) longinquos, que até hoje eram ignorados, concedemos de nosso livre impulso, sem sermos sollicitados por vós (os reis de Hespanha) nem por outra pessoa alguma, de nossa propria auctoridade apostolica, a vós e a todos os vossos successores todas estas ilhas e terras firmes, recentemente descobertas e por descobrir, quando não pertençam já a algum outro rei

Nūc vo & hę partes ſunt latius luſtratæ/& alia quarta pars per Americū Veſputiū(vt in ſequenti bus audietur)inuenta eſt/quā non video cur quis iure vetet ab Americo inuentore ſagacis ingenij vi ro Amerigen quaſi Americi terrā / ſiue Americam dicendā:cū & Europa & Aſia a mulieribus ſua ſor tita ſint nomina. Eius ſitū & gentis mores ex bis bi nis Americi nauigationibus quæ ſequunt liquide intelligi datur.

Ameri-ca

Fac-simile do passo, em que, pela primeira vez se propõe o nome de America.
«Da Cosmographiae Introductio, de Hylacomylus, 1507.»

christão, e prohibimos a todos os demais, sob pena de excommunhão, ir áquellas terras e traficar ali sem vossa licença.»

Para evitar complicações e contendas com a corôa de Portugal, a que podiam dar logar os termos demasiado vagos do breve mencionado, accordou-se em precisar melhor no breve do dia seguinte as regiões respectivas, onde as duas corôas, de Hespanha e Portugal, podiam fazer os seus descobrimentos, sem receio de se expôrem a collisões. Com este fim, foi fixada, no breve de 4 de Maio, uma linha meridiana que a distancia de 100 leguas a Oeste dos Açores e das ilhas de Cabo Verde servisse de demarcação. O hemispherio occidental devia pertencer á Hespanha, e o oriental a Portugal. A razão que induziu a collocar esta linha divisoria a 100 leguas para além das ilhas mais occidentaes conhecidas até então, fundava-se, sem dúvida, nas ideias manifestadas por Colombo, que julgava ter observado que, a partir d'esta linha, reinava um clima inteiramente differente, observação que o confirmou na sua crença de ter encontrado um novo ceu e uma nova terra; porque ainda no anno de 1498 escrevia: «Recordo-me de que quantas vezes fui á India, mudou a temperatura a 100 leguas a Oeste dos Açores, e isto succedia em todos os pontos do Norte a Sul.» Na mesma narração repete mais adiante o mesmo, dizendo: «Quando navegava de Hespanha para as Indias, encontrei, passadas 100 milhas (leguas) a Oeste dos Açores, uma grandissima mudança no ceu e nos astros, no ambiente e na agua do mar, e estes phenomenos tenho-os observado com grande cuidado. Notei, quando ultrapassára as referidas 100 leguas para além das mencionadas ilhas, tanto no Norte como no Sul, que as agulhas de marear,

que até ali declinavam para Nordeste, giravam um quarto de vento (igual a 11° e um quarto da bússola) para Noroeste, e isto succedia desde o instante em que chegava áquella linha. Ao mesmo tempo apresentava-se outro phenomeno, como se n'aquelle ponto fôsse mais elevada a superficie da terra, porque encontrei o mar coberto inteiramente de hervas semelhantes a ramos de faia e com fructos parecidos com os do lentisco, sendo estas hervas tão espessas que na minha primeira viagem julguei que ali havia baixios, que fariam encalhar as naus. Logo que chegámos áquella linha no nosso regresso, não se tornou a encontrar ramo algum. Tambem observei que o mar estava n'este ponto tránquillo e calmo, e quási nunca agitado por ventos, e que d'aquella linha para Oeste era a temperatura mais suave e o verão e o inverno mal se distinguiam [1].

Este passo, diz Humboldt no seu *Cosmos,* contém as ideias de Christovão Colombo e suas observações sobre geographia physica; a influencia da longitude na declinação da agulha magnetica, a inflexão das linhas isotermicas entre as costas occidentaes do mundo antigo e as orientaes do Novo; a situação do grande banco de sargaços no Atlantico, e sobre as relações que existem entre esta parte do mar e a sua atmosphera. Os poucos conhecimentos mathematicos de Christovão Colombo, e as suas observações erradas, perto das ilhas dos Açores, do movimento da estrella polar, induziram este descobridor a admittir uma irregularidade na fórma espherica da terra. Julgava que o hemispherio occidental era mais elevado, menos achatado que o outro; que os navios ao chegarem a esta linha, onde a agulha magnetica assignala o Norte geographico, estavam mais proximos do ceu; e que esta elevação era a causa da temperatura mais fresca. Se a isto se ajunta que Colombo, de regresso da sua primeira viagem, teve a ideia de ir a Roma, para referir pessoalmente ao Papa tudo quanto tinha descoberto, se por outro lado se tem presente a importancia que se dava no tempo de Colombo ao descobrimento d'uma linha magnetica, na qual a agulha se mantivesse sem declinação, dar-se-me-ha razão quando fui o primeiro a sustentar que o almirante, nos seus momentos de maior favor na côrte, trabalhou para transformar a linha divisoria *physica* que encontrára, na linha divisoria *politica.*»

É evidente que as grandes differenças physicas entre o mundo oriental e o occidental, que Colombo extremou por uma linha meridiana, deviam tê-lo impressionado muitissimo; que aquella linha traçada por elle a 100 leguas para além dos Açores, era para elle a fronteira, onde começava o novo ceu e a nova terra, de que falam as antigas prophecias, ceu e terra que elle fôra o primeiro a descobrir, e que, por conseguinte, faria todos os esforços possiveis para não ceder um palmo de tão estupendo descobrimento. O Papa, pela sua parte, não podia deixar de admittir esta linha e os phenomenos extraordinarios que Colombo assegurava, com tanto enthusiasmo innocente e de bôa fé, ter visto.

No breve mencionado, fixou-se a linha de demarcação a 100 leguas a Oeste *de qualquer (qualibet)* ilha dos Açores ou das ilhas de Cabo Verde, sem fixar d'esta maneira nenhum grupo nem ilha precisamente; e isso apesar de, como sabemos hoje e então se ignorava, a ilha mais occidental de Cabo Verde se achar 6° mais a Léste que a mais afastada das dos Açores, coisa que n'aquella época não podiam saber os cosmógraphos por falta de meios de determinar exactamente as longitudes. Esta impossibilidade de fixar a linha de demarcação, proposta por Christovão Colombo, obrigou

---

[1] Veja-se para tudo isto a collecção de Navarrete.

em breve as duas potencias maritimas a entrar em negociações para regularem todos os pontos, que pudessem dar logar a contestações. O monarcha português, tão cioso dos seus pretendidos direitos sobre as regiões oceanicas, fizera apresentar ao govêrno hespanhol, apenas despediu Colombo, os breves pontificios que sanccionavam o seu direito de monopolizar os descobrimentos e tráfico, em determinados mares; e até meditou uma expedição ao Novo Mundo. Os seus embaixadores, Pedro Dias e Ruy de Pina, pediram que se fixasse a latitude das ilhas Canarias, como linha de demarcação ao Norte da qual podiam os hespanhoes, isto é, fóra da zona tropical, fazer os seus descobrimentos no Oceano occidental (1). O rei de Hespanha mandou Lopo de Herrera a Lisboa, para apresentar ali a contra-proposta de Hespanha, e em idas e vindas pareceu eternizar-se a questão, quando, graças a um acontecimento politico de outra especie, augmentou subitamente a preponderancia de Hespanha, e Portugal teve por prudente ceder a tempo. O caso era que a França tinha restituido á Hespanha os condados de Rossilhão e Cerdanha, com o que ficou regulada toda a desavença entre os dois reinos, e não tendo já a temer outro inimigo extrangeiro, era evidente que Hespanha podia cair sobre Portugal com todas as suas forças, se esta potencia continuasse a negar-se ás suas justas pretensões.

Fac-simile de um desenho attribuido a Christovão Colombo.
(De uma gravura rarissima.)

D'esta maneira pôde fazer-se o famoso tratado de Tordesilhas, povoação situada junto do Douro, a Sudoeste de Valladolid, onde 12 annos depois morreu Colombo. N'este tratado, que tem a data de 7 de Junho de 1494, a corôa de Hespanha reconheceu plenamente a Portugal todos os direitos sobre a Guiné e outros territorios, e concedeu que a linha de demarcação fixada pelo Papa se adiantasse 270 leguas mais para

(1) Sobre esta demarcação por meio de um parallelo são omissos Garcia de Resende e o proprio Ruy de Pina, auctor do projecto. É possivel que Ruge bebesse esta informação em alguma fonte hespanhola. Não pudémos verificar este ponto.

Oeste, isto é, a 370 leguas das ilhas de Cabo Verde, tomando d'esta vez por ponto de partida a ilha mais occidental de Cabo Verde, deixando de falar-se das dos Açores; do que resultou, segundo os nossos conhecimentos geographicos actuaes, que a concessão feita ficou reduzida pelo menos 90 leguas, differença entre a longitude extrema dos Açores e a extrema de Cabo Verde, quer dizer, que a Hespanha na realidade não concedeu 270 leguas a mais, além das 100 fixadas pelo Papa, mas sómente 180 leguas.

Claro é que, cortando a linha de demarcação o globo terrestre em duas metades, resultava que quanto mais a Hespanha cedesse no nosso hemispherio, no Atlantico desprovido de ilhas, ganhava no hemispherio opposto onde ainda faltavam por descobrir muitas terras, e onde, para o futuro, ella devia precisamente beneficiar muitissimo, quando se levantou a questão sobre se as verdadeiras ilhas das especiarias correspondiam ao hemispherio hespanhol ou ao português, como veremos, quando falarmos da viagem de circumnavegação de Magalhães. O tratado de Tordesilhas deixava ainda aberta a questão da maneira por que havia de ser determinada a linha de demarcação, se fixando numero de graus desde certo ponto se de «outro modo que viesse a calcular-se com mais exactidão», para o que deviam destinar as duas partes contractantes, dentro do praso de 10 meses, a contar do dia da ratificação do tratado, cada qual uma ou duas caravellas ou mais, segundo se conviesse, para levar á Grande Canaria uma commissão, composta de pilotos e astrónomos, mas sempre em numero igual para ambas as partes, afim de fixar a linha de demarcação. Estas duas commissões deviam ir depois da Grande Canaria ás ilhas de Cabo Verde, para de ali navegarem 370 leguas para Oeste, fixando a distancia percorrida do modo que accordassem; e, uma vez fixada a linha de demarcação, devia ficar invariavelmente admittida e reconhecida como tal.

Esta expedição não se realizou, porventura, por falta de pessoas competentes, em ambos os países, para fixarem a linha de demarcação com toda a certeza, ficando, por conseguinte, tão vaga como até ali. Vinte annos depois dizia Pedro Martyr que era impossivel decidir a questão definitivamente, attendendo a que os differentes mappas não concordavam na distancia entre as costas do mundo antigo e do novo, do que elle proprio se convencera, quando em Burgos examinou os mappas dos novos descobrimentos, segundo as medidas de Americo Vespucio, Bartholomeu Colombo, João de la Cosa, Morales e outros auctores castelhanos, e quando elle proprio quis marcar a linha divisoria com um compasso sobre um globo, medindo desde o extremo occidental de Portugal e das ilhas de Cabo Verde, e depois desde a linha divisoria até ás costas do Brasil, onde precisamente deu logar a novas dissensões e divergencias o vago, irremediavel então, de tal linha [1].

---

[1] A carta de Andréa Biancho de 1448, a convicção por parte de D. João II (affirmada por Colombo) da existencia de terra firme a Sudoeste, a reivindicação feita a Colombo, no regresso da sua primeira viagem, em Lisboa, pelo mesmo monarcha, das terras descobertas, a preparação da esquadra portuguesa destinada a effectivar esta reivindicação, o offerecimento feito aos Reis Catholicos, e por estes acceite, das caravellas do duque de Medina Sidonia que deviam operar contra aquella esquadra (Navarrete, *Coleccion de los viajes*, etc., II, 22, edic. 1825), a demarcação Pedro Dias — Ruy de Pina mencionada por Sophus Ruge, a expedição de Duarte Pacheco de 1498 não levada a cabo, a missiva de Mestre João, hespanhol, a D. Manuel, sobre a posição do Brasil e sua verificação no mappa de Pero Vaz Bisagudo, já antigo em Portugal, são elementos convergentes, ainda que discontinuos, que teem de computar-se no estudo da demarcação de Tordesilhas e no do descobrimento intencional

9. — A segunda viagem de Colombo

O novo almirante do mar das Indias não quis aguardar a conclusão das negociações e trabalhos a que deu logar a fixação exacta ou definitiva da linha de demarcação, e instou pela formação d'uma frota imponente, e dispendiosa, com a qual emprehendesse uma segunda viagem através do Oceano. Para este fim o rei nomeou João Rodrigues da Fonseca, director do departamento das Indias, e este novo funccionario teve de resignar-se, ainda que mau grado seu, a armar 14 caravellas e 3 navios grandes de transporte, em que fôram embarcados 1.200 homens de armas incluindo cavallaria, um numero regular de animaes domesticos, cereaes, legumes de toda a especie e vides, para acclimá-las no Novo Mundo. Colombo não queria ser sómente almirante effectivo, mas tambem vice-rei de facto, fundando colonias no seu vice-reinado, para o que levou comsigo, além da gente armada, um numeroso pessoal de funccionarios e até um vigario apostolico para os novos dominios. Este vigario foi Bernardo Boíl, frade benedictino de Monserrate, na Catalunha, nomeado pelo Papa para este novo cargo. A nobreza hespanhola estava representada n'esta grande expedição por Alonso de Ojeda, por João Ponce de Leão, que descobriu depois a Flórida, Diogo Velasquez e João de Esquivel, mais tarde governadores respectivamente de Cuba e de Jamaica, e outros, attrahidos pela esperança de grandes lucros e de interessantes aventuras.

Fundada a primeira colonia em grande escala n'um ponto mais apropriado do que a colonia da Natividade, projectava Colombo seguir o curso dos descobrimentos encetados, na costa de Cuba, e chegar não sómente ao Japão e á China (Cipango e Catay); e aos seus portos mercantis de fama universal, mas, se possivel fôsse, passar d'ali ávante seguindo sempre a mesma direcção, até dar a volta a toda a Terra, coisa relativamente facil, na opinião de Colombo, em razão das observações que fizera na sua primeira viagem, as quaes o tinham convencido de que a terra não era tão grande como sustentavam os astrónomos e cosmógraphos.

A 25 de setembro de 1493 a frota levantou ferro de Cadiz, com rumo ás ilhas Canarias.

D'esta segunda viagem conservou-se a narração escripta por uma testemunha ocular, o doutor Chanca de Sevilha, que acompanhou a expedição na qualidade de medico [1].

A 2 de Outubro chegou a frota á Grande Canaria, onde teve de atracar, como depois na Gomera, porque um dos navios fazia agua. Em 13 do mesmo mês, depois de composta a avaria, a frota fez-se de novo á vela da ilha de Ferro e chegou em 20 dias á outra costa do Atlantico, tendo seguido uma derrota mais meridional do que a da primeira expedição.

A 3 de Novembro, primeiro domingo depois da festa de Todos os Santos, descobriu-se terra com grandissimo jubilo de todos. Os pilotos calcularam a distancia a partir da ilha de Ferro em 780 a 800 leguas. Á direita da primeira ilha, viu-se logo outra; a primeira era montanhosa e em geral elevada, e a segunda plana e coberta de bosques; e, logo que se fêz dia claro, viram-se á direita e á esquerda ainda outras ilhas. A primeira recebeu o nome de Dominica, e está no centro do grupo das pequenas

---

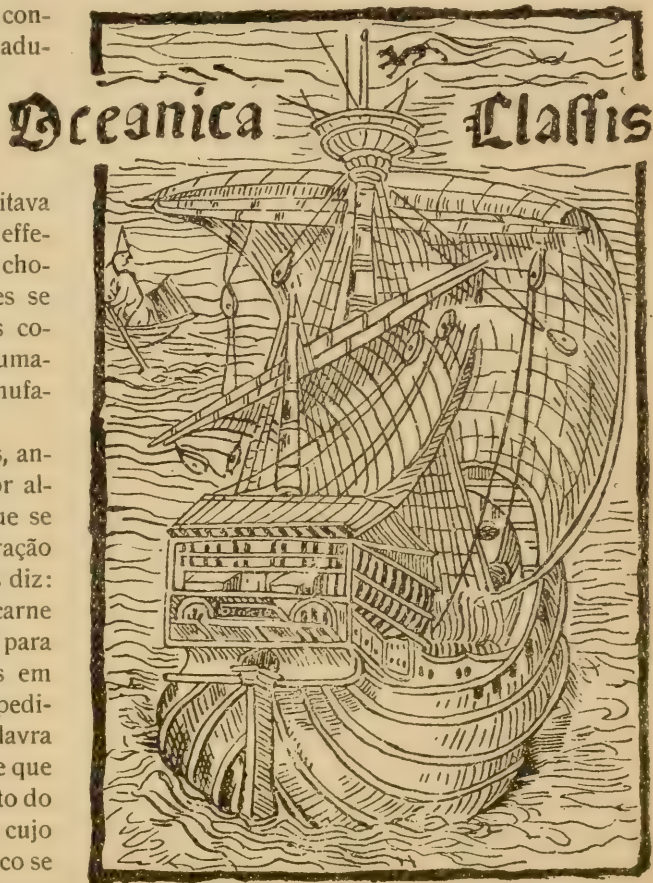
do Brasil. Veja-se Jayme Batalha Reis, *The supposed Discovery of South America obefore 1448,* etc. *(Geographical Journal,* Londres, Fevereiro de 1897.)

[1] Veja-se a collecção de *Navarrete,* tomo I, pags. 317 a 372.

Antilhas, entre 15º e 16º de lat. N.; de modo que Colombo chegou n'esta segunda viagem á America, uns 8º ou 9º mais ao sul que da primeira vez. Não offerecendo esta ilha um porto apropriado, passou a frota á segunda, situada mais ao norte, que recebeu o nome do navio almirante Maria Galante. Ali desembarcou Colombo e com o pendão de Hespanha em punho, tomou posse da ilha, que pareceu deshabitada. No dia seguinte chegou a expedição á dupla ilha de Guadalupe, chamada assim, em virtude de uma promessa feita por Colombo aos frades do convento d'este nome, na Extremadura. Vista do mar offerecia esta ilha um espectaculo grandioso, com a sua explendida cascata, que d'uma elevada serra se precipitava na planicie. O desembarque effectuou-se junto a um grupo de choças abandonadas, nas quaes se encontraram ainda diversos comestiveis, e tambem ossos humanos, e algodão em parte manufacturado.

Fac-simile de um desenho attribuido a Christovão Colombo.
(De uma gravura rarissima.)

Os habitantes eram, pois, antropóphagos, e soube-se por alguns que se apanharam, que se chamavam *caraíbas*. A narração de que tirámos estas notícias diz: «O seu melhor manjar é carne humana; castram mancebos para cevá-los e comê-los depois em banquetes solemnes.» Os expedicionarios pensavam que a palavra era uma corrupção de *canib*, e que esta ultima significava súbdito do Khan, imperador mongolico cujo país se buscava. Pouco a pouco se applicou o nome de *canib*, ou *canibal*, a todas as tribus selvagens anthropóphagas.

Nas relações com estes canibaes prestaram excellentes serviços, como intérpretes, dois dos sete indios que Colombo levára comsigo á força, das ilhas Bahama, na sua primeira viagem, porque os cinco restantes tinham morrido. Os canibaes mostraram-se muito mais adiantados que os miseros habitantes das Bahama e construiam vivendas muito melhores. As mulheres indigenas livres, e as arrebatadas a outras ilhas e feitas escravas, differençavam-se por ligas de algodão tecidas, que as primeiras traziam no joelho e as outras no tornozello. As escravas deixavam-se agarrar facilmente pelos extrangeiros, e muitas corriam para os navios por sua propria vontade. Por ellas se soube que a ilha, que depois se encontrou deshabitada, e que foi chamada Monserrate, acabava de ser despovoada pelos caraíbas. Successivamente abordou a expedição a outras

ilhas, que receberam nomes de santuarios e de igrejas, ás quaes os expedicionarios tinham feito votos, taes como Santa Maria a Redonda, Santa Maria a Antiga, São Martinho, e depois Santa Cruz e Santa Ursula e as 11.000 Virgens. Estas duas ultimas fôram descobertas no dia 15 de novembro. Finalmente appareceu no horizonte a ilha mais oriental das grandes Antilhas, a formosissima e feraz Porto Rico, que os indigenas chamavam Burequen ou Borenquen e Pedro Martyr Burichena. Colombo chamou-lhe São João Baptista, mas este nome depressa caíu em desuso. N'esta ilha não havia caraíbas.

D'esta ilha chegou a frota a 22 de novembro á ilha chamada por Colombo «Hispaniola» e que hoje se chama Haití, que é o nome que os indigenas davam á parte da ilha onde a frota desembarcou primeiramente, mas onde não permaneceu muito, para chegar quanto antes á colonia da Natividade, que o almirante se lisonjeava de encontrar em estado florescente e talvez com grande provisão de ouro, tão facil de adquirir dos naturais do país. O desengano foi cruel.

Como prenuncio, encontraram no porto de Monte Christo, onde haviam fundeado, não longe da praia, entre as altas hervas, dois cadaveres nus e completamente desfigurados, mas tendo um ainda uma corda no pescoço e o outro uma atada aos pés. Isto a 12 milhas ainda da Natividade, distancia que separava aquelle porto da colonia. Ao segundo dia, fôram encontrados outros dois cadaveres, chamando um a attenção pela sua grande barba, pois que os indios não a usavam. Pouco antes da meia-noite de 27 de novembro chegou a frota em frente da Natividade, mas passou a noite no alto mar para não se desfazer contra os recifes. Na manhã seguinte procederam ao desembarque; o almirante fêz disparar dois tiros de canhão para annunciar a sua chegada e aguardou, ancioso, que o seu aviso fôsse correspondido; mas ninguem respondeu; e em vez de ver accorrer os colonos hespanhoes e seus amigos indios á praia, celebrando alegres a chegada da frota, apenas deslisou silenciosamente pelas aguas na immediação do porto uma canôa india. Este silencio e esta solidão encheram todos de presentimentos sinistros. N'isto foi-se approximando a canôa, conduzida por indigenas que perguntaram pelo almirante, para o qual levavam da parte do seu cacique dois pedaços de ouro á guisa de presente, e, perguntando-se-lhes pelos hespanhoes que tinham ficado na ilha, responderam em termos evasivos e confusos, dizendo que os que tinham ficado no castello estavam bem; que alguns tinham morrido de enfermidade, e outros de uma rixa uns com os outros. A isto accrescentaram que o país fôra visitado e assolado por dois principes, Caonabo e Maireni, que tinham incendiado as vivendas dos indigenas, e que o seu proprio rei, Guacamari (Guacanagari), não podia vir em pessoa, porque estava ferido ainda, em resultado da lucta.

O castello de madeira da Natividade foi encontrado reduzido a cinzas e, evidentemente por mão inimiga. Ao mesmo tempo mostraram-se os indigenas mais esquivos que antes, custando muito a fazer que alguns fôssem a bordo, onde confessaram que todos os hespanhoes tinham succumbido. Explorando o terreno, não se encontrou, todavia, nenhum cadaver nas immediações do castello incendiado, mas, penetrando no interior, os expedicionarios encontraram n'uma aldeia de 7 ou 8 choças, cujos habitantes tinham fugido, diversos objectos, principalmente peças de vestuario, que tinham pertencido aos colonos. De regresso ao sitio onde antes estivera o castello, mostraram-se os indios mais confiados e mais communicativos, e indicaram diversos sitios em que se encontraram occultos na herva espessa os cadaveres de onze hespanhoes. Por fim, foi o almirante, com sufficiente escolta, em busca do cacique Guacanagari que, apparentemente ferido e doente, estava estendido, com uma perna ligada, n'uma maca feita de cordas d'algodão á maneira de rêde e atada nos dois extremos a dois postes da choça. Foi

esta a primeira maca *(hamaca)* que viram os hespanhoes. O cacique lamentou, com lagrimas nos olhos, a morte dos colonos, já por doença, já ás mãos de inimigos n'uma excursão que tinham emprehendido aos jazigos de ouro no territorio de Caonabo, e os restantes, defendendo o castello contra este ultimo e a sua horda. O doutor Chanca [1], de cuja narração extrahimos o que precede e se segue, offereceu-se para curar o cacique ferido, que acceitou gostosamente, mas mostrou-se deveras contrariado quando, apoiado ao braço do almirante, teve de sahir da choça demasiado escura, para se lhe examinar a ferida ao ar livre. Disse que lh'a causára uma pedrada, mas, quando lhe tiraram as ligaduras não se viu ferida nem contusão alguma posto que o cacique dissesse que soffria grandes dôres. Varios companheiros de Colombo não duvidaram de que tudo era ficção e que Guacanagari era cumplice do morticinio dos hespanhoes, e aconselharam Colombo a que o levasse prêso, mas o almirante, apesar de muitos outros indicios suspeitos, não quis tomar uma resolução decisiva, para viver em paz com os naturaes da ilha emquanto fôsse possivel. Communicou ao cacique a sua ideia de reedificar o castello, ao que Guacanagari se contentou com observar, e com razão, que o sitio era muito doentio. Colombo convenceu-se, e tratou de procurar outro logar melhor, explorando a costa e luctando com ventos contrarios, tempestades e outras difficuldades sem encontrar o que buscava, até que ao cabo de tres meses se decidiu por um sitio a 10 leguas a léste de Monte Christo; e immediatamente foi construido o castello, que recebeu o nome de Isabel; e traçou-se ao mesmo tempo o plano d'uma cidade, cujos edificios principaes tinham de ser de pedra e cal. Em breve se viu que esta localidade não era mais sadia que as outras, porque em pouco tempo cahiu doente a terça parte da gente, incluindo o proprio almirante, que durante tres meses não pôde sequer tomar as notas costumadas no seu diario.

A respeito do caracter dos naturaes diz Chanca: «Se pudessemos falar e entendernos com essa gente, parece-me que seria facil convertê-los, porque tudo imitam: prostram-se de joelhos perante os altares e benzem-se ás Avè Marias e n'outros actos do culto. Verdade seja que são idólatras, porque em todas as choças se encontram ídolos; mas desejam ser christãos.»

O país abundava, ao que parece, em valiosos productos; os expedicionarios colheram mel, cêra e algodão, e até julgaram ter encontrado diversas especiarias, entre as quaes canella e noz muscada; mas o que mais lhes agradou foi a notícia de jazigos de ouro situados a 20 ou 30 leguas da costa, n'uma terra chamada Cibao. O ousado Alonso de Ojeda partiu para Cibao com 15 companheiros, no mês de janeiro de 1494. Chegou ao ponto desejado em 7 dias e, em prova de tê-lo encontrado, regressou á frota com areias auriferas dos ribeiros do interior da ilha. Colombo, a 12 de fevereiro, mandou á Hespanha 12 navios ás ordens de Antonio de Torres, primeiramente para desfazer-se dos doentes, que, por falta de bôa alimentação, porque os víveres começaram a escassear, não podiam restabelecer-se, sendo, além d'isso, um pesado encargo para a colonia, e depois, para dar conta dos resultados da sua viagem aos monarchas hespanhoes; e, logo que viu partir os navios, dirigiu-se com uma numerosa força ao país do ouro. Ao som da musica e com bandeiras soltas atravessou as aldeias dos indios e chegou, a 16 de março, ao districto montanhoso de Cibao, onde fêz construir uma fortaleza de terra e madeira, que guarneceu com 56 homens, commandados por Pedro Margarita, e regressou depois ao forte Isabel convencido de que tinha desco-

---

[1] Veja-se a sua narração em Navarrete.

berto o país d'Ofir de Salomão (¹). O mesmo Chanca confirma, no fim da sua narração, a grande quantidade d'ouro encontrada, dizendo: «Desde que o mundo existe não se viu semelhante maravilha nem se leu coisa igual. Assombrará a quantidade d'ouro que se vae levar á Hespanha. Porventura me apodarão de allucinado mas Deus me é testemunha de que não exaggero nada.»

Logo que Colombo se viu livre de febres, voltou ao seu primeiro plano de ir até á China. Deixou em Isabel seu irmão Diogo como governador, e levantou ferro a 24 de abril com os tres navios *Niña, S. João* e *Cardera,* para ir primeiro a Cuba. No dia seguinte chegou á ilha da Tortuga, e logo depois ao Cabo de S. Nicolau, o extremo noroeste do Haití, d'onde passou a 29 de abril, á costa meridional de Cuba. Ao navegar ao longo d'esta costa approximaram-se da esquadra os indigenas nas suas canôas offerecendo uns fructos, peixes e agua, e convidando outros os extrangeiros a descerem a terra e acceitarem a sua hospitalidade; mas o que os hespanhoes mais procuravam era ouro, e a todas as perguntas e signaes que faziam para saberem onde se encontrava este metal, respondiam os indios quási sempre, indicando a região do Meiodia. Colombo seguiu a sua indicação; deixou a 3 de maio a costa de Cuba e tomou rumo a sudoeste. No segundo dia chegou á costa norte da Jamaica, cuja belleza o extasiou tanto, que chamou áquella terra a Santa Gloria, parecendo-lhe digna morada das almas bemaventuradas; e ao porto onde lançou ancoras, Sant'Ana. D'ali dirigiu-se para oeste em busca d'um porto apropriado para reparar algumas avarias do seu navio principal, encontrando o que procurava no Porto Bom, nome que ainda hoje tem. Ali mostraram-se os naturaes mais guerreiros que em Cuba; porque rodearam os navios nas suas canôas com gritaria selvagem e dispararam as suas frechas contra os hespanhoes, quando estes procederam ao desembarque, depois de terem afugentado as canôas com alguns tiros de canhão. Em terra, os hespanhoes empregaram contra os selvagens grandes cães de fila, que para tal fim levavam a bordo, e que em breve os fizeram retroceder. Nos dias seguintes mostraram-se gradualmente mais sociaveis, e até entabolaram com os extrangeiros a troca dos productos do país pelos artigos que os hespanhoes levavam para este fim. Estes, de resto, viram com satisfação que os indios do país estavam já mais adiantados em muitas coisas do que os que até ali tinham visto, especialmente em Cuba. As canôas de guerra feitas d'um unico tronco d'arvore mediam até 96 pés de comprimento por 8 de largura, e ostentavam nos seus extremos graciosos entalhes. Mas ali não havia ouro; razão por que Colombo abandonou a ilha (que chamou Santhiago), logo que compôz o seu navio, dirigindo-se outra vez a Cuba. Tocou primeiramente no Cabo de Santa Cruz, no extremo sudeste da ilha, e a seguir percorreu a costa meridional por entre os innumeraveis recifes, rochas e ilhotas cobertas de verdura, que encobrem a maior parte d'esta costa. Colombo chamou a estas paragens *Jardim da Rainha,* apesar de ter que luctar ali constantemente com toda a especie de perigos, entre elles os temporaes, que não cessaram um só dia, e só a vigilancia mais attenta pôde conseguir que não se perdesse nenhum navio. Colombo tomou este labyrintho de bancos de coral e verdes ilhotas pelo archipelago que, segundo dissera Marco Polo (²), se extendia a léste da China (Cim) e se compunha de mais de 7.000 ilhas. Este mesmo archipelago maravilhoso é indicado tambem a léste do Japão n'uma inscripção do globo de Behaim.

Serpenteando por êste mar perigoso e sem perder a costa de vista, Colombo adian-

---

(¹) Veja-se Pedro Martyr, *Opus. Epist.* Alcalá, 1530.
(²) Veja-se M. G. Pauthier, *Le livre de Marco Polo,* Paris, 1865.

tou pouco, apesar do grande numero de leguas percorridas. Peixes de todas as côres e grandes tartarugas abundavam n'aquellas aguas clarissimas, sem que faltassem conchas formosissimas, muitas com preciosas pérolas. Crendo ter feito muito caminho, informou-se dos indigenas cubanos, antes de chegar á ilha de Pinos (1), perguntando-lhes onde terminava o seu país, e responderam-lhe que necessitava ainda cêrca de vinte dias para chegar ao fim, o que, junto ás 335 leguas de costa que julgava ter percorrido o confirmou na sua ideia, de que Cuba fazia parte do continente asiatico. Robusteceu depois esta opinião a notícia de que mais a oeste vivia um grande rei chamado Magon, que não podia ser para Colombo senão o grande rei de Mangi (Manci), isto é, o da China meridional. Cuba era, pois, segundo elle, positivamente o principio da India; por conseguinte, calculou que o Chersoneso aureo, ou seja a peninsula de Malaca, não podia estar a uma distancia maior de trinta graus de longitude: e, quando, finalmente, viu que em frente da ilha de Pinos a costa de Cuba se dirigia para sul, já não duvidou e só lhe faltava, na sua opinião, seguir o rumo a sudeste para chegar a Malaca.

Na ilha de Pinos, que chamou Evangelista, fêz provisão d'agua e d'outros víveres; e em 12 de junho de 1494 ordenou ao escrivão Fernando Perez de Luna que redigisse uma acta, que toda a tripulação teve de assignar sob penas severas, na qual se declarava que aquella terra que tinham diante era o continente asiatico, isto é, Manci ou a China meridional. Francisco Niño, piloto da caravella *Niña,* teve que declarar sob juramento solemne que não podia existir ilha no mundo que se extendesse 335 leguas na direcção léste a oeste, distancia que Colombo julgava ter percorrido em linha recta ao longo da costa meridional de Cuba, como já dissemos; e o mesmo declararam e firmaram os demais pilotos e peritos nauticos, taes como João de la Cosa, que firmou como «vizinho do Porto de Santa Maria, mestre de fazer cartas (de marear), e marinheiro da caravella *Niña*». Isto não impediu que seis annos depois, João de la Cosa representasse Cuba, como ilha n'um mappa que é o mais antigo que hoje existe, e seguramente o primeiro que foi traçado do Novo Mundo (2).

Assignado este documento fez-se Colombo outra vez á vela, com rumo ao Oriente percorrendo o mesmo caminho perigoso que tinha andado e com não interrompidos receios d'um desastre. Este occorreu, effectivamente, a 6 de junho á *Niña,* que encalhou na praia; e se bem que se tornou a pô-la a fluctuar, depois de grandissimos esforços, sahiu tão avariada, que a esquadra teve de entrar na enseada immediata ao Cabo de Santa Cruz para repará-la, operação em que se perderam 10 dias. A 8 de julho a expedição dobrou o referido Cabo, e a 20 do mesmo mês passou á Jamaica, para explorar a costa meridional d'esta ilha, cuja belleza e feracidade extasiaram a todos, e cujas innumeraveis aldeias, disseminadas ao longo da costa, eram signal inequivoco d'uma população densa. Ali tambem Colombo teve que luctar com ventos contrarios, de fórma que não chegou ao extremo oriental, ou cabo Morante, se não a 19 de agosto. A 20 mostrou-se á vista outra costa, que era a ponta oriental, o cabo Tiburon, de Haití, chamado por Colombo cabo de S. Miguel; e a 21, os expedicionarios confirmaram na ideia de estarem á vista do Haití, ao ouvirem várias palavras hespanholas, entre as quaes a de «almirante» que pronunciaram alguns indios occupados na praia. Antes de chegarem os navios ao ponto da costa onde se achava a colonia Isabel, uma tempestade

---

(1) Da extremidade Sul de Cuba á ilha de Pinos a distancia é só de 8 graus.

(2) Veja-se Navarrete, tomo II, 162. N.º LXXVI *Informação e testemunho de como o almirante foi reconhecer a ilha de Cuba, ficando persuadido de que era terra firme.*

Carta del almyrate al Rey y a la reyna

Carta do Almirante D. Christovão Colombo aos Reis Catholicos que se conserva no livro chamado das prophecias na Bibliotheca Colombina de Sevilha. Christovão Colombo por Ascencio. Tomo II, pag. 635.

dispersou a expedição; mas, tornada a reunir, sem outro contratempo, passados seis dias, passou á pequena ilha Beata, situada em frente da costa meridional do Haití. Continuando a sua rota ao longo d'esta ultima, os expedicionarios descobriram a encantadora bahia formada pela foz do rio Neiva, e ali souberam dos naturaes da ilha da chegada de uma nova frota hespanhola á colonia. A fim de avisar tambem da sua proxima chegada, Colombo mandou 9 homens com ordem de atravessar a ilha, chegar ao estabelecimento fortificado de S. Thomaz, na região aurifera de Cibao. Entretanto, continuou a sua rota com difficuldade, porque uma nova tempestade tornou a dispersar os seus navios e, graças a ter conhecido a tempo por certos indicios a proximidade do perigo, Colombo tinha podido metter-se com a sua embarcação fragil no abrigado canal que separava a ilha de Saona, perto do extremo sudeste, da ilha principal. Ali occorreu um eclipse da lua na noite de 12 de setembro que o almirante aproveitou para calcular a distancia que medeia entre a ilha Saona e Cadiz, resultando 5 horas e 23 minutos, ou sejam 80° 45′. Enganou-se, porém, em 18° 27′, pois a distancia verdadeira é sómente de 62° 18′. Ao cabo d'uma semana passada em continuos sobresaltos, tornaram a reunir-se os tres navios da expedição e o almirante continuou a sua derrota para léste na intenção de passar a Porto Rico antes do seu regresso á colonia e d'ali ás pequenas Antilhas para completar a exploração d'aquelle mar e castigar ao mesmo tempo os caraíbas selvagens; mas, quando, a 24 de Setembro, chegou á pequena ilha da Mona, situada entre Haití e Porto Rico, faltaram-lhe as forças. Havia feito esforços sobrehumanos durante tão longa navegação, no meio de constantes perigos, havia passado trinta e duas noites á vela, e não pôde resistir mais; o somno apoderou-se d'elle, e deixou-o n'um tão completo lethargo, que se receou pela sua vida. N'este gravissimo lance, os pilotos renunciaram a todo o plano de exploração e dirigiram as suas naus a noroeste, para chegarem quanto antes á colonia Isabel, onde fundearam a 29 de Setembro. Ali restabeleceu-se Colombo muito em breve, graças ao bom cuidado e aos recursos, que a colonia offerecia, podendo então passar em revista os resultados satisfatorios que até ali havia alcançado. Havia descoberto as quatro grandes Antilhas, dado a volta inteira ao Haití e Jamaica e quási toda a ilha de Cuba não tendo concluido esta ultima circumnavegação, por se achar completamente dominado pelas suas auctoridades cosmographicas, e não menos, provavelmente, por um livro, que tambem levava comsigo, escripto e publicado pelo cavalleiro de Mandeville, que explorou e se apropriou dos dados reunidos por Odorico de Pordenone. A não ser assim, Colombo teria continuado certamente a sua exploração desde o extremo oeste de Cuba; teria conhecido então que era uma ilha como as outras Antilhas, e talvez tivesse descoberto o Mexico, onde havia tanta abundancia d'ouro, objectivo principal de todos os desejos.

A fé cega, que não lhe permittia sobrepôr-se ás affirmações dos seus auctores favoritos, foi corroborada pelos indios, que, perguntados pela procedencia do ouro que tinham, apontaram constantemente para o Meiodia, onde Colombo, na sua allucinação tenaz, situava a peninsula de Malaca, razão por que tomou depois, na sua terceira viagem, desde logo, um curso mais meridional, para assim chegar directamente á famosa Chersoneso aurea.

Melhorado já de saúde, teve a alegria inesperada de encontrar na colonia seu irmão Bartholomeu, a quem antes de emprehender a primeira viagem tinha mandado á Inglaterra, para propôr ao rei d'este país o seu projecto de ir á India pela rota occidental. Bartholomeu Colombo recebera effectivamente do rei d'Inglaterra em 1493, quando nada sabia ainda do feliz exito das negociações de seu irmão na côrte de Hespanha, a

promessa de secundar os seus planos, porque o rei Henrique havia tido já então a notícia directa do descobrimento, feito por Christovão na America.

Com esta promessa, ainda que tardia, regressou Bartholomeu a toda a pressa, passando por França á Hespanha, para participar a seu irmão a bôa nova. Christovão havia já partido, e Bartholomeu foi bem recebido na côrte, ganhando pelo seu caracter firme, a sua palavra facil e os seus conhecimentos nauticos, muitas e solidas sympathias, e sendo logo agraciado com o tratamento de *Dom* e o commando d'uma esquadra de tres navios, para conduzi-la, com as provisões de bôca e de guerra, sollicitadas por seu irmão, ao Haití, onde, como vimos, havia chegado com toda a felicidade, na ausencia de Christovão.

Na carta do monarcha, que Bartholomeu entregou a seu irmão, viu este com satisfação que o rei de Hespanha approvava todas as suas disposições, e outras cartas, que recebeu, no decurso do anno, demonstraram-lhe da maneira mais lisongeira que em nada diminuira a favoravel disposição da côrte para com elle. Ao mesmo tempo, recebeu communicação do tratado feito com Portugal a respeito da linha de demarcação; mas, se por aquelle lado não teve senão motivos para felicitar-se das notícias e da sua influencia e poder, crescentes em Hespanha, não lhe succedeu o mesmo na colonia, onde o vice-rei das Indias não encontrou senão descontentamento e indisciplina. O vigario apostolico Boíl, encarregado da salvação espiritual dos indios, estava já cansado da sua pesada missão, e Margarita, o chefe militar, não havia feito caso das ordens do governador, nomeado pelo almirante vice-rei. A indisciplina havia chegado entre os soldados a um estado gravissimo. Boíl e Margarita embarcaram para Hespanha nos navios, que levára Bartholomeu Colombo. Margarita, diz Muñoz na sua *Historia do Novo Mundo,* tinha semeado entre os nossos a peste da discordia, e entre os indios um odio mortal a tudo o que era hespanhol, mantendo a sua gente constantemente na Veiga Real, a terra mais cultivada e mais ríca do país, onde a soldadesca se entregou a todos os vicios e commetteu todos os abusos, até que despertou os naturaes do seu lethargo e fêz que os caciques mais poderosos e mais notaveis se unissem n'uma alliança para expulsar os extrangeiros da ilha. A alma d'esta conspiração foi Caonabo.

Alonso de Ojeda, homem arrojado, offereceu-se para se apoderar d'este terrivel adversario com um punhado de homens decididos, indo com elles em sua busca. Conseguiu pôr-lhe um par de manilhas reluzentes, adornadas de campainhas, que agradavam muito aos indios, fazendo-lhe acreditar que se tratava d'um distinctivo especial dos principes. Em tal estado fê-lo sentar na garupa do seu proprio cavallo, mas em logar de o apresentar assim aos seus súbditos, como lhe promettera, deu de esporas, e a todo o galope, seguido dos seus, dirigiu-se com o seu prisioneiro á costa, aonde chegou sem novidade, ainda que rendido de fadiga, de fome e de sêde e entregou o cacique ao governador do castello de Isabel. Os indios de Caonabo, intimidados de chofre pela audacia do cavalleiro hespanhol e espantados do cavallo, que era o primeiro que viam, não comprehenderam a intenção, senão quando era tarde para perseguirem os raptores. O cacique continuou prêso no castello, cuidadosamente vigiado, até que Colombo o levou comsigo quando regressou á Hespanha. Caonabo não chegou a ver a Hespanha, porque morreu no caminho.

Na primavera do anno de 1496 Christovão Colombo resolveu regressar á Hespanha, por varios motivos, mas principalmente para se justificar das calumnias, que se haviam levantado contra o seu govêrno da colonia, e depois para reclamar contra uma lesão dos seus privilegios, causada pela permissão que o rei dava a toda a expedição mercantil particular, de buscar novas terras no Oceano e traficar em todas as partes,

EMBARQUE DE CHRISTOVÃO COLOMBO NO PORTO DE PALOS
(Extrahido de Cristobal Colombo, por Ascencio)

menos no Haití, para onde, comtudo, todo o hespanhol podia emigrar. De passagem, quis Colombo levar comsigo para a Hespanha mais de 200 colonos, que sem recursos nem industria, estavam a cargo do Estado. Deixou seu irmão Bartholomeu como governador da ilha, com a categoria de *Adelantado,* e partiu a 10 de Março de 1496 com 2 navios, 225 hespanhoes e 30 indios do Haití. Passou ao longo das pequenas Antilhas, atracando em Guadalupe, e chegou a 11 de Junho a Cadiz.

10. — Terceira viagem de Colombo e descobrimento da America do Sul

Como da primeira vez, o descobridor atravessou com pomposo séquito todo o país desde Cadiz até á côrte; os indios principaes, ataviados com riquissimas joias de ouro, figuraram, sobretudo, o mais ostensivamente possivel, emquanto outros mostravam especiarias e madeiras finas, para reanimar e propagar pelo país a fama das riquezas das terras novamente descobertas, pois Colombo fizera crer o que elle mesmo acreditava, isto é, que Haití era o Ofir do rei Salomão. Mas as circumstancias tinham mudado na côrte e não eram tão favoraveis aos projectos de Colombo como antes, porque a Hespanha estava em guerra com a França e precisava de concentrar todos os recursos para arrancar outra vez o reino de Napoles das mãos dos franceses. Por outro lado, a rainha Isabel, grande protectora de Colombo, estava occupada em assumptos de familia, que lhe prendiam toda a attenção. Tratava-se dos casamentos de seus filhos, o infante D. João e a infanta Dona Joanna, com os filhos do imperador Maximiliano, o archiduque Filippe e a princesa Margarida de Austria. Não obstante, os dois monarchas escutaram Colombo, e asseguraram-lhe o seu apoio, confirmando de novo os seus privilegios, attribuições e fóros de almirante, assim como posteriormente a nomeação de seu irmão Bartholomeu para *Adelantado,* emquanto se procedia á preparação d'uma nova esquadra para uma terceira viagem ao Novo Mundo. Estes preparativos soffreram um novo e inesperado adiamento com a morte imprevista do herdeiro do throno, o infante D. João, occorrida a 4 d'Outubro de 1497, e com a absorpção pela guerra com a França dos fundos destinados ás emprêsas no Novo Mundo. Só em Janeiro de 1498 foi possivel enviar dois navios com provisões ao Haití, como precursores d'uma esquadra maior. Estes e outros obstaculos e a crescente frieza com que eram olhados os projectos dispendiosos de Colombo, nos circulos influentes da côrte, contristaram muitissimo o impaciente descobridor. Tambem não foi possivel encontrar sufficiente numero de pessoas, que voluntariamente se offerecessem para atravessar o Oceano, para formarem uma nova colonia, que o almirante projectava fundar na costa meridional do Haití, o que o fêz conceber o pensamento perigoso de povoar o seu vice-reinado indio com condemnados. Este plano foi acceito e todos os tribunaes receberam ordem de dirigir para o ultramar os delinquentes, condemnados a deportação. Colombo foi, por conseguinte, mais longe que o govêrno português, que mandou com cada expedição de Gama e dos seus successores unicamente alguns condemnados para empregá-los na realização de emprêsas perigosas, taes como missões, explorações difficeis e circumstancias semelhantes. Colombo commetteu a imprudencia de fazer colonos dos condemnados, augmentando assim os elementos insubmissos, descontentes e turbulentos, em colonias que com difficuldade se sustentavam com gente bôa e disciplinada. A isto se ajuntou a discordancia cada vez maior que existia entre as opiniões do almirante e as do bispo Fonseca, director do departamento das Indias, que oppunha a mais tenaz resistencia ás reclamações excessivas de Colombo.

Tudo isto contribuiu para o descredito e esfriamento que experimentaram os negocios e planos do descobridor, o qual com grandissimo trabalho conseguiu sahir com seis naus da bahia de Sanlúcar de Barrameda em 30 de Maio de 1498.

Para fugir dos corsarios franceses que do cabo de São Vicente tentavam cortar-lhe o passo, Colombo dirigiu-se, torcendo caminho, á ilha da Madeira, onde permaneceu seis dias, e d'ali ás ilhas Canarias. Perto da ilha de Ferro destacou tres navios com ordem de fazerem rumo directamente ao Haití, seguindo a derrota do anno de 1493, e, uma vez ali, de seguir a costa até chegarem á colonia e entregarem as provisões que levavam. Com outros tres navios, uma nau e duas caravellas, passou primeiro ás ilhas de Cabo Verde e entrou em seguida na região equatorial para atravessar naturalmente em direcção Oeste o Oceano, julgando chegar assim directamente aos países productores das especiarias, drogas, metaes e pedras preciosas. A crença geral então, de que a zona tórrida produzia, além dos seus habitantes negros, todos aquelles generos, melhores e mais abundantes que os outros países, encontrou-a confirmada Colombo n'uma carta muito lisonjeira que a convite dos reis lhe escreveu um marinheiro muito distincto de Blanes, na Catalunha, Mossen Jaime Ferrer. Achava-se esta carta concebida em termos tão exuberantes, que excederam ainda muito as proprias illusões de Colombo, cuja emprêsa, segundo o auctor da carta, era mais divina que humana, e o chefe um enviado de Deus, destinado a levar o Christianismo ao Occidente ignoto, como o apostolo São Thomé o levára ao Oriente, isto é, á India. Exprimira, além d'isso Mossen Ferrer a confiança de que a nova expedição sahiria victoriosa para honra de Deus e proveito de toda a christandade e, em especial, da Hespanha, accrescentando que, segundo todas as notícias que reunira na Syria e no Egypto dos negociantes sobre a procedencia dos productos mais preciosos, estes na sua maior parte vinham da zona tórrida, e que Colombo só os acharia com abundancia onde os habitantes fôssem negros, ou, pelo menos, de côr escura.

Estas ideias lançaram tão fundas raizes na mente de Colombo, que tirou d'ellas, como se fôssem axiomas indiscutiveis, as conclusões cosmographicas extravagantes que campeiam na narração minuciosa da sua terceira viagem, escripta por elle mesmo, e que felizmente se conservou. Para formar ideia da disposição singular de animo em que se achava o descobridor, crendo-se instrumento directo de Deus, como dizia Jaime Ferrer; veja-se o que diz a respeito das suas primeiras viagens, e das contrariedades que lhe causou a animadversão dos seus inimigos: «Sahi em nome da Santissima Trindade e voltei passado pouco tempo com as provas de tudo quanto havia dito. Vossas Altezas enviaram-me outra vez e descobri em pouco tempo, pela mercê de Deus, o continente do extremo Oriente n'uma extensão de 330 leguas (allude á ilha de Cuba, que para elle era o continente asiatico), e ainda 700 ilhas (!). Dei a volta á ilha Hispaniola (Haití) que é maior que Hespanha.»

Esta exaggeração estupenda foi motivada pelos mappas que representavam o Japão, com o qual confundiu Colombo a ilha do Haití, com uma superficie igual, pouco mais ou menos, á de Hespanha, ou antes, á de toda a peninsula iberica, que seria o que Colombo quis dizer. Se tivesse calculado a superficie do Haití sobre dados exactos, teria visto que não chega nem á sexta parte de Hespanha, e nem de longe á setima parte da peninsula.

«Então, continua Colombo na sua narração, nasceram queixas e dúvidas para amesquinhar as minhas emprêsas, sem ter-se em conta nem a escassez do tempo nem outros obstaculos. Por isso caí em descredito por meus peccados, ou para minha salvação, segundo creio, e encontrei resistencia para tudo quanto dizia e desejava.»

Mais adiante prova minuciosamente a seu modo, com citações historicas, que tinha descoberto e tomado posse para a Hespanha do país d'Ofir ou do Ouro.

Sobre a terceira viagem diz: «Desde as ilhas de Cabo Verde naveguei 480 milhas, ou 120 leguas, em direcção Sudoeste (em principios do mês de julho) tendo observado a estrella polar a 5 graus sobre o horizonte. Então entrei na plena calmaria, o calor era tão grande que temi se incendiassem os navios e a gente. Ninguem se atreveu a entrar debaixo da coberta para cuidar das provisões. Este calor durou oito dias. No primeiro dia apresentou-se o ceu sereno; no segundo nebuloso, e choveu, mas não encontrámos allivio, e creio que todos teriamos perecido, se o sol tivesse continuado como no primeiro dia. Oito dias depois enviou-me Deus um vento favoravel e dirigi o meu curso para Oeste.»

Se Colombo abandonou o rumo S. O. foi porque se recordava de ter observado nas suas viagens anteriores que a 100 leguas a Oeste dos Açores o calor diminuia notavelmente, e foi em busca d'este clima mais temperado.

Depois vae referindo que á latitude da Serra Leôa, segundo elle, navegou 17 dias com vento favoravel e descobriu terra na manhã de 31 de Julho. Era uma ilha, que se erguia com tres montanhas. Cheios d'alegria cantavam os marinheiros a *Salve Rainha,* emquanto os navios se approximavam da praia. Colombo chamou-lhe ilha da Trindade e deu ao promontorio em que tocou primeiro o nome de cabo da Galea, hoje cabo Galeota. Era a ilha mais meridional das pequenas Antilhas, situada na immediação do continente americano do Sul, cuja costa plana se distinguia perfeitamente e recebeu de Colombo o nome de Graça. Na ilha viam-se, dos navios, casas rodeadas de hortas bem cuidadas e muita gente. Tambem appareceram canôas, mas os seus tripulantes mostraram-se esquivos, evitando approximar-se demasiado das grandes naus de aspecto extranho, apesar de todas as seducções entre as quaes a musica. Os indios iam armados de arcos, fréchas e escudos de madeira, e notou-se que a sua tez era muito mais clara que a dos outros indios vistos até então, o que surprehendeu sobremaneira os hespanhoes, que julgavam quási negros todos os indios. Traziam tambem o cabello cortado pela parte da frente, segundo a moda hespanhola de então. O seu vestuario consistia unicamente n'um fraldelim de fios d'algodão de côr ([1]).

Navegando em direcção Oeste ao longo da costa meridional da ilha, chegou a expedição no 1.º d'Agosto ao extremo occidental, distante sómente duas leguas da praia do delta formado pelos braços do Orenoco. Ali estreita-se e quási se comprime o Oceano entre a ilha e a terra firme; as massas d'agua doce, que os braços do Orenoco lançam no mar impellem a poderosa corrente equatorial para o golpho de Paria, com uma força igual á do Guadalquivir nas marés altas, isto é, com uma velocidade de duas milhas e meia por hora. «Navegando em direcção Norte, diz Colombo, encontram-se muitas cascatas, uma após outra, no canal ou estreito, que produzem um estrondo espantoso, provindo, a meu parecer, de rochas e recifes que cerram a entrada; e por detrás d'ellas vêem-se muitos remoinhos que faziam um estrondo como o das ondas quando se desfazem contra os rochedos.»

Temendo, por um lado, não poder avançar por causa dos baixios que encontrava, e por outro não poder voltar, se se internasse mais, Colombo sahiu do estreito e fundeou fóra d'elle, mas «toda a noite se ouviu, diz na sua narração, da coberta, um estrondo aterrador, na direcção Sul». Ondas arremoinhadas, altas como casas, se arre-

---

([1]) Veja-se Pedro Martyr.

messavam contra os navios ameaçando voltá-los, de fórma que Colombo confessa, apesar de estar acostumado desde a sua juventude a todos os perigos e accidentes do mar, não ter soffrido nunca tão vivas angustias como n'aquelle ponto.

«No dia seguinte, continua a narração, mandei as nossas lanchas explorar a passagem, e encontraram 6 e até 7 braças d'agua; mas as contra-correntes impetuosas faziam que a agua se precipitasse por um lado no golpho e sahisse por outros; comtudo, Deus teve por bem dar-nos vento favoravel, podendo sahir do estreito e chegar a aguas

Navios da época dos descobrimentos. (Christovão Colombo, por Ascencio.)

tranquillas. A agua, em todo o golpho, com grande admiração de toda a gente, era doce e potavel em qualquer parte que se tirasse.»

D'ali fêz Colombo caminho através do golpho para a margem Norte formada pela peninsula montanhosa de Paria, onde se apresentou outra passagem mais estreita e perigosa, no meio da qual, e entre a espuma das ondas que chocavam com furia, se levantavam penhascos denegridos, isolados e altos como tôrres.

A costa da peninsula dirige-se para Sudoeste, e julgando encontrar melhor mar, Colombo tomou rumo a Oeste, mas, á medida que avançava, mais doce e agradavel era a agua. Parecendo cultivado o país, fundeou a expedição e fôram enviadas lanchas á praia para explorá-la; mas encontraram-se as cabanas abandonadas.

Para Oeste via-se a costa mais plana e, julgando encontrar habitantes, para entrar em relações com elles, dirigiu-se ali a esquadra e lançou ancoras na foz d'um rio. Os naturaes apresentaram-se, effectivamente, mais sociaveis, approximaram-se e disseram que o país se chamava Paria, e que mais a Oeste era habitado, como depois se viu, quando os navios seguiram o seu rumo ao longo da costa. O país era encantador, a população cada vez mais densa, e alguns naturaes subiram a bordo, convidando o almirante em nome do seu cacique a ir a terra. Traziam sobre o peito adornos de ouro

e nos braços anilhas guarnecidas de pérolas, e interrogados onde se encontravam estas ultimas, apontaram o Norte, indicando que os jazigos não estavam muito longe. Os que tinham permanecido em terra não se mostraram menos cortezes, e precedidos dos seus caciques receberam os extrangeiros com muitas ceremonias, conduziram-nos a vivendas grandes e espaçosas, onde os fizeram sentar, e os obsequiaram com pão, fructas, diversas especies de vinho tinto e branco, feito não de uvas, mas de outras fructas. Ali conheceram os hespanhoes o milho [1], que os naturaes cultivavam, e que Colombo depois levou á Hespanha para aclimá-lo na Europa. Tambem souberam que o ouro com que se adornavam os indigenas procedia das cordilheiras fronteiriças, mas os naturaes deram a entender aos hespanhoes que aquelle país era habitado por anthropóphagos.

Não entrava no plano de Colombo visitar nem aquellas montanhas nem os bancos onde se creavam as pérolas, porque as provisões de bocca começavam a deteriorar-se; os navios, por outro lado, careciam de reparações, e Colombo padecia dos olhos, temendo, como já lhe havia succedido n'outras viagens, não poder fazer uso d'elles durante algum tempo. Na crença de que Paria era tambem uma ilha, mandou uma caravella sondar a passagem, porque queria dar a volta e dirigir-se depois ao Norte; mas o navio explorador viu que o golpho se estreitava cada vez mais, e que a agua, por causa dos muitos rios e correntes que ali desaguavam, era quási completamente doce, de modo que não havia esperança de encontrar por aquelle lado saída nenhuma. Foi, pois, preciso retroceder, mas, não podendo a esquadra seguir outra vez as praias tão bem povoadas de Paria por causa da corrente contraria, seguiu as margens planas das ilhas do Orenoco, buscando a unica saída possivel ao Meiodia, pelo temivel e revolto estreito entre a Trindade e o continente. Colombo, raciocinando com muito acêrto, attribuiu os remoinhos violentos d'ambas as saídas do golpho de Paria ao formidavel choque das aguas do Orenoco com a contra-corrente marinha, a cujos embates tinha desapparecido a terra que a principio devia ter unido a ilha da Trindade ao país de Paria. A 13 de Agosto, Colombo conseguiu passar sem precalço o temido remoinho chamado Bocca do Dragão e entrar no mar das Antilhas. «Quando sahi da Bocca do Dragão, diz, era tão forte a corrente do mar na direcção Oeste, que pude fazer n'um dia 65 leguas, apesar da frouxidão do vento, porque apenas se sentia uma ligeira brisa; o que me fêz suppôr que para o Sul o mar se eleva progressivamente, e que por isso mesmo baixa indo para o Norte. Estou certo de que a agua do mar se move com o firmamento de Léste para Oeste e que, em consequencia do seu movimento mais rapido n'esta região, separou tantas ilhas da terra firme (allude ás pequenas Antilhas). Estas ilhas provam-no tambem, além d'isso, com a sua fórma, por serem largas as que se dirigem de Noroeste para Sudeste, e estreitas e mais pequenas as que se dirigem de Norte a Sul, ou de Nordeste para Sudoeste. Verdade seja que a agua não tem em todos os pontos a mesma direcção, mas só toma outra n'aquelles onde a terra firme a obriga a refluir.»

Entre estas concepções elevadas de Geographia physica, encontram-se, na narração de Christovão Colombo, outras sobre a fórma da terra, das mais extravagantes para um marinheiro, consequencias todas dos principios, para elle indiscutiveis, assentes pelos

---

[1] Desde 1855 que Alphonse de Candolle sustenta a origem americana do milho contra a affirmação, entre outros de Bonafous, auctor da *Hist. nat. agric. et économique du Maïs*, que o proprio de Candolle reputa a mais notavel monographia que existe sobre o assumpto. V. de Candolle, *Origines des plantes cultivées*, Paris, 1886, pags. 311 e seguintes.

cosmógraphos da Idade-Média, de supposições e premissas erroneas, d'observações astronomicas inexactas, e d'explicações antiquadas de certos phenomenos. Sobre estas bases construiu Colombo, de conclusão em conclusão, a sua extraordinaria these de que o nosso planeta não era espherico, mas que tinha a fórma d'uma pera.

Occorreu-lhe esta ideia, em consequencia das observações inexactas que fêz dos movimentos da estrella polar, na sua primeira viagem e perto dos Açores. Na narração da sua terceira viagem diz: «Observei que a estrella polar estava de noite a 5° sobre o horizonte e as suas companheiras (β e γ da Ursa Menor) por cima da minha cabeça. Pela meia-noite estava a primeira a 10° d'altura e ao raiar do dia estavam as suas companheiras abaixo, a 5° d'altura. Isto surprehendeu-me, e observei estas estrellas cuidadosamente durante várias noites e, vendo que a minha primeira observação se confirmava, tive que considerar como coisa inteiramente nova que, em tão reduzido espaço do firmamento, occorressem tão grandes modificações» [1]. A isto observa Pedro Martyr: «Não comprehendo como o astro possa ter pela noite uma altura de 5° e pela manhã 15°; nem posso approvar as razões adduzidas por Colombo para justificar a sua ideia da fórma de pera do nosso planeta; mas ponhamos ponto n'estas coisas que me parecem fabulosas.» Para ver por que série de conclusões chegou Colombo a tão singular resultado, basta ler os seguintes passos escriptos por seu proprio punho:

«Sempre li que o mundo (a terra firme e a agua) forma uma esphera; e o mesmo teem vindo provar as observações feitas por Ptolomeu e pelos outros sabios, que escreveram sobre este particular, fundando-se nos eclipses da lua e outros phenomenos observados na direcção de Léste e de Oeste, assim como na altura do polo sobre o horizonte de Sul para Norte.

«Comtudo, eu vi uma anomalia tão grande, que formei outra ideia do mundo, chegando á conclusão de que não era redondo como se havia descripto até agora, mas da fórma d'uma pera, que é perfeitamente redonda excepto no ponto em que tem o pedunculo, ou tambem como uma pella inteiramente redonda, que tivesse n'um ponto qualquer uma especie de verruga, como o bico do peito de uma mulher; ponto mais elevado, que está mais perto do ceu e se acha situado no extremo Oriente do Oceano, no Equador. Chamo extremo Oriente á região onde acabam a terra firme e todas as ilhas [2]. Para maior prova recordo a linha situada a 100 leguas a Oeste dos Açores, a partir da qual sobem os navios suavemente para o ceu e onde se disfructa uma temperatura mais benigna. A agulha magnetica, em consequencia d'esta benignidade, muda a sua direcção n'um quarto de vento, e quanto mais se vae para Oeste e se sobe tanto mais a agulha aponta para Noroeste. Esta subida origina a modificação do circulo, que descreve a estrella polar com as suas companheiras. Quanto mais nos approximamos do Equador, tanto mais se elevam os astros sobre o horizonte e tanto maior será a discrepancia dos circulos que descrevem as estrellas que o acompanham. Ptolomeu e outros sabios, que teem escripto sobre o nosso mundo, consideravam a terra uma esphera e opinavam que em todas as partes havia de ser como nos pontos onde elles se achavam; especialmente no hemispherio cujo centro coincide com a ilha de Arin [3], situada no Equador (!) entre os golphos arabico e persico. O confim d'este

---

(1) Veja-se Navarrete, I, 404, e Pedro Martyr, I, VI, pags. 76 e 77.

(2) Que era, segundo os mappas d'aquella época, no extremo da Asia, a cuja proximidade julgou Colombo ter chegado já na sua primeira viagem.

(3) Corrupção de Udjen ou Udjein, transformado successivamente por auctores árabes,

hemispherio passa a Oeste pelo cabo de São Vicente em Portugal, e a Léste por Congara (Catigara) e pelo país dos *séricos;* de sorte que póde admittir-se sem difficuldade, n'esta metade da terra, a fórma espherica para toda ella. Em compensação, tem a metade occidental da terra a fórma da meia pera do lado da protuberancia junto ao pedunculo. Ptolomeu e os demais que escreveram sobre o mundo não conheciam esta parte da terra, então ignorada de todos, e julgaram-na pela fórma espherica da parte que conheciam.

«Todavia, na parte que eu descobri não succede assim; as condições são outras e conduzem a conclusões diversas; porque na costa d'Africa, no parallelo de Arguim, encontrei os naturaes de côr escura e a terra como que achatada. Na latitude de Cabo Verde eram os indigenas mais negros ainda (1), e assim mais e mais á medida que se caminha para o Sul, tanto que no parallelo da Serra Leôa, onde a estrella polar se eleva a 5°, vivem os homens mais negros.

«Na minha navegação d'ali para Oeste subiu a principio o calor ainda ao maximo, mas tão depressa passou a linha do limite (a de 100 leguas a Oeste dos Açores), senti como a temperatura se tornava mais suave, tanto que junto á ilha da Trindade e á terra da Graça, que tambem se acham a 5° de latitude (2), o clima era tão suave, os campos e arvores tão verdes, como no mês d'Abril nos jardins de Valença. A isto se ajuntava que os indigenas não eram tão escuros como os vira a principio na India. A temperatura agradavel provém unicamente da elevação d'esta parte da superficie da terra e, por conseguinte, não póde ter ali fórma espherica.

Estes principios e hypotheses, enunciados por Colombo com tanta confiança, demonstram uma falta de conhecimentos mathematicos e um transviamento da phantasia, que no descobridor nos surprehendem com razão; mas augmenta ainda o nosso assombro quando observamos, pelo que diz n'esta narração escripta pelo seu proprio punho, que as suas ideias astronomicas não passavam das que se encontram nos povos e individuos mais primitivos e atrazados, porque para provar que no vertice ou protuberancia da pera se achava situado o paraiso terreal, e que lhe coubera a sorte de chegar proximo d'elle, continua o seu discurso, dizendo:

«O que contribue para firmar a minha opinião é o seguinte: Quando o Senhor criou o Sol, fê-lo no primeiro ponto do Oriente, onde appareceu a primeira luz (3), e onde tambem se eleva mais a terra. Verdade seja que Aristóteles (4) era de opinião que o polo antarctico, ou o país ali situado, era o ponto mais elevado da terra, e o mais proximo do ceu; não teem faltado, porém, outros sabios, que se pronunciaram contra esta opinião e em favor do polo arctico, o que auctoriza em certo modo a

conforme a sua orthographia, em Uzein, Ozein, Ozin e, finalmente, pelos copistas em Arin. Udjen, ou seja Arin, se assim se quer, não é tal ilha, mas uma cidade sagrada ou sacerdotal da India Anterior, na comarca de Malva, exactamente a meio caminho entre Delhi e Bombay. N'esta mesma cidade de Udjen collocavam os astrónomos indios o meridiano inicial ou zero. Veja-se Reinaud, *Memoire sur L'Inde.*

(1) Ali começa a região dos negros verdadeiros.

(2) Colombo enganou-se aqui em 5°, porque ambas as regiões se acham a perto de 10° de lat. Norte.

(3) Colombo allude ao extremo oriental da Asia, em frente da qual diz que criou Deus o Sol (¡!).

(4) Colombo não tinha lido Aristóteles, segundo se sabe ao certo; e os auctores por onde o estudou, se lêram suas obras, não as comprehenderam bem.

suppôr uma parte da terra mais proxima do ceu que a outra. Não pensavam na zona equatorial, coisa que não deve admirar, pois que d'esta região lhes faltavam dados exactos, porque antes de mim não fôra mandado ninguem a fazer ali descobrimentos. Ali, pois, perto da Bocca do Dragão, embatem furiosas as aguas do Oceano com as que ali lança o Orenoco e que se precipitam com impeto irresistivel para as saídas do golpho de Paria.»

Este grande impeto explica-se, segundo Colombo, pela altura consideravel da protuberancia da terra, da qual descem as correntes d'agua doce, que nascem no paraiso terreal, situado n'aquelle ponto elevado. Por isso diz:

«A Sagrada Escriptura attesta que Nosso Senhor criou o paraiso terreal onde fêz nascer d'um só manancial quatro rios. Não encontrei jámais, nem encontro nenhum escripto dos gregos nem dos latinos, que precise a situação do paraiso, nem o encontrei em nenhum mappa, feito segundo dados fidedignos. Alguns collocam o paraiso na Ethiopia junto ás nascentes do Nilo; mas outros, que visitaram estas regiões, não encontraram nem a temperatura nem a altura do sol, como correspondia ás suas ideias, e outros teem procurado o paraiso terreal nas ilhas Canarias.

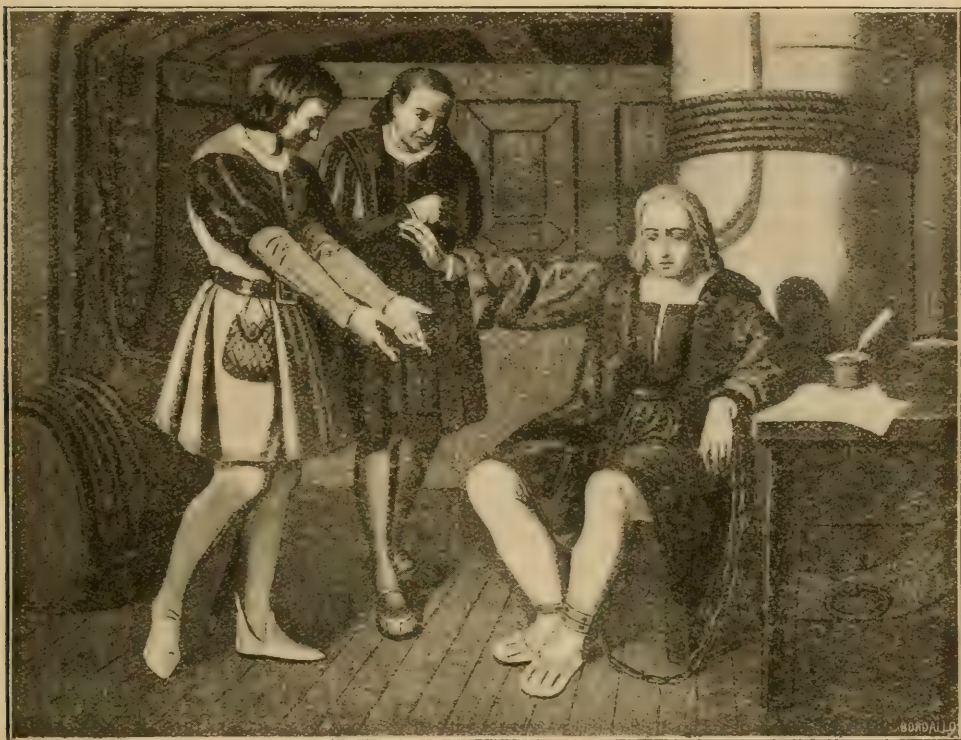
«Santo Izidoro, Beda, Strabo (Valafrido Strabo, auctor da «Historia Escolastica»), Santo Ambrosio, Scotto e todos os theólogos eruditos, concordam em collocar o paraiso no Oriente. Eu não admitto que se ache situado n'uma montanha escarpada como nos tem sido ensinado, mas no cimo da protuberancia da terra, que começa a uma grande distancia e se eleva insensivelmente. Tambem creio que ninguem póde chegar ao cume referido, mas que todas as aguas que aqui (no golpho de Paria) affluem ao mar, descem d'ali. Tambem não creio que até áquelle sitio elevado possa navegar-se, nem que ali haja agua, mas, pelo contrario, é impossivel subir até lá, porque estou convencido que sem a vontade de Deus ninguem póde chegar ao ponto, onde se acha o paraiso terreal.

«Ha, pois, aqui (no golpho de Paria) indicios de muito pêso da proximidade do paraiso; as opiniões dos santos e doutos theólogos concordam com as minhas observações e, se a agua (do Orenoco) não procedesse do paraiso terrestre, seria ainda um milagre muito maior, porque eu não creio que em todo o mundo se encontre outro rio tão poderoso e tão profundo como este.»

N'outras passagens, diz Colombo tambem: «Eu creio que se o rio mencionado não viesse do paraiso terreal, teria forçosamente a sua origem n'uma dilatada terra do Sul, da qual até agora se não tem tido notícia.» Las Casas, por seu lado, attribue ao mesmo Colombo estas phrases: «Se, apesar de tudo, fôsse (esta terra dilatada) um continente será o assombro de todos os doutos»; e o auctor da Vida do Almirante diz que Colombo, depois de ter descoberto muitas ilhas, ficou convencido de que havia descoberto na Terra de Paria o continente, por ter encontrado ali um rio poderosissimo, que confirmou as indicações dos naturaes das pequenas Antilhas, a respeito d'uma vasta terra ao Sul.

Se assim foi, não se explica a resolução do almirante, afastando-se das costas que acabava de reconhecer, suspeitando que fôssem do grande continente, e abandonando o descobrimento começado, para tomar a direcção do Haití, dois dias depois de ter passado com felicidade a Bocca do Dragão. Por ventura o dominou demasiadamente a sua illusão do paraiso terreal, a não ser que a sua fé cega nos auctores que consultava e que nada sabiam nem diziam d'um continente n'aquella região, lhe não permittisse sustentar a existencia de tal continente, apesar de o ter diante dos olhos.

Não se explica este enigma com a desculpa da falta de víveres, nem com dizer-se que o almirante padecia dos olhos, tendo de entregar-se aos seus pilotos; porque, se

os navios estavam realmente equipados para uma grande expedição d'exploração, não podiam ter-se-lhes exgottado as provisões ao cabo de 14 dias; pois que não permaneceu mais tempo na costa da America do Sul; e a respeito de achaques physicos tinha tido que fiar-se durante semanas, em viagens anteriores, na cooperação dos seus subordinados, sem abandonar subitamente as suas emprêsas. Talvez tenha razão Peschel na sua «Época dos Descobrimentos», quando attribue a partida de Colombo para Haití á inquietação que lhe causava a sorte da colonia, que em 29 meses não havia visto

Colombo mandado á Hespanha prêso e algemado. (Christovão Colombo, por Ascencio.)

e não ao receio de que se avariassem as provisões, que de Hespanha levava á colonia, visto a maior parte da sua frota ter partido das Canarias directamente para a colonia.

A julgar pelas suas theorias singulares, é permittido crer que Colombo deu pouca importancia geographica ao seu descobrimento, e que não o enthusiasmava continuar a explorar as costas que deixára. Humboldt crê que tinham mais importancia para Colombo, na sua terceira viagem, as pérolas das ilhas de Margarita e de Cubagna que o descobrimento da Terra firme, porque na sua opinião tinha já descoberto o continente asiatico na sua primeira viagem, em novembro de 1492, na ilha de Cuba, convicção que não o abandonou até á sua morte.

O mais provavel é talvez que, para não dar novo pretexto aos seus adversarios, cada vez mais numerosos e mais audazes e influentes em Hespanha, para continuarem a accusá-lo de dissipar quantiosas sommas em expedições sem proveito, procurasse dedicar-se inteiramente ao cuidado e fomento da sua colonia, para que quanto antes

pudesse viver dos seus proprios recursos e não ser já um encargo para a mãe-patria.

Cinco dias gastou a expedição em passar da costa do continente através do mar das Antilhas, ao Haití, mas a corrente para Occidente levou os navios para além do seu destino, tendo de retroceder, para chegar á cidade de São Domingos, recentemente creada por Bartholomeu Colombo, junto á foz do rio Ozamá da ilha mencionada.

11. — A situação no Haití. Prisão de Christovão Colombo

Durante a ausencia do vice-rei, tinha governado a colonia seu irmão Bartholomeu como *a deantado,* ou seja logar-tenente civil e militar; augmentára o numero das construcções de pedra, e obrigára os caciques indigenas a reconhecer a soberania de Hespanha e a pagar um tributo em ouro, ou em productos de facil saída. Por outro lado, havia começado a obra de conversão ao Christianismo sob a direcção do padre franciscano João Borgonhão e do activo frei Raimundo Pane, que no espaço d'um anno lográra aprender o idioma dos indigenas; de modo que por estes dois lados adiantava o robustecimento do poder hespanhol. Não succedia infelizmente o mesmo com os proprios hespanhoes, já colonos, já militares, que só obedeciam com repugnancia aos genoveses, e, em especial, ao *adeantado* Bartholomeu, que impunha a disciplina mais severa, muito differente das liberdades, vida feliz e regalada, que haviam sonhado ao entrarem no serviço de além-mar. Em troca de tão risonhas illusões, tinham encontrado só um serviço duro, trabalhos sem numero, marchas incessantes em todas as direcções da ilha, o cansaço, as privações e até a fome.

N'uma das ausencias do *adeantado*, da cidade de Isabel, rebentou a sublevação, que pôs em grandissimo apêrto o commandante da praça, Diogo Colombo, homem de pouca energia, sobretudo n'este caso, em que viu que o proprio Francisco Roldão, magistrado superior da colonia, acaudilhava os descontentes. A' chegada do *adeantado,* teve que sahir Francisco Roldão com os seus partidarios da cidade, mas isto não fêz senão exacerbar o seu rancor, as suas intrigas e calumnias contra os extrangeiros. Accusou-os de serem inimigos dos hespanhoes e, entre outras coisas, de quererem monopolizar em proveito proprio os jazigos de ouro; e excitou á desobediencia os naturaes da ilha, promettendo protegê-los contra a oppressão do governador. D'aqui resultou que os indios se recusaram a pagar o tributo e a proporcionar comestiveis ás tropas, com o que augmentou tanto a escassez, que até os hespanhoes fieis começaram a desanimar e a desertar. Por fortuna, em principios do ano 1498 chegaram dois navios da Hespanha com provisões de bocca e tropas frescas, soccorro sem o qual se teria talvez dissolvido então toda a colonia. Com tão opportuno auxilio pôde Bartholomeu Colombo reduzir á obediencia os caciques rebeldes.

Entretanto, Roldão retirou-se com os seus partidarios para a afastada terra de Jaragua, onde se entregaram a toda a especie de oppressões, excessos e vida desenfreada, conseguindo attrahir uma parte da tripulação dos tres navios enviados por Christovão Colombo ao Haití, das Canarias, e que por desgraça lançaram ancoras n'aquella parte da ilha, onde se encontravam Roldão e os seus. Um mês depois chegou tambem o almirante com os seus navios á cidade nova de São Domingos, onde se applicou immediatamente a restabelecer a ordem e a concordia entre os elementos hespanhoes, visto as dissensões interiores paralisarem completamente o desenvolvimento da colonização. Sciente de que um grande numero estava cansado já da vida e condições nada agradaveis da ilha, tanto que se tinha generalizado no juramento a frase: «Assim me leve Deus outra

vez a Castella», publicou um bando, promettendo conduzir á Hespanha todo o hespanhol que assim o quisesse, em um dos cinco navios destinados a fazer a travessia. Com esta medida lisonjeava-se de que poderia diminuir o numero dos seus adversarios e dos descontentes; enganou-se, porém, porque os mais temiveis, Roldão á sua frente, não acceitaram a offerta, julgando-se bastante fortes para zombar da auctoridade do vice-rei. Colombo humilhou-se mesmo, escrevendo ao magistrado rebelde uma carta amigavel, mostrando-se disposto a uma reconciliação, mas Roldão e todos os demais adversarios de Colombo conheceram a situação desesperada d'este, e que tendo ido para o Haití sem fundos, não podia pagar á tropa soldos atrazados nem contar com ella para uma lucta aberta.

Por outro lado, não podia Colombo reter a frota que o tinha levado, porque pertencia a particulares, com os quaes havia sido feito um convenio que o obrigava a carregá-la e despachá-la outra vez para Hespanha um mês depois da sua chegada á colonia; e, ainda que a reteve duas ou tres semanas mais, teve de despachá-la em 18 d'outubro sem poder communicar ao monarcha o restabelecimento da paz na colonia, como era seu desejo. Em compensação, qualificou na sua communicação os seus adversarios de ladrões, assassinos, salteadores, accrescentando, na sua excitação, que se via obrigado a empregar medidas extremas, para anniquilar taes perturbadores.

Estes ultimos, por seu lado, não se haviam descuidado de tornar sciente o govêrno dos motivos da sua attitude, assim como da que observava o almirante e seus irmãos, accusando-os de actos arbitrarios e de crueldades da peor especie, com o que deram novo pasto á animosidade contra os genoveses na côrte, e conseguiram, finalmente, que os proprios monarchas olhassem Colombo com outros olhos.

Entretanto, Colombo viu-se obrigado a reatar as negociações com os rebeldes e, posto que com grandissima repugnancia, fazer as pazes sob condições humilhantes para elle, dando-lhes dois navios com provisões para regressarem á Hespanha, um certificado para cobrarem em Hespanha o soldo atrazado e um diploma, attestando o seu bom comportamento nas Indias. Todos os demais rebeldes que quisessem continuar nas Indias receberiam salvo-conducto. Aconteceu, porém, que Colombo não pôde preparar os dois navios no prazo promettido, e então os seus adversarios declararam o convenio caduco e nullo, continuando o estado de discordia até ao mês de Setembro de 1499, em que Colombo se rebaixou a reintegrar Roldão nas suas funcções de juiz, conceder terras aos partidarios d'elle e permittir aos rebeldes cobrarem á força o soldo atrazado, se não se lhes pagasse completamente.

Isto era recompensar os inimigos e rebeldes e para Colombo a maior humilhação. Verdade seja que não tinha a intenção de cumprir nenhuma d'estas promessas, antes julgou poder illudi-las com o subterfugio de firmar o pacto a bordo de um navio, a fim de celebrá-lo, como disse ao soberano, como almirante e não como vice-rei; isto é, n'esta ultima qualidade não era responsavel dos actos que praticasse como almirante, nem podia ser obrigado a reconhecê-los como legaes, em terra firme, por dimanarem do capitão do mar ([1]).

Este exemplo da maneira de pensar e de proceder de Christovão Colombo demonstra á evidencia a sua nenhuma capacidade para o govêrno, administração e, emfim, para todo o cargo superior.

Na côrte augmentaram as queixas contra elle. A demora na remessa do beneficio

---

([1]) Veja-se Las Casas, I, cap. 1560.

que pertencia á corôa, da extracção do ouro, foi classificada, em seguida, de defraudação; achou-se muito singular que nas suas communicações officiaes classificasse de inimigo mais perigoso o magistrado Roldão, a quem elle proprio tinha proposto para o elevado cargo que desempenhava, depois de tê-lo protegido e quási criado como seu favorito. A rainha estava desgostosa de que, em vez de remetter os tantas vezes promettidos thesouros de especiarias e de metaes preciosos, havia enviado outra vez ao govêrno com a ultima esquadra um carregamento de escravos; e, finalmente, não podia occultar-se que a colonia caminhava rapidamente para a sua dissolução com a desordem e confusão contínuas.

Para restabelecer a ordem e bom andamento da colonia aproveitou o govêrno o desejo expresso pelo vice-rei de que lhe enviassem um magistrado capaz, para examinar as queixas e negocios da ilha e fazer justiça. Mas, por sua vez, excedeu-se o rei, porque, sem cuidar dos privilegios concedidos e confirmados repetidas vezes a Colombo, deu ao novo juiz poderes independentes, encarregou-o de toda a administração civil da ilha e exigiu de Colombo que lhe entregasse tambem o commando superior militar. Assim, nas cartas reaes de 21 e 26 de Maio de 1499, designa-se Colombo só como «almirante do Oceano» em vez de vice-rei [1]. O agraciado com faculdades tão amplas por decreto do mês de Maio de 1499, faculdades que chegavam até á de expulsar da ilha á viva força toda a pessoa que lhe parecesse perigosa para o bem estar da colonia, foi Francisco Bobadilla. Até ao verão do anno seguinte não pôde pôr-se a caminho, e chegou a 23 de Agosto a São Domingos, onde viu de ambos os lados da entrada do porto, pendurados nas forcas, os cadaveres de sete hespanhoes, sentenciados á morte por amotinadores, e enforcados uma semana antes por ordem de Colombo. Este, comtudo, escrevia á ama do principe D. João, mulher muito influente junto da rainha: «Quando Bobadilla chegou a São Domingos, estava a ilha tranquilla.» Bobadilla nos sete enforcados á entrada do porto viu uma prova da ferocidade do genovês e da necessidade de pôr-lhe restricções. No dia seguinte desembarcou com a sua tropa e, logo que ouviu missa na igreja da cidade, da qual estavam ausentes o almirante e seu irmão Bartholomeu, fêz ler ante os fieis reunidos as suas credenciaes e seguidamente o decreto do rei, para que todas as pessoas ao seu serviço recebessem os seus soldos atrazados com o que pôs do seu lado a maior parte dos hespanhoes. Da igreja dirigiu-se ao castello, em que entrou á força, mas sem necessidade de fazer uso das armas. Ali interrogou os presos para examinar as suas causas, como era sua missão; alojou-se na casa de Christovão Colombo e embargou tudo quanto pertencia a este, sem exceptuar os seus papeis, como se só tivesse chegado com o encargo de instaurar processo ao vice-rei e não para ouvir e examinar as queixas e reclamações dos dois partidos. No dia seguinte acabou por captar a vontade de todo o povo, annunciando publicamente que desde aquelle dia concedia licença a toda a gente para occupar-se livremente, durante 20 annos, na extracção do ouro, comtanto que entregasse a undecima parte do producto á corôa. Contando já d'esta maneira com a população, afóra alguns poucos partidarios fieis do vice-rei, pôde ir mais longe e prender este e seus irmãos, exorbitando, se não das suas faculdades, pelo menos das intenções do rei. Imperiosamente citou Colombo ante a sua presença, e Colombo, depois de ter visto as ordens do rei, obedeceu, partindo immediatamente sem escolta para São Domingos. Ali foi carregado de cadeias e conduzido para um dos navios, que Bobadilla levava, onde encontrou já tambem prêso seu

---

(1) Veja-se Navarrete, tomo II, n.os 127 e 128, e Las Casas, I, cap. 179.

irmão Diogo. Bobadilla alcançou de Christovão que escrevesse a seu energico irmão Bartholomeu, convidando-o a imitar o seu exemplo, e submetter-se á justiça do rei, convite a que Bartholomeu accedeu effectivamente. Bobadilla não teve coragem para se acarear com os presos, segundo resulta da carta mencionada de Colombo á ama do principe real, na qual se lamentou do proceder do novo juiz nos seguintes termos: «Nunca falei com elle, nem elle permittiu que outra pessoa falasse commigo. Um governador que se enviasse, por exemplo, á Sicilia, para reger este país pacificamente, segundo as leis estabelecidas, teria uma posição muito diversa da minha, n'um país completamente novo, extranho e recentemente submettido, com costumes e homens tambem de todo extranhos. Se commetti êrros, foi sem intenção e sob a pressão das circumstancias. O que mais sinto é a confiscação dos meus papeis, que nunca poderei voltar a reunir, e que demonstrariam a minha innocencia, melhor que qualquer outra coisa.»

A ordem de prisão affectou tanto Colombo, que nos primeiros momentos receou que fôssem matá-lo; porque, quando o fidalgo Alonso de Villejo, parente de Fonseca, director da secretaria das Indias, se lhe apresentou com um piquete de tropa para conduzi-lo a bordo, julgou que iam conduzi-lo á morte, e disse espantado ao official: «Villejo, aonde me conduzís?» e quando este lhe respondeu: «A bordo, para partir», perguntou-lhe surprehendido e incrédulo: «Partir? Villejo, dizeis a verdade?» e não se tranquillizou senão quando o official lhe não repetiu e assegurou que não o enganava. Villejo e o capitão do navio, André Martim, trataram o prêso com o respeito devido e com affecto, querendo tirar-lhe as cadeias, mas Colombo não o permittiu, para que vissem em Hespanha a infamia com que, por ordem do rei, ao que parecia, se recompensavam os seus preclaros méritos. A travessia foi rapida e feliz, e na ultima semana do mês de Novembro do anno de 1500 desembarcou o descobridor em Cadiz.

A côrte estava em Granada; e, como o capitão André Martim permittisse a Colombo enviar a sua carta á ama do principe, chegou a sua narração dos acontecimentos ao conhecimento dos monarchas, antes da narração hostil de Bobadilla. Os reis sentiram manchada a sua majestade real com o ultrage infligido a Colombo, acobertado com o seu nome, e mostraram tanto maior desgôsto, quanto já havia feito grandissimo ruído em Cadiz, em Sevilha e n'outras muitas partes a notícia de ter chegado á Hespanha, prêso e carregado de cadeias, o descobridor do Novo Mundo. Deram ordem immediatamente para que tirassem a Colombo as cadeias e o tratassem com todas as distincções, que lhe competiam, e enviaram-lhe a somma de 2.000 ducados para que pudesse fazer a viagem conforme cumpria á sua elevada categoria; de fórma que deve ser uma invenção o boato de que se apresentou carregado de cadeias aos monarchas em 17 de Dezembro. Póde acreditar-se no testemunho de Herrera que diz na sua obra que, quando Colombo se apresentou perante os reis e os saudou prostrando-se de joelhos, se sentiu tão commovido que não pôde falar.

Desde então viu-se Colombo sempre tratado com todo o respeito e distincção, mas não foi restabelecido na sua suprema dignidade de vice-rei do Novo Mundo.

12. — Ultima viagem de Colombo

O rei quis, antes de tudo, imprimir uma marcha regular á administração das novas colonias das Indias, sem cuidar, ao que parece, de reintegrar Colombo em seus foros e privilegios uma vez rasgados. Bobadilla mostrára-se tambem incompetente pela sua parcialidade e pela precipitação com que tratou o logar-tenente legal do rei sem ouvi-lo

nem sequer vê-lo. As suas demais determinações não fizeram senão afrouxar os laços da ordem pública e da obediencia ás leis, e ao regimen severo de Bartholomeu succederam desordens e illegalidades, que alhearam do novo govêrno as sympathias dos bons elementos. Estas circumstancias e a necessidade moral de dar a Colombo e a seu irmão uma satisfação condigna na propria ilha, determinaram o conselho real a exonerar Bobadilla e collocar em logar d'elle Nicolau de Ovando, homem justo e imparcial, que recebeu tambem ordem de pôr limite á oppressão e crueldades, que os colonos hespanhoes usavam com seus súbditos indios, sem nenhuma utilidade que as justificasse. A rainha Isabel ordenou expressamente ao novo governador que fizesse entender positivamente aos caciques e demais indios que estava decidida a proteger os seus novos súbditos a todos os respeitos; e que desde já não ficavam obrigados os indios a trabalhar senão no serviço directo da corôa; se bem que isto mesmo deu logar mais adiante a novos e não interrompidos vexames. Tambem permittiu o govêrno, por certo na louvavel intenção de alliviar os indios, que se introduzissem escravos negros da Africa no Haití, ou fôsse directamente, ou da Hespanha, porque já então florescia e havia muito tempo, o tráfico de negros na costa occidental da Africa; e com esta nova disposição ficou introduzida na America a peste da escravatura, que nos séculos posteriores, deu logar a conflictos sangrentos, á collossal guerra que ameaçou por algum tempo a existencia da poderosa republica dos Estados Unidos da America do Norte, e, por um capricho do destino, á fundação d'uma republica de negros na primeira ilha que os hespanhoes colonizaram, republica que se fundou tres séculos depois do descobrimento.

Ovando recebeu tambem o encargo de reclamar a propriedade confiscada do vice-rei, fazer-lhe entrega dos reditos que lhe pertenciam, sem nenhuma quebra, e annullar a determinação de Bobadilla, a respeito da livre exploração dos jazigos auriferos.

A confiança que inspirava em Hespanha a capacidade de Ovando era tão grande, que ninguem duvidou de que á sua chegada ao Haití restabeleceria na colonia a ordem, e com esta esperança se apresentaram grande numero de emigrantes para acompanhá-lo e tentar fortuna no Novo Mundo, de maneira que pôde fazer-se á vela em São Lúcar de Barrameda a 13 de Fevereiro de 1502 com 30 navios e 2.500 pessoas. Um navio teve a desgraça de ir a pique n'uma tempestade, mas os demais chegaram ao seu destino a 15 de Abril. Ovando foi reconhecido sem opposição, como governador, depois de ter apresentado as ordens do rei. A auctoridade de Bobadilla desappareceu como por encanto, e elle mesmo teve que sujeitar-se á ordem de regressar á Hespanha, podendo dar-se por satisfeito com que se não abrisse um inquerito sobre os seus actos. Roldão, porém, e os seus partidarios não escaparam da mesma fórma, porque fôram presos e embarcados, para serem julgados a seu tempo, na frota que levára o novo governador, e que, depois de ter recebido o seu carregamento, teve ordem de voltar á Hespanha.

Colombo, entretanto, tinha-se offerecido em Hespanha para emprehender uma grande expedição a Oeste afim de fazer novos descobrimentos, logo que se convenceu de que não se pensava em reintegrá-lo no seu vice-reino indio. É muito provavel que o aguilhoassem a esta nova emprêsa os grandes resultados obtidos então pelos portugueses porque, emquanto estava ainda em lucta com o rebelde Roldão no Haití, havia voltado da India Vasco da Gama, em 1499. De regresso á Hespanha, Colombo havia-se informado naturalmente com vivo interêsse das emprêsas portuguesas e, adquiridas já todas as notícias possiveis sobre a India e convencidissimo de que tinha encontrado em Cuba e Terra de Paria as margens orientaes da Asia; tendo ainda outros descobri-

dores de conta propria, taes como Ojeda, Vespucio e Pinzon, reconhecido novos trechos de costa do continente para além de Paria, não duvidou de que, passando entre Cuba e Paria e dirigindo-se a Oeste, chegaria á India dos portugueses. A poderosa corrente maritima que se volta impetuosamente na costa da America do Sul para Oeste era para elle signal seguro de que se dirigia a um estreito desconhecido e inexplorado, que conduzia ao mar Indico, ao mar além do Ganges, como era chamado desde a antiguidade. Esta ideia foi a base da sua nova emprêsa, recebida e approvada pelos soberanos de Hespanha com benevolencia. No outomno de 1501 pôde Colombo dedicar-se

Mineiros indios dirigidos por hespanhoes (segundo uma obra do século XVI).

aos preparativos da sua expedição, tendo os reis posto á sua disposição os navios necessarios. Parece que Colombo estava resolvido a alcançar um resultado de grande alcance, ainda que lhe custasse a vida; mas havia-se tornado mais precavido e não quis expôr-se outra vez sem assegurar o futuro da sua familia, motivo por que fêz tirar cópias authenticas dos documentos mais importantes, depositando-as no banco de Génova. Entre estes documentos encontrava-se tambem a promessa dos monarchas hespanhoes, renovada solemnemente em 14 de Março de 1502, de que todos os seus privilegios e direitos, concedidos por meio de reaes patentes, ficariam sem quebra alguma para elle e seus successores.

A expedição compunha-se de quatro caravellas de 50 a 70 toneladas com 150 tripulantes, acompanhando-o seu irmão Bartholomeu, que em toda a parte fôra sempre o seu mais valioso auxiliar, e seu filho Fernando, que ao tempo só contava 13 annos.

A 9 de Maio de 1502 sahiu de Cadiz, e das Canarias escreveu ao frade cartuxo, Gaspar Gorricio, seu amigo e conselheiro, em Sevilha: «Agora será a minha viagem

em nome da Santa Trindade e d'ella espero victoria» ([1]). A travessia das Canarias até a Martinica foi rapida, exigindo só 19 dias. D'esta ilha navegou ao longo das outras pequenas Antilhas mais septentrionaes, e da costa meridional de Porto Rico até São Domingos. Estava resolvido a não perder tempo inutilmente e a navegar emquanto os seus navios o permittissem; mas, quando um d'elles ficou incapacitado para o serviço do mar, trocou-o por outro melhor, armando este a expensas suas. Chegou a 29 de Junho á vista do porto de São Domingos, no qual estava ainda ancorada a grande frota que conduzira Ovando, e que aguardava a ordem de partir; mas o novo governador não lhe permittiu desembarcar, destruindo assim o desejo e a esperança de Colombo, de entrar como chefe d'uma nova expedição na colonia, d'onde tão humilhado havia sahido. Ovando manteve-se firme e só lhe deixou apresentar as suas credenciaes. Tambem não fêz caso do conselho de Colombo de não fazer partir antes de uma semana a frota na qual se achavam embarcados Bobadilla, Roldão e demais sequazes, porque havia descoberto por cálculos astrologicos, isto é, pela opposição de Jupiter e da Lua, e pela conjuncção de Mercurio com o Sol, que se desencadearia breve uma tempestade formidavel. Por desgraça, esta predicção cumpriu-se exactamente e, logo que sahiu a frota, apesar dos conselhos de Colombo, estalou o furacão, que metteu a pique 20 navios com todos os que iam a bordo, incluindo Bobadilla e Roldão.

O unico navio, precisamente um dos mais frageis, que se salvou da destruição e pôde continuar a sua viagem para a Hespanha, foi o que levava a bordo o capital e os bens restituidos a Colombo. Coincidencia singular que bem pôde attribuir o vice-rei, destituido, ultrajado e nem sequer admittido no seu antigo porto, ao juizo insondavel de Deus, que assim vinga os instrumentos, que elege para cumprir as suas grandes missões.

Colombo buscára, entretanto, um abrigo na costa com as suas quatro caravellas, a menor das quaes, commandada por seu irmão Bartholomeu, havia sido levada outra vez pela tempestade para o alto mar e havia perdido as suas lanchas, mas, afóra este precalço, tinham-se salvado todos. «A tempestade foi horrivel, escreveu depois Colombo, os navios fôram separados e eu receei que, á excepção do meu, todos se submergissem. Que dôr tão grande, além da afflicção pelo filho, pelo irmão e amigos, não poder refugiar-me em terra nem no porto, em uma costa, que, com tantas difficuldades ganhei para Hespanha!»

A 14 de Julho partiu do Haití e, deixando Jamaica e Cuba á sua direita, dirigiu-se em linha recta para Oeste, mas, ao passar a Jamaica, uma corrente poderosa levou-o para Noroeste á região das ilhotas, que havia chamado «os Jardins da Rainha», se bem que não chegou a ver a costa. D'ali, navegando para o continente, chegou a 30 de Julho á ilha de Guanajá, que Pedro Martyr chama Guanassa, situada no interior do golpho de Honduras, e chamou-lhe ilha de Pinos, por vê-la coberta de magnificos pinhaes. Ali encontrou traficantes de Yucatan que, nas suas grandes canôas, feitas d'um só tronco d'arvore, conduziam toda a especie de generos, taes como guizos de latão, cutellos e machados d'uma pedra brilhante e cortante; espadas de madeira, guarnecidas em ambos os gumes de pedras cortantes introduzidas em entalhes apropriados; vasilhas feitas de madeira e de mármore; mantas tecidas de algodão de várias côres, etc. Colombo informou-se dos que tripulavam as canôas ácêrca das terras situadas a Oeste, e citaram-lhe o país de Maya, ou seja o Yucatan, e, como os productos que levavam

([1]) Navarrete, I, 479.

para a venda, indicavam uma cultura muito superior áquella que os hespanhoes tinham encontrado n'aquellas regiões, talvez tivesse passado Colombo á patria d'aquelles traficantes e tivesse chegado ás cidades de Yucatan e talvez ás praias do Mexico, se não o tivesse allucinado a sua ideia d'um estreito que devia conduzi-lo pelo Sul da peninsula da India ulterior, em cuja proximidade julgava encontrar-se, ao golpho de Bengala. Seguiu, pois, o seu plano, e dirigiu-se a Léste, em vez de continuar em direcção de Oeste, resultando ficar a sua expedição reduzida, como nas viagens anteriores, á exploração do mar das Antilhas. Desde logo se dirigiu para o continente posto ao Sul, desembarcou junto ao cabo de Honduras e tomou posse do país em nome da Hespanha. Continuou ali, ao que parece, por causa do mau tempo, 14 dias e dirigiu-se depois a Léste ao longo da costa.

No decurso de quatro semanas, desde 14 d'Agosto a 12 de Setembro (Colombo diz erradamente 60 dias, e Pedro Martyr 40 dias, incluindo a permanencia em Guanajá), andou navegando sempre de sonda só o espaço de tres meridianos, «porque, como escreveu, chovia, trovejava e relampejava incessantemente, e parecia que o mundo se desfazia. Em todo este tempo não vi sol nem estrellas. Os meus navios haviam soffrido horrorosamente; as velas estavam destroçadas, as ancoras, enxarcias, lanchas e grande quantidade de provisões haviam-se perdido, e as tripulações estavam enfermas e abatidas; muitos marinheiros fizeram voto de viver religiosamente e todos prometteram romarias e confessar-se. Muitas tempestades temos passado, mas nenhuma tão violenta» [1].

Muitas angustias passou Colombo n'este transe, por causa de seu filho, criança de 13 annos, ainda que se consolou vendo-o tão bom marinheiro, e logo se arrependeu amargamente de ter exposto seu irmão Bartholomeu a tantos perigos, no navio peor da sua esquadra, e tudo isto contra a vontade do mesmo Bartholomeu, que a principio não queria acompanhar seu irmão. O proprio almirante estava atacado de febres, mas, apesar d'isso, tomava o rumo d'uma pequena camara, que construira sobre a coberta. Então, opprimido pela enfermidade, pelos cuidados e pezares, lamentou-se de que em 20 annos de serviço passado em continuos perigos e afflicções nada havia ganho; que em Castella não podia chamar sua nem uma miseravel telha, que em Hespanha tinha vivido sempre até ali em pousadas, e quási sempre sem recursos para pagar as suas contas.

N'este estado chegou, a 12 de Setembro, ao promontorio mais oriental das Honduras, d'onde a costa se dirige para Sul, esperando melhor tempo e vento mais favoravel. Chamou a este promontorio *Graças a Deus*, por ter escapado de tantos e tão grandes perigos, e este mesmo nome conserva ainda hoje.

A costa que d'ali se extende para o Sul entre os 15° e 10° de lat. Norte, conservava o mesmo caracter, e os navios tiveram menos difficuldades para continuarem a sua marcha. Para lá das praias planas e arenosas, distinguiam-se muitas lagôas, e o solo estava coberto ás vezes até á margem de arvores resinosas e de frondosos platanos interrompidos por grandes prados. Aquelle país tem fama de saudavel, não tem, porém, riqueza em metaes, se bem que alguns rios, taes como o Rio Tinto ao Norte e o Pataca arrastam, ao que parece, ricas areias auriferas.

A 25 de Setembro chegou a expedição ás formosas praias d'uma ilha que Colombo chamou La Huerta. Na terra firme, em frente, encontrou perto da foz d'um rio uma

---

(1) Veja-se a carta que Colombo escreveu na Jamaica. Navarrete, I, 446.

aldeia india chamada Cariai, que Colombo chamou Mirobale, porque tomou o fructo d'uma arvore que ali cresce pelo mirabolano do Oriente e não duvidou achar-se na costa da India, como se infere da sua relação. Ali, perto talvez da cidade actual de Greytown, deu descanso á sua gente, fêz reparar os navios e refez as provisões. Por notícias que seu irmão Bartholomeu colheu em terra, soube-se que mais para Sudeste encontrariam praias abundantes em ouro. Para ali dirigiram as prôas a 5 de Outubro e dois dias depois chegaram á bahia de Ciriqui, semeada de ilhas. Os indigenas chamaram ao país Cerabaró ou Carabaró. «Ali recebi, escreveu Colombo, notícias das minas d'ouro da provincia de Ciamba, e dois indios acompanharam-me a Carambaru, onde os naturaes, nus, trazem adornos d'ouro ao pescoço.»

Uma pagina do manuscripto em lingua dos Maya.
(Real Bibl. de Dresde.)

Esta provincia de Ciamba julgou Colombo que era o reino de Champa na India Ulterior mencionado por Marco Polo, e explica-se o seu êrro, se se tem presente que para elle Haití era o Japão, ou seja Cipango, a Oeste do qual se extende no globo do allemão Behaim e, por conseguinte, provavelmente tambem nos mappas que Colombo levava, a costa oriental da Asia de Norte a Sul entre os 20º e 10º de lat. Norte; e ali precisamente se acha traçado no globo referido o reino de Champa, ou seja Ciamba segundo Colombo, que não teve dúvida nenhuma n'isto, a julgar pela segurança com que se exprime na sua narração.

Á medida que a costa do istmo, desde a foz do rio de São João no Panamá e Costa Rica, toma uma direcção mais oriental, muda de caracter. Em vez de praias planas, avançam até ao mar montanhas

cobertas de espessos bosques; bahias e enseadas mais ou menos amplas com ilhotas montanhosas e pittorescas se succedem e offerecem aos navios bom ancoradouro.

Em frente de Carabaró, no extremo opposto da magnifica bahia de Chiriqui, abundante em peixes, extende-se a terra de Aburema, cujas correntes, assim como as de Carabaró, arrastam areias auriferas. Ali recebeu Colombo a primeira notícia vaga do Oceano Pacifico e em seguida classificou-o de Mar Indico transgangetico. N'esta ideia o confirmaram as notícias dos indigenas, de cuja veracidade não devia duvidar-se, e que disseram que a nove jornadas em linha recta a Oeste se encontrava o país de Ciguara, riquissimo em ouro, e cujos habitantes usavam adornos de coral na cabeça e grandes argolas tambem de coral nos braços; que ali conheciam a pimenta, que se realizavam mercados e grandes feiras; que a gente usava vestuarios artisticamente lavrados, e por armas espadas, arcos, frechas e até couraças. Além d'isso, Colombo julgou tirar d'outras notícias que n'aquelle país os habitantes tinham cavallos para a guerra e que os seus navios estavam armados de canhões.

Á costa aurifera para além da bahia de Chiriqui deu Colombo o nome de *Veragua*. Os cumes da cordilheira elevada, que se extendia parallela á costa, estavam sempre envoltos em névoas, avaliando-lhes Colombo a altura em 50.000 pés. No sopé da cordilheira, diz na sua narração, abre-se uma passagem maritima que conduz ao mar oriental da Asia, de maneira que Veragua e Ciguara veem a formar dois pontos extremos n'aquelle país, como Fuentarrabia e Tortosa em Hespanha, e Veneza e Piza em Italia. Esta ideia de uma fórma peninsular d'aquella terra, á maneira da Hespanha e Italia, fê-lo crer que, continuando a sua navegação, daria a volta e encontraria um estreito como o de Gibraltar ou uma passagem larga como ao Sul d'Italia, porque logo continua dizendo: «Ciguara está rodeada de mar e d'ali chega-se em 10 dias ao Ganges». De maneira que julgava achar-se proximo do extremo meridional da peninsula índica ulterior, onde, segundo Ptolomeu, se achava o porto de Catigara. Além d'isso, Colombo levava no seu navio a Cosmographia de Eneas Silvius (o papa Pio II), em cuja descripção da Asia oriental, de Catay e Machin (a China meridional e a China maior) encontrou observações sobre o culto do sol; sobre o costume de pintar o corpo com incisões e picaduras, e como visse coisas analogas nas costas da America Central, concluiu que estava proximo do famoso e antigo porto de Catigara; que a peninsula que julgava ter diante não tinha mais que nove jornadas de largura, pois que assim lh'o haviam dito os indigenas, e que chegado ao outro lado se ia com vento favoravel, em 10 dias, ao rio Ganges.

Suppondo todo este raciocinio exacto, achando-se Catigara, segundo Ptolomeu, a 180 graus a Léste das Ilhas Canarias, e tendo na sua viagem a Oeste navegado metade da circumferencia da terra, claro estava que toda a circumferencia não podia ser tão grande como geralmente se admittia sobre a fé dos antigos. Colombo estava certo de que o espaço em linha recta de Léste a Oeste, que tinha percorrido desde a Europa, não chegava nem de longe a metade da circumferencia da terra, segundo aquelles auctores; e se, apesar d'isto, havia chegado, como cria firmemente, á margem oriental da Asia, não podia ser a terra tão grande, como se havia acreditado. Colombo admittia necessariamente esta ultima supposição, porque não suspeitava que tinha diante um continente intermedio, e por isso escreveu depois na sua carta da Jamaica: «O mundo não é tão grande como commummente se crê, porque um grau do equador não tem 60, mas sómente 56 milhas e dois terços». Deve notar-se que estas milhas são milhas árabes, e o numero referido por cada grau equatorial foi determinado pelos sabios ára-

bes no reinado do kalifa Almamun. Colombo sabia d'estes dados pela obra do cardeal Ailly, seu auctor favorito.

Firme nas suas ideias e na certeza de chegar em breve ao estreito, seguiu o seu curso adiante sem explorar Veragua, o país do ouro. Na véspera de São Simão e São Judas uma tempestade levou as suas naus, impotentes, varios dias através do mar, até que finalmente, depois de indiziveis angustias, puderam abrigar-se do furacão e do mar embravecido n'um porto magnifico, que recebeu, por isso, o nome de Porto Bello, onde ficaram os expedicionarios desde 2 a 9 de Novembro, até que o furor dos elementos pareceu ter-se aplacado. Colombo não quis regressar aos depositos de ouro de Veragua, porque os considerou já como propriedade de Hespanha; e, no meio de uma chuva torrencial, continuou a navegar; não tinha andado muito, porém, quando uma nova tempestade o obrigou a refugiar-se outra vez, com grande pesar seu, n'um ponto abrigado da costa, onde viu os arredores bem cultivados e encontrou víveres abundantes, razão por que chamou áquelle sitio Porto dos Abastecimentos (Puerto de los bastimentos). O temporal desfeito deteve-o ali até 23 de Novembro e quando, cansado de esperar, se arriscou outra vez ao mar, apenas fêz com immenso trabalho 15 leguas contra vento e maré, tendo que decidir-se a voltar em demanda do mesmo porto. No caminho encontrou outro, que chamou Recrete, muito acanhado, desabrigado e rodeado de penhascos e bancos d'areia, onde permaneceu detido 14 dias mais. Apenas abandonou, a 4 de Dezembro, este novo refugio e andou 4 leguas, quando o temporal se desencadeou de novo, com maior furia que antes; o mar coberto de espuma elevou-se a uma altura como nunca Colombo havia visto. «O vento era inteiramente contrario, escreveu depois, e impedia-nos de chegar a uma ponta de terra que tinhamos em frente. O mar fervia como uma caldeira sobre um grande fogo. Os relampagos espantosos, seguidos de horriveis trovões, allumiavam o ceu noite e dia, e todos receavamos ir a pique.» Nove dias estiveram assim em contínuo perigo de morte, sem que em todo este tempo parasse a chuva, que mais que chuva parecia um novo diluvio; a gente ficou tão desanimada, que todos esperavam a morte como um beneficio para sahir de tão grandes tormentos. Duas vezes já lhes havia levado o temporal ancoras e apparelhos, e, finalmente, ficaram os navios sem velame.

Quando, ao cabo de tão attribulada navegação, Colombo chegou ao istmo de Panamá, viu-se obrigado a voltar atrás, porque os seus navios estavam no peor estado imaginavel e, carcomidos pelo caruncho, mal se sustentavam a fluctuar. O regresso foi tambem muito difficil; os temporaes e ventos contrarios não deixavam um momento de socêgo e repetidas vezes tiveram os navios de buscar refugio na costa, onde passaram tambem a noite do Natal, porque a imminente opposição de Saturno com o Sol fazia presagiar a Colombo uma nova tempestade furiosa. Com o anno novo de 1503 veiu um tempo mais favoravel, permittindo aos expedicionarios, completamente exhaustos, e doentes, chegarem no dia da Epiphania á costa de Veragua e passarem a barra do rio Belem ou Yebra com grandissimo trabalho. No dia seguinte levantou-se outro temporal e, a não terem já entrado no rio, teria sido impossivel passar a barra. A chuva durou até 14 de Fevereiro, tão forte, que a principio ninguem podia sahir dos navios; e a 24 de Janeiro teve o rio uma cheia tão grande e tão súbita, que partiu as amarras e pouco faltou para que levasse os navios outra vez para o alto mar.

Só a 6 de Fevereiro é que o almirante pôde arriscar-se a mandar seu irmão Bartholomeu com um navio e 68 homens subir pelo rio Veragua, para explorar o interior, não tardando o *adeantado* a chegar com as suas lanchas em frente da aldeia do cacique de Veragua. Este, pintado o corpo segundo o costume do país, e despido, sahiu a

receber os extrangeiros com um grandissimo séquito, mas sem armas. Ao chegar perto dos hespanhoes, os do seu séquito buscaram uma pedra grande que lavaram cuidadosamente no rio, esfregaram-na para deixá-la bem sêcca e collocaram-na diante do seu soberano, para que pudesse sentar-se e falar n'esta posição, propria da sua dignidade, com os extrangeiros [1]. Ao saber que estes desejavam ver os depositos de ouro, mostrou-se logo disposto a comprazer-lhes e nomeou tres guias para acompanhá-los. Bartholomeu Colombo deixou uma parte da sua gente para guardar as lanchas e seguiu os guias com o resto. Em todas as correntes, que encontraram, puderam recolher fragmentos de ouro nas areias e nas margens entre os calhaus e as raizes das arvores. Finalmente, os indios conduziram-nos a uma montanha elevada, da qual podiam ver o país até grande distancia, e ali disseram que até onde se avistava e, especialmente, até 20 leguas a Oeste, se podia colher ouro, em toda a parte, nomeando de passagem as cidades e aldeias que se encontravam n'esta ultima região. Depois souberam os hespanhoes que o astuto cacique lhes havia feito mostrar as terras auriferas de um dos reis vizinhos e inimigo, para lhes não mostrar os seus proprios depositos de ouro que eram os mais ricos; e para, ao mesmo tempo, dar logar a uma lucta entre os hespanhoes e o seu inimigo.

Bartholomeu continuou a sua exploração, a 16 de Fevereiro, encontrando a cada passo abundantes vestigios do precioso metal; visitou varios caciques, sendo recebido em toda a parte com affabilidade e, finalmente, convenceu-se de que os depositos mais ricos eram os de Veragua. Tambem ouviu falar n'esta expedição d'uma nação civilizada e poderosa, que habitava sobre a praia do mar opposto.

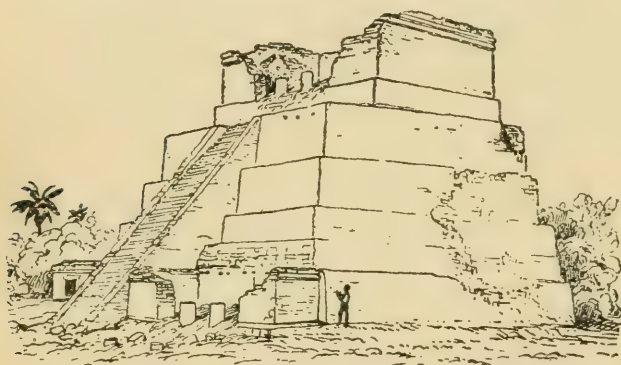
Ao saber do resultado da exploração, Colombo julgou evidente ter encontrado as terras mais ricas da Asia e, em consequencia d'isso, determinou fundar ali uma colonia. Veragua era a Chersoneso aurea. Assim se exprimiu na carta que depois escreveu na Jamaica, nos termos seguintes: «Affirma-se que, quando um rei de Veragua morre, enterram com o cadaver todo o ouro que possuia em vida. A Salomão levaram-lhe, n'uma só viagem, 660 quintaes de ouro, sem contar o que levavam os marinheiros e commerciantes, e não falando no que se havia comprado na Arabia. D'este ouro fêz 200 lanças, 300 escudos e outras alfaias, assim como um grande numero de vasos grandes com pedras preciosas engastadas. Joseph fala d'isto na *Chronica de Antiquitatibus,* dizendo que este ouro veiu da Aurea (a Chersoneso aurea). Se isto é assim, digo eu que todas estas minas são absolutamente as mesmas que as de Veragua. Salomão comprou ouro, prata e pedras preciosas, e aqui não é preciso mais do que colhê-lo. David deixou no seu testamento a Salomão 3.000 quintaes de ouro da India para construir o templo e, segundo Joseph, procedia d'estas terras».

A passagem maritima buscada em vão por Colombo continuou por muito tempo na imaginação dos proprios cartógraphos, porque figura n'um globo do anno de 1507 que hoje se conserva em Nova-York na bibliotheca de Lenox; em dois globos, que se suppõem ser respectivamente dos annos de 1509 e 1513 e se encontram na collecção Hauslab em Vienna; em outros dois globos de João Schöner do anno de 1515, e outro do anno de 1520; no globo desenhado por Leonardo de Vinci em 1515 ou 1516 e, finalmente, no mappa-mundi do P. Apiano na edição de Salino, feita em Vienna em 1520.

Sem demora procedeu Colombo ao estabelecimento da colonia projectada; construi-

---

[1] Veja-se Pedro Martyr, Décadas, III, IV, 247.

ram-se habitações nas margens do rio Belem, e resolveu-se que Bartholomeu Colombo ficasse por *adeantado* com um navio á sua disposição, emquanto seu irmão ia buscar reforços á Hespanha. Mas o cacique ou Quibian, como os indigenas lhe chamavam, e a quem Colombo julgou ter attrahido em favor do seu plano com varios presentes, viu com maus olhos e inquietação crescente as resoluções dos extrangeiros. Estas resoluções e a arrogancia cada vez mais visivel dos recem-chegados, perturbaram pouco a pouco as relações amigaveis e levaram o cacique a organizar um ataque geral para incendiar as casas recem-construidas e matar os seus moradores. Esta conspiração chegou primeiro aos ouvidos de Diogo Mendez, homem arrojado, prudente e fidelissimo a Colombo. Vigiou os movimentos dos inimigos, armados já, prevenindo habilmente todo o ataque por surpresa, e levou o seu arrôjo até penetrar no centro inimigo, na morada do cacique, que sabia estar ferido, fingindo-se cirurgião e offerecendo-se para curá-lo. Ali pôde saber a certeza do plano d'um ataque, e regressou a Belem inteirando o *adeantado* do resultado da sua exploração arriscada. Em seguida escolheu Bartholomeu Colombo 50 homens de confiança, com os quaes se dirigiu á residencia do cacique, ao qual conseguiu capturar com toda a sua familia, mas desgraçadamente o cacique logrou evadir-se na noite seguinte, e deu aos seus o signal do ataque, ao estabelecimento dos hespanhoes.

Pyramide na costa NE de Yucatan.

Entretanto, o almirante tinha tirado tres navios para fóra da barra em principios de Abril para emprehender a sua viagem á Hespanha. Estando prostrado no leito, prêsa d'uma febre violenta e, tendo só uma lancha que lhe tinha ficado, soube que os indigenas, n'um ataque furioso, tinham expulsado os hespanhoes das suas choças e trucidado o capitão Diogo Tristão e á tripulação da lancha na qual subiam pelo rio para fazerem provisão de agua, emquanto Bartholomeu se defendia desesperadamente na praia, onde se tinha fortificado. O almirante, impotente para levar soccorro a seu irmão, padeceu então terriveis angustias. Na carta que escreveu depois da Jamaica disse: «Achava-me fóra (do rio), em costa tão perigosa, accommettido d'uma febre terrivel e desfallecido. Não restava esperança alguma de sahir d'ali. Com grandissimo trabalho, arrastei-me até ao ponto mais alto do navio e chamei com voz trémula e os olhos rasos de lagrimas os capitães, para que viessem em meu auxilio, mas ninguem respondeu». Então, tendo-o dominado a fraqueza, sacudido pela febre, julgou ouvir no seu delirio uma voz compassiva e consoladora que lhe disse: «Onde está a tua fé em Deus? Que mais fêz por Moysés e por seus servos, que não haja feito por ti? Desde que nasceste velou sobre ti com a maior sollicitude; e, quando chegaste á idade prefixada fêz resoar teu nome por todo o ambito da Terra. Deu-te as Indias, a parte mais rica do mundo, e tu repartiste-as como quiseste. Deu-te as chaves do Oceano, cerrado até então com cadeias fortissimas. As tuas ordens fôram obedecidas em terras dilatadissimas e adquiriste fama immortal entre os christãos. Que mais fêz Deus pelo povo de

Israel, quando o tirou do Egypto, nem por David, quando trocou o seu cajado pelo sceptro, elevando-o ao throno de Judá? Volta ao teu Deus; reconhece o teu êrro e a sua bondade sem limites. A tua velhice não te impedirá de cumprir obras grandes. Na sua mão tem a herança mais preciosa... Diz, quem te humilhou tantas vezes e tão profundamente, Deus ou o mundo? Deus cumpre sempre as suas promessas. Nada temas e arma-te de valor!»

Durante dias estiveram os de fóra na incerteza mais cruel sobre a sorte dos de dentro, porque as ondas que se desfaziam enfurecidas contra os rochedos impediam toda a communicação com o porto. Em tão desesperada e angustiosa situação offereceu-se o piloto Pedro Ledesma para atravessar os rochedos a nado, se o conduzissem até áquelle ponto perigoso, no ultimo bote que havia ficado nos tres navios. Esta emprêsa temeraria foi coroada de exito, e d'este modo recebeu Colombo notícia de que seu irmão resistia ainda. Comtudo, passaram muitos dias antes que o tempo serenasse e permittisse tomar a bordo a gente que estava em terra, abandonando a sua caravella. Nem por isso estavam salvos os expedicionarios, porque os outros navios, carcomidos como estavam, mal se sustentavam sobre a agua. Em fins de Abril, conseguiu Colombo deixar a costa perigosa de Veragua com as suas tres embarcações adiando a fundação d'uma colonia n'aquella terra.

Então dirigiu-se a Léste, seguindo a costa, mas perto do Porto Bello teve de abandonar um navio completamente inutilizado para a travessia. Com os dois restantes chegou até ao golpho de Darien, tomando d'ali rumo para o Norte com intenção de chegar á Jamaica; mas a corrente e o vento levaram a expedição mais a Oeste, para perto da pequena ilha dos Caimães e, seguindo d'ali ao Norte, entrou no labyrintho de ilhotas que Colombo já conhecia da sua exploração da costa meridional de Cuba, e que chamára Jardins da Rainha. «O mar, escreveu na sua carta, da Jamaica ([1]), estava muito tormentoso e fez-me voltar atrás sem velas. Um dos navios perdeu tres ancoras; e á meia-noite desencadeou-se tal tempestade, que o mundo parecia acabar; partiram-se as amarras do outro navio que foi arrojado para nós com tal furia, que ameaçou fazer-se em estilhas e destruir o nosso. Uma ancora sómente aguentou firme e foi, depois de Deus, a nossa salvação.» Só passados seis dias se aplacou o tempo e os navios carcomidos pelos vermes puderam continuar a sua viagem, embora sem esperança, porque as tripulações estavam completamente desalentadas. Quando chegaram ao cabo da Cruz no extremo Sudoeste de Cuba, Colombo esperava poder chegar, seguindo a costa d'esta ilha, até ao Haití; mas nem a corrente, nem os ventos o permittiram, sendo preciso dirigir-se á Jamaica com os dois navios incapazes de resistir a qualquer contratempo. A agua entrava por todas as partes e ia subindo emquanto todos os braços trabalhavam sem cessar nas tres bombas e tirando agua com caldeiras e vasilhas. Assim chegaram felizmente até ao porto de Santa Gloria, hoje bahia de Christovão. O almirante fêz ancorar os dois navios n'um ponto favoravel perto da praia, onde a 25 de Junho de 1502 se encheram de agua até á coberta, sobre a qual fôram construidas camaras cobertas para alojar a gente como em ilhotas de madeira. D'este modo pôde Colombo abrigar-se de todo o ataque por parte dos indigenas e ao mesmo tempo era vedada á sua gente ir a terra, dispersar-se e dar occasião a conflictos com os indios, conflictos que, attenta a situação desesperada dos expedicionarios, podiam ser a perdição de todos bastando que os indios se recusassem a subministrar

---

([1]) Esta carta é de 1503.

víveres, porque os de bordo estavam naturalmente submersos nos porões e perdidos.

Afortunadamente os indios, que accorreram logo em grande numero á praia, mostraram-se dispostos a trocar comestiveis por artigos europeus; mas esta maneira de prover-se não podia livrar por muito tempo os hespanhoes da fome; e era indispensavel organizar este serviço de um modo mais regular, extendê-lo a uma superficie mais dilatada e celebrar com os caciques contractos em regra.

Foi outra vez o valente Diogo Mendez quem se offereceu para explorar com esta intenção a ilha só com tres homens. Em toda a parte fôram bem recebidos e soccorridos abundantemente com pão de cassava e pescado. Chegados que foram ao extremo oriental da ilha, entrou Diogo Mendez em relações de amizade com um cacique, trocando mutuamente os seus nomes; comprou logo ali uma canôa, carregou-a de víveres e regressou com ella ao porto de Santa Gloria, depois de ter celebrado contractos formaes de abastecimento que por ambas as partes fôram cumpridos.

D'esta fórma os naufragos só se tinham salvo da fome por um tempo limitado. Se não lhes chegasse soccorro de fóra, mais cedo ou mais tarde, ver-se-hiam perdidos e, até lá, estavam á mercê dos indigenas. A sua situação ia ser, portanto, desesperada, se não conseguissem fazer chegar a notícia d'ella ao governador do Haití. Difficilima e temeraria era a emprêsa, e tambem d'esta vez se offereceu Mendez para levá-la a cabo ou succumbir na aventura. Não vingou esta primeira tentativa, porque Mendez e os seus companheiros cairam em poder dos indigenas na costa oriental da Jamaica. Evadiram-se a grande custo, e Mendez voltou a offerecer-se para expôr a vida pelo seu venerado almirante e pelos seus companheiros de infortunio. Esta segunda tentativa foi mais feliz. Partiu com duas canôas dispostas para uma regular travessia do mar e tripuladas cada uma por 6 hespanhoes e 10 remadores indios, commandando uma Diogo Mendez e a outra Bartholomeu Fiesco, contando com os praticos indios para a direcção no alto mar, visto como sempre existira communicação entre os naturaes das diversas ilhas maiores. Tinham que seguir a costa até ao extremo oriental da Jamaica e d'ali tomar o alto mar; mas n'esta primeira parte da sua viagem podiam obrigá-los o mau estado do mar e o vento contrario a refugiar-se na costa e permanecer ali até que melhorasse o tempo. N'esta previsão e para evitar que as duas canôas fôssem atacadas e apresadas pelos indios, acompanhou-as Bartholomeu Colombo, marchando ao longo da costa com 50 homens armados, até que ao chegarem ao extremo da ilha viram as canôas no alto mar a caminho do Haití. Esta expedição arrojada em canôas foi feita no mês de Agosto de 1503. Cinco dias e quatro noites remaram sem parar e sem que Mendez se movesse do respectivo leme, até que chegaram, exaustos de forças, ao cabo de São Miguel, hoje Tiburon, extremo occidental do Haití, onde descansaram dois dias. Refeitos algum tanto, seguiram ao longo da costa meridional da ilha até ao districto de Jaragua, onde Mendez encontrou o governador Ovando, que o recebeu muito bondosamente. Ovando, comtudo, desconfiou da veracidade das notícias que Mendez lhe dava ácêrca da situação desesperada dos naufragos, suspeitando que eram effeito d'uma astucia grosseira de Colombo para poder introduzir-se na ilha, onde fundára a primeira colonia e onde governára na qualidade de vice-rei.

Assim foi que deixou passar meses antes de ceder ás instancias de Mendez, e mesmo então, se bem que mandou um navio á Jamaica para inteirar-se do estado verdadeiro dos expedicionarios, escolheu para capitão Diogo de Escobar, antigo partidario de Roldão e indultado depois, mas sempre inimigo de Colombo e de seu irmão. Escobar chegou com o seu navio á Jamaica, onde se contentou com informar-se da situação

e encarregar-se das cartas, partindo outra vez com a promessa de mandar outro navio mais capaz para tomar todos os naufragos a bordo e livrá-los da sua situação perigosa.

Entretanto, tinha trabalhado tambem o fiel e incansavel Mendez, e conseguira fretar, ao cabo de muitos meses, um navio com o dinheiro que Colombo lhe dera para qualquer contingencia, para o que teve que aguardar os que chegassem de Hespanha na primavera do anno seguinte, isto é, de 1504. Proveu então abundantemente o navio com tudo quanto pôde e enviou-o á Jamaica, emquanto elle, em vez de reunir-se com o seu chefe, preferiu dirigir-se á Hespanha para inteirar o rei da sorte de Colombo; de modo que por todos estes motivos ficou este ultimo detido com a sua gente quási um anno n'aquella ilha no meio de constantes perigos, penas e angustias. Effectivamente, apenas Mendez partiu para commetter a sua emprêsa temeraria, os naturaes da ilha negaram-se a fornecer mais víveres, e só com uma astucia computada na sua simplicidade e superstição, é que Colombo conseguiu evitar a fome e resolver os indios a continuarem a abastecer os hospedes extrangeiros. O caso foi que Colombo sabendo que a 29 de Fevereiro de 1504 devia verificar-se um eclipse da lua, ameaçou os indios com a ira do Ser Supremo que afastaria d'elles o seu rosto resplandecente, se privassem os hespanhoes dos víveres necessarios; e tanto os aterrou o phenomeno tão pontualmente prophetizado, que, afim de aplacarem a ira do deus da luz, se declararam logo promptos a continuar os seus abastecimentos.

Afastado tão felizmente este gravissimo perigo, apresentou-se outro maior provocado pelos dois irmãos Francisco e Diogo Porras que, com 48 individuos mais, se amotinaram e abandonaram os navios, apesar da resistencia que lhes oppôs o valente Bartholomeu Colombo. Os amotinados queriam buscar a sua salvação pelo mesmo caminho de Mendez e Fiesco, isto é, dirigindo-se em canôas indias ao Haití; porque diziam que Colombo não pensava sequer em sahir da Jamaica, senão que obrava assim para obrigá-los a permanecer com elle e fundar uma colonia. O tempo não lhes protegeu a fuga e, depois d'uma curta lucta com os elementos adversos, tiveram que voltar á ilha; fôram vãos, porém, todos os esforços que Colombo empregou para chegar a um entendimento com os sublevados por causa das suas condições exaggeradas. Depois, quando se soube que iam occupar o ponto escolhido onde devia atracar o navio de soccorro de Escobar com intenção de se apoderarem d'elle á sua chegada, não ficou outro recurso a Colombo e á gente que lhe permaneceu fiel, e a cuja frente se pôs Bartholomeu, senão recorrer á força das armas. O conflicto sangrento deu-se a 19 de Maio de 1504, custando a vida a alguns sublevados e a liberdade ao seu chefe Francisco Porras. Os vencidos pediram perdão e tiveram de jurar solemnemente fidelidade; só com esta condição os recebeu Colombo no navio fretado por Mendez, que chegou a 28 de Junho á bahia de Santa Gloria, levando todos os expedicionarios ao Haití, onde chegaram a 13 d'Agosto ao porto de São Domingos. Ovando recebeu Colombo e a sua gente; mas mostrou-lhe tambem respeitosamente o pêso da sua auctoridade, tirando os grilhões a Francisco Porras. A 12 de Setembro fez-se Colombo á vela para Hespanha, chegando, depois d'uma travessia trabalhosa, em principios de Novembro a Cadiz, não tornando a ver mais o Novo Mundo.

13. — Ultimos annos da vida de Colombo

Offendido e ultrajado, contristado e abatido pela perda dos quatro navios que levára comsigo de Hespanha para a sua ultima expedição, doente physica e moralmente, Colombo pisou de novo o solo hespanhol. Ninguem pensou no pobre naufrago; os

applausos que antes resoaram á sua chegada tinham emmudecido, tanto que o proprio Pedro Martyr, que nas suas cartas anteriores tinha blasonado da sua amizade íntima, com o descobridor do Novo Mundo, nas cartas que escreveu á volta de Colombo da sua ultima viagem, não fêz d'elle mais que uma leve menção, sem dizer uma palavra dos pormenores e resultados da expedição (veja-se a sua Década I, liv. 10). Só muito depois, na sua Década III, liv. 1 a 4, é que referiu os successos occorridos no istmo da America Central (Panamá), recordando-se da sua injustiça para com Colombo e relatando a historia da sua ultima expedição.

Poucos amigos restavam a Colombo quando voltou á Hespanha e, passadas poucas

Colombo recebido pelos reis catholicos no regresso da sua primeira viagem.

semanas, perdeu o seu melhor e mais fiel apoio, a rainha Isabel, que morreu a 24 de Novembro de 1504; de fórma que nem sequer teve Colombo occasião de vê-la ainda uma vez.

De Cadiz, onde desembarcára, dirigiu-se a Sevilha. Ali passou o inverno, aguardando ser em breve reintegrado nos seus direitos e dignidades, como lhe fôra promettido por escripto, e tambem contou com o pagamento dos seus soldos e parte correspondente dos productos da colonia. Muitas cartas dirigiu a seu filho Diogo para que, na côrte, activasse efficazmente os seus negocios. Na sua carta do 1.º de Dezembro do mesmo anno da sua chegada, diz-lhe: «Os meus achaques só me permittem escrever de noite, porque de dia não tenho força nas mãos». Era grande o seu desejo de ter notícias da côrte e dos seus negocios; motivo por que incitou seu filho a que lhe escrevesse sempre que pudesse.

Tambem escreveu uma longa carta ao rei Fernando, expondo-lhe minuciosamente os defeitos do govêrno colonial e sollicitando que fôsse enviada ali uma pessoa de confiança para abrir um inquerito; mas nem sequer recebeu resposta; coisa que lhe

devia ter succedido tambem com outras pessoas, porque em algumas cartas se queixou de que ninguem lhe escrevia já.

Não podem ler-se sem um sentimento de compaixão as cartas d'este homem abandonado de todos. As repetições contínuas das suas reclamações, a impaciencia e as queixas melancholicas que exhalam as suas cartas, indicam claramente o abatimento da sua alma.

O rei Fernando não tomou nenhum interêsse pelas reclamações e negocios do descobridor, deixando tudo a cargo da junta que superintendia na ordenação e execução das disposições testamentarias da rainha. Por isso nada lograram tambem nem Bartholomeu Colombo nem seu sobrinho Fernando, que tambem se dirigiram á côrte. Cansado de esperar, emprehendeu o proprio almirante, no mês de Maio de 1505, a penosa viagem a Segovia, onde ao tempo se encontrava o rei. Foi recebido com o respeito devido á sua alta categoria, mas com dôr acerba não achou aquelle apreço que os seus méritos lhe davam direito a esperar. Morta a rainha, sem dúvida influiram no animo do rei os adversarios de Colombo, pois que Las Casas confessa que, com grandissimo pesar seu, tivera que ouvir de pessoas que privavam muito com o rei, expressões que patenteavam esta aversão e falta da real benevolencia (1).

O tribunal de testamenteiros, ou «Junta de descargos», teve várias sessões, não tomou, porém, resolução alguma, porque procedeu, não como uma commissão encarregada de interesses hespanhoes em geral, mas sómente como junta testamentaria d'uma rainha de Castella.

Para pôr termo ás reclamações propôs o govêrno a Colombo que renunciasse ao seu direito ao vice-reinado em troca de propriedades e de titulos em Castella; Colombo repelliu, porém, semelhante pacto, como contrario á palavra sagrada do rei, e porque quis conservar aos seus descendentes a gloria inteira da sua vida laboriosa. Declarou-se disposto, comtudo, a renunciar as suas dignidades e privilegios das Indias a favor de seu filho Diogo, mas isto não foi acceito pelo govêrno, que preferiu addiar o negocio, porque, como diz Irving na sua obra *Christovão Colombo:* «O govêrno habituou-se a ter em pouco os méritos d'um homem que se ia tornando molesto quando cessára de ser util» (2).

O pobre abandonado viu o ultimo raio de esperança na chegada dos novos monarchas de Castella, Filippe e Joanna, que a 28 de Abril de 1506 vieram de Flandres para a Hespanha. Achacoso e enfermo, mandou seu irmão Bartholomeu receber os reis, esperando achar na filha da rainha Isabel a mesma bondade e o mesmo favor que sua mãe lhe havia mostrado constantemente; mas era natural que os novos reis, acabando de chegar á Hespanha, não pudessem fazer desde logo outra coisa que não fôsse prometter que examinariam o assumpto com todo o interêsse que merecia o supplicante.

Colombo não chegou a saber já do resultado d'esta sollicitação, porque morreu no dia da Ascensão, 21 de Maio de 1506, em Valladolid, depois de ter feito legalizar dois dias antes, presentindo a sua proxima morte, o seu testamento, feito no anno anterior, no qual nomeou herdeiro principal seu filho mais velho, Diogo, por ser o unico fructo de matrimonio legal. As suas ultimas palavras fôram: *In manus tuas, Domine, commendo spiritum meum,* e expirou nos braços dos frades franciscanos, em cujo convento encontrou tambem a sua primeira sepultura.

---

(1) Las Casas, *Historia da India,* II, 37.
(2) Liv. 18, cap. 31.

A sua morte passou despercebida; o mundo tinha-o esquecido. O *Chronicon de Valladolid*, que menciona os successos mais insignificantes da cidade, não diz uma palavra do fallecimento de Colombo e o mesmo fêz nas suas cartas d'então Pedro Martyr, que desde 10 de Fevereiro até 26 d'Abril de 1506 permaneceu na mesma cidade, quer dizer, quando o célebre genovês, com o qual se desvanecia de estar em correspondencia 10 annos antes, devia já sentir a morte proxima. Nas suas Décadas refere-se a Colombo uma vez só e de passagem. Outra prova do nenhum interêsse que excitou este acontecimento encontra-se na obra allemã *Paizes ignotos*, que Ruckhamer concluiu em 20 de Setembro de 1508, e na qual diz que Colombo e seu irmão Bartholomeu viviam ainda na côrte de Hespanha.

É muito provavel que os restos de Colombo fôssem trasladados em 1513 para o convento de Santa Maria de las Cuevas em Sevilha e que pela primeira vez ali collocassem sobre o mausoleu a inscripção: *A Castilla y a Leon Nuevo Mondo dió Colon*, que tambem é a divisa do escudo d'armas do descobridor. Em vida manifestára desejos de ser sepultado em São Domingos do Haití, e para ali fôram trasladados os seus restos e sepultados na cathedral entre os restos mortaes de seu filho Diogo, e de seu irmão Bartholomeu, o adeantado, e de seus netos Luís e Christovão.

Quando, porém, em 1795 São Domingos passou a ser possessão da França, o almirante Gabriel de Artizabel mandou abrir a crypta da cathedral e trasladar os ultimos restos mortaes de Colombo no navio *São Lourenço*, para a Havana, em cuja cathedral fôram solemnemente depositados em 19 de Janeiro de 1796, porque a honra da Hespanha não permittia deixar a extrangeiros as cinzas do homem que tanto fizera pela sua patria adoptiva.

Em vida Colombo não teve repouso, e os seus ossos só o encontraram ao cabo de séculos (1).

14. — Juizo e opiniões sobre o caracter de Christovão Colombo

Ante a fama universal de Colombo achamo-nos perplexos quando queremos formar uma opinião do homem. Admiramos o seu arrôjo, filho da convicção inquebrantavel da exactidão das suas theorias e concepções; surprehendem-nos as suas observações acertadas sobre a natureza, nas quaes se vê o germen da moderna sciencia, da geographia physica do globo; ao passo que por outro lado nos impressionam desagradavelmente o aprumo com que proclama principios de nautica extravagantes, apesar de ser esta a sua especialidade, fundando-se em observações erradas e imperfeitas; a certeza presumpçosa com que se quer apresentar como mensageiro de Deus; a cobiça com que se apropria do premio que pertence legalmente a um pobre marinheiro e a fraqueza que mostra em certas occasiões como na conspiração de Roldão.

Humboldt disse nas suas *Investigações criticas* (2), que a grande figura de Colombo dominava o seu século, mas esta é uma expressão como qualquer outra, porque contra ella fala o esquecimento geral que soffreu em vida, o ter sido um dos seus successores, Americo Vespucio, quem deu o nome ao Novo Mundo, e que sómente depois de 1570 é que o mundo se tornou a recordar do descobridor com a publica-

(1) As notícias relativas a terem-se encontrado os restos mortaes de Colombo em 1877 em São Domingos carecem de fundamento, porque fôram ossos de membros de sua familia.
(2) (1) I, 91.

ção da *Vida do Almirante.* Indubitavelmente todas as nações maritimas da Europa occidental se interessaram poderosamente pelos successos e consequencias que produziram as expedições de Colombo, pela conquista da America, pela circumnavegação e pelo conhecimento mais claro do globo terrestre; mas a pessoa de Colombo em tudo isto passou quási despercebida.

Segundo Humboldt, distinguiu-se Colombo pela sagacidade com que comprehendeu os phenomenos naturaes, não pelas descripções enthusiasticas e poeticas que deixou dos países tropicaes descobertos por elle, mas pelos principios geraes que muitas vezes tirou das suas observações com acêrto surprehendente, e sem prévia educação scientifica. «Esta tendencia para generalizar os resultados das suas observações, diz Humboldt, merece chamar a attenção tanto mais, quanto nenhuma outra tentativa n'este sentido consta que se fizesse até ao fim do século XV, e quási póde dizer-se até ao tempo do Padre Costa. Nos seus juizos sobre pontos que pertencem á geographia physica, não obedeceu Colombo aos seus mestres nem ás suas reminiscencias da philosophia escholastica, mas ás suas proprias ideias, como se vê das suas observações sobre a distribuição do calor, a variação do magnetismo terrestre, a corrente maritima equatorial, e a configuração da ilha da Trindade e demais pequenas Antilhas em consequencia d'esta mesma corrente. Colombo, continua dizendo Humboldt, formulou as questões de geographia physica e de anthropologia que então chamavam a attenção dos homens esclarecidos na Hespanha e Italia, isto é, a da distribuição das raças humanas e a da configuração das terras. Colombo bem mereceu da humanidade, offerecendo ás intelligencias o estudo de tantas materias novas, augmentando o cabedal das ideias e provocando com tudo isto um progresso verdadeiro da intelligencia humana. A época de Colombo foi tambem a de Copérnico, Ariosto, Durer e Raphael» (1).

A par d'estes merecimentos, a par de observações acertadas e de principios derivados d'ellas, apparece um acervo de theorias antiquadas e de aberrações e erros tão imperdoaveis como só podem existir n'um cerebro completamente incapaz de formar juizos por si mesmo, e escravo cego de auctoridades consagradas só pelo tempo e pela rotina. A este genero pertencem a fé inquebrantavel com que Colombo admittia as theorias sobre a pequenez relativa do globo terrestre, a reduzida extensão do Oceano, a pouca superficie da agua comparada com a que attribuiu á terra firme, a situação do paraiso terrestre e o fim do mundo, coisas que havia lido na obra do cardeal Ailly; a sua cega e servil acceitação dos dados de Toscanelli a respeito do itinerario e fim das suas expedições; em tudo o que não patenteou a mais insignificante centelha de critério proprio e independente. Só a sua positiva incapacidade para fazer observações astronomicas approximadas da verdade, foi causa da illusão tenaz que alimentou de haver chegado ao reino de Ofir, ao Japão, á China e á peninsula de Malaca, e de que hoje se não possa fixar com certeza o ponto onde desembarcou pela primeira vez na America. Dando mais fé aos mappas de Toscanelli que ás suas observações, julgou a ilha do Haití tão grande como toda a Hespanha, e collocou toda a costa septentrional de Cuba a 40º de lat. Norte.

Além d'isso, Colombo não só carecia de conhecimentos scientificos na sua carreira propria e especial, senão que desprezou a propria sciencia, pois que disse no seu *Livro das Prophecias* (2): «Para a realização da viagem á India de nada me serviram

(1) *Investigações criticas*, 107, 108.
(2) Veja-se Navarrete, II, 289 e seg.

os raciocinios, nem as mathematicas, nem os mappas-mundi. Cumpriu-se simplesmente o que disse o propheta Isaias».

N'isto, como n'outras coisas, torna-se patente a influencia poderosa que o clero exerceu sobre a alma crente do marinheiro genovês. Como deveu a realização da sua emprêsa ao apoio e auxilio de pessoas ecclesiasticas, e como outros clérigos collecionaram para uso d'elle e lhe explicaram passagens da Sagrada Escriptura, que com assombrosa fé applicou á sua pessoa, até ao ponto de proclamar-se enviado de Deus para cumprir as sagradas prophecias, mostrou tambem em todos os actos da sua vida um espirito religioso cego e fervoroso. Las Casas diz na sua obra (liv. I, cap. 102): «Sendo o almirante muito devoto de São Francisco, preferiu tambem a côr pardacenta do habito da sua Ordem; e vimo-lo em Sevilha usar um vestuario que era pouco menos que identico ao habito dos frades franciscanos».

A esta tendencia se deve tambem, na nossa opinião, o agrupamento extranho das sete lettras que Colombo punha por cima do seu nome nas assignaturas de modo que o A havia de ser maior que as outras, algumas das quaes haviam de ser seguidas de pontos e outras não, obrigando tambem os seus herdeiros na linha primogenita a usar d'este symbolo. Veja-se toda a sua rubrica:

S.
S. **A.** S.
X M Y
XPO FERENS.

Esta rubrica mysteriosa é explicada por V. Margry ([1]) do modo seguinte: *Supplex Servus Altissimi Servatoris. Christus Maria Joseph Christoferens.* Becher na sua obra já citada lê: «Servidor de Suas Altezas Sacras Jesus Maria Izabel Christoferens» ([2]). Deve saber-se que XPO é a abreviatura do grego *Kristos* que, com a palavra latina *ferens*, portador, forma *Christoferens,* portador de Christo.

Irving observa na sua historia de Colombo que antigamente era costume em Hespanha accrescentar á assignatura alguma sentença que désse a conhecer o signatario como christão para distinguir-se dos judeus e mouros; mas a verdade é que Colombo tinha ao mesmo tempo o proposito de unir o seu nome Christovão com os da Sagrada Familia, como portador de Christo, que por missão divina devia levar o Salvador ao outro lado do Oceano.

Esta mesma ideia de apresentar e exaltar Colombo como portador de Christo á maneira de São Christovão foi exposta graphicamente por João de la Cosa no seu mappa d'America do anno de 1500, collocando São Christovão conduzindo o Menino Jesus através do Oceano no ponto a que corresponde o istmo da America Central, então não descoberto ainda e onde em 1503, tres annos depois, buscou Colombo effectivamente com tanta certeza e afinco o estreito que devia pôr em communicação, segundo elle, o Oceano Atlantico com o Mar da India. Se o auctor do citado mappa teve effectivamente a ideia de personificar Colombo no seu São Christovão, não surprehenderia que as feições d'este fôssem as de Colombo, isto é, que a imagem do santo fôsse o retrato do descobridor, como muitos suppõem. No mesmo mappa é

([1]) Veja-se a sua obra em francês *Les navigations françaises,* pag. 362. Paris, 1867.
([2]) The handfall of Columbus, pag. 283.

tambem notavel a rosa dos ventos collocada por cima do trópico de Cancer, e em cujo centro está desenhada a Virgem com o Menino Jesus sentada no seu throno e rodeada de anjos.

A crença na missão divina de Colombo partilharam-na tambem outros cartógraphos, como Diogo Ribeiro, que no seu mappa-mundi do anno de 1529 deu á ilha de São Salvador, onde Christovão Colombo desembarcou primeiro, uma fórma symbo-

Colombo expondo o seu projecto ao prior de la Rabida.

lica, isto é, uma cruz rodeada de onze ilhotas coralinas, para figurar o Salvador com os onze apostolos fieis.

A esta série de ideias corresponde tambem a gravura singular que serve de frontispicio á primeira traducção allemã da narração da primeira viagem de descobrimento de Christovão Colombo, e de cujo titulo, principio e fim démos n'outro capitulo o fac-simile. Esta gravura apresenta o rei de Hespanha em frente de Jesus que lhe mostra as suas chagas, para as quaes o rei extende a sua mão direita; allusão patente á incredulidade do monarcha hespanhol, que tantos annos deixou passar sem querer reconhecer a missão divina de Colombo, até que por fim o converteu o resultado da primeira viagem.

Era proprio da tendencia dos espiritos n'aquella época ver, em cada grande acontecimento, o cumprimento de prophecias antigas, sagradas e profanas; e não deve, por

isso, surprehender que não sómente o mesmo Colombo e os seus parentes e partidarios, mas tambem um grande numero d'outras pessoas acreditassem o mesmo, por motivo dos descobrimentos estupendos do Novo Mundo. Fernando, o filho do descobridor, escreveu á margem da célebre e prophetica passagem da tragedia «Medea de Séneca, que começa *Venient,* etc, e que citámos já n'outra parte: «Esta prophecia cumpriu meu pae»; e Agostinho Justiniano, que nasceu em Génova no annô de 1470 e foi nomeado em 1514 bispo de Mebbio na ilha da Corsega, no seu psalterio [1] polyglota accrescenta á conhecida passagem do psalmo 19: «Os ceus proclamam a honra de Deus, etc.» a observação de que Colombo tinha costume de dizer que Deus o destinára a realizar a ideia do versiculo 5 do mesmo psalmo: «A sua voz extende-se por todos os países, e a sua fama chega aos confins do mundo», e, dizendo isto, o bispo aproveita a occasião para intercalar n'este ponto dos seus commentarios uma biographia bastante extensa de Colombo [2].

Quem deu origem a esta crença na missão de Christovão Colombo foi o proprio Colombo, que communicou a sua fé ás pessoas que o rodeavam e estas ás demais. Distinguiam e caracterizavam Colombo um impulso irresistivel e incansavel para fazer descobrimentos maritimos, e a fé inquebrantavel na sua missão especial, que foi o que lhe deu a sua perseverança indómita; o valor de insistir nas suas exaggeradas pretensões e condições antes de commetter a sua emprêsa e, finalmente, a energia sem exemplo de que deu provas principalmente nas suas primeira e ultima viagens. Esta convicção e fé incomparaveis, causas da sua energia e valor, eram já por si sós uma força insólita que dominou e arrebatou os que iam com elle.

A melhor ideia da impressão que produziu a notícia dos primeiros descobrimentos, é a que nos dá Pedro Martyr nas suas cartas sobre este ponto. Á primeira notícia escreveu em 15 de Maio de 1493: «Regressou dos antípodas occidentaes um genovês chamado Christovão Colombo, com amostras de productos preciosos, especialmente ouro» [3]. Em data de 13 de Setembro do mesmo anno exprimiu-se já com mais calor, dando a narração da primeira viagem que inicia por esta phrase: «Ouvi e attentai no novo descobrimento» [4]; e n'outra carta [5] da mesma data classificou o descobrimento de *successo maravilhoso* e de *feito abençoado de Deus.* No 1.º de Outubro de 1493 expressou a sua alegria de que, graças á emulação dos hespanhoes e portugueses que á porfía penetravam para o Sul, se ia revelando cada vez mais o hemispherio ignoto até então. [6] Na carta 143 chama a Colombo «descobridor do Novo Mundo» *(novi orbis repertor),* e expressa a grandissima alegria que lhe causavam as novas maravilhas que de dia para dia se sabiam d'aquellas regiões, accrescentando que o almirante quási tinha chegado á Chersoneso aurea, e que elle se propunha seguir com a maior attenção estes successos eternamente memoraveis, reuni-los e communicá-los á gente douta.

Ao seu amigo, Pomponio Laetus, o eminente restaurador da litteratura latina clássica, que ao receber a notícia dos resultados maravilhosos das expedições a Oeste, havia saltado da sua cadeira extasiado e quási vertido lagrimas de alegria, escreveu

---

[1] *Psalterium Hebreum, Grecum, Arabicum et Chaldeum cum tribus interpretationibus et glosis,* 1511.

[2] Veja-se a Bibliotheca americana antiga de Harrisse, pag. 154.

[3] *Opus. Epistol.* (Alcalá, 1530), Ep. CXXXI.

[4] *Ibid,* Ep. CXXXIV.

[5] Ep. CXXXV.

[6] Ep. CXXXVI.

Pedro Martyr: «Vejo na tua carta os sentimentos que te produziram estes descobrimentos, e que sabes apreciá-los no seu justo valor. Que outro alimento melhor podem desejar as almas elevadas? Em mim mesmo o experimento; sinto-me ditoso e commovido quando falo com pessoas que veem d'aquellas regiões. A quem podem surprehender agora os descobrimentos attribuidos a Saturno, Ceres e Triptolemo? Os dos proprios phenicios não podem com elles competir.» De igual modo se exprime nas suas Décadas (I, liv. X, pag. 119): «Os hespanhoes da nossa época não ficam áquem de Saturno, nem de Hércules, nem de nenhum dos antigos que fôram em demanda de novas terras. Até onde verá a posteridade estendido o Christianismo! Que espaço sem fim se offerece á humanidade! Não posso exprimir com palavras nem com a penna o que sinto.»

Tão grande enthusiasmo durou pouco, ao que parece. Quando Colombo regressou á Hespanha carregado de cadeias, e á volta da sua terceira viagem, ficaram eclipsadas a sua fama e importancia pelo crescente interêsse que excitou nas nações maritimas a India verdadeira, descoberta pelos portugueses, o alvo positivo e palpavel de todos os esforços, o país productor das especiarias, do qual chegavam muitos e riquissimos carregamentos a Lisboa. Nas expedições ao Novo Mundo só tomavam parte navios hespanhoes, ao passo que iam á India com os navios portugueses outros armados por casas commerciaes italianas e allemãs; o que explica o nenhum caso que faziam dos descobrimentos de Christovão Colombo os historiadores ingleses, franceses e portugueses; que só existam narrações d'elles em traduções latinas, allemãs e italianas difundidas em opusculos volantes; e que só se haja conservado, das quatro viagens de Colombo, a narração da primeira, e esta em lingua hespanhola.

A culpa d'este pouco interêsse e escassez de escriptos sobre os seus descobrimentos teve-a o proprio descobridor que, cioso do seu monopolio, procurou com sollicitude penosa não dar mais publicidade que a precisa á sua grande emprêsa, reclamando dos seus companheiros de viagem até os mappas que tinham traçado, afim de que ninguem pudesse penetrar nos dominios que considerava como privilegio seu; tanto que até era reservado sobre muitos pontos nas communicações que remetteu aos monarchas de Hespanha.

Duas unicas cartas de Colombo, uma sobre a primeira e outra sobre a quarta viagem, chegaram ao conhecimento do público. A primeira, dirigida ao thesoureiro Raphael Sanchez, foi publicada em Roma no primeiro folheto sobre a America em 1493, de cujo frontispicio démos o fac-simile n'um capitulo anterior. No mesmo anno da sua publicação fizeram-se logo seis edições em latim, seguidas d'outras em hespanhol e italiano e, finalmente, em 1497 fez-se outra traduzida livremente para allemão, que tambem mencionámos apresentando o seu titulo, principio e fim em fac-simile. Em 1505 publicou-se a *carta rarissima* sobre a quarta viagem, em Veneza, reimpressa em 1816 na mesma cidade e conhecida desde então pelo seu titulo *Lettera rarissima*. A isto se reduz a litteratura propriamente colombina. Mas já desde 1503 invadiam o mercado as narrações de Americo Vespucio, o qual, por conseguinte, herdou a reputação que teria cabido ao descobridor, e tanto que aquelle auctor deu o seu nome ao Novo Mundo, como veremos adiante. Quanto a Colombo não soube nunca que havia descoberto um novo continente.

Antes de terminar este capitulo diremos alguma coisa dos diversos membros da familia de Christovão Colombo.

Bartholomeu Colombo foi o primeiro confidente e o auxiliar mais fiel e mais importante de seu irmão, que já em 1488, antes de fechar qualquer pacto com os reis de

Hespanha, o havia enviado á Inglaterra para fazer propostas ao rei Henrique VII. É muito possivel que estas propostas dessem logar depois ás expedições de Cabot. Bartholomeu acompanhou seu irmão na sua segunda viagem, e fundou em 1496, como adeantado do Haití, a cidade de São Domingos, a primeira cidade europeia da America. Desde então foi companheiro fiel de seu irmão e prestou grandissimos serviços, sobretudo na quarta e ultima viagem do anno de 1502. Morto o almirante, regressou com seu sobrinho Diogo á America, em 1511, onde possuia a ilhota da Mona, entre o Haití e Porto Rico, e morreu a 12 de Agosto de 1514 no Haití. Las Casas fêz d'elle grandes elogios como cosmógrapho e cartógrapho; é indubitavel que foi o homem mais energico e viril de toda a familia.

O segundo irmão, Diogo, a quem conhecemos como commandante da colonia Isabel e de São Domingos, não valia tanto, nem soube manter-se dignamente n'aquelles dois postos. Tambem morreu no Haití.

Diogo se chamava tambem o unico filho legitimo do almirante; acompanhou seu pae constantemente durante toda a época de peregrinações, esperanças e decepções, e esteve a seu lado quando mudou inesperadamente a sua sorte no convento de La Rabida. Quando seu pae iniciou depois as suas viagens, Diogo foi admittido entre os pagens da rainha, e não chegou a ir ao Haití senão no anno de 1509. Depois sustentou na côrte o interminavel pleito pelas dignidades e privilegios concedidos a seu pae; e, quando este morreu, herdou finalmente o titulo de almirante das Indias. Morreu a 23 de Fevereiro de 1526.

Fernando Colombo, filho natural do descobridor, recebeu uma educação scientifica e dedicou-se á carreira ecclesiastica. Visitou a America e estabeleceu-se finalmente em Sevilha, onde reuniu uma importante bibliotheca de 20.000 volumes, que se conserva ainda na mesma cidade com o nome de *bibliotheca colombina*. Notavel devia ter sido a sua fama de homem de sciencia quando Cabot o elegeu por arbitro n'uma questão. Tem sido sempre considerado como auctor da biographia de seu pae, conhecida sob o titulo de *Vida do Almirante (Historia e verdadeira relação da vida e feitos do Almirante Dom Christovão Colombo)* publicada em 1571; mas esta obra contém tamanha parte de lendas e reveste tal caracter anecdotico; refere tantas coisas impossiveis e contém outras que um homem perito em nautica, como era Fernando Colombo, de modo nenhum póde ter escripto, que tem sido impugnada com muita razão a sua authenticidade [1].

D. Luís Colombo, filho de Diogo, seguiu até ao fim o pleito, e cedeu os seus direitos ao vice-reino pelo titulo de duque de Veragua, marquês da Jamaica e almirante das Indias, com uma pensão de mil dobrões de ouro. Morreu em 1572, succedendo-lhe D. Diogo, filho de seu irmão Christovão, como quarto almirante das Indias. N'elle se extinguiu, em 1576, a linha directa masculina dos Colombos.

15. — Os descobridores secundarios

Uma das consequencias do desastre que soffreu o descobridor da America na sua terceira viagem, quando a sua auctoridade foi escarnecida por Francisco Roldão e seus sequazes, foi que um certo numero de homens arrojados e aventureiros se valeram da

---

[1] Veja-se Harrisse, *Dom Fernando Colombo, historiador de seu pae*, Sevilha, 1871, e Avezac, *Le livre de Fernan Colomb*, Paris, 1873.

permissão concedida já em 1495 a toda a gente para ir descobrir novas terras, e continuarem a exploração do continente de Paria, isto é, da America do Sul, que Colombo descobrira na sua terceira viagem.

O primeiro que aproveitou a permissão foi o jovem fidalgo Alonso d'Ojeda, filho d'uma das familias mais distinctas de Cuenca, onde nasceu pelo anno de 1470. Las Casas deixou-nos um retrato apaixonado d'este nobre cavalleiro, o mais completo e sympathico de todos os fidalgos hespanhoes do seu tempo. Ojeda, diz aquelle auctor [1], era de pequena estatura, mas de fórmas perfeitamente proporcionadas e de aspecto

Isabel, a catholica, cedendo as suas joias para a emprêsa de Colombo.

agradavel; no seu rosto formoso brilhavam dois olhos grandes. Em todos os exercicios corporaes era grande a sua destreza e segurança. Um dia que a rainha Isabel havia subido á Giralda de Sevilha para ver formigar a gente na praça, tão pequena, vista d'aquelle miradouro, saíu Ojeda para uma trave que sobresahia da tôrre vinte pés, andou até ao extremo, e ali girou sobre um pé e voltou para a tôrre com passo rapido. Foi esta uma temeridade tal, que todos quantos presencearam o facto, tremiam. Depois, collocando-se no sopé da Giralda, arrojou uma laranja até ao ponto mais alto da tôrre, para dar uma prova da força extraordinaria do seu braço. Era muito devoto de Nossa Senhora, e jurava sempre pela Virgem.

Sendo mancebo, entrou como pagem ao serviço de D. Luís de la Cerda, duque de Medinacelli, um dos grandes de Hespanha mais poderosos e influentes, um dos primeiros protectores de Christovão Colombo. Em sua casa devia ter Ojeda travado conhecimento com o famoso genovês e enthusiasmar-se com os seus projectos, por isso que o vemos acompanhar o descobridor já na sua segunda viagem e distinguir-se

---

[1] Veja-se Navarrete, III, 163.

no arrojado golpe de mão do rapto do cacique Caonabo. Passou depois alguns annos em Hespanha, onde, por intermedio de seu primo, o padre Alonso d'Ojeda, da Ordem de São Francisco, que era um dos principaes inquisidores e privava muito com o monarcha, travou conhecimento com o bispo Fonseca, director do departamento das Indias, o que lhe facilitou o exame das cartas e do mappa que Colombo havia enviado sobre a sua terceira viagem e, em especial, sobre o descobrimento das costas da America do Sul, documentos que chegaram ás mãos do govêrno pelo Natal do anno de 1498, época em que provavelmente foi resolvida a exoneração do almirante do seu vice-reino. Fonseca apoiou de muito bom grado o plano de Ojeda de explorar a costa de Paria, tão abundante em pérolas, dando-lhe a patente necessaria para armar os navios da expedição com a ordem de não tocar nos dominios portugueses nem nas regiões que Colombo havia descoberto até ao anno de 1495. Teve a sorte de contratar como piloto João de la Cosa, natural de Biscaya, que de regresso d'esta viagem fêz o seu mappa, o primeiro que se fêz do Novo Mundo. Tambem tomou parte n'esta expedição cheia de peripecias o florentino Americo Vespucio ([1]) que, pelas suas animadas descripções de aventuras e pelas suas observações, soube ganhar em breve um renome universal.

Não se pôde saber nunca a que titulo tomou Vespucio parte n'esta viagem. Nascera a 9 de Março de 1451 em Florença, contando, por isso, poucos annos menos que Christovão Colombo. Era filho d'um notario público e sobrinho d'um ecclesiastico instruidissimo que se encarregou da sua educação scientifica juntamente com a de Pedro Soderini, depois gonfaloneiro de Florença, ao qual Vespucio mandou no anno de 1501 ([2]) a narração da sua segunda viagem. Vespucio achava-se desde o anno de 1493 em Hespanha, onde acorriam então tantos compatriotas seus em busca de fortuna. Ali entrou ao serviço da casa de commercio italiana de Berardi, estabelecida em Hespanha desde 1486, e que tratava dos negocios do departamento das Indias e do armamento de navios destinados ao Novo Mundo. N'estes trabalhos esteve occupado Vespucio, segundo consta de documentos dos annos de 1495 e 1496. Desde Abril de 1497 até Maio de 1498 encontramo-lo indo e vindo, entre Sevilha, onde o departamento das Indias tinha as suas secretarias, e o porto de Sanlúcar, onde se preparava uma esquadra destinada a Christovão Colombo.

A pequena expedição de Ojeda sahiu de Cadiz a 18 de Maio de 1499, dirigindo-se ás Canarias e tomando desde Gomera a mesma derrota seguida por Colombo na sua terceira viagem. Em 27 dias transpôs o Oceano e chegou ás praias de Surinam, a 6º de lat. Norte approximadamente. D'ali seguiu a costa em direcção Noroeste, descobriu a foz do Essequibo, que chamou Rio Doce; a seguir o delta do Orenoco, e d'ali, depois de ter descoberto 200 milhas hespanholas de costa, seguiu o rasto de Colombo.

([1]) Esta viagem de 1499 é a primeira authentica de Vespucio. A de 1497 é quási universalmente considerada apócrypha, mesmo por Major que só lhe chama «primeira» para manter a nomenclatura tradicional. Errera tambem não acceita esta viagem e designa as tres pelas datas respectivas e não pela ordem tradicional como dissemos menos exactamente na nota á pag. 133 d'este volume.

([2]) A narração da viagem de 1501 - 1502 não podia ser feita em 1501. Trata-se da primeira viagem authentica de Vespucio. Succede, porém, que a segunda e terceira viagens authenticas (1501-1502, 1503-1504) é que fazem o objecto das duas cartas a Soderini, na versão portuguesa que já apontámos.

Na ilha da Trindade encontrou indicios da estada do almirante; depois atravessou o golpho de Paria e a Bôca do Dragão e seguiu a costa septentrional d'aquella parte do continente americano; visitou a Margarita, a ilha das pérolas, e Curaçao, onde os expedicionarios, segundo se vê da narração de Vespucio, ficaram surprehendidos da grande estatura dos indigenas, razão por que lhe chamaram a ilha *dos Gigantes.* A 9 d'Agosto chegaram ao cabo de São Romão, que chamaram assim pelo santo d'aquelle dia. Mais adiante descobriu a esquadra o golpho de Venezuela, que foi assim chamado, porque os expedicionarios viram ali muita gente em vivendas construidas sobre estacadas na agua perto da costa oriental do golpho, construcções que recordavam aos navegantes as construcções de Veneza. Aquella aldeia india chamava-se Coquibacoa no idioma do país, mas o nome de Venezuela ficou e foi applicado depois a todo o golpho e, finalmente, a toda aquella costa e á actual republica.

Do golpho penetraram os navios a 24 d'Agosto na bahia interior, ou seja no lago de Maracaibo, cuja entrada estreita Ojeda chamou porto de São Bartholomeu. Adiantando-se depois pouco a pouco, chegaram á peninsula de Guajira a Oeste do golpho, ponto até onde se reconhece muito bem toda a costa no mappa de João de la Cosa. N'esta peninsula chegou a esquadra, a 16 de Setembro, ao cabo da Vela. Ao longe viram os exploradores uma montanha muito alta que no referido mappa tem o nome de Monte de Santa Euphemia e que era provavelmente um cume da Serra Nevada de Santa Martha. Até ao cabo da Vela chegou a esquadra e ali terminou a sua exploração, passando logo directamente ao Haití, entrando a 23 de Setembro na bahia de Yaquimo. Colombo, que então estava em conflicto com Roldão, não viu com bons olhos a chegada de Ojeda e, ao cabo de annos, escreveu ainda á ama do principe D. João: «Veiu então Ojeda com intenção de abafar as desordens do Haití.»

Segundo a narração de Vespucio, a esquadra tomou do Haití rumo ás ilhas Lucayas, onde se apoderou de 232 indigenas para vendê-los em Hespanha como escravos e, com o producto da venda, cobrir as despesas da expedição. Com este carregamento regressou, effectivamente, á Hespanha em meados de Junho de 1500, depois de terem sido levados os navios pelo vento dos Açores ás Canarias.

No mappa que a seguir fêz João de la Cosa, figura Cuba já como ilha, apesar de poucos annos antes este marinheiro cartógrapho ter tido que declarar sob juramento que para elle era Cuba parte do continente asiatico; com razão se póde suppôr que a expedição de Ojeda chegára ao extremo occidental da ilha, o que corrobora em certo modo a observação de Pedro Martyr, affirmando que se dizia então que se havia dado a volta a Cuba.

O beneficio da expedição foi insignificante, porque, pagas todas as despesas, sobraram 500 ducados, que tiveram de ser repartidos por 55 pessoas; e a isto deve attribuir-se que o resultado puramente scientifico e geographico excitasse tão pouca attenção, apesar da sua importancia, e que mais ruido fizesse a expedição de Pedro Alonso Niño por ser mais proveitosa sob o ponto de vista mercantil.

Onde as viagens de Colombo produziram mais excitação nos animos emprehendedores foi em Palos e em Moguer, porque, tendo estes dois povos maritimos dado o primeiro contingente ao descobridor, sahiram tambem d'ali aventureiros para experimentarem fortuna a suas proprias expensas no Novo Mundo. Um d'elles foi o referido Pedro Alonso Niño, natural de Moguer, que acompanhára Colombo na sua primeira e terceira viagem, e que recebeu, depois, do banqueiro Luís Guerra de Sevilha os meios para armar um navio sob a condição de deixar a direcção nominal ao irmão do banqueiro, Christovão Guerra.

A pequena nau, porque era só de 50 toneladas, fez-se á véla em Palos com 33 homens de tripulação no mês de Junho de 1499, poucos dias depois da partida d'Ojeda, com a real patente correspondente, na qual Fonseca introduzira a clausula de que a expedição devia deixar pelo menos 50 leguas entre as terras tocadas por Christovão Colombo e as que visitasse.

Teve o navio vento favoravel e tocou na costa da America do Sul um pouco mais abaixo do que Colombo; e, depois de Niño e Guerra terem feito cortar e carregar pau do Brasil no golpho de Paria, passaram pela Bôca do Dragão á costa das Pérolas para comprarem ali pérolas com generos que levavam da Europa. Na costa de Cumaná e da Guaira foi onde fizeram melhores negocios que Ojeda, o qual tocou ali 14 dias depois. Dirigindo-se depois para Oeste, chegaram á terra de Cauchieto, onde os indios lhes haviam dito que encontrariam muito ouro, mas enganaram-se, voltando em principios de Novembro a Cumaná e á ilha de Margarita, onde Colombo não havia posto os pés, e d'ali regressaram á Hespanha. Voltaram convencidos de que a terra que tinham visitado não era ilha mas continente, porque tinham visto veados e outra caça que não se encontra em ilhas, e ainda porque tinham navegado um grandissimo trecho ao longo da costa. No mês de Fevereiro, outros dizem em Abril, chegaram á costa Noroeste de Hespanha e entraram no porto gallego de Bayona. O beneficio da viagem consistiu em 96 marcos [1], de 8 onças, de pérolas, dos quaes uma quinta parte pertencia ao thesouro da corôa. Este resultado tão prospero e a viagem, tão favoravel, alentaram a novas emprêsas; de modo que em fins do mesmo anno de 1499 se fêz á véla de Palos outra expedição custeada pela opulenta familia Pinzon, e sob a direcção de Vicente Yañes Pinzon e de seus sobrinhos, Diogo Fernandez e Perez Areias. Era composta de 4 caravellas, que se fizeram ao mar a 18 de Novembro com rumo ás ilhas de Cabo Verde. Da ilha de Santhiago tomaram a 13 de Janeiro de 1500 a direcção Sudoeste e atravessaram o Equador, luctando contra terriveis tempestades e em contínuo perigo de sossobrar. Além do 5º de lat. Sul tocaram, em 26 de Janeiro, na costa brasileira ao Sul do cabo de São Roque, n'um promontorio que os expedicionarios chamaram Rosto Formoso, e que os portugueses posteriormente nomearam cabo de Santa Cruz e de Santo Agostinho. N'este ponto do seu mappa pôz João de la Cosa a inscripção: «Este cabo foi descoberto no anno de 1499 (deveria dizer no anno de 1500) por Castella, sendo descobridor Vicentianos (quer dizer Vicente Yañes).» O chefe da expedição foi a terra com varios escrivães reaes e tomou solemnemente posse do país em nome do rei de Hespanha, cortando alguns ramos de arvores, bebendo agua de uma corrente e erigindo algumas cruzes. Não houve meio de entabolar relações amigaveis com os indigenas, porque se mostraram hostis. D'ali seguiu a expedição a costa em direcção ONO. Assim, pois, escreveu triumphante Pedro Martyr, ao relatar esta emprêsa, se resolveu tambem ali, do outro lado do Oceano, victoriosa e affirmativamente a antiga controversia em que tantos philosophos, poetas e cosmógraphos se interessaram sobre se era habitavel a zona tórrida. No seu regresso da America, perguntou Pedro Martyr aos expedicionarios se tinham observado n'aquellas regiões uma estrella polar antarctica, o que negaram.

No decurso da sua viagem costeira tiveram um conflicto sangrento com os indigenas que custou a vida a alguns marinheiros, razão por que d'ahi por diante se mantiveram os navios a certa distancia da terra. Chegaram diante da foz d'um rio caudalosis-

---

(1) *Libras octunciales.*

simo, segundo inferiram do facto de tirarem agua doce do mar a 40 milhas hespanholas da costa. Approximando-se mais, viram que não se haviam enganado. Era o rio das Amazonas. N'umas ilhotas perto da costa apoderaram-se de 36 habitantes que levaram para vendê-los como escravos. Passando adiante chegaram á foz do rio Maranhão, onde tornaram a ver a estrella polar sobre o horisonte. Ali observaram tambem uma maré cheia e, como os indios dessem a entender que mais acima se encontrava muito ouro junto ao rio, tiveram por evidente que aquella terra era um grande continente, que, de nenhum modo se podia chamar ilha, a não ser, diz Pedro Martyr, que se tomasse tambem como ilha toda a terra firme do orbe. A principio considerou este mesmo auctor toda a narração dos expedicionarios como uma fábula, porque disseram do rio Amazonas que tinham calculado a sua largura em 30 milhas hespanholas; quando lhes disse, porém, que talvez tivessem tomado um braço de mar por um rio, disseram que não, pois que a agua era mais doce á medida que se avançava no rio; o que fêz exclamar ao auctor das Décadas: «Quem póde impedir a natureza de criar coisas ainda maiores que este rio?» O descobrimento d'este rio, o mais poderoso da terra, foi o assombro geral dos contemporaneos. Comtudo, as ideias que então se tinham, mesmo em Hespanha, d'aquella parte da America eram ainda tão confusas, que Pedro Martyr julgava Maranhão o mesmo rio que Colombo havia descoberto na sua terceira viagem, e que o Amazonas e o Orenoco eram tambem um e o mesmo rio, porque não cabia na mente humana que pudessem existir varios rios tão grandes n'um mesmo país. Ao Norte do Maranhão, nas magnificas selvas virgens, onde encontraram arvores que 16 homens não podiam abraçar, cortaram pau Brasil, carregamento com que passaram por diante do delta do Orenoco; atravessaram a Bôca do Dragão, descobriram para além da ilha da Trindade, a do Tabaco; tocaram em várias Antilhas pequenas e a 23 de Junho de 1500 chegaram ao Haití. D'ali dirigiram-se os expedicionarios, que até ali não tinham encontrado nem ouro nem pérolas, ás ilhas Lucayas, para caçar carne humana, mas perderam dois navios n'um temporal horroroso, e os dois restantes entraram a 30 de Setembro de 1500 no porto de Palos, d'onde haviam sahido. Os resultados geographicos d'esta expedição fôram importantes, mas, em compensação, foi nullo o proveito material, porque as madeiras e drogas que os expedicionarios haviam tomado por gengibre e canella, não tinham valor, ficando só os escravos e o pau Brasil que não podiam cobrir os gastos e menos ainda a perda dos navios. A familia dos emprehendedores ficou, pois, arruinada e compromettida, tanto que teve de renunciar a toda a ideia de continuar a sua emprêsa, ainda que convencida que tinha adiantado muito mais que Colombo, ultrapassando a China e chegando além do Ganges.

Um mês escasso depois d'esta expedição da familia Pinzon, isto é, em meados de Dezembro de 1499, sahiu, do mesmo porto de Palos, Diogo de Lepe, com dois navios, o qual se dirigiu primeiro ás ilhas de Cabo Verde, ou melhor, á do Fogo, e d'esta navegou 500 leguas em direcção Sudoeste através do Oceano até tocar na costa da America do Sul, na proximidade do cabo de Santo Agostinho. Depois, levou a partir d'ali com leve differença a mesma derrota dos Pinzons, isto é, pelo Maranhão á Terra de Paria. O unico interêsse geral e scientifico que offerece esta expedição baseia-se na supposição de que Americo Vespucio tomou parte n'ella, e que a narração da sua segunda viagem é precisamente a d'esta mesma expedição, posto que não mencione o nome do chefe, e designe o mês de Maio de 1499 como mês da partida de Hespanha, e o de Setembro do mesmo anno como mês da chegada, não obstante dizer ao mesmo tempo que a expedição durou um anno.

Vespucio visitou duas vezes o cabo de Santo Agostinho e fixou a sua latitude a 8° Sul, segundo affirmam Sebastião Cabot, João Vespucio e outros ([1]); e André Morales traçou para o bispo Fonseca um mappa conforme os dados dos descobridores e das expedições successivas, annotando o cabo de Santo Agostinho segundo as explicações que lhe deu Lepe. Este ultimo fêz tambem um mappa que foi revisto depois por João Diaz de Solis.

Esta importancia que se deu ao cabo de Santo Agostinho explica-se sabendo-se que havia de servir de base, uma vez bem fixada a situação d'elle, para determinar o

Primeiro desembarque de Colombo no Novo Mundo.

meridiano de demarcação entre os descobrimentos e as conquistas dos portuguezes e dos hespanhoes.

Como o mappa de Lepe e a latitude calculada por Vespucio, segundo testemunhos respeitaveis, fôram apreciados especialmente na discussão da linha divisoria, suppõe-se com certa verosimilhança que os dois fizeram a referida expedição juntos.

Lepe regressou pelo Haití á Hespanha, aonde devia ter chegado antes do mês de Novembro de 1500, porque existe uma real ordem que lhe diz respeito e que tem a data de 9 de Novembro d'esse anno.

Para explorar a costa do mar das Antilhas sahiu de Cadiz com dois navios, em Outubro de 1500, Rodrigo de Bastidas, que visitou o golpho de Venezuela e os territorios ao Sul e a Oeste da terra de Coquibacoa. Desde o cabo da Vela começou os seus descobrimentos, tocando na costa da Serra Nevada de Santa Martha; passou a foz do rio Santa Magdalena e penetrou no golpho de Darien ou Urabá. D'ali seguiu

([1]) Veja-se Navarrete, III, 319 e 320.

Carta da costa do Brasil entre o Amazonas e o Rio da Prata. – *(Do Atlas manuscripto de Vaz Dourado, existente no Archivo Nacional – Torre do Tombo).*

(1) Veja-se Navarrete, III, 319 e 320.

rumo a Noroeste até á ponta de São Braz ou ao proximo porto dos Escrivães, chamado assim por ser Bastidas escrivão de Sevilha. Este visitou, pois, o isthmo de Panamá muito antes de Colombo que chegou ali a 26 de Novembro de 1502. Com a viagem de Bastidas ficou completo o traçado da costa septentrional da America do Sul.

Em Janeiro de 1502 emprehendeu Ojeda a sua segunda expedição de concêrto com João de Vergara e Garcia d'Ocampo ou do Campo que abonaram os capitaes para a emprêsa, emquanto, por intervenção de Fonseca, conseguiu Ojeda do govêrno a concessão dos territorios que formam o golpho de Maracaibo com o titulo de governador de Coquibacoa ou Cichibacoa. Passando, pois, com quatro navios pelas ilhas de Cabo Verde, chegou á costa de Venezuela; descobriu o golpho de Coro e a parte oriental do de Venezuela, onde resolveu fundar uma colonia; mas os naturaes do país defenderam o seu territorio á mão armada e n'um recontro mataram 26 hespanhoes.

As hostilidades tiveram como consequencia a escassez de víveres, e esta originou um motim dos tripulantes, que se apoderaram de Ojeda, carregaram-no de cadeias, renunciaram á colonização e partiram para o Haití, onde entregaram o preso ao tribunal. Este remetteu-o para Hespanha e em Hespanha foi completamente absolvido no anno de 1503.

Peor resultado tiveram outras duas expedições que sahiram para aquellas terras em 1504, uma ás ordens de Christovão e Luís Guerra, e a outra ás de João de la Cosa, aquella composta de 4 navios e esta tambem de 3 ou 4. Depois de terem saqueado uma e outra as costas de Venezuela, apoderando-se de quanta gente puderam para vendê-la depois, naufragaram varios navios junto ao golpho de Darien, e os expedicionarios viram-se, além d'isso, na necessidade de permanecer perto de nove meses n'aquella costa no meio de toda a especie de angustias e afflicções, sem exceptuar a fome e as febres que arrebataram metade da gente. Por fim puderam chegar só uns 40 homens, dos 200 que tinham sahido nas duas expedições, á Jamaica, d'ali a Haití e d'ali á Hespanha.

Alonso d'Ojeda por sua vez, não obstante todos os seus desastres, conseguiu no anno seguinte outros 3 navios, com os quaes quis fazer uma nova tentativa para fundar o seu govêrno de Coquibacoa, mas faltam notícias sobre esta emprêsa, realizada em 1505.

16. — Os portugueses na America do Sul

Em um dos capitulos anteriores tivemos occasião de mencionar que a segunda expedição portuguesa enviada á India e capitaneada por Pedro Alvares Cabral tocou por casualidade na costa do Brasil em abril de 1500 e chamou áquella terra Santa Cruz, julgando que era uma grande ilha e ignorando o descobrimento das praias mais septentrionaes que pouco tempo antes haviam feito os hespanhoes. Tambem dissemos que o chefe português mandou do mesmo Brasil o capitão Gaspar de Lemos com um navio a Portugal para participar ao govêrno o seu descobrimento, emquanto elle continuava a dirigir as suas prôas para a India.

Em Lisboa comprehenderam immediatamente a vantagem que a nova ilha, pois por tal foi tomada, offerecia pela sua situação favoravel ás expedições á India, fôsse para reparar os navios, fôsse para fazer provisão de agua. Por consequencia, resolveu o rei mandar ali uma esquadra para adquirir um conhecimento mais exacto do país. N'aquelle tempo havia voltado Americo Vespucio da sua segunda viagem á America, onde che-

gára até 8º de lat. Sul [1], e vivia em Sevilha. Havia adquirido, mesmo entre os marinheiros de carreira, uma fama de especial habilidade para determinar por meio do quadrante a latitude d'um logar, fama que chegára tambem aos ouvidos de D. Manuel, o qual resolveu attrahi-lo ao seu serviço. Para interessar um homem tão intelligente na expedição destinada á nova terra de Santa Cruz, mandou o rei de Portugal a Sevilha outro italiano, natural de Florença, chamado Julião Bartholomeu do Giocondo, encarregado de fazer propostas a Vespucio. Este, depois de fazer-se muito rogado, declarou-se disposto a acceitá-las e partiu para Portugal. Em Maio de 1501 sahiu do porto de Lisboa com a esquadra composta de tres naus, provavelmente na qualidade de astrónomo, para a terra indicada. Nada saberiamos d'esta expedição se não fôsse pelas cartas do mesmo Vespucio, que são os unicos documentos que a respeito d'ella se conservaram. Não menciona o nome do capitão que a commandava [2], mas na carta que dirigiu a Lourenço Pierfrancesco de Medicis, que foi traduzida para varios idiomas e da qual se conserva uma traducção allemã na bibliotheca pública de Dresde, diz que os navios seguiram a costa d'Africa até para além de Cabo Verde, fazendo provisões de víveres, lenha e agua em Bijagoz e que d'ali atravessaram o Oceano com rumo mais a Oeste. Perto do Equador, na região das calmas, desencadeou-se uma tempestade espantosa que deteve os navios dois meses no caminho luctando com os elementos enfurecidos, tanto que só a 16 d'Agosto é que chegaram á vista da costa americana não longe do cabo de São Roque, a 5º de lat. Sul. O chefe da expedição tomou posse do país em nome do rei de Portugal com as ceremonias do costume, e em seguida ordenou que a sua gente entrasse em relações com os indigenas para os effeitos do tráfico e da troca de generos; muito em breve, porém, se originou uma contenda e os expedicionarios viram que um dos seus marinheiros jovens foi morto, assado e comido na praia pelos selvagens. Seguiram a costa em direcção Sudoeste, dando o chefe a diversos pontos notaveis os nomes dos santos correspondentes aos dias em que a esquadrilha os visitou, como póde ver-se no atlas de Vaz Dourado. A 16 de Agosto, dia de São Roque, chegou a esquadra ao cabo d'este nome; a 28 do mesmo mês passou o cabo de Santo Agostinho aos 8º de lat. Sul; no dia de São Miguel descobriu o rio d'este nome aos 10º de lat. Sul, e a 4 d'Outubro o rio de São Francisco. Mais além percorreu a costa descoberta por Cabral, tornando-se patente que, em vez de ser a costa d'uma ilha, aquella terra fazia parte de um immenso continente. N'esta convicção seguiram os exploradores adiante, passaram o rio que chamaram de Santa Luzia, provavelmente o mesmo que hoje se chama Rio Doce, onde deviam ter chegado a 13 de Dezembro, e a 21 chegaram ao cabo de São Thomé. Notaram que a Ursa Menor ali ficava já occulta abaixo do horizonte e que a Ursa Maior se erguia muito pouco acima d'elle, de modo que tinham passado já dos 16º 24' de lat. Sul, porque ali fica occulta a primeira constellação. Descobriram a entrada da magnifica bahia do Rio de Janeiro, provavelmente no 1.º de Janeiro de 1502, e a 6 do mesmo mês a enseada dos Reis; a 22 o porto de São Vicente e pouco depois, aos 25º de lat. Sul, Cananea, chamada erroneamente Cananor nos mappas de então, que vem a ser o ultimo ponto marcado nos mappas publicados até ao anno de 1510, ainda que Vespucio refere na sua carta que

---

[1] Esta segunda viagem deve ser a primeira authentica e parece ter-se extendido para o Sul até 8º boreaes.

[2] Deve ter sido André Gonçalves. V. pag. 129 d'este volume. Esta viagem não póde identificar-se com a de Lepe do mesmo anno, como pretende Errera.

até aos 32° de latitude não perderam a costa de vista. Desde aquelle ponto diz que lhe foi commettida a direcção; e, afastando-se da costa, avançou para o Sul até aos 50 ou 52° de latitude. A 2 de Abril descobriu uma praia solitaria, deshabitada e rodeada de rochas e recifes, que seguiu durante umas 20 leguas maritimas; mas entrando o inverno austral, renunciou a passar mais adiante n'aquella direcção e atravessou o Oceano em demanda da Serra Leôa. Suppõe-se que aquellas costas e rochas deviam ser da Patagonia e das ilhas de Falkland.

Na costa da Serra Leôa teve que queimar um dos tres navios por não se poder

Affectuosa recepção dos Reis Catholicos feita a Colombo no seu regresso, preso por Bobadilla.

utilizar, e com os dois restantes chegou aos Açores, e a 7 de Setembro de 1502 a Lisboa; de modo que toda a viagem durou 16 meses.

O resultado scientifico d'esta viagem d'exploração por conta do govêrno foi importantissimo para os conhecimentos geographicos, e Vespucio soube avocar a si o mérito scientifico da emprêsa nas suas cartas e relações. As suas descripções da riquissima natureza tropical, do continente recem-descoberto e tão extenso para o Sul; da belleza do firmamento austral, cujas constellações traçou em parte, ainda que d'uma maneira tôsca; a certeza de ter chegado pelo menos até aos 50° de lat. Sul; todas estas notícias estupendas para o público de então, tornaram necessariamente esta terceira [1] viagem de Vespucio mais célebre que todas as demais, porque, desde Lisboa, isto é, desde os 40° de lat. Norte approximadamente, Vespucio tinha percorrido n'esta exploração 90°,

---

[1] O auctor segue a nomenclatura tradicional vespuciana, pois que esta é na realidade a segunda.

ou seja a quarta parte da circumferencia do globo terrestre. Este resultado está resumido na traducção allemã da carta de Vespucio a Lourenço Pierfrancesco de Medicis nos termos seguintes: «Assim, pois, é sabido e patente que percorremos a quarta parte do mundo.»

A carta de Vespucio produziu na Europa um effeito immenso; João Lambert publicou-a em 1503 em Paris, vertida para latim, e depois foi publicada em allemão em Augsburgo e Strasburgo.

No frontispicio d'esta carta, em que o rei de Portugal se exprime de um modo arrogante, já se designam como um mundo as terras descobertas; mas ainda o diz mais claramente Vespucio na introducção da sua carta: que os territorios dilatadissimos que descobriu por encargo do rei de Portugal bem podiam chamar-se um mundo novo, do qual não sómente não se havia tido notícia até elle, mas que se havia julgado que ao Sul do Equador todo o hemispherio estava coberto pelo mar, quando pelo contrario, mercê dos seus esforços, se tinham descoberto ali numerosos povos e uma fauna igualmente rica e ignorada do mundo antigo.

Com as relações do novo mundo que Vespucio com orgulho legitimo apresentava como rival dos continentes antigos, Europa, Asia e Africa, obscureceu completamente a fama do seu compatriota Colombo, e deu impulso para que poucos annos depois fôsse designado com o seu nome o novo continente. Disse ainda na sua célebre carta que se propunha escrever uma narração mais circumstanciada das suas observações e descobrimentos «afim de que a sua fama chegasse á posteridade e se divulgasse a obra tão admiravel e preciosa de Deus Todo Poderoso»; e annunciou ao mesmo tempo que projectava emprehender uma quarta viagem, para a qual tinha já preparado dois navios, com o fim de passar pelo Sul do novo continente á India (1).

Vespucio foi, pois, o primeiro que manifestou a ideia de ir á India, especialmente a Malaca, dirigindo-se de Portugal a Sudoeste para dobrar o continente americano, ideia que foi realizada por Magalhães 16 annos depois. A nova expedição em que Vespucio tornou a tomar parte teve por capitão Gonçalo Coelho; compunha-se de seis navios e sahiu de Lisboa a 10 de Junho de 1503. Desde a Serra Leôa tomou rumo a Sudoeste, velejando directamente para a costa do Brasil. Aos 4º de lat. Sul naufragou o navio almirante chocando contra um escolho diante do grande rochedo solitario chamado Fernando de Noronha. Separados os demais navios pela tormenta, dirigiram-se cada um por seu lado á bahia de Todos os Santos, chamada vulgarmente Bahia, que era o ponto de reunião fixado d'antemão. Ali aguardou Vespucio com o seu navio e outro que o acompanhava os restantes, por espaço de dois longos meses e, como nenhum chegasse, seguiu a costa para o Meiodia e fundou aos 18º de lat. Sul a primeira colonia em territorio brasileiro, com 24 homens da tripulação do navio que o acompanhava e que ali encalhára sem poder salvar-se. Feito isto tomou um carregamento de pau brasil e partiu para a Europa a 2 d'Abril, chegando ao porto de Lisboa a 18 de Junho de 1504. Pouco a pouco regressaram tambem um após outro os demais navios da expedição; mas a emprêsa abortou completamente, por isso que não tinha cumprido a missão de ir á India como o rei ordenára.

Vespucio lançou toda a culpa á impericia e arrogancia de Coelho, dizendo na sua narração, por Coelho não ter ainda regressado, que Deus o teria castigado pela sua

---

(1) *Dum igitur proficiscar in orientem, iter agens per meridiem. Noto vehar vento. Grynaeus. Novus Orbis.* Basileia, 1532.

soberba, fazendo-o perecer no mar [1]. Ignorando o que o rei decidira a respeito d'elle, mas certo desde logo de que nenhuma recompensa o aguardava pelos seus serviços e anciando por outra parte pelo desejado repouso, acceitou gostoso o encargo de se dirigir com uma carta do rei de Portugal a Sevilha, onde viu em Fevereiro de 1505 Christovão Colombo, que o tratou como um companheiro d'infortunio e victima como elle da ingratidão dos reis. Assim foi que o almirante escreveu a seu filho Diogo [2]: «Vespucio foi cortês para commigo. A fortuna foi adversa a este homem de bem, como a muitos outros. Tambem elle não recebeu a recompensa merecida.»

O rei Fernando aproveitou a estada do audacioso e sabio florentino em Sevilha para attrahi-lo ao seu serviço; deu-lhe uma prova da sua munificencia régia presenteando-o em 11 d'Abril de 1505, e, duas semanas depois, seu genro Filippe concedeu-lhe o direito de cidadão hespanhol.

Desde então serviu Vespucio a sua patria adoptiva fielmente até á morte.

D'algumas communicações do embaixador de Veneza dirigidas ao seu govêrno, que recentemente fôram descobertas, resulta que Vespucio fêz ainda outra viagem, a quinta, em que tocou tambem a terra firme d'America, mas sem alargar os seus descobrimentos anteriores. No anno de 1508 foi nomeado piloto-mór do reino com 200 ducados de soldo, sendo de sua incumbencia examinar os aspirantes ao titulo de piloto e construir mappas. D'estes, comtudo, nenhum se conservou, embora sejam mencionadas repetidas vezes as suas cartas de marear. Á falta de mappa original póde considerar-se com toda a certeza cópia d'um d'elles o do Novo Mundo *(tabula terre nove)* publicado na edição de Ptolomeu feita em Strasburgo no anno de 1513.

Vespucio morreu em Sevilha a 22 de Fevereiro de 1512. No seu cargo official succedeu-lhe João Diaz de Solis.

Ao passo que Christovão Colombo teve o cruel destino de ver empallidecer em vida a sua estrella e extinguir-se completamente a sua celebridade, coube a Vespucio a sorte immerecida de ver, cinco annos antes da sua morte, em 1507, dar o nome de America ao novo continente.

A maneira como chegou a impôr-se o nome de *America* é bastante singular para que mereça ser exposta aqui. Já vimos que Americo Vespucio era um activo epistológrapho que unia a um talento fino d'observador o de descrever com estylo interessante o que havia observado, especialmente os povos e seu genero de vida no Novo Mundo. Estas qualidades deram ás suas relações uma popularidade verdadeiramente extraordinaria n'aquella época, sendo traduzidas e publicadas em innumeraveis edições.

Além das cartas soltas, publicou-se posteriormente, no anno de 1507, uma descripção completa das suas quatro primeiras viagens, feita no estylo das narrações que Vespucio havia enviado ao seu amigo Soderini em Florença. Esta obra, escripta em latim, com o titulo de *Quatuor navigationes,* foi publicada por sua vez em muitas edições, ao passo que não se tem notícia de nenhuma edição feita n'aquella época em idioma hespanhol nem em português, assim como não se conhece nenhuma narração das viagens de Magalhães.

Nas cartas de Vespucio nota-se um afan immoderado de passar por erudito, como o demonstram as suas citações de Plinio, Virgilio e Aristóteles, ao que se ajunta o

---

(1) *Quo superbiam modo justus omnium censor Deus compensat. (Quarta Navigatio. Urbs Deodate. Anno supra sesquimilesimum.* VII.)

(2) **Veja-se Navarrete, I, 351.**

defeito, commum a quási todos os viajantes do seu tempo, de exaggerar as suas aventuras. Alexandre Humboldt vê uma prova da vaidade scientifica de Vespucio quando, para dar-se ares de astrónomo, diz: «A determinação das longitudes é coisa difficilima, que só conseguem fazer as pessoas que sabem privar-se do somno. Eu passei tantas noites á véla, que encurtei a minha vida dez annos; sacrificio que não lamento de maneira alguma, porque espero alcançar fama com isto em séculos vindouros.»

Estes elogios e o ter já affirmado na narração da sua terceira viagem que tinha percorrido a quarta parte da circumferencia do globo e que as terras dilatadas, cujas costas visitára, podiam muito bem classificar-se de um mundo novo e pôr-se em parallelo com os continentes do mundo antigo, deram logar a que se propagasse rapidamente a crença de que elle era o descobridor d'aquellas terras dilatadissimas, com tanta maior facilidade quanto é certo que mal falou das expedições de Christovão Colombo á Terra de Paria e a Veragua, o país do ouro, e que ao saber-se que Cuba não era o continente asiatico que Colombo havia acreditado, se teve Colombo como mero descobridor d'algumas ilhas.

Portanto, o numero de escriptos e de auctores que attribuiram a Americo Vespucio o mérito de ter descoberto o continente americano foi tão grande, que não póde já causar admiração que a primeira proposta de dar o seu nome ao novo continente fôsse adoptada e divulgada immediatamente como acertadissima (1).

A principio eram vagos e incertos os nomes dados aos países novamente descobertos e de cuja extensão verdadeira não se tinha nenhuma ideia precisa nem sequer approximada. Colombo havia falado nas suas narrações d'um novo ceu e d'uma nova terra, d'um novo mundo, mas vagamente, ao passo que Vespucio declarou com toda a publicidade possivel que tinha descoberto um novo continente, e assim não póde surprehender que alguns homens que na cidade de Saint Dié, na Lorena, se occupavam de estudos de geographia e publicavam uma traducção latina das quatro viagens de Vespucio, tivessem a ideia de propôr o nome do florentino para o novo continente. Na verdade, Hylacomylus (ou seja Waltzmüller) no cap. 9.º da sua *Cosmographiae Introductio,* depois d'uma pequena descripção da Europa, Africa e Asia, e da notícia de que Americo Vespucio tinha descoberto recentemente uma quarta parte do mundo, propôs como coisa que estava naturalmente indicada pelos factos, o dar a esta ultima parte o nome de America, isto é, Terra de Amerigo, porque tanto a Europa como a Asia tinham nomes femininos. Para dar uma ideia d'esta nova parte do mundo seguem-se depois as narrações das quatro viagens de Vespucio.

Apesar d'isso, tinha este compilador loreno uma ideia muito confusa da materia que tratou na citada obra; porque no prefacio do supplemento da sua edição de Ptolomeu fala de certo *almirante do rei Fernando de Portugal,* ao passo que no mappa da *Nova Terra* da mesma obra se vê na parte septentrional da America do Sul uma inscripção

---

(1) Citaremos aqui d'estas obras: Martim Waltzmüller, *Cosmographiae Introductio,* Saint Dié, 1507; o *Globus Mundi declaratio,* Strasburgo, 1509; *Opusculum de mirabilibus,* Roma, 1510; João Schöner, *Luculentissimo quaedam terrae tutius descriptio, Noribergae,* 1515. Montalboddo, *Paesi nuovamente ritrovati et Nuovo Mondo da Alberico Vesputio florentino intutolato,* Milano, 1519. Albertus Pighius, *Compensis aequinoctiorum solstitiorumque inventione,* Parisiis, 1520. Vadianus, *Pomponii Melae de orbis situ,* Basileia, 1522. Esta obra começa por uma carta que o auctor escreveu em 1512 a Rodolpho Agricola, na qual se lê: *América a Vespuccio reperta,* etc.

em latim que, vertida para português, diz: «Esta terra com as ilhas adjacentes foi descoberta pelo genovês Colombo por ordem do rei de Castella.» Apesar d'isso, propôs o nome de America em honra do *descobridor Vespucio.*

Esta proposta foi bem acolhida primeiramente entre os allemães doutos, porque o nome de *America* encontra-se pela primeira vez no *Globus mundi,* obra anonyma publicada em Strasburgo no anno de 1509, e n'este mesmo anno n'um mappa que se conserva em Vienna. Dois annos mais tarde foi usado o novo nome n'uma comedia inglesa *(A new interlude)* e depois n'uma carta de Vadianus dirigida em 1512 a Rodolpho Agricola (traducção do appellido allemão *Bauer)* e publicada na edição de Pomponius Mela impressa em 1518 em Basileia. Em 1515 usou João Schöner em Bamberg, na Baviera, o nome de America no seu globo. Segue-se por ordem chronologica o famoso mappa-mundi traçado por Leonardo de Vinci, provavelmente em 1516, e o mappa-mundi desenhado em 1520 por Pedro Apiano para a edição de Solino, publicada por João Rienzi Villini de Camerino, na Umbria; e depois, o mappa-mundi desenhado em 1531 pelo cosmógrapho francês Oroncio Fine *(Finaeus).*

Nem por isso ficou acceito desde logo por todos o nome de America, porque em muitos mappas e obras publicadas no decurso do século XVI encontram-se para a America do Sul os nomes de Peruana e Brasilia, e só no século seguinte é que foi admittido universalmente o nome de America.

17. — As colonias hespanholas na America Central continental e o descobrimento do Oceano Pacifico (mar do sul)

Tres viagens havia feito Alonso Ojeda á costa septentrional da America do Sul, e de nada lhe havia servido o ser nomeado governador de Coquibacoa, junto ao lago Maracaibo, porque as suas tentativas para estabelecer-se permanentemente e á força n'aquella região se tinham desfeito contra a resistencia tenaz dos caraíbas bellicosos; mas, apesar d'isso, o inflexivel e valoroso cavalleiro não renunciou ao seu projecto e fêz que lhe fôsse cedida de novo a investidura de aquelle territorio, que recebeu o nome de Nova Andaluzia, obrigando-se a construir duas praças fortes. Ao mesmo tempo foi cedido a outro pretendente, Diogo de Nicuesa, o país do isthmo desde Honduras até ao rio Atrato, que desagua no golpho de Darien. A Léste do isthmo, no dominio d'Ojeda, tinha o país o nome indio de Uraba, e a Oeste, no territorio de Nicuesa, achava-se o país aurifero de Veragua.

Ojeda fez-se á véla no outomno de 1509 com quatro navios e 300 homens com o piloto João de la Cosa na qualidade de immediato ou logar-tenente. Entre os soldados alistados figurava Francisco Pizarro.

Pouco depois fez-se tambem ao mar Nicuesa, homem de mais recursos, porque levou 7 navios e 700 homens.

Ojeda desembarcou onde hoje se acha Cartagena, com a intenção de cair sobre as aldeias caraíbas e apoderar-se dos habitantes para vendê-los como escravos e cobrir com o producto uma parte das despesas da expedição. Fôram inuteis os repetidos conselhos em contrario dados por João de la Cosa, que, pelas suas viagens anteriores, conhecia o caracter bellicoso das tribus ribeirinhas e os effeitos mortiferos de suas flechas envenenadas, pelo que queria que se fizesse o desembarque mais longe, a Oeste. Ojeda, desprezando o aviso e com 70 homens pôs-se a caminho ao despontar do dia, caindo sobre a primeira aldeia que encontrou, matando todos os indios que resistiram e levou para bordo como prêsa humana os que pôde prender vivos. Cansa-

dos e satisfeitos da sua victoria, entregou-se a columna ao meio-dia ao descanso, mas foi surprehendida pelos caraíbas d'outras aldeias immediatas, que temeram ver-se atacados por sua vez e de todos os hespanhoes salvou-se sómente Ojeda, graças á sua pequena estatura que lhe permittiu cobrir-se inteiramente com o escudo; os demais, entre elles João de la Cosa, succumbiram aos golpes das flechas envenenadas dos naturaes. Ojeda pôde abrir caminho e correr para a praia, onde se escondeu por não poder chegar aonde estavam os navios. Por fortuna passou então pela mesma costa Nicuesa com a sua esquadra que ia de Hespanha e se dirigia ao isthmo. Encontrou os navios de Ojeda sem chefe e resolveu ir em busca dos expedicionarios com a gente que havia ficado a bordo. Acharam primeiro Ojeda escondido no mais espesso d'um matagal e tão extenuado pela fome e pelo cansaço que não pôde proferir uma palavra, mas tendo empunhada a espada em uma das mãos e mettido no braço o escudo, no qual se contaram até 300 fréchadas. D'ali fôram ao sitio do desastre, onde encontraram o cadaver de João de la Cosa atado a uma arvore, tão atravessado de fléchas, que mais parecia «um ouriço», e tão horrivelmente inchado por effeito do veneno, que nenhum da expedição teve coragem para permanecer nem uma só noite em terra. Todos regressaram a bordo. Nicuesa seguiu o seu rumo para Veragua, e Ojeda dirigiu-se mais a Oeste, onde nas margens do golpho de Uraba, no confim do seu territorio, fundou, em principios do anno seguinte, em 1510, uma colonia defendida por um reducto. A elle tiveram de recolher-se em breve todos os homens da expedição com receio de serem victimas dos caraíbas não menos hostís e guerreiros que os da costa de Cartagena, e sempre d'atalaia; de modo que os sitiados só se atreviam a sahir em grandes grupos, quando a fome os obrigava a isso. A consequencia foi um descontentamento cada vez maior, e, se o caracter energico de Ojeda conseguiu manter a disciplina, não pôde impedir a fome que era inevitavel. N'esta situação desesperada mandou um navio com escravos e ouro ao Haití para regressar com reforços em homens e provisões. O chamariz sortiu effeito, e um tal Talavera, desejoso de abandonar a ilha por estar sobrecarregado de dívidas, juntou-se com outros nas mesmas condições, e entre todos apoderaram-se d'improviso d'um navio carregado de víveres ancorado na ponta Sudoeste do Haití e com elle se dirigiram ao país que tanto ouro promettia. Este bando de aventureiros foi um grande soccorro para a colonia d'Ojeda em tão grandes apuros, e cujos defensores augmentava, e mais ainda pelos víveres que levava; razão por que não se demorou Ojeda em averiguações sobre a acquisição do navio e da sua carga, satisfeito com poder fazer frente de novo aos inimigos. Mas quis a desgraça que n'uma das primeiras sortidas recebesse uma fréchada envenenada n'uma coxa. Valente e decidido, fêz cauterizar a ferida com um ferro em braza para prevenir os effeitos inevitaveis do veneno mortifero, e cobri-la com pannos embebidos em vinagre. D'esta fórma salvou-se da morte.

Apenas curado, partiu com o navio de Talavera para o Haití em busca de novos recursos, sem os quaes não podia sustentar-se a colonia, e deixou por logar-tenente Francisco Pizarro, com ordem de abandonar aquelle ponto e marchar com a sua gente para Veragua, se elle não voltasse no prazo de 50 dias.

Pizarro nascera em Trujillo, e era filho natural de um capitão hespanhol. Diz-se que na sua mocidade guardou porcos; o certo é que o futuro conquistador do Perú não sabia escrever. Não se sabe o anno em que nasceu. Herrera diz que morreu assassinado em 1541, na idade de 63 annos, de fórma que devia ter nascido em 1478. Isto é mais verosimil do que a opinião de que nascera em 1471, porque então mal podia alistar-se para a America, segundo se diz, para livrar-se d'um castigo de seu pae, porque, ainda

que tivesse pisado o Novo Mundo em 1500, teria sido já de maioridade, pois que teria 29 annos.

Ojeda desembarcou com a sua gente na costa meridional de Cuba, e teve que andar d'ali 30 leguas pela praia através de lagôas e esteiros até chegar, extenuado e meio morto de fome com os seus companheiros d'infortunio, á primeira aldeia india, onde foi bem recebido. Ali construiu uma capella que dedicou á Virgem, como havia promettido no caminho á sua padroeira, cuja imagem, obra de um artista de Flandres, lhe havia dado o seu protector, o bispo Fonseca, e que, por isso, trouxe sempre com-

Morte de Christovão Colombo.

sigo pendente do pescoço. Os indios fôram tão generosos, que proporcionaram aos aventureiros um barco e guias praticos que os levaram ao Haití. Talavera e os seus companheiros caíram ali nas mãos da justiça e fôram enforcados. Ojeda foi absolvido, mas não encontrou protecção nem recursos. A sua má estrella frustrou todos os seus planos ambiciosos e os seus sonhos de gloria, reduzindo-o a ter que permanecer no Haití como qualquer simples aventureiro, sem amigos e sem recursos, escarmento vivo para outros ambiciosos. Ali morreu na maior miseria e quebrantadas todas as suas esperanças, provavelmente em 1515, pedindo no seu testamento que, em expiação do seu orgulho, o enterrassem no umbral da porta do convento de São Francisco em São Domingos, afim de que todos os que entrassem e sahissem d'aquelle sagrado recinto tivessem que pisar o seu tumulo.

Logo que passaram os 50 dias fixados por Ojeda sem que chegasse notícia d'elle á colonia, determinou Pizarro, no verão de 1510, abandonar com os 60 homens que tinham ficado da expedição, a desgraçada colonia de São Sebastião de Uraba, e dirigir-se com os seus dois navios a São Domingos do Haití; mas a má estrella que tinha perseguido esta emprêsa, não o deixou chegar ao seu destino. Um dos seus navios

sossobrou n'uma tempestade, e o outro, em que se achava Pizarro, encontrou casualmente um navio do jurisconsulto Martim Fernandez de Enciso, com o fim de experimentar tambem fortuna nas costas da Terra Firme. Enciso tomou a seu bordo os ultimos restos da expedição de Ojeda, cujo navio se ia afundando, mas tambem teve a desgraça de perder o seu na Ponta Caribana, no extremo oriental do golpho de Darien, salvando-se a gente em terra sem mais esperança do que a de poder chegar, marchando pela praia, á colonia de São Sebastião, não muito distante e que Pizarro acabava justamente d'abandonar. Ao chegarem a ella, os desgraçados naufragos encontraram-na queimada e arrazada pelos indigenas. Na sua situação desesperada resolveu toda a partida passar ao outro lado do golpho e fixar-se ali, apesar de fazer parte aquella costa do territorio cedido pelo rei a Nicuesa. Esta ideia foi suggerida por Vasco Nunes de Balboa, que furtivamente se havia juntado á expedição de Enciso em São Domingos, abandonando a ilha e a terra que ali cultivava para livrar-se dos seus credores. Como a lei prohibia aos devedores sahir da ilha sem auctorisação dos credores, Balboa fizera-se embarcar escondido n'uma caixa de provisões, da qual não sahiu emquanto o navio se não achou no alto mar. Enciso ao vê-lo julgou-se compromettido, e para se não vêr depois envolvido n'um processo, quis deixar o intruso na primeira ilha deserta, mas á força de rogos consentiu em admitti-lo entre a sua gente d'armas. Vasco Nunes de Balboa, que ao tempo contava uns 38 annos, era filho d'um pobre fidalgo extremenho de Xerez dos Cavalleiros. Havia visitado já as costas de terra firme dez annos antes ou pouco menos com Bastidas, tinha-se estabelecido em São Domingos, cultivando umas leiras de terra que lhe fôram concedidas; mas, cansado da vida monótona da agricultura e cheio de dívidas, aproveitára a expedição d'Enciso para correr aventuras e fugir dos seus compromissos.

Estabeleceram-se, pois, os naufragos junto ao rio Darien e chamaram á sua colonia Santa Maria, a Antiga. Ali quis o bacharel Enciso dirigir as coisas á maneira de lettrado que era, mas esta maneira de governar encontrou uma resistencia decidida e violenta entre o bando de aventureiros que não obedeciam senão á auctoridade militar a que estavam acostumados, e, com Balboa á frente, declararam destituido o legista e prenderam-no, se bem que depois lhe deram a liberdade, permittindo-lhe regressar a Hespanha quando se apresentou occasião. Tão grande era o rancor de Balboa contra elle, que tres annos depois, em 1513, escreveu ainda ao rei, supplicando-lhe que prohibisse a todos os juristas e gente lettrada, com excepção dos medicos, pôrem os pés em terras da America, porque ali não havia bacharel que não tivesse o demonio no corpo e que, além de tudo, promoviam innumeraveis pleitos e maldades [1].

A mudança de govêrno não logrou, comtudo, afugentar a miseria nem a falta de víveres, causa da ruina de mais de uma colonia no primeiro periodo da sua formação; quis a sorte, porém, que em Novembro do mesmo anno de 1510 passassem por aquella costa dois navios commandados por Rodrigo Henriquez de Colmenares, com carga de víveres por conta de Nicuesa. O chefe mencionado deixou-se persuadir e cedeu uma parte do seu carregamento a Balboa e aos seus antes de seguir a sua viagem em demanda de Nicuesa. Este havia-se dirigido um anno antes, isto é, em Novembro de 1509, desde a costa onde hoje está Cartagena ao isthmo de Darien e d'aqui a Veragua, mas, regulando-se por uma carta de marear desenhada por Bartholomeu Colombo, tinha ido mais longe, e tendo uma tormenta dispersado os seus navios e

---

(1) Veja-se Navarrete, III, 374.

mettido todos a pique menos um, viu-se obrigado a entrar com elle na foz d'um rio, onde encalhou e se fêz tambem em pedaços. A tripulação salvou-se em terra e, buscando um sitio favoravel onde estabelecer-se, encontrou o porto de Abastecimentos, descoberto por Colombo, onde se fixou, chamando á colonia Nome de Deus; mas a falta de víveres e as emanações palustres do territorio mettido entre pantanos e selvas impenetraveis, mataram em breve a maior parte dos naufragos; de fórma que, quando chegou Colmenares com os dois navios e as provisões, só achou débeis e extenuados restos da soberba expedição. Inteirado Nicuesa de que Balboa se havia estabelecido com a sua gente n'um ponto bastante favoravel dos seus dominios, resolveu dirigir-se para ali com os 60 homens que lhe restavam e abandonar o logar de Nome de Deus. Cinco annos depois, isto é, em 1515, Gonçalo de Badajoz, que ali desembarcou com 80 homens para penetrar no interior do país, encontrou muitos montões de pedras, marcados com cruzes vermelhas de madeira, debaixo das quaes estavam sepultados os infelizes que ali tinham morrido de fome e de febres. Eram os unicos restos da colonia de Nicuesa, além da fortaleza feita de troncos de arvores.

Entretanto havia-se refeito e organizado melhor a colonia de Balboa com o soccorro de Colmenares; mas, tendo saído já do periodo mais difficil da sua existencia, estava resolvida a não sujeitar-se a Nicuesa, senhor legitimo do territorio de Veragua, e cuja visita inevitavel os colonos esperavam d'um dia para o outro. Para impedir toda a surpresa por aquelle lado, postaram vigias nas alturas mais apropriadas e, quando se avistou realmente o navio de Colmenares que levava os restos da expedição de Nicuesa, reuniram-se os colonos de Santa Maria, a Antiga, ás ordens de Balboa, e o «procurador da cidade» gritou da praia aos expedicionarios que, sob pena de morte, não pusessem pé em terra. A situação de Nicuesa era desesperada; não podia regressar ao ponto que tinha abandonado e se ficasse com a sua gente no mar perder-se-iam todos igualmente. A gente da colonia persistiu na sua determinação e mostrou-se disposta a repellir os recem-chegados á mão armada, sem deixar-se convencer nem por meio de reflexões nem por negociações até ao dia seguinte. Então os colonos permittiram o desembarque de Nicuesa contra o qual se revoltaram alguns dos antigos companheiros; mas obrigaram o desgraçado Nicuesa a jurar que tornaria a embarcar em seguida e que passaria directamente á Hespanha sem atracar em nenhum outro ponto do Novo Mundo. Fôram inuteis todos os protestos e reflexões que o infeliz fêz a Balboa (destinado posteriormente a a soffrer uma injustiça maior). No mês de Março de 1511 foi embarcado Nicuesa com 17 companheiros fieis no bergantim mais desconjuntado e obrigado a fazer-se ao mar. Desde então não se ouviu falar mais de Nicuesa nem dos que fôram com elle, nem se pôde saber se o auctor de tão infame traição foi Balboa ou o seu companheiro Zamudio; mas o primeiro ficou sendo o chefe supremo dos restos de tres tentativas desgraçadas de colonização e reunindo sob o seu mando 300 homens que continuaram em Santa Maria, a Antiga.

Além do mencionado chefe, distinguiu-se outro caracter energico e ambicioso entre a gente da colonia, Francisco Pizarro, que em breve chamou a attenção de Vasco Nunes, o qual o encarregou de várias emprêsas de menor monta que serviram a Pizarro de degraus para adquirir influencia e prestigio, pôr logo a mão sobre o mesmo Balboa e proceder com elle como elle tinha procedido com Enciso e Nicuesa.

Entretanto, executou Balboa com excellentes resultados diversas excursões d'exploração ao interior do isthmo até ás nascentes do rio Chucunaque que desagua no golpho de São Miguel, isto é, no Oceano Pacifico. Um cacique chamado Panciaco, ao conhecer a sêde de ouro dos hespanhoes, dirigiu-os á costa do Pacifico, distante só seis jor-

nadas e que podia ver-se já da crista da primeira montanha. Esta era uma notícia já mais clara e precisa que a que deram tão vagamente a Colombo ácêrca do outro Oceano, mas para fazer estas seis jornadas e passar a cordilheira desconhecida coberta de impenetraveis selvas era mistér organizar uma expedição mais numerosa e melhor provida do que a que na occasião permittia o estado crítico da colonia. Para este fim despachou Balboa um dos seus navios para communicar o caso ao almirante Diogo Colombo no Haití e pedir-lhe que lhe enviasse armas e víveres; mas o navio que levava a notícia e ainda a parte do ouro, 20 por cento, que pertencia ao rei de tudo o que se adquiria, naufragou na costa de Yucatan, salvando-se a tripulação, tão sómente para cair em poder dos mayas, que sacrificaram ás suas divindades uma parte dos prisioneiros, conservando os restantes na qualidade de escravos. Um d'estes escravos foi o padre Jeronymo d'Aguillar, a quem posteriormente libertou Fernão Cortez em 1519. Não voltando este navio, enviou Balboa em 1512 o ultimo que lhe restava, directamente á Hespanha. Quis a sorte que em 1513 dois navios carregados com víveres, enviados pelo almirante das Indias, descobrissem o paradeiro dos hespanhoes n'aquella costa de Darien tão opportunamente, que os salvaram da morte inevitavel pela fome. Reforçou-se então o seu numero, bastante reduzido, com 150 homens, e, além d'isso, Balboa recebeu do governador do Haití a sua nomeação official de chefe da colonia.

Apesar d'este reconhecimento official do seu cargo, temeu Balboa com muita razão que em Hespanha, aonde se havia dirigido Enciso e apresentado queixa ao conselho das Indias, o tratassem como rebelde á auctoridade do mesmo Enciso e de Nicuesa, não falando na iniquidade commettida contra este ultimo, e que, por conseguinte, fôsse enviado outro em seu logar com ordem de o prender e de o submetter ao tribunal respectivo. Este receio inspirou-lhe a ideia de realizar alguma emprêsa notavel para diminuir o mau effeito que o seu procedimento pudesse ter causado na côrte; e, em consequencia d'isso, resolveu chegar até ao Pacifico e submetter á corôa de Castella os países tão ricos d'aquella costa. Saíu no 1.º de Setembro de 1513 com 190 hespanhoes, 600 indigenas portadores das bagagens e uma matilha de cães de fila da colonia, collocados todos a bordo d'um bergantim e 9 grandes canôas, seguindo a costa em direcção Noroeste até á aldeia de Careta, cujo chefe lhe deu guias para o interior do país. Esta marcha prova que Balboa estava muito bem informado da situação do Pacifico, que da referida aldeia só dista em linha recta 9 milhas, emquanto as serras que se levantam n'aquella parte do isthmo não passam de 700 metros d'altura, se bem que as selvas que as cobrem sejam tão espessas e enredadas, que mal penetra um raio de luz a espessura da folhagem, e mesmo ainda nos nossos dias tornam emprêsa difficil atravessar o isthmo. Em 1853 fôram vãos os esforços do conhecido viajante allemão Carlos Scherzer para passar, mais a Oeste da Angustura, na Costa Rica, a 10º de lat. Norte, ao porto de Limão, acompanhado de 30 portadores de bagagens e com o auxilio de engenheiros. Depois de empregar 16 dias de penoso trabalho na selva, onde o sol do meio-dia só produz uma especie de débil crepusculo, tiveram de renunciar a chegar á costa opposta, distante sómente 10 milhas.

Aproveitando carreiros, conhecidos sómente dos indios para as suas expedições de rapina e guerras interiores de surpresa, penetrou Balboa com a sua gente na serra que n'aquelle ponto passa mais perto da costa oriental que da opposta, ficando só do outro lado a espessa selva atravessada de muitas correntes e que se extende até ás praias do Pacifico. A passagem pela cordilheira, de si já semeada de difficuldades, estava defendida ainda pelos caciques, cujos territorios os hespanhoes invadiram e até 25 de Setembro não puderam os guias indigenas dar a Balboa a desejada notícia de

que se via o Oceano da crista que tinham diante. Ao saber isto, Balboa fêz suspender a marcha para avançar só e ser o primeiro a recrear a vista com tão maravilhoso espectaculo. Chegado que foi ao cume indicado, prostrou-se de joelhos, levantou as mãos ao ceu, saudou o mar e deu graças a Deus e a todos os santos, por ter feito a elle, homem sem grandes méritos e de humilde nascimento, tão grande mercê, permittindo-lhe ganhar tal fama. Em seguida fêz signal com a mão aos seus companheiros para que se approximassem e admirassem o novo mar que d'ali se via. Chegados que fôram, puseram-se tambem todos de joelhos e Balboa supplicou a Deus e á Virgem que abençoassem a sua emprêsa e lhe permittissem levá-la a bom termo. Todos entoaram as preces olhando o país que viam extendido a seus pés, e Balboa, como outro Annibal quando mostrou ás suas tropas, dos picos dos Alpes, a Italia, prometteu aos seus thesouros sem fim. Erigiu logo um altar de pedras tôscas em signal do acto de posse pelo rei de Hespanha, cujo nome fêz gravar nas arvores á direita e á esquerda do caminho por onde desceram, afim de que ficasse este testemunho de ter-se completado tão grande emprêsa. Tambem redigiu um auto do successo, o escrivão André de Valderrábano, que fazia parte da expedição, e todos os hespanhoes presentes, em numero de 67, o assignaram, figurando depois do de Balboa o nome do padre André de Vera e em terceiro logar Francisco Pizarro.

Depois d'um combate com as tribus indigenas, em que os hespanhoes saíram vencedores e os caciques se viram obrigados a fazer a paz e um pacto de alliança com os invasores, chegou Balboa a 29 de Setembro com 26 dos seus á foz do rio Sabana, que desagua no golpho interior de São Miguel, o qual recebeu este nome, que ainda hoje conserva, do dia em que foi descoberto. Ao entrar a maré cheia, Balboa, levando n'uma das mãos a espada e na outra a bandeira hespanhola, entrou até aos joelhos na agua e tomou solemnemente posse «de todas as terras, praias e ilhas d'este mar, desde o pólo Norte até ao pólo Sul» em nome do rei seu senhor.

Ali permaneceu com a sua gente cinco semanas, percorrendo aquellas costas nas canôas dos indigenas, submettendo e tornando tributarios os caciques proximos, e assistindo á pesca de pérolas no golpho de São Miguel. Não visitou o archipelago mais distante das ilhas, onde se criavam mais pérolas, por não o permittir a estação tempestuosa, mas sem descurar por isso reunir o maior numero de dados possivel sobre os países proximos e distantes, annotando, entre outras notícias, a que lhe deu o cacique Tomaco sobre uma nação poderosa que habitava para o Sul e que, segundo disse, possuia riquezas immensas, navios e bêstas de carga. D'estas ultimas, para melhor explicação, formou o cacique um modêlo de barro que tinha analogia com o camello. Referia-se ao Perú e á lama que ali criam os indigenas como animal domestico.

Entre os ouvintes encontrava-se Pizarro, que ficou vivamente impressionado com estas informações.

A 3 de Novembro emprehendeu Balboa a marcha de regresso á colonia de Santa Maria, a Antiga, mas por caminho differente, subindo a região do Chucanaque, então ainda muito povoada, até ás nascentes d'este rio, sem que as difficuldades do caminho o impedissem de arrancar aos caciques das terras que atravessou os seus thesouros em ouro e castigá-los cruelmente pelos menores delictos ou faltas que commettiam. O cacique Poncoa, depois de entregar todo o ouro que possuia, foi com outros tres caciques sacrificado iniquamente á ira do chefe hespanhol, que os fêz despedaçar pelos seus cães de fila. Os portadores indigenas das bagagens caíam exhaustos pela carga cada vez maior, em consequencia do ouro arrebatado aos caciques; e só quando os mesmos hespanhoes sentiram exgottadas as forças é que Balboa consentiu

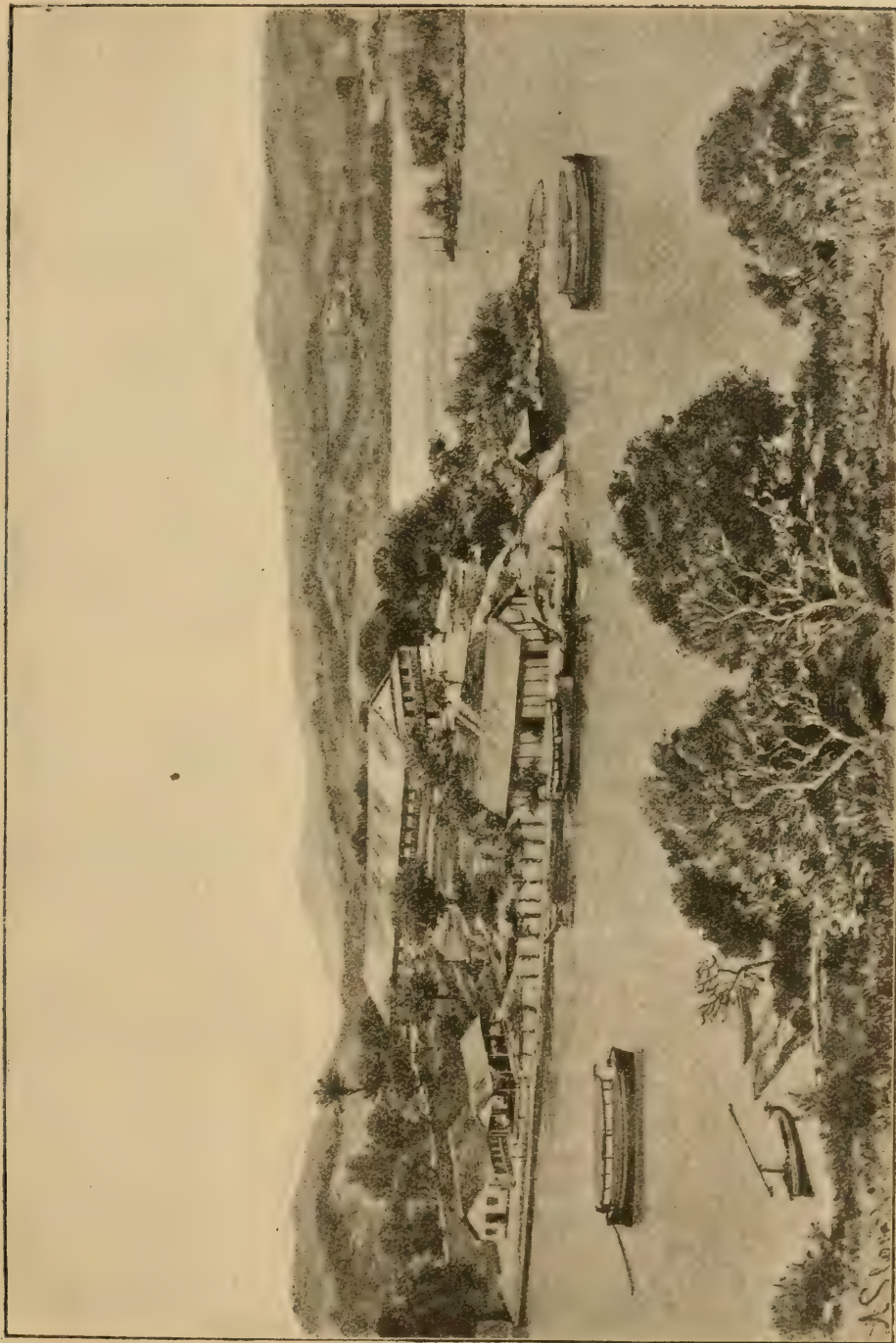
em permittir um descanso geral e prolongado na aldeia do cacique Pocorosa. Em 19 de Janeiro tornou a entrar em Santa Maria, sem ter perdido um só compatriota, e no mês de Março seguinte mandou o afortunado descobridor um navio á Hespanha com a narração da sua arrojada expedição, 20.000 castelhanos de ouro e 200 das melhores pérolas, representando a quinta parte da prêsa, que pertencia ao rei.

A notícia do descobrimento d'um novo Oceano chamou naturalmente a attenção e deu logar a que de novo e com muito fundamento se duvidasse de que o Novo Mundo fizesse parte da Asia oriental. Tornava-se cada vez mais evidente que a India descoberta por Christovão Colombo era na realidade um continente independente e ignorado até então. As consequencias d'este novo descobrimento fôram incalculaveis e deram origem á circumnavegação da terra realizada depois por Magalhães, assim como á conquista do Perú por Francisco Pizarro.

Não obstante, Vasco Nunes de Balboa não colheu os fructos da sua grandiosa emprêsa, porque a sua narração e a remessa de ouro e pérolas chegaram a Hespanha tarde, quando já estava decidida a sua sorte. O bispo Fonseca, director do departamento das Indias, estava demasiadamente indignado contra Balboa pela iniquidade que havia commettido contra o seu protegido Nicuesa para que pudesse perdoar-lhe. Além d'isso, ignorava ainda o brilhante descobrimento do Pacifico e a remessa do thesouro em ouro e em pérolas, que teriam aplacado muito a sua ira, a ter podido despachar Balboa o navio um mês antes. Em 11 de Abril de 1514 o seu successor, Pedrarias d'Avila, velho sexagenario, havia saído já para a costa de Darien com 20 navios approximadamente e 1.500 homens de tripulação. Se Vasco Nunes se tivesse podido apressar-se a enviar as suas notícias e o carregamento e tivessem chegado á Hespanha sómente quatro semanas antes, a sua sorte e a de toda a colonia de Darien teria sido muito differente.

O novo governador da *Castella Aurifera,* como quis o rei que se chamasse para o futuro a terra descoberta e conquistada por Vasco Nunes de Balboa, desembarcou em Santa Maria, a Antiga, a 30 de Junho de 1514, com um pessoal brilhantissimo de cavalleiros nobres e doutos como se não havia visto ainda no Novo Mundo. Muitos dos varões que o compunham adquiriram depois celebridade na historia da America e fama perpetua, pelas obras historicas e geographicas inapreciaveis sobre o Novo Mundo, que deixaram á posteridade, taes como Bernal Diaz del Castillo, companheiro d'armas de Fernão Cortez, que escreveu como testemunha ocular uma historia da conquista do Mexico; Gonçalo Fernandez d'Oviedo, nomeado védor, auctor da Historia geral das Indias; o bacharel Enciso, aguazil-mór, que escreveu uma *Summa de Geographia;* e Paschoal d'Andagoya, natural de Cuartango d'Alba, co-descobridor de Nicaragua, que descreveu os feitos realizados pelos hespanhoes sob o govêrno de Pedrarias d'Avila ([1]). Além d'estes, figuram entre os recem-chegados ao solo d'America, o futuro conquistador do Chile, Diogo Almagro; o de Quito e Bogotá, Benalcázar; o futuro companheiro d'armas de Pizarro e descobridor do curso médio do Mississipi, Fernando de Soto, e, finalmente, Francisco Vasquez Coronado, o conquistador de Cibola e Quivira. O piloto-mór da esquadra era João Serrão, que emprehendeu com Magalhães a primeira viagem de circumnavegação da terra, e foi morto com elle nas Filippinas ([2]).

([1]) Navarrete, III, 393 até 456. Veja-se tambem Cl. R. Markham, *The narrativ of Pascual Andagoya. Hakluyt Society for,* 1865, tom. 34.

([2]) Sobre o destino incerto do piloto português, veja-se Major, obra citada, pags. 492 e 493.

Hospedaria de immigrantes na ilha das Flores, Bahia do Rio de Janeiro.

Para tão numeroso reforço não havia nada preparado na colonia e a decepção dos recem-chegados foi amarga quando viram que nem para a cultura das especies alimenticias mais indispensaveis se havia feito nada. Os arredores de Santa Maria eram bosques e pantanos, e só depois do regresso de Balboa da sua expedição ás costas do Pacifico é que se começou a arrotear o terreno. Para maior desgraça não era o novo governador, Pedrarias d'Avila, homem para criar recursos, nem genio organizador, nem tinha energia para taes emprêsas. A sua idade avançada e o seu caracter incapacitavam-no completamente para o cargo difficil e perigoso que acceitára. Inspiravam-lhe cuidados a influencia e renome de Balboa, a quem olhou com receio e inveja; tratava os indios com dureza, e só pensava em extorsões, acquisições e conquistas brutaes, sendo na realidade antes uma praga destruidora, do que um fomentador da colonia. Las Casas, na sua *Brevissima narração da destruição das Indias* (Sevilha, 1552), diz d'este Pedrarias d'Avila sem nomeá-lo: «No anno de mil e quinhentos e quatorze passou á terra firme um infeliz governador; crudelissimo tyranno: sem sombra de piedade nem mesmo prudencia: como um instrumento do furor divino.» O resultado foi que em pouquissimo tempo morreram uns 500 homens dos recem-chegados, victimas das febres e da fome, sem contar os que succumbiram ás mãos dos indigenas.

Uma das primeiras determinações do novo governador foi mandar Ayora com 400 homens estabelecer um cordão d'estações d'um mar ao outro. Foi esta uma emprêsa d'exterminio de indigenas, em especial dos seus caciques, aos quaes o chefe hespanhol, homem feroz e sanguinario, fêz queimar, enforcar e dilacerar pelos cães de fila, sem conseguir outra coisa senão o odio concentrado dos naturaes, e que estes destruissem as novas estações apenas feitas.

No anno seguinte, isto é, em Novembro de 1515, recebeu ordem Antonio Tello de Gusmão para realizar o que Ayora não tinha podido conseguir. Tello, como Ayora, atravessou o isthmo em direcção Oeste e foi o primeiro hespanhol que chegou ao Panamá, d'onde saqueou a terra de Chagre. No seu regresso foi atacado pelos indios, e só com difficuldade pôde voltar á colonia.

Antes d'esta segunda tentativa, em Junho de 1515, Balboa e Luís Cavillo, para isso nomeado por Pedrarias, fizeram uma expedição a Dabaida, nas margens do Atrato, para saquearem os templos que se dizia continham immensos thesouros de ouro; mas esta expedição acabou tambem d'um modo funesto, porque os indios atacaram as embarcações dos hespanhoes que subiam pelo rio, voltaram-nas e mataram muitos tripulantes. Ali morreu o chefe Cavillo, e o resto regressou á colonia sem ter conseguido o seu fim. Não tendo melhor sorte tres outras expedições, renunciou-se á conquista dos templos d'ouro.

Em Julho do mesmo anno de 1515 teve Balboa a satisfação de receber a nomeação de *adeantado* do Oceano Pacifico, e com ella um vasto territorio onde podia governar a seu gôsto, se bem que sob o mando superior do governador geral, Pedrarias d'Avila. Aquelles territorios eram os mais ricos e ao mesmo tempo os mais saudaveis da terra firme, e sem elles a costa oriental onde Pedrarias governava não tinha importancia nem valor; pelo que muito lhe custava cedê-los ao seu rival sem compensação. Para obtê-la mandou seu sobrinho, Gaspar de Morales, com Pizarro e 60 homens ao golpho de São Miguel para conquistarem as ilhas das Pérolas. Passaram os dois chefes com 30 homens á Ilha Rica, chamada assim por Balboa, e a principal do archipelago, cujo rei fazia tremer até os caciques de terra firme. A emprêsa era, portanto, ardua; mas, depois d'um combate encarniçado, ficaram vencedores os hespanhoes; o rei da ilha submetteu-se, pagou como tributo um açafate cheio de preciosas pérolas e levou os

seus hospedes até ao alto da tôrre de sua casa, d'onde lhes mostrou todas as ilhas do seu dominio. Todas tinham pescarias de pérolas, e, além d'isso, o cacique falou-lhes d'uma nação poderosissima que se encontrava muito longe d'ali para o Sul, mas cujos bosques dizia ter visto muitas vezes. Estas informações excitaram a imaginação de Francisco Pizarro, que se comprazia em formar projectos de conquistas futuras, ao passo que Morales, mais positivo, procurou tirar todo o partido possivel da situação presente, impondo ao rei das ilhas um tributo annual de 100 marcos de pérolas. No seu regresso á colonia commetteram tantas iniquidades novas e inauditas que o mesmo Balboa, indignado, communicou ao govêrno da mãe-patria os horrores commettidos, mas sem resultado, porque o auctor Morales, chefe da expedição e sobrinho do governador geral, não foi castigado. Em uma reunião ou entrevista amigavel, para a qual convocára os caciques do país que atravessou, lançou sobre os convocados os seus cães de fila que despedaçaram 18 caciques. Centenares de indios fôram mortos e, quando os saqueadores se viram atacados e perseguidos pelos habitantes desesperados, cortaram a cabeça a 100 prisioneiros, mulheres e crianças, que traziam ligados como escravos, e a muitos desgraçados arrancaram a pelle da cabeça para escarmento e espanto dos indios que os perseguiam.

Quevedo, bispo de Darien, movido do bom desejo de estabelecer a cordeal intelligencia entre Pedrarias e Balboa, imaginou e propôs o casamento do descobridor do Pacifico com a filha do governador geral, ao que ambos se mostraram dispostos, mas nem por isso renunciou Pedrarias a perder e anniquilar o seu contrario. A occasião deparou-se-lhe em breve.

Para cumprir a ordem do rei de estabelecer uma communicação segura através do isthmo, preparou-se o porto d'Acla, para além da aldeia india de Careta, e construiu-se para sua protecção um reducto. D'este ponto teve que passar Balboa, através do isthmo, os materiaes necessarios para construir na costa do Pacifico uma esquadra para pôr-se em estado de alargar as suas conquistas por aquelle lado; quando, porém, foi visitar Acla, encontrou o reducto e tudo o mais arrazado e a guarnição morta. Immediatamente procedeu á reconstrucção do forte, para castigar e submetter de novo as tribus turbulentas e, finalmente, organizar o transporte do material, transporte que havia de ser feito ás costas dos indigenas, isto é, dos indigenas, por falta de bêstas de carga. Tudo isto consumiu muitissimo tempo e custou a vida a uns 500 infelizes indios, ou a 2.000 se dermos crédito a Las Casas; e, quando á custa de tanto tempo, trabalho e vidas humanas se achou na outra costa, no rio Balsa, como se chamava o Chucunaque no seu curso inferior, a madeira e o ferro para uma pequena esquadra, resultou que aquella não podia servir por estar completamente roída pelo caruncho, devido á sua longa exposição á intemperie na praia d'Acla.

Entretanto, morrera o rei Fernando em 1516, e juntamente com esta notícia espalhou-se o boato de que o governador Pedrarias seria substituido pelo das ilhas Canarias, Lope de Sosa. Na eventualidade d'esta mudança, Balboa quis apressar-se em realizar a construcção da sua esquadra afim de poder proceder immediatamente á execução dos seus projectos nas costas do Pacifico; mas, como tinham passado 18 meses, o tempo concedido para fazer a esquadra, nos preparativos trabalhosos que referimos, attribuiu-se a pressa que manifestou, ao desejo de tornar-se independente do governador geral do isthmo de Darien, e de depender directamente do govêrno de Hespanha, o que Pedrarias considerou como uma traição, que resolveu vingar. Para este fim marcou um encontro com Balboa em Acla. O *adeantado* accedeu a elle afim d'aproveitar a occasião de dar impulso n'aquelle porto á remessa dos mate-

riaes que faltavam, mas apenas chegou, foi feito prisioneiro por Pizarro, e decapitado com quatro partidarios seus, depois d'um brevissimo processo, que Pedrarias confiára ao alcaide-mór, Espinosa. Assim morreu Vasco Nunes de Balboa na idade de 42 annos, provavelmente em 1517, com grandissimo prejuizo do robustecimento e desenvolvimento do poder de Hespanha na America; porque os que em seguida ali figuraram eram aventureiros rudes e brutaes que não fizeram senão despovoar e assolar o país em pouquissimo tempo. Balboa havia sido cruel e bárbaro com Nicuesa, mas tendo-o o rei nomeado *adeantado* da costa do Pacifico, ficava por isso mesmo amnistiado, de facto, de todos os seus delictos anteriores, e mesmo sem isto a sentença de Pedrarias era uma iniquidade; mas por desgraça não é este caso um facto isolado, senão que toda a historia das conquistas de Hespanha no Novo Mundo não é senão uma série ininterrupta de traições e aleivosias.

Vasco Nunes de Balboa, valente como nenhum outro, inquebrantavel na execução das suas emprêsas, instruido, circumspecto e de clarissimo engenho, nascido para mandar na paz e na guerra, era um homem unico para elevar a prosperidade e o poder da Hespanha n'aquella região a uma altura assombrosa, ainda que a principio o país só tinha experimentado todos os males da conquista com o seu séquito de devastações, fome e exterminio. Porém Pedrarias d'Avila e os seus successores acabaram quási completamente com a população indigena, tão numerosa quando os hespanhoes pisaram pela primeira vez aquellas plagas, e tanto que em principios do século XVII havia na provincia de Panamá mais negros que indios.

O successor de Balboa na costa do Pacifico foi Espinosa que, com os quatro bergantins construidos por aquelle e a força armada e tripulação disponiveis, fundou em 1519 a colonia do Panamá, á qual Carlos V concedeu em 1521 o titulo e foros de cidade; mas, como o clima e a situação eram extremamente doentios, tanto que nos primeiros 28 annos morreram victimas das enfermidades endémicas 40.000 pessoas, Filippe II ordenou que fôsse construida uma nova cidade duas leguas mais a Oeste, n'um ponto mais sadio, determinando que Porto Bello, a Nordeste de Colombo ou Aspinwal, como hoje tambem se chama, servisse de terminus opposto da communicação isthmica, como hoje o é para o caminho de ferro.

Espinosa submetteu á corôa de Hespanha as tribus e os territorios do isthmo, e Bartholomeu Hurtado percorreu a costa do Pacifico até ao golpho de Nicoya, a 10º de lat. Norte, mas as explorações posteriores, ordenadas por Pedrarias, fôram dirigidas todas para Noroeste, muito ao contrario das ideias de Balboa, que sempre tivera fixa a vista no Sul. É tambem possivel que Pedrarias ordenasse já explorações para descobrir uma passagem maritima do Atlantico ao Pacifico, que tão afanosamente demandou depois tambem na America central Fernão Cortez.

Gil Gonzalez d'Avila foi mais longe que Espinosa, que se limitára a submetter os países do isthmo. Nomeado em 1519 por uma real ordem e chefe da esquadra construida por Balboa, não pôde occupar o seu posto, porque Pedrarias dispozera dos navios para outras emprêsas, tendo de construir-se uma frota nova. Assim o fêz nas ilhas das Pérolas, d'onde sahiu no anno de 1521 com quatro navios pequenos e chegou até á aldeia de Nicoya, cujo cacique se deixou baptisar com toda a sua tribu sem nenhuma difficuldade. D'ali descobriu Gil Gonzalez o país aberto, feraz e populoso chamado Nicaragua pelo nome de seu rei indigena de então. Notou-se que quanto mais se subia para o Norte, mais avançados eram os povos em civilização. Nicaragua e Honduras eram dois países onde se sentia já a influencia da civilização superior do Mexico e do Yucatan.

Gil Gonzalez desembarcou e dirigiu-se pacificamente á residencia do rei Nicaragua, situada junto ao lago d'este nome.

Este rei poderoso fez-se baptisar tambem com 9.000 dos seus; não se oppôs a que o chefe hespanhol entrasse a cavallo no lago e bebesse ali agua, porque não sabia que com esta cerimonia o hespanhol tomava posse do país para o seu rei. A prêsa feita n'esta expedição chegou, segundo Andagoya (veja-se a collecção de Navarrete, tomo III, 413), a 100.000 pesos d'ouro. Este valor não foi obtido pacificamente, pois os indigenas caíram sobre o destacamento de Gil Gonzalez; mas os hespanhoes ficaram vencedores e chegaram felizmente á praia, onde aguardaram o regresso do piloto, André Niño. Este, entretanto. tinha continuado a exploração para além do golpho de Fonseca, porventura até ao territorio mexicano de Chiapas, situado entre 15º e 16º de lat. Norte, se as serras chamadas de Gil Gonzalez d'Avila nos mappas d'America de 1527 e 1529 são as situadas ao Sul de Soconusco, como suppõe J. G. Kohl na sua obra: «Os dois mappas geraes da America mais antigos».

Reunidos outra vez os expedicionarios, regressaram ao Panamá a 25 de Junho de 1523. Á medida que esta nova cidade prosperava, diminuia Santa Maria, a Antiga, que foi abandonada de todo em 1524.

Gil Gonzalez d'Avila, para extender e explorar melhor os seus descobrimentos, que lhe eram permittidos sob a condição de fazê-los exclusivamente em nome de Pedrarias, marchou para São Domingos afim de contractar navios e gente, com os quaes se dirigiu na primavera de 1524 a Nicaragua e Yucatan, seguindo a costa oriental do isthmo. Chegado que foi á foz do rio Ulea, chamou áquella ria Porto de Cavallos, porque ali se viu obrigado a arrojar ao mar alguns cavallos para salvar o navio em que ia. D'ali, seguindo a costa por terra para Léste, chegou ao cabo de Honduras e, voltando para Sul, marchou por terra em direcção ao lago Nicaragua. Ali encontrou uma secção de aventureiros hespanhoes que faziam parte de uma expedição capitaneada por Francisco Fernandez de Cordova, a quem Pedrarias d'Avila enviára ali para conquistar o país. Gil Gonzalez tirou aos seus compatriotas, inferiores em numero, as armas e o ouro que tinham reunido e regressou a Porto de Cavallos, onde tinha deixado os seus navios, mas encontrou ali Christovão d'Olid, enviado de Fernão Cortez, que o tratou de intruso e o fêz prisioneiro, porque aquella terra pertencia ao Mexico. Mais adiante, ao tratarmos da conquista d'este ultimo país, veremos o resultado d'estas differentes emprêsas e complicações. Aqui limitar-nos-hemos a dizer que Fernandez de Cordova fundou as cidades de Nova Granada e Nova Leão, a primeira no extremo Noroeste do lago Nicaragua, e a segunda na proximidade da bahia de Fonseca. Para explorar o lago referido fêz desmontar um bergantim na costa do Pacifico e transportar todas as peças para as margens do lago, onde foi armado de novo. Com elle percorreu o lago, descobrindo a sua sahida pelo rio de São João, que desagua no mar das Antilhas, mas não pôde segui-lo em todo o seu curso por estar obstruido o seu leito pelos rochedos e muitas quedas d'agua.

Francisco Fernandez de Cordova quis fazer o mesmo que Balboa e outros subordinados de Pedrarias: seguir as suas proprias inspirações; mas teve a mesma sorte que Vasco Nunes. Os seus capitães, Fernando de Soto e Compañon, desapprovaram o seu plano e regressaram ao Panamá. Ao saber Pedrarias da traição que lhe fazia Fernandez de Cordova, reuniu as suas melhores tropas e apresentou-se subitamente em Nicaragua, onde prendeu o chefe rebelde e fê-lo decapitar em Leão no anno de 1526. No seu regresso encontrou no Panamá Pedro dos Rios, nomeado seu successor e, em consequencia d'isso, retirou-se outra vez para Leão. Treze annos havia governado

aquellas vastas terras, destruindo com a sua inepcia todos os germens de prosperidade e sem poder estabelecer a disciplina entre os seus principaes subordinados, os quaes umas vezes resistiram ás suas ordens com as armas na mão e outras fizeram a guerra entre si. As consequencias fataes das suas arbitrariedades não se apagaram nunca da memoria n'aquellas riquissimas terras, onde o seu nome e administração fôram com razão detestados. Morreu em 1530.

18. — Descobrimentos no golpho do Mexico

Até aqui os descobridores mal tinham saído do mar das Antilhas, seguindo n'isto quási todos o impulso dado por Christovão Colombo. Desde o primeiro contacto dos hespanhoes com os habitantes do Novo Mundo, tinham estes respondido sempre a todas as innumeraveis perguntas d'aquelles ácêrca dos países productores de ouro, apontando o Sudoeste. N'esta direcção buscaram, pois, os exploradores o precioso metal, sem que o proprio Colombo sentisse enfraquecer esta ideia tão arreigada, nem quando teve provas da cultura adiantada dos mayas, cujo país se achava na direcção quási contraria. Assim se explica porque durante 20 annos a ninguem occorreu explorar o mar a Nordeste de Cuba.

João Ponce de Leão, governador de Porto Rico, foi quem fêz a primeira tentativa para penetrar n'aquella região, onde, no dizer dos indigenas das ilhas Lucayas, se achava um manancial maravilhoso, cujas aguas tinham a virtude de rejuvenescer os decrépitos (¹). Ponce de Leão desembarcou n'este país mysterioso a 27 de Março de 1513, domingo de Paschoa, razão por que lhe deu o nome de Paschoa Florida, do qual só ficou o segundo termo, a Florida. Seguiu a sua costa oriental até 10º de lat. Norte, sem averiguar se era ilha ou continente (²). D'este ponto regressou ao extremo meridional d'aquella terra e seguiu a costa occidental na direcção Norte até á bahia situada entre os 25º e 26º de lat. Norte, que ainda tem o nome do descobridor. O primeiro mappa das costas da Florida deve-se ao piloto da expedição, Antonio de Alaminos.

Toda a tentativa para estabelecer ali um posto fortificado com a sua colonia foi tenazmente repellida pelos indigenas.

Estando a ilha de Cuba melhor situada para estas explorações do golpho do Mexico, não tomaram vôo senão algum tempo depois da sua conquista, que foi effectuada com summa felicidade por Diogo Velasquez, nomeado em 1511 governador da «pérola das Antilhas». Cuba, logo que foi conquistada, foi repartida, terra e habitantes, pelos invasores victoriosos, sendo desde então alvo principal de grande numero de aventureiros, que, pouco affeiçoados á vida tranquilla do cultivador, sempre imaginando emprêsas a países novos e mais ricos, não tardaram em reunir-se em numero bastante para armarem dois navios e explorarem o golpho. O governador proporcionou-lhes o dinheiro necessario para outro navio; escolheram por chefe Fernandez de Cordova, a quem já vimos em Nicaragua, e tiveram a sorte de contractar por piloto Antonio d'Alaminos, natural de Palos, e assim puderam fazer-se á véla para Oeste em 8 de Fevereiro

(¹) Pedro Martyr. Década II, liv. X, pag. 202.

(²) Herrera, veja-se Década I, liv. X, cap. 16, aproveitou o relato do mesmo Ponce Leão para a sua narração.

de 1517 ([1]). Fernão Cortez diz que Fernandez de Cordova, Lope de Ochoa e Christovão Morante se associaram para esta emprêsa e recrutaram para ella os tripulantes a expensas suas.

A expedição chegou á costa do Yucatan junto ao cabo Catoche. Este foi um descobrimento importantissimo, porque pela primeira vez encontraram os hespanhoes no Novo Mundo uma nação civilisada, e cuja cultura era tão alta que se vestiam de pannos d'algodão e tinham casas sumptuosas feitas de pedra e templos de pedra lavrada, levantados sobre uma base em fórma de pyramide truncada. Verdade seja que n'estes templos immolavam ás vezes, em honra das suas divindades, victimas humanas. Não surprehendeu pouco aos invasores europeus encontrar esculpida em pedra, em muitos sitios, uma cruz, que, segundo souberam depois, era ali o symbolo do deus da chuva. Muitos d'estes edificios, em que se patenteava um grau muito elevado de desenvolvimento intellectual, industrial e artistico, datavam d'uma época muito remota; os hespanhoes encontraram-nos em ruinas quando ali chegaram pela primeira vez, e um dos frades que acorreram ao país logo que ficou definitivamente conquistado, entre os annos de 1540 e 1547, frei Lourenço de Bienvenido, escreveu ao rei Filippe em 10 de Fevereiro de 1548 que os edificios de Mérida tinham sido artisticamente construidos de pedra lavrada, talvez já antes da nossa era, «*porque tan grande estava el monte ençima delos como en lo baxo de la tierra*»; e logo accrescenta que a população actual vivia em choças: «nem fazem casa senão de palha e de madeira ([2])». Além d'estas notabilissimas ruinas que se encontram principalmente no meiodia do país perto de Uxmal e Palenque, existem tambem estatuas monoliticas muito altas, tanto no Yucatan como em Guatemala e Honduras, não destruidas pelos hespanhoes que, no seu fanatico afan d'estender o Christianismo, anniquilavam systematicamente tudo quanto podia recordar aos habitantes do país o seu antigo culto gentilico. Estes monolitos representam principalmente reis divinisados, aos quaes se rendia culto e se faziam sacrificios; mas tambem os ha que representam mulheres, podendo-se estudar, n'uns e n'outros, os trajes usados em tão remota época. Os primeiros costumam ter uma couraça curta d'algodão, e as segundas saias bordadas e ornadas de pérolas e franjas ([3]). Os mayas, assim se chamava o povo que habitava o Yucatan, possuiam tambem uma escripta hierogliphica que não se tem podido decifrar ainda, e da qual, além dos hieroglyphos esculpidos nos monumentos referidos, cujas ruinas estão hoje occultas debaixo de frondosissimas selvas virgens, não se conservaram senão tres ou quatro manuscriptos em folhas feitas da agave mexicana cobertas d'uma capa fina de gesso. O maior e mais interessante d'estes manuscriptos que se conserva na bibliotheca de Dresde, foi publicado em 1880 em Leipzig em 74 estampas chromo-lithographicas.

Os expedicionarios, capitaneados por Fernandez de Cordova, fôram rechaçados com grandes perdas pelos bellicosos habitantes em quantos pontos tentaram desembarcar. Sob a direcção do piloto, Antonio d'Alaminos, seguiram os navios a costa septentrional e occidental da peninsula até Champoton ao Meiodia de Campeche, mas tambem ali fôram repellidos e ferido perigosamente o chefe, Fernandez de Cordova, de sorte

---

([1]) Veja-se Bernal Diaz Del Castillo, *Descobrimento e conquista da Nova Hespanha*, e a *Collecção de documentos inéditos para a historia de Hespanha feita por* Navarrete.

([2]) *Cartas das Indias*, Madrid, 1877, pag. 71.

([3]) Veja-se a obra allemã moderna de H. Meye e J. Schmidt *As esculpturas de pedra em Copan e Quirigua*, Berlim, 1883.

que, convencidos os expedicionarios da sua inferioridade, desistiram das suas tentativas de conquista, e passaram á peninsula da Florida, julgando seguir assim a róta mais curta para Cuba, pois era a que Alaminos havia seguido na expedição de Ponce de Leão. Recebidos tambem hostilmente pelos indigenas, regressaram a Cuba, onde dez dias depois da sua chegada morreu [1] em consequencia das suas feridas. O governador da ilha mandou uma narração da expedição á côrte, reivindicando todo o mérito, incluso o sacrificio pecuniario, que Cortez calculou sómente na quarta parte dos gastos totaes [2]. Bernal Diaz Del Castillo queixa-se amargamente na sua obra citada: «Descobrimento e conquista da Nova Hespanha» do proceder de Velasquez, dizendo: «de nós que tinhamos descoberto o país não mencionou nenhum».

No anno seguinte armou Velasquez uma nova esquadra de quatro navios, que mandou em Abril ou Maio de 1518 ao Yucatan ás ordens de seu sobrinho, João de Grijalva, sendo outra vez piloto-mór da esquadra, Antonio d'Alaminos, e fazendo parte da expedição Pedro d'Alvarado, que depois se distinguiu tanto na conquista do Mexico ás ordens de Fernão Cortez. A expedição tocou terra ao Sul do cabo Catoche junto á ilha de Cozumel, onde então existia um templo muito famoso e venerado, mas que hoje está deshabitada e coberta d'espesso bosque. A partir de ali exploraram toda a costa da peninsula até á lagôa de Terminos e Tabasco; e, como as numeraveis povoações com casas de pedra caiadas se distinguiam da praia e recordavam aos expedicionarios a sua patria, começaram a chamar ao país Nova Hespanha; mas os habitantes não se mostraram menos hostis que da primeira vez, e só junto ao rio Tabasco, que recebeu o nome do chefe Grijalva, é que foi possivel entrar em relações amigaveis com os naturaes, povo e caciques. D'ali continuaram a sua derrota em direcção Oeste ao longo d'aquella costa perigosissima que desde a foz do rio Goatzacoalco, a Oeste de Tabasco, até onde hoje se encontra a cidade maritima de Veracruz, está semeada de recifes innumeraveis, causa de frequentes naufragios, como indicam os muitos restos de navios que sahem das aguas ou da areia das praias perto de Veracruz. Ali desembarcou a expedição n'uma das ilhotas situadas na immediação da praia, que recebeu o nome de *Ilha dos Sacrificios,* porque se soube que pouco antes haviam sido sacrificados no seu templo cinco indios. O mesmo havia succedido na ilha que se chamou São João d'Ulloa, onde haviam expirado ás mãos dos sacerdotes vestidos de preto dois infelizes mancebos. Os indicios d'este culto cruel e horrivel fôram augmentando á medida que cresciam as provas d'uma civilização e cultura superiores. O horror que estes signaes do culto mexicano causaram aos hespanhoes não foi obstaculo para que Grijalva, desembarcando todas as suas forças, entrasse em relações amigaveis com os caciques, adquirindo d'elles, em troca de contas de vidro, agulhas e thesouras, ouro, pedras preciosas e vasos de fórmas surprehendentes no valor de 15.000 a 20.000 pesos d'ouro. De maneira que ali se havia descoberto um país verdadeiramente aurifero que promettia um saque incalculavel. Com este primeiro resultado e a notícia do grande descobrimento foi mandado Alvarado a Cuba, ao passo que Grijalva continuou a sua róta até Tampico, na terra de Panaco, isto é, até 22º de lat. Norte. Um

---

(1) Ha dois exploradores com o mesmo nome de familia no primeiro quartel do século XVI? Não tivemos occasião de deslindar este ponto, mas o Cordova executado em Sião (Nicaragua) em 1526 como anteriormente ficou dito não póde ser identificado (como o fêz um auctor hespanhol) com este Cordova que veiu morrer a Cuba em 1518.

(2) *Collecção de documentos inéditos para a historia de Hespanha*, I, 423.

promontorio e o mar alvorotado fizeram voltar atrás a expedição que, passando pela costa do Yucatan, regressou a Cuba, ancorando a 15 de Novembro no porto de Santhiago.

As importantissimas notícias que Grijalva pôde communicar a seu tio, o governador, deram impulso á sua actividade; e afim de assegurar o beneficio do descobrimento, despachou mensageiros para Hespanha com a notícia, os riquissimos presentes e a pretensão de que o rei incluisse os países novamente descobertos nos territorios dependentes do govêrno de Cuba, e ao mesmo tempo preparou a toda a pressa uma frota consideravel para conquistar aquelles países, escolhendo para chefe da expedição Fernão Cortez.

19. — Fernão Cortez demanda o Mexico

Para a extensão do poder da Hespanha no Novo Mundo não podia ter escolhido o governador de Cuba pessoa mais a proposito do que Fernão Cortez, embora esta mesma escolha trouxesse um desengano amargo para os seus planos de engrandecimento pessoal. Entre os personagens verdadeiramente grandes que da Hespanha saíram n'aquella época para descobrir e submetter países ignotos, destaca-se, sobre todos, Fernão Cortez, cujo caracter nobre e grande, e cujo arrôjo e façanhas assombrosas nos enchem de admiração.

Fernão Cortez.

Cortez nascera no anno de 1485 em Medellim, na Extremadura; estudára dois annos em Salamanca, onde, se não mostrou grande inclinação para as sciencias, adquiriu, comtudo, um grau d'instrucção geral muito raro entre os chefes que se mandavam para as colonias. Como todos os demais jovens hespanhoes da sua época, captivaram-no as notícias maravilhosas do Novo Mundo, e o desejo de aventuras que, do outro lado do Oceano, offereciam immensos thesouros, induziu-o já em 1504, a passar á America ás ordens de Ovando, o governador de São Domingos. Sete annos depois tomou parte na conquista de Cuba, recebendo em recompensa a sua parte correspondente na distribuição do territorio e dos habitantes. Ali, pela sua instrucção, chegou a ser nomeado secretario de Velasquez e, depois, alcaide de Santhiago, quer dizer, que chegou a ser uma das primeiras personalidades officiaes da ilha. Os contemporaneos descrevem-no como de bôa presença, de estatura mais que mediana, peito largo, olhos grandes e pretos e tez pallida. Destro em todos os exercicios corporaes proprios da sua condição, tão valente e firme como circumspecto e sereno nas suas resoluções, de concepção viva e juizo claro, avassallando os que o escutassem com a sua habil e ardente elocução, era mais que nenhum outro, fadado para governar no Novo Mundo.

Quando Velasquez lhe confiou o commando da sua expedição contava Cortez 23 annos, e o que agradou, não menos que as suas qualidades pessoaes, ao governador, foi que o escolhido pôde encarregar-se d'uma parte dos gastos da armada de 11 navios

destinada a atacar um imperio poderoso, como se vê na instrucção que Cortez recebeu do governador e que se encontra na collecção de documentos inéditos publicados por Navarrete.

Antes de concluir os seus preparativos arrependeu-se o governador, avisado pelos seus amigos, de ter confiado a Cortez forças tão consideraveis e mais que sufficientes para alcançar com ellas uma posição independente do seu superior no caso de lhe occorrer tal ideia. Em consequencia d'isso, estava a ponto de revogar a sua nomeação de commandante em chefe, quando Cortez aproveitou os ultimos momentos de vacillação de Velasquez para saír com a esquadra de Santhiago antes de ter concluido os preparativos e abastecimento dos navios. Ao chegar á cidade de Trindade, situada tambem na costa meridional de Cuba, terminou o abastecimento d'armas e de víveres e recrutou, ainda, 100 homens licenciados da expedição de Grijalva. Da Trindade passou a Havana, onde Velasquez mandou que o prendessem, e ao proprio Cortez que permanecesse ali até que elle chegasse. Cortez não estava disposto, comtudo, a deixar-se prender, nem a aguardar o seu superior, cujas intenções tão mal dissimuladas tinha comprehendido immediatamente. Portanto, a 10 de Fevereiro de 1519 saíu para o cabo de Santo Antonio, no extremo occidental da ilha e ponto de reunião da sua esquadra, com a qual se fêz ao mar oito dias depois, levando por piloto-mór o perito Alaminos que, tendo acompanhado Christovão Colombo na sua quarta viagem e depois dirigido os navios de Cordova e de Grijalva, ia então pela quarta vez ao Yucatan.

Compunha-se a força da expedição de 400 soldados hespanhoes e 200 indios, entre os primeiros 13 arcabuzeiros e 32 besteiros, além de 32 soldados de cavallaria, 10 canhões de bronze de grosso calibre e 4 colubrinas de campanha. Tambem levava a bordo dois clérigos para destruir o culto idólatra e baptisar os indios.

A esquadra ancorou primeiro junto á ilha de Cozumel, cujos habitantes fugiram para o interior; mas, tranquillizados pelos intérpretes que a expedição levava, regressaram e deixaram derribar os seus altares sangrentos e que se celebrasse nos seus templos o culto christão, e até consentiram em fazer-se baptisar e adoptar, ao menos na apparencia, o christianismo.

Tendo ouvido Alaminos, já durante a expedição de Fernandez de Cordova n'aquella parte do Yucatan, a palavra *castelhano,* dos mesmos indios sem poder explicar o que significava na bôcca d'aquella gente, chamou a attenção de Fernão Cortez sobre isto, e Fernão Cortez suppôz logo com grande acêrto que deviam ter estado ali anteriormente hespanhoes. Consultando sobre o caso um cacique, soube que ainda viviam no país, na qualidade de escravos, dois hespanhoes: um d'elles, a quem Cortez conseguiu libertar, era frei Jeronymo d'Aguillar, que d'ahi por diante prestou grandes serviços a Cortez como intérprete.

D'ali seguiu a expedição costeando o Yucatan, como tinham feito os seus predecessores, até ao rio Tabasco ou Grijalva, no qual só puderam entrar os navios de pouco bordo. Com elles e as lanchas armadas subiu Cortez o rio até á cidade de Tabasco, onde as suas declarações e protestos de intenções pacificas fôram correspondidas com ameaças e alaridos de guerra, que não intimidaram os hespanhoes. A lucta estabeleceu-se no proprio rio, primeiramente das lanchas, depois peito a peito, na agua, que cobria os combatentes até á cinta, e por ultimo na praia. Desembarcadas a cavallaria e artilheria, travou-se a 25 de Março uma verdadeira batalha campal, em que ficaram vencedores os hespanhoes, graças ao seu superior armamento e á cavallaria, ainda que pouco numerosa. Um e outra tornaram inuteis o valor pessoal dos de Tabasco e o seu

grande numero, que Cortez calculou em 40.000 homens, dos quaes ficaram 220 mortos no campo (1).

No dia seguinte ao da batalha submetteram-se os caciques e apresentaram a Cortez, entre varios presentes, 20 escravas, uma d'ellas natural do Mexico, que foi chamada pelos hespanhoes Dona Marina, e prestou excellentes serviços como interprete, logo que aprendeu o idioma dos vencedores. Em Tabasco ouviram estes, além do nome de *Mexico*, o de *Culhua*, com o qual os de Tabasco indicavam a cidade de Cholula, tão industrial então, situada a Oeste do Mexico. Bernal Diaz Del Castillo, na sua obra, diz tê-la ouvido mencionar já com a pronuncia de *Culba*, antes da expedição de Cortez, e é muito possivel que, quando a Colombo indicaram os naturaes das Antilhas o nome de Colba, tivessem querido significar a cidade mexicana de Cholula, pois que existia maior ou menor communicação entre as ilhas e o continente, tendo Cortez encontrado no Yucatan indios extraviados da Jamaica.

Depois de terem sido solemnemente Baptisados, no domingo de Ramos, os caciques submettidos e de terem assistido á missa, continuou Cortez a sua viagem maritima e desembarcou todas as suas forças em Sexta Feira Santa, 21 d'Abril de 1519, no porto onde hoje se acha a cidade de Veracruz e onde dois dias depois se lhe apresentou o governador azteca para saber o que os extrangeiros pretendiam. Disse-lhe Cortez que ia mandado por um rei poderoso do outro lado do mar com uma missão e presentes para o soberano do país, e que pedia a livre passagem para cumprir o seu encargo. O governador, afim de fazer mais intelligivel ao imperador a narração d'um successo tão extraordinario, fêz retratar, com o consentimento de Cortez, os extrangeiros brancos e de aspecto tão differente dos americanos. Cortez, para augmentar a impressão, mandou fazer exercicios ou manobras aos seus cavalleiros e á artilheria, afim de que figurassem tambem na relação, porque os mexicanos eram pintores muito habeis, e depois de ter partido o governador, construiu um acampamento fortificado, abrigado pelas dunas da costa, onde aguardou a resposta do soberano do país.

Antes de continuar a nossa narração d'estas negociações, convem dar uma ideia do caracter do país e da historia da sua população.

---

(1) Existem de Cortez cinco narrações escriptas quási todas de seu proprio punho, e dirigidas por elle mesmo ao rei de Hespanha. Estas narrações minuciosas que teem sido comparadas não sem razão com os célebres «Commentarios de César», são as seguintes: 1.ª É datada de Villa-Rica da Vera Cruz de 10 de Julho de 1519, e redigida pelas auctoridades da praça em nome do general, e talvez por elle mesmo. Partiu para Hespanha em um navio a 16 do mês de sua data; e foi publicada por Navarrete na Collecção de documentos inéditos. 2.ª Está datada de Segura da Fronteira (ou seja Tapeaca, a Este de La Puebla), de 30 d'Outubro de 1520. Foi impressa em Sevilha pela primeira vez em 1522; e em 1743 na obra de Barcia: «Historiadores primitivos das Indias occidentaes», tomo I, pag. 1 até 62; depois foi inserta na *Historia da Nova Hespanha*, por Francisco Antonio Lorenzana, impressa no Mexico em 1770 (pag. 38 até 170). 3.ª Esta terceira carta, escripta em Cujocan a 2 leguas e meia ao Sul do Mexico, tem a data de 15 de Maio de 1522: foi impressa primeiramente tambem em Sevilha no anno seguinte, e depois nas obras citadas. 4.ª Esta carta, escripta em Temixtitan (Mexico) a 15 de Outubro de 1524, foi impressa em Hespanha no anno seguinte, e a seguir na obra de Lorenzana. 5.ª N'esta carta descreve Cortez a sua expedição a Honduras, e foi publicada em Madrid no anno de 1844 na «Collecção de documentos inéditos para a historia de Hespanha» com a epigraphe: «Narração feita ao imperador Carlos V por Fernão Cortez sobre a expedição de Honduras». Esta ultima carta foi tambem escripta em Temixtitan a 3 de Setembro de 1526.

A zona maritima é plana até algumas leguas para o interior, onde se eleva o terreno até formar um immenso planalto d'uma altura média de 2.000 metros acima do nivel do mar, com alguns cumes isolados na parte oriental, mais abrupta, que alcançam mais de 5.000 metros. A costa, castigada de febres, não offerece nenhum porto natural e seguro, nem desaguam n'aquelle golpho rios navegaveis. Veredas e estreitas gargantas de difficil passagem conduzem ao planalto interior de Anáhuac, centro do antigo Imperio mexicano que no tempo da conquista se extendia desde o Yucatan e Honduras até ao tropico de Cancer. O planalto em que se acha situada a capital eleva-se a mais de 2.000 metros acima do nivel do mar, e forma uma superficie extensa, de perimetro de fórma oval, de 73 kilometros de comprimento e 35 de largura. Encerrada n'um baluarte natural de rochedos de porphyro, que rodeia todo este planalto, com um magnifico lago, era esta terra então coberta d'arvores e de verdura; mas o lago baixou de nivel no decorrer dos séculos; grandes extensões d'este immenso valle estão agora despidas e até brancas pelas efflorescencias salinas e, vista aquella parte do país de um ponto elevado, parece mais um páramo esteril e deserto que um país habitavel e prospero. Não obstante isto, offerece em conjuncto um aspecto grandioso d'uma belleza especial, augmentada pelos dois cumes cobertos de neve eterna, do Popocatepetl e do Ixtaccihuatl, que se elevam respectivamente a 5.400 e 5.200 metros acima do nivel do mar, e sobresaem no circulo de montanhas que formam o recinto do planalto.

Ao Norte d'este valle acha-se Tula, primeiro ponto onde se fixaram os toltecas, povo enigmatico que, vindo do Norte n'uma época remota, que alguns fixam em sete séculos antes da nossa era, levou ao centro d'America a sua civilização adiantadissima, com a cultura do milho, do algodão e da pimenta, condimento indispensavel n'aquelles países, uma architectura especialissima e a arte de trabalhar os metaes preciosos. Os toltecas preferiam construir as suas casas de pedra e os seus templos em eminencias, e as primeiras em differentes socalcos, nas faldas escarpadas das colinas, mas unidos entre si por degraus e estreitas veredas. Muito peculiares d'esta raça eram as tôrres com escadas ou as pyramides dos templos.

Este povo abandonou a sua nova patria ao cabo de séculos e dirigiu-se mais ao Sul, introduzindo e impondo a sua civilização no Yucatan e nas Honduras [1].

Depois dos toltecas, immigraram para o país, vindos do Noroeste, os chichimecos, que escolheram por centro a margem oriental do lago do Mexico, e fundaram ali a cidade de Tezcuco, acabando por se amalgamarem com os acolhuas. Elles fôram subjugados por seu turno por um povo affim e muito guerreiro, chamado os tepanecos, dos quaes se desembaraçaram posteriormente com o auxilio dos aztecas do Mexico, com os quaes se alliaram. Estes ultimos immigraram em época relativamente moderna, pois que fundaram a cidade do Mexico que chamaram Tenochtitlan n'uma ilha do lago, provavelmente em principios do século XIV, e pouco a pouco extenderam o seu poder d'um Oceano ao outro, submettendo successivamente uma multidão de povos e tribus de outras raças. Á chegada dos hespanhoes ainda não tinham tido tempo de assimilar completamente os vencidos. O seu govêrno tyrannico e sanguinario trazia aterrados os povos entre o golpho do Mexico e o Pacifico, porque só para o seu culto necessitavam de innumeraveis victimas humanas que arrancavam das tribus submettidas, e que,

---

(1) Entre as muitas obras e artigos modernos que tratam d'esta questão citaremos aqui um trabalho publicado em 1882 por *D. Carnay* no periodico allemão «Zeitschrift für Ethnologie», Berlim, 1882.

segundo auctores respeitaveis, não eram menos cada anno de 20.000 para regarem com o sangue d'ellas os altares das divindades aztecas. Os craneos d'estes infelizes formavam nas proximidades dos templos verdadeiras pyramides, n'uma das quaes contaram alguns dos companheiros de Cortez até 136.000 craneos.

Portanto, só o terror conservava reunidos tão dilatados territorios sob um só Imperio; e era natural que á primeira investida de fóra um grande numero de tribus se passasse para o partido invasor. Por isso, occorreu a chegada de Cortez n'um momento altamente favoravel para que, depois d'algumas victorias brilhantes, se afrouxassem os laços que uniam o Imperio azteca, e se passassem para os hespanhoes muitos dos povos escravisados. O govêrno e a organização social dos aztecas tinham sido no principio aristocraticos, e haviam-se transformado pouco a pouco em regimen monarchico absoluto e em certo modo hereditario, porque, embora o rei, em cada vaga do throno, fôsse eleito pelos quatro nobres mais distinctos, devia recair a eleição sempre n'um individuo da mesma familia imperial. Na côrte prevaleciam um ceremonial e uma ostentação orientaes e minuciosissimos que tinham occupada a numerosa nobreza feudal no serviço do palacio e da pessoa do imperador.

Os aztecas veneravam umas 2.000 divindades locaes, mas o deus principal, Huitzilopochtli, nome que significa *Colibrí á esquerda,* porque o idolo tinha o pé esquerdo adornado com pennas de colibrí, havia sido o primeiro chefe ou cacique que conduzira o povo azteca a Anáhuac, e com o tempo foi divinisado, pelo que era o idolo que mais sangue humano reclamava. Outra divindade principal era Quetzalcoatl, no seu tempo sacerdote e reformador dos toltecas em Tula, aos quaes ensinou o cultivo da terra e a arte de trabalhar os metaes. Representavam-no de estatura alta e de *tez branca.* Foi expulso, segundo a tradição, de Tula, porque prégou contra os sacrificios humanos. Arrojado até ao mar de Léste, embarcou ali junto ao rio Goatzacoalco, em um navio magico feito de pelle de serpente, declarando antes solemnemente que algum dia regressaria e tornaria a governar o povo azteca. O povo venerou-o, portanto, depois, como deus do ar e bemfeitor da humanidade. Ninguem duvidava, de resto, de que cumpriria a sua promessa, e, quando chegou Cortez com os seus hespanhoes áquella mesma costa, acreditaram todos, os opprimidos como os dominadores, sem exceptuar o mesmo imperador, que tinha chegado tambem o momento de cumprir-se a prophecia.

Os aztecas tinham desenvolvido a civilização trazida áquelle país pelos toltecas. Á chegada dos hespanhoes floresci a agricultura, os habitantes cultivavam o milho, o algodão, a pimenta, o aloes, de cujas fibras faziam papel, e do seu succo uma bebida fermentada. Cultivavam tambem o cacau, cujas sementes serviam de moeda infima, assim como para a fabricação do chocolate, e baunilha; a bananeira, e o tabaco que fumavam em cachimbos e em fórma de cigarros. A metallurgia occupava muitissimos braços, mas não conheciam o ferro, servindo-se para os seus instrumentos cortantes, como cutellos e espadas, de afiadas lascas de obsidiana. A olaria estava muito generalizada e aperfeiçoada, sem contar os vasos que faziam de madeira, e que ornavam depois com pinturas bem envernizadas. Tambem fabricavam pannos d'algodão, bordados de vistosas côres e eram surprehendentes na applicação das pennas como adornos. Nas cidades celebravam-se mercados em dias fixos, todo o país estava coberto de uma rêde de caminhos com estações de posta, e correios officiaes levavam as ordens do govêrno a todas as partes do Imperio. A organização militar usava até condecorações e ordens para fomentar e despertar a ambição. Os soldados usavam um vestido de algodão muito tapado quási impenetravel ás fréchas, e os chefes traziam ainda peitos

ou couraças d'ouro e prata, elmos de madeira, cobertos ás vezes com folhas de prata e ornados com plumas, e ainda braçaes e grevas. A força armada dividia-se em corpos d'exercito de 8.000 homens subdivididos por sua vez em batalhões de 300 a 400 homens, e o armamento consistia em espadas, lanças, maços, arco, fléchas e fundas. Ao entrar em acção era o commandante que levava o estandarte de guerra, e o fim principal era fazer prisioneiros afim de haver victimas humanas para as necessidades do culto.

Entre as sciencias, cujo estudo pertencia aos sacerdotes, era notavel e estava relacionada com o culto a da divisão do tempo. O anno constava de 18 meses, cada um de 20 dias, com 5 dias supplementares no fim do anno, e com os seus dias de festa e de sacrificios fixos. Usavam uma escripta hieroglyphica polychroma que pintavam sobre um tecido de fibras de agave, sobre panno de algodão ou sobre pelles delicadamente preparadas para este fim, e sobre as mesmas substancias traçavam grandes mappas geraes do Imperio, especiaes das costas e das provincias, tanto que de um d'elles se serviu Cortez na sua campanha das Honduras.

Desde o anno de 1502 occupava o throno Montezuma ou Muteczuma, como escreveu Cortez. Era, como todos os soberanos aztecas, ambicioso, e porfiava em extender os limites do seu Imperio e do seu culto nacional, porque era tambem pontifice. Com este zêlo cego e insaciavel tinha levado a guerra a terras afastadas, taes como Guatemala, Honduras (Vera Paz) e porventura a Nicaragua, antes de submetter definitivamente os inimigos mais proximos a Léste da sua capital, que eram os tlascalanos. Arrogante, grave, reservado e soberbo, tinha alienado as sympathias do povo, e percorria ás vezes de noite, disfarçado, as ruas da sua capital para espiar os seus súbditos, como se conta do kalifa Harun-al-Raschid, sob o pretexto de informar-se dos abusos dos seus funccionarios. Havia-se desembaraçado dos seus parentes para estar mais seguro no throno, e deixou-se logo governar e desarmar pela superstição que já referimos, da volta de Quetzalcoatl, annunciada recentemente por signaes extraordinarios. Effectivamente, o fogo havia consumido a tôrre do templo principal; uma luz extraordinaria se tinha visto para o Oriente; tres cometas tinham apparecido no firmamento, e tinham-se visto outros presagios e signaes desusados.

Morreu no anno de 1516 o rei de Tezcuco, e na contenda de successão Montezuma favoreceu o pretendente Cacama, seu sobrinho, ao qual fêz conceder a maior parte do territorio com a capital, em prejuizo do filho segundo do fallecido, Ixtlixochitl, que recebeu sómente a parte septentrional e que por isso mesmo foi desde então inimigo irreconciliavel do monarcha azteca.

N'esta situação estavam as coisas quando Montezuma recebeu a notícia do desembarque dos hespanhoes, nos quaes elle e o povo viram desde logo os descendentes e herdeiros do reformador e deus expulso. O imperador convocou os seus conselheiros; uns, os mais bellicosos e valentes, votaram pela resistencia armada; outros, mais prudentes, aconselhavam a paz. Entre opiniões tão encontradas quis Montezuma proceder a seu talante e escolheu um termo médio, que era o partido mais perigoso. Mandou a Cortez riquissimos presentes, rogando-lhe que renunciasse á sua projectada visita á capital.

Estes presentes consistiam, segundo Bernal Diaz Del Castillo, nos seguintes objectos: primeiro, um disco de ouro do tamanho d'uma roda de carro, que representava o sol, todo de ouro fino e de trabalho delicado, obra d'arte notabilissima que, no dizer dos que o pesaram, valia mais de 20.000 pesos d'ouro; segundo, outro disco maior que o primeiro, mas de prata, de muito pêso, que representava a lua com muitos raios

e figuras; terceiro, um elmo cheio de grãos de ouro como sahiam das minas, de valor de 3.000 pesos, mas na realidade de mais, porque deu a certeza aos hespanhoes de que

Esculpturas de Copan (Mexico).

havia no país ricas minas d'ouro. Enviou-lhe ainda 20 patos d'ouro perfeitamente imitados do natural e de trabalho delicadissimo; figuras de cães, tigres, leões e macacos;

10 collares d'ouro; leques montados em ouro e prata, feixes de pennas verdes as mais formosas; 30 peças de pannos d'algodão com pennas de várias côres entretecidas e outros muitos objectos. Na *Collecção de documentos inéditos* enumeram-se tambem os presentes destinados ao rei Carlos, o qual os recebeu em Valladolid no mês d'Abril de 1520, com a differença de que se avalia o disco de ouro só em 3.800 pesos d'ouro.

Tão maravilhosos presentes não eram de molde a fazerem que os hespanhoes abandonassem o país, porque excitavam ainda mais a sua cobiça, e, por isso, respondeu Cortez á embaixada: que tinha recebido ordem de falar pessoalmente ao imperador. A isto respondeu o monarcha com uma nova embaixada, portadora de novos presentes e com a mesma supplica que da primeira vez; mas tudo foi em vão; os hespanhoes não se afastaram. Então recorreu o imperador a outros meios, e os indios afastaram-se do acampamento hespanhol, que ficou muito em breve sem víveres e em situação crítica. Afortunadamente apresentaram-se então enviados das tribus dos totomacos, phisica e linguisticamente differentes da raça azteca, que habitava a costa ao Norte de Vera Cruz e estava sujeita havia pouco tempo ao sceptro de Montezuma. Estes enviados convidaram Cortez a visitar a sua cidade de Cempoala.

Não precisou de mais o chefe hespanhol para conhecer o fraco do Imperio azteca, que manifestamente tinha no seu seio elementos heterogeneos e irreconciliaveis, aos quaes convinha e era facil attrahir ao seu partido. Antes d'acceitar, comtudo, o convite, fundou uma verdadeira cidade que chamou «Villa Rica de Vera Cruz», nome que representava unidos do modo mais feliz os dois grandes moveis dos hespanhoes: ouro e christianismo. A municipalidade da nova cidade, composta naturalmente de apaniguados de Fernão Cortez, teve de prestar-se á seguinte pequena comedia: Cortez depôs solemnemente perante a auctoridade recem-criada o encargo recebido de Velasquez, governador de Cuba, e a municipalidade de Vera Cruz tornou a nomeá-lo em seguida, em nome de sua Magestade hespanhola, commandante e magistrado supremo d'aquelle país. Com este acto collocava-se a nova cidade sob a protecção e dependencia directa do rei de Hespanha e ao mesmo tempo Cortez sahia do serviço e dependencia do governador de Cuba. Não se conformaram com isto os que queriam permanecer fieis a Velasquez e amotinaram-se, mas, antes de se organizar a sublevação, Cortez fêz prender os principaes instigadores e, feito isto, marchou para Cempoala, cidade hoje em ruinas, mas que então contava de 20.000 a 30.000 habitantes. A população recebeu os hespanhoes com grande apparato e regozijo, e reconheceu o rei de Hespanha como seu soberano legitimo, deixando-se, em prova d'isso, baptisar. Os templos idólatras fôram transformados em igrejas christãs.

Ali informou-se Cortez minuciosamente da inimizade que separava o povo tlascalano da raça azteca, e isto lhe bastou para fixar definitivamente o seu projecto de conquistar todo o Imperio. Antes de pôr mãos á obra, teve o bom senso de deixar tudo bem regulado e disposto para se não criarem obstaculos e embaraços á sua rectaguarda no melhor das suas operações. Com o consentimento dos seus soldados enviou-se todo o thesouro adquirido, em logar da quinta parte sómente, ao rei de Hespanha, emquanto a municipalidade de Villa Rica de Vera Cruz lhe supplicava ao mesmo tempo que confirmasse a nomeação de general em chefe a favor de Cortez. Foi encarregado d'esta missão Alaminos, que partiu em 26 de Julho de 1519 para Hespanha com ordem precisa de não parar em nenhuma parte do caminho, mas por desgraça não o fêz assim, e, atracando em Cuba, soube d'este modo Velasquez de tudo o que succedia por uma testemunha ocular e fidedigna, resolvendo castigar Cortez e a sua gente como sublevados. Por outro lado, estavam conspirando muitos soldados e chefes das forças de

Cortez para separar-se d'este, embarcar furtivamente para Cuba e pôr-se ás ordens de Velasquez, seu chefe legitimo. A ter-se realizado este plano, teria ficado Cortez demasiadamente enfraquecido para levar adiante o seu projecto grandioso com probabilidades de bom exito, mas, informado do caso, tomou uma resolução heroica; mandou executar os chefes da conspiração e, para evitar que se repetisse, fêz destruir todos os seus navios na praia, excepto um pequeno barco, depois da sentença firmada por pessoas peritas que declararam que os navios estavam inutilizados para a navegação no alto mar. Tudo o que era utilisavel, em especial o ferro, foi levado para terra e armazenado. Bernal Diaz Del Castillo (tomo I, 52), rectificando a affirmação do historiador Gomara, de que Cortez tinha mettido a pique os seus navios occultamente, diz: «Todo o mundo sabe que Cortez fêz destruir os navios na praia com o consentimento de todas as tripulações e á vista de todos, afim de que os nossos marinheiros pudessem tambem tomar parte na campanha.»

Já não havia retirada possivel, e tornava-se necessario conquistar a capital do país invadido; vencer ou morrer na demanda.

Deixando em Villa Rica de Vera Cruz 150 infantes e 2 cavalleiros de guarnição, pôs-se Cortez em marcha para Oeste a 16 d'Agosto com 300 soldados hespanhoes, 1.300 guerreiros totomacos, 1.000 conductores de bagagens, 15 cavalleiros e 7 peças de artilheria. Caminhou através das terras tropicaes para internar-se por aquelle lado nas terras altas, e dois dias depois chegou a Jalapa, elevada já a 1.300 metros acima do nivel do mar e fóra da região das palmeiras. Á medida que subia a expedição, mais fresco era o ambiente e ia mudando de caracter a flora; as florestas de carvalhos tinham desapparecido por sua vez, quando o exercito penetrou nos desfiladeiros das serras altas que rodeiam o planalto de Anáhuac, ou seja do Mexico. Tres dias andou através aquellas terras ásperas e deshabitadas, onde succumbiram ao rigor do frio alguns indios naturaes de Cuba, até que finalmente, deixando ao Meiodia a montanha Cofre de Perote, cuja altura passa de 4.000 metros, desemboccou no planalto. Um cacique d'aldeia a quem Cortez perguntou se tambem era súbdito de Montezuma, respondeu-lhe: «Quem o não é? Montezuma é o senhor do mundo.» A população rural mostrou-se pacifica, mas nem por isso deixou Cortez de marchar sempre em ordem de batalha sobre Tlascala, nome que significa Terra do Pão, porque n'esta terra se cultivava milho. O povo tlascalano tinha immigrado para ali no século XII da nossa era e, depois de longas luctas com os aztecas, não só se havia estabelecido no territorio definitivamente, senão que tinha conservado tambem as suas liberdades e sua organização especial; não tinha rei, mas formava uma especie de republica federativa de quatro grupos, governado cada um por um cacique e estes quatro chefes residiam na capital. Este povo oppôs aos invasores uma resistencia decidida e tenaz; houve uma lucta desesperada que durou muitos dias; os hespanhoes perderam dois cavallos, mas, graças aos seus canhões, obtiveram a 5 de Setembro uma victoria decisiva, apesar de terem luctado contra 100.000 inimigos, segundo o cálculo de Cortez. Uma surpreza nocturna disposta pelos de Tlascala ficou tambem frustrada pela vigilancia do chefe hespanhol que obtivera a notícia do plano por um tlascalano prisioneiro. Então os tlascalanos renunciaram a toda a ulterior resistencia; acceitaram as propostas d'amizade que lhes offereceu Cortez, e fizeram a paz com elle, apresentando-se para este fim no acampamento hespanhol pessoalmente o valente chefe Xicotencatl. O que mais havia contribuido para facilitar este resultado foi o boato espalhado pelos guerreiros totomacos de Cempoala, de que os extrangeiros eram inimigos de Montezuma. De resto, sem a alliança de Tlascala difficilmente teria Cortez saído victorioso da sua emprêsa.

O *divide et impera* dos romanos e a prudencia de Cortez em adquirir amigos e preferir a paz onde não era necessaria a guerra, proporcionaram-lhe a victoria final.

Quando as notícias das vantagens obtidas por Cortez sobre os tlascalanos chegaram aos ouvidos de Montezuma que, apesar dos seus immensos recursos, não tinha podido subjugar nunca aquella pequena federação, radicou-se mais e mais na crença de que os hespanhoes eram os herdeiros de Quetzalcoatl, por tantos séculos esperado. Mandou mensageiros sobre mensageiros a Cortez com presentes para desviá-lo da sua intenção de ir á capital.

Os commissionados disseram-lhe que era emprêsa perigosissima a que acommettia, e Montezuma declarou-se prompto a pagar um tributo annual ao rei de Hespanha, comtanto que Cortez desistisse do seu empenho, supplicando-lhe que fixasse a seu gôsto a quantidade e numero de objectos de ouro, prata, pedras preciosas, escravos e pannos de algodão de côr [1]; mas Cortez insistiu na sua declaração de que havia recebido ordem do seu soberano de visitar a capital do Mexico.

Em 23 de Setembro entraram os hespanhoes em Tlascala, que pareceu maior que Granada, ao que observa Lorenzana na sua obra que, a julgar pelas ruinas existentes, não havia exaggero do chefe hespanhol. N'esta capital fêz dizer missa todos os dias em presença d'um grande numero de espectadores; várias tlascalanas distinctas, entre ellas a filha de Xicotencatl, fizeram-se baptisar e casaram com officiaes hespanhoes. Ali tambem pôde informar-se Cortez com exactidão das forças militares do imperador do Mexico. Segundo lhe disseram os tlascalanos, costumava reunir sempre 100.000 homens, quando ia conquistar alguma grande povoação ou provincia, mas os mexicanos eram odiados em todas as provincias e tribus que Montezuma havia submettido e saqueado, de modo que as tropas tiradas com violencia d'estes mesmos territorios pelejavam á força e sem valor. Descreveram-lhe naturalmente o armamento e demais particularidades de tactica e, finalmente, para maior clareza, mostraram grandes pedaços de estôfo, nos quaes estavam representadas as batalhas travadas. De todas estas notícias tirou Cortez a convicção de que o govêrno azteca era um govêrno militar, e que os povos o supportavam por temor.

Depois d'um descanso de tres semanas pôs-se Cortez a caminho para Cholula, uma das cidades mais populosas sujeitas ao imperador do Mexico. Contava 20.000 casas e era emporio de um commercio florescente e de industrias adiantadissimas. N'esta cidade tinha permanecido Quetzalcoatl, segundo a tradição, 20 annos na sua marcha ao longo da costa, e tinha-se construido ali em sua honra um templo grandioso, cuja base, formando degraus, tinha por si só uma altura de 177 pés. No alto do templo estava collocada a imagem gigantesca do deus; mas, além d'este templo, havia na cidade 400 tôrres de sacrificios, e á medida que os hespanhoes se approximavam da metropole do Imperio, mais horroroso se apresentava o culto feroz que tantas victimas humanas necessitava. Viram pendentes de grandes traves jaulas, nas quaes os encarregados do culto cevavam homens e mancebos para que nas funcções religiosas servissem de victimas, com cujo sangue eram aspergidos os altares, o solo e as paredes. Todos estes presos fôram postos em liberdade pelos hespanhoes, que destruiram tambem as jaulas d'aquellas «reses humanas».

Em Tlascala tinham informado Cortez do caracter falaz da gente de Cholula, hypocrita e arteira, mas, tendo levado comsigo 6.000 guerreiros tlascalanos para tomarem

[1] Veja-se Lorenzana, pag. 66.

parte na campanha contra Montezuma, soube de todas as resoluções e traições que estavam preparadas pelos cholulanos. Soube tambem que se havia fortificado uma parte da cidade para a defeza e que muitos habitantes a tinham abandonado. Dona Marina ouviu por sua parte que havia o plano de caír por surpresa sobre os hespanhoes logo depois da partida. Cortez, em vista d'estas notícias, adiantou-se e mandou trucidar uma parte dos chefes e soldados cholulanos, que se tinham reunido para impedir-lhe a passagem, e depois fêz entrar as tropas tlascalanas, acampadas até ali fóra da cidade, e que no seu odio aos cholulanos saquearam e mataram até que Cortez as deteve. Na batalha que se travou nas ruas e casas pereceram umas 3.000 pessoas, e foi tomado e queimado o templo grande. Este castigo, tão rapido como terrivel, d'uma traição concebida e mandada executar por Montezuma, segundo se soube depois, impressionou tanto os habitantes das cidades mais proximas, que, para não incorrerem em igual castigo, se submetteram desde logo voluntariamente.

Regulado tudo isto, seguiu Cortez a sua marcha sobre o Mexico, cuja região se acha separada da de Cholula por uma serra pouco extensa que vae de Norte a Sul e da qual sobresahem alguns vulcões, entre dois dos quaes, o Popocatepetl (Monte fumegante) e o Iztaccihuatl (a Dama branca), passava o caminho. Ao chegar ao ponto mais alto da serra, quis experimentar Cortez se era possivel subir ao cume ou cratera do primeiro e enviou o capitão Diogo Ordaz para proceder á tentativa; mas Ordaz, a certa altura, teve de renunciar á emprêsa por causa do frio intenso, da muita neve e das borrascas de vento. O alto da serra offereceu aos conquistadores um panorama magnifico: o formoso planalto ou valle do Mexico com a capital construida, qual outra Veneza, n'um lago que então occupava maior superficie que hoje e se ligava por Sudeste ao estreito lago de Xochimilco, e mais longe, a Léste, ao circular de Chalco, separado do lago grande por um dique artificial. Além da capital, viam-se muitas cidades e aldeias construidas sobre o lago ou nas suas margens, e n'elle havia jardins fluctuantes, como os ha hoje, que augmentavam a belleza d'aquelle panorama inesperado e singular.

Até ao ultimo momento não se cansou o imperador de mandar mensageiros a Cortez para rogar-lhe que renunciasse a entrar na capital do Imperio; mas o chefe hespanhol manteve-se inquebrantavel e continuou a sua marcha.

Da margem do lago conduziam á metropole tres estradas construidas sobre diques cortados em differentes pontos para facilitar a passagem das embarcações d'uma parte do lago a outra, e servir d'obstaculo a um exercito inimigo quando quisesse entrar na cidade. Sobre estes cortes havia lançadas pontes de madeira que em tempo de perigo se podiam tirar. Além d'isso, a cidade era cruzada no interior por muitos canaes, sobre os quaes havia pontes levadiças para facilitar a communicação entre as duas margens, e as mesmas casas estavam guarnecidas de parapeitos para servirem, cada uma de per si, em caso de necessidade, de fortaleza.

Bernal Diaz Del Castillo que, como sabemos, fêz parte da expedição, pinta na sua obra a impressão que produziu a vista do Mexico aos hespanhoes, servindo-se das seguintes phrases caracteristicas: «Chegámos á larga estrada de Iztallapan, onde, pela primeira vez, chamou a nossa attenção o agglomerado de cidades e aldeias construidas no meio do lago, e o numero ainda maior de povoações importantes nas margens, e a formosa estrada que como uma fita conduzia em linha recta ao Mexico. A nossa admiração chegou ao cúmulo e a todos nós pareceu que estavamos em frente dos palacios encantados do livro de Amadis de Gaula, ao ver sahir as tôrres, templos e casas da agua, e não faltou entre nós quem dissesse que tudo o que via era um puro sonho. Em Iztallapan subiu de ponto a nossa admiração pelo poderio e riqueza d'este país, porque

fomos alojados em verdadeiros palacios de grande extensão, com grandes atrios e construidos de pedras formosamente lavradas e de cedro e outras madeiras odoriferas. Todas as estancias tinham as paredes cobertas de tapeçarias de tecido de algodão.

«Na manhã seguinte continuámos a nossa marcha para o Mexico. O caminho do dique tinha oito passos de largo, mas n'aquelles instantes era demasiado estreito para a multidão de gente que queria entrar na cidade e para a que sahia para ver-nos; de modo que mal nos podiamos mover. Todas as tôrres e templos estavam apinhados de espectadores, e o lago estava coberto de embarcações cheias de curiosos. E havia motivo para isso, porque nunca haviam visto gente como nós, nem tão pouco cavallos. De quando em quando tinhamos de passar uma ponte e diante de nós se ia extendendo a grande cidade do Mexico em toda a sua magnificencia. Não obstante, nós os que cruzavamos entre tão innumeraveis massas de gente, eramos uma partida de 450 homens, com a cabeça ainda cheia das prevenções dos habitantes de Tlascala e outras cidades, e das precauções que nos tinham recommendado para nos resguardarmos e não sermos victimas dos mexicanos. Considerada a nossa situação, bem póde perguntar-se se alguma vez houve homens que se tenham atrevido a semelhante emprêsa» [1].

A cidade do Mexico tinha então, pelo menos, 60.000 casas, o que permitte suppôr uma população de mais de 300.000 almas. Para abastecer tanta gente não faltavam grandes mercados, um dos quaes era tão extenso como toda a cidade de Salamanca, segundo alguns. O templo grande dos sacrificios estava construido sobre uma plataforma, á qual se subia por 114 degraus e d'ali podia dominar-se com a vista toda a cidade. O templo principal tinha 40 tôrres, todas construidas solidamente de pedras lavradas, e exteriormente pintadas. N'estas tôrres tinham as pessoas mais distinctas da cidade os seus ídolos e jazigos de familia. Na plataforma elevava-se o templo, em cuja nave havia dois ídolos cobertos de ouro e pedraria. Ali era o sitio principal dos sacrificios, onde estava o altar de jaspe sobre o qual os sacerdotes degolavam as victimas. As cabeças das victimas eram guardadas empilhadas em tablados, e um dos hespanhoes pretendeu ter contado 136.000 n'um só montão.

20. — Cortez na capital do Mexico

Os hespanhoes entraram na capital a 8 de Novembro do anno de 1519 com musica e bandeiras desfraldadas, seguidos de 6.000 guerreiros tlascalanos. Na rua maior da cidade sahiu a receber o general hespanhol o imperador azteca com um séquito brilhante de 200 homens, que iam todos descalços, menos o soberano, levado por nobres n'uma cadeira com adornos d'ouro, prata, pedras preciosas e pennas verdes. Ao approximarem-se os hespanhoes, desceu Montezuma do seu assento, e, sobre as alcatifas, que extenderam á sua passagem os seus servidores, dirigiu-se para os extrangeiros. O seu traje era sumptuoso e pittoresco; trazia na cabeça um pennacho verde, porque esta côr era o distinctivo do monarcha; e nos pés escarpins cobertos de pedras preciosas e solas douradas. Todos os mexicanos baixaram os olhos, porque, quando andava o soberano entre a multidão, a ninguem era permittido contemplá-lo. Logo que Cortez viu o imperador, apeou-se do cavallo, foi ao seu encontro e ao chegar junto d'elle pôs-lhe ao pescoço uma cadeia de cristaes flamejantes. Quis tambem abraçá-lo, mas impediram-lh'o os dois magnates que estavam ao lado do imperador para que não fôsse pro-

---

[1] Bernal Diaz del Castillo, II, pags. 51 e seg.

fanada a sua sagrada pessoa. Depois de ter feito a Cortez um presente de muito valor, retirou-se o soberano com o seu séquito, e os hespanhoes passaram adiante.

No centro da cidade, n'uma espaçosa praça achava-se o elevado templo do Deus da guerra, onde hoje fica a cathedral, e os diversos edificios adjacentes ao palacio, construido pelo pae de Montezuma, e ao tempo destinado por este para alojamento dos seus hospedes. Os melhores aposentos tinham as paredes cobertas de colgaduras de estofos de côr e o soalho com esteiras. Todo o edificio era d'uma robusta muralha com tôrres, que davam ao conjuncto o aspecto d'uma fortaleza, e assim o considerou o chefe hespanhol, o qual distribuiu as suas sentinellas e rondas pelas tôrres e muralhas

Pedra de sacrificio dos mexicanos.

e fêz collocar os seus canhões ás portas. Pela noite apresentou-se Montezuma para fazer a Cortez a sua visita e contou-lhe, com todos os seus pormenores, a lenda do deus Quetzalcoatl, accrescentando no final da sua narração que, segundo o que até ali tinha ouvido dos hespanhoes, seu país e seu rei, acreditava firmemente que este ultimo era o senhor legitimo e natural do Mexico [1]; pelo que punha a sua pessoa e territorios á disposição de Cortez.

Na manhã seguinte pagou Cortez a visita ao imperador, acompanhado dos quatro capitães: Pedro d'Alvarado, João Velasquez de Leão, Diogo d'Ordaz e Gonçalo de Sandoval. Viram no palacio real varios pateos e n'um d'elles uma fonte a jorrar. Todo o edificio era feito de pedra lavrada; as paredes dos aposentos eram revestidas de mármore, jaspe e porphyro tão polidos que podiam servir de espelho, e ainda cobertas de riquissimos tecidos ou tapetes de pennas que ostentavam aves e flôres bordadas. No decorrer da conversação fêz Cortez saber ao imperador pelo interprete que o seu soberano o tinha encarregado de convertê-lo ao christianismo, e em seguida

(1) Lorenzana: «Acreditamos e temos como certo ser elle nosso senhor natural.»

começou a expôr-lhe os pontos principaes da doutrina christã. O rei, que havia sido pontifice, não quis entrar n'uma discussão sobre qual religião era a melhor; mas antes de terminar a audiencia repetiu que estava disposto a pagar o devido tributo ao rei de Hespanha, seu senhor legitimo.

Bernal Diaz del Castillo, que esteve presente á entrevista, pois fazia parte do séquito de Cortez, ao narrar este successo, descreve nos seguintes termos a pessoa de Montezuma:

«O grande Montezuma podia contar então quarenta annos. Tinha alta estatura, era esbelto, sêcco de membros e estes muito bem proporcionados. A tez não era muito morena e mal se diria que era um indio. O seu cabello não era abundante senão por cima das orelhas que ficavam inteiramente occultas. A barba era rara, mas de bom aspecto. O rosto era comprido e a sua phisionomia serena; os olhos exprimiam conforme o caso doçura ou gravidade.»

Com o consentimento do imperador, organizaram os hespanhoes no seu palacio uma capella para o seu culto e descobriram por este motivo uma porta tapada por detraz da qual estava occulto o thesouro particular do monarcha.

Ao cabo d'uma semana, decidiu Cortez apoderar-se de Montezuma como medida urgente de segurança, por motivo dos recentes successos que haviam occorrido na costa. Cortez tinha deixado ali uma guarnição de 150 homens ás ordens de João de Escalante, e um cacique vizinho tinha surprehendido á traição o destacamento, matando varios hespanhoes e ferindo mortalmente o seu chefe. Logo que Cortez o soube, marchou com uma escolta de homens de confiança ao encontro de Montezuma, a quem accusou de ser o instigador occulto d'aquella traição, e pediu o castigo do cacique. O monarcha accedeu ao pedido, dando logo ordem para se chamar o delinquente á capital afim de responder pelo seu procedimento; mas isto não bastou a Cortez, o qual exigiu que, emquanto o processo estivesse pendente, o imperador se alojasse no palacio occupado pelos hespanhoes. Montezuma offereceu seu filho e suas filhas em refens, mas Cortez não concordou, e insistiu em que só podia garantir a segurança dos hespanhoes a propria pessoa do imperador. Havia durado já mais de meia hora a discussão, quando os officiaes que acompanhavam Cortez perderam a paciencia e Velasquez de Leão exclamou fóra de si: «Para que tantas palavras! Ou vem comnosco de bom grado ou o deixamos aqui morto; porque se trata da nossa vida e, se não a asseguramos d'esta maneira, estamos perdidos» (1).

Esta ameaça produziu effeito: Montezuma cedeu e transferiu-se com os hespanhoes para o alojamento de Cortez, assegurando no transito ao povo que se agglomerou á sua passagem, que ia por sua propria vontade. Installado no palacio dos hespanhoes, foi tratado por estes com todo o respeito devido ao soberano d'um grande Imperio, deixando-lhe toda a sua côrte com as ceremonias e ostentação do costume, com as audiencias privadas e públicas e, emfim, sem pôrem o mais leve obstaculo ao exercicio das suas funcções régias, nem á communicação com o seu povo, como se vê pela narração minuciosa que o mesmo Cortez deixou da vida que levou o monarcha n'aquelle periodo. Além da mudança de domicilio, não se notava á primeira vista nenhuma outra; mas, se não era patente á vista dos demais, não a sentiu menos profundamente o monarcha no seu íntimo.

Entretanto, chegou á capital o governador Quauhpopoca, ou Qualpopoca, como

(1) Bernal Diaz del Castillo, II, 101.

escreveu Cortez, que atacára á traição a guarnição hespanhola de Villa-Rica de Vera Cruz. Ia acompanhado de seu filho e 15 chefes mais, em cumprimento da ordem do imperador. Todos fôram entregues por este ultimo a Cortez, ao qual confessaram unanimemente que tinham procedido por ordem de Montezuma, mas nem por isso se salvaram da morte, sendo queimados vivos na grande praça diante do palacio. Emquanto durava a execução, Cortez fêz algemar o imperador que a presenceava para significar-lhe que fôra o causador do ataque, e depois quis dar-lhe a liberdade para voltar ao seu palacio. Montezuma não acceitou, temendo que, vendo-o livre já dos hespanhoes, o furor do povo estalasse contra estes sem que lhe fôsse possivel detê-lo. Então resolveu seu sobrinho Cacama, senhor de Tezcuco, grande cidade d'uns 150.000 habitantes na margem oriental do lago, acabar d'uma vez com a posição indigna do seu soberano e tio, libertando-o á força do poder dos hespanhoes; mas, como os nobres não queriam comprometter-se sem ordem expressa do imperador, chegou a notícia aos ouvidos de Cortez, que obrigou Montezuma a enviar alguns nobres de Tezcuco empregados no seu serviço para prenderem o seu sobrinho Cacama e em seu nome declará-lo destituido. O mesmo foi feito com os demais conjurados, tudo por ordem de Montezuma, o qual, depois de suffocada esta conjuração, jurou fidelidade e submissão ao rei de Hespanha, em presença dos magnates e caciques reunidos. N'uma allocução aos chefes e principaes do país, que pronunciou soluçando e vertendo lagrimas, disse-lhes que tudo quanto occorria era o inevitavel cumprimento da antiga prophecia de Quetzalcoatl, e terminou por estas palavras: «Obedecei, pois, desde hoje ao grande rei Carlos, vosso senhor natural, e ao general que o representa. Pagae-lhe os impostos que até aqui me tendes pago a mim, e servi-o como me tendes servido a mim» [1]. Cortez ordenou que um escrivão désse testemunho d'esta submissão solemne e ambas as partes o firmaram.

Como senhor do país, mandou Cortez commissarios hespanhoes acompanhados de funccionarios mexicanos percorrê-lo todo e cobrar os impostos, o que fizeram sem encontrar obstaculos até 100 leguas de distancia da capital, regressando carregados de objectos de valor, ouro e prata, aos quaes ajuntou Montezuma por sua parte, do seu thesouro particular, outras preciosidades, que Cortez descreveu na sua communicação ao rei nos seguintes termos: «As alfaias teem, além do seu valor intrinseco, outros méritos inapreciaveis pelas suas fórmas extranhas e pela sua novidade. Nenhum principe da terra póde gloriar-se de possuir preciosidades iguaes: tudo o que Montezuma viu na terra ou tirado da profundidade dos mares o fêz imitar perfeitamente em ouro, prata, pedras preciosas e plumas de côres; e tambem fêz lavrar, conforme os desenhos que lhe dei, crucifixos, medalhas, alfaias e collares ao gôsto europeu. Além d'isso, tem-me presenteado com uma grande quantidade de pannos d'algodão formosissimos, tanto pelas côres como pelo trabalho; colgaduras e tapetes para igrejas e casas, cobertas d'algodão e de pêllo de coelho, e doze tubos de vidro pintados e magnificamente adornados.»

Sem contar os objectos d'arte de mais merecimento que não fôram fundidos, importou a quinta parte do rei, relativa aos tributos e presentes, em 32.400 pesos d'ouro.

Afim de formar uma ideia exacta da extensão do país, das suas costas e muito especialmente dos pontos mais apropriados para ancoradouro de navios, Cortez conseguiu que o imperador lhe désse um mappa pintado em panno. Com a acquisição d'estes

---

(1) Lorenzana, pag. 97.

dados, augmentaram o poder e influencia dos hespanhoes e tudo indicava que a mudança radical de govêrno se realisaria pouco a pouco e da maneira mais pacifica, quando sobreveiu um successo que mudou a situação completamente, obrigando Cortez a abandonar desde logo a capital para defender contra os seus proprios compatriotas as suas victorias e o poder que havia adquirido.

21. — Cortez vence Pamphilo de Narvaez

Informado Velasquez, governador de Cuba, da partida de Cortez e da sua gente, não renunciou a reduzir á obediencia o chefe rebelde e os seus partidarios, nem a juntar o Imperio do Mexico com as suas riquezas ao seu govêrno para ficar com a parte correspondente dos tributos e da prêsa. Tinha-se queixado ao Conselho das Indias e contava com a protecção de Fonseca, o qual, em vez de receber e despachar favoravelmente os mensageiros de Cortez, protrahiu as suas sollicitações. Entretanto, aproveitou Velasquez o tempo, reunindo uma nova expedição composta de mais de 800 homens, entre os quaes 80 arcabuzeiros e 120 bésteiros, 80 cavalleiros e 17 a 18 canhões, cujo commando confiou a Pamphilo de Narvaez com ordem de destituir Cortez e mandá-lo prêso para Cuba. Soube d'isto o vice-rei do Haití, Diogo Colombo, e mandou em seguida o licenciado Lucas Vasques de Ayllon a Cuba para significar ao governador que não hostilisasse de maneira alguma a Cortez para não comprometter o exito d'uma emprêsa tão brilhantemente inaugurada. Velasquez não fêz caso e então julgou Ayllon do seu dever dirigir-se ao Mexico, embarcado em um navio da esquadra de Narvaez, composta de 18 naus, que estava prestes a fazer-se á vela. Chegou Pamphilo de Narvaez com a esquadra a 23 d'Abril de 1520 ao termo da sua travessia, ancorando no mesmo ponto da costa onde Cortez tinha desembarcado, isto é, perto de Villa Rica da Vera Cruz. Ali renovou Ayllon o seu solemne protesto contra todo o procedimento hostil; e então Narvaez prendeu-o, embarcou-o em um dos seus navios e enviou-o de novo para o Haití, onde Ayllon deu conta ao vice-rei de quanto se havia passado. O vice-rei, vendo escarnecida a sua auctoridade, apresentou queixa em Hespanha contra Velasquez e Narvaez, pondo-se assim ao lado de Cortez, o que teve consequencias importantes, valendo, ainda, a Fernão Cortez uma decisão favoravel.

Logo que Narvaez desembarcou a sua gente e material de guerra, intimou a rendição e entrega da praça a Gonçalo de Sandoval, commandante de Villa Rica de Vera Cruz; mas este mandou atar os mensageiros de Narvaez, que eram o padre Guevara e mais cinco pessoas, ao dorso d'outros tantos animaes de carga do país e enviou-os directamente ao Mexico para que apresentassem a sua mensagem a Fernão Cortez em pessoa. Chegaram em quatro dias e, sabendo-o Cortez, mandou desprendê-los antes de entrarem na cidade e mandou-lhes cavallos afim de que pudessem entrar dignamente e apresentar-se a elle. Depois recebeu-os muito cortezmente e custou-lhe pouco a fazer-lhes vêr a situação tal qual era e chamá-los ao seu partido e á bôa causa. Deduziu, além d'isso, com muita satisfação, das suas indicações, que seria tambem facil atrair toda a força enviada contra elle, se se livrassem os homens do temor que lhes inspirava o seu chefe Narvaez que, de resto, não contava com sympathias por causa da sua altivez, presumpção e cobiça.

Em vista d'isto, Cortez mandou ao encontro do seu adversario, juntamente com os embaixadores d'elle, o padre Olmedo, como pessoa habil e prudente, com uma carta amigavel, offerecendo-lhe partilhar com elle a sua auctoridade e poder, não faltando de passagem com bons presentes em ouro para os officiaes do novo exercito. Narvaez

nada quis saber de convenio amigavel, emquanto os dois padres Guevara e Olmedo pela persuasão e pelos presentes de Cortez moveram os soldados a seu favor. Cortez não aguardou a resposta de Narvaez, visto não duvidar da sua negativa, e determinou anniquilar o seu rival antes que elle tivesse tempo de tomar as suas disposições e penetrar no interior do país. Deixou o imperador Montezuma ao cuidado e sob a vigilancia do valente e fiel Pedro d'Alvarado com 140 homens e toda a artilheria, e só com 70 homens escolhidos e 2.000 indios armados de lanças compridas para em caso de necessidade fazerem frente á cavallaria de Narvaez, sahiu no mês de Maio de 1520 da capital para ir ao encontro de Narvaez. Em Cholula juntou-se-lhe Velasquez de Leão com 120 homens que regressavam da costa. Cortez tinha-os enviado com o referido capitão para buscarem um novo porto ao meiodia de Vera Cruz, mas havia-os feito chamar logo que soube do desembarque de Narvaez. Perto de Tlascala encontrou-o tambem, com a sua gente, o padre Olmedo, que regressava com a resposta de Narvaez, e finalmente juntou-se-lhe, perto do Pico de Perote, Sandoval com 60 homens que tinham sahido de Villa Rica para não caírem nas mãos de Narvaez; de fórma que com todos estes reforços reuniu Cortez ao chegar á costa, além dos seus guerreiros indios, um corpo de 260 hespanhoes. Com estes ultimos marchou arrojadamente ao encontro do seu adversario acampado perto de Cempoala. Era uma noite escura e chuvosa, véspera de Pentecostes, quando caíu sobre o seu inimigo, de cuja posição estava perfeitamente informado; e escolheu a noite, porque de dia teria podido ver Narvaez o escasso numero dos que o atacavam, e isto tê-los-hia animado a elle e á sua gente a oppôr maior resistencia. «Quando penetrámos no acampamento chovia fortemente e não se via absolutamente nada, diz Bernal Diaz na sua obra; a lua appareceu muito tarde; mas esta escuridão foi-nos muito util, porque as muitas luzes que revoluteavam fizeram crer á gente de Narvaez que eram outras tantas mexas accesas de nossos arcabuzes e, por conseguinte, pensaram que eramos muitos.» Sabendo Cortez onde se havia alojado Narvaez, foi directamente a essa casa sem excitar alarme algum, até que Sandoval penetrou no interior. Na lucta e confusão que houve, Narvaez perdeu um olho, d'uma lançada, podendo ser feito prisioneiro, com o que cessou tambem o combate que só havia custado a vida a dois hespanhoes. Os soldados do partido contrario acclamaram Cortez, e este mandou levar o chefe e os seus partidarios mais fanaticos para Villa Rica. Na manhã seguinte chegaram os 2.000 homens de tropas indias que Cortez havia deixado expressamente atrás, afim de que não tomassem parte na

Pedra do calendario mexicano.

contenda e se não gabassem depois de terem tambem vencido os europeus. De resto, a sua presença teria sido inutil, como vimos; mas, ainda que esta victoria foi facilima, foi d'uma grande importancia, porque sem ella teria sido impossivel levar a cabo a conquista do Imperio azteca tão brilhantemente principiada. Cortez teve, pois, razão, quando disse, depois da surpreza nocturna, ao seu prisioneiro Narvaez: «Asseguro-vos que esta victoria é um dos feitos d'armas mais insignificantes que temos realizado na Nova Hespanha.»

Tranquillo já por este lado, recebeu Cortez notícias da capital que tornavam indispensavel ali a sua presença immediata, porque Alvarado estava sitiado e atacado no seu palacio por todo o povo enfurecido da capital e pedia o auxilio do seu chefe. Celebrando-se na cidade uma grande solemnidade religiosa com os sacrificios do costume, foi avisado Alvarado de que os patriotas mexicanos tinham convindo em aproveitar esta occasião para caírem sobre os extrangeiros e arrancarem do poder d'elles o seu soberano. Alvarado não quis aguardar o ataque e, adiantando-se ao inimigo, fêz dar uma carga sobre a multidão reunida em frente do seu palacio, fazendo n'ella uma matança horrorosa que custou a vida a muitas pessoas da nobreza azteca. Em consequencia d'isso, levantou-se em massa toda a cidade, atacando o palacio dos hespanhoes com feroz energia.

Cortez deixou os doentes e feridos em Cempoala e apressou-se a marchar com todas as forças disponiveis para a capital. Levava comsigo 1.300 combatentes, entre os quaes 90 cavalleiros, 80 bésteiros e outros tantos arcabuzeiros. Á medida que avançava encontrou mais frieza na população e, quando no dia de São João entrou na capital, pareceu-lhe deserta; os habitantes não acorreram curiosos como da primeira vez. Comtudo, embora tivessem sitiado os hespanhoes, havia duas semanas, não oppuseram nenhum obstaculo á sua passagem.

22. — A conquista da capital

Apenas Cortez se reuniu com Alvarado, emprehenderam os mexicanos um ataque á fortaleza, que durou até á noite, mas que foi repellido pela artilheria. A lucta foi tal, que os parapeitos e muros se viram depois cobertos de fléchas e o sólo de pedras das fundas. Na manhã seguinte fizeram os hespanhoes uma sortida investindo vivamente com as massas impenetraveis dos indios, matando a cada investida e descarga 30 ou 40 inimigos; mas tudo foi em vão; não cederam estes um passo e, em vez de desanimarem, parecia crescer-lhes o valor. Dos eirados choviam projecteis sobre os brancos, e, embora Cortez tivesse mandado incendiar as casas mais proximas, não se propagou o fogo por estarem separadas por fossos cheios d'agua. Vendo a inutilidade d'uma lucta tão obstinada no interior da cidade, quis Cortez que o imperador se mostrasse ao seu povo e lhe dissesse que os extrangeiros estavam dispostos a sahir do Mexico, se não os molestassem na sua retirada. Consentiu Montezuma, e, depois d'um pouco de vacillação, assomou ao eirado da tôrre revestido de todas as insignias imperiaes. Ao vê-lo o povo, calou-se tudo, e o imperador declarou que elle não estava prisioneiro e que os hespanhoes queriam partir; mas esta declaração foi tomada por covardia, e o povo irritado respondeu-lhe que tinha collocado no throno a seu sobrinho, e jurado não depôr as armas emquanto houvesse um hespanhol vivo. Estas palavras fôram acompanhadas d'uma nuvem de fléchas e pedras tão espessa que, antes que os hespanhoes collocados ao lado do imperador tivessem tempo de protegê-lo com os seus escudos, recebeu várias feridas e uma pedrada na cabeça que lhe fêz perder os sentidos. Aquelle

acto dos seus súbditos matou Montezuma; quando voltou a si, recusou a assistencia medica e todo o auxilio; arrancou os pensos e morreu ao terceiro dia, em 30 de junho de 1520.

Com a morte do rei cessou toda a consideração dos aztecas, que já não tinha outro fim senão o exterminio completo dos hespanhoes, para o que levantaram as pontes que facilitavam a passagem dos diques para tornarem mesmo impossivel a retirada de inimigos tão terriveis. Por outro lado, Cortez e os seus começavam a sentir a falta de víveres e não tiveram outro remedio senão emprehender, bem ou mal, a retirada, abrindo caminho á força através dos seus innumeraveis inimigos. Sabedor Cortez da destruição das pontes, fêz construir uma portatil e desmontavel para collocá-la successivamente nas cortaduras dos diques, e n'uma noite escura, 1 de Julho de 1520, pôs-se a caminho, tomando a direcção do dique occidental e levando comsigo como refens as filhas de Montezuma e seu sobrinho, o principe de Cacama. O thesouro reunido teve de ser abandonado em grande parte por causa do seu grande pêso; só o quinto transportado do rei é que foi carregado, distribuindo-se entre um numero conveniente de tlascalanos que morreram todos na retirada desastrosa por causa do mesmo pêso do ouro que lhes estorvava os movimentos. Do ouro que ficou permittiu Cortez a cada soldado tomasse o que quisesse, advertindo-os de que se não carregassem demasiado. Muitos que, não obstante, não seguiram o conselho, na sangrenta refrega nocturna pagaram a sua cobiça com a vida.

O exercito hespanhol com as suas tropas auxiliares indias passou a primeira cortadura do dique com o auxilio da ponte portatil que levou comsigo e, apesar de ser atacada rudemente a coluna á rectaguarda pelos aztecas que se precipitaram em tropel em pós dos invasores, e nos flancos com exito mais terrivel pelos guerreiros que das innumeraveis lanchas á direita e á esquerda do dique lhes mandaram uma chuva ininterrupta de fléchas e pedras. Quando, porém, quiseram passar a segunda cortadura, resvalaram sobre as taboas escorregadias dois cavallos e cairam á agua, arrastando com elles a ponte. Então foi horrorosa a confusão; as primeiras fileiras, impellidas pelas que seguiam atrás, caíram tambem ao lago, estabelecendo-se n'elle outra lucta desesperada entre os que caíam e os inimigos que tripulavam as lanchas, os quaes procuravam, antes de tudo, fazer prisioneiros para depois os sacrificarem aos ídolos. Assim caíram nas suas mãos todos os que quiseram salvar-se a nado. Entretanto foi-se enchendo o vasio da cortadura com os cadaveres de homens e de cavallos e com os canhões e carros, e sobre elles passou a tropa compacta dos hespanhoes, defendendo-se por todos os lados sem espaço para mover-se e perdendo continuamente gente. Ali não se obedeceu á voz de commando, nem prevaleceu outra ideia que não fôsse a da salvação, attingindo quanto antes a terra firme. De 1.300 soldados que sahiram do Mexico com Cortez, só salvaram a vida 440, e mesmo estes estavam todos feridos: mais de 800 morreram ou caíram nas mãos dos aztecas, que os sacrificaram nos altares dos ídolos. Perderam-se tambem todos os canhões, arcabuzes, munições e 46 cavallos, de modo que a cavallaria ficou reduzida a 23 soldados. Esta retirada desastrosa foi conhecida depois com o nome de *noite triste.* Em Popotla mostra-se ainda hoje o cedro sob cuja copa acampou aquella noite Cortez com o resto da sua força armada.

Na manhã seguinte dirigiu-se Cortez para o Norte e depois, dando a volta ao lago para Léste, perseguido pelos mexicanos, levando os feridos gravemente no meio da sua gente, e cobrindo elle proprio com os seus ginetes os flancos do seu pequeno exercito. A 7 de Julho chegou assim ás duas pyramides de Teotihuacan, nome que significa *morada dos deuses,* os dois monumentos talvez mais antigos do Mexico, dos quaes

o maior mede de cada lado da base 208 metros, e 55 de altura, e os dois teem as faces orientadas exactamente segundo os quatro pontos cardeaes. A Léste d'estas pyramides estava postado, na planicie de Otumba, um exercito de 200.000 combatentes mexicanos, ameaçando envolver e anniquilar a exigua força hespanhola, que se encontrava como uma ilha no meio de um oceano embravecido. Mas Cortez soube manter levantado o espirito das suas tropas, gritando: «Não é este o dia em que havemos de ser vencidos» (1).

Nem por isso deixava de conhecer toda a extensão do perigo, porque escreveu depois ao rei: «Pelejámos, por assim dizer, em confusa mescla, julgando este combate o ultimo da nossa vida; tão fracos eramos nós e tão fortes e poderosos os nossos inimigos.» Na peleja recebeu Cortez duas pedradas na cabeça que o deixaram aturdido e foi mistér pensar as feridas que tinham causado; mas em tão crítico momento salvou a situação o soldado de cavallaria, João Salamanca, com um arrôjo quási sem exemplo. Vendo no mais espesso da acção o chefe inimigo que levava o estandarte mexicano, lançou-se para elle com uns quantos cavalleiros atropelando e esmagando quantos inimigos se puseram diante e matou-o, tirando-lhe o estandarte: «e com este trabalho estivemos grande parte do dia, até que quis Deus que morresse uma pessoa, que devia ser tão principal, que com a sua morte cessou toda aquella guerra.» Assim escreveu Cortez ao rei (2). O facto era que a morte do general em chefe foi o signal da fuga geral, ficando os hespanhoes salvos e livres por esta vez. Descançaram, fatigados e exgottadas as forças, tres dias na cidade de Huejotlipan, e d'ali passaram a Tlascala, onde fôram recebidos carinhosamente, podendo com tranquillidade curar os seus ferimentos. Cortez achava-se n'este caso, porque tinha perdido na refrega dois dedos da mão esquerda; os dois ferimentos na cabeça tinham-se inflammado, e estava sériamente doente em consequencia dos grandes esforços physicos e moraes que havia feito. Era natural que em semelhante situação se desalentassem tambem os soldados e que muitos d'elles desejassem voltar á costa. A sua situação tornou-se mais incerta, porque chegou pouco depois uma embaixada azteca do Mexico a Tlascala para convidar este povo a alliar-se com os mexicanos contra os invasores extrangeiros; e o chefe tlascalano, Xicotencatl, não estava longe de acceitar a alliança. Por fortuna seu pae não quis de nenhuma maneira abandonar o seu alliado Cortez.

Depois de restabelecida a gente, e curado Cortez, renasceram tambem os seus brios e com o auxilio dos tlascalanos e em diversos combates em que ficaram vencedores submetteram o país entre as montanhas de Popocatepetl e Citlaltepetl. Entretanto chegaram e annexaram-se a Cortez novos reforços de tropas, enviados por Velasquez, governador de Cuba, na crença de que os enviava a Narvaez, a quem suppunha senhor do país.

Em 30 d'Outubro de 1520 escreveu Cortez a sua famosa carta ao rei de Hespanha, dando-lhe notícia exacta do occorrido e concluindo a sua narração com estas palavras: «Em vista de todas as semelhanças que tenho observado entre os dois países (Mexico e Hespanha), no respeitante a feracidade, extensão, clima, etc., julguei dever chamar a estes territorios a Nova Hespanha do Mar Oceano, e atrevo-me a supplicar a V. M. que confirme este nome.»

Esta carta abriu os olhos ao govêrno hespanhol que pela primeira vez comprehen-

---

(1) Veja-se Sahagun, *Historia da Nova Hespanha,* XII, 27; e Lorenzana, pag. 148.

(2) Veja-se Lorenzana, pag. 148.

deu que Cortez estava submettendo á corôa de Hespanha um Imperio poderosissimo que abundava em preciosos productos; de modo que Pedro Martyr apressou-se tambem *(Opus epistolarum,* Alcalá 1530) na sua epistola 717 a descrever aos seus amigos e protectores a magnificencia da capital «Tenustitan, aliás Mexico», assim como as riquezas do país. Na carta 774 (edição d'Alcalá) datada de 20 de Novembro de 1522, somma o ouro que tinha vindo do Mexico para a Hespanha e diz que ao cabo de 30 annos d'esforços, desde a primeira viagem de Colombo, parecia ter-se encontrado pela primeira vez a India aurifera.

Esculpturas de um palacio em Uxmal.

Cortez decidiu-se por fim a apoderar-se de novo da capital; mas, para não ver-se outra vez exposto aos ataques das lanchas de guerra aztecas, resolveu tornar-se, antes de mais nada, senhor do lago para isolar a cidade da terra firme e reduzi-la pela fome. Para este fim determinou construir uma esquadra, para o que fêz levar as peças de ferro e os apparelhos de Vera Cruz, emquanto se apparelhava a madeira em Tlascala, d'onde fôram levadas depois as peças para as margens do lago afim de serem ali reunidas.

Em meados de Dezembro pôs-se Cortez em marcha de Tepeaca com 550 infantes hespanhoes, 40 soldados a cavallo e 8 ou 9 canhões. As tropas indias alliadas que fôram com elle para conquistarem a sua independencia e libertar-se do pesado jugo dos monarchas aztecas, passavam de 3.000 guerreiros. Com todas estas forças e por um caminho difficil através das montanhas ao Norte de Iz'taccihuatl dirigiu-se a Tezcuco, cujos habitantes abandonaram a cidade, salvando-se uns em embarcações do outro lado do lago, e outros a pé, atravessando as montanhas. Fixou-se com as suas forças em Tezcuco, para onde mandou transportar o material para a construcção de navios, reunido, como dissemos, em Tlascala; e, emquanto se armavam os navios, fêz alargar e aprofundar o pequeno canal que unia a cidade com o lago, distante meia legua, para poder fazer entrar n'elle os treze navios que se estavam a construir.

No Mexico, depois da partida dos hespanhoes, tinha succedido ao fallecido Montezuma seu irmão; e, tendo morrido este, aos quatro meses de reinado, fôra eleito pelos quatro magnates, principaes eleitores, o sobrinho dos dois imperadores fallecidos. Este ultimo chamava-se Quauhtemotzin ou Guatmozin, ou seja Quauhtemo ou

Guatemo, porque a syllaba *tzin* era um distinctivo nobiliarchico, que se accrescentava aos nomes de todos os magnates, razão por que chamam muitos historiadores a Cacama, sobrinho de Montezuma, Cacamatzin. O novo imperador tinha 25 annos de idade; e, prevendo as intenções de Cortez, fêz fortificar a sua capital por todos os lados.

Emquanto proseguiam os trabalhos do canal e da nova esquadra em Tezcuco, Cortez fêz um reconhecimento ao redor do lago para informar-se bem dos recursos e communicações com que contava a capital; e, afim de cortar-lh'os quanto antes, atacou e submetteu as povoações ribeirinhas. Depois, recebeu um novo refôrço que tinha pedido ao vice-rei residente no Haití, o qual lhe enviou 200 infantes e de 70 a 80 cavalleiros, e com esta força atacou a cidade de Xochimilco que em parte estava construida dentro do lago, e cujo nome significa *Campo de flôres,* alludindo aos seus jardins fluctuantes. Na accommettida que Cortez realisou sobre esta praça, faltou pouco para que caísse prisioneiro, porque no mais forte da peleja resvalou e caíu o seu cavallo. Immediatamente se viu rodeado de inimigos, contra os quaes se defendeu com a lança; não tardaria, porém, em cair e ser sacrificado aos deuses, se não o tivesse salvo um criado fiel, tlascalano.

Pouco depois chegou o imperador Mexicano em soccorro da cidade com 2.000 lanças e 12.000 homens, aos quaes Cortez rechaçou, se bem que a muito custo.

Por outro lado, agitaram-se outra vez no seu exercito os elementos affectos a Velasquez, governador de Cuba, os quaes, impacientes e desesperados de lograr os thesouros com que tinham contado ao entrarem em serviço, olhavam as fadigas inauditas a que Cortez os obrigava como um desperdicio de vidas humanas, e conspiravam para assassinarem o general e os seus officiaes mais dedicados e fieis, abandonarem o país e regressarem ao seu. Esta conspiração foi denunciada a Cortez á ultima hora com a lista de todos os conjurados; mas o general sómente fêz executar o chefe da conspiração e rasgou a lista dos demais compromettidos, se bem que por outro lado se rodeou d'ahi por diante d'uma guarda de confiança.

Entretanto, e pelos esforços de 8.000 operarios occupados na abertura do canal, ficou este terminado, dando-se-lhe 12 pés de profundidade, e a 28 de Abril de 1521 passaram por elle os navios á vista de todo o exercito e entraram no lago, onde cada um recebeu uma peça e 25 homens de tripulação. Uma victoria brilhante que estes navios alcançaram sobre as embarcações mexicanas tornou os hespanhoes senhores do lago. A principio Cortez tinha dado ordem de deixar approximar as lanchas aztecas que em numero de 500 haviam sido enviadas para fazerem um reconhecimento, e mettê-las depois a pique a tiros de canhão e infligir um escarmento que provasse aos mexicanos de uma vez para sempre a immensa superioridade nautica dos europeus sobre elles; quando, porém, se avistaram as lanchas inimigas, levantou-se um vento tão favoravel do lado da terra, que Cortez aproveitou esta circumstancia para dar ordem aos navios para avançarem contra as embarcações inimigas com todas as velas soltas para investir com ellas á maneira de arriete, mettê-las a pique e perseguir as que ficassem até á cidade. Assim se fêz; grande numero de lanchas fôram envolvidas e as tripulações afogadas ou mortas pelos perseguidores que navegaram tres leguas pelo lago dentro, alcançando uma victoria muito mais brilhante do que se havia esperado [1].

Com os novos reforços tinha augmentado o numero de combatentes hespanhoes até 800. Cortez dividiu-os em tres secções, ás ordens de Alvarado, Olid e Sandoval; os

---

(1) **Lorenzana, pag. 242.**

dois primeiros, apoiados por alguns bergantins, occuparam os diques do meiodia, que os mexicanos abandonaram ao verem approximar-se os navios hespanhoes, e da mesma maneira occupou Sandoval com a sua divisão os diques do lado Norte. Obstruiram as cortaduras dos diques, se bem que luctando continuamente com os de dentro que faziam o possivel para impedir estes trabalhos, emquanto cortavam os diques n'outros pontos mais proximos da cidade. Esta ficou por fim completamente cercada, não, porém, intimidada, porque os seus defensores mostraram-se resolvidos a pelejar até á morte e «por agua e por terra, diz Lorenzana, davam tantos gritos e alaridos, que parecia que se acabava o mundo».

Pouco a pouco, comtudo, conseguiram os hespanhoes avançar e penetrar na cidade; os canhões destruiram os parapeitos erguidos nas ruas, e os vencedores chegaram até ao grande templo, cujo ídolo fizeram em pedaços. Os indios responderam então com um ataque tão furioso, que fizeram retroceder a infanteria hespanhola; mas salvou-a d'uma mortandade geral o ataque impetuoso da cavallaria.

Ameaçados e atacados os hespanhoes de noite e de dia por todos os lados, convenceram-se da impossibilidade de sustentar-se por então na cidade e voltaram a retroceder; mas tão grande havia sido o effeito das suas proezas, que no campo inimigo começou a propagar-se a convicção da victoria definitiva d'elles. O senhor de Teztuco, que por longo tempo estivera irresoluto, passou-se com os seus 50.000 guerreiros para os conquistadores e outras cidades lhe seguiram o exemplo, reconhecendo a soberania de Hespanha. Os hespanhoes repetiram os ataques; cada dia incendiavam novas casas, reduzindo assim o campo dos defensores que, além d'isso, começaram a sentir os effeitos da fome. Apesar d'isso, repelliram os repetidos offerecimentos de paz que lhes mandou fazer Fernão Cortez, o qual na sua narração se exprimiu, mais tarde, n'estes termos: «Tinhamos penetrado já na cidade um após outro; quatro vezes se tinha repetido a mortandade; uma parte da cidade estava reduzida a cinzas; a maior parte dos terraços estavam destruidos, os obstaculos naturaes e artificiaes tinham sido vencidos, e victoriosos sempre haviamos destroçado o inimigo com os nossos canhões e arcabuzes, razão por que esperava d'um momento para o outro que viessem sollicitar a paz, e o meu coração desejava que déssem este passo necessario; mas convenci-me, irritado pela sua resistencia tenaz, de que era mistér obrigá-los á força, lançando mão do ultimo recurso» (1). Este ultimo recurso era um ataque geral simultaneo pelo Sul e Oeste, que foi executado quando a lucta se tinha prolongado já por espaço de tres semanas. N'este ataque, tendo avançado com demasiada precipitação o capitão Aldarete, sem fazer obstruir bem antes a cortadura do dique para facilitar a retirada, resultou que, depois de chegar até á grande praça do mercado, foi rechaçado pelos aztecas e arrojado á agua com a sua tropa. Cortez correu em seu soccorro com um punhado de valentes, mas foi derribado e ferido n'uma perna na peleja; e já lhe tinham lançado a mão varios mexicanos, que indubitavelmente o teriam levado prisioneiro, se não tivessem chegado a tempo Antonio de Quiñones e outro jovem hespanhol, que se sacrificou generosamente pelo seu general. Apesar d'isso, Cortez não quis afastar-se da peleja, sendo mistér para salvá-lo que varios officiaes o retirassem á força do campo de batalha.

N'este combate morreram 40 hespanhoes e 62 fôram feitos prisioneiros juntamente com muitos feridos, para serem logo sacrificados aos ídolos, pelos sitiados. Ao cair da

---

(1) Lorenzana, pag. 260.

tarde ouviram os sitiantes tocar o grande tambor do templo do Deus da guerra e viram uma grande procissão de guerreiros subindo os degraus com passo solemne até que chegaram á plataforma. Então os sitiantes viram com horror, porque a distancia era pouca, como os mexicanos ornavam com plumas a cabeça dos seus infortunados companheiros, como os obrigaram a dançar diante do ídolo e como a seguir os extenderam um após outro sobre o altar, abrindo-lhes o peito com seus cutellos de pedra lascada [1] e arrancando-lhes o coração palpitante para o offerecerem ao seu ídolo em holocausto.

Na sua narração fala Cortez com horror d'este espectaculo, que gelou o sangue nas veias dos seus soldados.

Depois d'um descanso d'oito dias, ordenou Cortez um novo ataque, dando ordem para arrasar as casas á medida que se conquistassem como unico meio de dominar a cidade, pois que cada casa era uma fortaleza, onde os inimigos se podiam defender. D'esta maneira progrediu a conquista com a destruição; foi destruido o palacio do imperador e a fome augmentou entre os sitiados que se mantinham já sómente de raizes, hervas e até de madeira; mas nem por isso queriam ouvir falar de submissão, preferindo deixar-se enterrar debaixo das ruinas da capital a renderem-se. O cêrco durava havia 75 dias, de 30 de maio a 13 d'agosto, sem que pudesse calcular-se o seu termo, quando foi capturado o imperador Guatimotzin pelos bergantins hespanhoes ao querer fugir n'uma lancha para a margem do lago. Então terminou a resistencia. Cortez accedeu aos rogos do seu prisioneiro e deixou sair livremente da cidade os soldados extrangeiros. Durou tres dias e tres noites aquella procissão ininterrupta de homens, mulheres e crianças, que se arrastavam macillentos e extenuados de fome, pelos diques.

O quadro que offerecia a cidade rendida era espantoso. As casas que tinham resistido até ao fim aos sitiadores estavam cheias de cadaveres, e os mexicanos que fôram encontrados com vida não tinham forças para pôr-se em pé. As narrações dos auctores calculam em 120.000 a 240.000 o numero de baixas da população.

Ao saber-se da queda da metropole, submetteram-se immediatamente os Estados vizinhos.

O ouro recolhido pelos vencedores subiu a 130.000 castelhanos d'ouro. Com o assentimento de todos os hespanhoes fôram enviados ao rei de Hespanha todos os escudos d'ouro e todas as obras preciosas de plumas como unicos na sua especie.

Feita a partilha da prêsa, dedicou-se Cortez á reconstrucção da cidade, demonstrando n'este ponto os seus dotes extraordinarios d'organisador. Mandou aterrar muitos canaes, alargar as ruas, conservando unicamente intacta a rua maior. No sitio do templo principal do Deus da guerra, fêz construir uma igreja dedicada a São Francisco, que em 1573 foi substituida por uma cathedral magnifica dedicada á Assumpção da Virgem; e na praça actual do Matadouro mandou erguer uma cidadella para abrigo dos navios indispensaveis para dominar o lago.

Não tardaram em accorrer das Antilhas e da Hespanha muitas familias que em poucos annos chegaram a 2.000 e em 1524 contou Cortez na nova capital hespanhola 30.000 habitantes. Com a destruição do Imperio azteca desappareceram tambem a sua civilização especial e as suas artes e industrias, pois que com a queda das familias nobres e dos sacerdotes caíu tambem a cultura da raça; mas esta perda, por mais sensivel que fôsse, ficou mais que compensada pela abolição dos horriveis sacrificios huma-

---

[1] Lasca obtida pelo fogo.

nos e pela da anthropophagia. Por outra parte, a mudança radical na organização politica e social e no modo de ser da civilização mexicana deu logar a um envilecimento e a uma desmoralização lamentaveis d'aquelles povos que, como o territorio, fôram repartidos entre os vencedores, livrando-se unicamente da dura servidão os tlascalanos. O clero hespanhol tomou, comtudo, sob a sua protecção, até onde chegavam suas forças, os indios que, por isso, cobraram affecto aos seus protectores e se deixaram baptisar e cathechisar.

23. — Fernão Cortez, logar-tenente do rei na Nova Hespanha

Entre os principes indigenas que se submetteram aos vencedores figurou em primeira linha o soberano de Michoacan, cujos embaixadores deram a Cortez as primeiras notícias exactas da proximidade do Oceano Pacifico e, em consequencia d'isso, o general hespanhol mandou áquellas costas quatro dos seus capitães com as forças disponiveis e a ordem terminante de não voltarem sem terem tomado posse solemnemente d'aquelle mar em nome do rei de Hespanha. Dois d'estes capitães, Sandoval e Alvarado, executaram escrupulosamente a ordem, penetrando com as suas divisões nas terras meridionaes, particularmente na feracissima região do Oaxaca, da qual a metade foi concedida depois a Fernão Cortez como patrimonio particular juntamente com o titulo de marquez do Valle. Seguidamente fôram annexados aos dominios hespanhoes o país de Colima a Oeste, e o de Tabasco a Sudoeste; o rei de Guatemala submetteu-se livremente e, com a conquista do territorio de Panuco, depois d'uma resistencia tenaz, ficou consideravelmente augmentado o dominio da Hespanha do lado do golpho do Mexico.

Mais importancia que todas estas acquisições teve para Cortez o dominio do Oceano Occidental ou Pacifico, porque por aquelle lado julgou dever achar as ilhas d'ouro e das especiarias cuja posse significava para os homens d'aquella época a quinta essencia da riqueza. Logo que se submetteu o territorio de Michoacan, mandou Fernão Cortez construir no porto de Zacatula quatro navios para a exploração do Oceano Pacifico; mas por uma casualidade deploravel incendiaram-se estes navios durante a sua construcção, com o que foi addiada a realisação do projecto.

Até ali tinha sido tão mal apreciada a obra de Fernão Cortez, que não tinha recebido ainda nenhuma communicação escripta do govêrno de Hespanha, nem ao menos uma prova de reconhecimento dos seus méritos, antes, pelo contrario, o bispo Fonseca, director dos negocios das Indias, estava resolvido a destitui-lo como usurpador da auctoridade e rebelde a seu superior. Com este fim, em 11 d'abril de 1521, assignou uma ordem de prisão contra Fernão Cortez, cuja execução commetteu a Christovão de Tapia; mas, quando este desembarcou em Vera Cruz, o chefe que ali mandava não permittiu que penetrasse no interior do país. Vendo Tapia que era completamente inutil insistir, consentiu em deixar ali as suas armas e demais material de guerra mediante a devida indemnisação, e dirigiu-se a Cuba.

A posição de Cortez só se regularisou á chegada a Hespanha do novo rei Carlos V no anno 1522, o qual, quando os emissarios de Cortez lhe apresentaram com as narrações minuciosas do seu chefe, as joias, preciosidades e admiraveis trabalhos mexicanos, encarregou do exame do assumpto e das queixas do governador de Cuba um conselho especial. Este conselho declarou-se e sentenciou a favor de Cortez, o qual, por consequencia, foi nomeado logar-tenente do rei e general em chefe na Nova Hespanha por decreto real de 15 d'outubro d'aquelle mesmo anno.

Só desde então é que Cortez pôde sentir-se seguro na posição que tinha criado, e immediatamente delineou uma série de novos projectos, grandiosos, para robustecer e alargar o poder de Hespanha no Mexico e nos paíse limitrophes, e iniciar e augmentar o conhecimento de novas regiões ainda ignotas ou de situação inteiramente incerta, mas que uma vez encontradas e reconhecidas, deviam contribuir poderosamente para fomentar a prosperidade da Nova Hespanha e do seu logar-tenente. As expedições de conquista e exploração ordenadas por Cortez fôram desde então emprêsas capitaes, encaminhadas já a conhecer e dominar melhor as costas do Pacifico, já a descobrir na America central uma communicação maritima entre os dois Oceanos (1), já a extender os seus dominios e jurisdicção do Sudeste até ao territorio submettido á auctoridade de Pedrarias d'Avila.

A ideia de descobrir a communicação maritima indicada não tinha cessado de perseguir Fernão Cortez desde que Montezuma lhe tinha dado um mappa das costas do seu Imperio; e quantas expedições maritimas e terrestres ordenou desde então, tiveram, além da sua missão immediata, a de indagar a situação e existencia d'aquelle estreito de mar. Os seus capitães buscaram-no simultaneamente nas duas costas oppostas e, além d'isso, Francisco Garay, governador da Jamaica, fê-lo procurar tambem, como se dirá mais adiante, no mesmo anno em que Cortez pisou o solo mexicano. A principio julgou Fernão Cortez encontrar o canal inter-oceanico na proximidade do rio Goatzacoalco, porque n'aquella região assignalava o mappa mexicano uma grande bahia e porto entre duas cadeias de montanhas, e, na verdade, tem o mencionado rio na sua foz a largura d'um kilometro, formando ainda varios alargamentos á maneira de lagos, tendo até acima da cidade moderna de Amatittan ainda uma largura igual á do Rheno perto da cidade de Colonia.

Não encontrando a desejada passagem no isthmo de Tehuantepec, dirigiu a exploração para o segundo estreitamento do continente americano, para o golpho de Honduras, aonde enviou Christovão Olid com ordem d'occupar aquelle territorio. Assim o expôs ao rei n'uma das suas cartas, dizendo que ali existia, segundo a opinião de muitos pilotos, a passagem maritima que ligava os dois mares, e que punha grandissimo empenho em a descobrir, pela immensa importancia que havia de ter para o augmento do poderio de Hespanha (2). Além da expedição de Christovão Olid, mandou seu primo, Furtado de Mendoça, com tres navios pequenos para explorar as costas do mar das Antilhas até Darien em busca do estreito natural, emquanto o primeiro fundava a colonia do golpho de Honduras.

Não o encontrando tambem n'aquella região, Cortez buscou a passagem maritima

---

(1) Reconhecida a inexistencia de uma communicação natural inter-oceanica, logo no meado do século XVI surgia a ideia que só os nossos dias viram concretisada no Canal de Panamá. Esta ideia surge, nitida e completa, em Antonio Galvão, o grande viajante e auctor do já citado «*Tratado dos diversos e desvairados caminhos*», etc. (Lisboa 1563). Galvão dá-nos 4 traçados, a maior parte dos quaes coincide com os projectos preparatorios a que os norte-americanos mandaram proceder nos nossos dias. Esta interessantissima revelação deve-se a Paiva e Pona, tão injustamente esquecido, e foi exarada n'um pequeno artigo datado de 1879 e inserto dez annos depois no *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, sob o titulo de *Le Percement de l'isthme de Panamá, au XVI siècle*.

(2) Lorenzana, pag. 351, e *Collecção de documentos inéditos relativos ao descobrimento*, XII, pag. 62.

mais ao Norte; porque, com a rota para as ilhas Molucas encontrada por Magalhães no extremo Sul da America, adquiriu ainda maior importancia a questão de achar um caminho mais curto e mais directo da Hespanha para as referidas ilhas. O empenho de Fernão Cortez de encontrar este novo caminho faz muita honra á sua sagacidade de estadista, porque, encontrando-o, teria dado evidentemente ao Mexico, e indirectamente á mãe-patria, uma importancia e prosperidades incalculaveis. Veja-se pelas suas proprias palavras como elle proprio se exprimiu a respeito d'esta questão: «*Como tengo contínuo cuidado, y siempre me ocupo en pensar todas las maneras, que se puedan tener, para poner en ejecucion y efectuar el deseo, que yo al real servicio de Vuestra Magestad tengo, viendo que otra cosa no me quedaba para esto, sino saber el secreto de la costa, que está por descubrir entre el rio de Panuco y la Florida:... y de ali por la parte de el Norte hasta llegar a los Bacallaos, porque se tiene cierto que en aquella costa hay estrecho que pasa a la mar del Sur*»...

Cafusa.

A seguir refere-se a um mappa que representa o estreito, porque fala de certa figura que tem d'aquella paragem; e continua fazendo resaltar a importancia d'aquella communicação maritima d'este modo: «Seria a navegação desde a especiaria para esses reinos de Vossa Magestade muito bôa e muito breve, e tanto que seria as duas partes menos, que por onde agora se navega, e sem nenhum risco nem perigo dos navios que fôssem e viessem, porque iriam sempre e viriam através de reinos e senhorios de Vossa Magestade» [1].

Em Zacatula, onde tinham ardido as primeiras caravellas destinadas á exploração da costa occidental, mandou construir outras e em 1523 e 1524 fôram feitas as explorações em ambas as costas do Mexico, mas sem resultado. Não realisou a sua ideia de fazer percorrer todas as costas da parte occidental até ao estreito de Magalhães, porque na sua campanha de Honduras, que descreveremos no capitulo seguinte, convenceu-se de que até ali não havia communicação entre os mares, e o mesmo se sabia dos territorios mais ao Sul que formavam o govêrno de Darien.

Desenganado por aquelle lado, ficava ainda a esperança de encontrar a passagem pelo lado do Norte; mas para emprehender estas expedições era indispensavel submetter e reorganizar primeiro o dilatadissimo territorio da Nova Hespanha e as communicações interiores, sobretudo, com a costa do Pacifico. Dedicou-se primeiramente Cortez a organizar o territorio mexicano, começando por ordenar uma estatistica das cidades, aldeias e habitantes; fomentou a agricultura, introduzindo e aclimando a videira, a oliveira, a larangeira, a amendoeira, o alperce e a cana de assucar; offereceu premios

---

[1] Veja-se Lorenzana, pag. 382.

aos que encontrassem minas de cobre, metal tão importante para a fabricação d'armas e, em especial, do bronze para a artilheria; e, na verdade, não tardaram em fundir-se canhões no Mexico e em fabricar-se a polvora, pois se encontraram em abundancia salitre e enxofre.

Podendo contar já com munições de guerra sem depender das remessas de Hespanha, mandou duas expedições militares a Sueste para explorarem e submetterem aquelles territorios; uma ás ordens de Alvarado, que se dirigiu por terra á costa do Pacifico e chegou até ao territorio da actual republica de São Salvador, depois de passar pela de Guatemala; e a outra, capitaneada por Olid, dirigiu-se por mar a Honduras.

Alvarado partiu primeiro em demanda da nação civilizada que, no dizer dos naturaes, habitava o país ao Sul de Tabasco, e como o rei de Tehuantepec se tinha submettido voluntariamente ao novo senhor do Mexico, tambem o de Soconusco declarou a sua submissão a Alvarado, quando este se lhe apresentou.

Alvarado pôde, por conseguinte, penetrar no territorio de Guatemala, em cujas terras elevadas se havia estabelecido a nação que a fama tinha descripto como muito adiantada e que o era na realidade; mas então dizimada, ou antes, reduzida a metade pelas epidemias, não teve brios para oppôr-se ao invasor. Recebeu, pois, amigavelmente os seus embaixadores e despediu-os com ricos presentes, que não fizeram senão excitar a cobiça dos hespanhoes e, em particular, de Alvarado, e incitá-los a conquistar aquelle país. O nucleo d'esta nação era formado por tribus *mayas,* como os quichés, os cachiqueles, que então eram a tribu mais poderosa, e os zutugiles. Só desde 1500 é que esta nação e seu territorio tinham feito parte do Imperio azteca; mas, com a conquista d'este pelos hespanhoes, os mayas haviam recobrado a sua anterior independencia. A civilização datava dos toltecas, povo que n'uma antiguidade remota tinha levado a sua adiantada civilização ao centro da America e, por conseguinte, tambem ao Imperio quiché ou maya, onde recordavam a sua presença muitos monumentos magnificos, taes como templos com eirados e palacios cobertos de riquissimas esculpturas pintadas, cujas ruinas se começam agora a estudar, mas que na sua maior parte se acham ainda ignoradas e occultas debaixo da exuberante vegetação tropical das selvas virgens [1]. As suas armas eram espadas de madeira, guarnecidas de pedras cortantes, arcos, fléchas, a miude envenenadas, lanças e fundas. Os guerreiros usavam couraças grossas de algodão que lhes chegavam até aos pés e faziam as vezes de armadura, muito embaraçosa. O culto era muito semelhante ao dos aztecas.

Alvarado com 120 cavalleiros e 300 infantes hespanhoes, e 20.000 guerreiros indigenas, que havia reunido em Soconusco, penetrou em Guatemala no mês de Fevereiro de 1524. Sem encontrar grandes difficuldades atravessou os barrancos e desfiladeiros e chegou ao planalto, onde se lhe oppôs um exercito de 60.000 guerreiros, ao qual venceu em differentes acções, graças principalmente á sua cavallaria que envolveu os guerreiros inimigos peiados nos seus movimentos pela sua incommoda armadura de algodão. Ali fundou Alvarado uma colonia como centro de conquista e d'operações chamando-lhe Quetzaltenango, da magnifica ave no idioma quiché Quejal e Quetzal, e cujas pennas verdes brilhantes e compridas eram o distinctivo da nobreza indigena.

---

(1) Vejam-se sobre isto os ultimos descobrimentos nos *Comptes rendus de soc. de geogr.* Paris, 1882, pags. 546 e seguintes, e a obra ingleza de A. P. Maudslay: *Exploration in Guatemala and examination of the newly-discovered Indian Ruins of Quirigua, Tikal and the Usumacinta, in Proceedings of the royal geogr. soc.* Londres. Abril, 1883.

A Léste da nova cidade renovou o rei Tecum Umam o combate atacando os invasores e, luctando corpo a corpo com Alvarado, fêz caír o cavallo d'este, mas morreu ali mesmo atravessado pela lança do seu adversario. O seu successor submetteu-se na apparencia ao vencedor, ao qual convidou a passar com os seus á sua capital Utatlan, que se achava proxima do sitio que hoje é occupado por Santa Cruz do Quiché, e cujo palacio real tinha fama de ser um dos monumentos mais bellos de toda a America central. Ao entrar na cidade, começaram os hespanhoes a conceber suspeitas, porque viram todos os habitantes armados, e as ruas tão estreitas que os cavallos mal podiam mover-se, notando, além d'isso, que em todas as casas havia grandes montões de lenha e de juncos. As tropas auxiliares indias não tardaram em saber que o plano do rei era queimar a cidade e n'ella os hespanhoes, depois de ter destruido as pontes para impossibilitar a retirada. Alvarado, não obstante, como quem nada suspeita, assistiu a cavallo á assembleia dos nobres quichés e, depois da primeira entrevista, retirou-se, pretextando ter que cuidar dos cavallos. Uma vez no seu acampamento, aguardou que o rei lhe pagasse a visita, como o fêz, na verdade, acompanhado dos seus nobres e grandes dignitarios, e aproveitou a occasião para apoderar-se de toda a comitiva. Deu a entender ao rei que poderia recuperar a sua liberdade em troca d'um crescido resgate de ouro; mas, sem aguardar tal resgate, a sua comitiva foi em parte enforcada e em parte queimada viva, e ao chefe foi-lhe concedida sómente a mercê de receber as aguas do baptismo antes de morrer enforcado, por sua vez, sem processo nem sentença, segundo diz Las Casas. O palacio-fortaleza foi arrasado e o país submettido (1).

Em Abril de 1524 passou Alvarado a Patinamit, capital da outra tribu maya poderosa dos cachiqueles em Guatemala tambem, mas o velho rei, para poupar o país aos horrores da guerra e evitar-lhe o ser assolado, sahiu em procissão solemne a receber os hespanhoes e submetteu-se ao invasor.

D'ali enviou Alvarado ao rei de Amatitlan a sua intimação para que se submettesse; mas aquelle cacique, em resposta, fêz matar os embaixadores, provocando assim a vingança e o castigo. A capital, onde se erguia o castello real, estava construida no lago de Atitlan, situado a 1.000 metros acima do nivel do mar nas altas cordilheiras, n'um sitio pittoresco e rodeado de tres vulcões. Um dique com várias cortaduras que se transpunham por meio de pontes, conduzia da margem do lago á cidade.

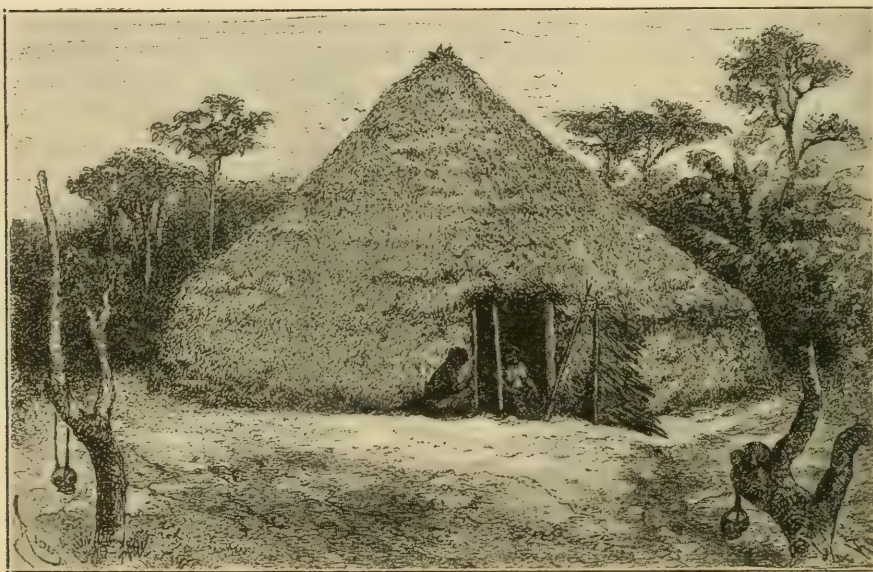
Deu-se a batalha na margem do lago e, quando os indios derrotados fugiram para dentro da cidade, os hespanhoes não lhes deram tempo de erguerem as pontes, e penetraram após elles no interior da cidade e do castello; com o que ficou vencida toda a ulterior resistencia e o povo submettido.

D'ali desceu Alvarado á costa do Pacifico a Escuintla (Itzcuintlan), necessitando de tres dias para esta marcha penosissima através de selvas virgens enredadas. Na planicie alternavam trechos cultivados, com pantanos. A cidade foi tomada por surpreza e o povo submetteu-se. D'ali por diante encontrou Alvarado todos os indios em armas, aggregando-se a esta difficuldade a de começar então a época das chuvas, que tornavam o país intransitavel; mas, apesar de tudo, atravessou uma série de cidades da costa até chegar ao territorio que hoje forma a republica de São Salvador. Antes de chegar á cidade de Acayutla, encontrou um exercito numeroso n'uma posição muito forte, decidido a impedir-lhe a passagem. Com uma retirada fingida conseguiu Alvarado tirar o inimigo da sua posição vantajosa, e então tornou a investir contra os indios e

---

(1) Las Casas, *Brevissima narração*. Sevilha, 1552.

derrotou-os completamente, apesar do seu valor, porque tambem ali, embaraçados com as armaduras, fôram envolvidos pela cavallaria. Alvarado recebera na acção varios ferimentos e, irritado por isso e pela resistencia tenaz que em geral havia encontrado, permittiu que os indios que não conseguiram fugir fôssem passados á espada sem misericordia. Assolando tudo á sua passagem, os hespanhoes chegaram até Cuscatlan, hoje São Salvador, e d'ali, as chuvas obrigaram-nos a regressar a Guatemala.

Com novos reforços recebidos do Mexico pôde depois Alvarado suffocar várias sublevações dos indigenas, fundando em 1525 a cidade de São Salvador, e o país ficou definitivamente incorporado nos dominios hespanhoes. Como se havia feito no Mexico, o territorio e os habitantes fôram repartidos entre os conquistadores com grandissimo

Choças de indios oriundos do Içá. Amazonas (Brazil).

damno da cultura que tinham alcançado e que desappareceu como n'outras partes, apesar das leis promulgadas em 1529 a favor dos indios e não obstante a sollicitude com que os frades dominicanos procuraram desde 1538 arrancar os indigenas do seu embrutecimento progressivo.

Mas, depois de ter sahido Alvarado para a sua missão, fez-se á vela, com destino á sua, Christovão d'Olid, fidalgo natural de Baeza ou de Linares, o qual sahiu em 11 de Janeiro de 1524 da bahia de Vera Cruz com ordem de Fernão Cortez, como já dissemos antes, para estabelecer uma colonia na costa de Honduras, além da peninsula do Yucatan, afim de servir de centro de operações no Sudeste da Nova Hespanha. A esquadra, composta de quatro navios grandes e um bergantim, commandados por Furtado de Mendoça, levava a bordo 400 soldados hespanhoes e tinha ordem de atracar em Cuba para tomar ali as provisões necessarias, e, depois de ter desembarcado em Honduras a expedição terrestre, marchar em demanda da passagem maritima. Esta parte da missão incumbida ao primo de Cortez, Mendoça, não pôde realizar-se por causa do procedimento desleal de Olid, que, segundo diz Fernão Cortez, se deixou seduzir por Velasquez ao atracar em Cuba, e se pronunciou contra o seu general

em chefe, estabelecendo-se na sua nova colonia de Honduras como general e governador independente, para o que lhe prometteu o de Cuba o seu mais efficaz apoio moral e material. Cortez, sabedor d'isto, escreveu ao rei que, se viesse a ser verdade, passaria com força armada a Cuba, apoderar-se-hia de Velasquez e o mandaria prêso para Hespanha. A *Narração e informação da viagem que fêz ás Higueras o Bacharel Pedro Moreno,* publicada na *Collecção de documentos inéditos relativos ao descobrimento* (XIV, pags. 236 a 264) reproduz as declarações das testemunhas oculares feitas perante o tribunal, na causa instaurada a Christovão d'Olid.

De Cuba marchou Olid com a esquadra para o ponto que Cortez lhe indicára, no golpho das Higueras, como se chamava então a parte mais interior do de Honduras; desembarcou a 3 de Maio de 1524 a 15 milhas a Léste do porto de Cavallos, e tomou posse do país em nome do rei de Hespanha na qualidade de agente e subordinado de Fernão Cortez. Fundou ali, como Cortez lhe mandára, uma cidade que chamou, em memoria do dia do seu desembarque, Triumpho da Cruz. Nenhum obstaculo offereceram os indigenas, os quaes em todo aquelle país se mostraram tão pacificos, que os hespanhoes puderam percorrê-lo a seu gôsto até muito longe sem serem molestados, ainda que andassem dispersos e isolados.

Comtudo, não tardou que Olid realisasse o seu projecto de rebeldia, logo que se assegurou do consentimento da maior parte dos seus subordinados, nem tardou Cortez em sabê-lo por via de Cuba, motivo pelo qual mandou em seguida á nova colonia seu cunhado Francisco de Las Casas com 4 navios e 150 homens. Quando chegaram, Olid oppôs-se ao seu desembarque [1]; ao que respondeu Las Casas, apoderando-se dos navios que Olid tinha e cujas tripulações se refugiaram em terra. Então pediu Olid um armisticio com o pretexto de preparar a entrega da colonia mas, logo que Las Casas lh'o concedeu, aproveitou esta pausa para chamar do interior o capitão Pedro de Briones com o destacamento que para ali tinha enviado. Briones, avisado por Las Casas a tempo, preferiu não obedecer d'esta vez ao seu superior immediato. Vê-se, pois, aqui, diz H. H. Bancroft na sua Historia dos Estados do Pacifico [2], uma série de insubordinações, principiando pela de Velasquez, governador de Cuba, que zomba das ordens do vice-rei, Diogo Colombo, residente em São Domingos, capital das Indias occidentaes, seguindo pela de Cortez que, uma vez chefe d'uma grande expedição maritima, desobedece ao seu superior Velasquez, continuando pela de Olid que se insubordina contra Cortez para tornar-se independente d'elle, e pela de Briones que desobedece a Olid para não participar da responsabilidade da sua rebeldia.

Na noite seguinte uma tempestade arrojou toda a esquadra de Las Casas contra a praia, afogando-se 40 homens, emquanto o resto com seu chefe caíu em poder de Olid, como igualmente Gil Gonzalez com a sua gente, o qual, enviado de Santa Maria, a Antiga, por Pedrarias d'Avila, acabava de chegar do Sul sem plano determinado. Olid tratou os chefes com muita benevolencia, alojando-os em sua casa e fazendo-os sentar á sua mesa, talvez para attraí-los para o seu partido; mas enganou-se completamente, e a sua bondade só facilitou o entendimento entre aquelles dois chefes, que certo dia se lançaram sobre o usurpador desarmado. Olid, comtudo, conseguiu escapar-se e occultou-se na

---

[1] Veja-se a narração que Cortez dirigiu ao imperador Carlos V a 3 de Setembro de 1525, de Temixtitan (Mexico) e que se encontra na «Collecção de documentos inéditos para a Historia de Hespanha», IV, pag. 113.

[2] H. H. Bancroft, *History of the pacific States*, tomo I, pag. 530. Londres, 1883.

floresta proxima, onde foi descoberto e denunciado por um clérigo; e, como a sua gente não quisesse declarar-se em aberta rebellião contra o representante do superior legal, do seu partido, foi capturado em breve. Las Casas instaurou-lhe o respectivo processo criminal e o infeliz pagou a sua rebellião com a vida.

Senhor da situação, Las Casas fundou a cidade de Trujillo em 18 de maio de 1525 [1]; dando logo a todos os hespanhoes que não quisessem ficar na nova colonia, licença e salvos-conductos para regressarem como quisessem ao Mexico ou á Hespanha.

24. — Expedição de Fernão Cortez a Honduras

A nova colonia de Honduras tinha para o logar-tenente da Nova Hespanha grandissima importancia como ponto estrategico avançado dos dominios submettidos e que por aquelle lado pudesse ainda submetter á sua jurisdicção. Por isso aguardava ancioso notícias de seu cunhado, que não podiam chegar attendendo a que os seus navios tinham naufragado na praia e elle proprio tinha caído prisioneiro do rebelde. Este silencio fêz temer a Cortez que seu inimigo Velasquez se tivesse feito, com Olid, já senhor de Honduras, d'onde podiam ambos fazer-lhe muitissimo damno e indirectamente ao país onde se havia fixado. N'esta incerteza da sorte de Las Casas e da colonia, resolveu ir ali em pessoa com a força necessaria para castigar o seu subordinado e restabelecer a sua propria auctoridade.

Nomeou seu logar-tenente durante a sua ausencia o thesoureiro, Alonso de Estrada, e em outubro de 1524 saíu com as suas forças da capital, levando comsigo o ultimo imperador azteca, Guatimotzin, com outros principes e magnates e na qualidade de interprete a fiel Dona Marina. Escolheu o caminho de terra, tomando por guia um mappa azteca que lhe foi muito util na primeira metade da sua expedição por indicar a situação das localidades mais importantes. D'esta maneira estava certo d'encontrar tambem a communicação maritima entre os dois Oceanos, se realmente existisse por aquelle lado, e, quando não, offerecia-lhe a rota terrestre a melhor occasião não sómente de encurralar o usurpador Olid, mas tambem de estudar o país e até de descobrir novas terras e povos; «porque, diz Bernal Diaz del Castillo, que tão graphicamente soube retratar Fernão Cortez, quando os seus pensamentos se elevavam sempre a grande altura, quis imitar em tudo o rei Alexandre da Macedonia» [2].

O exercito expedicionario compunha-se de 140 arcabuseiros e bésteiros, 93 cavalleiros e 3.000 homens de tropa auxiliar indigena. Desde a capital e do planalto de Anáhuac até ao país de Tabasco pôde aproveitar as estradas feitas pelos aztecas e assignaladas no seu mappa, sendo facil d'esta maneira a orientação, mas desde o isthmo de Tehuantepec até onde começa a peninsula do Yucatan, uma rêde confusa de rios corta o territorio chão da costa, separados por pantanos dilatados e selvas, entre as quaes formavam oasis pequenos os territorios cultivados das povoações indias que só communicam entre si pelas muitas vias fluviaes, tendo Cortez que passar a maior parte d'estes rios lançando pontes, que o fizeram perder muito tempo, ao passo que a manutenção do seu exercito consideravel encontrou em tantas e tão extensas terras virgens difficuldades extraordinarias e cada dia maiores. Em Tabasco, entre Chilapan e Tepetitan, enterraram-

---

[1] A acta official da fundação encontra-se na Collecção de documentos inéditos relativos ao descobrimento, tomo XIV, pag. 44.

[2] Veja-se a sua obra; III, 251.

se os cavallos nas terras pantanosas até ao ventre [1]. As povoações indias estavam quási todas reduzidas a cinzas e abandonadas, tendo os habitantes fugitivos levado comsigo as provisões e comestiveis, e deixando muito pouco para os invasores, os quaes tiveram de manter-se, muitas vezes, de maçarocas verdes de milho. Para não expôr toda a expedição a morrer de fome n'aquellas solidões, decidiu-se Cortez a fazer explorar o país em differentes direcções por alguns destacamentos. Em Tepetitan, escreveu ao imperador: «encontrámos um só indio que não conhecia o caminho para a povoação mais immediata, Iztapan, notada no meu mappa. Disse que não havia caminho terrestre que conduzisse ali, mas encarregou-se de guiar-nos. Com este indio mandei adiante 30 cavalleiros e 30 infantes com ordem de demandarem Iztapan e trazerem uma descripção exacta do caminho que teria que seguir, e resolvi dar descanso á tropa até que recebesse notícias. Ao cabo de dois dias, não recebendo nem carta nem novas, e escasseando já os víveres, resolvi seguir adiante sem guia, contando unicamente com as pégadas que a vanguarda tivesse deixado nos pantanos que cobriam todo o país, e posso assegurar a V. M. que até nos sitios mais elevados se enterravam até á cilha os nossos cavallos que levavamos á rédea. Assim marchámos dois dias sem receber nenhuma notícia, de sorte que não sabia o que havia de fazer. Era impossivel voltar atrás; e passar adiante sem saber ao certo o caminho que convinha seguir, era não menos perigoso. N'este apuro, quando exhaustos e desanimados temiamos morrer ali de fome, chegaram dois indios com cartas da nossa vanguarda...»

Esta tinha chegado, com effeito, a Iztapan, cidade rodeada de pantanos, situada nas margens d'um grande rio e com uma população india numerosa que se julgava inteiramente segura de qualquer ataque, confiada nos obstaculos naturaes do logar. Ao verem que os cavalleiros hespanhoes atravessavam o rio a nado montados nos seus cavallos, quiseram pegar fogo ás casas, o que foi impedido pelos hespanhoes, mas não puderam obstar a que os indios fugissem em canôas e a nado, afogando-se muitos. Animado com estas informações, pôs-se o exercito em movimento, e chegou a Iztapan, onde se refizeram todos, porque encontraram abundancia de víveres e conseguiram tranquillizar os habitantes e fazê-los regressar. Segundo a descripção, devia estar situada esta povoação nas margens do Usumacinta, o rio mais consideravel da America central, cuja bacia comprehende toda a parte septentrional da actual republica de Guatemala, e que desagua depois d'um curso de 100 leguas na lagôa de Términos.

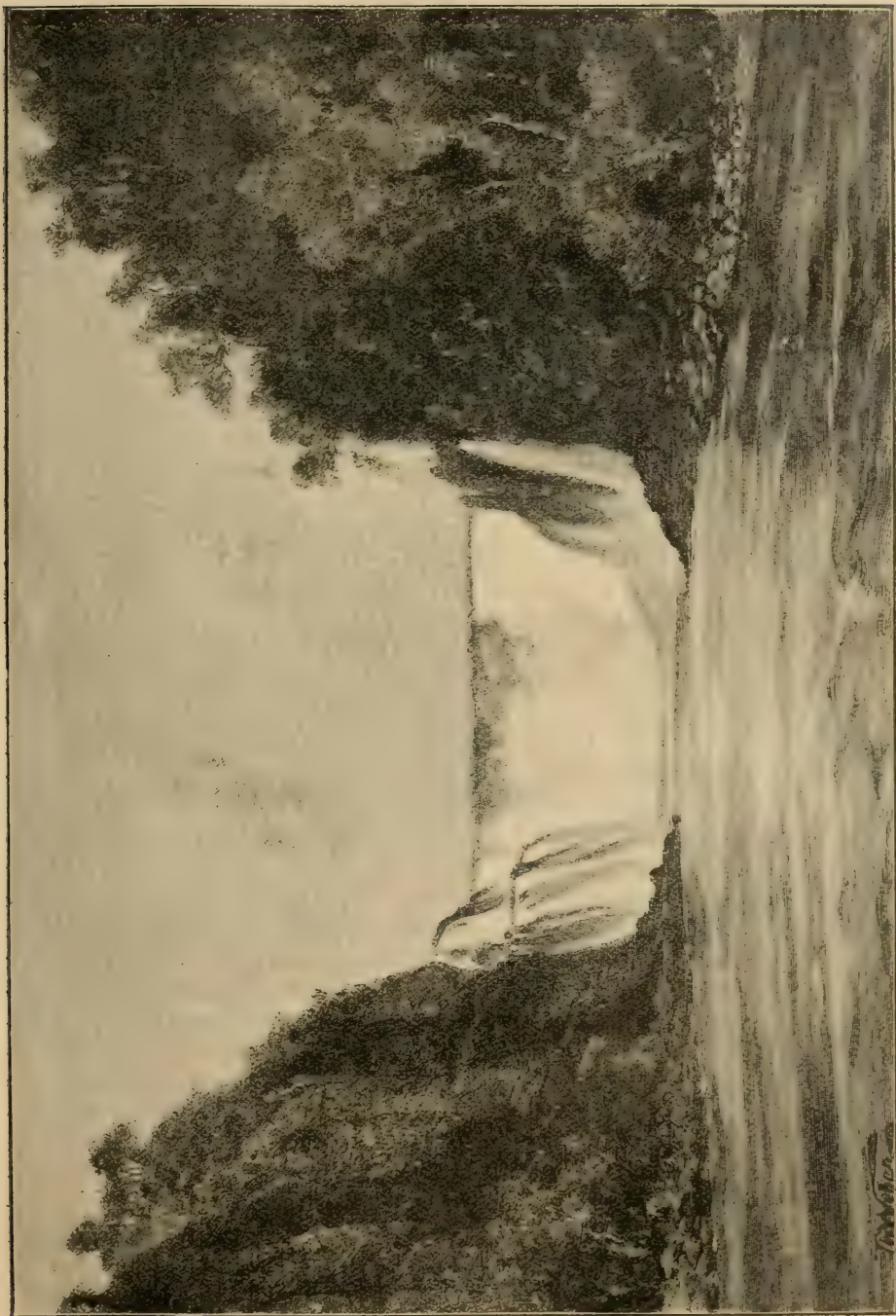
Proseguindo depois o exercito a sua marcha para Sudeste, entrou na selva virgem mais intrincada e impenetravel, onde os guias indios se perderam e, mesmo subindo ás arvores mais elevadas, não conseguiram ver mais longe que um tiro de pedra. Foi preciso retroceder; os cavallos nada tinham comido havia 18 horas e os homens estavam mais mortos que vivos de fome e de cansaço. «Então, diz Cortez na citada narração ao imperador, recorri a uma agulha de marear, que trazia commigo, por onde muitas vezes me guiava, posto nunca nos tivessemos visto em tão extrema necessidade.» Informou-se dos indigenas sobre a localidade aonde pensavam guiar a expedição, e d'estes dados concluiu que chegariam lá tomando a direcção Nordeste. Para aquelle lado abriram, pois, um caminho e chegaram finalmente, sendo tão grande a alegria que despertou a vista da aldeia, que as tropas na sua maior parte, não fazendo caso dos dilatados pantanos, correram para ella, ficando muitos cavallos tão enterrados no lodo, que só puderam ser tirados no dia seguinte. A fome das tropas era tão grande, que não podiam

(1) Veja-se a Narração de Fernão Cortez, feita ao imperador Carlos V.

perder mais tempo com as suas montadas, que por fim vieram a ser todas salvas. A aldeia, situada nas margens do mesmo rio Usumacinta, estava abandonada e reduzida a cinzas, mas tinham ficado tão consideraveis montões de víveres, que todo o exercito pôde refazer-se ali em oito dias.

Reconhecida a impossibilidade de passar a Honduras em linha recta, foi preciso descrever um grande circulo para o Norte a fim de ver se, passando pelo Yucatan, se chegava áquelle país. O exercito atravessou um rio e dirigiu-se á terra de Acalan que confina com a Lagôa de Términos; mas, depois de tres dias de marcha através de serras e selvas, chegou a um lago pantanoso tão grande que os expedicionarios julgaram precisar de 20 dias para torneá-lo. Mandou, pois, Cortez sondar a agua n'uma pequena canôa que casualmente se encontrou por ali, e viu-se que a profundidade de agua era de quatro braças, com duas de limo, como indicaram as lanças que ligadas uma a outra se enterraram no fundo, de fórma que ali não havia vau, nem podia atravessar-se a lagôa a cavallo nem a nado pelas muitas arvores e raizes que estorvavam por toda a parte a passagem. Em tão crítica situação e parecendo não ter a lagôa mais que 500 passos de largura, determinou Cortez construir uma ponte, para o que mandou fazer jangadas e cravar no fundo do lago as estacas sobre as quaes devia apoiar-se o taboleiro; mas este trabalho tão fatigante exgottou as forças dos hespanhoes que por alimento só tinham plantas e raizes silvestres, e finalmente declararam que não podiam continuar. Então disse-lhes Cortez que concluiria a obra com o auxilio dos indios, aos quaes prometteu recompensar liberalmente no seu regresso ao Mexico, accrescentando que do outro lado do lago ficava a terra feraz de Acalan, e que não havia outra alternativa senão transpôr a agua ou morrer de fome, porque ir para trás era impossivel, attendendo a que os rios crescidos pelas chuvas tinham arrastado todas as pontes que o exercito tinha construido para a sua passagem. Estas reflexões produziram o effeito desejado; indios e hespanhoes trabalharam á porfia e quatro dias depois ficou estabelecida a ponte, para a qual tinham sido cortados e cravados no fundo do lago uns 1.000 troncos d'arvores. Não acabaram ali as difficuldades; passada a ponte, o exercito encontrou outra vez pantanos onde se enterravam os cavallos tanto, que os cavalleiros tiveram que levar feixes de matto para pô-los debaixo das barrigas das montadas afim de que não se enterrassem completamente e se perdessem de todo.

Em tão terrivel situação regressou com víveres uma columna composta de hespanhoes e de 80 indios mandada adiante e que havia chegado a Acalan, cuja capital, Zancanar (Isancanas), estava situada nas margens d'uma enseada ou bahia que chegava até á lagôa de Términos. Por felicidade o rei d'Acalan auxiliou os hespanhoes até onde alcançaram os seus meios, e mostrou a Cortez, n'um mappa pintado ao estylo do país n'um panno, o caminho que havia de seguir.

No primeiro domingo da quaresma do anno 1525 Cortez pôs-se novamente em marcha com o seu exercito com guias indigenas, propondo-se averiguar de passagem se, como se dizia no país, era uma ilha o Yucatan do Nordeste. Durante a marcha pelo territorio d'Acalan, Cortez decretou a morte de Guatimotzin e do rei de Tacuba, porque entre os dois tinham formado o plano de matar todos os hespanhoes sem exceptuar o seu chefe, fazer um appello ao povo mexicano e sacudir o jugo extrangeiro. Não consta que tal conspiração existisse realmente; e a precipitação com que Cortez, á primeira notícia do plano, tomou as declarações, e a pressa com que foi pronunciada a sentença são tanto mais singulares, quanto Cortez nunca sanccionou, de coração leve sentenças de morte, e muito menos quando eram inuteis; de fórma que n'este caso devia ter motivos muito graves, sem contar que nas circumstancias em que se achava

Cachoeiras do Iguassú. — O Salto Victoria.

era forçosa uma decisão immediata. Sobre isto escreveu ao imperador Carlos V: «Quando me convenci de que estes dois (Guatimotzin e Tacuba) eram os culpados principaes, dei ordem de enforcá-los e assim fôram enforcados.» Era um traço caracteristico de Cortez tomar decisões rapidas e operar da mesma maneira; mas n'este caso surprehendeu tanto o procedimento expedito, que ao todo demorou sómente 24 horas, que os proprios hespanhoes da expedição duvidaram da legalidade da sentença, e Bernal Diaz del Castillo diz na sua obra que a morte dos dois principes aztecas lhe causou funda pena, e que todos quantos fizeram parte da expedição a consideraram como uma injustiça. Certo é, comtudo, que este procedimento summario affectou profundamente todos os compromettidos na conspiração, porque desde então attribuiram ao general hespanhol força magica, dizendo que «com a sua carta de marear e a sua agulha» descobria todos os segredos. Cortez teve bastante cuidado em os não arrancar d'este êrro supersticioso que tão formidavel o fazia para os seus inimigos.

D'Acalan dirigiu-se a Sudeste até ao lago de Peten na terra de Taiza, encerrado em todo o seu perimetro por um cordão de montanhas calcareas de 60 a 150 metros d'altura, sem sahida visivel. A peninsula que a Léste penetra no lago e o divide em dois, está coberta de eminencias devidas á mão do homem, e no seu cimo encontram-se restos de construcções antiquissimas. A capital d'esta terra estava situada, no tempo de Cortez, n'uma ilha junto ao extremo da lingua de terra e ostentava muitos templos e estatuas de pedra. Rodeado de vastas solidões desertas sustentou-se ali aquelle Estado reduzido e independente até ao anno de 1697, em que os hespanhoes submetteram a terra definitivamente; porque, se bem que o rei d'aquelle pequeno país reconhecesse a soberania hespanhola á chegada de Cortez, não durou esta submissão senão até á partida dos hespanhoes, continuando depois o país independente como d'antes.

Recentemente seguiu Dessiré Charnay quási o mesmo caminho de Cortez e a respeito da capital de Taiza diz: «Antigamente havia cidades ao longo d'este caminho; vejo á direita esplanadas com recintos intactos de pedra lavrada, e o guia diz-me que á esquerda, do lado do valle de São Pedro, existem tambem monumentos» [1].

Proseguindo a marcha, encontrou o exercito primeiramente um país chão, coberto de bosques aqui e ali; depois depararam-se successivamente cadeias de montanhas de pouca elevação, mas escarpadas, que difficultaram muito a marcha. A primeira cadeia pôde ser transposta levando os cavallos á rédea; na segunda perderam os cavallos quási todas as ferraduras, sendo mistér fazer um dia de paragem para torná-los a ferrar; e depois veiu a passagem mais difficil, pela cordilheira mais pedregosa; e, como disse Cortez na sua narração: «a coisa do mundo mais maravilhosa de ver e de passar»; sendo precisos 12 dias para se vencer um trecho de 8 leguas, e perdendo um numero muito sensivel de montadas, que se despenhavam pelos barrancos ou morriam extenuados. As montadas que se salvaram haviam recebido tanto damno, que precisaram de tres meses de descanso absoluto para se refazerem. A chuva não parava nem de noite nem de dia, sem que tanto os homens como os animaes pudessem apagar a sêde, porque a agua escorria immediatamente pelas fragosidades d'aquellas cristas penhascosas, e a agua que se podia recolher de noite em vasilhas não bastava para todas as necessidades. Um sobrinho de Cortez, que caíu do cavallo com a sua pesada armadura, fracturou uma perna e só com indizivel trabalho pôde ser levado com a expedição. Chegaram finalmente ao pé d'essa cordilheira que chamaram «Serra

---

[1] Veja-se: *Comptes rendus des séances de la société de géographie.* Paris 1882, pag. 546.

da Pederneira», e tiveram que passar uns 20 barrancos lançando pontes, debaixo das quaes se precipitavam e mugiam as torrentes sobre os penhascos. A 15 d'Abril, véspera da Paschoa, ficaram vencidos os obstaculos mais terriveis e Cortez soube com grandissima satisfação que só os separavam algumas jornadas da colonia fundada por Gil Gonzalez em Nito; e que, por conseguinte, se achava já com o seu exercito em Honduras, isto é, nas margens do rio Polochic, que desagua na Bahia Doce, da qual sahe com o nome de Rio Doce, e, depois d'um alargamento formando um verdadeiro lago, desagua na enseada de Amatique no interior do golpho de Honduras.

Ao chegar á referida colonia de Gil Gonzalez, encontraram quási todos os colonos prostrados em consequencia das febres e tão faltos de víveres, que sem a chegada de Cortez teriam succumbido e com elles a colonia; de sorte que em vez de soccorrer o exercito extenuado e estropiado, para em seguida poder partir para a colonia de Olid, foi preciso buscar víveres para os colonos e para o exercito ao país ribeirinho da Bahia Doce. Para este fim teve de organizar-se uma expedição em regra, composta d'um bergantim, duas lanchas e quatro canôas, expedição que Cortez quis aproveitar para explorar de passagem as terras do interior por aquelle lado. Duas noites e um dia fôram precisos para que a esquadrilha, á força de remos e navegando sempre contra a forte corrente do Rio Doce, encerrado entre penhas pittorescas que se elevam d'uma e outra margem a 100 metros d'altura, chegasse ao primeiro alargamento que o rio forma a duas leguas da sua foz, no mar. Desde este verdadeiro lago que acaba em dilatados pantanos, subindo sempre rio acima e, depois de passar outra vez por uma garganta do rio entre margens escarpadas, precisou a expedição de 24 horas para chegar, remando sempre, á Bahia Doce, ou como hoje se chama, lago de Isabel, do nome da povoação moderna situada na sua margem meridional. Este lago ou espraiamento do rio, limitado por cadeias de elevadas montanhas, mede cêrca de 50 kilometros de comprido por 20 de largo. Cortez desembarcou na parte meridional, onde foi encontrada a primeira povoação india abandonada, porque os habitantes tinham visto chegar as embarcações e tinham julgado prudente refugiar-se no interior. Uma vereda escarpada na falda dos Montes do Mico era a unica communicação da margem do lago com o interior pelo lado de Oeste. Seguiu-a Cortez com a sua gente, guiados por dois indios que tinham apanhado. Em muitos sitios foi mistér servirem-se de pés e mãos para avançarem; depois atravessaram a vau muitas torrentes e, finalmente, passaram a noite expostos á chuva e ao vento e atormentados pelos mosquitos. Ao raiar do dia chegaram a uma aldeia, onde, ainda que colhidos os habitantes por surpresa, não houve víveres bastantes para aprovisionar a colonia e o exercito principal; mas ao informar-se Cortez se não havia n'aquelle país povoações maiores, indicaram-lhe Chacujal, cidade consideravel com templos, edificios de pedra e uma grande praça de mercado, como não tinham encontrado outra os expedicionarios desde Acalan, e cujas ruinas julga ter encontrado o viajante inglês, Maudslay, junto ao rio Pueblo Viejo, affluente do Polochic. Quando os hespanhoes chegaram e viram a importancia da praça, aconselharam muitos a Cortez a retirada, attento o seu reduzido numero, mas Cortez quis experimentar fortuna e, afim de aterrar os habitantes, caíu de noite e de surpresa sobre a cidade e, effectivamente, os habitantes fugiram espantados, deixando os hespanhoes senhores da praça e de grandissimas porções que ali encontraram de milho sêcco, cacau, feijões, pimenta, sal, gallinhas, uma especie de faisões que criavam em gaiolas, algodão em rama e bellos tecidos. Ali descansou a pequena columna 18 dias, e, seguindo depois mais ao Norte, desceu ao valle de Polochic, que ali era navegavel. Em seguida mandou Cortez por aquelle lado alguns homens á foz do rio com

ordem de trazerem uma lancha e uma canôa para carregar os víveres encontrados em Chacujal. Além d'isso, para transporte d'elles fêz construir quatro jangadas grandes que desceram logo com os seus carregamentos, principalmente o milho como mais volumoso, pelo rio, em cuja foz foi tudo embarcado a bordo do bergantim. Receando Cortez ver-se atacado no caminho pelos indigenas, fêz marchar metade da sua gente pela margem até á Bahia Doce, onde tinha fixado um ponto de reunião para o caso de os que tripulavam as embarcações e os de terra virem a perder o contacto. A canôa passou adiante, fazendo de guarda avançada, seguiram-se depois as jangadas com as provisões e, por ultimo, como rectaguarda, a lancha, na qual, além dos remadores, iam Cortez e dois bésteiros para auxiliarem as jangadas em caso de necessidade. A navegação fluvial offerecia o duplo perigo dos ataques dos indigenas e da grande corrente. Pela noite uma jangada deu contra um tronco de arvore fixo no fundo do rio e com o choque submergiu-se, perdendo-se metade da sua carga. Mais adiante, junto a um cotovello do rio, a corrente levou toda a flotilha para a margem, onde estavam postados os indios, que dispararam contra os expedicionarios uma chuva de fléchas e de pedras tão bem dirigidas, apesar da escuridão, que quási todos os hespanhoes sahiram mais ou menos feridos, incluindo Cortez, que recebeu uma forte pedrada na cabeça, porque tinha tirado o capacete. Por felicidade a margem era elevada e o rio profundo ali, e assim passou o comboio o perigo em poucos minutos e no dia seguinte entrou na Bahia Doce, onde o aguardava o bergantim. Não tardou em chegar a columna que havia feito o caminho por terra. Os milharaes maduros que encontraram junto ao lago permittiram completar a carga, e a expedição pôde regressar satisfeita á colonia da bahia de Santo André, aonde chegou depois d'uma ausencia de 25 dias. A primeira coisa que fêz Cortez foi fundar uma cidade nova n'um sitio mais sadio e mais a Léste, que chamou Natividade de Nossa Senhora, para onde se transferiu a população de Nito. Feito tudo isto, pôde por fim realizar o objectivo principal da sua penosa expedição, partindo para Triumpho da Cruz, a colonia fundada por Olid. Ali soube da morte d'este e da victoria de seu cunhado, Las Casas, e, por conseguinte, da inutilidade relativa da sua emprêsa; mas, incansavel como era, formou o novo plano de fazer da costa de Honduras a base de novas operações e conquistas. Com este fim passou a Trujillo, cujo porto achou adequado aos seus novos projectos. Tranquillizou os naturaes do país que, irritados pelas vexações dos invasores, tinham deixado de prover a colonia de víveres e, restabelecida a bôa harmonia, partiu a explorar as costas para Levante, afim de incorporar nos seus dominios o país de Nicaragua; emprêsa que não pôde concluir, porque a falsa notícia da sua morte e a de todo o seu exercito nos pantanos de Chiapa, ao Sul de Tabasco, tinha provocado desordens no Mexico, que reclamavam ali a sua presença. Por duas vezes experimentou ir por mar a Vera Cruz e d'ali á capital, mas outras tantas a tempestade arrojou o seu navio com o mastro quebrado á costa, ao passo que elle proprio era tomado de perniciosa agitação febril. Até 25 d'Abril não pôde abandonar Honduras; em fins de Maio chegou a Vera Cruz e em Junho fêz a sua entrada solemne no Mexico. Quatro semanas depois chegou Luís Ponce de Leão, encarregado pela côrte de Hespanha do govêrno e administração civil da Nova Hespanha, e d'abrir um inquerito sobre o desperdicio dos fundos do thesouro. Os adversarios de Cortez tinham-no accusado de tê-los desbaratado em emprêsas inuteis e, não contentes com isso, tinham espalhado o boato de que Cortez trabalhava por tornar-se independente da corôa de Hespanha. Pouco tempo depois morreu Ponce de Leão, a quem os contemporaneos exalçam como homem imparcial e de caracter nobre; succedeu-lhe Marcos d'Aguillar e a este, que viveu tambem pouco, o the-

soureiro Estrada, de intenções malevolas e desejoso de humilhar o conquistador do Mexico. Estrada chegou até ao ponto de desterrar da capital a Cortez, o qual sahiu do Mexico, resolvido a não voltar mais, posto que Estrada retirasse logo a sua ordem imprudente e tratasse de reconciliar-se com elle.

25. — Ultimas emprêsas e morte de Cortez

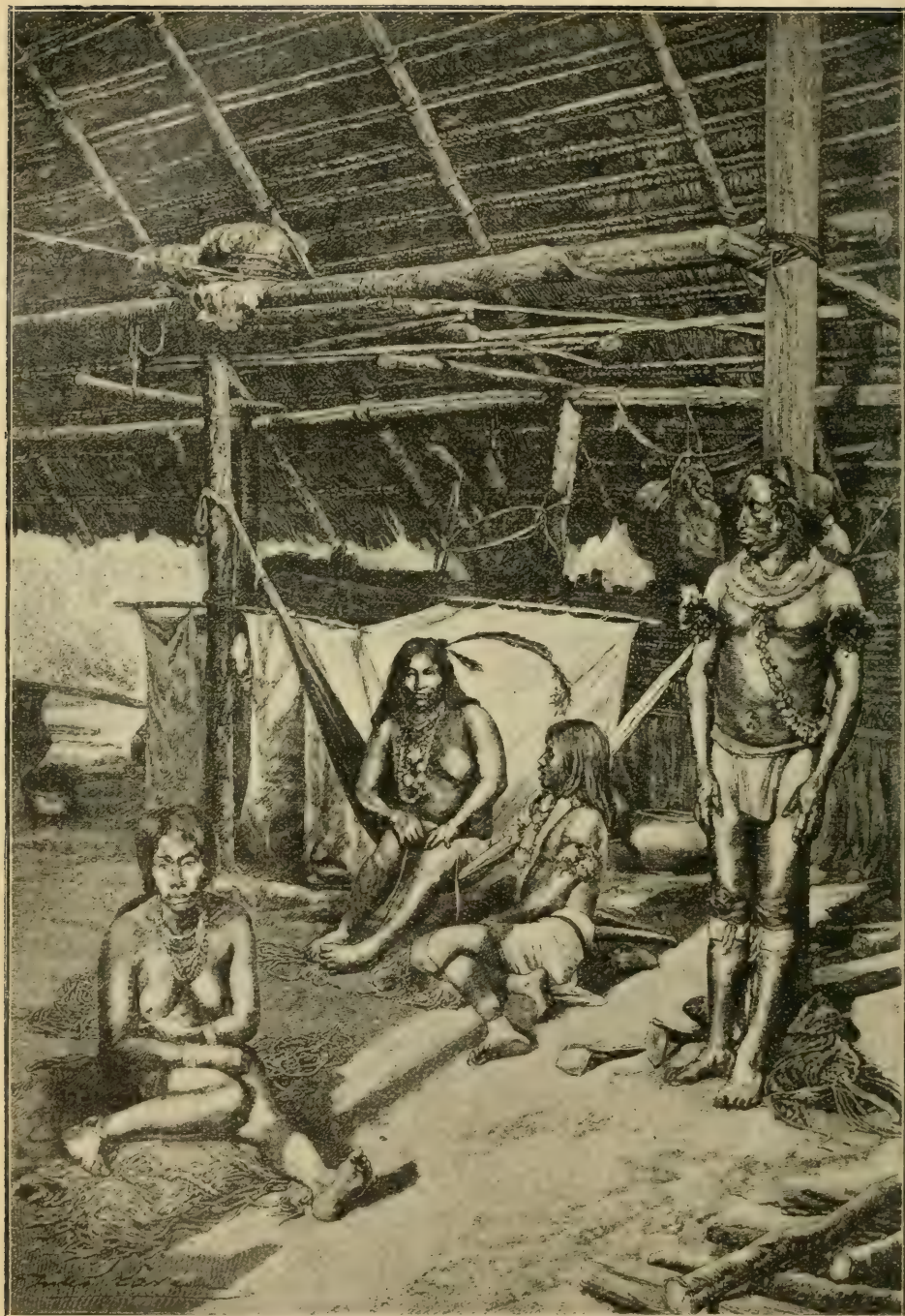
Afim de acabar d'uma vez com as calumnias e accusações que os seus adversarios espalhavam na côrte, pois suppunham que a morte dos logares-tenentes civis enviados pelo rei á Nova Hespanha não havia sido natural, mas devida ao veneno que Cortez lhes havia propinado, decidiu-se este a dirigir-se á Hespanha, defender pessoalmente a sua causa e justificar as suas acções. Acompanharam-no várias pessoas distinctas, chefes hespanhoes nobres e affectos á sua pessoa, como Sandoval, e os filhos dos reis de Tlascala, e ainda um grande numero de jograes, dançarinos e anões indios, alguns dos quaes fôram dados depois de presente ao Papa. Tambem levou uma riquissima collecção dos productos mais notaveis do país, uma grande quantidade de pedras preciosas, 200.000 pesos d'ouro e 1.500 marcos de prata.

A travessia fêz-se rapidamente e com toda a felicidade em 41 dias sem atracar em parte alguma e em Dezembro de 1527 desembarcou com o seu séquito junto ao convento da Rábida, em frente de Palos. Ali encontrou Pizarro, que tambem se tinha dirigido á Hespanha com o fim de alcançar o apoio e auctorização do govêrno para os seus projectos arrojados de conquista, e de buscar recursos pecuniarios para elles.

Pouco tempo depois de ter desembarcado, morreu na idade de 31 annos em Palos Gonçalo de Sandoval, o fiel companheiro d'armas de Cortez, que chegára já muito doente. Tinha ido para o Mexico muito novo, na idade de 22 annos. Tendo-se distinguido em breve pelo seu valor e decisão verdadeiramente extraordinarios, caracter franco, rectidão, porte simples, liberalidade na partilha da prêsa, calma e prudencia nos perigos, era idolatrado pelos soldados que, embora uma vez por outra imitassem brincando a sua pronuncia, porque gaguejava um pouco, obedeciam a todas as suas ordens, porque com o seu exemplo arrastava os mais indolentes. Com elle perdeu Cortez o seu auxiliar mais valioso.

Logo que pôde, correu Cortez a apresentar-se ao imperador, que ao tempo tinha a sua côrte em Toledo, onde recebeu o descobridor em audiencia solemne e ostentosissima, entregando-lhe na mesma, tambem, o diploma da sua elevação, decretada já no anno de 1522, a marquês do Valle de Oaxaca, e concedendo-lhe ao mesmo tempo n'aquella parte da Nova Hespanha dilatadissimos territorios; mas, em compensação, o imperador confirmou-o só no commando supremo da força armada, reservando-se nomear para a administração e govêrno civil outras pessoas para não juntar ambos os poderes em uma só mão.

Desgostoso com esta reducção de poder e auctoridade, se bem que justificado de todas as calumnias e accusações, tornou a embarcar para o Mexico na primavera do anno de 1530. Tomou posse dos territorios do seu marquesado e occupou-se na sua organização e exploração, especialmente em Cuernavaca, situada a meio-dia da capital, até ao anno de 1532, época em que tornou a continuar as suas explorações nas costas do Pacifico, mandando em 30 de Junho para o Norte seu primo, Diogo Furtado de Mendoça, com dois navios, que sahiram do porto de Acapulco.

Esta expedição descobriu entre os 21° e 20° de lat. Norte as ilhotas chamadas «As tres Marias»; chegou depois a Culiacan na Sonora, que mais tarde foi centro de novas

Interior de uma choça dos Ticunas.

expedições notabilissimas, e passou á peninsula da California, onde se amotinou a tripulação do navio principal, matou o chefe da expedição e se fêz ao mar, sem que se haja sabido mais do navio nem da gente. O outro navio regressou a Jalisco.

Em 30 d'Outubro de 1533 pôde sahir outra expedição do porto de Santhiago, situado a 19º de lat. Norte, mas no dia seguinte a tempestade separou os dois navios de que se compunha, não tornando a reunir-se. O chefe e capitão do navio principal, Diogo Bezerra, foi assassinado aleivosamente, emquanto dormia, pelo seu piloto, Fortunio Ximenes, que depois passou á California, onde, ao querer desembarcar na bahia da Paz, então bahia de Santa Cruz, morreu ás mãos dos indigenas com uns vinte da sua gente. O resto da tripulação voltou ao porto de Chamatla ao meio-dia de Mazatlan.

O outro navio commandado por Fernando de Grijalva e dirigido pelo piloto português, Martim da Costa, depois da tempestade que o separou do seu companheiro, foi em demanda d'este na direcção Sul até aos 13º 30′, se bem que estes calculos carecem d'exactidão e é mais provavel que chegasse sómente até ao porto de Tehuantepec e que a 9 de novembro voltasse d'ali outra vez para trás, mas, sendo surprehendido pelas calmas, não pôde passar o trópico antes de 7 de dezembro. D'ali tornou a tomar rumo a S. O. e descobriu a 28 de dezembro o grupo das ilhas chamado de Revillagigedo. Grijalva tomou posse do grupo, erigindo uma cruz na ilha principal que chamou São Thomé, mas que hoje se chama do Soccorro; e a seguir regressou á costa do Mexico, fundeando no porto de Zacatula a 18º de lat. Norte, no mês de janeiro de 1534.

Em vista dos resultados pouco satisfatorios d'estas duas expedições, determinou Cortez commandar outra em pessoa. Fêz construir em Tehuantepec tres navios que fôram buscá-lo a Chamatla (Chiametlan a 23º de lat. Norte), onde embarcou e se fêz á vela a 15 d'abril de 1535. Chegou á bahia da Paz na California a 3 de maio e soube ali da morte do piloto Ximenes; mas as suas tentativas para estabelecer no país uma colonia com o seu respectivo forte não deram resultado, attenta a esterilidade da região. Seguindo logo a costa, tomou a direcção do Norte até 50 milhas acima do golpho de California e, não encontrando nada digno de exploração, porque os poucos indigenas que viu eram pobres e mantinham-se miseravelmente da pesca, voltou atrás, porque os víveres começaram a escassear e as privações causavam muitas baixas na tripulação. Atracou outra vez na bahia da Paz, onde tambem não encontrou víveres, e regressou, finalmente, em principios do anno 1537 ao porto de Acapulco, onde soube que já o tinham julgado perdido.

Apesar de todos estes contratempos, organizou outra expedição de tres navios, cujo commando confiou a Francisco Ulloa, que se fêz á vela a 8 de julho de 1538 do porto de Acapulco. Pouco tempo depois de ter sahido perdeu-se um dos navios, e com os outros dois dirigiu-se Ulloa á peninsula da California, chegando até um promontorio na costa occidental, que chamou Ponta do Engano (Cabo Baixo a 21º 1/2 de lat. Norte), como se vê do mappa hydrographico d'aquella costa feito por Cabrillo em 1542, e do atlas do português, Diogo Homem [1], feito em 1568, que se conserva na bibliotheca de

---

[1] O illustre Sousa Viterbo nos seus *Trabalhos Nauticos dos Portugueses nos séculos* XVI *e XVII* (Lisboa 1898-1900) regista cinco personalidades com o mesmo nome de familia: Lopo, André, Diogo, Antonio e Thomé. Presume que os quatro ultimos são filhos do primeiro, sendo Lopo, André e Diogo, cartógraphos. Fala de um Atlas de Diogo, feito em Veneza em 1572 e existente na Bibliotheca Nacional de Paris. O sr. Ernesto de Vasconcellos no seu opusculo *Subsidios para a Historia da Cartographia Portuguesa nos séculos XVI, XVII e XVIII* (Lis-

Dresde. Ali chegou um dos navios tão avariado que teve de regressar á costa mexicana. Com o ultimo navio que ficou, a *Trindade,* continuou Ulloa a sua exploração; mas não se soube mais d'elle.

A sorte que tanto tinha protegido Cortez nas suas campanhas terrestres, empenhou-se em mostrar-se-lhe adversa no mar, mas nem por isso teria renunciado o conquistador aos seus projectos, se não se tivesse opposto Mendoça, o vice-rei do Mexico, a que se fizessem mais sacrificios em explorações do Oceano Pacifico. Cortez viu n'isto uma usurpação das suas attribuições de commandante em chefe das forças na costa do Pacifico e, activo e resoluto como era e nada disposto a entregar-se ao descanso e dormir sobre os louros adquiridos, marchou de novo para a Hespanha em 1540 para apresentar queixa ao rei contra o procedimento do vice-rei do Mexico.

O rei recebeu-o com calculada frieza e deu de mão ao assumpto. Aguardando resolução, Cortez tomou parte na campanha contra Argel do anno 1541 e depois continuou a esperar sempre até á sua morte, que o surprehendeu na idade de 63 annos em Castilleja de la Cuesta, perto de Sevilha, a 2 de dezembro de 1547. A velhice de Cortez recorda a de Colombo. A auréola de gloria d'ambos deixou de brilhar quando ainda viviam. Os feitos, o nome e a pessoa de Cortez ficaram, nos ultimos annos da sua vida, obscurecidos e olvidados com a sofreguidão do ouro que arrojou a Hespanha á conquista do Perú. Morreu como Colombo, esperando que se lhe fizesse justiça, ambos eram soes que tinham brilhado em toda a sua força quando estavam no meridiano, e cujo occaso foi toldado por nuvens; com a unica differença de que Cortez morreu rico, e Colombo pobre.

Os restos mortaes de Cortez fôram trasladados em 1562 para a cidade de Tezcuco, Nova Hespanha; depois, em 1629, para a igreja de São Francisco na capital do Mexico; em 1794 para a igreja do hospital de Jesus Nazareno fundado por elle, e finalmente na guerra da independencia mexicana de 1823 fôram tirados d'este ultimo ponto de repouso, sem que se haja sabido nunca para onde fôram levados. A sua descendencia directa masculina ficou extincta á quarta geração.

Cortez era de grande estatura e corpulento, o seu rosto pállido tinha em geral uma expressão grave; a barba era negra e rara e costumava tingi-la quando começou a branquear. Cavalleiro consummado, era tambem muito dextro em todas as lides a pé ou a cavallo. Quando novo, tinha fama de ter tido muitas aventuras amorosas, desafios e duelos, recebendo n'uma d'estas aventuras um ferimento no queixo, cuja cicatriz ficou sempre visivel por não ter tornado a crescer ali a barba. Era affeiçoado ao jôgo de dados e cartas, mesmo em campanha, mas sem perder nunca o seu bom humor, ainda que a fortuna lhe fôsse adversa. O seu porte, aspecto audaz e maneiras indicavam immediatamente uma pessoa de distincção e de elevada estirpe, apesar do seu trajar simples, e de não trazer outras joias senão uma cadeiazinha delgada d'ouro com a imagem da Virgem. Na universidade adquirira com o grau de bacharel em leis uma instrucção que o punha muito acima de todos os seus companheiros d'armas e de todos os descobridores e

---

boa 1916), falando de Diogo Homem, cita um Atlas feito em Veneza em 1574, outro analogo, anterior, de 1559 e ainda outro de 1558 existente no Museu Britannico e de que o Conde de Lavradio mandou reproduzir em 1860 as duas cartas da Africa Oriental e Occidental. A carta que Ruge attribue a Diogo Homem como feita em 1568 e existente na Bibliotheca de Dresde não a vemos citada até hoje em auctor português do nosso conhecimento, constituindo uma especie cartographica nova.

conquistadores que adquiriram renome no Novo Mundo. Com as pessoas lettradas falava em latim, se assim convinha, e as cartas, que escreveu com notavel fluencia e elegancia, costumavam ser ornadas de citações latinas.

As narrações minuciosas que escreveu e dirigiu ao rei Carlos V são os documentos mais preciosos que ficaram da época da conquista, e captivam pela sua singelleza e naturalidade que afugentam qualquer dúvida sobre a sua veracidade, e mostram-nos o auctor tal qual era, de intelligencia clara, vontade decidida, circumspecto nas suas disposições e emprêsas, activo e infatigavel e sempre occupado em criar e organizar; porque era tão excellente general na guerra como homem d'Estado de amplas concepções.

O seu valor no combate tocava as raias da temeridade; porque luctava sempre na primeira fileira, expondo-se tanto, que em mais d'uma occasião escapou da morte por milagre. Nas suas emprêsas bellicosas era inflexivel, e não cedia a conselhos inspirados por um excesso de prudencia, por sinceros que fôssem, antes de ter alcançado o seu fim sem olhar a sacrificios. Bernal Diaz del Castillo conservou na sua Historia da conquista do Mexico muitas allocuções brilhantes que Cortez dirigiu ás suas tropas em situações difficeis e perigosas. Quando os seus soldados se tornavam turbulentos, quando se impacientavam e lhe provocavam a ira pelas suas demonstrações de descontentamento, tumefaziam-se-lhe as veias do pescoço e da fronte, arrojava ás vezes a capa n'um momento d'excitação, mas nunca pronunciou imprecações. Se alguem, ao falar-lhe, se esquecia das conveniencias, clamava-lhe sem deixar-se arrastar a violencias: «Calaevos», ou «Ide com Deus, e reflecti antes que as vossas palavras dêem algum mau resultado». O seu juramento usual era: por minha consciencia! Quando os seus subordinados, desgostosos pela reduzida prêsa que haviam feito na conquista do Mexico, desafogaram em epigrammas que escreveram nas paredes da sua habitação e das casas mais proximas, fêz escrever outros versos por baixo que pela sua agudeza em breve calaram os descontentes. Pontualissimo no serviço, costumava fazer as suas rondas nocturnas e reprehendia os que encontrava indolentes ou descuidados.

Uma prova do seu tacto politico foi a alliança que fêz com o povo tlascalano e outra prova do seu caracter cavalheiresco e aventureiro, commum a toda a nobreza hespanhola do seu tempo, foi o não se contentar com a conquista do Imperio azteca, e aspirar constantemente a extender os seus descobrimentos mais longe, até que o govêrno se negou a proporcionar-lhe mais recursos para novas expedições. O escudo d'armas que lhe concedeu o imperador Carlos V em 7 de março de 1525, era esquartelado: no primeiro quartel, á direita, via-se a aguia imperial de dupla cabeça; no segundo, em campo de goles, um leão d'ouro para figurar o valor de Cortez; no esquerdo superior, que era negro, figuravam tres corôas d'ouro, alludindo aos tres imperadores do Mexico que tinha vencido, e no quarto quartel via-se a cidade do Mexico. Ao derredor d'este escudo, em campo d'ouro, figuravam as cabeças de sete reis vencidos ligados por uma cadeia d'ouro. D'esta maneira vinha a ser o seu escudo um resumo dos seus feitos mais gloriosos.

Se o rei de Hespanha lhe retirou o govêrno e a administração civil da Nova Hespanha, medida tão humilhante para um conquistador, não foi talvez tanto pelas accusações e calumnias dos seus inimigos, como pela consideração de não sanccionar com este precedente a rebeldia e desobediencia de que Cortez se tinha feito culpado para com o logar-tenente de Cuba.

De qualquer maneira Cortez é e será uma das figuras mais proeminentes da historia das conquistas da Hespanha no Novo Mundo.

26. — As expedições á Florida e ás costas da America do Norte

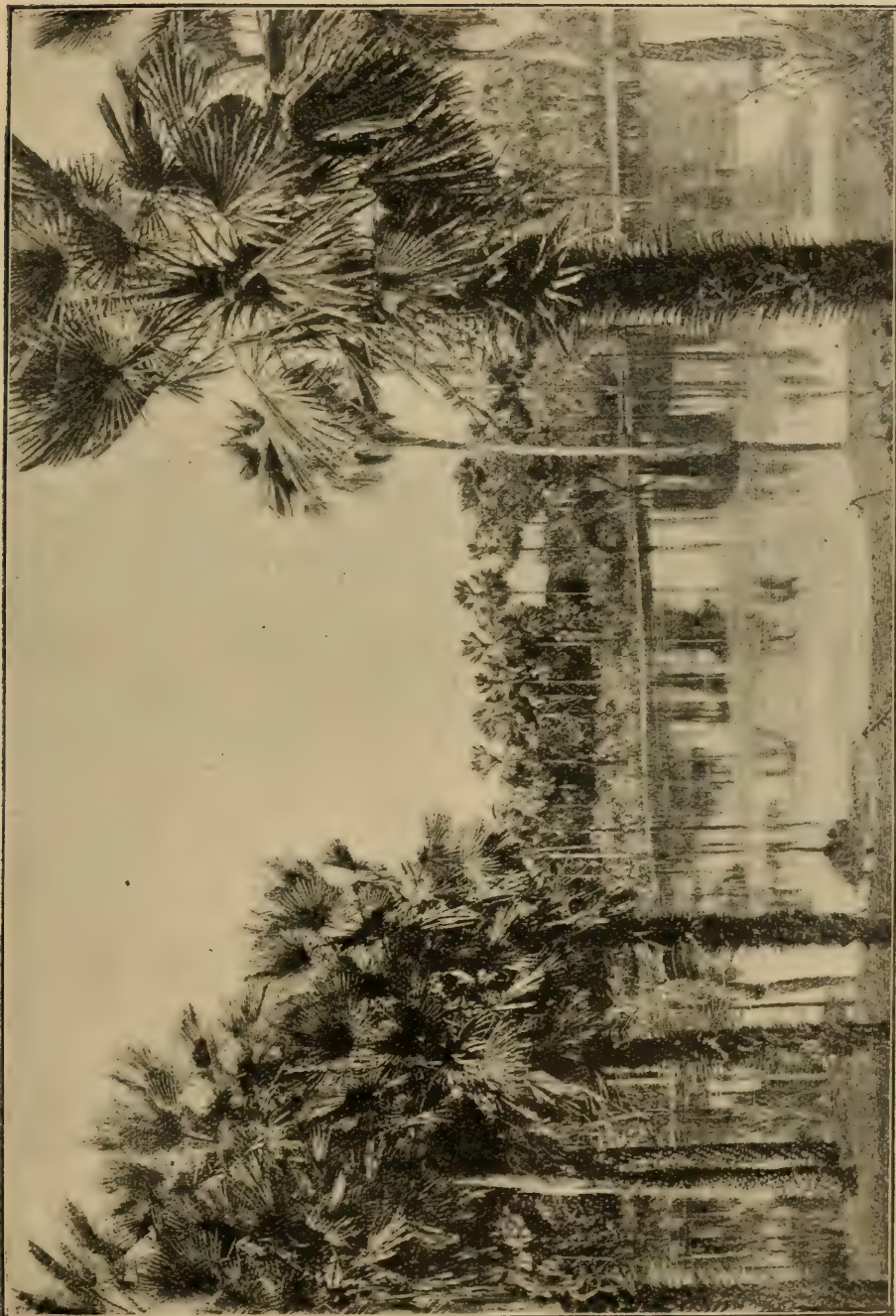
N'outro capitulo indicámos os motivos por que os hespanhoes tardaram tantos annos em dirigir as suas expedições ás margens septentrionaes do golpho do Mexico, e mencionámos tambem a primeira tentativa de João Ponce de Leão e as feitas em 1519 e 1520. N'este ultimo anno tornou a tentar fortuna o mesmo Ponce de Leão com 200 homens, mas foi rechaçado tão energicamente pelos naturaes da Florida, que eram excellentes archeiros, que teve de desistir e, gravemente ferido, retirou-se para Cuba, onde morreu dos seus ferimentos.

Por aquelle mesmo tempo pouco mais ou menos o licenciado, Lucas Vasques Ayllon, mandou do Haití dois navios á costa oriental da Florida para caçar indios afim de empregá-los como escravos nas Antilhas. A expedição percorreu a costa oriental entre 32º e 34º de lat. Norte, territorio que no idioma dos naturaes era chamado Chicora e Gualdape. Uma bahia que, segundo Kohl, é hoje a chamada de *Port-Royal,* recebeu o nome de Santa Helena, que lhe deu o chefe, o qual chamou Jordão a um rio que é, a julgar pelos mappas antigos, o mesmo que passa por Charleston. O país pareceu tão bom aos expedicionarios que Ayllon, fiando-se na narração do seu piloto, determinou conquistá-lo e fixar-se ali. Para este fim sollicitou do departamento das Indias em Hespanha a competente auctorisação, que lhe foi concedida juntamente com a nomeação de adeantado d'aquelles territorios, com a obrigação d'explorar as costas para além, principalmente para ver se havia uma communicação maritima entre os dois Oceanos.

Partiu, pois, em 1526, com seis navios e 500 homens d'armas para o rio Jordão, em cuja foz sossobrou o seu navio principal, perdendo-se navio e carregamento, que consistia quási inteiramente em provisões. Os indios que a expedição levava a bordo para servirem d'interpretes com os indigenas, fugiram, deixando os hespanhoes na praia sem saberem que fazer n'um terreno baixo e esteril, muito differente do que esperavam encontrar. Voltaram, pois, para bordo e continuaram o seu rumo ao Norte, buscando um ponto mais favoravel, e, tendo navegado umas 40 milhas penetraram n'um rio de tão pouca profundidade, que só puderam passar a barra com a ajuda da maré alta. O país era ali mais feraz, mas tão doentio como o outro, e tanto que morreram muitos homens e, ao chegar o outomno, morreu tambem o proprio Ayllon, a 18 de outubro do anno 1526. Dos 500 homens haviam ficado só 150 que, morto o seu chefe, resolveram deixar aquellas plagas inhospitas, que nos mappas fôram chamadas durante muito tempo *Terra d'Ayllon* e regressaram ás Antilhas.

Por aquelle lado não se fizeram outras tentativas de colonização.

Ao governador da Jamaica, Francisco de Garay, se deve o conhecimento exacto da costa septentrional do golpho do Mexico, porque mandou ali o eminente capitão, Alvarez de Pineda, com quatro navios para descobrir algum golpho ou estreito na terra firme [1]. Pineda iniciou a sua tarefa pelo extremo Norte da peninsula da Florida na bahia de Apallachee, e levantou a planta de toda a costa e de todas as suas sinuosidades com a maior exactidão até aos confins do Mexico, gastando n'esse trabalho 8 ou 9 meses. Encontrou um país ameno, chamado Amichel pelos indios, que se lhe mostraram sociaveis e pacificos, viu um grande numero de povoações, cujos habitantes traziam adornos d'ouro, e os hespanhoes julgaram descobrir o mesmo pre-

[1] Navarrete, Collecção III, 147.

Palmeiras carnaúba.

cioso metal nos rios, por um dos quaes, muito caudaloso, que chamaram rio do Espirito Santo, e que era nada menos que o Mississipi, subiram muitas leguas. Como n'outras expedições e segundo vimos, succedeu tambem aqui, que os exploradores, cegos pela sua sêde d'ouro, se deixaram enganar pela apparencia e, sem averiguarem a riqueza com calma e sangue frio, julgaram do país muito exaggeradamente.

Pineda chegou até perto de Vera Cruz, onde ao saltar em terra com uma parte da sua gente cahiu em poder de Cortez. O caso foi submettido ao govêrno de Hespanha, o qual, para evitar competições, intrusões e queixas, fixou o rio Panuco ou Tampico como fronteira entre a Nova Hespanha, conquista de Cortez, e a terra de Garay.

O proprio Garay partiu em 1523 com 11 navios e muitos homens para o rio das Palmas, ao Norte do Panuco, para fundar ali, proximo á Nova Hespanha, uma colonia; mas apenas desembarcou, logo uma parte das suas tropas se passou para Cortez, porque sob as suas bandeiras tinham mais probabilidades de fazer prêsa; de modo que o proprio Garay teve de entregar-se a Cortez, vindo a morrer no Mexico.

Morto Garay, o rei de Hespanha concedeu os territorios d'este com todos os privilegios a Pamphilo de Narvaez que, apesar do desastre que tivera no Mexico, onde perdeu um olho n'uma surpresa nocturna, não renunciára a fazer conquistas. Como a sua fama de bom capitão se tinha conservado intacta, acorreram á sua bandeira grande numero d'aventureiros, desejosos de fazer fortuna, quando no anno 1528 resolveu conquistar as terras de Garay. Dirigiu-se, pois, com quatro navios, 400 homens e 80 cavallos ao porto de Santa Cruz na Florida, e d'ali provavelmente á bahia de Tampa situada a 28º de lat. Norte, onde desembarcou 300 homens com os quaes penetrou no interior do país em direcção Norte, emquanto a frota por ordem sua seguia a costa. A 26 de junho chegou Narvaez á cidade ou aldeia india chamada Apallachee, como a bahia, ao Norte da Florida e ali descansou com a sua gente cêrca de quatro semanas. Ao cabo d'este tempo passou além para Aute d'onde fêz diversas incursões d'algumas jornadas na direcção Oeste sem encontrar o menor vestigio do ouro que todos buscavam. Desenganados completamente os expedicionarios, renunciaram a continuar as suas explorações e regressaram á costa, julgando encontrar ali os seus navios para embarcarem; mas estes, depois de cruzarem em sua busca um anno, pela costa em direcção Oeste, tinham regressado a Cuba reduzidos em numero por varios sinistros occorridos durante todo aquelle tempo.

O exercito expedicionario, cansado já de esperar, desalentado, padecendo fome e enfermidades, não viu outro meio de salvar-se senão construindo cinco lanchas para n'ellas seguir a costa em direcção a Oeste até chegar a uma colonia hespanhola. Assim o fizeram; embarcaram os 250 homens que haviam ficado e, tendo passado ao setimo dia de navegação diante da foz d'um rio muito grande, o mar agitado arrojou quatro das lanchas para a praia, ao passo que a quinta foi levada mar em fóra, onde desappareceu para sempre. Dos homens que tripulavam as quatro lanchas encalhadas muitos morreram afogados, e os que puderam salvar-se em terra, inermes e divididos em grupos quando vagueavam pela praia, fôram feitos prisioneiros pelos indios, salvando-se só alguns depois de muitos annos de escravidão. Uma das quatro lanchas foi impellida para uma ilha baixa, que foi chamada pelos que puderam salvar-se ilha do Mau Fado. D'ali conseguiram passar a terra firme, onde, ao cabo de pouco tempo, ficaram reduzidos a quatro homens: Alvaro Nunes Cabeça de Vacca, que fazia de chefe, André Dorantes, Alonso del Castillo Maldonado e um mouro chamado Estebanico. Fazendo de curandeiros, conseguiram captar a confiança dos indigenas e penetrar no interior, provavelmente na parte septentrional d'Alabama, d'onde se dirigiram a Oeste, passa-

ram um grande rio, o Mississipi, depois o Arcansas e o Canadian acima do Grande Cañon, talvez o mesmo ponto onde mais tarde chegou a expedição de Coronado na sua marcha para Quivira, e, finalmente, depois de vaguearem perdidos muito tempo pelos territorios que hoje se chamam Novo Mexico e Arizona, chegaram no anno de 1536 a Culiacan, perto do golpho da California, onde estava desde 1532, como governador militar, Melchior Diaz, que recolheu os infelizes procurando que se restabelecessem das suas inauditas fadigas.

O exito desgraçadissimo d'esta expedição de Narvaez não foi obstaculo para que poucos annos depois, quando os seus desgraçados restos se salvaram no territorio da Nova Hespanha, se encontrasse outro emprehendedor da mesma ideia, Fernando de Soto, natural de Barcaroto na Extremadura, e que, como veremos adiante, se havia distinguido já na Castella Aurifera e Nicaragua, d'onde havia partido para o Perú com Pizarro com o posto de logar-tenente-general, e finalmente tinha regressado á Hespanha em consequencia da lucta fatal entre o seu chefe e Almagro.

Apenas deu a conhecer no seu país o seu projecto d'uma expedição á Florida, logo, graças ao renome que havia adquirido pelo seu valor e nobres qualidades, acorreram tantos affeiçoados a aventuras, entre os quaes muitissimos fidalgos e até sacerdotes, que não tardou em ver-se á frente de mil homens, com os quaes embarcou em Sanlúcar a 6 d'Abril de 1538, constando a expedição de 10 navios. Chegado que foi a Havana, completou ali o seu armamento, e a 31 de Maio do anno seguinte desembarcou na bahia do Espirito Santo, na Florida, com 900 homens e 350 cavallos. Os expedicionarios encontraram ali por casualidade um hespanhol, João Ortiz, que devido ao favor da mulher d'um cacique havia sobrevivido, sendo o unico que restava da expedição de Narvaez. João Ortiz, tendo aprendido um pouco o idioma do país, pôde prestar á nova expedição bons serviços como intérprete, ainda que nenhumas notícias soube dar das terras do interior, senão que eram muito elogiadas pela sua feracidade.

Depois de ter deixado 80 infantes e 40 cavalleiros para guardar os navios, Soto dirigiu-se com a sua gente ao interior do país; encontrou povoações de 600 e mais choças, muitissimos rios e pantanos que passou lançando pontes de campanha, e muitos indios que hostilizaram o exercito de imminencias fortificadas com palliçadas. Calculando que a campanha seria longa, Soto mandou ordem á frota para dirigir-se desde logo á bahia de Apallachee, onde pensava invernar, e para levantar d'ali a planta da costa com todos os portos e bahias até 100 milhas a Oeste. Em Apallachee o exercito expedicionario encontrou, effectivamente, víveres abundantes e na primavera de 1540 tornou a emprehender a marcha, dirigindo-se ao Norte, tendo o chefe a precaução de fazer-se preceder de mensageiros habeis com ordem de sollicitar dos indigenas livre passagem pelos seus territorios, dando-lhes seguranças das intenções pacificas do exercito invasor. Um dos caciques, cujo territorio foi atravessado, o de Cofachi ou Cofaqui, usava por arma uma espada de madeira formidavel de dois gumes e de dois punhos. Outra vez passaram os hespanhoes muitos rios de grandeza muito variavel e marchando ora na direcção Norte, ora na do Nordeste, chegaram ao rio Chuala, no qual os marinheiros que tomaram parte na expedição julgaram vêr o mesmo rio que Ayllon havia chamado Santa Helena ao reconhecer a sua foz na costa oriental, e que poderia ter sido o Altamaha na Georgia, ou, antes, o Savanah na fronteira actual da Carolina do Sul; porque mais ao Norte encontraram depositos de cobre, e na Georgia septentrional exploram-se ainda hoje minas d'este metal. Na região chamada Coça ou Cossa, muito feraz e povoada, descansou o exercito 12 dias, e emprehendeu depois outra vez a marcha dirigindo-se á povoação fortificada de Tulisse, no territorio do cacique Tas-

caluço. Este homem era um gigante, pois, offerecendo-se para acompanhar a expedição durante algum tempo, pediu um cavallo, e, dando-lhe Soto um dos de carga, tocaram os pés do cacique quási no solo [1]. Este indio era um traidor e tinha offerecido os seus serviços com a intenção aleivosa de destruir melhor e d'uma vez todo o exercito hespanhol, porque o conduziu a uma povoação muito forte, chamada Mavila (Mobile), na qual havia 80 casas grandissimas, á maneira de quarteis, com 1.000 guerreiros indios alojados em cada uma d'ellas. Os hespanhoes, que tinham entrado n'esta praça de boa fé, retiraram-se apenas conheceram o perigo que ali os ameaçava, e atacaram de fóra a povoação, derrubando as palliçadas com as suas achas e pondo fogo ás casas. Soto foi ferido na peleja, mas dissimulou e não se retirou para não desanimar os seus soldados. A lucta foi encarniçada, tanto que as proprias mulheres indias tomaram parte n'ella; quando, porém, o fogo foi augmentando, saltaram os defensores do recinto fortificado, fugindo em todas as direcções. Nove horas havia durado a batalha, que custou a vida a 83 hespanhoes, que morreram na peleja ou succumbiram depois em consequencia dos ferimentos recebidos, por falta de cuidados ou d'assistencia medica, para a qual nada havia preparado. Além d'isso, perderam-se n'esta batalha 45 cavallos. As baixas dos indios fôram calculadas em 11.000; 3.000 mortos fôram contados pelos hespanhoes nas ruas da cidade, e suppunha-se que tivessem perecido nas chammas mais de 4.000, entre os quaes o cacique traidor, Tascaluço, posto que não fôssem encontrados os seus restos.

As perdas em homens e cavallos, ainda que insignificantes comparadas com as dos indios, eram, não obstante, mais sensiveis para os hespanhoes, que, vendo-se rodeados d'uma população hostil, sem encontrarem nem vestigios do ouro por cuja acquisição arrostavam tantos perigos, desanimaram e pediram para regressar aos seus lares. Soto não quis abandonar o seu plano de campanha; deu duas semanas de descanso aos seus soldados, e depois marchou ávante para o país dos chicasas, que defenderam resolutamente a passagem do rio que dividia o seu territorio do dos vizinhos. Soto fêz então construir duas lanchas grandes e, collocando em cada uma, logo que ficaram feitas, 40 bésteiros e 10 cavalleiros, passou o rio com elles ao raiar do dia e expulsou o inimigo da outra margem, para onde passou logo sem ser molestado, o grosso do exercito. Em quatro jornadas chegaram á povoação principal, que acharam bem situada, bem provida de víveres e, n'uma palavra, muito propria para ali se estabelecerem até á primavera. Assim fizeram; mas pouco a pouco descuraram as precauções de segurança, e uma noite, á entrada do inverno, despertaram vendo arder os tectos das suas choças, incendiadas pelos indios. Soto, que sempre dormia armado, foi o primeiro que se arrojou contra os inimigos, mas, embora estes fôssem rechaçados, não foi senão depois de terem causado aos hespanhoes 40 baixas, além de 50 cavallos que perderam no incendio e na refrega. Soto transferiu o seu quartel de inverno para Chicacolla, situada a uma milha de distancia, mas mais facil de guardar e mais favoravel para os cavallos do que o logar onde se tinha deixado surprehender pelo inimigo. Apesar d'isso, os indios não deixaram um só dia de hostilizar o exercito hespanhol e, quando este em fins de Março tornou a emprehender a marcha, ora na direcção Oeste como na de Sudoeste, teve de luctar constantemente com as hordas selvagens que se renovavam sem cessar. Ao que parece, passou pelo Alabama superior e desceu seguindo o Tennessee no seu curso médio, notando que este ultimo rio tinha a largura do Gua-

---

(1) Herrera, *Década* VII, liv. I, cap. 1.º

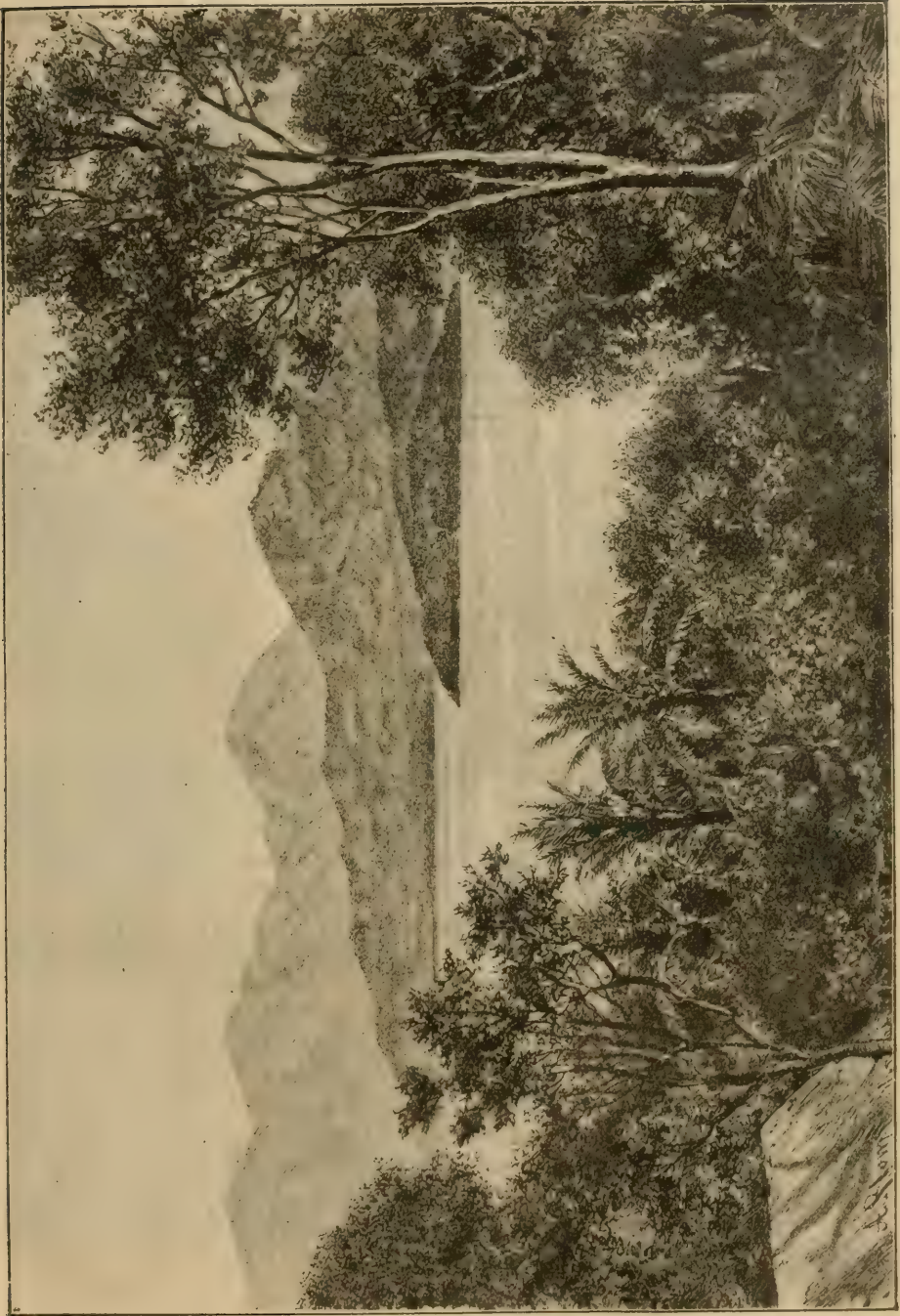
dalquivir, perto de Sevilha. Finalmente, chegou ao Mississipi, onde o exercito, já reduzido pelas contínuas baixas a metade, se pôs ao serviço d'um cacique que estava em guerra com um vizinho seu. Desceram os dois exercitos em 80 canôas o rio até ao territorio inimigo, onde tomaram e destruiram a capital, occasião em que conheceram os hespanhoes pela primeira vez o costume feroz dos selvagens de levar como tropheu a cabelleira com a pelle arrancada aos inimigos mortos ou feridos. Terminada esta campanha, Soto passou o rio com o seu exercito, e encontrou do outro lado terras ferazes e muitos povoados. N'uma d'estas terras, chamada Guigualtangui, caíu doente de febres malignas o valente capitão, que até ali tinha supportado incansavel e inflexivel todos os perigos e privações, partilhando-as nobremente com os seus soldados, que por isso e pelas suas qualidades o tinham em grande estima. Morreu a 21 de Maio de 1541 na idade de 42 annos, depois de nomear no seu leito de morte seu successor, em presença de todos os seus capitães, a Luís de Moscoso d'Alvarado. O cadaver de Soto foi enterrado de noite, mettido n'um ataúde e este descido ao fundo d'um canal do rio, no ponto em que media 19 braças de profundidade, afim de que os indios ignorassem a sua morte e o sitio onde estava sepultado.

A 5 de Julho tornou o exercito a emprehender a sua marcha para Oeste, atravessando a grandes jornadas 100 leguas de páramos estereis e desertos, onde os proprios guias perderam a orientação. Vendo diante uma cordilheira elevadissima, que evidentemente eram as Montanhas Rochosas, faltos de víveres, extenuados todos e no meio de incommensuraveis desertos, ordenou o novo chefe o regresso ao rio grande, ao Mississipi. No caminho succumbiram muitos homens por effeito do cansaço, da fome ou ás mãos dos selvagens; tinham que conquistar os víveres a preço de sangue, e noites houve no mês de Novembro nas planicies do Mississipi, as quaes todos os homens da expedição, por não encontrarem sitio onde acampar, descalços, meio nús, abrigados miseravelmente com pelles de animaes, tiveram que passar uns a cavallo e outros mettidos na agua até aos joelhos. Tinham chegado ao rio umas 16 milhas acima do ponto onde o tinham atravessado no verão, e ali se fortificaram os 320 homens de pé e 70 cavallos, numero a que havia ficado reduzido o exercito, n'um logar rodeado de profundos fossos d'agua onde passaram o inverno, durante o qual succumbiram ainda, em consequencia dos inauditos e sobrehumanos trabalhos que tinham passado, grande numero d'infelizes, entre os quaes aquelle João Ortiz, ultimo membro da expedição de Narvaez, que estivera oito annos prisioneiro entre os indios, tendo recuperado a sua liberdade só para morrer miseravelmente no meio de horrorosas privações, longe da sua patria. Um cacique vizinho proveu os infelizes de cobertas e víveres, e assim puderam passar o inverno, que foi o ultimo d'esta desgraçadissima campanha. A unica esperança que os animava era descer pelo rio e chegar pela costa a uma colonia hespanhola. Com este proposito construiram sete lanchas solidas, espaçosas e cobertas nos dois extremos, mas as collossaes cheias primaveris d'aquelle rio gigantesco duraram muitas semanas. A 10 de Março começou a notar-se a primeira subida; a 20 cobria a agua toda a immensa planicie da região e a 20 de Maio era tão geral a innundação que só se podia transitar no interior da povoação, construida n'uma eminencia que era habitada pelos hespanhoes. Até ao dia de São João não foi possivel deixar as lanchas convenientemente providas, e só nos ultimos dias do mês de Junho é que o exercito pôde emprehender a viagem fluvial, embarcando em cada lancha approximadamente 50 hespanhoes e 4 indios de ambos os sexos que voluntariamente se tinham offerecido para acompanhar a expedição. As tribus ribeirinhas estabelecidas mais abaixo, que tinham observado todos os preparativos, haviam decidido impedir a passagem

aos extrangeiros e exterminá-los, para o que os aguardaram com 1.000 pirogas de guerra, muitas com 50 remadores, 25 de cada lado, sem contar os guerreiros que pintados de preto e azul as tripulavam. Através d'esta frota formidavel foi preciso abrir passagem á força, o que deu logar a uma lucta horrorosa que durou dez dias e custou a vida a muitos hespanhoes. Continuando sem detença o seu caminho, foi-se alargando tambem o rio tanto que do centro difficilmente podiam os navegantes distinguir as margens baixas, e aos 19 dias de navegação chegaram ao mar, onde sem bússola nem cartão não tiveram outro recurso senão seguir a costa para Oeste até chegarem á Nova Hespanha, ou seja o Mexico. No primeiro dia encontraram continuamente agua doce, tão grande era a potencia das aguas que o Mississipi arrojava para o mar. Haviam navegado 53 dias ao longo da costa, renovando as suas provisões com a pesca em extremo productiva e abastecendo-se de agua doce de quando em quando nos pontos apropriados, quando ao cabo d'este tempo rebentou uma grande tempestade acompanhada de aguaceiros, que encheram as embarcações d'agua, ameaçando afundá-las, e obrigando os desgraçados navegantes a trabalhar 26 horas sem dormir nem tomar alimento, até que tiveram a sorte de encontrar um ponto favoravel para saltar em terra. Julgando estar proximos da Nova Hespanha, deixaram as suas embarcações e marcharam pela praia que ali se dirigia para o Sul, mas, depois de terem andado umas 13 ou 14 milhas, acharam-se todos tão rendidos de cansaço e de fome, que se lançaram por terra, e quási no termo da sua longa peregrinação pareciam condemnados a perecer ao abandono n'aquella solidão. Em tão duro transe offereceu-se Gonçalo Quadrado Xaramillo para percorrer o país na mesma noite em busca de auxilio com outro companheiro, ambos, como todos os demais, descalços e quási nús e armados sómente da sua espada e escudo. Assim o fizeram, emquanto o resto da expedição buscava allivio no somno, não tardando em encontrar indios que lhes disseram que estavam perto de Panuco e, por conseguinte, já em territorio mexicano. Fôram, pois, á povoação referida, onde o governador recebeu carinhosamente os seus compatriotas que, com as suas barbas e cabelleiras compridas e emmaranhadas e a sua nudez mal coberta de pelles, pareciam antes miseraveis selvagens do que pessoas civilizadas. Mandou immediatamente notícia da chegada d'elles ao vice-rei Mendoça, que pelo seu lado se apressou a enviar em abundancia aos desgraçados, roupas, víveres, medicamentos e demais coisas necessarias.

Estes aventureiros ficaram curados para sempre das suas illusões de fazer fortuna em terras ignotas; alguns voltaram á Hespanha, outros ficaram no Mexico; muitos sem officio nem carreira deixaram-se recrutar para o Perú, e alguns entraram em ordens monasticas. Assim ficou dissolvido o ultimo resto do grande exercito acaudilhado por Soto, contribuindo com as suas relações para desacreditar tão completamente a região do Mississipi, que os hespanhoes não voltaram mais ali com ideias de conquista.

27. — Campanha de Coronado a Ciboia e a Quivira

Depois de realisada a conquista do Mexico, os hespanhoes dirigiram as suas vistas para os territorios situados ao Norte d'este país que se extendiam até uma distancia incalculavel, segundo se havia observado nas muitas expedições inauguradas já por Cortez, que tinham explorado as costas do Grande Oceano. Por terra avançava a nova população hespanhola do Mexico pouco ou nada na direcção do Norte por ser a parte septentrional do vice-reino muito mais deserta e esteril que o lado opposto; de modo que para organizar as explorações para o Norte era mistér o attractivo poderosis-

Paysagem de Matto-Grosso. Margens do Aquidauana.

simo do ouro. Este attractivo se bem que completamente illusorio, deparou-se effectivamente; a illusão teve os seus crentes e as expedições fôram organizádas, até que ficou provado que todas aquellas noticias fascinadoras haviam sido fábulas correntes entre os naturaes ignorantes do país, ou uma completa fraude.

O presidente do tribunal regio de justiça no Mexico, Nuno de Gusmão, que teve a seu cargo a administração civil d'aquelle vice-reino desde o anno 1528 até 1531, soube em 1530 por intermedio de um indigena que ao Norte do Mexico havia um país chamado Tejas (Texas?), o qual pretendia ter ali visitado sete cidades, cada uma tão grande como o Mexico, com ruas inteiras formadas de casas de joalheiros, ás quaes se chegava em 40 jornadas, atravessando sempre desertos.

Sobre esta noticia baseou Nuno de Gusmão a sua emprêsa de penetrar com 400 hespanhoes e 2.000 indios até áquelle país; mas, marchando com a sua expedição ao longo das faldas occidentaes dos grandes planaltos, encontrou tão grandes difficuldades, que resolveu demorar-se em Culiacan, colonizar com a sua gente esta localidade e renunciar á sua emprêsa d'exploração, até poder voltar a ella partindo do mesmo Culiacan, como nova base e mais proxima do país que buscava.

Quando, em 1536, chegaram ao territorio da Nova Hespanha os ultimos restos da expedição desgraçadissima de Narvaez, Nunes Cabeça de Vacca, Durantes, Maldonado e o preto Estebanico, propagaram de novo a fábula das cidades ricas do Norte, dizendo que n'ellas tinham as casas seis e sete andares e as portas e paredes estavam ornadas de pedras preciosas.

Em vista d'estas novas narrações, o vice-rei Mendoça, que governou no Mexico de 1535 a 1537, ordenou ao commandante de Culiacan, Coronado, que mandasse uma missão exploradora aos territorios situados ao Norte. Fôram nomeados para esta missão o padre Marcos de Niza, o frade franciscano Honorato e o negro Estebanico, que se puseram a caminho na primavera de 1539 [1]. Honorato ficou na Sonora por ter adoecido; e os outros dois seguiram adiante acompanhados d'alguns indios. O preto foi mandado adiante para explorar o terreno. De trecho a trecho encontraram os exploradores uma ou outra aldeia isolada e solitaria d'indios, mas cada vez se confirmavam mais as noticias que corriam ácêrca da grande cidade de Cibola, e quando estavam já proximos d'ella, souberam que o seu guia explorador, Estebanico, tinha entrado ali, mas que os habitantes lhe tinham dado a morte por sua propria culpa, como se veiu a saber depois. Esta noticia desanimou os indios que acompanhavam o padre Marcos de Niza, tanto que este só a muito custo e com ricas dadivas é que conseguiu que o acompanhassem até ver, ao menos de longe, a cidade maravilhosa. Viu-a, de facto, n'uma grande planicie na falda d'um cerro arredondado; parecendo-lhe, talvez por uma illusão d'optica, maior e mais importante que o Mexico. Grande desejo teve de entrar na cidade para ver se era verdade o que contavam d'ella, mas a quási certeza de pagar o seu arrojo com a vida e a consideração de que n'este caso nenhuma noticia do que descobrira chegaria ao Mexico, fizeram-no desistir da sua emprêsa. Contentou-se com levantar um grande montão de pedras na altura onde se encontrava, coroá-lo com uma pequena cruz e tomar posse do país em nome do vice-rei, ao qual relatou depois, em setembro d'aquelle mesmo anno, tudo quanto observára.

Na sua viagem de regresso apresentou-se o padre Marcos de Niza a Coronado em

---

[1] Veja-se a narração de Marcos de Niza na Collecção de documentos inéditos relativos ao descobrimento, tomo III, pag. 329 a 350. Madrid 1865.

Guadalajara e este, dando pouca fé á sua relação mandou em seguida que o capitão Melchior Diaz percorresse o caminho seguido e descripto pelo sacerdote, e visse se effectivamente era verdade tudo o que elle dissera; Diaz, porém, não pôde chegar ao termo da viagem, porque os rigores do inverno o impediram de passar adiante n'aquellas terras frias e deshabitadas, tendo que cingir-se a relatar a Coronado, n'uma carta datada de 20 de março de 1540, o que no caminho vira e ouvira, descontando muitissimo nas descripções enthusiasticas do padre, mas confirmando, pelo que lhe haviam dito, a existencia das famosas sete cidades, das quaes Cibola era a principal.

Todas estas noticias reunidas fizeram que o vice-rei mandasse o proprio Coronado, com um exercito de mais de 1.000 homens entre hespanhoes e indios, na primavera de 1540, a tomar posse dos territorios ao Norte do Mexico e a annexá-los a este vice-reino. Da capital passou o exercito por Compostella a Culiacan, d'onde foi preciso mandar adiante um destacamento em exploração para procurar os caminhos e passagens mais praticaveis, emquanto seguiam a mesma direcção do Norte, tão perto da costa quanto era possivel, dois navios commandados por Pedro d'Alarcão [1]. De Culiacan tomou a expedição terrestre a direcção do Noroeste até aos 30° de lat. Norte, d'onde se dirigiu ao Norte e mais adiante a NE. Atravessou a região da Sonora e, ao chegar ao rio de Santo Ignacio, subiu á região alta em direcção Nordeste até á bacia do rio de Santa Cruz ou Nexpa, cujo curso os expedicionarios seguiram durante dois dias. Depois, cruzando planicies solitarias, chegaram ao rio Gila, que o exercito passou em jangadas, razão por que se lhe chamou Rio de las Balsas. Deixando a um lado as faldas do Sudoeste do planalto do Colorado e tomando para este fim a direcção Léste, depois de ter passado uma montanha coberta de pinheiros, seguiu o exercito a Nordeste, atravessando pradarias, planicies, barrancos e regiões montanhosas, desertas e áridas até chegar, finalmente, a Cibola, primeiramente a vanguarda exploradora e 15 dias depois o corpo principal. Todos tinham feito a viagem a pé, levando cada homem as suas provisões e indo os cavallos tambem carregados; mas, depois de tantas fadigas, veiu o desengano mais cruel, porque a famosa cidade de Cibola, onde tanto e tão rica prêsa haviam esperado e que o padre Marcos de Niza representára com côres tão seductoras, não valia, como muitos da expedição disseram no seu despeito, um casal do Mexico. Toda a povoação, construida de pedra e argilla em cima d'uma rocha, com muita difficuldade podia dar alojamento a 200 homens; motivo por que foi tomada sem trabalho, sendo expulsos d'ella os indios. Toda a terra era fria por sua grande elevação, e o sólo arenoso estava coberto d'escassa herva. Os habitantes cobriam o corpo pobremente com pannos d'algodão e com pelles. Ali não havia que procurar thesouros, e as outras seis cidades magnificas que se diziam maiores que o Mexico, eram logarejos situados a uma distancia de seis milhas da misera capital.

Muitos eruditos americanos e viajantes teem dispendido o seu engenho para encontrar e fixar o sitio onde ficavam Cibola e as seis cidades que a rodeavam, chegando-se ao resultado de que o povoado de Zuñi, nas margens do mesmo rio, é a antiga Cibola [2]. Este rio Zuñi é um afluente do Pequeno Colorado, que o é por sua vez do

---

[1] Veja-se a narração de Coronado na Collecção de documentos inéditos relativos ao descobrimento, tomo III, pags. 329-350, e a sua carta ao imperador na mesma obra, tomo XIII; as narrações do seu capitão Jaramillo no tomo XIV e a de Castañeda na obra de *Ternaux Compans: Voyages, relations,* etc. Paris, 1838.

[2] Veja-se o trabalho critico do general J. H. Simpson no *Smithsonian Rapport* do anno

Colorado d'Oeste. A povoação está situada no territorio do Novo Mexico perto da fronteira do Orizona, aos 35º de lat. Norte. Segundo diz o general norte americano Simpson no seu trabalho sobre Cibola, a actual povoação de Zuñi, vista d'uma distancia de tres milhas, parece-se com uma rocha baixa e escura. As casas da cidade costumam ter tres andares, recuando cada um de modo a deixar um terraço para a frente. As ruas são estreitissimas. O leito do rio Zuñi tem 150 jardas de largo, mas só no centro é que corre a agua n'uma largura de seis pés, com a profundidade de algumas pollegadas. Nas margens do rio Vermelho encontram-se nas immediações da cidade de Zuñi as ruinas dos outros seis povoados que quási tocavam uns nos outros. De resto, já disse Antonio de Espejo [1] que visitou o país em 1583, que os hespanhoes da expedição de Coronado tinham dado nome de Cibola ao povo chamado Zuñi pelos indios.

Durante a marcha para Cibola tinha enviado Coronado do rio Sonora o capitão Melchior Diaz com 25 homens para explorar a costa, a ver se encontrava ali os dois navios d'Alarcão e dar-lhe instrucções, mas Diaz seguiu toda a costa até ao extremo Norte do golpho da California e até subiu pelo rio que ali desagua sem encontrar rasto algum dos navios, até que, examinando o tronco d'uma corpolentissima arvore, encontrou gravada na sua casca a noticia de que Alarcão tinha chegado até ali em lanchas e que tinha enterrado uma carta ao pé da arvore. Effectivamente encontrou-se esta carta e dizia que o auctor tinha esperado ali muito tempo e que, não podendo ir mais adiante porque seguindo a costa teria passado para o outro lado do golpho e, em vez de achar-se em contacto com o exercito de Coronado, ter-se-hia afastado d'elle, tinha voltado para trás.

Alarcão sahira para a sua viagem do porto da Natividade a 9 de maio de 1540; em Jalisco aggregára-se-lhe um navio de transporte com provisões para a expedição terrestre, e em agosto chegára ao extremo septentrional do golpho. Subira em lanchas pelo rio Colorado, que chamou Rio da Boa Guia, navegando 85 milhas e fazendo tudo o que era humanamente possivel para pôr-se em contacto com o exercito; mas debalde. O seu piloto-mór, Domingos del Castillo, levantou a planta das costas do golpho, provando que a Baixa California era uma peninsula; mas, apesar d'isso, predominou até meados do século passado a opinião de que aquella terra era uma ilha. Uma cópia do mappa d'este piloto foi publicada na obra de Lorenzana: *Historia da Nova Hespanha,* impressa no anno 1770 no Mexico.

O capitão Diaz, mandado por Coronado em demanda d'Alarcão e dos seus navios, morreu d'um accidente desgraçado junto ao mesmo rio Colorado, e o seu destacamento, em consequencia d'isso, regressou directamente ao Mexico.

Coronado fixára, entretanto, a sua residencia e quartel-general em Cibola, d'onde submetteu as terras immediatas, mandando destacamentos em diversas direcções para explorarem os territorios mais distantes; e, tendo uma d'estas columnas ouvido falar na terra de Tuzan ou Tuzaya d'um grande rio mais ao Norte, o chefe da columna mandou Garcia Lopez de Cardenas descobrir aquella grande corrente. Cardenas atravessou com o seu destacamento o planalto do Colorado e, chegando á borda do cañon (ou garganta prolongadissima) do grande rio, retrocedeu assombrado do aspecto que offe-

---

1869, pags. 309-340. Este auctor visitou o país e apoia a sua conclusão, ainda, na opinião do engenheiro Hutton que percorreu o mesmo país com Whipple e Parke nos annos 1853 a 1856.

[1] Veja-se Harluyt, *Voyages,* tomo III, pag. 394. Londres, 1600.

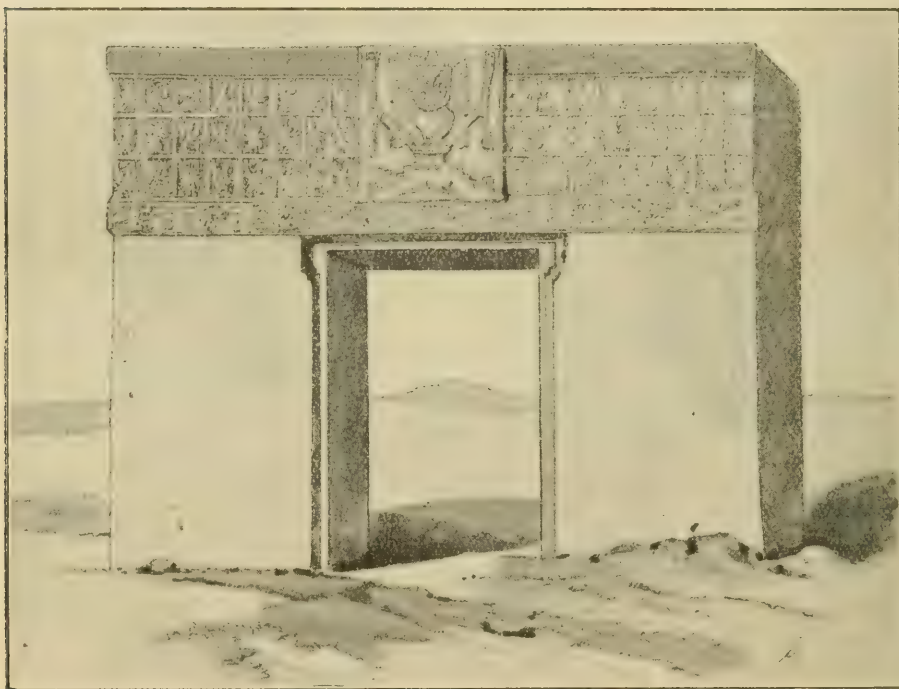
recia a dilatadissima terra que semelha um mundo de confusas e gigantescas ruinas e escombros. Ali ha montanhas desgarradas como simples torrões por effeito da secca; penhascos mais altos que tôrres de cathedraes desprendidos das massas principaes como insignificantes arestas, mantendo-se erguidos e ameaçando cair a cada momento, porque o seu volume não está em relação comparado com a sua altura; furnas de leguas de comprimento, e cuja profundidade insondavel parece perder-se no centro da terra, mas que não excede 100 metros, como teem provado pesquisas modernas feitas no Grande Cañon. Tudo isto e os bramidos das torrentes que correm pelo fundo tenebroso dos abysmos e socavam lenta mas incessantemente as bases dos gigantescos penhascos, formam um espectaculo tão selvagem, e ao mesmo tempo tão grandioso e titanico, que não encontra rival em nenhuma outra parte do mundo.

Aos hespanhoes que iam com Cardenas pareciam aquellas furnas de tres ou quatro leguas de profundidade e, procurando um ponto por onde descer e chegar a uma das torrentes para apagar a sêde, andaram tres dias errantes pela orla do planalto. Alguns temerarios experimentaram descer passando de saliencia em saliencia, mas tiveram em breve de renunciar á sua emprêsa e contentar-se com poderem voltar outra vez ao planalto dizendo que alguns penhascos que de cima pareciam ter o tamanho d'um homem, eram na realidade mais altos que a cathedral de Sevilha ([1]). Perante tão invencivel obstaculo retrocedeu Cardenas e tornou a reunir-se com o seu chefe. Vira a parte mais grandiosa do Colorado central.

Outra columna ás ordens de Fernando d'Alvarado dirigiu-se de Cibola para Léste e encontrou do outro lado das serras de Zuñi várias povoações indias construidas d'um modo analogo a Cibola ou Zuñi. A mais notavel d'essas povoações era Acuco, hoje Acoma, mas em idioma zuñi chamada ainda Hak-ku-kiá (Acuquiá), por estar edificada sobre uma rocha isolada. Do lado Norte o vento tinha accumulado no decurso dos séculos tanta areia, que formava uma rampa pela qual se podia subir até muito perto do cimo. Comtudo, o ultimo trôço que faltava para chegar ao cume era rocha nua, á qual se subia por uma vereda estreitissima que serpenteava ao longo de uma fenda com passos tão escarpados que, sem os paus cravados ali á maneira de degraus pelos indios, a subida teria sido impossivel, e mesmo assim Alvarado e a sua gente tiveram de valer-se de pés e mãos. Todos estes povoados, situados como ninhos de aguias em elevados penhascos, tinham perto um rio que se dirigia para Sudeste e desaguava não muito longe d'ali n'outro rio maior que corria para Sul, ao passo que até Cibola todas as correntes se dirigiam para Oeste, como tinha notado o capitão Jaramillo, que na sua *Narração,* l, c, pag. 307 disse: «Todas as aguas que achámos, e rios e ribeiros até léste de Cibola (ou Zuñi), e mesmo não sei se uma ou duas jornadas mais, correm para o mar do Sul (o Grande Oceano), e os d'ali para diante para o mar do Norte (o golpho do Mexico)». Resulta d'esta passagem que a columna de Alvarado e, depois, toda a expedição, passaram a divisoria hydrographica entre o Colorado do Occidente e o Rio Grande do Norte, tornando os dois chefes a reunir-se além da terra de Tiguex, nas margens do rio Pecos, tributario do Rio Grande, onde um indio lhes fizera acreditar, entre outras muitas fábulas de cidades riquissimas em ouro e prata, que ali havia uma d'ellas, fortificada e repleta de thesouros, chamada Cicuyé, cujo cacique dormia a sésta á sombra d'uma corpulentissima árvore, de cujos ramos pen-

---

([1]) Veja-se J. W. Powel, *Exploration of the Colorado river of the West.* Washington, 1875, pag. 195.

diam campainhas d'ouro que, movidas pela brisa, enchiam o ar de suaves e harmoniosos accordes. A este conto accrescentou o embusteiro que elle proprio tivera em suas mãos algumas campainhas da preciosa arvore, mas que o cacique lh'as havia tirado. Esta povoação, á qual se dirigiram sem perda de tempo os hespanhoes para demandarem as campainhas e cascaveis d'ouro, nem sequer offerecia vestigios do precioso metal, sendo, porventura, a mesma povoação de Sayaqué que figura n'um atlas geographico publicado pelo norte-americano, Thomaz Jeffreys, em 1775. Irritado pelo engano, Cardenas desafogou a sua ira na pessoa do cacique a quem levou prisioneiro

Porta monolithica de Fiaguanaco.

para entregá-lo, no seu regresso, ao seu chefe Coronado, que o teve prêso meio anno. Esta prisão suscitou um levantamento geral dos indios de toda aquella região contra os hespanhoes, aos quaes, continuamente inquietados durante o inverno, custou muito a sustentarem-se em Tiguex.

Em Maio de 1541 pôs-se Coronado a caminho com o seu exercito para chegar a Quivira, de cujas riquezas tinha ouvido tambem contar grandes coisas. Passou o rio Pecos, marchando em direcção Nordeste ao pé d'uma cordilheira por páramos solitarios e, encontrando de quando em quando indios que viviam da caça sem moradas fixas, em tendas de campanha feitas, como o seu vestuario e calçado, das pelles dos bufalos que matavam e de cuja carne se alimentavam. Mais adiante encontrou um indio que manifestou por meio de signaes que já tinha visto hespanhoes, que não podiam ser senão Cabeça de Vacca e os seus companheiros de desgraça. Depois de ter caminhado um mês, a jornadas pequenas, em direcção Nordeste, chegou o exercito a um rio caudaloso, o Arcansas, que Coronado chamou, pelo dia da sua chegada, Rio

de São Pedro e São Paulo. Do outro lado tornaram os hespanhoes a encontrar indios caçadores, cujas aldeias estavam distantes tres ou quatro jornadas para Levante, e pertenciam já ao territorio de Quivira.

Os historiadores da época estão quási todos de accôrdo em que Coronado chegou com o seu exercito até aos 40º de lat. Norte approximadamente, isto é, até ao extremo Nordeste do territorio de Kansas, por onde passa o rio Missuri, em cujas margens se deteve. Assim o corrobora claramente Jaramillo, que figurou na mesma expedição, quando na sua narração descreve com satisfação o país de Quivira como bellissimo e coberto de verdura; proprio para todas as culturas como não podem sê-lo mais nem a Hespanha, nem a França, nem a Italia, porque nas margens de alguns ribeiros até encontraram videiras com uvas de sabor agradavel. Além d'isso, diz que ali não ha altas cordilheiras, mas sómente suaves collinas; que muitos rios fertilisam o sólo e, tendo passado o Rio de São Pedro e São Paulo, chegaram a outro muito mais caudaloso, em cujas margens eram mais numerosas as povoações indigenas.

Aquelles indios nenhuma notícia tinham de metaes preciosos, e os adornos mais ricos que usavam os proprios caciques eram simplesmente de cobre. Considerando esta pobreza e attendendo a que tinha entrado já o mês d'Agosto, e que nada havia ali que pudesse satisfazer a cobiça dos expedicionarios, nem tão pouco no país de Harahey, que os indios mencionaram quando os hespanhoes se informaram do que havia para além; a que, portanto, o exercito se expunha inutilmente a ser surprehendido pelo inverno nos áridos planaltos, se tardasse mais tempo em regressar, resolveu o chefe emprehender o regresso, e para signal do ponto até onde havia chegado fêz collocar ali uma cruz e gravar no madeiro o seu nome, Francisco Vasquez de Coronado. Escolheu para o regresso um caminho mais meridional que o conduziu a terras muito mais estereis do que as passadas anteriormente e, além d'isso, cobertas de pantanos salinos com crostas de sal fluctuantes de 4 a 5 pollegadas de espessura. Atravessou o Llano Estacado pela sua parte septentrional; passou o rio Pecos umas 30 milhas mais ao meio-dia do que á ida e chegou a Tiguex, onde invernou com o seu exercito.

Durante a sua ausencia no territorio de Quivira, tinham sahido de Tiguex diversas columnas exploradoras em direcção Norte e Sul pela bacia do rio, encontrando em toda a parte povoações indias semelhantes ás que tinham visto até ali. A expedição mais longinqua desceu pelo Rio Grande e chegou até um ponto onde o rio se occultava n'um desfiladeiro, desapparecendo da vista. Este ponto não podia ser senão o situado aos 31º e 39' de lat. Norte, onde o rio entra no famoso Cañon em que o homem não pôde penetrar ainda. Os indios disseram ali aos hespanhoes que muito mais abaixo tornava a apparecer o rio mais caudaloso que antes.

Coronado destinára a primavera seguinte para emprehender outra expedição a Quivira, e pensava em começá-la cêdo para penetrar mais adiante n'aquelle territorio fertil, mas teve que desistir d'esta emprêsa, porque ao correr ao desafio com Pedro Maldonado, caíu do cavallo e ficou gravemente ferido. Este desgraçado accidente fêz que ordenasse o regresso a Culiacan por Cibola, no mês d'Abril de 1542, e effectuou-o sem que occorresse nada de especial; mas, quando se apresentou ao vice-rei na capital para dar-lhe conta da expedição tão dispendiosa e que nenhum beneficio tinha produzido, embora sem culpa de ninguem, o vice-rei recebeu-o muito mal e tirou-lhe o govêrno da parte septentrional do vice-reino, chamada então Nova Galliza.

A incommensuravel extensão do territorio para o Norte e Noroeste, augmentada ainda na imaginação dos hespanhoes com o descobrimento do golpho da California, por detrás do qual a terra se extendia infinitamente para Oeste, deu logar a supposi-

ções geographicas e ethnographicas assás extranhas. Assim o capitão Castañeda julgou os indios de Quivira oriundos da India ou, em geral, dos dilatados territorios que se extendem da China até á Noruega, porque os seus costumes e genero de vida eram completamente differentes dos que até ali tinham sido observados entre os naturaes do Novo Mundo. Presumia que, depois de terem chegado tão longe, tinham passado as cordilheiras e seguido o curso dos rios que se dirigiam para o Sul, como o rio Grande. Estas ideias erroneas, de estar ligada por um lado a America septentrional á Asia e pelo outro á Europa, predominavam então entre os sabios da Europa e até muito depois dominaram tambem no animo dos da propria America, como o provam a carta de marear que faz parte da Geographia de Claudio Ptolomeu, publicada em latim em Veneza no anno de 1562, e a Historia da Nova Hespanha, publicada por Lorenzana, arcebispo do Mexico, n'esta mesma cidade no anno de 1770, na qual obra diz o auctor (pag. 38): «e até se ignora se confina (o Mexico) com a Tartaria e Groenlandia, pelas Californias com a Tartaria e pelo Novo Mexico com a Groenlandia».

Para explorar e fixar a extensão do continente norte-americano, e ver se se encontrava a desejada communicação maritima entre o Atlantico e o Grande Oceano, emprehenderam-se ainda algumas outras expedições; mas por diversos motivos e circumstancias não passou nenhuma dos 43º de lat. Norte.

Uma d'estas expedições, logo que Coronado regressou da sua, foi confiada a João Rodrigues Cabrillo, que explorou a costa occidental da peninsula californiana no verão de 1542; passou a ilha de Cedros aos 28º de latitude e devia ter chegado aos 40º de lat. Norte, porque viu ali uma cordilheira elevada coberta de neve que não podia ser senão a Serra Nevada. Invernou n'um porto junto á ilha da Possessão, onde morreu d'uma queda. O seu successor, o piloto-mór Bartholomeu Ferrel, avançou mais e pretendeu ter chegado aos 43º de lat. Norte, mas a sua narração não é muito clara, e para além a configuração do continente continuou a ser um mysterio.

Para descobrir e occupar a communicação maritima entre os dois mares, que se julgava então havia existir no Norte, como existia o estreito de Magalhães no Sul, e que recebeu entre os annos de 1560 e 1570 até o nome de estreito de Aniano, o rei Filippe III de Hespanha mandou ainda em 1602 uma esquadra da Europa, afim de que não pudessem penetrar n'ella inimigos de Hespanha e apresentar-se subitamente nas costas do Pacifico com intenções hostís; mas, como não foi encontrado tal estreito, abandonou-se este projecto, e outras nações fixaram posteriormente e definitivamente a configuração da America septentrional. A attenção e a actividade dos hespanhoes dirigiu-se já depois do primeiro têrço do século XVI para a America do Sul, onde se fizeram descobrimentos e occorreram successos estupendos.

28. — O Perú e a sua civilização antiquissima

O nome de Perú foi ouvido pela primeira vez quando, sob o govêrno de Pedrarias d'Avila e por ordem sua, Andagoya, inspector geral das Indias, no anno de 1522 emprehendeu do golpho de São Miguel, no isthmo de Panamá, uma expedição ás costas do Sul, e chegou, como disse na sua narração [1] a «uma provincia que se diz Birú, d'onde, corrompido o nome, se chamou Perú». Agostinho de Zarate, na sua *Historia do descobrimento e conquista das Provincias do Perú,* impressa em Sevilha no

[1] Navarrete, III, pag. 420.

anno de 1577, diz sobre a mesma terra: «... uma pequena e pobre provincia a cincoenta leguas de Panamá, que se chama Perú, d'onde depois impropriamente toda a terra... por espaço de mais de mil e duzentas leguas pelo longo da costa se chamou Perú.» Andagoya encontrou ali uma população muito densa e guerreira; mas, apesar de todos os obstaculos, penetrou no interior do país e colheu notícias importantes sobre os territorios situados ao Sul e o poderoso Imperio que ali existia. Em consequencia d'uma queda ao mar que por pouco lhe não custou a vida, não pôde continuar a sua exploração por aquellas regiões, e confiou esta emprêsa a Francisco Pizarro, que precisou de um anno para reunir os meios de realisá-la.

Barro do Perú.

Desde então fôram chamadas *expedições ao Perú* todas as que se dirigiram para o Sul por aquelle lado, e todas as costas que iam sendo descobertas por aquelles infatigaveis exploradores e conquistadores iam sendo incluidas successivamente na designação de *Perú.*

Antes de relatarmos a historia d'estas expedições, digamos alguma coisa sobre o vasto e poderoso Imperio que o aventureiro Pizarro se propôs e conseguiu conquistar e destruir com o auxilio de alguns poucos companheiros.

A monarchia peruviana extendia-se desde a Nova Granada ou Columbia até ao Chile ao longo das cordilheiras, a maior cadeia de montes da terra, confinando o Imperio a Oeste com o Pacifico, e perdendo-se a Léste entre as sombras de incommensuraveis selvas virgens. As raças ou tribus principaes ou dominantes do país eram os quechuás e os aimarás.

As costas americanas do lado do Grande Oceano são pouco accidentadas, sobretudo na parte meridional; mas, ao passo que no Centro e desde o Panamá até além do Equador, por causa das grandes e frequentes chuvas torrenciaes, estão cobertas de selvas virgens sempre humidas, por cima das quaes se ergue lá ao longe a cordilheira dos Andes, começam a ter um aspecto totalmente distincto ao chegar ao extremo septentrional da republica actual do Perú, d'onde seguem para o Sul, cada vez mais monótonas, menos accidentadas, mais sêccas e áridas. «Pobre e áspera, diz Pöppig na sua *Viagem ao Chile, Perú e Amazonas* [1], se apresenta a natureza ao viajante que chega ao antigo Imperio dos incas, á terra do sol; a côr geral da paisagem, entre cinzento e pardo, parece annunciar desde logo uma esterilidade espantosa e uniforme.

[1] Leipzig, 1836; tomo II, pags. 7 e 10.

Vê-se um país plano, limitado do lado do mar por uma linha arenosa esbranquiçada, e que se levanta para o interior gradualmente até formar a extensa cordilheira. Até onde alcança a vista não se vê arvore alguma que interrompa a monotonia d'aquella superficie arenosa e deserta. Ao fundo ergue-se uma cadeia de baixas montanhas graniticas e mesmo mais áridas que a praia, contra cujas escarpadas ladeiras se desfaziam nas primeiras idades do nosso planeta as ondas do Oceano.» As verdadeiras cordilheiras deixam-se ver raras vezes da zona maritima, porque as occulta á vista um véu espesso de nuvens que está suspenso quási permanentemente sobre o país; quando, porém, a raros intervallos se rasga este véu, as massas das diversas cristas que avultam em amphitheatro sobre o horizonte offerecem uma magnifica perspectiva (1). Na zona costeira, onde quási nunca chove, ha, todavia, valles ferazes atravessados pelos ribeiros e torrentes que descem das serras e que desaguam no Oceano; mas entre uma e outra d'estas pequenas regiões verdes extendem-se grandes trechos áridos e arenosos da planicie desprovidos do elemento fertilisador. A esta faixa seguem-se outras mais ou menos parallelas formadas pelas diversas cadeias de montanhas que, juntas, constituem a grande cordilheira dos Andes. Estes valles entre as serras são ao mesmo tempo leitos de ribeiros e rios caudalosos, todos tributarios do Amazonas. Ali ha ricos pastos e terras de lavoura, e ali ficava situada no ponto mais central Cuzco, a antiquissima capital dos incas, chamada pelos peruvianos «Nabel», isto é, «centro do mundo». Ao Sul de Cuzco, n'uma região pittoresca, a léste das montanhas mais gigantescas da immensa cordilheira e a uma altura de 3.800 metros acima do nivel do mar encontra-se o famoso lago de Titicaca, cuja superficie é igual á do reino da Saxonia. Descendo d'estas regiões mais elevadas dos Andes pelo lado oriental e, depois de passar as diversas cadeias parallelas de montanhas, cuja altura vae diminuindo gradualmente, chega-se á região das immensas selvas virgens tropicaes que teem sido até hoje muito pouco exploradas e quási desconhecidas.

O Imperio peruviano tinha annexado por meio de contínuas guerras de conquista os territorios e população de muitissimas tribus muito differentes entre si; mas o tronco principal e a tribu mais antiga era, ao que parece, a *aimara* que, como os toltecas no Mexico, criou a primeira civilisação em volta do lago de Titicaca. Por isso, o sanctuario mais venerado e mais antigo da nação estava n'uma ilha do lago, em cujas margens se erguiam, ainda, os monumentos (hoje em ruinas) mais notaveis, mais caracteristicos e mais primitivos. A segunda tribu fundamental do Imperio, tão antiga provavelmente como a aimara, era a quechua, cujos caciques se intitulavam Incas. Viviam na terra de Cuzco, sua capital, que se tornou capital do Imperio quando o Inca Manco Capac pelo anno 1000 da nossa era, segundo refere a tradição, submetteu ao seu poder as demais tribus. Manco Capac e os seus successores residiam tambem nas margens do lago sagrado de Titicaca,nas quaes tinham um grande palacio chamado Tiahuanaco.

Da historia d'estes povos e do proprio Imperio dos incas nada se sabe ao certo até ao ultimo periodo da sua existencia, isto é, um século antes da invasão e conquista pelos hespanhoes. Desde 1475 até 1525 reinou Huayna-Capac, grande guerreiro e conquistador, que alargou o seu Imperio principalmente pela parte do Norte, justamente por onde entraram depois os hespanhoes, os quaes tiveram ali a vantagem como Cortez no Mexico, de encontrar desde logo povos recentemente submettidos e não

---

(1) Veja-se Carlos Darwin, «Viagem á volta do mundo por um naturalista». Stuttgart, 1874.

assimilados ainda pela raça conquistadora. Francisco Pizarro teve ainda em seu favor a feliz circumstancia de encontrar á sua chegada os dois filhos do fallecido Huayna-Capac occupados em guerra fratricida. O successor legitimo era Huascar que residia em Cuzco, contra elle levantou-se Atahualpa, filho tambem de Huayna-Capac, mas d'outra mãe, que era rainha de Quito, quando Huayna-Capac conquistou este país. Pertencia a herança a Huascar como mais velho e de raça mais pura. Apesar d'isso, Atahualpa, que residia em Quito, reuniu um partido bastante numeroso para fazer a guerra a seu irmão e ficar victorioso. Voltava precisamente d'esta campanha, levando prisioneiro o herdeiro legitimo do throno, quando se encontrou em Cajamarca com Pizarro e a sua gente, como veremos adiante.

Os incas pretendiam ser d'origem divina, filhos do sol; em vida eram venerados como taes e, depois da sua morte, continuavam a ser adorados como deuses. Em todos os seus dominios possuiam muitos palacios, como em Huanaco, Jauja, Tacauga, além dos de Cuzco e Quito, as duas capitaes principaes do Imperio. O da primeira tinha um comprimento de 350 pés e estava guarnecido de frisos d'ouro, riquissimamente adornado e rodeado de vastos jardins. Uma das suas residencias favoritas era Yucay perto de Cuzco. Apresentavam-se em público vestidos faustosamente de ricos tecidos de finissima lã e brilhantes côres, tudo ornado d'ouro e pedras preciosas. Os altos dignitarios distinguiam-se por um pennacho curto pregado n'uma especie de turbante de côres vivas com que cobriam a cabeça. O culto antiquissimo, aperfeiçoado já em época remota pelos aimaras, reconhecia por divindade principal o Sol, ao qual eram consagrados grande numero de templos, reluzentes d'ouro, com idolos do mesmo metal. Veneravam tambem outros astros, phenomenos da natureza e até montanhas, rochedos, fontes e rios. Os sacerdotes occupavam o primeiro logar depois do soberano, e o summo pontifice era sempre descendente da familia real. Este clero vivia sujeito a regras em extremo rigidas que incluiam jejuns e penitencias; e as donzellas consagradas ao serviço do Sol, que como as vestaes guardavam o fogo sagrado, levavam uma vida monachal severissima. Os sacrificios que o culto exigia não eram em geral tão barbaros como os que offereciam os aztecas ás suas divindades; mas em certos casos os sacerdotes peruvianos sacrificavam tambem mancebos, cujo peito abriam, como os sacerdotes mexicanos, com um cutello de pedra para arrancar-lhes o coração e offerecê-lo á divindade.

Depois do rei e dos sacerdotes seguiam-se por ordem de cathegoria os nobres, a cuja casta pertenciam em primeiro logar os numerosos membros e parentes da familia real. Esta casta distinguia-se tambem por um traje especial e gozava, entre outros privilegios, de ser a unica idonea para todas as dignidades principaes, taes como a de summo pontifice, conselheiro do rei, general em chefe, etc. Pertenciam tambem a esta casta os curacas ou caciques das tribus submettidas e incorporadas no Imperio, assim como os seus descendentes.

O resto do povo carecia de toda a liberdade individual; os officios eram transmittidos de paes a filhos; o genero de vida e o vestuario estavam regulamentados rigorosamente por leis especiaes, de maneira que nenhum homem do povo podia sahir da sua esphera, nem adquirir riquezas, nem cair na pobreza, porque o territorio, que pertencia já aos templos, já ao rei, já ao thesouro ou Estado, era dividido cada anno em lotes, cuja cultura competia ao povo e eram distribuidos pelas communidades e familias segundo o numero dos seus membros. Os peruvianos tinham sobre os mexicanos a vantagem de possuir um animal domestico e de carga, o lama; mas a criação d'estes animaes preciosos era um privilegio exclusivo do soberano, que fazia distribuir por

cada familia a quantidade de lã de que necessitava para vestir-se e para os demais usos. O mesmo succedia com a producção do ouro e da prata, se bem que estes metaes eram empregados quási exclusivamente em aformosear os templos e palacios. Além da lã, faziam-se tecidos d'algodão e d'outras materias textis. Os varões usavam saios d'uma côr determinada e differente em cada provincia conforme prescripção rigorosa; as mulheres usavam uma especie de camisa comprida, uma faixa na cabeça e sandalias.

A agricultura subira a uma altura surprehendente; os peruvianos adubavam os campos com guano; cultivavam as faldas das montanhas, dispondo-as em socalcos, e regavam os campos conduzindo para elles a agua dos ribeiros e torrentes. Os productos principaes eram a fava, o milho, a batata, bananas, o algodão e o tabaco, que aspiravam em pó e empregavam como remedio, mas não o fumavam. Tambem cultivavam o agave e a coca [1], cujas folhas mascavam como excitante do systhema nervoso.

Mumias da necropole de Ancona.

As demais industrias não estavam menos desenvolvidas; não conhecendo o ferro, usavam ferramentas de cobre, bronze e pedra, e, comtudo, faziam objectos admiraveis de metal, taes como figuras d'ouro de tamanho natural e espelhos polidos planos, e concavos para concentrarem os raios solares n'um fóco. Fabricavam tecidos admiraveis de bellissimos desenhos e combinações de côres, até uma especie de tapetes de lã tingida, como o demonstram os restos encontrados no cemiterio de Ancon, na costa ao Norte de Lima, onde fizeram excavações os allemães W. Reiss e A. Stübel [2].

As casas eram edificadas conforme as condições climatericas de cada logar. No littoral, onde quási não é conhecida a chuva, eram de adobes com tecto plano ou terraço, e na serra eram de pedra com tecto de palha. A luz penetrava unicamente pela porta, e geralmente constava cada casa só d'um pavimento. As povoações grandes e as cida-

---

(1) Sobre as propriedades d'esta planta, etc., veja-se a obra do eminente prof. Dr. Julio Henriques, da Universidade de Coimbra — *Agricultura Colonial*, Lisboa, p. 163 a 166. E' d'esta planta que se extrae a cocaina (N. do T.).

(2) Veja-se a sua obra escripta em allemão: *As sepulturas de Ancon*, com estampas. Berlim, 1881-1883.

des estavam cercadas de dupla e tripla muralha com portas que se cerravam de noite. A grande fortaleza de Sacsahuaman, construida, segundo parece, pelo modelo das obras, mais antigas ainda, de Tiahunaco, tinha tres recintos de muralhas ciclópicas formando salientes. Os edificios monumentaes, no que se tem conservado, apresentam um estylo architectonico severo e monótono, que não conhece o emprego de columnas que tanto realce dão ás construcções grandes. Só nos baixo relevos de fórmas sempre rigidas, d'um gôsto especial mas tôsco, é que se manifestava o instincto plastico, assás rude, dos antigos peruvianos.

Maior importancia teem os aqueductos e as calçadas pela sua perfeição e concepção grandiosa. Estas ultimas formavam uma rêde que irradiava da capital e se extendia por todo o Imperio, sendo a mais longa a de Cuzco a Quito e Pasto, cujo comprimento em linha recta era de 225 milhas com uma largura que variava entre 15 e 25 pés, toda empedrada de grandes lages quadradas e plantada em muitos trechos de arvores aos lados. Transpunha barrancos que os peruvianos haviam aterrado para este fim; n'outras partes tinham cortado rochas para abrirem e alargarem a passagem, e em sitios escarpados tinham formado escadarias em longuissimos trechos, porque, não conhecendo carros nem tendo senão um animal de carga, o lama, estes degraus não offereciam nenhuma difficuldade para as communicações e para o tráfico.

Muito maior era certamente a que offereceram á cavallaria hespanhola, quando chegou a estes pontos, mas os hespanhoes venceram este obstaculo como os demais. As distancias eram assignaladas por marcos miliares, e de tres em tres ou de quatro em quatro milhas havia uma pousada, chamada *tambo,* para o alojamento do inca e do seu séquito. Sarmento, que viu estas calçadas, quando estavam ainda em perfeito estado de conservação, diz que o imperador Carlos V não faria nem sequer uma pequena parte do que fizeram os incas com a sua administração perfeitamente organizada e montada nos territorios das suas tribus submettidas; e Fernando Pizarro, irmão do conquistador e o mais instruido da familia, escreveu enthusiasmado: «Em nenhuma parte em toda a christandade se vêem tão admiraveis caminhos». A estes testemunhos podemos ajuntar o de Humboldt que n'uma das suas obras, *Quadros da Natureza,* diz: «O que vi das calçadas romanas na Italia, na França meridional e na Hespanha, não me pareceu mais imponente que estas obras dos peruvianos antigos, sendo certo que estas ultimas estão construidas a uma altura de 12.440 pés acima do nivel do mar, conforme as minhas observações barometricas.» Correios a pé, chamados *chasquis,* levavam as ordens do govêrno, do mesmo modo que se fazia no Mexico, a todas as partes do dilatadissimo Imperio, e informavam o inca, á sua volta, de tudo o que se passava.

Os peruvianos não tinham escripta; suppriam-na, porém, com os *quipos,* que eram cordas de lã de differentes côres, com nós, reunidas por grupos enlaçados n'outros principaes e secundarios, subdivididos de mil maneiras e que pela sua disposição, numero de cordas e de nós, distancias entre estes e sua especie, assim como pela côr significavam coisas determinadas, e bastavam para as exigencias da administração civil, economica e militar. Em geral a côr branca significava a paz ou a prata, a verde o milho; a amarella, o ouro; a vermelha, a guerra. Havia atados de cordas que pesavam até meio quintal.

O serviço militar estava tão regulamentado e organizado como a vida e a sociedade civil. O armamento consistia em clavas de cobre, machadas de bronze, lanças e flechas com pontas de cobre; alguns corpos usavam fundas; as armas defensivas consistiam em couraças d'algodão e cascos de madeira forrados d'algodão, e adornados d'ouro e pedras preciosas conforme a classe e cathegoria do guerreiro de casta distincta. Os sol-

dados rasos usavam d'uma especie de turbante na cabeça. Os instrumentos musicos de guerra eram tambores e cornetas. Nas expedições acampavam as tropas em tendas de tecidos d'algodão. Toda a força armada, que nas grandes guerras chegava até 200.000 homens, estava dividida em contingentes proporcionaes á população e nas marchas e batalhas formavam os fundibularios a vanguarda e os clavarios e porta-achas o grosso.

Em nenhuma parte do Novo Mundo acabaram os conquistadores hespanhoes tão radicalmente como no Perú com a antiga civilisação dos povos indigenas. Apenas se conservaram n'aquelle país alguns restos do que os peruvianos enterraram com os seus mortos, porque desde as mumias dos reis, sentadas em cadeiras d'ouro no templo do Sol no Cuzco, até ás sepulturas de pedra dos nobres, cujos cadaveres se conservavam tambem embalsamados, e até ás sepulturas dos pobres, tudo foi profanado, destruido e saqueado pelas mãos cubiçosas dos aventureiros que em busca de riquezas arrostavam perigos tão inauditos com vontade sobrehumana. Da extraordinaria densidade da antiga população peruviana dão prova as vias de communicação, a administração complicada, os monumentos gigantescos. As narrativas do historiador Gomara, que diz que nos primeiros dez annos da conquista pereceram approximadamente milhão e meio de habitantes, dão-nos ideia da grande densidade da população, e por outro lado os objectos encontrados nos tumulos da necropole de Ancon, que occupa na praia solitaria uma superficie d'um kilometro quadrado, cercada antigamente d'um muro de pedra, e as fileiras de tumulos que fóra d'este vasto recinto se encontram n'uma extensão de muitas horas, tumulos até de seis metros de profundidade e em muitos dos quaes descansam os restos de várias pessoas dobradas e sentadas, mettidas e estreitamente atadas n'um sacco d'um tecido grosseiro de lã e envolvidas as mais ricas ou distinctas em mantos e tecidos de preciosas côres e desenhos, demonstram-nos o alto ponto a que chegaram a industria, a civilização e o bom gôsto d'este povo. Além d'isso, tem sido encontrado junto aos mortos todas as especies d'utensilios, d'uso commum, taes como armas, joias, collares e vasilhas de barro ornadas e pintadas; instrumentos e utensilios das diversas industrias, fusos de várias côres, lã e artefactos fiados, tecidos e até brinquedos de crianças. Toda esta civilização vigorosa, que tanto promettia, foi destruida e exterminada, sem misericordia nem contemplação alguma, pela conquista, e, a não ser a referida necropole, sem deixar vestigio algum do seu passado.

29. — Tentativa de Francisco Pizarro para chegar até ao Imperio dos incas

Francisco Pizarro, procurando recursos, como dissemos, para realizar o proposito a que Andagoya tivera de renunciar pelas consequencias da sua queda no mar, tinha conseguido obter a necessaria auctorização, dinheiro e companheiros d'armas. Proporcionou-lhe o dinheiro Fernando de Luque, clérigo intelligente e habil, vigario da igreja do Panamá, que reuniu os meios pecuniarios e obteve do governador a licença para a expedição; e deu-lhe a força armada Diogo d'Almagro, do qual diz Agostinho de Zarate na sua *Historia do descobrimento* (1): «Almagro, cuja origem nunca se pôde bem averiguar, porque alguns dizem que foi encontrado á porta da igreja». Este homem desherdado, sem futuro na sua patria, fôra para o Novo Mundo afim de ganhar

(1) Sevilha, 1577, pag. 1.

ali uma situação. Era militar excellente, valente, leal, inimigo mortal de falsidades e de intrigas, posto que, por outro lado, se deixasse arrebatar algumas vezes pelos seus primeiros impulsos apaixonados; robusto, dextro e tão bom andarilho que sabia seguir na selva mais intrincada o rasto d'um indio, e alcançá-lo, ainda que levasse já uma hora de dianteira [1]. Emquanto Pizarro armava tres navios, um de 40 toneladas e outro de 70, sendo o terceiro um pequeno bergantim, recrutou Almagro 112 soldados hespanhoes. Accordaram ambos em que Pizarro partiria primeiro, que quanto antes o seguiria Almagro com o resto da força que reunisse e que, finalmente, o padre Luque auxiliaria a emprêsa, do Panamá, onde o retinha o seu ministerio.

Fez-se Pizarro á vela com dois navios a 14 de Novembro de 1524 e desembarcou junto ao pequeno rio Birú, onde a costa pantanosa estava coberta de bosques. No caminho tinham soffrido muito os navios por causa dos temporaes, mas, apesar d'isso, regressou um d'elles commandado por Montenegro ao Panamá para embarcar ali mais forças, emquanto Pizarro, com a tropa desembarcada, aguardou pacientemente e soffrendo todas as contrariedades imaginaveis sem exceptuar a fome, tanto que a expedição chegou a cozer e comer couro curtido, pelo que foi chamado o ponto onde tanto soffreram Porto da Fome. Tinham passado já 47 dias aguardando a volta do navio, quando os expedicionarios descobriram uma aldeia não longe da costa, onde encontraram algum milho e cacau. Finalmente, chegou o navio, quando tinham morrido já alguns hespanhoes dos que tinham ficado em terra com Pizarro. Este apressou-se a abandonar um ponto tão funesto, e avançou mais para o Sul, onde caíu subitamente sobre uma cidade situada n'uma collina e fortificada com estacadas; mas encontrou-a deserta. Os habitantes tinham fugido. Explorando os arredores, foi surprehendida a expedição pelos naturaes do país que mataram cinco hespanhoes e feriram Pizarro repetidas vezes. Convencido da sua impotencia, regressou ao Panamá, para levar comsigo Almagro, ao qual não encontrou. Almagro havia partido já e, não encontrando Pizarro nem os signaes que os expedicionarios costumavam deixar, ainda que não fôssem senão incisões nas arvores, passou adiante e chegou ao rio de São João, a 4º de lat. Norte. Não longe do sitio onde Pizarro tivera a acção referida, foi Almagro atacado por sua vez pelos habitantes e recebeu um ferimento que o deixou cego d'um olho. Seguiu, comtudo, navegando mais para o Sul até que viu claramente que aquellas terras faziam parte d'um Imperio poderoso e abundante em ouro. Com esta convicção emprehendeu o regresso para inquirir o que havia sido de Pizarro e demais hespanhoes.

Reunidos outra vez no Panamá, fizeram os tres, Pizarro, Almagro e Luque, em 10 de Março de 1526, um contracto solemne para a conquista do Perú, obrigando-se Luque a fazer um novo adiantamento de 20.000 pesos em ouro em troca da terça parte dos lucros e do territorio que fôsse conquistado. Firmaram este contracto por Pizarro e Almagro, que não sabiam escrever, dois hespanhoes estabelecidos no Panamá, e o notario.

Na primavera do anno de 1526 puderam outra vez fazer-se á vela Pizarro e Alma-

---

[1] Veja-se em Navarrete, Collecção de documentos inéditos para a Historia de Hespanha, Madrid, 1844, a narração de Pedro Pizarro, tomo V, pag. 2o3. Este Pedro Pizarro era natural de Toledo e nenhum parentesco tinha com Francisco Pizarro, em cujo serviço entrou na idade de 15 annos, acompanhou-o tres annos depois em suas campanhas, e escreveu mais tarde uma *Narração do descobrimento do Perú*, etc.

gro com dois navios e 160 homens d'armas, fazendo de piloto Bartholomeu Ruiz, natural de Moguer, perto de Palos. A expedição saltou em terra na foz do rio São João, onde, n'uma aldeia, encontrou uma pequena quantidade de ouro, com o qual Almagro voltou ao Panamá para contractar mais gente, emquanto Pizarro permaneceu onde estava até ao regresso do seu companheiro.

Entretanto, o piloto Ruiz foi explorando as costas para o Sul; tocou na ilha do Gallo, na bahia de Tumaco, ao 2º de lat. Norte; na bahia de São Matheus, a 1º 30' de lat. Norte, passou o Equador e para além do cabo Passado a 1º de lat. Sul, e seguindo adiante, encontrou uma «balza» peruviana (jangada com velas) procedente da cidade e porto de Tumbez, situada aos 3º 30' de lat. Sul, e que levava tecidos formosissimos de ricos desenhos e côres, que assombraram o piloto Ruiz. Os tripulantes da balza mais excitaram por sua parte o assombro com as notícias que deram do Imperio dos incas, e com isto resolveu Ruiz regressar immediatamente para communicar tudo a Pizarro. Chegou quási simultaneamente tambem Almagro com 80 homens de reforço que havia contractado; de modo que Pizarro não quis já perder mais tempo junto do rio São João e transferiu-se com todas as suas forças para a ilha do Gallo. D'ali foi explorando a costa para encontrar um ponto favoravel onde realizasse o desembarque.

Barro do Perú.

Convenceu-se então de que, á medida que avançava, augmentavam os indicios de civilização e riqueza como os tinha observado Ruiz, tanto que ao querer, finalmente, desembarcar em certo ponto, viu reunir-se com grande presteza um exercito de 10.000 guerreiros para rechaçar os invasores. Considerando Pizarro emprêsa temeraria disputar o terreno com a sua pouca gente a uma força tão consideravel e tão bem organizada, regressou á ilha do Gallo, d'onde mandou Almagro ao Panamá com um navio e a gente necessaria, além dos que quiseram deixar a expedição, para reunir novos e maiores recursos.

Depois da partida de Almagro, vendo que ainda entre a sua gente havia muitos que tinham ficado com elle contra vontade, resolveu com valor heroico desfazer-se d'elles para que não desanimassem os mais valentes e, cedendo-lhes o navio que lhes restava, deixou-os partir, ficando elle com o reduzido resto dos seus companheiros mais arrojados n'aquella ilhota sem outra esperança além da sua bôa estrella.

Logo que o governador do Panamá soube d'esta resolução tão desesperada pelos que chegaram com o segundo navio, mandou outros dois navios commandados pelo capitão Tafur, com ordem para Pizarro de regressar immediatamente com a gente que

lhe havia ficado para não sacrificá-la inutilmente n'uma emprêsa impossivel. Tinha-o induzido a esta resolução uma carta que um dos homens que ficaram com Pizarro introduzira secretamente n'um dos fardos do algodão com que se tinha carregado o segundo e ultimo navio, e na qual pintára com côres vivas a situação triste em que ficaram os da ilha; mas, como Almagro e Luque tinham enviado com os navios de Tafur cartas a Pizarro alentando-o a sustentar-se na ilha do Gallo, e promettendo-lhe prompto auxilio, resistiu com o seu piloto a voltar ao Panamá.

Quando Tafur lhe communicou a ordem do governador, Pizarro reuniu todos os seus companheiros na praia, traçou na areia com a sua espada uma linha de Levante a Poente e disse apontando na direcção do meio-dia: «Ali está o Perú com os seus thesouros, e ali — apontando o Norte — está o Panamá com a sua pobreza. Escolhei; eu vou para o Sul!» e, dizendo isto, passou a linha traçada. Seguiram-no o seu fiel piloto e 12 homens, os mais resolutos, cujos nomes fôram conservados pelos historiadores hespanhoes, porque com este acto decidiram a sorte do Perú e de Pizarro.

Partiu o resto, e Pizarro com os seus companheiros retirou-se para a ilha Gorgona, situada 15 milhas mais ao Norte, porque, além de ser de maior extensão que a do Gallo, offerecia nos seus bosques e mananciaes os meios de subsistencia mais precisos. Ali permaneceram de seis a sete meses, até que Almagro lhes enviou um pequeno navio com uns quantos homens de reforço, com os quaes Pizarro voltou outra vez ao Sul, e chegou até á cidade de Tumbez, situada na margem meridional da bahia de Guayaquil. Ali mudava o caracter do país e, em logar de pantanos, selvas e uma atmosphera de miasmas, viram os hespanhoes uma praia arenosa, sêcca e saudavel. A cidade estava rodeada de tres muralhas por ser a praça mais importante do Norte do Imperio. O templo estava coberto de chapas d'ouro e prata e os habitantes mostraram-se pacificos. O official d'infanteria, Molina, e o de cavallaria, Pedro de Candia, desceram a terra cobertos com a sua reluzente armadura, e o ultimo espantou não pouco os habitantes quando, para mostrar-lhes o effeito das armas europeias, tirou o seu arcabuz e fêz fogo.

D'ali seguiram os aventureiros mais para o Sul; passaram o cabo Branco a 4º 17' de lat. Sul e poucas milhas mais longe até á Ponta de Pariña, o maior promontorio da America do Sul e onde começa a elevar-se a costa, até ali inteiramente plana; mas, não tendo porto até Santa, onde desagua a maior das torrentes que n'aquella costa descem das serras ao mar, não passou d'aquelle ponto a expedição.

Por outro lado, tendo-se convencido Pizarro da riqueza e força do grande Imperio, assim como da importancia da sua conquista para a corôa de Hespanha, comprehendeu tambem que esta conquista só era realisavel eom a auctorização e o apoio do govêrno hespanhol, razão por que regressou ao Panamá e, apenas chegado, embarcou para a Hespanha, porque o governador do Panamá não quis dar-lhe os recursos que julgava necessarios para a conquista. Levou os mappas traçados pelo piloto Ruiz, que se encontram já publicados pela primeira vez no mappa-mundi de Ribeiro [1], de 1529, com o fim de fazer ver melhor ao rei a extensão e importancia do Imperio peruviano.

---

[1] Da actividade cartographica de Ribeiro restam dois mappa-mundi, ambos datados de 1529. O primeiro pertence á collecção do grã-duque de Weimar e foi reproduzido, ainda que imperfeitamente e incompletamente, segundo Hamy, na folha 64 do Atlas do Visconde de Santarem. O segundo pertenceu á collecção Borgia, da qual passou para a Propaganda de Roma em 1830, sendo reproduzido por concessão de Leão XIII, e figurando um exemplar d'esta reprodução na Exposição de Cartographia Nacional da Sociedade de Geographia de Lisboa de 1903-1904, com o n.º 125 do respectivo catalogo.

Desembarcou em Sevilha, e, apenas saltou em terra, foi preso a reclamação do bacharel Enciso, seu credor, mas foi-lhe dada a liberdade em seguida por ordem do govêrno, que tinha já notícia da sua viagem. Pizarro dirigiu-se immediatamente a Toledo, onde apresentou ao rei os diversos productos da industria peruviana, as suas joias e adornos d'ouro e um lama, que excitou a curiosidade geral. Carlos V recommendou o assumpto ao conselho das Indias, e o resultado foi um convenio entre Pizarro e os seus dois socios por um lado e a corôa de Hespanha por outro, que foi firmado em 26 de Julho de 1529 pela rainha representando seu marido e por Pizarro em seu nome e no de seus socios, Almagro e Luque, ficando Pizarro nomeado *adiantado* do Perú, Almagro commandante de Tumbez, o padre Luque bispo d'esta mesma cidade e Ruiz piloto-mór do Oceano Austral, todos com os seus correspondentes soldos que deviam cobrar das receitas do Perú conquistado. Os doze soldados fieis que não quiseram abandonar Pizarro, fôram elevados á cathegoria de fidalgos. Além d'isso, o govêrno auxiliou a emprêsa com artilheria e demais material de guerra e com cavallos que haviam de recrutar-se na Jamaica.

Em Janeiro de 1530 embarcou Pizarro em Sanlúcar com bom numero de tropas em tres navios, porque, estando sendo a sua emprêsa auctorizada pelo govêrno, não faltariam já ao seu iniciador nem recursos em dinheiro nem homens. Acompanharam Pizarro os seus tres irmãos, Fernando, João e Gonçalo, e chegaram sãos e salvos ao porto de Nombre de Dios.

Ao saber Almagro das condições do convenio celebrado por Pizarro com o rei, foi grande o seu desgôsto, porque tinha combinado com Pizarro que elle seria nomeado seu logar-tenente e não simplesmente commandante de uma praça; mas por então contentou-se com a explicação do seu companheiro, o qual lhe disse que o govêrno assim o quisera. Esta decepção e a injusta postergação que representou para Almagro fôram o germen d'uma situação violenta entre os dois homens e conduziram a uma solução tragica para ambos.

30. — A conquista do Perú

Em Janeiro de 1532 fez-se Pizarro á vela do porto do Panamá com 3 navios, 180 homens e 37 cavallos, com intenção de ir directamente a Tumbez; ventos contrarios

---

Não nos occorre se estes dois mappas fôram comparados e determinada a relação em que porventura se encontrem.

Devemos aqui consignar que o Visconde de Santarem e a sua obra admiravel de erudito tem ultimamente sido objecto de alguns estudos, cuja referencia cabe n'este logar: M. A. Ferreira da Fonseca, *O Atlas do Visconde de Santarem,* Lisboa, 1903; do mesmo, *Visconde de Santarem,* (apontamentos para a sua biographia), Lisboa, 1907; Dr. Antonio Baião, *O Visconde de Santarem como guarda-mór da Torre do Tombo,* Coimbra, 1909; do mesmo, *Aditamento* a este trabalho, Coimbra, 1910; Vicente Almeida d'Eça, *O Visconde de Santarem e a sua obra scientifica,* Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa, n.º 1, 1907; Jordão A. de Freitas, *O 2.º Visconde de Santarem e os seus Atlas geographicos,* Lisboa, 1909.

Merecem especial menção as publicações com que o actual e benemerito Visconde de Santarem tem consagrado á memoria do seu illustre antecessor e que são dois volumes de *Opusculos e Esparsos*, colligidos e coordenados por Jordão de Freitas, Lisboa, 1910, e um volume de *Ineditos* (Miscellanea), Lisboa, 1914.

Para a historia da nossa cartographia muito contribuiu o Dr. Sousa Viterbo com os seus *Trabalhos Nauticos dos Portugueses,* etc., já aqui citados.

obrigaram-no, porém, a atracar na bahia de São Matheus, perto do extremo Norte da republica actual do Equador, onde uma partida dos tripulantes saltou em terra e caíu sobre a cidade de Coaque, na qual fêz uma prêsa consideravel de ouro, prata e esmeraldas. Uma quinta parte foi reservada para o rei e o resto distribuido entre a gente em proporção da sua cathegoria, menos uma parte que Pizarro mandou para o Panamá para attrahir mais gente [1].

Não longe do porto de Guayaquil juntou-se á expedição Sebastião de Benalcazar com 30 homens novamente contractados; e seguidamente continuou-se a viagem até á ilha de Puna, chamada então Santhiago, onde os hespanhoes fôram recebidos hospitaleiramente, podendo deixar passar a estação das chuvas e aguardar os reforços, com que contavam. Os ilheus estavam em desavença com os habitantes da terra firme, isto é, com os de Tumbez, os quaes disseram a Pizarro que os seus inimigos tinham o projecto de matar n'um dado momento todos os hespanhoes. Esta notícia determinou Pizarro a apoderar-se dos caciques da ilha e dar-lhes a morte; e, como o povo indignado se levantasse, derrotou-o n'uma batalha e submetteu-o á força.

Ornato da porta monolithica de Tiaguanaco.

Então chegou Fernando de Soto á ilha com dois navios e um reforço de 100 homens contractados no Panamá, com o aperitivo do ouro e das esmeraldas que Pizarro enviára para ali com este fim. Com este auxilio julgou-se Pizarro já bastante forte para se dirigir a Tumbez, onde soube que entre os dois filhos do fallecido inca Huayna-Capac havia estallado uma sangrenta guerra. Depois de terem reinado pacificamente os dois desde 1525 a 1530, Atahualpa em Quito e Huascar no Cuzco, Atahualpa, ambicioso e guerreiro, desejando engrandecer os seus dominios, reclamou de seu irmão e occupou o territorio de Tumibamba, hoje Cuenca, que comprehende a bahia de Guayaquil situada a 3° de lat. Sul. Feito isto, marchou sempre victorioso sobre a capital de seu irmão, que lhe deu batalha perto de Chontacaxas, a pouca distancia de Cuzco.

N'esta batalha Huascar ficou vencido e prisioneiro; os generaes de Atahualpa, Quizquiz e Chalcuchima, apoderaram-se da capital, e Quizquiz fêz matar quási todos os membros da familia do inca vencido. Isto succedia na primavera do anno de 1532,

(1) Veja-se a Narração já citada de Pedro Pizarro na Collecção de Navarrete.

pouco antes da chegada de Pizarro áquella região; de modo que Pizarro encontrou os habitantes de Tumbez aterrados, porque tinham padecido muito na guerra civil e o vencedor Atahualpa estava com o seu exercito a umas 60 milhas ao Sul, perto de Cajamarca. Pizarro quis aproveitar estas circumstancias e, logo que pôs as suas forças em terra, marchou com ellas para o Sul, proclamando por toda a parte como soberano do país o rei de Hespanha, coisa que ninguem tratou de impedir, porque ninguem comprehendeu nem notou o alcance d'aquelle acto.

A 5º de lat. Sul fundou Pizarro no valle de Tangarara a colonia de São Miguel; mas como o sitio fôsse doentio, foi transferida a nova cidade ao cabo d'algum tempo para a Piura. A 24 de Setembro de 1532 sahiu Pizarro de São Miguel em busca do acampamento de Atahualpa, só com 110 infantes, 67 cavalleiros e uns quantos arcabuzeiros, dos quaes fêz retroceder 5 infantes e 4 cavalleiros para a nova colonia, porque tinha notado que o seguiam de má vontade, já por descontentamento, já por medo, de fórma que emprehendeu só com 168 homens a conquista de um Imperio de 400 milhas de comprido. Não tardou em saber da sua marcha o inca, que lhe mandou mensageiros convidá-lo para o seu acampamento de Cajamarca. Pizarro acceitou; e, desprezando todos os perigos, pôs-se a caminho com a sua columna, porque exercito não podia chamar-se. Levava comsigo dois interpretes indios que tinham estado com elle em Hespanha e haviam sido baptisados com os nomes de Martim e Filippe, e subindo pela serra até encontrar a grande estrada imperial, seguiu-a para o Sul.

No caminho sahiram ao seu encontro diversos mensageiros com presentes do seu soberano para elle, mas tambem com a missão secreta de informar-se exactamente do numero, armamento e outras particularidades dos extrangeiros.

Depois de sete dias de marcha chegaram os hespanhoes ao valle de Cajamarca, situado a 2.860 metros acima do nivel do mar, e onde por esta mesma circumstancia se disfructa um clima fresco e agradavel. Hortas, jardins e campos bem cultivados extendiam-se ao longo do caminho, e ao fundo elevavam-se as columnas de vapor dos mananciaes e thermas sulphurosas de Pultamarca, que sahem do interior da terra com uma temperatura de 55 graus Réaumur, e que ainda hoje teem o nome de banhos dos incas. Ali costumava passar tambem a temporada de banhos Atahualpa, achando-se agora com um exercito de 40.000 guerreiros acampado em tendas na falda da montanha antes de chegar aos banhos. Pizarro entrou na cidade de Pultamarca cercada de elevada e triplice muralha, e que os habitantes tinham abandonado. A 15 de novembro occupou a praça do mercado e em seguida reconheceu a topographia da cidade e dos seus arredores para dispôr o seu acampamento ao abrigo de qualquer surpreza.

Soto explorou com alguns cavalleiros o país e reconheceu as posições occupadas pelos peruvianos. Disposto tudo isto, mandou Pizarro como embaixador, ao inca, seu irmão Fernando com uma escolta de 20 cavalleiros commandados por Soto. Para se impôrem aos peruvianos que nunca tinham visto cavallos, fizeram os cavalleiros com Soto á frente, o ultimo trecho de caminho a galope largo até chegarem ao regato que formava o limite do acampamento peruviano. Atahualpa aguardava a embaixada no atrio do seu palacio, sentado n'um throno e rodeado da sua côrte; diante d'elle duas mulheres extendiam um veu summamente fino, através do qual o soberano via tudo sem que a sua pessoa sagrada pudesse ser vista por olhos profanos, como era uso antigo no país; mas ao approximar-se Soto, mandou baixar o veu, e então adiantou-se Fernando Pizarro e dirigiu ao soberano a sua allocução, que foi traduzida pelo inter-

prete, dizendo que era enviado d'um rei poderoso para instruir os peruvianos na religião verdadeira (1).

O inca nada respondeu, mas um dos seus grandes dignitarios disse: «Está bem.» Então tornou a falar Pizarro e pediu ao monarcha que visitasse os hespanhoes no seu acampamento, o que o inca prometteu fazer acabados os jejuns; accrescentando que, entretanto, podiam os hespanhoes alojar-se nos edificios do Estado em Cajamarca. E d'esta fórma despediu a embaixada.

Esta audiencia impressionou profundamente os hespanhoes, os quaes comprehenderam claramente a sua situação difficilima e o temerario de sua emprêsa, depois de terem visto a brilhante apresentação do inca, a magnificencia da sua côrte, a veneração quási divina de que era objecto, a sua immensa auctoridade e poderio absoluto e o seu exercito imponente, capaz d'anniquilar de um golpe o reduzidissimo ainda que ousado bando d'aventureiros europeus. Só um meio offerecia esperanças de exito para contrabalançar tanto poder e paralysar a resistencia. Pizarro propô-lo aos seus officiaes reunidos em conselho, e estes acceitaram-no e prometteram executá-lo exactamente. Este recurso supremo era surprehender e fazer prisioneiro o inca por meio d'um golpe de mão.

No dia seguinte, pela tarde, chegou Atahualpa sentado n'um palanquim levado por nobres, acompanhado d'um numerosissimo e brilhante séquito, e 5.000 homens de tropa escolhida. Pizarro sahiu a recebê-lo e convidou-o a entrar na praça. Atahualpa entrou sem o menor receio e confiado na sua imponente força. Assim chegou á praça maior, sem que se visse um só hespanhol, porque, se tivessem sahido a prestar as honras, os indios teriam visto o numero exiguo dos extrangeiros; mas em segredo cada um estava preparado e armado para a surpreza, os cavallos sellados nos pateos das casas e os dois canhões carregados e assestados para a praça. Vinte soldados resolutos estavam postados de maneira que sem serem vistos pudessem vigiar cada movimento do inca com ordem d'apoderar-se d'elle ao primeiro signal.

Logo que o inca chegou á praça, sahiu ao seu encontro o dominicano frei Vicente de Valverde (depois bispo de Cuzco) com uma cruz em uma das mãos e a Biblia na outra e expôs-lhe em poucas palavras o mais essencial da religião christã, desde a creação e o primeiro peccado até á vinda de Christo, que havia entregado todo o poder na terra ao seu apóstolo São Pedro e aos seus successores, os papas. Disse-lhe que o Papa residia em Roma, d'onde havia repartido todos os países entre os soberanos christãos, tendo cabido o Novo Mundo ao rei Carlos de Hespanha, a fim de que todos os povos do mundo fôssem convertidos á religião christã e recebessem a agua do baptismo.

O monarcha peruviano comprehendeu a parte do discurso em que se negava a legitimidade da sua dignidade e poder soberanos e respondeu com calma e voz tranquilla que não conhecia nem a Christo nem a São Pedro; que para elle era o Sol a divindade suprema e que quanto a seus Estados os havia herdado dos seus maiores. A isto replicou o frade que o que elle dissera eram as palavras do proprio Deus, que annunciára a sua vontade na Sagrada Escriptura, e mostrou-lhe a Biblia que tinha na mão. O inca tomou o livro, folheou-o e arremessou-o com desprêzo ao chão, dizendo: «Este livro não diz nada d'isso.» Sobre o que então succedeu discrepam as narrações dos primeiros historiadores dada a falta de testemunhas, porque a conversação foi curta e os actos

---

(1) Narração de Pedro Pizarro, pag. 224.

que se lhe seguiram rapidos. Alguns pretendem que o frade indignado com a profanação do livro sagrado, prometteu a absolvição aos hespanhoes por qualquer violencia que commettessem; mas isto não é verdade, porque se sabe que Pizarro tinha formado o plano do golpe de mão e é natural que fôsse quem désse o signal do ataque, posto que ulteriormente pudesse, bem ou mal, justificar-se com a profanação da palavra de Deus. A' ordem de Pizarro soaram as trombetas e os tiros dos canhões, e no mesmo instante sahiram os hespanhoes a pé e a cavallo dos sitios onde estavam occultos e precipitaram-se sobre os indios. Estes defenderam-se o melhor que puderam, estabelecendo-se uma lucta violentissima em volta da pessoa do inca, o qual, finalmente, ficou feito prisioneiro. Os peruvianos fugiram, deixando 2.000 mortos na praça e nas ruas.

No dia seguinte foi dispersado todo o grande exercito do rei, porque não oppôs nenhuma resistencia. Muitos peruvianos de elevada cathegoria fôram feitos prisioneiros, e as thermas reaes saqueadas. Sem perder mais tempo, mandou Pizarro enviados a São Miguel para pedir mais forças e marchar com ellas sobre a capital.

Atahualpa, temendo pela propria vida e receando que os hespanhoes quisessem pôr seu irmão no throno, offereceu um enormissimo resgate a Pizarro se o deixasse livre, promettendo nada menos que encher d'ouro a estancia em que estava detido até á altura que um homem alcançasse com a mão, sendo certo que aquelle aposento media 22 pés de comprido por 17 de largo. Pizarro acceitou logo e foi traçada uma linha branca á altura de nove pés nas quatro paredes. Para encher este espaço de ouro pediu o inca dois meses que lhe fôram concedidos, e immediatamente passou aos seus as ordens convenientes; porque, ainda que bem guardado e vigiado, estava rodeado e servido pela sua criadagem e séquito, e foi-lhe permittido communicar com os seus súbditos. Assim, emquanto lhe levavam os thesouros dos templos do Sol de Cuzco, de Heuaila, situado a 9º de lat. Sul de Huamachuco a Oeste de Trujillo, e de Pachaçamac a Sudeste de Lima, soube que seu irmão Huascar se dirigira a Pizarro para fazer-lhe ver os seus direitos, e que Pizarro tinha resolvido avistar-se com elle para ouvir as suas reclamações e decidir em vista d'ellas a questão da successão ao throno. Para evitar esta entrevista, Atahualpa mandou matar seu irmão, que foi afogado no rio Andramarca, ou, segundo alguns, estrangulado primeiro e arrojado depois ao rio. Este assassinato constituiu mais tarde o principal artigo d'accusação contra o inca prisioneiro, o qual, embora negasse toda a participação no crime, foi condemnado á morte, e estrangulado.

Cessada toda a resistencia os hespanhoes podiam percorrer todo o país sem serem molestados. Fernando Pizarro foi mandado com uma columna d'infanteria e cavallaria a Pachaçamac para assegurar a posse dos thesouros do templo. O caminho seguia até Pachicoto pela grande calçada imperial e d'ali desviava-se um ramal para a costa. Os rios que encontraram fôram transpostos em balzas com o auxilio dos naturaes do país, e pelos cavallos a nado. A expedição passou por Ancon e pelo territorio, onde posteriormente se fundou a cidade de Lima, sendo bem recebida em toda a parte, até que no mês de fevereiro de 1533 chegou a Pachaçamac. Ali teve Fernando Pizarro que empregar a força para entrar no templo, mas, uma vez dentro, destruiu o idolo, e collocou em seu logar uma cruz. Hoje a areia cobre as ruinas d'esta cidade, e da eminencia em que se elevava o templo do Sol só se vêem n'um vasto perimetro sobresahir os restos das fortificações e dos conventos que ali fôram construidos pelos vencedores.

Em principios de março emprehendeu Fernando Pizarro a sua marcha de regresso, seguindo o caminho por onde fôra até Huara d'onde se dirigiu para o interior. Em Cajatambo entrou na grande estrada e por ella seguiu até Tarma e d'aqui a Jauja, situada a Léste de Lima, onde o aguardava Chalcuchima com um grande exercito para

disputar-lhe a passagem. Seguindo o exemplo de seu irmão, decidiu apoderar-se da pessoa do general inimigo no meio do seu exercito, e encarregou d'este atrevido golpe de mão dois dos seus capitães, Fernando de Soto e Pedro del Barco, que não tiveram grande trabalho, porque Chalcuchima entregou-se e foi com a columna para Cajamarca.

Ainda mais ao Sul fôram mandados, a apoderar-se dos thesouros do templo do Cuzco, Martim Bueno e Pedro Martim de Moguer, os quaes levaram salvos-conductos do inca, e fôram levados aos hombros de peruvianos commandados por um nobre do país. No seu regresso, no verão de 1533, disseram que tinham encontrado o templo do Sol da capital revestido todo de laminas d'ouro, sendo um edificio quadrado de 350 passos de lado. Trouxeram 700 laminas d'ouro, muitissimos outros objectos do mesmo metal e, augmentando estes thesouros immensos com outros que recolheram no caminho, regressaram a Cajamarca com 200 cargas d'ouro fino, 25 de prata e 60 d'ouro miudo. Reunido o enorme resgate do monarcha peruviano, pôs-se de parte o quinto do rei, comprehendendo os objectos d'ouro mais artisticos que depois fôram levados a Hespanha por Fernando Pizarro em pessoa. O quinto importou em 262.259 pesos d'ouro e 10.121 marcos de prata. Cada soldado de cavallaria recebeu 8.880 pesos de ouro e 362 marcos de prata (1).

Umas cinco semanas depois de feito prisioneiro o inca, recebeu Pizarro a fausta notícia da chegada ao porto de São Miguel de dois navios com tropas de reforço: 3 navios conduzidos por Almagro e o piloto Ruiz com 120 homens, e 3 caravellas pequenas de Nicaragua com 30 homens e 84 cavallos. Estas tropas, que duplicaram as forças hespanholas, entraram capitaneadas por Almagro a 14 d'Abril de 1533, vespera da Paschoa, em Cajamarca.

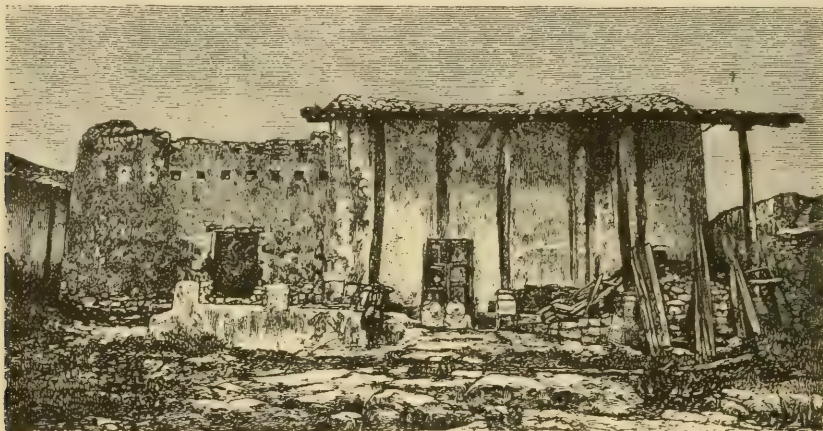
O inca, depois de ter entregado o resgate convencionado, reclamou a sua liberdade,

---

(1) Sobre o valor total do resgate discrepam as noticias. A. Markham (*Reports on the discovery of Perú*, Londres, 1872, pag. 97) calculou-o em sua obra, expressa em ducados, a seguinte distribuição:

O quinto do rei.	931.500 ducados
Id. em prata fina.	38.170
Francisco Pizarro.	312.000
3 capitães de cavallaria.	165.000
4 id. d'infanteria.	165.000
60 soldados de a cavallo.	1.166.000
100 id. de a pé.	1.458.000
Almagro	55.200
As tropas d'este.	331.200
Total	4.622.070

ou 3.200.000 pesos d'ouro approximadamente, que vinham a representar então um valor de perto de 90 milhões de pesetas actuaes. Na obra citada de A. Markham encontra-se a lista detalhada da distribuição, legalizada pelo escrivão Pedro Sancho. A consequencia de tão subita riqueza foi o augmento proporcional dos preços d'objectos de procedencia europeia; assim se pagaram por um cavallo 2.500 a 3.300 pesos; por um par de sapatos ou botas 30 a 40 pesos; por uma capa 100 a 120 pesos; por uma mão de papel 10 pesos e assim por diante. O cura Luque havia fallecido, de modo que a sua parte no ganho beneficiou os demais.

mas Pizarro não lh'a deu, pretextando que corriam rumores sinistros ácêrca de sublevações e concentração d'exercitos do partido nacional. Para averiguar até onde eram fundados estes rumores foi mandado Soto, o qual não encontrou nada de suspeito, mas ao contrario todo o país muito tranquillo. Não obstante, Pizarro tinha resolvido matar o inca por traidor, não lhe valendo os protestos do mesmo Soto e de mais doze hespanhoes, que sustentaram que só ao rei de Hespanha pertencia julgar outro rei prisioneiro e que todos os rumores de sublevação de indigenas eram pura fábula sem fundamento algum. A 29 d'Agosto de 1533 foi conduzido Atahualpa, ligado, á grande praça da cidade para ser queimado vivo como usurpador do throno, fratricida e blasphemo, mas em vista de consentir em deixar-se baptisar primeiro, foi-lhe feita a graça de ser estrangulado e enterrado no cemiterio da cidade. Esta mancha sangrenta da conquista do Perú, que só se explica pela sêde de ouro do conquistador, foi o preludio

Casa onde Pizarro teve Atahualpa prisioneiro.

da grande tragedia, na qual todos os actores principaes pereceram d'uma maneira violenta.

Atahualpa era de bôa presença e d'aspecto imponente, mas o seu olhar era tão feroz que fazia tremer os seus súbditos; o cacique de Guailas, que o visitou na sua prisão para entregar-lhe presentes, tremeu na sua presença tão fortemente, que mal pôde sustentar-se de pé, até que o inca, levantando a cabeça e sorrindo ligeiramente, lhe fêz signal de que podia retirar-se. Assim o refere Pedro Pizarro que presenciou a entrevista, e conclue a sua descripção do inca por estas palavras: «Em todo o Perú não vi nenhum indio que tivesse o aspecto feroz de Atahualpa.»

Francisco Pizarro nomeou por successor do inca a Toparca ou Tubalipa, irmão de Huascar, para ser simplesmente um instrumento seu; Toparca morreu, porém, poucos meses depois, envenenado, segundo pretende um historiador, por Chalcuchima.

No mês de Setembro pôs-se Francisco Pizarro em marcha para a capital, Cuzco, com um exercito de 500 homens. A morte aleivosa de Atahualpa havia indignado o povo, o qual, para impedir a marcha do inimigo sobre a capital, tinha queimado as povoações situadas no caminho e destruido todas as pontes; mas nada d'isto lhe serviu: Fernando de Soto foi mandado adiante com 60 soldados a cavallo para explorar o terreno, e por pouco teria succumbido com a sua gente n'um ataque que teve de

sustentar ao passar por um desfiladeiro, se não o tivesse alcançado e libertado Almagro. Por fim chegou o exercito diante de Cuzco, onde foi queimado por ordem de Pizarro o general peruviano Chalcuchima, accusado de manter intelligencias secretas com o inimigo; e em Novembro effectuou-se a entrada solemne na capital. Esta contava então uns 200.000 habitantes e muitos edificios sumptuosos. Os palacios e templos antigos não tardaram em ser demolidos e substituidos por edificios novos no estylo hespanhol com os mesmos materiaes. Assim se eleva o convento de Santa Catharina sobre os cimentos do templo do Sol que era servido por donzellas á maneira de vestaes. Os hespanhoes dividiram entre si todo o ouro e as pedras preciosas que encontraram, sem perdoarem nem aos mortos, porque tambem despojaram das suas joias as mumias dos incas e de outros peruvianos de distincção.

Morto o irmão de Huascar, nomeou Pizarro em seu logar a Manco, tambem de estirpe real, a quem elle mesmo pôs a corôa régia na fronte. Manco reconheceu-se súbdito do rei de Hespanha, e muitos hespanhoes, companheiros de Pizarro, estabeleceram-se definitivamente no Cuzco, onde o vencedor os presenteou com casas e propriedades.

Durante a estada de Pizarro n'esta capital, entrou no Norte do Imperio dos incas um competidor seu, Pedro d'Alvarado, o conquistador de Guatemala, que, havendo tido notícia da conquista do Perú, concebera o plano de apoderar-se do reino de Quito, na convicção de que este não fazia parte do Perú e que, por conseguinte, nada tinha ali que ver Pizarro. Uma esquadra destinada ás ilhas Molucas levou-o áquellas costas e desembarcou-o com 500 homens d'armas na bahia de Caracas, a Oeste de Quito, no mês de Março do anno de 1534. D'ali penetrou no interior, passando por elevadas cordilheiras cobertas de neve, onde perdeu muita gente. Ao chegar a Riobamba viu com grande pesar rastos de cavallo, signaes inequivocos de terem passado já por ali outros hespanhoes, que vinham a ser um destacamento mandado por Pizarro a São Miguel ás ordens de Benalcazar, a quem nomeára commandante d'aquella praça. Este official, excitado pelos relatos de pretendidos thesouros que encerrava a cidade de Quito, commandára uma expedição de 140 homens áquella capital, onde chegára já, passando ao longo de Riobamba, quando Alvarado se dirigia para o mesmo ponto. Em breve chegou aos ouvidos de Pizarro a notícia d'esta invasão no territorio do seu mando, e em seguida mandou de Cuzco a Almagro com uma columna contra o invasor. Effectuada a reunião das tropas de Almagro com as de Benalcazar, dirigiram-se ao encontro do conquistador e governador de Guatemala, a quem encontraram em Riobamba; mas Alvarado teve a prudencia de não estabelecer uma lucta tão inesperada como inutil e conveiu n'um pacto pacifico, segundo o qual cedeu aos representantes de Pizarro, por uma indemnisação de 100.000 pesos d'ouro, a sua frota com todo o material de guerra, provisões e tropa, a qual, muito satisfeita, se pôs ás ordens d'Almagro, ao passo que Alvarado regressava a Guatemala.

Em 6 de Janeiro de 1535 fundou Pizarro nas margens do rio Rimac uma nova capital que chamou, pelo dia da sua fundação, Cidade dos Reis, nome que muito em breve foi substituido pelo de Lima, corrupção de Rimac.

31. — Expedição d'Almagro ao Chile e sua morte

Submettido o Perú, propôs-se Almagro conquistar os países situados mais ao Sul, para o que emprehendeu uma campanha tão arrojada e penosa como jámais realisou general algum através das regiões desertas e intransitaveis das altas cordilheiras da

1 — Lança, 1m,48. 2 — Arma com ponta de pedra de forma romboidal, 1m,15. 3 — Moca de madeira dura, 1m,05. 4 — Collar de nacar. 5 e 6 — Funda, 1m,92. 7 — Vasilha de barro. 8 — Resto de uma jarra de barro fino negro. 9 — Vaso para liquidos. 10 — Vaso espherico. 11 — Vaso que representa um indio que leva um lama ás costas. 12 — Vaso de barro vermelho. 13 — Botelha de barro vermelho.

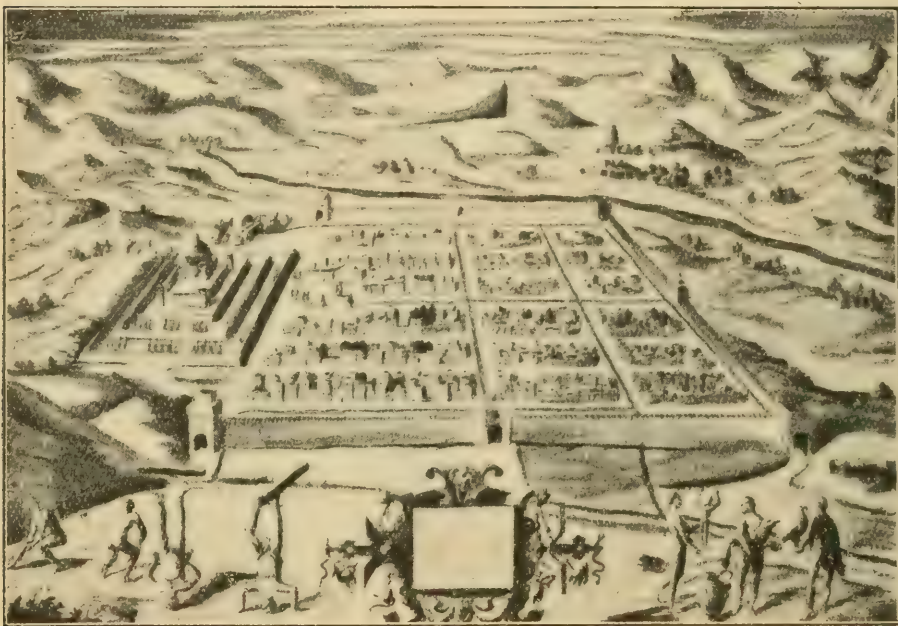
America meridional. Para explorar o caminho, obter quarteis e tranquillizar os habitantes sobre as intenções do corpo expedicionario fôram mandados adiante dois nobres peruvianos, Paulo Topa, irmão do inca, e Vilehoma, summo sacerdote, acompanhados de tres hespanhoes. Após elles sahiu Almagro de Cuzco a 3 de Julho de 1535 com um exercito de 570 homens, segundo Agostinho de Zárate. Atravessou o territorio das Conchas, a Noroeste do Titicaca,

seguiu depois a margem occidental d'este lago, que pertence á terra de Collao, depois á margem oriental do lago das Aulagas, passando em direcção Sudeste pelos elevados planaltos do Potosí a Tupiza, no limite meridional da Bolivia, onde, depois d'uma marcha de 200 milhas, deu ás suas tropas dois meses de descanso. N'este intervallo desertou uma noite o summo sacerdote Vilehoma com a sua gente, voltando á terra de Collao para não sahir da sua patria; porque ali onde acampára Almagro era o confim do Imperio dos incas.

D'ali por diante tinha a expedição que passar por territorios de tribus independentes. Para ir ao Chili havia dois caminhos igualmente difficeis: o que vae de Tupiza a Oeste e através de solidões inhospitas e dos Andes, para a costa, cruzando o deserto de Atacama, onde não se encontra uma gotta d'agua, ou o que vae direito ao Sul, seguindo a agreste e ingreme cordilheira, atravessando dilatadas regiões de neves, onde não havia que pensar em encontrar nem milho, nem gado. Almagro decidiu-se por este ultimo caminho por ser, na apparencia, o mais curto. Para castigar os habitantes de Jujuy, que tinham assassinado tres hespanhoes mandados adiante na qualidade de exploradores, foi mandado o capitão Salcedo com 50 soldados de cavallaria e alguns infantes. Esta columna não se julgou bastante forte para atacar com exito os americanos, que se haviam retirado para uma fortaleza; mas, logo que chegou Francisco de Chaves com mais forças, os indios fugiram para a serra, deixando a passagem livre ao grosso do exercito. Almagro, depois de passar pelo territorio de Jujuy, entrou na terra de Chicoana, ao meio-dia da cidade moderna chamada Salta; mas esta região fertil estava deserta, porque as tribus selvagens montanhezas do Norte tinham invadido o país, assolado os campos e reduzido as povoações a ruinas. Almagro, apesar de tudo, pôde conseguir algumas provisões, milho e gado para os seus soldados, mas o gado perdeu-se ao passar uma corrente impetuosa, perda tanto mais sensivel, quanto as poucas povoações que se encontravam nos valles altos estavam exhaustas de recursos. De Salta, ou Chicoana, marchou a columna expedicionaria na direcção de Sudoeste, passando pelo Campo do Areal, a Oeste da Serra de Aconquija, pelo Valle do Arroyo, para a crista principal dos Andes do Norte do Chili, que era preciso passar. Ali soffreu a columna os seus maiores trabalhos, porque ao sahir d'uma quebrada viram-se na frente altissimas cadeias de montanhas cobertas de neve que se perdiam no horizonte, e que depois de seguir as suas faldas longo tempo, era preciso atravessar, sem conhecer-se a sua extensão. Mas os bravos expedicionarios, luctando com os elementos e a fome, levando escassas provisões, mas muitas armas e ferramentas para a construcção de pontes e jangadas, arrojaram-se a esta nova e desesperada emprêsa, indo Almagro adiante com 20 cavalleiros para explorar o terreno, buscar passagens e desfiladeiros praticaveis e, se fôsse possivel, mantimentos. Sete dias andaram por terrenos salitrosos e cumes nevados, cuja brancura offuscava os olhos aos hespanhoes. Quando não podiam já resistir mais, abriu-se diante d'elles pelo lado de Léste o valle de Copiapo, onde a avançada pôde refazer-se e até enviar mantimentos ao grosso do exercito que seguia difficultosamente atrás, e que sem este opportuno soccorro teria irremissivelmente succumbido até ao ultimo homem n'aquelles tristes e espantosos desertos. Os indios que acompanhavam a expedição para levarem as bagagens e demais carga, soffreram mais que os hespanhoes, tanto que pereceram, segundo se conta, em toda esta marcha, cêrca de 10.000. Muitos caíram extenuados para não se levantarem mais; o ar tornava-se irrespiravel pelo frio; de noite era preciso acampar ao relento, sem lenha para se aquecerem, sem poderem pôr-se ao abrigo dos ventos gelados e desencadeados em furacões, e sem alimento sufficiente para renovarem as forças perdidas. Tão grande

era a fome, que os indios comeram os seus companheiros mortos e os hespanhoes disputaram entre si a carne dos cavallos que morriam. Esta marcha custou a vida a 150 hespanhoes e a 30 cavallos. No valle de Copiapo puderam refazer-se, para o que descansaram ali algum tempo.

Mais victimas teve depois Rodrigo Ordoñez, que seguiu o mesmo caminho, levando a Almagro tropas de refresco.

Chegado que foi Almagro á costa, seguiu a sua marcha para o Sul até Coquimbo, onde encontrou com grande surpresa sua um hespanhol, que para fugir d'um castigo andára

Vista de Cuzco (segundo uma obra do século XII).

600 leguas pela costa desde o Perú ao Chile [1]. De Coquimbo fêz Almagro várias explorações pelo país, e pela costa até ao rio Maule, a 35º de lat. Sul; mas, como em nenhuma parte encontrasse os sonhados thesouros, emprehendeu desgostoso e desenganado o regresso pela costa, conforme já lhe tinham aconselhado os habitantes de Jujuy, para não se expôr outra vez com a sua gente aos perigos passados nas montanhas. Verdade seja que na costa foi preciso passar o deserto de Atacama, onde a falta d'agua e de forragens matou 30 cavallos; não morreu, porém, nenhum homem, graças á determinação de se marchar em pequenas secções, sendo a ultima formada por Almagro com a sua escolta. Passado este perigo, chegou a Arequipa, d'onde tomou o caminho das serras altas, chegando outra vez a Cuzco na primavera de 1537, sem ter conseguido absolutamente nada em compensação de tantos perigos, attribulações e perdas.

Durante a ausencia de Almagro os patriotas peruvianos tinham conspirado com

(1) Veja-se Oviedo, *Historia*, 47, 4.

o seu inca Manco para sacudir o jugo extrangeiro, emquanto uma parte consideravel das forças hespanholas estava occupada fóra do país. Manco desappareceu da capital, chamou o seu povo ás armas, sitiou-a e incendiou-a com fléchas inflammadas, que immediatamente communicaram o fogo aos telhados cobertos de palha. Metade da cidade ficou reduzida a cinzas, e a fortaleza rendeu-se aos sublevados. João Pizarro tornou a apoderar-se d'uma parte da fortaleza; mas recebeu uma pedrada tão violenta, que expirou poucos dias depois. Morto o chefe, voltaram os hespanhoes ao ataque e recuperaram a fortaleza, mas sómente para serem sitiados dentro d'ella durante muitos meses pelo numeroso exercito nacional, que occupou a cidade e interceptou todas as communicações, especialmente com Francisco Pizarro, que residia em Lima. Além d'isso, os peruvianos tinham occupado todos os caminhos e desfiladeiros por onde forçosamente havia de passar Pizarro, se quisesse soccorrer os seus compatriotas encerrados na fortaleza do Cuzco. Isto durou até á época dos trabalhos do campo, que reclamaram muitos braços e diminuiram notavelmente o exercito sitiador. A guarnição da fortaleza estava já em situação tão desesperada que, para salvar-se, intentou apoderar-se por surprêsa, com um atrevido golpe de mão, da pessoa do inca; mas o intento desfez-se d'esta vez contra a vigilancia dos peruvianos. Em tão grande apuro, quando um levantamento geral podia no momento menos esperado acabar d'um golpe com os invasores extrangeiros, e com a conquista, mandou Francisco Pizarro agentes seus com navios aos governadores hespanhoes da America central para impetrar o seu auxilio sem faltarem as promessas mais seductoras.

N'este estado estavam as coisas quando Almagro, de regresso da sua desgraçada expedição ao Chile, tornou a pisar o solo peruviano. Antes de partir para esta ultima campanha effectuára-se uma reconciliação mais apparente que real entre elle e o seu chefe e consocio Pizarro, jurando ambos em 12 de Junho de 1535 sobre a hostia consagrada e attestando-o n'um documento solemne, olvidar os seus rancores e tornarem a ser amigos. Mas, quando, no seu regresso do Chile, foi entregue a Almagro uma communicação do rei, com poderes e nomeação a seu favor de governador independente de todos os territorios do Sul, a contar de 270 leguas ao Sul do rio Santhiago, pretendeu que a capital, Cuzco, entrava nos territorios do seu mando, e em seguida tratou de assegurar-se da sua posse. O rio Santhiago nasce na falda do Catacachi, ao Norte do Equador, e desagua na bahia de Panguapi, chamada então, pelos peruvianos conquistadores, de São Matheus, a 1° 20' de lat. Norte, perto da fronteira septentrional da actual republica do Equador [1]. Cuzco pertencia ainda ao territorio sujeito a Pizarro; mas isto que hoje sabemos não se sabia então, nem podia decidir-se com certeza, dado o atrazo das determinações astronomicas.

Marchando, pois, Almagro para Cuzco e inteirado naturalmente do levantamento nacional, tratou de ter uma entrevista com o inca rebelde, com quem já antes havia tido relações amigaveis; este, considerando-o tambem inimigo do seu país, atacou-o por surprêsa, mas foi rechaçado. Então avançou Almagro até á capital, intimando os commandantes Gonçalo e Fernando Pizarro á rendição; e, como ambos se esquivassem a entregar a praça com diversos pretextos, Almagro entrou n'ella favorecido pela escuridão da noite em 8 d'Abril de 1537 e fêz prisioneiros os dois irmãos em sua casa, que na peleja se incendiou e ficou reduzida a cinzas.

Emquanto isto succedia no Cuzco, Francisco Pizarro invocou o auxilio d'Alvarado,

---

[1] 17 ½ leguas — 1 grau de latitude de 15 milhas allemãs.

governador de Guatemala, o qual, correspondendo ao appello, chegou pela segunda vez ao Perú com um exercito de 500 homens para marchar sobre Cuzco. Ao chegar a Jauja, a 13 leguas da capital, recebeu aviso d'Almagro, participando-lhe que tinha tomado posse do seu pretendido dominio. Alvarado em resposta fêz prender os mensageiros; e Almagro, irritado por aquelle acto, sahiu ao seu encontro, venceu-o n'um ataque impetuoso perto da ponte de Abancay a 12 de Julho de 1537, e regressou a Cuzco. O inca com o resto do seu exercito foi repellido até ás serras, e o país ficou livre de sublevados. Feito isto, era indispensavel assegurar a communicação com o govêrno de Hespanha e para isso tratou Almagro de fundar n'um ponto favoravel da costa um porto fortificado, e julgou encontrá-lo no valle fertil do Chinca, para onde se dirigiu com as forças que lhe ficavam disponiveis. Fernando Pizarro, como prisioneiro, teve de segui-lo, mas seu irmão Gonçalo tinha conseguido evadir-se para junto de Francisco em Lima.

Este ultimo, desejando libertar Fernando das mãos do seu adversario victorioso, mostrou-se muito conciliado e disposto a entrar n'um convenio. Os dois chefes realisaram, pois, uma entrevista em Mala, ao sul de Lima, a 13 de Novembro, e o resultado foi que Almagro consentiu em dar liberdade a Fernando Pizarro com a condição de que Francisco reconhecesse as suas pretensões sobre Cuzco, deixando a resolução definitiva da questão ao arbitrio do govêrno de Hespanha; mas, apenas Fernando foi posto em liberdade, Francisco Pizarro declarou nullo o pacto e a contenda continuou. Almagro regressou a Cuzco, onde o foi procurar na primavera seguinte o seu inimigo implacavel, Fernando Pizarro. A uma legua escassa da capital, perto de Las Salinas, travaram batalhas os dois adversarios com as suas forças que em nenhum dos dois bandos passavam de 700 a 800 homens; mas Almagro estava doente e, embora proximo do campo de batalha, não pôde dirigir os seus em pessoa. A acção foi empenhadissima, e durou todo o dia, se bem que não morressem mais de 15 a 20 homens; mas, quando o exercito d'Almagro fugiu, os perseguidores mataram uns 150 homens mais e fizeram prisioneiro o seu chefe, Almagro. Fernando não teve misericordia, nem vislumbre de camaradagem, nem gratidão, por terem luctado juntos em infinitas acções, nem se recordou de que Almagro, em vez de mandá-lo matar, lhe havia dado liberdade. Só animado d'ideias de vingança, levou o seu antigo companheiro d'armas e de perigos para Cuzco, onde lhe instaurou processo, e em 8 de Julho fez-lhe communicar a sentença, que foi de morte. Almagro morreu estrangulado no seu calabouço por ordem de Fernando Pizarro.

Almagro foi simples soldado, rude, violento, mas franco e leal, alheio a toda a ideia de traição e de vingança. Era ambicioso, mas liberal para os seus subordinados, a quem recompensava prodigamente quando podia. Valente e infatigavel a toda a prova, verdadeira natureza de soldado, era idolatrado pelos seus. O que o perdeu foi a sua união com Francisco Pizarro, homem sem consciencia nem nobreza de sentimentos.

32. — Assassinio de Francisco Pizarro e fim da lucta fratricida no Perú

O filho de Almagro, Diogo, pretendeu em vão succeder a seu pae no govêrno do territorio concedido a este. Vivia em Lima; mas postergados e quási desprezados, elle e seu partido, chamado *chileno*, dirigiu ao govêrno hespanhol as suas reclamações, mandando ali como agente e representante seu o zeloso e activo Diogo d'Alvarado. Para inutilizar estas diligencias transferiu-se tambem para Hespanha em 1539 o proprio Fernando Pizarro, adversario acerrimo d'Almagro até mesmo depois da sua morte. A côrte

estava então em Valladolid, onde Pizarro viu o defensor do seu adversario, Diogo d'Alvarado, o qual morreu tão inesperadamente, que se disse que Pizarro o havia envenenado. O verdugo do fallecido Almagro foi recebido na côrte com calculada frieza e, accusado de ter feito matar um governador nomeado pelo rei, ou fôsse commettido este crime por seu proprio impulso, ou obedecendo a uma ordem de seu irmão, o que não importava para o caso, foi detido e encerrado na fortaleza de Medina del Campo, onde esteve preso até ao anno 1560, sobrevivendo assim a seus irmãos, a todos os seus partidarios e á sua propria fama.

Para pôr em ordem os negocios enredados do govêrno do Perú o govêrno hespanhol mandou o jurisperito Vacca de Castro com o cargo de juiz regio, e no caso de ter fallecido Francisco Pizarro, com o de governador. Antes de chegar ao seu destino, no verão de 1541, achando-se em Popoyan, ao Norte de Quito, recebeu a notícia de ter sido morto Francisco Pizarro pelos seus adversarios. O partido chamado chileno, capitaneado por João de Herrada, com um bando de conjurados entrára no palacio do governador, que n'aquelle dia, domingo 26 de junho de 1541, não havia ido á missa, com o unico fim d'apoderar-se da pessoa de Pizarro, segundo declarou depois o filho d'Almagro, para livrar-se das suas perseguições, porque lhe queria tirar a vida, como a seu pae. Mas, tendo offerecido resistencia, auxiliado por seu irmão [1] Francisco Martim e pelo seu pagem Tordoya, morreram os tres na lucta que se estabeleceu, fugindo as demais pessoas ao seu serviço. Francisco Pizarro tinha 63 annos quando, em expiação do assassinio d'Almagro, caíu aos golpes dos conjurados [2].

Causam admiração a perseverança inflexivel, a concepção atrevidissima e o arrojo com que Francisco Pizarro proseguiu durante longos annos o seu projecto de conquista do Perú; subjugam-nos a energia e actividade pasmosas que desenvolveu na consecução do seu projecto; mas aquelle homem extraordinario não excita a nossa admiração pela sua pessoa; porque, brutal e insensivel, offendeu amigos e inimigos. Em muitos casos quis imitar Cortez, como quando se apoderou do monarcha peruviano; e em geral pôde aproveitar a experiencia adquirida por aquelle que foi o primeiro hespanhol que luctou com uma poderosa nação civilisada e a venceu, submettendo á corôa de Hespanha o vasto Imperio mexicano; mas, se Pizarro por sua vez conquistou outro Imperio não menos vasto, nem menos civilisado e poderoso, não póde comparar-se com Cortez, porque em frente d'este grande genio, tão eminente general e tão grande homem d'Estado e organizador, Pizarro parece um simples aventureiro ignorante, brutal, cruel, sanguinario como nenhum, que saqueou cubiçoso o país conquistado e o alagou em sangue, tornando odioso para sempre o nome hespanhol na America do Sul.

Logo que Christovão Vacca de Castro soube em Popoyan da morte de Pizarro, tomou de harmonia com as suas instrucções, o titulo de governador e logar-tenente do rei. O filho d'Almagro reclamou o govêrno do territorio concedido a seu pae, mas Vacca de Castro não acceitou a sua reclamação em vista do assassinio de Pizarro e demais circumstancias cujo julgamento devia submetter-se primeiro a um tribunal; razão por que intimou Almagro a licenciar as suas tropas, a submetter-se á sua auctori-

---

(1) Francisco Martinez de Alcantara não era irmão, era cunhado, segundo Zarate.

(2) Veja-se a carta do bispo do Cuzco na *Collecção de documentos inéditos relativos ao descobrimento*, III, pag. 221; e a carta de Martim d'Arouco, no tomo III tambem, pag. 213 Madrid, 1865, e, finalmente, a narração de Pedro Pizarro na mesma Collecção.

dade e a entregar-lhe as pessoas compromettidas no assassinio de Pizarro para que respondessem judicialmente pelo seu procedimento. Almagro não obedeceu e em 16 de Setembro de 1542 travou-se entre as forças d'ambos os partidos uma batalha decisiva na planicie de Chupas perto de Guamango (hoje Ayacucho). O exercito do governador Vacca de Castro compunha-se de 328 soldados a cavallo e 420 infantes, e o d'Almagro de 220 dos primeiros e 280 dos segundos [1]. Almagro foi derrotado e fugiu para Cuzco, onde os seus o entregaram á auctoridade legitima que o fêz executar como rebelde. Morto o chefe, submetteu-se o partido defensor dos direitos do governador do Chili.

Quando, no anno de 1544, assumiu o govêrno do Perú o vice-rei Blasco Nunes Vela em substituição de Vacca de Castro, ficava ainda um rebelde á auctoridade do vice-rei. Era Gonçalo, o ultimo dos irmãos Pizarros, que se fortificára na parte Norte do territorio, porque havia sido nomeado governador de Quito no anno 1540, e tinha um exercito de 350 hespanhoes e 4.000 indigenas.

Gonçalo Pizarro, incitado pelas relações dos naturaes do país ácêrca da abundancia fabulosa d'ouro nos territorios cobertos d'immensas selvas que se extendiam a Léste de Quito, emprehendera uma grande expedição áquella região situada junto ao Equador; passára os Andes orientaes e descera ao rio Napo, talvez até á catarata do Cando, onde, rodeado de selvas virgens impraticaveis, falto d'alimentos, ficára reduzido com o seu exercito ao estado mais miseravel. Em tão triste situação determinou construir ali um navio para fazer descer pelo rio os homens mais extenuados, em especial os doentes e os canhões. Feito o navio e embarcada a gente e o material que n'elle coube, nomeou capitão Francisco d'Orellana, natural de Trujillo. Durante algum tempo seguiram os do navio em contacto com os que marchavam pela margem do rio, até que estes ultimos se viram definitivamente detidos por novas selvas absolutamente impenetraveis, e então muito mais, por ter chegado a época das chuvas invernaes. O navio passou adiante, com ordem de procurar víveres, e as tropas de terra tiveram que ficar, mas sem provisões, esperando em vão as que trouxesse Orellana com o seu navio. Orellana não regressou e da sua sorte falaremos no capitulo seguinte. Passaram algumas semanas; os soldados esfomeados tinham comido já todos os cavallos da expedição, e Gonçalo, considerando inutil esperar mais tempo o regresso d'Orellana, decidiu retroceder e voltar a Quito com a sua gente dizimada pelas febres e pela fome. As chuvas incessantes em breve transformaram aquelles terrenos em charcos e pantanos, mas o frio e a fome excitaram em vez de minguarem a energia dos hespanhoes mais valentes e robustos, que em numero de 80 chegaram ao valle de Quito estropeados, extenuados e reduzidos a espectros vivos. Então soube Gonçalo que seu irmão havia sido assassinado, que o joven Almagro se tinha apoderado do govêrno, mas que Vacca de Castro tinha marchado com forças contra elle para o Sul afim de reconduzi-lo á obediencia. Em seguida offereceu o seu auxilio ao logar-tenente do rei contra o joven Almagro, a quem odiava de morte, mas Castro não o acceitou para não exasperar completamente o partido chamado chileno e tornar assim impossivel uma composição pacifica.

Gonçalo Pizarro ficou muito resentido, embora o dissimulasse, esperando ser nomeado governador e logar-tenente do rei em successão de seu irmão, logo que ficasse dominada a rebellião d'Almagro; e n'esta esperança marchou á frente d'uma

---

(1) Veja-se a narração de Castro nas *Cartas das Indias*, pag. 480. Madrid, 1877.

divisão de cavallaria primeiramente para Lima e depois por ordem de Castro para Cuzco, onde este residia ao tempo; Castro, usando de muita prudencia na entrevista, fez comprehender a Gonçalo Pizarro que o melhor que poderia fazer era passar ás suas propriedades do Sul no territorio de Charcas e explorar ali as minas de prata, o que fez com grandissimo exito e proveito.

Este territorio de Charcas fôra conquistado em 1539 por Pedro d'Anzures, que submetteu os naturaes e fundou na região argentifera a cidade de La Plata, hoje Chuquisaca na Bolivia, territorio que foi concedido a Francisco Pizarro juntamente com o ti-

Mumia riquissima, sem dúvida de personagem de distincção. 1m × 0m,70. (Da necropole peruviana.)

tulo de marquez das Charcas. Ali ficou, pois, seu irmão Gonçalo até que Vacca de Castro teve um successor na pessoa de Blasco Nunes de Vela. O novo governador não quis reconhecer o pretendido direito dos hespanhoes sobre as pessoas dos indigenas, a quem tratavam como escravos ou servos; e, como isto não convinha a Gonçalo Pizarro para a exploração das suas minas, marchou este para Cuzco e collocou-se á frente dos descontentes. Não tardou em reunir um exercito com o qual marchou sobre Lima, onde se sublevou tambem a população, e Gonçalo Pizarro apoderou-se da pessoa de Blasco Nunes de Vela, o qual com alguns poucos servidores fieis, porque não soubera captar a vontade de ninguem, foi embarcado e enviado para o Panamá por ordem dos magistrados. Em 28 d'Outubro de 1544 fez Gonçalo Pizarro a sua entrada solemne em Lima, e foi proclamado logar-tenente do rei. O vice-rei desterrado encontrou, comtudo, meio de saltar em terra em Tumbez em vez d'ir ao Panamá, e d'aquelle porto dirigiu-se a Quito, mas Pizarro marchou contra elle, seguindo-o até para além de Pastos sem alcançá-lo, até que por meio d'um estratagema conseguiu attrahi-lo a Quito, onde o derrotou perto de Anaquito em 18 de Janeiro de 1546, morrendo Blasco Nunes na

peleja. Pizarro regressou a Lima e governou o Perú sem opposição até á chegada de Pedro de La Gasca, ecclesiastico, a quem o rei Carlos mandou com poderes muito amplos. Este habil personagem, sem exercito, nem grande acompanhamento, trajando do seu habito ecclesiastico, pôde entrar primeiro no porto de Nome de Deus e depois no Panamá, apesar de Pizarro ter tropas suas em ambas as praças e uma esquadra de mais de 20 navios no porto de Panamá. Gasca expediu uma proclamação dizendo que a sua missão era de paz, e em igual sentido escreveu a Gonçalo Pizarro, convidando-o a submetter-se ás ordens do rei. Depois persuadiu Hinojosa, partidario fanatico de Pizarro e chefe da esquadra, a prestar obediencia ás ordens do rei e pôr á sua disposição os navios que commandava. Senhor já da esquadra, começou a reunir tropas para poder dirigir-se com grandes forças ao Perú. Mandou adiante quatro navios, e enviou tambem uma proclamação na qual promettia a todos os hespanhoes que voltassem ao seu dever e á obediencia pleno perdão e completa segurança de suas pessoas e bens. Esta proclamação diminuiu muito os partidarios de Gonçalo Pizarro; os habitantes do Cuzco declararam-se pelo rei, e o mesmo fizeram os da importante provincia de Charcas.

Gasca com o resto da esquadra dirigiu-se a Tumbez, emquanto os 4 navios mandados adiante se dirigiam a Lima e se apoderaram sem difficuldade da nova capital, porque Pizarro marchára com as suas tropas para Cuzco.

O ultimo dos Pizarros ainda teve a fortuna de derrotar os seus inimigos na acção sangrenta de 26 d'Outubro de 1547 perto de Huarina, nas margens do lago de Titicaca, e entrou outra vez em Cuzco; mas ali teve de preparar-se para uma batalha decisiva, porque o exercito principal de Gasca estava então em Jauja, e em principios da primavera seguinte de 1548 avançou em numero de 2.000 homens sobre a antiga capital peruviana. A 9 d'Abril acharam-se frente a frente os dois exercitos no valle de Xaquixaguana. Gasca não cessára até ao ultimo momento de exhortar Gonçalo Pizarro a que se submettesse, acolhendo-se á mercê do rei; mas Pizarro, não obstante a superioridade numerica do seu adversario, contou com a sua bôa estrella que até ali o fizera sahir victorioso de todos os combates e perigos. Antes de principiar a batalha o chefe da sua infanteria deu o signal da deserção, fugindo para as fileiras reaes; immediatamente o seguiram a infanteria e a cavallaria, de modo que Pizarro ficou só e teve que entregar-se prisioneiro. Instaurou-se-lhe processo e tambem aos seus partidarios mais decididos, Francisco de Caravajal e João da Costa, que fôram sentenciados á morte e executados (1).

33. — Orellana descobre o rio Amazonas em 1541

Quando Orellana com o seu navio desceu pelo rio Napo em busca de víveres para os que ficaram em terra com Gonçalo Pizarro, tinha a bordo 50 homens de tropa e 2 clérigos, cujos nomes fôram conservados por Oviedo na sua Historia Geral (2). A poderosa corrente impelliu-o á razão de 20 a 25 milhas allemãs diarias sem encontrar povoação alguma nas margens e, em logar de poder levar alimentos á pobre expedição terrestre, elle e os seus tiveram que luctar com a fome, de sorte que até comeram o

(1) A narração official encontra-se na Collecção de documentos inéditos para a Historia de Hespanha.

(2) Publicada em Madrid em 1845, tomo IV, liv. 49, cap. II.

couro dos arreios dos cavallos. Encontraram a primeira aldeia india a 8 de Janeiro de 1541, quando estavam já proximos do rio Amazonas, d'onde não havia já meio algum de regressar para levar soccorro aos seus companheiros, porque para subir o rio á força de remos, ainda que a corrente fôsse pouca na parte inferior do seu curso, teria sido mistér empregar meses, e por terra não havia caminho possivel; de modo que os navegantes não tiveram outro recurso senão deixar-se levar pela corrente até ao mar sem saberem onde aquella desaguava. Quando os indigenas disseram que se achavam perto d'um rio muito mais caudaloso, resolveu Orellana construir outro navio muito solido para poder arrostar melhor os embates das ondas do mar quando entrassem n'elle. Em breve ficou prompto o navio, um bergantim que recebeu 30 homens a bordo ficando 20 na barca, além de provisões abundantes, taes como tartarugas, gallinhas e peixe que os indios forneceram. Aos dez dias de navegação chegaram a um ponto onde se reunem tres rios, parecendo o que vinha do lado direito um amplissimo mar [1]. Era o alto Maranhão. A 26 de Fevereiro ancoraram e desceram a terra, onde fôram bem recebidos pelos indigenas, e permaneceram ali até depois da Paschoa sem mais precalço senão a «praga egypcia» dos mosquitos, como disse o padre Caravajal, que fazia parte da expedição. Mais adiante fôram atacados por tribus hostís e bellicosas, que tripulavam grandes canôas e obrigaram os navegantes a manter-se no centro da corrente tanto quanto possivel, porque ali eram menos molestados. A humidade constante tinha inutilizado a polvora que levavam e as cordas das suas béstas. Na véspera da Santissima Trindade chegaram á foz d'um rio que procedia da esquerda cujas aguas pareciam pretas como tinta, razão por que lhe chamaram Rio Negro, que é o maior dos affluentes do Amazonas por aquelle lado. Passado o rio Negro, viram muito povoado o país e nas margens muitas aldeias grandes, uma das quaes se extendia por uma milha ao longo do rio. A 24 de Junho passaram junto a uma aldeia habitada exclusivamente por mulheres, que viviam sem qualquer communicação com os homens, e que, segundo Caravajal, eram altas, corpulentas, de tez clara e usavam o cabello em longas tranças. Atacaram os hespanhoes com denodo bellicoso, mas perderam 7 ou 8 combatentes. D'estas aldeias de mulheres guerreiras encontraram várias, pelo que recebeu depois aquelle rio o nome actual de rio das Amazonas. D'ellas fala Caravajal [2] como de *uma grande novidade* e diz *que estas mulheres que ali pelejavam como amazonas, são aquellas de quem em muitas e diversas narrações muito tempo ha que anda uma fama espalhada n'estas Indias ou partes, de muitas fórmas divulgada ácêrca d'estas bellicosas mulheres.* Herrera, nas suas Décadas, livro IX, cap. IV, cita esta narração sem responder pela exactidão d'ella, se bem que faz notar a veracidade do valente padre no demais; mas recentemente, em 31 d'Outubro de 1878, viu-a confirmada o arrojado e infeliz viajante francez, doutor Crévaux, porque n'este dia e n'uma aldeia nas margens do rio Perú, que desce das terras altas da Guayana e desagua no Amazonas, encontrou uma d'estas aldeias habitadas exclusivamente por mulheres [3]. Por esta narração de Crévaux pôde fixar-se o ponto onde Orellana com a sua expedição encontrou estas mulheres bellicosas, junto á foz do Yamunda.

Mais abaixo até ao mar viviam caraíbas que comiam a carne dos mortos, e eram muito habeis na fabricação de toda a especie de armas do país e de formosas vasilhas

---

(1) Veja-se Oviedo, *Historia Geral,* Madrid, 1845, I, pag. 548.
(2) Veja-se Oviedo, *Historia Geral*, pag. 562.
(3) Veja-se o *Bulletin de la Société géographique.* Paris, 1882, pag. 672.

que ornavam e pintavam. Não obstante os muitos ataques que Orellana e os seus tiveram que repellir na sua longa viagem, só tiveram 11 baixas, 3 por ferimentos recebidos e 8 por doenças.

Ao chegar a expedição perto do mar, não quis Orellana confiar aos seus perigos e ondas as duas embarcações sem provê-las antes de cobertas bem solidas e de vélas que fôram feitas juntando as mantas peruvianas que levavam a bordo. Estes preparativos detiveram a expedição 24 dias perto da foz do rio; e a 26 d'agosto Orellana entrou arrojadamente no Oceano sem piloto, sem bússola e sem saber onde estava nem aonde havia de dirigir-se, confiando sómente na misericordia de Deus. Consideraram os expedicionarios como um feliz agouro e especial mercê do ceu que em todo o longo tempo que navegaram, seguindo a costa em direcção Norte, tivessem mar tranquillo e dias serenos sem uma gotta de chuva, porque d'outra fórma difficilmente teriam podido salvar-se as suas frageis naus. A forte corrente maritima junto do golpho de Paria separou-os, mas ambos os navios a transpuseram, assim como a Bôcca do Dragão tão agitada, e ambos chegaram sãos e salvos, a 11 de Setembro, á ilha de Cubagua, junto á das Pérolas, ou seja Margaria, onde fôram recebidos pelos seus compatriotas affectuosamente.

Joia de prata das margens do lago Titicaca.

Sem o pensar nem querer, descobrira Orellana com a sua gente o maior rio navegavel da America do Sul. Esta viagem novellesca não tem igual na historia, a não ser a que fez no passado decennio o célebre Stanley pelo rio Congo, na Africa.

De Cubagua mandou o descobridor afortunado d'este gigante de entre os rios do nosso planeta, uma narração minuciosa da sua viagem, ao rei, e marchou depois com os seus companheiros para o Haití, centro então da vida politica do Novo Mundo, aonde chegou a 20 de Dezembro de 1541.

Orellana não se contentou com o mero descobrimento, senão que projectou uma colonização dos immensos territorios que tinha atravessado, e para este fim passou no anno seguinte á Hespanha, onde conseguiu uma auctorização do govêrno para conquistar o país descoberto, que recebeu o nome de Nova Andalusia, porque é regado pelo rio mais poderoso do Novo Mundo, como a Andalusia o é pela corrente mais caudalosa de Hespanha, o Guadalquivir. Auctorizado já, Orellana encontrou tambem auxilio em homens, navios e dinheiro para a execução do seu projecto, e a 11 de Maio de 1544 pôde fazer-se ao mar, do porto de Sanlúcar de Barrameda, com 4 navios e 400 homens; mas a viagem foi desgraçada. Tres meses ficou detida a esquadra em Tenerife

e 2 meses junto a Cabo Verde, perdendo 98 homens por morte e 50 por deserção; depois um temporal dispersou os navios, levando dois com o proprio Orellana até á ponta mais oriental do Brasil, d'onde seguiram a costa em direcção Noroeste até ao Mar Doce e á foz do grande rio a que Orellana deu o nome; mas ali as febres malignas mataram em pouco tempo a maior parte dos homens e, quando o mesmo Orellana morreu victima d'ellas, dissolveu-se a emprêsa e os sobreviventes retiraram-se para São Domingos.

Todas as expedições de conquista que os hespanhoes fizeram ao Novo Mundo, tiveram quási exclusivamente por theatro os países da zona tórrida. Sendo filhas do enthusiasmo excitado pelos descobrimentos de Christovão Colombo, irradiaram como do seu centro natural das Antilhas. Na Hespanha houve uma verdadeira epidemia de emigração para o Novo Mundo; uns attrahidos pela cobiça, outros por amor ás aventuras singulares, pelo desejo de correr mundo e de ver coisas novas, alguns para criarem uma situação social que no seu país não tinham podido adquirir, e não poucos por zêlo religioso, para extenderem d'um golpe o beneficio da religião christã a centenas de milhares de gentios. Este furor de correr ao Novo Mundo produziu uma diminuição sensivel na população da mãe-patria, tanto que o embaixador veneziano, André Navagero, n'uma viagem por Hespanha no anno de 1525, encontrou em Sevilha, onde, na realidade, tinha o seu centro a epidemia da emigração por estar estabelecido ali o Conselho das Indias, tão poucos varões que julgou que ali viviam exclusivamente mulheres.

Com o descobrimento, conquista e colonização da America alargou-se rapidamente o horizonte da civilização europeia, ao passo que as civilizações originaes e em parte adiantadas do Novo Mundo ficaram subitamente anniquiladas pela dura mão dos conquistadores, apesar dos esforços continuos que fizeram para impedi-lo o clero e as leis e decretos do govêrno hespanhol.

Carta do Estreito de Fernão de Magalhães. – *(Do Atlas manuscripto de Vaz Dourado, existente no Archivo Nacional).* – Torre do Tombo

CAPITULO III

O caminho da India pelo Sudoeste e a primeira circumnavegação do globo por Magalhães

1.—Os precursores de Magalhães

Quando Vespucio chegou em 1501, seguindo as costas do Brasil, até aos 25º de lat. Sul (1) concebeu a ideia de buscar o extremo meridional do continente, e por ali passar ás Indias orientaes, ideia que certamente teria realizado em 1503 no todo ou em parte, se não fôra a indignidade do capitão Coelho, que fez que Vespucio não chegasse sequer tão longe como dois annos antes. De toda a maneira foi Vespucio o primeiro que emittiu a ideia de ir á India passando pelo extremo meridional da America; e com esta ideia se estabeleceu em 1505 definitivamente em Hespanha para melhor encontrar os meios da sua realização. Effectivamente, no anno seguinte o govêrno teve já a intenção de enviar navios «para descobrir a especiaria (2)», para o que quis ouvir o parecer de Vicente Yañez Pinzon e de Americo Vespucio, por serem os dois homens mais peritos na materia; mas não se realizou a expedição senão tres annos mais tarde. A 29 de junho de 1508 sahiram com este fim dois navios do porto de Sanlúcar, commandados, um por Pinzon, e o outro por João Diaz de Solis. Tocaram o Cabo Verde, d'ali fôram ao de Santo Agostinho na costa do Brasil, chegando até 40º de lat. Sul approximadamente, regressando á Hespanha em fins de Outubro de 1509 sem terem conseguido o seu fim, por causa da desunião e inveja que reinavam entre os dois chefes.

Os descobrimentos na America central seguiram, entretanto, o seu curso e deram logar a que cada anno se fizesse sentir mais a necessidade de encontrar uma passagem maritima para se chegar á India, passagem que em vão tinha sido procurada na parte central até certa distancia para o Norte e para o Sul.

O descobrimento feito por Balboa (3), no anno 1513, do Grande Oceano, deu a esta necessidade um grande impulso e, quando se soube que a costa atlantica da America do Sul se prolongava constantemente na direcção Sudoeste pelo menos até aos 40º de

---

(1) Vespucio declara, como n'outro logar ficou dito, que não perdera a costa de vista até 32º, engolphando-se depois no mar largo até 51º (ilhas Falkland?).

(2) Veja-se Navarrete, III, 294, N.º V.

(3) Se Colombo tomou a America pela Asia Oriental, a busca da passagem *para a India* só podia ser a do estreito de Malaca. Mas, depois de Balboa, procurava-se a passagem *para a Asia*, o que era differente.

lat., considerou-se natural que mais abaixo terminasse em ponta este continente e que por isso haveria meio de dobrá-lo como os portugueses tinham dobrado o extremo meridional da Africa.

Desde que Colombo buscou na sua quarta viagem ao mar das Antilhas uma passagem maritima, julgando que todas aquellas terras eram ilhas, tinham pretendido muitos, ainda que não fôsse senão por analogia, que a passagem existia ao Sul do novo continente, e até não falta quem affirme que Magalhães se serviu na sua expedição d'um mappa traçado por Martim de Bohemia (Behaim), que para além de 40º de lat. havia indicado, ainda que muito occulto, um estreito maritimo (1); e, como este Behaim morreu em 1506 ou 1507 (2), devia ter sido descoberto alguns annos antes este estreito, a não ser uma das muitas ficções d'algum cartógrapho, como temos visto em muitos mappas antigos. O certo é que no anno 1508 ou 1509 publicou-se em Augsburgo uma relação que, traduzida evidentemente do italiano, refere que dois navios portugueses fôram ao Brasil e encontraram uma communicação maritima entre os dois Oceanos para além de 40º de lat., sem dizer nem quando nem por quem foi realizada a expedição (3); mas esta notícia foi recebida de Portugal pelo impressor italiano e aproveitada nos mappas-mundi que se publicaram d'ahi por diante, pelo menos na Italia e Allemanha, como o de Leonardo de Vinci feito em 1515, reproduzido por R. H. Major na *Archeologia,* vol. XL, Londres, 1865. Este mappa-mundi provavelmente serviu de base e guia a João Schöner, do qual se conservam dois globos de 1515 ou 1516, um em Francfort e outro em Waimer, e, como n'um e n'outro se apresenta d'um modo identico a America do Sul e o pretendido estreito, é muito provavel que o desenho original chegasse juntamente com a notícia de Portugal á Italia e d'ali á Allemanha. Isto encontra-se ainda corroborado por várias passagens que o auctor dos globos allemães tirou da narração impressa d'este descobrimento para fazê-los figurar na sua *nota explicativa* dos globos.

Como não é de suppôr que os portugueses communicassem o seu descobrimento aos hespanhoes, é provavel que estes, fundados no vago rumor, que devia ter chegado ao seu conhecimento, tratassem de descobrir por sua vez o estreito. Com este fim sollicitou João Diaz de Solis a respectiva concessão, que foi firmada no mês de Novembro de 1514, na qual se comprometteu a descobrir a mencionada passagem e subir pela costa occidental do continente americano *(á la espalda de la tierra* diz o documento) até pôr-se em contacto com o governador de Darien, Pedrarias d'Avila, de cujo territorio trataria d'avançar em direcção ás Molucas até á distancia de 1.700 milhas a contar da linha de demarcação ou meridiano divisorio entre os territorios definidos por breve papal, e estipulado pelo tratado celebrado para este effeito entre Hespanha e Portugal, sem tocar em territorios, pertencentes a esta ultima potencia, porque isso lhe estava vedado sob pena de morte (4).

Solis era considerado como marinheiro eminente; e pela sua conhecida pericia na arte fôra nomeado piloto-mór e successor de Vespucio, á morte d'este. Em attenção a

---

(1) Pigafetta em *Ramusio,* Navigationi et Viaggi I, 3.541, e Herrera, Década II, liv. II, cap. 19. Wieser crê que não era de Martim de Bohemia a carta de que se serviu Magalhães e este parecer é tambem o de Ravenstein *(Martim de Bohemia,* separata da *Revista Colonial e Maritima,* 1899-1900).

(2) Julho de 1507, segundo Ravenstein; *ob. cit.*

(3) Newen Zeytung aus Presillg Landt.

(4) Navarrete, III, 134.

tão grande fama e crédito, recebeu do govêrno tres navios, com os quaes se fez ao mar do porto de Huelva, a 8 d'Outubro de 1515, e tocou no continente sul-americano no

Fernão de Magalhães (fac-simile reduzido da gravura de cobre de Ferd. Selnia.

cabo de São Roque, do qual seguiu o rumo a Sudoeste, passou o cabo de Santa Maria a 34º 39′, e entrou só com uma caravella na amplissima foz do rio de La Plata, que

por isso foi chamado Rio de Solis. Ali teve a imprudencia de descer a terra só com 8 homens que, apenas desembarcaram, fôram mortos com o seu chefe, ás fréchadas, por indigenas escondidos ali perto, aos quaes serviram logo de banquete á vista dos que tinham ficado na caravella. Morto Solis, tomou o commando da esquadra seu cunhado, Francisco de Torres, que renunciou a seguir adiante e regressou á Hespanha.

2. — Fernão de Magalhães

As tentativas feitas para chegar ás Molucas, navegando de Hespanha para Oeste, devidas a Vespucio, Pinzon e Solis, todos marinheiros eminentes, não tinham dado o resultado appetecido pelas razões que deixamos indicadas em seu logar, todas independentes da sua vontade, das suas qualidades de caracter e dos seus conhecimentos nauticos. Ainda que d'um modo vago e impreciso, o problema nautico affigurava-se o mais transcendente aos homens d'aquelle tempo. Bem considerada a emprêsa, só a podia levar a cabo um homem privilegiado, que, além de ser marinheiro consummado para a sua época, possuisse a energia, prudencia e circumspecção necessarias para bem mandar e fazer-se obedecer, evitando as rivalidades e contendas entre os chefes, que tinham frustrado outras expedições. Este homem foi Fernão de Magalhães, um dos navegantes mais eminentes de todos os tempos, se não porventura, o maior de todos.

Nasceu pelo anno 1480, de familia distincta, em Sabrosa, districto de Villa Real, na provincia portuguesa de Traz-os-Montes, segundo elle mesmo declarou no seu testamento que redigiu poucos meses antes de fazer a sua primeira viagem ás Indias Orientaes [1] no anno 1505 com D. Francisco d'Almeida. Tomou parte na batalha de Quiloa; voltou em 1508 a Portugal, e no anno seguinte achou-se na expedição a Malaca, de que falamos. Em 1510 salvou dois navios encalhados na costa, e tanto se distinguiu sempre, que foi chamado n'aquelle mesmo anno por Albuquerque ao grande conselho que reuniu, para ouvir o seu parecer sobre a sua projectada expedição contra Gôa. Como a opinião de Magalhães fôsse contraria a este projecto, segundo dissemos no capitulo correspondente, perdeu as bôas graças do seu chefe, o qual desde então o preteriu [2]. Vendo Magalhães que já não tinha futuro na India, regressou ao seu país, ao passo

---

[1] Veja-se *Vida e viagens de Fernão de Magalhães por Diogo de Barros Arana, traducção do hespanhol de Fernando de Magalhães Villas-Boas.* Lisboa, 1881, pags. 11, 145 e 178.

Esta naturalidade parece contestá-la José Pereira de Sampaio (Bruno) que não acha completamente excluida a versão que faz portuense o grande navegador: «*vecino* do Porto». V. *Portuenses illustres*, tomo I, Porto, 1907, pags. 98 e 99.

[2] Já a paginas 161 d'este volume se occupou o auctor d'esta questão fazendo uma affirmação de facto e emittindo uma hypothese. O facto está no voto contrario de Magalhães, proferido no conselho reunido por Albuquerque, para decídir sobre a reconquista de Gôa. A acta em que se inserem os diversos pareceres d'aquelles capitães foi publicada no tomo II das *Cartas de Affonso d'Albuquerque* (pags. 6-10). Dos chronistas da India só Castanheda (edição de 1552, livro III, pag. 76) se occupa com alguma minucia d'este conselho, registando apenas o parecer de Gonçalo de Sequeira, sem a menor allusão ao de Magalhães nem aos dos outros chefes convocados. A semelhança dos pareceres de Magalhães e Sequeira, como se vê da acta acima mencionada, é evidente. Coincidencia? Influencia d'um sobre o outro? Não sabemos. Lord Stanley of Alderley, ao que parece (não o verificámos), já em 1874 *(First voyage around the world by Magellan)* conhecia o parecer de Magalhães na conjunctura apontada. Suppõe Ruge — o que nos parece uma simples hypothese — que esta divergencia en-

que o seu amigo Francisco Serrão pôde emprehender a sua viagem ás Molucas, que encontrou effectivamente.

Em Portugal Magalhães tomou parte na expedição contra Marrocos para conquistar renome e um posto em relação com as suas relevantes qualidades e merecimentos. N'esta campanha de 1514 foi gravemente ferido n'uma perna, ferimento que o deixou côxo para o resto da sua vida; e, tendo sido ainda accusado de ter intelligencias secretas com o inimigo, ausentou-se sem pedir licença a seu chefe, Pedro de Souza, e partiu para Portugal afim de se apresentar ao rei; mas este não o recebeu, ordenando-lhe pelo contrario que regressasse ao seu posto e se justificasse lá, isto é, em Azamor, onde ao tempo se achava o exercito. Assim o fez, e no processo que lhe foi instaurado foi julgado innocente, sendo absolvido; mas, desgostoso, pediu licença em devida fórma e retirou-se outra vez para Portugal, onde o rei lhe concedeu a pequena pensão que disfructavam todos os que o tinham servido e que, por conseguinte, collocava Magalhães na cathegoria da grande massa de servidores vulgares. Julgando ter direito a ser mais considerado, sollicitou do rei um pequeno augmento, de meio ducado por mês; não foi, porém, attendido. Offendida a sua dignidade ao ver-se rebaixado de cathegoria, postergado sempre, sem poder distinguir-se em parte alguma, retirou-se da côrte á vida particular, occupando-se em estudos de cosmographia e nautica e cultivando relações d'amizade com o astrónomo Ruy Faleiro [1]. A carta em que o seu amigo Serrão lhe descrevera a expedição, cheia de peripecias, ás Molucas, fê-lo entrar em dúvidas sobre o direito que a corôa de Portugal tinha a estas ilhas, porque, attendendo ás distancias exaggeradissimas dadas por Serrão, deviam achar-se no hemispherio adjudicado á corôa de Hespanha. Como, porém, estava prohibido a esta potencia, pelos tratados, passar pelos mares concedidos a Portugal, era-lhe forçoso passar pelos seus, se quisesse apoderar-se das ilhas das especiarias, isto é, tinha que mandar as suas expedições na direcção Oeste, dobrando o extremo do continente americano á falta d'outra communicação maritima. Esta ideia, apoiada por Faleiro, abriu um novo horizonte, e determi-

---

tre Magalhães e Albuquerque foi a causa do dissidio do grande navegador, pois que outra se não conhece. Comtudo, Barros considera o caso da tomadia de Azamor como o motivo primordial da rebelliião. Quanto a nós este motivo ainda não está sufficientemente esclarecido, sendo o augmento da moradia de 100 reis (Correia «Lendas da India, tomo II, parte I, pag. 28 e tomo II, parte II, pags. 625 e 626 ou de meio cruzado (Barros, dec. III, livro V, cap. VIII)» recusado pelo rei, apenas o pretexto da ruptura, e a causa verdadeira o «entejo» (Barros) que o rei sempre lhe teve, opinião esta perfilhada por Diogo Arana e mais explicitamente ainda por Major. O conselho dos capitães que precedeu a reconquista de Gôa foi tempestuoso, como se deprehende da carta de Albuquerque ao rei («Commentarios», edição de 1774, parte III, pags. 283 e seguintes) e das palavras do commentador «Que mais mercê merecia a El-Rey D. Manuel por lhe defender Gôa dos Portugueses, que pela tomar duas vezes aos Turcos». Mas que papel teve Magalhães n'esta opposição? Eis o que os *Commentarios* nos não dizem.

[1] Homem famoso e extranha figura, ainda que mal contornada e vaga. A tradição atribue-lhe uma grande ou a maior parte do plano de Magalhães e Diego Cisneros vae até pretender que a indicações suas deve Colombo o descobrimento da America. O irmão, Francisco Faleiro é auctor do *Tratado del Esphera y del Arte del Marear*, etc., impresso em Sevilha em 1534 na officina de Croberger. Vidè *Trabalhos Nauticos dos Portuguezes*, etc., já citados, parte I. Sobre o tratado de Francisco Faleiro, leia-se o lucido e primoroso estudo do dr. Luciano Pereira da Silva, in *Boletim Bibliographico da Bibliotheca da Universidade de Coimbra*. Anno II, n.º 8. Agosto de 1915, a proposito da edição fac-simile de Munich (1915).

nou-o, bem como Faleiro e Christovão de Haro, a estabelecer-se em Hespanha, não como transfuga, como disse Pedro Martyr [1] senão renunciando á sua nacionalidade e adoptando a hespanhola com todas as formalidades legaes, conforme competia a pessoas dignas [2].

Chegaram a 20 d'Outubro de 1517 a Sevilha, centro das grandes expedições maritimas ao Novo Mundo, e do Conselho das Indias. Ali conheceu Magalhães a um patricio seu, Diogo Barbosa, que em 1501 tomára parte na expedição de João da Nova ás Indias Orientaes e se estabelecera depois em Sevilha, onde o govêrno o havia distinguido com o alto cargo de *alcaide do alcaçar*. Este franqueou a sua casa a Magalhães, apoiou activamente o seu projecto e deu-lhe sua filha Beatriz por mulher. Tambem João d'Aranda, feitor do Conselho das Indias e de grande influencia, se interessou com enthusiasmo pela ideia de chegar pelo hemispherio hespanhol ás Molucas e reclamar estas ilhas para a Hespanha. Aranda, Magalhães e Faleiro partiram em principios do anno 1518 para Valladolid, onde ao tempo residia a côrte, com o fim de pedirem a auctorização e o auxilio do throno para esta ideia, e conseguiram-no effectivamente, vencendo todas as objecções, em especial a da possibilidade d'uma barreira natural, que impedisse passar por mar d'um hemispherio ao outro. Prevaleceu, por fim, a conside-

Fac-simile da assignatura de Magalhães.

ração da grandissima importancia que, a sahir bem, havia de ter semelhante emprêsa para a Hespanha e suas pretensões [3]; e a 22 de março de 1518 ficou ultimada e firmada a concessão, na qual se comprometteram Magalhães e Faleiro a não sahir fóra do hemispherio hespanhol *(dentro de nuestros limites é demarcacion)*. Em troca, o govêrno concedeu-lhes por dez annos o privilegio exclusivo de percorrer o novo caminho que descobrissem pelo Sul d'America para as ilhas Molucas, exceptuando as pessoas que ao rei conviesse fazer viajar por esta via. Além d'isso, o concessionario cobraria uma vigessima parte dos reditos auferidos das ilhas que descobrisse e, se descobrisse mais de seis ilhas, a quinta parte dos reditos de duas d'ellas, á sua escolha, e uma quinta parte do beneficio da primeira expedição. Magalhães obteve para si e seus filhos os titulos e cathegorias de adeantado e governador e o direito d'interessar-se com generos até ao valor de mil ducados em cada expedição, que se enviasse ás regiões que descobrisse. Para a primeira expedição pôs o govêrno á disposição de Magalhães cinco navios, dois de 130 toneladas, dois de 90 e um de 60 toneladas com

---

(1) Pedro Martyr, Epistola 630: *duobus transfugis Portugalensibus a suo rege discedentibus.*

(2) Faria e Souza *Commentarios aos Luziadas de Camões,* II; *Commentario á oitava 140 do canto X.* — Barbosa, *Bibliotheca Luzitana,* II, pag. 31, citada por Barros Arana, em sua *Vida e Viagens de Fernão de Magalhães,* pag. 23.

(3) Pedro Martyr, Epistola 630: *Si fauste res successerit, Orientalibus et Portugallo regi commercia intercipiemus.*

provisões para 234 pessoas, durante dois annos. Magalhães recebeu, ainda, auctorização para exercer o poder supremo a bordo dos navios, incluindo o de vida e de morte, emquanto o rei impôs por outro lado, aos capitães e homens da expedição, a obediencia ao *capitão-mór* da mesma maneira incondicional. O primeiro objectivo da expedição eram as ilhas da especiaria [1]. Christovão de Haro contribuiu pela sua parte para os gastos da expedição com 4.000 ducados.

Logo que fez publica a concessão, pôs-se em movimento o govêrno português para impedir que se realizasse a emprêsa, porque não podia ignorar que, no caso de realizar-se, se suscitaria necessariamente a questão de direito; e a averiguação do verdadeiro possuidor do dominio das Molucas daria logar a difficuldades e averiguações, impossiveis de regular scientifica e legalmente. Alvaro da Costa, embaixador português na côrte hespanhola, trabalhou para fazer desistir do projecto o proprio rei Carlos, emquanto Sebastião Alvarez, «agente» do rei D. Manuel em Sevilha, entrou em negociações directas com Magalhães, para fazer que voltasse ao serviço de Portugal, fazendo-lhe offerecimentos brilhantes; mas o embaixador português trabalhou em vão e os esforços do feitor desfizeram-se tambem contra a firmeza do seu compatriota, o qual teria julgado faltar á sua honra, renunciando á emprêsa e ao compromisso já contraido. Não conseguindo nada por este lado, trataram os agentes portugueses de afastar gente da emprêsa, espalhando o boato de que os navios destinados á expedição eram tão velhos e estavam tão carcomidos, que difficilmente chegariam até ás Canarias, e que o chefe da expedição, Magalhães, meditava a deslealdade de entregar toda a esquadra ao rei de Portugal, tendo contractado muitos marinheiros extrangeiros, — 20 portugueses, 23 italianos, na sua maior parte genoveses, 10 franceses, 4 flamengos, 1 allemão e 1 inglês [2]. Alvarez procurou tambem seduzir Faleiro e, ainda que este tambem lhe não prestasse ouvidos, persuadiu-se de que o principal era attrahir Magalhães, porque o astrónomo o seguiria depois. Estas intrigas não deram outro resultado senão retardar a execução dos preparativos, até que o rei Carlos, a quem ninguem podia privar de fazer explorações nos territorios e mares da sua demarcação, deu ordem precisa em Barcelona, a 19 d'Abril de 1519 [3], para que se aprompstasse sem demora o necessario para a expedição, a qual se compôs dos cinco navios seguintes:

Santo Antonio, capitão e védor geral da armada..	João de Cartagena
Trindade, almirante........................	Magalhães
Conceição, capitão...........................	Gaspar de Quesada
Victoria, capitão	Luís de Mendoça
Santhiago, capitão	João Serrão

Ruy Faleiro, para quem não havia posto correspondente aos seus merecimentos e capacidade, ficou em Sevilha, ao passo que entraram a fazer parte da expedição Duarte

---

(1) Magalhães calculou que estas ilhas se achavam dentro da demarcação hespanhola entre os 2 $^1/_2$ e 4 graus a Léste do meridiano divisorio n'aquelle lado do globo. Malaca ficava, segundo o seu calculo, a 17 graus e meio a Oeste e a ilha de Santo Antão do de Cabo Verde a 22° a Léste da outra metade do meridiano. O cabo de Santo Agostinho estava a 20° e o cabo Santa Maria, na foz do rio de La Plata, a 5° a Léste.

(2) Veja-se toda a lista de Navarrete, IV, pags. 12 e segs.

(3) A «Cedula» Real fazia capitães generaes a Magalhães e Ruy Faleiro, já anteriormente feitos cavalleiros de Santiago.

Barbosa ([1]), sobrinho de Diogo, e o cavalleiro italiano, Antonio Pigafetta de Vicencia.

A 20 de Setembro ([2]) fez-se á véla Magalhães em Sanlúcar de Barrameda, depois de dar ordem rigorosa aos seus capitães para se não separarem e seguirem sempre o seu navio, que serviria de guia, para o que accenderia de noite um pharol na pôpa; dois pharoes quando mudasse de rumo ou de andamento por qualquer causa que fôsse; tres ou quatro pharoes significariam, segundo a sua disposição, as vélas que tivessem de colher-se ou soltar-se, e, finalmente, assignalaria com differentes foguetes ou com um tiro de canhão os baixios que encontrasse.

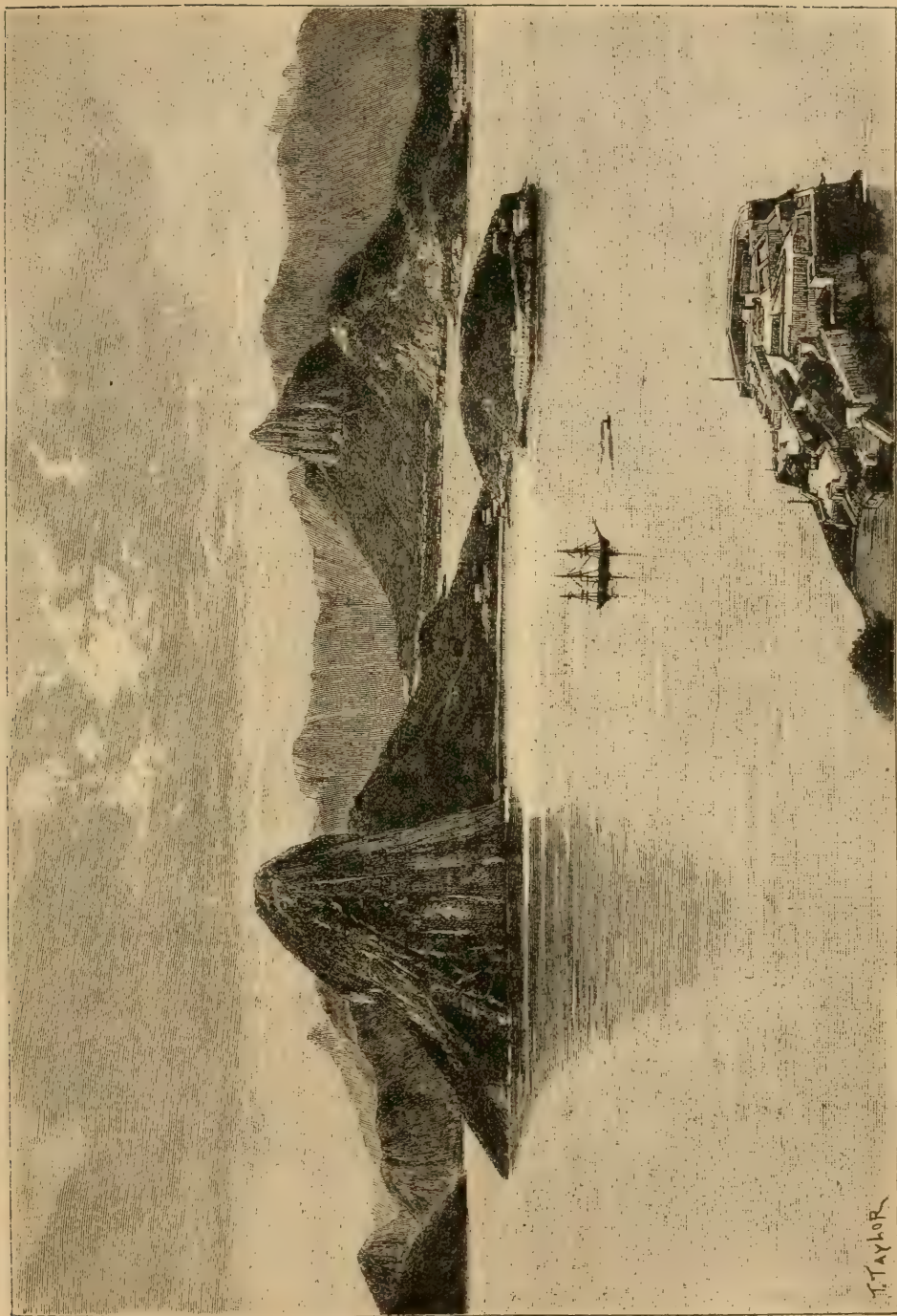
Dadas estas e outras instrucções e adoptadas as demais disposições que julgou necessarias, dirigiu-se a Tenerife, d'ali ás ilhas de Cabo Verde e d'estas á costa do Brasil. Seguiu, na opinião dos seus capitães, demasiado perto da costa africana, e o do *Santo Antonio*, João de Cartagena, pretendeu ser consultado para a determinação do rumo a seguir como segundo chefe da expedição ou védor geral; Magalhães, porém, recordou-lhe que elle era, segundo vontade expressa do rei, o chefe absoluto e que todos,

---

([1]) Sobre a pessoa de Duarte Barbosa levantam-se differentes dúvidas; a tradição mais corrente dos nossos chronistas dá-o como cunhado de Magalhães e filho de Diogo Barbosa; mas o feitor de Portugal em Sevilha, Sebastião Alvares, cita-o como sobrinho de Diogo Barbosa. Outra dúvida mais importante é a que se refere á paternidade do célebre «Livro de Duarte Barbosa» dada a existencia de mais de um personagem com este nome na primeira metade do século XVI, merecendo especial referencia para o nosso caso o escrivão da feitoria de Cananor e o companheiro de Magalhães, que o auctor do Prefacio d'aquelle «Livro» inserto na *Coll. de Not. para a Hist. e Geogr. das Nações Ultramarinas,* tomo II, já descriminou n'uma primeira intuição.

O «Livro de Duarte Barbosa» foi traduzido pelo embaixador genovês, Centurion, com o auxilio do cartógrapho, Diogo Ribeiro (1524). Do mesmo «Livro» existe um manuscripto em castelhano, na Bibliotheca de Barcelona, que serviu a Henry Stanley para a traducção, que a Hakluyt Society editou em 1866. A Bibliotheca Municipal do Porto possuiu da mesma obra um codice, que desappareceu; e na Torre do Tombo existe um apógrapho, maltratado nas primeiras folhas, segundo informa o dr. Sousa Viterbo, nos seus «Trabalhos Nauticos» e que, na opinião do mesmo escriptor não deve deixar de ser utilizado n'uma futura edição. O prefaciador na edição portuguesa do «Livro de Duarte Barbosa» diz tê-la feito cotejando o texto italiano de Ramusio, que é a edição *princeps* do célebre «Livro» com um apógrapho, propriedade sua, e que não sabemos em que relações está com os outros apógraphos indicados, se é que alguem se occupou d'este ponto. De toda a maneira, pareceu-nos interessante dar aqui estes rapidos traços da historia de um livro célebre, que merece contar-se entre os monumentos da sciencia geographica e ethnographica do século XVI.

Não devemos rematar esta nota sem registar a informação que nos foi ministrada pelo illustre conservador da Torre do Tombo e segundo a qual o apógrapho da obra de Barbosa não existe no fundo do archivo nacional, nem entre os manuscriptos do Cardeal Saraiva, adquiridos pelo mesmo archivo.

([2]) Arana dá a partida de Sevilha a 10 de Agosto e a de S. Lucar a 20 de Setembro; o «Roteiro» dá 21 de Setembro para a partida de S. Lucar; Pigafetta, auctor do célebre «Diario» fixa a partida de S. Lucar em 20 de Setembro; os escriptores hespanhoes, srs. Cesareo Fernandez Duro e Francisco Javier de Salas, estabeleceram para data da partida o dia 27. As melhores razões militam a favor da data de Pigafetta. Sobre este ponto, leia-se *El Centenario de Magallanes, en Sanlucar de Barrameda, etc.,* por Genaro Cavestany, 1915 — Typographia Domenech. — O «Diario» de Pigafetta a D. Filippe Villers, Grão Mestre de Rhodes, foi recentemente traduzido para hespanhol por D. Manuel de Valls y Merino.

Itinerario de Magalhães — Entrada da bahia do Rio de Janeiro.

sem excepção, deviam obedecer-lhe. Cartagena, para vingar-se, saudou o seu chefe, quando se acharam detidos nas calmas da Guiné, com o simples titulo de *capitão* em vez de *capitão-mór* que lhe correspondia, razão por que Magalhães o reprehendeu. Respondeu-lhe o védor com insolencia e não tornou a saudá-lo nos tres dias seguintes; e, como Magalhães não era homem para soffrer nem estes nem outros ataques á sua auctoridade, reuniu os capitães em conselho, fez prender Cartagena e destituiu-o, pondo em seu logar primeiramente Antonio de Coca, e depois, na costa do Brasil, Alvaro de Mezquita (1). Com ventos varios e a miude desfavoraveis, passou a esquadra o cabo de Santo Agostinho e seguiu a costa do Brasil até á bahia do Rio de Janeiro, onde se deteve, de 13 até 26 de Dezembro, para fazer provisões de víveres e de agua doce, e para averiguar se por ali existia uma passagem maritima entre os dois oceanos. Tendo-se convencido do contrario, passou adiante e chegou a 10 de Janeiro de 1520 ao cabo de Santa Maria, na foz do rio de La Plata, e, vendo na costa uma collina que se erguia em fórma de chapeu, chamou-lhe Monte Vidi ou Montevideo (2). Sabia-se que Diaz de Solis chegára já até ali; mas a amplidão do estuario do rio de La Plata deu visos de verosimilhança a encontrar por ali a passagem maritima. Magalhães encarregou d'esta exploração o capitão do *Santhiago,* que regressou 15 dias depois ao ponto onde o aguardavam ancorados os demais navios, com a notícia de que não havia passagem maritima e de que o rio recebia a agua de muitos affluentes.

Averiguado isto, passou Magalhães com a esquadra adiante para o inexplorado Sul nos primeiros dias do mês de Fevereiro. Navegando com toda a precaução e vigilancia possiveis, para não passar despercebida a communicação maritima que se dizia marcada por alguns mappas na costa da Patagonia, costa bastante baixa e que forma muitas enseadas e bahias consideraveis, como o golpho de São Matheus e de Santo Antonio e o de São Jorge, perdeu o chefe da expedição as ultimas semanas do verão antarctico e viu-se obrigado a invernar n'aquella costa.

Desde o rio de La Plata havia tocado successivamente no cabo de Santo Antonio e nos recifes do de São Lourenço a 38º de lat., quando um temporal o levou mar a dentro e por varios dias perdeu a costa de vista. Depois percorreu durante um dia a bahia de São Matheus; e, vendo que não tinha sahida, voltou ao ponto onde havia entrado e passou adiante, luctando continuamente com temporaes e correntes maritimas. Repetidas vezes se viu obrigado a buscar refugio nas bahias e enseadas, que nem sempre offereciam o abrigo necessario, motivo por que chamou a uma d'ellas Bahia dos Trabalhos (3), que talvez seja a que hoje se chama Porto Desejado, a 48º de lat., até que finalmente, a 31 de Março encontrou o porto de São Julião, a 49º 15' de lat. Sul, onde pôde passar no meio d'uma natureza aspera o inverno austral e aguardar melhor tempo. Quando quis construir barracas em terra, para acampar e reduzir as rações, afim de economizar os víveres, resistiram os capitães e tripulantes, pedindo para voltarem atrás, dizendo que tinham ido já mais longe que nenhum hespanhol e que não queriam sacrificar a vida proseguindo n'uma illusão vã. Respondeu-lhes Magalhães que seria um

---

(1) Navarrete, IV, 202 e 203.

(2) Veja-se em Navarrete, IV, 209 até 247, o *Diario ou derrota da viagem de Magalhães, escripto por Francisco Albo.*

(3) Vidè *Roteiro da viagem de Fernão de Magalhães,* in *Coll. de noticias para a hist. e geogr. das nações ultramarinas*, Lisboa, 1826, tomo IV, pag. 152. A Bahia dos Trabalhos, segundo o Roteiro, está a 37º. E' uma differença de latitudes, que torna pelo menos problematica a identificação.

opprobrio eterno voltar atrás sem terem encontrado o canal maritimo ou o extremo do continente; que a estação fria não seria longa, e que o producto da caça e da pesca os salvaria da fome, que tanto temiam; que, pelo menos, não deviam regressar sem terem chegado sequer até onde havia chegado Americo Vespucio, e que elle não regressaria senão depois de ter chegado aos 75º de lat. sem ter encontrado a desejada communicação maritima. Nem por isso cessaram as queixas e lamentos, que por fim fizeram perder a paciencia a Magalhães, que, n'um momento d'ira, fez prender e castigar alguns dos principaes descontentes, com o que provocou maior hostilidade e vozes subversivas que diziam: «Este português quer-nos perder para reconciliar-se com o seu rei (1).» Foi em vão que Magalhães lhes disse que não fazia mais que cumprir as ordens do imperador; que até ali nada fizera a expedição para justificar o seu regresso, e que os portugueses tinham navegado tambem para o Sul sem se queixar, para dobrar o cabo da Boa Esperança (2); com estas reflexões não conseguiu restabelecer a tranquillidade e logo estalou a sublevação abertamente. Na noite do 1.º d'Abril João de Cartagena, chefe da conspiração, libertado da prisão pelo capitão Quesada encarregado da sua vigilancia, subiu com alguns amotinados armados a bordo do navio commandado por Alvaro de Mezquita, ao qual surprehenderam e carregaram de cadeias por ser partidario fiel do chefe. O piloto ou mestre da nau, Hurriaga ou Elorriaga e o contramestre tomaram partido pelo seu capitão; mas o primeiro d'estes caíu traspassado por Quesada e o segundo foi levado preso para bordo do *Conceição*. Como Luís de Mendoça, capitão do *Victoria*, tivesse entrado tambem na conspiração, resultou que os sublevados tiveram na manhã seguinte tres navios á sua disposição, não ficando a Magalhães senão dois, o seu e o *Santhiago*. Desculparam os primeiros o seu procedimento como um acto de legitima defesa em vista do mau trato que continuamente lhes dava o seu chefe, ao qual mandaram ainda dizer que estavam promptos a respeitar a sua auctoridade, se procedesse conforme pedia o interêsse do imperador. Magalhães respondeu-lhes citando-os para bordo do seu navio, onde promettia ouvir-lhes as queixas e proceder com justiça; mas os amotinados replicaram que não se fiavam d'elle, e que fôsse a bordo do *Santo Antonio*, onde todos se achavam reunidos. Então aproveitou Magalhães astutamente a lancha mandada pelos rebeldes para enviar o meirinho Espinosa com 4 ou 6 homens fieis e decididos a bordo do *Victoria*, com o pretexto de convidar o capitão Mendoça a passar a bordo da capitania para uma entrevista, mas na realidade com o fim de paralysar o capitão rebelde. Espinosa cumpriu a sua missão cravando o seu punhal no peito de Mendoça, emquanto estava a falar com elle, deixando-o morto; e, tendo chegado, entretanto, ao mesmo navio, Duarte Barbosa com 15 homens, voltou a tripulação á obediencia. Então collocou-se Magalhães com os seus tres navios á entrada do porto para não deixar sahir os outros dos revoltosos, um dos quaes, o *Santo Antonio*, se desprendeu casualmente durante a noite das amarras, e foi levado pela corrente sobre a capitania. G. Correia diz, comtudo, nas suas *Lendas*, II, cap. XIV, pag. 625, que Magalhães fez cortar de proposito, na escuridão da noite, as amarras do referido navio, que á sua approximação da capitania foi recebido a tiros d'artilheria e d'arcabuzes e logo abordado e tomado pela tropa que ficára fiel ao capitão-mór. Os chefes da conspiração, Cartagena, Quesada e Coca, fôram feitos prisioneiros. No dia

(1) Veja-se Gomara, *Historia geral das Indias*. Anvers, 1554, pags. 127 e 128.

(2) Navarrete, IV, 260 e 261. Carta do secretario Maximiliano Transilvanus ao cardeal de Salzburgo, traduzida para hespanhol.

seguinte foi esquartejado o cadaver de Mendoça por traidor; Quesada foi decapitado e, antes de deixar aquellas praias, fôram abandonados n'ella Cartagena e um capellão que tomára parte na revolta ([1]), se bem que mais adiante fôram recolhidos pelo piloto Gomez, quando se separou da esquadra de Magalhães e regressou á Hespanha ([2]).

A expedição permaneceu 4 meses e 24 dias no porto de São Julião ([3]), tempo durante o qual fôram visitados os hespanhoes repetidas vezes por pequenas tribus de indigenas, aos quaes Magalhães chamou patagões pelos seus pés grandes. A narração que d'esta viagem publicou o cavalleiro Pigafetta foi muito lida; e, como n'ella refere que um dia visitou o acampamento hespanhol um indigena gigantesco ao qual os expedicionarios chegavam sómente com a cabeça á cinta, d'aqui se originou na Europa a crença de que os patagões eram uma raça de gigantes, crença que sómente começa a desapparecer no nosso tempo, apesar de Luís de Bougainville, que realizou a primeira circumnavegação francesa do globo nos annos de 1766 a 1769 ([4]) e mediu um grande numero de patagões, ter achado a estatura dos adultos entre 5 pés e 5 pollegadas e 5 pés e 10 pollegadas (metro 1,775 a 1,090, approximadamente).

Antes de abandonar o porto com toda a esquadra Magalhães mandou João Serrão explorar com o *Santhiago* a costa para o Sul para não ter que examinar com toda a frota cada bahia e cada enseada; por desgraça naufragou o navio explorador não longe do porto de Santa Cruz, a 50º de lat., e Serrão com a sua tripulação, que se tinha salvo, regressou difficultosamente a pé pela costa até ao porto de São Julião, onde foi distribuida a gente a bordo dos outros quatro navios. A 24 d'Agosto fez-se Magalhães á véla com toda a sua esquadra e, ao passar por diante do porto onde occorreu o sinistro, pôde recolher varios objectos do navio naufragado, que as ondas tinham arrojado á costa. Ali teve que permanecer até 18 d'Outubro para reparar dois dos seus navios que tinham recebido algumas avarias. Resistiu inflexivel a todas as reflexões dos seus subordinados, respondendo-lhes sempre que não abandonaria a sua emprêsa emquanto a tempestade não tivesse desmantelado e tornado a desmantelar os seus apparelhos, e que só depois retrocederia e passaria á India pelo cabo da Boa Esperança e ilha de Madagascar.

Em 21 d'Outubro chegou a esquadra ao cabo das Virgens, á entrada do famoso estreito. As faldas da grande cordilheira sul-americana, que o trabalho secular das vagas acabou por separar do continente no Sul e na costa occidental, formam multidão de penhascos, ilhotas e ilhas desde os 42º de lat. até á Terra do Fogo, que é uma d'estas ilhas separadas do continente por um canal maritimo, que tem o nome do denodado e imperterrito marinheiro que o descobriu. É o estreito de Magalhães, que mede 600 kilometros de comprido e se extende na sua metade oriental para o Sudoeste e na sua metade occidental com uma rapida inclinação para Noroeste. Este estreito póde dividir-se em tres secções distinctas, a oriental, a central e a occidental. A pri-

---

([1]) Navarrete, IV, 201-208. Carta do contador João Lopez de Recalde ao bispo de Burgos. Accrescentemos a esta indicação de Ruge, que o capitão se chamava Sanches de la Reina.

([2]) Estevam Gomes não recolheu Carthagena nem o seu companheiro (Arana, obra citada, pag. 99) dos quaes *jamás volvió a tener noticias.* (Genaro Cavestany, *El Centenario de Magallanes,* en Sanlucar de Barrameda, etc., etc. Tipographia Domenech. Sanlucar de Barrameda, 1915 — pag. 106).

([3]) Vidè o «Roteiro», pag. 153, nota 15.

([4]) *Voyage autour du monde,* Paris, 1771, cap. 4.

meira forma em cada extremo um estreitamento, entre os quaes o canal se alarga á maneira de mar interior, sem bahias, nem enseadas, nem canaes secundarios, com margens completamente áridas e d'altura moderada á maneira de collinas, de formação geologica moderna; ao passo que nas outras duas secções predominam o granito e a serpentina, que formam em ambas as margens montanhas penhascosas, escarpadas e d'aspecto selvagem, que se elevam a mais de 1.000 metros d'altura, contando o Monte Sarmento mais de 2.000 metros. A secção central é larga, forma canaes profundos na costa da Terra do Fogo, e não tem ilhas. A sua direcção é de Norte a Sul, ao passo que a primeira secção se dirige da costa para Sudoeste. A secção terceira ou occidental, que se dirige para Noroeste, forma um sem numero de estreitamentos entre penhascos, recifes e enseadas, onde o mar é muito profundo, e alarga-se só no seu extremo, onde desembocca no Grande Oceano. N'estas duas ultimas secções, as montanhas em ambas as margens, quando não são muito escarpadas, acham-se cobertas, na estação temperada, de rica vegetação. O caracter geral de todo o estreito é uma mescla singular de monotonia e de grandeza. O navegante vê na estação fria montanhas cobertas de gêlo por toda a parte, o qual enche as fendas dos rochedos; cascatas, congeladas de reflexos azues e verdes pendem ameaçadoras sobre os valles tenebrosos. A agua do estreito parece negra nos innumeraveis canaes que serpenteiam entre tão altas montanhas e rochas isoladas, formando ás vezes subitamente uma bahia que parece sem sahida, até que o navegante se vê em frente de novos canaes, que, como no labyrintho, o deixam perplexo ou o transviam, fazendo-o vaguear semanas inteiras entre os recifes e elevados penhascos sem encontrar sahida. Além d'isso, n'esta parte do estreito reina permanentemente uma tempestade furiosa; a atmosphera é sempre espessa e nevoenta; o ceu está coberto de pesadas nuvens, e as aguas parecem negrissimas em consequencia da sua profundidade e das sombras projectadas sobre ellas pelas altas montanhas. O vento sopra em geral do Oriente, e entre o labyrintho de penhas e agulhas forma no canal as vagas mais perigosas para os navios, em especial os de véla.

Magalhães, ao entrar no estreito, mandou adiante o *Santo Antonio* e o *Conceição* para explorarem e fixarem a derrota. Um dos navios regressou em breve com a notícia de ter encontrado só uma bahia com uma abertura profunda; mas o outro passou mais adiante e á sua volta, ao terceiro dia, referiu o seu capitão que tinha passado por um estreitamento e entrado n'outra bahia aberta nos dois extremos formando á sua sahida outro estreitamento á primeira vista occulta por montanhas e que conduzia a outro lençol d'agua, profundo como as anteriores, tanto que não podia ancorar-se mesmo nas margens; de modo que quási não cabia dúvida de que tinha sido encontrada a desejada passagem maritima. N'esta esperança convocou Magalhães todos os seus capitães e pilotos para consultá-los sobre o que conviria fazer, attendendo a que só havia provisões para tres meses. O piloto do *Santo Antonio,* Estevão Gomez, de nação portuguesa, disse que, encontrado já o canal, seria prudente regressar á Hespanha para preparar uma frota melhor provida e com ella levar a emprêsa a cabo; Magalhães, porém, não quis voltar atrás; e, tendo resolvido a parte mais difficil do problema, quis levar a emprêsa completamente a cabo e chegar ás Molucas, dizendo que queria cumprir a palavra que dera ao imperador, ainda que tivesse que passar fome e para matá-la mastigar couro. Afim de que as tripulações não tivessem tempo de reflectir e d'appellar para a opinião d'um marinheiro tão perito e auctorizado como Gomez, deu ordem de que todos os navios estivessem promptos para seguirem a viagem na manhã seguinte, prohibindo falar em voltar atrás sob pena de morte.

Disposto tudo, entrou o ousado marinheiro n'aquelle labyrintho; e, como visse bri-

lhar com frequencia fogueiras accesas pelos selvagens para combater o frio na margem esquerda, chamou áquella ilha Terra de Fogo.

Tendo navegado umas 50 milhas, destacou dois navios para percorrerem e explorarem os differentes canaes que se separavam e ramificavam por sua vez em direcções várias; emquanto elle aproveitava este tempo dedicava as outras duas á pesca para augmentar d'alguma fórma os víveres. Singrou o *Santo Antonio* a toda a véla sem aguardar o *Conceição,* penetrando n'um canal que, em logar de levá-lo adiante, conduzia em direcção Sudeste, isto é, na opposta, com a intenção de regressar á Hespanha. O *Conceição* entrou no mesmo canal, onde cruzou, esperando a volta do *Santo Antonio,* para irem ambos adiante. Entretanto mudou Magalhães com os outros dois navios de logar e, em vez d'esperar, como dissera, passou adiante, entrando no grande canal que do porto onde estava se prolongava na direcção Noroeste. Ali esperou quatro dias emquanto mandava explorar todo o canal por uma lancha que regressou tres dias depois com fausta notícia de ter encontrado a sahida e desemboccado no Oceano Austral. O *Victoria,* depois d'aguardar o *Santo Antonio* em vão, regressára para dar parte da perda ou deserção do referido navio, que era um dos melhores da expedição, e não encontrando Magalhães no ponto convencionado, tivera de perder algum tempo até dar com elle. O mesmo julgou Magalhães que podia ter succedido ao *Santo Antonio* e, accusando-se de ser talvez a causa de sua perda, mandou outra vez o *Victoria* até á mesma entrada do estreito com ordem de collocar ali n'um ponto bem visivel uma haste com uma bandeira e ao pé d'ella uma carta com a notícia da derrota que tomára a expedição, para o caso de passar por ali o *Santo Antonio.* Mas o navio não voltou, porque a sua tripulação, apoiada pelo piloto, Estevão Gomez, sublevou-se, prendeu o seu capitão e regressou á Hespanha, onde o accusou de ter aconselhado ao chefe da expedição as sentenças sanguinarias executadas no porto de São Julião. Gomez, instigador de tudo isto por odio a Magalhães, porque fôra mais feliz que elle, que havia proposto ao rei de Hespanha a mesma emprêsa antes de Magalhães e não tinha encontrado apoio, na sua volta a Hespanha accusou tambem Magalhães, dizendo que era um demente, que enganára S. M. e não sabia sequer onde ficavam Banda ou as Molucas.

Assim perdeu Magalhães este navio e com elle o seu fiel Mezquita, perda tanto mais sensivel quanto, afóra seu parente, Duarte Barbosa, lhe ficavam poucos homens de quem pudesse fiar-se em tudo e por tudo.

Não se atrevia a convocar os officiaes que lhe restavam a um conselho com receio de que não lhe fôsse favoravel a maioria; mas, como o caso exigia ouvir os pareceres dirigiu a todos os capitães e pilotos uma circular amigavel, pedindo a cada um que lhe désse o seu parecer por escripto, se julgavam mais prudente regressar á Hespanha ou passar adiante, antes de tudo o melhor serviço de S. M. e a segurança dos navios. Esta circular, que foi copiada no seu diario pelo astrónomo André de São Martim que fez parte da expedição, foi publicada por João de Barros na sua Década III, liv. V, cap. 9, e era datada de 21 de novembro no *Canal de Todos os Santos* a 53º de lat. [1], porque fôra aquelle o nome que Magalhães dera ao estreito que hoje tem o seu. Achavam-se os navios que lhe restavam áquella data no ponto onde principia a terceira secção, e apresentavam-se ao navegante varios canaes que se dirigem uns para Noroeste, outros para Norte e outros para Sul com muitos estreitamentos entre elevadas penhas e recifes.

---

[1] Navarrete, IV, pags. 45-49.

O astrónomo São Martim apresentou o seu parecer no dia seguinte e, sem contradizer directamente o que sabia muito bem era desejado pelo chefe da expedição, lembrou-lhe a provisão reduzida de víveres que restava e a falta de aprestos do *Victoria*. Depois desaconselhava decididamente a que se fôsse além dos 60º ou 75º de lat., attento o estado lastimoso dos navios e das tripulações, mas fincava-se á ideia de aproveitar os formosos dias da primavera austral para buscar um abrigo em climas mais temperados ([1]).

A 23 do mês deu Magalhães ordem de avançar ([2]). Não lhe restava dúvida de que as costas á direita eram de um continente, e as da esquerda de ilhas, supposição corroborada pelo estrondo que por aquelle lado se ouvia a distancia e que era attribuido com razão ás vagas do Oceano que se quebravam contra os rochedos ([3]). A travessia era perigosa e requeria a maior precaução, motivo por que os navios ancoravam de noite e navegavam sómente de dia por aquellas estreitezas lúgubres, mandando, ainda, sempre adiante lanchas exploradoras. Por fim estas annunciaram ao quinto dia que a expedição se achava á sahida do estreito, notícia que Magalhães mandou festejar com salvas de artilheria, e a 28 de novembro desemboccou com os seus navios no Oceano Austral junto ao cabo Desejado ([4]), depois d'uma travessia de tres semanas, ou de 12 dias descontando os dias perdidos em aguardar o navio desertor e o *Victoria* mandado em sua busca ([5]).

Ao entrar no Oceano dirigiu Magalhães o seu rumo directamente para o Norte; aos 47º viu ainda á sua direita os montes da Patagonia. Chegado que foi aos 37º de lat., dirigiu-se a Noroeste, deixando determinado o trôço que faltava descobrir da costa occidental da America do Sul. Seguindo o seu novo rumo, passou adiante, sem tocar nas ilhas de João Fernandez situadas a Oeste do Chili, por entre o enxame d'ilhas de Prumatu e das Marquesas, tão montanhosas, sempre com vento favoravel, motivo por que chamou áquelle mar Oceano Pacifico, navegando 40 dias sem ver senão ceu e agua. A 24 de janeiro de 1521 encontrou, aos 16º 15′ de lat. Sul, uma ilhota solitaria e deshabitada, que chamou São Paulo; e onze dias depois, a 4 de fevereiro, aos 10º 40′ de lat. Sul, outra deserta que chamou dos Tubarões ([6]). Estas duas são, segundo Meinike ([7]), as mesmas que hoje se conhecem pelos nomes de Pucapuca e Feint, situadas

---

([1]) San Martin era de parecer que se aproveitasse a «*frol do verão*» para explorar bem o estreito, regressando logo depois a Hespanha. Barros, I. c.

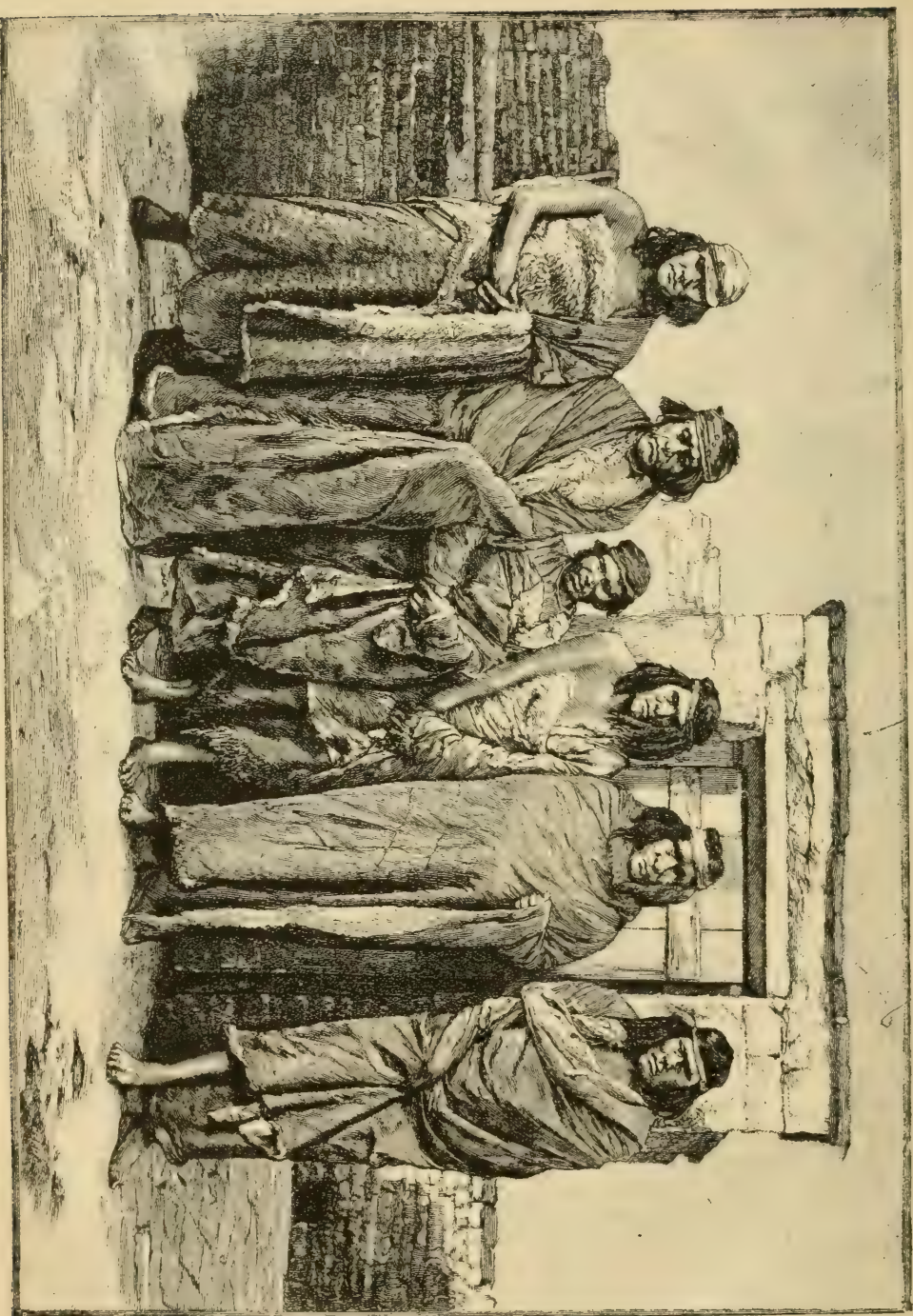
([2]) O «Roteiro» diz que a esquadra esteve no Estreito desde 21 de outubro a 26 de novembro (pag. 157).

([3]) Interessante leitura é a do opusculo *Exploracion de la Tierra del Fuego, etc.*, por . . . B. Bossi, Montevideu, 1882, em que se descreve minuciosamente o Estreito e terras marginaes, abrangendo a hydrographia, a geologia, a zoologia, a botanica, a ethnologia, etc.

([4]) Hoje chama-se, por sua fórma, cabo de Pilares.

([5]) Loaysa, em 1526, precisou de tres meses para passar o estreito; Drake em 1577 sómente 17 dias. Metade dos navegantes hollandeses e ingleses que, em fins do século XVI, tentaram atravessar o estreito, voltaram atrás sem realizarem seu proposito. Em 1765 passou-o Byron em 51 dias; Wallis em 1767 demorou 116 dias; Bougainville 60 dias em 1768; com a particularidade de que todos estes marinheiros tinham mappas á sua disposição, e Magalhães não.

([6]) O «Roteiro» não fala de qualquer nome posto a qualquer d'estas duas ilhas. Mas Pigafetta regista-os. O «Roteiro» na nota 26, pag. 157, diz apenas que algumas cartas designam as duas ilhas sob o nome de «Infortunadas».

([7]) Petermann, Mitheihungen, 1868, pag. 376.

Itinerario de Magalhães. — A Patagonia: um grupo de indigenas.

respectivamente a 138º 48′ e 151º 48′ de long. Oeste de Greenwich. Na ultima fez Magalhães descansar a sua gente dois dias, para prover-se de pescado porque os víveres estavam quási exgottados. Depois fôram adiante, atravessando, como refere Transilvanus, um mar tão dilatado que excedia tudo o que o homem póde imaginar, e n'esta parte da longa viagem apresentou-se de dia para dia mais horrivel o espectro da fome aos navegantes. «Tres meses e vinte dias, disse na sua narração o cavalleiro Pigafetta, passámos sem renovar agua nem provisões; a bolacha tinha-se feito em pó pelo trabalho dos vermes, e, misturada com os excrementos das ratazanas, exhalava um cheiro insupportavel; a agua era igualmente turva. Comemos o couro que nos navios envolvia as cordas mais grossas para que o attricto não as gastasse; mas era tão duro por ter estado exposto tanto tempo á intemperie, ao sol, á chuva e ao vento, que tivemos de tê-lo muitos dias de môlho na agua do mar para torná-lo comestivel, assando-o na cinza quente. As ratazanas eram grande guloseima que se pagava a meia corôa (1) cada uma, e a todas estas angustias se ajuntou, como não podia deixar de ser, o escorbuto que matou nove homens. Se Deus e sua santissima Mãe nos não tivessem dado bom tempo em toda esta longuissima navegação, teriamos perecido de fome em tão dilatado mar; e sou d'opinião que ninguem mais voltará a emprehender semelhante viagem.» Pigafetta, effectivamente, desalentou com a sua narração os genios emprehendedores, como mais tarde Cook quebrou o impulso das expedições austraes com a relação da sua segunda viagem. Pigafetta comprehendeu que aquella viagem era na realidade uma circumnavegação do globo, porque accrescenta na sua narração: «Se tivessemos seguido constantemente o rumo a Oeste ao sahir do estreito, teriamos podido chegar ao ponto de partida, a cabo das Virgens, sem encontrar terra.» De modo que se vê que Pigafetta não acreditou na existencia d'um grande continente austral, como o traçaram os geógraphos nos seus mappas-mundi no século XVI *(terra australis incognita)*, até que a viagem celeberrima do capitão Cook desarraigou tão inveterada ideia.

A 13 de fevereiro passou Magalhães o Equador (2), approximadamente aos 175º de long. Oeste de Greenwich, e navegou 11 dias com rumo Noroeste até aos 12º de lat. Norte, passando além do archipelago de Gilbert e de Marshall, e depois entre este e as Carolinas orientaes. Ao sahir d'este archipelago tornou a tomar rumo a Oeste e a 6 de março chegou ás ilhas Mariannas ou dos Ladrões; porque Magalhães, que não ignorava que as Molucas, objectivo da sua viagem, se achavam no Equador, temeu com razão que, predominando ali os portugueses, lhe seria difficil fazer provisões frescas, restaurar a saude e o vigor da sua gente, assim como reparar os seus navios. Por isso quis refazer-se primeiro em alguma ilha do Norte ou em algum ponto do continente asiatico, não frequentado ainda pelos portugueses. As primeiras ilhas do grupo das Mariannas que encontrou, fôram Guam e Santa Rosa, ambas bastante povoadas, como não tardaram em demonstrá-lo as muitas embarcações com vélas triangulares, que os indigenas faziam correr como settas sobre as aguas com pasmosa facilidade. Magalhães chamou a estas ilhas das Vélas (3). Sem nenhum receio e até tornando-se importunos accorreram estes ilheus a bordo dos navios hespanhoes, furtando e levando quanto encontraram á mão; e tão grande era a sua audacia, que até levaram um bote grande que

---

(1) «Mezzo ducato» (Pigafetta, cit. por Errera).

(2) O «Roteiro» não indica a data . . . «e correram té que chegaram á lynha . . .»

(3) Veja-se Francisco Albo em Navarrete, IV, 219.

foi recuperado na praia. Para escarmentá-los mandou Magalhães arrasar a sua aldeia e destruir as plantações, operações em que pereceram sete ilheus. Por isso receberam estas ilhas o nome de Ilhas dos Ladrões, pelo qual em muitos países são ainda designadas. Permaneceram ali os navios tres dias e dirigiram-se depois a Oeste, encontrando o archipelago filippino que foi chamado então de São Lazaro. Os hespanhoes tomaram terra na pequena ilha de Suluan, para tomar agua fresca e dar algum repouso aos doentes; ao passo que se entabolaram com os habitantes relações amigaveis, tanto que o proprio cacique visitou os extrangeiros vestido ao estylo malayo com um «sarong» de tecido finissimo entretecido com fios d'ouro á maneira de brocado, e um grande panno de seda na cabeça.

Navegando de Suluan para Sudoeste, tocaram os navios na ilhota Limasagua, situada entre Mindanao e Leyte, e ali celebrou o capellão de bordo uma missa em terra. O principe da ilha conduziu os extrangeiros á ilha Zebú (1), situada a Noroeste da anterior; porque ali havia commerciantes que haviam tido relações com portugueses e podiam ser uteis, por conseguinte, aos hespanhoes. O principe d'esta ilha recebeu os hespanhoes muito bem, e oito dias depois fez-se até baptisar com alguns centenares de ilheus, apesar de tê-los avisado um commerciante árabe, de que não se fiassem dos extrangeiros, porque eram da mesma nação que tinha destruido Calecut e Malaca, ao que Magalhães respondera que o seu soberano era muito mais poderoso que o português e que protegeria a ilha contra este. Tinha sido combinado entre o rei da ilha de Zebú e Magalhães que o primeiro, feito já christão, seria declarado soberano, além de Zebú, das outras vizinhas, e que reconheceria em troca o rei de Hespanha como seu soberano. Em consequencia d'isso, começou Magalhães a submetter ao rei de Zebú as ilhas mencionadas, destruindo as povoações, que resistiram, e impondo tributo ás mais afastadas, até que n'uma d'ellas quis a sua má estrella que morresse ás mãos dos que defendiam a sua independencia. Foi na ilha Matan ou Mactan, separada da costa oriental de Zebú só por um braço de mar ou canal estreito. Os naturaes d'esta ilha tinham-se negado a entregar o tributo imposto em víveres e Magalhães resolveu castigá-los e fazer-lhes sentir a superioridade dos europeus e das suas armas; razão por que não acceitou o auxilio do rei de Zebú, que conhecia melhor do que elle o numero e estrategia dos seus contrarios. Foi, pois, sómente com 50 a 60 homens repartidos por tres lanchas á ilha, a 27 d'Abril (2), deixando aos seus amigos de Zebú o papel de espectadores; não quis que se approximassem as suas embarcações para auxiliá-lo em caso de necessidade; mas, apenas pôs os pés com a sua gente na praia, viu-se em frente de 1.800 a 4.000 guerreiros indigenas (segundo as versões extremas), cujos solidos escudos os resguardavam bem dos tiros dos extrangeiros, ao passo que elles os crivavam com uma espessa chuva de fléchas e pedras. Magalhães ficou muito em breve mal ferido n'uma côxa com uma flécha envenenada, ferimento que o obrigou a ordenar a retirada. O grande impeto dos indios victoriosos converteu depressa a retirada em fuga, ficando só sete ou oito homens fieis ao lado do seu chefe, contra o qual os inimigos dirigiram toda a sua sanha. Por duas vezes lhe arrancaram o elmo da cabeça, sem que nada o obrigasse a fugir, antes continuou animando os seus á resistencia e dando-lhes o exemplo. Feriu-o um ilheu na cara, mas pagou o seu atrevimento morrendo traspassado pela lança de Magalhães. Este, não podendo retirá-la tão depressa como convinha, na peleja

---

(1) «Subo» (Barros).
(2) 27, diz Pigafetta; 28, o «Roteiro».

corpo a corpo, quis tirar a espada; mas quando a tinha só meio desembainhada, porque mais lhe não consentia uma lançada que recebera n'um braço, feriu-o um ilheu tão terrivelmente que o prostrou por terra.

Ao verem cair Magalhães de rôsto para baixo, precipitaram-se os inimigos sobre elle e mataram-no; mas, «mesmo morrendo, diz Pigafetta, que presenciou o desastre, na sua narração, volveu, debaixo dos golpes dos féros indios, várias vezes o rôsto para nós, como para convencer-se de que ficavamos a salvo, e como se sómente resistisse tão tenazmente para sacrificar-se por nós. Assim caíu o nosso exemplo, o nosso farol, o nosso consolo e chefe lealissimo» (1).

N'estes termos chorou o cavalleiro italiano a morte do heróe e grande homem, a quem não pôde salvar, porque, ferido tambem como os demais companheiros do morto, não lhes ficou outro recurso senão fugir para as lanchas. Além de Magalhães, morreram n'esta acção oito hespanhoes e quatro indios baptisados.

Os vencedores ficaram com o cadaver do heróe, repellindo todos os offerecimentos que lhes fôram feitos e os grandes presentes que lhes fôram promettidos para que o entregassem.

Quarenta annos completos tinha Magalhães quando morreu na ilha de Matan, sem ter podido chegar ás Molucas, alvo principal da sua emprêsa; mas deixou feita a parte mais difficil, porque descobrira a passagem maritima no Sul da America e atravessára em toda a sua vasta largura a maior superficie aquatica do globo terrestre, e executára a emprêsa nautica maior de todos os séculos (2). Era não sómente um soldado valente e soffredor, que melhor que nenhum outro supportou durante longos meses a fome e toda a especie de privações, mas tambem um marinheiro intelligente que quis que os seus pilotos tivessem sempre em conta as indicações da agulha de marear, coisa nada generalizada no seu tempo, para se não afastarem da verdadeira róta das Molucas. A prova mais brilhante do seu grande engenho e do seu valor está em ter sido o primeiro, que emprehendeu uma circumnavegação do globo e realizou a parte mais difficil d'ella. A grandeza e importancia d'esta emprêsa não fôram apreciadas durante muito tempo como mereciam, por causa, em primeiro logar, da rivalidade entre Portugal e Hespanha. Em Portugal não se apreciavam, porque Magalhães servia o país vizinho, e em Hespanha não fôram tidas na devida estima, porque era português. Em segundo logar não pôde Magalhães descrever por seu punho a sua arrojadissima expedição; resultando d'aqui a circumstancia particular de que tão heroica emprêsa foi obra d'um português ao serviço de Hespanha, e descripta por dois italianos.

Humboldt expõe a importancia que a expedição de Magalhães teve para a sciencia na passagem seguinte do seu *Cosmos* (tomo II, 306) (3): «O descobrimento e navegação

---

(1) Ruge segue o itinerario de Magalhães utilizando Barros que o mesmo é dizer, servindo-se do «Diario» de S. Martin. N'este ponto a auctoridade de Barros é muito especial, pois houve á mão os papeis de Espinosa, commandante do «Trindade» e, por mão de Duarte de Rezende «Feitor de Maluco», os papeis de S. Martin. (Década III, parte I, pags. 656 e 657.

(2) O dr. Antonio Baião produziu novos e curiosos documentos sobre este grande homem no seu artigo *Fernão de Magalhães — Dados ineditos para a sua biographia* — in *Archivo Historico Portuguez,* Anno III (1905), pags. 304 e segs.

(3) Este passo encontra-se na versão francesa do *Cosmos,* feita por Ch. Galusky (Paris — Gide et Baudry — 1848) no tomo II, pag. 324. A titulo de curiosidade indicaremos os passos de Humboldt citados na elegante monographia de Latino Coelho *Fernão de Magalhães,* e

do Oceano Austral assignalam uma época importantissima na sciencia cosmologica, porque fixaram na sua justa proporção as superficies terrestres e maritimas do nosso globo, dando o golpe de morte a todas as fábulas e erros seculares, que até ali haviam tido acceitação e definiram o littoral do velho e novo continente, que constitue a orla do Pacifico. Da extensão relativa d'estas duas superficies depende a condição fundamental da humidade da atmosphera, a densidade das suas differentes camadas, a força vegetativa das plantas, a dispersão de certos generos zoologicos e muitos outros phenomenos. Verdade seja que a maior extensão da superficie maritima, que está para a terrestre como $2\frac{4}{5}$ para 1, diminue a área destinada a servir de morada ao genero humano e a produzir os alimentos para a maior parte dos mamiferos, aves e reptís; mas, attentas as leis que regem a vida dos organismos, esta desproporção é uma condição vital e um beneficio da natureza, para tudo o que vive nos continentes.»

Nas paginas que se seguem veremos qual foi a vantagem material que a Hespanha tirou d'esta expedição de Magalhães.

3. — A primeira circumnavegação, levada a cabo

Com a morte de Magalhães, mudou subitamente a disposição dos indigenas de todas aquellas ilhas, que tinham visto que os extrangeiros não eram invenciveis; e desde então já não tratou o principe baptisado de Zebú senão de desfazer-se dos seus novos alliados, para o que imaginou convidar os hespanhoes principaes, entre elles Duarte Barbosa e João Serrão, recentemente eleitos capitães, para um banquete, sob o pretexto de entregar-lhes um presente, que consistia em pedras preciosas, destinado ao rei de Hespanha. Acceitaram aquelles, o astrónomo São Martim e mais 21 o convite, porque, embora não confiassem demasiado, não quiseram passar por covardes, recusando o convite. Pigafetta não pôde ir, por não lh'o permittirem os seus ferimentos, e Lopez de Carvalho não foi, porque viu em tudo aquillo sómente uma cilada, como na verdade era. Effectivamente, todos fôram mortos durante a refeição, menos João Serrão, que foi levado ferido e preso á praia, onde supplicou que o resgatassem, custasse o que custasse; mas Carvalho temeu uma segunda cilada e não quis descer a terra para não se perder elle e comprometter os navios, deixando-os sem chefe. Assim ficou Serrão abandonado á sua sorte.

Não tendo ficado gente sufficiente para o serviço de tres navios, Carvalho sacrificou um, o mais avariado, o *Conceição,* que foi queimado perto da ilha de Bohol, a Léste de Zebú; e seguiu o seu rumo, assumindo o commando do *Trindade,* seguido do *Victoria,* commandado por Gonçalo Vaz de Espinosa ([1]), chegando primeiramente a Mindanao e depois á pequena ilha de Cagayan, situada a Nordeste de Borneo e habitada por alguns mahometanos expulsos d'esta ultima ilha. De Cagayan Carvalho tomou rumo a Noroeste e chegou a Palavan, onde os hespanhoes fôram bem recebidos e lhes

---

que são: 292, t. II; 564, nota 75, *id.;* 326, *id.;* 451, t. I; 91, *id.;* 402, t. III; 406, *id.;* 408, *id.*, do *Cosmos;* e 372, nota 18, tomo II dos *Tableaux de la Nature,* trad. francesa de Galusky (Paris, Gide et Baudry, 1857). Com este opusculo de Latino iniciaram os editores Santos e Vieira sob a direcção do professor Arlindo Varella as reimpressões de opusculos e esparsas, quási esquecidos, do eminente escriptor.

([1]) Barros e Arana chamam a este capitão Gonçalo Gomes de Espinosa, que deve ser o mesmo que fez as funcções de meirinho na revolta de Carthagena.

fôram proporcionados víveres. Encontraram ali um mouro chamado Bastiam, que comprehendia um pouco o português e havia estado nas Molucas. Offereceu-se para guiar os navios ao reino de Brunei, na costa Noroeste de Borneo; mas não tornou a apparecer. No dia seguinte, acercou-se afortunadamente dos navios uma piroga, ou embarcação india, offerecendo-se para conduzi-los á referida ilha, como o fez effectivamente. Chegaram á cidade de Brunei, edificada em parte na agua sobre estacaria, e cujos habitantes Pigafetta calculou em 25.000 familias. Os hespanhoes trocaram ali presentes com o rei, que fez conduzir os embaixadores extrangeiros em elephantes ao seu palacio, onde os recebeu em audiencia, mas sem falar com elles directamente, senão por intermedio dos seus ministros, como era de uso no mundo malayo civilizado. Depois fez alojar os embaixadores n'uma casa principal, onde dormiram sobre almofadas de seda cheias com algodão. O rei deu-lhes logo permissão para commerciarem com os seus súbditos; mas estas bôas relações duraram pouco, porque, vendo os hespanhoes poucos dias depois que se agglomeravam diante do porto muitissimos paraos e embarcações menores, rodeando outras muitas os navios extrangeiros, temeram alguma traição e saíram do porto abrindo passagem á força por entre as embarcações malayas, mettendo a pique várias d'ellas e apresando outras. O rei mandou mensageiros ao chefe hespanhol apresentar desculpas, pretextando que tudo fôra um engano, pois que a frota reunida era destinada contra os pagãos e não contra os hespanhoes; mas, tendo ficado em terra o filho de Carvalho e uma parte da tripulação, fôram feitos prisioneiros e o rei rejeitou toda a proposta de resgate, ou de troca por varios caciques distinctos que, com suas mulheres, haviam sido feitos prisioneiros pelos hespanhoes, nos navios malayos apresados.

Foi preciso partir e abandonar á sua sorte os que tinham ficado em terra. Passaram os dois navios pelo Norte de Borneo outra vez á costa de Mindanao e d'ali ao Sul, directamente ás Molucas, onde chegaram a 8 de Novembro de 1521, depois de uma navegação de 27 meses desde a sua sahida de Sevilha ao porto de Tidor que salvaram com a sua artilheria. Viram ali que todas as notícias que os portugueses tinham feito correr de que as Molucas eram d'um accesso perigosissimo, porque estavam situadas entre baixios, n'um mar coberto sempre de densas névoas, eram puras fábulas, imaginadas para afastar outras nações d'aquella região cubiçada, e que, pelo contrario, a agua era transparente e a profundidade inferior a cem braças. Era a antiquissima astucia dos phenicios, cujas fábulas maritimas nos fôram conservadas por auctores gregos.

O principe de Tidor recebeu os hespanhoes com grandissima satisfação e firmou com elles um tratado de commercio muito vantajoso, porque os hespanhoes, na sua ignorancia dos preços do país, pagaram as especiarias muitissimo mais caras que os portugueses. Segundo Pigafetta, deram por um bahar, ou sejam 40 libras de cravo, um lote de cada um dos generos seguintes á escolha do vendedor: 10 braças de panno encarnado fino, ou 15 lens de panno encarnado mediano; 15 machados, 35 taças de vidro, 25 varas de linho fino, 150 cutellos, 50 thesouras, ou 1 quintal de bronze, sendo certo que 10 varas de panno custavam em Hespanha 14 ducados. Os portugueses, como já dissemos no capitulo respectivo, tinham-se estabelecido na vizinha ilha de Ternate e, quando o souberam os hespanhoes, mandaram-lhes aviso, sollicitando uma entrevista amigavel; mas elles responderam que o principe da ilha não o permittia. Tendo retirado depois a sua prohibição, dirigiu-se a Tidor o feitor português, Affonso de Lourosa, que havia chegado ás Molucas com os primeiros navios da sua nação e estava estabelecido já havia 10 annos em Ternate. Lourosa ficou surprehendido quando viu os preços elevados por que os hespanhoes pagavam as especiarias e disse-lhes, além

d'isso, que o rei de Portugal tivera a intenção de cortar o passo á esquadra de Magalhães á força, tanto na foz do rio de La Plata como no cabo da Boa Esperança; e que dera ordens ao governador geral das Indias, Lopez de Sequeira, para enviar seis navios de guerra ás Molucas, afim de repellirem tambem Magalhães d'ali; mas que esta esquadra recebera depois contra-ordem e fôra mandada ao Mar Roxo, para cooperar na guerra contra os turcos.

Além d'isso, Lourosa mostrou-se disposto a aproveitar a occasião, para regressar ao seu país a bordo d'um dos navios hespanhoes.

Em meados do mês de Dezembro tiveram ambos os navios todo o seu carregamento de especiarias a bordo; a 16 fôram-lhes postas vélas novas com a cruz do apostolo São Thiago de Galliza e a inscripção: *Esta é a figura da nossa boaventura,* e quando tudo estava prompto e fixado o dia de marcha, abriu de repente na capitania, o *Trindade,* um rombo tão grande, que nem os mergulhadores mandados pelo soberano da ilha conseguiram tapá-lo. Não houve, pois, outro remedio senão descarregar o navio para repará-lo bem e deixar partir só o *Victoria,* o qual emprehendeu a sua viagem a 21 de Dezembro, depois de ter desembarcado 60 quintaes de cravo com receio de ir demasiado carregado. Despediram-se os dois navios dando salvas e partiu o *Victoria* com 47 europeus e 13 indios, commandado por Sebastião del Cano (ou de Elcano). Tocou em Buru e depois na costa Norte de Timor, onde fez provisões de víveres; d'ali entrou directamente no mar da India e chegou a 18 de Março de 1522 á ilha alta e solitaria chamada Amsterdam.

A 8 de Maio achou-se na proximidade do Rio do Infante, ou dos Peixes, na costa africana, onde atracou, pensando encontrar víveres, no que se enganou; e a 18 e 19 de Maio dobrou o temido cabo da Boa Esperança, depois de ter sido o navio muitas semanas o joguete dos ventos e tempestades, que o levaram até 42º de lat. Sul.

A 9 de Julho, avistou Elcano as ilhas de Cabo Verde e, como perdera 21 homens em consequencia dos trabalhos excessivos, e privações, e por todo alimento só tinha então arroz e agua a bordo, teve que arribar á ilha de Santhiago, apesar de saber muito bem, que estava occupada pelos portugueses, senhores d'aquelles mares. Quis fazer acreditar que voltava da America; mas este estratagema foi em breve descoberto; porque foi conhecido o navio como sendo da expedição de Magalhães, e, quando a lancha fez a sua terceira viagem a terra para carregar víveres, a auctoridade da ilha prendeu 13 marinheiros. Elcano então mandou levantar ancoras e a toda a pressa se fez á véla. Querendo averiguar os expedicionarios se se tinha commettido algum êrro no diario do navio, perguntaram na ilha em que dia estavam e disseram-lhes que era quinta-feira, «o que, diz Pigafetta na sua narração ou diario, nos deixou assombrados, porque a bordo tinhamos registado quarta-feira e, comtudo, sabia eu que não tinha deixado nenhum dia de fazer os apontamentos no meu diario, porque nunca estivera doente.

«Depois soubemos que não havia êrro nem dia salteado, mas que a differença resulta quando se dá a volta á terra em direcção de Léste a Oeste, porque então tem-se um dia menos que aquelles que permaneceram no mesmo logar (1).»

---

(1) E' o êrro contrario ao de Phileas Fogg da narrativa de Julio Verne que, caminhando de oeste para léste, chegou a Londres julgando ter percorrido 80 dias, em vez de 79. Este êrro provém, como se sabe, da differença de horas entre o meridiano do ponto da partida e os meridianos que se vão transpondo successivamente.

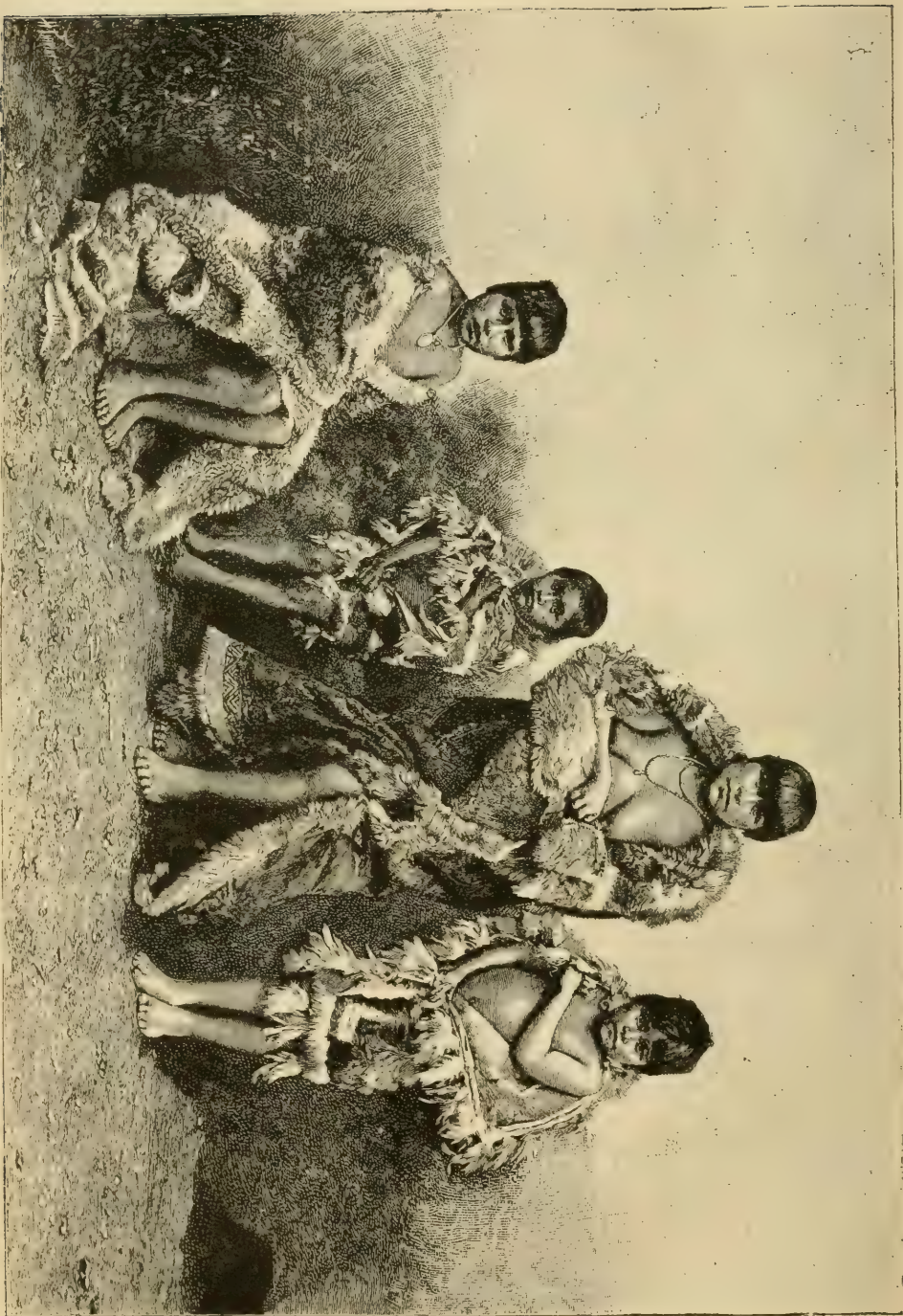
A 6 de setembro de 1522 chegou o navio ao porto de Sanlúcar com 18 pessoas da expedição primitiva, e mesmo a maior parte doentes ([1]). Dois dias depois chegaram a Sevilha, onde a 11 fôram em procissão solemne á igreja de Santa Maria, a Antiga, em acção de graças. Cumprido este dever religioso, e disposto o demais, o capitão Elcano com dois dos seus officiaes, Pigafetta e outro, dirigiu-se a Valladolid, onde estava a côrte, e fôram muito bem recebidos. O rei concedeu aos tres uma pensão vitalicia e deu, além d'isso, ao chefe Elcano um novo escudo d'armas allusivo ao descobrimento das Molucas, e que tinha sobre o elmo um globo terrestre com a legenda: *Primus circumdedisti me.* Pigafetta n'esta mesma occasião collocou nas mãos do rei o diario, que tinha redigido durante toda a viagem sem faltar um só dia ([2]). Grande foi a admiração que excitaram os heroes d'esta primeira circumnavegação, como póde inferir-se da seguinte expressão de Transilvanus: «Os nossos marinheiros merecem por certo fama eterna, mais que os argonautas que fôram á Cólchida, e o seu navio *(Victoria)* deve ser collocado entre as constellações com mais razão que o Argos.»

Se ao rei de Hespanha coube a gloria de ter protegido tão grande emprêsa, pôde tambem felicitar-se com o seu resultado immediato, porque o carregamento, que consistia em 533 quintaes de cravo, trazidos pelo unico navio que regressou, pagou á larga os gastos de toda a expedição.

Entretanto, fôra tambem restaurado o *Trindade* em Tidor, podendo fazer-se á véla a 6 d'abril de 1522 com 50 europeus e dois praticos da ilha, commandando-o, como capitão, Gonçalo Gomez de Espinosa. Para não ser apresado pelos navios portugueses, quis Espinosa atravessar outra vez o Grande Oceano e passar á America com o seu precioso carregamento e d'ali á Hespanha. Com este fim tomou de Tidor rumo ao Norte e depois a Nordeste. Ventos contrarios levaram o navio até aos 42º de lat. Norte; e, depois de luctar durante meses com ventos e ondas, com o frio, a fome e o trabalho excessivo, que causaram a morte de muitos homens, quando o navio perdeu n'um temporal horroroso, que durou cinco dias, o mastro grande e o castello de prôa, não teve outro recurso senão regressar ás Molucas. Ao chegarem ali os infelizes navegantes não acharam os portugueses, porque se tinham estabelecido em Ternate, onde construiram um castello. Em tão triste situação buscaram um refugio na costa de Halmahera, d'onde mandaram uma petição ao chefe português d'aquella estação, Antonio de Brito, rogando-lhe que lhes mandasse um navio que os tirasse da sua triste situação, porque uma parte da tripulação morrera em resultado das fadigas e privações, os restantes estavam ou doentes ou demasiado extenuados, para poderem encarregar-se das manobras do seu navio. Brito mandou auxilio e fez conduzir os 17 hespanhoes que ainda viviam para Ternate, onde permaneceram até fins de fevereiro de 1523, isto é, quatro meses. D'ali fôram transferidos para Banda, d'onde se evadiu com outros tres hespanhoes a bordo d'uma embarcação malaya João de Campos, que tinha ficado como feitor em Tidor, quando o *Trindade* abandonou a ilha, e que tinha sido feito prisioneiro pelos portugueses quando estes ali chegaram; mas não se soube mais d'elle nem dos seus companheiros. Os demais hespanhoes ficaram detidos outros quatro

---

([1]) Navarrete, IV, 96, ennumera-os todos pelos seus nomes.

([2]) O «Diario» ou «Relação» do cavalleiro Pigafetta é uma peça fundamental para o estudo da origem de Magalhães e acha-se na parte V, vol. III da *Raccolta di documenti e studi publicati dalla R. Commissione Columbiana*, que é talvez a mais monumental das publicações do seu genero.

Itinerario de Magalhães. — A terra de fogo: grupo de indigenas vestidos com pelle de huanagos.

meses na ilha de Banda, depois mais cinco em Malaca; e, finalmente, um anno em Cochim antes de serem embarcados para o seu país. Tinham-nos demorado tanto tempo precisamente nos pontos mais doentios, com a intenção deliberada de os fazer succumbir, para que não regressasse á Hespanha gente, que tivesse visto as Molucas e pudesse servir para outras expedições a estas ilhas. Por isso, depois d'alguns annos de dilações, só regressaram tres marinheiros do *Trindade* á Europa, e mesmo estes fôram detidos sete meses mais em Lisboa, antes que o rei désse ordem de pôl-os em liberdade. De fórma que dos 239 homens que tinham embarcado com Magalhães, só regressaram 21 e, d'estes, 3 depois de muitos annos de padecimentos.

Passaram 50 annos antes de apparecerem competidores de Magalhães. Os primeiros que se atreveram a fazer uma circumnavegação da terra na direcção de Léste a Oeste, fôram o inglês Drake e o hollandês Oliverio Noort. Tão longo intervallo é a melhor prova de quão formidavel e difficil parecia então semelhante emprêsa ás nações maritimas, ao passo que as expedições de Vasco da Gama e Christovão Colombo, apenas realizadas, suscitaram outras, que fôram augmentando rapidamente de anno para anno.

4. — A contenda das Molucas

Todos os grande feitos trazem em si o germen d'outros feitos. A circumnavegação da terra emprehendida com um fim prático, veiu a ser muito fructifera tanto sob o ponto de vista material, como sob o ponto de vista scientifico. Por um lado, ficou palpavelmente provada a fórma espherica da terra, que n'uma larga faixa pelo menos fôra explorada em toda a sua circumferencia. Tinham sido descobertos muitos outros pontos, mares, ilhas e continentes, não restando já nenhum mysterio essencial; de modo que os genios mais esclarecidos e cultos do século podiam, com Transilvanus, afastar-se decididamente das theorias phantasticas da antiguidade e, apoiados em factos palpaveis, submetter a um exame crítico todas as doutrinas geographicas e cosmographicas em voga até então, havia mais de dez séculos, com as suas fábulas de monstros humanos, de povos de gigantes, de pigmeus, e outras d'este jaez. Ficou assim demonstrado evidentemente que estas coisas não passavam de criações da phantasia e da ignorancia, pois que nem os hespanhoes nem os portugueses tinham encontrado em nenhum ponto do globo terrestre coisa que se parecesse com o que ensinavam taes fábulas. Além d'isso, ficou aberto um novo e vasto horizonte para os homens d'Estado, para os politicos e suas combinações. Os interesses mercantís, rompendo o estreito circulo em que se moviam, podiam dar logar a projectos e especulações extendidas a toda a superficie da terra. Uma nova politica, a colonial, nasceu, robusta e ousada, e não retrocedeu perante sangrentas e longas contendas, estabelecidas em pontos diametralmente oppostos aos países interessados em provocar estas luctas. A estes pontos situados no hemispherio opposto ao nosso podia agora ir-se por dois lados contrarios e, como aquellas regiões opulentas haviam sido o objecto de todas as expedições maritimas havia algumas gerações, era inevitavel, mesmo depois de ter o Papa regulado a contenda, da dominação mundial e sanccionado a partilha de todas as terras descobertas e por descobrir, que nascesse a dúvida sobre se as ilhas Molucas, situadas na proximidade da linha divisoria, haviam de pertencer aos hespanhoes ou aos portugueses.

Os primeiros, os hespanhoes, ao mesmo tempo que pretenderam a posse de tão preciosos países, occuparam-se em descobrir outra via melhor que a descoberta por Magalhães, na esperança de encontrá-la na America central, onde este continente se adelgaça tanto. Um anno passára apenas desde o regresso de Sebastião del Cano,

quando Carlos V (Carlos I na Hespanha) em conformidade com o parecer do seu cosmógrapho convidou o conquistador do Mexico a continuar as suas explorações, em busca d'uma passagem do Atlantico ao Pacifico, por aquella parte da America, com o que ficaria muito abreviado o caminho á Terra das especiarias. Permittiu tambem a todos os mercadores, desejosos de aventuras, tomarem parte nas expedições ás Molucas.

Finalmente, para dirimir a questão d'uma maneira amigavel, convieram as duas potencias vizinhas em nomear uma junta internacional composta de seis jurisconsultos, seis astrónomos e seis pilotos, nomeando cada potencia metade, e em se submetterem ao que decidisse esta junta. Reuniram-se os commissionados, pela primeira vez, a 11 d'abril de 1524 na ponte sobre o pequeno rio Caya, entre Badajoz e Elvas, que ali forma a fronteira dos dois países, e continuaram depois as conferencias alternativamente nas duas praças fronteiriças até 31 de maio, sem chegarem a um resultado definitivo, por falta de dados exactos, que pudessem servir de base a uma partilha de dominios. Em primeiro logar não estava bem fixado o ponto (que era a ilha mais occidental das de Cabo Verde) a partir do qual deviam contar-se para Oeste as 370 milhas, onde havia de traçar-se a linha divisoria entre as possessões portuguesas e as hespanholas. Em segundo logar não podia computar-se ainda a grandeza rectificada d'um grau para calcular o prolongamento da linha divisoria pelo outro hemispherio, e em terceiro logar não se sabia sequer exactamente a grandeza da circumferencia terrestre, ou seja do Equador. Como base tinha-se apenas um calculo antigo, feito por Eratostenes, outro um pouco differente, dos astrónomos árabes do século IX. As medidas e os calculos posteriores, incluindo os feitos por Colombo e São Martim, o astrónomo da expedição de Magalhães, não mereciam confiança alguma, porque ambos se tinham enganado, o primeiro em 34 graus no calculo que fez da distancia entre a ilha da Jamaica e a Hespanha, aproveitando um eclipse da lua, e o segundo em 51 graus e meio que calculou de menos na distancia entre Sevilha e o estreito de Magalhães, avaliada pelo curso do navio.

A referida junta arbitral não estava sequer concorde sobre o comprimento d'um grau do Equador, porque os representantes hespanhoes contavam 14 leguas hespanholas e um sexto de legua, e os portugueses 17 leguas e meia. Admittindo este ultimo comprimento tocavam as Molucas aos portugueses, que sustentavam que a distancia entre estas ilhas e as de Cabo Verde era de 137 graus, ao passo que os hespanhoes queriam que fôsse de 183 graus. Havia, pois, uma differença de 46 graus, contra a qual se desfez a tentativa de convenio. Hoje sabe-se que ambos os litigantes erraram, os hespanhoes em 30 graus e meio a mais, e os portugueses em 15 graus e meio a menos. Não dispondo de meios para que uma das partes provasse o êrro á outra, dissolveu-se a junta sem resultado a 31 de maio de 1524, e ambas as potencias rivaes fizeram preparativos á porfia para extender os seus dominios ás ilhas Molucas, com a resolução firme de sustentar-se a todo o transe nas ilhas Tidor e Ternate, que tinham occupado.

A Hespanha mandou uma esquadra de sete navios com 450 homens ás ordens de Garcia Jofre de Loaysa, com Elcano como piloto-mór [1] da expedição, a qual sahiu da Corunha a 24 de julho de 1525, porque para este porto seguro e profundo havia sido transferida a casa das Indias de Sevilha, não sómente em attenção aos navios d'alto-bordo que a travessia do Atlantico exigia, mas para receber os carregamentos dos gene-

---

[1] Veja-se Navarrete, tomo V, 1-439, sendo particularmente importante a narração de Urdaneta, pags. 401-439.

ros ultramarinos, n'uma praça mais proxima das do Noroeste da Europa que as de Lisboa e Sevilha, especialmente mais proxima dos portos ingleses e dos Países Baixos. Esperava-se que a Corunha seria uma rival da capital portuguesa.

A frota de Loaysa foi perseguida pela desgraça. Na região das calmas teve que passar meses na costa da Guiné, e só a 22 de novembro é que os navios chegaram á vista do cabo de Santo Agostinho; a 5 de dezembro ao cabo Frio e a 14 de janeiro de 1526 ao porto de São Julião. No dia seguinte, a tempestade arrojou o navio d'Elcano contra os rochedos da costa, fazendo-o em estilhaços e avariando muito os outros, podendo salvar-se, comtudo, a tripulação. Passou um mês antes que a expedição tornasse a achar-se á entrada do célebre estreito. Entretanto, passou o verão n'aquella região; as tempestades tornaram-se mais frequentes e mais violentas e a 12 de fevereiro dispersaram completamente toda a frota.

Dois dos navios, o *Annunciada,* capitão Pedro de Vera, e o *São Gabriel,* capitão Rodrigo da Cunha juntaram-se ao Norte do Estreito de Magalhães, e nenhum dos dois capitães mostrou desejos de continuar navegação tão perigosa pela derrota emprehendida, mas não puderam pôr-se d'accôrdo ácêrca do rumo a seguir.

O da *Annunciada,* sem piloto, pois o seu havia fallecido, resolveu dobrar o cabo da Boa Esperança e passar ás Molucas, e nunca mais se teve notícia nem d'elle nem do seu navio; e o do *São Gabriel* dirigiu-se ao Brasil, á bahia de Todos os Santos, onde carregou pau de campeche e teve um recontro com tres flibusteiros franceses, pelo que tiveram de ficar em terra o capitão e parte da tripulação. O navio, entretanto, partiu e chegou a 28 de maio de 1527 ao porto de Bayona na Galliza, a Sudoeste de Vigo, ao passo que o capitão Cunha e o resto da tripulação regressaram ao seu país, no anno seguinte a bordo d'um navio português.

A mesma tempestade de 12 de fevereiro arrojou o *São Lesmes,* capitão Francisco de Hoces, até 55º de lat. Sul, de sorte que viu o extremo do continente americano, provavelmente a ponta sudeste da Terra do Fogo e o estreito de Le Maire, descobrimento que passou despercebido, embora com elle poupassem os navegantes a passagem pelo estreito perigoso de Magalhães, que consumia mais tempo. O descobridor tambem não pôde aproveitá-lo depois, porque, se é certo que conseguiu tornar a reunir-se com a frota de Loaysa, com a qual passou o estreito de Magalhães, foi outra vez separado da expedição por uma nova tempestade no 1.º de junho de 1526, tendo que dirigir-se só com o seu navio ás Molucas, sendo provavel que naufragasse e morresse junto á ilha Anea do grupo das Pomotu. Quando Loaysa entrou no estreito de Magalhães, em 6 d'abril, só lhe restavam, dos sete navios, quatro, entre os quaes o *São Lesmes.* Em 25 de maio desemboccou no Oceano Pacifico, e no 1.º de junho uma tempestade furiosa dispersou toda a esquadra, de sorte que cada navio, como dissemos do *São Lesmes,* teve de buscar por si só o caminho para as Molucas.

O mais pequeno d'estes quatro navios, o *Santhiago,* só de 50 toneladas, capitão Guevara, não pôde seguir os seus companheiros através do Oceano, porque carecia de víveres, que se achavam na sua maior parte no navio almirante. Por esta razão determinou o capitão arribar á primeira colonia hespanhola que julgou encontrar na costa do Mexico, recentemente conquistado por Fernão Cortez; e, por conseguinte, tomou rumo ao Norte. Então eram ainda completamente desconhecidas as costas da America do Sul desde a Terra do Fogo até ao Equador; mas tendo-se Magalhães dirigido tambem ao Norte á sua entrada no Pacifico, e observado que as costas do continente tinham a mesma direcção, Guevara decidiu-se a seguir o mesmo rumo. Favorecido pela corrente antarctica, chamada de Humboldt, que tambem se dirige para o Norte, chegou

sem incidente, a 25 de julho de 1526, ao porto de Tehuantepec, depois de ter podido estudar as costas occidentaes de toda a America do Sul, contribuindo as suas observações em parte para as expedições que pouco depois fizeram n'aquellas praias Pizarro e Almagro.

Só dois navios da froia de Loaysa conseguiram, ao que parece, atravessar todo o Grande Oceano; o navio almirante *Santa Maria da Victoria* e o *Santa Maria do Parral*, capitão Jorge Manrique de Nájera, que chegou até á costa de Sangir, ao Sul de Mindanao, onde naufragou. Este naufragio só foi sabido quando o navio almirante chegou ás Molucas, por alguns da tripulação, que tinham podido salvar-se.

O navio almirante tambem teve o seu quinhão de desgraças: o seu chefe Loaysa morreu a 30 de julho de 1526 em consequencia da commoção, desgostos e sentimento das perdas soffridas; o seu successor, Sebastião del Cano, morreu tambem por sua vez a 4 d'agosto; a fome, a fadiga, a extenuação fôram levando um após outro os tripulantes, e Toribio Alonso de Salazar, eleito capitão, conduziu o navio até ás ilhas Mariannas, onde descansou a sua gente 11 dias. Salazar morreu tambem pouco depois de ter partido d'estas ilhas a 13 de setembro. Succedeu-lhe no commando Martim Irriguiez de Carquisano, que conduziu finalmente o navio successivamente ás Filippinas, á ilha de Talaut, e a Halmahera ou Gilolo, em cuja costa oriental ancorou no posto de Samafo. O navio já então não levava nem metade da tripulação: de 105 que eram restavam com vida apenas 65.

No 1.º de janeiro de 1527 chegou o navio a Tidor, onde os hespanhoes fôram recebidos com os braços abertos, como libertadores do povo, cansados do jugo dos portugueses [1]. Acto contínuo, começaram a fortificar-se, e repelliram com bom exito uma surpresa que os portugueses tentaram sobre elles.

O navio tinha ficado completamente inutilizado e não houve outro recurso senão aguardar n'aquelle ponto que chegasse auxilio da Hespanha. Morreu, entretanto, Irriguiez de Carquisano e foi eleito capitão para lhe succeder Fernando da Torre, que se sustentou com a sua gente, até á chegada de Alvaro de Saavedra. Este capitão fôra mandado do Mexico por Cortez, em fins do anno 1527, com tres navios e 110 homens para estabelecer uma communicação entre a Nova Hespanha e as ilhas das especiarias, mas perdeu dois dos navios na travessia. Precisou de meses para chegar ás Mariannas; libertou nas Filippinas alguns companheiros de viagem de Magalhães e de Loaysa, do navio *Santa Maria do Parral*, e chegou a 30 de março de 1528, a Tidor. Desgraçadamente tinha ficado reduzida a sua gente a 30 homens, fraco reforço para os seus angustiados compatriotas, pelo que determinou regressar ao Mexico para pedir mais gente a Cortez, attenta a importancia que a conservação de Tidor tinha para o seu país. Partiu, pois, a 3 de junho de 1528; tocou em várias ilhas habitadas por papuas, provavelmente tambem na costa septentrional da Nova Guiné; depois, dirigindo-se a Nordeste, passou pelo grupo das Carolinas, aos 7º de lat. Norte; não podendo, porém, passar para além das Mariannas, por causa dos ventos sempre contrarios, regressou em outubro a Tidor. Em maio do anno seguinte fez Saavedra uma segunda tentativa e chegou até ás ilhas de Marshall e d'ali, com rumo N. E. até aos 27º de lat. Norte, onde morreu. A tripulação continuou a viagem, chegou aos 30º de lat. Norte, d'onde tambem teve que voltar atrás ainda por causa dos ventos desfavoraveis, chegando com grande custo no mês de dezembro

---

(1) **Nada prova que o jugo português fôsse mais pesado que o castelhano ou qualquer outro.**

ou em fins d'outubro de 1529 á costa septentrional de Halmahera, onde foi capturado o navio pelos portugueses que conduziram a gente a Malaca. Finalmente, fôram os hespanhoes arrojados de Tidor e retiraram-se para Halmahera; os seus rivaes, mais felizes, ficaram senhores das Molucas, não sómente de facto, mas tambem de direito, em consequencia d'um tratado com a Hespanha firmado em Saragoça a 22 d'abril de 1529 ([1]), no qual Carlos V cedeu todos os seus direitos sobre estas ilhas á corôa de Portugal em troca d'uma indemnização de 350.000 ducados, consentindo em collocar a linha divisoria a 17° a Léste das Molucas. Esta somma consideravel, que a Hespanha recebeu, era realmente um dos beneficios conseguidos com a primeira viagem de circumnavegação do globo terrestre; e, ainda que o referido convenio continha a clausula de que a mencionada somma devia ser restituida, desde que se chegasse a provar que as Molucas pertenciam legalmente a Portugal pela primeira linha divisoria, esta clausula nunca se cumpriu. Tambem ficou estipulado que os portugueses não hostilizassem os navios hespanhoes, que na sua navegação pelo Grande Oceano, dentro da sua demarcação, se extraviassem por força maior até ás aguas das Molucas. Entretanto os hespanhoes, coisa singular, continuaram as suas expedições do Mexico ás Filippinas, se bem que estas ilhas, situadas a Noroeste das Molucas, entravam evidentemente tambem dentro da esphera portuguesa, pela divisoria convencionada no tratado do anno 1529.

Os ultimos hespanhoes, ao todo 16 homens, capitaneados por Torre, que se tinham sustentado na região concedida aos portugueses ([2]), não puderam regressar antes do anno 1534 á Europa, e mesmo assim apenas metade chegou a pisar o sólo patrio, em 1536; entre elles o mesmo Torre e o célebre piloto, André Urdaneta, que um anno depois, no mês de fevereiro de 1537, apresentou ao rei em Valladolid uma narração da sua viagem. Com este trabalho, contribuiu Urdaneta notavelmente para o conhecimento d'aquellas regiões, sobre as quaes os portugueses guardavam o maior segredo, tanto que, ainda em 1531, um agente do rei de Portugal, mediante uma gratificação de dois mil ducados, fez prometter em Savona, e perante o notario público, a um italiano, chamado Leão Pancaldo, que havia feito a viagem da circumnavegação como simples marinheiro no navio almirante de Magalhães, que não ensinaria a ninguem o caminho das Molucas nem traçaria nenhum mappa para indicá-lo ([3]).

Desde então, ficaram os portugueses senhores do commercio das especiarias, até que os hollandeses lh'o arrancaram em principios do século XVII ([4]).

5. — Os descobrimentos hespanhoes no Grande Oceano

Ainda que o tratado de Saragoça, do anno 1529, prohibia aos hespanhoes continuarem as suas expedições ás Molucas, ficou-lhes uma vastissima superficie do Oceano,

---

([1]) Celebrado a 23 de abril em Lerida e ratificado em Lisboa a 20 de junho de 1530. Vidè, dr. Antonio Baião, *Fernão de Magalhães e a primeira circumnavegação ao globo*, na magnifica revista, o *Archivo historico*, Anno II (1904), pags. 321 e segs. Este artigo interessante contém especies ineditas relativas á célebre contenda.

([2]) Nas Molucas.

([3]) Veja-se C. B. Belloro: *Elogio di Leone Pancaldo*, citado na obra: *Jean et Sebastien Cabot*, por Harrisse.

([4]) Sôbre a divisão de «terras a descobrir» entre Portugal e Castella, que havia de concretizar-se nas tres célebres demarcações de 4 de maio de 1493 (meridiano de partilha a 100 leguas para W de C. Verde), de 7 de junho de 1494 (demarcação de Tordesilhas, meri-

sulcado então sómente em algumas poucas direcções, onde descobrir terras, porque a fé na existencia de riquissimas ilhas continuava viva, e impelliu a novas emprêsas. Quando Fernão Cortez, no anno 1536, mandou a Pizarro, então no Perú, um reforço de tropas com dois navios, deu ordem a Fernando Grijalva, chefe d'esta expedição, para passar da costa occidental da America á da Asia, depois de ter cumprido a missão principal. Grijalva tomou a direcção do Equador e, tendo penetrado já muito longe a dentro do mar, sem descobrir terra, quis regressar ao Mexico; mas impediram-lh'o ventos contrarios, e teve de continuar a sua viagem até perto da Nova Guiné. Ali desfizeram-se os navios contra uma ilha habitada por melanesios, os quaes mataram as tripulações, á excepção de poucos homens que fôram libertados pelo governador português das Molucas.

Alguns annos depois, Antonio de Mendoça, vice-rei do Mexico, armou uma esquadra de 6 navios e mandou-a em novembro do anno 1542 na direcção Oeste, sob o commando de Ruy Lopez de Villalobos, que tocou primeiro no grupo d'ilhas de Revillagigedo, passou as de Marshall e encontrou as ilhas de Hall e a de Namonuito, todas baixas, planas, cobertas de verdura e rodeadas de um mar profundo. Estas ilhas pertencem ao grupo central das Carolinas e eram habitadas por uma raça pobre e selvagem. Villalobos deu-lhes os nomes de Ilhas do Coral e Os Jardins. Em 23 de janeiro de 1543 encontrou ilhas visitadas já por hespanhoes, porque n'uma saudaram os indigenas aos recem-chegados com grandissima admiração d'estes, em hespanhol: «Buenos dias, matalotes» (1), e fizeram o signal da cruz, pelo que receberam o nome de ilhas dos Matalotes. Era a ilha Lamaliork, uma das Carolinas occidentaes, descoberta a primeira vez em 1526 por Diogo da Rocha, e chamada Sequeira (2). Mais a Oeste, a umas 35 milhas viram

---

diano de partilha a 370 leguas para W de C. Verde), e de 23 de abril de 1529 (meridiano divisorio a 17º equinoxiaes «escassos» para o E. das Molucas) deve ler-se a desenvolvida nota de Andrade Corvo, no «*Roteiro de Lisboa a Gôa,* por D. João de Castro», Lisboa, 1882 e que vae de pag. 86 a 106 d'aquella edição, da obra do consummado cosmógrapho e vice-rei da India. Como consequencia da demarcação de Tordesilhas, surge a contenda das Molucas, que occupa as ultimas paginas da mesma nota e constitue uma das mais interessantes contribuições para o estudo da debatida questão. O processo d'esta contenda, que está na Torre do Tombo, conserva-se ainda inedito, mas algumas das peças que mais interessam ao seu estudo já estão publicadas em *Alguns documentos do Archivo Nacional da Torre do Tombo, ácêrca das navegações, etc.;* os apontamentos do duque de Bragança e D. João III, pags. 492 a 495; tratado sobre a posse, navegação e commercio das Molucas, etc., de 23 de abril de 1529, ratificado em Lx.ª a 20 de junho de 1530, pags. 495 a 512; e a pag. 592 a indicação da gaveta e maço, onde se encontra na Torre do Tombo, a Inquirição sobre a prioridade do nosso descobrimento das Molucas, com a ennumeração dos signatarios d'este inquerito. Toda esta contenda gravita em tôrno do problema da determinação das longitudes, que ao tempo envolvia as maiores difficuldades. E' um capitulo da historia da sciencia, que ainda não foi sériamente estudado e que Sophus Ruge indica de um modo impreciso e obscuro.

(1) Em português é que os indigenas se exprimiram: *Bons dias, matalotes,* devendo portanto serem portugueses os anteriores visitantes d'aquellas paragens. E' a versão de Diogo do Couto (Déc. V, liv. VIII, cap. X, pags. 240 e 241).

(2) Vidè «Obras completas do cardeal Saraiva», tomo V, pag. 124; cf. a nota 3, a pag. 198 d'este volume. Quási não se encontra menção de Diogo da Rocha nos nossos escriptores. Deve notar-se que no passo mencionado, Ruge identifica a ilha de Sequeira com alguma das Mariannas e aqui com uma das Carolinas Occidentaes. Este ultimo archipelago foi successivamente visitado, ao que parece, por Toribio Salazar (1526), Diogo Rocha e Alonso Saavedra (1526-28),

outra ilha maior e outras menores rodeadas de recifes coralinos, que Villalobos chamou com razão Ilhas de Recifes, que hoje se chamam de Palau. D'ali tomou rumo a Oeste e chegou com a sua frota á vista das Filippinas. A ilha que tinha á vista era a de Mindanao e n'ella desembarcou Villalobos a 2 de fevereiro e permaneceu um mês com o fim de fundar uma colonia. Chamou ao país, em honra do imperador Carlos Quinto Cesárea Caroli. O clima era doentio, e como os habitantes não quisessem fornecer víveres aos hespanhoes, foi preciso dirigir-se ao Sul; mas tambem fôram inuteis todos os esforços para fazer provisões nas ilhas menores entre Mindanao e Célebes, pela attitude hostil dos habitantes, que regeitavam todo o trato pacifico e amigavel. N'isto tinham passado meses e Villalobos determinou mandar um navio pequeno ás Carolinas para fazer ali provisões e ao mesmo tempo mandou Bernardo da Torre, com o seu navio, *São João,* a 26 d'agosto, ao Mexico, para levar ao vice-rei uma narração do succedido e do estado da expedição, na qual são chamadas pela primeira vez as ilhas descobertas Filippinas em honra do principe herdeiro da Hespanha.

Bernardo da Torre, partindo da ilha de Samar ao Norte de Mindanao, tomou rumo a Nordeste e descobriu a 25º de lat. Norte o grupo das ilhas vulcanicas de Bonin, que chamou dos Vulcões. A 30º de lat. teve de retroceder por falta d'agua potavel e regressou ás Filippinas, onde soube que Villalobos tinha partido para as Molucas, seguindo para ali, afim de reunir-se com elle.

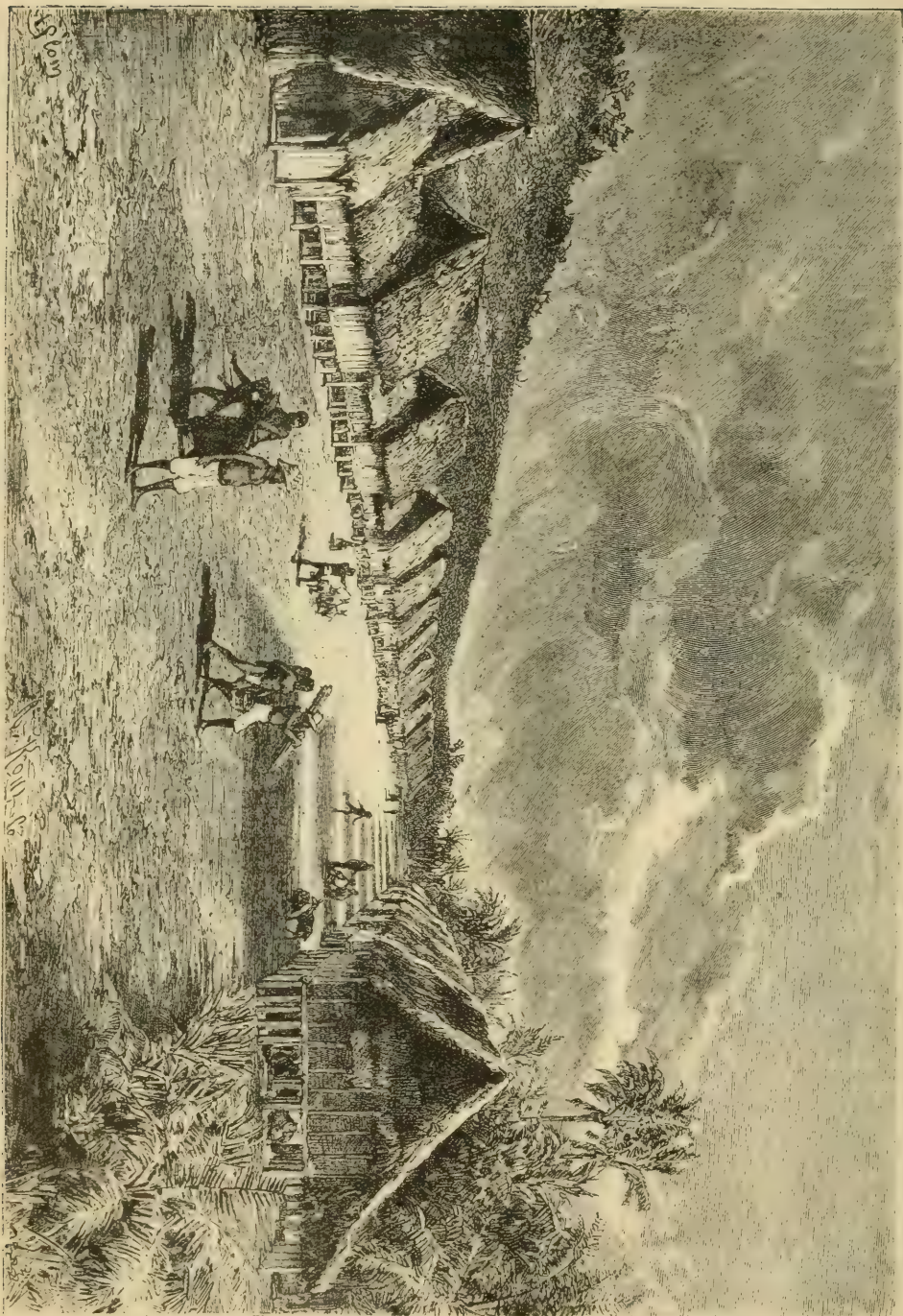
O governador português de Ternate, Jorge de Castro, chegou a saber em breve da presença n'aquellas aguas d'uma esquadra hespanhola, e despachou duas lanchas para fazer sciente o chefe da expedição, do tratado de 1529, segundo o qual pertenciam aos portugueses todas as ilhas até ás Mariannas. Accrescentava na sua mensagem que, se os hespanhoes não iam com intenção de conquistar terras, abastecê-los-hia de víveres gostosamente, mas, no caso contrario, ver-se-hia obrigado a exigir que se retirassem.

Villalobos respondeu que tinha ordem para se estabelecer nas Filippinas, porque estas ilhas estavam a sufficiente distancia das Molucas para não dar logar a collisões; mas Castro protestou tambem contra semelhante infracção do tratado, em nome do seu soberano [1].

Entretanto augmentou cada vez mais a escassez a bordo dos navios hespanhoes e a mortandade cresceu na tripulação, tanto que o chefe da expedição não teve outro remedio senão ir ás Molucas, com risco de cair nas mãos dos portugueses, como finalmente succedeu. Evitou qualquer collisão e fez outra tentativa para obter soccorro do Mexico, para o que despachou, em maio de 1545, o mesmo navio, *São João,* ás ordens d'outro capitão, Iñigo Ortiz de Retes, que deu a volta a Halmahera e, tomando a direcção S. E. chegou á costa septentrional da Nova Guiné, descoberta já por Menezes em 1526, como dissemos n'outro logar. Ali luctou com ventos contrarios e tempestades que o retiveram nas praias da ilha dos papuas e das ilhas vizinhas, onde devia ter perecido Grijalva com o seu navio, successo mencionado por Herrera [2].

Villalobos (1542), Eduardo de la Torre (1543), Ortiz de Retes (1545), Legaspi (1565). Diogo Rocha deve ser estudado principalmente nas fontes hespanholas, em Torres de Mendoza, por exemplo, e nas obras especiaes do dr. Hamy, de Brosses, e Burney. Vidè, Encyclopedia europeu-americana, J. Espasa (Barcelona), vb. *Carolinas.*

[1] Do occorrido entre D. Jorge de Castro e Villalobos e da origem d'este, fala extensamente Diogo do Couto, na década V, parte II, cap. X, do liv. VIII, cap. VI do livro IX e cap. V do liv. X.

[2] Veja-se *Collecção de documentos inéditos relativos ao descobrimento,* V, pag. 154.

Itinerario de Magalhães. — Ilhas Mariannas ou dos Ladrões: A aldeia de Saypan.

Retes desembarcou em muitos pontos para fazer provisão d'agua e de lenha. Junto ao mar extendiam-se dilatadas planicies, limitadas para o interior por imponentes cordilheiras. Os negros indigenas atacaram repetidas vezes os hespanhoes nas suas lanchas, que tinham uma especie de castello quási da mesma altura da pôpa dos navios hespanhoes, e no qual estavam postados os guerreiros, ao passo que na parte baixa estavam os remadores. Apesar d'isso, Retes tomou posse do país n'um ponto favoravel, onde permaneceu mais tempo, e chamou ao país Nova Guiné, nome que ainda tem. D'ali tomou rumo a Léste e chegou até ás ilhas dos Vulcões e ás de Dampierre (a 4º 40′ lat. Sul, a 146º a Léste do meridiano de Greenwich). A ter ido dois graus mais longe, teria encontrado o archipelago da Nova Bretanha; mas, em logar de seguir o seu curso, preferiu, contra a opinião dos pilotos, dirigir-se ao Norte; e não tinha ido longe, quando teve de ceder ás vivas instancias da sua gente, que não podia resistir ás duras fadigas, e pedia para voltar atrás. Em 3 d'outubro tornou a entrar o navio em Tidor.

D'esta fórma perdera Villalobos toda possibilidade d'obter em tempo opportuno auxilio do Mexico. Os esforços de dois capitães de confiança, com um navio excellente, para cruzarem o Oceano em duas direcções differentes, tinham ficado frustrados e, segundo os tratados de Hespanha e Portugal não podia regressar ao seu país pelo Oceano Indico e pelo cabo da Boa Esperança, de sorte que não lhe restava outra perspectiva senão entregar-se irremediavelmente nas mãos dos portugueses.

Pouco depois do regresso de Retes com o seu navio, em outubro de 1544, chegou um novo governador das Molucas, Fernando de Sousa, o qual annunciou aos hespanhoes que não podiam continuar mais n'aquellas costas, intimando-os a que se retirassem. Como não podiam ir para parte alguma, nem pela Africa para o seu país, nem voltar ao Mexico, como se vira, nem pensar em resistir pelas armas em vista da sua fraqueza, Villalobos teve que entregar os seus navios aos portugueses, conseguindo sómente que a sua gente conservasse os seus bens pessoaes e que fôsse embarcada em pequenos grupos em navios de transporte portugueses para a Europa. Villalobos morreu no anno 1546, pouco antes da Paschoa da Resurreição em Ambon, e da sua gente regressaram á Europa 144 homens, os ultimos em 1548.

Apesar de tão maus resultados, não renunciou o govêrno hespanhol ao projecto de colonizar as Filippinas, posto que nos ultimos annos do reinado de Carlos V nada se fizesse para isso. O seu successor, Filippe II, tomou o negocio mais a peito, fazendo pouco caso da questão de direito. O pequeno Portugal, cada dia mais enfraquecido, não podia pensar já em extender o seu poder para além das Molucas e, além d'isso, para calar escrupulos de consciencia, havia o pretexto de que a colonização das Filippinas tinha só por fim o bem espiritual dos seus habitantes. Em consequencia d'isso, deu ordem em 1559 ao vice-rei do Mexico, Luís de Velasco, para armar uma frota, contando o govêrno hespanhol principalmente com a cooperação de Urdaneta, que tomára parte na expedição de Loaysa e, além de ser um excellente marinheiro, conhecia as ilhas da Sonda, por uma larga experiencia. Urdaneta tinha-se feito frade agostinho em 1552 e vivia retirado n'um convento do Mexico; quando, porém, foi convidado para tomar parte n'esta nova expedição, promptificou-se a fazê-lo, porque lhe dava occasião de realizar a sua ideia favorita de descobrir no mundo austral alguma terra desconhecida. Para a propaganda do Christianismo juntaram-se-lhe mais quatro frades do seu convento.

Os preparativos exigiram, comtudo, alguns annos, porque antes de Novembro de 1564 não foi possivel aprestar os 4 navios destinados a esta emprêsa; e então levantaram ferro sem mais demora no Natal e entraram no Pacifico ás ordens de Miguel

Lopez de Legaspi, homem circumspecto, prudente e perito, com ordem de seguir exactamente o rumo de Villalobos, porque não se tratava de perder tempo em novos descobrimentos, mas de chegar pelo mais directo dos caminhos conhecidos ás Filippinas. Isto não o livrou de perder um dos seus navios no caminho. Este navio, um dos menores da esquadra, navegou só pelo Oceano, tocou tambem nas Filippinas e, acossado depois pela tempestade, foi levado em direcção Norte para além dos 40º de lat. e voltou ao Mexico, encontrando assim casualmente a rota que em vão tinham procurado Loaysa, Torre e Retes.

Legaspi chegou ás Filippinas a 3 de Fevereiro de 1541, e foi recebido em todas as ilhas com provas d'antipathia, ou antes, hostilmente, até que por intervenção d'um malayo, obteve víveres para a sua tripulação em Bohol. Depois d'explorar as ilhas mais proximas, decidiu, em fins de Abril, estabelecer-se, de bom grado ou á força, na de Zebú, cujos principes tinham reconheeido por soberano o rei de Hespanha, quando Magalhães ali estivera e que por isso tinha sido considerada desde então como fazendo parte dos dominios hespanhoes. Com as suas negociações habeis conseguiu Legaspi o seu fim; os habitantes renovaram a sua homenagem á Hespanha e puseram-se sob a protecção do seu representante, que em troca lhes prometteu defendê-los contra os seus inimigos.

Tendo lançado as bases da colonização d'aquelle archipelago, regressou Legaspi ao Mexico para dar conta da sua expedição. Ao partir calculou, e não se enganou, que nas latitudes elevadas do Oceano deviam reinar ventos periodicos como no Atlantico e que, por conseguinte, poderia contar n'aquella época com ventos d'Oeste, que lhe permittiriam passar da Asia á America. Em consequencia d'isso, tomou das Filippinas rumo a N. E. até aos 43º de lat. Norte e chegou, depois d'uma travessia de 4 meses, são e salvo, em 30 d'Outubro de 1565, a Acapulco. Este rumo, tomado não á ventura, mas por considerações scientificas, foi desde então a derrota fixa dos hespanhoes para as suas viagens de regresso das Filippinas ao Mexico, e as relações entre o archipelago e a America hespanhola não dependeram já, d'ahi por diante, do acaso, podendo ao mesmo tempo estabelecer-se uma administração regular. Urdaneta levou a sua narração pessoalmente á Hespanha e regressou depois ao seu convento do Mexico, onde morreu a 3 de Julho de 1568.

Legaspi, entretanto, foi enviado outra vez, em Agosto de 1567, com dois navios e tropas do Mexico, ás Filippinas [1], para defender esta acquisição contra os portugueses que a reclamavam; e, mercê dos novos reforços e da contínua vigilancia de Legaspi, sahiu frustrada uma tentativa de Gonçalo Pereira, governador português das Molucas. Gonçalo Pereira quis, na verdade, surprehender com forças consideraveis o estabelecimento hespanhol; não pôde illudir, porém, a vigilancia do seu adversario e teve que retirar-se. Legaspi comprehendeu que a colonia hespanhola estava demasiado proxima das Molucas, e que seria mais prudente estabelecer o centro da colonização n'outro ponto mais distante, onde não fôssem de temer surpresas semelhantes por parte dos inimigos. Para este fim procedeu, no anno de 1570, ao ataque da ilha de Luzon e apoderou-se da aldeia de Manilla; depois passou outra vez ao Mexico em demanda de novos reforços e no anno seguinte tornou a apresentar-se com uma frota mais numerosa e o titulo de *adiantado* com que o rei Filippe II tinha recompensado os seus serviços. Depois

---

[1] A obra de P. Juan de la Concepcion, *Hist. general de Filippinas*, é muito citada pelos auctores hespanhoes.

de uma acção favoravel ás armas hespanholas contra o partido mahometano da ilha um grande numero de régulos do país reconheceu a dominação hespanhola, e então construiu uma fortaleza na foz do Pasig, onde hoje se ergue a cidade de Manilla, capital de todo o archipelago filippino.

Legaspi morreu em Agosto de 1572; mas os seus successores souberam conservar ao seu país a posse d'aquellas ilhas.

As navegações que até á época de Legaspi fôram feitas pelo Grande Oceano e até mesmo os navios que fôram mandados de reforço, tinham contribuido pouco para alargar os conhecimentos geographicos no respeitante a regiões novas, pois que as derrotas assignaladas aos capitães atravessavam a parte do Oceano mais pobre em ilhas. O feito mais importante, além da exploração e occupação das Filippinas, foi o descobrimento da costa septentrional da Nova Guiné pelo capitão Retes, que reanimou a crença herdada da antiguidade, d'um vasto continente austral. Acreditava-se então que a costa da terra dos papuas, que se dirige para Sueste, continuava até á Terra do Fogo, e que n'aquelle vastissimo continente se haviam de encontrar immensas riquezas.

Foi encarregado d'esta exploração o vice-rei do Perú, emquanto o do Mexico empregava toda a sua actividade na colonização das ilhas Filippinas. Precursora da primeira expedição em fórma foi a que realizou tão arrojadamente João Fernandez e da qual por desgraça só existem notícias vagas. Este navegador, ao descrever um grande arco no Pacifico para evitar a corrente costeira da America do Sul que se dirige para Norte, emquanto elle se propunha ir em direcção contraria, isto é, do Perú ao Chile, descobriu as ilhas penhascosas situadas a Oeste de Valparaizo, que ainda hoje teem o seu nome, e que em principios d'este século serviram de refugio involuntario a um marinheiro inglês chamado Alexandre Selkirk, cujas aventuras serviram a Daniel De Foe para a sua celeberrima *historia de Robinson.* Mais a Sudoeste viu João Fernandez, provavelmente n'outra expedição, as costas d'uma terra montanhosa, ao que parece, a Nova Zelandia, que posteriormente se julgou ser uma parte do procurado grande continente austral.

Em 1567 Pedro Sarmiento offereceu-se para atravessar o Pacifico afim de reunir dados exactos sobre o continente austral; mas, apesar de ter concebido a ideia, não foi elle nomeado o chefe da expedição, composta de dois navios, mas, Alvaro de Mendanha, escolhido pelo vice-rei do Perù, tendo porém Sarmiento o commando do navio principal, levando por piloto-mór Fernão Gallego [1]. Com tanta certeza se acreditava encontrar o famoso continente, que fôram com a expedição quatro ecclesiasticos para introduzirem o Christianismo na nova terra. Mendanha sahiu a 20 de Novembro de 1567 de Callao, tomando rumo a SO.; e, depois de ter navegado 170 leguas, perdeu, ao que parece, a coragem de penetrar mais para o Sul, e Gallego, com permissão sua, dirigiu os navios para o Norte, apesar dos protestos de Sarmiento, que queria seguir as instrucções que recebera. Tendo navegado assim 8 dias e chegado aos 14º de lat, Sul, tornou Sarmiento a reclamar que se tomasse o rumo SO.; mas Menda-

---

[1] Sobre esta expedição importante contém duas narrações originaes a *Collecção dos documentos inéditos relativos ao descobrimento,* tomo V, pags. 210 a 211 e 221 a 286. Á segunda, redigida pelo proprio Mendanha, falta infelizmente o final. Tambem se encontra uma narração do piloto Gallego na obra de Justo Saragoça, *Historia do descobrimento das regiões austraes, pelo general Fernandez de Queiroz.* Tomo I, pags. 1 a 22. Madrid, 1876.

nha não fez caso e continuou a sua rota para as Filippinas. Só quando chegaram aos 5º de lat. Sul sem encontrarem terra, porque a expedição seguiu evidentemente a derrota de Magalhães, é que o general cedeu em parte ás repetidas instancias de Sarmiento, permittindo que se tomasse o rumo SO.; encontrando assim, em 15 de Janeiro de 1568, uma ilha coralina, coberta de palmeiras e pouco habitada, que foi chamada de Jesus. D'ali seguiu, pouco mais ou menos, a lat. de 6º em direcção O., tocando em 7 de Fevereiro na ilha central do grupo chamado de Salomão, que recebeu o nome de Santa Isabel da Estrella, porque no dia d'esta santa tinha sahido a expedição do Perú, e o segundo nome foi accrescentado porque, quando desembarcaram, julgaram ver os expedicionarios uma estrella em pleno dia. Pela mesma razão chamaram tambem á bahia, onde fundearam, *Bahia da Estrella.* Os naturaes, de tez escura, viram como os hespanhoes tomavam posse da ilha na fórma costumada, redigindo o respectivo auto, no qual se disse que os caciques tinham reconhecido a soberania da Hespanha. Na ilha abundavam os víveres; havia porcos e gallinhas; não faltava madeira excellente para navios, e até se julgou ter encontrado especiarias e drogas de valor, taes como gengibre, canella, aloes e salsa parrilha. O que mais enthusiasmou a expedição fôram os signaes de riqueza aurifera, julgando-se ter encontrado o famoso e tão buscado país d'Ofir, d'onde o rei Salomão tirou o ouro; pelo que foi chamado este grupo tão elevado, com montanhas que se erguem até 1.200 metros acima do nivel do mar, Ilhas de Salomão.

Naturalmente julgaram os expedicionarios no primeiro momento ter descoberto uma parte do continente austral; mas depois, Pedro d'Ortega, dando a volta á ilha, provou o êrro em que haviam estado. A expedição permaneceu na mencionada bahia até 8 de Maio e dirigiu-se depois para SE. a fim de explorar aquella região, descobrindo assim as ilhas maiores meridionaes do mesmo grupo até á de São Christovão, mas, apesar de Sarmiento querer penetrar mais para o Sul, o general ordenou o regresso. A 4 de Setembro passaram os dois navios o Equador e dirigiram-se á America, chegando ao porto mexicano de Santhiago aos 19º de lat. Norte em 22 de Janeiro de 1569, tendo luctado em todo este tempo com tempestades, fome e mil contratempos e tendo perdido muita gente, mastros e canôas de salvamento. Só em Março puderam continuar a sua viagem para o Perú, aonde chegaram a 22 de Julho seguinte.

Passaram-se 26 annos sem que fôsse emprehendida nenhuma outra expedição de descobrimento, até que o vice-rei, Garcia Hurtado de Mendonça, marquês de Cañete, tornou a fixar a attenção n'este ponto e aprestou em Callao quatro navios que, depois de equipados no porto de Paita, se fizeram á véla, a 16 de Junho de 1695 sob as ordens de Mendanha, que levou por piloto-mór o português Pedro Fernandes de Queiroz, e se encaminhou ás ilhas de Salomão directamente. Na viagem descobriu primeiro a parte meridional do grupo de ilhas montanhosas que em honra do vice-rei foi chamado Marquesas de Mendoza, e depois explorou a expedição successivamente as ilhas de Santa Magdalena, São Pedro, Santa Christina e Dominica. Os bellicosos polinesios cultivavam a terra e criavam gallinhas e porcos. Ali conheceram os hespanhoes pela primeira vez a arvore do pão; e, depois de terem tomado posse das ilhas com o ceremonial costumado, fizeram-se outra vez á véla para avançar mais a Oeste, descobrindo successivamente as ilhas de São Bernardo e Solitaria, hoje Pucapuca e Olosenga. Ambas são coralinas, planas e estão cobertas de vegetação. Os expedicionarios não viram nem as ilhas de Sámoa, nem as de Viti (Fidji), que estão mais ao Sul.

As tripulações começavam já a manifestar o seu descontentamento ao verem que

não chegavam ás ilhas de Salomão, quando se avistou no horizonte um cone que sahia do mar solitario e quási a prumo. Era um vulcão, e os hespanhoes deram simplesmente este nome á ilha. Ali separou-se dos seus companheiros o segundo navio chamado o *Almirante,* não se tornando mais a ver. Pouco depois viu-se em direcção Sueste a ilha elevada de Santa Cruz, o que reanimou a tripulação já um tanto descoroçoada. Os habitantes, de tez muito escura, mostraram-se a principio dispostos a entrar em relações amigaveis com os hespanhoes; mas, apenas estes desembarcaram, fôram atacados por centenas de insulares. Na formosa bahia situada a oeste da ilha queria Mendanha fundar uma colonia, mas os soldados revoltaram-se e não quiseram ficar abandonados n'aquella terra inhospita. Para cumulo na desventura morreram n'esta occasião Mendanha e dois ecclesiasticos. O seu successor, Queiroz, julgou melhor pôr de parte a ideia da colonização e abandonar a ilha. Em 18 de novembro fez-se novamente ao mar para se dirigir ás ilhas de Salomão, mas como não conhecia exactamente a posição d'estas, em logar de navegar para oeste, dirigiu-se para noroeste não chegando, por isso, a ver estas ilhas, que tantas esperanças tinham inspirado. Tambem não estava em disposição de continuar a sua exploração, porque os seus navios encontravam-se em pessimo estado, não se achando a gente em melhores condições. No decurso d'um mês tinham morrido 47 homens, pelo que se dirigiu Queiroz ás Filippinas e, apesar de não ter mappa que as indicasse, chegou felizmente a Manilla, depois de ter abandonado outro navio que por causa d'um rombo não pôde seguir. Na viagem de regresso seguiu a rota ordinaria e chegou a 11 de Dezembro de 1597 a Acapulco, e em Maio seguinte a Paita, no Perú. O não ter encontrado as ilhas de Salomão foi attribuido principalmente aos calculos errados que o piloto Gallego fizera na primeira viagem de Mendanha, avaliando as distancias mais curtas do que eram na realidade; coisa nada extranha, sabendo-se que então não se calculavam as distancias por longitudes, mas pelo andamento e velocidade do navio. Assim, calculára Gallego em 1450 milhas a distancia entre Lima e as ilhas de Salomão, ao passo que Queiroz sustentou que entre Lima e a ilha de Santa Cruz havia já uma distancia de 1850 leguas, e os seus calculos approximavam-se certamente mais da verdade que os de Gallego.

Por isso tinha razão Queiroz em supôr que se as ilhas de Salomão ficavam antes a Léste que a Oeste de Santa Cruz, mas de qualquer modo perto d'esta ilha, ficariam proximos os dois grupos para o Noroeste das terras e ilhas que continuavam até á Nova Guiné e ás Filippinas, como fazia suppôr por outro lado a analogia das ilhas, todas montanhosas, as populações de tez escura, que hoje conhecemos por *melanesias,* os mesmos animaes domesticos, gallinhas e porcos, as mesmas armas e costumes semelhantes [1].

Um século ficaram as ilhas de Salomão sem receberem a visita d'europeus, permanecendo no mysterio até que Bougainville as tornou a descobrir em 1768. Havia-se offerecido Queiroz para fazer uma nova tentativa; mas o vice-rei do Perú não se atreveu a proporcionar os meios para equipar uma nova frota sem o consentimento expresso do rei. Dirigiu-se então Queiroz pessoalmente ao papa Clemente VIII para que intercedesse a favor do projecto junto do rei Filippe III de Hespanha, que effectivamente lhe proporcionou d'esta maneira alguns navios em 1605, porque o peticionario promettera resolver de passagem algumas questões scientificas, taes como um methodo mais expedito e mais certo de determinar as longitudes, e observar n'uma viagem de circumna-

---

(1) Veja-se J. Saragoça, tomo I, cap. I.

vegação as variantes da agulha magnetica em todos os pontos; mas o seu fim principal era a exploração dos países austraes de Santa Cruz e das ilhas de Salomão até á Nova Guiné e Java. Para conseguir melhor o seu intento, soube interessar tambem o clero na sua emprêsa, manifestando um zêlo quási exaggerado pela propagação da fé christã; e a tal ponto que desde Christovão Colombo não se vira outro descobridor tão devoto. Este zêlo e devoção eram em Queiroz, ao que parece, apenas meios para conseguir o seu objectivo; mas o rei considerou como uma obra agradavel a Deus o descobrimento do continente austral e a conversão dos seus habitantes, e d'esta maneira pôde Queiroz fazer-se á véla a 21 de dezembro de 1605 de Callao com tres navios, víveres para um anno, seis frades franciscanos a bordo na qualidade de missionarios e quatro irmãos da Ordem de São João de Deus para a assistencia dos doentes. Luís Vaez de Torres commandou um dos navios d'esta expedição [1].

Navegaram com grande arrojo em direcção S. O. até para além dos 26º de lat. Sul, onde os temporaes se tornaram tão hostis, que Queiroz deu ordem de retroceder para a zona tropical. Passou perto das ilhas mais meridionaes de Pomotú, e foi o primeiro europeu que pôs os pés na ilha encantadora de Tahiti, á qual chamou Sagitaria. Em 7 d'abril chegou, na proximidade de Santa Cruz, á ilha de Taumaco, cujo soberano lhe deu os nomes d'umas 70 ilhas com a sua situação e extensão. Com estas informações dirigiu-se Queiroz ao Sul e descobriu no 1.º de maio a ilha principal do grupo das Novas Hébridas que julgou uma parte do tão buscado continente austral, e a que pôs o nome de *Espirito Santo,* e tomou pomposamente posse d'ella em nome da Santissima Trindade, da Igreja Catholica, de São Francisco e da sua Ordem, de São João de Deus e da sua Ordem, e por ultimo do rei. Resolveu fundar ali uma cidade junto a um rio que chamou Jordão, ao passo que a cidade devia chamar-se Nova Jerusalem. O rio, que disse na sua narração ser tão largo como o Guadalquivir perto de Sevilha, não é na realidade senão um regato que apenas percorre um espaço de 4 milhas no seu curso.

A attitude hostil dos indigenas e os temporaes que não cessaram durante muitos dias obrigaram Queiroz a renunciar aos seus projectos phantasticos e a fugir da enseada do Espirito Santo para o alto mar, onde a tempestade o separou dos outros dois navios, tendo de emprehender sósinho, a 20 de junho, regresso. A 3 de julho chegou ao Equador e, continuando o seu rumo a N. E. até aos 38º de lat. Norte, no 1.º de setembro virou a Léste e entrou a 20 d'outubro no porto mexicano do Natal.

Nas suas narrações exaggerou incrivelmente a riqueza em productos tropicaes do país descoberto a Australia do Espirito Santo, dizendo que era tão grande como toda a Europa e a Asia Menor até o Mar Caspio. Enviou ao rei repetidas memorias, nas quaes tratava de demonstrar a importancia e necessidade da colonização d'um país tão encantador, mas sem obter resultados; talvez por causa da propria exaggeração, porque no anno 1613 escreveu Diogo do Prado ao rei, dizendo na sua carta: «Tudo o que diz Pedro Fernandez de Queiroz é mentira e falsidade [2].

Queiroz foi o ultimo expedicionario hespanhol [3] mandado ao Oceano Austral.

---

[1] Cremos que a *Hist. del descubrimiento de las regiones australes,* de Justo de Saragoça, deve conter elementos valiosos para a biographia d'este navegador.

[2] Veja-se J. Saragoça, tomo II, pag. 190, e a *Collecção de documentos,* etc., tomo V, pag. 517.

[3] O auctor, que, paginas antes, considera Queiroz como português, exprime-se n'este

Melhor resultado do que o seu chefe conseguiu o capitão Torres que, quando se viu separado do navio principal, tomou arrojadamente com o seu pequeno navio o rumo para as Filippinas. Chegou ao archipelago dos Lusiadas que primeiramente tomou pelas costas da Nova Guiné, mas, reconhecido o êrro, passou ao longo da costa meridional d'esta ilha, e, dirigindo-se a Oeste e Noroeste, precisou de dois meses para sahir

Itinerario de Magalhães. — As Philippinas: indio ifugao.

illeso d'aquelle immenso dédalo de rochas, recifes, ilhas e bancos coralinos, até que finalmente chegou ás Molucas e d'ali a Manilla.

D'esta maneira descobriu Torres o canal ou estreito que ainda hoje tem com muita razão o seu nome, e que separa o continente australiano do país dos papuas; se bem

passo de modo que um leitor menos attento póde tê-lo como hespanhol, para o que poderia contribuir a indecisão, que por tanto tempo reinou quanto á nacionalidade do grande navegador, que hoje sabemos ser, incontestavelmente, português, por documentos officiaes de procedencia castelhana. Vidè Ernesto de Vasconcellos, *O navegador Queiroz* in *Rev. Port. Colonial e Maritima*, de 20 de janeiro de 1905.

que o seu descobrimento ficou enterrado no archivo de Manilla até meados do século passado. James Cook foi o segundo que passou este estreito em 1770. Torres tocou só na ponta septentrional da Australia, cujas costas fôram percorridas pelos hollandeses no século XVII e pelos ingleses no século XVIII.

Antes de concluirmos este capitulo temos que mencionar um descobrimento importante que fizeram no caminho por Sudoeste para a India os dois capitães hollandeses Le Maire e Schouten em 1616, isto é, o do extremo meridional da Terra do Fogo. Estes dobraram o cabo de Horn, evitando o terrivel estreito de Magalhães, passando directamente do Oceano Atlantico ao Pacifico, com o que traçaram para todos os seus successores um caminho mais commodo d'um Oceano ao outro. Schouten chamou ao cabo *de Horn,* em honra da sua cidade natal, junto ao Zuydersee, que tem aquelle nome.

CAPITULO IV

Tentativas para encontrar um caminho para a India pelo Norte d'America

1. — João e Sebastião Cabot

A ideia de encontrar um caminho maritimo pelo Norte d'America para a China e Japão encontrou o primeiro apoio energico na Inglaterra, que é o país mais bem situado para semelhantes emprêsas. A iniciativa pertenceu tambem ali a um italiano e até genovês, como Colombo. Posto que fizesse o seu primeiro ensaio antes que Colombo emprehendesse a sua primeira viagem para descobrir o Novo Mundo, é duvidoso que lhe pertença originalmente o plano, pois sabe-se quanto tempo esteve Colombo occupado no seu, antes que lhe fôsse permittido sahir com uma pequena esquadra do porto de Palos.

Feita esta ressalva, resulta até hoje que o iniciador da ideia de um caminho para a Asia pelo Noroeste, foi João Cabotto ou, como lhe chamam os ingleses, John Cabot (1).

Os seus contemporaneos concordam em que era genovês, comquanto não fôsse natural da propria cidade de Génova, mas de Castiglione ou de Savona. No anno de 1461 passou a Veneza, onde obteve em 28 de março de 1476 o direito de cidadão depois de ter cumprido a condição legal de ter vivido 15 annos na cidade, direito que lhe concedia todos os privilegios de cidadão na cidade e no extrangeiro (2), em especial os mercantis e entre estes o de arvorar nos seus navios a bandeira de São Marcos.

No anno de 1490 provavelmente passou Cabot com seus tres filhos, Luís Sebastião e Santo, á Inglaterra, estabelecendo-se em Bristol, para d'ali se dedicar a viagens de descobrimentos, porque, depois de Londres era Bristol então a primeira praça mercantil da Inglaterra. Segundo parece, a incitamento seu, os commerciantes da cidade enviaram annualmente, desde 1491, dois, tres ou quatro navios para procurarem no Oceano occidental as ilhas notadas nas antigas cartas de marear, em especial as suppostas ilhas do Brasil e das sete cidades, segundo escreveu ao rei Fernando o embaixador hespanhol, Pedro de Ayala, em 25 de julho de 1498 (3). Não ha, comtudo, notícia dos resulta-

(1) Veja-se a obra magistral de H. Harrisse, *Jean et Sebastien Cabot*, Paris, 1882, que nos serve de base n'este numero.

(2) *Privilegium civitatis, al di dentro e al di fuori.*

(3) Veja-se a obra de Harrisse. «Os de Bristol ha sete annos que cada anno armam duas, tres e quatro caravellas para procurarem a ilha do Brasil e as sete cidades conforme a indicação d'este genovês.»

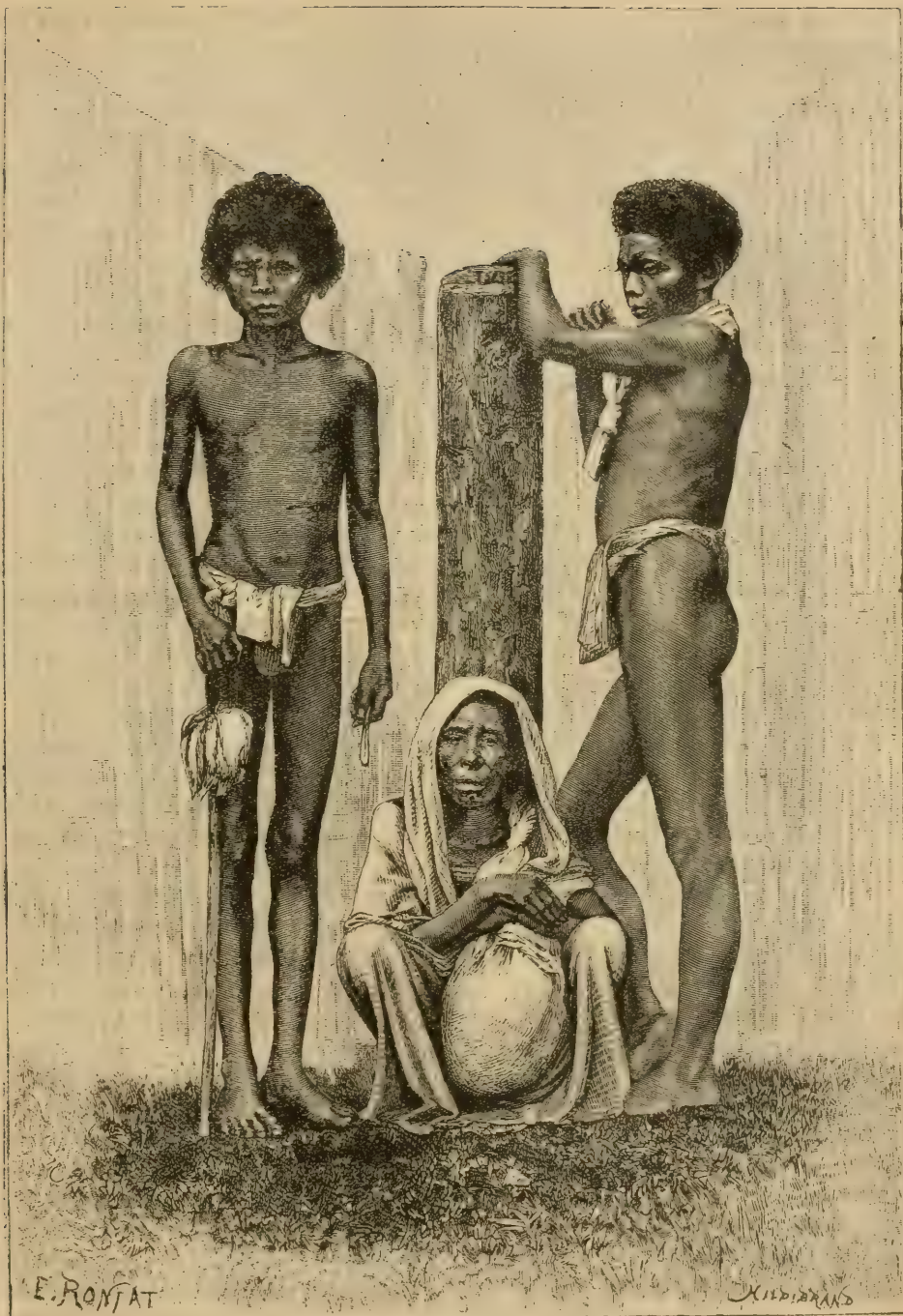
dos d'estas expedições, embora se saiba que no anno 1480 foi já em procura das taes ilhas, mas sem encontrá-las, um tal Thomás Llyde ou Lloyd.

Até ao anno 1496 as despezas das expedições a Oeste fôram custeadas exclusivamente por particulares, mas em 5 de março d'este anno Henrique VII deu uma real patente a João Cabot auctorizando-o a elle e a seus tres filhos a fazerem viagens de descobrimentos; o que prova que os tres filhos deviam ser então de maioridade, quer dizer, contar, segundo as leis inglesas, mais de 21 annos. D'aqui se deduz que o mais novo, ou seja Santo, devia ter nascido pelo anno 1474, pelo menos, ou antes; e Sebastião, o mais notavel d'elles, que continuou depois os projectos de seu pae, nasceu talvez em 1472, anno em que seu pae estava estabelecido em Veneza, pois que Sebastião nasceu ali. Nos principios do mês de maio do anno 1497 effectuou João Cabot a sua primeira expedição através do Oceano, com feliz resultado. A notícia dos descobrimentos de Colombo havia chegado até Inglaterra, e incitou os commerciantes ingleses e o proprio rei a lançarem-se a estas emprêsas duvidosas, arriscando os poucos capitaes que ellas exigiam.

João Cabot pôde penetrar com tanto mais animo no vasto Oceano, quanto tinha a certeza da pequena distancia relativamente moderada das costas asiaticas, pois que como taes se consideravam então as d'America, e póde admittir-se como positivo que descobriu a Terra do Labrador em 1497.

Póde affirmar-se que a não descobriu em 1494, anno registado pelo mappa feito por elle em 1544, e que é um mero engano como demonstraremos. A inscripção está em latim e italiano e diz assim: «Esta terra (o Labrador) foi descoberta pelo veneziano João Cabot e seu filho Sebastião Cabot no anno de Nosso Senhor Jesus Christo MCCCCXCIIII a 24 de julho de manhã, os quaes lhe deram o nome de *Prima Terra vista,* e a uma grande ilha proxima d'esta terra, de S. João, por a terem avistado no dia d'este santo. Harrisse, comtudo, diz que o numero 1494 é um êrro d'imprensa como a data de 24 de julho tambem o é, em logar de 1497 e 24 de junho. Ricardo Hakluyt cita este mappa nas suas *Voyages,* que publicou em Londres em 1600, dizendo que se encontra um exemplar na galeria particular da rainha em Westminster, e que outros exemplares se podiam ver ainda em várias casas de commercio como elle os viu e tinham a inscripção: «Anno Domini 1497». Por outro lado Ruy Gonzalez de Puebla escrevia em 21 de janeiro de 1496, em Hespanha, que alguem havia proposto ao rei d'Inglaterra uma emprêsa analoga á de Christovão Colombo, para encontrar um novo caminho para a India; e 9 semanas depois fizeram saber os reis Fernando e Isabel ao rei Henrique de Inglaterra que as expedições projectadas por Henrique eram contrarias aos privilegios das corôas de Hespanha e Portugal sanccionados pelo pacto de divisão de 1494.

Da linguagem d'esta communicação se infere que o projecto de que trata era então uma coisa completamente nova, que estava ainda a tempo de impedir-se. Se Cabot tivesse feito o descobrimento dois annos antes, os preparativos da nova expedição não teriam provocado semelhante reclamação diplomatica.

O facto foi que antes de chegar a citada reclamação de Hespanha ao govêrno inglês, havia já acceitado o rei Henrique VII, em uma real ordem de 5 de Março de 1496, o plano de Cabot, auctorizando este a navegar com cinco navios sob o pavilhão inglês e procurar descobrir e explorar quaesquer terras de gentios, ainda desconhecidas nas direcções Oeste, Léste e Norte, e em qualquer parte do mundo. Por outro lado mencionam-se descobrimentos feitos, a contar da segunda metade do anno de 1497; em 10 d'Agosto d'este mesmo anno recebeu Cabot no regresso da costa da Ame-

Itinerario de Magalhães. — As Philippinas: um grupo de negritos.

rica uma recompensa do rei, de dez libras esterlinas; e em 3 de Fevereiro de 1498 escreveu o chanceller do rei a Cabot auctorizando-o a conduzir navios ás ilhas e aos países recentemente descobertos. Finalmente refere tambem Pedro de Ayala, com data de 25 de Julho de 1498, que no anno anterior, isto é, em 1497, gente de Bristol havia descoberto terras a Oeste. Fica, pois, só o anno de 1497 como aquelle em que pôde fazer-se o descobrimento. Cabot descobriu uma terra no dia de São João, provavelmente a do Labrador, cuja costa seguiu na direcção Nordeste até que os pedaços de gêlo fluctuantes que a corrente impellia para os seus navios, o obrigaram a voltar atrás; e, como em principios d'Agosto estava já de regresso a Bristol, não podia ter seguido ao longo do continente americano até á Florida, como teem querido sustentar varios auctores. Ribeiro designou, no seu mappa do anno de 1529, terminantemente o Labrador como descoberto por ingleses, ao passo que no mesmo mappa apresenta Côrte Real como descobridor da Terra Nova, que chama «Terra dos Bacalhaus», da Nova Escocia e da ilha do Cabo Bretão, a que deu o nome de «Terra dos Bretões». Muitos auctores contemporaneos confirmam tambem que Cabot seguiu o rumo do Noroeste para a Asia, e que não se dirigiu a Sudoeste. Só 47 annos depois é que Cabot deu no seu mappa-mundi o nome de *Prima terra vista* ao país que fica por detrás da Terra Nova junto ao rio de São Lourenço, quando já aquellas terras pareceram adquirir importancia em consequencia das viagens de Cartier; como se se tivesse querido resalvar por meio d'esta falsificação tardia o direito de prioridade dos ingleses ás referidas terras. Se Cabot tivesse penetrado no golpho de São Lourenço no anno de 1497, teria conhecido infallivelmente tambem que a Terra Nova é uma ilha, e, pelo contrario, figura em todos os mappas até ao anno de 1540 como continente. Além d'isso, conhece-se pelos proprios nomes que Cabot inscreveu em 1544 no seu mappa junto ao rio de São Lourenço, que aproveitou os descobrimentos franceses mais recentes.

É possivel que no seu regresso descobrisse as riquissimas pescarias do banco da Terra Nova, porque a contar do principio do século XVI reuniram-se ali barcos de pesca, normandos, vasconços e portugueses, e d'estes ultimos recebeu a costa situada em frente o nome de Terra dos Bacalhaus. Cabot foi indubitavelmente o primeiro europeu que viu o continente americano.

No seu regresso á Inglaterra foi recebido brilhantemente; e no anno seguinte pôde fazer-se outra vez ao mar com 5 navios e a respectiva patente real, tendo contribuido o rei, além do equipamento e despesas, com 110 libras esterlinas, somma insignificante hoje, mas que n'aquella época não era desprezivel. Não se sabe que resultados conseguiu esta expedição, posto que seja permittido suppôr que devia ter extendido o novo descobrimento em direcção SO. até ao Cabo Hatteras, a julgar pelas bandeiras inglesas no mappa de João de La Cosa do anno de 1500. De resto, esta foi a ultima viagem de Cabot pae.

Desde então seguiu seu filho Sebastião as suas pisadas; mas, de genio mais voluvel, não proseguiu como este um objectivo principal com a constancia invariavel que é a unica que leva a resultados positivos. Emprehendeu diversos commettimentos e offereceu os seus serviços a todos os países e monarchas, que se podiam prestar aos seus planos. Uma só viagem fez a Noroeste, provavelmente em 1503; mas d'esta viagem unicamente se conservou, na Chronica de Roberto Fabiano, a notícia de que trouxe das ilhas, recentemente descobertas, alguns indigenas selvagens, vestidos de pelles, que comiam carne crua e cujo idioma ninguem comprehendeu.

Morto o rei Henrique VII, em 1509, passou Sebastião, talvez em 1512, ao serviço da Hespanha, na qualidade de capitão, com o soldo de 50.000 maravedís. É duvidoso

que figurasse no Conselho das Indias e que tivesse voto n'elle, pois o seu nome não consta das listas, que se teem conservado d'esta corporação, mas foi depois consultado com os demais cosmógraphos nomeados para provarem e defenderem os direitos da corôa de Hespanha ás ilhas Molucas. Tambem foi nomeado chefe d'uma expedição que se projectou mandar a Noroeste, no anno de 1516; esta expedição não se realisou, porém, pela morte do rei Fernando, occorrida no principio d'aquelle anno. Sebastião Cabot voltou á Inglaterra, para fazer a expedição sob os auspicios ingleses, mas não o conseguiu por causa da irresolução do vice-almirante Thomaz Pert (1517).

Sabendo então que o novo e joven soberano Carlos havia passado á Hespanha, apressou-se a offerecer-lhe os seus serviços, e foi, effectivamente, nomeado piloto-mór com 125.000 maravedis (300 ducados) de soldo, o que não impediu que em 1519 fôsse outra vez, ainda que por pouco tempo, á Inglaterra.

Das narrações e communicações do embaixador veneziano Contarini, resulta que, no anno de 1522, offereceu Cabot os seus serviços, embora secretamente, á republica de Veneza, para descobrir um caminho para a China pelo Noroeste, porque, conhecida já, desde a primeira circumnavegação do nosso globo, a grandissima extensão do Oceano a Oeste do Novo Mundo, não duvidava de que existisse tambem um caminho navegavel pelo Norte d'America para ir á Asia.

O senado de Veneza teve o bom acêrto de addiar a sua decisão e protrahir o negocio, até que finalmente caíu no olvido [1]. Cabot obteve com a sancção do govêrno hespanhol, o commando de uma expedição maior, com ordem de seguir a róta de Magalhães, penetrar no Pacifico e ir até ás Molucas. Esta emprêsa, que durou desde o anno de 1526 até 1530, mallogrou-se completamente: Cabot só chegou até ao rio da Prata; e havendo-se-lhe attribuido toda a culpa do mallogro da viagem, foi preso á volta e desterrado depois, em 1532, por dois annos para Oran, na costa d'Africa, se bem que o rei Carlos o indultasse no anno seguinte.

Nos fins do anno de 1547 sahiu Cabot de Hespanha, sem renunciar por isso ás suas honras nem á pensão que disfructava e pos-se ao serviço da Inglaterra, tambem na qualidade de piloto-mór, com o soldo de 166 libras esterlinas. Reclamou-o repetidas vezes o rei de Hespanha, mas o conselho da corôa de Inglaterra declarou que Cabot era súbdito do rei, e que ninguem tinha direito de obrigá-lo a abandonar o territorio inglês. Ao passo que se valia por um lado da protecção da Inglaterra e aproveitava os seus donativos e soldo, não teve por outro lado escrúpulo em offerecer de novo os seus serviços em Agosto de 1551 a Veneza, para conduzir uma esquadra á China por uma róta, de que só elle tinha o segredo. Este segredo não devia consistir no caminho do Noroeste, porque pouco depois foi encarregado da direcção dos navios que se estavam a preparar para explorar pela primeira vez o rumo Nordeste pelo Norte da Europa e Asia á China.

Não se sabe quando e onde morreu Sebastião Cabot; comtudo, é provavel que morresse no anno de 1557. Apesar de haver passado a segunda metade da sua vida agitada e aventurosa em projectos, e de, sem se deter com escrúpulos de justiça nem de delicadeza, se offerecer a tres países distinctos, não se lhe póde negar o mérito de ter sabido enthusiasmar a nação inglesa, pelas expedições de descobrimento e ter sido com isto, o fundador do poder maritimo da Inglaterra. Os dois Cabot, pae e filho, fôram quási os primeiros que tentaram procurar um caminho para a China e India pelas re-

---

[1] Esta correspondencia encontra-se na obra de Harrisse.

giões arcticas; e nas expedições, feitas sob os auspicios da rainha Isabel, na direcção Oeste e Noroeste, se fundam as pretensões da corôa de Inglaterra aos seus dilatados dominios na America.

2. — As viagens dos portugueses, italianos e franceses na direcção Noroeste

Ao mesmo tempo que as de João Cabot, fôram feitas de Portugal algumas tentativas para penetrar na direcção Noroeste, pelos dois irmãos, Gaspar e Miguel Côrte Real, mas das suas arrojadas viagens só se conservam, por desgraça, notícias vagas. Parece que a primeira tentativa foi feita sem resultado por Gaspar, antes do anno de 1500. N'este anno effectuou uma segunda expedição com varios navios e chegou até á costa do Labrador, que reconheceu como parte de um continente, o qual, segundo as ideias e conhecimentos de então, não podia ser senão a Asia; mas os gêlos fizeram-no retroceder até aos bancos da Terra Nova. A terra descoberta por Côrte Real encontra-se traçada nos mappas antigos entre os 50º e 53º de lat. Norte.

No anno seguinte, voltou Gaspar a sahir para o mar, na primavera, com tres navios, para continuar os seus descobrimentos, mas não regressou. Das praias aonde havia chegado e que por acaso fôram as da Nova Escocia, cobertas de bosques e montanhas e as da Nova Inglaterra, enviou dois navios com alguns indios, que havia arrebatado ao seu país. Estes navios chegaram, um a 8 e outro a 11 d'Outubro, a Lisboa, mas nem de Côrte Real nem do navio que lhe restava se tornou a saber. Isto determinou seu irmão Miguel a ir em sua procura, no anno seguinte, isto é, em 1502, tambem com tres navios, chegando casualmente ás costas do continente ao Noroeste, mas tambem não voltou. Para saber o que era feito dos dois irmãos enviou o rei D. Manuel de Portugal dois navios, no anno de 1503, mas foi inutil; nunca se soube da sorte dos Côrte Reaes, e com o seu desapparecimento terminaram as tentativas portuguesas para encontrar um caminho para a India pelo Noroeste. Passaram 20 annos, sem que nenhum outro govêrno nem particular fizessem novos esforços n'este sentido.

Quando, em consequencia da primeira viagem de circumnavegação, se reconheceu que a America era um continente áparte, e quando o govêrno hespanhol encarregou Fernão Cortez de procurar uma passagem maritima entre os dois Oceanos, o Atlantico e o Pacifico, separados pelo Novo Mundo, Francisco I de França, rival de Carlos de Hespanha no campo politico, quis tambem rivalizar com elle nos descobrimentos maritimos, e só aguardava para isto uma occasião favoravel e que promettesse um bom exito. Desde o anno de 1504 tinham ido navios bretões pescar nos bancos da Terra Nova, mas os patrões d'estes barcos não podiam encarregar-se de nenhuma expedição scientifica, como descobrir novas terras, levantar plantas de costas e traçar derrotas nos mappas; para isto era necessario encontrar marinheiros instruidos e praticos. Como na Hespanha Colombo, e na Inglaterra Cabot, foi tambem em França um italiano, João de Verrazzano, natural de Florença, que se offereceu para chefe da expedição francesa, afim de procurar um novo caminho para a China. Pertence, pois, aos filhos da Italia, genoveses, venezianos, florentinos, o primeiro logar entre os que ensinaram ás nações occidentaes da Europa, os caminhos maritimos através do Oceano.

Verrazzano offereceu-se para ensinar aos franceses o caminho para a China [1]. O

---

[1] *Mia intenzione era di pervenire in questa navigazione al Cathaj allo estremo oriente dell Asia* (Asher, *Henry Hudson the navigator*, Londres, 1860, pag. 224).

rei Francisco I acceitou o offerecimento; mandou equipar e dispôr quatro navios para esta emprêsa e com elles se fez á véla Verrazzano, do porto de Dieppe, nos fins do anno de 1523. Dois navios despedaçaram-se em um temporal, contra a costa da Bretanha; outro perdeu-se n'um recontro com os hespanhoes, perto da ilha da Madeira, e com o ultimo navio que lhe restava, o *Delphin*, o capitão florentino, que se havia refugiado n'um solitario penhasco, junto á ilha da Madeira, lançou-se através do Atlantico em 17 de Janeiro de 1524, até que depois d'uma navegação regular, tocou terra em um ponto da costa situado a 34º de lat. Norte, onde hoje se acha com pequena differença a cidade norte-americana de Wilmington. Não encontrando porto, seguiu esta costa baixa umas 50 leguas maritimas (20 ao grau) para o Sul e depois voltou atrás, para o Norte, até os 50º de latitude. Desde a região das palmeiras, que tinha tocado no extremo Sul da sua viagem, até aos bosques monotonos e frios de abetos e pinheiros do Norte, entrou em relações amigaveis com os indigenas, porque, para levantar a planta da costa, navegou só de dia, e de noite fundeou. Descobriu a foz do rio Hudson, cuja profundidade permittia a entrada de navios de alto bordo; subiu em lancha um grande trecho, por este rio magnifico; depois seguiu a costa em direcção Nordeste, notando o seu caracter cada vez mais montanhoso e o clima cada vez mais frio; descobriu depois a Rhode-Island que comparou com a ilha de Rhodes, e mais longe encontrou indios, caçadores nómadas, de maior estatura do que os europeus, de tez mais clara do que os seus vizinhos meridionaes, que usavam adornos de cobre, em vez de ouro. Lançou ancoras na bahia de Narrangaset, muito bem descripta na sua narração, na qual a colloca acertadamente na mesma latitude que Roma, observando, com razão, que o clima é muito mais frio que o da Italia. Proseguindo para o Norte apresentou-se o país mais montanhoso e áspero, e os naturaes mais selvagens e menos hospitaleiros. Penetrou algumas leguas no interior, á frente d'uma secção de homens armados, encontrando costas accidentadas, penhascosas, com muitas enseadas, ilhas e recifes, que lhe pareceram muito semelhantes ás da Dalmacia. Passados os 50º de lat. Norte, a escassez de víveres obrigou-o a pôr fim ás suas explorações e regressar á França. Participou ao rei o resultado da sua expedição, em uma memoria ou carta minuciosa, datada de Dieppe (8 de Julho de 1524), que contém a descripção mais antiga e veridica das costas dos Estados Unidos da America do Norte. N'esta memoria o seu auctor mostra-se excellente observador, escriptor habil e homem instruido, conhecedor dos auctores classicos e em especial de Aristóteles, o qual cita com muita opportunidade. N'aquella época nenhuma nação excedia os italianos no manejo da penna entre os navegadores [1].

As complicações politicas na Europa, as guerras entre Francisco I e o imperador Carlos V, obrigaram o govêrno francês a desistir por algum tempo da continuação dos descobrimentos principiados; até que em 1562, pouco mais ou menos, formou Coligny o plano de fundar uma colonia de huguenotes na fronteira meridional da Carolina do Sul. O forte, que serviu de nucleo á colonia recebeu o nome de Carolina em honra do rei Carlos IX, sendo o nome applicado um século depois a todo o país. No anno seguinte abandonaram os colonos o seu projecto; porém, outros voltaram a continuá-lo, se bem que com pouca felicidade, porque em 1565, o hespanhol Pedro Melendez, exterminou todos os colonos protestantes, motivo por que acabaram para sempre as tentativas francesas de colonização n'aquelle país.

---

(1) A narração original de Verrazzano foi publicada pela primeira vez em idioma italiano na obra inglesa de Asher, *Henry Hudson the navigator*, London, 1860, (Hakluyt Society).

Cêrca d'um anno depois da expedição de Verrazzano, o português Estevão Gomes explorou a costa oriental da America do Norte [1]. Esta expedição merece figurar aqui, porque os seus resultados completaram dignamente os trabalhos do florentino.

Na verdade, a Gomes deveu-se um mappa hydrographico d'aquellas costas, que se

Ilhas Marquezas ou de Mendanha: um indigena tatuado.

perdeu, mas serviu para outros trabalhos analogos, pois Diogo Ribeiro e outros cartógraphos utilizaram-no e copiaram-no para o traçado da costa desde Maryland até Rhode-

[1] No mappa de Lazaro Luís, que representa a America do Norte vem figurada a costa que descobriu Estevão Gomes.

-Island. Gomes era natural do Porto e passou provavelmente com Magalhães á Hespanha, a cujo govêrno apresentou um projecto analogo ao d'este ultimo. Sendo preferido Magalhães, tomou parte na expedição, mas tão desgostoso, que regressou com o navio *Santo Antonio* á Hespanha, servindo-lhe provavelmente só de pretexto uma tempestade perto do estreito da Terra do Fogo, conforme já tivemos occasião de dizer, falando da expedição de Magalhães ás Molucas. Sendo marinheiro e cartógrapho eminente, foi nomeado perito da commissão ou junta de Badajoz em 1524, e depois apresentou o projecto para se buscar uma passagem entre a Florida e Terra Nova (ou Ilha dos Bacalhaus) para chegar directamente á China; isto é, na mesma região, onde procurou tambem um caminho Fernão Cortez. Ali, como no Sul, se havia supposto e até traçado em mappas um canal maritimo; e, como logo foi encontrado o estreito de Magalhães, não restava dúvida de que se encontraria outro no Norte, onde os geógraphos traçaram desde então cada um o seu canal. Assim o cosmógrapho allemão Sebastião Münster, na sua edição latina de Ptolomeu do anno 1542, assignalou uma passagem inter-oceanica que partia do golpho de São Lourenço, com a inscripção latina *per hoc fretum iter patet ad Molucas.* (Este estreito conduz ás Molucas.)

Gomes recebeu para realizar o seu projecto só uma caravella de 50 toneladas e a nomeação de piloto real, datada de 10 de Fevereiro de 1525. Immediatamente se fez á véla do porto da Corunha e, chegado que foi á costa americana na região da Nova Inglaterra, seguiu a costa para o Sul até além da bahia de Chesapeak, e regressou provavelmente em fins de Novembro do anno 1525 á Hespanha, com um carregamento de indios captivos, para com a sua venda como escravos cobrir os gastos da expedição. O país, de cujas costas levantou com grande cuidado a planta, distinguindo-se n'ella muito bem o rio Hudson, chamou-se durante muito tempo, Terra de Estevão Gomes. Ribeiro inscreveu no seu mappa alguns dados laconicos sobre a natureza do país descoberto, como: «Terra de Estevão Gomes: o qual a descobriu por mandado de sua magt. no anno de 1525; ha n'ella muitas arvores e fructos dos de Hespanha e muitos rodovalhos, salmões e solhos, não achando ouro. Em toda esta costa do Norte são os indios de maior estatura do que os de São Domingos e das outras ilhas, sustentam-se de milho, de pescado, que ha em muita abundancia, e caça de muitos veados e outros animaes, vestem-se de pelles de lobo e de raposos e zorras» [1].

A estas mesmas regiões septentrionaes dirigiu em Dezembro as suas explorações felizes o arrojado marinheiro francês Jayme Cartier [2], natural de Saint Malo, dando origem á posterior colonização do Canadá pelos franceses. Cartier fez tres viagens

---

[1] Já n'outra nota nos referimos a Diogo Ribeiro. Lazaro Luís, um dos nossos grandes cartógraphos e auctor do «Livro de todo o Universo» (1563) que existe na Bibliotheca da Academia das Sciencias de Lisboa, contém na folha 3.ª, rosto (o Atlas consta de 10 folhas) o mappa da America do Norte feito segundo as indicações de Estevão Gomes, como, naturalmente, o de Ribeiro. Conviria, talvez, fazer o confronto dos dois mappas. Vidè Sousa Viterbo, *Trabalhos nauticos dos portugueses,* e Catalogo da Exposição de Cartographia Nacional (1904) já citado.

O mappa da America septentrional de Lazaro Luís póde ver-se na reproducção que acompanha os «Descobrimentos, guerras e conquistas, etc. . . . , por E. A. de Bettencourt, já citados.

[2] Veja-se: *Navigation par le Capitaine Jacques Cartier aux iles de Canada,* publicada por *d'Avezac,* Paris, 1863.

áquelles países. A primeira vez saiu a 20 d'Abril de 1534 da sua cidade natal, com dois navios; chegou a dez de Maio á Terra Nova e, passando pelo estreito de Belle-isle, penetrou no golpho de São Lourenço, seguindo logo a costa occidental da Terra Nova em direcção Sul, passou por diante das ilhas do Cabo Bretão e Principe Eduardo, que tomou por partes do continente, e entrou na bahia de *Chaleur* (Calôr) que chamou assim, porque a temperatura lhe pareceu ali mais elevada do que na Hespanha. Pensou que era a emboccadura da passagem d'um Oceano a outro, mas logo se convenceu, ao passar adiante, de que a bahia não tinha sahida. Seguiu, pois, pela costa meridional de Anticosti, em direcção Nordeste até ao estreito de Belle-isle, e em 5 de Setembro, entrou outra vez no porto de Saint Malo, depois de ter dado a volta a quási toda a ilha de Terra Nova, e levantado a planta das margens do Golpho de São Lourenço.

Em 19 de Maio do anno seguinte tornou a sair com tres navios, para continuar os seus descobrimentos no que chamava a Nova França, entrando outra vez pelo estreito de Belle-isle, mas seguindo d'ali a costa do Labrador na direcção Oeste. Fundeou no porto de São Nicolau ao Norte de Anticosti, onde permaneceu até principios de Agosto. Chamou enseada de São Lourenço, a um ponto da costa, situado mais a Oeste, e este nome foi applicado com o decorrer do tempo a todo o golpho separado do Atlantico pela ilha da Terra Nova. Os dois indios, que tinha levado para a França na primeira viagem, serviram-lhe n'esta de interpretes, e disseram a Cartier, que ao Oeste da enseada de São Lourenço desaguava o caudaloso rio de Hochelaga, que conduzia á Terra do Canadá. Esta notícia resolveu o capitão a penetrar no rio de São Lourenço e ancorar junto a uma ilha, que chamou de Baccho, pelas muitas vides silvestres que ali cresciam.

N'esta ilha, situada abaixo de Quebec, teve uma entrevista amigavel com o cacique do Canadá, da tribu dos algonquinos, que quis dissuadi-lo de subir mais acima pelo rio, e muito menos até á aldeia india de Hochelaga, provavelmente para conservar o monopolio do commercio entre os extrangeiros, e os indios; mas as razões do cacique não fizeram senão excitar a curiosidade do francês, o qual, querendo conhecer aquella aldeia, se dirigiu a ella em lanchas. Na margem foi recebido por uns mil indios, que o introduziram na povoação, rodeada por uma triplice cêrca de palissadas. Depois subiu a uma montanha pouco elevada junto ao rio, de cujo cume disfructou uma magnifica vista do país, coberto de bosques e cortado por numerosas correntes d'agua. Esta montanha que chamou Montroyal, deu depois o seu nome, transformado em Montréal, á cidade mais populosa do Canadá. Mais abaixo da povoação india encontrou Cartier um porto proprio para invernar; ali ancorou e permaneceu com os seus navios até 6 de Maio de 1536, porque o frio era tão intenso, que desde meados de Novembro até meados de Março, estiveram os navios presos no gêlo que ao redor d'elles attingia duas braças de espessura, emquanto o escorbuto a bordo causava muitas victimas. Soube Cartier dos indios, que para cima da cidade havia varios lagos muito grandes, e foi esta a primeira notícia da série de lagos do Canadá, cujo desaguamento natural é no rio de São Lourenço. A viagem de regresso fez-se rapidamente e com muita felicidade, fundeando a esquadra no porto de Saint Malo em 6 de Julho.

Os resultados das duas expedições acham-se traçados em um mappa feito no anno 1542, ainda no reinado de Francisco I, e publicado por Jomard na sua collecção de mappas da Idade-média [1] com o titulo de: «Mappa d'um piloto de Henrique II de França.»

---

[1] Veja-se *Monuments de la géographie.*

Os contratempos, que os expedicionarios soffreram, especialmente durante o inverno n'aquelle clima cruel, juntamente com a falta de metaes preciosos, que eram o mobil principal de todas as emprêsas de descobrimento, fizeram que esfriasse, durante alguns annos, o enthusiasmo em estabelecer colonias n'aquellas regiões e que não se repetissem as expedições, até que em 1541 pôde Cartier encontrar recursos para recomeçar as suas emprêsas.

Um nobre e rico francês, Francisco de la Roque, senhor de Roberval, encarregou-se de fundar á sua custa uma colonia nas margens do rio descoberto por Cartier, para o que conseguiu que aquelle país lhe fôsse dado em feudo pela corôa de França. Para realizar a sua ideia contava com o marinheiro descobridor; mas não soube ou não quis continuar com elle, para formarem juntos um plano da campanha, bem meditado e preciso. Assim foi que, quando o senhor de Roberval estava a fazer ainda os preparativos, que o detiveram nas praias de Honfleur até muito entrado o verão de 1542, para embarcar canhões e munições, saíu Cartier de Saint Malo em 23 de Maio do anno 1541; de modo que as duas expedições sahiram separadamente sem terem combinado sequer, um ponto de reunião. Cartier estabeleceu uma colonia ou feitoria na terra onde hoje está Quebec, e aproveitou o resto da estação favoravel para com as suas lanchas explorar as cataratas do rio acima de Montréal. Depois invernou e aguardou no anno seguinte, até ao mês de Julho provavelmente, a chegada da expedição de Roberval; mas, como esta demorasse e como as provisões se fôssem acabando, resolveu voltar ao seu país. Perto da Terra Nova encontrou Roberval com os seus navios; mas, não desejando regressar á colonia abandonada, seguiu o seu rumo, sem se approximar de Roberval, cuja incapacidade só lhe promettia decepções e adversidades. Roberval, com 200 colonos que levava, estabeleceu-se n'um ponto escolhido por Cartier, e construiu ali um forte, que chamou Franceroy, com celleiros, moinho e um grande forno. Mas não tinham nem grão, nem provisões, nem pão [1]. Uma terça parte dos colonos morreu no primeiro inverno; e, como o anno seguinte não se apresentasse melhor, resolveu o rei Francisco I fazer regressar o director da emprêsa e mandar Cartier procurar os ultimos colonos no anno 1544.

Assim ficou abandonada a ideia, e só em principios do século XVII é que Samuel de Champlain, tão incansavel como previdente e circumspecto, fundou colonias francesas permanentes, no Canadá e foi o primeiro que chegou aos grandes lagos. Os trabalhos d'este homem, que morreu em 1635, sahem do quadro d'esta obra e pertencem á historia das colonias norte-americanas.

3. — As tentativas inglesas, para descobrir um caminho pelo Noroeste

Desde as explorações de Sebastião Cabot todas as tentativas feitas na Inglaterra proseguiram o mesmo objectivo. No anno 1527 offereceu-se para procurar um caminho para a China directamente pelo polo, Roberto Thorne, filho de um dos primeiros companheiros de viagem de Cabot, e que dizia que de todas as potencias da Europa a Inglaterra era a mais indicada pela sua situação geographica, para resolver o problema do caminho do Noroeste. Henrique VIII encarregou-se com effeito de uma parte da despesa, e Thorne pôde partir com dois navios em Maio de 1527; mas regressou sem ter conseguido resultado algum.

---

[1] Veja-se a obra de *Francis Parkman:* «As avançadas francesas no Novo Mundo.»

Assim passaram 50 annos sem que se renovasse tentativa alguma n'esta direcção, até que no reinado de Isabel, voltou a manifestar-se um espirito energico de emprehendimento n'uma série de expedições, que se succederam durante mais de meio século, desde 1576 até 1632. Estas expedições, se não conseguiram o seu objecto principal, contribuiram notavelmente para o conhecimento exacto das costas norte-americanas, e para criar, por outro lado, uma marinha brilhante e experimentada, e portanto para o fomento do poder maritimo da Inglaterra. O povo inglês comprehendeu-o assim e desde logo favoreceu as expedições ao Noroeste, que sempre encontraram protectores opulentos e patrioticos, que se encarregassem das despesas.

O theatro principal d'estas emprêsas era o Oeste de Groenlandia, onde os golphos de Baffin e de Frobisher e os estreitos de Hudson e Davis immortalizam os nomes dos heroes, que n'aquella época levantaram ali tão alto o nome da marinha inglesa. A navegação n'estas regiões arcticas é perigosissima e, durante a maior parte do anno, materialmente impossivel, não só pelos nevoeiros densissimos e frequentes, que não deixam divisar os objectos mais proximos, e muito menos as costas, como principalmente pelas massas de gêlo, que fecham as muitas e estreitas passagens e não permittem chegar ás costas, das quaes por vezes se desprendem no auge do verão; e então os immensos bancos e montanhas fluctuantes de gêlo n'aquella parte do anno, ameaçam esmagar os navios, entre as suas formidaveis massas, quando se agglomeram e se chocam até por entre os caminhos mais amplos como os de Hudson, de Lancaster e de Smith, no seu avanço para o Oceano, aonde os attrahe a especie de corrente que origina a rapida descida do fundo do Atlantico nas costas norte-americanas. Se isto succede nas citadas passagens, n'outros pontos cerram completamente o caminho, amontoando-se na curta época do de gêlo, como succede na parte central do estreito de Davis e do golpho de Baffin, onde poucas vezes podem penetrar os navios. Tudo isto explica os rumos differentes, na apparencia caprichosos e sem plano, seguidos pelos melhores marinheiros n'estas regiões, ora fugindo a toda a pressa de gigantescos pedaços de gêlo fluctuantes que ameaçam enclausurá-los ou despedaçá-los, ora procurando um caminho, que accidentalmente se abre, para logo voltar a cerrar-se, ora mantendo-se indefinidamente em observação, sem poderem fazer senão aguardar em um ponto menos perigoso, que passem os blocos de gêlo.

Martin Frobisher foi o primeiro que tornou a arriscar-se n'aquellas regiões, fazendo tres viagens desde 1576 até 1578, a primeira de descobrimento e as outras de especulação. Quando se fez á véla no Tamisa, nos principios do mês de Junho de 1576, com as suas duas pequenas embarcações de 30 a 35 toneladas, saúdou-o a rainha com a mão, da margem, mostrando assim o seu interêsse e enthusiasmo por esta e por todas as expedições patrioticas. Se assombra o arrojo do marinheiro, que, com tão pequenas e frageis naus se arriscava a tão perigosa emprêsa, cresce mais a nossa admiração ao considerar que não dispunha d'outro guia senão o mappa de Zeno, do qual demos no principio d'esta obra, uma cópia reduzida e no qual estão apontadas a Islandia e Groenlandia, pouco mais ou menos, no ponto a que correspondem, e onde tambem se acham traçadas as Feroe n'uma só massa insular, e mais além, as terras fabulosas da Icaria e da Estotilandia. Com taes dados era inevitavel que o marinheiro inglês formasse ideias erroneas ácêrca das costas que avistou no Mar Glacial, tanto que quando chegou, a 11 de Julho, á costa oriental da Groenlandia, a 61° de lat. Norte, julgou ter diante de si a Frislandia de Zeno, suppondo a Groenlandia, ou seja a chamada Terra Verde, muito mais além, razão por que tomou, a partir da ponta mais meridional da Groenlandia, a direcção Oeste. A 26 do mesmo mês tocou na costa do Labra-

Indios lengoas em marcha.

dor, á entrada do estreito de Hudson, que encontrou, como todos os demais caminhos maritimos d'aquella região, ainda completamente fechados pelo gêlo. Assim, passou por diante da ilha da Resolução, á entrada do golpho que hoje ainda tem o seu ñome, onde chegou a 8 de Agosto. Ali julgou ter encontrado o caminho desejado para as Molucas; e com este descobrimento e um carregamento de pyrite, que encontrou ali em abundancia e que tomou por minerio de ouro, regressou á Europa.

Tão bom principio estimulou-o a continuar pela via indicada, e em 26 de Maio de 1577 pôde fazer-se outra vez á véla com um navio da marinha real e duas barcas para continuar a descobrir a passagem para a China [1]. A 16 de Julho, encontrou-se outra vez á entrada do que julgou ser o caminho maritimo para a Asia, e chamou á costa meridional *Queenesforeland* (Terra da Rainha), e á ilha no lado Norte Ilha de Hall, do appellido do piloto do navio. Frobisher julgou que esta ilha estava situada proximo da Asia, por cujas costas tomou as que limitavam o golpho, que tem ainda o seu nome, pelo lado Norte, pensando ter encontrado o caminho entre o Mundo antigo e o novo. Por este caminho entrou a 19 de Julho; e na costa septentrional, junto ao estreito de Warwick, assim chamado em honra da condessa Anna de Warwick, tornou a carregar a pyrite, que tinha recebido o nome de «mineral do Noroeste» e no qual o chimico italiano Agnello tinha sabido encontrar indicios de ouro. Frobisher não levou mais longe a sua exploração; o que não impediu que um dos seus companheiros de viagem, Jorge Best, chamasse emphaticamente ao supposto caminho «Estreito septentrional de Magalhães» [2].

A 24 de Agosto emprehendeu a expedição a sua viagem de regresso, e chegou a 17 de Setembro ao cabo Landsend, no extremo Sudoeste de Inglaterra.

Como ninguem duvidasse na Inglaterra de estar já descoberto o caminho entre a America e a Asia, tomou o govêrno as disposições que aconselhava a prudencia, para assegurar o monopolio d'esta róta abreviada, entre a Europa e a China. Para este fim enviou outra vez Frobisher, no anno de 1578, áquella região, mas com uma frota respeitavel de 15 embarcações, para tomar solemnemente posse d'aquellas terras, em nome da corôa de Inglaterra. A propria rainha deu o nome de *Meta incognita* á terra que limitava o caminho supposto do lado do Sul. Doze navios deviam carregar Noroeste e regressar á Inglaterra, e tres tinham ordem de estacionar á entrada do golpho e fortificá-la. Tendo tomado Frobisher esta vez uma direcção mais meridional, chegou primeiro á entrada do golpho de Hudson, cuja importancia não soube ver, certamente porque estava demasiado convencido de ter encontrado já o caminho tão desejado, no golpho do seu proprio nome, que acabava de visitar pela terceira vez, e por essa razão parecia-lhe mais prudente não perder tempo na exploração do novo golpho mais meridional. Comtudo, ao proseguir o seu caminho foi colhido e despedaçado um dos seus navios maiores, entre os bancos fluctuantes de gêlo. Por infelicidade era o navio que levava a bordo o madeiramento para a construcção do forte e do edificio para a gente que devia invernar ali. Salvou-se a tripulação, mas afundou-se o navio e o carregamento. Foi necessario então renunciar á colonia, e contentar-se com regressar á Inglaterra com carregamento de minerio, conforme fez em fins d'Agosto. Não tardou em conhecer-se que os minerios levados do Noroeste não tinham valor algum; mas para evitar a zombaria do público, cobriu-se o caso com o veu do esquecimento, tendo po-

---

(1) Veja-se Hakluyt, *Voyages*, III, 32.
(2) Hakluyt, *Voyages*, III, 58.

rém o cuidado de não trazer para a Europa nas expedições seguintes semelhante lastro inutil.

Sómente no nosso século, isto é, em 1862, se soube que o supposto caminho maritimo, que até então figurava em todos os mappas com o nome de Estreito de Frobisher, não existia, e que este marinheiro havia descoberto apenas mais um golpho. O americano Francisco Hall, foi quem pôs este ponto a claro.

Apesar dos resultados insignificantes das citadas expedições, formou-se poucos annos depois uma associação de commerciantes em Londres, sob a direcção de Guilherme Sanderson, com o fim de continuar os descobrimentos por aquelle lado. Confiou-se a expedição, composta de dois navios pequenos, o *Sunshine* e o *Moonshine,* aquelle de 50 e este de 30 toneladas, a João Davis, homem de sciencia e marinheiro prático e eminente [1], o qual se fez á véla a 7 de Junho de 1585, do porto de Dartmouth. Em 20 de Julho tocou na costa Sudeste da Groenlandia, provavelmente perto do cabo Discord; mas, desejando guiar-se pelo mappa de Zeno, unica auctoridade geographica então para aquellas regiões, julgou ter descoberto um novo país que chamou *Terra da Desolação,* pelo seu aspecto solitario e sem vegetação, pelas suas altas montanhas cobertas de neve e pelas suas costas inaccessiveis, por causa de uma faixa de gêlo que se extendia em frente d'ellas, até duas leguas pelo mar dentro. Dobrou o extremo meridional d'aquella terra e subiu ao Norte até os 64º 15', latitude em que passou á costa opposta, atravessando o estreito de mar que tem o seu nome. D'ali seguiu a costa accidentada da terra chamada de Cumberland, com muitas enseadas, bahias e penhascos, até os 60º 40' de latitude, dando os nomes dos seus amigos a grande numero de promontorios, caminhos e estreitos; percorreu parte do golpho de Cumberland, e sem averiguar se era golpho ou estreito, regressou a Inglaterra, onde chegou a 30 de Setembro.

Segundo as suas observações, o mar arctico permittia, com mais ou menos difficuldade, a navegação em várias direcções, que não tinha tido tempo de explorar; e por esse motivo no anno seguinte os patrocinadores da ideia confiaram-lhe quatro novos navios de 120, 60, 35 e 10 toneladas respectivamente. Para aproveitar melhor a estação favoravel do verão arctico, sahiu Davis um mês mais cedo que da primeira vez, e chegou a 15 de Junho á ponta mais meridional da Groenlandia; mas encontrando mais nevoeiros espessissimos e mais barreiras impenetraveis de gêlo que no anno anterior, chegou sómente a 1 d'Agosto até aos 66º 33' de latitude, ainda que sempre mais longe que o seu predecessor Frobisher. No regresso, quis penetrar no golpho de Cumberland, na firme convicção de que ali encontraria o caminho maritimo para a Asia; mas a 15 d'Agosto aquelle golpho estava ainda cerrado pelo gêlo, e Davis, não tendo mais campo de exploração, teve que seguir a costa até ao Sul. Chegando aos 57º de latitude na costa do Labrador, em 28 d'Agosto, absteve-se de seguir mais adiante, emprehendeu a viagem de regresso, e entrou a 6 d'Outubro no Tamisa. O resultado mercantil d'esta segunda expedição foi ainda menor do que o da primeira, exceptuando o descobrimento de riquissimas pescarias; comtudo Davis, conforme escreveu ao seu amigo Guilherme Sanderson, não perdeu a esperança de achar, em outra estação mais favoravel, o desejado caminho para a Asia, por quatro pontos differentes, isto é, pelos que hoje se chamam estreitos de Davis e de Hudson, e pelos golphos de Cumberland

---

(1) Veja-se A. H. Markham, *The voyages and works of John Davis the navigator.* Londres, 1880. (Hakluyt Society, tomo 59.)

e de Frobisher. N'aquella carta exprimiu, comtudo, a convicção, que o tempo confirmou, de que o continente americano acaba no Norte em um archipelago.

Sob estes auspicios foi possivel reunir recursos para uma terceira expedição a cargo do mesmo Davis, o qual se fez á véla do porto de Dartmouth em 19 de Maio de 1587, com dois navios maiores e outro pequeno. A 16 de Junho chegou ao estreito de Gilbert, que tinha visitado tambem nas suas viagens anteriores, situado no lado occidental da Groenlandia aos 64º de latitude, e a cuja entrada se acha hoje a colonia dinamarquesa de Godthaab. D'ali se dirigiu, a 21 de Junho, com o seu navio menor, que era um «clincher» com dois mastros, para o Norte, para explorar aquellas aguas, emquanto os dois navios maiores deviam occupar-se na pesca e aguardar 16 dias, tempo em que pensava estar de regresso. Mas em vez de esperá-lo, retiraram-se, deixando que o seu chefe se arranjasse como pudesse, quando voltasse da sua exploração. Davis, encontrando o mar desimpedido, seguiu a costa groenlandesa, até ao Norte, para além do circulo polar, e da ilha de Disko até os 72º 12' de latitude, e onde ainda tinha mar livre, para o Norte e Sul. Chamou ao ponto extremo aonde chegou no Norte, ao Sul de Upernivik, Hope Sanderson (Esperança de Sanderson), que não está a 72º 12', como calculou Davis, mas, sim, a 72º 42' de lat. Norte. Querendo dirigir-se d'ali a Oeste, penetrou a 2 de Julho no canal aberto, mas que arrastava verdadeiros ilhotes fluctuantes de gêlo, que o tiveram varios dias prisioneiro, até que emfim teve a sorte de poder sahir e passar á costa occidental, onde, em 31 de Julho e na noite seguinte, atravessou um golpho dilatadissimo, que forma a entrada do estreito de Hudson.

D'ali dirigiu o seu rumo para a Inglaterra, e fundeou no porto de Dartmouth a 15 de Setembro, convencidissimo da existencia d'um caminho maritimo no Noroeste, conforme escreveu poucos dias depois a Sanderson, e que a seguir sustentou em uma obra especial (1). N'esta obra explica tambem as causas que impediram a continuação das suas expedições por aquelle lado e que consistiam no eminente ataque da grande armada hespanhola, e na morte do seu protector influente, junto da rainha Isabel, o seu secretario Walsingham.

No periodo de 1591 até 1593 fez Davis uma viagem ao estreito de Magalhães ás ordens de Thomás Cavendish, e desde 1598 até 1605 várias viagens á India, até que na ultima, na costa oriental de Malaca, caíu nas mãos de piratas, que o mataram aleivosamente, em 29 ou 30 de Dezembro de 1605.

Não se falou mais de expedições ás regiões polares, até ao reinado de Jayme I, successor da rainha Isabel, no qual se tornaram célebres Hudson e Baffin, com os seus descobrimentos importantes.

Henrique Hudson (2) fez quatro viagens ás regiões arcticas, duas d'ellas interessantes para a questão do caminho do Noroeste. No anno de 1609 recebeu da Companhia Neerlandesa das Indias, fundada em 1602, o encargo de fazer uma nova tentativa para procurar um caminho maritimo para a China pelo Norte da Europa e da Asia, isto é, na direcção do Nordeste, para o que se pôs á sua disposição o yacht *Mezza luna;* mas, como sahiu demasiado cedo de Texel para o mar, em 27 de Março (estylo antigo), encontrou ainda, em principios de Maio, o mar gelado, apenas dobrou o cabo Norte

---

(1) Veja-se a obra de A. H. Markham citada anteriormente, e a mesma obra de Davis, *The Worldes hydrographical description.* Londres, 1595.

(2) Veja-se G. M. Ascher, *Henry Hudson, the navigator.* Londres, 1860. (Hakluyt Society. Vol. 27).

na Scandinavia, com o que perdeu toda a esperança de avançar por aquelle lado, e resolveu aproveitar melhor o tempo, passando á America do Norte, para procurar ali o desejado caminho para a China. Com esta ideia se dirigiu, nos fins do mês de Maio, das ilhas Löfoden ás Féroe e d'ali á Terra Nova, d'onde começou, desde os 35° 41' de lat. Norte, a registrar todas as bahias e enseadas do continente, navegando ao longo da costa em direcção Nordeste com a lentidão necessaria. Gastou um mês a explorar e determinar a corrente profunda, que tem desde então o seu nome e que explorou até perto de Albany. A grandissima importancia que deu a esta corrente, deu causa a que os hollandeses estabelecessem em pouco tempo na foz do rio Hudson uma colonia que chamaram Nova Amsterdam, e que caindo depois em poder da Inglaterra, trocou o seu nome pelo de Nova York e veiu a ser a cidade maior e mais rica da America.

No anno seguinte de 1610 acceitou Hudson, da Companhia inglesa «A Moscovita», o encargo de continuar as suas explorações por aquelle lado até ao Norte. Dirigiu d'esta vez a sua attenção ao grande golpho, notado já pelos seus predecessores Fro-

Carta do descobrimento do Mar do Sul, por Balboa.

bisher e Davis, ao Meio-dia da *Meta incognita,* ao fundo do qual presumia que devia existir o desejado caminho para o Grande Oceano. N'este grande golpho tinha penetrado já em 1602 Jorge Weymouth, cujo diario de bordo tinha sido facultado a Hudson, pelo erudito hollandês Pedro Plancius.

Entre os nobres patrocinadores das emprêsas e commercio maritimo ingleses como Sir Thomás Smith, Sir Francis Jones, Sir Dudley Digges, Sir John Wolstenholm, Sir James Lancaster, distinguiu-se o primeiro entre todos, pelo seu desprendimento generoso e patriotico, pelo seu zêlo desinteressado e pelos seus amplos e arrojados projectos, não só em favor do commercio inglês, como em geral em favor do augmento dos conhecimentos geographicos. Sir Thomás Smith era um dos socios mais activos da Companhia «A Moscovita», cujo objectivo e acção conheceremos no capitulo seguinte, e foi tambem um dos fundadores da Companhia Inglesa das Indias, fundada no anno de 1600, e em 1615 da «Companhia Commercial de Londres, para o descobrimento do caminho do Noroeste».

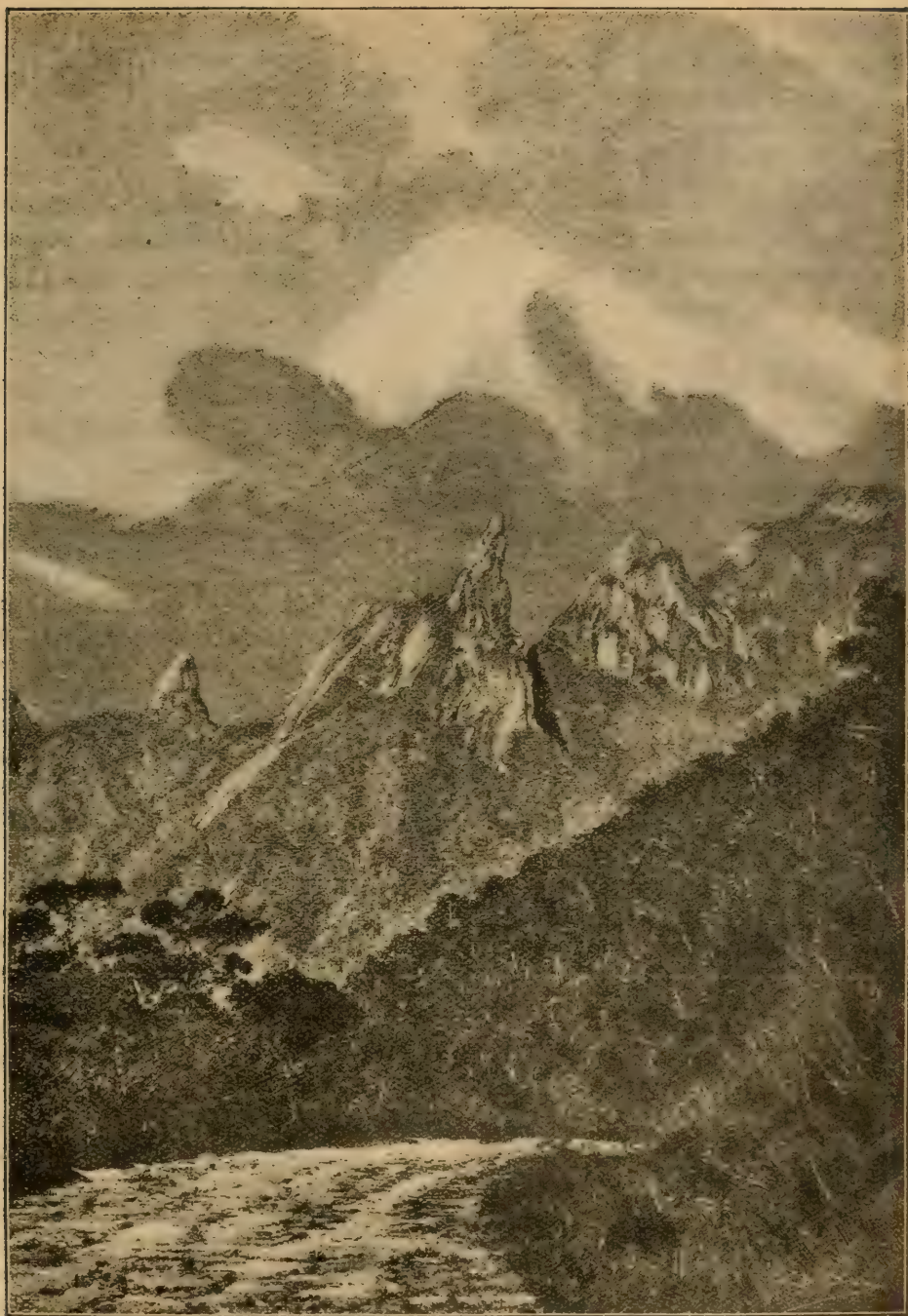
Antes de estabelecer-se esta ultima Companhia, associou-se Smith com os referidos seus amigos, para enviar Henrique Hudson com um navio, que chamaram *Discovery* (Descobrimento) ao Noroeste. Hudson acceitou, e os patrocinadores approvaram a sua ideia de explorar o golpho do Meio-dia da Meta Incognita, visitado já por Weymouth.

Em 24 de Junho chegou o navio defronte do estreito de Hudson, mas teve que retirar-se para evitar o embate dos bancos fluctuantes de gêlo, que saíam do golpho. Refugiou-se rapidamente na bahia de Ungava, e d'ali luctou tão penosamente com o gêlo, que a tripulação, cansada de tão duro trabalho, manifestou desejo de regressar á Inglaterra. Hudson não fez caso, e seguiu o seu rumo, mas com tanta difficuldade, que só em fins de Julho chegou á ilha de Salisbury, á sahida occidental do estreito, e então, vendo que a costa do Labrador ficava na direcção Sul, e que o mar que tinha diante era vasto, tomou a direcção do Sudoeste. Na costa septentrional immortalizou os protectores da expedição, chamando a um cabo Wolstenholm, a umas ilhas Digges e a outro cabo Smith. Ali acaba o diario do eminente marinheiro, não existindo outro documento sobre a continuação da expedição e do tragico fim de Hudson, senão as notas de Abacuc Prickett, serviçal de Sir Dudley Digges, que ia a bordo. Por elle se sabe que Hudson continuou a seguir a grande distancia a costa do continente e a fileira d'ilhas chamadas as Dormentes septentrionaes e meridionaes até á parte Sudoeste do golpho de James, aos 52º de lat. N., onde fundeou com intenção de invernar. Destituira o piloto e o contramestre por conspiradores, collocando nos seus logares Roberto Bylot e Guilherme Wilson. A 10 de Novembro estava o mar gelado em redor do navio de tal maneira que este já não pôde mover-se até ao mês de Junho do anno seguinte. O inverno foi tão inclemente, que o odio da tripulação contra o seu capitão austero, duro e inflexivel, chegou ao ultimo extremo, e o proprio Prickett escreveu no seu diario: «Em meados do mês de Novembro falleceu o nosso mestre espingardeiro John Williams: Deus perdoe ao capitão o modo cruel como tratou este homem.»

No mês de Junho de 1611 achou-se o navio outra vez em condições de navegar e em caminho para o cabo Wolstenholm, mas não tardou em estalar a rebellião, ao ameaçar Hudson os rebeldes com desembarcá-los e abandoná-los em uma d'aquellas ilhas inhospitas, não obstante figurar entre os chefes da conspiração Henrique Green, a quem Hudson tinha recolhido, criado e educado em sua casa e trazia na sua companhia á sua custa, porque «tinha bôa lettra». Os sublevados, a verem-se expostos n'aquellas praias geladas, preferiram expôr o seu capitão. Apoderaram-se, pois, de Hudson emquanto dormia, ataram-no e metteram-no com seu filho, criança ainda, e oito companheiros fieis, em uma chalupa. Estes infelizes pereceram, pois nunca houve notícias d'elles; mas o ingrato Green recebeu o castigo, porque a 29 de Julho morreu com alguns companheiros ás mãos dos indigenas, perto das ilhas de Digges. O navio regressou á Inglaterra.

Em procura de Hudson e dos seus companheiros de infortunio fôram enviados em 1612 dois navios ás ordens de Thomás Button e Ingram, fazendo parte da expedição Roberto Bylot, como piloto e Abacuc Prickett; mas não descobriram o menor indicio dos desgraçados, não obstante percorrerem a costa septentrional e occidental do golpho até ao rio Nelson, onde invernaram, tendo por casualidade um inverno extraordinariamente benigno, e estando o navio encerrado no gêlo sómente de 16 de Fevereiro até 5 d'Abril.

Tendo observado no porto de Nelson uma maré de 15 a 18 pés, inferiu-se ao seu regresso, á Inglaterra, que o golpho de Hudson devia communicar no seu lado Sudoeste com o Grande Oceano, porque n'um mar interior, não podiam alcançar as marés tão grande altura, e era evidente que, se ao golpho chegava a maré d'Oeste, havia de existir por ali a communicação que procurava. Button não duvidou um momento da existencia d'este caminho maritimo.

O mesmo navio, *Discovery*, que fôra commandado por Hudson e Button, e que em

Picos da Serra dos Orgãos, perto de Therezopolis.

1614 havia feito com o capitão Gibbons a viagem á costa do Labrador, saiu outra vez em 1615 para aquellas regiões, ás ordens de Roberto Bylot e Guilherme Baffin ([1]). Este ultimo conhecia já o mar arctico, porque em 1612 tinha ido com James Hall na qualidade de piloto á costa occidental de Groenlandia, para descobrir indicios dos antigos estabelecimentos normandos. Depois tinha ido nos dois annos seguintes a Spitzberg ao serviço da Companhia inglesa, chamada vulgarmente moscovita, com duas expedições numerosas. O passar do serviço d'esta ultima companhia á do Noroeste, que ali enviára o *Discovery*, tinha sido muito facil, porque ambas eram dirigidas pela mesma pessoa, o já citado Thomás Smith. Baffin, além da sua prática e experiencia, era um dos marinheiros mais instruidos da sua época, que unia á paixão pelas observações scientificas o arrojo, paciencia e decisão do explorador arctico.

Ainda que muito superior n'este conceito ao capitão Bylot, sujeitou-se só por amor á sciencia a tomar parte na expedição na qualidade de piloto.

A 27 de Maio penetraram os dois marinheiros com o seu navio no estreito de Hudson, onde pouco depois Baffin tratou pela primeira vez de determinar no alto mar a longitude pelas distancias da lua, methodo que tinha sido ensinado já em 1514 pelo astrónomo João Werner de Nuremberg, mas que ainda não havia sido posto em prática. A 3 de Julho, achando-se o navio perto da ilha de Mills, situada no extremo Noroeste do citado estreito, tratou o capitão de dirigir-se ao Norte através do estreito de Fox, mas mesmo ali nada indicava a possibilidade de um caminho maritimo ao outro Oceano, porque as marés que observou vinham de Léste, isto é, do Atlantico. Não foi assim quando os expedicionarios chegaram á grande ilha de Southampton a Oeste do estreito de Fox, onde observaram uma maré que vinha do Norte, o que reanimou a esperança de encontrarem o que procuravam. Por este motivo chamaram a um promontorio ali situado, aos 75º de lat., Cabo do Conforto, no primeiro momento de alegria, mas no dia seguinte veiu o desengano, porque viram limitado todo o horizonte desde o Noroeste até o Nordeste por terra firme com a sua faixa amplissima de gêlo, e notaram uma fraca maré, de fórma que ali de modo algum podia desemboccar um canal que unisse os dois Oceanos.

D'ali regressaram ao extremo Sueste da ilha de Southampton, e fundearam no alto mar para melhor observarem as marés e sua direcção. Ali notaram que a da maré alta, era de Sudeste a Noroeste, e a da maré baixa de Noroeste a Sudeste; e ainda que pouco pronunciada em ambos os casos, bastou para desilludir completamente todos os que acreditavam na existencia da passagem maritima desejada e procurada no golpho de Hudson. Em vista d'isso, prepararam os expedicionarios o seu regresso e fundearam a 6 de Setembro no porto de Plymouth sem ter tido uma só baixa na tripulação em toda a viagem.

Desenganado por este lado, disse Baffin que só podia encontrar-se a passagem desejada no prolongamento do estreito de Davis. Para averiguá-lo foi mandado outra vez com Bylot e o mesmo navio no anno seguinte, 1616, á mesma região; e d'esta vez encaminharam-se directamente ao estreito de Davis e chegaram a 30 de Maio a Hope Sanderson, aos 72º 42′ de lat. Norte; ponto d'onde começaram as suas explorações proprias. Até 10 de Junho seguiram a costa da Groenlandia para o Norte; uma tentativa para se afastarem da costa e abrirem caminho para a parte Oeste do golpho por en-

([1]) Veja-se Clements R. Markham, *The voyages Williams Baffin*. Londres, 1881. (Hakluyt Society.)

tre os pedaços fluctuantes de gêlo, não deu resultado e foi mistér voltar á róta da costa. Continuaram, pois, costeando em direcção Norte até ao estreito das Baleias, aos 77º 30′ de lat., chamado assim pelo grande numero d'estes cetaceos que viram, e mais além até ao estreito de Smith, a cuja entrada estiveram á mercê dos ventos e do mar agitado por causa do espesso nevoeiro. Ao chegarem ao outro lado do estreito, acharam-se a 10 de Julho na abertura do estreito de Jones, e a 12 na do de Lancaster, onde realmente se encontrou o navio á entrada da buscada passagem maritima do Noroeste; mas os expedicionarios não a conheceram, porque, embora o darem áquella foz o nome de «Sund», que significa estreito, não queria dizer isto que cressem ter encontrado uma passagem maritima de Oceano a Oceano. Baffin mesmo escreveu: «A partir do estreito de Lancaster foi diminuindo a nossa esperança d'encontrar uma passagem maritima, porque depois d'aquelle ponto separava-nos constantemente da costa um banco ininterrupto de gêlo, ao longo do qual seguimos até 14 de Julho, data em que vimos extender-se a terra firme até aos 70º 30′ de lat. Norte. Querendo atravessar os gêlos fluctuantes na direcção Léste para chegarmos ás aguas da Groenlandia, ficámos encerrados entre os pedaços de gêlo, que nos arrastaram para o Sul até aos 65º 40′ de lat. Norte.»

Isto e os muitos doentes que havia a bordo fizeram que Baffin renunciasse a continuar as suas explorações da costa occidental, e regressou, em consequencia d'isso, á Inglaterra, lançando ancoras no porto de Dover a 30 d'Agosto.

N'uma carta que escreveu depois a João Wolstenholm, declarou Baffin a sua convicção de que o golpho do seu nome, ao Norte do estreito de Davis, não dava passagem para qualquer estreito, como elle proprio havia acreditado antes de convencer-se por seus proprios olhos do contrario; e fechou a carta com as seguintes palavras: «Posso assegurar sem nenhuma especie de jactancia que nunca se fizeram em menos tempo descobrimentos mais uteis, se se tem em conta as difficuldades que offerecem a uma navegação tão proxima do polo os gêlos e o incrivel desvio da agulha magnetica, que a não empregar cuidados constantes tornam impossivel o traçado d'um mappa exacto.»

Posteriormente quis o mesmo marinheiro procurar a passagem maritima pelo Norte da America, porque entrou ao serviço da companhia das Indias, com o concurso da qual talvez contasse, para realizar a sua ideia favorita; mas a morte frustrou o intento. Depois de ter feito uma viagem á India, recebeu da Companhia o encargo d'expulsar os portugueses d'Ormuz, de combinação com o schah Abás da Persia; e em 23 de Janeiro de 1622 matou-o uma bala de canhão durante o cêrco d'aquella praça (1).

Dois séculos se passaram, sem que se voltasse a fazer tentativa alguma para explorar a parte septentrional da bahia de Baffin, se bem que as expedições baleeiras percorressem aquellas aguas sem cessar e com resultados economicos muito proveitosos. Até ao anno 1818 ninguem mais se preoccupou com a passagem maritima pelo Noroeste; mas, desde o referido anno, tornou a agitar-se na Inglaterra esta questão e depois d'um grande numero d'explorações heroicas e brilhantes, Mac Clure pôde demonstrar até á evidencia em 1850 a existencia da passagem maritima, cuja emboccadura oriental se encontra na bahia de Baffin e segue ao longo do estreito de Lancaster. Verdade seja que não foi ainda possivel realizar esta viagem pelo Norte da America por causa dos obstaculos extraordinarios que offerecem n'aquella região os gêlos. O beneficio material que produziram tantas expedições ao Norte continuou a ser grande para o commercio

(1) Cf. Luciano Cordeiro — *Como se perdeu Ormuz* — Lisboa, Imp. Nacional, 1896, cap. VII.

inglês durante o século XVII, pois no anno 1631 saíram outras duas expedições distinctas, uma commandada pelo capitão Fox para explorar a parte septentrional, e outra ás ordens de James para visitar a parte meridional da bahia de Hudson; e depois, em 1670, formou-se por incitamento do principe Roberto uma «Companhia de aventureiros ingleses» para commerciar na bahia de Hudson, principalmente em pelles. Esta companhia chegou a absorver todo o commercio d'America do Norte, e a ella deveu e deve a Inglaterra a sua influencia e poderío passado e presente em toda a metade septentrional d'aquelle continente.

CAPITULO V

A passagem do Nordeste

1. — Tentativas dos ingleses para buscarem a passagem do Nordeste, e a Companhia Moscovita

Sebastião Cabot, que com seu pae, como vimos, foi o primeiro que propôs na Inglaterra buscar a passagem do Noroeste para a India, foi tambem o iniciador do pensamento de procurar uma communicação maritima entre a Europa e os países mais ricos da Asia, passando pelo Norte e Nordeste dos do continente euro-asiatico. Verdade seja que o filho, Sebastião Cabot, não capitaneou nenhuma expedição ao Nordeste, porque era já octogenario quando propôs este projecto, mas prestou á emprêsa a sua grande experiencia e o seu efficaz impulso.

Surprehende á primeira vista que se haja esperado até ao anno 1553 para se fazer pela primeira vez uma tentativa em demanda d'uma communicação maritima com a China e a India, pelo Norte da Europa e da Asia; esta demora explica-se, porém, consultando os mappas d'aquella época, que demonstram que as regiões polares eram desconhecidas, ao passo que as costas africanas e as da America do Sul estão traçadas já com mediana exactidão. Os italianos, que eram os mestres da cartographia, traficavam e navegavam em todas as partes conhecidas e que iam sendo descobertas, menos no extremo Norte da Europa e menos ainda que em nenhuma parte, no Norte da Escandinavia. O commercio com estas terras até Bergen e Drontheim estava principalmente nas mãos das cidades anseaticas, e estas não usavam cartas de marear, mas de instrucções escriptas e livros de nautica. Pelos melhores mappas d'aquelle tempo se vê que se continuava a acreditar n'uma communicação continental entre o Norte da Europa e a Groenlandia, como o provam os mappas de Nicolau Doniz no Ptolomeu, impresso em Ulm, em 1482; o mappa-mundi de 1513 e o de Jacob Ziegler publicado no anno 1532 em Strasburgo. Com esta crença era naturalmente escusado pensar n'uma communicação maritima, entre as costas occidentaes da Escandinavia e o Mar Branco.

Todavia desde o século XV, pelo menos, se amiudavam as viagens entre o Mar Branco e occidente norueguês, das quaes ao sul não se sabia coisa alguma. O mesmo póde dizer-se do que faziam as pequenas e frageis embarcações russas, algumas das quaes chegaram até á Nova Zembla e até á entrada do Mar de Kara. No século XVI, navios ingleses encontraram assignalada com cruzes a entrada d'um porto seguro na costa occidental do «País Novo». No anno de 1496, um enviado russo, chamado David, fez a travessia desde o Dwina até Drontheim por mar, segundo refere Segismundo de Herberstein, que foi mandado duas vezes, em 1517 e 1526, pelo imperador da Allema-

nha, na qualidade de embaixador, a Moscow [1]. Um membro d'esta embaixada, Gregorio Istoma, menciona o castello norueguês Vardöhuus, para além do cabo do Norte, castello que n'aquella época existia já para guardar a fronteira por aquelle lado, e designa a costa da peninsula de Cola que desde o referido forte se dirige para o Sul com o nome de costa murmana, que significa *normanda,* o que prova que em época anterior foi visitada já por marinheiros scandinavos, e que estes conheciam havia muito tempo as costas septentrionaes da Europa; mas, como dissemos, este conhecimento não sahiu d'aquelles povos, a não ser como um rumor vago. Gomara, na sua *Historia geral,* impressa em Antuerpia em 1554, diz (fl. 16 verso): *Agora ha muita notícia e experiencia como se navega da Noruega até passar por baixo do proprio Norte,* e (na fl. 10): *E continuar a costa para o Sul á volta da China. Olao Godo* (bispo sueco chamado tambem *Magno,* a quem Gomara conheceu em Roma) *me contava muitas coisas d'aquella terra e navegação.* Este mesmo bispo Olao Magno, no mappa da sua *Historia dos povos septentrionaes,* publicada em 1567 em Basileia [2], traz erradamente o extremo Norte da Escandinavia a 84° de lat. Norte, ao passo que muito antes, em 1525, o cartógrapho florentino Verrazzano o colloca exactamente aos 71°, como se vê na sua carta a Francisco I de França, que já mencionámos n'outra parte, na qual diz: «O extremo da Europa, que é o da Noruega, está a 71 graus» [3].

Póde dizer-se que as primeiras notícias exactas sobre as costas septentrionaes, ou antes, arcticas da Europa, fôram devidas ás narrações referidas de Herberstein, e não seria para extranhar que a sua obra, na qual se mencionam os rios Obi e Irtich da Siberia, tivesse resuscitado algum projecto antigo de Cabot, e que este projecto tivesse parecido mais realizavel depois de adquiridos os conhecimentos novos ou como n'outras emprêsas arrojadas havia succedido, em consequencia d'um grande êrro ou illusão, que augmentou o enthusiasmo. O caso foi que, segundo soubera Herberstein, o rio Obi sahia do lago Kitaisk, e d'esta notícia se deduziu como coisa indubitavel que um lago d'este nome só podia estar situado perto do Catai ou Quitai, ou seja da China; de maneira que, podendo chegar-se por mar ao rio Obi, tambem se chegaria remontando-o ou seguindo a costa, até á China, apesar do obstaculo não invencivel do promontorio de Tabin, que os cartógraphos collocaram n'aquella região, segundo uma notícia mal interpretada de Plinio (liv. VI, 20), e que se prolongava nada menos que até aos 75° de lat. Norte.

Este promontorio existe realmente sob o nome de Chellusquin e extende-se até aos 77° 36', segundo provaram os exploradores, que chegaram até ali no século passado, sendo verdadeiramente um enygma como pôde chegar a notícia da sua existencia ás nações antigas. Verdade seja que a historia da sciencia geographica offerece-nos outros exemplos de previsão, pois que quatro annos antes de Magalhães descobrir o estreito do seu nome, traçou-o já no seu mappa o allemão Schöner, como traçou igualmente o promontorio de Tabin, de que acabámos de falar. O estreito de Behring figura já com o nome de Aniano nos mappas do século XVI, como divisoria do Mundo antigo do novo.

Não escapou a Cabot que uma exploração das costas septentrionaes da Europa e

---

(1) Veja-se *Rerum Moscoviticarum comentarii; Navigatio per mare glaciale.* Parte II, fl. XXVIII. Vienna, 1549.

(2) *Historia de gentium septentrionalium variis conditionibus*, Basileia, 1567.

(3) Veja-se Asher, *Hudson the navigator,* pag. 226.

da Asia feita com o fim de encontrar por aquelle lado uma communicação maritima, requeria recursos muito consideraveis, que só podiam esperar-se do patriotismo do commercio inglês. Effectivamente, em 1553, quatro annos depois da publicação do livro de Herberstein, conseguiu Cabot a formação de uma sociedade mercantil destinada a fazer concorrencia á liga anseatica, que se jactava de possuir privilegios importantes, concedidos pelo proprio govêrno inglês. Esta sociedade nomeou Cabot seu presidente vitalicio e constituiu-se sob a designação seguinte: *Mistery, Company and fellowship of merchant adventurers for discovery of unknown lands;* que indicava o proposito de abrir ao commercio inglês países novos e desconhecidos, onde não encontrasse competidores, taes como a liga anseatica e outros.

A primeira expedição que esta sociedade preparou, consistiu em tres navios de 160, 120 e 70 toneladas, commandados por Sir Hugo Willoughby, por ser «muito perito na arte da guerra». Sob as suas ordens iam os capitães Ricardo Chancellor e Estevão Burrough. Fizeram-se á véla do Tamisa a 10 de Maio (estylo antigo) de 1553, victoriados pelo povo inglês que accorrera para vê-los partir ([1]). A 27 de Julho fundearam junto ás ilhas Lofoden e d'ali tomaram rumo ao Norte. Em meados d'Agosto uma tempestade dispersou os tres navios. Willoughby com o seu navio e o mais pequeno dos tres fôram levados muito para além do cabo Norte, que n'esta occasião adquiriu pela primeira vez importancia para a marinha europeia, até uma costa plana e inaccessivel, por causa do gêlo, que, talvez, era a ilha Colguyeff ([2]). D'ali voltaram os dois navios para trás e a 18 de Setembro chegaram á costa da Laponia, onde Willoughby determinou invernar no pequeno rio Barsina (antigamente Arzina), aos 68º 20' de lat. Norte; mas, como nenhuma prática tinha dos invernos polares, morreram elle e toda a tripulação dos dois navios. Em 1555 alguns marinheiros russos encontraram o lúgubre acampamento, e levaram o cadaver do chefe da desgraçada expedição para a Inglaterra.

O terceiro navio da expedição, do commando de Ricardo Chancellor, vendo-se só, depois da tempestade do mês d'Agosto, atracou em Vardöhuus, onde esperou uma semana pelo chefe e pelos outros dois navios; e, como não chegassem, continuou só a exploração até um pequeno convento, que achou junto á foz do rio Dwina no Mar Branco, onde agora se acha a cidade de Arcángel. Ali encontrou Chancellor acolhida hospitaleira para elle e para a sua gente. O czar, que então residia em Moscow, avisado por correios montados da chegada d'um navio inglês áquelle ponto extremo do Imperio, desejou vêr o capitão e convidou-o a passar com a sua gente a Moscow, onde ficaram, effectivamente, a maior parte do inverno, regressando depois com o seu navio á Inglaterra em 1554.

O programma da Sociedade fundada por Cabot de buscar terras desconhecidas e entrar com os seus habitantes em relações commerciaes, tinha-se cumprido; e a Russia não deixou escapar este descobrimento da communicação maritima entre as suas costas septentrionaes e a Europa occidental, fomentando esta via mercantil. Do mesmo modo o govêrno inglês concedeu fóros á companhia descobridora chamada vulgarmente por isso a *Companhia moscovita.* Esta companhia ainda existe sob a denominação de «Associação de commerciantes ingleses para o descobrimento de novos mercados»

([1]) A narração d'esta viagem encontra-se na collecção Hakluyt *Principal Navigations.* Londres, 1598, pags. 234 e segs.

([2]) Veja-se Nordenskjold, *A circumnavegação da Asia e da Europa,* I, 58.

(Fellowship of English merchants for discovery of new trades); mas o seu archivo, que certamente continha documentos importantes para a historia do commercio d'Inglaterra, foi destruido em 1666 n'um incendio.

O bom resultado obtido pela primeira expedição exploradora não fez perder de vista na Inglaterra o grande objectivo de buscar o caminho da India; e em 1556 fôram mandados Chancellor outra vez ao convento de Cholmogury (Arcángel), e Estevão Burrough [1] com ordem de chegar até á foz do rio Obi, esforçar-se ainda por descobrir a passagem do Nordeste *(intending the discovery of the north-east passage).* Cabot, apesar da sua avançada idade, cuidou pessoalmente dos preparativos e despediu-se do capitão Burrough a bordo do navio, quando se fez á véla em Gravesend a 27 d'Abril.

Chancellor fez a sua viagem; mas naufragou e pereceu á volta na costa da Escossia, perto de Aberdeen. Burrough encontrou a 11 de Junho, além do cabo Norte, na costa da Laponia, barcos de véla e remos, russos, que ensinaram ao capitão inglês a derrota para chegar á foz do Petchora. O facil manejo e a grande velocidade d'estas embarcações permittiam aos seus tripulantes chegar a pontos onde os navios maiores não tinham penetrado nem tinham tido interêsse em penetrar até então, e isto explica que aquelles povos do Norte tivessem conhecimento exacto das costas do Mar Glacial.

A 15 de Julho, entrou Burrough no mencionado rio e cinco dias depois seguiu a sua marcha pela costa meridional da Nova Zembla. Por este nome conheciam já os russos aquella lingua de terra que forma duas ilhas e limita o Mar de Cara a Oeste. Burrough navegou na direcção Oeste até que o patrão d'uma barca russa o convenceu de que para encontrar o rio Obi tinha que retroceder e dirigir-se a Léste, para o que lhe deu as explicações necessarias. Seguiu o capitão inglês o conselho e chegou até á ilha de Vaigach, onde permaneceu algum tempo; quando, porém, quis penetrar a 23 d'Agosto no Mar de Cara, surprehendeu-o uma tempestade terrivel, que o obrigou a voltar atrás. Quis invernar junto ao Dwina e continuar a sua viagem ao Obi no anno seguinte; mas mudou de resolução e regressou á Inglaterra.

A companhia «Moscovita» abandonou por então os seus projectos de descobrimento da communicação maritima e da foz do Obi, e cingiu-se ao commercio com a região do Dwina, provavelmente em consequencia da morte de Cabot, occorrida em 1557, cujo plano ficou abandonado até que Frobisher fez tentativas n'este sentido, se bem que sem resultado, nos annos de 1575 a 1577. Então mandou a companhia mencionada outros dois navios ao rio Obi e á China, commandando um Arthur Pet, que fizera a primeira viagem como marinheiro ás ordens de Chancellor, e o outro Carlos Jakman. Estes navios fizeram-se á véla do porto de Harwich a 30 de Maio de 1580 e, depois de passarem o cabo Norte, separaram-se. O capitão Pet passou pelo Norte da ilha de Vaigach, pelo estreito do Mar de Cara, e depois a Sudeste entre a costa e um immenso campo de gêlo e, finalmente, teve que refugiar-se n'um porto da costa oriental da ilha de Vaigach, onde se reuniu outra vez com o seu companheiro, o capitão Jakman. Como os dois navios tivessem recebido avarias graves dos blocos de gêlo, resolveram os dois capitães retroceder e abandonar o Mar de Cara, que fôram os primeiros a visitar. Pet chegou a 26 d'Outubro á Inglaterra, e Jakman passou o inverno na costa da Noruega, d'onde na primavera seguinte fez uma viagem n'um navio dinamarquês á Islandia, não se tornando mais a saber d'elle.

Nordenskiöld diz na sua «Circumnavegação da Europa e Asia» o seguinte a res-

[1] Hakluyt, *Principal Navigations,* Londres, 1598.

peito d'estes capitães: «Pet e Jakman fôram os primeiros navegantes e exploradores da passagem do Nordeste, que se arriscaram por entre os bancos fluctuantes de gêlo, emprêsa em que se illustraram pela sua circumspecção e arrojo, e a elles pertence a gloria de terem sido os primeiros marinheiros que entraram com os seus navios, partindo da

Nordenskjöld.

Europa occidental no Mar de Cara.» Barrow ao contrario, e com injustiça manifesta, considerou a ambos como marinheiros vulgares ([1]), e, comtudo, não houve posterior-

([1]) Barrow. *A chronological history of the voyages into de arctic regions.* Londres, 1818, pag. 99.

mente nenhum capitão inglês que fizesse o que elles fizeram, sendo certo, todavia, que não houve tambem outras expedições inglesas que continuassem as explorações da passagem do Nordeste, porque os hollandeses se encarregaram d'ellas.

2.—As expedições hollandesas em demanda da passagem do Nordeste e a contenda pela posse de Spitzberg

Os hollandeses não tardaram a seguir as pisadas dos ingleses em demanda da passagem do Nordeste. Quando o capitão Estevão Burrough regressou ao seu país, depois de ter passado um inverno em Arcángel, encontrou para além de Vardöhuus hollandeses, que se estabeleceram em Cola e traficaram com os lapões nas costas da Laponia. De Cola, em 1566, dois negociantes de Antuerpia, Simão de Salingen e Cornelio de Meijer, seguiram por mar toda a costa até ao rio Onega e d'elle passaram a Moscow.

Mais importante para o commercio da Hollanda com o Mar Branco foi a viagem do commerciante Oliveiro Brunel, de Bruxellas, que, depois de ter chegado em 1565 a Cola, em um navio hollandês, navegou até Arcángel, ou seja até ao convento de Cholmogory, em uma pequena barca de pesca, russa. Os ingleses, movidos de inveja, fizeram crêr aos russos que Brunel era um espião, e conseguiram que fôsse preso em Jaroslaff, na região superior do Volga; mas, por intercessão dos irmãos Anikieff, commerciantes russos, recuperou a liberdade, e, agradecido aos seus protectores, trabalhou para elles durante muitos annos, viajando por conta d'elles em todo o Norte da Russia até ao rio Petchora e adquirindo, por conseguinte, um conhecimento exacto de todas aquellas dilatadas terras. Desejando, além d'isso, abrir ás mercadorias russas mercados no Occidente, dirigiu-se com alguns parentes dos irmãos Anikieff á colonia hollandesa de Cola, onde contractou um navio hollandês e n'elle passou com os seus companheiros a Dordrecht. O resultado d'esta viagem foi tão proveitoso, que deu logar a relações mercantís seguidas entre a Russia, a colonia de Cola e a Hollanda, servindo Brunel d'aí por diante de agente entre as praças do commercio principaes d'esta linha [1].

No anno 1577 Brunel regressou a Moscow em companhia de João van de Valle, representante da casa hollandesa de Gillis van Eychelberg, por uma Hoofman, e ainda no mesmo anno induziu esta casa a mandar o primeiro navio hollandês ao rio Dwina. Não tardaram em fazer o mesmo outras casas hollandesas e logo se estabeleceu ali permanentemente Melchior de Moucheron, como feitor e representante de seu opulento irmão Balthazar de Moucheron. O primeiro persuadiu em 1584 o capitão Adriano Krijt, a que procurasse um ancoradouro melhor que a bôcca do rio chamado de Pudochensko, na qual até ali tinham habitualmente ancorado os navios hollandeses. O capitão encontrou o sitio desejado junto ao convento dedicado ao archanjo S. Miguel, e em breve se desenvolveu ali uma população chamada Nova Cholmogory ou Arcangel, tão próspera que os ingleses se viram na necessidade de transferir tambem para ella a sua feitoria em 1591.

Em 1581 voltou Brunel aos Países Baixos, sua patria, com o fim de contractar marinheiros hollandeses para quatro navios que os irmãos Anikieff haviam feito construir na Suecia, expressamente para abrirem relações mercantís com o país do Obi. Passando

---

[1] J. K. J. de Jonge. *De opkomst van het Nederlansch Gezag in Oost-India.* Gravenhague, 1862, pag. 10. — S. Muller *Geschiedenis* Der Noordsche Compagnie. Utrecht, 1874.

pelo Baltico, Brunel visitára o cosmógrapho João Balak em Arensberg, povoação principal da ilha de Oesel. Este sabio deu-lhe uma carta de recommendação para Gerardo Mercator, o cartógrapho mais célebre da sua época, a quem ao mesmo tempo communicou os dados, que Brunel lhe fornecera sobre a região arctica da Europa e da Asia.

N'esta carta descreveu Balak com muita exactidão o Petchora, Vaigach e o Mar de Cara, ao passo que são muito vagos os dados que fornece sobre o país para além do Obi; porque apresenta o famoso lago de Catai, que se suppunha que desaguava no Obi, como limitrophe e até parte integrante da China, e chama ao povo que habita nas suas margens *caracalmaco* (¹). Os informes de Brunel confirmaram os dados de Pet e Jakman que no anno antecedente tinham penetrado no Mar de Cara, como sabemos.

Brunel deixou a casa que representava e, talvez para conquistar para o seu país a honra e o proveito d'estabelecer um tráfico directo entre a Europa occidental e as bôccas do Obi, organizou com varios capitalistas hollandeses uma expedição, com a qual se dirigiu em 1584 ao Mar de Cara; mas a unica coisa que se sabe d'esta emprêsa é que perdeu o seu navio na viagem de regresso junto ao Petchora, razão por que não voltou á Hollanda, passando á Dinamarca, onde offereceu os seus serviços para organizar expedições á Groenlandia. Ali acabam as notícias que se teem d'elle: sabe-se, porém, que já não existia quando os hollandeses realizaram as suas grandes explorações na direcção Nordeste, cuja iniciativa pertence a Balthazar Moucheron, que em fins de 1593 apresentou a Mauricio d'Orange e Oldenbarneveldt o projecto d'ir pelo Mar de Cara á China, offerecendo-se para encarregar-se da quarta parte das despesas. Os Estados Geraes, comtudo, depois d'estudarem detidamente este projecto, resolveram em 16 de Maio de 1594 fazer toda a despesa por conta do Estado, para o que o almirantado da Zelandia e da Hollanda do Norte preparou dois navios, e o govêrno de Amsterdam, a incitamento do cosmógrapho Pedro Plancius, um terceiro navio e ainda um yacht. Os quatro navios deviam partir ás ordens do capitão Cornelio Nay, de Enkhuizen, até á ilha Kildin na costa da Laponia, e d'ali separarem-se. Os dois navios armados pelos Estados Geraes tinham ordem de passar pelo estreito de Vaigach ao Mar de Cara e d'ali ao cabo Tabin e até ao estreito de Aniano, e o navio e o yacht levavam instrucções para darem a volta á Nova Zembla a fim d'evitarem o Mar de Cara, do qual se estava em dúvida se communicava ou não com o Oceano Glacial, ao passo que se julgava relativamente facil o giro pela Nova Zembla, porque Plancius seguia a opinião de Mercator, que escrevera no seu mappa ácêrca da região polar: *Euripus ob celerem fluxum nunquam congelatur;* isto é, que «o Mar Glacial nunca se congela por causa da rapida alternativa das marés».

Cornelio Nay era já prático n'aquellas aguas, porque visitára diversas vezes o Mar Branco por conta de Balthazar de Moucheron. O segundo navio era commandado pelo capitão Brandt-Tetgales (tambem natural de Enkhuizen), e os navios de Amsterdam por Guilherme Barendszon. Saíram juntos a 5 de Junho de 1594 do Texel, juntos chegaram a 23 do mesmo mês a Kildin, onde se separaram. Nay com Tetgales dirigiu-se, a 2 de Julho, ao estreito de Vaigach; a 5 viu-se rodeado de gêlos; a 18 chegou felizmente á foz do Petchora; a 21 fundeou na costa de Vaigach e no 1.º d'Agosto continuou, passando pelo estreito chamado de *Nassau* pelos hollandeses, até ao Mar de Cara, onde a principio teve que luctar ainda com blocos de gêlo. Comtudo, encontrando a 11

(¹) A carta d'este Balak acha-se impressa na obra de Hakluyt, I, 309. Londres, 1598.

d'Agosto, aos 71º de lat. Norte o mar desembaraçado, não duvidou já de ter encontrado a passagem maritima da Asia oriental; e, julgando ter passado a foz do Obi, pois por tal tomára a bahia de Cara, e ter chegado até ao promontorio de Tabin, contentou-se com este resultado e dispôs o seu regresso á Hollanda.

A 16 d'Agosto encontrou-se com os navios de Amsterdam, que de Kildin se haviam dirigido a Nordeste. O capitão Barendszon, que os commandava, vira a 4 de Julho, aos 73º 25', a costa occidental da Nova Zembla que seguiu até aos 78º, onde, junto ao cabo Glacial, encontrou uma immensa planicie de gêlo que o obrigou a voltar atrás; mas várias cruzes collocadas na costa d'uma ilha situada a 77º 55' convenceram-no de que os russos tinham já chegado pelo menos até ali antes d'elle.

As duas expedições regressaram juntas á Hollanda, onde pareceu tão favoravel o resultado e, especialmente, a notícia de Nay ter encontrado o mar desimpedido até Tabin, que o govêrno resolveu seguir ávante e, afim de apoderar-se do monopolio d'esta communicação maritima, fortificar o estreito de Nassau. Em consequencia d'isso, preparou por uma resolução de 9 de Maio de 1595 uma esquadra mais numerosa para abrir «a navegação para os reinos da China e do Japão [1]», não duvidando nem por sombras do completo exito da emprêsa. A esquadra compunha-se d'esta vez de 7 navios, 2 de Amsterdam, 2 da Zelandia, 2 de Enkhuizen e 1 de Rotterdam, carregados até alguns com mercadorias para a China. O commando em chefe foi confiado ao mesmo Cornelio Nay; Tetgales foi nomeado segundo chefe e Barendszon piloto-mór. Além d'estes, faziam parte da expedição Lindschoten, o historiador d'estas viagens, e com caracter de commissarios do govêrno Hermskerk e Rijp [2]. Perdeu-se, porém, demasiado tempo nos preparativos; de modo que a frota fez-se tarde ao mar, saindo a 2 de Julho do Texel. Quando chegou ao cabo Norte eram 10 d'Agosto, e a 17 encontrou já bancos de gêlo fluctuantes, se bem que, apesar d'isso, conseguiu a 24 passar o estreito e entrar no Mar de Cara. Ali as massas de gêlo cada vez mais formidaveis e compactas impelliram os navios até á ilha de Vaigach. Todas as tentativas que então fez Barendszon para atravessar o circulo de gêlo, em que se via encerrado, fôram infructiferas; a estação tornou-se cada vez mais rude e o frio mais implacavel. Com sentimento profundo convenceu-se o capitão, em 15 de Setembro, de que era completamente impossivel avançar; e, embora tivesse notícias de que os russos faziam commercio até além do Obi n'um outro rio chamado Gilissy, isto é, o Jenissei, não foi possivel aos hollandeses fazer o mesmo.

O célebre Nordenskiöld (veja-se a sua obra, tomo I, pag. 217) é d'opinião que os hollandeses tiveram na sua primeira e segunda viagem o accesso livre para as bôccas do Obi e do Jenissei; e, se tivessem continuado a sua viagem até chegarem a pontos habitados nas bôccas de qualquer d'estes rios, teria resultado já indubitavelmente em principios do século XVII um commercio consideravel entre a Europa occidental e o Norte da Asia.

Era já entrado o mês de Novembro quando os navios regressaram á Hollanda; mas o mau exito da sua missão não esfriou o enthusiasmo dos commerciantes. Lindschoten

---

(1) S. Muller *Geschiedenis*, pag. 39.

(2) Lindschoten publicou em 1598 a *Descripção da viagem ás regiões polares* e em 1599 a *Viagem ás Indias Orientaes*, e Gerrit de Veer publicou em francês em 1598 a descripção das tres viagens de Barendszon, da qual fôram feitas duas traducções, uma em hollandês e outra em latim.

foi quem principalmente animou todos a fazer novos esforços, citando o exemplo dos portugueses, que tão perseverantes haviam sido até descobrirem e chegarem ao extremo meridional da Africa e dobrá-lo, e verem recompensados tão brilhantemente a sua constancia, os seus sacrificios e valor. A communicação maritima pelo Nordeste com a China e a India estava, segundo elle, provada pelas viagens dos russos ao Obi e ao Jenissei; só faltava estudar e conhecer melhor as circumstancias atmosphericas e, sobretudo, as da congelação e do degêlo n'aquellas regiões, para acertar com a época mais favoravel do anno. Para averiguar d'estas condições aconselhou que se mandassem no principio da primavera dois navios pequenos á ilha de Vaigach, onde aguardariam o degêlo e o desprendimento dos grandes bancos para seguirem depois as derrotas das embarcações costeiras russas até ao Obi e passar d'ali ao Jenissei, onde deveriam invernar, e ao mesmo tempo reunir notícias dos habitantes para continuarem a sua viagem ao Grande Oceano e ao Mar da China. Os Estados Geraes não quiseram, comtudo, conceder novos recursos e limitaram-se a fixar um premio de 25.000 florins para o navio, que por aquella róta chegasse primeiro com felicidade á China. Em compensação o municipio de Amsterdam resolveu custear para este fim dois navios, um de 50 a 60 toneladas e outro de 30, gastando do erario da cidade até 12.000 florins. Os capitães fôram João Cornelio Rijp e Jacob Heemskerk, e piloto-mór o mesmo Barendszon; e fizeram-se á véla a 18 de Maio (estylo moderno) do porto de Vlieland. Ao chegarem ás Lofoden, Rijp tomou rumo a N. N. E. para evitar as massas de gêlo que rodeiam a Nova Zembla e descobriu a 9 de Junho a ilha que chamou dos Ursos, porque ali matou a tripulação um d'estes animaes. Esta ilha foi descoberta pela segunda vez em 1603 pelos ingleses que se applicaram ali, nos annos seguintes, com muito proveito á caça de cavallos marinhos, até 1610, anno, em que, tendo minguado o producto, se transferiram os caçadores para o Spitzberg. Este grupo d'ilhas foi tambem descoberto pelo mesmo Rijp em 17 de Junho, quando da ilha dos Ursos tomou rumo ao Norte, como se quisesse passar pelo proprio pólo. De Spitzberg as massas de gêlo, que zombavam de todos os esforços humanos, impediram-no d'avançar mais. Regressou, pois, á ilha dos Ursos, onde, no 1.º de Julho, tornaram a separar-se os dois navios maiores. Barendszon dirigiu-se á Nova Zembla, e Rijp passou mais ao Norte, a Spitzberg, com o fim de passar da sua costa oriental pelo pólo ao outro hemispherio; mas tambem por este lado se lhe oppôs uma massa de gêlo invencivel. Seguiu, costeando-a na direcção Oeste e, quando veiu parar por este caminho outra vez a Spitzberg, renunciou ao seu plano e dirigiu-se tambem á Nova Zembla. Vendo depois que o verão tocava o seu fim, não se empenhou n'esta nova róta e regressou a Cola, e d'ali á Hollanda.

Barendszon, por seu lado, chegou a 17 de Julho á Nova Zembla e, depois de luctar incessantemente com os gêlos, conseguiu a 15 d'Agosto passar para além do cabo Glacial e no dia seguinte transpôr o extremo Norte d'aquelle país; mas, passando mais longe na direcção Nordeste, achou-se o seu navio encerrado entre os gêlos, tendo que invernar no chamado porto do Gêlo, aos 76° 7′ de lat. Norte, desde 26 d'Agosto de 1596 a 14 de Junho de 1597. Com a madeira abundante que o mar arrojára áquellas praias, construiu uma casa espaçosa, na qual passou com a sua gente aquelle longo inverno no meio d'indiziveis privações, soffridas com tanto valor, paciencia e firmeza que, quando fôram publicadas as narrações d'esta viagem, que fôram traduzidas para todos os idiomas, excitaram o interêsse e a compaixão em todos os países, e deram a esta viagem árctica uma popularidade immensa. Chegou o verão, mas sem esperança de que se degelasse o mar que tinha encerrados os navios e, para se não expôrem a outro inverno e morrerem sem recursos, foi preciso abandonar os navios e dar nas lanchas a volta á

Nova Zembla, até á foz do Petchora. Durante esta travessia morreu Barendszon, sendo enterrado n'aquella região recem-descoberta. Antes tinham morrido já 5 homens dos 17 que formavam a tripulação ao sair da Hollanda.

Barendszon era pessoa muito affavel e apreciada por todos quantos o conheciam; marinheiro instruidissimo e até erudito, sabia latim e desde a sua infancia fôra affeiçoado a traçar os mappas dos países e mares que depois visitou. Com a sua morte cessaram as tentativas dos hollandeses, para encontrarem a passagem do Nordeste, porque, embora existisse, ficava provado que de pouco serviria, se não podia navegar-se por ella por causa do gêlo e d'outros perigos e obstaculos. Todavia, não fôram de todo estereis os sacrificios feitos, porque a pesca da baleia no mar polar promettia ser muito lucrativa e abundante; e por outro lado, estas expedições árcticas tinham levantado o espirito nacional dos hollandeses, que compararam estas viagens desde logo com a expedição dos argonautas, com a passagem d'Annibal pelos Alpes e até com as campanhas de Alexandre Magno.

Outra razão, além da morte de Barendszon, houve para abandonar o projecto da passagem maritima septentrional: o commercio lucrativo com as Indias Orientaes pela via descoberta pelos portugueses. Quando Heemskerk, o companheiro de Barendszon, regressou com a sua tripulação da Nova Zembla, chegou quási simultaneamente da India a primeira frota hollandesa, commandada por Houtman. A róta pelo cabo da Boa Esperança era certa, e a procurada pela região polar só tinha custado sacrificios e não fôra encontrada, e, como por outro lado, depois da Hespanha ter annexado no anno 1580 Portugal e suas colonias, tivesse ficado muito debilitado o seu poder maritimo com a perda da grande armada invencivel, não respeitaram já nem a Inglaterra nem a Hollanda o monopolio do commercio com as Indias, concedido pelos papas ás duas nações da peninsula iberica. Desde o regresso da mencionada frota, prosperou tanto o commercio directo com a India, que em 1601 fundou-se a Companhia hollandesa das Indias orientaes. Mas o govêrno da Hollanda concedeu a esta sociedade mercantil o direito exclusivo do commercio entre a Hollanda e as Indias, ou fôsse pelo Cabo da Boa Esperança, ou pelo estreito de Magalhães, e com esta medida ficaram excluidos d'aquelle commercio todos os que não eram socios da companhia privilegiada.

Isto fez que os excluidos fizessem novas tentativas para encontrarem outro caminho para as ilhas das especiarias e para a China. O mesmo succedeu na Inglaterra, onde a companhia Moscovita tornou a fazer em 1607 uma nova tentativa, mandando Henrique Hudson, com um pequeno navio, a procurar um caminho para a China e para a India pelo pólo Norte.

O intrepido marinheiro tomou, ao sahir do Tamisa no 1.º de Maio, rumo para Noroeste e tocou na costa oriental da Groenlandia aos 67º de lat. Norte.

D'ali propôs-se virar gradualmente para Nordeste; seguiu a costa que se dirige primeiro d'Oeste a Léste e mais adiante de Sul a Norte, sem ser ainda exactamente conhecida hoje, até aos 70º, onde a abandonou para passar a Spitzberg, e, depois de luctar tres semanas, desde 2 de Junho a 21 do mesmo mês, com temporaes, chuvas e espessissimos nevoeiros, que só uma vez em todo este tempo deixaram vêr a luz do sol, chegou, sem saber como, a 22 de Junho, outra vez á costa da Groenlandia (aos 72º 38' de latitude), que se lhe deparou em alguns pontos livre de gêlo, mas cingida de elevadissimas montanhas. Seguiu, pois, esta costa, até que lh'o impediu a barreira de gêlo que liga sempre aquella parte da Groenlandia com o Spitzberg. Vendo que a Groenlandia se prolongava muito mais para Este do que indicava o mappa traçado por Zeno,

o Moço [1], seguiu ao longo do mar congelado até ao Spitzberg, em cuja costa tocou a 27 de Junho. Até 13 de Julho cruzou por entre bancos de gêlo, chegando pouco a pouco á latitude de 80° 23' e depois ao Norte d'um grupo d'ilhas, provavelmente o chamado das Sete Ilhas, onde o gêlo lhe oppôs uma barreira invencivel. Não podendo dar a volta ás ilhas de Spitzberg pelo Norte, experimentou passar ao outro lado pelo Sul; mas ali encontrou tambem a mesma barreira de gêlo, pelo que teve de renunciar, a 27 de Julho, á sua emprêsa, como antes tivera que desistir o seu predecessor hollandês Rijp, e regressou á Inglaterra. Já dissemos que estas viagens não fôram de todo infructiferas, porque n'aquellas regiões geladas eram tão abundantes as baleias que não tardaram em attrahir ás suas aguas muitissimos navios destinados a dar-lhes caça.

No anno seguinte a companhia Moscovita tornou a mandar segunda vez o mesmo marinheiro para explorar o mar entre o Spitzberg e a Nova Zembla; mas tambem não deu resultado esta expedição, provavelmente porque foi emprehendida demasiado cedo. Na verdade, Hudson sahiu do Tamisa a 22 d'Abril, chegando em fins de Maio á altura do Cabo Norte. A 9 de Junho viu-se rodeado de gêlo aos 75° 29' de latitude, e só pôde, com grandissimo trabalho, retroceder na direcção Sudeste, até á costa da Nova Zembla, aos 72° 30'. Não podendo dobrar esta ilha pelo lado Norte, passou o estreito de Vaigach, e viu-o tão obstruido de bancos e montanhas de gêlo fluctuantes, a impulso da forte corrente, que teve de renunciar á ideia de passar mais além. Regressou, pois, á Inglaterra e chegou a 26 d'Agosto a Gravesend, onde lançou ancoras.

Chamou muito a attenção, a observação de Hudson de que o clima de Spitzberg, aos 80° de latitude, era menos rigoroso que a 76° na Nova Zembla. Esta observação apoiava a existencia d'um mar polar, livre de gêlo, e deu logar a novas tentativas.

A companhia hollandesa das Indias orientaes quis ajuntar ao seu monopolio do commercio pelo cabo da Boa Esperança e pelo estreito de Magalhães o da passagem por Nordeste, e para este fim contractou o mesmo Hudson para uma expedição no anno de 1609; mas já dissemos n'outro capitulo que esta terceira viagem do denodado marinheiro inglês o conduziu n'outra direcção ás regiões polares da America do Norte. Nem por isso desistiu a companhia hollandesa, excitada novamente pela esperança de encontrar o mar polar aberto, se se conseguisse chegar até lá por algum ponto favoravel. Esta concepção do mar polar era apoiada pelo erudito hollandês Plancius, porque dizia que os raios do sol que ali tocavam, se bem que quási horizontalmente, durante seis meses ininterruptos, deviam aquecer a atmosphera e derreter os gêlos, tornando, por conseguinte, navegavel aquelle mar. Esta theoria recebeu um novo auxiliar, não da physica, mas da astrologia, que n'aquella época gozava d'um grande crédito em todos os espiritos. O seu representante n'esta questão foi Eliseu Röslin, medico de camara do conde de Hanau, na Alsacia, que enviou em 1610 aos Estados Geraes da Hollanda um pequeno tratado philosophico intitulado *Navegação septentrional,* no qual não sómente acceitou a opinião de Plancius, senão que tratava de provar com razões astrologicas que Deus queria que se descobrisse o pólo Norte.

Com estes antecedentes, decidiu-se o almirantado de Amsterdam a mandar em 1611 dois navios ás ordens de João May e Simão Cut, a procurar o caminho para a China

---

[1] No mappa traçado por Pontanus em 1611, e que se encontra reproduzido na obra de Nordenskiöld, encontra-se o ponto extremo a que Hudson chegou na costa groenlandesa, *Hold with hope,* 20 meridianos demais a Este, isto é, até ao de Edimburg, porque Hudson não deixou apontada no seu diario nenhuma longitude.

pelo pólo e estreito Aniano. Os dois fizeram o possivel para passar entre o Spitzberg e a Nova Zembla ao mar polar, mas não fôram além dos 76º de latitude, porque o gêlo lhes cerrou ali o caminho completamente. Então dirigiram-se á costa d'America e percorreram-na entre os 47º e 42º 30' de lat. Norte. Em Fevereiro do anno seguinte regressou Cut com um dos dois navios a Amsterdam. May fez com o outro outra tentativa para circumnavegar a Nova Zembla; mas aos 77º encontrou a barreira invencivel do gêlo.

O resultado foi que nem os ingleses nem os hollandeses conseguiram passar pelo Norte da Europa e da Asia para a China, depois de ambas as nações terem feito repetidas tentativas n'este sentido durante mais de 30 annos. Mas, se não lograram atravessar as barreiras de gêlo do Mar Polar na direcção indicada, obra que estava reservada ao célebre naturalista sueco Nordenskiöld e ao seu navio *Vega,* em 1878 e 1879, encontraram uma compensação parcial das grandes despesas que haviam feito, na abundantissima caça dos grandes cetaceos, taes como baleias, phocas e outros, que enxameavam nas aguas do Spitzberg. Verdade seja que, como ambas as nações pretendiam o direito exclusivo d'explorar a caça e a pesca n'aquellas regiões, entraram em lucta desde o primeiro instante.

Os ingleses fôram os primeiros que caçaram n'aquelle mar; e, como não tivessem prática n'aquella caça, contractaram arpoeiros vasconços que fôram com os ingleses a Spitzberg desde o anno de 1597. Effectivamente, desde remota antiguidade eram os vasconços habeis caçadores de baleias, sem irem ao Norte, pois que no golpho da Biscaya abundava d'antes a especie *Ballaena Biscayensis,* hoje extincta; e isto explica a figura de baleia que se encontra em tantos escudos d'armas das provincias Vascongadas, como Fuenterrabia, Guipuzcoa e outras povoações. Quando Hudson chamou de novo em 1608 a attenção sobre a abundancia da baleia no mar de Spitzberg, augmentaram consideravelmente as baleeiras inglesas; e o chefe d'uma d'ellas, Jonas Pool, explorou, em 1609-1610, toda a costa occidental d'aquelle grupo d'ilhas. No anno seguinte o rei Jayme I d'Inglaterra concedeu á companhia Moscovita o privilegio exclusivo da pesca sem exceptuar competidores nacionaes ou extrangeiros.

Apesar d'este privilegio dado por um rei da Inglaterra a uma companhia inglesa, os hollandeses não renunciaram ao seu direito como descobridores de Spitzberg e desde o anno de 1612 mandaram tambem ali expedições baleeiras com arpoeiros vasconços. Em 1613 mandaram 12; e ao lado dos hollandeses viram-se tambem muito em breve navios da Biscaya e até franceses.

Para expulsar todos estes competidores, a Moscovita mandou em 1613 sete navios grandes ao Spitzberg, commandados pelo capitão Benjamin Joseph, com Baffin por piloto-mór. Estes expulsaram d'aquellas aguas os extrangeiros, depois de tirar-lhes tudo o que haviam pescado, podendo escapar-se com a sua carga só um navio hollandês.

O commercio hollandês não se deixou intimidar e, afim de fazer frente á companhia inglesa, uniram-se tambem os baleeiros hollandeses n'uma «Companhia do Norte» em 1614, que recebeu dos Estados Geraes o privilegio exclusivo para traficar em todo o Norte desde o estreito de Davis até á Nova Zembla. D'esta fórma os pescadores hollandeses apresentaram-se unidos no anno de 1614 com uma frota imponente de 14 navios grandes, nas aguas de Spitzberg, e não fôram incommodados, porque, além d'isso, estavam protegidos por tres navios de guerra da sua nação, ao passo que os ingleses tinham ido sómente com 13 baleeiras e dois bergantins. No anno seguinte voltaram os ingleses mais fortes e mais insolentes, mas os seus competidores não se

deixaram já expulsar completamente como da primeira vez. Para acabar com estas luctas, que prejudicavam ambas as companhias, abriram-se negociações, que ao cabo de muitos annos, em 1627, no reinado de Carlos I d'Inglaterra, acabaram por um convenio, segundo o qual ficaram os ingleses senhores de pescar a Sudoeste, e os hollandeses a Noroeste de Spitzberg.

Se lançarmos um olhar para todas as emprêsas e esforços feitos pelos países maritimos da Europa para chegarem á India e ás ilhas das especiarias, vemos que só conseguem este objectivo as duas nações neo-latinas, a hespanhola e a portuguesa; esta passando pelo cabo da Boa Esperança e aquella passando pelo estreito de Magalhães; com a particularidade de que a primeira descobriu ao mesmo tempo a America, em cujas regiões metalliferas encontrou uma nova India. Ambas as nações se encontraram frente a frente nas Molucas, ás quaes os portugueses haviam chegado, dobrando o continente africano, e os hespanhoes dobrando o americano. A contenda que se originou sobre o dominio das Molucas ficou regulada no anno de 1529 por meio de um convenio pelo qual fôram cedidas com o monopolio do seu commercio inteiramente a Portugal.

Evolução e resultados muito diversos offerecem as tentativas dos ingleses e hollandeses, para encontrarem uma communicação maritima com as regiões tropicaes da Asia pelo Norte d'este continente e d'America. Mais de meio século luctaram com os gêlos polares, para disputar finalmente a pesca junto ás penhascosas e inhospitas costas de Spitzberg, acabando esta contenda tambem por um convenio que celebraram um século depois do de Tordesilhas (1). Pobre era o resultado mercantil; mas os perigos no Oceano arctico, que exigiam a mais delicada attenção dos navegantes para não verem esmagadas as suas frageis naus entre montanhas e bancos de gêlo fluctuantes, fôram uma proveitosa escola para os marinheiros das duas nações germanicas que desde então se sentiram com forças para disputarem as proprias Indias ás duas nações neolatinas. A constituição das duas companhias das Indias, a inglesa e a hollandesa, em principios do século XVII, abriu um novo periodo na historia da lucta pela posse d'aquellas ambicionadas regiões tropicaes. A victoria coube ás duas nações de raça germanica; a Inglaterra apoderou-se da India continental, e a Hollanda das ilhas da Sonda, incluindo as Molucas.

FIM DOS DESCOBRIMENTOS GEOGRÁPHICOS

(1) O convenio a que o auctor quer referir-se é o das Molucas, entre Portugal e Castella, dado em Lerida e não em Saragoça, a 23 de Abril de 1529 e portanto 98 annos antes da convenção anglo-hollandesa referida no texto. O tratado de Tordesilhas é de 7 de junho de 1494.

Notas em apendice ao volume da «Historia da época dos descobrimentos» de Sophus Ruge

As nossas origens maritimas. — O Infante. — O estado da questão

I

A historia dos descobrimentos é uma das que por toda a parte tem levantado mais numerosas controversias, pondo em evidencia a cada passo novos problemas, que tinham passado despercebidos á attenção dos investigadores. Muitas circumstancias devem ter contribuido para este facto. Com effeito, esta parte da historia, pondo naturalmente em foco questões de prioridade nacional ou pessoal já por este lado introduz um elemento perturbador, subjectivo e irritante, originado nas rivalidades que desperta; obrigando tambem a determinações chronologicas precisas, problema sempre fatigante, inglorio e especialmente difficil, pela insufficiencia manifesta dos documentos, onde as datas venham devidamente registadas. As nações do Occidente e os seus historiadores, salvo excepções que não são muito vulgares, deixaram-se arrastar por considerações de vaidade nacional, que levaram umas e outras a valorizações phantasiosas de homens e factos. E por seu turno o segredo geographico, pelo qual todos procuravam manter ciosamente os elementos e os dados, com que se ia enriquecendo o conhecimento do globo e preparando novos emprehendimentos, não pouco deve ter contribuido para as deficiencias de registo e a penuria documental, sobre pontos de capital interêsse, na historia geographica.

Um sentimento profundamente louvavel, a principio, conduziu muitos historiadores a rectificações que são uma pura obra de equidade historica, tirando a personalidades socialmente illustres a paternidade de feitos, que só nominalmente podiam reivindicar e que eram muitas vezes a obra de obscuros e valentes collaboradores, postos na sombra pela humildade da sua situação.

> ... Dans le livre aux sublimes chapîtres
> De l'histoire, c'est vous qui composez les titres
> Et c'est sur vous surtout que s'arrêtent les yeux.
> Mais les mille petites lettres, ce sont eux.
> Et vous ne seriez rien, sans l'armée humble et noire
> Qu'il faut pour composer une page d'histoire.
>
> (E. Rostand — *L'Aiglon*)

Estão n'este caso muitos descobrimentos maritimos, que uma tradição, por assim dizer, classica, attribue a homens, que n'elles tiveram parte minima; e que fôram de facto realizados pelo esforço, pela pericia de pobres homens do mar, que formam a immensa legião dos «esquecidos» das grandes epopeias dos séculos de oiro.

Uma outra circumstancia, que não suppomos indifferente, deverá ter contribuido para a confusão que domina esta provincia da historia. Todos nos deixamos contagiar, mais ou menos, pelo que lemos; e mais de um historiador, do mysticismo por exemplo, acabou talvez em mystico, como Gebhart. E' crivel que a leitura e o estudo das monographias e documentos, relativos á época dos descobrimentos, tenham contagiado mais de um cultor d'este ramo da curiosidade historica, fazendo-os partilhar do espirito de aventura dos heroes, que se habituaram a admirar. Porque é certo que em todos os países não faltam os aventureiros da erudição e muito menos, no campo de que tratamos. De aí veem as crises de retrocesso scientifico, geralmente rapidas, que teem cortado a evolução da historia da geographia. E' certo que os chronistas e historiadores nos não disseram tudo e em muitos pontos não disseram a verdade; é certo que ha uma tradição escripta, que, por vezes não merece maior confiança que a tradição oral; mas nada disto auctoriza a demolir essa tradição para pôr no seu logar hypotheses que não valem mais de que ella. Alguem disse que a historia é um palimpsesto permanente. Aproveitemos as conclusões positivas da crítica negativa para raspar os passos, que devem considerar-se lettra morta, mas esperemos pacientemente o momento de substituir por outras as palavras e as lettras que fizemos desapparecer.

O prurido de rehabilitação historica, que se tem apossado de muitos escriptores tem muitas vezes obedecido a intenções de vaidade pessoal, a uma pretensão quási artistica de criar certas figuras, derrubando outras, mais do que a intuitos de pura equidade; podendo dizer-se que os paladinos dos quási-anonymos não são em menor numero que os dos injustamente esquecidos. Nem sempre se tem resistido a este pendor de nepotismo posthumo, a este desejo irresistivel de descobrir descobridores, desqualificando outros, com uma inversão de valores, que não tem sido dos menores elementos de perturbação, n'este campo mais arroteado que cultivado, da historia de geographia.

Sem remontar aos chaldeus e limitando-nos aos dois ultimos séculos da Idade-Média, um dos problemas cuja solução positiva se impõe é o da authenticidade dos portulanos d'aquelle periodo e em geral dos documentos cartographicos. Se as cartas de 1351 e 1375 fôram realmente elaboradas n'estas datas, o descobrimento da Madeira e dos Açores deve considerar-se um redescobrimento. A importancia dos emprehendimentos henriquinos nada soffreria com isso, no nosso modo de ver. Mas que soffresse, o que importa á historia é a verdade e não a enthronização ou destituição d'esta ou d'aquella figura. Não deixariam os homens do Infante de ter sido os fixadores, para todo o sempre, dos dois archipelagos, definitivamente encrustados na carta do globo, depois de Zarco, Tristão Vaz e Gonçalo Velho. Só desde então é que elles pertencem á sciencia geographica e a historia de geographia não deverá offerecer apenas estes exemplos de descobrimentos, que ficaram por largo tempo fluctuantes, até á sua encorporação no dominio da humanidade.

Mas o problema tem interêsse historico e scientifico, porque nos daria a chave dos processos de navegação dos nossos nautas do século XV e da obediencia ou não obediencia a um plano predeterminado. As emprêsas do Infante fizeram-se com todo o municiamento scientifico da época, entrando n'este municiamento as cartas e portulanos, dos nossos predecessores e mestres, os mediterraneos (genoveses, venezianos, catalães e balearitas)? ou a pesquiza do mar na direcção do Occidente (porque a da costa africana foi uma longa cabotagem de quási 70 annos) foi feita puramente ao acaso, esquadrinhando o infinito e vago horizonte do Atlantico? E' visivel que a questão dos portulanos do século XIV tem todo o caracter d'uma questão prévia, tanto mais decisiva, quanto os documentos escriptos, isto é, não figurados, sobre as primeiras tentativas de

exploração atlantica, se reduzem quási a zero. Sobre esta questão se pronunciava Garção Stockler [1] d'este modo, em 1808, a proposito da descoberta da chamada carta de Mecia de Vila Destes, de 1413:

«Maior e mais decisivo argumento parece deduzir-se ainda, contra a opinião dos que datam a invenção das cartas hydrographicas planas do anno de 1457, de outra carta d'esta natureza....... A dita carta...... tem por titulo..... a seguinte inscripção:

Mecia de Vila Destes me fecit in anno MCCCCXIII

....

Porém, contra a authenticidade d'este documento, ou pelo menos contra a verdade da sua data, se pode opôr a reflexão de que o Cabo Verde foi descoberto, e assim denominado por Diniz Fernandes, morador de Lisboa... em o anno de 1445, como se pode ver em João de Barros (decada I.ª liv. I, cap. IX) ou no anno de 1443, como affirma Luiz de Cadamosto, na sua Viagem impressa na collecção de Ramuzio, com cujo parecer concorda o nosso Damião de Goes, na Chronica do Principe Dom João, Cap. VIII. D'este mesmo logar de Goes e do Cap. I.º da segunda Viagem de Cadamosto se deprehende que as ilhas de Cabo Verde foram descobertas pelo mesmo Cadamosto, e por Antonio de Nolle, em o anno de 1445. D'onde se vê que, ou a data da carta hydrographica achada no mosteiro de Val de Christo he errada, ou a carta mesma um documento caviloso, como alguns outros do mesmo genero, forjados pela malignidade dos emulos dos descobridores das costas d'Africa e Asia, ou pela malicia dos dessenhadores, a fim de os venderem por melhor preço aos curiosos faltos de critica de que n'aquelle tempo não havia escassez. Qualquer d'estas duas opinioens que se admita, e ainda mesmo sustentando que a carta seja genuina; se he verdade que os descobrimentos maritimos do Infante Dom Henrique começaram em o anno de 1412, como afirmam Faria e Souza, e Galvão; sempre fica sendo certo que a invenção d'estas cartas he posterior ao começo das viagens, emprehendidas por ordem d'aquelle Principe.»

Estas observações de Stockler, embora referentes a um caso especial, assumem o caracter de uma these, tambem perfilhada por E. A. de Bettencourt [2], a proposito do portulano mediceo ou laurenciano de 1351, onde está representado o archipelago da Madeira. N'esta corrente de hyper-crítica seguem outros escriptores mais recentes, e, d'entre estes, destacaremos pincipalmente dois, pela dedicação e probidade scientifica com que versaram este assumpto. A pag. CLXXXV (volume I) da sua obra «Fr. Gonçalo Velho», em nota, diz o Sr. Ayres de Sá, summariando conclusões:... «Ás duvidas do visconde de Santarem facilmente se responde; 1.ª Diogo de Senil e Fr. Gonçalo Velho são a mesma pessoa, porquanto a abreviatura do nome Diogo (Dº) confunde-se nos antigos textos com a abreviatura do nome Gonçalo (Gº); Senil, em latim, é velho, em português. — 2.ª Os cosmographos accrescentavam, nos mappas, as terras que se descobriam; portanto um mappa ou portulano do sec. XIV pode accusar descobrimentos do sec. XV ou XVI. Se os Açores foram encontrados antes de Fr. Gonçalo Velho lá ir, não se chama a isso um descobrimento, porque nenhuma utilidade teve esse encontro. Quanto á data é a que os melhores documentos podem dar»...

---

(1) Ensaio historico sobre a origem e progressos das mathematicas em Portugal — Paris — 1819.

(2) Descobrimentos, guerras e conquistas dos portugueses... nos séculos XV e XVI, Lithographia Matta e C.ª, 1881-1882, p. 30.

... Esta opinião é perfilhada pelo Sr. João da Rocha em mais de um passo da sua obra «A Lenda Infantista», livro excellente a todos os respeitos. A pags. 52-53, transcreve aquelle escriptor estas considerações de Bettencourt, a que dá o seu assentimento: «Os nomes com que se designam na carta catalan de 1351, citada pelo Sr. Major, as differentes ilhas do grupo da Madeira, são a mais evidente prova de não terem taes ilhas sido incluidas n'aquella carta, antes de 1420, pois que, sendo opinião geral, tambem partilhada pelo Sr. Major, que as ilhas da Madeira foram povoadas depois da descoberta de Zarco (1420) claro está que a denominação de *Deserta,* dada na referida carta a uma das ilhas só poderia ter sido posta depois das outras ilhas se acharem povoadas, pois que antes, todas ellas eram desertas e uma tal designação não poderia aproveitar só áquella» (1).

Na mesma pag. segue a transcripção d'estas palavras de Costa Macedo, o auctor das duas memorias relativas á expedição portuguesa ás Canarias no século XIV:

«Não vejo como possa d'aqui seguir-se que nas Canarias se comprehendam tambem as ilhas da Madeira. Se o Sr. Ciampi se funda no portulano da Bibliotheca de Medicis feito em 1351 (é o mappa mediceo de que fala o Sr. Dr. Theophilo Braga) que já traz o grupo das ilhas da Madeira com o nome de — lo legname — advertirei de passagem, porque reservo para outro logar tratar mais largamente d'este objecto, que os portulanos antigos não fôram feitos para se guardarem nas livrarias, serviam para uso da navegação; que n'aquelles tempos não havia ainda chapas gravadas nem lithographia; e por consequencia nas cartas maritimas de que usam os pilotos e os capitães de navios e que passavam de uns para os outros, iam-se marcando, do modo que se podia, as terras que de novo se descobriam, e por isso n'um portulano catalão, curiosissimo, que vi na Bibliotheca Real de Paris, feito em 1346, vem já uma das ilhas dos Açores, com o nome de Brasil, porém, a simples inspecção ocular basta para fazer conhecer que esta terra foi marcada no mappa muito tempo depois de feito, porque sendo elle colorido, como era costume, tem as côres apagadas no que primitivamente se tinha feito e muito vivas nas terras que se fôram juntando. Isso mesmo é o que hoje acontece, quando algum navegante encontra um baixo desconhecido, etc., que o marca na carta. O mesmo nome de — lo legname — dado á ilha da Madeira, prova o que acabo de dizer, porque é a traducção italiana de — Madeira — nome que os portugueses deram a esta ilha quando a descobriram.»

Todos os auctores citados são, pois, de opinião que os portulanos medievaes e mais particularmente os do século XIV, em que apparecem os archipelagos da Madeira e dos Açores, não teem o valor documental que muitos lhe attribuem, porque aquelles dois archipelagos fôram ali lançados em data posterior. Trata-se de interpolações ou additamentos cartographicos e nada mais. Com excepção do Visconde de Santarem, poucos serão os nossos auctores que se teem occupado da historia dos descobrimentos, que tenham examinado os documentos cartographicos do século XIV, nos seus originaes, conhecendo-os, como nós os conhecemos, pelas reproducções que figuram em todas as obras da especialidade. Com o Visconde de Santarem devemos agrupar Nordenskjöld e Beazley, pelo menos. Ora estes escriptores acceitam a authenticidade dos contestados portulanos e mappas, como coisa indiscutivel, parecendo-nos que não seria

(1) O reparo, na apparencia subtil, relativo á designação de *Deserta,* póde caír diante da consideração de que esta palavra significava e significa o mesmo que «esteril», oppondo-se não a «povoada» mas a «frondosa» ou «vicejante».

difficil engrossar a lista dos especialistas extrangeiros, que os acompanham n'esta attitude crítica. Dir-se-ha que este argumento é um argumento de auctoridade. E assim é; mas como repudiar o modo de vêr de homens eminentes, que examinaram directamente as cartas de que se trata, sem uma razão mais forte do que os simples reparos aprioristicos dos que não viram esses documentos? Aqui, até ao apparecimento de uma prova esmagadora em contrario, a auctoridade impõe-se. Quer isto dizer que os portulanos e cartas dos ultimos séculos da Idade-Média não soffressem interpolações e additamentos? De certo que não. Os documentos cartographicos, como os textos, não podem estar ao abrigo d'essa fraude. O que importa saber é a importancia que assumiu este processo, considerando a evolução cartographica no seu conjuncto.

O notavel geographo francês Avezac, que é o pae espiritual dos nossos negativistas, já pretendia que o não vir a Madeira em varios monumentos cartographicos, feitos entre 1351 e 1418, confirmava que tinham sido accrescentadas depois de 1418 as cartas de 1351, 1375, 1384 e 1413. O Visconde de Santarem responde a Avezac, fazendo sentir que a Madeira só apparece em cartas posteriores ás expedições de D. Affonso IV ás Canarias (1331-1344) ao passo que tal se não dá, com as que fôram feitas antes d'essas expedições.

No seu interessante artigo *Les Açores d'après les Portulans* (¹) faz o sr. Jules Mees algumas observações que, incidindo sobre a evolução de conjuncto da cartographia do século XIV nos parecem dignas de attenção: «*En dehors de ces îles phantastiques, on voit apparaître sur les Portulans, dans le courant du* XIV *siècle trois groupes d'îles, dont la situation reste toujours la même et dont la représentation est forcément le résultat d'une découverte: ce sont les Canaries, les îles Madeira et les Açores. Que la découverte de ces dernières ne fut ni complète ni précise, nous l'admettons volontiers. Cependant on ne peut pas perdre de vue que la confection d'une Carte plus on moins exacte n'était pas chose facile à cette epoque et, comme nous le verrons plus loin, une Carte complète des Açores n'apparaît qu'environ cinquante ans après que ces îles avaient été colonisées par les portugais.*»

Nordenskjöld que é, no assumpto, uma auctoridade maxima, no seu *Periplus, an Essay on the early History of Charts and Sailing Directions,* chega á conclusão de que todas as cartas maritimas, desde começos do século XIV até fins do XVI, são apenas cópias do mesmo original a que chama *Portulano Normal.* Esta concepção, hoje classica, não é, de certo, inabalavel — nada ha definitivo na sciencia — mas não ha por emquanto nada, ao que parece, que possa substituir-se-lhe. O futuro dirá a sua ultima palavra, se puder dizê-la. Até lá, parece-nos que devemos acceitar como documentos valiosos os monumentos da velha cartographia, e como altamente provavel a grande actividade maritima dos navegadores mediterraneos do século XIV, e talvez tambem dos nossos.

Que a prioridade cartographica nos não pertence, é indiscutivel. Provam-no Jacome de Maiorca, Fra Mauro, Andrea Bianco e outros ainda, que para nós trabalharam no decurso do século XV quando já tinhamos tomado a dianteira na navegação do alto. O primeiro cartógrapho português que o sr. Ernesto de Vasconcellos cita no seu interessante opusculo «Subsidios para a historia da cartographia portuguesa...» é Francisco Rodrigues, piloto de F. Serrão, o descobridor das Molucas (1511), e amigo de Magalhães. É certo que o mesmo auctor menciona o mappa-mundi de Cantino feito por

(¹) Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa, 17.ª série, 1898-1899, N.º 9.

mão portuguesa (1502?) anonyma, encommendado pelo duque de Ferrara e hoje existente na Bibliotheca Estense de Modena. Significa isto que, se durante o século XV eramos ainda os clientes dos cartógraphos italianos, já nos começos do século XVI principiava a inverter-se a situação, começando os principes de Ferrara a recorrer aos nossos cartógraphos. Os discipulos começavam a ser mestres. E o que se deu na cartographia deu-se na nautica. Não nos parece discutivel, nem vemos em que isso melindre um patriotismo intelligente, que os genoveses, venezianos e catalães fôram os mestres dos navegadores peninsulares. Já no século XII o célebre bispo Diego Gelmirez, que tamanho papel assumiu nas luctas e nas intrigas que prepararam a independencia de Portugal, tinha ao seu serviço uma esquadra de guerra genovesa, para se defender dos piratas mussulmanos (1).

Por mais nebulosas que sejam as nossas origens de povo maritimo, e as dos outros Estados peninsulares, a frequencia com que apparecem technicos italianos a presidir á organização da marinha d'esses Estados, n'aquelle século e em outros mais remotos ou mais proximos, não permitte dúvidas sobre o papel que lhes coube na nossa iniciação naval (2).

O primeiro organizador regular da marinha portuguesa foi Manuel Peçanha, outro genovês; e do rei illustre, que lhe aproveitou os serviços, são as primeiras disposições legislativas de fomento naval, que entre nós se promulgaram, e que bem como as de caracter agrario, tiveram o seu complemento na legislação fernandina. Marinheiros genoveses e venezianos dirigiram ou tripularam muitas esquadras de exploração ao nosso serviço, depois de iniciado já o grande movimento de que fômos os propulsores.

Dissemos que da resolução do problema da authenticidade dos portulanos do século XIV, dependia a conclusão, a que temos de chegar sobre a existencia da nossa actividade maritima n'aquelle século. Resolvida a questão no sentido das affirmações do Visconde de Santarem e dos resultados attingidos por Nordenskjöld, provado fica que as emprêsas de Zarco e Gonçalo Velho no Atlantico fôram verdadeiros redescobrimentos, faltando apenas apurar se nos pertence tambem a gloria do descobrimento dos dois archipelagos, no século XIV, ponto este em que as opiniões, pela incerteza e insufficiencia da documentação, quási exclusivamente cartographica, mais se dividem. Para Major, o descobrimento da Madeira pelos portugueses no século XIV, deduz-se do exame do Atlas mediceo ou laurenciano (1351) e deve collocar-se no periodo de actividade de Manuel Peçanha, entre 1317 e 1351. Os Açores, na opinião do mesmo escriptor, fôram descobertos por portugueses com pilotos genoveses, nos principios do século XIV; para Amat de S. Filipo, este descobrimento pertence aos genoveses; para Nordenskjöld e Jules Mees aos catalães; para o almirante Quintella, o historiador da nossa marinha, o archipelago da Madeira teria sido descoberto no meado do século XIV pelos portugueses, se a carta de Affonso IV a Clemente VI fôsse authentica, concluindo

(1) Fué tanbien el primero que trajo naves de guerra genoveza, para defender-se por mar de los piratas musulmanes . . . (Altamira, Hist. de España y de la Civilizacion española, Barcelona, 1900, t. I, p. 358.)

(2) Além de Herculano na sua Historia de Portugal, onde veem esclarecidos muitos pontos relativos ás nossas origens navaes, foi esta historia especialmente tratada pelo almirante Quintella nos *Annaes da Marinha*, e mais modernamente pelo sr. Brito Rebello, no seu prologo ao «Livro da Marinharia» de João de Lisboa, e pelos srs. Ayres de Sá e João da Rocha, nas obras já citadas.

do facto de se não ter registado aquelle descobrimento, a não existencia das expedições ás Canarias, a que a mesma carta se refere. Quintella affirma, com effeito, que a termos ido ás Canarias, nos teria sido *moralmente impossivel* deixar de descobrir a Madeira. A affirmação não póde ser mais categorica. É fundamentada? Desconhecemos qualquer discussão technica sobre este ponto e não temos elementos para nos pronunciarmos sobre elle. O caso é, comtudo, digno de ser estudado; porque, descontando na inflexibilidade da relação que se pretende estabelecer entre o descobrimento da Madeira e as expedições ás Canarias, parece-nos que se não póde deixar de reconhecer uma ligação entre os dois factos. E assim a questão das Canarias, se assim podemos designá-la, assume um valioso significado, tratando-se da exploração do Atlantico, exploração que tem n'aquelle archipelago uma base de operações naturalmente indicada.

II

Uma tradição recolhida por Petrarca, fazia remontar aos fins do século XIII uma expedição genovesa ás Canarias. Talvez os Vivaldi, a julgar pelo nome de uma das naus d'estes, *Allegranza,* que ficou sendo o de uma das ilhas do archipelago (1), embora Major propenda a identificar com aquella tradição a ida de um outro genovês, Lancelot Malocello, áquelle archipelago (2). Quando o academico Costa Macedo leu em 1816 a sua memoria «Para a historia das navegações e descobrimentos...» publicada 3 annos mais tarde (1819) em que se transcrevia parte da célebre Carta de Affonso IV a Clemente VI, allusiva ás nossas expedições ás Canarias no meado do século XIV, a revelação não teve a retumbancia que era de esperar e comtudo, a ser verdadeiro o conteúdo da carta de Affonso IV, os factos que ella vinha pôr em relevo, preenchiam uma enorme lacuna na evolução tão fragmentaria e desconnexa da nossa actividade maritima pre-henriquina. As nossas expedições ás Canarias davam a medida de uma actividade, sobre a qual eram inexplicavelmente mudos os documentos e estabeleciam uma continuidade, que estava em perfeita harmonia com a indole do *processus* historico. Se fôsse admissivel falar de invenção, tratando-se de historia, dir-se-hia que a expedição ás Canarias, a não existir, seria forçoso inventá-la, de tal modo ella vinha illuminar um periodo cheio de incertezas e obscuridades, explicando factos cartographicos, que não tinham por assim dizer sobre que se apoiassem, e tornando provavel a hypothese de uma primeira visita dos nautas portugueses aos archipelagos, que só no século seguinte deviam fixar-se definitivamente entre as acquisições da sciencia geographica.

Se a revelação de Costa Macedo, tirada dos Annaes ecclesiasticos de Baronio e Raynaldo não teve uma grande repercussão, tambem (talvez pela mesma indifferença do nosso meio scientifico) não despertou até ha pouco dúvidas ou objecções que pusessem em risco a authenticidade do famoso documento. E comtudo esta authenticidade parece-nos, até prova decisiva em contrario, extremamente provavel (3). Não faltam

---

(1) C. Errera — L'epoca delle grandi scoperte — Hoepli. Milão, 1902, pag. 180.

(2) Valentim Fernandes, nas suas *Ilhas do Atlantico,* diz que este Lançarote é inglês e leproso; depois fala do cavalheiro francês *Lançarote* de Betancor, tambem leproso, e diz que a ilha de Lançarote d'elle tomou o nome, ilha «*onde ainda as mulheres costumam trazer capellos nas cabeças, segundo o modo de Ingraterra!*» A confusão não póde ser mais comica

(3) Depois da communicação, ultimamente feita pelo Sr. Faustino da Fonseca á Academia das Sciencias de Lisboa, o Sr. Jordão de Freitas circumscreveu a questão da authentici-

objecções graves e cuja solução offerece difficuldades, como por exemplo a carta de Affonso V, de 1446, em que o soberano diz: *nós sabiamos bem como nunca áquellas ilhas d'estes nossos reinos foram navios nenhuns*... O mutismo do bispo de Burgos nas allegações feitas no Concilio de Basileia, em 1435, a favor dos direitos castelhanos ás Canarias, o seu mutismo, repetimos, ácêrca de direitos portugueses anteriores, não é uma prova decisiva contra a authenticidade da carta de Affonso IV. O argumento do silencio é uma prova negativa e fragil, porque presuppõe da nossa parte um conhecimento completo das intenções alheias, sempre difficil de justificar. O bispo podia ignorar e podia saber e guardar silencio, por julgar que essa era a attitude mais conveniente. Quanto á geographia de Boccacio [1], *De montium, sylvarum*, etc., publicada quási um século depois da morte do auctor, que valor tem a sua omissão no tocante ás expedições de Affonso IV, conhecendo Boccacio aquellas expedições, como provam as notas que deixou e que fôram reveladas por Ciampi? Evidentemente, o facto só seria inexplicavel, se as notas fôssem anteriores á redacção da Geographia, o que absolutamente se ignora. Só n'esta hypothese haveria incoherencia, ainda assim parcial; porque o auctor podia tambem julgar conveniente calar o resultado das investigações, consignadas nas suas notas. O que dá á carta de Affonso IV grandes probabilidades de authentica, são as condições extranhas, em que a supposta fraude nos apparece. Aquella carta é um documento de reivindicação de Portugal sobre as Canarias. E onde nos apparece? N'um archivo português? Não. N'um archivo romano, isto é, onde menos seria de esperar que apparecesse, pois que a reivindicação portuguesa se dirigia precisamente contra um acto pontificio que procurára anullá-la. Referimo-nos á concessão feita pelo papa ao infante hespanhol D. Luís de La Cerda. Mas como se isto não bastasse, apparece-nos n'outro ponto, tambem na Italia, na Bibliotheca de Florença, a relação de Boccacio, feita sobre informações de mercadores florentinos, residentes em Sevilha, ao tempo da nossa expedição de 1341, e dando d'esta expedição a narração mais minudente e pormenorizada. Esta nova fraude, ainda menos explicavel que a carta de Affonso IV, ultrapassa toda a inverosimilhança, quando nos collocamos no ponto de vista da convergencia dos dois documentos [2]. Falando da expedição de 1341, Beazley *(The dawn of modern geography*, III, 424) diz: «De tres navios que partiram de Lisboa para o «redescobrimento» das Canarias, dois foram fornecidos pelo filho e herdeiro de D. Dinis, D. Affonso IV... A armada ia preparada para mais do que descobrimento; levava machinas de sitio, cavallos e armas, e com extraordinaria rapidez (5 dias?) chegou ás ilhas da Fortuna» [3].

dade no campo estrictamente paleographico, sollicitando dos poderes publicos a reproducção photographica das cartas originaes de Affonso IV e Clemente VI, parecendo-lhe insufficiente a reproducção das transcripções, feitas nos registos romanos. N'esta discussão, impossivel de resumir n'este logar, intervieram os srs. dr. Antonio Baião, João da Rocha e Pedro de Azevedo.

[1] João da Rocha, ob. cit. p. 62.

[2] O dr. Eugenio do Canto pretendeu obter uma reproducção photographica da relação de Boccacio, o que não conseguiu; tambem não obteve um exemplar da Obra de Ciampi, vendo-se forçado a recorrer á reprodução do original latino e versão portuguesa, que Costa Macedo inseriu na sua segunda memoria, para nos dar a sua reedição de 1911.

[3] Em nota Beazley diz que Angiolino del Tegghia vem á margem do MS. como *Florentinus qui cum bisnavibus præfuit.* Nicoloso da Reco foi *alter ex ducibus navium* e não o piloto, como diz Major, a p. 142 (p. 199 na versão port. de Ferreira Brandão.)

Errera ([1]) exprime-se d'este modo: «... vemos Affonso IV encarregar em 1341 Nicoloso da Reco e o florentino Angiolino del Tegghia da primeira expedição *official* ás Canarias (d'onde voltaram a Lisboa com varias mercadorias e quatro indigenas).» Approximemos estes passos, comparando-os com os dizeres da carta de Affonso IV: «*os nossos naturaes foram os primeiros que acharam as mencionadas ilhas.* E nós, attendendo a que... por nós podiam mais commodamente subjugar-se... *mandámos lá as nossas gentes e algumas naus para explorar a qualidade da terra,* as quaes abordando ás ditas ilhas se apoderaram por força de homens, animaes e outras coisas, e as trouxeram com grande prazer aos nossos reinos» ([2]).

Aqui parece-nos distinguirem-se duas expedições. Uma de descobrimento, outra de exploração. Uma terceira, que seria de conquista, não passou de projecto. Tal nos parece ser n'este momento o estado dos nossos conhecimentos, no tocante a esta questão, que offerece o maior interêsse para a nossa historia maritima.

III

Se os emprehendimentos maritimos do século XIV fôram raros e sem espirito de sequencia (pelo menos a julgar do pouco que conhecemos), é indiscutivel que os que fôram iniciados em 1415, pelo Infante D. Henrique, constituem uma série verdadeiramente notavel, que serve de prefacio á conquista do globo e á era moderna. O valor d'este admiravel esforço, que vae de 1415 a 1460, anno da morte do Infante, é universalmente reconhecido por todos os escriptores, que se occuparam especialmente da historia dos descobrimentos. O Infante e a sua obra fôram objecto de uma série de estudos, em que a erudição extrangeira não ficou áquem do zêlo dos investigadores nacionaes ([3]). E' certo que a lenda infantista, relativamente moderna, é uma lenda de importação, criada pelos auctores ingleses da historia das viagens, formulada por Kampillas e attingindo talvez o seu apogeu com Wauwermans no seu «Henri le Navigateur»; mas tambem não é menos certo que a alguns especialistas extrangeiros se devem talvez os primeiro golpes vibrados contra a lenda. Nos ultimos annos, pulverizaram-se com effeito a lenda de Sagres, com a sua célebre academia portuguesa (são as proprias palavras de Wauwermans) e o observatorio, tão phantastico como a academia. A estatura do Infante não diminuiu por esse facto, como o não diminuem as emprêsas maritimas portuguesas do século XIV, que alguns escriptores procuram enaltecer, ao que parece com o unico fim de apoucar o grande impulsionador das explorações geographicas do século seguinte. Ruge fez occupar ao Infante um logar primacial na evolução da geographia. A parte que lhe consagra na «Historia dos descobrimentos» está hoje bastante atrazada, acceitando ainda integralmente o que se chama a lenda infantista; desconhece algumas fontes directas, que já eram conhecidas quando fez a sua obra e dos chronistas, aquelle a que mais parece ter-se encostado é João de Barros, que tem

---

([1]) *ob. cit.*

([2]) Servimo-nos da transcripção do sr. dr. Eugenio do Canto.

([3]) No seu estudo sobre Ruge de que nos utilizamos para o prefacio d'esta obra, é extranho que Vignaud não citasse especificadamente duas das obras do escriptor allemão: Henrique, o Navegador, (Globus, 1894) e Evolução da cartographia desde o descobrimento da America até 1570. (Gotha, 1892, in-Petermann's Mitheilungen Ergänzungsheft n.º 106.)

um interêsse capital, e é admiravelmente informado no que toca á Asia portuguesa; mas é uma fonte de menor importancia para o estudo da época henriquina. Depois da «Historia dos descobrimentos» Ruge occupou-se especialmente da vida e obra do Infante, na obra que já citámos em nota e que data de 1892, obra sobre a qual nos não podemos pronunciar porque nem directa nem indirectamente a conhecemos.

A acção do Infante na série dos descobrimentos, que illustrou o primeiro quartel do século XV, é de uma importancia que achamos banal consignar. A quási totalidade das explorações do periodo henriquino deve-se ao que podemos chamar «homens do Infante» gente da sua casa e criação, que operava constantemente sob o seu impulso. Se as intenções do Infante teem sido formuladas e discutidas por mil fórmas, desde Azurara, os resultados, esses estão fóra de toda a discussão, como factos materiaes e concretos, que a historia da geographia registou e valorizou para sempre.

Quis o Infante descobrir o caminho da India? Falando dos Vivaldi, diz Errera: «Já em 1291 (narra um chronista coevo) Ugolino e Vadino Vivaldi, genoveses, começaram aquella viagem nunca tentada até então, com o objectivo temerario de procurar o caminho pelo Atlantico, «ad partes Indiae», isto é para alguma das regiões, que, de Sofala e da Etiopia ás duas grandes peninsulas da Asia, se comprehendiam vagamente na designação de India.» Esta India, que os Vivaldi procuravam já nos fins do século XIII porque não havia de procurá-la o Infante, desde os principios do século XV? Tudo se reduz a reconstituirmos o que era para os navegadores do século XIII ao século XV aquella India, que se ia precisando de século para século, ao passo que se avançava no conhecimento do globo. A do Infante D. Henrique era decerto uma India muito mais definida do que a dos irmãos Vivaldi; mas não vamos caír no excesso contrario de crêr que se tratava de India como hoje a conhecemos, ou mesmo d'aquella que imaginava o Gama.

Mas para que insistir na discriminação de intenções se os factos ou os resultados devem principalmente sollicitar a nossa attenção e não haverá exaggêro em dizer que uma ou duas gerações de homens não liquidarão o problema henriquino no puro dominio da determinação dos factos? E' preciso lembrarmo-nos que 4 séculos de tarefa gigantesca ainda não resolveram os problemas, que se prendem com a actividade de Colombo. As incertezas no dominio da historia geographica do século XV e XVI assaltam-nos por todos os lados. As determinações chronologicas deixam muito a desejar. A paternidade dos diversos emprehendimentos está envolvida em indecisões de toda a ordem. Os progressos technicos da navegação no século XV, pela parte que nos toca, estão muito longe de ser conhecidos, e os monumentos da nossa litteratura nautica só ha poucos annos chamam a attenção dos especialistas [1].

Sabe-se, ao certo, quando e como foi descoberta a Madeira? Não se sabe. Bastará dizer que Diogo Gomes attribue o descobrimento da Madeira ao piloto Affonso Fernandes e só refere Zarco como povoador. N'este ponto as divergencias dos chronistas são manifestas, a começar pelas divergencias chronologicas. Quando foi descoberta a Terra Alta e por quem? Diogo Gomes diz expressamente que foi Gonçalo Velho quem descobriu a terra *que se chama agora Terra Alta*. A terra de Gonçalo Velho, chamemos-lhe assim, começou a chamar-se Terra Alta na época approximada da redacção de Diogo Gomes, isto é, em 1482, ao que parece. Ora onde está a base em que assenta

[1] Alguns d'esses monumentos eram mesmo completamente desconhecidos, antes de publicados pelo infatigavel e benemerito investigador, sr. Joaquim Bensaúde.

Carta da costa dos Bacalhaus e da Terra dos Côrte-Reaes. – *(Do Atlas manuscripto de Vaz Dourado, existente no Archivo Nacional – Torre do Tombo).*

a identificação que envolve a affirmativa de Diogo Gomes? No *Esmeraldo* descreve-se d'este modo a Terra Alta: «*Item... toda a terra que uem d'Angra dos Ruiuos ao longuo da costa do mar atee o Rio do Ouro he razoadamente alta e igual como hũa mesa e a esta se chama a Terra Alta*... A redacção de Duarte Pacheco é de 1507-20. As conhecenças, para nos servirmos do termo antigo, da terra de Gonçalo Velho, onde estão?

Sem esse elemento, toda a identificação é impossivel. Azurara não fala em Gonçalo Velho senão a proposito dos Açores. Quando se refere ao emprehendimento do Bojador, em 1433, põe este feito n'um relevo extraordinario e não se cansa de accentuar quanto o Infante apreciou a audacia d'este emprehendimento e quanto empenho punha na sua realização. Como conciliar tudo isto com o descobrimento da Terra Alta, 17 annos antes, ficando a Terra Alta sensivelmente ao sul do Bojador? Ou ha uma inversão chronologica nos factos, ou uma completa anarchia na sua valorização. Mas succede ainda que esse Gil Eannes, que uma tradição historica persistente põe ao lado dos maiores marinheiros, no mesmo pé de um Bartholomeu Dias e de um Fernão de Magalhães, não nos apparece ao menos citado na relação de Diogo Gomes.

São apenas exemplos, que tiramos quási ao acaso. Determinação de nomes, de datas, tudo briga nos protochronistas da navegação, durante o século XV, Diogo Gomes, Azurara, Cadamosto. Mais tarde veem Galvão, Goes, Barros, Gaspar Correia. O problema complica-se. A confusão cresce. Os textos dos chronistas reclamam uma analyse e um exame completos. É forçoso destrinçar pela comparação dos textos, quaes as fontes verdadeiramente independentes e estabelecer o estemma crítico e genealogico das versões. Só depois d'este trabalho, que será longo, é que poderemos encontrar, na intersecção das versões autónomas, um grau de probabilidade, que offereça alguma garantia. Os inicios da nossa cartographia não offerecem menos difficuldades. Basta o exame da questão suscitada pelo caso Jacome de Maiorca [1] e pelo da célebre carta, com que a Senhoria de Veneza presenteou o Infante D. Pedro, para se vêr a distancia a que nos achamos ainda de attingir um resultado positivo.

A passagem Noroeste e os Côrte-Reaes

As primeiras viagens ao NW. americano datam do primeiro trintenio do século X com Gunbjörn, seguindo-se, 50 annos mais tarde, as explorações de Snæbjörn e toda a série das narradas por Sophus Ruge no cap. II do livro I da sua obra. O mesmo historiador, tratando especialmente do descobrimento de uma passagem NW. que permittisse attingir a Asia pelo W. reata com o veneziano João Cabotto o fio partido das velhas explorações normandas. Aquelle navegador, na primeira viagem, realizada em 1497, a expensas da companhia de Bristol e de Henrique VII de Inglaterra, *parece* ter avistado, segundo Ruge, o Lavrador, no dia de S. João, regressando á Europa por lhe

[1] O sr. João da Rocha, na sua obra «A lenda infantista», para a qual remettemos quem quiser conhecer as ultimas conclusões dos mais recentes trabalhos, distingue tres individualidades de cartógraphos, cuja identificação offerece difficuldades várias. A primeira é Cresques lo Juheu (auctor do mappa enviado por João I de Lyão a Carlos VI de França) já identificado com Jaffudá Cresques e Jayme Ribes; a segunda é o auctor do atlas catalão de 1375, que contém os Açores, insertos á data da carta ou interpolados posteriormente; e a terceira, o Jacome de Maiorca de Azurara e Barros.

não ter permittido o gêlo proseguir os seus trabalhos. A segunda viagem levou Cabotto, *talvez*, ás proximidades do cabo Hatteras, segundo parece deprehender-se do mappa de 1500 de Juan de la Cosa.

As explorações de João Vaz Côrte Real [1], até onde puderam ir as investigações do Dr. Ernesto do Canto [2], reduzem-se a commettimentos indeterminados, que, provavelmente, contribuiram mais para a experiencia do navegador do que para o augmento positivo dos conhecimentos geographicos. Conforme accentua o illustre escriptor açoriano, as tentativas de Mendo Trigoso e Mattos Correia, para fixar a nossa prioridade no descobrimento do continente americano, fôram mais louvaveis que probantes. A *Historia Insulana* do padre Cordeiro nada accrescentou á resolução do problema, que envolve o nome de João Vaz Côrte Real, e o seu problematico descobrimento da Terra Nova, porque, ou assenta sobre os dados insufficientes de Gaspar Fructuoso ou sobre a *Breve notícia do descobrimento das Ilhas Terceiras, que por outro nome se chamaram Flandricas,* opusculo manuscripto, cujo valor contestavel foi evidenciado pelo Dr. João Teixeira Soares, ou ainda sobre as proprias phantasias pessoaes do auctor.

O Dr. Ernesto do Canto fixa em 1500 e 1501 as viagens de Gaspar Côrte Real, na primeira das quaes este navegador explorou a parte da costa norte-americana, que se chamou Terra Verde, Terra Nova dos Côrte Reaes e se julga identificavel com o Lavrador, embora os documentos cartographicos difficultem esta identificação [3]. Gaspar Côrte Real não voltou da segunda viagem, regressando ao reino apenas duas naus, das quaes foi possivel obter as curiosas informações que Pasqualigo e Cantino, ao tempo em Lisboa, transmittiram respectivamente, aquelle a seus irmãos, e este ao duque Hercules d'Este, de Ferrara, de quem era embaixador.

Das duas viagens de Miguel Côrte Real sabe-se que a primeira, emprehendida em 1501, se mallogrou, pelo mau tempo e que a segunda, proseguindo com o intuito de procurar Gaspar Côrte Real teve tambem como resultado o desapparecimento de Miguel, em condições desconhecidas.

Seguem-se as viagens de Sebastião Cabot, ao serviço de Hespanha, Inglaterra e Veneza, em sentidos muito diversos (incluindo um projecto de descobrimento da passagem Nordeste, em 1551) das quaes nos importa só n'este logar a que em 1503 realizou no sentido das explorações de Cabot, o Velho, e dos Côrte Reaes, e de que resta apenas a menção da chronica de Fabiano.

Os pescadores bretões já em 1504 pescavam no banco da Terra Nova. Mas as explorações scientificas regulares só proseguem com o florentino Verrazzano (1523), o marinheiro e cartógrapho português Estevão Gomes (1525), o descobridor do Canadá, Jacques Cartier (viagens de 1534 e 1535) e Roverbal (1542) e sobretudo com

---

[1] A emprêsa de João Fernandes Lavrador e Pedro de Barcellos (1492?) parece ter precedido alguns annos as de João Vaz Côrte Real.

[2] Os Côrte-Reaes, Memoria historica . . . 1833 — Ponta Delgada, I. de S. Miguel.

[3] No atlas de Lazaro Luís figura a «Terra do Lavrador que descobriu João Alvarez». A personalidade d'este descobridor é discutida por E. Bettencourt, *op. cit.*, cap. XVII. As terras e ilhas referidas na carta de doação manuelina de 13 de março de 1521, fôram parcialmente identificadas por Bettencourt com o auxilio do atlas de Kunstmann e por meio de uma carta do famoso atlas do nosso cartógrapho Vaz Dourado. E' indiscutivelmente uma questão em aberto.

os grandes exploradores ingleses Thorne (1527), Frobisher (1576 a 1578), Davis (1585 a 1587), Hudson (1609 e 1610), Baffin (1612 a 1614) e Mac Clure (1850), graças ao qual se demonstrou a existencia da célebre passagem maritima.

O conflicto Mascarenhas-Lopo Vaz e o systema das vias de successão no govêrno da India

Com o fim de obviar ás inevitaveis demoras, que fatalmente haveria na substituição dos governadores da India, que fallecessem durante o exercicio do seu cargo, cada governador levava comsigo tres ou quatro vias de successão; isto é, tres ou quatro cartas régias de nomeação dos seus substitutos, prevenindo-se assim os inconvenientes que derivariam da falta de govêrno se se verificasse a hypothese acima referida.

Cada uma das vias de successão ia cuidadosamente cerrada; externamente indicava-se apenas a ordem por que cada uma d'ellas devia ser aberta em caso de necessidade. Ao chegar á India o governador devia entregá-las ao Vedor da Fazenda que ficava por seu depositario e devia fazê-las abrir quando viesse a ser necessario.

Em 24 de Dezembro de 1524 falleceu, com poucos meses de govêrno, o vice-rei Vasco da Gama. Por sua morte abriu-se a 1.ª via de successão, na qual estava designado para assumir o govêrno D. Henrique de Menezes. Tendo, porém, fallecido o novo governador (23 de Fevereiro de 1526), foi aberta a 2.ª via de successão. N'esta era indicado, como successor de D. Henrique de Menezes, D. Pedro Mascarenhas, então em Malaca.

Estando a India em situação tensa com Calecut e Cambaia, e havendo más novas do Mar Roxo, não podendo Pedro Mascarenhas assumir o govêrno senão um anno depois, tempo necessario para receber a communicação respectiva e regressar á India, aproveitando a monção favoravel, reuniu-se o conselho dos notaveis, discordando os pareceres: uns opinavam pela nomeação de regentes; outros, com o Vedor Affonso Mexia á frente, propunham a abertura da 3.ª via de successão. Contra este parecer se levantou Vasco Deça, receando que o nomeado (que se reconheceu depois ser Lopo Vaz de Sampaio) quisesse transformar a interinidade em effectividade, abrindo-se assim um conflicto, como na realidade veiu a abrir-se, entre os nomeados pelas 2.ª e 3.ª vias, quando Mascarenhas se apresentasse a reclamar a entrega do govêrno.

Tudo isto vem claramente indicado por Barros (*Asia,* Déc. IV, liv. I, cap. I), sendo tambem muito interessante a leitura do cap. I do liv. IX da Déc. III, onde Barros refere minuciosamente o modo por que se procedia á escolha dos governadores da India, tanto no caso de successão por ter um governador terminado o praso de exercicio do govêrno, como no caso que atrás expusemos, isto é, quando o governador fallecia antes de ter expirado aquelle praso.

A passagem Nordeste — A viagem de David Melgueiro

As explorações, que deviam conduzir ao descobrimento da passagem de Nordeste, póde dizer-se que fôram iniciadas por Willoughby e o seu piloto Chancellor (1553), e balisadas pelas viagens de Estevão Burrough á ilha de Waigatch (1556), de Pet e Jakman á entrada do mar de Kara (1580), pelo que respeita ás tentativas inglesas.

Seguem-se então as emprêsas dos hollandeses, que começam com Salingen e Meijer (1566), até ao Onega e continuam com Brunel (principios do ultimo quartel do século XVI) e no declinar do século as famosas viagens de Nuy, Tetgales e sobretudo de Barends, com a invernagem dramatica de 1597, que commoveu o mundo e encontrou um eco litterario na «Festa dos Reis» de Shakespeare [1]. Cut e May ainda tentaram debalde, em 1611 e 1612, proseguir na busca da passagem Nordeste, encontrando sempre a mesma insuperavel barreira. Em 1648 um russo, o cossaco Simeão Ivanov Deschnev, descobriu o estreito de Behring, que já em 1649 apparece no mappa de João (?) Teixeira.

A 1660 se refere a discutida viagem de Melgueiro do Japão ao Porto, pelo estreito de Behring, seguindo até 84º de lat. N. e d'aí pelo canal entre o Spitzberg e a Groenlandia e a W. do archipelago inglês, até á nossa capital do norte. Esta viagem, estudada e discutida pelo sr. Jayme Batalha Reis [2], não póde dar-se por absolutamente assente; e a solução do problema que ella envolve, só poderá achar-se com a apparição de novos elementos. David Melgueiro, parece ter morrido no Porto, cêrca do anno de 1673, onde o conheceu um marinheiro do Havre, que transmittiu a tradição da sua viagem pela primeira vez fixada pelo official da marinha francesa, La Madeleine, na informação que este communicou ao ministro francês, conde de Pontchartrin.

La Madeleine parecia estar incumbido de desvendar os segredos geographicos, cujo conhecimento pudesse beneficiar o govêrno da sua nação, sendo correntes, nos séculos XVI e XVII sobretudo, estes processos de espionagem geographica.

Uma descripção d'esta viagem diz Madeleine que existe na chancellaria hollandesa e registra os seus esforços para apurar o que sobre tal caso possa existir nos archivos hollandeses e portugueses.

O historiador-geographo francês Buache é, ao que parece, a fonte unica do pouco que se sabe do relatorio de La Madeleine. Conhecendo muito poucos dados d'esta viagem e partindo do conhecimento dos *terminus* do itinerario Melgueiro, Japão-Groenlandia, uniu aquelles terminus, segundo uma trajectoria ficticia, traçada ao N. da America. Pelo contrario, o sr. Jayme Batalha Reis liga aquelles dois terminus por uma trajectoria que, a ser verdadeira, daria a Melgueiro sobre Nordenskjöld uma prioridade de 218 annos no descobrimento da célebre passagem NE. (1660-1878).

Como já dissemos, o problema não póde considerar-se resolvido nem o sr. Batalha Reis assim o considera. Cumpre no emtanto dizer que as objecções de Nordenskjöld (1881) são de uma manifesta improcedencia, como provou o sr. Batalha Reis, além de assentarem sobre a hypothese de uma narrativa de Melgueiro, de pura phantasia. O que se póde affirmar entretanto é que se Melgueiro realizou uma viagem Japão-Groenlandia-

---

[1] Sidney Lee, o notavel commentador do grande poeta inglês, observa com razão que este podia achar entre os exploradores arcticos da sua raça heroes que nada ficaram a dever ao hollandês Barends. Não será de mais recordar aqui o que aquellas explorações devem a Ricardo Hakluyt, nome escolhido para o da célebre sociedade editorial das obras capitaes da litteratura geographica.

[2] Vidè «Commercio do Porto», 3 de Fevereiro de 1897. O mappa de Teixeira em que está lançado o Estreito de Behring e que Buache affirma ter visto em Paris, não vemos d'elle referencia em parte alguma, não o registando Sousa Viterbo *(Trabalhos nauticos)* nem Ernesto de Vasconcellos *(Subsidios para a historia da cartographia portugueza)*, nas notícias que nos puderam conservar dos Teixeiras, que fôram uma illustre familia de cosmógraphos e cartógraphos.

Porto, esta viagem se fez pela passagem N E., pelas razões scientificas apresentadas na discussão do sr. Batalha Reis e que assentam no estudo do caso da destruição da «Jeannette» e no da expedição Nansen, a bordo do «Fram» em 1895-96.

A natural connexão que liga o descobrimento das passagens N E. á historia das explorações arcticas traz aos bicos da penna o nome quási desconhecido do dr. Martins Lopes *Sulterius,* que em fins do século XV bateu o «record» das viagens portuguesas ao norte, percorrendo a «alemanha & parte de escrauonja, boemia & vngria, vallaquja, gram parte de turquya, Russia & tartaria»; chegando ao «mar de meoty & ponto»; vendo o rio «tanai, os montes rypheos, onde n'aquellas partes se acaba europa & se começa aasia» e vendo ali que a poucas jornadas se extendiam os «montes hyperboreos, os quaes passados brevemente occorre a India menor». Não seguindo para Oriente pelo que sabia da crueldade de gentes «que ssõ en meyo» proseguiu para o N., chegando a uma região muito arborizada, que Ptolomeu deu por deserta e era povoada de homens selvagens, os «lappy» «no fallar daquellas partes». D'ali foi ao mar chamado em latim «glaciale» d'onde se dirigiu para o reino de Noruega, onde soube de uma ilha «tyle», n'aquelle falar, «tyrlanda» a 200 leguas da costa, e adiante da qual se não passa (a ultima Thule). Voltou á Dania, foi á Russia, á Suecia e voltou pelo mar gothico á Livonia, á Lithuania, onde o grão-duque o recebeu com muito favor confiando-lhe uma missão para o papa.

E' de Roma que a 1 de Fevereiro de 1500, escreve ao rei D. Manuel referindo-se ao descobrimento: «onde, ouuindo as terras que nouamente ffizera achar vossa alteza pareceome descortesia nõ spreuer das que per outra parte vira.» Refere na carta as riquezas mineraes e em pelles d'aquellas regiões e a utilidade mercantil da sua exploração; acabando por dizer ao rei que dará mais circumstanciada notícia do que viu, se elle assim o entender.

A resposta do monarcha envolve um agradecimento pelas informações de M. Lopes e um esboço de questionario a que o mesmo deverá responder, sobre: «nações, gentes e linguas dellas, modos de vida e trauto, o que em cada huũas provincias ha e o que nellas vos parece que se poderá aproveitar.»

V. dr. Sousa Viterbo – Notícias sobre alguns medicos portugueses – 1.ª série, p. 43, (Lisboa, 1895).

A passagem S. W. e a 1.ª circumscripção do globo; Fernão de Magalhães

O emprehendimento de Magalhães provocou em todos os tempos da parte dos historiadores e geographos um irresistivel movimento de admiração. Bastará registrarmos as expressões mais consagradas do espanto causado pelo feito prodigioso. «Desde que Deus criou o primeiro homem, não registamos facto algum que a este possa comparar-se» (Herrera). «A sua obra não tem egual entre todas as explorações geographicas. O heroe não só achou a passagem oceanica de um para outro mar, mas até cingiu pela primeira vez a esphera terrestre com a sua rota» (Reclus). «Levantou a terra dos ombros de Atlante e librou-a em pleno ether» (Kohl). «A viagem executada pelos hespanhoes... excede a todas as conhecidas até agora... e se os grandes philosophos da antiguidade tivessem ouvido referir os acontecimentos e o fim desta viagem ficariam pasmados e fóra de si» (Ramusio). «Nada mais grandioso de que esta viagem. O globo ficou desde

então certo da sua redondeza. A maravilha physica da agua uniformemente extendida sobre uma esphera, a que adhere, estava demonstrada» (Michelet). «Este navio (o Victoria) tinha realizado a maior emprêsa que consta dos annaes humanos; tinha dado a volta ao mundo» (Draper). «... A mais gloriosa talvez, das emprêsas nauticas de todos os tempos (Carlo Errera)... Não era nova, nem pela ideia, que já inspirára Vespucio e outros, nem pela ousadia, pois que todas as emprêsas realizadas depois da de Colombo, eram apenas uma renovação do arrojo do primeiro reptador do Oceano, mas grande e nova pela vastidão e importancia do fim conseguido» (Carlo Errera).

E' contra esta corrente de assombro universal que um ou outro escriptor procurou remar e mais particularmente nos ultimos tempos o professor italiano Ulisses Griffoni, n'um artigo inserto na *Rivista Marittima* (Outubro, 1901, Roma), vertido para hespanhol e publicado na *Revista de Marina,* Chile, Valparaiso (Dez. de 1902, Janeiro e Fevereiro de 1903—N.os 198-200). Para o professor italiano, Magalhães nem descobriu o estreito do seu nome, nem circumnavegou o globo, nem pensou em circumnavegá-lo, nem mesmo attingiu o unico objectivo da sua viagem: chegar ás Molucas pelo occidente e regressar pelo mesmo caminho. Traidor e plagiario venham agora antepô-lo a Colombo, como fez Reclus, ou pô-lo nos altares, como queria Errera.

Como se vê, o professor Griffoni no processo de apotheose historica instaurado ao grande navegador tomou para si, galhardamente, o papel de Cardeal Diabo.

Algumas das asserções do professor Griffoni, as que envolvem materia de facto, podem desde já archivar-se, como peças de um processo concluso. Com effeito, não vale a pena confirmar a exactidão d'aquelle professor, quando nos diz que Magalhães não circumnavegou o globo, nem mesmo attingiu as Molucas. Que não pensasse n'uma viagem de circumnavegação, é possivel, embora se não possa affirmar com a intrepidez do sr. Griffoni. O que é certo, é que tendo nós chegado ás Molucas pelo caminho do Cabo e tendo Magalhães com differença relativamente pequena attingido pelo S. da America as ilhas das especiarias, o problema da circumnavegação estava *ipso facto* resolvido, mesmo sem o proseguimento da derrota por Sebastião de Elcano. E este é que é o ponto importante para a historia do conhecimento do globo, que não consigna uma viagem de relacionação geographica comparavel á de Magalhães.

De resto, a historia da Geographia está cheia d'estes resultados, que se attingiram sem os buscar determinadamente, como succedeu, ao que parece, com Colombo, e que, objectivamente, teem um valor decisivo e capital.

O ponto sobre que o sr. Griffoni procurou construir o melhor das suas theses é o da prioridade do descobrimento do estreito, a que está ligado o nome de Magalhães. Este ponto tambem para nós não tem a importancia primacial que lhe confere o sr. Griffoni, como antes lh'a conferira já Guillemard. A questão fôra, embora summariamente, já considerada por Andrade Corvo na sua edição critica do «Roteiro de Lisbôa a Gôa» (Lisboa, 1882). O illustre homem de sciencia considerava este problema de prioridade como resolvido em desfavor de Magalhães pela existencia do globo de Schöner de 1520. Á conclusão de A. Corvo oppôs Oliveira Martins no seu «Portugal nos mares» alguns reparos, que ainda hoje nos parecem dignos de nota:

«Só em 1522 se soube na Europa a passagem do Estreito; como póde este achar-se desenhado em 1520? Mas tambem como surgiu assim de repente esse conhecimento duma região onde ninguem fôra ainda? Desde que Magalhães, em 1518, partiu para a sua façanha, decerto havia quem partilhasse a certeza de que elle se achava possuido. Por outro lado a ideia da passagem... era antiga e provocara já expedições que tinham reconhecido a costa... até ao estuario do Prata. E' muito inverosimil que um cartogra-

pho désse por já feito o que estava sendo executado? Onde iria elle pôr o estreito senão ao S. do Prata, quando até lá estava sabido não haver passagem? Havia porventura muito escrupulo, quando vemos os mappas desenharem como reaes, tantos Ophires, tantas Indias, tantas Ethiopias phantasticas?

Parece-me pois que a honra e a façanha do infeliz navegador português não devem ficar diminuidas, nem com o supposto mappa de Behaim, nem com o globo de Schoener.»

As razões apresentadas por Griffoni como as anteriormente aduzidas por Guillemard *(The life of. F. Magellan and the first circumnavigation of the globe,* Londres, 1890) são de caracter puramente cartographico, e impõem precauções criticas, que nos não parece tenham sido tomadas. Griffoni, assentando no testemunho de Pigafetta, que em todo o caso não viu o mappa de Behaim ([1]), pretende concluir que este mappa existiu e deu a Magalhães a certeza da existencia do estreito. Como Behaim tivesse morrido em 1507 e o descobrimento do Pacifico por Balbôa é de 1513, Griffoni regista a tradição, segundo a qual Balbôa teria sido informado por indigenas americanos da presença de navios no Pacifico, muito parecidos com os dos hespanhoes, antes d'aquella ultima data. Este facto provaria ter sido transposto o S. da America; provaria ser conhecido o estreito; e provaria finalmente a possibilidade de ter sido lançado n'uma carta, não já por Martim de Bohemia, mas por seu filho. Estamos em pleno delirio de possibilidades; quando é de probabilidades que se trata. Arana já pusera em dúvida a authenticidade da carta de Behaim, insinuando que Magalhães recorrera a um artificio de auctoridade cartographica, para convencer os incrédulos. Não será demais dizer n'este ponto que a peça de convicção apresentada por Magalhães foi, segundo Herrera, não a carta de Behaim, mas a poma de P. Reynel, na qual «de industria dexó el estrecho en blanco» (Guillemard). Mas Griffoni produz novas razões, sempre tiradas do arsenal cartographico. Trata-se do globo de Schöner, o chamado globo de 1515, data cuja exactidão não discutiremos, mas que o professor Carlo Errera regista dubitativamente: — (?) —

A memoria descriptiva d'este globo, tambem de 1515, não constitue um novo argumento, formando com o globo que descreve uma mesma peça demonstrativa. N'ella se fala d'uma expedição portuguesa que chegou ao estreito entre a Patagonia e a Terra do Fogo, annos antes de Magalhães. Mas succede que esta viagem e o traçado cartographico correspondente, são considerados pelo sr. Ravenstein como uma erronea interpretação da viagem de Nuno Manuel e Cristobal de Haro, em 1514, um pouco ao S. do La Plata. As dúvidas que podem oppôr-se ao globo de 1515 subsistem para o de 1520 do mesmo Schöner. Estes globos estão datados com exactidão? O estreito n'elles lançado não será uma interpolação cartographica posterior? Não constituirá a traducção graphica d'uma concepção *à priori,* a de uma passagem interoceanica, através do continente americano, proseguida por cartógraphos e por navegadores? Devemos dizer que em credulidade vae Guillemard mais longe que Griffoni, pois acceita quási sem discussão as tradições recolhidas por Antonio Galvão ([2]) ácerca do mappa-mundi do

---

([1]) E' o anno que Ravestein estabelece. Ainda então se não descobrira o estuario de La Plata, e «a costa da America meridional só estava delineada até ao rio Cananeia». Vidè Ravestein, *Martim de Bohemia,* ed. cit., versão portuguesa, pag. 49.

([2]) *The discovery of the world, from their first original,* etc., publicada pela Hakluyt Society, Londres MDCCCLXII, pags. 66 e 67. Não fazemos referencia á edição portuguesa, pela sua extrema raridade.

infante D. Pedro, presente da Senhoria de Veneza, e o mappa mencionado por Sousa Tavares ao nosso chronista. Aquelle mappa-mundi tê-lo-hia trazido o infante da viagem que iniciou em 1428 e, o mappa mencionado por Tavares, remontaria, pelo menos, a 1408. Aquelle, já registava o estreito com o nome de «Cauda do Dragão». E esta dava como perfeitamente conhecida a configuração da Africa meridional.

Ora, poderá acceitar-se uma actividade pre-colombina tão remota como a presupposta pela existencia do mappa-mundi do infante D. Pedro?

É indiscutivel que os processos criticos applicados á restituição dos textos adquiriram já um grau de precisão que estão muito longe de ter attingido no estudo dos monumentos figurados e particularmente no dos monumentos cartographicos. Acceitar estes sem mais precaução conduz por vezes a conclusões que são formalmente contradictadas pelo conjuncto da documentação historica. Havia certamente em Magalhães, como em Colombo e outros descobridores, uma *fé* geographica profunda e contagiosa, que por vezes daria a perfeita illusão da certeza. Este psychismo obsidional e commum aos descobridores e aos inventores, nada tem que ver com o que quer que seja de «prova» ou peça de convicção, de que aquelles fazem muitas vezes um uso artificioso e ardiloso, para arrastarem os de que precisam á consecução dos seus emprehendimentos.

Comtudo deve confessar-se que se as presumpções de um descobrimento pré-magalhanico do estreito, consideradas uma a uma, são sombras de fumo, podem ter, no seu conjuncto, como tantas vezes succede, nas condições precarias do processo de instrucção historica, um valor computavel e é o que succede n'esta questão. Mas, admittida a não prioridade de Magalhães no descobrimento do Estreito, constitue este mais um redescobrimento a ajuntar a tantos outros; os da Madeira, Açores e Cabo Verde, o que não diminue nada o serviço prestado á sciencia geographica pelos navegadores que fixaram estes descobrimentos.

Se a Magalhães se devesse apenas o redescobrimento do Estreito e a sua definitiva fixação já este feito lhe teria dado logar eminente na historia da geographia. Ora nós cremos que a obra de Magalhães como navegador transcende immensamente a simples determinação da passagem de S.W.

Da traição do grande circumnavegador não temos que nos occupar n'este logar como extranha ao feito geographico que se discute. Nós não cremos na denuncia de um segredo ao extrangeiro, nas precisas condições em que a suppõe o sr. Griffoni. Suppômos, pelo contrario, que em Hespanha se devia saber tanto ou mais de que nós sobre a configuração da America meridional; porque, com effeito, se o periplo africano do século XV foi exclusivamente uma obra portuguesa, o periplo da America central e meridional foi sobretudo uma obra hespanhola. Para justificar as medidas tomadas por D. Manuel com o fim de obstar á emprêsa de Magalhães, indo até á suppressão do navegador, se fôsse preciso, não é necessaria a theoria de um segredo geographico vendido ao castelhano. Bastava o facto de ser Magalhães um homem da casa do rei e seu desertor, e que ia realizar por conta de Castella uma emprêsa que nos arrancaria o disputadissimo monopolio das ilhas de Maluco. Magalhães, como tantos outros aventureiros do seu tempo, antepôs a gloria pessoal, talvez o desejo de vingança e a ambição delirante de grandes riquezas ás considerações de ordem patriotica.

Colombo e a nautica portuguesa

Ha ainda uma questão colombina? Ninguem poderá negá-lo, nem que essa questão se desdobra em problemas ainda abertos a investigações e criticas futuras. Existia ainda ha menos de meio-século uma figura de Colombo, cujos traços principaes tinham ido buscar-se a Las Casas e ao filho do almirante, seu primeiro biographo. Esta figura de lenda assumiu o seu maior relevo litterario na obra do célebre escriptor catholico Roselly de Lorgues. Depois d'isso, o trabalho de analyse tem proseguido incessantemente e, com este trabalho, o de uma interpretação que a pouco e pouco transformou a figura do navegador, deslocando mesmo o terreno dos problemas que suscita a sua obra.

N'este trabalho de analyse e de interpretação cabe um logar proeminente a Sophus Ruge e Vignaud, que destruiram a lenda colombina, cada um por sua fórma e estabeleceram o problema em volta da questão da authenticidade da carta e mappa de Toscanelli, e da viagem accidental e aventurosa do piloto Alonso Sanchez.

A carta de Toscanelli foi a principal determinante da emprêsa de Colombo. É a these de Sophus Ruge e Carlo Errera. Humboldt suppõe mais decisiva a influencia da *Imago Mundi* de d'Ailly. Vignaud pretende que Colombo nada deve a Toscanelli, que achou o que queria encontrar; que as notas por elle lançadas sobre a *Historia rerum* de Eneias Sylvius e a *Imago Mundi* de d'Ailly, não deixam dúvida sobre as fontes reaes das concepções geographicas, que determinaram o emprehendimento do almirante; que os documentos toscanellinos, mesmo provada a sua authenticidade, nada influiram sobre Colombo e que só fôram produzidos mais tarde, para dar uma base scientifica á sua emprêsa; que sahiu de Palos com o plano positivo de achar terras novas e que só por effeito de uma auto-suggestão desvirtuante, construiu mais tarde a sua theoria de attingir a *Asia* pelo occidente. Isto quanto ás theses negativas do célebre escriptor americano, porque a sua these positiva assenta na existencia de uma viagem pre-colombina, a do piloto Alonso Sanchez, reconstituida sobre as magras referencias de Garcilasso, Gomara, Oviedo e Las Casas.

D'aquella viagem colheu Colombo a relação positiva, do proprio Sanchez, que Colombo teria recolhido em sua casa, na ilha da Madeira, quando o piloto, moribundo, regressava da formidavel aventura.

Que póde referir-se com alguma segurança de quanto a documentação moderna sobre Colombo encerra, para a resolução dos problemas, que andam ligados ao descobrimento da America? A questão da carta e mappa de Toscanelli está ainda, ao que parece, tão longe de solução que o sr. Vignaud, n'um dos seus ultimos trabalhos, «*Toscanelli and Columbus*» *A letter from sir Clements Markham and a Reply from Mr. Henry Vignaud,* em resposta a Markham, dava por finda a sua collaboração pessoal no debate, deixando a solução do problema á juventude estudiosa das Universidades americanas [1].

---

[1] V. Jules Mees — *La lettre de Toscanelli à C. Colomb et la route vers les Indes* in-Rev. port. colonial e maritima — N.º 82, 7.º anno, Julho, 1904, vol. XIV. O sr. Mees condensa o debate registando as opiniões de Wagner, Gunther, Markham, Ruge e outros. Mas a conclusão não é, de modo algum, decisiva.

A obscuridade que envolve a primeira parte da vida de Colombo, não é menor que a das determinantes dos seus emprehendimentos geographicos. A questão da sua nacionalidade foi das ultimas que vieram complicar o cahos, já bastante confuso, da sua biographia. O problema dos pré-colombinos a que o sr. Yule Oldham, em 1894 e o sr. Batalha Reis, em 1897, no seu opusculo *The supposed Discovery of South America before 1488 and the critical methods of the Historians of Geographical discovery,* in «Geographical Journal», Fev. 1897, Londres, deram uma nova fórma discutindo o caso da carta de Andrea Bianchо de 1448, não póde tambem considerar-se liquidado, pelo menos nos termos summarios em que o faz o sr. Carlo Errera em *L'Epoca delle grandi scoperte geografiche,* Milão, 1902. Eis como se exprime o geographo italiano: «Uma carta nautica de 1448 de Andrea Bianchо, veneziano, que representa uma terra a S. W. de Cabo Verde, e a tradição referida por um historiador português do meado do século XVI, de que alguns compatriotas seus tinham, em 1447, sido levados, por uma tempestade a uma ilha afastada [1], induziram recentemente alguns eruditos a suppôr descoberto o Brasil desde aquella época; mas a terra, indicada na carta, corresponde mal á do Brasil, a narração é muito ulterior e tem muitos caracteres de fábula e acham-se n'ella muitas incongruencias (que é inutil accentuar). Com maior segurança devem julgar-se fabulosas as navegações de um João Vaz Corte-Real, português, ao Labrador (1464), de um polaco, Skolvus, á Groenlandia (1474), de J. Cousin á America do Sul (1488) e outros que seria longo enumerar» [2]. Evidentemente o prof. Carlo Errera leva um pouco longe os seus escrupulos hypercriticos; porque o que fica de pé e o que é preciso explicar é a existencia de uma velha carta em que estava debuxado o Brasil e cujo conhecimento na côrte portuguesa, precedeu muitos annos a viagem de Cabral; como claramente se exprime Mestre João, cosmógrapho, na conhecida carta dirigida ao rei D. Manuel e que ali se dizia pertencer a João Vaz Bisagudo; a relação entre esta carta geographica e a de Andrea Bianchо; a certeza da existencia de terra firme a S. W. do Atlantico, no espirito de D. João II [3], conforme o testemunho explicito de Colombo, certeza comprovada nos esforços empregados por aquelle rei para transferir mais para occidente a célebre linha de demarcação. Tudo isto é preciso explicar e ligar; e não ha negativas que prevaleçam contra esta necessidade.

O plano de Colombo tem origens complexas, mais ou menos definidas. O projecto de attingir a Asia pelo W. assentava, independentemente da supposta ou real concepção attribuida a Toscanelli, nas conclusões geraes da geographia do tempo. O criador da geographia scientifica na antiguidade, Erathostenes, fôra até ao século XVI, o que mais se approximára da verdade, no tocante á distribuição das aguas e das terras, distribuição a que estava ligada a distancia da Europa á Asia, pelo Occidente. Esta distancia foi depois encurtada sensivelmente por Marino de Tyro, alongada relativamente por Ptolomeu e novamente abreviada pelo cardeal d'Ailly, e por Toscanelli nas concepções geographicas que lhe são attribuidas.

---

(1) O historiador alludido é, certamente, Antonio Galvão, que, a pag. 72 da sua obra — (edição da Hakluyt Society, já cit.) — fala com effeito d'aquella expedição casual e da «Ilha das Sete Cidades», á qual a mesma aportou.

(2) p. 243—Nota.

(3) Esta convicção de D. João II determinou na opinião dos geographos o rumo da 3.ª viagem de Colombo, que o levou a tocar o continente Americano logo abandonado, por motivos, que debalde tentaram explicar Peschel e Humboldt.

Emquanto a these do sr. Vignaud, assente na existencia d'uma revelação positiva feita a Colombo, não tiver uma demonstração cabal, teremos de considerar as ideias geographicas da era colombina sobre a relativa estreiteza do mar occidental, como a principal determinante do seu projecto, talvez robustecida pelo que pôde averiguar em Portugal sobre as navegações atlanticas por nós realizadas.

E aqui tocamos o ponto a que nos desejamos limitar: o da collaboração portuguesa nos trabalhos nauticos de Colombo.

Que nos deve o célebre navegante? Já alguma coisa se póde inferir das linhas precedentes. Alguma coisa soube, e não pouco, na côrte de Lisboa. A sua estada na Madeira não foi um accidente sem consequencias; longe d'isso. Os 3 archipelagos atlanticos, Madeira, Açores e Cabo Verde, eram o centro de informações e tradições preciosas; e, como diz o prof. Errera, a sua ligação com a familia do navegador Perestrello pô-lo n'um ambiente, que devia constituir para elle um novo incitamento (1). Mas a divida de Colombo é mais positiva. A navegação transequatorial levára á necessidade de determinar as latitudes pela combinação de um elemento de observação directa, o da altura solar meridiana ou extra-meridiana, com um elemento tabular, o da declinação solar. Com effeito, era este o unico processo, desde que se perdia de vista a estrella polar, cuja altura, emquanto se não ultrapassou o equador, fornecia aos mareantes o conhecimento rapido da latitude. O sr. Gallois observa a este respeito: «É indiscutivel que fôram os portugueses os primeiros a praticar no Occidente os processos de direcção do navio pela observação dos astros, sem o que seria impossivel emprehender expedições tão aventurosas.» Assim fica estabelecida a relação entre a nossa prioridade scientifica e a das nossas explorações de mar largo. Prosegue o mesmo auctor francês: «De Portugal esses processos passaram para a Hespanha. Na sua *Suma de Geographia* (1519) F. de Enciso copia passagens inteiras do *Regimento* de Munich. Um piloto português, Francisco Faleiro, escreveu para uso dos hespanhoes o mais importante tratado de navegação que apparecera até essa época, o *Tratado del esphera y del arte de marear* (1535). Podemos accrescentar que tambem passaram para a França, pois a *Cosmographie* de Alphonse de Saintonge (1544), que é apenas uma adaptação de Enciso, reproduz as tábuas quadriennaes do *Regimento* de Evora».

Por outra parte o sr. Ravenstein, na sua monographia sobre Martim de Bohemia, regista a affirmação do chronista Manuel Telles da Silva de que Diogo de Azambuja foi o primeiro que fez uso do astrolabio nautico, em 1481 (2), mas o géographo inglês accrescenta que, provavelmente, fizemos uso d'aquelle instrumento anteriormente áquella data, consignando igualmente que já em 1454 Diogo Gomes empregára o quadrante, para determinar as latitudes observando a estrella polar (3). Confinando-nos mais especialmente á determinação das latitudes pela observação da altura do Sol, conjugada com o emprêgo das tábuas de declinação, digamos rapidamente o que n'este ponto se deve aos cosmógraphos e nautas portugueses e qual a origem da nossa tradição scientifica especial.

---

(1) *Op. cit.* p. 251.

(2) Vid. E. A. Ravenstein *Of. cit.* Bibl. da «Revista port. Colonial e maritima, Férin, Lisboa. L. Gallois.—*Les Portugais et l'astronomie nautique à l'epoque des grandes découvertes*. Annales de Géog. 130-15-VII-1914, e Rev. da Universidade de Coimbra, Vol. III, n.º 4.

(3) Este astrolabio resulta por simplificação do astrolabio terrestre dos árabes e nada tem que ver com o astrolabio de Martim de Bohemia. (V. prefacio á *Ob. cit.* de Gallois, pelo prof. Luciano Pereira da Silva.)

Parece hoje estabelecido depois da publicação das notaveis edições *fac-simile* devidas ao Sr. Joaquim Bensaúde e dos trabalhos criticos de que teem sido objecto por parte dos sabios franceses e allemães, que as tábuas de declinação de origem portuguesa remontam ao *Almanach Perpetum* de Zacuto, ou, o que é o mesmo, á versão latina que, em Leiria, no anno de 1496, fez d'aquelle Almanach o mestre José Vizinho. As nossas tábuas de declinação teem, pois, todas uma origem peninsular e não germanica; vem de Zacuto e não de Regiomontanus, partindo de uma obliquidade da ecliptica de 23º, 33' e não da de Regiomontanus 23º, 30' que foi posteriormente adoptada por Pedro Nunes.

As tábuas de declinação modernas são, como é sabido, annuaes; e são fornecidas, pelo Bureau des Longitudes, em França. No século XV, porém, eram cyclicas (de cyclo quadriennal em regra) ou perpetuas como a de Zacuto; umas e outras demandavam para a determinação das declinações calculos extremamente complicados. Estas declinações determinavam-se com Regiomontanus, por meio de dois instrumentos: as *Ephemerides* e as *Tabulae,* o que tornava o seu manejo ainda menos prático que o Almanach de Zacuto, já pouco adaptavel aos usos da nautica. Foi para estes usos que se compuseram as tábuas hoje conhecidas pela designação de Regimento de Munich e Regimento de Evora: aquelle composto para um anno de 366 dias, exigindo uma só leitura e abstrahindo das correcções cyclicas, quadriennaes; este, elaborado para um cyclo de 4 annos e entrando com aquellas correcções.

Já está dito como estes Regimentos fôram aproveitados por Enciso e Saintonge. Cabe aqui transcrever a nota que Colombo lançou em um dos livros que lhe pertenceram e que reproduzimos do opusculo citado do sr. Gallois: «O rei de Portugal mandou á Guiné, no anno do Senhor de 1485, mestre José, seu medico e astrólogo, para saber a altura do sol em toda a Guiné, o que elle executou e communicou ao mesmo serenissimo rei, estando presentes eu e outros a 11 de Março... Mais tarde enviou outros observadores... e achou sempre os resultados de accôrdo com os de mestre José.»

Parece-nos desnecessario accentuar a importancia de todos estes factos, que não só põem em evidencia a parte que nos cabe no progresso das sciencias nauticas, mas a verdadeira e decisiva lição, que Colombo colheu n'aquelles progressos. Só nos resta accrescentar, para concluir, que n'este dominio ainda nos pertence a descoberta do «Cruzeiro do Sul» e o primeiro mappa do ceu austral, bem como o Regimento de João de Lisboa, em que o conhecimento d'aquella constellação desempenhou para a determinação das latitudes austraes o mesmo papel que a estrella polar desempenhava para o hemispherio boreal.

Os portugueses e a geographia africana

I

Os progressos da geographia africana desde o século XV e o papel que n'elles tivemos, teem sido um dos pontos discutidos mais vivamente, graças á competição ardente estabelecida entre as nações modernas para a conquista do continente negro, competição que deu a esta controversia um aspecto politico, que muitas vezes absorveu e sempre prejudicou o aspecto scientifico da discussão.

Entre os geographos e exploradores extrangeiros não faltou quem apoucasse até ao ultimo extremo a grandeza do esforço português, mas é justiça reconhecer que tambem se levantaram vozes que reivindicaram para os nossos exploradores dos séculos XVI e XVII o logar indisputado que lhes cabe nos annaes dos progressos geographicos.

O geographo allemão Petermann diz peremptoriamente: «A parte dos portugueses e dos missionarios catholicos é quási nulla, composta de informações incompletas e pouco seguras; deve dizer-se tambem que é uma vergonha para um país civilizado e para uma obra christã. Um só viajante allemão, H. Barth, fez mais em favor da carta e conhecimento da Africa, do que todos os portugueses, incluindo o govêrno português, e do que todas as missões catholicas durante séculos» (1).

Não é, porém, esta uma opinião isolada, embora revista uma especial gravidade dada a auctoridade scientifica d'um geographo, que o escriptor Luciano Cordeiro qualificou de «honesto e respeitavel» (2). Um outro geographo moderno, A. J. Wauters, e não dos menos cotados (3), reduz tambem a proporções bem modestas o trabalho das nossas antigas explorações africanas. Regista o descobrimento do Zaire por Diogo Cão; diz que as notícias precisas das explorações d'este navegador as temos, por assim dizer, registradas no globo de Martim de Behaim, testemunha ocular; fala na tentativa de travessia de Jorge de Quadra, do Congo á terra do Preste João, e na de Balthazar de Castro, que não chegou mesmo a ter começo de execução; no projecto, tambem não levado a cabo, de Manuel Pacheco, em 1536 (aliás 1537), e occupando-se de Duarte Lopes, o nome mais representativo do nosso trabalho de exploração no século XVI em Africa, sentenceia-o n'estas breves linhas: «... tal qual é o documento (o livro de Pigafetta) apesar de evidentes exaggeros, é precioso, no que se refere á região maritima, ao sul da foz do Congo. O mesmo succede com a carta do país; quanto á que representa a Africa central e meridional, não tem o menor valor scientifico: não passa d'uma compilação das cartas anteriores, hespanholas e italianas: a de Fra-Mauro (1457-59), a de La Cosa (1500), a de Ramusio (1554), Castaldi (1564), Berteli (1571), Livio Saunto (1588), etc.»

O explorador Jorge de Quadra, a que se refere o sr. Wauters é Gregorio de Quadra; quanto a Martim Behaim deve dizer-se que a sua fortuna, como geographo e navegador, tem soffrido alguns revezes depois das investigações de Ravenstein. Este geographo, por incompatibilidade chronologica refuta a ideia, geralmente acceita, de Martim ter acompanhado Diogo Cão na sua primeira viagem. Esta expedição realizou-se em 1482 e não em 1484. Tambem a data da vinda do nuremburguês a Lisboa, não parece ter sido 1481, mas 1484. O seu célebre globo, só com extremas precauções críticas póde ser consultado como documento geographico. Ravenstein vae ainda um pouco mais longe e crê que este vendedor de apparelhos opticos pretendeu açambarcar, perante a posteridade, as glorias de Diogo Cão, Bartholomeu Dias e Fernão de Magalhães. A prodigiosa injustiça do sr. Wauters para com Duarte Lopes, quando considera o mappa d'este viajante, que palmilhou a Africa, uma simples ensalada cartographica, de elementos bebidos em homens, que nunca a percorreram, foi

(1) Veja-se Manuel Ferreira Ribeiro, *Vias commerciaes dos portugueses*, etc. Lisboa, 1887, pag. 51.

(2) *A hydrographia africana no século* XVI (em francês). Lisboa, 1878, pag. 61.

(3) *L'Etat indépendant du Congo*, Bruxellas, 1899, pags. 6 e 7.

rasgadamente combatida e reparada por outro escriptor belga, de alto cothurno scientifico: o sr. Léon Cahun, no bello, caloroso e scintillante prefacio do livro de Duarte Lopes—Pigafetta [1]. E digamos, antes de mais nada, e porque justiça deve fazer-se e a todos, que se a obra de pioneiro de Duarte Lopes ou foi ignorada ou mal interpretada por alguns escriptores extrangeiros de monta, a figura e a obra do grande explorador tambem entre nós caíu no esquecimento mais lamentavel e quási criminoso. Para demonstrá-lo, bastaria fazer ver que a *Relação do reino do Congo,* que tem duas edições latinas, as dos irmãos de Bry (Francfort, 1598 e 1624), uma italiana (Roma, data duvidosa), uma hollandesa, a de Everart (Amsterdam, 1596), uma inglesa, a de Hartwell (Londres, 1597) e uma em lingua francesa, a do sr. Cahun (Bruxellas, 1883), ainda não teve uma edição portuguesa; e apenas a promessa, por Luciano Cordeiro, de uma edição crítica, que o laborioso escriptor não chegou a realizar. Esta circumstancia prova da nossa parte uma incuria condemnavel e da parte dos extrangeiros um interêsse, que não é facil de conciliar com a ignorancia de que alguns geographos illustres deram prova, quando se occuparam da collaboração portuguesa na obra da penetração africana. Verdade é que o facto tambem nos restringe sensivelmente o direito de formular incriminações, pois o vulto de Duarte Lopes só em época relativamente recente foi entre nós objecto de estudo serio, e posto no seu verdadeiro relevo. Oiçamos, pois, o que nos affirma o sr. Léon Cahun no seu prefacio:

«Comparando uma carta da Africa, feita pelo anno de 1850, antes das viagens de Barth, Livingstone e Speke, com uma carta dos fins do século XVI, depois das grandes explorações portuguesas de Diogo Cam, Francisco Gouveia e Duarte Lopes, vê-se que o interior d'esse continente era muito menos conhecido ha 30 do que ha 300 annos.

«Durante tres séculos procurou a Europa, com ardor, desvendar o mysterio das cheias e origens do Nilo, reconhecer o centro da Âfrica. E a historia das viagens africanas, durante o século XVIII e a primeira metade do XIX, póde chamar-se o «martyriologio africano», tão grande foi o numero de heroicos viajantes que succumbiram na emprêsa. Um estado-maior de geographos de gabinete dava instrucções sábias a uma legião de exploradores e dirigia-os para o centro da Africa, pelo Egypto, pela Tripolitana, pela Guiné, pelo Cabo, por todos os caminhos, emfim, excepto pelos dois convenientes, que os portugueses do século XVI, sem serem dirigidos por sabios de especie alguma, tinham adoptado desde logo, sem hesitação. É extraordinario que nenhum, entre tantos sabios e viajantes, que sonharam durante tres séculos com a travessia da Africa, tenha tido a ideia de ler as descripções e indicações muito exactas, publicadas no fim do século XVI ou de crer na sua exactidão, no caso de as ter lido. Quando Speke concebeu, pela primeira vez, o plano muito simples de procurar as origens do Nilo, não subindo o rio n'um percurso de mais de 800 leguas, mas cortando de Léste a Oeste, desde Zanzibar, alcançou logo o seu fim. Na conferencia que fez, depois do seu regresso, aclarou d'esta fórma o grande mysterio africano: «Se os antigos soubessem que a Africa equatorial é a região das grandes chuvas, não teriam quebrado a cabeça por causa das origens e cheias do Nilo.» E nós diremos: «Se Speke tivesse lido a descripção da Africa, publicada em 1598 pelos irmãos de Bry, não se teria vangloriado de ter descoberto o segredo das nascentes e cheias do Nilo, que Duarte Lopes descobrira

[1] *Le Congo — La véridique description du royaume africain appelé tant par les indigènes que par les portugais le Congo . . . etc.*, traduite pour la première fois en français . . . par Léon Cahun, Bibliothécaire de la Bibliothèque Mazarine — Bruxelles, 1883.

e que os irmãos de Bry tinham divulgado, 280 annos antes da sua viagem.» Quando Stanley, em busca de Livingstone, descobriu o curso do Lualaba e do Congo, sustentou, em não sei quantas conferencias e artigos de jornaes, que achára as verdadeiras nascentes do Nilo; só uma segunda viagem, cheia de fadigas e perigos, o pôde convencer da importancia do seu proprio descobrimento, levando-o a reconhecer, com applauso da Europa, que o que julgára ser o Nilo era o Congo e que se podia ir do Indico ao Atlantico pelo caminho que elle acabava de abrir. Se Stanley, antes de partir, tivesse lido a mesma descripção da Africa, impressa em 1598, teria ido direito ao Congo sem discutir nem hesitar e teria seguido, com pleno conhecimento de causa o caminho que o português Duarte Lopes não fôra o unico a trilhar, muito tempo antes d'elle. Saberia com exactidão onde habitam os povos guerreiros de N'Zigué, que quási o impediram de passar. Saberia que existem na Africa equatorial duas raças, uma pacifica e relativamente civilizada, outra de caracter combativo, que repelle a primeira para a costa occidental. Conheceria os pormenores d'uma das incursões d'esses N'Zigué, cuja physionomia se parece mais com a dos brancos, do que com a dos outros negros; que são parentes proximos dos Zandé, do dr. Schweinfurth, dos nossos Peulhs do Senegal, e dos Haússa, que precisamente Stanley procura attrahir, n'esta occasião, ao seu serviço.

Se os srs. Serval e Griffon du Bellay, e depois d'elles Brazza, quando exploraram o estuario do Ogo-Oué e o Gabão, tivessem estudado o velho livro de 1598, saberiam desde logo da existencia do planalto que separa a bacia d'estes dois rios da do Congo e dirigiriam as suas explorações immediatamente para SE., com a certeza de achar o grande curso de agua, porta de entrada da Africa equatorial. Teriam sabido das cataractas do Congo, assignaladas por Stanley, 292 annos depois de Duarte Lopes, e a montante das quaes tem de retomar-se a navegação interrompida, do rio que leva do Atlantico á bacia do Nilo, e ao Indico.

Infelizmente, os eruditos, que lêem os livros antigos, quási não viajam; e os viajantes que vão explorar directamente o solo, não lêem.

No século XVI, quando Duarte Lopes publicou o resultado das suas explorações na Africa, não havia os meios de investigação, de descripção e publicação que hoje possuimos. Não havia os instrumentos geodesicos e topographicos, que hoje permittem notar depressa e bem a configuração do solo; não havia a photographia, que permitte reproducções fieis; não havia museus para inventariar, classificar e guardar collecções de historia natural; não havia jornaes, que mantivessem em dia as notícias dos descobrimentos; um incidente politico, uma crise economica faziam esquecer, em meses, países imperfeitamente descriptos, ainda quando bem conhecidos, por falta de meios materiaes de observação e descripção. No fim do século XVI, conhecia-se muito melhor a Africa Equatorial, entre o Nilo e o Congo, do que hoje, depois das viagens de Speke, de Livingstone, de Stanley, de Brazza, de Serpa Pinto: mas sabia-se menos descrevê-la. Ainda havemos de gastar meio século a encontrar, pouco a pouco, as minas, que os portugueses do século XVI viram, os affluentes do Congo, em que navegaram, as montanhas, que escalaram, as igrejas, que construiram; mas á medida que se fôr encontrando tudo isso, ficará tão bem determinado em jornaes, livros e mappas, tão rigorosamente classificado em museus e collecções, que só uma catastrophe ou uma invasão de barbaros poderiam fazer perder a sua noção precisa. O photographo mais vulgar, o jornalista mais insignificante dar-nos-hão hoje informações mais exactas e duradouras do que no século XVI o missionario mais intelligente e dedicado.

E sê-lo-hiam realmente os missionarios? O zêlo religioso é um factor de descobri-

mento e de civilização? Ver-se-ha n'este livro, feito sobre a narração do fervoroso catholico Lopes, que, no século XVI, os missionarios portugueses fôram antes um obstaculo, do que um auxilio, para os seus compatriotas colonizadores da Africa. O triste espectaculo das suas dissensões, e rivalidades com as auctoridades civis, apesar de serem a época e o povo muito submissos á Igreja, em breve cansou e desgostou os indigenas e os colonos portugueses.

Vêr-se-ha tambem com proveito que no século XVI se explorava a fé, para a colonização, pouco mais ou menos como hoje se explora o sentimento nacional. Onde o viajante moderno diz: «Os indigenas receberam com enthusiasmo o meu pavilhão», o viajante do século XVI dizia: «Os indigenas pediram instantemente o baptismo». Ora os indigenas não se enthusiasmavam mais n'esse tempo por uma religião, do que hoje por uma bandeira; revoltar-se-hão contra os administradores civis, quando estes lhes quiserem transformar os habitos, como outr'ora contra os monjes, quando elles deixaram de constituir espectaculo novo e quiseram immiscuir-se na sua maneira de viver. A colonização portuguesa do Congo, no século XVI, falhou, porque os portugueses julgaram ou fingiram julgar que bastava converter os negros e fazê-los ir á missa para os civilizar. Á colonização francesa, belga, inglesa, recomeçada tres séculos depois da portuguesa, o mesmo succederia, se partisse da crença de que basta que os negros adoptem a bandeira d'uma nação europeia e se façam julgar pelo juiz de paz, para que tudo caminhe regularmente no Congo. Os negros do século XIX não comprehendem melhor a nacionalidade do que os seus antepassados do século XVI comprehendiam a religião. Brazza dirigiu-se ao sentimento nacional francês, para obter os meios necessarios á sua expedição, como Duarte Lopes, outr'ora, se dirigiu ao sentimento religioso português. Esperemos que os modernos, mais avisados que os seus predecessores, saibam que não se civilizam milhões de homens por meio de simples medidas administrativas, nem por meio de apparatos religiosos; e que substituam as tentativas de milagre laico por muita paciencia e actividade commercial. O que resta das bellas colonias portuguesas em Africa, cuja fundação vae historiar-se, aproveitará com os esforços internacionaes, dirigidos por Stanley e com os esforços nacionaes franceses, dirigidos por Brazza.

Lendo esta antiga relação do Congo, saber-se-hão muitas coisas da geographia africana, que será facil definir e rectificar sobre o terreno. Creio prestar um serviço aos nossos viajantes modernos pondo á sua disposição um livro, cujos exemplares originaes são hoje raros. Viajando, aprendi a apreciar os viajantes antigos, e vi que sempre que os modernos se riam d'elles era porque os tinham comprehendido mal e conheciam ainda peor, o terreno. Quanto mais se estudarem a Africa e a Asia *de visu* maior surprêsa produzirá a veracidade dos antigos, dotados de grandes faculdades de observação. Não tinham instrumentos; nós temo-los excellentes; construiam theorias absurdas; as nossas nem sempre são tão razoaveis como nós suppomos; enganavam-se muitas vezes; nós não somos infalliveis; tinham ideias preconcebidas; nós não temos as mesmas, mas temos outras; e, para concluir, de dez absurdos que n'elles encontramos, nove proveem da nossa má interpretação.»

II

O periplo africano foi o grande emprehendimento português do século XV. Foi essa extraordinaria e longa cabotagem que, achando a ligação entre o Atlantico e o Indico, nos devia conduzir a Calecut. Mas o trabalho de penetração, que foi principalmente a

obra dos nossos pioneiros do século XVI, foi acompanhando dentro de certos limites, o da circumnavegação africana. Abstrahindo de Marrocos, por onde se fez a penetração septentrional, penetração de um caracter especial e que corresponde a uma funcção historica differente, pois ella é, de facto, o prolongamento da Reconquista e da Cruzada, vemos que, transpondo esses famosos cabos, que são os marcos de cabotagem, os portugueses ìam avançando para o interior, como que franjando o continente, com as emprêsas [1] de João Fernandes, remontando o Rio do Oiro (1445); de Pedro de Evora e Gonçalo Annes, a Tucorol e Tombuctu; de Reinel, Rebello e Collaço, ao interior da Senegambia; de Pero Fernandes, ao Alto Niger (1534); de Rodrigo Reinel, Borges e Gonçalo de Antas, ao Hadrar; de João Lourenço, Vicente Annes e João Bispo, ao Songo; de André de Almada, ao Sanagá; de Diogo Cão, Ruy de Sousa, Quadra, Balthazar de Castro, Pacheco e outros ao baixo Congo [2]. Transposto o Cabo, e ao realizar-se depois a primeira viagem do Gama, este toca tres pontos da costa Oriental, «Terra da Bôa Gente» ou «da Bôa Paz», o Rio dos Bons Signaes (Zambeze) e Moçambique, «começo da orla» islamica, como observou Nicolau Coelho. O Gama tem informações do Rio Sofala, onde aporta Sancho de Toar (1501) e Anhaya erige um castello (1505). Vem depois a occupação de Angoche (1516) e, passado o meado do século, a de Sena e Tete.

A grande viagem de Pero da Covilhã, por outro lado, abria-nos outra porta de entrada; a da Abyssinia, revelada á Europa pela Informação do chronista da embaixada de D. Rodrigo de Lima, Francisco Alvares, e pelas missões e escriptos dos jesuitas do século XVII, Fernandes, Paes e Lobo. Este, vedada a costa Abyssinia pelos turcos, penetrou no país pelo Sul, através dos Gallas, abrindo, com os seus predecessores e confrades, o caminho aos Salt, Rüppel e Abbadie.

Em 1560 a India, um dos grandes viveiros da Companhia, manda á costa Oriental de Africa a missão de Gonçalo da Silveira, André Fernandes e André da Costa. Gonçalo vae de Inhambane ao Tongue converter o rei d'este país, vassallo de Monomotapa. Regressa a Moçambique; e segue para Quilimane, Sena, Tete, Chatucuy até a Zimboé de Monomotapa, onde é assassinado em 1561, encontrando por toda a parte pègadas portuguesas. Na Costa Occidental, o trabalho de exploração e penetração prosegue com a expedição de Francisco Gouveia aos Jagas em 1570 e as grandes viagens de Duarte Lopes, na bacia do Congo (1578-1586). A faina da exploração e da missão não cessa um momento. Dominicanos e jesuitas com o cathecismo e o astrolabio, porque D. João II prefere jesuitas mathematicos, devassam o interior do Continente. Já no século XVII, em 1624, o padre Luís Marianno nos dá a primeira relação nítida, precisa, do lago *Hermosura,* o Nyassa, a lagôa Zachaf por onde Manuel Godinho propunha o seu itinerario de travessia da Africa em 1665. Os pombeiros angolenses collaboram com os missionarios e com os soldados, na determinação dos melhores caminhos do intercambio africano.

Pretender-se-ha que todo este trabalho é, em qualidade, de pouca monta? Porque a questão de prioridade, essa nem sequer nos parece discutivel. Nos séculos XV, XVI,

---

[1] Diogo Gomes, na sua Relação de Descobrimento da Guiné, colloca a descoberta da Terra Alta, por Gonçalo Velho, para além do Bojador, em 1416, e os primeiros trabalhos de Affonso Baldaya nos annos que se seguem. Esta precedencia de Gonçalo Velho sobre Gil Eannes, envolve um problema interessante, digno de discussão e exame.

[2] Os nomes de Quadra e Castro estão ligados ao projecto de João II de achar um caminho do Congo á Abyssinia, através do continente.

e XVII fomos na Africa, não só os primeiros, mas quási os unicos pioneiros. De todo o immenso inquerito geographico a que procedemos, muito tinha de passar necessariamente para a obra dos cartógraphos, quer nacionaes, quer extrangeiros ([1]). Foi esse prodigioso material de informação que a pouco e pouco foi demolindo a cartographia ptolomaica e a medieval. Não tinha toda esta sciencia geographica o caracter scientifico das grandes explorações da segunda metade do século XIX? Certamente que não, mas, pouco ou muito, ninguem fez mais, nem com meios mais perfeitos, nem tanto como nós, nos séculos aureos da nossa actividade geographica. A complexa meada da hydrographia africana levou séculos a desennovelar-se, e esta longa evolução foi assignalada por alternativas de avanço e de retrocesso. Evolução singular e curiosa como póde ver-se no que por exemplo respeita ao conhecimento e definição scientifica da bacia do Nilo. Com Erathostenes a hydrographia do grande rio attingiu uma precisão relativa, para recaír na anarchia e confusão representadas nas concepções de Plinio. O nosso cartógrapho, Diogo Homem, representa um passo adiantado no conhecimento da bacia do Nilo, com a sua carta de 1558, onde se esboça a destrinça das bacias do Nilo e Congo. Com Lazaro Luís (1563) e Vaz Dourado (1571) renasce a complicação ou a indeterminação, o que vale o mesmo, para voltarmos a uma concepção mais exacta com Duarte Lopes. O problema das nascentes do Nilo oscilla entre a concepção dos mananciaes abyssinios e dos equatoriaes. Francisco Alvares propende para estes ultimos, Paes para os primeiros, Lobo recua novamente as nascentes no sentido do Sul, Bruce, século e meio mais tarde, volta á velha ideia das nascentes abyssinias.

A ideia do mar interior africano, d'onde nasciam os grandes rios, e que foi formulada pelos nossos exploradores e chronistas, e a pouco e pouco substituida por uma concepção mais conforme com a realidade, voltou a assumir uma nova fórma ainda em 1860 com o Grande Lago de Ujiji, de Dufour. Á geographia africana do século XVI se deve ter desenredado d'este novello o Niger ou Nilo dos Negros e ter assentado a origem lacustre dos grandes rios, dando ao mysterioso Lualaba o vago papel de canal de ligação dos lagos centraes. Com os modernos exploradores anglo-saxonios levou-se a descriminação geographica a uma precisão definitiva; os nivellamentos de Cameron desligaram o Lualaba do Nilo. Depois, Stanley, partindo de Niangoé, onde tinham parado Livingstone e Cameron, desceu até á foz do Congo, provando assim que o Lualaba era o grande drenador ou manancial do famoso rio, o «Poderoso» dos antigos portugueses. Estava feita a prova e a contra-prova. Quando da expedição de Stanley em soccorro de Emin-Pachá, o célebre explorador yankee, descobriu o Alberto Eduardo e com elle a ultima das tres nascentes, que ainda restava determinar, do rio Nilo. Os ultimos grandes mysterios da geographia africana estavam desvendados; mas ainda que o sr. L. Cahun affirme com alguma razão que os que viajam não lêem e os que lêem não viajam, é indiscutivel que o trabalho português não foi um esforço perdido; e que, directa ou indirectamente, nenhum dos grandes exploradores modernos da Africa pôde subtrahir-se á acção diffusa e envolvente da velha sciencia geographica portuguesa, salvo se admittirmos que os Cameron, os Brazza, os Stanley realizaram a sua obra de geógraphos sem sombra de preparação, hypothese que certamente ninguem poderá admittir.

([1]) Sobre a nossa cartographia africana deve ler-se a lucida exposição que, a proposito da carta de Dapper (1676), faz o sr. Ernesto de Vasconcellos nos seus *Subsidios para a historia da cartographia portuguesa*, pags. 11 e 12. Lx.ª 1916, já por nós cit.

A penetração americana

I

Procurando até certo ponto definir o caracter da nossa actividade geographica, dizia, no primeiro quartel do século XVII, o chronista fr. Vicente do Salvador: «da largura que a terra do Brasil, tem para o Certão não trato, porque até agora, 1627, não houve quem a andasse por negligencia dos portugueses, que, sendo grandes conquistadores de terras não se aproveitam d'ellas, mas contentam-se de as andar arranhando ao longo do mar como caranguejos». Fazendo esta citação, na sua «Historia das Entradas» ([1]), o auctor accrescenta: «Esta definição de fr. Vicente do Salvador não tem exacto cabimento: facto é incontestavel que um dos grandes motivos que determinavam as entradas era justamente este de aprisionamento e resgate de indios para o captiveiro, mas é tambem certo que as notícias vagas que chegavam ao littoral, das grandes minas existentes no sertão, notícias correntes no Norte por informações de Diogo Alvares, o legendario Caramurú, e no sul ([2]) partidas de alguns companheiros de Solis, escapos á sanha dos indios e depois por elles tolerados e que fôram levados á Europa, entre outros por Christovam Jacques, começaram a predispôr os colonos a penetrar o continente.»

II

Tendo os franceses assolado as costas do Brasil fôra ali enviado em serviço de guarda-costa Christovam Jacques, que de regresso ao reino se propunha levar mil povoadores para aquelles nossos recentes dominios, dando assim corpo a um dos pensamentos mais fecundos do reinado de D. João III, soberano que Oliveira Martins qualificou de rei «colonizador». Este pensamento começou a ter execução com a ida da esquadra de Martim Affonso de Sousa, que em 1531 iniciava a primeira entrada ou incursão no sertão brasileiro, partindo da praia de S. Christovão e estabelecendo o primeiro contacto com os tamoyos, a que logo se seguiu a expedição ou entrada, que teve como ponto de partida a ilha de Cananeia e de cujo roteiro e circumstancias faltam completamente os dados historicos.

III

Subordinadas as capitanias do Brasil a um govêrno central, o primeiro governador geral, Thomé de Sousa, logo organiza a «entrada» que confiou ao egresso peruviano,

---

([1]) Transcrevemos esta citação do artigo «Historia das entradas... do engenheiro José Luís Baptista», inserto no Tomo Especial, consagrado ao Primeiro Congresso de Historia Nacional — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional, 1915, artigo que serve de base a esta nota, e que é a exposição mais systematica e mais perfeitamente condensada d'este assumpto, pelo menos do nosso conhecimento.

([2]) As explorações do sul, tomando por base S. Paulo, constituiram o objecto de 3 conferencias realizadas pelo escriptor brasileiro, Basilio de Magalhães, conferencias cujo summario desenvolvido vem inserto no Tomo LXXVII — Parte I, 1914, «da Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro», Rio de Janeiro, 1915.

Espinhosa, considerado como perito, na pesquisa dos metaes preciosos. Esta entrada attingiu a região dos quartzitos brancos da Diamantina e do Serro; chegou ao Rio de S. Francisco, e, pelo Rio Verde e Rio Pardo, regressou ao littoral, itinerario que mais se approxima do descripto pelo jesuita Navarro na sua Relação.

Governando Mem de Sá, Vasco Rodrigues Caldas sobe pelo Paraguassú, tendo por objectivo o Sincorá, attingindo o local onde é hoje Andarahy, d'onde é obrigado a retroceder.

Martim de Carvalho toca o Arassuahy, regressando ao littoral pelo valle de S. Matheus; em 1573, Sebastião Fernandes Toucinho, da familia do donatario de Porto Seguro, sobe o rio de S. Matheus até ao ribeirão Preto, vae á lagôa Juparanan, ao rio Doce, ao Suassahy-grande, valle do Itamarandiba, ao Arassuahy, e pelo Jequitinhonha ao mar.

Dias Adorno vae da Bahia a Caravellas, ao valle do Mucury, confluencia do rio de Todos os Santos, que sobe até ás nascentes. Transpõe a serra, segue pelo Itamaranbita e Arassahy até ao Jequitinhonha, onde a entrada se divide; uma parte desce o rio até ao mar; outra, através da matta virgem, alcança o valle de Jequiriçá, d'onde se dirige á Bahia.

Gabriel Soares de Sousa, em 1591-1592, sahe de Jaguaripe, attinge a divisoria das bacias do Jequiriçá e Paraguassú, onde constroe um forte, prosegue o seu caminho, e na margem esquerda d'este ultimo rio constroe outra fortaleza, e outra na base da serra de Orobó; atravessa a Jacobina e segue até ao morro do Chapeu, morrendo abandonado no sertão confinante.

IV

Nos annos de 1593-94 realiza-se a grande entrada, constituida pelas columnas de Christovam Barros, ao longo do littoral, e de Rodrigo Martins e Alvaro Rodrigues, que seguem pelo sertão. O ataque d'esta columna pelos indios provoca a juncção das duas columnas e a jornada sangrenta em que fôram mortos 1.600 indios. O pesquisador d'esta grande entrada era Belchior Dias Moreya, que em muitos historiadores e obras de auctores vem confundido com seu filho, Roberio Dias. Segue-se a grande entrada de Belchior Moreya, de 1593 ou 1594, que durou 8 annos e cujo itinerario foi encontrado pelo dr. Felisbello Freire n'um codice do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. O célebre pesquisador partiu do rio Real, atravessou as serras Jacobina, Bendutayu, Puarassaia, Branca, Osoroá, passou pelos rios Verde, Salitre, S. Francisco; regressando a Itabayana.

V

Belchior Moreya, ambicioso de riquezas e honras vem á côrte de Filippe II, onde procura deslumbrá-la com a perspectiva de uma verdadeira Golconda. Desilludido na sua esperança de alcançar o titulo de marquês das Minas, volta ao Brasil onde o novo governador, D. Francisco de Sousa, grande fidalgo e animo propenso á liberalidade, procura, pela blandicia ou pela intimidação utilizar-se dos segredos de Belchior; este chega a iniciar uma entrada no sertão com o governador, annuncia-lhe em Itabayana que pousa os pés sobre as proprias minas mas nada mais dirá, sem conseguir primeiro as mercês, que pretende do rei de Hespanha. Com a morte do aventureiro, perde-se o segredo das minas.

D. Francisco realiza por S. Paulo a entrada de 1601 confiada ao flamengo Glim-

mer. D'este diz o sr. Basilio Magalhães; *loc. cit:* «... a grande via de penetração do *hinterland* mineiro, trilhada pelo «caçador de esmeraldas», embora já antes perlustrada pela infructifera bandeira de Glimmer, só se tornou fixa e prestadia depois do povoamento das margens do Parahyba, definitivamente conquistadas ao gentio pelos sertanistas de S. Paulo...: assim como pela feliz lembrança, que Fernão Dias foi o primeiro a pôr em pratica, de plantar roças nos seus forçados e longos pousos na tragica porfia de sete annos, em que andou á cata dos cobiçados seixos verdes.» E mais adiante:

«Mas a rota de Glimmer, decisivamente retomada e beneficiada por Fernão Dias Paes Leme, attrahiu os sertanistas de Taubaté, tanto mais que Garcia Rodrigues e Borba Gato a haviam de seguida trilhado e retrilhado, insinuando aquelle ter encontrado ouro de lavagem nos ribeiros que corriam para Sabarabussu.»

Em 1602, a entrada de Nicolau Barreto partindo de S. Paulo chega á Cachoeira e á actual cidade de Pitanguy. Em 1603, Pero Coelho de Sousa, sendo governador Diogo Botelho, partindo de Olinda, segue de Jaguaribe á barra do Ceará, passa a Jericoacoara, fere a batalha sangrenta de Camorim, attinge a montanha de Ibiapaba, e desamparado pelos seus retrocede diante do barranco de Parnahyba. Em 1605 segunda expedição, mallograda, de Pero Coelho ao Ceará.

A este breve resumo da obra dos sertanistas não podemos pôr melhor remate do que a propria conclusão do sr. Luís Baptista, que transcrevemos:

«Nas paginas anteriores não tenho a pretensão de ter estudado todas as entradas; certamente entre as datas que apresentei se poderão inserir outros termos, alguns dos quaes são aliás do nosso conhecimento; o pequeno numero de dias que tive para relatar a presente these facilmente explica a razão que me obrigou a limitar este trabalho.

Procurei relatar os acontecimentos rapidamente, encarando as narrativas sob o ponto de vista geographico e quanto possivel topographico; não me demorei em expôr as peripécias communs a todas as excursões pelo interior dos países despovoados, porque ellas constâm de todas as chronicas, das quaes, pelo motivo de ser a mais antiga, transcrevi, na integra, a do padre Navarro.

Outra, que merece especial menção, é a do padre Figueira, pela exacta descripção que faz da viagem da Fortaleza a Sobral, através da serra da Uruburetema, caminho que já tive occasião de percorrer, depois de haver lido a citada narrativa.

Infelizmente, a qualidade principal, que predominava para a escolha dos chefes das expedições, era a intrepidez; attribuo a este motivo não terem sido colhidos dados positivos a respeito das zonas percorridas.

Quanto mais leio os documentos antigos sobre as explorações do interior do país, mais me convenço de que o pessoal encarregado das mesmas nenhum interêsse ligava á parte geographica; os papeis, que se conservaram até nossos dias, apenas nos conduzem a hypotheses mais ou menos acceitaveis.

A unica entrada, de que, com certeza, teriamos hoje uma descripção capaz de nos fazer conhecedores do exacto caminho percorrido, foi a de Gabriel Soares de Sousa; a morte, em plena floresta, d'este grande conhecedor do Brasil na sua infancia, foi effectivamente uma grande perda para a historia das explorações em busca das minas.

As entradas, cuja historia tentei esboçar, realizaram-se em 1531, 1553, 1561, 1570, 1573, 1574, 1591, 1594, 1601, 1603; parei ahi, porque o campo é muito vasto e o tempo urgia.

E' impossivel dizer, ao certo, em que data terminaram as entradas; de um modo geral, ellas ainda se procedem nos nossos dias, pois outra coisa não é a expedição

que aos sertões do noroeste brasileiro acaba de emprehender e concluir Theodoro Roosevelt.

Escrevendo este trabalho, em poucos dias, em uma época em que são tão grandes as tristezas que affligem a humanidade, em que é impossivel a quem pensa, medita e sente, alhear-se das grandes desgraças que estão enlutando a civilização com essa tremenda conflagração da Europa, no nosso espirito causaram grande sensação, por um lado, os trabalhos immensos e as privações formidaveis, que soffreram todos os expedicionarios e, pelo outro, o sacrificio e a guerra de exterminio, que os conquistadores faziam aos pobres habitantes das selvas e campinas brasileiras.

O elemento principal, em que se apoiavam todas as entradas, foi, — attesta-o a historia em paginas de um colorido convencedor, — a gente do país; esta cooperação voluntaria e na maioria, senão na totalidade das vezes, leal e desinteressada, foi sempre, no fim das jornadas, retribuida com o captiveiro e com atrocidades.

O systema de colonização adoptado pela metropole portuguesa no Brasil redime-se de todas essas crueldades pelos esforços ingentes, que os conquistadores tiveram de empregar para manter a integridade do territorio da immensa colonia, esforços comprovados em guerras e batalhas, algumas das quaes são uma verdadeira epopeia do valor e do patriotismo português.

Os desmandos e traições de João Soromenho, de Pero Coelho de Sousa e outros, são uma pequenissima parcella de passivo, que de muito pouco diminue o immenso activo de gratidão que nós, os brasileiros, devemos a Portugal, por ter conservado a integridade do territorio do nosso grande e bello país.»

Periplo e penetração da Asia pelos portugueses

I

As navegações occidentaes tinham-se extendido no século VI até Ceylão, onde chegaram tambem as navegações e o commercio dos chineses. Os árabes haviam de ultrapassar muito este limite, na sua prodigiosa expansão; e assim é que os vemos ir ao encontro do commercio chinês, de modo que no século VIII já apparecem em Cantão, e no século IX ao sul de Xangae. No fim d'este século as perturbações que dilaceraram o Imperio chinês, fizeram-nos abandonar esta região, podendo considerar-se como estabelecimento-terminus ao Oriente Cala, em Malaca.

O refluxo chinês proseguiu mais tarde; e no principio do século XV exerciam sobre o mar Indico um incontestavel dominio. O estabelecimento da suzerania chinesa na ilha de Ceylão no meado do século XV é um facto positivo e d'elle fomos achar ainda vestigios, quando ali nos estabelecemos mais tarde. Por outro lado, a expansão musulmana tinha-se feito sentir até aos extremos confins do tradicional Catai, e poucos portos houve na Asia que os seus mercadores não attingissem. Ora, de certo modo, póde dizer-se que fomos na Asia os herdeiros e os destruidores da obra dos musulmanos. A conjuncção theorica das viagens de Pero da Covilhã e Bartholomeu Dias, déra a solução do problema que Portugal proseguira, durante a maior parte do século XV — o descobrimento do caminho maritimo da India —, cuja realização integral havia de competir a Vasco da Gama.

Attingida a India, ella tinha de ser, não só a base da maior construcção politica do genio português na Asia, mas o ponto de partida de toda a nossa exploração geogra-

phica, quer maritima, quer terrestre, d'aquelle grande continente. Com effeito, a India, é a base natural de operações, d'onde partimos sempre, quer para realizar o periplo asiatico, irradiando para o Golpho Persico e Mar Roxo, para occidente, e para o mar da China, a oriente, quer na obra grandiosa da penetração que, tomando tambem a India como ponto inicial, realiza as grandes explorações divergentes para Oeste e Léste, por esses caminhos, palmilhados por Bento de Goes (1) e Antonio de Andrade até ao Tibet, Tartaria e China, por um lado; e pelas rotas de Tenreiro, Fr. Gaspar de S. Bernardino, Nicolau de Orta, Pedro Teixeira (2) e Manuel Godinho, para apenas citar os maiores pioneiros.

O apostolado, a exploração economica e geographica acham-se de tal modo unidos e muitas vezes até nas mesmas pessoas, que um relancear de olhos sobre o atlas de Werner basta para deduzir da extensão que n'elle occupam as christandades portuguesas da Asia, a grandeza do trabalho dos nossos pioneiros no século XVI, n'este continente. Com effeito, o padroado português, ainda nos principios do século XVII, abrangia a Arabia Feliz, a Persia, o Afganistan, Cabul, Lahore, Thibet, Scinde, a Tartaria central, a India, o Imperio Birman, o Pegu, doze reinos da peninsula malaya, com as ilhas adjacentes, Samatra, Sunda, Batavia, China, Tartaria oriental, reino da Coréia e Japão.

Outro aferidor exacto da extensão e profundidade da nossa acção na Asia, vamos encontrá-lo no grande affluxo de vocabulos portugueses que introduzimos nas linguas d'aquella parte do mundo; e no manancial de termos asiaticos que trouxemos para português e que por nós entraram em tantas linguas europeias. Um romanista eminente (3) fez sentir a seu tempo a necessidade de se organizar um glossario, que contivesse todos os termos portugueses introduzidos nas linguas asiaticas. Este appello teve uma brilhante repercussão na sciencia portuguesa. O illustre Gonçalves Vianna deu começo a uma monographia sobre a influencia do português no malaio. O dr. Adolpho Coelho, que, na sua actividade omnimoda, tem desbravado tantos campos da investigação scientifica, publicára em 1881 o seu opusculo «Os dialectos romanicos ou neo-latinos na Africa, Asia, e America». Monsenhor Rodolpho Dalgado, o heroico trabalhador a quem nenhum soffrimento desanima, e o verdadeiro criador da lexiologia luso-oriental, propôs-se realizar e ultrapassar a obra indigitada por Schuchardt. Em 1913 publicou a «Influencia do vocabulario português em linguas asiaticas» em cujo Prefacio, summariando modestamente a sua actividade scientifica, no campo de que se trata, nos diz que teve de extender o seu inquerito e a sua colheita a cêrca de 50 linguas asiaticas, referindo-se aos seus primeiros estudos, o Diccionario concani-português e a uma memoria sobre o indo-português de Ceylão, vestibulo da sua colossal tarefa. No momento em que estas linhas são traçadas, a Academia das Sciencias de Lisboa acaba de reunir com o titulo «Contribuições para a lexiologia luso-oriental»

---

(1) Dos restos sobreviventes do Diario de Goes, existe o summario de Ricci que o jesuita Fernam Guerreiro reproduziu em Portugal, em 1611; a redacção italiana de Ricci, que acompanha as Memorias d'este padre e a versão latina d'este texto, feita por Trigault, publicada em 1615.

(2) Da obra de Teixeira existe a edição hespanhola de Antuerpia (1610); a versão francesa de Cotolendi (1681); a traducção inglesa de John Stevens; e outra edição na mesma lingua de W. Sinclair, continuada pelo illustre e benemerito Donald Fergusson e publicada pela *Hakluyt Society* em 1903. Como para outros grandes viajantes nossos, não existe d'esta obra uma edição portuguesa.

(3) Schuchardt.

a série dos artigos publicados pelo mesmo sabio professor no «Boletim da segunda classe» d'aquelle Instituto. Este livro é apenas um especimen do gigantesco inquerito realizado por Monsenhor Dalgado sobre os termos, com que as linguas asiaticas contribuiram para a lingua portuguesa. Alguns d'estes termos conservaram-se nos dialectos luso-orientaes e d'elles não sahiram; outros vieram para Portugal com os objectos que designavam, e outros, finalmente, transitaram para a nossa lingua modificando-se na sua significação.

Transcrevemos as palavras com que o sr. dr. Dalgado abre o prefacio do seu ultimo trabalho: «O intimo convivio e o assiduo contacto dos conquistadores, commerciantes, e aventureiros portugueses com os povos asiaticos, influiram poderosamente, como era natural, no vocabulario das suas respectivas linguas, augmentando-o notavelmente com o conhecimento de novas ideias e novos objectos. E se avultado foi o numero dos termos portugueses que penetraram nos idiomas indigenas..., tambem não é somenos a quantidade dos vocabulos vernaculos, que transitaram para a lingua portuguesa...

«Várias fôram as causas d'este phenomeno: a intensidade e a amplitude da acção civilizadora de Portugal; a sua precedencia no Oriente e a sua mentoria posto que involuntaria ás outras nações da Europa; a sua adaptabilidade á maior parte das linguas asiaticas e vice-versa, já reconhecida por mais de um sabio extrangeiro; o rapido e perduravel desenvolvimento da raça eurasiatica e dos seus consequentes crioulos.»

II

Vimos n'um quadro rapidamente esboçado até onde levámos a obra da penetração na Asia pelo commercio, pelo apostolado e até onde ella se manifesta pela diffusão da lingua portuguesa. Vejamos agora, tambem a traços largos, onde nos levaram os navegadores, as missões diplomaticas, a conquista. É particularmente fecundo sob este ponto de vista o primeiro quartel do século XVI. A irradiação prosegue em ascensão vertiginosa. Lourenço de Almeida attingira Ceylão em 1505; Lopes de Sequeira toca em Samatra e Malaca em 1509. Com a conquista d'esta ultima por Albuquerque attinge-se uma das culminações da expansão. Malaca torna-se de terminus em ponto de partida d'onde seguiram em 1511, para o Pegu, Ruy da Cunha (1); para Sião, Duarte Fernandes; para as Molucas, o Maluco dos nossos chronistas, Simão Affonso, Antonio de Abreu e Francisco Serrão, chegando este a Ternate, e o penultimo a Amboino. Em 1521, a esquadra de Fernão de Magalhães, já commandada por Espinoza e Sebastião de Elcano, tocava nas Molucas, podendo dizer-se que o esforço português abarcava n'aquelle anno o globo em toda a sua redondeza. A este primeiro quartel do século XVI se deve referir o descobrimento da costa da China, provavelmente no anno de 1514, como ao segundo quartel cabe o descobrimento da Nova Guiné por D. Jorge de Menezes (1526), o do Japão (1542) e para alguns escriptores talvez o descobrimento da Australia, problema ainda controvertido.

III

Quando tocámos nós a China? Uma tradição historica quási constante estabelecera que o primeiro a tocar a China meridional — Cantão — fôra Fernão Peres de Andrade,

---

(1) Ou Gomes da Cunha. V. «Estudos historicos e chronologicos, etc.» por D. Francisco de S. Luís, Lisboa, 1881, pag. 110.

em 1517. O illustre Visconde de Santarem ainda perfilhava esta tradição (1). Uma analyse mais particularizada permitte-nos hoje retrotrahir com o benemerito escriptor inglês Donald Fergusson (2) a data d'aquelle acontecimento para 1514. Barros, sempre bem informado, refere-se a estes precursores de Fernão Peres na China, n'este passo da Década III (VI, II): «Estando os nossos no qual trabalho e perigo (o chronista refere-se ao ataque dos chineses contra as naus surtas em Cantão), em 27 de Junho de 1521, chegou Duarte Coelho em um junco... e com elle outro dos moradores de Malaca. O qual... quizera-se logo tornar a saír, mas vendo que os nossos não estavam apercebidos para isso, pelos ajudar a salvar ficou com elles. E principalmente por amor de Jorge Alvares, que era grande seu amigo, o qual estava tão enfermo que da chegada d'elle Duarte Coelho a onze dias falleceu e foi enterrado ao pé d'um padrão de pedra, com as armas d'este reino, que elle mesmo Jorge Alvares ali pusera *um anno antes que Rafael Perestrello fosse áquellas partes*...»

Ora, em Julho de 1516 Fernão Peres de Andrade achava-se em Malaca, em grande anciedade – refere Castanheda – por julgar que Perestrello e seus companheiros se achavam presos na China, onde então se encontravam. Perestrello achava-se, pois, n'aquelle Imperio já no anno de 1515 e Jorge Alvares, um anno antes, dando crédito á passagem transcripta de Barros. Corsali, citado pelo Sr. Fergusson, confirma a existencia de gente portuguesa na China em 1514, n'uma carta datada de Janeiro de 1515 e em que diz, entre outras coisas, o seguinte: «No ultimo anno alguns dos nossos portugueses viajaram até á China.» Esta affirmação é corroborada pelo testemunho convergente de João de Empoli (3). Parece, pois, demonstrado, que já em 1514 tinhamos tocado a China meridional e que Jorge Alvares, Raphael Perestrello (e Simão de Alcaçova) tinham ali precedido Fernão Peres de Andrade (4).

IV

O problema, que levanta o descobrimento das ilhas do Japão, offerece algumas difficuldades para cuja resolução definitiva cumpre aguardar um estudo e uma comparação mais completa das fontes.

A tradição corrente na historia é a que foi consagrada por Galvão e que nos dá como descobridores das ilhas do Japão os tres portugueses, Antonio da Motta, Francisco Zeimoto e Antonio Peixoto, que teriam arribado áquellas ilhas por um tufão que os arrastou desde Chincheu. Esta tradição acceita-a Diogo de Couto sem a discutir; e dois modernos escriptores portugueses, que conhecem directamente o Japão e d'elle se occuparam em seus trabalhos, registam a mesma versão (5). Se se trata de um descobrimento ou de um redescobrimento, eis ahi outro caso talvez por derimir. Diogo

---

(1) *Memoria sobre o estabelecimento de Macau*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1879, pag. 14.

(2) *Letters from portuguese captives in Canton*, Bombaim, 1902.

(3) Fergusson, ob. cit.

(4) Na 5.ª Década, livro VIII, cap. XII, em que Diogo de Couto se occupa do descobrimento das ilhas do Japão, diz-se que os portos da China nos fôram vedados, porque em *1515* Fernão Peres de Andrade mandára, estando ali como embaixador, açoutar um mandarim. É possivel que se trate de um lapso chronologico ou typographico. O caso pede comtudo exame.

(5) Wenceslau de Moraes — Dai-Nippon — Lisboa, 1897, e Pedro Gastão Mesnier — O Japão — Macau, 1874.

de Couto diz que Marco Polo foi o primeiro que nos falou das ilhas de Zipango «de quem escreveu por ruins informações». E um benemerito investigador dos nossos dias, o sr. Brito Rebello, no prefacio da sua edição da «Peregrinação», diz ainda mais nitidamente: «Marco Polo nunca lá foi (ao Japão) e fala d'elle por informações um tanto vagas.»

Por seu turno, o sr. Wenceslau de Moraes, que é sem dúvida o nosso primeiro nipponizante, diz no seu célebre livro sobre o Japão: «Deve hoje presumir-se... que Marco Polo... houvesse visitado o archipelago nipponico...; mas da sua lendaria visita nada resultou, que o mundo aproveitasse em consequencias praticas.»

Devemos reconhecer que as palavras do illustre escriptor teem o que quer que seja de nebuloso, ou contradictorio, pois não se comprehende que uma viagem qualificada de presumivel seja ao mesmo tempo uma «lendaria visita». Mas a sua conclusão é que nos parece opportuna, quando nos diz que a viagem de Marco Polo não teve consequencias, o que é exacto e o que tira qualquer valor á prioridade, mais ou menos discutida do viajante veneziano no caso que nos occupa [1].

A questão do descobrimento do Japão pelos portugueses no século XVI tem outra importancia e essa está unanimemente resolvida a nosso favor. Mas aqui se origina uma divergencia que nos ultimos annos tem assumido uma importancia crescente. Ao triumvirato dos descobridores do Japão de Galvão e Couto tem-se opposto ulimamente um segundo triumvirato, constituido por Fernão Mendes Pinto, Christovão Borralho e Diogo Zeimoto, que o illustre historiador dos nossos descobrimentos, o cardeal Saraiva, diz terem abordado pelo mesmo tempo «ao Japão» supprimindo para os dois grupos portugueses qualquer direito de prioridade. O sr. Brito Rebello, no escripto citado exprime-se d'este modo: «Assim, pois, julgo mais certo que Fernão Mendes, Diogo Zeimoto e Christovão Borralho fôram os primeiros europeus que lustraram o Japão, podendo dar-se o caso de que algum outro, em tempo muito proximo ali chegasse». Esta affirmativa é desacompanhada de qualquer demonstração, porque naturalmente os propositos de vulgarização do escriptor se oppunham a maiores desenvolvimentos. Na edição da «Peregrinação» d'este mesmo escriptor, a que já nos referimos, vem inserta uma allocução proferida pelo medico japonês, dr. Kamon, no congresso medico de Lisboa, de 1909, de que destacamos estas palavras: «Desde que o português Mendes Pinto, em 1542, como primeiro europeu, pisou o solo japonês, tem-se pelo decurso dos séculos cimentado relações, que asseguram ao Japão um logar no concurso de todas as nações civilizadas...»

Sabemos que o dr. Kamon é um naturalista e não um historiador; e isso reforça, em vez de enfraquecer, a sua affirmativa, porque cremos bem que n'ella tenha procurado condensar as conclusões da sciencia historica do seu país, quanto ao problema de que se trata.

No livro já citado, a pag. 55, diz Pedro Mesnier em nota: «No livro publicado pela commissão imperial japonesa na Exposição de Vienna, em 1873, e intitulado «Noticia sobre o imperio japonês,... Yokohama» a pag. 22 lê-se: «... em 1542, o português Pinto desembarcou no Japão». Este Pinto é o celebre Fernão Mendes Pinto, porém, a commissão imperial japonesa parece querer dizer que elle foi o primeiro português que desembarcou no Japão, o que não é exacto, como já mostrámos...»

---

[1] O sr. Fergusson, na obra citada, referiu-se ao descobrimento do Japão pelos portugueses, fala em *rediscovery*.

É, pois, certo que, pelo menos, uma parte dos historiadores japoneses se inclina a considerar Mendes Pinto como o descobridor do Japão. É digno de registo, embora se não possa ainda considerar encerrado o debate. Não deve esquecer-se que Fernão Mendes Pinto foi irmão leigo da Companhia de Jesus, onde foi muito bem recebido, sendo numerosas vezes citado em cartas de padres d'aquelle Instituto. Depois o auctor da «Peregrinação» abandonou o Instituto, sem que possa ao certo dizer-se porquê. Este facto provocou uma viva animosidade da Companhia, que urdiu contra Mendes Pinto uma tremenda conjuração, primeiro de descredito, e depois de silencio. O jesuita Luís Froes, que tanto se occupára de Mendes Pinto nas suas cartas, nem uma só vez o cita na sua «Historia do Japão»; e o codice da Ajuda (49–IV–53) (1) «Historia da Igreja do Japão», referindo-se ao descobrimento do archipelago, dá a versão de Galvão e Couto, que a attribue a Zeimoto, Peixoto e Motta, accrescentando: «Fernão Mendes Pinto no seu livro de fingimentos se quer fazer um d'estes tres... mas he falço, como o são muitas outras coizas de seu Livro, que parece compoz mais para recreação que para dizer verdades...»

D'um só golpe, arrancou-se ao antigo irmão leigo a gloria de descobridor e o mérito da veracidade. Livro dos fingimentos! Com este estigma passou o livro á posteridade e até n'uma comedia de Shakespeare encontrou echo aquella terrivel denominação. Seja como fôr, coube aos viajantes portugueses inaugurar a era moderna da historia do Japão, estabelecendo o seu contacto com o mundo occidental. O apostolado tinha de encontrar ali uma bem dura barreira. Em 1613, promulgava-se um decreto de exterminio contra os christãos, mas do contacto comnosco alguma coisa ficou. O Japão fôra revelado á Europa. O padre Duarte da Silva parece ter sido o primeiro europeu que escreveu uma grammatica de lingua japonesa. Dois cartógraphos portugueses, Ignacio Moreira (1590?) e Luís Teixeira (1595) (2) elaboraram os primeiros mappas especiaes do archipelago japonês. Sabe-se hoje que a sciencia do occidente penetrou no Japão quer pelas tradições chinesas, quer directamente pela via maritima, sendo os principaes vehiculos d'esta segunda corrente os navegadores e missionarios portugueses. D'um d'estes ultimos, cujo nome português se perdeu, chegou a tradição até aos nossos dias sob a fórma japonesa Sawano Clnãn. Era um religioso que pela promulgação de lei de exterminio contra os christãos abandonou a religião e se naturalizou japonês. Traduziu para japonês em caracteres romanos um tratado de astronomia, de procedencia europeia, que mais tarde foi objecto de um commentario célebre, em lingua japonesa. A este serviço, prestado á incipiente sciencia japonesa, deve accrescentar-se o da introducção da cirurgia occidental, ramo em que constituiu escola, deixando discipulos de valor. São pelo menos estas as conclusões do escriptor japonês Yoshio Mikami no seu artigo intitulado «Notes ou the portuguese astronomer in Japan» no vol. VIII, dos Annaes scientificos da Academia Polytechnica do Porto, 1913, p. 5.

---

(1) Cit. pelo sr. Jordão de Freitas, *Subsidios para a bibliographia portuguesa relativa ao estudo da lingua japonesa* . . . Coimbra, 1905.

(2) V. artigo do sr. Jordão de Freitas, com o titulo «*Um cosmógrapho português no Japão no século* XVI» publicado no «Diario de Noticias» e datado de 4 de Agosto de 1905. Da informação do jesuita Valijuano não póde inferir-se que Ignacio Moreira levasse a cabo a elaboração do seu mappa projectado, mas que reuniu elementos para elle. Quanto ao mappa de Luís Teixeira V. tambem *Os trabalhos nauticos dos portugueses* do sr. Sousa Viterbo, que mencionam o mappa do Japão d'este cartógrapho entre os que fazem parte do *Theatrum Orbis*, de Ortelius.

V

A Australia foi descoberta pelos portugueses? Assim o julgou Major, em presença do mappa, que em Março de 1861 descobriu no *British Museum* e onde uma inscripção attribuia ao luso-malaio, Godinho de Heredia, o descobrimento do novissimo continente. O manuscripto de Heredia, que mais tarde examinou, levou-o á conclusão de que o supposto descobridor não passava de um falsario. Em 1881 Léon Janssen publicou este manuscripto, juntamente com o mappa referido, e a carta de Heredia descoberta nos Archivos de Lisboa; «Declaraçam de Malaca e India meridional com o Cathay», tal é o titulo d'aquelle manuscripto. Oliveira Martins n'uma apreciação á edição de Janssen [1] conclue que Heredia não descobriu nem affirmou ter descoberto qualquer terra que pudesse identificar-se com a Australia, que procedera por informações, colhidas de um principe, Jao Chiaymasiuro, que teria feito o descobrimento e que póde affirmar-se como positivo, o descobrimento pelos hollandeses, em 1606. Não tinham faltado escriptores que nos attribuissem o descobrimento e o referissem á primeira metade do século XVI. Malte Brun na sua *Geographia Universal* incluira um mappa de 1512, achado no museu britannico e que militava a favor da nossa prioridade, tambem estabelecida por um mappa inserto na *Hydrographia* de Rotz, do anno de 1542. Wallace [2] fala nos mappas franceses de 1542, onde a Australia figura com o nome de Java Maior; de um outro mappa de 1566, que inscreve o nome do piloto provençal, Guillaume Le Testu, que se julga ser o descobridor da Australia, e diz-nos ainda que o primeiro livro que se occupa d'este continente data de 1598 e é obra de Cornelius Wytfliet.

K. G. Jayne [3] fala de mappas de procedencia francesa (entre 1530 e 1550) cujos elementos fôram colhidos de corsarios de Dieppe, que em companhia de pilotos portugueses, entre 1527 e 1539, abordariam a Australia, se com esta se póde identificar a ilha do Ouro. Em todo o caso, qualquer conclusão é problematica. Tudo quanto póde affirmar-se é que o Archipelago Malaio era familiar aos portugueses no seu cruzar incessante entre as Molucas e a India.

Do conjuncto de todos estes factos não é possivel extrahir uma conclusão definitiva, mas presumir que tivemos a prioridade do conhecimento da Australia, emquanto se não demonstrar que tivemos tambem a do descobrimento. Porque a verdade é que, sendo de procedencia portuguesa as primeiras informações alcançadas sobre a Australia, é quási inconcebivel que os navegadores d'uma raça, para quem o esquadrinhamento do mar não offerecia difficuldades, fôssem os primeiros a informar-se da existencia da Australia e não fôssem os primeiros a abordar ás suas costas, sendo-nos tão familiar o archipelago malaio, como diz Jayne, e podendo n'aquelle archipelago colher todos os elementos para uma navegação com todos os caracteres de certeza.

No tempo e no espaço se ligam ás navegações portuguesas da Malasia as que, continuando a obra de Colombo e Magalhães no hemispherio que podemos chamar castelhano, fôssem, por assim dizer, ao encontro d'aquellas, fazendo avançar o conheci-

---

(1) Portugal nos mares — ed. Antonio M.ª Pereira, Lisboa, s/d.
(2) A. R. Wallace, *Australasia*, Londres, 1879.
(3) *Vasco da Gama and his successors*, Londres, 1910.

mento geographico do mar do sul e realizando as primeiras explorações da Polynesia, com Pedro Fernandes de Queiroz, com o qual, diz Major, expirou o poder naval de Hespanha, «deixando após si um nome que no mérito, comquanto não no resultado, foi o segundo depois de Colombo». Com o nome d'este grande navegador português e com os emprehendimentos de que foi o heroe está naturalmente rematado o quadro rapido que tivemos em vista traçar ([1]).

Um auxiliar de Albuquerque: o veneziano Bonavito de Alban

A pag. 142 d'este volume se faz referencia a Bonavito de Alban como informador de Albuquerque no tocante a Malaca, que visitára uns 20 annos antes de descoberta e conquistada por nós. O professor, Carlo Errera, diz na sua obra, tantas vezes citada n'este volume, que as chronicas (não nos diz quaes) se referem ao viajante veneziano que os nossos investigadores deverão portanto estudar nas historias italianas. Á obsequiosa diligencia dos srs. Brito Rebello e Pedro d'Azevedo devemos o conhecimento dos dois documentos, que em seguida publicamos:

2 de Outubro de 1504.

Carta a Bonajuda de Albano, veneziano, de dois moios de trigo cada ano, pagos na Casa de Ceuta a começar em janeiro de 1505, pelos serviços que prestou nas Indias em saber de coisas que cumpriam ao trato delas.

Dom Manuell etc. A quamtos esta nossa carta virem fazemos saber que avemdo nos respeito aos muytos serviços que themos Recebidos de bonajuda dalbano venezeano que esteve nas Indias nas cousas que ao trauto dellas compre a nosso serviço saber como, la nas ditas partes honde ho enviamos despois de vijr a nossos Regnnos, querendolhe por ello fazer graça e merce temos por bem e queremos que elle tenha e haja de nos de temça em cada huum anno deste janeiro que ora vem de mill e quinhentos e cinquo em diamte emquamto nosa merce for dous moyos de triguo pera sua mamtemça de que queremos que aja pagamento na nosa cassa de cepta per esta soo carta sem mais tirar outra de nosa fazemda. E porem mamdamos a gonçalo de sequeira fidalguo de nosa cassa e thesoureiro moor da dita cassa que do dito janeiro em diamte lhe faça asy em cada huum anno pagamento dos ditos dous moyos de triguo por inteiro e por ho trelado desta nossa carta que será Registada nos livros da dita cassa e seu conhecimento mamdamos aos nossos contadores que lhos levem em comta os quaees dous moyos de triguo mamdamos aos veadores de nosa fazemda que lhos façamos asemtar nos livros della pera se saber como lhe na dita cassa themos hordenado seu pagamemto dellas e por firmeza de todo lhe mamdamos dar esta nosa carta de padram por nos asinada e sellada do nosso sello pemdente. Dada em lixboa a dous dias do mes doutubro amdré diaz a fez anno de mill e quinhemtos e quatro annos.

Chancellaria de D. Manoel, Liv. 19, fol. 31 v.

2 de outubro de 1504.

Carta a Benajuda de Albano, veneziano, de 20$000 reais em cada anno, pagos na

---

([1]) O dr. João Teixeira Soares estabeleceu de modo incontroverso a nacionalidade de Queiroz, V. Ernesto de Vasconcellos — *O navegador Queiroz* in-Revista portuguesa colonial e maritima — Férin — Lisboa — N.º 88, 8.º anno (20 de Janeiro de 1905).

Casa da Mina, a começar em janeiro de 1505, pelos serviços que prestou na India, onde el-Rei o enviou em cousas que cumpria saber, como pelos que ao diante se espera fará.

Dom manuell etc. A quantos esta nosa carta virem fazemos saber que avemdo nos Respeito aos mujtos serviços que temos Recebidos de bonajuda dalbano venezeano que amdou nas Indias asy naquellas cousas que compria a nosso serviço saber das ditas partes como la em ellas homde o emviamos e aos que delle ao diante esperamos Receber queremdolhe fazer graça e merce temos por bem queremos que elle tenha e aja de nos de temça em cada huum anno deste janeiro que ora vem o anno de mjll e quinhentos e cinquo em diamte, Emquanto nossa merce for vimte mill reaes de que queremos que aja pagamemto na nosa cassa da Mjna per esta soo carta sem mais tirar outra de nossa fazemda E porem mamdamos ao noso feitor Recebedor esprevaees da dita cassa de guinee que do dito dia em diamte lhe façam asy em cada huum anno seu pagamemto dos ditos vimte mill reaes do ouro da caravella que vier da nossa cidade de sam Jorge o que lhe delles soldo a libra momtar aver tamto em cada huuma como em outra sem majs esperar por folha nem outro nenhum Recado. Esta despesa queremos que amde asemtada com as hordinairas da dita cassa e na soma dellas vaa na folha de cada caravella por despesa ja feita e asy como hordenairá se pague per soo carta ssem majs tirar outra de nossa fazemda e per o trelado della que o dito recebedor cobrará e seu conhecimemto mamdamos aos nossos comtadores que lhes levem em comta os quaes vinte mjll reaes seram assemtados nos livros da nossa fazemda para nelles amdarem por lembramça de como lhes temos asy asemtada esta temça na maneira ssobredita aos quaes feitor e oficiaees da dita nossa cassa da guiné mamdamos que em todo cumpram esta nosa carta como se nella contem que lhe mamdamos dar por firmeza de todo por nos asinada e aselada do nosso ssello pemdemte. Dada em a nossa cidade de lixboa a dous dias do mes de outubro amdré diaz a fez anno do nascimemto de nosso senhor jesus christo de mjll e quinhemtos e quatro annos.

Chanª de D. Manoel, Livº 19, fol. 31 v.

Castella defende contra Portugal as terras descobertas por Colombo

Damos aqui a carta que segue, pouco conhecida e muito curiosa, inserta por Navarrete na sua *Colleccion de documentos concernientes a la persona, viaje y descubrimientos del almirante D. Cristobal Colon, etc.* Madrid, 1825, t. II, pag. 22.

Num. XVI

Carta mensagem dos Reis ao duque de Medina Sidonia, sobre a armada que o rei de Portugal preparava, encarregando-o de ter prontas as caravellas para o que fosse mister (Original no Archivo dos duques de Medina Sidonia).

1493 – 2 de maio. O rei e a rainha: Duque primo: Vimos a vossa carta pela qual nos fizestes saber o que tinheis sabido da armada que o rei de Portugal preparou para mandar á parte do mar oceano, ao que agora descobriu, por nosso mandado o Almirante D. Cristovão Colombo, e o offerecimento que nos fazeis para nos servir, o qual vos agradecemos muito e temos como serviço assignalado, e para nós não é novo, segundo os serviços, que os antepassados da vossa casa prestaram aos Reis nossos Progenitores e a Nós: e a affeição que sempre conhecemos em vós para as coisas do vosso serviço, que o fareis como dizeis. Temos em muito o vosso offerecimento, como

merece e esperamos que sempre conhecereis que a affeição que tivemos ao duque vosso pae, para o honrar e lhe fazer mercês temos a vós e em maior grau; e quanto a este caso que nos escreveis, entendemos logo no seu provimento com muito recato e diligencia e pensamos em servir-nos de vós para isso. Portanto muito vos rogamos e encarregamos de ter promptas e aparelhadas todas as caravellas de vossa terra, para que possamos servir-nos d'ellas no que fôr mister; e porque agora escrevemos ao Bacharel de La Torre, nosso Fiscal e do nosso Conselho, que vos falle da nossa parte sobre isto, Nós vos rogamos que lhe deis inteira fé e credito. De Barcelona aos dois dias de maio de noventa e tres annos. — *Eu o Rei.* — *Eu a Rainha.* — Por ordem do Rei e da Rainha -- Fernand Alvares.

Aden e Albuquerque

Quando Albuquerque em Fevereiro de 1513 se dirigiu ao Mar Roxo para se apoderar de Aden, governava a cidade, segundo ficou dito a paginas 173, o Emir Ibn-abd-el-wahab (Amir ibne Abde Aluahabe, em translitteração portuguesa) [1]. Parece ter-se equivocado o auctor allemão. Quem á data governava a cidade era o emir Marjane, que deve ser o Miramirzan de Barros, ou o Mira Mergão dos «Commentarios», o qual era vassallo do rei do Yaman que ao tempo era Amir ibne Abde Aluahabe (segundo Cutbe Adine). Este reinou de 1486 a 1517, anno em que foi desapossado do seu reino pelos turcos. Foi o ultimo representante da dynastia dos Banú Táhir, e foi talvez o xéque Hamed (corrupção de Amir ou Amer?) de Barros «o qual o mais do tempo estava dentro no sertão».

V. David Lopes — *Extractos da Conquista do Yaman pelos Othmanos.* Contribuições para a Historia do Estabelecimento dos Portugueses na India. Memoria destinada á X sessão do Congresso Internacional dos Orientalistas. Lisboa. Imprensa Nacional, 1892, pags. 40, 43, 44, 64 e 78. Na pagina 64 vem a lista dos soberanos do Yaman, dynastia Banú Táhir, segundo Stokvis, Manuel d'histoire, de généalogie et de chronologie, ed. Fischbacher, pags. 50 e 51do tomo I.

---

[1] No texto original confundiu-se «emir», funcção administrativa, com «Amir», nome pessoal.

BIBLIOGRAPHIA

Manuel Fer.ª Ribeiro — Vias commerciaes dos portugueses em toda a Africa central, nos séculos XVI e XVII, etc. (Lisboa, 1887).

José Falcão — A questão do Zaire (Coimbra, 1883).

Léon Cahun — Le Congo (Bruxelles, 1883).

Paul Combes — L'Abyssinie en 1896 (Paris, 1896).

A. J. Wautres — L'Etat indépendant du Congo (Bruxelles, 1899).

A. J. Wautres — Stanley au secours d'Emin-pachá (Paris, 1890).

Ferdinand de Lanoye — Le Nil, son bassin et ses sources (Paris, 1870).

M. F. Ribeiro — Homenagem aos heroes que precederam Brito Capello e Roberto Ivens, etc. (Lisboa, 1885).

Carlos Testa — A influencia europeia na Africa, etc. (Lisboa, 1880).

Louis Navez — Histoire populaire... du Congo (Bruxelles, s. d.).

Soc. de Geog. de Lisboa — Dos primeiros trabalhos dos portugueses no Monomotapa, por A. P. Paiva e Pona (Lisboa, 1892).

Jayme Batalha Reis — Os portugueses na região do Nyassa (em port. e em ingl.) — Lisboa, 1889 — publicado no «Scottish Geographical Magazine» — Maio de 1889.

M. Luciano Cordeiro — L'hydrographie africaine au XVI.ᵉ siècle, etc. (Lisboa, 1878).

Soc. de Geog. de Lisboa — Boletim, 17.ª série, 1898-1899 — N.º 5 (Lisboa, 1900). [Relação de Diogo Gomes].

Id. ibid. — 11.ª série N.º 10 (Lisboa, 1892).

Ministerio da Marinha e Colonias — Droits de patronage du Portugal en Afrique — Memoranda (Lisbonne, 1883).

J. M. de Sousa Monteiro — Politica portuguesa na Africa (Memoria hist. e politica) — Lisboa, 1889.

David Lopes — Chronica dos reis de Bisnaga — M.ˢ inédito do século XVI. Lisboa, Imprensa Nacional, 1897.

David Lopes — Historia dos portugueses no Malabar por Zinadim. M.ˢ árabe do século XVI. Lisboa. Imprensa Nacional, 1898.

Soc. de Geog. de Lisboa — Batalhas da Companhia de Jesus..., etc., pelo P.ᵉ Antonio Francisco Cardim. Lisboa. Imprensa Nacional, 1894.

Soc. de Geog. de Lisboa — Missões dos jesuitas no Oriente nos séculos XVI e XVII — por Jeronymo P. A. da Camara Manuel — Lisboa. Imprensa Nacional, 1894.

Sousa Viterbo — Viagem da India a Portugal por terra e vice-versa — Coimbra, 1898.

P. J. Brucker — Benoit de Goès. Lyon, Pitrat Ainé, 1879.

Augusto Ribeiro — Bento de Goes — in-Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa. N.º 4, 25.ª série, 1907.

Augusto Ribeiro — Bento de Goes — in-Revista portuguesa colonial e maritima — N.º 70 — Férin, 1903.

Augusto Ribeiro — Bento de Goes — in-«No Centenario de Bento de Goes», homenagem da Sociedade de Geographia de Lisboa, 1907.

Ernesto de Vasconcellos — Ibidem — O itinerario de Bento de Goes.

Donald Fergusson — Cartas de Raja Singa II, rei de Candia, aos hollandeses, com uma bibliographia do editor, por David Lopes, in-Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa. N.os 1, 2, 3 e 5, 1907.

INDICE

Pags.

LIVRO PRIMEIRO

As primeiras explorações

LIVRO SEGUNDO

Pródromos da grande epocha

LIVRO TERCEIRO

O caminho maritimo para a India